Coleção Antônio de Morais Silva

Estudos de Língua Portuguesa

AD IMMORTALITATEM

Academia Brasileira
de Letras

Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa

Academia Brasileira de Letras

Rocha Pombo

Coleção Antônio de Morais Silva
Estudos de Língua Portuguesa

Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa

2.ª Edição

Rio de Janeiro 2011

Preparação
Ana Laura Mello Berner

Revisão
Vania Maria da Cunha Martins Santos
Denise Teixeira Viana
Paulo Teixeira Pinto Filho
João Luiz Lisboa Pacheco
Sandra Pássaro

Produção editorial
Monique Mendes

Editoração eletrônica
Estúdio Castellani

Projeto gráfico
Victor Burton

Catalogação na fonte:
Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

P784 Pombo, Rocha, 1857-1933.
Dicionário de sinônimos da língua portuguesa / Rocha Pombo ; [apresentação, Evanildo Bechara]. – 2. ed. – Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2011.
526 p. ; 23 cm. – (Coleção Antônio de Morais Silva ; v. 10)

ISBN 978-85-7440-184-3

1. Língua portuguesa. I. Bechara, Evanildo, 1928-. II. Título. III. Série.

CDD 469

Apresentação

Evanildo Bechara

A trajetória cultural de Rocha Pombo é o fiel espelho de um permanente bravo lutador que, vencendo as precariedades do torrão natal, galga honroso lugar no quadro dos intelectuais brasileiros. De nome completo José Francisco da Rocha Pombo, nasceu o autor deste *Dicionário de Sinônimos* em Morretes, na província do Paraná, em 4 de dezembro de 1857, com evidentes dotes literários, que cedo se manifestaram; mas foi para a carreira política que encaminhou seus primeiros passos, alcançando, aos vintes anos, lugar de destaque na Assembleia Provincial. Entretanto, se viu impotente para inverter suas posições diante das poderosas tramas parlamentares de uma política quase sempre afastada do interesse público. Salvou-o a alegria de ver publicado nesse mesmo ano seu primeiro estudo sobre instrução pública, na revista fluminense *A escola,* com transcrição na *Revista del Plata,* de Buenos Aires. Encontrara na atividade cultural o campo em que se iria destacar, mas um campo que pouco lhe dava para garantir com dignidade seu sustento e da sua família. Os obstáculos não o tiraram da trilha iniciada; em Curitiba, viu em 1888 publicado seu romance *A honra do barão*; em 1882, *Dadá, a boa filha* e, em 1888, *Petrucelo*. Também não lhe faltava o estro para o poemeto *Guaíra,* saído em 1886. Desiludido com os parcos recursos que seu torrão natal lhe oferecia, deixou Curitiba em 1897, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde poderia ter mais recompensada sua maturidade intelectual. Realmente na Capital, apesar de não diminuídas suas horas de trabalho intenso, encontrou ambiente mais propício às produções que vieram inúmeras. Os livros didáticos na área da História representam sua maior atividade, como *Nossa Pátria,* para crianças, que chegou a alcançar mais de sessenta edições. Sua *História do Brasil*, em dez volumes, acabada em 1917, consumiu-lhe doze anos de trabalho.

As muitas horas de trabalho não lhe permitiam, para a confecção de seus estudos, a pesquisa atenta, a consulta aos arquivos para a composição das obras históricas. Mas o zelo e a honestidade profissional o faziam abastecer-se nas fontes mais autorizadas, e delas extrair o material que aproveitava. Um trabalhador operoso na mesma área de historiografia, Ro-

dolfo Garcia, que, em 1935, sucedeu a Rocha Pombo na Cadeira 39 da ABL, assim a ele se referiu, no discurso de posse: "Rocha Pombo fez o que foi possível fazer (...). Entretanto, não há como desconhecer o extraordinário mérito da obra de Rocha Pombo, sua utilidade provada, os serviços prestados aos estudantes, que o estimam sobre todas as congêneres."

Seus pendores literários desde cedo aflorados nas tentativas de ficção acima lembrados, iriam estimulá-lo a compor uma obra sobre língua portuguesa. Autor de compêndios didáticos, cedo deve ter chegado à conclusão de que à bibliografia escolar, bem como ao escritor novel, faltava um bom, desenvolvido e atualizado dicionário de sinônimos, uma vez que, à época, o mercado só contava com produções portuguesas mais antigas, todas datadas do século XIX. Armou-se dessas fontes, algumas vezes transcrevendo-as literalmente, e das mais importantes francesas e espanholas no assunto, e partiu para elaboração deste seu, preocupando-se com mais extensão dos verbetes, e mostrando, quase sempre com muita propriedade, as diferentes franjas semânticas das palavras que integram a série sinonímica, evidenciando que não são, por isso, intercambiáveis.

Saído em 1914 pela prestimosa Francisco Alves, vem agora esta 2.ª edição editada pela sua Academia, para a qual fora eleito em março de 1933, embora nela não tivesse tomado posse por motivo de seu repentino falecimento, em junho do mesmo ano.

Passado quase um século do aparecimento deste *Dicionário de Sinônimos,* de Rocha Pombo, pode ainda embrear-se com os melhores saídos em nossos dias.

Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa

ADVERTÊNCIA

Autorizo os Srs. Francisco Alves & Cia., cedendo à condição que me impuseram, a adotar na impressão deste trabalho a grafia que lhes convier.

Rio, 1914

ROCHA POMBO

1

A, **para** (exprimindo relação locativa). Com toda razão diz Aulete que a preposição **a** é de todas a mais vaga; e a tal ponto que, segundo observa Lafaye, está ela hoje, como a prep. **de**, quase inteiramente despojada do seu valor de origem. São raras as relações lógicas que se não possam marcar pela preposição **a**: "andamos *a* cavalo"; "fugiram *a* toda pressa"; "comemos *a* enjoar"; "vem *a* galope"; "lançou *à* terra"; "morre *à* míngua"; "pescamos *à* linha"; "matamos *a* tiro"; "bateram-se *à* espada"; etc. – Restringiremos, portanto, as nossas notas às duas acepções em que parece melhor fixado o valor da preposição **a** comparativamente com os seus sinônimos. Entende Lacerda que "ainda os mais corretos escritores usam indistintamente das preposições **a** e **para**" quando querem exprimir relação de locativo. Não nos parece que seja assim, pelo menos entre aqueles que se mostram mais fiéis ao espírito da língua. Ninguém dirá que têm o mesmo valor estas expressões: – "Vou *a* Lisboa", e – "vou *para* Lisboa"; "virei *ao* Rio em junho", e – "virei *para* o Rio em junho". – As duas preposições empregam-se, pois, com os verbos "ir", "vir", "dirigir-se", "encaminhar-se", "levar", "trazer", e alguns outros que designam movimento. "Ir *para* algures", "dá a entender intenção de grande" (ou pelo menos de alguma) "demora, ou longa estada, e às vezes para sempre", o que, no entanto, não exclui, como acrescenta Roquete, propriamente a ideia de regresso, nem sempre. "Foi *para* Viena como secretário de embaixada". "Ir *a*", ou "vir *a* alguma parte" "indica a ideia de pouca demora", ou o propósito de ir ou vir e voltar logo. Este exemplo de Roquete expõe nitidamente a diferença entre as duas preposições: "El-Rei d. João VI, quando residia em Queluz, ia muitas vezes *a* Mafra; vinha com frequência *a* Lisboa; no verão ia *para* o Alfeite; no tempo das caçadas ia *para* Salvaterra ou Vila Viçosa: e quando os franceses vieram *a* Portugal, foi *para* o Brazil". E ainda este de Vieira: "Porque o pai fez uma viagem *para* as conquistas, e nunca mais houve novas dele, tomaste por devoção vir os sábados *à* Penha de França".

2

A, **a fim, para, por.** – Estas preposições exprimem relação de fim para que. **A** e **para**, além disso, marcam ainda relação de dativo; e há entre elas uma diferença análoga à que se lhes nota nos casos em que marcam relação de locativo. Essa diferença fica bem clara nestas frases: "dei um livro *a* meu filho"; "trouxe uma flor *para* a menina". – Como preposições de fim para que, assinalam: **para**, "ação, imediata", segundo Bruns., ou "o objeto imediato da ação", no entender de Roq.; **a fim** marca intuito menos imediato e mais preciso; **por** "explica mais diretamente a intenção, o fim (ou o desejo) com que se executa a ação", e emprega-se "quando se supõe somente possibilidade ou probabilidade de lograr o que se intenta". Exemplos: "Ele se esforça *por* instruir-nos, *para* que sejamos cidadãos dignos, *a fim* de que nos tornemos capazes de servir a pátria". – Confundem-se muito frequentemente, nesta acepção, as preposições **a** e **para.** O próprio Roquete escreve: "serve (ou servem) *a* formar", em vez de "*para* formar". Dizem muitos indiferentemente: "apto *a* dirigir", ou "apto *para* dirigir"; "pronto *a* ouvi-lo", ou "pronto *para* ouvi-lo". A distinção entre as duas formas revela-se muito clara nestas frases: "convidou-me *a* jantar", e "convidou-me *para* jantar". No primeiro caso, estava eu à vista da mesa servida, ou o anfitrião ia para a mesa, e convidou-me *a* jantar; no segundo caso, encontrou-me ele pela manhã, e convidou-me *para* jantar com ele domingo... Há entre "convidar *para*" e

"convidar *a*" a mesma diferença que explica Lafaye entre "prier *à* diner" e "prier *de* diner". – Há ainda em português outra preposição que deve, em certos casos, ser considerada como sinônimo da preposição *para*: é *de*, com alguns verbos como "servir", "valer": "não serve *de* nada"; "não serve *para* nada". Esta última locução (que é mais geral – diz Laf.) exprime que o objeto de que se trata não tem serventia alguma; a primeira nega que ele sirva no momento, para um fim que se tinha em vista presentemente. "O meu rebenque – diz o major – não serve *para* nada; e neste caso, meu amigo, o seu alvitre *de* nada me serve, pois que não resolve o embaraço em que me vejo".

3

ABA, **falda**, **base**, **orla**, **sopé**; **vertente**, **encosta**, **flanco**, **ilharga**, **lado**, **ladeira**, **declive**, **aclive**, **rampa**. – Todas estas palavras designam "refegos, lados, parte pendente de alguma coisa", e sugerem ideia de altitude, inclinação, etc. – **Aba** é a parte mais baixa e prolongada de um cone, de um monte, de um chapéu; **falda** (ou fralda) é também (na acepção em que a tomamos aqui) a parte inferior do monte: difere de **aba** porque acrescenta, à ideia de extremidade e inclinação, o sentido de forma irregular, ou de superfície dobrada... como as fraldas de uma camisa. – **Sopé** e **orla** designam a parte do monte que assenta no plano horizontal ocupado por ele: **sopé** é a porção do dito plano onde a montanha começa; **orla** é mais o recorte da **aba**, ou da parte onde a montanha começa a destacar-se do plano sobre que assenta. **Base** é toda a porção do plano horizontal que o monte abrange. – **Encosta** é toda a parte inclinada de um monte; e **vertente** adita à significação de **encosta** a ideia de origem de rio, de "vertidura de águas pluviais". – **Flanco** e **ilharga** designam também os lados do monte, mas sugerindo uma ideia de amplitude; e o primeiro termo ainda se distingue do segundo por ser mais expressivo e mais belo, e por sugerir alguma coisa de fecundidade. – **Declive** (ou **declívio**) é a inclinação da **encosta**, do alto do monte para baixo; e **aclive** é também essa inclinação, mas considerada de baixo para cima. – **Rampa** e **ladeira** exprimem igualmente plano inclinado, com esta diferença: a **ladeira** (lado suave de colina ou monte) é menos áspera, mais fácil de subir; enquanto que a **rampa** nem sempre é acessível, pois pode ser tão íngreme que se torne de difícil ou mesmo impossível ascensão. Dizemos: "a *ladeira* da Glória"; "a *rampa* do Pão de Açúcar". – **Lado**, ou **lados** designam apenas as partes opostas da montanha (ou de qualquer corpo) sem ideia alguma acessória.

4

ABAS, **adjacências**, **contiguidades**, **cercanias**, **contornos**, **circunvizinhanças**, **imediações**, **proximidades**, **confins**; **bairros**, **distritos**, **comarcas**, **subúrbios**, **arrabaldes**, **arredores**, **redondeza**. – Todas estas palavras designam situações em torno de um ponto, ou de uma povoação; e distinguem-se principalmente pela ideia, que marcam, de maior ou menor afastamento desse ponto. **Bairros** são secções de uma cidade, ou de um município. – **Distritos** são secções maiores que compreendem vários **bairros**; assim como **comarcas** são divisões mais extensas que **distritos**. – **Imediações** são partes da cidade, ou de um lugar, que lhe ficam imediatamente em volta; **vizinhanças** e **circunvizinhanças** são os lugares que se seguem às **imediações**, diferençando-se a segunda da primeira pela noção acessória de contorno (e ambas dando ideia de convivência); **cercanias** são as paragens em torno de um lugar, e mais afastadas que as **circunvizinhanças**; **proximidades** são pontos das **cercanias**. – **Arrabaldes** designa a

porção de uma vila ou cidade que lhe fica fora dos muros, ou para além do circuito urbano; **arredores** são **arrabaldes** mais distantes, e quase sempre não povoados, ou tendo poucas habitações. – **Contornos** designa a totalidade dos **arredores** (de uma cidade ou de um lugar). – **Redondeza** ou **redondezas**, tudo que fica dentro dos limites do círculo visual de que se supõe centro à cidade, ou um ponto dado; e **confins** são os limites em relação aos de outro. – Por **subúrbios** entende-se toda parte habitada que fica sob a jurisdição da cidade. – **Abas** são "os pontos extremos de uma povoação, contidos, porém, dentro do seu perímetro"; **contiguidades** e **adjacências**, as porções habitadas que se seguem às **abas**, sendo o segundo termo mais vago. – Diremos com propriedade: "o *bairro* de Botafogo"; "morar em Pedrouços é morar nas *abas* de Lisboa" (Bruns.); "mudou-se mais para as *imediações* do centro urbano"; "tem casa nas *vizinhanças* da praça ou do bairro"; "não gosta de ponto algum das *circunvizinhanças* do Castelo"; "nas *cercanias* de Olinda lutou-se toda a tarde"; "quando anoiteceu estávamos já nas *proximidades* da fazenda"; "aqueles jardins e pomares já eram *adjacências* e quase *contiguidades* de Jerusalém"; "a Tijuca é um dos mais belos *arrabaldes* do Rio"; "o Méier, o mais aprazível dos nossos *subúrbios*"; "nos *arredores* de S. Cruz há algumas fazendas"; "em todo o *contorno* da vila não se encontrou um morador pobre"; "a epidemia alastrou-se pela *redondeza* do nosso acampamento, e chegou até os *confins* do país inimigo"; "nas vastas *comarcas* daquela *província* há *distritos* riquíssimos em minerais".

5

ABAFAR, **sufocar**, **conter**, **reprimir**, **sofrear**, **refrear**; **vencer**, **domar**, **suplantar**, **superar**, **submeter**, **subjugar**, **jugular**, **sujeitar**, **debelar**, **dominar**, **sobrepujar**, **sobrelevar**. – **Abafar** é impedir que respire, tome forças, que cresça, que vingue; **sufocar** é impedir de viver privando da respiração, é "matar por asfixia"; **conter** é moderar, impedir que se manifeste, que opere, que se mova; **reprimir** é conter com mais energia e decisão, até com força e violência; **debelar** é reprimir à custa de guerra, ou vencer em luta; **subjugar** é submeter a jugo, a império; **jugular** é reprimir, vencer com escarmento, como estrangulando (do latim *jugulare* "degolar", "cortar a cabeça"); **sofrear** é conter com prudência e cuidado, não deixar que apareça ou que se desenvolva; **refrear** é conter com esforço e trabalho; **dominar** é submeter com império, como senhor; **vencer** é sair vitorioso de um combate, de um embaraço, de um transe; **submeter** é "reduzir à dependência, pôr sob a autoridade, ou o poder de"; **suplantar** (etimologicamente "meter debaixo dos pés") é vencer com orgulho, humilhando o vencido; **domar** é submeter, subjugar pela força bruta, e mesmo tratando-se de homens, dá ideia da inferioridade moral do que é domado; **superar** é vencer e ficar superior a alguém ou alguma coisa; **sobrepujar** é superar depois de esforço e luta; **sobrelevar** é "pôr-se acima de", sem grande esforço, nem luta material; **sujeitar** é reduzir à obediência. – *Abafa-se* uma conspiração antes que venha para a rua: *abafa-se* o pranto para que ninguém o veja; "O homem que vê o que eu vi e *abafa* no peito o grito da indignação"... (Herc.). – *Sufoca-se* uma rebelião no seu começo. – *Contém-se* um ímpeto de cólera; não se pode *conter* as lágrimas diante de um infortúnio; é preciso que se *contenha* o instinto das multidões. – *Reprimem-se* movimentos subversivos da ordem pública; "acudiram-lhes alguns dos nossos, que *reprimiram* os inimigos"... (Fil. Elys.); *reprime-se* a custo uma explosão de raiva ou de furor. – "*Debelaram* afinal as nossas forças aquele que foi o mais grave levante dos últimos tempos";

"os Jesuítas tiveram aqui a grande missão de andar *debelando* paixões e barbarias"... – "*Subjugamos* as tribos menos dispostas ao trato dos estrangeiros". – "Com aquele golpe certeiro conseguiu *jugular* a sedição". – "O homem que não *refreia* os seus apetites é incapaz de *refrear* os seus ódios". – "Aquele homem *dominou* os outros tão completamente que ninguém mais pôde protestar"; "... com a sua habilidade e energia *dominou* a revolta"... – "A autoridade *venceu* naquele conflito desigual"; "cumpre que cada um de nós *vença* por sua parte os embaraços que sobrevierem". – "Em poucos dias o general *submeteu* toda a província". – "O senhor não conseguirá *suplantar-nos* com todo o seu poder"...; "... nem o gênio é capaz de *suplantar* a altivez de uma consciência". – *Domam-se* as feras, os bárbaros, os sicários. – "Ele, que andava a *superar* as misérias daquele meio, *sobrepujou* afinal todas as traições, e hoje é incontestavelmente a figura que *sobreleva* todas as outras ali". – O pai *sujeita* os filhos, o tutor os tutelados.

6

ABAFAR, **abrigar**, **resguardar**, **agasalhar**, **cobrir**, **tapar**. – Neste grupo, **abafar** significa "tolher a respiração, confinando ambiente respirável de modo a provocar suor ou calor artificial; ou impedir que pela evaporação esfrie um corpo, ou que se agite, expanda ou desordene alguma coisa". – **Abrigar** quer dizer "amparar contra o mau tempo, fugindo ou fazendo dele fugir para um abrigo". – **Resguardar** é também amparar "contra o tempo ou contra alguma coisa, e não só fugindo, mas defendendo-se, com cuidado". – **Agasalhar** é ainda "defender-se contra o tempo, mas evitando-lhe a ação, por meio de roupas ou cobertas". – **Cobrir** é "ocultar ou resguardar pondo alguma coisa em cima, diante, ou em redor". – *Abafa-se* o doente para facilitar-lhe a transpiração; *abafa-se* a comida para que não esfrie; *abafam-se* as chamas para que se não propaguem. – "*Abrigaram-se* em nossa casa contra a tormenta"; "à vista do vendaval iminente fomos *abrigar-nos* na enseada dos Reis". – "*Resguarde-se* do mal, meu amigo, pois – que eu saiba – não tem cura quando sobrevém na sua idade"; "Os farrapos que vestia não o *resguardavam* do frio" (Herc). – "*Agasalhe-se* bem, meu filho, para atravessar a praça"; "Ninguém se deve expor às friagens de junho se não bem *agasalhado*". – "É preciso *cobrir* bem o menino, e evitar que se descubra"; "Conviria que *cobrisse* a cabeça com a manta". – **Tapar** – diz Bruns. – "é um termo genérico, de significação vaga quando se emprega fora do sentido reto de *cobrir*. Dizemos *tapar* o menino no berço; *tapar* o doente; *tapar* a cara com as mãos."

7

ABAFAR, **atabafar**, **encobrir**, **ocultar**, **esconder**, **receptar**, **acoitar**, **sonegar**, **reter**, **subtrair**, **acobertar**. – **Abafar** aqui significa "não deixar seguir os trâmites usuais"; como em: "*abafou* o processo, a formação da culpa"; "*abafemos* o triste incidente para que ninguém mais o explore". – **Atabafar**, segundo Bruns., é "abafar com precipitação e energia"; como neste exemplo: "Chegou a abrir-se a sessão; mas os espertos *atabafaram* tudo antes que nós chegássemos". – **Encobrir** é "evitar que se veja ou se conheça algum intento, ou que se torne pública a culpa de alguém". Como diz Bruns., "*encobre-se* a falta alheia tornando-nos até certo ponto cúmplice do delinquente". "*Encobrem* algumas mais, por fraqueza que se explica, as culpas dos filhos". – **Ocultar** é "não dar testemunho do que se viu, ou não fazer conhecida uma coisa que nos interessa a nós ou a alguém; ou ainda "furtar alguma coisa à vista de outrem." *Oculta-se* uma verdade para não comprometer inutilmente a honra

de alguém; "...mas eu não sou homem que *oculte* a baixeza da minha esfera" (Garrett). – **Esconder** é ocultar com mais cuidado e interesse. Diremos: ele se ocultou em casa (deixou de sair, de aparecer, mas em caso algum se *esconderá* para que não suponham que se quer *subtrair* à ação da justiça"; "O desgraçado *escondeu* tão mal o furto... que parecia nem ter intenção de *ocultá-lo*". – **Receptar** é "receber, guardar, esconder o furto ou roubo que outrem fez". – **Acoitar** é "dar coito, asilo, homizio": é, portanto, "ocultar contra a lei". Só se *acoita* a um criminoso ou indivíduo que tal se julga. – **Sonegar** é termo forense e indica propriamente "esconder e negar sob juramento". *Sonegam-se* bens a inventário, mercadorias sobre que se tinha de pagar imposto, etc. É usado quase exclusivamente nesta acepção. – **Reter** é "conservar indevidamente em seu poder o que lhe não pertence". (Aul.). – **Subtrair** significa "tirar com astúcia ou fraude, furtar alguma coisa ou alguém ardilosamente às vistas, à ação ou poder de alguém". "O advogado *subtraiu* uma folha dos autos"; "os facínoras *subtraíram-se* às diligências da polícia"; "aquele moço fugiu para *subtrair-se* ao serviço militar"; "Para libertá-los do infortúnio e *subtraí-los* à vingança"... (Mont'Alv.). – **Acobertar** é "proteger um culpado, ou a si próprio, disfarçando-se para não ser visto ou descoberto". É quase *encobrir*, sendo este verbo apenas de sentido mais vago e geral. *Encobre-se*, mas não se *acoberta* um defeito físico: *acoberta-se* por piedade um foragido, mas sem a intenção de *encobrir-lhe* o crime. "A nuvem *encobre* o sol"; não "acoberta o sol".

8

ABAFEIRA, **charco**, **pântano**, **lamaçal**, **brejo**, **atascadeiro**, **atoleiro**, **paul**, **banhado**, **tremedal**, **pantanal**, **lodaçal**, **lodeiro**, **enxurdeiro**, **lagoeiro**, **lameiro**, **lameirão**, **lameiral**, **lenteiro**, **chafurda**, **chafurdeiro**. – Todos estes vocábulos sugerem ideia de água suja e estagnada, terreno flácido e lodoso. – **Abafeira**, segundo Bruns., é "o estado do lugar não arejado, onde a água se acumula, permanece, e se estagna e *abafa*..." "O porão onde mora é uma horrível *abafeira*". – **Charco** é "terreno alagadiço, coberto de vegetação". – **Pântano** é "lugar coberto de camada de lama pouco profunda". – **Lamaçal** é pântano mais extenso. – **Brejo**, segundo Bruns., é "terreno balofo, sem vegetação espontânea". No Brasil é "terreno úmido, pantanoso, inculto, de chavascal". "O caboclo mete a cabeça no *brejo* e desaparece". – **Atascadeiro** ou (atasqueiro) diz o mesmo que **atoleiro**, com a diferença de que **atascadeiro** é mais profundo, e quase que só se emprega em sentido figurado. "Aquela casa, ou aquela cidade é o *atascadeiro* dos moços"... – **Paul** é "alagoa formada por enchente", "terra encharcada devido a aluviões". – **Banhado** é "quase charco, distinguindo-se deste em ser terreno baixo que apenas os enxurros banham acidentalmente, e que é vestido de vegetação rasteira." É termo brasileiro. – **Tremedal** é lamaçal vasto e profundo. – **Pantanal** é aumentativo de pântano. – **Lodaçal** é alagoa de lodo, de vasa, de água lodacenta. – **Lodeiro** (ou lodeira) é lugar "onde há muito lodo", mas não tanto e tão extenso como no lodaçal. – **Enxurdeiro** (ou enxurdeira) é lodaçal revolvido, como os chiqueiros, onde se chafurdam animais. – **Lagoeiro** é termo popular, e designa "porção de águas de chuva (ou de despejo) que fica temporariamente depositada em sítios baixos, ou em depressões de terreno". – **Lameiro** (ou lameira) é "terra baixa e pantanosa", terra onde há lama, embora menos que no lamaçal. – **Lameirão** (ou lamarão) é palavra de uso vulgar: aumentativo de lameiro. – **Lameiral** está nas mesmas condições: e indica série de lameiros, lameiro extenso, ou "grande lameiro"

(C. Fig.). – **Lenteiro** (como diz a forma de que se derivou – *lento*, ou *lentar*) é terreno úmido, molhado, pegajoso. – **Chafurda**, e **chafurdeiro**, ou **chafurdeira** (esta forma é extensão daquela) são lamaçais onde chafurdam porcos, e figuradamente – casas *imundas*.

9

ABAIXAR, **baixar**, **abater**, **arriar**, **descer**. – **Abaixar** e **baixar** parecem ser a mesma palavra e com perfeita identidade de significação. Basta, no entanto, que se examinem algumas formas para se ver que não é assim. A propósito escreve Bruns.: "Não se taxe de nimiedade o estabelecer sinonímia entre estes dois vocábulos, que à primeira vista só parecem diferir na preposição que prefixa o primeiro, preposição que mais parece um *a* eufônico do que partícula significativa. Raciocinemos (no entanto) um momento. Que diremos a quem, levando um objeto frágil à cabeça, vai passar por uma porta mais baixa que a parte superior do objeto? Como diremos que, ao encontrar a F. na rua, apenas a saudamos com um aceno de cabeça? Não gritaremos, no primeiro caso: – "*Abaixa* a cabeça!"? E não diremos no segundo: – "*Baixei* a cabeça..."? Se não há sinonímia entre os dois verbos, isto é, se é indiferente empregar um ou outro, por que diremos *abaixar*, de mais longa enunciação que *baixar*, precisamente quando a advertência exige brevidade? Não é: – "*Baixa* os olhos!" que dizemos a quem queremos humilhar? Não é: – "*Abaixa* a mão!" que diz aquele que se vê ameaçado por alguém? E não obstante também se diz: – "*Abaixa* os olhos, e verás a teus pés o que andas procurando". Tratemos de substituir *baixar* por *abaixar* e vice-versa, nesses exemplos: não é tangível a impropriedade das frases? – "Dizemos ainda: *baixou* o câmbio"; "ele *baixou* até o crime"; "*baixa* da própria dignidade": e não "*abaixou*", ou "*abaixa*". Dizemos: "*abaixaram* comovidos o pavilhão sagrado": e não "*baixaram*". – **Abaixar** é, portanto, o verdadeiro sinônimo de **arriar**, **descer**, **abater**; e significa, como **arriar** principalmente, fazer que uma coisa desça do lugar em que está até um certo outro lugar. – **Arriar** é que é, neste sentido, equivalente quase perfeito de **abaixar**, com esta diferença: pode exprimir também (**arriar**) a ideia de alívio; e além disso dá mais completa a ideia de **abaixar**. *Abaixa-se* a bandeira a meio pau (desce-se do alto para o meio da haste); mas não se *arria* a bandeira senão quando se a retira da haste. *Arria-se* a carga se é pesada; *abaixa-se* a cortina por causa do sol. – **Descer** é correlativo de "subir". Não se *desce* sem haver subido. É também **baixar**: "não *desce*, ou não *baixa* a dar satisfações a ninguém". Excluindo a ideia acessória de alívio, é ainda conexo de **arriar**. Quem chega *desce* a carga; só quem cansa a *arria*. – **Abater** acrescenta à ação de **abaixar** a ideia de força ou violência, de humilhação. "Os inimigos *abateram* as armas;" "Ele *abateu* a espada diante do general".

10

ABAIXAR, **abater**, **rebaixar**, **aviltar**, **degradar**, **humilhar**, **envergonhar**, **deprimir**, **desonrar**, **depreciar**, **envilecer**, **desdoirar**, **deslustrar**, **macular**, **manchar**, **desacreditar**, **desabonar**, **infamar**, **difamar**. – Todos estes verbos exprimem intuito, ou ação dirigida a diminuir os créditos de alguém. – **Abaixar** significa "descer do conceito em que se era tido". "Os vícios nos *abaixam*, a virtude nos levanta" (Leitão de Andrade). – **Abater** é "abaixar humilhando". É indigno de um homem *abater* a inocência. *Abate-se* o orgulho de alguém. – **Rebaixar** é "**abater** infamando". "Como é que ele se *rebaixa* até aquele papel ignominioso?" "O chefe o tem *rebaixado* ao ponto de convertê-lo em besta miserável". – **Aviltar** é "fazer vil, abjeto, desprezível"; é rebaixar afrontando. "Tenta-

ram *aviltar-nos* perante a nação". – **Envilecer** é também fazer vil, mas não dá ideia de força, de intuito afrontoso. Diríamos: as más ações *envilecem* (quer dizer: fazem que se perca a estima, o direito de parecer digno); "naquele alcouce os mais nobres se *aviltam*". – **Degradar** é "fazer baixar de grau, descer de posto, de hierarquia"; é, pois, no sentido com que entra neste grupo, o sinônimo mais próximo de **rebaixar**: significa "fazer decair do conceito, desmerecer na estima, tornar abjeto "por abaixamento". "Não se compreende como aquele moço chegou a praticar atos que *degradam*"... – **Humilhar** é "oprimir, castigar envergonhando". "General, não *humilhe* os vencidos". "Glória alguma do mundo poderá induzi-lo a *humilhar* os pequenos". – **Envergonhar** é "molestar alguém confundindo-lhe o pudor". "Com aqueles destemperos só *envergonham* a família". "Este crime *envergonha* a toda a geração". – **Deprimir** e **depreciar**, como diz Laf., "marcam uma ação que ataca, enfraquece, ou rebaixa, não a classe ou a dignidade (como acontece com o verbo **degradar**) mas o valor, o mérito, ou o apreço; e apresentam de comum a ideia de obrigar a descer da posição ou do conceito em que alguém estava. Uma pessoa *depreciada* ou *deprimida* não está mais na estima em que esteve". **Deprimir** – acrescenta – inclui "intenção de destruir no conceito com grande desejo de prejudicar". E cita como exemplo: "Este escritor afeta elevar S. Crisóstomo para *deprimir* S. Agostinho." (Boss.). **Depreciar** significa "diminuir o preço, o valor". "Estas leves travessuras não *depreciam* um moço". – **Desonrar** é "tirar a honra", ofender o pundonor; como **infamar** é "privar da fama"; como **desacreditar** é "destruir o crédito", e **desabonar** é "diminuir o crédito e o bom nome". Exemplos: "A conduta daquele homem *desonra* a toda a família"; "O intento daquele monstro é ainda *infamar* a memória do tio"; "Ele se *desacredita* pelos próprios atos". É preciso distinguir **infamar** de **difamar**. Significam ambos "privar da fama"; **difamar**, no entanto, é privar da fama, ou tentar destruir a fama dizendo da vítima e espalhando coisas que podem ser até aleivosas"; e **infamar** é "ofender a honra, a fama de alguém com estigma infamante". Pode-se definir precisamente: **infamar** "marcar de infâmia"; **difamar** "tirar a fama". Exemplo: "Tentam, no seu ódio sacrílego de brutos, *difamar-nos*; e, no entanto, só eles vivem praticando atos que *infamam*". – Entre **desabonar** e **desacreditar** convém, do mesmo modo, assinalar diferença, por mais subtil que esta seja. Basta-nos o que diz Bruns.: "Tem muito maior alcance a ação de *desacreditar* que a de *desabonar*": quem *desabona* diminui o apreço, o crédito de alguém, mas não o destrói; quem *desacredita* arruína o crédito, a boa reputação da vítima. "Uma fraqueza *desabona*; mas só as más ações *desacreditam*" (Bruns.). – **Deslustrar** e **desdoirar**, no sentido figurado, apresentam diferença equivalente à que, na acepção natural, marcam os respetivos radicais. Propriamente falando, só se *deslustra* quem é ilustre, quem goza de alta posição; como só se *desdoira* quem brilha no mundo, ou tem glória. "Meu pai não sente vergonha de *deslustrar* seu sangue". (Cast.) "Quem é aquele pobre-diabo de rodapés para *desdoirar* Camões?" – De **deslustrar** e **desdoirar** aproxima-se **desluzir**; mas este significa mais – "perder ou tirar o brilho, empanar o luzimento". "*Desluzia* as gerações dos inimigos com a injustiça da sua malquerença". (Camil). – **Macular** e **manchar** são formas do mesmo termo latino (*macular, macula*) e significam "marear um nome, deslustrá-lo infligindo-lhe alguma pecha infamante". **Macular** é talvez mais fino e mais nobre: **manchar** é, no entanto, muito mais expressivo e mais forte. "A mínima suspeita *macula* aquela inocência". "Esta torpeza *mancha* toda uma vida".

11

ABALANÇAR-SE, afoitar-se, atrever-se, atirar-se, arrojar-se, arriscar-se, aventurar-

-se, **ousar**, **animar-se**. – **Abalançar-se** quer dizer "não hesitar, depois de haver meditado"; **afoitar-se** é "não hesitar sem refletir muito no perigo, tomar uma resolução súbita"; **atrever-se** é "afoitar-se com audácia"; **atirar-se** é "lançar-se sem ímpeto, mas decisivamente"; **arrojar-se** é "precipitar-se, atirar-se com ímpeto"; **arriscar-se** é "expor-se a um risco, a um perigo eventual", é "sujeitar-se a que lhe aconteça bem ou mal"; **aventurar-se** é "expor-se a boa ou má sorte", é "empreender um lance de resultado incerto", só confiando na ventura; **ousar** é, como diz Bruns., "o mais genérico de todos estes sinônimos; e tanto pode ter sentido favorável como desfavorável": significa "atrever-se confiante e seguro, sem os receios ou escrúpulos usuais"; **animar-se** quer dizer "ter alma, força, coragem, para alguma coisa, boa ou má". – Apliquemos todos esses verbos. – "O sr. se *abalançou* a publicar o artigo?" – "O homem *afoitou-se* a atravessar o escuro, a ir à cidade convulsionada; e ainda *se arriscou* a andar pelos lugares mais públicos". – "Como é que um soldado *se atreve* a chegar tão perto da trincheira inimiga?" – "O pescador *atirou-se* ao mar, e salvou a criança". – "O bombeiro *arrojou-se* ao furor do incêndio, e trouxe nos braços o menino desfalecido". – "Ele *se aventura* a ir a Minas: se for feliz, voltará por S. Paulo". – "Pois há quem *ouse* ir a comícios neste país *arriscando* a própria vida?". "*Ousa* o bandido falar em lei, e discutir justiça?" – "Afinal *animou-se* a pobre viúva a ir a palácio, mas perdeu o tempo".

12

ABALAR, **partir**, **fugir**, **azular**, **esgueirar-se**, **desaparecer**, **sumir-se**, **ausentar-se**, **retirar-se**, **sair**, **seguir**. – **Abalar** (sent. fig.) significa "sair precipitadamente e às ocultas, embora sem a intenção de esconder-se, e só com o fim de não continuar presente num lugar". *Abala* o garoto quando vê o policial. Também do grupo *abala* o estudante assim que ouve falar em bomba. "O exército *abalou* dali ao ter certeza de que o inimigo estava a chegar". – **Partir** quer dizer – "começar marcha ou viagem, pôr-se a caminho". É sim quase perfeito de **sair**, diferindo deste porque não dá, como **sair**, mais a ideia de deixar um certo lugar" que de "ir para outro". Diremos: "Ele *saiu* da cidade há uma hora: e no outro dia *partiu* para S. Paulo, dali *seguindo* para ponto ignorado". Não poderíamos trocar aí nenhum dos verbos. – **Seguir** aproxima-se, portanto, de **partir** e de **sair**; mas distingue-se claramente de um e outro porque acrescenta à ideia de "pôr-se em movimento" a de "continuação de marcha iniciada". Ninguém *segue* seu caminho sem haver começado a andar. "*Partimos* daqui no dia tal, *saindo* de casa às 3 da tarde; pernoitamos em Campo Grande, e no outro dia *seguimos* para Mendes." – **Azular** é brasileirismo bem moderno, e significa – abalar, desaparecer... como se se sumisse no espaço. "F. *azulou* dali quando nos viu de longe". – **Esgueirar-se** é "azular com a ideia de esconder-se", é "retirar-se sorrateiramente". – "O gatuno pressentiu-nos e *esgueirou-se*". – **Fugir** aproxima-se de **esgueirar-se** com esta diferença: **esgueirar-se** é "desaparecer com astúcia, de modo a não ser visto"; e **fugir** é "deixar um ponto às pressas", "desviar-se precipitadamente de alguém ou de alguma coisa para evitar incômodo, perigo, risco, tentação", etc. "O exército *fugiu* perseguido pela cavalaria inimiga" (Aul.). "Espavorido, o companheiro *foge*" (Garrett). – **Desaparecer** é deixar de ser visto, sem ideia alguma acessória quanto ao intuito de quem desaparece. "F. *desapareceu* da rua do Ouvidor"; "Depois da meia-noite *desapareceram* as crianças"; "Por que *desapareceu* o senhor de nossa casa?" – **Sumir-se** é mais que desaparecer porque dá ideia de "deixar de ser visto sem

que se saiba o paradeiro ou o destino de quem se *sumiu*. Diremos que um amigo (que continuamos aliás a encontrar na rua) *desapareceu* de nossa casa, isto é, "deixou de ser visto nela, de frequentá-la"; e não, "que *se sumiu* de nossa casa". Do mesmo modo não confundiremos os dois termos para empregá-los indistintamente nesta frase: "O pobre viúvo *sumiu-se* do mundo" (isto é, *desapareceu para sempre*). Em suma: quem *desaparece* nem sempre tem tenção de *sumir-se*: agora o que não é possível é que alguém *se suma* sem haver *desaparecido*. – **Ausentar-se** é "deixar de estar presente em alguma parte"; e aproxima-se em certos casos de **desaparecer**, de **sair**, e de **retirar-se** principalmente. Mas **ausentar-se** não dá (como **retirar-se**, às vezes) ideia de plano, ou de intento, de fim ou de necessidade com que alguém *se retira*: apenas marca a noção de "não estar mais presente onde se estava"; assim como **retirar-se** marca, não propriamente, a ideia de "não estar mais presente", mas a de "haver deixado um lugar". "O juiz *ausentou-se* durante as férias". "O homem *retirou-se* da festa mais cedo do que se esperava". "No meio do tumulto, o presidente suspende a sessão e *retira-se*". Não diríamos neste caso – *ausenta-se* – pois que o nosso pensamento não é aludir ao fato de não ter mais o homem ficado presente, mas ao fato de haver deixado a cadeira.

13

ABALAR, demover, dissuadir. – **Abalar**, aqui, significa "mover um pouco", "tirar do estado de firmeza", "fazer que uma pessoa fique em dúvida a respeito de alguma coisa". Dizemos: "O homem, com toda a sua eloquência, não consegue *abalar-me* neste modo de ver"; "Fazem esforços por *abalar* na alma do povo as crenças de que ele vive". É, portanto, este verbo empregado aqui, na acepção figurada, com valor perfeitamente análogo ao que tem no sentido físico. Quem se deixa *abalar* nas suas convicções nem por isso as renuncia, apenas não fica muito firme nelas. – **Demover** diz muito mais, pois enuncia "a ideia de mudar do que se era, ou do que se intentava". Dizemos: "Ele me *demoveu* (e não – *abalou*) do intento de vingança". – **Dissuadir** é "tirar do espírito", "demover operando no espírito, na consciência". "*Demovemos* uma criança de ficar no meio do barulho"; "Tais coisas lhe disse o velho que o *dissuadiu* de casar" (tirou-lhe isto do espírito); "As suas palavras poderiam *abalar-me* alguma coisa; mas não creio que cheguem a *demover-me* do meu propósito, pois jamais me *dissuadirão* de que a Justiça está comigo".

14

ABALIZADO, assinalado, distinto, notável, ilustre, nobre, digno, famoso, afamado, famigerado, célebre, insigne, preclaro, conspícuo, eminente, egrégio, exímio, consumado, ínclito, grande. – **Abalizado** – dizemos de um profissional ou de um artista que se fez completo na sua profissão ou na sua arte. "F. é um escritor *abalizado*"; "F. é mestre *abalizado* no seu ofício". – **Assinalado** é o que se destacou por alguma prova brilhante no seu ofício, o que se distinguiu por alguma grande ação. "Não arrefeceu nunca em Vieira aquele *assinalado* heroísmo da sua imensa fé"; "As armas e os varões *assinalados*" (Cam.). – **Distinto** é aquele que, por algum mérito ou aptidão, se destaca do comum e se põe em relevo. "Não se trata de um tipo qualquer, mas de um moço *distinto*." – **Notável** diz mais que **distinto**: designa o que se pôs, não apenas em simples destaque, mas em tal evidência que se fez digno de ser notado, e tido como exemplo. "F. era um jornalista *distinto*; mas que fosse um escritor *notável* ninguém sabia". – **Ilustre** é um desses vocábulos que parecem gastos pelo uso.

No seu sentido próprio, é de **assinalado** que mais se aproxima: **ilustre** quer dizer – "conhecido e brilhante por si mesmo, destacado por ações, ou feitos, ou qualidades que dão lustre". "Entre os políticos ilustres de Itália, nenhum excede a Cavour pela função histórica"... – **Digno** é um epíteto mais modesto do que todos os precedentes: *digno* se diz daquele que "se porta discretamente no seu cargo, ofício, missão, função, ou mesmo nas vicissitudes da vida"; e que por isso mesmo é merecedor de alguma coisa mais que o comum. "F. é um *digno* funcionário"; "Aquela criatura, pela sua grandeza moral, é *digna* de respeito". – **Nobre**, porque conserve uns laivos da antiga acepção, diz menos que **ilustre**; e hoje é termo de que só se usa na oratória parlamentar, ou então em frases enfáticas. "O *nobre* ancião falou solene"; "Nada tenho a dizer ao *nobre* senador". Aplicado a qualidades, ou a coisas, significa "digno e excelente". "Que *nobre* alma a daquela dama tão obscura e tão desventurada." "A *nobre* altivez daquela criança salvou-nos a todos". – **Famoso** e **célebre**, como nota Lafaye, "tocam-se de perto; mas, afastando-nos um pouco do autor, observaremos que: **famoso** é vocábulo menos nobre, e deve aplicar-se a um fato ou a uma vida "que fez grande ruído no mundo", podendo até ser a de um bandido; **célebre** enuncia não fama ruidosa, mas "grandeza que tem alguma coisa de solenidade e de esplendor na história, e no seu lugar, ou na sua condição própria". Há capitães ao mesmo tempo *célebres* e *famosos* como Alexandre; mas a raríssimos grandes poetas ou grandes artistas chamaríamos com propriedade *famosos*. – **Afamado** diz muito menos que **famoso**; e segundo observa Bruns., com razão, só se pode aplicar a pessoas vivas, ou a coisas subsistentes. *Afamado* é quem ou o que tem fama, ou "está tendo fama no seu tempo, e no meio em que vive, ou onde aparece". É ainda preciso notar que tanto se aplica a pessoas como a coisas, mas melhor a coisas. "F. é um médico *afamado*" (isto é – que tem bom nome ou boa fama de profissional na cidade onde clinica); "Os *afamados* charutos da Bahia"... "As *afamadas* laranjas da Argélia"... Não seria muito próprio, apesar do que diz Bruns., chamar – *famoso* a um médico que se fizesse conhecido e ilustre fora do seu meio: diríamos antes – *notável, eminente,* ou melhor – *célebre,* ou mesmo – *grande*... conforme o caso. Charcot é *célebre,* é *grande*... mas decerto que não diríamos dele – o *famoso* Charcot. – **Famigerado** quase sempre se toma em sentido pejorativo: designa indivíduo cuja fama, boa ou má (em regra – má) "se espalha num dado círculo e com aparato". Diremos: "*famigerado* bandido"; "*famigerado* desordeiro"; "*famigerado* conspirador... de aldeia"... (porque, tratando-se de um conspirador de alta raça, já lhe não caberia bem o epíteto). Só por menoscabo diríamos: "*famigerado* cultor das musas". – **Preclaro** e **insigne** aproximam-se de **ilustre**. Mas **preclaro** diz mais e é mais nobre: exprime – "excelente, belo, brilhante". Nem todos os *ilustres* são *preclaros*; mas os *preclaros* são ao mesmo tempo *ilustres*. Diríamos: "O *preclaro* Tácito"; "O *preclaro* varão que ilustrou o seu tempo"; "A *preclara* majestade de d. Henrique, o *grande* Infante, mais do que rei no seu império do mundo"... Mas rarissimamente poderíamos dizer sem flagrante absurdo, por exemplo: "*preclaro* representante da nação", ou "*preclaro* ministro", só porque se trata de homens *ilustres*. – **Insigne** é quem, ou o que "se assinala por algum grande mérito, ou alguma grande qualidade ou aptidão." Difere de **assinalado** em que este "chama atenção mais para os feitos do indivíduo que se assinalou"; e **insigne** exprime "qualidade inerente à pessoa ou coisa **insigne**". Diríamos: "Job foi um varão *insigne* pela virtude da resignação" (e não – "um varão *assinalado*)"; "Este

homem, sem ser *insigne*, tornou-se naquele momento figura *assinalada* pelo heroísmo com que fez frente ao inimigo". Um favor, ou um serviço *assinalado* é não como entendem Bourg. Berg., um favor ou serviço que se manifesta, ou de que se tem sinais evidentes, mas um favor que no momento assumiu proporções que não teria em ocasião normal": um favor *insigne*, sim – é "um favor grande, excepcional, notável de si mesmo". – **Eminente** e **conspícuo** diz mais do que **ilustre**: **eminente** é o que "excede à estatura moral, ou às proporções de grandeza dos seus pares"; e, tratando de coisas – a que "se eleva acima de outra coisa e se põe muito alto"; **conspícuo** é o que se faz "tão ilustre e eminente que dá nas vistas de todo mundo". Qualquer dos dois termos só pode ser, tratando-se de pessoas, aplicado a pessoas ilustres. Não poderíamos dizer, mesmo referindo-nos aos mais abalizados no seu ofício: "F. é um *conspícuo* marceneiro"; ou "F. é um artesão *eminente*". Mas diríamos: escritor, magistrado, artista *eminente*; "F. é figura *conspícua* da nossa política, ou das nossas letras". – **Exímio** exprime a "qualidade de superexcelência", e se diz daquele que na sua arte, ou na sua profissão (principalmente na sua arte) "excede, sobreleva aos mais hábeis". Há *exímios* poetas, como há jogadores *exímios*. – **Consumado** aproxima-se de **abalizado**; e tanto um como outro exprimem mais do que **exímio** quando se quer marcar precisamente elevação pela capacidade e pelo mérito. **Consumado** significa – "subido à perfeição, a uma profunda e acabada perícia na sua ciência ou na sua arte", e por isso "posto no pináculo entre os da mesma classe". Tanto podemos dizer – "um artista", como – "um filósofo *consumado*". **Egrégio** é "honrado e ilustre, digno de respeito pela compostura e gravidade na sua conduta, ou no desempenho de algum alto cargo". Dizemos: "O *egrégio* tribunal"; "*egrégio* pastor de almas"; "F. é verdadeiramente o *egrégio* e venerável patriarca daquela família". "**Ínclito**", segundo Roq. – "é o que chega ao último grau da glória"; o que é "muito falado, que tem nome ruidoso e brilhante". Há *ínclitos* generais, como há *ínclitos* poetas. – **Grande** é um genérico que se não confunde entre os do grupo. Só é *grande* o homem "excepcionalmente notável que foi consagrado pelo culto das gerações"; ou o fato, ou acontecimento extraordinário, ou o feito de proporções fora do comum "– que se incorporaram definitivamente na história humana". Dizemos: "o *grande* Infante"; "o *grande* Vieira". Entre todos os vocábulos deste grupo, muito raros outros caberiam nos dois exemplos.

15

ABALO, **tremor de terra**, **terremoto**, **trepidação**, **comoção**, **convulsão**, **estremecimento**, **agitação**. – Todos estes vocábulos significam fenômenos sísmicos. – **Abalo** é "movimento amplo, de grande massa", e por isso mesmo pouco intenso e pouco sensível. – **Tremor de terra** é, como diz Bruns., "uma série de **abalos**, ou melhor, de **estremecimentos**, pois que estes não são mais que **abalos** menos amplos conquanto mais intensos e mais sensíveis". – **Trepidação** é leve **abalo**, menos extenso e menos sensível que o **tremor de terra**. – **Terremoto** é "forte tremor de terra tendo consequências na crosta terrestre". – **Comoção** é "estrondo ou abalo no interior da terra, apenas sensível na superfície". – **Agitação** será mais "uma comoção continuada por algum tempo". – **Convulsão** aplicar-se-ia para designar um terremoto violento de grandes proporções, e de consequências gravíssimas para a região convulsionada. – Parece que se vê melhor nestes exemplos: "Temia-se um *terremoto*; e nem chegou a ser um verdadeiro *tremor de terra*, mas um simples *abalo*; no dia seguinte

houve algumas *trepidações* do solo junto do monte; no outro dia, ligeiros *estremecimentos*: e depois tudo voltou à serenidade normal;" "O que se deu ali não foi um simples *terremoto*, mas uma formidável *convulsão* que alterou toda a topografia da ilha"; "A primeira vez sentiu-se uma rápida *comoção* ao sopé da montanha; logo à noite repetiram-se uns *estremecimentos*; e como nos convencêssemos de que semelhante agitação subterrânea é prenúncio de catástrofes... fugimos..."

16

ABALROAR, investir, **atracar**, **aferrar**, **abordar**, **acometer**, **agredir**, **assaltar**, **arremeter**, **atacar**. – **Abalroar**. Diz Bruns. que o **abalroamento** de dois navios é devido ao acaso. Não há dúvida; mas decerto não é em tal acepção que **abalroamento** é sinônimo de **investida**. **Abalroar**, neste grupo, é – como define Aul. – "*atracar* com balroas, e com intuito hostil". "Os inimigos *abalroaram* uma nau de El-Rei". (Dic. da Acad.) – **Investir** é "arremeter hostilmente contra alguém ou alguma coisa". "O inimigo *investe*, mas não consegue *abalroar* a nossa embarcação". – **Atracar**, como **aferrar**, é mais genérico do que **abalroar**; mas os três verbos sugerem o mesmo ato, consistindo a diferença apenas "nos meios de que se valem os tripulantes de um navio para aprisionar um navio inimigo": **abalroar**, como se disse, é "*atracar* com balroas" (instrumento próprio para abordagem em combate); **aferrar** é "*atracar* com ferros (quaisquer que sejam)"; e **atracar** é "prender de qualquer modo". – **Abordar** é "aproximar-se uma de outra embarcação, bordo com bordo", para melhor combater. "Com muita gente armada a investiram e *abordaram* (a caravela) por duas partes". (Dic. da Acad.). – **Acometer** é quase **assaltar**: é "investir subitamente e com decisão". "*Acometeu-nos* o inimigo sem que o esperássemos tão cedo". – **Assaltar** é "investir à traição, de emboscada, e decisivamente". "*Assaltaram* os brutos a fortaleza à noite". Também se diz: "*Assaltou-nos* em caminho a tormenta". – **Agredir** é propriamente "provocar, tomar ofensiva contra alguém". "Ele não tinha motivos para *agredir-nos* tão insolitamente". – **Arremeter** é "atacar com fúria, impetuosamente", "com precipitação". "A vaca danada *arremete* contra todos". – **Atacar** é, de todos os do grupo, o verbo de significação mais genérica: "é ir hostilmente contra alguém ou alguma coisa". "Não se *ataca* impunemente a honra alheia". "O inimigo nos *atacou* de frente". "Vamos *atacar* o forte". "O bandido nos *atacará* em caminho se facilitarmos".

17

ABANDONAR, desprezar, **desproteger**, **desamparar**, **desdenhar**, **dessocorrer**, **desvaler**, **desarrimar**, **desapoiar**, **desajudar**, **desfavorecer**. Quanto a **abandonar**, escreve Bruns.: "O antigo português tinha o verbo **bandir** ("banir", "desterrar")[1] que nos revela a existência de um substantivo mais antigo – **bandon** – de que nos vem **bando** ("pregão", "decreto"). **Bandon** era ordem de **bandir**. **Abandonar** é, pois, etimologicamente, "não querer saber da pessoa ou da coisa que se *abandona*"; é "deixá-la entregue aos seus próprios recursos, os quais se reputam deficientes ou nulos". **Abandonar** tem com efeito alguma coisa de "exilar, **pôr de lado** e **esquecido**". "Os bárbaros *abandonaram* os míseros náufragos ali na ilha deserta". Diz Roq. que: "o desamparo se refere ao bem necessário de que se priva o desamparado; o *abandono* se refere ao mal iminente a que se deixa exposto o *abandonado*. O rico que não socorre a sua família pobre a *desampara*; se o faz, porém, quando esta se acha em iminente risco de perecer, ou de sacrificar

1 ~ O italiano conserva o verbo bandire.

sua honra, a *abandona*". – **Desdenhar** é "ter em pouca conta"; é "tratar com desdém, acinte ou altivez". "*Desdenhando* o poder dos homens, a santa continuou muda". "Aquele ricaço *desdenha* a nossa pobreza porque nós lhe *desdenhamos* a arrogância"... – Quanto aos outros do grupo, a distinção será fácil desde que se tenha em vista o respetivo radical, pois em todos figura o prefixo negativo ou privativo *des*. – **Desprezar** é "não dar a alguém ou alguma coisa o apreço ou importância que se lhe dava". – **Desproteger** é "recusar a proteção que antes se dava a alguém", como **desamparar** é "negar amparo"; como **dessocorrer** é "deixar de oferecer o socorro que se nos pede". Como estes, entendemos: **desvaler** ("não acudir"); **desarrimar** ("privar de arrimo"); **desapoiar** ("deixar de apoiar"); **desajudar** ("negar ajuda, auxílio", e antes "fazer o contrário"); **desfavorecer** ("negar favor"). Todos estes sinônimos têm a significação geral "de indiferença, pouco apreço, desprezo ou pouco interesse revelado por alguém": diferençada, pelos próprios respetivos radicais, e tão distintamente que em muitos casos não seria possível, sem sacrificar alguma coisa da clareza e propriedade da expressão, substituir um pelo outro, ou pelos outros indistintamente. É simples de ver que eu me não sinto *desamparado* só porque um sujeito me *desprotege*. "Aquele homem, mesmo *desprezado* pelos amigos, não foi *dessocorrido* de algumas almas piedosas". "Os homens o *desvaleram* sempre naquelas angústias; mas os filhos fizeram mais: *desarrimaram-no* na velhice dolorosa: e afinal, *abandonado* de todo o mundo, morreu em amarguras...". "Nesta causa pode um parente *desapoiar-nos* sem que nos prejudique; mas aqueles que estavam conosco e se afastaram não fazem menos que *desajudar-nos*". Só nos *desfavorece* aquele de cujos favores dependíamos. Nem sempre se *despreza*, ou se *desprotege*, se *desampara* ou se *desdenha*, etc., aquele a quem se *abandona*. Pode-se *desapoiar* sem *desproteger*; *desvaler* sem *desdenhar*. *Desarrimar* não é propriamente *dessocorrer*, pois que só se *dessocorre* aquele que está em perigo ou em situação difícil; e só se *desarrima* a quem precisa de nós; como só se *desampara* aquele a quem devíamos valer, e só se *abandona* a quem, na perdição ou na desgraça, tinha direito a ser por nós socorrido.

18

ABANDONO, **desafetação**, **naturalidade**, **negligência**, **simpleza**, **descuido**, **ingenuidade**, **singeleza**, **lhaneza**, **desalinho**, **indolência**, **desídia**, **incúria**, **inércia**, **inação**, **desleixo**, **desmazelo**, **languidez**, **desapercebimento**, **abstração**, **distração**, **acídia**, **preguiça**, **ócio**, **segnícia**, **moleza**. – **Abandono** é um galicismo (neste grupo) que pode perfeitamente ser incorporado na língua, apesar de certos caprichos fúteis de um mal-entendido purismo. É estranha a aplicação do termo feita por Bruns. depois de o haver definido como sinônimo de **naturalidade**. – "A *amizade* – diz ele – exige a *naturalidade*; mas o *amor*, a paixão veemente só é real quando há *abandono*". Aqui há seguramente lapso: o **abandono** dessa frase não é o que o autor definiu como sendo o **abandon** francês. O **abandono** dessa frase é sinônimo de **renunciamento**, **abdicação**, **abnegação**, etc. Mas aqui, neste grupo, **abandono**, conquanto não seja o aplicado, e o definido por Bruns., é: "negligência amável no falar, no trajo, nas maneiras..." "Aquela candura da jovem princesa ressalta de todo o *abandono* em que se deixa ver lá no parque". – **Naturalidade** é "maneira de se mostrar, de dizer, de se vestir sem artifícios que deem na vista". "Falamos à rapariga, e ela respondeu com uma graça e *naturalidade* de criança". – **Desafetação** já se não aplicaria com a mesma propriedade a uma criança; pois, **desafetação** já "sugere ideia de esforço ou de propósito no

sentido de parecer desafetado ou natural". **Desafetação** pode simular-se; **naturalidade**, não. "Este tipo vem aqui fingir *desafetações* de Tartufo..." – *Negligência*[2] diz também maneira descuidosa, postura desafetada, trajo sem capricho, pouca atenção com que alguém cumpre sua tarefa ou desempenha um dever. **Incúria** é igualmente (conforme está indicando a própria etimologia) descuido, mas "descuido culposo de quem deixa de parecer como deve, ou de cumprir um dever do seu ofício". **Negligência** sempre é menos do que **incúria**, conquanto diga Roq. o contrário. "Por *negligência* foi censurada a menina que não deu conta das lições, ou dos temas a tempo: por *incúria* teve castigo". "Pilhou-me a visita, ou surpreendeu-me nesta *negligência* em que se está em casa". "Ninguém há de ter o direito de acusar-me de *incúria* na minha profissão". – **Desalinho** é "maneira ainda mais descuidosa que a negligência: é quase incorreção de costumes, ou de frase, ou de trajar". "Passam a ser censuráveis aqueles modos: aquilo já é *desalinho*, e quase inconveniência que se não perdoa em gente de educação". – **Singeleza** é a qualidade do que não tem "refolhos e malícias", acidentes de ânimo, e antes um humor sempre igual. "A *singeleza* daquele viver é mais edificante do que todas as opulências dos grandes". – **Simpleza** sugere ideia de inconsciência, de quase ignorância e parvoíce: é a "singeleza ou a ingenuidade do inculto e rude". "Ele ficou em pasmo ante a *simpleza* daquele bárbaro ali impassível a tudo que se passa". – **Ingenuidade** é a "singeleza de quem não oculta o que sente, nem disfarça o que faz, como as crianças". "Calino é o tipo do *ingênuo*: diz, com toda gravidade, as coisas mais sabidas do mundo." – **Lhaneza** é a qualidade do que é **lhano** (do latim *planus* = liso, parelho, sem desigualdades de relevo). "Nada alterava jamais a *lhaneza* daquele caráter". – **Descuido** é (como se vê da formação do vocábulo) "falta de cuidado no trato, no falar, no vestir, ou no desempenho de uma tarefa": mais censurável sem dúvida que **desalinho**. "O *descuido* de quem se apresenta maltrajado em um salão de cerimônia é imperdoável". O **descuido** na elocução, no gesto, na postura... é muito mais grave que simples **desalinho**. – **Indolência** e **preguiça**. Diz Lafaye que "a **indolência** é um defeito, a **preguiça** um vício". Neste grupo não é bem assim. Se é mesmo vício a **preguiça**, está passando a ser quase um vício elegante... É ela "um relaxamento de ânimo, uma falta de ação para certas ocupações". Pode ser oriunda de mal físico; e ordinariamente revela falha moral. – **Indolência** diz etimologicamente – "falta de sensibilidade; apatia, indiferença por tudo que a outros merece cuidados ou atenção". A **preguiça** pode não ser um vício, mas deve tirar a vontade de agir e de viver: a **indolência** chega a ser às vezes uma virtude para o cético, o pessimista ou o misantropo. – **Moleza** é "preguiça sensual". – **Inércia** é "imobilidade, falta de energia, estado de torpor". – **Inação** é um "estado de inércia passageiro, que cessa logo que desaparece a causa acidental que constrange o inativo". – **Languidez** é um quase "desfalecimento semelhante à depressão mórbida, e tendo também alguma coisa de **moleza**". – **Desídia** é quase **incúria**, distinguindo-se desta em significar mais uma "inércia moral que afasta do trabalho, ou que torna avesso ao cumprimento do dever; enquanto que **incúria** é o próprio fato de não fazer o que devia". – **Acídia** (ou **acédia**, mais conforme à etimologia) é uma inércia mais de espírito ainda do que **desídia** (talvez originariamente uma e outra do mesmo radical grego). Diz Roq. que parece ter sido vulgar outrora,

2 ~ Usa-se muito hoje do francês *negligé* em vez de negligência.

e usar-se em vez de preguiça, como se vê do *Leal Conselheiro* e do *Catecismo*, de Fr. Bartolomeu dos Mártires, que a define assim: "O sétimo e último vício capital se chama *acídia*, que é uma tibieza e fastio espiritual que a alma tem para o exercício das obras virtuosas, especialmente para as coisas do culto divino e comunicação com Deus". – **Deleixo** (ou **Desleixo**) e **desmazelo** significam "relaxamento no cumprir o dever, falta de correção; parecendo que **desmazelo** é mais grave e mais culposo "porque exprime, não apenas falta de correção, mas uma desídia quase ostentosa, um defeito mais punível que desleixo, que é mais "ausência de sentimento muito nítido do dever" – **Desapercebimento**, **abstração**, **distração** sugerem ideia de estado bem semelhante a umas aparências de abandono. **Desapercebimento** é "um como estado de inconsciência aparente, em que alguém fica sem dar atenção a nada, ou sem notar em torno de si coisas que lhe não deviam passar despercebidas". **Abstração** é o "desapercebimento de uma pessoa completamente alheada do meio em que se acha, por um motivo interior, uma como tensão mental que a separa – dir-se-ia – das outras pessoas". **Distração** é também desapercebimento, mas de quem parece "não pensar em coisa alguma, e ter os seus sentidos materiais como que suspensos ou apagados, olhando sem ver, tocando sem sentir, tendo ouvidos e não ouvindo, etc. – **Segnícia** é mais do que indolência, do que desídia, do que desleixo, do que preguiça, porque junta a tudo isso alguma coisa de miséria moral mais lastimável: **segnícia** deve ser o "torpor estúpido, a aversão ao movimento, a inércia e moleza do bárbaro". – **Ócio** é antínomo de trabalho, ou porque se descanse dele, ou porque se seja forçado a ficar inativo; mais, no entanto, porque se tenha trabalhado é que se fica em **ócio**: é este, pois, mais lazer do que inação. "Os meus instantes de *ócio* são poucos, porque a minha vida é muito atribulada de serviço".

19

ABARATAR, baratear, **embaratecer**, **malbaratar**, **depreciar**, **menoscabar**; **menosprezar**, **desapreciar**, **desestimar, desencarecer**. – **Abaratar** (ou **baratar**) significa "diminuir o custo, tornar barato, fazer baixar o preço de alguma coisa"; e figuradamente é, pois, "ter em menor conta do que a antiga em que se tinha alguma coisa, ou as qualidades, a importância, o valimento de alguém". "Ele não há de consentir assim que lhe *abaratem* a honra de juiz". – **Baratear** é "oferecer por menor preço", é dar "por menos do justo valor, não tendo na conta devida". "Não pensem que ele vai agora *baratear* as aptidões". Tem ainda, como intr., a significação de "baixar de preço". Dizemos, pelo menos no Brasil: "O café já *barateou*". Usamos também de **embaratecer**, que se não sabe por que é que falha nos léxicos. Mas este difere de **baratear** porque significa, não só "baixar de preço", mas "fazer baixar de preço". A mesma diferença no sentido figurado. "Os tais conluiaram-se no intento de *embaratecer* os bons ofícios do competidor". – **Malbaratar** é "desperdiçar coisa estimável"; é "vender com prejuízo, abrir mão de uma coisa facilmente, mostrando por ela pouca estima ou nenhum interesse". "Míseras criaturas é o que elas são, a *malbaratar* na vida os melhores dons que lhes tocaram". – **Menosprezar**, **menoscabar**, **desestimar** distinguem-se ligeiramente. **Menosprezar** não é propriamente "desprezar", mas "prezar menos do que seria justo", "ter em menor apreço do que o devido". "Havemos então de *menosprezá-lo* só porque, naquela causa, não esteve conosco?" **Menoscabar** não é somente **menosprezar**, mas também "abater o valor, diminuir o crédito, a consideração". "Não é por menoscabá-lo que

dele digo estas coisas". **Desestimar** é "não ter em estima, deixar de estimar, não ter por alguém ou alguma coisa a mesma estima que se tinha". É este verbo um sinônimo quase perfeito de **desapreciar**, havendo apenas entre os dois a mesma diferença que há entre os respetivos radicais – estima e apreço. "Só *desestima* o dinheiro quem lhe não sabe o valor". "Não se *desestima* a um amigo só porque caiu em pobreza". Em qualquer dos casos **desaprecia** diria sem dúvida alguma coisa menos, e tanto menos quanto **estima** é um sentimento mais profundo que **apreço**. – **Desencarecer** é deixar de encarecer, de ser tão caro ou encarecido como era, ou de ter na mesma conta exagerada em que se tinha (e tanto no sentido próprio como no figurado). "Ninguém decerto vai *desencarecer-lhe* os grandes serviços prestados à pátria naquele momento".

20

ABANTESMA, fantasma, espetro, larva, visão, duende, trasgo, manes, lêmures, avejão, aparição, sombra. – **Abantesma** é forma popular de **fantasma**. Este vocábulo (**fantasma**) significa imagem fantástica ou incorpórea, que, por alucinação, julga alguém ver, tendo figura humana mais ou menos acentuada, e causando terror; e talvez porque sugira melhor esta última noção é que se distingue de todos os do grupo. "Encontrou no caminho um *fantasma* que o obrigou a voltar". "Aquela casa... ou aquela consciência vive atormentada de *fantasmas*" (isto é, de coisas falsas ou imaginárias e medonhas). Também se aproxima de "símbolo", "representação"; "personificação"; como em: "O *fantasma* da dor, ou do remorso". **Abantesma** é propriamente "fantasma sem forma definida, e que, além de terror, inspira repugnância". "Imundos *abantesmas* vagavam naquela região mais do pecado que da morte". – **Duende** designa alguma coisa semelhante ao que se chama vulgarmente "alma do outro mundo". **Lêmures** e **manes** eram, entre os romanos, "espíritos que andavam vagando pela Terra, e como em penitência, ou perseguindo os vivos". **Manes** designava particularmente "as almas dos avós ou dos parentes falecidos"; mas todos, **manes** e **lêmures**, saíam do inferno à noite para, às vezes, socorrer, mas quase sempre "para atormentar os vivos". – **Trasgo** é qualquer coisa como "figura ostentosa, heroica – dir-se-ia – e terrível do diabo". – **Espetro** e **larva** designam também fantasmas; e há entre eles uma certa distinção análoga à que se nota entre **fantasma** e **abantesma**. **Espetro** será o fantasma, ou melhor – "a alma de algum conhecido, que se deixa ver sem perfeito relevo, mas ainda conservando alguma coisa da forma humana". **Larva** será espetro menos nítido, e é de crer que junte à ideia de visão a de penitência, significando assim – "alma penada", "alma dolorosa". "Quando encontrou no vestíbulo a *larva* de Aquiles... emudeceu". – **Avejão** (fig.) é o que se poderia chamar também – "alma penada" – mas que toma "aspetos estranhos, formas de aves ou de animais fantásticos". – **Visão**, **aparição**, **sombra** são vocábulos de significação mais genérica e vaga, dando sempre a ideia comum de coisa sobrenatural, ou não corpórea, atribuída à imaginação dos alucinados, ou à falsa visão de certos doentes. O mais vago de todos é o primeiro dos três: **visão** é "toda imagem que se julga ver, quer em vigília, quer durante o sono". **Aparição** distingue-se de **visão** em "acrescentar à ideia de imagem sobrenatural a ideia de miraculoso, de inesperado e súbito, mesmo instantâneo..." **Sombra** pode-se dizer que, com a significação que tem neste grupo, é vocábulo de alta nobreza histórica, significando "forma vaga subsistente de alguém que foi vivo"; "coisa impalpável, subtil, imaterial... como a sombra" (fenômeno

físico). Entre os antigos, e ainda hoje, mesmo entre muita gente de cultura, *sombra* era o mesmo que "alma".

21

ABARCAR, **açambarcar**, **monopolizar**, **atravessar**. – Todos estes verbos exprimem de comum a ideia de abuso contra a liberdade de comprar e vender, de modo a fazer subir pela carestia o preço das coisas. – **Abarcar** significa "apoderar-se da mercadoria como quem a prendesse nos braços", "*Abarcava* todo o peixe que vinha à Ribeira". (Aul.) – **Açambarcar** exprime a mesma ação de prender ou arrecadar mercadorias: mas "de modo mais amplo, enfeixando-as, ou reunindo-as por meio de sambarca". – **Monopolizar** enuncia a forma legal de "exercer exclusivamente o comércio ou qualquer encargo ou função"; o direito "exclusivo ou privilégio de vender ou comprar". Há o monopólio não fundado em lei; e é sem dúvida com esta significação que entra aqui o verbo **monopolizar**: é "tomar alguém, alguma companhia, ou mesmo alguma nação a propriedade de um certo gênero de negócios, ou da exploração de certas indústrias". – **Atravessar** é "comprar as mercadorias em caminho, antes que cheguem à praça ou ao mercado público".

22

ABARCAR, **abranger**, **compreender**. – **Abarcar** e **abranger** significam "encerrar ou conter em si muitas coisas: em **abarcar** há ideia de esforço; em **abranger**, não: "Cesar *abarcou* todas as dignidades da república"; "O poder de Roma *abrangia* multidão de povos" (Bruns.). No Brasil é muito comum dizer-se indiferentemente: "*Abarcar* ou *abranger* o mundo com as pernas". **Compreender** é sinônimo que se pode ter como quase perfeito de **abranger**; muito raros hão de ser os casos em que um se não possa substituir pelo outro. Deve notar-se, no entanto, que mais talvez o uso comum do que a precisão ou a propriedade fixa em alguns o emprego de um de preferência a outro. Teríamos de dizer, por exemplo: "Nesta relação não se *compreendem* (e não se *abrangem*) os casos a que se refere o ministro". **Abranger**, por sua parte, exprime alguma coisa de "alcançar", e mesmo de abarcar". Diremos: "O incêndio *abrangeu* todo o quarteirão"; e nunca propriamente: "O incêndio *compreendeu*, etc."

23

ABARROADO, **obstinado**, **opiniático**, **cabeçudo**, **teimoso**, **tenaz**, **pertinaz**, **insistente**, **contumaz**, **caprichoso**, **encaprichado**, **afincado**, **constante**, **relutante**, **porfiado**, **persistente**, **perseverante**, **aferrado**, **firme**, **emperrado**, **birrento**, **embirrante**. – **Abarroado** quer dizer "teimoso, insistente, obstinado com insolência e por motivos torpes". "Sedutor, libertino, devasso *abarroado*". – **Obstinado** e **opiniático** poderiam tomar-se em certos casos como sinônimos perfeitos. Há, no entanto, entre os dois bem marcada diferença; tanto assim que em certas formas não poderiam ser trocados; nestas por exemplo: "O homem está *obstinado* em não aceitar o cargo"; "Ele é *opiniático*, e sei que por coisa alguma se dissuadirá daquele intento". Isto quer dizer que com efeito o **opiniático** e o **obstinado**, como diz Lafaye, "não cedem à vontade, aos desejos de outrem, a embaraços, a ataques", etc.; mas distinguindo-se o primeiro do segundo em significar "uma tendência ou qualidade própria, essencial, fundada em opinião, em modo de ser, em razões em suma, que parecem estar na mesma natureza, ou na índole do **opiniático**; enquanto que **obstinado** é o "que resiste, o que se escusa de agir, ou que não cede, mas por efeito de uma determinação ativa e refletida". – **Cabeçudo** é o que se deixa guiar só pela sua cabeça, e faz o que

entende sem ouvir conselhos, advertências ou mesmo ordens de ninguém. – **Teimoso** é "o que persiste em pensar ou agir como se o fizesse quase por acinte". – **Tenaz** exprime "firme e vigoroso em pensar, em querer, em agir". – **Pertinaz** já inclui alguma coisa de teimosia; mas o **pertinaz** é um teimoso, não por acinte, mas "por opinião ou capricho". – Aproxima-se deste o vocábulo **insistente**: o qual, além de significar "pertinácia em querer, obrar ou pedir", dá ideia de que, se não se teima propriamente, pelo menos se repetem esforços e tentativas. – **Contumaz** quer dizer "obstinado, revel; que não atende, ou não obedece à ordem legítima, ou à citação feita por um juiz"; e por extensão é aquele que "segue sua opinião, e reincide no seu modo de ver ou de conduzir-se sem se importar com o que é seguido por todos". Diremos, portanto: "*Contumaz* no erro"; "Testemunha *contumaz*", etc. – **Caprichoso** é aquele que se mostra seguro e inabalável, "mais pelo prazer de contrariar do que por sincera convicção"; e difere de **encaprichado** por isto: porque **encaprichado** significa que se tomou "por acinte ou por vingança uma atitude caprichosa". Dizemos: "Ele está *encaprichado* no propósito de molestar-nos"; e não: *caprichoso*: "A *caprichosa* menina não atende a coisa alguma"; e não: "A *encaprichada* menina", etc.; mesmo porque **encaprichado** reclama sempre um completivo; o que nem sempre acontece com **caprichoso**. – **Afincado**, **aferrado**, **firme** significam todos "fixo no lugar, na atitude, nas ideias, na vontade", etc. **Afincado** equivale a "fixo e seguro como uma haste que se fixasse ao solo"; **aferrado** diz – "fixo como alguma coisa que se prendesse a ferro a uma outra coisa"; **firme** significa "obstinado, resoluto, seguro conscienciosamente"; "que se não abala, nem cede, nem fraqueja". – **Constante**, **porfiado**, **relutante**, **persistente**, **perseverante** acrescentam à qualidade do que é **firme** a "ideia de esforço no propósito de conservar-se **firme** numa resolução, num intento ou numa tarefa". **Constante** é "ser sempre igual ao que se foi ou se prometeu ser, ou ao que de nós se espera". **Porfiado** é ser "**constante** mostrando um certo brio e valor". **Relutante** é "mais que **porfiado**, pois enuncia a ideia de que o **porfiado** é "capaz de ir ao extremo, de travar luta na resistência"... **Persistente** é o que "sabe, quer, ou tem força para continuar **firme** no seu posto, seu intento, no seu desejo". **Perseverante** é o "que se conserva **firme** e **constante** num sentimento, numa resolução" (Aul.). "Este homem extraordinário é *constante* na virtude; *porfiado* no trabalho; *relutante* contra as seduções do vício; *persistente* na ideia de vencer; e *perseverante* como quem sabe o que vale a fortuna". – **Emperrado**, **birrento**, **embirrante**, poderiam aproximar-se de **caprichoso** e **cabeçudo**. **Emperrado** significa o que se firma na sua opinião, ou no seu intento, e fica imóvel, sem explicar-se... como o animal que empaca (podendo dar-se-lhe **empacado** como sinônimo quase perfeito). **Birrento** é "emperrado ou teimoso por birra, capricho, antipatia ou aversão". **Embirrante** é o que "insiste" nalguma coisa "por birra, com obstinação e enfado".

24

ABASTADO, **rico**, **ricaço**, **opulento**, **endinheirado**, **apatacado**, **remediado**; **argentário**, **banqueiro**, **capitalista**, **milionário**. – **Abastado** é quem está "fartamente provido de bens para viver em abastança". – **Rico** é aquele "que possui muitas riquezas, ou bens que excedem às próprias necessidades". – **Ricaço** é aumentativo de rico, e diz – "sujeito muito rico e com ares de ufano das suas riquezas". – **Opulento** é sujeito muito rico que "vive vida brilhante e sumptuosa, ostentando a sua riqueza". – **Endinheirado**, **apatacado**, **remediado** marcam

uma certa "mediania, ou uma condição de fortuna que fica entre a do rico e a do pobre". O **endinheirado** é aquele que ajuntou algum dinheiro e saiu da pobreza. **Apatacado** diz menos ainda, pois reduz a simples patacas as posses do sujeito. **Remediado** é o que tem com que viver sem apuros. – **Argentário**, **banqueiro**, **capitalista**, **milionário** exprimem a ideia de "possuidor de grandes riquezas em dinheiro; e acrescentam à noção geral de rico a ideia de apego ou amor ao dinheiro, ou de mais ou menos paixão com que se cuida do dinheiro, ou ainda uma ideia do valor preciso ou das proporções da fortuna possuída. **Argentário** é o mais genérico e diz "homem dado a grandes negócios, preocupado só de lucros, vivendo só pelo dinheiro". **Banqueiro** é o que "faz negócios de banco" (Aul.), isto é, que "vive de negociar, ou especular sobre empréstimos e outras transações de praça". **Capitalista** é o que "vive dos rendimentos de seus capitais". **Milionário** é o "ricaço que possui milhões". – Já se usam também como gradações da ideia expressa por este último vocábulo: **bilionário**, **arquimilionário**, **miliardário**.

25

ABASTARDAR, **degenerar**, **desfigurar**, **deformar**, **desfear**, **afear**, **deturpar**, **desnaturar**, **corromper**, **deteriorar**, **estragar**, **perverter**, **viciar**, **adulterar**, **desvirtuar**, **depravar**. – Estes verbos exprimem de comum a ideia de mudar a forma, a natureza, ou o modo de ser de uma coisa ou pessoa. – **Abastardar** significa "fazer ilegítimo, impuro". – **Degenerar** é "perder mais ou menos o tipo, as qualidades da sua geração" (Aul.). – **Desfigurar** é, segundo a própria etimologia, "tirar a figura", alterar a forma própria, o "aspeto, as feições de alguém ou de alguma coisa" (Aul). – **Deformar** é "mudar a forma primitiva, deixar imperfeito, defeituoso". – **Desfear** é uma dessas anomalias morfológicas da língua que o uso impõe, e significa "alterar alguma coisa fazendo-a feia". É sinônimo perfeito, ou melhor, quase perfeito de **afear**, convindo, portanto, que se note: em **afear** não há tão viva a ideia de "mudar tornando defeituoso", ideia que se sente em **desfear**. **Desfea-se** (ou **desfeia-se**) – isto é – "torna-se feio" o que "era bonito, correto, próprio, legítimo". **Afea-se** (ou **afeia-se**) uma coisa "tornando-a menos correta, bonita", etc. Diremos, pois: "O andar *afea-lhe* um pouco a elegância" (e não – *desfea-lhe*); "A idade a *desfeou* horrivelmente" (e não – *afeou*). No Brasil usa-se também o verbo **enfear** (ou **enfeiar**) com o sentido de "exagerar, fazer feio com o propósito de impressionar, demover, etc.": "Ele *enfeia* o caso para que nós não vamos". – **Deturpar** é "desfigurar deprimindo, profanando, ofendendo o pudor". **Desnaturar** é "alterar a natureza, o modo de ser normal". – **Corromper** é "pôr fora do estado de pureza própria". – **Deteriorar** é "alterar danificando, fazendo pior ou imprestável". – **Estragar** enuncia a ideia geral de "destruir, ou de transformar piorando". – **Perverter** é "mudar para mal" (Aul.) transtornando; é "estragar o que era puro". – **Viciar** é, aqui, menos que **perverter**, se bem que enuncie igualmente a ideia de "estragar, ou de fazer que uma coisa não seja ou não se faça tão bem como devia fazer-se". – **Adulterar** é "fazer mudar alguma coisa falseando-a, pondo-a fora do seu estado próprio, deprimindo-a com perfídia". – **Desvirtuar** significa, em geral, "tirar a virtude, o mérito, o brilho, o valor próprio de alguma coisa". – **Depravar** é "perder as qualidades que tinha; estragar desvirtuando, perverter com escândalo". – Dizemos: *Abastarda-se* uma geração; *degenera* uma família, um indivíduo ou uma raça; *desfigura-se* um texto tirando-lhe as belezas próprias da língua; *deforma-se* uma fi-

gura fazendo-a monstruosa; *deturpa-se* a memória de alguém; *desnatura-se* o homem no vício ou no crime; *corrompe-se* o pão exposto à umidade, ou *corrompe-se* o menino nas más companhias; *deteriora-se* o caráter fraco em luta com a miséria; o tempo devastador *estraga* formosura, e, no entanto, para que se *pervertam* almas basta às vezes um instante; as melhores índoles *viciam-se* fora do lar; *adulteram* as nossas palavras quando as transmitem infielmente de propósito; *desvirtuam* as nossas intenções quando as interpretam de má-fé; *deprava-se* um indivíduo, uma nação pelos erros, pelos desregramentos, pelos crimes".

26

ABASTAR, **abastecer**; **fornir**, **fornecer**; **munir**, **municiar**, **municionar**; **ministrar**, **subministrar**; **prover**, **aprovisionar**. – **Abastar** significa propriamente "prover do bastante, do indispensável"; e **abastecer** é "abastar gradualmente, prover pouco a pouco e com regularidade". "O grande comboio *abastou* então a praça, e dali em diante foi ela sendo *abastecida* pelos lavradores dos arredores". "Só os colonos vizinhos *abastecem* (e não – *abastam*) o nosso mercado". "As colheitas excepcionais daquele ano *abastaram* (e não – *abasteceram*) toda a província". – Entre **fornir** e **fornecer** nota-se a mesma relação que entre **abastar** e **abastecer**. **Fornir** é "prover do necessário, e por uma determinação própria, ou em obediência a uma ordem, ou em cumprimento de um dever ou de um contrato"; e **fornecer** é uma forma extensiva de **fornir**. "A caravana, ao passar, é que nos forniu de pão: agora o que preciso é ver quem no-lo *forneça* regularmente". Diremos também: "O menino está bem *fornido* (e não – *fornecido*) de carnes e com boas cores". "Nós sempre nos *fornecemos* (e não – *fornimos*) de tudo aqui mesmo no bairro". – **Munir** significa propriamente "prover de armas e outras coisas que tornem forte, ou que habilitem a defender-se". "*Munem-se* as praças de guerra esperando o inimigo". "*Muniram-se* de documentos contra a calúnia". "*Munam-se* todos de roupas de lã para o inverno". "E até de paciência vou *munir-me* para sofrer aquele biltre." – **Municiar** e **municionar** são formações vernáculas – de **municio**, o primeiro, e – de **munição**, o segundo. **Municiar** é "prover de munições para um certo tempo, para uma diligência". **Municionar** é "abastar de munições de toda ordem, e nem sempre com fim especial e imediato, nem para prazo certo". "Vai bem *municiada* a escolta", ou "ficam bem *municiadas* as duas praças guardando aquele posto". – "Quando chegamos àquela zona assolada pela seca foi necessário *municionar* muitos dos nossos postos, pois estavam quase todos completamente desprovidos de tudo". – **Ministrar** e **subministrar** são muitas vezes empregados indiferentemente. **Ministrar**, no entanto, significa "fornecer, dar, conferir, oferecer, apresentar, com certa cerimônia, como função própria ou dever de ofício". "A secretaria *ministrará* todas as informações necessárias ao juiz". "Ele nos *ministrou* todas as coisas de que precisávamos". **Subministrar** é – diz Bruns. – "fazer com que alguma coisa chegue ao poder de alguém que necessita dela para se sustentar": "Os americanos *subministravam* armas aos insurretos cubanos". Notemos ainda que *subministrar* sugere ideia de "ação clandestina, ou pelo menos de intuito que se procura dissimular ou encobrir". – **Prover** é o mais compreensivo dos do grupo, e de predicação mais imprecisa e vaga; significa "fornecer, munir, como por necessidade de acautelar o futuro ou prevenir algum mal". – **Aprovisionar** é "abastar de provisões, quaisquer que sejam estas". "*Aprovisiona-se* de água, de pão ou de carne uma praça onde havia necessidade de algum desses artigos". Poder-se-ia ainda dizer sem

deslize da pura vernaculidade: "*Aprovisionar* de pólvora a praça". Não se daria o mesmo, porém, se se dissesse: "*Municionar* de água ou de pão a praça"; pois **municionar** tem predicação mais restrita. **Provisão** (rad. de **aprovisionar**) é *tudo quanto convém*, como no exemplo, aos que guarnecem a praça; e **munição** (rad. de **municionar**) é *tudo que se aplica diretamente* à defesa da praça.

27

ABATER, **cair**, **desmoronar**, **aluir**, **desabar**, **despenhar-se**, **precipitar-se**, **ruir**, **tombar**. – **Abater** é baixar ou cair "a prumo – diz Bruns., – rápida e inesperadamente": "*Abateu* o telhado"; "*Abateu* a terra em torno". – **Cair** é, dos do grupo, o verbo de sentido mais geral: enuncia a ideia de deixar uma coisa, e mais ou menos rapidamente, o lugar em que estava para vir a lugar mais baixo. "*Cai* a casa; *cai* o balão que já estava no ar; *caiu* chuva; *caiu* um raio sobre a torre; *caiu* o chapéu de cima da mesa." – **Desmoronar** é "ir desfazendo-se" (Bruns.) e caindo pouco a pouco; mas deve aplicar-se "só a coisas de grande volume, como grossos muros, vastas construções, montanhas", etc. "*Desmoronam-se* castelos"; e até, no sentido figurado, "*desmoronam-se* esperanças ou ilusões"... – **Aluir** é abalar-se, desprender-se e sair do lugar em que estava". "A parede *aluiu* com as chuvas". – **Desabar** significa propriamente "abater em torno com fracasso", cair "a aba ou a beira". "*Desabou* a fachada de um edifício; *desabou* a barranca", etc. – **Despenhar-se** é vir abaixo desprendendo-se de grande altura (segundo a etimologia – "cair do alto de rochedo"). "*Despenha-se* a avalanche inundando toda a várzea". – **Precipitar-se** é "lançar-se com violência de cima para baixo, cair com ímpeto em lugar profundo". "Daquela medonha altura *precipitou-se* o monstro no abismo e desapareceu". – **Ruir** é "cair, abater com estrondo". "*Ruiu* todo o edifício abalando a redondeza". "Ouvia-se cá de baixo o *ruir* dos cedros lá no Líbano". – **Tombar** é "cair com fracasso, lançar-se para um lado estendendo-se"; e sugere a ideia de que é "volumosa a coisa que tomba", ou a de que é "extraordinária e sensacional a queda". Não se diria com propriedade: "*Tombou-lhe* dentre os dedos o charuto"; ou "Deixei *tombar* o lápis". Mas diremos: "*Tombam* rochedos"; "*Tombam* árvores"; "Ouviu-se a descarga e o mísero *tombou*..."

28

ABATER, **deitar abaixo**, **derribar**, **demolir**, **destruir**, **arrasar**, **desfazer**, **desmanchar**, **derruir**, **arruinar**, **estragar**, **desmantelar**, **derrocar**, **aniquilar**. – Compara assim, Bruns., o verbo **abater** e a forma perifrástica **pôr** ou **deitar abaixo**: "Diferençam-se em que *abate-se* uma coisa para que deixe de existir, e *deita-se abaixo*, tanto para esse fim, como para tornar a levantar, renovando ou transformando: manda-se *abater* a árvore que intercepta a vista, e *deita-se abaixo* aquela que se quer substituir; *abate-se* a fortaleza que não convém deixar de pé; *deita-se abaixo* a muralha que se quer reconstruir. – Entendemos que **derribar**, pelo menos tanto como **abater**, se aproxima de **deitar abaixo**. **Derribar** é "fazer cair, tirar de cima para baixo". Tanto se *derriba* a árvore, como a muralha, como o castelo. – **Demolir** é "desfazer pouco a pouco uma vasta construção; e aproxima-se de **destruir**, que também significa propriamente "desfazer o que foi construído". Mas esta ideia é melhor expressa ainda pelo primeiro, **demolir**. Podemos dizer sem grave ofensa à índole da língua: "A artilheria inimiga *destruiu* a colina" (isto é – "desarranjou-lhe a estrutura"); nem tanto, porém: "A artilheria *demoliu*"..., etc.; pois só é suscetível de **demolir-se** o que foi **construído**. – **Destruir** é, portanto, como dissemos, "fazer que uma coisa deixe de ser

o que era desarranjando-lhe a estrutura". – **Arrasar** é "destruir completamente uma coisa (um edifício, uma cidade, uma floresta, um monte) até que fique **rasa** com o chão". "Tito *arrasou* Jerusalém". – **Desfazer** é, como bem define Aul., "mudar o estado de uma coisa de modo que não seja mais o que era". É, portanto, verbo de sentido muito geral. Tanto se *desfaz* um muro, como se *desfaz* um nó, como se *desfaz* um exército, uma fortuna, um enredo, etc. – **Desmanchar** é também **desfazer**, mas sem ideia necessária de **destruir**. Não há dúvida que se *desmancha* uma intriga, como se *desmancha* um muro, uma cerca (isto é – se *desfaz,* ou mesmo – se *destrói*); mas podemos também *desmanchar* um aparelho, e até uma casa, conservando-lhes as peças para armá-las de novo. **Derruir** (ou **deruir**) é "pôr abaixo abalando, destruir com fracasso". "*Derruíram* em poucas horas as muralhas do forte". – **Arruinar** é "estragar e reduzir a ruínas". "*Arruinaram* depressa todo um quarteirão da cidade". – **Estragar** é "desfazer, ou mesmo destruir assolando". "O bombardeio *estragou* enormemente a cidade". – **Desmantelar** é, em geral, "desguarnecer um objeto daquilo que o protege ou que lhe é essencial; e em sentido mais restrito é estragar, demolir as fortificações de uma praça, ou os muros ou paredes de um edifício". *Desmantela-se* uma fortaleza arruinando-lhe as muralhas; *desmantela-se* um exército desfazendo-lhe a parte mais forte, dividindo-o, privando-o de unidade de comando e de ação; *desmantela-se* uma corporação que se desagrega e fica sem ter quem a dirija e represente. – **Derrocar** (ou **derocar**) é "**derribar** com estrondo, **demolir** grandes moles (rochedos, montanhas, construções)". *Derrocam-se* muralhas, como – figuradamente – se *derrocam* grandezas, instituições, etc. – **Aniquilar** é "destruir reduzindo a nada". "Com tais erros *aniquila-se* a obra de muitas gerações". "Carregando impetuosos, *aniquilaram* num momento o inimigo".

29

ABATER, **descontar**, **minuir**, **deminuir**, **deduzir**, **subtrair**. – **Abater**, neste grupo, significa "deduzir de uma certa importância uma outra que se combinou não fosse paga": *Abateu* 20 0/0 nas compras que fiz"; "É preciso *abater* do ordenado do mês o que corresponde aos dias da licença". – **Descontar** é propriamente "deduzir de uma conta", ou "deixar de meter em conta"; e por extensão: "abater de uma quantia uma outra que já foi paga ou que não deve ser paga". "Que da soma maior do dote se *descontaria* todo o oiro, prata e joias que a infanta consigo levasse" (Fr. L. de Souza). "*Descontam-se* letras e outros papéis de crédito". "Os títulos, ou as cédulas do tesouro a recolher já sofrem *desconto*" (e não *abatimento*). – **Minuir** é "fazer menor"; e **deminuir** (ou **diminuir**) é "fazer menor uma quantidade tirando dela uma outra quantidade". **Minuir** é, portanto, quase o mesmo que "minguar ou fazer minguar". "Vai o tempo inexorável *minuindo* aquela robustez". "Do total a que chegou suponho que é preciso *deminuir* alguma coisa". **Deduzir** dá "ideia genérica de abater, de tirar uma coisa da outra, quer se trate de quantias, quer de quantidades em geral". "*Deduzam* da nossa dívida a importância dos serviços que temos prestado". "Já *deduziu* da nota as parcelas que estavam marcadas"? – **Subtrair** é, aqui, o mesmo que **deminuir**, consistindo apenas a diferença entre os dois em "poder **subtrair** aplicar-se somente a números".

30

ABATIMENTO, **depressão**, **languidez**, **desfalecimento**, **desmaio**, **esmorecimento**, **esvaecimento**, **esvaimento**, **acabrunhamento**, **acobardamento**, **definhamento**,

debilitação, **enfraquecimento**, **prostração**, **desalento**, **alquebramento**, **desânimo**, **desesperação** (**desesperança** e **desespero**), **delíquio**. – Segundo Bruns. – "**Abatimento** e **prostração** dizem-se do corpo e do espírito; **desalento**, **desânimo** e **desesperação** dizem-se só do espírito". – **Abatimento** é o "estado em que fica uma pessoa por efeito de grande dor ou choque (se é moral) ou de doença grave ou prolongado sofrimento físico". – **Depressão** é o "abaixamento de forças produzindo abatimento do corpo e do espírito". – **Languidez** é o "estado de fraqueza, tédio e abandono em que fica um doente". – **Desfalecimento** é a "perda de forças e de coragem". – **Desmaio** será um "desfalecimento súbito", perda de lucidez "em consequência de desfalecimento". – **Esmorecimento** é quase **desmaio**; mas é mais lento e extenso. Pode-se *esmorecer* subitamente; mas decerto que se não dirá: – "*desmaiou* subitamente", pois a ideia de subitaneidade já está contida em **desmaiar**. – **Esvaecimento** será um **desmaio** "muito subtil, um quase esmorecimento muito rápido, instantâneo". "Não foi propriamente *desmaio* o que ela teve, mas um simples *esvaecimento*". – **Esvaimento** (do mesmo rad. *vanescere*) é o desfalecimento produzido por exaustão (e tanto no sentido moral como no físico). "Daqueles sessenta anos de *esvaimento*, levanta-se Portugal como por um prodígio"... – **Acabrunhamento** é o "estado de fadiga, opressão, tristeza, desânimo, produzido por dores físicas ou morais, por trabalhos, doenças ou miséria". "Só a morte porá termo a todo aquele *acabrunhamento*". – **Acobardamento** é a "depressão de ânimo, produzida por medo, por falta de coragem para arrostar um embaraço, ou vencer um mal ou um sofrimento". – **Definhamento**, **debilitação** e **enfraquecimento** "exprimem também diminuição de forças (tanto tratando-se do corpo como do espírito)". O organismo que se extenua por trabalho, ou por doença ou desgosto, *definha*; o que se imobiliza ou não tem regra na vida, *debilita-se*; o que não se nutre convenientemente *enfraquece*. Análogas aplicações no sentido moral: a saudade, o amor, o remorso, etc., podem produzir *definhamento* em almas extremamente sensíveis; "não há esperança, coragem, fortaleza moral, que não esteja sujeita a profundas *debilitações* em certas crises..."; uma consequência necessária da crápula é o "*enfraquecimento* do espírito". – **Prostração** diz mais que os três precedentes: é o "extremo abatimento, em que se fica sem ação, entregue inteiramente à dor, ao cansaço ou à fraqueza". – **Desalento** é a falta de forças (físicas ou morais, principalmente morais) produzida por trabalhos, desilusões, etc. – **Alquebramento** é "diminuição, quebra de forças ou de ânimo": "Os meus *alquebramentos* não vão até o extremo de *desalentar-me* para a vida"; "A doença *alquebrou-a*; mas não chegou a feri-la de *desalento* para as coisas de arte". – **Desânimo** e **desesperação**, sim – só se dizem (como no entender de Bruns.) do espírito: **desanimar** e **desesperar** marcam fenômenos da vida subjetiva. *Desanima* aquele que "deixa de sentir a indispensável coragem para vencer um embaraço, superar algum contratempo, ou sofrer alguma coisa". Quanto a **desânimo** e **desalento** diz Bruns. que "podem confundir-se: ambos significam falta de ânimo, de coragem, de energia"; o **desalento**, porém, refere-se melhor à perda da esperança, e o **desânimo** à perda da coragem. O **desânimo** pode ser originado pela pusilanimidade: o **desalento** funda-se na experiência. "É o *desânimo* que nos arreda de encetarmos a empresa: é o *desalento* que nos induz a não continuar o que não nos deu os resultados que esperávamos obter". **Desesperação** é "o auge do desalento" – diz ainda Bruns. *Desespera* aquele que "perde de todo a coragem e a esperança".

É preciso distinguir as três formas – **desesperação**, **desesperança** e **desespero**. **Desesperança** é apenas a falta, a privação de toda esperança. **Desespero** significa mais a raiva, o desvario de quem se desengana de alguma coisa. **Desesperação** é a aflição, a angústia em que fica quem perdeu a esperança. "A *desesperança* de quem viveu sem pensar no destino pode chegar à *desesperação* de morte horrível, atormentada de todos os *desesperos* do precito". – **Delíquio** aproxima-se de **desmaio** e de **esvaimento**: é o estado em que fica uma pessoa que desfalece "como se se dissolvesse". "Não há fortes que não tenham seus *delíquios* na vida".

31

ABDICAR, **renunciar**, **demitir-se**, **exonerar-se**, **desobrigar-se**, **rejeitar**, **recusar**, **resignar**, **desistir**, **largar**, **abandonar**, **ceder**. – **Abdicar** é "renunciar, em favor ou proveito de alguém, alguma dignidade ou alto cargo", "tirar de si por vontade ou a contragosto", "despojar-se de alguma honra ou algum proveito antes de tempo". "*Abdica* o rei o seu trono em favor de outrem." – **Renunciar** é "depor voluntariamente", ou "não querer coisa a que se tem direito, ou em cuja posse se estava legitimamente". "*Renunciam-se* (e não – *abdicam-se*) riquezas". "*Renunciai* instintos ignóbeis" (Mont'Alverne). – **Demitir-se** é "deixar de permanecer no cargo, no posto". "Como não lhe atenderam aos reclamos, *demitiu-se* ele próprio daquelas funções". – **Exonerar-se** é também **demitir-se**, mas sugere a ideia de que se "alivia de peso, ou encargo ou tarefa pesada, o que se **exonera**". Quem se *demite* põe-se fora do lugar em que estava: quem se *exonera* liberta-se de um trabalho, ou de um cargo que não mais lhe convinha ocupar. – **Desobrigar-se** é "isentar-se da responsabilidade, desistir da obrigação que se tomara, livrar-se ou exonerar-se de um dever". "Vou *desobrigar-me* contigo da promessa que fiz". "Ele se *desobrigaria* do pacto se nós o maltratássemos". "O pobre está *desobrigado* de dar esmolas". "*Desobrigou-se* facilmente da grande missão". – **Rejeitar** é propriamente "lançar de si com veemência ou ímpeto". *Rejeita-se* uma proposta desonesta, uma ignomínia; como se *rejeita* uma coroa... mesmo de loiros". Quem *rejeita* não está de posse ainda da coisa *rejeitada*. – O mesmo deve acontecer a quem *recusa*. **Recusar** diz menos que **rejeitar**: é "deixar de receber, de permitir, de aceitar". "Como é que se *recusa* entrada a um moço daquela ordem?" "Ele *recusou* tão bom emprego". – **Resignar** é íntimo convizinho de **renunciar** e de **abdicar**; devendo notar-se que é sempre voluntariamente que se *resigna*; que aquele que *renuncia* pode ser a isso forçado, igualmente como aquele que *abdica*; mas quem *resigna* entende-se que mais propriamente *renuncia* do que *abdica*, pois quem *abdica* ainda usa do seu direito de passar a outrem a dignidade *abdicada*, e, no entanto, quem *renuncia* (como quem *resigna*) despoja-se do cargo ou da coisa *renunciada*, esquecendo-a, ou sem nada mais ter que ver com a sorte dela. – **Desistir de...** é "abrir mão de...", "deixar o que se tinha começado, ou a função em que se estava". *Desiste-se* de um emprego; *desiste-se* de um pleito, ou de um intento. – **Largar** e **abandonar** significam "deixar, pôr de lado alguma coisa, ou algum cargo". Mas, quem *larga* como que "deixa fugir ou escapar a coisa *largada*"; quem *abandona* "como que foge ou se afasta da coisa *abandonada*". Pode-se *largar* e *abandonar*; mas certamente não se pode *abandonar* e *largar*; ou não se pode dizer que se *larga* depois de haver *abandonado*. "F. *largou* o ofício de órfãs" (deixou-o livre, ou vago). "O príncipe abandonou a sua causa". – **Ceder** é (como diz Aul.) "desistir de alguma coisa em favor", ou em proveito de alguém; é "**abdicar** em sentido amplo e geral". "Esaú *cedeu* a Jacob o seu direito de primogenitura".

32

ABDÔMEN, **ventre**, **entranha**, **barriga**, **pança**, **pandulho**, **bojo**. – **Abdômen** (diz Bruns.) "é o nome científico da cavidade que encerra os intestinos do homem; extensivamente diz-se do vulto que essa cavidade apresenta exteriormente". – **Ventre** é também **abdômen**; mas, em vez da de volume, "sugere ideia de fecundidade, de atividade funcional". – **Entranha** (ou **entranhas**) diz também **ventre**, mas acrescentando-lhe ideia de "íntimo, profundo, sensível..." – **Barriga**, **pandulho**, **pança** são plebeísmos a que se dá sentido semelhante ao de **abdômen**; isto é – "sugerem ideia de ventre volumoso". Distinguem-se de **abdômen** e de **ventre** por significarem mais particularmente o estômago, a parte para onde vai o alimento quando é ingerido. Dizemos vulgarmente: "encheu a *barriga*, a *pança* ou o *pandulho*": não com a mesma propriedade – "encheu o *ventre*"; e nunca – "encheu o *abdômen*". – **Bojo** é termo genérico, significando "amplitude, grandeza de volume de forma arredondada"... "alargamento ou saliência" – diz Aul. – em forma convexa: "O *bojo* de um frasco, de uma parede, da vela de uma embarcação". "O *bojo* de um navio; de um barril; de um tronco de árvore, etc.". Daí *bojo* com aplicação ao volume desabalado do abdômen.

33

ABENÇOAR, **bendizer**, **benzer**, **louvar**; **bendito**, **abençoado**, **bento**, **benção**, **benzimento**. – Do verbo latino *benedicere* formaram-se – diz Roq. – três verbos portugueses (**bendizer**, **benzer**, **abençoar**) que, posto que concordem na ideia principal, têm entre si alguma diferença. O primeiro, **bendizer**, significa propriamente "dizer bem, louvar, exalçar". O segundo, **abençoar** (ou **abendiçoar**), significa "deitar a benção, ou benções". O terceiro, **benzer**, significa "lançar benções acompanhando-as de preces e ritos apropriados à coisa que se **benze**. **Bendizer** e **abençoar** confundem-se muitas vezes na significação extensiva de "desejar, pedir bens e prosperidades para alguém". **Benzer** não é hoje usado senão para indicar as benções eclesiásticas ou supersticiosas. "O justo *bendiz* (ou *louva*) ao Senhor tanto na prosperidade como na desgraça". "Os pais *abençoam* os filhos para que sejam felizes". "Os sacerdotes *benzem* tudo que é consagrado ao culto divino"; e também "abençoam a assistência ao fim da missa". O que se diz de **bendizer** aplica-se a **louvar**; com esta diferença: **louvar** se diz em relação a Deus, a santos e a homens; **bendizer** pode referir-se também a coisas. *Bendizemos* a hora, o instante em que nos vem alguma felicidade; e não – *louvamos*; porque **louvar** é mais "fazer elogios" do que "dizer bem e dar graças". Esta diferença – diz Roq. – (entre **bendizer**, **benzer** e **abençoar**) torna-se mais sensível nos particípios destes verbos. – **Bendito** ou **abençoado** se diz para designar a proteção particular de Deus sobre uma pessoa, uma família, uma nação, etc. Nossa Senhora é *bendita* entre todas as mulheres. Todas as nações foram *abençoadas* em Jesus Cristo. – **Bento** designa a benção da Igreja, dada pelo sacerdote com as cerimônias do costume. Pão *bento*, água *benta*, etc. – Vê-se, pois, que **bendito**, e às vezes **abençoado**, se pode dizer no sentido moral e de louvores, e **bento** no sentido legal e de consagração. "As bandeiras militares, *bentas* com grande pompa na Igreja, nem sempre são *abençoadas* do Céu nos campos de batalha". – Também se sente a distinção nos derivados **benção** e **benzimento** (ou **benzedura**). **Benção** é tanto o ato de **abençoar** como de **benzer**. Dizemos – a *benção* do pão, como dizemos – a *benção* dos pais. **Benzimento** é também ato de **benzer**, não já de **abençoar**; e mesmo como significando "ato de **benzer**, já não

se pode mais aplicar a cerimônias de culto, nem mesmo nos casos em que se aplica o verbo **benzer**. O sacerdote *benze* o fogo, a água, o óleo; mas a *benzimento* do fogo preferimos dizer – a *benção* do fogo. **Benzimento** ou **benzedura** ficou tendo aplicação quase exclusiva a "coisas de cabala, a gestos ou figurações de supersticiosos".

34

ABERTURA, **greta**, **racha**, **resquício**, **fresta**, **fenda**, **fisga**, **rotura**, **buraco**, **orifício**, **aberta**, **furo**, **rombo**, **frincha**, **interstício**, **vão**. – Quanto a **greta**, **abertura** e **resquício**, escreve Roq.: "A diferença que existe entre a significação destas três palavras é bem fácil de notar. A primeira, **greta**, é uma rotura natural, própria de dilatação ou contração dos corpos sólidos, ou dos efeitos do calórico. A segunda, **abertura**, é uma racha aberta de propósito com instrumento cortante. A terceira, **resquício**, é, rigorosamente falando, a abertura que há entre o quício e a porta; e por extensão qualquer fenda por onde penetra a custo a luz. A *greta* e o *resquício* são naturais; a *abertura* é artificial". – **Racha** é a "abertura por efeito de rotura" (Aul.), é "o espaço que fica entre duas partes de um corpo que se separam". – **Fresta**, **fenda**, **fisga** são muito semelhantes pela ideia comum, que sugerem, de abertura longa e fina, ou estreita: devendo notar-se: que **fresta** é das três a que exprime abertura menos estreita; e **fenda** é exatamente o contrário – enuncia apenas a ideia de que se não acham unidas ou apertadas as duas partes de um corpo que se disgregam. Diremos: "Por uma *fresta* da porta mal fechada vi-a passar" (e não: por uma *fenda*). "As *fendas* que o sol fez no muro" (e não as *frestas*). **Fisga** é quase o mesmo que **fresta**: apenas **fisga** dá ideia de abertura feita por um corte ou rasgão. "Eu, que mirava tudo, mas com a cabeça coberta, por uma *fisga* de roupa" (Herc.). – **Rotura** é a "aberta deixada por um rompimento". – **Buraco** é "abertura, ordinariamente circular", e não dá ideia de proporções: tanto é *buraco* um rombo enorme feito através de uma montanha como é *buraco* o furo feito por uma bala através de uma parede. – Se o buraco é muito fino, passa a ser **orifício**. – **Aberta** é o mesmo que abertura; cumprindo observar, no entanto, que **abertura** sugere ideia de que a racha foi "feita de propósito" (como nota Roq.): o que, pelo menos, nem sempre se dá em relação a **aberta**, pois esta enuncia apenas o "claro de greta grande, o espaço livre entre duas ou mais partes de uma coisa". – **Furo** e **rombo** designam "buraco, rotura feita com mais ou menos violência; principalmente **rombo**. Este dá ideia ainda de rotura de grandes proporções. "As bombardas fizeram *rombos* enormes na muralha, ou no costado do navio". Poder-se-ia dizer igualmente sem grande impropriedade: "... fizeram enormes *furos*..." **Rombo**, no entanto, além de grande força onomatopeica, dá mais ideia de violência e de grandeza. – **Frincha** "dá ideia de fenda, falha, claro" e vagamente: "*Frinchas* da renda"; "*frinchas* da madeira". – **Interstício** é propriamente "o que fica entre duas coisas". – **Vão** é "todo o vazio ou espaço aberto num corpo". "Pelo *vão* de uma janela"; "por um *vão* da floresta, ou da montanha."

35

ABELHUDO, **entremetido**, **metediço**, **intrometido**, **introduzido**, **oferecido**, **intruso**, **ingerido**, **intrujão**, **taralhão**. – **Abelhudo** é aquele que vive (como a abelha num jardim) "metendo-se em toda parte, mas para ouvir o que se diz, saber de tudo que se faz, discutindo negócios alheios, tomando atitude em questões que lhe não pertencem". – **Entremetido** é, não propriamente abelhudo, mas o que "se mete com certa audácia naquilo que lhe não compete". Nem sempre, por

isso, o *entremetido* é *abelhudo*: só a inversa é que é menos exata. – **Intrometido** é o mesmo que **entremetido.** – **Metediço** é como se se dissesse **oferecido**: é o que "vai ou se mete em toda parte mesmo sem ser chamado". Distingue-se de **oferecido** porque dá mais ideia de atrevimento e desaso; enquanto que **oferecido** diz também alguma coisa de dissimulado, velhaco, ou pelo menos tendo algum interesse, ou fim oculto em meter-se onde não foi convidado a ir. O *metediço* irrita; o *oferecido* aborrece. Repulsa-se o *metediço*; desconfia-se do *oferecido*. – **Introduzido** é mais que **oferecido**, e até que **metediço**: é o que "entra onde não deve entrar, e com mais atrevimento que desaso". – **Intruso** é o que "se põe nalgum lugar alheio, e portanto contra o direito". – **Ingerido** (que se confunde bem com **inserido** ou **enxerido**) é o que "intervém em questões ou negócios pretendendo resolver ou adiantar o que é de competência alheia". – **Intrujão** é ao mesmo tempo **metediço** e **abelhudo**, e mais ainda: é o "tipo manhoso e importuno que persegue com lábias, engana, explora, desfruta, valendo-se de astúcias e perfídias". De toda a família é o mais forte; ao passo que **taralhão** parece o mais inofensivo. A propósito de **taralhão**, escreve João Ribeiro na última série das suas *Frases feitas*: "Atribui-se o ditado "Nunca o vi mais gordo" ao imprudente que, com ridiculez, se entremete onde não é chamado, afetando graça, familiaridade ou importância. Creio que por elipse se tirou da outra frase muito comum: "meter-se a *taralhão*"; porque chamam de *taralhão* à pessoa gorda, e os taralhões são pardais que engordam muito. Assim, Bluteau já havia, a propósito de *taralhão*, notado que o termo se toma metaforicamente por *gordo*, e "em frase chula quer dizer – aquele que tem um modo de tratar com termos, ou jocosos ou sérios, naturais ou afetados que o fazem ridículo; e a este trato ou modo de falar, conversar ou obrar, lhe chamam *taralhice*. "*Taralhão* é o que se entremete onde o não chamam" (Bento Antonio). E uma vez que *taralhão* e *gordo* se equivalem, e o epíteto se aplica a pessoas afetadas, intrusas e ridículas, suponho que o sentido passou de um ditado ao outro. "O **entremetido** parece sempre demasiado **gordo**".

36

ABERTO, **amplo**, **largo**, **espaçoso**, **vasto**, **extenso**, **desenvolvido**, **dilatado**, **explanado**, **lato**, **estirado.** – **Aberto** é talvez o mais genérico do grupo, e de significação mais vaga. Diz – "o que está desimpedido, livre de obstáculos; e em certos casos sugere ideia de amplitude: "Horizontes *abertos*"; "campina *dilatada* e *aberta*." – **Amplo** ajunta à noção de **dilatado** a ideia de "vasto contorno, de grande circunferência". (Aul.) "Com grandes poderes e *ampla* jurisdição" (Dic. da Acad.). "O assunto é muito *amplo* para ser tratado em meia hora". – **Largo** é o que "só tem grande a largura": muito menos, portanto, diz que **amplo**, que abrange todas as dimensões. **Largo** não se poderia também, com muita propriedade, aplicar (como acontece em relação a **amplo**) em certos sentidos morais: não diríamos, por exemplo: *larga* jurisdição, *larga* liberdade, *largo* direito. O antônimo de **largo** é **estreito**; o de **amplo** é **exíguo** (ou **constrito**). – **Espaçoso** é "o que compreende relativamente grande porção de espaço"; é o que é amplo – largo e comprido – extenso. "Casa *espaçosa*". Diz Bruns. que "uma sala é *espaçosa* quando, contendo muita mobília, ainda nela há muito espaço desocupado; é *ampla* quando nela folga tudo o que contém; é *vasta* quando as suas dimensões são extraordinárias". – **Vasto** é mais do que **amplo** e **espaçoso**, portanto; e em sentido lato dá ideia de "tão desmedido e aberto como se fora feito por arrasamento e assolação". "*Vasta* campanha;

vasto país; *vasto* mar". – **Extenso** diz menos que **amplo**; e na acepção usual referem-se mais ao comprimento do que à largura, fazendo-se mais convizinho de **longo**, **dilatado**, **estirado**. – Mas, **longo** exprime ainda mais particularmente a ideia de comprimento. Diríamos indiferentemente *longo* ou *extenso* caminho; nem com tanta propriedade, ou pelo menos nem sempre – campo *longo*. Camões disse: "Esperando com olhos *longos* o marido ausente". Não diria decerto: "... com olhos *extensos*..." – **Desenvolvido** refere-se a uma grandeza que tomou proporções notáveis: "O menino está *desenvolvido*". "*Desenvolvido* demais foi o discurso". "Estão bem *desenvolvidos* os serviços da construção". – **Dilatado** diz juntamente o que "é longo, extenso, amplo, vasto, aberto". "*Dilatada* campina; *dilatados* domínios; *dilatados* tempos". – **Explanado**, no sentido próprio, diz "extenso, igual, plano, aberto". "Chegamos ali, a uma parte do continente *explanada* como imensa campanha a perder de vista". – **Lato** é quase o mesmo que **amplo**; sugere, no entanto, além da ideia de amplitude propriamente, a "de largura, de extensão, ou (como em semântica) de sentido ilimitado". "Percorremos as formosas e *latas* veredas daquela região"... "Este vocábulo, na acepção *lata*, diz mais, ou diz menos do que *largo*". – **Estirado** quer dizer "estendido, extenso, mais desenvolvido que o normal". "Não pudemos aguentar toda aquela *estirada* arenga"...

37

A BEL-PRAZER, **à vontade**, **a gosto**, **à larga**, **largamente**, **desafogadamente**, **à farta**, **folgadamente**, **à saciedade**, **regaladamente**, **à regalona**. – **A bel-prazer** significa "segundo a própria satisfação". – **À vontade** quer dizer "como quiser ou desejar". **A gosto** exprime "sem constranger-se", "conforme é do nosso agrado". **À larga** diz "em plena liberdade", "sem medir gastos", "sem regular cuidados", "sem obedecer a escrúpulos". É de mais força que **largamente**, pois esta forma equivale apenas a "de modo amplo"; enquanto que **à larga** sugere ideia de "incontinência, desregramento". Ninguém confundirá, portanto, estas duas frases: "Falou *largamente* contra o governo". "Falou *à larga* contra o governo". – **Desafogadamente** enuncia a ideia de "sem nenhum embaraço ou premura, livremente, sem preocupações". – **À farta** equivale a "com fartura"; e aproxima-se de **à saciedade**, que é o mesmo que "até ficar satisfeito", "até mais não desejar ou não querer". – **Folgadamente** corresponde a "com largueza" (Aul.), "sem apertos ou empecilhos". – **Regaladamente** diz mais do que "em abundância", ou "com fartura": acrescenta a isso a ideia de "com alegria e voluptuosidade de sibarita". – **À regalona** diz ainda mais que **regaladamente**: significa "de maneira ostentosa, à grande". – "Estamos em nossa casa *a bel-prazer*; deixa-se a criança brincar *à vontade*; fica-se *a gosto* onde não há cerimônia; vive-se *à larga* quando se gasta desregradamente; vive-se *desafogadamente* quando se vive sem ânsias ou preocupações; vive-se *à farta* se se não tem necessidade de calcular muito as despesas, ou se se tem com fartura o que é necessário; e *à saciedade* se goza um prazer se não se deseja mais. Estamos *folgadamente* onde nada nos aperta ou oprime. Passamos *regaladamente* "quando passamos como... príncipes". Trata-se *à regalona* quem se trata como grão-senhor, ou como senhora rica "que cuida mais da mesa que da fama"...

38

ABERRAÇÃO, **absurdo**, **desrazão**, **contrassenso**, **destampatório**, **despropósito**, **extravagância**, **destempero**, **desatino**, **disparate**, **desconcerto**, **desvairo**, **despautério**, **desconchavo**; **erro**, **error**, **falta**, **claudica-**

ção, **engano**, **descuido**, **equívoco**, **lapso**; **desacerto**, **desvio**, **descaminho**, **descaída**, **queda**, **deslize**, **patada**, **cinca**. – **Aberração**[3] significa propriamente o "ato de sair do caminho direito (**aberrar**), perder-se no caminho"; por extensão, aplicado a fatos de psicologia, quer dizer "o erro que comete quem se desvia das leis do espírito, ou dos princípios da lógica. Toma, portanto, uma acepção que o aproxima de **absurdo**, pois este vocábulo enuncia "o que é contrário ao senso comum", aquilo que está "em colisão com a consciência". "Este homem tem perpetrado tais *absurdos,* ou cometido estas *aberrações*"... Mas entre **absurdo** e **aberração** deve notar-se pelo menos esta diferença facilmente perceptível: **absurdo** é termo genérico e que, em certos casos, poderia confundir-se com **abuso**: designa simples infração de raciocínio. O que é *absurdo* ao sentir ou ver de uns pode deixar de o ser ao de outros. **Aberração**, além de mais preciso, é mais forte, e só se deve aplicar a deformidades e a erros extraordinários. Decerto que tratando de Lutero não diria o padre católico: "os *absurdos*"; mas; "as *aberrações* do demônio"... Revendo um tema, não diria o professor ao aluno: "Disseste, ou cometeste *aberrações*"; mas: "Disseste *absurdos*"... Dizemos também: "as *aberrações* do espírito humano"; e não: "os *absurdos*", etc.; porque **absurdo** é o fato "em si mesmo, determinado, flagrante, concreto", ao passo que **aberração** enuncia a ideia geral de **aberrar**, verbo de predicação muito mais vaga. – **Desrazão** significa propriamente "contra a razão", "contrário ao que é razoável". – **Contrassenso** é o mesmo que "contrário ao senso comum, ao modo de ver de todo mundo". **Desrazão** e **contrassenso** são casos particulares de **absurdo**; são erros de certa ordem, uns percebidos quando colidem com o entendimento (**desrazões**), outros percebidos ainda mais prontamente, como se apenas o bom senso, ou mesmo os sentidos materiais bastassem para senti-los (**contrassensos**). – **Destampatório** é "extravagância ou despropósito descomunal". – **Despropósito** é "dito ou ação fora de propósito, ou em desacordo com aquilo de que se trata". – **Extravagância** é "tudo o que se desvia das normas usuais do bom senso e da boa razão" (Aul.). – **Destempero** é extravagância "mais estrondosa e deplorável". "F. comete às vezes umas tantas *extravagâncias*, mas nunca chegou a tais *destemperos*". – **Desatino** é "falta de tino, de aprumo, de equilíbrio mental", é **destempero** que chega a parecer excesso de doido. – **Disparate** é **desatino** que tem "mais de graça que propriamente de doidice"; é o que não está "no mesmo tom, que não se ajusta à ordem de ideias ou de fatos que se seguia". – **Desvairo** (ou **desvaire**) será o desatino "leve e sem a graça do disparate". – **Desconcerto** é "disparate sem espírito, transviamento da linha em que se ia, confusão produzida por desvio do normal". – **Despautério** é forma popular de **disparate**, e diz "absurdo, despropósito que não vale a pena de combater ou destruir". – **Desconchavo** é também o que "desgarra das normas, ou do que se dizia, ou do que se tinha assentado". – **Erro** é "tudo o que não se concilia com a razão, ou melhor com a consciência vigente; devendo considerar-se que parece inseparável da ideia de culpa; e por isso aproxima-se muito de **falta**, conquanto seja este menos forte nesta acepção. "Simples *faltas* que nem se podem ter por *erros*..." – **Error** é, além de forma erudita, "uma extensão de **erro**"; é como se dissséssemos, principalmente no plural, persistência ou "reincidência numa série de **erros**", e mais: "erros de entendimento ou de juízo que de

3 Diz Laf. – Intr. LXXIX – que aberração era um termo de astronomia somente antes do começo do século XIX.

conduta". **Claudicação** é propriamente o "ato de coxear"; e no sentido figurado designa o "ato de cometer erros por defeito de espírito, ou por falta de noção exata do dever". – **Engano** será o "erro ou a falta cometida sem culpa, mais por ilusão do que em consciência, e sempre sem as proporções e a gravidade que tem o **erro** propriamente". – **Descuido** é o "engano cometido por falta de atenção". – **Equívoco** é menos que **descuido**: é o **engano** "cometido contra a vontade ou intenção de quem o comete". – **Lapso** é quase **equívoco**: é **engano** devido mais à falta de memória que a desmazelo ou ignorância. Exemplo: "Repetem-se os *lapsos*; já ele não sabia explicar tão frequentes *equívocos*; depois, não tiveram mais desculpa os muitos *enganos*; e por fim, estes, que podiam passar como apenas *claudicações* censuráveis, viram todos como *erros* que logo tomaram o caráter de verdadeiros crimes". – **Desacerto** é "erro ou falta cometida por irreflexão ou inadvertência". (Aul.) – **Desvio** e **descaminho** quase que se equivalem; notando-se, porém, que **descaminho** é o "fato de tomar caminho errado, ou de perder o caminho certo ou direito"; e **desvio** é o "ato de mudar de rumo, ou da direção em que se ia ou que tinha de ser seguida." Podem, em certos casos, aplicar-se a erros de entendimento; mas, em regra, assentam mais propriamente a faltas de senso prático. – **Descaída**, **queda**, **deslize** equivalem quase a claudicações: **queda** sugere de mais a ideia de culpa ou de pecado; **descaída** é mais "**deslize** ou **lapso** que propriamente **queda**", aumentando àqueles a ideia "de ingenuidade ou inconsciência". **Deslize** é "ligeiro desvio da linha, do reto caminho". "Os seus *deslizes* nem são *descaídas* quanto mais *quedas*". – **Patada** é plebeísmo que significa "despropósito grosseiro, erro brutal; e inclui ideia de asneira agressiva". – **Cinca** (ou **cincada**) é "erro de ofício", ou "falta cometida por imperícia".

39

ABESTALHADO, **aparvalhado, abobado, abobalhado, apalermado, apatetado, atoleimado, apapalvado, alorpado, acamelado, apataratado, apalhaçado, abasbacado, ajogralado, aburrado, apalonçado, abasbanado, amatutado, acaipirado, aparvoado, embotado, enfatuado, aboçalado, amatungado, pasmado, besta, burro, burrego, aburregado, parvo, bobo, palerma, pateta, tolo, estólido, papalvo, lorpa, camelo, palúrdio, patarata, lerdo, lerdaço, palhaço, basbaque, palonço, jogral, pascácio, pacóvio, papa-moscas, boca-aberta, tabaréu, caipira, basbana, matuto, bolônio, mentecapto, sandeu, doidivanas, beócio, estupidarrão, toleirão, parvoeirão, parvajola, truão, bufão, chocarreiro, maninelo, parvoinho, simples, simplório, bestiaga, bobório, camelório, boto, pato, patau, patocho, patego, pataroco, fátuo, estulto, tapado, obtuso, bronco, rombo, rude, boçal, estúpido, néscio, idiota, imbecil, alvar, ingênuo, ignaro, ignorante, ignorantão, quadrúpede, asno, asneirão, asinino, maturrão, jumento, charro.** – Todos estes vocábulos exprimem de comum a ideia de "falta de inteligência, de vivacidade, de expediente na vida, de graça para agradar, de espírito para agir". Quanto a alguns do grupo há uma observação a fazer, aplicável a cada um desses e o respetivo derivado, e que se refere à diferença notável marcada pela derivação, não devendo entender-se que este (o derivado) seja sempre, como poderia parecer, apenas uma extensa e atenuada do seu radical. Vejamos: **Besta** é tropo conhecido que designa o indivíduo em que aparentemente se denuncia uma indigência de entendimento e uma índole obstinada semelhantes ao que parece ter o quadrúpede desse nome: **abestalhado**, no entanto, significa "que se mostra **besta**, ou que tem ares de **besta**". Quer isto dizer que mesmo um indivíduo muito inteligente

pode ser **abestalhado** (isto é – ter modos e ares de **besta**). O mesmo deve entender-se quanto aos outros do grupo que dão derivados. Notemos ainda que entre **abobado** e **abobalhado** é preciso fazer uma ligeira distinção: o primeiro quer dizer que parece **bobo**, que tem ares de **bobo**; e o segundo, **abobalhado** = "que se faz de **bobo**". Parece dar-se o contrário com **aparvoado** ("feito parvo, meio parvo") e **aparvalhado** ("semelhante a parvo, com jeito de parvo"). – **Besta**, além de **abestalhado**, dá **bestiaga**, que significa "estúpido e sem préstimo ou valor algum". – **Parvo** quer dizer "pequeno de espírito, curto de compreensão como criança, e revelando isso por inépcias, modos e gestos de quase idiota. – **Parvoinho** é simples diminutivo de parvo. Temos ainda: **parvoeirão** (aum.) = "grande parvo"; e **parvajola** = "que, por fazer-se engraçado, se ostenta parvo, ou melhor, parvoinho" (pois **parvajola** é também forma diminutiva). – **Bobo**, como se sabe, era, na Idade Média, o jogral de corte; e por analogia significa o "indivíduo pobre de espírito que procura divertir os outros, mais com esgares, mímica espalhafatosa, disparates gaguejados a custo, graçolas charras, ou palavras deturpadas e sem nexo, do que propriamente com discursos ou ditos graciosos". Além de **abobado** e **abobalhado**, temos ainda **bobório**, muito usado pelo menos em grande parte do sul do Brasil, conquanto, como outros muitos do grupo, não figure nos léxicos. – **Bobório** quer dizer "bobo a afetar compostura de gente sensata". – **Palerma** é o indivíduo "quase idiota e que parece ter tanta incapacidade para pensar como para mover-se". Dá **apalermado** = "com ares de palerma". – **Pateta** designa indivíduo "desorientado e abobado". Dá **apatetado** = "com ares de pateta". Do mesmo radical temos ainda: **patau**, **patego**, **patocho**, **pataroco**, formas que pouco alteram a significação que tem aqui, por figura, a própria palavra **pato**, dando ideia do "indivíduo lorpa, que se deixa iludir, enganar, explorar facilmente". – **Patau** (que também poderia ser uma adaptação do francês *pataud*) sugere, além da ideia de parvoíce, a de grande inépcia". – **Patego** é como se dissesse "pequeno pato", "meio pato". – **Patocho**, diz C. de Fig., que é provincianismo algarvio, e que significa o mesmo que **patego**. – **Pataroco** é outro provincianismo algarvio, com idêntica significação, parecendo, aliás, uma forma diminutiva ainda mais acentuada de **pato**. – **Tolo** e **estólido** são formações do mesmo latino *stolidus*: a forma popular, que é a mais usada, equivale a "bobo insolente, ignorante que se mete a sabichão, maluco pretensioso". Dá **atoleimado** – "que se faz de tolo". – **Estólido**, que é forma erudita, diz melhor "o que não tem o discernimento, nem a compostura, a medida do bom senso comum", o que é "leviano com petulância". – **Papalvo** quer dizer "simplório, palerma, demasiado ingênuo, fácil de enganar". Dá **apapalvado** = "com jeito de papalvo". – **Lorpa** é o indivíduo "inepto, preguiçoso, incapaz de esforço físico ou mental". Temos ainda **alorpado** = "feito, ou parecendo lorpa". – **Camelo** (fig.) é o "indivíduo pesado, rude, lerdo no pensar e no agir". – **Camelório** diz "quase camelo", "que se faz de camelo". **Acamelado** = "com ares de camelo". – **Palúrdio** quer dizer "idiota, estouvado, estúpido, abrutalhado". – **Patarata** é "pessoa tola, afetada, pretensiosa, impostora, fútil". (Aul.), "tipo mais boçal e desfrutável que o bobo". Dá **apataratado** = "que se faz patarata", ou "que se assemelha a patarata". – **Lerdo** equivale a "pesado, lasso, mandrião, estúpido" – **Lerdaço** é aumentativo de **lerdo**. – **Palhaço** significa mais – "bobo, histrião por ofício do que propriamente idiota ou besta". – **Apalhaçado** = "que se faz palhaço". – **Basbaque** é convizi-

nho de **palerma**: é o "ingênuo que pasma de tudo, como pateta". – **Abasbacado** (ou **embasbacado**) = "que é ou se mostra como basbaque". – **Palonço** equivale a "tipo sem vida, rude, imbecil". – **Apalonçado** = à semelhança de palonço". – **Jogral** é o "bobo de praça", "maroto estúpido, desafrontado e chalaceiro". **Ajogralado** = dado a jogral. – **Pascácio** assemelha-se bem a "bobo, pasmado e imbecil". – **Pacóvio** é simplório da mesma família: "idiota e lorpa". – **Papa-moscas** está dizendo tudo por si mesmo: "tão inerte, tão massa-bruta que as moscas lhe entram na boca". É o mesmo que **boca-aberta**. – **Tabaréu** tem significação muito parecida com a do nosso **caipira**. O **tabaréu**, no entanto, é o sujeito que "não sabe ainda bem o seu ofício", que "se atrapalha com a tarefa por falta de aptidão", que "faz figura ridícula por inépcia": **caipira** é o "homem do mato, o mesmo **matuto**, sem prática da cidade, rombo e tolhido, desconfiado e escuso." Temos ainda: **acaipirado** = "com ares ou modos de caipira"; **amatutado** = "com ares de matuto". – **Basbana**, segundo C. de Fig., é provincianismo algarvio, significando "estólido, parvo, imbecil como basbaque". – **Abasbanado** = "parecendo basbana". – **Bolônio** é "indivíduo rústico e simples que se deixa enganar por todos" (Bruns.). – **Mentecapto** é o que "não tem siso", que é imbecil, idiota. – **Sandeu** (do esp. *sandio*) equivale a "tapado, burro abobado, tipo desavisado". – **Doidivanas** é o "indivíduo sem tino, atabalhoado, que fala, obra, vaga como doido; tonto, estraga-albardas". – **Beócio**, segundo a origem do vocábulo (designa habitante da Beócia, por um prejuízo dos atenienses tido como estúpido ou pouco inteligente), é aplicável ao indivíduo "inepto, curto de espírito, abobado". – **Estupidarrão** e **toleirão** são aumentativos de **estúpido** e **tolo**. – **Truão** é o "bobo vagabundo, que salta e canta por dinheiro". – **Bufão** é o "truão espalhafatoso, farsista; bobo que faz o seu papel com certo aparato". – **Chocarreiro** é o "bufão insolente, que diz mais chalaças do que salta". – **Maninelo** é o "bobo que se mete ridiculamente a gostar muito de mulheres" (corresponde ao nosso brasileirismo *coió*). – **Simples**, na acepção em que é aqui tomado, significa o mesmo que "ingênuo, sem disfarce, quase papalvo, de boa-fé excessiva, crédulo demais". – **Simplório** quer dizer – "despreocupado, desapercebido, meio bobo, sem malícia e sem espírito". – **Fátuo** é o "ignorante tolo e presumido". – **Enfatuado** (ou **infatuado**) é "o que se torna fátuo". – **Estulto** quer dizer "tolo, estouvado, extravagante, fora do papel que lhe cabe, quase impertinente". – **Tapado**, **obtuso**, **bronco**, **rombo** e **rude** têm uma sinonímia quase perfeita; convindo notar-se, no entanto, que **tapado** é aquele que parece ter o espírito "como que fechado para o mundo exterior". **Bronco** e **rombo** equivalem-se na significação de "estúpido, falto de inteligência": **bronco** é o que "não entende por defeito de faculdade aperceptiva"; **rombo** é o que "não tem capacidade de raciocínio". – **Obtuso** é o bronco "que se esforça" e "quebra a cabeça" inutilmente porque é "incapaz de compreender". – **Rude** significa mais "áspero, grosseiro, tosco do que propriamente bronco"; e, no entanto, é muito empregado com esta significação. Ainda assim, **rude** equivale a "de difícil compreensão por desmazelo, por falta de estímulo". – **Boçal** exprime "estúpido e bobo que repugna, ou que inspira asco ou aversão". – **Aboçalado** = "que tem aparências de boçal". – **Estúpido** diz propriamente "rude, bruto de senso, ou de inteligência pesada, de espírito entorpecido, que fica parado e em pasmo diante de coisas que não entende". – **Néscio** quer dizer "que nada sabe, ignorante, inepto". – **Idiota** e **imbecil** equivalem-se. O **idiota** é desequili-

brado, isto é, "não tem senso nem discernimento para distinguir coisas diferentes"; e **imbecil** é "quase idiota, é menos atabalhoado, mas é tão fraco de espírito". Tanto a idiotia como a imbecilidade podem ter como causa algum defeito orgânico do cérebro. – **Pasmado**, **alvar**, **ingênuo** aproximam-se. **Alvar** tem hoje, e neste grupo, sentido desfigurado do próprio, e diz "quase imbecil, de sinceridade, candura e boa-fé que tocam a parvoíce". **Ingênuo** é menos que **alvar**: significa "sem malícia como criança, e por isso mesmo incorrendo frequentemente em enganos e caindo em ridículo". **Pasmado** equivale a "falto de vivacidade, sem agudeza de senso". É quase o mesmo que **basbaque** e **palerma**: apenas o **palerma** "parece não ver"; o **basbaque** "não vê nem sente"; o **pasmado** tem o curto senso fixo num objeto, e "não vê, não ouve, nem sente mais nada". – **Ignaro** exprime – "inculto, bruto, inconsciente como o próprio instinto". – **Ignorante** diz apenas "que não tem instrução", "falto de cultura, pelo menos da cultura comum". Sobre estes dois sinônimos escreve Roq.: "Todo homem é mais ou menos *ignorante*". Qual é aquele que tudo sabe? Pois só aquele que tudo soubesse de alguma coisa *ignorante*. Toma-se, contudo, a palavra *ignorante* num sentido mais restrito, para designar a pessoa que não sabe o que devia saber, ou que ignora as coisas mais geralmente sabidas, ou que não tem a ciência necessária à profissão que exerce. **Ignaro** é "uma expressão pejorativa de *ignorante*, que sempre se toma em mau sentido, e designa o estado da mais crassa e vergonhosa ignorância: aplicada às pessoas é injuriosa, e diz-se com propriedade da plebe e povo rude, sem nenhuma cultura intelectual"... – **Ignorantão** é aumentativo de **ignorante**, e diz Bruns. que é "termo familiar que se aplica a um néscio que pretende impor-se como sábio". – E vem agora, completando esta família, toda a zoologia transfigurada: **quadrúpede**, **asno**, **asneirão**, **asinino**, **burro**, **burrego**, **jumento**, **matungo**, **amatungado**, **maturrão**. São todos termos chulos empregados para significar, por analogia, inópia intelectual, defeito de aptidão comparáveis à bruteza do asno ou do quadrúpede em geral. **Asneirão** e **asinino** são meras gradações de **asno**: significando **asneirão** "grande asno", e **asinino**, "semelhante a asno" ou "que faz de asno". **Jumento** (assim como **burro**) é o mesmo que **asno**; se bem que pareçam dizer, segundo a etimologia, principalmente jumento – "o burro de carga, o asno que é afeito ao jugo". De **burro**, temos: **aburrado** (ou **emburrado**) = que se obstina como **burro**"; e **burrego**, que equivale a "pequeno burro". – **Matungo** (brasileirismo do sul) no sentido que aqui tem, aplica-se ao sujeito esbodegado, lerdo e inepto, ou incapaz de esforço em coisas de espírito. **Maturrão** será um aumentativo de **matungo**; e **amatungado** = "feito matungo". – **Quadrúpede** designa "sujeito, além de inculto, abrutalhado". – **Charro** é "gordo, burro, grosseiro, alapuzado".

40

ABEIRAR-SE, **aproximar-se**, **apropinquar-se**, **chegar-se**, **achegar-se**, **conchegar-se**, **aconchegar-se**, **acostar-se**, **encostar-se**, **abordar**, **rentear**, **acercar-se**, **avizinhar-se**. – **Abeirar-se** diz propriamente "aproximar-se da beira", e, no sentido figurado, "chegar junto, ou ao lado de alguém". Tanto se diz: "*abeirou-se* do precipício"; como "*abeirou-se* do amigo". – **Aproximar-se** equivale a **apropinquar-se**, significando ambos "chegar perto"; parecendo que este último sugere "ideia de pressa, celeridade, decisão". Dir-se-ia: "*Aproximei-me* pouco a pouco, ou o mais possível..."; e não: "*Apropinquei-me*..." – **Chegar-se** e **achegar-se**, à primeira vista, parecem a mesma coisa. Mas já uma dife-

rença de sintaxe os distingue: **chegar-se** emprega-se só com a preposição *a*; enquanto que **achegar-se** pode ser empregado tanto com essa como com a preposição *de*, e mais lidimamente com esta. Não se confundem estas frases: "Ele *chegou-se* a nós" e "Ele *achegou-se* de nós". No primeiro exemplo, ele se aproxima de nós como para amparar-se, para pedir-nos socorro ou proteção. No segundo caso, ele apenas se pôs mais perto de nós. – **Conchegar-se** e **aconchegar-se** significam "aproximar-se reciprocamente (uma coisa ou pessoa da outra) de modo a ficarem unidas, em contacto, tanto para agasalhar-se ou confortar-se como para resistir a algum mal". Notemos que o prefixo *a* de *aconchegar-se* lhe aumenta uma ideia de ação imediata, flagrante, atual. Dizemos: "Eles *se aconchegaram*" querendo exprimir que duas ou mais pessoas, de propósito, com a mesma solicitude se juntaram, ou uniram: tanto não diz: "*conchegaram-se*"..., pois até à força podiam *conchegar-se*. "Queremos ou desejamos *aconchegar-nos* o mais possível"; e não: "*conchegar-nos*", pois este verbo não marca tão bem atividade e gradação como o outro. "*Concheguem-se* mais" não é, pelo menos, tão próprio como: "*Aconcheguem-se* mais". – **Acostar-se** e **encostar-se** enunciam ações diferentes, conquanto digam alguns lexicógrafos que se equivalem. **Acostar-se** é "juntar-se a alguma coisa pelas costas, ou pelas costelas, pelo lado"; **encostar-se** é "apoiar as costas a alguma coisa". Dizemos: "*Acostei-me* à parede" (isto é – "pus-me rente à parede") – o que é muito diferente de: "*Encostei-me* à parede" (isto é – "descansei o corpo apoiando-me na parede"). É preciso dizer: "*Acostamo-nos* à floresta ou à serra" (isto é – fomos até ficar muito junto à floresta ou à serra); e não: "*Encostamo-nos*". – **Abordar** é propriamente "chegar à borda, ao fim de alguma coisa, aproximar-se de súbito". "*Abordamos* o abismo"; "*abordei-o*", ou "*abordamo-nos* na rua". – **Rentear** = "passar muito junto, rente". "*Renteamos* o despenhadeiro"; e também: "*Renteamos* com o acampamento, ou com ele". – **Acercar-se** é formado de a + cerca (ou cerco) + ar, e significa "pôr-se em volta, ou em círculo, em torno de alguém ou alguma coisa". "*Acercamo-nos* dele"; "*acercaram-se* do forte, ou da árvore". – **Avizinhar-se** diz propriamente "fazer-se vizinho, aproximar-se bem". "Quando a caravana *se avizinhava* de Jerusalém, vimos no céu..."

41

ABESPINHAR-SE, **irritar-se**, **zangar-se**, **enfrenisar-se**, **enfurecer-se**, **irar-se**, **enraivecer-se** (**raivecer-se**, **enraivar-se**, **raivar**), **encolerizar-se**, **esquentar-se**, **exaltar-se**, **assanhar-se**, **exasperar-se**, **embravecer** (**embravecer-se**, **embravear**), **indignar-se**, **apaixonar-se**, **impacientar-se**, **enfadar-se**, **melindrar-se**, **aborrecer-se**, **excitar-se**, **incitar-se**, **estimular-se**, **exacerbar-se**, **enquizilar-se** (**ou quizilar-se**), **agravar-se**, **agastar-se**, **molestar-se**; **anojar-se**, **arrenegar-se**, **desgostar-se**, **magoar-se**. – **Abespinhar-se** diz, segundo a própria etimologia, "irritar-se como as vespas", "zangar-se a todo instante e por qualquer coisa". – **Irritar-se** é "perder a calma, exasperar-se provocado por alguém ou por alguma coisa". – **Zangar-se** é quase o mesmo que "dar o cavaco", enfadar-se, amuar-se por qualquer coisa, e mais por vício de educação que por temperamento". – **Enfrenesiar-se**, ou **frenesiar-se** (também no Brasil – **enfrenisar-se**) é "zangar-se, aborrecer-se como por impulsão súbita". – **Enfurecer-se** é "irritar-se até o furor, perder a razão momentaneamente, e tornar-se violento e impetuoso como os loucos". – **Irar-se** é: "perder a calma, enfurecer-se instantaneamente" (pois a **ira** dura menos ainda que o **furor**). – **Enraivecer-se**, ou **raivecer** (ou ainda **enraivar-se**) equivale a "encher-se de raiva", tomar-se

de rancor violento e brutal. – **Encolerizar-se** é "ir ao extremo da ira, e sugere a ideia de que foi ofendido ou provocado aquele que se encoleriza". O próprio Deus pode *encolerizar-se* (e também *irar-se*, ou *irritar-se*) à vista de sacrilégios, ou de grandes pecados. – **Esquentar-se** é "exaltar-se um pouco, sair da serenidade habitual". – **Exaltar-se** é mais do que **esquentar-se**: é "fazer-se mais enérgico e veemente do que convém, ou do que é normal". – **Assanhar-se** é "ficar agitado, em fúria ou alvoroço hostil". – **Exasperar-se** é "irritar-se em extremo, fazer-se rude e quase furioso". – **Embravecer**, ou **embravecer-se** (ou **embravear**) é "tornar-se bravio, feroz como bruto irritado". – **Indignar-se** significa "encher-se de ira por algum motivo muito nobre, ou em presença de alguma coisa que se tem por indigna". – **Apaixonar-se** é "sair do estado normal por exaltação de algum sentimento, seja bom, ou seja mau". – **Impacientar-se** é propriamente "perder a paciência, ficar insofrido, inquieto, ansioso". – **Enfadar-se** é menos que aborrecer-se: é "quase **amuar-se**"; distinguindo-se deste em sugerir a ideia de "desgostar-se como por fadiga"; enquanto que **amuar-se** significa mais "desgostar-se por suscetibilidade". – **Melindrar-se** quer dizer "desgostar-se por motivos muito delicados, por excesso de pundonor, ou por afetação de melindre". – **Aborrecer-se** diz propriamente "sentir horror", mas perdeu alguma coisa na acepção comum, principalmente como pronominal: é "mostrar aversão ou repugnância, ou mesmo simples desprazer". – **Excitar-se**, **incitar-se** e **estimular-se** equivalem-se com pequena diferença. Quem *se estimula* contra nós é porque foi provocado ou importunado, e pode bem ser que não revele a sua irritação por mais do que animar-se de disposições infensas; quem *se excita* é como quem "se irrita despertando da sua calma habitual", mostrando-se agitado e hostil. **Incitar-se** é mais vizinho de **estimular-se**: quem *se incita* mostra "vigor anormal, quase assanho, e por ter sido instigado". – **Exacerbar-se**, segundo a própria etimologia, diz "fazer-se áspero, rude, violento". – **Enquizilar-se** (ou **quizilar-se**) é mostrar-se menos que zangado: mais "indisposto por impaciência e antipatia ou quase aversão", do que aborrecido. – **Agravar-se** é "fazer-se grave por desconfiança ou aborrecimento, mostrar-se sentido por ofensa". – **Agastar-se** é "enfadar-se ligeiramente, parecer exausto de paciência". – **Molestar-se** é "mostrar-se ofendido por incômodo ou por importunação". – **Anojar-se** é "sentir-se incomodado, aborrecido, triste e desgostoso". – **Arrenegar-se** equivale a "zangar-se maldizendo e blasfemando". – **Desgostar-se** é propriamente "não ter mais o gosto que se tinha," ou "deixar de sentir o prazer que se sentia". – **Magoar-se** é "sentir-se melindrado por alguma ofensa", ou "ressentir-se de alguma coisa desagradável".

42

ABICAR, **varar**, **fundear**, **ancorar**, **aportar**, **arribar**, **surgir**, **abordar**, **chegar**, **atracar**. – **Abicar** significa propriamente (assim como **embicar**[4]) "dar com o bico (a proa) em terra"; devendo empregar-se, portanto, só tratando-se de pequenas embarcações. – **Varar** também só é aplicável a pequenas embarcações, e quer dizer "pôr em seco, tirar para a praia". – **Fundear** significa "dar ou tomar fundo". – **Ancorar** equivale a fundear lançando âncora" (Aul.). Pode-se dizer, portanto, "*ancorar*" depois de "haver *fundeado*"; ou, como neste exemplo: "*Fundeou* toda a frota na vasta baía, e à tarde *ancoramos* a nossa nau mais junto à terra". – **Aportar** diz precisamente "tomar porto, conduzir

---

4 Convindo não confundir com embicar = "encaminhar pela bica".

ao porto, entrar no porto". – **Arribar** significa "ser forçado a tomar porto", "procurar abrigo ou refúgio", "entrar num porto que não é o que se demandava". – **Surgir** é "aparecer, chegar por via marítima" (Aul.) parecendo aduzir à "noção de chegar a ideia de surpresa", como se dissesse: "apresentar-se, entrar de repente, ou sem ser esperado". – **Abordar** significa propriamente "encostar ao bordo"; e por extensão "chegar à terra ou ao porto, dar com o bordo junto à terra". – **Chegar** é o mais genérico de todos os do grupo, e quer dizer "alcançar o ponto demandado"; e, particularmente, tratando-se de navios: "entrar no porto ao cabo de uma viagem". A embarcação que sai, mas volta ao porto sem ter seguido a seu destino, não *chega* – *arriba*. – **Atracar** equivale quase a **abordar**: é "chegar e prender-se à terra ou a outra embarcação".

43

ABISMO[5], **precipício**, **sorvedouro**, **tragadoiro**, **voragem**, **báratro**, **pego**, **rodomoinho**, **despenhadeiro**. – "**Precipício** (do latim *præ* "para diante", e *caput* "cabeça") é um espaço vazio – diz Bourguig. – profundo, escarpado, no qual se está exposto a cair, a ser *precipitado*. A ideia principal que sugere esta palavra é a do perigo da queda, por causa do escarpamento das beiras, e da dificuldade da marcha quando se as circula, ou da passagem quando se as quer evitar". É "por isso que, no sentido figurado, se emprega esta palavra para designar os grandes perigos de que muito dificilmente se pode sair e que só se descobrem quando já é dificílimo evitá-los". – **Voragem** (do latim *vorago*) "é o nome" – diz Bruns. – "desses terríveis remoinhos formados pela ação de correntes opostas, e que arrastam fatalmente para a profundeza, tragando-as, subvertendo-as, as embarcações que a imperícia ou a fatalidade leva até onde alcança a influência do torvelinho. É, pois, a ideia de tragar que predomina nesta palavra; por isso, emprega-se no figurado para designar o que atrai irresistivelmente para a ruína ou a morte inevitável". – **Abismo** (do baixo-latim *abysmus*, correspondente de *abyssus*) significa propriamente aquilo "que não tem fundo" e onde desaparece para sempre o que chegou a cair. – **Sorvedouro** e **tragadoiro** confundem-se: este último, no entanto, é mais forte e sugere a ideia da violência inevitável com que a voragem engole, *traga* o que nela cai. Há, portanto, entre **sorvedouro** e **tragadoiro** a mesma diferença que se nota entre **sorver** e **tragar**. – **Báratro** era o precipício onde se fazia cair o criminoso de certos crimes em Atenas: daí a significação de "profundeza como a do inferno", onde alguém é lançado como castigo. – **Pego** é a parte mais profunda do mar, de um rio, de um lago; onde, portanto, são mais para temer os perigos. – **Rodomoinho** (ou **remoinho**) é quase o mesmo que **sorvedoiro**: não dá, no entanto, como este, só a ideia de "absorção para o fundo", pois o **remoinho** pode também levar para os ares. – **Despenhadeiro** diz propriamente "rochedo elevado e abruto" de onde há grande perigo em lançar-se alguém.

44

ABJETO, **detestável**, **desprezível**, **ignóbil**, **indigno**, **baixo**, **vil**, **repelente**, **abominável**, **abominando**, **abominoso**, **repugnante**, **execrando**, **execrável**, **aborrecível** (**aborrível**), **odioso**. – **Abjeto** é o mais compreensivo de todos os do grupo, significando quase o mesmo que **detestável**; sendo de notar que a coisa *abjeta* é a que repelimos como indigna de nós; e a coisa *detestável* é a que não pode

5 ∾ **Abismo** é do baixo-latim *abysmus*. A forma culta é *abysso* (latim clássico *abyssus*, do grego *abussos* = a + bussos "sem fundo").

ter a nossa sanção moral, e não é recebida por nós; ou a coisa da qual não queremos saber. Convém ainda advertir que **abjeto** ajunta à noção de **detestável** a ideia de baixeza. Um indivíduo, ou uma coisa, pode ser *detestável*, portanto, sem ser *abjeta*. "F. é um poeta *detestável*" (não *abjeto*). "A vida fora de Paris é *detestável*" (não *abjeta*). Em caso algum, porém, a coisa *abjeta* deixaria de ser *detestável*. – **Desprezível** significa precisamente, segundo a própria formação – "digno de desprezo"; e é dos mais vagos do grupo. – **Ignóbil** diz propriamente – "sem nobreza, baixo de condição, grosseiro e vil". – **Indigno** aproxima-se de **ignóbil**, e aplica-se ao que é baixo e desprezível. – **Vil** e **baixo** também se aproximam muito. Segundo Roq., são "palavras que apresentam a ideia de desprezo, posto que sob diferentes aspetos... *Baixo* é o homem que abate a sua dignidade; *vil* o que perde a estima dos outros e ainda a sua própria. *Baixo* é o que por cobardia sofre injúrias de outrem; e muito *vil* o que as sofre contente, por seu interesse e com o fim de fazer fortuna por meios indecorosos. O descarado adulador, que nem ânimo tem para saber calar, é *baixo*; o mais *vil* dos homens é o que vende sua honra e sua consciência para adquirir dignidades e riquezas. Todo vício é *baixo* e desprezível; porém chamamos particularmente *baixos* aqueles que supõem falta de vigor e de energia, como, v. g., a avareza. São particularmente *vis* os vícios que desonram e infamam, convertendo o homem numa besta malévola, feroz e estúpida, como costuma suceder na embriaguez. Chamamos ofícios *baixos* aqueles que só exerce a gente miserável e abandonada; como algumas ocupações mecânicas, que não exigem mais que um trabalho material e nenhum talento, nem instrução, e que por isso são tidos em nenhuma conta. Chama-se *vil* o "exercício que se tem por desprezível em razão de ser sujo, feroz e brutal na sua execução, e entregue de ordinário a gentes tidas por infames em seu proceder". – **Repelente** oferece alguma coisa de comum com **detestável** e **abjeto**; podendo-se entender que reúne o valor destes dois: é *repelente* o que "se detesta ou *repele* com asco". – **Abominável** é "o que é digno de condenação como coisa ímpia e nefanda"; o que "se condena, se detesta, se afasta com horror". **Abominando** quer dizer – "que se há de abominar; que se fez para ser negado, repelido por todas as consciências como sacrilégio". **Abominoso** é o que "contém, o que está cheio de abominação". – **Repugnante** é vizinho de **repelente**: é "o que se repulsa como coisa nojenta". – **Execrável** é o que "atenta contra lei sagrada". – **Execrando** é "o que merece maldição de todo mundo"; que "afronta o nosso sentimento religioso". É mais forte que **execrável**. – **Aborrecível**, ou **aborrível**, significa propriamente – "que inspira horror, que causa aversão". – **Odioso** quer dizer – "que merece ódio".

45

ABJURAR, **renegar**, **trair**, **renunciar**, **apostatar**, **desprofessar**, **abrenunciar**, **converter-se**. – Sobre **abjurar**, **apostatar** e **renegar** escreve Bruns.: **Abjurar** (do latim *abjurare* "negar com juramento") é renunciar solenemente à religião que se tem seguido e que se reputa falsa. Note-se, porém, que o verbo **abjurar**, que não encerra ideia depreciativa, não é por todos aplicado ao mesmo ato: o que é *abjurar* para uns é *apostatar* para outros. Os católicos dizem que Henrique IV de França *abjurou* o protestantismo; ao passo que os protestantes qualificam esse ato com o verbo *apostatar*. Entre nós temos o exemplo do padre Guilherme Dias, que, segundo os protestantes, *abjurou* os erros do catolicismo; enquanto os católicos dizem que ele *apostatou* do catolicismo. "Note-se também que os católicos, que empregam o verbo *apos-*

tatar, lhe dão, por conveniência própria, o sentido de ser o interesse, e não a convicção, o principal móbil que leva à mudança de religião; não assim os membros das outras religiões". **Abjurar** diz propriamente "jurar contra alguma coisa, lançando-a fora do espírito." Quem *abjura* afasta da consciência a coisa abjurada, podendo ainda continuar a tê-la em respeito. Quem *apostata* deixa, abandona, põe longe de si a coisa (o princípio, a crença, a opinião, etc.), de que *apostatou* por uma outra coisa. – **Renegar** é ao mesmo tempo **abjurar** e **apostatar** "passando a ter ódio à coisa renegada". – **Trair** neste grupo aproxima-se muito de **renegar**: é "negar ou protestar com perfídia, faltando à fé jurada com os da grei". Pode-se *renegar* sem *trair*: e a inversa também é admissível, pois mesmo aquele que *trai* o seu Deus, o seu culto, a sua seita, a sua causa, nem sempre a renegará necessariamente. Quantos traidores ficam preferindo de coração, e até de consciência, a coisa traída. – **Renunciar** é aqui convizinho de **apostatar**; devendo subentender-se que aquele que *renuncia* abandona apenas a velha crença, causa, princípio, escola, etc., sem mágoa, sem ódio, ou sem intenções hostis a respeito da coisa renunciada; mas aquele que *apostata* é como o trânsfuga, que sai do seu grêmio, ou do seu partido e vai para outro. De um sujeito que tivesse deixado a sua religião, e ficasse sem nenhuma crença, isto é, um indiferente em matéria religiosa, ou um ateu – não se poderia dizer que *apostatou*: sim que *renunciou*. Um sujeito que se passasse para uma religião nova (ou para outro partido, ou escola filosófica) e fosse combater a antiga – esse, sim, é um *apóstata*, e dele se diz com toda propriedade que *apostatou*. – **Abrenunciar** é mais forte que **renunciar**. Este diz apenas, como vimos, "deixar de crer, de aceitar, de ter na conta em que se tinha"; **abrenunciar** significa "negar, detestar afastando com horror". *Abrenuncia-se* a vida ímpia em que se andava, um erro sacrílego em que se vivia; *abrenuncia-se* o espírito do mal, o demônio. – **Desprofessar** é neologismo aproveitável e perfeitamente legítimo: diz, segundo a própria formação, "deixar de professar", isto é, de "dar testemunho, de reconhecer formalmente, de exercer em público. O sujeito que *desprofessa* o seu culto pode passar a crer só consigo mesmo o que já cria, deixando apenas de continuar a fazer confissão pública da sua crença. – Sobre **converter-se** (que se aproxima de **abjurar**), diz Bourguig.: "*Converter-se* marca simplesmente uma mudança que se operou nas crenças, na fé, e que leva a passar de uma religião reconhecida falsa para uma religião considerada verdadeira". Além disso, quando se emprega este termo, tem-se em vista a religião que se abraça, e não a que se deixa. Henrique IV *converteu-se* ao catolicismo.

46

ABLAÇÃO, **amputação**. – "Em linguagem cirúrgica" – diz Bruns. – "consiste a *amputação* em cortar um membro superior ou inferior: *amputam-se* os braços ou as pernas. A *ablação* consiste em extrair de qualquer parte do corpo uma parte mórbida: faz-se a *ablação* de um quisto".

47

ABNEGAÇÃO, **desinteresse**, **desapego**, **desambição**, **desamor**, **desprendimento**, **altruísmo**. – Quanto a **abnegação** e **desinteresse** escreve Bruns.: "**Abnegação** diz mais que **desinteresse**. O **desinteresse** cessa onde principia o interesse próprio; a **abnegação** não tem limites. **Desinteresse** diz-se do que é material: é *desinteresse* vender por baixo preço (com pequeno lucro); ceder um ganho lícito; renunciar a uma herança em favor de um parente pobre: é **abnegação** ceder o que nos é indispensável; interceder em favor de um inimigo; arriscar a saúde velando duran-

te noites consecutivas o amigo doente". – **Desapego** e **desprendimento** dizem quase a mesma coisa. **Desapego**, no entanto, parece mais forte; pelo menos quando é certo que a pessoa que se *apega* mostra mais vontade e esforço em *apegar-se* do que mostraria em *prender-se* ou deixar-se *prender*. **Desapego** não é, pois, senão a "facilidade, a decisão com que se renuncia a grandes bens, ou a coisas a que nos tínhamos afeiçoado". – **Desprendimento** é a "indiferença com que se vê um perigo; a coragem estouvada com que se afronta um mal; o pouco caso com que se vê passar uma felicidade a que se tinha direito". – **Desambição** e **desamor** não fazem mais do que marcar a perfeita antonímia em que ficam com os respetivos radicais. – **Altruísmo** é o nome moderno da velha virtude cristã do amor do próximo.

48

ABLUIR, **purificar**, **lavar**, **apurar**, **limpar**, **mundificar** (também **mundar**), **expurgar**, **purgar**, **acrisolar**, **acendrar**, **desmacular**. – **Abluir** diz aqui propriamente a ação de "fazer puro como as coisas sagradas". "Tais amarguras dir-se-ia que te *abluem* a alma". – **Purificar** (como **purgar** e **expurgar**) exprime a ideia geral de "fazer puro eliminando impurezas". *Purifica-se* o espírito, o coração, como se *purifica* o sangue, a água, o ar. Sobre estes três verbos escreve Bruns. muito judiciosamente: "Nestes entra o radical **puro**. **Purificar** é tornar puro; mas, além dessa ideia, nota-se no vocábulo ainda outra: a de uma causa que penetra no objeto impuro para o modificar e devolver-lhe a pureza primitiva. **Purgar** é tornar puro fazendo expelir o que há de impuro no que se purga. **Expurgar** é tornar completamente puro o que ainda não se havia *purgado* ou *purificado* de todo. Os ventos rijos *purificam* o ar. A fermentação *purga* o mosto. Não se implantam liberdades onde não se *expurgam* erros". – **Apurar** diz também "fazer puro separando fezes, substâncias estranhas"; e sugere ainda a "ideia geral de desmisturar, deduzir, verificar o que há de essencial nalguma coisa: e nesta última acepção não se confunde com **purificar**. Tanto se *apura* como se *purifica* o açúcar; mas – "de um negócio, de uma discussão, de um esforço alguma coisa se *apura*, e não – *purifica*". E mesmo: "De uma certa quantidade de calda *apura-se* (não – *purifica-se*) tantos quilos de açúcar". – **Acrisolar** é "purificar como se apura em cadinho ou crisol". Quase que só se usa hoje em sentido figurado, tratando-se de qualidades morais, aptidões, etc. – **Lavar** é "limpar com água". "*Lavam-se* as mãos". "A chuva *lava* o ar". E em sentido translato também se usa: "Aqui (no Purgatório) – disse-me o patriarca – *lavam-se* almas". – **Limpar** é o mais genérico do grupo; é "fazer livre de impurezas, ou de coisas estranhas, mediante qualquer processo." Tanto se *limpa* com água, como com óleos, ou com preparações, ou com cinza, etc. Também é usado figuradamente, ou aplicando-se a coisas morais: "*Limpamo-nos* de culpa e pena". *Limpe-se* ele primeiro (ou *lave-se*) das acusações que lhe fazem". – **Mundificar**, ou **mundar** (de *mundus* = puro, limpo), segundo a própria etimologia, diz "fazer limpo, tornar puro". – **Acendrar** é "limpar e fazer brilhante como os metais polidos". Quase que só se usa no sentido figurado. – **Desmacular** é neologismo perfeitamente admissível, e diz, segundo a própria formação," tirar a mancha ou as manchas"; e figuradamente "tornar puro aquilo que se manchara. "Naquele horrível sacrifício a mísera se *desmaculou* do nefando pecado".

49

ABOLIR, **extinguir**, **ab-rogar**, **derrogar**, **antiquar**, **suprimir**, **cassar**, **anular**, **revogar**, **invalidar**, **proscrever**, **infirmar**. – **Abolir** significa "declarar não existente; desfeito,

apagado". Emprega-se tratando-se de leis, instituições, costumes, usos, impostos, etc. Dizemos: "A lei de 13 de maio *aboliu* a escravidão"; mas decerto que não diríamos: "A lei tal *aboliu* um cargo no ministério tal". Neste caso empregaríamos o verbo *suprimiu*. – **Extinguir** significa também **abolir**; mas em certos casos não se poderia empregar um pelo outro. Ninguém diria, por exemplo: "O decreto, ou a lei tal *aboliu* tal repartição", e sim: "... *extinguiu*...". Do mesmo, modo, não seria perfeitamente lídimo dizer: "Mais hoje, mais amanhã havia de *extinguir-se* a monarquia"; e sim: "... havia de *abolir-se*..." – **Ab-rogar** e **derrogar** confundem-se de ordinário, e com certa razão, pois que a diferença que se quer ver entre eles é quase convencional. O prefixo *ab*, quando muito, parece apenas mais ativo e mais forte do que o prefixo *de*. Por isso **ab-rogar** se diz em referência a uma lei ou a um decreto que a autoridade competente deixou sem efeito e substituiu por outro: **derrogar** deve aplicar-se menos a toda uma lei do que a uma ou algumas disposições dela. "A nova lei *ab-rogou* a lei tal; e desta mesma o art. tantos já foi *derrogado* por lei ulterior". – **Revogar** é quase sinônimo perfeito de **derrogar**: significa, porém, melhor do que este, a ação de declarar "não vigente", ou "sem valor"; enquanto que **derrogar** exprime com mais propriedade "deixar sem toda a força, atenuar ou diminuir a força de uma lei cortando-lhe uma parte". Na fórmula legislativa: "*Revogam-se* as disposições em contrário" não seria permitido empregar o verbo *derrogam-se*. – **Antiquar** é "deixar cair em desuso"; é "prescrever por falta de aplicação"; e tanto se emprega tratando de leis, como de instituições, costumes, fatos de linguagem, etc. – **Suprimir** é mais genérico e menos técnico que **derrogar**; mas significa também "eliminar, pôr de lado parte de alguma coisa"; e, portanto, tratando-se de leis – "excluir, cortar alguma ou algumas partes delas; com esta diferença: é só uma nova disposição que *derroga* a outra; ao passo que para suprimir basta o ato supressório; isto é – não se faz indispensável que em lugar da disposição *suprimida* fique vigorando disposição nova. – **Cassar** é propriamente "declarar sem efeito o decreto que se tinha publicado, ou a resolução que se tomara, mas que não havia tido aplicação ainda, ou não tinha começado a produzir efeito". De uma lei não se diz *cassada*, mas *ab-rogada*. De um decreto que ontem ou há poucos dias se publicou e hoje se deixa sem efeito, não se dirá *ab-rogado*, senão *cassado*. – **Anular** diz propriamente "tornar nulo", isto é, "como se não existisse". Aplica-se em regra nos casos em que a lei, o decreto ou a sentença *anulada*, ou a *anular*, tinha algum senão, ou estava inquinada de algum vício, alguma coisa contra o direito. – **Invalidar** significa "tirar o valor"; e, portanto, é quase o mesmo que **anular**; com esta diferença: supõe-se sempre um ato de autoridade que *anule*: o que não se dá quando se trata de *invalidar*. Uma circunstância ignorada ou imprevista, ou uma infração essencial *invalida* um contrato; mas só o juiz competente pode *anulá-lo*". – **Infirmar** é "tirar a força, o vigor de uma lei, de uma sentença, de um princípio jurídico ou filosófico". É antônimo de **confirmar**. – **Proscrever** é "declarar excluído, cancelado por ato público"; e tanto se emprega tratando-se de leis, costumes, coisas, etc., como de pessoas.

50

ABONO, **abonação**, **caução**, **penhor**, **hipoteca**, **fiança**, **garantia**, **sinal**, **arras**, **segurança**. – **Abono** é o próprio ato de assumir alguém por um outro uma certa responsabilidade moral; – **abonação** é a ação de *abonar*, isto é, de dar segurança pelo caráter ou pelas aptidões de uma pessoa. "F. pediu-lhe *abono*;

mas compreende-se que em casos tais não vale só a *abonação* de um parente". – Quanto a **caução**, **penhor**, **hipoteca** e **fiança**, escreve Roq.: "A primeira palavra é o gênero a que pertencem as outras como espécies, e significa qualquer meio de assegurar a outrem que havemos de cumprir nossos deveres ou os ajustes que com ele fizemos; por isso, em linguagem jurídica se dá à *caução* diferentes nomes, segundo as diferentes relações em que se a considera: *pignoratícia, hipotecária, fideijussória, juratória,* etc. – **Penhor** é o móvel que se obriga ou empenha ao credor para segurança de uma dívida. **Hipoteca** é a obrigação de bens de raiz por alguma dívida, e que dá direito ao credor de pagar-se por eles, se não se cumprem as condições do contrato. Pode ela ser *consensual, judicial* ou *legal,* segundo as disposições da lei. **Fiança** é a obrigação em que alguma pessoa se constitui voluntariamente de pagar por outra quando este o não faça, ou de cumprir seu dever no caso em que ele o não cumpra. A pessoa que a tal se obriga chama-se "fiador". – A **garantia**, segundo Bruns., pode ser direta ou indireta; isto é, dada pelo próprio interessado que se obriga, ou por um terceiro que responde pelo cumprimento da obrigação. "O preço de um objeto vendido sob *garantia* é devolvido ao comprador se, antes de terminar o prazo em que a *garantia* cessa, o objeto não corresponder às condições devidas: é a *garantia direta*". Se a *garantia* é feita por outra pessoa que não o próprio comprador, chama-se *indireta*. – **Sinal** é o dinheiro ou a coisa que o comprador ou um dos contratantes adianta como garantia do ajuste que há de fazer. – **Arras**, diz o mesmo quase que **sinal**, parecendo que a diferença consiste apenas em ser o primeiro "escrito e formal". – **Segurança** é propriamente "garantia moral"; e confunde-se com **abonação**.

51

ABORÍGENE, autóctone, indígena, originário, natural, nativo, íncola. – **Aborígene** e **autóctone** confundem-se de ordinário, e até estes dois com o terceiro do grupo. Mas a diferença entre eles marca-se bem neste exemplo: "O filho de europeu nascido no Brasil é *indígena*; mas decerto que não é *aborígene* senão o selvagem que aqui encontramos; e quanto ao *autóctone* desta parte da América nada sabemos até agora de positivo". Quer-se dizer, portanto, que **indígena** é o mesmo que **natural**, e significa "filho do país, ou nascido na própria terra onde vive". Apenas **natural** acrescenta à noção a ideia de incultura. – **Originário** = que "tem origem no próprio país, ou na própria raça". – **Nativo** = oriundo, próprio do país"; ou "que é próprio do lugar do nascimento (Aul.). – **Aborígene** é o povo que se considera como o primitivo num país, ou que foi o habitante mais antigo que nele se encontrou (de modo que pode ser até adventício no país onde foi encontrado): enquanto que **autóctone** deve ser o povo ou o indivíduo que apareceu, que se formou, que subiu, na escala antropológica, até a espécie humana – no próprio país onde se encontra. Só, portanto, no que, em linguagem científica, se chama *centro de criação* é que se encontraria o legítimo **autóctone**. "O ibero é o *aborígene* da Espanha; mas quanto ao *autóctone* da península nada sabemos; ou não se sabe se seria possível afirmar a *autoctonia* daquele que é o mais antigo habitador da península". – **Íncola** é o que "habita um país que não é o do seu nascimento".

52

ABORTAR, malograr-se, frustrar-se, gorar, falhar, fracassar. – Quanto aos quatro primeiros do grupo escreve Bruns.: "**Abortar** é não chegar a realizar-se por causa de um defeito intrínseco ou por uma força estranha o

impedir: *aborta* a conspiração malplaneada, e aquela de que o governo chega a ter conhecimento. **Malograr-se** é não vingar, não ter bom êxito devido a causas alheias: *malogra--se* uma viagem quando um acontecimento nos impede de partir, ou quando uma notícia nos obriga a retroceder depois de a ter principiado. **Gorar** é não ter bom resultado aquilo em que fundávamos boas esperanças: uma empresa, por muito útil que seja, há de *gorar* se o público se não capacitar da sua utilidade. **Frustrar-se** é não obter o resultado que até certo ponto se tinha o direito de esperar: um filho inteligente *frustra* as esperanças do pai quando abandona o estudo pelo vício. O pai dirá que as suas esperanças se *frustraram*". – **Falhar** é "não produzir o efeito desejado, não suceder como se esperava" (Aul.). *Falham* planos; *falham* esperanças; *falham* cálculos. – **Fracassar** é "falhar imprevistamente, frustrar-se de todo e produzindo sensação". *Fracassam* conspirações, como *fracassam* grandes negócios planeados.

53

ABRA, **angra**, **golfo**, **enseada**, **recôncavo**, **lagamar**, **calheta**, **baía**, **esteiro**, **abrigada** (**abrigo**). – **Abra**, segundo Bruns., é, "tanto na costa, como num rio, o lugar de bastante fundo que de qualquer modo está defendido do ímpeto das águas e dos ventos". – **Angra** é "um braço de mar, uma abra alongada pelo interior da terra". – **Golfo** é porção considerável de mar que entra muito pela terra, e "cuja abertura é ordinariamente bastante larga" (Aul.). – **Enseada** é "grande porção de água aberta, ampla e pacífica, mas que não penetra demais na costa". – **Recôncavo** é "pequena enseada e metida mais para os fundos de uma baía ou de um golfo". – **Lagamar** é "recôncavo mais vasto, onde as águas como que se espalham penetrando nas terras". – **Calheta** é um braço de mar ou de rio "apertado entre duas pontas de terra". – **Baía** é "grande porção de mar que penetra na costa, entrando por boca estreita e alargando-se no interior". – **Esteiro** é um estreito braço de mar ou de rio que penetra nas terras, e que sendo pouco profundo só dá curso a pequenas embarcações. (É o que se chama no interior do Brasil **igarapé**. Também se chama **furo** ao pequeno canal que une duas porções de água maiores; isto é – o **igarapé** mais estreito ou menos franco à passagem de canoas). – **Abrigada** (ou **abrigo**) é "qualquer porção de mar manso (resguardado de certos ventos) onde os navios se podem refugiar contra tormentas".

54

ABRANDAR, **moderar**, **suavizar**, **enternecer**, **adoçar**, **serenar**, **abonançar**, **apaziguar**, **acalmar**, **mitigar**, **amenizar**, **atenuar**, **temperar**, **adormentar**, **adormecer**. – **Abrandar**, segundo o próprio radical, é "fazer brando", isto é, "diminuir a intensidade do que é demasiadamente ativo" (Bruns.). – **Moderar** é "diminuir movimento, reduzir força, conter em certos limites". – **Suavizar** é "fazer mais suave, tirar o que há de áspero, duro, forte, intenso nalguma coisa". *Suaviza-se* a voz, a dor, os sofrimentos morais. – **Enternecer** é tornar mais do que brando: é "fazer tenro, dócil, sensível, comovido". – **Amenizar** é fazer ameno, isto é, "fresco, suave, aprazível, delicioso... como as campinas florescidas..." – **Atenuar** é "fazer mais delicado, reduzir a menos, diminuir as proporções". – **Temperar** é "pôr em grau de força, de movimento, de intensidade conveniente". – **Adormentar** é diminuir ou "suspender momentaneamente o movimento, a ação, a sensibilidade – como que **adormecer**, que aliás é mais preciso e mais forte. – **Adoçar** diz propriamente "fazer doce" (como **adocicar** equivale a "tornar mais doce, meio doce"). – **Serenar** é "fazer sereno, moderar o ímpeto, aplacar pouco

a pouco". – **Abonançar** – "fora do sentido reto, que tem referindo-se ao tempo, ao mar, ao vento, etc., tem cabida ao falar das calamidades, dos infortúnios, considerados como tempestades da vida; a sua significação é a mesma nos dois sentidos: serenar, fazer cessar a tormenta" (Bruns.). **Apaziguar** diz propriamente "restabelecer a paz, harmonizar, pôr de acordo". – **Acalmar**, segundo Bruns., "é fazer diminuir a cólera, a agitação, a violência, a emoção, etc.; o verbo não encerra, porém, a ideia de ser a *calma* completa nem duradoura; antes, pelo contrário, deixa supor que a agitação, a violência, etc., podem recrudescer: "o vendaval que *acalmara* (que ficara menos forte) ao amanhecer, desencadeou-se depois com mais fúria". Dizer que a idade *acalma* as paixões não significa tanto como "a idade *modera* as paixões". Efetivamente, em **moderar** há significação reguladora, a *moderação* sendo constante: o que não se dá com **acalmar**. – **Mitigar** é moderar o rigor, a rudeza; e ajunta à noção de **abrandar** a ideia de "agradar, consolar". "Como esta música ou esta voz lhe *mitiga* tantas dores." "Não há nada capaz de *mitigar-lhe* aquela saudade".

55

ABRASADOR (ou **abrasante**), **ardente**, **caloroso**, **cálido**, **quente**, **cáustico**, **queimante**, **queimoso**, **candente**, **comburente**, **carbonizante**. – **Abrasador** (ou **abrasante**) significa propriamente "que reduz a brasas": no sentido figurado diz, portanto, "tão quente que parece queimar como o fogo". – **Ardente**, na acepção que tem aqui, está no mesmo caso de **abrasante**: vale por um superlativo de **quente**. – **Caloroso** define-se pelo próprio radical. Bruns. estabelece uma gradação ascendente no valor destes três adjetivos e dispostos nesta ordem: **caloroso**, **ardente**, **abrasador**. – **Cálido** e **quente** aproximam-se bastante; devendo notar-se o seguinte: **cálido** é o que tem naturalmente um alto grau de calor, o que de si mesmo é quente. Não se diria com propriedade, por exemplo: "a sopa está *cálida*". Nem deve este adjetivo ser usado, pois, com o verbo *estar*. **Quente** é o que "pode ter mais ou menos calor, ou cuja temperatura, determinada por ação estranha, pode aumentar ou diminuir". Emprega-se, no entanto, com o valor de cálido quando se diz: "clima quente", "que dias quentes". – **Cáustico** e **queimante** dizem quase a mesma coisa: apenas o primeiro aplica-se para significar coisa ou droga que "destrói o tecido orgânico como se fosse fogo"; e o segundo exprime propriamente "que queima", isto é, "que atua como o próprio fogo". – **Queimoso** é o mesmo, e apenas menos forte que **queimante**. – **Candente** se diz daquilo "que de tão quente parece ou branco ou vermelho". – **Comburente** quer dizer "que produz combustão, que faz arder, ou que abrasa". – **Carbonizante** significa propriamente "que reduz a carvão". Também se diz: "sol *carbonizante*", como "sol *abrasador*".

56

ABRASAR-SE[6], **arder**, **queimar-se**, **inflamar-se**, **incendiar-se**, **conflagrar-se**, **incinerar-se**. – Sobre **arder**, **inflamar-se**, **incendiar-se**, **abrasar-se** e **queimar-se**, escreve Roq.: "Explicam estas palavras os diferentes graus pelos quais pode passar um corpo combustível desde o instante em que se lhe ateou fogo até que foi inteiramente consumido. Quando penetra o fogo num corpo combustível, e se manifesta à simples vista, dizemos que *arde*; quando se desenvolve a chama, *inflama-se*; quando levanta

6 Há uma certa diferença entre **abrasar**, **abrasear** e **esbrasear**. **Abrasar** significa "reduzir a brasas" (sentido natural); **abrasear** = "fazer da cor da brasa ou pôr em estado como de brasa"; **esbrasear** = "tornar quase como brasa, vermelho e crepitante como brasa".

labareda e se propaga com rapidez e fracasso, *incendeia-se*; quando o corpo que deu alimento ao fogo, apesar de compacto, está todo repassado dele e feito brasa, *abrasa-se*; e quando a força do fogo ou do incêndio devorou a matéria combustível e a reduziu a cinzas, *queimou-se*. Diferença-se, portanto, **arder** de **inflamar** em que o primeiro designa a ação ordinária pela qual o fogo se apodera dum corpo e o vai consumindo; e o segundo designa a força com que a superfície deste corpo arroja de si o fogo que a penetra, e aplica-se particularmente às matérias líquidas e resinosas, que por isso se chamam *inflamáveis*. O *incêndio* supõe um grande fogo que, despedindo chamas, se comunica aos corpos vizinhos, e tomando ala faz rápidos progressos. Pode *abrasar-se* um corpo sem formar labaredas: – tal é o ferro na frágua. Tanto pelo fogo ordinário, como pelo incêndio, se *queimam* os corpos quando, depois de consumido o que dava alimento ao fogo, restam somente os resíduos incombustíveis. – Os quatro primeiros termos tomam-se no sentido figurado, pouco mais ou menos com as mesmas diferenças". – **Conflagrar** é "pôr inteiramente em chamas, destruir completamente pelo fogo". Usa-se frequentemente no sentido translato, e por isso figura em outro grupo. – **Incinerar** diz propriamente "queimar até reduzir a cinzas".

57

ABREVIAR, encurtar, reduzir, restringir, diminuir. – **Abreviar** é "diminuir o tempo em que alguma coisa se há de fazer; é apressar, fazer menos demorado, reduzir um prazo, encaminhar com mais presteza uma solução". – **Encurtar** é "diminuir distância, extensão; colher o que é demais, fazer menor o que se supõe grande no comprimento". *Abrevia-se* um prazo, a decisão de um caso ou de um negócio; *encurta-se* um caminho, uma corda, uma haste. – **Reduzir** significa neste grupo "fazer mais simples, diminuir em todas as dimensões, resumir"; aplicando-se tanto no sentido moral como no físico. *Reduzem-se* dificuldades de um negócio ou de uma campanha, como se *reduzem* aspirações. – **Restringir** é "tornar mais curto ou limitado como que apertando os extremos". "Vamos *restringir* todo o nosso esforço a nada arriscar em vão"... "*Restrinja* os seus gastos, e tudo irá melhor". – **Diminuir**, aqui, é o mais genérico do grupo, e diz propriamente "fazer menor". *Diminui-se* tanto prazo, caminho, dificuldades de vida, esforços, como trabalho mental, aspirações, ímpetos, e até saudades...

58

ABRIGO, refúgio, asilo, amparo, esconderijo, coito, guarida, homizio, valhacoito; resguardo, acolhida, acolhimento. – Sobre **asilo** e **refúgio**, escreve Alv. Pas. "**Asilo** é derivado do *a* privativo, e do verbo grego *sylan*, que significa "levar, roubar, tirar". Etimologicamente, e segundo o seu verdadeiro sentido, **asilo** quer dizer: "lugar de refúgio, de onde ninguém pode tirar os que se acolhem nele". Cadmo fez edificar um *asilo* para todo gênero de delinquentes; e antes disso, e ainda depois, houve *asilos* só para certos criminosos. Os descendentes de Hércules fundaram em Atenas outro *asilo* como o de Cadmo. Rômulo fundou também um *asilo* no bosque entre o Palatino e o Capitólio, do qual faz menção Virgílio nos seguintes versos:

> Ilinc lucum ingentem, quem Romulus [acer *asylum*]
> Retulit, et gelida monstrat sub rupe [lupercal.]

O asilo é, pois, uma proteção, uma defesa contra a força e perseguição; o **refúgio** é um recurso contra a indigência, a aflição etc.

O hospital é um *refúgio* para os pobres doentes; a igreja é um *asilo* para o criminoso. Busca a nau um *refúgio* em qualquer porto fugindo à tempestade que receia, e busca num porto amigo um *asilo* fugindo à força superior que a persegue. "Recolhida naquele soberano *asilo*, deu-se toda a Deus". (Cardoso) "Por isso Tertuliano chamou judiciosamente à sepultura *asilo*, e sagrado, da morte". (Vieira) – **Abrigo** é quase o mesmo que **asilo**; distinguindo-se apenas em não dar, como **asilo**, a ideia de segurança, de garantia por lei ou costume. "A casa de um antigo discípulo lhe serviu de *abrigo* no último período da vida" (Aul.). – **Amparo** significa o ato de acolher e sustentar ou apoiar, proteger de qualquer modo. "A eles (montes) se acolhem (os homens) como a castelos e lugares, em que têm amparo e defensão certa". (**Dic. da Ac.** – cit. Aul.) – **Esconderijo** é "lugar, sempre escuro, onde alguém procura abrigo fugindo às vistas de pessoas a quem tenha de dar contas de alguma coisa". – **Coito** (ou melhor, **couto**, do latim *cautum*) era a propriedade ou lugar "onde não podiam entrar as justiças de El-Rei", e onde, portanto, ficavam fora e livres dela, as pessoas que se recolhiam. O **couto** é, pois, o "lugar seguro onde alguém se oculta fugindo a perigo, ou a perseguição". – **Guarida** é propriamente a cova ou covil onde as feras se recolhem contra a chuva ou a tormenta. Emprega-se em sentido figurado para designar "abrigo ligeiro, fácil esconderijo, onde alguém se furta a olhares de estranhos". – **Valhacoito** é o "lugar seguro onde alguém se refugia e abriga contra o que teme ou procura evitar". "Os bandidos têm o seu *valhacoito* lá no fundo da floresta"... – **Homizio** é "valhacoito procurado por criminoso perseguido da justiça". "O assassino buscou ou teve *homizio* seguro no sertão, ou na casa de alguém". – **Resguardo** é "defesa, proteção momentânea contra algum mal ou perigo iminente". "Debaixo da árvore encontrou *resguardo* contra o sol". "Perdido no campo, foi afinal ter na casinha do pobre fácil *resguardo* contra a tormenta". – **Acolhida** e **acolhimento** confundem-se muito, e hoje quase todos parece que preferem empregar **acolhida**, mesmo nos casos em que só caberia **acolhimento**. Chega-se a dizer: "A delegação de tal país teve boa *acolhida* na corte do imperador..." em vez de: "... teve bom *acolhimento*". E também: "Por mais pobre e humilde que fosse, a coitadinha dispensou o *acolhimento* que lhe quiseram fazer naquela casa"; em vez de: "... *acolhida*"... Até em mestres se encontra confusão, como se vê neste exemplo: "A religião oferecia-lhe seguro *acolhimento* das lutas mundanas"... em vez de: "... oferecia-lhe segura *acolhida*"... **Acolhida** é, pois, "o próprio ato de receber como quem protege e acarinha"; e **acolhimento** é "o modo como se recebe, hospeda e agasalha". "Tem boa *acolhida* em nossa casa um amigo que nos procura para pedir-nos um obséquio; tem o melhor ou o mais cordial *acolhimento* o parente que não víamos de muito e que chega de surpresa".

59

ABRIR, **soabrir**, **entreabrir**, **descerrar**, **escancarar**. – Dispostos em outra ordem (**descerrar**, **soabrir**, **entreabrir**, **abrir**, **escancarar**) marcam estes vocábulos uma perfeita gradação de sorites. – **Descerrar** é apenas "desunir o que estava unido ou cerrado". *Descerra-se* uma porta, ou uma cortina, se o afastamento que se operou no pano da cortina, ou na folha da porta, deixa passagem apenas a um raio de sol ou a uma réstia de luz. – **Soabrir** é "**abrir** muito pouco e instantaneamente". – **Entreabrir** é "abrir pouco e com cuidado, mas de modo a poder-se ver e falar para fora, ou de fora para dentro". Por uma janela *soaberta* mal se revezaria uma voz ou se distinguiria um vulto; por uma por-

ta *entreaberta* um homem não passaria, mas veria distintamente quem estivesse dentro da casa. **Abrir** é "remover alguma coisa da abertura que está ocupando (fechando) de modo que deixe passar, por essa abertura desimpedida, alguma outra coisa". *Abre-se* uma janela para falar com alguém; *abre-se* uma porta para que alguém entre. *Abre-se* uma caixa, uma gaveta, um pacote de biscoitos. – **Escancarar** é abrir completamente, o mais possível, "de lés a lés". (Aul.) *Abre-se* a boca falando; *escancara-se* a gargalhar; *entreabrem-se* os lábios a sorrir; *soabrem-se* os lábios num ríctus imperceptível.

60

ABRIR, **desunir**, **separar**, **desligar**, **soltar**, **desprender**, **desatar**, **desmembrar**, **afastar**, **apartar**, **distanciar**, **divorciar**. – **Abrir**, aqui, é "afastar uma coisa da outra". Mesmo quando se *abre* um caminho não se faz outra coisa senão, eliminando os embaraços que se acharem entre uma e outra, separar uma da outra margem, ou um lado do caminho do outro lado; e é só neste sentido que se diz – "*abrir* caminho". Em referência a caminhos de ferro, por exemplo, já não se emprega o verbo *abrir*, porque em tal caso já não se trata só de "separar as margens". – **Desunir** é antônimo de *unir*, e significa, portanto, separar "o que estava unido, ligado, apertado". Tanto que não se diria, por exemplo: "*desunir* os bons dos maus"; "*desunimo-nos* ao chegar à vila"...; pois o verbo **desunir** só se deve aplicar quando se trata de coisas que tinham sido enlaçadas, associadas, ligadas intimamente. *Desune-se* um casal (separando um do outro esposo); *desunem-se* famílias que viviam em perfeita união; *desunem-se* mesmo povos que eram amigos; *desunem-se*, em geral, coisas que haviam sido incorporadas ou ajuntadas. – **Separar** diz propriamente "pôr, duas ou mais coisas, cada qual para o seu lado, ou no seu lugar." *Separa-se* o trigo do joio; *separam-se* os bons dos maus; *separa-se* a Igreja do Estado: em regra, *separa-se* uma coisa da outra, ou as partes de uma coisa umas das outras, mesmo que nunca tivessem sido unidas. – **Desligar** é antônimo de ligar e diz, portanto, "separar o que estava ligado". – **Soltar** enuncia a ideia geral de "libertar coisas que estavam juntas ou presas umas a outras". – **Desprender** ainda exprime com mais força, e de modo mais preciso, a ideia de soltar. – **Desatar** é "deixar livre uma coisa que estava presa por nó". – **Desmembrar** é desunir ou "separar por membros", destruindo portanto a unidade ou o todo desmembrado. – **Afastar** é "pôr uma longe da outra as coisas que se desuniram ou separaram". – **Apartar** é "impedir que continuem, duas ou mais coisas ou pessoas, unidas". – **Distanciar** é "afastar muito as pessoas ou coisas que se separaram". – **Divorciar** é, tratando-se particularmente do vínculo conjugal, "desunir, separar por sentença, segundo a lei"; e na acepção lata é "separar definitivamente". "Nunca se *divorciou* da religião de seus pais"... "Fazem tudo por *divorciar-me* do meu partido". *Divorciam-se* colegas, amigos que se separam para sempre.

61

ABROLHOS, **cachopos**, **escolhos**, **farelhões**, **recifes**, **baixos**, **baixios**, **alfaques**, **parcéis**, **restingas**, **sirtes**, **banco**. – Todas estas palavras designam acidentes ou situações no mar (ou nos rios), quase sempre junto das costas, e que impedem ou dificultam a navegação. – Quanto às quatro primeiras do grupo, diz Roq. que "os autores as têm confundido, sendo elas distintas e indicando coisas diferentes. **Cachopos** são penhascos que saem fora d'água, e onde rebentam as ondas. Dizem os etimologistas que *cachopos* é corrupção de *scopuli* "rocha". **Abrolhos** é voz usada em sentido transla-

to para indicar aqueles *cachopos* que formam pontas como a planta chamada abrolhos ou estrepes. São menores que os *cachopos*. **Escolhos** são aqueles penhascos que estão debaixo d'água e não se descobrem bem: donde resulta serem mais perigosos que os cachopos... **Farelhões** são "escolhos pontiagudos, empinados acima d'água, uns contíguos à terra, outros formando ilhetas: e por sua grandeza, e pelo perigo que perto deles correm os navios, andam assinalados nas cartas marítimas". – **Recifes** (ou **recife**, e também **arrecifes**) designa "rochedo ou série de rochedos pouco destacados da água e perto da costa embaraçando a navegação". – Quanto às palavras que se seguem, até a penúltima, escreve Lac.: "**Baixos** é palavra genérica, e designa o fundo do mar onde há pouca altura, e por isso ali tocam os navios. **Baixios** (prolongamento de *baixos*) são bancos de areia em que, por falta de altura de água, não se pode navegar sem risco. – **Alfaques**, conforme a origem arábica, são baixios ou bancos de areia ou de pedra, mas com a circunstância de serem desiguais e muito fundos, no que se distinguem dos **parcéis**, que são baixos iguais, onde se corre, sem dúvida, risco por causa da pouca altura de água, mas pode navegar-se; e têm a circunstância de prolongar-se, às vezes, por espaço de muitas milhas. O **alfaque** é breve e fundo; mas o **parcel** tem pouca altura, por isso que se espraia largamente (chamando-se também por isso **esparcelados**). – **Restingas** são baixos de penhascos, ou de areia, cobertos de água, ou contíguos à costa. – **Sirtes** são baixos de areia movediça por entre penhascos, para onde a corrente arrasta as embarcações, e por isso perigosíssimos". – **Banco** é "cômoro ou elevação mais ou menos extensa de areia, de rocha ou de coral, onde não há fundo para navios de grande calado".

62

ABRUPTO, **alcantilado**, **íngreme**, **empinado**, **escarpado**, **aprumado**, **ladeirento**. – **Abrupto** difere de **alcantilado** e de **íngreme** em ajuntar à noção de "flanco a pique a ideia de áspero, escabroso". *Alcantilada* é, por exemplo, "a encosta nua de um monte que fica vertical, ou quase a prumo, e por onde não se poderia subir ou descer sem grande esforço ou sem artifício". – **Íngreme** é "menos inclinado, ou menos a pique do que **alcantilado**. Uma ladeira, um monte, mesmo muito *íngreme*, pode-se subir". – **Empinado** é o menos preciso destes cinco vocábulos; e tanto pode aplicar-se a um cume de monte como a uma encosta que seja tão íngreme que pareça levar como verticalmente ao *pino* do monte. – **Escarpado** diz "íngreme e difícil de subir". Mesmo de uma ladeira pode dizer-se *escarpada*, se é tal o declive que torne penosa a decida ou a ascensão. – **Aprumado** = "talhado a prumo", e de impossível ou muito difícil acesso. – **Ladeirento** = "disposto como em ladeiras, inclinado, quase empinado".

63

ABSCONSO, **abscôndito**, **escondido**, **oculto**, **recôndito**, **retruso**, **secreto**, **clandestino**, **encoberto**. – **Absconso** e **abscôndito** não são apenas, como parece, formas eruditas de **escondido**. Este diz precisamente "posto fora das vistas... de modo que não seja possível, ou pelo menos não seja fácil encontrar". Deve aplicar-se particularmente a coisas materiais; pois não seria próprio dizer: "os *escondidos* desígnios de Deus"; "as grandes verdades *escondidas* ao vulgo"; "a *escondida* intenção de levar-me à forca"... – mesmo porque **escondido**, ainda empregado como adjetivo, conserva alguma coisa da sua função de particípio. Mas **absconso** e **abscôndito** já não seriam aplicáveis propriamente senão em sentido moral ou abstrato. – **Absconso**

ajunta à significação de **escondido**, **oculto**, a ideia de *concentrado* e *profundo*; assim como **abscôndito**, além de **oculto**, diz ainda *abstruso, misterioso*. "*Absconsos* intentos da majestade em furor". "O *abscôndito* espírito de Deus era sentido ali no oceano"... – **Recôndito** e **retruso** aproximam-se. – **Retruso** diz "posto para o fundo, retraído às vistas, repulsado à força". – **Recôndito** exprime "escondido muito longe, retirado muito para a profundeza". "O mísero ali ficou, humilhado, *retruso* e hostil, num canto da sala; depois esgueirou-se para um ponto *recôndito* do parque, de onde pôde dar o bote certeiro"... "Lá esteve tímido e *retruso*, até que passasse o perigo". "Ficaremos para sempre no sertão, *recônditos* e humildes nesta miséria". – **Oculto** é simplesmente "furtado às vistas" de qualquer modo, e podendo aplicar-se tanto em sentido moral como físico. "O sol ficou *oculto* pela árvore ou pela nuvem; os *ocultos* desígnios da Providência; as intenções *ocultas* do mouro; os cabedais *ocultos* no seio da terra". – **Secreto** se diz do que fica mais que oculto, porque fica "como em segredo e reservado a alguns". "O trabalho *secreto* dos conspiradores; o *secreto* processo, ou a *secreta* vida das abelhas; as maravilhas *secretas* da natureza. Os avisos, as operações, os acordos *secretos*, dados ou feitos por um ministro". – **Clandestino** é "o que é secreto e contrário à lei". Quanto a estes dois vocábulos, escreve Roq.: "Uma coisa é *secreta* quando ninguém ou poucos a sabem ou conhecem; e é **clandestina** quando se faz às escondidas, faltando à lei, ou procurando violá-la sem que ninguém o conheça. Chamamos casamento *secreto* ao que, por qualquer motivo que nos é pessoal, não declaramos, nem confessamos, e ainda às vezes negamos; e chama-se *clandestino* quando o celebramos às escondidas sem observar as regras que prescrevem as leis canônicas. *Secreta* é uma junta quando *secretamente* se celebra, não obstante ser permitida; e é *clandestina* quando se verifica *clandestinamente* contra o expresso mandado da lei. Disto resulta que nem tudo o que é *secreto* é *clandestino*; tudo, porém, que é *clandestino* vem a ser *secreto*: este é lícito; aquele, não". – **Encoberto** é o que ficou oculto, ou "a coisa que não podemos ver, devido à interposição de algum corpo opaco entre essa coisa e a nossa vista". Deve aplicar-se a coisas materiais; e em certos casos figuradamente. "O tempo, o sol, o céu, o horizonte está *encoberto*; deixaram-nos sempre cuidadosamente *encoberto* aquele intento".

64

ABSOLUTISMO, **despotismo**, **autocracia**, **tirania**, **ditadura**, **caudilhismo**, **militarismo**. – O **absolutismo** (diz Bruns.) "é a forma de governo monárquico em que o poder é exercido pelo soberano; esse poder é limitado por leis, chamadas *leis do Estado*, as quais velam pela vida, haveres e liberdade de todos os súbditos. O **despotismo** é o abuso do **absolutismo**; quer dizer, é o caso omisso que o monarca faz das leis que deve respeitar: quando o **absolutismo** oprime, persegue e atormenta, converte-se em **despotismo**. Com o **absolutismo** podem conciliar-se intenções retas e benéficas, virtudes eminentes; nada disso, porém, se estende ao **despotismo**. Também se dá o nome de **despotismo** à forma de governo em que o monarca não tem de obedecer a nenhuma lei; como, por exemplo, em Marrocos. O **absolutismo** é chamado **autocracia** ao falar-se da Rússia". – **Tirania** é palavra que tem hoje significação diferente da que teve em tempos idos. É agora tomada como enunciando a ideia de um excesso de poder político degenerando em dureza de mais rigor que o **despotismo**. "Nestes últimos tempos" – escreve Roq. – "tem-se dado tanto o nome de **tirano** como o de **déspota** ao rei absoluto, só porque governa como senhor absoluto,

o que é um grave erro, porque tão tirano e despótico pode ser o governo de um como o de muitos cônsules. A **tirania** e o **despotismo** não estão nas instituições, senão na aplicação delas; não na forma de governo, senão nos atos dos que governam. Para compreender, pois, com exatidão a diferença que existe entre as duas palavras, **tirano** e **déspota**, basta ter presente que **tirano** é aquele que oprime a outro, ainda quando seja seu igual na sociedade; e **déspota**, aquele em quem se reconhece um direito indisputável de mando, seja legal ou de força, e que, valendo-se do dito direito, obriga aos demais a fazer o que não devem contra toda a razão e justiça. **Tirano** por conseguinte é o opressor; **déspota**, não somente o opressor, senão o dominador". – **Ditadura** é um regímen excepcional que se caracteriza pela concentração de todos os poderes políticos do Estado nas mãos de um chefe. – **Caudilhismo** é adaptação do antigo espanhol (de *capdillo* "capitão") para significar o regímen político caracterizado pelo predomínio de chefes de bando em certos países da América. – **Militarismo** é o sistema em que o poder político é exercido por chefes militares; ou que se funda na supremacia da força armada.

65

ABSOLUTO, **decisivo**, **definitivo**, **categórico**, **imperioso**, **imperativo**, **arrogante**, **irredutível**, **incondicional**, **inapelável**, **terminante**, **peremptório**, **cabal**. – Sobre **absoluto** e **imperioso**, tomados num sentido restrito, escreve Bruns.: "Quem é *absoluto* quer ser obedecido; e quaisquer que sejam as observações que lhe façam, permanece inabalável nos seus propósitos; se aprovam ou não a sua conduta é, para o homem *absoluto*, ponto secundário: o que ele quer é a execução efetiva e completa do que decidiu. Quem é *imperioso* quer, sobretudo, que o não contradigam, nem lhe façam observações; pretende que ante ele se observe uma postura respeitosa, e que lhe deem provas de deferência e submissão; extremamente exigente neste ponto, pode não o ser tanto no que toca à execução efetiva das suas ordens". – Em sentido amplo, absoluto significa "fora de contraste; não sujeito a contrariedade, dúvida ou contestação; acima de contingências, ou acidentes ou mudanças imprevistas; livre de embaraços de qualquer natureza". **Imperioso** equivale a "que se impõe, que ordena, que exige com império". Entre **imperioso** e **imperativo** só existe a diferença marcada pelos respetivos sufixos. Quando se diz que uma pessoa, ou uma corporação, determina ou dispõe *imperativamente*, exprime-se que essa corporação ou pessoa tem competência e autoridade para dispor ou determinar; quando se diz que dispõe ou determina *imperiosamente*, quer-se dizer que ordena mais com arrogância do que com autoridade. Dizemos: "forma *imperativa* da lei, ou de tal artigo de uma lei; sentido *imperativo* de uma frase" (e não: *imperioso*). Sentimos bem nitidamente a distinção destas frases: "fez um gesto, ou tomara uma atitude *imperativa*" e: "fez um gesto, ou tomara uma atitude *imperiosa*". – **Arrogante** é o que se impõe "com soberba e altivez, como quem se presume forte e ufano da sua força". É mais do que *imperioso*, pois ajunta à significação deste vocábulo uma ideia de excesso de orgulho com que se manda, clama, quer, exige, etc. – **Decisivo** equivale a "que põe termo a toda dúvida; que é definitivo; que não admite réplica; ou que não muda de resolução". – **Definitivo** = "que explica, resolve, ordena de modo que não deixa lugar a dúvidas ou observações". "Opinião, parecer, atitude, intento, declaração *definitiva*". – **Categórico** diz o mesmo que "precisamente definido, positivo, claro"; que não deixa lugar a dúvidas". – **Irredutível** apro-

xima-se aqui de **decisivo**: diferençando-se deste em sugerir também a noção do grau de força ou de capacidade com que a coisa ou pessoa *irredutível* não altera o seu modo de ser ou de agir, não cede do que resolve, quer, pensa, etc. – **Incondicional** é "o que se não sujeita a condições, não se submete a continências, fica fora de hipóteses, acima de eventualidades". – **Inapelável** = "de que não há recurso, de que se não pode apelar". Despacho, decisão, juiz, tribunal *inapelável*. – **Terminante** diz propriamente "que põe fim"; "que não admite outra solução"; "imperativo". – **Peremptório** = "que completa e decide; não sujeito mais a dúvida ou a nova resolução" – **Cabal** = "pleno, terminante, acabado, completo".

66

ABSOLVER, perdoar, **remitir**, **anistiar**, **indultar**, **agraciar**, **desculpar**, **escusar**, **tolerar**, **descriminar**. – Quanto aos três primeiros destes vocábulos, escreve Bruns., de acordo com Roq.: "**Absolver** é desligar o culpado dos laços que o prendiam. **Perdoar** é esquecer uma ofensa, renunciando a qualquer desforra, ou a qualquer castigo. **Remitir** é desistir em todo, ou em parte, do que havia direito a exigir. Este verbo dá também a supor que a pessoa a quem se faz a remissão tem certas condições que a tornam credora desse benefício. *Absolvemos* o acusado; *perdoamos* a pena; *remitimos* a dívida." Entre **remitir** e **anistiar** há esta diferença; **remitir** dá uma ideia de **resgatar**, ou de **redimir**; e tanto que, acerca de *remissão*, diz Alv. Pas.: "A *remissão* é concedida por quem cede dos direitos que lhe competiam acerca de alguma coisa; compete ao príncipe e ao magistrado, e suspende a execução da justiça". – **Anistiar** é adaptação moderna, direta do grego, e significa "esquecer, deixar como se não existisse, ou não tivesse sido perpetrado, o crime político". *Remitem-se* culpas, dívidas, pecados; só o soberano ou o órgão legítimo da soberania nas repúblicas é que *anistiam*. – **Indultar** e **agraciar** dizem aqui mais particularmente "conceder perdão de crime de alta gravidade". Quem *indulta* ou *agracia* exerce função soberana, e dá prova mais de misericórdia que de justiça. – **Desculpar** diz propriamente "relevar a culpa, ou a falta cometida". – **Escusar** e **tolerar** sugerem a ideia de "deixar que passe a falta sem puni-la". Tanto quem *escusa* como quem tolera supõe-se que tem alguma superioridade sobre aquele a quem aproveita a escusa ou a tolerância. – **Descriminar** equivale precisamente a "absolver de crime".

67

ÁBSONO, dissonante, **malsoante**, **desentoado**, **destoante**, **discordante**, **desarmônico**, **discrepante**, **desafinado**, **destemperado**, **desarmonioso**. – **Ábsono** diz propriamente "que discrepa, que se afasta de outro som, ou do som conveniente". Confunde-se, portanto, com outros do grupo: **dissonante**, **destoante**, **discordante**, **discrepante**; convindo notar o seguinte: **dissonante** diz apenas "que não está de acordo com o som que se quer, ou que era preciso seguir"; – **destoante** é o que não condiz com o "tom próprio, ou com a regra estabelecida ou vigente"; – **discordante** é "o que se não põe ou não está fiel ao acorde, ou não faz acorde com outro som"; – **discrepante** é, do grupo, o mais próximo de **ábsono**: exprime não só *destoante*, *discordante*, mas sugere ainda a "ideia de muito afastamento do som que convém ou da harmonia dominante". – **Malsoante** diz propriamente "que soa mal". – **Desentoado** é o que está "fora do tom próprio, ou que não se associa a outro som para formar harmonia"; é convizinho, portanto, de **desarmônico**, **desafinado**, **destemperado**. – **Desarmônico** é o mais geral: exprime "que não faz harmonia ou acorde, que não está

igual ao som dominante". Um som, ou uma voz pode ser *desarmônica* sem ser propriamente *desarmoniosa*. No meio de um tumulto a palavra ponderada é *desarmônica* (isto é, não afina pela desordem que aí reina). – **Desafinado** exprime "que não está no tom próprio, que não se afina convenientemente". – **Destemperado** é o que desafina de todo, ou que está completamente fora do tom: é mais que desafinado. O instrumento, ou a voz *desafinada* não faz harmonia perfeita; a voz, ou o instrumento *destemperado* desordena de todo a harmonia. – **Desarmonioso** é o mais geral e absoluto do grupo: não precisa, em regra, de adjunto completivo: enuncia "que não faz acorde, que não tem harmonia, que é desordenado em si mesmo e fora de toda conveniência".

68

ABSORVER, **sorver**, **sugar**, **chupar**, **chuchar**, **tragar**, **consumir**, **consumar**, **devorar**, **beber**, **aspirar**, **deglutir**, **engolir**, **comer**. – **Absorver** designa a ação de "consumir pouco a pouco, destacando porções". – **Sorver** diz também "beber aos sorvos" (Aul.); mas não marca a ideia de desligar de todo as partes que vão sendo sorvidas. E tanto que dizemos: "o mar *sorveu* o frágil batel" (não – *absorveu*, porque em **absorver** há, enunciada pelo prefixo *ab*, ideia de esforço para consumir separando por partes a coisa a absorver). – Entre **engolir** e **deglutir** pode notar-se diferença análoga. – **Engolir** exprime simplesmente a ação de "levar ao estômago", ou de "deixar que vá ao estômago, ou ao fundo"; **deglutir** marca, além disso, a ideia do esforço com que se **engole**. Diremos que "o oceano *engole* (e não – *deglute*) a embarcação". É, por outro lado, muito mais próprio dizer-se: "O doente não tem mais forças nem para *deglutir* alimento sólido, mal *engole* caldos". – **Chupar** = "sorver, atrair líquido quase sempre com esforço". O morcego *chupa* o sangue aos outros animais. A esponja *chupa* a água. A abelha *chupa* o mel. – **Sugar** é equivalente de **chupar**. Distingue-se deste por incluir, e rigorosamente, a ideia de esforço, o que nem sempre se dá em relação a **chupar**, pois não se supõe que a esponja faça esforço em *chupar* a água. – **Chuchar** parece a alguns uma simples forma popular de **chupar**; mas outros o derivam (como Aul.) do latim *sugere*, que significa igualmente **chupar**. – **Beber** é "engolir líquidos". Nos tempos coloniais dizia-se no Brasil "*beber* fumo", por tragar ou aspirar. – **Aspirar** é "atrair aos pulmões, pelo nariz ou pela boca, o ar, o fumo, etc." Só se *aspira* matéria gasosa. – **Tragar** é "beber aos tragos e tomando bem o sabor; engolir sofregamente, sem mastigar". – **Consumir** acrescenta à noção de **absorver** a ideia de "extinguir lentamente, fazer que desapareça". Sobre **consumir** e **consumar** diz Bourguig: "**Consumar** e **consumir**, cujo sentido próprio é *acabar*, tomaram-se outrora indiferentemente um pelo outro, ainda que o primeiro designe antes a ação de *completar*, de *perfazer*, e o segundo a de *destruir*, de *gastar* (user). Assim *consuma-se* um ato, *consome-se* uma certa matéria". Laf. julga os dois verbos como quase perfeitos equivalentes, não sendo fácil, com a significação que têm aqui, distingui-los precisamente. "A ação de *consumar* – diz ele – não destrói em vão como a de *consumir*. A *consumação* serve para a reprodução. 'No mar quase toda *consumação* se faz em proveito da reprodução' (Buff.). A *consumpção* não serve para nada, e até muitas vezes não faz senão causar prejuízo. –" **Devorar** é "tragar, consumir com avidez, rapidamente". – **Comer** é quase o mesmo que consumir; enuncia a ação de "mastigar e engolir". – Sobre **devorar**, **tragar** e **comer** escreve Roq.: "**Comer** vem de *comedo*, latino, e significa mastigar e engolir

alimentos para sustentar-se; **tragar** vem de *trogo*, grego (τρώγω) e significa engolir sem mastigar; e **devorar**, de *devoro*, latino, significa comer ou tragar com voracidade ou sofreguidão".

69

ABSORTO, pensativo, enlevado, extasiado, admirado, assombrado, maravilhado, abismado, distraído, abstraído (abstrato); abstração, distração, embebido, arroubado, arrebatado, contemplativo, meditativo, meditabundo, impressionado, apreensivo, preocupado, estático, extático, estatelado. – **Absorto** exprime: como que "fora da consciência, e numa concentração de todo o espírito num assunto". – **Pensativo** está ou fica por momentos quem "pensa ou parece pensar só nalguma coisa". – **Meditativo** e **meditabundo** parece que têm a mesma significação, e no entanto diferençam-se assim: **meditativo** quer dizer – "dado, propenso a refletir, meditar em graves coisas"; **meditabundo** diz mais "pensativo e triste", que ama o afastamento, que está "solitário, silencioso e melancólico". – Sobre **enlevado, embebido** e **arrebatado** escreve Alv. Pas.: "**Arrebatado** usa-se não poucas vezes para se exprimir um deleite mental ou corpóreo, tão intenso que chega como a alienar-nos. "Eis que no meio da Missa fica subitamente *arrebatado*". (Souza.) "Saiam como fora de si, e *arrebatados* em Deus". (Feo.) – **Enlevado** exprime a nímia confiança que se põe num parecer, nas qualidades ou promessas de qualquer pessoa, a ponto de ficar como maravilhado da vista dessa pessoa, ou da contemplação de suas qualidades.

> E casar-se com ela, d'*enlevado*,
> Num falso parecer mal entendido.
> (Cam. *Lus.* c. III)

– Embebido significa, ao pé da letra, metido nos poros: a esponja *embebe-se* do líquido; "tinha e*mbebido* em si a doutrina do Apóstolo" (Feo); mas no sentido em que aqui se toma quer dizer – profundamente atento.

> Da boca do facundo capitão
> Pendendo estavam todos *embebidos*...
> (Cam. *Lus.* c. V)

Homem *arrebatado* em Deus; amante *enlevado* num falso parecer; ouvintes *embebidos* etc. – Arroubado significa "arrebatado de altas emoções ou de sublimes pensamentos". – Extasiado "o mesmo que absorto e em pasmo", arrebatado "de grande admiração e como em esquecimento de si próprio". – **Extático** diz "absorto, enlevado em êxtase". (Aul.) – **Estático** e **estatelado**, se só os olhos pudessem julgar, diriam exatamente o mesmo que **extático** e **extasiado**. **Estático** exprime "parado, imóvel como estátua, insensível a tudo que está em torno". **Estatelado** acrescenta a **estático** uma ideia de esvaimento, delíquio ou inanição. – **Impressionado** diz propriamente "sob a tortura de impressão de dor, de desconfiança, de medo, etc."... – Preocupado ajunta à noção de **impressionado** a ideia de "pungido de cuidados". – **Apreensivo** significa "tomado de cismas, de pressentimentos, de suspeitas"... – Sobre **admirado, assombrado** e **abismado** escreve Bruns.: "**Admirado**, o mais usual destes termos, é o de menor significação; ficamos *admirados* ao ver o que não esperávamos." **Assombrado** é "muito admirado", dando porém a entender que a causa desse estado é algo que impõe medo, respeito etc. – **Abismado** diz mais que **assombrado**, pois nos representa como "caídos em abismo de que não se sai". – **Maravilhado** diz mais que os três precedentes: ajunta-lhes a ideia de "grande surpresa e admiração que nos abalam e deixam em pasmo". – **Contemplativo** é "absorto em coisas místicas"; que vive ou está "como se tivesse a alma toda voltada para fora do mundo sensível, e

pela visão interior vendo o que os olhos não têm a faculdade de ver". – Sobre **distraído**, **abstraído** e **abstrato**; **abstração** e **distração** vejamos Roq.: "A palavra **abstração** vem da latina *abstrahere*, que significa – separar ou arrancar uma coisa do lugar em que está ou supomos estar; corresponde à linguagem metafísica, e designa a operação do entendimento por meio da qual desunimos coisas que na realidade são inseparáveis, para podê-las considerar cada uma em particular sem dependência nem relação com as demais, fixando-nos nela com exclusão de todas as outras. Uma imaginação *abstraída* só à sua própria ideia atende como se não houvesse outras. No cabedal das línguas cultas ocupam um lugar muito importante as palavras que representam ideias *abstratas*, e sendo estas o objeto das ciências mais elevadas, como a matemática, a metafísica, e a filosofia, chamam tanto a atenção dos que as estudam que, *abstraídos* nelas, são indiferentes e como insensíveis aos objetos exteriores. – **Abstração** é, pois, uma como alheação do homem concentrado naquele objeto interior que o tira como de si mesmo. A palavra **abstrato** usa-se quando a aplicamos às coisas, e *abstraído* quando a referimos às pessoas. Falamos *em abstrato* quando o fazemos com separação de qualquer coisa; e dizemos *abstrair-se* quando nos alheamos dos objetos sensíveis para nos entregarmos aos intelectuais. O homem que se aparta do trato e comunicação das gentes, ocupando-se, por assim dizer, em conversação consigo mesmo, e na consideração de suas *abstrações*, merece o nome de *abstraído*. Querem alguns que **distração** seja diversão do pensamento de todo objeto exterior para atender aos interiores; de cuja definição resultará que haja pouca diferença entre as duas palavras, servindo-se de uma por outra, e comumente de *distraído* por *abstraído*. Diz-se de um homem que está *distraído* no jogo em amores, em vícios, por concentrar-se, e, por assim dizê-lo, *abstrair-se* nisto, *distraindo-se* de suas obrigações. Em nosso entender, porém, há verdadeira e notável distinção entre as duas palavras; pois a **abstração** se exerce de fora para dentro, e a **distração**, ao contrário, de dentro para fora. Uma palavra casual nos leva insensivelmente de um objeto exterior a outro interior *abstraindo-nos* inteiramente daquele; mas quando, achando-nos no mais profundo desta *abstração*, nos fere repentinamente os sentidos qualquer objeto exterior, *distrai-nos*. Se estamos engolfados em nosso estudo solitário, e de repente entra uma pessoa, ou se faz um ruído forte, diremos que nos *distraiu*, e não que nos *abstraiu*. Enfim, olhamos a *abstração* como uma coisa habitual, como uma ocupação contínua, como o resultado de um caráter particular, e assim dizemos: Este homem está sempre *abstraído* em seus estudos ou meditações. A *distração* é momentânea e como passageira, separando-nos da *abstração*, a que procuramos voltar bem depressa". – Sobre **abstraído** e **distraído** lê-se em Laf.: "**Abstraído**, *abstractus* "tirado, atraído para longe de"; **distraído**, *distractus* "atraído de um lado e de outro, de diversos lados ou para diversos lados". O espírito do *abstraído* está longe do que vós lhe dizeis, daquilo de que se trata; o espírito do *distraído* é instável, dissipado, evaporado, incapaz de aplicar-se ao que quer que seja; ele deixa vagar seus pensamentos, segundo a expressão de Bossuet; ele está à mercê de todas as impressões. A causa das *abstrações* é antes interior; a da *distração* é exterior". Alv. Pas. escreve magistralmente: "Encerra-se nestas duas palavras a ideia comum de falta de atenção; mas com esta diferença: que são as ideias próprias, o pensamento do indivíduo, que o fazem *abstraído*, ocupando-se ele tão fortemente com estas ideias interiores que só atende às coisas que elas representam; e é um novo objeto exterior que faz o

homem *distraído*, e atrai a sua atenção, que a desvia do objeto a que ele a tinha aplicado. Ficamos *abstraídos* quando não pensamos em nenhum objeto presente; quando, recolhidos conosco, nos entretemos com o nosso próprio cogitar; quando estamos numa parte e o pensamento noutra. "A força da oração o *abstraiu* deste desterro". (Cardoso) Ficamos *distraídos* quando, estando a contemplar um objeto, mudamos a atenção para outro diverso; quando, estando a *ouvir* um discurso que se nos dirige, *escutamos* outro diferente; quando, dados a nossas ocupações, atendemos a festins etc. Uma pessoa *abstraída* tem o espírito muitas vezes a grandes distâncias: ora está em Lisboa em frente da estátua equestre; ouvindo tal orador no palácio das Cortes; admirando as belezas da Ajuda, ou as antiguidades de S. Vicente de Fora; ora está em Roma no meio da praça de S. Pedro. É difícil que não fiquemos *distraídos* quando, escutando um discurso enfadonho, ouvimos do lado uma coisa interessante. As *abstrações* são mais próprias dos homens dados a meditações, a estudos profundos. "Devem guardar o coração desempenhado, *abstraído*, silencioso e solitário para o comércio divino". (Bern.) As *distrações* pertencem mais aos espíritos levianos e às crianças que se *distraem* com lindos nadas. "Os *abstraídos* meditam muito e falam pouco; e os *distraídos* meditam pouco, e falam muito, e perdem o fruto das conversações".

70

ABSTER-SE, **privar-se**; **abstinência**, **privação**. – Escreve Roq.: **Abster-se** exprime a ação sem referi-la ao sentimento que pode acompanhá-la; **privar-se** supõe apego à coisa, e pena de não poder gozar dela. Fácil nos é *abster-nos* do que não conhecemos nem amamos, nem desejamos, ou que nos é indiferente; com dificuldade, porém, nos *privamos* das coisas que conhecemos, que nos agradam, de que gozamos ou queremos gozar. Podendo o bêbado beber, caso raro é que *se prive* de vinho; porém o homem de razão abstém-se dele quando sabe que lhe é nocivo. – Vemos que **abstinência** supõe que podemos gozar de uma coisa, mas que por certas razões dela nos *abstemos*, e assim se entende ser voluntária. A **privação** é de ordinário forçada, pois temos desgosto e ainda pena de nos vermos privados daquilo que muito desejamos lograr. Para o que prefere sua saúde aos prazeres, a *abstinência* não é na realidade *privação*; mas para o que prefere os prazeres à saúde, a *abstinência* é também *privação*.

71

ABSTERSO, **terso**, **polido**, **brilhante**, **alvo**, **cândido**, **branco**, **limpo**, **límpido**, **lustroso**, **fúlgido**, **fulgente**, **refulgente**, **brunido**, **luzido**, **luzidio**, **luzente**, **reluzente**, **lúcido**, **nítido**, **nitente**. – **Absterso** é como um redobramento de **terso**; e este significa "livre de manchas, polido e lustroso". Tanto se aplica em sentido natural como em translato. Dizemos: "O aço já *terso* da ferrugem" (Fil. Elys. cit. Aul.); como dizemos: "Linguagem *tersa*; estilo *absterso* e brilhante". – **Polido** e **brunido** aproximam-se; mas, **brunido** se aplica mais propriamente ao brilho que se dá aos metais; **polido** se diz de tudo a que se deu polimento, isto é, nitidez e brilho, sem ser pelo brunidor. – **Brilhante** exprime "muito polido e luzente: que tem grande brilho". – **Fúlgido** é o "que fulge de si mesmo"; **fulgente** é o "que está fulgindo ou sendo brilhante no momento". **Refulgente** é um reforço de fulgente. – **Alvo** e **branco** se confundem; mas a distinção entre os dois consiste em que **alvo** ajunta à noção de **branco** a ideia de puro, delicado, imaculado. – **Cândido**, ainda melhor que **alvo**, acrescenta à ideia de alvura a de pureza e imaculidade, e tanto na acepção moral como na física. *Cândidas* al-

mas de crianças. *Cândido* livro. – **Limpo** diz – "livre de impurezas": é o mais genérico do grupo. – **Límpido** acrescenta à ideia de terso e puro a de lustroso, diáfano, brilhante. – **Lustroso** confunde-se com **brilhante**; mas, não só este é mais intenso e complexo, como **lustroso** restringe ao que se lustrou ou poliu a qualidade que enuncia. Não seria próprio dizer, portanto: "*lustrosa* estrela". – **Luzido**, **luzente**, **reluzente**, **luzidio**, **lúcido** confundem-se muito. É preciso notar-lhes, no entanto, alguma diferença marcada pelos respetivos sufixos. **Luzido** acrescenta à noção de polido, lustroso, cheio de luz, a ideia de esbelto, pomposo; **luzente** quer dizer – "que espalha luz em torno"; **reluzente** é forma redobrada de **luzente**; **luzidio** diz propriamente – "que é semelhante ao que brilha", que despede luz um tanto indecisa, ou instantânea e fugaz; **lúcido** é o mais forte da secção: diz – "claro, diáfano, brilhante como a própria luz". Dizemos com propriedade: *luzidos* batalhões; abóbada ou esfera *luzente*; olhos *reluzentes* de cólera; um ponto *luzidio* no escuro da floresta; a *lúcida* visão do gênio. – **Nítido** ajunta à noção de limpo, discriminado, terso, a ideia de brilhante; **nitente** diz, além de limpo – "correto, airoso, vistoso". Exemplos: "*Nítidas* frontes fulgem do meio da turba"; "*Nitentes* florações nos trouxe a primavera".

72

ABSTINENTE, **abstêmio**, **frugal**, **sóbrio**, **abstido**, **continente**, **temperante**, **temperado**, **moderado**, **parco**, **comedido**. – **Abstinente** é aquele que se abstém de alguma coisa por necessidade de consciência ou por sentimento de dever. – **Abstêmio** é o que se abstém de excessos na mesa, principalmente quanto a bebidas que embriagam. – **Frugal** é propriamente o que se nutre "só de frutas", e por extensão "o que se satisfaz com pequena quantidade de alimento". – **Sóbrio** é "o que só toma o alimento indispensável, e em sentido geral, o que se mostra moderado em todas as funções, e no uso dos bens da vida". – **Abstido** é quase o mesmo que **abstinente**; convindo notar-se que **abstido** deve aplicar-se ao que, "no momento", se abstém de alguma coisa: não designa, portanto, propriamente uma qualidade (como se dá com **abstinente**) mas um estado. – **Continente** designa "o que tem a virtude de sofrear os impulsos, as inclinações da própria natureza". Num sentido mais restrito embora, está **temperante** no mesmo caso: significa "moderado nos apetites, particularmente no comer e no beber". – **Moderado** e **comedido** muito se aproximam. O primeiro, no entanto, designa "uma qualidade mais forte e que parece depender de mais esforço e energia moral". – **Comedido** significa "que sabe regular, medir as suas palavras e ações de um modo conveniente". (Aul.) – **Parco** diz mais que sóbrio: é aplicável ao que é "pouco abundante, reduzido, pequeno, curto, quase tacanho e avaro".

73

ABSTRATO, **abstruso**. – Segundo Roq., uma coisa **abstrata** é difícil de entender porque dista muito das ideias sensíveis e comuns. Uma coisa **abstrusa** é difícil de compreender, porque depende de um encadeamento de raciocínios, cuja relação não é possível descobrir nem seguir, e muito menos a totalidade que deles resulta, apesar do esforço extraordinário que nossa inteligência faça para consegui-lo. Um tratado sobre o entendimento humano precisamente deve ser *abstrato*; e *abstrusa* dizemos que é a ciência da geometria transcendental. Tudo que é *abstruso* é *abstrato*, mas nem tudo que é *abstrato* é *abstruso*.

74

ABUNDÂNCIA, **fartura**, **riqueza**, **opulência**. – **Abundância** (do latim *abundan-*

tia, f. de *abundare*, f. de *ab* + *undo*, *are*) diz propriamente "em quantidade tão grande que satisfaz plenamente ao que se deseja". – **Fartura** diz mais que **abundância**: significa "em quantidade tal que já excede ao que é suficiente". – **Riqueza** é, como diz Roq., "a superabundância de bens da fortuna e de coisas preciosas". – **Opulência** é a "riqueza com aparato e ostentação". – Quem vive na *abundância* não precisa de mais nada para viver. Quem vive na *fartura* tem mais do que lhe é necessário. Quem viveu sempre na *riqueza* "não sabe o que é ser pobre"... Quem vive na *opulência* goza com ufania da sua riqueza.

75

ABUSÃO, **patranha**, **peta**, **crendice**, **superstição**, **prejuízo**, **preconceito**, **prevenção**, **preocupação**, **fanatismo**. – Todas estas palavras indicam ou sugerem defeito de consciência, impedindo de julgar sãmente. – **Abusão** é "falsa história, ou caso fictício com que se engana, ou de que alguém se persuade por ingenuidade, ou por índole supersticiosa". – **Patranha** diz – "grande tolice, ou conto mentiroso com pretensões a coisa séria e verdadeira, e que só aceitam os néscios". Aproxima-se-lhe **peta**; convindo não esquecer que **patranha** parece significar que as mentiras ou as tolices se referem a assuntos de religião; e que é, portanto, um gênero de **petas**. – **Crendice** é, conforme define Aul., crença popular sem fundamento, e absurda e ridícula. – **Superstição** – diz Bruns. de perfeito acordo com Aul. – "é sentimento de veneração religiosa fundado no temor ou na ignorância, e que conduz geralmente ao cumprimento de falsos ou supostos deveres, à cega confiança em coisas ineficazes". Propriamente, **superstição** (*superstitio*, de *superstare*) é uma depravação do senso religioso, um excesso de credulidade que turva a consciência ou faz calar a razão; e pode estender-se mesmo a coisas que não sejam religiosas. Dizemos: a *superstição* da honra, do destino, da verdade, do dinheiro, etc. – **Prejuízo** diz propriamente "juízo antecipado, opinião que se tem de uma coisa antes de examiná-la diretamente, ou sem conhecê-la, e que portanto nos impede de julgá-la de consciência". Confunde-se com **preconceito**; mas este supõe que o nosso espírito "foi induzido a deixar-se dominar" da falsa noção que nos impede de julgar livremente. O **prejuízo** parece mais um temor supersticioso, um respeito cego a coisas vãs; o **preconceito** parece mais a "suposta certeza", a convicção assentada, de que não saímos como por um capricho do nosso amor próprio. Podemos admitir ainda o *preconceito* da honra: não o *prejuízo*. – Acerca de **preocupação** e **prevenção** diz Roq.: "Estes dois termos exprimem uma disposição interior oposta ao conhecimento da consciência, e que impede o ânimo de adquirir os conhecimentos necessários para julgar das coisas retamente; com a diferença que a *preocupação* reside particularmente no entendimento, e o faz cego; e a *prevenção* tem seu principal assento na vontade, e a faz injusta. A *preocupação* é o estado do ânimo de tal modo cheio e possuído de certas ideias, que não pode ouvir nem conceber outras contrárias. A *prevenção* é uma disposição antecipada da alma que a faz inclinar-se a julgar mais ou menos favorável ou desfavoravelmente de um objeto. A *preocupação* tira a liberdade do ânimo; absorve-o. A *prevenção* tira a imparcialidade do juízo; induz em erro. A *preocupação* nasce de alguma impressão viva e profunda que enche de seu objeto a capacidade do ânimo, e cativa o pensamento. A *prevenção* nasce de certas relações ou informações que nos deram, de um objeto, as quais, interessando-nos a respeito desse objeto, não permitem à nossa alma o conservar seu equilíbrio e sua indiferença. As *preocupações* não são boas

para coisa nenhuma: devem combater-se como inimigas da verdade. Há *prevenções* justas e razoáveis: é mister examiná-las, porque podem prevenir-nos contra o engano". – **Fanatismo**, segundo o mesmo Roq., "é um zelo cego e apaixonado, que nasce das opiniões supersticiosas, e faz cometer ações ridículas, injustas e cruéis, não somente sem vergonha e sem consciência, senão também com uma espécie de alegria e consolação, como se o que as faz houvera recebido alguma missão de Deus".

76

ACABAR, **concluir**, **cessar**, **descontinuar**, **interromper**, **suspender**, **finalizar**, **findar**, **ultimar**, **terminar**, **rematar**, **fechar**, **intermitir**, **parar**. – Segundo Roq., "**acabar** representa a ação de chegar ao termo ou fim de uma operação; **concluir** representa a ação no deixar a coisa completa. Hoje se *acaba* minha fadiga. Ontem se *concluiu* o negócio. Como as ações destes dois verbos são em geral inseparáveis, é pouco perceptível sua diferença; para distingui-la, porém, basta buscá-la num exemplo, no qual o que se *acaba* seja precisamente a ação de outro verbo: Amanhã *acabarei* de escrever; não *acaba* de chegar; ao meio-dia *acabou* de correr; *acaba* de sair, de chegar, de entrar, etc. Em nenhum destes exemplos se pode usar sem impropriedade do verbo *concluir*, porque não se trata diretamente de uma coisa finalizada e completa por meio da *conclusão*, senão puramente de uma ação que cessa, do termo e fim a que chega, não a coisa *concluída*, mas a operação com que se *conclui*". – "**Cessar** – diz ainda Roq. – é um termo geral, que a toda suspensão de trabalho ou ação pode aplicar-se, sem indicar diferença alguma. *Cessa-se* por um instante, por muito tempo, para sempre. – **Descontinuar** é suspender o trabalho, ainda que não seja por muito tempo; é romper a continuação ou seguida do fato com o que fica por fazer". – **Acabar** e **findar** têm muito íntima conexão; devendo notar-se, no entanto, que **findar** enuncia simples fato em muitos casos em que **acabar** enuncia ação. **Findar** é "ter fim"; **acabar** é, além de "ter fim" – chegar, levar ao fim (ao *cabo*); e é nesta última acepção, que se distingue de **findar**. "*Acabamos* a nossa tarefa" (e não – *findamos*). Segue-se que em todos os casos em que se aplica **findar** pode aplicar-se **acabar**; mas a inversa não seria exata. – Entre **findar** e **finalizar** dá-se uma diferença análoga. **Finalizar** enuncia ação, esforço "para chegar ao fim". "*Findou* o sofrimento da triste criatura" (e não – *finalizou*), "*Finalizamos* o trabalho com muita fortuna" (e não – *findamos*). – **Finalizar**, **ultimar**, **terminar**, **rematar**, **fechar** podem confundir-se. Quem diz **ultimar** indica a ação de "chegar ao termo de uma coisa deixando supor que se havia começado e que se vai ou pode dar princípio a outra; e, portanto, como que estabelecendo uma certa relação de ordem ou de seguimento entre a coisa que se *ultima*, o princípio que teve essa coisa, e às vezes alguma outra coisa que se lhe pode seguir". Dizemos **rematar** quando queremos exprimir que se "pôs fim ou conclusão a uma coisa com um sinal próprio ou de um modo completo". Um exemplo: "Quando ouvimos aquela apóstrofe vibrante supusemos que o orador ia *ultimar* as graves acusações; mas ele continuou no mesmo tom veemente; e parecia *terminar* ou *concluir* já mais calmo, quando a um aparte do ministro, *rematou* a tremenda objurgatória com uma invetiva ultrajante". – **Rematar**, portanto, e **fechar**, neste caso, seriam sinônimos perfeitos se não fosse a nuança assinalada na predicação daquele primeiro verbo: o que se *fecha* fica "resolvido definitivamente, concluído, ultimado": o que se *remata* "tem termo preciso, formal, bem marcado, e até pode ser que solene". – **Terminar** é "ir ao termo,

levar ao termo, ter fim, chegar ao limite". – **Interromper** e **suspender**, como **descontinuar**, enunciam ação de "cessar, ou deixar de exercer por algum tempo função própria ou alheia". *Descontinua-se* quando "se deixa de prosseguir aquilo que é contínuo ou sucessivo"; *interrompe-se* alguma coisa quando "se lhe corta ou suspende bruscamente a ação ou o modo de ser"; *suspende-se* alguma coisa quando "se a interrompe por algum tempo e a deixa pendente". – **Intermitir** é "suspender ou interromper de momento a momento, cessar de agir, de atuar, ou de se fazer sentir por intervalos". – **Parar** significa "cessar, acabar, tratando-se de movimento ou de função". "*Para* o relógio quando se lhe acaba a corda". "*Intermite-se* a aplicação de um medicamento quando sobrevêm acessos do mal que se combate".

77

ACABAR, **perecer**, **falecer**, **morrer**, **fenecer**, **finar-se**, **extinguir-se**, **expirar**. – Todos estes verbos significam "chegar ao fim", quer se trate de duração ou de espaço. – "**Acabar** – escreve Roq. – significa chegar ao cabo ou fim de uma operação sem indicar a conclusão, e de um modo mui genérico. – **Fenecer** é chegar ao fim do prazo ou extensão própria da coisa que *fenece*. – **Perecer** é chegar ao fim da existência, cessar de todo, e às vezes por desastre ou infortúnio. – **Finar-se** exprime propriamente o acabamento progressivo do ser vivente. – **Falecer** é fazer falta acabando. – **Morrer** é acabar de viver, perder a vida. Depressa *se acaba* o dinheiro a quem gasta perdulariamente. Muitas vezes *se acaba* a vida antes que tenhamos acabado a mocidade. *Fenecem* as serras nas planícies, e às vezes no mar. – **Fenece** a vida do homem muitas vezes quando ele menos o espera. *Perece*, ou há de *perecer* tudo quanto existe. Quantos *têm perecido* de fome, de sede, à míngua, nos cárceres, nos suplícios, nos incêndios, nos terremotos, nos naufrágios?! Todos os seres animados *finam-se* quando, extenuadas as forças, pagam o tributo à lei da morte. *Falece* o homem quando passa da presente a melhor vida. *Morre* tudo quanto é vivente; e porque as plantas têm uma espécie de vida, também as plantas *morrem*. O homem não *morre* só quando o prazo dos seus dias está cheio, mas *morre* muitas vezes às mãos de assassinos, de inimigos ou de rivais. *Acaba* ou *fenece* a serra, e não *perece*, nem *morre*[7], nem *se fina*, nem *falece*. *Perece* um edifício, uma cidade, etc., e não *morre*, nem *se fina*, nem *falece* (nem *fenece*). *Morre* o vivente, mas o irracional não *falece*. *Morre*, *acaba*, *falece*, *fina-se* o homem, e por sua desventura também muitas vezes *perece*. Diz-se mui urbanamente, e por uma espécie de eufemismo, que um homem *faleceu* quando acabou seus dias naturalmente, do mesmo modo que diziam os latinos *vita functus est*; mas não se dirá que *faleceu* aquele que *morreu* na guerra ou às mãos do algoz". – **Expirar** é "render o último alento, dar o último suspiro, acabar de existir no mesmo instante". – **Extinguir-se** significa "fenecer, acabar de ser"; e sugere a ideia do desaparecimento da coisa que *se extingue*.

78

ACABADO, **desfigurado**, **macerado**, **abatido**, **consumido**, **gasto**, **velho**, **idoso**, **envelhecido**, **avelhentado**, **quebrado**, **alquebrado**, **quebrantado**, **aniquilado**, **curvado**, **acurvado**, **combalido**, **definhado**, **enfraquecido**, **debilitado**, **extenuado**, **esgotado**, **exaurido**, **exausto**, **cansado**, **fatigado**, **acabrunhado**, **arruinado**, **ralado**, **mortificado**, **exinanido**, **inanido**, **prostrado**, **amofinado**, **descomposto**, **desfeito**, **alterado**, **mudado**, **demudado**,

7 ❧ Figuradamente dizemos, aliás, que a serra vai *morrendo*, para indicar que vai baixando pouco a pouco até acabar, ou *morrer* de todo.

transtornado, **desmanchado**. – **Acabado** dizemos daquele em cuja fisionomia o tempo, os trabalhos ou as doenças parecem ter feito mais estragos de que se devia esperar. – **Desfigurado** está aquele que mostra na fronte "sinais de depressão física produzida por alguma doença, ou mesmo por algum sofrimento moral". – **Abatido** significa "desfigurado e enfraquecido, mofino, sem forças e sem ânimo". – **Consumido** indica melhor o que se sente "ferido profundamente na alma, o que se deixa abater e como emurchecer de dor moral". Diz também "o que a moléstia afligiu, ou o que os trabalhos amofinaram". – **Macerado** quer dizer "desfeito, mortificado pelos padecimentos". – **Gasto** confundir-se-ia com os precedentes, se deles não se distinguisse em sugerir, como diz Bruns., "que não é precisamente ao exercício das virtudes que se deve o estar *gasto*", isto é, o já não ter o vigor, a louçania que só a idade não extingue. – **Curvado** (e **acurvado**) enuncia ideia da postura daquele que a idade ou o sofrimento fez pender; e sugere alguma coisa de resignação. "Aquela figura, ainda ontem tão altiva, está hoje abatida, *curvada* pelo infortúnio". – **Combalido** exprime "abalado, falto de forças (físicas ou morais), que parece tombar". Agora está *combalido*: o tempo não poupa nem a glória. – **Definhado** = "consumido, que vai murchando e morrendo de desconsolações". – **Enfraquecido** = "falto de forças". – **Debilitado** = "um tanto enfraquecido", sugerindo ideia de mal passageiro. – **Extenuado** = muito exausto, muito esgotado de forças, também devido quase sempre a causas momentâneas. – **Esgotado**, **exaurido** e **exausto** seriam quase sinônimos perfeitos se os dois últimos não sugerissem ideia do esforço que produziu o esgotamento. Entre **exaurido** e **exausto** pode notar-se esta diferença: **exaurido** dá melhor a ideia da causa que exauriu, e enuncia de maneira mais completa e mais forte a noção de esgotado. – **Cansado** e **fatigado** exprimem a mesma noção de "quebrado de forças"; mas o segundo dá ideia mais clara de extenuamento. – **Acabrunhado** ajunta à noção de abatido moralmente a ideia de profundo desânimo e tristeza. – **Arruinado** = tão alterado na saúde ou nas forças que parece perdido. Aplica-se mais propriamente à situação da vida que à própria vida. – **Ralado** = "vexado, afligido, esmagado de dores, de sofrimentos, de remorsos". – **Mortificado** = "ferido de angústias, macerado, atormentado pelo sofrimento; que parece estar morrendo". – **Exinanido** = "aniquilado, muito enfraquecido pelas privações". É mais forte que **inanido**, que enuncia apenas a ideia de "não nutrido, e por isso falto de forças". – **Prostrado** = "violentamente abatido, por fadiga, doença ou idade". – **Amofinado** = "ressentido de moléstia, de desgraça, de trabalhos". – Como **desfigurado** – **descomposto**, **desfeito**, **alterado**, **mudado**, **demudado**, **transtornado**, **desmanchado** indicam todos, com pequenas diferenças de nuanças, o estado do semblante, de todo o conspecto da pessoa abalada de sofrimento, de doença, de susto, medo, etc. – **Velho** e **idoso** distinguem-se assim: **idoso** é o que chegou à idade avançada; **velho** é o que, devido à idade avançada, se sente enfraquecido e enfermo. Todo *velho* deve ser *idoso*; mas há homens *idosos* que não se pode dizer precisamente *velhos*. – **Envelhecido** e **avelhentado**: o primeiro se aplica à pessoa que parece ter mais idade do que realmente tem; **avelhentado** é o que tem ares de velho, que parece velho sem o ser. – **Quebrado** se diz daquele que está enfraquecido, mais exausto de forças do que devia estar. – **Alquebrado** se aplica ao velho que a doença, mais que os anos, abateu e como que curvou. – **Quebrantado** convém mais àquele que se deixou abater por motivos que muitas vezes são imaginários. – Confunde-se com **aniquilado**: notando-se que este ajunta a quebrantado a ideia de humilhação.

79

ACABADO, **perfeito**, **completo**, **magistral**, **cabal**, **pleno**. – **Acabado**, aqui, se diz em referência a uma "coisa que se fez de modo tão perfeito que nada se deixou a desejar". Distingue-se dos demais do grupo em conservar a atividade predicativa do verbo, e sugerir, portanto, essa ideia de execução. – **Perfeito** significa propriamente "feito de modo completo"; e aplica-se àquilo que foi elevado ao mais alto grau de perfeição. "O que pode ser melhor – diz Laf. – não é *perfeito*; aquilo, a que o autor, ou o artista (se se trata de uma obra de arte) pode ainda acrescentar alguma coisa, não é *acabado*". Além disso, **perfeito** é mais extenso: aplica-se tanto ao homem como às coisas. O mesmo não se poderia dizer de **acabado**. – **Completo** aplica-se apenas ao homem, às coisas que se lhe referem; e significa "que reúne todas as qualidades, ou pelo menos as qualidades mais excelentes que caracterizam um tipo". É mais genérico do que **perfeito**, e exprime virtudes ou méritos em conjunto; enquanto que **perfeito** é mais próprio para designar uma certa qualidade, um certo mérito, ou a perfeição sob um ponto de vista particular. Dizemos: um *perfeito* médico; uma dançarina *perfeita* (e não – *completo* médico; dançarina *completa*). Uma beleza *perfeita* – diz o citado autor – tem a qualidade "beleza" em alto grau; pode não brilhar (ou não ser "beleza") senão sob um certo ponto de vista, como, por exemplo, sob o da figura: uma beleza *completa* reúne muitas *perfeições*, muitas qualidades eminentes. M.me Mazarin era uma das mais[8] *perfeitas* belezas da corte: só lhe faltava espírito para ser *completa*. Delaf.. "Um amigo é antes *perfeito*, e um esposo é *completo*; pois um é encarado sob ponto de vista mais restrito que o outro". – **Magistral** é "o que foi feito com mestria ou consumada perícia"; é o trabalho, a produção, o serviço no qual se reconhecem as perfeições do autor ou do mestre que o executou. – **Cabal**, no entender de Bruns., é sinônimo perfeito de **completo**, notando-se apenas que "em **cabal** há uma ideia de justeza, de pontualidade, de exatidão que não há em **completo**." É preciso, no entanto, acrescentar que **cabal**, além de completo, diz também "alguma coisa de terminante, definitivo", e que só se aplica a fatos morais ou a coisas de espírito. Razões, explicações, sentenças, soluções *cabais* (completas e decisivas). – **Pleno** diz propriamente "cheio, completo, inteiro, que satisfaz completamente". *Pleno* direito; *plenas* informações; sessão *plena*.

8 ~ É tal a dificuldade que apresenta a falta de precisão absoluta do valor lógico de certas palavras que em muitos casos é forçoso admitir formas como esta – mais *perfeitas* – apesar do que, algumas linhas antes, diz o próprio Lafaye quando escreve que o que pode ser melhor não é *perfeito*.

80

ACABRUNHAR, **amofinar**, **afligir**, **oprimir**, **humilhar**, **entristecer**, **contristar**, **vexar**, **magoar**, **desgostar**, **molestar**, **aborrecer**, **apoquentar**, **importunar**, **mortificar**, **angustiar**, **atormentar**, **agoniar**, **amargurar**, **consternar**, **inquietar**, **incomodar**. – **Acabrunhar** significa "abater o ânimo pelo castigo ou pelo sofrimento, pelo peso de algum desgosto ou de alguma desgraça". – **Amofinar** e **apoquentar** são muito próximos: ambos exprimem a ação de diminuir a coragem com pequenas coisas; sendo que **amofinar** sugere a ideia da tristeza em que fica o que se *amofina*; e **apoquentar**, a do aborrecimento, da impaciência, do mau humor em que se sente o *apoquentado*. – **Afligir** diz propriamente "abalar a alma violentamente, ferir de grande mal, inquietar muito; e dá ideia do desespero em que fica o que se *aflige*. – **Oprimir** dá ideia "do gravame, da rudeza com que se molesta e aflige, ou com que se faz alguém sofrer". – **Humi-**

lhar acrescenta à ação de **oprimir** a ideia de afrontar, de rebaixar, e equivale a "*oprimir* envergonhando". Distingue-se de **vexar** por isso mesmo: porque sugere o intento, por parte de quem *humilha*, de diminuir os créditos, de abusar dos brios do *humilhado*: enquanto que **vexar** exprime a ação de expor a afronta, a escândalo, podendo ser que o *vexado* nem por isso se sinta ferido propriamente na sua honra. Um garoto decerto que nos *vexa* (ou nos *molesta*) em público se nos expõe a algum ridículo; mas não nos *humilha*. Uma autoridade injusta ou estúpida pode *afligir-nos*, *oprimir-nos*, *vexar-nos* mesmo: nem por isso nos *humilhará*. – **Magoar** enuncia a ação de "produzir ligeira dor, ou um aborrecimento que não é duradoiro". – **Molestar** e **aborrecer** aproximam-se do precedente, e diferençam-se assim: **molestar** sugere a ideia do incômodo que se causa à pessoa *molestada*; **aborrecer** é "pôr de mau humor, enfastiar, causar displicência". – Também é convizinho destes **importunar**, que significa "afligir ligeiramente, fazer perder a paciência". – **Desgostar** é "contrariar o gosto de alguém, causar desgosto a alguém". – **Entristecer** é propriamente "encher de tristeza". É menos intenso que **contristar**, pois este já enuncia que a coisa que nos *contrista* "produz em nossa alma uma pena mais funda". "Ela *entristeceu* (ficou *triste* ou mostrou-se *triste*) diante daquela cena, que realmente era de *contristar* os ânimos mais fortes, ou os mais duros corações". – **Mortificar** é "afligir até deixar exausto de forças ou de ânimo como se estivesse a morrer". – **Angustiar** é "pôr em grande aperto de alma, em aflição horrível". – **Atormentar** é "afligir de tormentos, deixando o atormentado como em conturbação, em ânsias de dor". – **Agoniar** é "impor ou fazer sofrer suplício ou aflição como de agonia". – **Amargurar** é "causar dor acerba e profunda, ferir de grande angústia, pondo a alma em estado de confracção tal que ela só sente forças para repugnar a vida". – **Consternar** é "produzir um sentimento tal de pesar, luto e tristeza que faz supor a alma como prostrada de dor imensa, e de assombro, à vista de alguma fatalidade, ou alguma grande desgraça, que se lamenta como castigo do céu. – **Inquietar** e **incomodar** são, de todo o grupo, os de predicação menos forte: uma suspeita, ou um pressentimento *inquieta*, isto é, "tira a calma e serenidade" (diz muito menos que *aflige*); uma falta que se cometeu desapercebidamente, uma inadvertência, um aperto em que nos põem, um mal-estar, uma ligeira dor *incômoda*.

81

ACADEMIA, **escola**, **instituto**, **universidade**, **colégio**, **ginásio**, **liceu**. – Todas estas palavras designam estabelecimentos onde se ensina ou se estuda. Discordamos de Bruns. quando estranha que se não possa dizer "a *universidade* de medicina de Lisboa, a *universidade* de medicina do Porto, já que estes estabelecimentos em nada dependem da universidade de Coimbra, sendo-lhe, porém, equiparados até certo ponto". Não é propriamente a independência de que aí se fala, nem a categoria do ensino que se dá no estabelecimento, que determina a classe do mesmo e a denominação que lhe compete. – **Universidade** devia ser o conjunto de todos os cursos que se podem fazer num país, ou numa cidade, ou ainda num vasto instituto de educação; hoje, no entanto, por **universidade** designamos o estabelecimento onde se professam muitas faculdades, mesmo que não sejam *todas* as que se podem professar. É nisto antes de tudo que consiste a diferença entre **universidade** e os demais termos do grupo. Uma academia, ou uma escola toma a si apenas uma certa ordem de ciências ou artes, ou mesmo uma só arte ou uma só ciência. Temos *academia* ou *escola* de

medicina, de direito, de engenharia; *escola* ou *academia* de belas-artes; ou mesmo *academia* ou *escola* de música; *escola* de cirurgia, *academia* de pintura, de letras, etc. Não se sabe como usar de nenhum desses dois vocábulos sem um restritivo que lhes designe a especialidade de conhecimentos que ministram. Se se disser só – *escola,* – ou só – *academia* – há de subentender-se que se sabe já de que academia ou escola se está tratando: ou então, o nosso interlocutor não terá noção exata, precisa do estabelecimento a que nos referimos. O mesmo não se dá em relação à **universidade**, pela simples razão de que esta ordem de institutos, em vez de uma, ensina diversas especialidades ou classes de ciências, e se quiséssemos dar-lhe os mesmos restritivos que são indispensáveis tratando-se de **escola** ou de **academia**, teríamos de juntar-lhe todos os que fossem necessários para designar as diversas ciências professadas, e dizer, por exemplo – *universidade* de medicina, direito, matemática e teologia... Mas esta forma não faria mais do que pôr em destaque e tornar flagrante um absurdo que passa disfarçado e que é tolerável enquanto não se tenta restringir expressamente o termo *universidade*. Quando empregamos esta palavra para designar um instituto onde se professam apenas algumas faculdades, não pecamos mais contra a precisão lógica do vocábulo do que, por exemplo, quando reduzimos o universo ao nosso mundo. Mas o que certamente se não nos permitiria é que tentássemos dizer sem dislate clamante, por exemplo – "universo mundial", ou – "universo solar", ou – "universo da estrela d'alva"; e isto porque a palavra "universo" abrange todos sistemas de mundos, e só por figura é que podemos aplicá-la para exprimir a totalidade das nações do nosso mundo. – **Academia** e **escola** são usados, em grande número de casos, indistintamente. Deve notar-se, porém, que **academia** é mais nobre, e só se aplica a estabelecimento onde se façam altos estudos, ou onde se ministre ensino superior, quer tratando-se de ciências, quer tratando-se artes liberais. **Escola** é mais prática e mais popular, e pode abranger todo gênero de estudos. Dizemos "*academia* ou *escola* de belas-artes, de medicina, de direito, etc.; mas não diremos "*academia* de artes e ofícios", ou "*academia* de instrução primária", ou "*academia* de agricultura", ou "de aprendizes marinheiros". É preciso notar ainda que tanto **academia** como **escola** podem designar estabelecimento onde se ensinem diversas ciências ou artes, ou melhor as artes ou ciências de toda uma categoria. – **Colégio** e **instituto** são os mais genéricos do grupo. **Colégio** é estabelecimento onde se reúnem pessoas (meninos ou adultos) para estudar; mais particularmente aplica-se a internato, pois a ideia dominante que o termo sugere é a da "reunião das pessoas que foram escolhidas e que ficam no estabelecimento em perfeita igualdade de condições". **Instituto** é ainda mais genérico e extensivo do que **colégio**: pode aplicar-se a toda categoria de estabelecimentos onde se estude ou onde se ensine, desde – "*intituto* primário" – até – "*instituto* de altos estudos", ou "de altas ciências". O *Instituto de França*, por ex., compreende todas as academias de artes e ciências de Paris. – **Ginásio** e **liceu** são os menos latos do grupo. **Ginásio** designa estabelecimento (internato ou externato) onde se faz educação tanto moral como física de meninos ou moços; ou onde se dá um cuidado mais especial aos exercícios físicos. Dá-se hoje, no entanto, o nome de ginásios a colégios onde se ensinam matérias do curso preparatório. **Liceu** está no mesmo caso; mas este se aplica tanto a escola de instrução secundária, como a cursos práticos de artes e ofícios.

82

ACALENTAR, **amimar**, **consolar**, **agradar**, **afagar**, **ameigar**, **acariciar**, **acarinhar**, **acaridar**. – **Acalentar** designa particularmente a "ação de aquecer a criança nos braços para que sossegue e adormeça"; e por extensão e figuradamente pode aplicar-se nos casos em que se trata de coisas morais ou abstratas, como: "*acalentar* sonhos, esperanças, desejos, e até vícios". – **Amimar** é tratar com mimos, isto é, com "manifestações delicadas de afeto e desvelo, como... se fosse criança a pessoa que se *amima*". – **Consolar** é, "por meio de carinhos, de palavras de conforto, de atos de amizade, procurar diminuir a pena, minorar o sofrimento, ou tornar esquecido ou menos intenso o pesar que aflige alguém". – **Agradar**, aqui, é quase **afagar**; pois ambos indicam que se deseja fazer contente, grata conosco a pessoa a quem se *agrada* ou se *afaga*. Este último verbo, no entanto, é mais expressivo e intenso; e tanto quanto **afago** o é em relação a **agrado**. **Afagar** é fazer, por palavras, gestos e atos, demonstrações de muita benevolência e afeto; **agradar** é apenas, também por atos e palavras, dispor bem, deixar satisfeito, bem impressionado. – **Ameigar** diz propriamente "tratar com meiguices, com muita brandura, de modo a fazer suave, doce, meigo o que é tratado". – **Acariciar** é "tratar com carícia", sendo carícia sinal mais delicado ainda de amor do que meiguice, mesmo do que carinho. Daí o fato de ser **acarinhar** menos expressivo de ternura do que **acariciar**. *Acarinham-se* a todos os meninos, ou a todas as criaturas desvalidas, tratando-as com afeto paternal; *acariciam-se* as crianças, beijando-as, enchendo-as de afagos e mimos. *Acarinha-se* a um amigo, a uma pessoa que se estima; só se *acariciam* aquelas criaturas que merecem os nossos afagos e blandícias, antes de tudo porque são tenras, mimosas e têm o nosso amor comovido. "Jesus *acarinhava* a todo o mundo; mas as crianças ele *acariciou* sempre com um estremecimento que dizia bem até onde era capaz de ir, no enlevo de amar, a sua ternura divina". – **Acaridar** diz propriamente "tratar com caridade", isto é, mostrando o amor que as almas bem formadas têm pelos que sofrem, e por todos que precisam da nossa assistência e socorro. Só se *acaridam*, portanto, àqueles que são menos felizes do que nós, ou que se acham em situação em que tenham o direito de contar com a nossa bondade de coração.

83

ACAMPAMENTO, **arraial**, **bivaque**. – Segundo Bruns., "**acampamento** é termo genérico, mas particularmente designa o recinto ou área onde um exército em campanha ergue as suas tendas e se instala com certa comodidade e segurança. – **Arraial**, palavra tomada ao espanhol, *reales*, designava o acampamento em cujo centro se elevava a tenda do rei; hoje é termo poético. – **Bivaque** (do frandês *bivac*) é o estado de um exército acampado ao ar livre, sem tendas nem comodidades; por extensão, diz-se do terreno onde esse exército passa a noite ao sereno".

84

ACANHADO, **tímido**, **vergonhoso**, **modesto**, **apoucado**, **pudico**, **pudibundo; acanhamento**, **timidez**, **vergonha**, **modéstia**, **apoucamento**, **pudor**, **pudicícia**, **pudor** e **pundonor**, **pundonoroso**. – **Acanhado** se diz do que tem "tão pouco desembaraço e vivacidade e que se mostra tão tolhido que parece diminuir-se aos nossos olhos". Entre **acanhado** e **tímido** é preciso notar diferenças que à primeira vista se não percebem distintamente. A pessoa *tímida* é natural que se mostre *acanhada*, entrando, por ex., num salão sumptuoso, ou dirigindo-se a personagem ilustre. É natural também que a pessoa

acanhada pareça *tímida*, pelos modos como se apresenta. De sorte que se pode entender **acanhamento** como sinal de **timidez**, não sendo a inversa perfeitamente verdadeira. Uma criança é natural que seja *tímida*, e pode ser *tímida* sem ser propriamente *acanhada*. **Timidez** é, portanto, uma condição de índole, uma qualidade subjetiva, e que se manifesta ou pela desconfiança que alguém nos inspira, ou pelo receio de que sejamos malsucedidos, ou ainda pela dúvida em que nos sentimos a nosso próprio respeito; **acanhamento** diz o gesto tacanho, o enleio no movimento e na expressão, a postura contrafeita, os modos e ares indecisos que revelam a **timidez**. **Acanhamento** sugere alguma coisa de rude, trôpego, mofino, sem o modo de ser normal; **timidez** diz algo de tibieza de ânimo, de retraimento, de irresolução e perplexidade. O *tímido* pode não ser *acanhado*; mas o *acanhado* revela quase sempre timidez; à vista do que, não seria própria esta forma: *acanhado* e **tímido**. – **Vergonhoso**, neste grupo, diz mais do que **tímido**; pois a **vergonha**, no sentido que tem aqui, já não dá só ideia de simples tolhimento de alma: significa a vacilação, o escrúpulo, o pejo que, por uma delicadeza da consciência moral, nos impede de comprometer o nosso decoro, de parecer, aos olhos de outrem, de um modo incorreto. Uma criança *tímida*, nem por isso há de ser *vergonhosa*, mesmo porque é de supor que uma criança é inconsciente em questões de bons costumes, de pudor, de boa fama. – **Modéstia** não parece que seja bem como definem os lexicógrafos – uma completa ausência de vaidade: é antes uma virtude dos *sábios*, e consiste num sentimento natural de justa medida em tudo – no agir, no falar, no modo como se comporta, no trato com toda classe de homens. **Modesto** diz, portanto, moderado, comedido, razoável; discreto, sem ambições exageradas; indulgente, benigno e afável; sem exaltamentos, nem ímpetos – em suma *sábio*, na acepção moral desta palavra. – **Apoucado** e **apoucamento** não se podem confundir com os dois precedentes; nem mesmo se deve admitir **apoucamento** como degeneração ou vício da **modéstia**: segundo a própria formação, **apoucamento** exprime a falta de ânimo, a pequenez de alma e de espírito que *diminuem* um indivíduo e o tornam inútil, trôpego, imprestável. **Apoucado**, assim, diz "escasso, tacanho, mesquinho, sem o valor que se devia esperar". – **Pudor** e **pudicícia** usam-se frequentemente um pelo outro. Ambos sugerem ideia de fina sensibilidade em questões de moral; mas **pudor** é o próprio sentimento que induz a escrúpulos delicados contra tudo que se oponha à honestidade e à decência; **pudicícia** é a "qualidade de ser **pudico**, é a virtude de ter **pudor**". – **Pudico** e **pudibundo** também se confundem, mas devem distinguir-se assim: **pudico** diz o "que tem **pudor**"; **pudibundo** se emprega para designar "o gesto, o modo que revela pudor, que expressa a modéstia, o recato, o enleio da pessoa **pudica**". – **Pudor** e **pundonor** são palavras de significação muito distinta e que só por erro ou inadvertência são confundidas às vezes. – **Pundonor** parece termo que os espanhóis adaptaram da dicção francesa *point d'honneur*; e significa "nímia susceptibilidade em questões de brio e amor-próprio; cuidado, esmero com que se defende a honra". **Pundoroso** é, portanto, "o que tem **pundonor**".

85

AÇÃO, **ato**, **fato**. – Segundo Lac., **ação** é "um vocábulo abstrato; **ato** é um vocábulo concreto. A **ação** é o exercício de uma potência; **ato** é o resultado da **ação** dessa mesma potência. A potência, quando emprega a sua energia, está em **ação** e produz o **ato**". – **Fato** designa "ato de certa importância, consumado e reconhecido".

86

AÇÃO, **combate**, **batalha**, **peleja**, **pugna**, **lide**, **luta**, **prélio**, **duelo**, **desafio**, **rixa**, **briga**, **pendência**, **contenda**, **pleito**, **litígio**, **conflito**, **recontro**, **refrega**, **campanha**, **guerra**. – **Ação** é o mais genérico do grupo: seriam raríssimos os casos em que não pudesse substituir a qualquer dos outros. **Ação** aqui é "o exercício da atividade hostil entre duas ou mais forças em conflito". – **Combate** – diz Bruns. – "é o encontro de ordinário imprevisto, de troços de exércitos inimigos que travam luta entre si. Além dessa acepção, aplica-se o termo **combate** para designar qualquer luta em que a vida está exposta: o *combate* dos Horácios e Coriáceos terminou em *combate* entre dois homens". – **Batalha** é combate de vastas proporções; é peleja formal e de resultados decisivos quase sempre, ou pelo menos de grande importância. – **Peleja** designa a luta encarniçada e corpo a corpo. Dois inimigos separados por um rio ou por outro qualquer acidente, combatem-se, lutam, mas não *pelejam*. – **Pugna** significa propriamente "luta a punho, sem armas". – **Duelo** é "a luta entre duas (ou mesmo mais) pessoas, luta convencionada, regulada e solene, por questões de pundonor". – **Desafio** é "o ato de provocar outra pessoa para duelo". – **Lide** e **luta** tomam-se ordinariamente quase como sinônimos perfeitos; convém, no entanto, não esquecer que *lide* (ou *lida*) vem de *lis... litis* "pleito, processo, questão judiciária"; e só por extensão se aplica no sentido de **luta**. **Lide** será, aliás, uma *luta* caracterizada pela elevação dos motivos. Dizemos – "as *lutas* políticas" –; mas é muito mais próprio dizer – "as *lides* acadêmicas". "As *lides* do jornalismo" – diz uma coisa; "as *lutas* da imprensa ou do jornalismo" – diz outra. Em – "*lutas* da imprensa" há a sugestão de que os trabalhos do jornalista amargaram no embate das intrigas e das perfídias; em – "*lides* da imprensa" sugere-se o afã nobilíssimo com que se trata das altas questões, com que se empenham devotamentos pelas grandes ideias de que se presume que trata sempre um jornalista cônscio da sua missão. – No latim *prœlium* figura como radical o verbo *eo... ire*, que significa, entre outras coisas, "marchar contra, atacar"; e pode assim apanhar-se no português **prélio** a significação de "luta em que os lutadores se adiantem, se apressam a investir um contra o outro". – **Briga** e **rixa** são termos vulgares que significam "disputa escandalosa, pequenina, por motivos fúteis, e sem graves consequências"; diferençando-se em que a *rixa* pode ficar só na disputa de palavras ou degenerar em *briga*. – **Litígio**, aqui, é a fase, ou "o estado de conflito em que se põem duas ou mais pessoas, ou mesmo duas ou mais nações que não puderam chegar a acordo em relação a algum reclamo ou intento". – **Pleito** é quase o mesmo que **litígio**: pode, como este, significar também questão judicial propriamente; mas sugere melhor a ideia da correção dos que *pleiteiam*, discutindo sem má-fé, só defendendo a sua causa, e esperando pela sentença (*placitum*) ou pelo desenlace favorável. **Pleito**, portanto, exprime "nobre questão em que alguém se empenha confiante na justiça". – **Contenda** e **pendência** aproximam-se bastante: ambos sugerem mais ideia de controvérsia e discussão que de luta material: se bem que se não lhes recuse esta última acepção. Mas a **contenda** parece uma gradação da **pendência**. Esta é o "litígio ou a questão em que se empenham duas ou mais partes trocando razões e argumentos, ou medindo forças e destrezas com capricho, mas sem leviandades"; **contenda** é "a fase a que pode chegar a **pendência** tornando-se mais viva, mais apaixonada, intensa, violenta". – **Conflito** é "o encontro hostil, o choque, a oposição ativa em que se põem duas ou mais pessoas ou coisas". Pode dar-se entre

nações, entre poderes públicos, entre indivíduos, entre interesses, desejos, pretensões, entre animais, entre seres inanimados. É forma geral e extensa que pode abranger quase todos os casos em que figurem as outras do grupo. – **Recontro** é "combate ligeiro, casual, indeciso entre inimigos". – **Refrega** é "recontro violento, furioso como tormenta, produzindo debandada, e deixando também indecisa a luta". – **Campanha** exprime "todas as batalhas, combates, e todas as vicissitudes de uma **guerra**, ou de certa fase de uma **guerra**"; devendo notar-se que o primeiro termo só se aplica para designar a guerra terrestre.

87

AÇÃO, **demanda**, **litígio**, **processo**, **pleito**, **questão**, **querela**. – Escreve Roq.: "Com muita razão diz um autor que a **demanda** dá origem e princípio ao **litígio**, e que este se trata e se desenvolve no **processo**. Ao ato de pedir ou requerer em direito se chama *demandar*. À controvérsia judicial que se suscita quando o demandado não consente no que o demandante requer se chama com razão **litígio**. Os feitos que correm em juízo, os autos judiciais e termos que se fazem por escrito em qualquer litígio se chamam **processo**. Note-se, porém, que no uso ordinário a palavra **demanda** não significa só o ato de intentar o **litígio**, mas ainda a **ação** proposta e disputada contenciosamente em juízo – o que vale o mesmo que **litígio** judicial ou **pleito**. Os que neste caso usam a palavra **processo** cometem um galicismo, porque o que nós chamamos **processo** é em francês *procédure*, e *avoir un procès* quer dizer em português – ter uma *demanda*. **Pleito** é palavra castelhana, e neste caso diz o mesmo que *litígio* judicial". – **Ação** é termo genérico ainda neste sentido: é o "próprio ato de requerer ou demandar em juízo, o uso do direito de pleitear perante um tribunal". – **Questão** designa "toda espécie de dúvida em que ficam duas ou mais pessoas e que deve ser dirimida em juízo, ou perante uma autoridade superior". – **Querela** é equivalente quase a **ação**, sendo este apenas mais lato: é "a denúncia ou queixa que se dá contra alguém para reparação de agravo ou ofensa". Fora da acepção jurídica, **querela** se emprega para designar questões e dissídios de pequena monta.

88

ACASO, **fortuna**, **sorte**, **fado**, **fadário**, **sina**, **destino**, **estrela**, **ventura**, **dita**, **fatalidade**. – Acerca de muitos destes vocábulos, consubstancia Bruns. o que se pode colher de Roq., de fr. S. Luiz, e de outros. "O **acaso** – diz ele – o mais fantástico de todos os seres desta série, obra arbitrariamente; prepara combinações de circunstâncias tão impossíveis de prever como de impedir; e delas provêm fatos, felizes ou desgraçados, que nos deixam estupefatos de prazer ou de dor. As suas manifestações não são constantes; isto é, não se lhe referem fatos sucessivos: revela-se de quando em quando, oculta-se, reaparece; persegue-nos ou abandona-nos; favorece-nos ou esmaga-nos. É nisto que não se assemelha à **fortuna**; pois esta parece obrar de um modo constante, e ao *acaso* só se imputam fatos isolados, tendo por isso muita analogia com a **fatalidade**. É o **acaso** que nos leva ao lugar onde encontramos a felicidade ou a desventura. Quantas descobertas são filhas do *acaso*? – A **fortuna**, de que os antigos fizeram uma divindade cega, caprichosa, volúvel, preside a todos os atos da vida, e distribui os bens ou os males segundo o seu desígnio..." Temos, por isso, boa *fortuna* ou má *fortuna*, segundo nos é ela favorável ou contrária. – "A sorte é ao mesmo tempo efeito e causa; efeito quando designa o estado, ou a condição a que a *fortuna* ou o *acaso* trouxeram uma pessoa;

causa, quando, considerando-a um misto de *acaso* ou de *fortuna*, lhe atribuímos um fato isolado, ou uma série de fatos favoráveis ou desfavoráveis. Por outro lado, a palavra *sorte* aplica-se melhor às condições modestas, *fortuna* às elevadas (ou de mais vulto): a *sorte* de Creso ao lado de Ciro era mais invejável que a sua *fortuna*. – A *fatalidade* (do latim *fatum* "o que está dito ou decretado") distingue-se do *acaso*, da *fortuna* e da *sorte*, em ser agente e não sujeito. A *fatalidade* não obra arbitrária e caprichosamente: obedece como a um impulso omnipotente, a uma disposição superior e impenetrável. O *estava escrito* dos maometanos é a *fatalidade*; como é *fatalidade*, no cristianismo, a predestinação de S. Paulo. – O **destino** era, entre os antigos, uma divindade cega a quem os deuses e os homens estavam submetidos: tinha nas mãos a sorte dos mortais. Os seus decretos eram irrevogáveis e tinham o caráter da *fatalidade*. Eis por que denominamos *destino* à combinação de circunstâncias ou de acontecimentos que se efetuam em virtude de leis inflexíveis, e que nos trazem fatal e inelutavelmente ao ponto em que só nos resta obedecer: ante o *destino* desaparece a nossa força, aniquila-se a nossa vontade: somos obrigados a obedecer ao *destino*; ninguém pode resistir às leis do *destino*. – O **fado** é o estado que resulta das imposições do *destino*, como bem o prova a acepção que esta palavra tem nos contos de encantamentos em que se vêm príncipes, sujeitos ao seu *fado*, transformados em rãs ou outras alimárias, até que um certo acontecimento os venha libertar. O nosso *fado* é intangível, acompanha-nos, persegue-nos, e por mais que façamos, não nos deixa. – **Fadário** é – diz Aul. – "destino extraordinário e irresistível que se atribui a um poder sobrenatural". Refere-se mais particularmente a certas vicissitudes da vida mundana, às extravagâncias de que alguém se lamenta, mas sem coragem para corrigir-se, e procurando por isso consolar-se dos erros ou deslizes, atribuindo-os ao seu fadário... – **Sina** marca melhor do que quase todos os do grupo o caráter de fatalidade das coisas que têm de suceder na vida de cada um. **Sina** e **destino** seriam sinônimos perfeitos se o primeiro não se limitasse de ordinário às coisas funestas da vida. Dizemos, por ex. – "o alto *destino* de Napoleão"; e decerto que neste caso não empregaríamos **sina**. Podemos, é claro, dizer – "a *sina* dos grandes homens"; não, porém, quando fazemos referência às ações ou obras que lhes deram lustre, mas quando fazemos alusão às amarguras que quase todos tiveram de sofrer. – **Ventura** e **dita** são também seres fantásticos sem vontade certa nem determinada; **ventura**, geralmente, e **dita**, sempre tomam-se a boa parte. – **Estrela**, como diz D. José de Lacerda, é outra palavra do mesmo gênero, que se conservou na língua (com a significação que tem aqui), apesar de terem passado as quimeras da astrologia, que lhe deram origem. Refere-se à suposta influência dos astros no destino dos homens; e ainda hoje se diz que "tal indivíduo nasceu em boa ou má estrela", ou que tem boa ou má estrela.

89

ACASO, **por acaso**, **porventura**. – São realmente muito fáceis de confundir-se. Nas três frases seguintes vejamos, no entanto, se poderiam ser trocadas, conservando-se-lhes uma perfeita propriedade: "Teria o nosso amigo visto *acaso* alguma coisa estranha lá no parque?" "Passaste na vinda *por acaso* lá pela pensão?" "Terias, oh rapaz, encontrado alguém *porventura* lá na praça à minha espera?" Em qualquer desses casos, não haveria talvez muita gente, mesmo de boas letras, que hesitasse em empregar indistintamente, ou sem preferências, qualquer das três formas; e no entanto, se na primeira frase, em vez de *acaso*, puséssemos *por acaso*, não exprimiría-

mos com a mesma precisão o pensamento de quem perguntava. Quando pergunto se o nosso amigo "viu *acaso*", ponho em dúvida, e quase nego, que ele tenha visto; ou estranho que isso se tenha dado. Quando pergunto se ele "viu *por acaso*", decerto que exprimo dúvida também; mas aqui a minha dúvida é mais condescendente, e não sugere, como *acaso*, a mesma ideia de estranheza e negação. Caim retrucou ao anjo que lhe perguntava por Abel: "Sou eu *acaso* o guarda de meu irmão?" Este *acaso*, como no exemplo acima, rebate, repulsa, nega intencionalmente o que se pergunta. "És tu *acaso* meu filho?" "Veio ele *acaso* ter conosco?" "Tinha eu *acaso* notícia da tua chegada?" Em nenhum destes exemplos, pelo menos, seria indiferente usar *acaso* e *por acaso*. – Na segunda frase que formulamos acima: "Passaste na vinda *por acaso* lá pela pensão?" – também não poderíamos substituir a locução *por acaso* por simplesmente *acaso*, para dizer o que desejamos. "Passaste *acaso*?" – equivaleria a – "Dar-se-á que tenhas passado?" ou – "Será possível que tenha passado?" E – "Passaste *por acaso*?" – diria: – "Por uma casualidade (isto é, "sem que te apercebesses", ou "sem que tivesses tensão") passaste?" – A terceira frase: "Terias, oh rapaz, encontrado alguém *porventura* lá na praça à minha espera?" – enuncia o meu intento de saber uma coisa que desejo e pela qual estou ansioso. Se eu empregasse a locução *por acaso*, não mostraria o mesmo interesse; e se eu empregasse o advérbio *acaso*, dizendo: "Terias visto ou encontrado *acaso* alguém à minha espera?" – é como se fizesse a pergunta insinuando a negativa. – Segue-se, portanto: – que **acaso** sugere contrariedade intencional e dá à pergunta a função de negar: – que **por acaso** é mais convizinho de *porventura*, distinguindo-se esta forma daquela em sugerir, em vez de indiferença, a ideia do interesse com que se espera por uma resposta satisfatória quando se faz a pergunta. – Fora dos casos interrogativos, se há necessidade de distinção, há de ser a mesma que se acaba de assinalar; devendo notar-se que, então, só muito raramente poderá a locução *por acaso* ser substituída por qualquer dos dois outros advérbios. "Chegamos *por acaso* à livraria; fomos dar conosco *por acaso* junto ao morro; feri o dedo *por acaso*, limpando a pena": aí não caberia, em nenhuma dessas frases, *acaso* nem *porventura*.

90

ACATAR, **acatamento**; **respeito**, **respeitar**; **veneração**, **venerar**; **reverência**, **reverenciar**, **deferência**, **deferir**. – Segundo fr. S. Luiz, "**acatamento** é todo ato externo com que mostramos o nosso respeito, reverência ou veneração. *Acatamos*, mais ou menos, todas as pessoas a quem devemos esses sentimentos. – **Respeito** é a atenção, ou consideração, que se tem ou se dá a alguém ou a alguma coisa. *Respeitamos* os outros homens, os seus direitos, as suas infelicidades; *respeitamo-nos* a nós mesmos, os nossos deveres, os nossos justos interesses, etc. – **Reverência** é respeito com temor filial. *Reverenciamos* os mestres, os pais, os pastores, os magistrados, o soberano; *reverenciamos* tudo aquilo, em cuja presença estamos como o filho costuma estar diante de seu pai, isto é, com respeitoso temor. – **Deferência** é o respeito que se tem aos sentimentos, desejos e gostos de qualquer pessoa, preferindo-os aos nossos próprios, por alguma superioridade que julgamos haver nessa pessoa. *Deferimos* (rendemos *deferência*) à idade, ao mérito, à virtude, ao saber... – **Veneração** é respeito profundo e submisso, respeito religioso; espécie de culto, que se dá às coisas santas, ou às que reputamos como tais, ou aos objetos que julgamos mais dignos de respeito e honra. *Veneramos* a Deus, os santos, as coisas religiosas e sagradas; a tudo aquilo a que

tributamos algum gênero de culto, como os pais, a pátria, os homens de virtudes, etc.”

91

ACAUTELADO, **cauto**, **cauteloso**, **prevenido**, **precavido**, **precatado**, **avisado**, **prudente**, **previdente**; **cautela**, **prevenção**, **sobreaviso**, **precaução**, **aviso**, **prudência**, **previdência**; **acautelar**, **prevenir**, **precaver**, **precatar**, **avisar**, **prever**. – **Cauto** sugere ideia da firmeza e segurança do que sabe guardar-se contra os perigos. Designa qualidade própria: não seria, pois, admissível a forma: “está *cauto*”. **Acautelado** é o que toma *cautela* no momento, ou em certas circunstâncias: e então “está *acautelado*”. Entre **cauto** e **acautelado** fica sem dúvida **cauteloso**, que significa “prevenido de muito cuidado, de meticulosa *cautela*”. Basta sentir a diferença que há entre estas formas: “Ela sempre se livrará *cautamente* (com a cautela, ou segurança, que lhe é própria) daqueles abismos”. “F. ficou *acauteladamente* em casa”. Entrou, e seguiu logo *cautelosamente* pelo jardim”. – **Cautela** é, portanto, “o apercebimento, a atenção, a vigilância do espírito contra o que pode sobrevir”. – **Acautelar** diz, consequentemente, “defender, prevenir com cautela, pôr a bom recato, em boa guarda”. *Acautelam-se* os interesses, os bens, a fortuna, a honra; *acautelam-se* os *cautos* contra males iminentes. – **Prevenir** (do latim *prævenio... ire* “chegar antes, passar adiante, tomar a dianteira”) enuncia a ação de “adiantar-se a tomar expediente acerca do que pode acontecer; ficar ou pôr de sobreaviso a respeito de alguma coisa que se receia”. A **prevenção**, portanto, é “uma medida de prudência posta em prática antecipadamente; é o estado ou a atitude de suspeita em que se fica em relação ao que se deve temer”; e é **prevenido**, ou está **prevenido** quem se põe ou se acha nesse estado. Quem se *previne* põe-se de ânimo desconfiado contra alguém ou alguma coisa; quem se *acautela* toma providências, disposições, resguardos contra o mal que teme. Quem *acautela* os negócios de outrem cerca-os de garantias; quem *previne* males previstos faz o que supõe que os evita antes que eles ocorram: daí a diferença entre **acautelar** e **prevenir**, e entre os respetivos conexos. – Não há dificuldade em distinguir **prevenção** de **sobreaviso**; sendo este “a disposição de ânimo em que fica quem se previne”. – **Precaver** em certos casos poderia confundir-se facilmente com **prevenir**; mas é necessário não perder de vista o radical de cada um desses verbos: – *venio... ire* significa “vir”, chegar”: *prevenir* diz, portanto, como já ficou exposto, “vir antes”, “adiantar-se” à coisa contra a qual se *previne*; – *caveo... ere* “tomar cuidado”, “guardar-se”: à vista do que, **precaver** se aproxima ainda mais de **acautelar** que de **prevenir**. Mas entre **acautelar** e **precaver** há a diferença que provém de que aquele que trata de *precaver-se* toma cuidado, guarda-se, defende-se por assim dizer de eventualidades; e quem se *acautela* cuida de resguardar-se contra coisas certas de que está *prevenido.* Não diremos que o homem que segura a sua casa se *acautele* contra sinistros, pois ele não cogita de um determinado mal, nem se apercebe de que esteja para sobrevir sinistro, mas julga apenas que isso é possível, e contra essa possibilidade é que se apercebe *precavendo-se*. **Precaver-me** é, pois, guardar-me, defender-me antecipadamente do mal possível; e **precaução** é o ato de *precaver-me*, o modo de ser *precavido*; **prevenir-me** é pôr-me de sobreaviso; e *acautelar-me* é dispor os meios de evitar alguma coisa que receio. Decerto que eu não me posso *precaver* contra a noite; mas *previno-me* contra o frio; e *acautelo-me* deste ou contra este agasalhando-me. Não será por isso que eu seja *precavido*; mas sou *prevenido* e *acautelado*. – **Precatar** é “estar atento, apercebido contra alguma coisa

certa que é para temer"; e assim, *precatado* designa aquele que se não deixará pilhar desprevenido em caso em que da atenção dependa o sucesso. – **Avisado** é aquele que está fortalecido do *aviso* que convém, do conselho mais sábio para o caso, e sem o qual não seria possível sair-se bem; sendo o **aviso** esse estado de atividade consciencial em que se acha o *avisado*; e sendo **avisar** a ação de despertar ou ter desperto o ânimo ou produzir esse estado. – **Prudência** é mais que *aviso*: designa a virtude de uma sábia ponderação, que faz o ânimo calmo, refletido e seguro no agir; e **prudente** será aquele que possua essa virtude. – **Previdente** é o que sabe **prever**; e **prever** diz "ver antecipadamente o que se pode dar em relação a alguma coisa que se deve evitar". – **Previdência** é, pois, a qualidade de quem sabe *prever*; é o ato de *prever* tanto quanto é possível, e prevenir-se contra surpresas.

92

ACEPÇÃO, **significação**, **sentido**. – **Acepção** dizemos dos "vários **sentidos** em que uma palavra pode ser empregada". – **Significação** é "o valor semântico da palavra, o que ela diz por si mesma, a ideia que exprime". – **Sentido** é "o valor da palavra conforme a aplicação que tem na frase; ou o valor da frase ou do discurso, regulado pela disposição das palavras".

93

ACEDER, **aquiescer**, **consentir**, **aderir**, **condescender**, **concordar**, **anuir**, **conformar-se**, **assentir**. – **Aceder**, segundo Bruns., "é declarar que se aceita o que outros decidiram, e que se cooperará para o intuito geral; deixa, porém, entrever que se tinham outras tenções. **Aquiescer** é consentir voluntariamente e sem esforço". – **Consentir** sugere ideia de "permitir, de não discordar, qualquer que seja o motivo do consentimento". – **Aderir** é "dar aprovação afinal àquilo que se tinha recusado ou combatido". – **Condescender** é "consentir por tolerância". – **Concordar** é "chegar a acordo depois de dissensão, ou admitir por mero desejo de ser agradável ou de não contrariar". – **Anuir** é propriamente "fazer sinal, ou exprimir de qualquer modo, que se está de acordo e se consente". – **Assentir** é "mostrar que se é da mesma opinião, do mesmo voto; que se sente do mesmo modo". – **Conformar-se** é "estar, ou pôr-se em perfeita identidade de sentimentos, de vistas, de ideias, de modo de ver, etc.".

94

ACEITAR, **receber**, **tomar**. – Muito judiciosamente estabelece S. L. uma certa gradação entre estes verbos, sob uma outra ordem. "**Tomar** alguém uma certa coisa – diz ele – é havê-la para si, chamá-la a si, apreendê-la com a mão (ou pô-la sob seu domínio). Não envolve, nem supõe ação estranha, que nos mande, ou dê, ou ofereça essa coisa; nem ideia de movimento que no-la traga. *Tomamos* o vestido, o chapéu, a espada; *tomamos* o livro para ler, a pena para escrever, as armas para brigar; *tomamos* amor, ódio, asco; *tomamos* ocasião, ensejo, tempo, etc. – **Receber** é tomar o que se nos dá, ou se nos oferece, ou se nos manda; ou o que vem a nós. *Recebemos* um presente, um favor, uma injúria; *recebemos* um hóspede, uma visita, uma notícia, uma ferida na guerra; recebemos o foro que se nos paga, o dinheiro que se nos deve. – **Aceitar** é receber com agrado e boa sombra; e também aprovar, assentir, dar consentimento, autorizar o que se nos oferece ou propõe. *Aceitamos* um obséquio, uma graça, uma oferta; aceitamos as condições de um contrato, a proposta que se nos faz, a obrigação que se nos impõe, etc.".

95

ACELERAR, **apressar**, **apressurar**, **ativar**, **aligeirar**, **precipitar**. – **Acelerar** – diz Bruns. – "denota impaciência (sofreguidão), desejo ardente de alcançar o termo; é dar mais rapidez ao movimento ou ao ato... – **Apressar** denota ação viva, movimento apressado para chegar ao fim, ou afastar-nos do princípio: é inerente a este verbo a ideia do pouco cuidado que resulta da própria pressa. – **Apressurar** é dar-se pressa desordenadamente, "apressar com precipitação". – **Ativar**, como está dizendo o próprio radical, é "fazer mais ativo". É o mais genérico do grupo; e poderia, no maior número dos casos, suprir a qualquer dos outros que nele figuram. – **Aligeirar** é propriamente "fazer que se mova, que caminhe, etc., mais ligeiro". *Aligeira-se* o passo, o voo. *Aligeiram-se* os soldados pelo exercício. – **Precipitar** quer dizer aqui "apressar, antecipando, um negócio, uma solução esperada etc."

96

ACENTO, **tom**, **timbre**, **toada**, **som**, **sonido** (**soído**), **diapasão**. – **Acento** é o "modo como se exprime uma emoção"; **tom** é a "maior ou menor intensidade de força com que se exprime". – **Timbre** não é propriamente o **tom**, mas "a qualidade do **som**, a espécie de sonoridade de um instrumento ou de uma voz". – **Diapasão** é o **som** próprio de um instrumento, o **tom** que serve de norma, pelo qual se afinam outros. – **Toada** é o **tom** de uma voz, o **diapasão** de uma cantiga; e falar, discutir na mesma, ou pela mesma *toada* é discutir ou falar segundo os modos ou pela mesma forma por que outrem fizera. "Tomar as palavras pela *toada* é (diz Aul.) tomá-las pelo som e não pela significação; é interpretá-las à letra sem atender ao espírito delas". – **Som** é "todo ruído que os corpos produzem quando em movimento ou em vibração". – **Sonido** (e **soído**) significa um "som particular, estranho".

97

ACENTO, **pronúncia**. – Sobre estas duas palavras escreve Bruns.: "Dizemos a *pronúncia* do Minho, e o *acento* dos minhotos, referindo-se *pronúncia* ao modo de serem ditas as palavras, e *acento* a uma particularidade da voz de quem as diz. Não obstante, estas duas palavras confundem-se geralmente".

98

ACERBO, **azedo**, **ácido**, **acre**, **acérrimo**, **agro**, **acrimonioso**, **travoso**, **travento**, **áspero**, **amargo**, **amargoso**. – A maior parte destes adjetivos têm a mesma raiz: **acerbo**, **azedo**, **ácido**, **acre**, **acérrimo**, **acrimonioso**, **agro** são proliferações de *ak*, do grego, partícula que marca ideia de "alguma coisa de agudo, de acre" (Chass. 39). – **Acerbo** é "tudo que punge algum dos nossos sentidos". Uma coisa pode ser *acerba* tanto ao gosto como ao olfato, como ao ouvido, etc.; tanto se diz *acerbo* o som como a ironia, como a flecha; o espinho, como o olhar ou como a censura, etc. – **Ácido** é tudo que impressiona desagradavelmente, como o sabor lancinante do limão; e só é sinônimo de **amargo** pela acerbidade, pois a coisa *amarga*, conquanto menos pungente ao paladar, é todavia mais ingrata. (**Amargoso** significa "*um tanto amargo*"). Dizemos – dias *amargos*, *amargas* decepções (como dizemos – "momento *amargoso*" etc.) – para significar quanto essas decepções e esses dias nos deixaram na *alma* uma impressão comparável à que na boca produz o gosto do fel. Dizem muitos: – "palavras *ácidas*, *ácidos* remoques, sugerindo a ideia de remoques ou palavras mordazes, picantes como a coisa ácida: notando-se que não é usada pela maioria dos autores, neste sentido, senão no natural. – **Azedo** (de *acidulus*, diminutivo de *acidus*) diz propriamente "meio ácido, um tanto ácido". Matéria *azeda* é a que se alterou do normal pela fermentação: figuradamente **azedo** significa, portan-

to, "o que se irrita, se exacerba, o que sai do seu estado de calma". Dizemos: – "discussão *azeda*, palavras *azedas*, negócio *azedo*, *azedos* momentos". – **Acre** é o "que tem sabor picante e corrosivo" (Aul.): e, no sentido figurado, designa "o que é rude e violento, áspero e desabrido". Usa-se mais frequentemente no superlativo: *acérrima* invetiva, *acérrimos* furores, recriminações *acérrimas*. – **Agro** só se diferencia de **acre** em ser mais extensivo. Tanto pode ser aplicado no sentido moral como no físico. Dizemos: *agras* penas, como dizemos *agras* escarpas. – **Acrimonioso** não se deve confundir com **acre**. A coisa *acrimoniosa* contém alguma acrimônia, é um tanto *acre*; e aplicado a uma pessoa, diz "que mostra azedume, e parece áspero, mal humorado, revelando violência reprimida..." – **Áspero** é "tudo o que impressiona desagradavelmente, que molesta algum dos nossos sentidos". Confunde-se muito com **acerbo**; mas convém não esquecer que **áspero** sugere ideia de rude, inculto. Estilo *acerbo* pode não ser *áspero*. Uma palavra *áspera* pode não ser *acerba*. Até uma menina é capaz de fazer uma *acerba* reprimenda; mas reprimenda *áspera* deixaria supor que não fora feita em termos delicados.

99

ACERCA DE..., **a respeito de...** (**com respeito a...**), **a propósito de...**, **em relação a...**, (**com relação a...**, **relativamente a...**), **sobre**, **quanto a...**, **em referência a...**, **em alusão a...** – "**Acerca de...** e **a respeito de...** ou **com respeito a...** modificam a ideia representada pelo verbo, fixando-a na do objeto em que a ação recai ou se executa. Usam-se indiferentemente com verbos que designam operação intelectual, ou exercício da palavra, como pensar, meditar, falar, disputar *acerca de*, ou *a respeito de*, ou *com respeito a* tal ou tal assunto. Divergem, porém, em que *acerca de...* só se usa com esta classe de verbos, e *a respeito de...* e *com respeito a...* se empregam com os que designam operação, conduta, colocação: como as disposições do testador *com respeito a* seus filhos; a conduta de Cícero *com respeito a* Otavio; a colocação de tal ponto geográfico *com respeito a* tal outro". (Bruns.). – **A propósito de...** exprime muito mais vagamente a ideia de outras locuções deste grupo. Falar, referir, etc., *a propósito de* alguma coisa não é propriamente referir o que esteja ligado a essa coisa, ou falar sobre o que lhe diga diretamente respeito; mas a alguma outra coisa que com essa tenha pontos de relação, semelhança ou analogia. *A propósito de* uma história podemos contar outra história muito diferente e que apenas nos tenha sido sugerida pela primeira. – **Em relação a...** (ou **com relação a...** ou **relativamente a...**) já enuncia mais precisamente que ao assunto, caso, ou negócio, etc. é que se prende o que se vai dizer, deliberar, etc., mas ainda sem estabelecer dependência direta, necessária, rigorosa entre o caso e o que se vai dizer. Quem fala *em relação a* alguma coisa diz sem dúvida coisas que estão com aquela em relação mais direta do que quando fala *a propósito da* dita coisa. – **Sobre**, como **acerca de** e **a respeito de**, estabelece uma relação precisa e direta entre o que vamos dizer, escrever, fazer, etc., e o objeto *sobre* que se diz, escreve ou faz alguma coisa. Além disso, esta preposição **sobre** marca, ou pelo menos dá ideia da autoridade da pessoa que escreve, diz ou faz. É fácil de sentir a diferença que é palpável entre estas duas formas: "O ministro ouviu o diretor *acerca do* negócio" (ou *a respeito do...*, ou *em relação ao* negócio): "O diretor ouviu o ministro *sobre* o negócio". – **Quanto a** é outra locução que marca também conexão direta entre o objeto e o que se vai enunciar. Equivale a **sobre**, e **em relação a...** em grande número de casos em que não seria perceptível uma diferença essencial mas muito subtil. – **Em**

referência a... e **em alusão a...** distinguem-se tão bem como os dois verbos que ordinariamente se confunde, e sem razão, pois que **referir** é "indicar positivamente, pelo próprio nome"; e **aludir** é "indicar por sugestão, referir vagamente, sem dizer de modo expresso qual a coisa a que se *alude*". Falar *em referência* é, pois, falar acerca ou a respeito de coisa determinada clara, precisa, expressamente. Falar *em alusão* é falar quase *a propósito*; é falar considerando uma coisa que não foi citada, nem era necessário que se o fizesse, porque todos os que ouvem sabem já qual é a coisa a que se *alude.* Um sujeito, numa festa, ou num banquete político, por exemplo, pode falar *em alusão* a certos fatos ou a certos homens sem os referir.

100

ACERTAR, **atinar**, **adivinhar**. – Quem **acerta** dá por uma coisa casualmente, ou então ao cabo de algum esforço. – Quem **atina** *acerta* com alguma coisa pondo em ação umas tantas qualidades de espírito (argúcia, tenacidade, *tino*) que nem todos têm... – Aquele que **adivinha** vale-se de um tino misterioso, de um dom excepcional que só se explicaria por faculdades que o fizessem superior aos homens comuns. **Adivinhar** é, portanto, *acertar*, *atinar* mesmo com as coisas de que absolutamente nada se sabia, e para cujo conhecimento o adivinho não se serve nem de esforço, nem de acaso, mas de uma vidência maravilhosa.

101

ACERVO, **monte**, **montão**, **pilha**, **ruma**, **rima**, **cúmulo**. – **Acervo** diz "grande porção de coisas"; e só se usa, fora da acepção jurídica, no sentido figurado, e quase sempre à má parte. "Que *acervo* de asneiras disse o homem em tão curtos instantes". Não seria de bom gosto dizer: *acervo* de verdades. – **Monte** diz também "grande porção de coisas"; e tanto se emprega no sentido próprio como no figurado: – neste último igualmente à má parte. "Que *monte* de absurdos!", "um *monte* de laranjas, de pedras, de areia, de gelo", etc. – **Montão** é aumentativo de **monte**; e sugere, melhor ainda do que este, ideia de confusão, desordem, grandeza descomunal. – **Pilha** é "porção de coisas numa certa ordem": *pilha* de tábuas, de sacos, de frutas, de armas, etc. – **Rima**, segundo Bruns., é cada uma das pilhas de coisas iguais e sobrepostas umas às outras, que se esteiam mutuamente. – **Ruma** é "porção de coisas uniformes, podendo por isso ajustar-se umas às outras, de modo que ocupem o menor espaço possível". Quem arruma coloca em *rumas* as coisas que se devem arrumar. – **Cúmulo** dá ideia de grande quantidade de coisas formando monte; e usa-se tanto no sentido natural como no figurado[9].

102

ACESSÓRIO, **secundário**, **contingente**, **subsecivo**, **sobressalente**. – **Acessório** se diz de tudo que numa coisa (num corpo, numa questão, num pensamento, etc.), "não é parte essencial ou fundamental". – **Secundário** é "o que é de menor importância, de segunda ordem, de valor que não é principal, em relação a outra coisa". – **Contingente** é "o que não é necessário, ou indispensável e próprio, e que, portanto, pode permanecer apenas por algum tempo, ou mudar logo". – **Subsecivo** é o que pode ou deve ser eliminado, sem que faça falta no todo de que se elimina, por ser aí demais. – **Sobressalente** = "que sobra, que excede ao necessário, mas que se põe de reserva para momentos em que venha a servir".

---

9 Usamos também acúmulo por acumulação, equivalente a amontoamento, excesso de coisas que se vão reunindo, sobrepondo, *acumulando.*

103

ACHADO, invento, invenção, descoberta, descobrimento. – **Achado** é "aquilo com que se deu, que se encontrou, quase sempre por acaso, mas podendo ser também fruto de esforço"; e, como diz Roq., anda esta palavra em regra associada à ideia de bom, feliz, proveitoso. – Sobre **invento** e **invenção** escreve o mesmo autor que "exprimem o que se inventou, o produto da faculdade inventiva (ou criadora), a obra do inventor; com a diferença que **invenção** é muito mais extensiva, e que **invento** se restringe às artes. Pode-se, além disso, estabelecer, entre **invenção** e **invento**, a mesma diferença que se dá entre *ação* e *ato*". – **Descoberta** e **descobrimento** designam o ato de "dar com alguma coisa oculta, ou não conhecida; de revelar o que não era sabido". **Descobrimento** aplica-se às descobertas de grande alcance, aos fatos de extraordinárias proporções realizados pelos navegadores e viajantes modernos. **Descoberta** aplica-se mais particularmente ao que se descobre no domínio das artes e das ciências. Ex.: o *descobrimento* da América; a *descoberta* da pólvora[10].

104

ACHAR, encontrar, deparar, descobrir, inventar. – Acerca deste grupo escreve Roq.: "**Encontrar** corresponde ao verbo latino *invenire*: na sua mais lata significação representa a ação de dar com uma coisa que se buscava, ou que por casualidade se oferece. De um homem que, indo pela rua, viu no chão uma peça de oiro, a apanhou e guardou, dizemos que *achou*; assim como, tendo-a perdido, e andando à procura dela e encontrando-a, dizemos igualmente que *achou*... Ao passar pela praça *encontrei* uma procissão, um enterro, etc. A duas léguas de Lisboa *encontrei* o correio, o estafeta, etc. Ninguém dirá que *achou* a procissão, etc.; a não querer dar a entender que a andava buscando. Esta distinção, mui razoável por certo, não deixaria de ter bom patrono entre os clássicos, pois o p. Lucena diz: "Mais *encontraram* acaso as ilhas do que as *acharam* por arte". (3, 15). – **Deparar**, que é composto da preposição *de* e do verbo latino *parare* "preparar", exprime a ação de um agente, diferente de nós, que nos subministra, nos apresenta uma pessoa ou coisa de que havíamos, que nos é útil, etc. É por isso que não se usa comumente nas primeiras pessoas: Dizemos que Deus nos *depara* um amigo, uma boa fortuna; mas só Deus poderia dizer: "Eu te *deparei* um amigo", etc. Alguns o quiseram fazer sinônimo de *encontrar*, com a voz neutra, dizendo, por exemplo: "A passagem com que *deparei*": o que é erro, pois o modo correto de falar é: "A passagem que o acaso, a minha diligência, etc., me *deparou*". – **Descobrir** é pôr patente o que estava coberto, oculto ou secreto, tanto moral como fisicamente; é achar o que era ignorado. O que se *descobre* não estava visível ou aparente; o que se *acha* estava visível ou aparente, mas fora de nosso alcance atual, ou de nossa vista. Uma coisa simplesmente perdida *achamo-la* quando chegamos aonde ela está e a *descobrimos* com a vista; mas não a *descobrimos*, porque ela estava manifesta, e não coberta ou oculta. *Descobrem-se* as minas, as nascentes que a terra encerra em seu seio; *acham-se* os animais e as plantas que povoam sua superfície. Colombo e Cook *descobriram* novos mundos; e naquelas regiões até então ignoradas *acharam* um novo reino vegetal e animal, mas a mesma espécie de homem... – **Inventar** corresponde ao latim *invenire* na sua significação restrita de "discorrer, achar de novo"; e exprime a ação daquele que pelo seu engenho, imaginação, trabalho, *acha* ou

10 Se bem que se não siga sempre muito à risca esta distinção. Muitos autores dos nossos dias dizem indiferentemente *descobrimento* ou *descoberta* da América. Só não se diz, nem se há de dizer nunca: *descobrimento* da pólvora.

descobre coisas novas, ou novos usos, novas combinações de objetos já conhecidos. Um engenho fecundo *acha* muitas coisas; mas o engenho penetrante *inventa* coisas novas. A mecânica *inventa* as ferramentas e as máquinas; a física *acha* as causas e os efeitos. Copérnico *inventou* um novo sistema do mundo. Harvée *achou* ou *descobriu* a circulação do sangue. Herschel *descobriu* um novo planeta. Volta *inventou* a pilha que dele tomou o nome de voltaica".

105

ACHAQUE, **moléstia**, **enfermidade**, **doença**, **incômodo** (**incômodos**), **indisposição**, **mal**. – Quanto às quatro primeiras palavras deste grupo é ainda de Roq., o que se segue: "Todas estas palavras enunciam um desarranjo ou desordem no estado normal da saúde do homem; mas cada uma delas indica modificações particulares que distinguem os diferentes gêneros de sofrimento". – **Achaque**, segundo a origem árabe *ax xaqui*, significa enfermidade ou moléstia habitual. – **Moléstia** toma-se quase sempre na significação da palavra latina, que quer dizer doença permanente, como o definiu Cícero: *Molestia est ægritudo permanens* (*Tusc.* 4, 8). – **Enfermidade** significa, segundo a força da palavra latina, "fraqueza, falta de forças, debilidade da natureza no sentido em que disse Cícero: *Infermitas puerorum et ferocitas juvenum*" (*Senect.* 10). – **Doença**, segundo sua origem (do verbo latino *doleo*), quer dizer estado doloroso do corpo, moléstia do corpo acompanhada de dores. A primeira fez-se extensiva a todo defeito físico ou moral; a segunda também se generalizou a todo incômodo, enfadamento, ou trabalho penoso de corpo ou de espírito; a terceira é preferível para indicar a falta de saúde que provém de fraqueza do corpo, abandono de forças, etc.; a última exprime bem a falta de saúde acompanhada de dores ou incômodos físicos, mas não habitual. Parece corresponder ao *morbus* dos latinos. Dizemos com razão – *doente* o que não está são, no mesmo sentido em que dizia Cícero: *Qui in morbo sunt, sani non sunt.* (*Tusc.* 3, 4). – **Incômodo** é "mal passageiro"; se bem que no plural se aproxime de moléstia, achaque, enfermidade. – **Indisposição** é "estado em que a pessoa fica ligeiramente fora do normal". – **Mal** é termo genérico para designar tudo que causa dano ao homem; aqui tem decerto um sentido mais restrito, e significa em geral o sofrimento que traz a alteração da saúde, podendo substituir em quase todos os casos a todos os outros do grupo.

106

ACIDENTAL, **fortuito**, **imprevisto**, **inesperado**, **inopinado**, **eventual**, **contingente**, **casual**, **ocasional**, **aleatório**, **incerto**. – Acerca de **acidental** e de **fortuito**, escreve Alv. Pas. "**Acidental** vem de *acidente*". "Porque parecendo, primeiro, caso *acidental*, tantas vezes sucedeu que veio a ser havido por mistério". Fr. L. de S... É o que acontece sem ser esperado, em sentido desfavorável. – **Fortuito** vem de *fortuna*: é o sucesso extraordinário, mas favorável". – **Inesperado**, segundo Roq., "supõe conhecimento da possibilidade de uma coisa, que não se espera numa ocasião ou circunstância determinada". – **Imprevisto** supõe ignorância da possibilidade da coisa. **Inopinado** supõe que não se havia pensado, nem nos viera à imaginação o que sucede". – **Eventual** distingue-se de todos os do grupo em enunciar apenas a ideia de coisa que ocorre, que atua ou que se produz sem ser normalmente, isto é, sem que se ligue a causas que possam ser previstas: e, portanto, coisa que pode ou não acontecer. – **Contingente** sugere ideia de coincidência; e significa "que depende de certas condições ou circunstâncias; ou que não é permanente; que vem e

passa”. – **Casual** se diz de todo fenômeno cuja causa é desconhecida, e que por isso se acredita que é devido ao acaso. – **Ocasional** significa propriamente “de ocasião”, isto é, que se dá como de momento, “que aparece como circunstância que se não prevê”. – **Aleatório** “é termo jurídico: aplica-se a disposições que se tomam para o caso em que se dê uma circunstância possível, mas não provável”. (Bruns.). – **Incerto** é “tudo aquilo a respeito do que se está em dúvida, ou não se tem certeza”.

107

ACIDENTE, **desastre**, **desgraça**, **catástrofe**, **revés**, **calamidade**. – Segundo Bruns., **acidente** (do latim *accidere*, “suceder”) diz-se de qualquer desgraça que sobrevém inesperadamente, sem que nada a fizesse prever, e considerando-a até certo ponto como contrária às leis ordinárias... – **Desastre** (vocábulo francês, formado do prefixo negativo *des* e de *astre*, “astro”) significa propriamente um grande infortúnio, uma grande desgraça causada, segundo as superstições astrológicas, pela influência nociva dos astros, isto é, do destino; e por extensão, toda desgraça irremediável, que aniquila e destrói tudo, desgraça da qual é impossível sair, e contra a qual nada se pode fazer. – **Desgraça** é o mais genérico do grupo, abrangendo a significação de todos os outros: é todo acontecimento funesto, que sobrevém como castigo... – **Revés** é a desgraça que faz mudar completamente uma situação, mas para pior; é o *reverso* da medalha, se assim nos podemos exprimir... – **Catástrofe** é acontecimento extraordinário, considerável, que revolve, muda, transforma completamente o estado precedente noutro estado muito pior. Esta revolução completa pode dar-se num povo, num Estado, numa sociedade, e até somente numa família, ou mesmo num indivíduo, mas sempre sugerindo a ideia de transtorno violento e profundo. – **Calamidade** (do latim *calamitas*, vocábulo que significou primitivamente os estragos que a saraiva produz nos campos) significa, segundo a sua etimologia, destruição das searas pelas intempéries, etc. Como a destruição das searas é uma desgraça que afeta sobremodo a muitas famílias, povoações e províncias, trazendo consigo a carestia e a penúria, **calamidade**, no sentido figurado, que é o único que hoje tem, se diz de qualquer grande desgraça, pública ou privada. O sentido desta palavra é sempre coletivo, mesmo quando se fala de uma *calamidade* privada, pois nesse caso não se atende a um fato adverso somente, mas a uma série desses fatos que sobrevêm uns aos outros, constituindo um conjunto que tem importância excepcional”.

108

ACLAMAR, **vitoriar**, **aplaudir**, **proclamar**, **glorificar**. – Postos nesta ordem – **aplaudir**, **aclamar**, **proclamar**, **vitoriar**, **glorificar** – estes verbos marcam a gradação, a força crescente dos sentimentos com que se manifesta aprovação, alegria, entusiasmo, delírio, incendimento sagrado por alguém ou alguma coisa. – **Aplaudir** é “dar sinais ostensivos, expressos, de que se aprova e sanciona”. – **Aclamar** é “aprovar, aceitar solenemente”. – **Proclamar** é “dar sanção, declarar com desvanecimento e no meio de extraordinário aparato”. (Há muita diferença entre **proclamar** e **aclamar**. Em regra, *aclama-se* espontaneamente, livremente, como se se fizesse escolha solene da pessoa *aclamada*; *proclama-se*, porém, como se se desse testemunho, se declarasse autêntico, cumprindo um dever, e como se se tornasse publicamente reconhecido o que se *proclama*.) – **Vitoriar** é “aclamar estrepitosamente, com vivacidade, agitação, movimentos de delírio”. – **Glorificar** é “fazer a consagração

de virtudes, feitos, talentos que excedem ao que é grandeza comum entre os homens". A glorificação deve ser um ato ou uma cerimônia tal que se compare à solenidade de culto: só a merecem os verdadeiros gênios e os santos, "pois que diante destes os homens ficam como se estivessem diante de divindades".

109

ACLARAR, **esclarecer**, **elucidar**, **ilustrar**, **alumiar**, **iluminar**, **explicar**, **explanar**. – **Aclarar** é "tornar claro, fazer que se veja claro". – **Esclarecer** é "aclarar completando, explicando o que parecia obscuro ou estava confuso". – **Elucidar** é "fazer perfeitamente claro, como a própria luz". É convizinho de **ilustrar**, **alumiar** e **iluminar**; distinguindo-se destes, no entanto, em sugerir ideia do modo completo como a coisa *elucidada* ficou *esclarecida*. Uma questão pode ter sido *ilustrada* por um mestre, sem que só por isso haja necessariamente ficado de todo *elucidada*. – **Ilustrar** significa "lançar luz, projetar brilho sobre"... – **Alumiar** diz propriamente "dar luz, esparzir claridade"; e distingue-se de **ilustrar** em grande número de casos. O grande homem *ilustra* (dá brilho) o seu tempo"; e não – "*alumia...*" O sol *alumia* a todos"; e não – "*ilustra...*" "A palavra de Jesus *alumia* os cegos" (não – "ilustra...") *Ilustra-se* uma obra, um assunto, um debate; e não – *alumia-se...*" – **Iluminar** é de predicação mais viva e de ação mais direta que **alumiar** e **ilustrar**; e isto quer no sentido próprio, quer no figurado. A lição do mestre abalizado nos *ilustra*, ou nos *alumia* o espírito; mas nem sempre nos *ilumina*; pois **iluminar**, num sentido muito alto, significa "dar à inteligência uma nova e intensa claridade a que não escapem as coisas mais abstrusas". Dizemos: "Deus que o *ilumine*" (isto é – que lhe torne luminoso o espírito, o senso interior); e: "Deus que lhe *alumie* o caminho escabroso que vai seguir" (isto é – que lhe torne claro o caminho). E como um caminho só se faz claro a olhos que saibam ver, também poderíamos dizer assim: "Deus que lhe *ilumine* o caminho da vida". Mas, quanto ao primeiro exemplo, decerto que ninguém teria a lembrança de arriscar: "Deus que o *alumie...*" Pelo menos esta forma seria de lidimidade muito duvidosa. – **Explicar** é esclarecer como desdobrando, estendendo, desembrulhando aquilo que se não entendia, mais por defeito da coisa que se *explica* do que da pessoa a quem é *explicada*. – Explanar = "explicar tornando simples, inteligível, fazendo fácil".

110

ACOBARDAR, **intimidar**, **amedrontar**, **atemorizar**, **assustar**, **aterrar**, **aterrorizar**, **espavorir**, **apavorar**, **quebrantar**. – Todos estes verbos enunciam ação de diminuir ou abater o ânimo de...; e pode-se dizer que a nuança entre uns e outros é marcada pelos respetivos radicais. – **Acobardar** é "reduzir alguém a uma incapacidade absoluta de reagir". Quem se *acobarda* perde a coragem para repelir um ataque, ou para atacar um inimigo que o afronta. Muito bem nota Roq., tratando de *cobardia*, que de um menino (de uma mulher, de um enfermo, ou de um decrépito, etc.) não se pode dizer que seja *cobarde*, e sim *medroso*. A noite, a solidão, uma invetiva não *acobardam*, mas *amedrontam* uma criança. Também não será próprio o verbo **acobardar** tratando-se de casos em que a coisa a resistir, a vencer, a atacar, ou a evitar etc., seja superior a forças humanas ou fique fora do nosso alcance. Não se poderia dizer, por exemplo, que uma tormenta, ou um vulcão, ou o relâmpago, etc., me *acobarda*, mas que me *apavora*, que me *atemoriza* ou me *quebranta*. De sorte que só se entende que alguém se *acobarda* quando deixa de ter o ânimo que é próprio do homem, da

sua função, da sua tarefa, etc. – **Intimidar** é "fazer tímido". Pode-se *intimidar* a todo o mundo talvez; mas aquele que se *intimida* – ou é de uma prudência tão meticulosa que se avizinha de cobardia; ou é de uma tão delicada modéstia que passa a ter sem dúvida outro nome; ou então é mesmo de natureza ou de condição *tímido* por ser fraco, submisso, etc. Exemplos: "Bastou uma palavra mais alto e mais áspera para que o outro se *intimidasse* ali, calando-se". (O *outro* aqui não é decerto um herói, mas é possível que explicasse suficientemente a sua quebra de ânimo como excesso de pudor, como virtude contra o escândalo.) "Por estar na rua, a presença daquele biltre *intimidou* o velho soldado (O velho soldado nem por isso perderia direito a continuar sendo o mais legítimo dos heróis: poderia mesmo juntar talvez agora ao antigo, tão discutível e brutal, o heroísmo um tanto menos espetaculoso, mas seguramente mais humano, de salvar o seu decoro *intimidando-se*, já que é tarde para defendê-lo a pulso ou à força de armas); "Só ao ver ao longe o filho do senhor, o mísero escravo *intimidou-se*"; ou: "Bastou a presença do mestre para *intimidar* o menino". – **Amedrontar** é "causar medo"; como **atemorizar** é "causar temor". Mas a diferença entre estes dois verbos é bem sensível quando se compara **medo** e **temor**. (Ver o grupo...) *Amedrontamos* uma criança, um espírito supersticioso, um assassino acossado de remorso ou perseguido da justiça; *atemorizamos* o mau estudante com a presença do pai; o perdulário lembrando-lhe o futuro; *atemoriza-se* o réu diante do tribunal; o menino na presença dos examinadores, etc. Sente-se, portanto, que em **atemorizar** se inclui a ideia do motivo real, grave, sagrado, que leva alguém a perder o ânimo. "O crente *atemoriza-se* do castigo divino"; ou – "O castigo do céu *atemoriza* os crentes". (Ninguém diria *amedronta*, nem *intimida*, e menos *acobarda*.) – **Assustar** é "produzir impressão súbita de espanto ou medo", é causar susto. É dos mais extensivos do grupo. Até os animais podemos *assustar*. – **Aterrar** e **aterrorizar** confundem-se muito, e sem razão. O primeiro exprime "inspirar um medo, um grande espanto, um súbito terror de imobilizar, abater inteiramente o ânimo *aterrado*". O segundo significa também "encher de terror"; mas não sugere a ideia de mistério, de coisa sagrada, de impressão violenta, que se inclui em **aterrar**. Uma visão diremos que nos *aterra*; a iminência de uma grande desgraça nos *aterroriza*. – **Espavorir** é "fazer abalado de pavor, deixar agitado de susto: e sugere a ideia da fuga que revela o espanto. – **Apavorar** diz propriamente "encher de pavor, causar grande medo"; e tem alguma coisa de análogo a **aterrar** por sugerir, quase sempre, igualmente a ideia do que tem de misterioso, como sobrenatural, o pavor que sentimos. Não se poderia dizer, por exemplo: "A noite, lá fora, nos *espavore*"; mas – "nos *apavora*"... – Quebrantar é "fazer que se perca o ânimo, que se deixe abater, amofinar". "Na miséria ou na doença os mais fortes se *quebrantam*". "O sofrimento moral *quebranta* mais que os males físicos".

III

AÇÕES, fatos, feitos, façanhas, proezas. – Quanto aos três primeiros escreve Roq. "A **ação** tem uma relação imediata com a pessoa que a executa, representando-nos a vontade, o movimento, a parte que nela tem a pessoa. O **fato** tem uma relação direta com a coisa executada, representando-nos o efeito, o produto, o que fica executado por meio da ação. Daí vem que as *ações* são boas, más ou indiferentes, sinalando a palavra diretamente a intenção do que as executa; e os *fatos* são certos, falsos ou duvidosos, com relação direta à essência ou qualidade do *fato* em si mesmo. – **Feito** é o mesmo que **fato**, mu-

dada por eufonia a pronúncia dura de *a* na doce de *ei*; corresponde muitas vezes a *obra, ato*, mas o seu uso mais frequente é representar as ações nobres, ilustres de homens famosos e dignos de memória". – **Façanha** (do latim *facinus*, de *facere*, "fazer", "obrar" etc.) é feito heroico, devido à grande coragem, a virtudes, a esforço, a valor excepcionais. – Segundo Laf., **proeza** (em francês *prouesse* "action de *preux*") "diz-se propriamente das façanhas da antiga cavalaria, das que são contadas nos antigos romances".

112

ACOITAR, **acoitar-se**; **asilar**, **asilar-se**; **esconder**, **esconder-se**; **ocultar**, **ocultar-se**; **refugiar-se**; **abrigar**, **abrigar-se**; **homiziar**, **homiziar-se**. – *Acoitamos* uma pessoa que sabemos comprometida com autoridade pública, ou com alguém a que essa pessoa esteja sujeita. Vem *acoitar-se* em nossa casa o indivíduo que se julga culpado de algum crime. Nem por isso *asilamos* a primeira; nem o segundo pode dizer-se, nem sempre, que se *asila* em nossa casa. – **Asilar** expressa a ideia de lugar seguro, sagrado (*asilo*) em que alguém se julga a salvo de qualquer perseguição. – **Esconder** é "furtar alguém ou alguma coisa à ação, ao esforço de outrem, que se considera com direito a essa coisa ou essa pessoa". *Esconde-se* aquele que se esquiva à ação dos que o procuram. – **Ocultar** é menos do que **esconder**, pois *ocultamos* uma coisa evitando apenas que outros a vejam. Quem se *oculta* deixa apenas de aparecer; quem se *esconde* procura escapar tanto às vistas como à investigação de outrem. – **Refugiar-se** diz propriamente "fugir e valer-se de algum lugar seguro para escapar a algum perigo". Um político, um anarquista, comprometido em algum atentado ou algum movimento subversivo, *refugia-se* na Inglaterra ou na Suíça. Um bandido, acossado do clamor geral, *refugia-se* na floresta. – **Abrigar** é "dar abrigo"; isto é – "acolher e amparar alguém contra risco iminente, ou contra mal de que é perseguido": "O hoteleiro *abrigou* da (ou contra a) chuva aquelas crianças"; "*Abrigamos* em nossa casa bons e maus". – *Homiziamos* em nossa casa alguém "que sabemos condenado por algum crime": e exatamente nisto é que este verbo se distingue de **acoitar**: este é mais extensivo: tanto podemos *acoitar* um menino que fugiu da casa dos pais, como um assassino que foge da polícia; mas só *homiziamos* o criminoso que tenta escapar à ação da lei penal. – **Homiziar** é sempre um delito; *acoitar* nem sempre. De um revolucionário vencido que conseguiu fugir não se pode dizer que foi *homiziar-se* no estrangeiro (e sim – *refugiar-se*). De um criminoso julgado, sim, não se dirá que se *refugiou*, mas que se foi *homiziar* no estrangeiro.

113

AÇOITAR, **vergastar** (**verdascar**), **chicotar** (ou **chicotear**), **azorragar**, **zurzir**, **surrar**, **chibatar** (ou **chibatear**), **flagelar**, **fustigar**. – Todos estes verbos enunciam ação de molestar fisicamente; e diferençam-se quase que só pelo gênero do instrumento com que se molesta. Usam-se todos também no sentido moral. – **Açoitar** é "bater com *açoite* ou látego, e como castigo". – **Vergastar** (ou **verdascar**) é "bater com vergasta (ou verdasca) isto é – com vara muito fina e rija, cortante". – **Chicotar** (ou **chicotear**) é "pungir a chicote"; e tanto se faz às bestas lerdas, como aos homens que se deseja humilhar, pois o chicote ou rebenque não só molesta, mas ultraja também. – **Azorragar** é "bater com azorrague"; e sugere a ideia de "fortes golpes que molestam e afrontam a vítima". – **Zurzir** é "espicaçar, pungir, afligir, magoar açoitando ou vergastando". – **Surrar** é o mais compreensivo do grupo: exprime a ideia geral de "molestar de qualquer modo, mas principalmente batendo,

macerando, zurzindo para exemplar e corrigir". – **Chibatar** (ou **chibatear**) é "aplicar a chibata, ou a verdasca"; e sugere noção da superioridade de quem *chibata* com respeito ao *chibatado*. – **Flagelar** tem hoje uma acepção especial, significando a ação de impor pena como suplício e castigo, ou o fato de cair... como calamidade. Tanto pode *flagelar-nos* um inimigo como um infortúnio, como a despiedade de um mau poeta. Uma nação pode ser *flagelada* por uma inundação ou por um mau governo. – **Fustigar** é quase como **zurzir**: designa a ação "de picar, bater com vergasta e repetidamente, até que o *fustigado* perca a paciência e saia do estado normal de atividade ou de calma". – O sentido translato é análogo ao natural em todos estes verbos.

114

ACOMODAR, **adequar**, **adaptar**, **ajustar**, **apropriar**. – **Acomodar** "é – diz Bruns. – transformar uma coisa de modo que, sem perder o seu caráter, sofra as alterações que o caso exige: *acomodar* um drama estrangeiro ao teatro português". – **Adequar** é "fazer uma coisa proporcionada a um certo fim, conveniente a um determinado uso, ou a um caso determinado". – **Adaptar** é "fazer alguma coisa *apta* especialmente para uma calculada serventia". – **Ajustar** é "modificar uma coisa de maneira que com outra se combine". – **Apropriar** aqui é "dar a uma coisa condições que a tornem *própria* para o fim que se deseja".

115

ACOMPANHAR, **seguir**, **escoltar**, **comboiar**. – *Acompanha-se* uma pessoa quando se vai a seu lado e subentende-se que tomando parte nas vicissitudes que essa pessoa tiver no seu caminho. Não se poderia dizer, portanto, "*acompanha* no encalço", mas – "*segue* no encalço" (ou vai...). Porque **seguir** é que diz "ir atrás, tomar o mesmo rumo de alguém, mas indo-lhe na retaguarda e sem perdê-lo de vista, e quer para observá-lo, quer para o servir. *Segue-se-lhe* a pista a alguém... (não – *acompanha-se*). *Acompanha-se* uma irmã à igreja (não – *segue-se*)". – **Escoltar** é "acompanhar para proteger ou para vigiar"; e dá ideia de que nunca é uma só pessoa que *escolta*. Um galé só sai da sua prisão *escoltado*. As forças *escoltaram* os prisioneiros até Pernambuco. – Quanto a **comboiar** é preciso que se note que, em regra, a coisa a *comboiar* – carros, navios, tropas de carga, boiadas, etc. – é sempre mais de uma; isto é, sempre se entende que é grupo, multidão (*comboio*). Além disso, é mais restrito que **escoltar**, pois nunca se *comboia* senão para proteger.

116

ACONSELHAR, **sugerir**, **insinuar**, **guiar**, **inspirar**, **persuadir**. – **Aconselhar** é "induzir alguém, por meio de razões insistentes e bons argumentos, a que faça alguma coisa que não faria de moto-próprio"; é também "encaminhar numa certa direção (num negócio, numa situação difícil, na vida, etc.)." Pode *aconselhar-se* bem ou mal, de boa ou de má-fé, benévola ou perversamente. – **Sugerir** é "fazer entrar no espírito de alguém, e muito subtilmente, ou por meios indiretos e vagos, alguma coisa que está no nosso interesse, ou mesmo na conveniência da pessoa a quem se *sugere*. É claro que, quando dizemos explicitamente a Pedro que levante cedo, a isso o *aconselhamos*; quando lhe fazemos sentir por meias palavras, ou por circunlóquios, a conveniência de ocultar-se às vistas da polícia, *sugerimos* a Pedro o que está no seu interesse. Ninguém diria que *sugeriu* a Pedro que levantasse muito cedo: salvo se quisesse mesmo fazer uma simples *sugestão*, em vez de dar um *conselho*". – **Insinuar** está quase no mesmo caso de **sugerir**: é "introduzir, levar até o íntimo do espírito ou do

coração de alguém uma ideia, uma suspeita, um desejo etc.: convindo não esquecer que **insinuar** envolve ideia de má vontade ou de intuito ilegítimo de quem *insinua*". – **Guiar** é dirigir alguém nalgum serviço, intento, marcha, etc.; é assistir com bons conselhos, para que a pessoa *guiada* não se afaste do reto caminho. *Guiamos* os nossos filhos; como *guia* o mestre os seus discípulos. – Também se pode *guiar* mal ou bem. – **Inspirar**, aqui, significa "sugerir mais diretamente, com mais energia; operar sobre o espírito ou o coração de alguém para que se oriente, se anime, se incenda, se recorde, etc. – **Persuadir** é "insistir em que alguém creia, aceite o que lhe propomos ou dizemos". Não é convicção que leva uma pessoa a *persuadir-se*: é antes a autoridade de quem *persuade.*

117

ACONTECER, **suceder**, **ocorrer**, **dar-se**, **passar-se**. – Quanto aos três primeiros, diz Bruns.: "**Acontecer** é termo genérico, aplicável a qualquer fato, previsto ou imprevisto, importante ou não. Geralmente, **acontecer** não relaciona o fato com outro anterior nem o atribui a determinada causa; não obstante, como termo genérico, não há dúvida que em tais casos seja bem empregado: *aconteceu* o que tínhamos previsto; *aconteceu* um desastre." – **Suceder** é o mesmo que **acontecer**, mas encerra ideia de causa anterior. Dizendo – "*aconteceu* uma desgraça" – referimo-nos à desgraça em si, sem outra ideia acessória; dizendo "*sucedeu* uma desgraça" – apresentamos o fato como consequência de tal ou tal existência: "na perfuração dos túneis *sucedem* desgraças amiúde..." **Ocorrer** é o mesmo que **suceder** ou **acontecer**; emprega-se, porém, quando se quer dar a entender que do que *sucede* ou *acontece* se origina alguma consequência... – **Dar-se** é, aqui, um verbo que em todos os casos poderia substituir a qualquer dos três primeiros, significando o mesmo que **acontecer**, ou **suceder**, ou **ocorrer**. *Dão-se* às vezes desgraças que surpreendem os mais fortes ânimos. *Deram-se* acontecimentos extraordinários em Lisboa. Dizem que *se deram* naquele momento sucessos imprevistos. As ocorrências que *se dão* diariamente já não impressionam. – **Passar-se** está quase no mesmo caso: não é, porém, tão extensivo, e é de predicação mais precisa. Decerto que se não poderia dizer: "*Passou-se* uma catástrofe; *passar-se-ia* um desastre se não fora a nossa prudência".

118

ACORDAR, **concordar**, **convir**, **convencionar**, **combinar**, **concertar**, **ajustar**, **assentar**, **tratar**, **contratar**, **pactuar**; **acordo**, **concordata**, **convênio**, **convenção**, **combinação**, **ajuste**, **concerto**, **assento**, **tratado**, **contrato**, **pacto**. – **Acordo** supõe que a pessoa, que chegou a fazê-lo, primeiro relutara ou não se tinha mostrado a ele propícia. Nesta palavra **acordo** (*accordo*) figura a raiz *cor*, que deu *cors*, *cordis*, "coração"; e, portanto, *ac* (*c* por *d*) + *cordo* diz propriamente "ao coração", "para o coração"; – isto é – significa a união de sentimentos e extensivamente de ideias, de opiniões, etc., a que chega quem faz *acordo.* Por isso é que se diz muito acertadamente que onde nunca houve *desacordo* não seria próprio dizer que veio a dar-se *acordo.* – **Acordar** é, pois, entrar em *acordo.* – **Convir** é encontrar-se com outra pessoa numa certa igualdade de intuitos. O que se faz entre as pessoas que *convêm* chama-se **convênio**. – **Convenção** é "o acordo, não de vontades ou de impulsos propriamente, mas de razão, de direito ou de interesses a que se submetem afinal partes que não puderam dirimir de outro modo a contenda ou a questão debatida". **Convenção** é sempre mais solene e ato de mais importância do que **convênio**. Os que *convêm* fazem *convênio*: celebrar

convenção é *convencionar*. – **Tratado** e **contrato** correspondem a **convenção** e **convênio** ou guardam respetivamente entre si a mesma analogia. Mas **tratado** é uma **convenção** de alta categoria: só pode ser celebrado entre nações. Dois exércitos não celebram *tratado*, mas *convenção*: só poderes soberanos têm capacidade para celebrar, tanto *convenções* como *tratados.* É certo, no entanto, que **tratar** tem uma significação muito menos precisa, se bem que o mesmo se pode quase dizer de **tratado**, fora da acepção que tem neste grupo. *Trata-se* tanto de altos interesses de nações como das coisas mais insignificantes do mundo; mas dizemos também, referindo-nos a negócios de pequena monta: "o *tratado* é devido". – "O **pacto** é uma *convenção* formal em que cada pactário declara renunciar ao direito de romper o pactuado; é um compromisso que fica obrigatório para cada um dos que nele tomam parte, ainda quando não tenha sanção legal – não a podendo mesmo ter quando, como frequentemente sucede, o **pacto** se faz sobre coisas cuja sanção é superior ao alcance das leis humanas. É precisamente em virtude do caráter de imutabilidade que o **pacto** reveste, que este termo se presta a ser tomado a má parte, como quando se diz: fazer um *pacto* com o diabo; *pactuar* com os inimigos da pátria". (Bruns.) – **Ajustar** é "convir em alguma coisa, ou nas condições de um arranjo ou negócio depois de haverem as partes discutido". **Ajuste** é, portanto, o ato de ajustar; e tem mais propriamente sentido jurídico, ou ainda mais restrito – comercial. – **Assento** diz propriamente "o registro solene de um convênio, da resolução que se tomou, da sentença que foi proferida": **assentar** é, pois, "reduzir a escrito (ou dar-lhe toda autenticidade) um acordo a que se chegou, de modo que fique sólido e perfeito". – **Combinar** (do latim *combinare* – *cum* + *bini* "com" + "par") diz precisamente "pôr uma coisa ao lado da outra, ou junto uma da outra, juntá-las, confrontá-las, compará-las": **combinar** é, pois, "dispor, ordenar os termos de um acordo ou de um convênio". O que se *combina* fica assentado apenas mentalmente: não tem força de acordo ou de pacto feito. – **Combinação** é o ato de *combinar* ou aquilo mesmo que se *combinou*. – **Concerto** é um pouco mais que simples combinação: é "a harmonia perfeita a que se chega acerca de alguma coisa depois de haver ponderado todos os prós e contras": pode não chegar a ser um **contrato**, mas já envolve compromisso moral mais solene do que aquilo que simplesmente se *combinou.* – **Concertar** é, portanto, "entrar em *concerto,* decidir, depois de debate, por acordo comum". – **Contrato** é "aquilo que se tratou reduzido a escrito, a forma autêntica, nos termos ou nas condições da lei, ou dos costumes, para que dele resultem direitos e obrigações legais ou morais". – **Contratar** é, pois, celebrar **contrato**. – **Concordar** é convizinho de **concertar**: é "vir a acordo como os que se conciliam, deixando sentir que se havia antes discordado". – **Concordata** é termo jurídico que tem principalmente duas acepções: exprime "acordo ou convenção solene feita entre o sumo pontífice e um soberano"; e designa "ajuste entre credores e devedor".

119

ACORDAR, **despertar**. – Segundo Roq.: – "**Acordar** e **despertar** são verbos ativos e neutros, e representam a ação pela qual um homem sai, ou o tiram, do estado de adormecimento em que jazia. – **Acordar** exprime propriamente a cessação do sono, o recobro dos sentidos, e também a cessação do sonho, como se vê naquele verso de Camões (Canç. 15):

> Ah! quem de sonho tal nunca *acordara*

– Despertar é pôr ou pôr-se um homem esperto, expedito para exercer suas faculda-

des, como se vê ainda de outros versos de Camões (*Lus.* VI, 38):

Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros *despertavam*.

Parece que a ação de *acordar* precede à de *despertar*; que *acordar* supõe um sono ordinário e que acaba regularmente, sendo que *despertar* anuncia sono profundo, e que se interrompe a horas desacostumadas, para sair do qual é necessário mais esforço nosso quando *acordamos*, ou de quem nos quer tornar *espertos.* – A mesma diferença existe na acepção figurada. Quantos homens *acordam* do sono da culpa, mas não chegam a estar assaz *espertos* para praticarem resolutamente a virtude!"

120

ACOROÇOAR, **alentar**, **animar**, **induzir**, **incitar**. – *Acoroçoa-se* alguém na sua tarefa, ou seu intento, incitando-o com palavras e afagos a que tenha coragem e se esforce por vencer. Segundo a própria etimologia, a**coroçoar** (a + coração + ar) diz "avigorar o coração": quer dizer – confortar alguém no que empreende. – **Alentar** significa propriamente "dar alento, isto é, insuflar coragem, incitar na tarefa, sustentar no esforço. A esperança nos *alenta* nesta luta. A palavra do santo velho *alentava* os moços. – **Animar** é "infundir alma"; isto é – dar vigor às forças do espírito para uma resolução, para um trabalho, para sofrer um mal, ou uma doença. Com o exemplo do capitão *animam-se* os soldados a investir o baluarte. *Animam-se* os enfermos contando-se-lhes casos de cura prodigiosos. Não há ninguém que *anime* aqueles míseros no eito. – **Induzir**, aqui, é "levar alguém, por meio de palavras persuasivas, ou por exemplos ou por medo, a fazer alguma coisa". – **Incitar** é um pouco mais: é "*induzir* com grande esforço e vivo empenho". Quem *induz* um menino a faltar às aulas não é talvez menos perverso do que aquele que o *incita* a praticar o mal.

121

ACORRENTAR (ou **encorrentar**), **encadear**, **agrilhoar**, **encorrear** (ou **acorrear**), **amarrar**, **prender**. – **Acorrentar** (ou **encorrentar**)[11], no sentido próprio, é "prender por meio de corrente"; no figurado é "coagir, conter dentro de certos limites". É próximo de **encadear**, distinguindo-se em sugerir, melhor do que este, a ideia da força, dureza, prepotência com que se prende. – **Agrilhoar** diz mais ainda que **acorrentar**, pois encerra ideia da tirania com que se *agrilhoa*, do peso dos *grilhões*, do sofrimento do *agrilhoado*. – **Encorrear** (ou **acorrear**) é "prender por meio de correias, enlaçar de modo a tolher os movimentos ao que se *encorreia*". – **Amarrar** diz propriamente "prender com amarra"; isto é – por meio de cabos, correntes, ou cordas, de modo que a coisa *amarrada* fique segura, e não se possa afastar do posto em que se a fixou. – **Prender** é o mais genérico do grupo: diz "ligar uma coisa a outra, mais ou menos intimamente, sem envolver ideia do modo como se a *prende*".

122

ACORRER, **acudir**, **afluir**. – Estes três verbos enunciam a ação de correr, marchar, ir ou vir para alguma parte. Entre os dois primeiros e o outro, já se nota uma diferença fundamental: tratando-se de pessoas (ou quaisquer animais) só se emprega **afluir** quando se faz referência a muitos indivíduos. Uma só pessoa seria impróprio dizer que *aflui*; porque em **afluir** se inclui a ideia

11 Poder-se-ia notar entre estes dois verbos alguma diferença; pois encorrentar diz mais propriamente "carregado de ferros, cheio de correntes". Colombo voltou da América *encorrentado* (não *acorrentado*).

de multidão, de cópia ou abundância. Esta ideia não há em **acorrer** e **acudir**: tanto podemos dizer "ele *acorreu* ou *acudiu* ao ver o desabamento", como: "eles *acorreram* ou *acudiram*..." Outra diferença: como há casos em que **afluir** não substituiria nenhum dos dois, há-os também nos quais não seria permitido usar de **acudir**, nem de **acorrer** por **afluir**: por exemplo: em – "as famílias da redondeza *afluíram* à cidade no dia da festa" – não poderíamos (sem alterar o valor lógico da frase) pôr nenhum dos dois primeiros verbos no lugar de *afluíram.* Isto quer dizer que **afluir** significa (como na acepção própria, natural) "mover-se lentamente (como os líquidos) numa certa direção, à procura de um ponto"; e que em **acorrer** e **acudir** está implícita a ideia de pressa: não se *acorre* nem se *acode* devagar, ou sem grande interesse de momento ou urgente. Entre **acorrer** e **acudir** é preciso também notar que é fácil marcar uma certa nuança. Quem *acode* atende a grito de socorro, ou a perigo que viu, ou a alguma coisa que procura solícito impedir ou evitar, ou cede a medo, a obediência, a vivo interesse, ou a provocação: o que, pelo menos, nem sempre se dá quanto a **acorrer**. Quando muito, poder-se-ia dizer que ninguém *acorre* a um certo ponto, ou para determinado lugar, sem motivo instante; mas quem ouve um grito de socorro não *acorre* apenas: *acode,* porque "corre a socorrer".

123

ACOSSAR, **perseguir**. – **Acossar** – diz Bruns. – "é *perseguir* hostilizando; consequintemente, o acossador tem à vista o *acossado.* Tal ideia não existe em **perseguir**, pois entre o perseguidor e o *perseguido* a distância pode ser considerável".

124

ACOSTUMAR-SE, **habituar-se**, **dar-se**, **afazer-se**, **adaptar-se**, **acomodar-se**, **ajustar-se**, **aclimar-se** (**aclimatar-se**), **identificar-se**, **afeiçoar-se**, **amoldar-se**, **modelar-se**. **Costume**, **hábito**. – Todos os verbos deste grupo enunciam ação de mudar de vida, de meio, de condição, e afazer-se a condição, meio ou vida nova. *Acostuma-se* alguém com alguma coisa, ou nalgum lugar, quando sente que o meio, tanto social como físico, lhe não é mais estranho como a princípio. Por isso mesmo não se explicaria, por exemplo, que um paulista nos viesse dizer que se *acostuma* em S. Paulo (isto é, na mesma terra onde nasceu e se criou e onde vive). – Confunde-se **acostumar-se**, com **habituar-se**, e com a mesma sem-razão com que se confunde **costume** com **hábito**. Não está em mim *acostumar-me* numa cidade; mas depende de mim *habituar-me* a um certo serviço, ou a um gênero de vida que nunca tive. – **Costume** é "tudo que forma o modo de ser próprio de alguém ou de um povo: o convívio é que o faz." Devemos, portanto, os nossos *costumes,* tanto maus quanto bons, menos a nós próprios do que à ação do meio em que vivemos. – **Hábito** é "tudo que fazemos já quase maquinalmente, por nos termos exercitado com esforço, ou por termos repetido muitas vezes": devemos os nossos hábitos mais a nós próprios do que a outros. Resta observar que **costume** se poderia definir como significando *hábito moral,* pois inclui mais ideia de modo de ser do espírito, do indivíduo subjetivo, do caráter em suma, que do exterior, ou do modo de parecer peculiar a cada pessoa. Entre **acostumar-se** e **habituar-se** há, pois, a mesma diferença. F. *se habituou* a ir todos os dias à igreja. A. não *se acostuma* no campo. M. *acostumou-se,* afinal, em Paris; mas nunca *se habituará* à vida dos boulevards. – **Dar-se** exprime, aqui, quase o mesmo que **acostumar-se**; e a diferença entre os dois consiste em que aquele é de predicação menos intensa e mais vaga. Ele *se dá* tão bem na roça como na corte. Ela nun-

ca *se pôde dar* com os caprichos do noivo. Decerto nada impediria que uma pessoa, que *se não dá* com a vida do Rio, viesse, afinal, a *acostumar-se* aqui. – **Afazer-se** aproxima-se mais de **habituar-se**, pois ninguém se afaz a alguma coisa sem esforço. – **Adaptar-se** enuncia a "ação de se fazer alguém próprio, capaz, *apto* para uma certa coisa, ou para algum serviço ou função". – **Acomodar-se** diz propriamente "ficar a gosto nalgum lugar ou com alguma coisa; dar-se bem, sem constrangimento, com alguma coisa." – **Ajustar-se** quer dizer "pôr-se alguém, em relação a outrem ou alguma coisa, como ficam duas superfícies planas que se juntam; ficarem medida igual". – **Aclimar-se** é "afazer-se, adaptar-se a um clima novo, ou que não é propriamente o nosso". O sentido translato é análogo. – **Aclimatar-se** é o mesmo verbo, adaptado da forma francesa. – **Identificar-se** é "acomodar-se tão bem com alguma coisa como se se fizesse igual a ela". – **Afeiçoar-se** é "semelhante ao precedente: designa a ação de dar-se perfeitamente com alguma coisa (ou com alguém) amoldando-se a ela". – **Amoldar-se** é propriamente "tomar alguém ou alguma coisa por molde ou modelo"; e **modelar-se** diz o mesmo, notando-se apenas entre os dois a diferença marcada pelo prefixo *a* de **amoldar-se**, designativo de esforço por parte de quem se *amolda*: ideia que se não inclui em **modelar-se**. – Exemplos: *afazemo-nos* a uma tarefa nova; *adaptam-se* rapazes à vida militar; *acomodo-me* à compostura, ou à índole das pessoas prudentes; ela procura *ajustar-se* ao modo de ser do esposo; *aclimar-se-ão* neste trabalho ou neste meio se tiverem perseverança e cautela; *identificou-se* ele completamente com a sorte daqueles homens; *afeiçoei-me* sempre às condições da minha vida; *amoldo-me* a todas as contingências: só não posso *modelar-me* pelo sentir dos ímpios.

125

ACRESCENTAR, **aumentar**, **acrescer**. – "O segundo" – diz Roq. – "é o meio; o primeiro é o resultado. Para *aumentar*, *acrescenta-se*; *acrescentando*, *aumenta-se*. *Aumentei* o número dos livros da minha biblioteca, porque *acrescentei* alguns que me faltavam. E não se diria: *Acrescentei* o número de livros porque o *aumentei*. O *aumento* é sempre efeito da *adição* ou *aditamento*; e este é o meio por que o *aumento* se verifica. Um ricaço *aumenta* suas rendas *acrescentando* novas propriedades às que já tinha". – **Acrescentar** é uma extensão de **acrescer**. Quando uma coisa *aumenta* "crescendo, isto é, pouco a pouco, por acréscimo ou adição gradual de novas moléculas ou porções de massa, dizemos que *acresce*." – **Acrescer** é, pois, nesta acepção, "ficar maior, mais ampla, mais extensa por acrescimento." Quando uma coisa cresce de volume, de extensão, de amplitude, de força, de intensidade, qualquer que seja o processo de crescimento, dizemos que *aumenta*. A dor, por exemplo, a alegria, a felicidade, a raiva, etc., ninguém diria que *acresce*: e sim que *aumenta*, pois que se torna mais intensa.

126

ACRESCENTAR, **ajuntar**, **juntar**, **adicionar**, **adir**, **aditar**, **agregar**. – Segundo Bruns., "**adicionar** é reunir um todo (ou uma parte) a outro todo[12] da mesma espécie: *adicionar* um ato à Constituição do Estado. – **Acrescentar** é tornar mais longo ou mais complexo: *acrescentar* um parágrafo à carta. **Ajuntar** é pôr umas coisas junto a outras. O que se *junta* ou *ajunta* forma parte integrante do todo. Não assim o que se

12 Aliás, isto seria melhor **juntar**, **unir**. No verbo **adicionar** há implícita a ideia de que, em regra, a coisa adicionada é menor do que a coisa a que se adiciona: esta fica para aquela como o todo para a parte, como a soma para a adição.

agrega, pois cada parte *agregada* conserva a sua individualidade. Por isso **ajuntar** é aumentar o todo, e **agregar** é aumentar o conjunto. *Juntam-se* coisas homogêneas; *agregam-se* essas ou outras". – Entre **ajuntar** e **juntar** parece que há sempre alguma diferença. Basta notar que se diz: – "*juntamos* os nossos esforços" e não – "*ajuntamos...*"; "*ajuntamos* laranjas, *ajuntamos* dinheiro" e não – "*juntamos...*" Isto quer dizer que **ajuntar** marca (pelo prefixo *a* = *ad*) a atividade, o esforço do sujeito que põe uma coisa junto de outra: o que não se dá em relação a **juntar**, que enuncia apenas o "ato de se pôr ou de ficar uma coisa juntamente ou em cooperação com outra". Exemplo: "Convença-se de que me *juntarei* ao sr. (estarei junto do sr.) nesta questão"; nunca – "me *ajuntarei...*" (porque **ajuntar**, aqui, só admite a forma pronominal recíproca: poder-se-á ainda dizer – "*ajuntar-nos-emos*"; não – "eu **me** *ajuntarei* ou *ajuntar*-**me**-*ei*". – **Adicionar**, **aditar** e **adir** têm o mesmo radical (*do... are*) e todos designam a ação de acrescentar, ajuntar. – **Adir** (de *addere* = *ad* + *dare*) significa "pôr ao pé, adaptar, ajuntar, unir". Deu-nos adido e adição, dos quais temos **aditar** e **adicionar**, este de formação vernácula, e aquele de formação latina; parecendo, portanto, que se equivalem perfeitamente, como se vê dos nossos léxicos. É preciso, no entanto, notar que dizemos: *aditar* alguma coisa às provas feitas, aos autos, ao discurso lido: casos em que **adicionar** não seria pelo menos de muito escrupulosa propriedade. – **Aditar** diz, portanto, "ajuntar ao que estava feito, deixando como apensa a coisa *aditada*": **adicionar** exprime "acrescentar como adição, como parcela que vai aumentar, e como perfazer a soma". *Aditam-se* razões às que já foram produzidas: *adiciona-se* alguma coisa a uma coisa dada, ou uma ou mais porções a um corpo fazendo-o maior. É certo que dizemos – "ato *adicional*", mas sem dúvida ninguém se animaria a dizer – "*adição* constitucional", em vez de – "*aditamento* constitucional", referindo-se a uma peça complementar da Constituição, peça que lhe fica como que apensa.

127

ACREDITAR, crer. – Confundem-se muito estes dois verbos; e, no entanto, bastariam alguns exemplos para deixar clara a distinção que é preciso não esquecer entre os dois. "*Creio* em Deus"; "*creio* firmemente na imortalidade da alma", "*creio* que ela não descerá jamais àquela miséria moral". Se nestes exemplos substituirmos o verbo **crer** pelo outro, é evidente que não faremos com a mesma precisão e a mesma força as afirmações que aí se formulam. É exato, aliás, que o próprio verbo **crer**, em certos casos, sugere também alguma coisa de dúvida no considerar como certa a coisa em que se *crê*; mas provavelmente devemos isso, menos à imprecisa propriedade do vocábulo, que a uma desfiguração de sentido que se explicaria talvez por uma vantagem do menor esforço com que pronunciamos **crer** em vez de **acreditar**. Todos dizemos: "*Creio* que ele virá" – querendo dizer: "*Acredito* que ele virá"... Mas quem diz: "*Creio* que ele virá" – funda naturalmente a sua crença ou a sua confiança na afirmação daquele que tem de vir; e neste caso, é de mais lídima propriedade a aplicação do verbo **acreditar**, que diz precisamente "ter como verdade, não o que sentimos, mas aquilo que outros nos afirmam". Enquanto que o verbo **crer** significa "considerar como verdade aquilo que está no coração ou na consciência", e isso por uma injunção do nosso espírito, por uma capacidade própria do nosso entendimento, ou por uma tendência ou um modo de ser da nossa natureza moral. **Crer** encerra ideia de certeza profunda, de convicção segura e inabalável; e é só por engano talvez que lhe damos a significação perfeita de **acreditar**.

Muita gente não *crê* em Deus, ou em Jesus, mas *acredita* em visões, em lendas fantásticas e contos da carochinha.

128

ACRO, **quebradiço**, **frágil**. – Segundo Bruns., "**acro** se diz do que, sendo duro e pouco dúctil, se quebra ao ser trabalhado. Há metais *acros*." – **Quebradiço** é o que se quebra facilmente. O vidro é *quebradiço*. – **Frágil** aplica-se ao que, além de ser quebradiço ou deteriorável, necessita cuidados assíduos para conservar-se. Nada mais *frágil* que "a saúde".

129

ACUDIR, **socorrer**, **auxiliar**, **amparar**, **proteger**, **defender**, **ajudar**, **salvar**, **valer**. – **Acudir** é "correr em socorro de alguém". Aquele que nos grita: *Acudi-me!* – solicita ansiosamente a nossa assistência nalgum perigo em que se encontra. – **Socorrer** não implica a ideia da presença da pessoa, cujo socorro se pede, junto da pessoa que se deve socorrer. Nem sempre quem *acode* **socorre** efetivamente. E a inversa é também admissível: só porque alguém nos *socorre* num grande embaraço, ou mesmo num perigo, não se segue necessariamente que nos haja *acudido*, isto é – que tenha vindo solícito ao lugar em que perigamos. **Acudir** dá ainda ideia de que a pessoa pela qual se grita deve fazer tudo pela nossa salvação, pois entende-se que nós, quando gritamos, nos julgamos inteiramente perdidos. Quem nos *socorre*, no entanto, vem apenas completar o nosso esforço e a nossa capacidade de defesa. – **Auxiliar** diz propriamente "dar auxílio"; isto é – aumentar a força de alguém que já não se julga fraco. Quem me *auxilia* apenas concorre para que eu vença, ou aumenta a minha força, a minha capacidade de triunfar. – O mesmo se pode dizer de quem *me ajuda*. Escreve Roq., que, "segundo o acadêmico Francisco Dias (*Mem. da Acad.*, IV, 37) a palavra *auxílio*, que é latina (*auxilium*), era ignorada ou não usada até princípios do reinado de D. Manoel; a que se empregava era a portuguesa *ajuda*, como ainda se vê em Camões, que disse sentenciosamente:

> Fraqueza é dar *ajuda* ao mais potente.
> (*Lus.* IX, 80).

Depois que os poetas e escritores cultos foram alatinando a língua, foi aquela (**auxílio**) admitida com certo ar de nobreza, e esta (*ajuda*) passou para o domínio do vulgo; e o mesmo aconteceu com o verbo **ajudar** relativamente a **auxiliar**, como se vê dos seguintes provérbios em que no uso ordinário se não pode substituir um pelo outro:

> Deus *ajuda* aos que trabalham.
> A quem madruga Deus *ajuda*.
>
> Mais vale quem Deus *ajuda*
> Do que quem muito madruga.

Dá-se *ajuda* (ou *ajuda-se*) a uma pessoa que está embaraçada com trabalho que não pode fazer, ou para que o faça mais prontamente; dá-se *auxílio* (ou *auxilia-se*) ao que já tem meios, forças etc., e precisa de ter mais; dá-se *socorro* (ou *socorre-se*) ao que não tem o suficiente, e *amparo* (ou *ampara-se*) ao que nada tem"... – **Amparar** supõe o desvalimento completo da pessoa que se *ampara*. Só se *amparam* aos desvalidos, abandonados, espúrios, os que precisam de *amparo*, isto é, de que os sustentem, guardem, protejam para que não caiam, não sucumbam, não pereçam. – **Proteger** envolve ideia da superioridade de quem guarda ou ajuda, acolhe e abriga. O *protegido* não é sujeito que precise de *socorro* ou de *amparo*, mas antes de auxílio; e o protetor dá-lhe um auxílio poderoso para que ele se revigore, ou para que multiplique as próprias forças e se ponha ainda mais no caso de alcançar o que almeja. –

Quem nos *defende* é como quem se pusesse entre nós e o nosso inimigo e dos golpes deste nos guardasse. Mais extensamente, **defender** "é ficar ao lado de alguém para impedir que outrem se aproxime hostilmente, ou mesmo para evitar ataques previstos ou repelir agressões". – **Salvar** "é pôr alguém livre ou a salvo de algum perigo, embaraço, desastre etc., quer *acudindo-lhe* e dando-lhe *socorro* oportuno e eficaz, quer *auxiliando-lhe* os esforços, quer *protegendo-o*, quer ainda *amparando-o* vigorosamente ou *defendendo-o*". – **Valer** aqui é muito próximo de **socorrer**, **amparar**, **salvar**, **acudir**... "Vendo-se já no último perigo recorreu a Deus que lhe *valesse*" (P. Man. Bern.) – isto é – que lhe *acudisse*... "*Valha-nos* o céu nesta amargura", "Quem me *valerá* nesta contingência?"

130

ACUSAR, **denunciar**, **delatar**, **malsinar**; **acusador**, **denunciante**, **delator**, **malsim**. – Segundo Roq., "**denunciar** é manifestar aos juízes um delito oculto, sem apresentar as provas, deixando este encargo às partes interessadas, para que façam o que entenderem, já para assegurar-se da verdade da *denúncia*, já para evitar ou remediar o mal que se *denuncia*. – **Delatar** acrescenta à ideia de **denunciar** a de malevolência, e talvez a de algum vil interesse. O **denunciante** pode ser levado somente do zelo do bem público; o **delator** obra por maldade, ou por interesse, nunca pelo bem público: procede com disfarce e ocultando-se, e é designado pela frase de *vil delator*. – **Acusar** é *denunciar* alguém como criminoso. A *acusação* pode ser às vezes um ato bom; outras (e são as mais comuns) é ato de malevolência. Quando a *acusação* é justa, fundada e nobre, o **acusador** *acusa* aberta e publicamente, intentando uma ação criminal de roubo, de assassínio, etc. Contudo, a palavra **acusador** é odiosa, toma-se à má parte; e nas demandas chama-se *autor* ao que intenta ação contra o réu ou *acusado*, e não *acusador*. – **Malsinar** é *acusar* como *malsim*; isto é, por preço, paga, e por ofício, como fazem os *malsins*. Nos tempos modernos o uso tem quase fixado o valor de cada uma destas palavras. O *malsim* exerce o seu ofício em tudo que respeita aos contrabandos; o *delator* satisfaz sua maldade acusando os crimes ou delitos contra as leis; o *denunciante* nutre seu zelo fazendo conhecer às autoridades as ações e opiniões condenadas em política, ou suspeitas ao governo". "O **acusador** – diz Alv. Pas. – será um homem irritado; o **denunciante**, um homem indignado; mas o **delator** é uma personagem odiada, um homem vendido, que trafica às escondidas da honra e vida de seus semelhantes, um homem corruto, que dá interpretações criminosas às coisas mais inocentes; um traidor que finge viver com os outros em termos de boa amizade para vir no conhecimento de seus segredos; um judas infame, que se aproveita de um abraço para introduzir no bolso do que chama amigo papéis, que serão o seu corpo de delito. – **Delator** vem do latim *delactor*: é um indivíduo que procura, descobre, e defere secretamente o que ele crê ter visto, e muitas vezes o que deseja fazer que se creia: o seu ofício é o de trair. Os **delatores** formam a classe mais vil e infame: são a arma dos governos fracos e corrompidos, que aviltam neste mister uma parte dos cidadãos, para fazerem a perdição da outra, e que animam a calúnia com o interesse".

131

ACUSAR, **criminar**, **incriminar**, **culpar**, **inculpar**, **arguir**. – **Acusar**, aqui, é "atribuir a alguém falta ou crime, reclamando a devida punição". Mas quem *acusa* articula fatos com que pretende dar provas do crime ou da falta por que acusa; e pode fazê-lo cumprindo dever de cargo, ou exercendo direito

ou faculdade própria. – **Criminar** (*criminari*) é, segundo Roq., "dizer ou declarar alguém autor de um crime, dar-lhe culpa, delito; pronunciá-lo por criminoso ou réu". – **Incriminar** tem-se geralmente como sinônimo perfeito de **criminar**. Note-se, no entanto, que **incriminar**, melhor do que **criminar**, significa "reduzir a crime, considerar como crime um certo ato": e nesta acepção é bem distinto do outro. Neste exemplo: "Se a lei, ou o código não *incrimina* esta conduta, que juiz há de puni-la?" – não seria permitido o emprego de *criminar*. – **Culpar** e **inculpar** estão em caso análogo. – **Culpar** é "atribuir culpa a alguém, considerar alguém como culpado, mas apenas por indícios, sem formular propriamente acusação". – **Inculpar** é "ver como culpa um ato que talvez não o seja". Diríamos: "Pode *arguir-me* de muita coisa; pode mesmo *culpar-me* de imprudente; mas *inculpar-me* assim este gesto... é levar muito longe e arriscar muito a sua argúcia de juiz...." – **Arguir** é "acusar de falta, exprobrar culpa como invectivando, repreender com acrimônia, fazendo censuras mais com veemência do que com razões". "Poderá *arguir-me* de tudo, senhor, menos de não ter sabido defender a inocência".

132

ADÁGIO, **brocardo**, **provérbio**, **anexim**, **rifão**, **dito**, **ditado**, **preceito**, **princípio**, **axioma**, **paremia**, **sentença**, **máxima**, **aforismo**, **apotegma**, **prolóquio**, **conceito**, **pensamento**. – Todas estas palavras enunciam conceito, breve e incisivo, dando normas ou noções em que se representa a experiência dos tempos, a sabedoria vulgar, a moral vigente, ou os grandes princípios de ciência ou de arte. **Adágio**, **provérbio**, **brocardo**, **máxima**, **parêmia**, **anexim**, **dito**, **ditado**, **prolóquio**, **sentença**, **rifão** – quase todos exprimem conceito exclusivamente moral, e como que condensam, em frase rápida, clara, sugestiva, tudo que se tornou clássico, ou que foi consagrado pela razão humana em todos os tempos. – **Adágio** não se confunde com **dito**, **rifão** ou **anexim**; pois é uma sentença moral mais profunda. "Gato ruivo do que usa disso cuida"; "lé com lé, cré com cré – cá e lá más fadas há" – podem ser tidos como rifões, ditados ou anexins; mas decerto não seria próprio designar nenhuma dessas frases por **adágio**, nem **paremia** ou **máxima**, ou **provérbio**, muito menos por **sentença**. O **anexim**, como o **rifão**, como o **ditado** têm uma forma, não só rude, mas quase sempre chula, frívola e sempre velada, tendo portanto um sentido translato que apenas corresponde à noção que se quer sugerir. São mais vizinhos de ditérios, graçolas, trocadilhos, apodos e chufas que de **adágio** ou **provérbio**. Distingue-se **adágio** de **provérbio**: primeiro – em dar o **adágio** noção simples e clara, em termos precisos; e em ser o **provérbio** mais grave, quase sempre mais longo, seco de forma, e enunciando conceito menos vulgar; segundo – em ser o **adágio** sempre anônimo; enquanto que **provérbio** pode ter autor conhecido. – **Sentença** é um provérbio mais solene, mais brilhante de forma, e de sentido ainda mais profundo. Dizemos: "as *sentenças*, ou os *provérbios* de Salomão": e aí não caberia nenhum outro dos vocábulos do grupo. – **Parêmia** pode ser comparada a **provérbio**: é menos usada que este, e exprime "sentença sob uma certa forma de alegoria, ou de parábola concisa", dada em poucas palavras. Segundo Roq., **paremia** é palavra grega (*paroimia*) pouco usada em nossa língua, e que significa *provérbio*, ou *sentença* vulgar; e como tal usou-a Vieira, dizendo: "E daqui nasceu aquela *paremia* ou *provérbio*: que o céu era para Deus, e a terra para os homens." (IV, 324). – **Prolóquio** é sentença menos grave e profunda, e mais vulgar que **provérbio**: propriamente é "a sentença, a frase, a máxima

pela qual começa alguém um discurso ou um escrito, e que anuncia o assunto que se vai desenvolver, ou o ponto de vista que vai ser seguido pelo orador". Um **prolóquio** vale sempre por uma proposição, ou mesmo por um período todo. – **Brocardo** é "máxima que se popularizou, sentença jurídica ou moral criada por alguma grande autoridade". – **Dito**, **ditado** e **anexim** confundem-se: o **dito** quase sempre tem ares de pilhéria; o **ditado** é dos três o que mais se aproxima de **adágio**, e em regra tem quase o valor da **máxima**, pois esta é sempre uma noção resumida por grande autoridade moral, e que em poucas palavras dá um sábio conselho. E é exatamente por isto que se distingue **máxima** de **ditado**: este é anônimo e popular: a **máxima** é menos comum e tem autor quase sempre conhecido e até indicado ao ser ela proferida. Além disso, a **máxima** é sempre moral: o **ditado** pode exprimir apenas um conselho, dar uma noção, um simples conceito vulgar. – **Preceito** pode aproximar-se dos precedentes: é também uma norma ou regra de conduta, ou de dever, de ação ou de execução, pois o **preceito** pode ser de moral, de ciência, de arte, de religião, e nisto distingue-se dos outros. – **Princípio** é mais do que **preceito**. Este é o que se prescreve, se impõe, se dá como regra: **princípio** é "o que está consagrado pela razão vigente, o que já foi tão suficientemente demonstrado que dispensa mais demonstração". Por isso, aproxima-se de **axioma**, que é também "enunciado aceito por todos como sendo de si mesmo evidente". – **Aforismo** tem menos de científico e de preciso do que **axioma**: designa também, no entanto, "regra de conduta, preceito ou noção expressa em breves termos". – **Pensamento** e **conceito** são palavras de significação mais vaga, e designam apenas um juízo enunciado com intenção de exprimir uma verdade, quer tratando-se de ciência, quer de arte. **Conceito** é a síntese de uma noção a que se chegou pelo estudo ou pela reflexão; **pensamento** é menos preciso – é "uma proposição de forma simples, precisa, mas eloquente, dando um conselho, uma verdade, ou qualquer coisa que interesse ou que seja útil". – **Apotegma** é "juízo ou sentença, profunda atribuída a uma alta autoridade"; ou, como diz Aul. "dito notável ou palavra memorável de algum personagem ilustre".

133

ADARGA, **escudo**, **broquel**, **rodela**, **pavês**, **égide**. – Segundo Roq., todas estas palavras designam "armas defensivas, muito usadas antes da invenção da pólvora, e que serviam para cobrir o corpo, ou parte dele contra os botes de lança, golpes de espada, os dardos, e armas de arremesso, mas que se diferençavam na matéria ou na forma, ou no uso que das mesmas se fazia. – **Escudo** vem do latim *scutus* (do grego *skútos* "couro", porque os primeiros foram de couro) e significa a arma defensiva oblonga ou oval, a mais conhecida de todas e a mais forte, porque se fizeram logo de ferro e aço; enfiava-se no braço esquerdo pelas braçadeiras; nele pintavam os guerreiros suas letras e divisas, e daqui veio chamar-se também *escudo* às armas de uma família ou de uma nação, como se vê daqueles versos de Camões:

> Vede-o no vosso *escudo*, que presente
> Vos amostra a vitória já passada;
> Na qual vos deu por armas, e deixou
> As que Ele para si na cruz tomou.
>
> (*Lus*. I, 7).

Broquel, palavra comum à língua castelhana, que provavelmente vem do *bouclier* francês e do *buccula* latino, significa *escudo* pequeno de madeira forrado de couro forte, com seu brocal; no meio tem um embigo de metal ou diamante, que cobre a embraçadeira que está por dentro. Também os havia de metal. Pa-

rece corresponder ao *clypeus* dos latinos, que era *escudo* menor dos peões. – **Adarga** é palavra comum à língua castelhana, e que vem do árabe *addarca* ou *addara*, escudo de couro, e significa *escudo* oblongo de couro com duas embraçadeiras em que se enfiava o braço, e uma abertura onde se metia o dedo polegar para o segurar. Era arma antigamente usada em Espanha, em Portugal, entre mouros e africanos. Em dois lugares faz Camões menção desta arma defensiva; falando dos habitantes de Moçambique, diz ele:

> Por armas tem *adargas* e terçados
> . . . .
> Com a *adarga*, e com a hastea perigosa.
> (*Lus*. I, 47, 87).

– Rodela, palavra igualmente comum à língua castelhana, e que vem do italiano *rotella*, designa uma espécie de escudo pequeno e delgado. – **Pavês** (do italiano *pavese*) era escudo grande e oblongo, que cobria todo o corpo do soldado. – **Égide** é palavra latina, *ægis* (do grego *aigis*, escudo ou couraça de pele de cabra, de *aix* "cabra"), e significa propriamente o escudo de Minerva ou Palas, feito da pele da cabra Amalteia, e em cujo centro estava a cabeça de Gorgona ou Medusa, cheia de serpentes. No sentido figurado quer dizer "defesa, proteção".

134

ADIÇÃO, **soma**, **total**. – **Adição** – diz Bruns. – "é a operação pela qual, ajuntando um ou vários números a outro, obtemos um número equivalente a todos. – **Soma** é o número que se obtém ao praticar a *adição*. O uso, ainda que impropriamente, tornou **soma** e **adição** sinônimos perfeitos. – **Total** é o número equivalente a várias *somas* parciais. O uso também confunde *soma* com *total*. Fazendo a *adição* das verbas despendidas num dia da semana, obtemos a *soma* do gasto desse dia. Adicionando (ou reunindo) as *somas* do gasto de cada um dos sete dias da semana, obtemos o total do gasto dessa semana".

135

ADIANTAR, **antecipar**. – Quanto a estes verbos escreve Bruns.: "Consideram-se estas palavras como sinônimos perfeitos: a quem se prontificou a fazer-nos um trabalho por certo preço, *adiantamos* ou *antecipamos* alguma quantia à conta dele". Há, porém, uma diferença subtil entre as duas expressões: *adiantar* refere-se ao ato, *antecipar* ao tempo. "Nos colégios, as mensalidades pagam-se *adiantadas*; o pai de um aluno pode, no entanto, *antecipar* a mensalidade", isto é, "fazê-la efetiva antes da época ou do dia em que deve *adiantá-la*".

136

ADIANTAR-SE, **progredir**, **prosperar**, **avantajar-se**, **florescer**, **medrar**, **vingar**. – Todos estes verbos dão ideia de "ir para diante no desenvolvimento próprio e natural". – **Adiantar-se** e **progredir** podem confundir-se, mas nem por isso devem considerar-se como sinônimos perfeitos. Quem *se adianta* marcha resoluto para a frente, vai seguro, em atividade vitoriosa: quem *progride* anda também para diante; mas entre estas duas frases: – "meus negócios não *se adiantam*", "meus negócios não *progridem*" – há sempre uma diferença facilmente perceptível. A primeira diz evidentemente que meus negócios não se encaminham à solução que eu desejo; a segunda exprime que os meus negócios não se desenvolvem, não aumentam na proporção dos meus esforços. – **Progredir** é, portanto, desenvolver-se com presteza. Distinguem-se ainda estes dois verbos nestes exemplos: "o mal, a doença *progride*" (e não – *adianta-se*); "os dias daquele enfermo *se adiantam*" (e não – *progridem*). – **Avantajar-se** significa "levar vantagem a alguém,

fazer mais ou melhor do que outrem". É, pois, um verbo de predicação sempre relativa; porquanto, mesmo nos casos em que a cláusula correlata não está expressa, ou o complemento terminativo não está claro, é de supor que fica subentendido. Quando eu digo: "Aquele rapaz *tem-se avantajado* muito nos seus estudos" – quero exprimir que o rapaz de quem se trata tem feito muito mais do que outros, ou do que o comum dos estudantes. "Aquele tipo não te *avantaja* em coisa alguma". "Eles se nos *avantajam* pelo ar desenvolto, e por aquela estultícia vitoriosa de que se ufanam...". "Tu te *avantajarás* a Pedro se fores esperto...". – **Prosperar** é "ir adiante, crescer na fortuna". O que *prospera* não só se desenvolve e aumenta, como vai feliz na vida. "F. ganha muito, esforça-se muito, trabalha em excesso, mas os seus negócios não *prosperam*". "As rendas se lhe aumentam sempre, mas nem por isso se pode dizer que ele *prospere*...". "Apesar de todos os contraventos, o que é certo é que a empresa não deixa de *prosperar*". – **Florescer** é "ir prosperamente em tudo, prosperar com esplendor, desenvolver-se brilhantemente". *Florescem* letras e artes, como *florescem* povos, gerações, grandes vidas, como ainda *florescem* países, cidades, estabelecimentos. – "A ideia fundamental do verbo **medrar** – diz Bruns. – é "o aumento, quer em volume, quer em quantidade, força ou poder". *Medram* o menino que cresce, as searas que abundam, os interesses que aumentam, a população que se multiplica". – **Vingar** aqui (*vincere*) é próximo de **medrar**: significa "tomar vitalidade, crescer não obstante algum entrave, conseguir o seu fim; ter bom êxito, prosperar, ser feliz". *Vinga* a flor, como *vingam* os nossos planos, as nossas esperanças, etc.

137

ADEPTO, **sectário** (**sectarista**), **iniciado**, **partidário**, **partidista**, **assecla**, **sequaz**, **aderente**; **faccionário**, **faccioso**, **parcial**; **seita**, **facção**, **partido**, **parcialidade**. – **Adepto** é "o que foi catequizado, que se deixou influenciar, que se convenceu e aderiu ou se ligou a uma seita, a um partido, ou que se fez defensor de uma ideia". "A causa da independência alcançou logo um grande número de *adeptos*". "A tua reforma, filho – disse o deputado ao colega sonhador – não encontrará *adeptos*". – **Iniciado** (ao contrário do que pensam alguns) parece que diz menos que **adepto**; pois o *iniciado* considera-se apenas "admitido a iniciação", isto é, habilitado a receber os princípios, as noções, a entrar nos mistérios de um culto, de uma ciência, de uma doutrina: diz mais neófito propriamente do que adepto. "F. está *iniciado* no ocultismo" – equivale a – "F. começou a estudar e a conhecer o ocultismo". Tem razão Bruns. quando observa que adepto designa um modo de ser; e iniciado designa mais um estado do que uma condição: conquanto isto não signifique de forma absoluta a impropriedade de iniciado como puro substantivo, pois dizemos: "Os *iniciados* da religião bramânica"; "O novo credo, ou o novo partido já conta bom número de *iniciados*". – **Sectário** diz propriamente "membro de uma seita, de uma escola filosófica, ou mesmo de um partido"; e sugere ideia de obstinação e fanatismo. Além disso envolve também ideia de heterodoxia ou dissidência, deixando supor que o **sectário** é sempre alguém que se afastou da sua antiga religião ou do seu partido. Dizemos: "*sectário* do calvinismo", "*sectário* de Lutero"; nunca: "*sectário* do Cristianismo", nem "*sectário* de Jesus ou de S. Paulo". – **Partidário** é "membro de um partido, adepto esforçado de uma causa, ou de uma ideia". **Partidista** é quase o mesmo; distinguindo-se este do primeiro em exprimir melhor o empenho, a paixão com que se toma o partido, a causa ou a ideia. O **partidário** pode pertencer apenas a

um partido, professar as ideias ou opiniões desse partido; mas o **partidista** exalta-se na defesa do seu partido, esforça-se pela vitória, apaixona-se pela sua causa. – Diferença análoga pode notar-se entre **faccionário** e **faccioso**[13]: o primeiro diz apenas "membro de facção", "pertencente a facção"; **faccioso** vale por "viciado de espírito de facção, afeito a maquinações", sedicioso, perturbador, desordeiro. A **facção** distingue-se do **partido** em significar "grupo ou ajuntamento hostil e secreto contra outro grupo, ou contra instituições, partidos, ou mesmo contra um homem"; enquanto que **partido** designa apenas "reunião ou conjunto de indivíduos que defendem as mesmas opiniões, ou sustentam a mesma causa". A **facção** só se faz **partido** quando assume o caráter e a força de coletividade legítima, trabalhando francamente por uma causa. – **Parcial**, aqui, é "o indivíduo que se liga a outro indivíduo"; e **parcialidade** é o "bando, o grupo dirigido por um chefe". Um só **partido** pode dividir-se em várias **parcialidades**. A liga ou aliança de algumas **parcialidades** pode formar um grande **partido**. – **Aderente** se diz daquele que aderiu, isto é, que deu a sua sanção, o seu apoio a um partido, a uma ideia, a uma causa que até aí havia hostilizado ou combatido. Além disso, **aderente** sugere menos ideia de convicção ou de identidade de opiniões entre a pessoa que adere e a causa ou partido a que se faz adesão, do que ideia de incorporação, de aliança, de liga. – **Assecla** (como se vê da própria formação: *ad* + *sequi*) é "o que segue alguém, algum partido ou seita; o que vai como se fosse na comitiva ou no séquito de alguém". Sugere, portanto, ideia de subserviência, da cegueira com que o *assecla* acompanha alguém ou alguma coisa. – **Sequaz**, até pela etimologia (*sequi*), confunde-se com **assecla**: apenas **sequaz** envolve, melhor do que **assecla**, ideia de parcialidade ou partidismo pessoal; e por pouco se não diz sinônimo do nosso brasileirismo *capanga*.

13 Também entre sectário e sectarista; designando este o sectário apaixonado de forte espírito de seita. E como já vimos, **seita** diz dissidência, separação, desligamento da doutrina que se professava, da causa que se servia.

138

ADEREÇAR, **enfeitar**, **adornar**, **ornar**, **ornamentar**, **ataviar**, **embelezar**, **embelecer**, **aformosear**, **engalanar**, **alindar**, **decorar**, **aprimorar**; **adorno**, **enfeite**, **ornato**, **atavio**, **adereço**, **ornamento**, **decoração**, **gala**, **primor**. – A ideia de tornar belo, mais vistoso, ou mais correto no gosto, no aspeto, na expressão – é comum a todos os verbos deste grupo. Raros, no entanto, entre eles poderiam confundir-se ou ser empregados indistintamente. Uma senhora se *adereça*, ou se *enfeita*, ou se *atavia*; mas decerto ninguém dirá que uma senhora se *adereça* de fitas, ou que se *enfeita* de joias, ou que se *atavia* de brilhantes. (Aliás, o verbo **enfeitar** é o mais genérico e vulgar, e emprega-se frequentemente em casos como o exemplo acima, conquanto não pareça muito próprio.) – **Adereçar** diz, portanto, "adornar de adereços", isto é, de joias, de adornos de oiro ou pedraria. – **Enfeitar** e **ataviar** aproximam-se, pela ideia, que sugerem, de "adornar de coisas ligeiras, vãs, insignificantes: e o segundo mais ainda que o primeiro, pois **atavio** é adorno mais falso que **enfeite**. Além disso, a pessoa que se *adereça* quer brilhar; a que se *enfeita* quer parecer mais bela do que é, ou deseja disfarçar algum defeito; a que se *atavia* exagera ou dispõe sem gosto os seus adornos ou enfeites, e mostra-se por isso mais fútil ainda que a pessoa que se *enfeita*. Ninguém diria que, por exemplo, a gralha da fábula se *adorna*, e sim que se *enfeita* ou se *atavia* com as penas do pavão. – **Adornar** e

ornar diferençam-se tão bem como **adorno** e **ornato**. **Ornato** aplica-se mais a coisas, e designa "o que, num edifício, num artefato, mesmo numa produção literária, é trabalho de acabamento, de lavor artístico"; e **adorno** tanto se aplica a pessoas como a coisas, e diz "tudo que aumenta a beleza". Aproxima-se por isso de **ornato**, e mais talvez de **decoração**. Esta, porém, deixa supor que os **adornos** de que se *decora* têm um fim especial, e excedem naturalmente ao simples **ornato**, próprio do edifício ou da coisa de que se trata. Também **ornato** deve confrontar-se com **ornamento**: este é uma decoração mais brilhante, de mais imponência, mais sumptuosa e augusta. A mesma diferença há, portanto, entre **ornar** e **ornamentar**. A ornamentação de um templo, de um palácio, de uma câmara só se faz excepcionalmente, e para algum ato ou função extraordinária e de grande solenidade. – De **ornamentar** aproxima-se **engalanar**; mas este sugere ideia de brilho, aparato de festa, alegria ruidosa – tudo que se encerra em **gala**. – **Embelezar** e **embelecer**, se se aceita a definição dos lexicógrafos, são sinônimos perfeitos; e no entanto, bastará um exemplo para deixar bem clara a distinção que se sente entre estes dois verbos: "A cidade se *embelece* de dia em dia..." (não seria próprio, ou pelo menos de rigorosa propriedade dizer que a cidade se *embeleza*). Ainda outro: "Para a festa vamos *embelezar* toda a praça..." (não se diria que vamos *embelecer*, pois esta forma significa não – "fazer belo simplesmente" (**embelezar**), mas – "tornar belo cada vez mais" (**embelecer**). – **Aformosear** e **alindar** apresentam a mesma diferença que se reconhece entre *formoso* e *lindo*. *Lindo* exprime "belo gentil, gracioso, ingênuo, loução, taful". Dizemos: "*lindo* ramilhete, *linda* criança" (e não – "*formoso* ramilhete", nem "*formosa* criança": mesmo porque – "*formosa* criança" já seria outra coisa). **Aformosear** e **alindar** estão em caso correspondente. Dizemos que se *aformoseia* o estilo, a alma, o caráter, etc.; e que só se *alindam* coisas muito mimosas, infantis. – **Aprimorar** é dar ao que é já belo, correto, elegante – um alto grau, uma expressão *primorosa*, uma excelência suprema. *Aprimora-se* a educação, como se *aprimora* uma obra de arte, ou uma virtude, etc. Sendo, portanto, **primor** "o alto grau de perfeição a que se eleva aquilo que se *aprimora*."

139

ADESTRAR, exercitar, instruir, ensinar, desembaraçar. – Tanto se *adestra* um animal como um homem, ou mesmo os nossos braços, as nossas mãos. Pode-se também *adestrar* num certo sentido: na corrida, por exemplo, ou na marcha, ou no salto, na pugna, no tiro ao alvo; ou mesmo em alguma aptidão especial – no desenho, na escrita, na datilografia, nas quatro operações aritméticas, nalgum ofício ou função, etc. Mas note-se que não dizemos: *adestrar* na música, ou na poesia, ou na matemática: salvo se nos referimos apenas à técnica de algum instrumento, de algum processo, ou de alguma operação. E isso porque **adestrar** diz propriamente "fazer-se muito hábil, tornar-se perito, rápido, ágil" – portanto, numa função que não seja puramente espiritual. Pode-se, aliás, *adestrar* a memória, mesmo o espírito; mas é claro que referindo-nos a um exercício que seja mais mecânico do que de raciocínio. Ninguém seria capaz de dizer: "vou *adestrar-me* na filosofia, ou na ciência do direito, ou na economia política", etc.; e no entanto, seriam perfeitamente lídimas estas outras formas: *adestrar-se* nas lides parlamentares, na dialética, nas manobras militares, ou políticas – em tudo, afinal, em que é possível, pelo exercício, à custa de esforço, fazer-nos mais *destro*. – **Exercitar** é mais genérico, e designa toda e qualquer ação de "aumentar as aptidões, a capacidade, a

força, o vigor, etc., por meio do exercício", isto é, repetindo muitas vezes, ou por muito tempo, a função ou o processo que a isso se destine. *Exercitamo-nos* numa profissão, num trabalho, num cargo, numa virtude, etc. – **Instruir** é "preparar alguém nalguma arte ou ciência; comunicar-lhe, infundir-lhe doutrinas, noções ou princípios, formando-lhe, como *construindo-lhe* o espírito". *Instrui-se* um batalhão; *instrui-se a* mocidade; mas não se *instrui* um macaco ou um papagaio, pois quem *instrui* opera sobre o espírito do que *é instruído*. – A um papagaio *ensina-se*; e *ensina-se* um papagaio a falar, como se *ensina* alguma coisa a um cavalo, ou a um cão. Pode-se usar também este verbo **ensinar** como só transitivo, subentendendo o complemento indireto da predicação; e neste caso, equivale a **instruir**, conquanto não tenha a força deste. Quando digo: "*ensinemos* a mocidade", exprimo nada menos do que exprimiria se dissesse: "*instruamos* a mocidade". Observa-se, no entanto, que **ensinar**, mesmo neste caso, envolve mais ideia do processo, do trabalho, da função de transmitir o que deve ser aprendido, do que propriamente ideia da ação de quem *instrui*. – **Desembaraçar** pode aproximar-se do primeiro verbo deste grupo: diz precisamente "fazer expedito, diligente, lépido, esperto, hábil nalgum ofício, mister, profissão".

140

ADIAR, **transferir**, **diferir**, **dilatar**, **demorar**, **retardar**, **protelar**, **remanchar**, **aprazar**, **procrastinar**, **espaçar**, **estirar**, **prorrogar**, **contemporizar**, **ampliar**, **alongar**, **delongar**, **prolongar**. – Todos estes verbos sugerem ideia de espaçamento, dilação. – **Adiar** é "deixar para outro dia". (Aul.) *Adiam-se* negócios, resoluções, trabalhos, reformas. – **Transferir** diz a mesma coisa, segundo os lexicógrafos. Notemos, no entanto, que **adiar** é "*transferir* por dias". Evidentemente não seria próprio dizer que se *adiou* uma comemoração, ou uma grande festa para o *ano próximo*... – **Diferir** é "deixar para depois, para mais tarde", sem marcar prazo fixo. *Difere-se* uma resolução, um negócio, um despacho. – **Dilatar** é "ampliar um prazo que se fixara, torná-lo mais largo, mais espaçoso". *Dilata-se* o tempo que se tinha para fazer alguma coisa; isto é – afasta-se o termo desse prazo. – **Demorar** confronta-se com **retardar**: ambos dizem – "fazer que se espere, não dar no tempo oportuno". Mas **retardar** quer dizer propriamente – "deixar para mais tarde"; e **demorar** exprime – "não mover, fazer parar, entravar ou reter por um certo tempo". *Retarda-se* uma solução; *demora-se* um processo. – **Protelar** = "demorar, retardar de propósito", com algum fim, malévolo quase sempre; para enganar, por exemplo, ou para impedir que da coisa que se *protela* alguém se aproveite se não for *protelada*. – **Remanchar** = "demorar com certa manha", ordinariamente por desídia, mas podendo ser também por mero capricho. – **Aprazar** é "assinar um tempo certo (*prazo*) para alguma coisa". *Apraza-se* uma negociação, uma entrevista. – **Procrastinar** é "remeter continuamente para o dia seguinte o que se deve fazer". "O tribunal anda *procrastinando* a sentença"; "o governo *procrastina* a solução de um negócio de tal monta"... – **Contemporizar** é "entreter, demorar para ir ganhando tempo". "Nós insistimos por que se faça a coisa com urgência": e ele a *contemporizar* muito impassível"... – **Prorrogar** é "dilatar um prazo que se venceu". *Prorroga-se* uma licença; a época de pagamento de um imposto, do vencimento de uma letra. *Prorroga-se* uma sessão do Congresso. – **Ampliar** confunde-se com **dilatar**: aquele sugere, no entanto, uma ideia de extensividade que se não encontra em **dilatar**. Nestes exemplos: "A língua se *amplia* adaptando de outras os termos novos de

que precisa"; "convém **ampliar** a todas as classes do curso primário aquela medida"; "vou **ampliar** a minha oficina com mais uma secção de roupas"... – aí não caberia decerto o verbo **dilatar**; pelo menos não teria a mesma propriedade, e nem o mesmo valor. Do mesmo modo, neste outro exemplo: "... as memórias gloriosas daqueles reis que foram *dilatando* a Fé, o Império... (Camões, I, 2) – não caberia o verbo *ampliando*. Também não se diria: "vou *ampliar* no mundo a vossa fama"; e sim – "vou *dilatar*; pois este verbo é que significa "estender, sem dar ideia de limite, tornar mais vasto, mais aberto, sem sugerir noção de proporções, ou de compreensão, e sem marcar a ideia de fazer aumentar em todas as dimensões; como se reconhece em **ampliar**. Uma serpente contrai-se e *dilata-se*: e tanto se *dilata* engrossando, como se *dilata* distendendo-se; mas ninguém dirá que uma serpente se *amplia* quando se distende. – **Estirar** e **espaçar** significam, aqui, fazer mais longo, tornar maior um interstício, um prazo. **Espaçar** enuncia, ainda, a ideia de fazer maior a distância entre diversas coisas, ou entre atos que se repetem. – **Alongar**, **prolongar** e **delongar** apresentam entre si as diferenças marcadas pelos respetivos prefixos. **Alongar** é "fazer mais extenso ou comprido"; e naturalmente só se diz de coisas que sejam longas, isto é, que só tenham uma dimensão característica. Ninguém diria, portanto, que se *alonga* uma esfera, ou um quadrado perfeito, salvo se se lhes quer mesmo mudar a forma. Também não se compreende como se *alongaria* uma cabeça humana, uma moeda, etc. **Prolongar** é "estender para diante uma coisa longa". *Prolonga-se* e também se *alonga* uma linha, uma rua; mas *alonga-se* dando-lhe mais extensão; *prolonga-se* estendendo-a a começar de um dos extremos, ou numa certa direção e até um dado limite. Uma rua que se *prolongou* até uma praça por isso mesmo *alongou-se*; e podia ainda *alongar-se* essa rua *prolongando-a*, de uma parte até à praça, e de outro lado até uma outra rua. **Delongar** confronta-se com **retardar**, **contemporizar**, **procrastinar**, **diferir**, **demorar**: significa propriamente – "deixar para depois, para outra ocasião". Mas: *demora-se* uma solução quando não se cuida de dá-la; *difere-se* quando, por desídia, ou por alguma conveniência ou cálculo, se deixa para depois; **procrastina-se** prometendo sempre dá-la "amanhã" e não dando nunca; *contemporiza-se* quanto à semelhante solução falando em dá-la sem fazê-lo, e assim enchendo tempo; *retarda-se* a dita solução deixando-a para mais tarde; e *delonga-se* adiando-a indefinidamente, e dificultando-a sempre.

141

A DESPEITO, **apesar**, **malgrado**, **não obstante**, **sem embargo**, **ainda que**, **conquanto**, **embora**, **posto que**, **bem que**, **por mais que**. – Segundo Roq., "todas estas locuções adverbiais exprimem uma oposição, ou resistência, mais ou menos forte, vinda das pessoas ou das coisas, a qual não é eficaz para impedir a ação; mas em cada uma delas há uma relação particular em que consiste sua diferença". – Significando a palavra *grado* "vontade, consentimento", é claro que **malgrado**, isto é, **de mau grado**, quer dizer "de má vontade, com desgosto ou desagrado; indica, portanto, esta locução oposição ou resistência de pessoa estranha, ou de nossa mesma vontade, que vencemos, e contra a qual obramos". **Malgrado seu** é o mesmo que "a mal de seu grado", e significa "contra sua vontade". "Submeto-me *de malgrado*" quer dizer "contra minha vontade, com desgosto meu". – **Apesar** indica mais forte oposição, em que não só há desgosto senão também sentimento, mágoa com isso que se faz. "*Apesar* vosso levarei a minha adiante", isto é – "ainda que vos pese, ou que tenhais

pesar" farei o que intento. "*Apesar* meu, beijo a mão que desejara ver cortada"; isto é – "com *pesar*, com mágoa beijo a mão..." – Vindo **despeito** de *despectus* "desprezo", é claro que a locução **a despeito**, ou **em despeito**, tem mais energia e aumenta de força por ajuntar à ideia de oposição ou resistência o *desprezo* com que se vence. *A despeito* das leis, do próprio dever, *em despeito* do juramento, etc. – isto é – *em desprezo* das leis, etc. Bem se autoriza esta inteligência da palavra *despeito* com o seguinte mui elegante lugar de Vieira: "Tem-se acreditado a morte com o vulgo de muito igual, pelo *despeito* com que pisa igualmente os palácios dos reis e as cabanas dos pastores". Confirma-se mais nossa asserção por outro lugar do mesmo Vieira, onde, falando dos cinquenta sábios que se renderam à doutrina de S. Catarina, diz: "A constância firme até à morte com que defenderam a mesma verdade *apesar*, e *a despeito* do imperador". – **Não obstante** exclui simplesmente uma oposição, resistência, ou dificuldade absoluta. "Faz calor *não obstante* ter chovido". "Saio de casa, *não obstante* andar doente". – **Sem embargo** indica uma resistência menor de coisas ou circunstâncias, e mais fácil de vencer: exclui o embaraço ou impedimento que pode delas resultar. "*Sem embargo* das queixas dos povos o mau príncipe prossegue em suas opressões". "O homem virtuoso observa pontualmente os preceitos de sua religião, *sem embargo* dos insensatos motejos dos ímpios". – **Ainda que** tem mais extensão que as duas antecedentes, porque se emprega também nos casos em que se trata de uma oposição puramente condicional ou possível, nos quais não têm seu uso próprio as locuções **não obstante**, ou **sem embargo**. "Amanhã hei de ir ao campo *ainda que* chova". "Não deixarei de protestar *ainda que* me matem". – **Conquanto** enuncia oposição ainda menor do que **sem embargo**; e exprime "por mais que assim pareça ou que seja de fato...". "*Conquanto* este seja mais inteligente, aquele aprende mais porque é mais aplicado." – **Por mais que** exclui toda dúvida e indica resolução firme, que não cede a oposições. É mais forte que **ainda que**. "*Por mais que* me hostilizem, hei de vencer". – **Embora** indica pouca atenção ao embaraço ou à contrariedade. "Digam *embora* que eu fugi". – **Posto que** = "dado mesmo, ou admitido que seja assim"... – **Bem que** = "ainda assim, mesmo que"...

142

ADIVINHAR, agoirar, profetizar, vaticinar, prognosticar, pressagiar, predizer; agoiro, adivinhação, profecia, vaticínio, prognóstico, presságio, predição. – "O último destes vocábulos – escreve Roq. – é o gênero a que os outros pertencem como espécies". – **Predizer** é o verbo latino *predico*, e significa literalmente "dizer uma coisa antes que aconteça, sem declarar por que modo se veio a sabê-la nem dar a conhecer o grau de autoridade que merece quem a prediz". Isto pertence aos outros, seus sinônimos. – **Agoirar** é o verbo latino *auguro* ou *auguror*, que significava antigamente "predizer o futuro pelo canto, o gesto, o pasto das aves" (*propriè est ex avium cantu, gestu, vel pastu futura divino*), e por extensão, "conjeturar de qualquer modo"; e neste sentido se usa hoje quando, por certos incidentes insignificantes, a que chamamos *agoiros*, queremos predizer o futuro. – **Adivinhar**, em latim *divino*, era entre os pagãos "predizer o futuro por uma espécie de inspiração que eles supunham divina"; de onde veio *divinatio*; hoje é "conjeturar por certos sinais ou pressentimentos sobre o futuro, e às vezes acertar com o que há de acontecer". – **Profetizar** é verbo grego, *prophetizo* (de *pró* "antes", e *phemi* "digo") e vale o mesmo que *dizer antes* ou *predizer*; com a diferença que é termo bíblico e teológico, e tem a significação restrita de

anunciar as coisas futuras em virtude do espírito de profecia. – **Vaticinar**, em latim *vaticinor*, era predizer, ou profetizar cantando, de *vates*, a que Scaligero dá por origem o grego *pháte*s "falador", "mentiroso" (*fatuos primum vates vocatos esse apud omnes satis constat*, **à phates**). – **Prognosticar** é o verbo grego *progignosko* (de *pró* "antes", e *gignosko* "sei, conheço") e significa, em linguagem técnica, "predizer, por meio de discurso certo ou conjetural, da natureza dos objetos sobre que se faz o prognóstico". – **Pressagiar** é verbo latino, *præsagio* (de *prae* "antes", e *sagio* "penetro, sinto") e significa "pressentir, ter pressentimento, por uma espécie de tino interior de que se não sabe dar razão, pelo qual se prediz alguma coisa futura, no mesmo sentido em que o usaram Cícero e Terêncio: *Is igitur qui ante sagit quam ablata res est dicitur præsagire, id est futura ante sentire* (Cic., *De Divin*, I, 31) *Nescio quid profecto mihi animus præsagit mali* (Ter., *Heaut*, II, 1, 7). – Tudo o que se prediz antes de acontecer é **predição**. Quando as predições se fundavam no canto, no voo, etc. das aves, chamavam-se **agoiros** (*angurium*, id est *avigerium*, vel *avigarrium, avium garritus*). Extensivamente aplica-se depois a qualquer sucesso ou sinal indiferente de que a superstição se valia para ler no futuro. De tais sucessos não se deve tomar nem bom nem mau *agoiro*, porque nenhuma conexão têm com o que há de acontecer. – Sendo certo que a **adivinhação**, como a entendiam os antigos, é ilusória, serve particularmente hoje esta palavra para indicar um enigma que se propõe a alguém para o decifrar. – O dom sobrenatural de conhecer as coisas futuras chama-se **profecia**, e assim mesmo o anúncio que destas coisas faz o **profeta**. – As predições que faziam os **vates** chamavam-se **vaticínios**, porque eram acompanhadas de certo canto poético, e daquele estro ou furor que estimula o poeta quando estende as vistas sobre o futuro; e assim se podem chamar ainda hoje aquelas conjeturas que os políticos formam sobre a sorte futura das nações. – Os astrólogos faziam inumeráveis **prognósticos** acerca de acontecimentos futuros, fundados na suposta influência dos astros; os astrônomos, guiados por mais seguras regras, prognosticam os eclipses, etc.; os *prognósticos* dos políticos e estadistas, fundados nas analogias e probabilidades que lhes ministra a história, raramente falham. O médico, tendo bem examinado o doente, e feito o diagnóstico, forma mui facilmente o seu *prognóstico* acerca da crise e do termo da doença. – Todas estas predições provêm do homem: não assim o **presságio**, o qual se não pode chamar uma predição, e somente é um sinal que indica ou anuncia coisa futura, ou que os homens têm como tal. Deste gênero são os sinais de que fala Virgílio no livro I das *Geórgicas*, e que, segundo o poeta, *pressagiaram* a morte de Cesar; os eclipses, que ainda o p. Vieira tinha a simplicidade ou mania de apontar como causas de grandes desgraças e calamidades; e enfim, o que sucedeu em Évora no tempo de El-Rei d. João I e que o nosso Camões cita como um *presságio* daquele feliz reinado dizendo:

> Ser isto ordenação dos ceus divina
> Por sinais muito claros se mostrou
> Quando em Evora a voz de uma menina
> Ante tempo falando o nomeou.
>
> (*Lus.*, IV, 3).

– O agoiro é uma conjetura fútil, precipitada, e supersticiosa; o **presságio** é uma conjetura legítima e razoável, e às vezes nascida de um pressentimento instintivo que não engana, como disse Camões:

> Que o coração *presago* nunca mente.

143

ADIVINHO, bruxo, **feiticeiro**, **mandingueiro**, **mágico**, **astrólogo**, **quiromante**, **necromante**, **haríolo**, **profeta**, **vate**. – "O **adivinho** (do latim '*divinus, divino*') é "– diz Bourguig. –" propriamente falando, aquele

que se julga dotado de um poder divino para descobrir e conhecer o que está oculto aos outros homens, quer se lhe atribua a sapiência a um dom da Divindade, quer se lha atribua ao estudo das ciências ocultas, ou mesmo à sua sagacidade natural". A faculdade de conhecer que possui o **adivinho** estende-se sobre todas as coisas, e compreende o passado, o presente e o futuro. Entre os pagãos, consideravam-se os **adivinhos** como homens inspirados do Céu; entre os judeus e os cristãos, eram tidos, ao contrário, como simples **feiticeiros** ou **mágicos**, e reservava-se para os **profetas** exclusivamente a inspiração divina. – O **profeta** (do grego *pró* "antes", e *phemi* "digo") era, pois, um homem que se julgava inspirado de Deus, e a quem se atribuía o dom de predizer o futuro. Esta segunda acepção conserva-se no sentido figurado para designar aquele que anuncia, com mais ou menos certeza ou probabilidade, os acontecimentos que prevê: aquele que nos ameaçou de tais desgraças foi verdadeiro *profeta*. – O **mágico**, o **feiticeiro** e o **necromante** possuem, não somente o dom de conhecer coisas ocultas, mas ainda o poder sobrenatural de praticar ações maravilhosas, superiores ao poder humano; semelhante dom, no entanto, não emana da divindade. O do **mágico** (de *magia*, ciência dos *magos*) provém de conhecimento das ciências ocultas, conhecimento que lhe submete todas as forças da natureza, e que lhe permite executar livremente toda sorte de prodígios, dispor dos espíritos e dos gênios, operar metamorfoses, transportar-se para onde quiser, etc. Toma-se não raramente à má parte esta palavra; e no sentido figurado emprega-se sempre para designar um personagem que faz coisas agradáveis e maravilhosas. – O **feiticeiro** (de *feitiço* "encantamento") em francês *sorcier* (de *sort* "destino") é aquele que tira *sortes*: recebe seu poder do demônio, do inferno e emprega-o sobretudo em fazer mal, em causar dano aos homens ou aos animais, e muitas vezes também em descobrir e revelar o futuro. É este último sentido que o vocábulo conserva geralmente no figurado: designa então um homem muito hábil, muito destro, e mais ainda que tudo isso, muito sagaz, penetrando subtilmente nos pensamentos dos outros, ou prevendo facilmente as consequências dos acontecimentos. – **Mandingueiro** = "que faz ou usa *mandingas*". Este parece termo introduzido pelos africanos. **Mandinga** é a feitiçaria grosseira dos negros, praticada ainda hoje em alguns lugares do Brasil. – O **necromante** (do grego *nekrós* "morto" e *manteia* "adivinhação") é "um mágico que evoca os mortos, ou cuja arte se reduz a evocar os mortos, para saber deles o futuro ou as coisas ocultas aos vivos e que os espíritos podem revelar". – Segundo Bruns., **bruxo** é palavra de etimologia muito duvidosa, parecendo ser de importação italiana; pois a Itália foi na Idade Média fecunda em homens dados a toda espécie de ciências ocultas, na maior parte das quais era indispensável o lume para *brucciare* ("queimar") as plantas e ingredientes auxiliares das adivinhações em que o agente principal era o próprio diabo (*il brucciato*, como ainda hoje se lhe chama nas aldeias da Itália meridional). O **bruxo**, ou a **bruxa** é, com efeito, a pessoa que tem pacto com o diabo para fazer malefícios, ou para os debelar... – **Astrólogo** era o sábio versado no segredo dos astros e conhecedor da sua suposta influência nos acontecimentos humanos. – O **quiromante** (do grego *kheir* "mão", e *manteia* "adivinhação") é propriamente o que prediz o futuro das pessoas pela inspeção das linhas da mão. As ciganas são *quiromantes*... – **Haríolo** era o charlatão que dizia "a sina mediante uma espórtula". – **Vate** era o que fazia *vaticínios*; isto é, o que profetizava cantando; e hoje reserva-se o vocábulo para designar o grande poeta, cuja visão genial alcança o futuro.

144

ADJACENTE, **contíguo**, **vizinho**, **próximo**, **junto**, **confim**, **confinante**, **fronteiro**, **limítrofe**, **imediato**, **unido**, **pegado**, **chegado**. – **Adjacente** quer dizer – "que está nas imediações, que jaz perto". – **Vizinho** é o que se acha "mais por perto de nós". – **Próximo** diz – "mais chegado, menos distante"; e quer se trate de espaço, quer de tempo. A casa ou a aldeia *próxima*; *a próxima* semana, o *próximo* verão. – **Junto** é o que fica ao lado, mais do que próximo. – **Confim** (ou **confine**) e **confinante** dizem propriamente – "que tem o mesmo fim, a mesma linha divisória". Aproximam-se de **fronteiro**, **limítrofe**, **contíguo**. Mas, **contíguas** são extensões (ou coisas) que se tocam (*con*=*cum*+*tago*, forma arcaica de *tango... ere* "tocar"); e **fronteiras** são extensões (ou coisas) que ficam ou que estão uma defronte à outra: não é necessário que estejam *contíguas* ou *unidas*. **Limítrofe** é o mais próximo de **contíguo**; mas este é mais extenso, e aquele só se aplica em referência a países, ou em geral a territórios. Ninguém diria que, por exemplo, a casa *contígua* à minha é desta *limítrofe*. Países, províncias, distritos, propriedades rurais (todo território de extensão determinada) podem ser *limítrofes*, ou *contíguos*, ou *unidos*, ou *fronteiros*, ou *confinantes*; e se a extensão não é certa, ou se os limites não são fixos e precisos, os termos próprios serão *adjacentes*, *confins*, *vizinhos*: Não se diria: paragens *limítrofes*, nem *confinantes*; pois só podem ser *confinantes* ou *limítrofes* territórios que tenham *fim* certo e preciso (*limite*) e cujos limites se encontrem. Marca-se assim perfeitamente a diferença entre **confim** e **confinante**. Paragens, regiões, zonas *confins* (não – *confinantes*, pois que zonas, regiões, paragens não têm fim preciso ou limite certo). – **Imediato**, **unido**, **pegado**, **chegado** confrontam-se. – **Imediata**, tratando-se de duas coisas, é "a que se segue à primeira, sem que medeie coisa igual entre uma e outra". É claro que a coisa *imediata* pode não estar *unida* à coisa precedente. – **Unido** quer dizer "tão junto (um objeto, ou uma superfície da outra) que não fique espaço nenhum entre a coisa que está junta e aquela a que se junta". É mais ainda que **contíguo**. – **Pegado** é quase o mesmo que **unido**, não dando apenas a mesma ideia de ligação perfeita que se inclui neste último. – **Chegado** diz menos que **pegado**: significa "muito próximo".

145

ADJETIVO, **epíteto**. – Sobre estes dois vocábulos lê-se em fr. S. Luiz: "Na língua grega, **epíteto** diz o mesmo que na latina diz **adjetivo**: quer um, quer outro significa 'vocábulo aposto, ou ajuntado ao substantivo para modificar-lhe a significação'. Neste sentido genérico, pode-se dizer que os dois coincidem exatamente um com o outro. Considerando, porém, o uso mais particular que se dá a cada um deles – **adjetivo** é termo da gramática e da lógica; – **epíteto** é termo da eloquência e da poesia. As primeiras duas artes consideram o **adjetivo** como exprimindo uma qualidade do substantivo, necessária para modificar ou determinar a sua ideia. As outras duas consideram o **epíteto** como exprimindo uma qualidade do substantivo, conveniente para vestir, ornar, e pôr-lhe a ideia vivamente em destaque. O **adjetivo** completa ideia do nome e o sentido da proposição: é necessário. O **epíteto** faz mais viva, mais pitoresca, mais animada a ideia; dá vivacidade e energia ao discurso: é útil e conveniente. O **adjetivo** acaba a imagem do objeto: o **epíteto** dá-lhe colorido. O espírito justo emprega o **adjetivo** mais próprio: a imaginação brilhante emprega o **epíteto** mais expressivo. Se tiramos o **adjetivo**, a proposição muda de termos: se tiramos o **epíteto** a proposição fica sem ornato, sem graça, sem energia. Nesta frase:

'O homem justo é digno da imortalidade' – o *adjetivo* 'justo' determina a ideia principal, e completa o sujeito da proposição. Tirado esse *adjetivo*, o sujeito muda, e a proposição é falsa. Nesta outra: 'A pálida morte pisa com igual despeito os palácios e as cabanas' – o *epíteto* 'pálida' dá uma cor à ideia principal, e quase pinta aos nossos olhos um hórrido objeto. Tirado o *epíteto*, fica o mesmo sentido, mas a imagem descorada e amortecida".

146

ADJUNTO, **adido**. – Estes dois vocábulos designam pessoas (autoridades, funcionários) que têm funções junto de outras autoridades, quer para substituí-las, quer para auxiliá-las. Mas **adjunto** se supõe sempre junto de uma outra pessoa (juiz, professor, etc.); enquanto que **adido** se diz do funcionário, etc., que fica junto de uma repartição, de um tribunal, etc. Dizemos: *adjunto* do promotor público, *adjunto* do lente de geografia; e *adido* de embaixada, de certa missão, etc.

147

ADJURAR, **conjurar**, **esconjurar**, **exorcizar** (ou **exorcismar**). – **Adjurar** é "concitar com império, induzir energicamente, ordenar em nome do próprio Deus, da pátria, de alguma coisa sagrada, que se faça alguma coisa"; e particularmente "ordenar ao demônio que saia do corpo de um possesso, ou que deixe de atormentar alguma alma, como se cria nos velhos tempos" – diz Bourguig. – **Conjurar** é mais que protestar contra a obsessão e que ordenar ao demônio que saia do corpo de um atribulado: é fazê-lo sair, expulsá-lo com grande clamor, em nome de Deus. – **Esconjurar** não é apenas uma outra forma de **conjurar**, como dizem alguns autores: é "conjurar imprecando, é renegar abrenunciando, repelindo, maldizendo". – **Exorcizar** (ou, talvez melhor, **exorcismar**) é "fazer as adjurações, os esconjuros (*exorcismos*) próprios para expelir o demônio de um corpo". – Empregam-se todos estes verbos em sentido figurado, e com significação análoga à que lhes fica assinalada respetivamente.

148

ADMIRAÇÃO, **pasmo**, **espanto**, **assombro**, **susto**, **maravilha**, **arrebatamento**, **transporte**, **arroubo**, **êxtase**, **entusiasmo**, **enlevo**, **surpresa**; **admirado**, **pasmado**, **espantado**, **assombrado**, **assustado**, **maravilhado**, **arrebatado**, **transportado**, **arroubado**, **extasiado** (**extático**), **entusiasmado** (**entusiasta**), **surpreendido** (**surpreso**), **enlevado**. – **Admiração** é "o forte movimento de alma que em nós excita alguma coisa extraordinária, e que nós manifestamos principalmente pelo olhar". Muitas vezes é empregado este vocábulo para exprimir a própria coisa que excita admiração; como se vê deste exemplo de Vieira: "D. Fernando... a fama da Universidade... e *admiração* de seus doutores..." – **Admirado**, aqui (com a função de predicativo), diz propriamente "tomado de admiração". "O sr. ficou *admirado*, ou está *admirado* de ver a justiça tão liberal quando a julgávamos tão somítica?" – **Pasmo** é a "admiração levada a uma intensidade tal que absorve todos os sentidos da pessoa que está *pasmada*". "Aquela cena estranha causa *pasmo* geral". *Pasmado*, na surpresa que o assalta, o menino emudeceu". – **Espanto**, **susto** e **assombro** confundem-se frequentemente, e na maioria dos casos sem muita razão. É certo que nesta frase, por exemplo: "Qual não foi o meu *espanto* (ou o meu *susto*, ou o meu *assombro*) quando o moço, em plena Câmara, proferiu aqueles horrores!..." – só uma distinção muito subtil é que poderia dar uma preferência formal por um dos três vocábulos. Mas vejamos. – **Espanto** diz –

"admiração que é quase pasmo, violenta impressão de surpresa e quase terror". – **Susto** é menos que espanto: é "espanto súbito, abalo mais ou menos forte, causado por alguma coisa inesperada". Dizemos: "pequeno *susto*, grande *susto*"; mas não seria muito próprio dizer (na acepção que lhes damos aqui): "pequeno *assombro*"; nem: "pequeno *espanto*". – **Assombro** é "grande espanto, admiração profunda e solene". "Vieira foi o *assombro* do seu século"; "a grandeza dos Estados Unidos do Norte é o *espanto* de todo o mundo". "Senti um grande *susto* em toda a assistência". – **Espantado**, **assustado** e **assombrado** distinguem-se de igual maneira. "O moço está *espantado* de me ver marchar" (não – *assustado*, pois este vocábulo já enuncia um estado de alma que é mais alarme do que espanto). "A população está *assustada* com aquele boato que ontem correu..." (não – *espantada*, porque o que a população sente não é comoção de quase terror, mas apenas uma desconfiança, um sobressalto, causado pela suspeita de algum perigo). "O auditório está *assombrado* de ouvir aquela palavra tão nova, tão brilhante e segura" (e não – *assustados* nem mesmo – *espantado*, pois o que o auditório sente é mais admiração que surpresa ou pasmo). – **Maravilha** (no sentido que lhe dá lugar neste grupo) é "sentimento de assombro tão vivo e intenso como se fosse produzido por alguma causa sobrenatural". "Aquilo (aquela ação extraordinária, ou aquele invento, ou aquela conquista surpreendente) põe-me na alma agitada mais *maravilha* que alegria". Fica-se **maravilhado** à vista de um prodígio; e a nossa **maravilha** provém de sentirmos que tal prodígio excede às forças humanas, ou às próprias condições da natureza. – **Arrebatamento** diz – "admiração súbita e impetuosa". "Ouvindo um lance daquela oratória grandiosa, a assistência, *arrebatada*, encheu de um vasto e grave clamor todo o templo". – **Transporte** é "arrebatamento da alma, sacudida de paixão violenta", "*Transportado* de cólera, o pobre, daqueles *transportes* de alegria passou à demência..." – **Arroubo** (ou **arroubamento**) é o estado em que fica a alma "arrebatada de altas emoções, e sentindo-se como em deslumbramento de coisas divinas". "Naqueles *arroubos* da sua vida moral, ele vivia mais num instante do que outros num século". – **Êxtase** (ou **extasis**) é "o estado de quase delíquio em que fica a pessoa que se arrebata, e no qual parece tomada de pasmo e maravilha". Vemo-la *extasiada* se ela se mostra como entregue ao seu *êxtase*, gozando o seu arroubamento; e, *extática*, se parece como absorta, em pasmo, quase inconsciente nas profundezas do seu *êxtase*. "Ali ficou, diante do altar *extasiada*; e muitas horas depois ainda a encontramos *extática*, em todo o delírio da sua fé". "O noivo, *extasiado* da íntima alegria da bem-aventurança, pareceu-nos em completa transfiguração: enquanto ela (a noiva), serena e *extática*, ficou por longo tempo em adoração diante da imagem". – **Enlevo** é "um êxtase mais sereno, mais inconsciente e mais delicioso; é um como esquecimento da alma pela coisa que aprecia, admira ou adora". É um estado semelhante àquele "engano da alma... que a fortuna não deixa durar muito..." – **Entusiasmo** é "o estado de agitação e arrebatamento em que fica a alma, como se estivesse incendida do próprio Deus, ou como tocada de centelha divina". **Entusiasmado** é "o que está sentindo entusiasmo" (é um estado); **entusiasta** é "o que se devota com entusiasmo por alguém ou por alguma causa" (é uma qualidade). "Ele está *entusiasmado* com a vitória"; "ele é grande *entusiasta* do capitão". – **Surpresa** é a "súbita impressão que nos causa alguma coisa que não esperávamos"; e é tomado também este vocábulo como significando a própria coisa que nos surpreende. **Surpreendido** é o que

está sentindo surpresa; e se nos referimos mais à condição que ao estado momentâneo em que ficou a pessoa que se surpreende, dizemos de preferência *surpresa*, que vale mais por "perplexa, em susto, perturbada".

149

ADMIRAR, **apreciar**, **contemplar**, **considerar**, **examinar**, **ver**, **olhar**, **encarar**, **fitar**, **observar**. – **Admirar** é "ver alguma coisa com grande atenção, espanto ou alegria". – **Apreciar** é "ver com muito interesse, com apreço". – **Contemplar** é "admirar longamente, como se a pessoa que contempla estivesse absorta, em grande pasmo para a coisa contemplada". – **Considerar** (de *con* = *cum* e *sidus* "astro") confunde-se muito com o precedente, até pela analogia da formação. **Considerar** sugere a ideia de ter (quem considera) o espírito voltado para o alto, para a abóbada celeste. Em **contemplar** sente-se também a sugestão de ideia semelhante. A palavra latina *templum*, que entra na composição do verbo **contemplar**, significava, entre outras coisas, o espaço marcado no céu, dentro do qual o áugure observava o voo das aves. Quem *contempla* e quem *considera* entende-se, pois, que está enlevado para o céu, ou para os astros. Mas a diferença entre os dois verbos consiste em ser a ação de **considerar** mais própria do espírito que indaga, que procura entender as coisas do universo; e a de **contemplar** mais própria da alma que se enleva ou extasia. "Aquela criatura já *considera* gravemente na vida, no destino". "Vivemos aqui, na floresta sagrada, a *contemplar* as maravilhas de Deus". – **Examinar** é "fazer inspeção ocular, estudo minucioso e com muita atenção". *Examina-se* um caso, um problema, uma obra de arte, uma doutrina, uma paragem, etc. – **Ver** e **olhar** distinguem-se essencialmente, conquanto no uso vulgar muitas vezes se empregue um pelo outro. **Ver** exprime o exercício da faculdade de "receber pelos olhos a impressão que nos causam as coisas exteriores". **Olhar** é simplesmente "dirigir os olhos para algures, ou para alguém ou alguma coisa". Tanto podemos *olhar* sem *ver* propriamente como podemos *ver* sem *ter olhado*. "Eu pasmava de *olhar* e *ver* o homem" (Garrett). "*Olhou* e *viu* tudo cerrado" (R. da Sil.). E quer um, quer outro destes verbos, sem embargo da restrição que fazem alguns autores quanto a **ver**, admitem adjuntos modificativos da respetiva ação. "*Olha-se* de esguelha; ou com maus olhos; ou de relance; ou com desprezo". "*Vê-se* com os próprios olhos; *vê-se* vesgamente; ou *vê-se* preto; ou cor-de-rosa". Vieira tem este exemplo: "Faça-me V. M. a mercê de *ver* com ambos os olhos, por que se os não tiver ambos abertos, nem a capa lhe escapará nos ombros". – **Olhar** e **encarar** poderiam confundir-se em grande número de casos; mas é certo que o último acrescenta força e intensidade à ação do primeiro. Como bem define Aul. – "**encarar** é olhar direito para fixar bem, dar *de cara* com..., fitar os olhos em..., olhar com atenção". Resta dizer que sugere também a intenção – o interesse, ou o desplante, ou a arrogância, etc. – com que se olha. – **Fitar** e **encarar** ainda se confundem mais facilmente; mas bastam alguns exemplos para ver como se distinguem. "Ele *encarou* de frente o inimigo" (e não – *fitou*). "Ele *fitou*[14] aquele ponto com muita insistência" (e não – *encarou*). "Como é que *encara* o sr. a conduta deste moço?" (e não – *fita*). – **Observar** e **examinar** confrontam-se. Mas quem *examina* é de supor que tem perto, ao alcance de todos os sentidos, a coisa a examinar; e quem *observa* só estuda ou considera a coisa a observar aplicando

---

14 Fitar significa "fixar (os olhos) com muita atenção"; e, portanto, devíamos dizer: "Ele *fitou* os olhos naquele ponto." Mas tanto esta como a forma do exemplo acima, autorizam-se com os clássicos.

apenas os olhos. O astrônomo *observa* o céu (e não propriamente – *examina*). *Observar* a conduta de alguém é seguir-lhe os passos, como se a tivesse sempre debaixo dos olhos; e *examinar* a conduta de alguém é ponderar-lhe os atos, para estabelecer a respeito dessa pessoa um juízo seguro.

150

ADMIRÁVEL[15], **admirando**, **espantoso**, **maravilhoso**, **assombroso**, **curioso**, **singular**, **extraordinário**, **raro**, **surpreendente**, **estupendo**, **estupefaciente**, **estupefativo**, **estranho**, **excelente**, **arrebatador**, **magnífico**, **soberbo**, **grandioso**, **esplêndido**, **pasmoso**. – Todas estas palavras designam coisas que nos impressionam mais ou menos fortemente, excitando a nossa emotividade. – É **admirável** "aquilo que provoca admiração". Dão os lexicógrafos como tendo o mesmo valor o adjetivo **admirando**. Mas incontestavelmente os sufixos *vel* e ...*ndo* marcam uma certa diferença entre os dois: **admirando** enuncia a ideia – "que está sendo admirado, que está causando admiração, ou que se impõe à nossa admiração"; enquanto que **admirável** diz – "digno de ser admirado". Parece que o mundo ficou até hoje ali, abalado e suspenso ante aquela cena, tão nova e *admiranda*!..." (não com a mesma propriedade – *admirável*). Vem ver como "está *admirável* a aurora!" (não – *admiranda*). – **Espantoso** é propriamente "o que causa espanto"; como **assombroso** "o que desperta assombro", e **maravilhoso** "o que nos deixa maravilhados". – **Curioso** é "o que desperta interesse, viva atenção (curiosidade) por ser original, esquisito, raro, ou imprevisto". – **Singular** é "o que impressiona por ser único em seu gênero, por ser extraordinário, distinto de todos os outros da mesma espécie". – **Extraordinário** é "o que nos chama a atenção por estar fora da regra ordinária ou da ordem normal das coisas ou dos fenômenos, ou porque excede ou está abaixo da medida comum". – **Raro** é "o que se faz notar por não ser frequente, porque sucede poucas vezes, ou porque não se encontra comumente". – **Surpreendente** é "o que nos causa admiração ou espanto porque se nos apresenta de súbito e sem que o esperássemos". – **Estupendo** é "o que nos causa espanto, assombro tão grande que nos suspende, por assim dizer, a alma, como se a tivéssemos batida, afrontada de coisas anormais, monstruosas, inverossímeis". Em **estupefaciente** e **estupefativo** encontra-se, como no precedente, a mesma raiz grega *tup*, que sugere a ideia de bater, impressionar vivamente, pungir. Mas **estupefaciente** não é o mesmo que **estupendo**, apesar do que dizem alguns autores: o que é *estupendo* imobiliza-nos de assombro; o que é *estupefaciente* nos faz estupefato, isto é, atônito, como em estado de estupor. Uma cena de canibalismo é *estupefaciente*, e não se pode dizer que seja *estupenda*. Há na história lances *estupendos* e edificantes... (e não – *estupefacientes*). Não se confundem também **estupefaciente** e **estupefativo**; pois este diz melhor que o primeiro "que gera estupefação", "cheio de estupefações". "Aquele discurso *estupefativo* deixava-nos imobilizados..." (aquele discurso *cheio de coisas que nos deixam estupefatos*...). – **Estranho** é "o que, além de raro, é fora das proporções usuais, e que por isso causa movimento de alma anormal". – **Excelente** é "o que impressiona pela sua grandeza, su-

15 ~ Roq. e Bruns. dão no mesmo grupo, como sinônimos, **admirável** e **admirativo**: e eles próprios se encarregam de, pela simples definição, distanciá-los; e ainda melhor citando este exemplo de Vieira: "Estas minhas admirações são as que haveis de ouvir. Não será o sermão *admirável* (isto é – 'digno de admiração'), mas será *admirativo*" (isto é – cheio de sentenças, exclamativas e admirações). Se esses fossem sinônimos, também o seriam: *estimável* e *estimativo*; *amável* e *amativo*, etc.

perioridade ou distinção". – **Arrebatador** é "o que produz admiração súbita, entusiasmo impetuoso, forte impulso de alma". – **Magnífico** é "o que, pela excelência, pelo esplendor, pela pompa e majestade, inspira um sentimento de admiração solene, de respeito religioso". – **Soberbo** é "o que se mostra augusto, imponente no seu modo de ser": é mais que excelente: – é o que "sobreleva a coisas do mesmo gênero também excelentes". – **Grandioso** é "o que junta à grandeza serena e brilhante do que é excelso e majestoso a magnificência do sublime". – **Esplêndido** significa "admirável pelo brilho e perfeição". – **Pasmoso** é "o que, pela raridade, ou porque exceda ao que é normal, produz *pasmo*, que é uma como admiração quase passiva".

151

ADMITIR, **receber**. – Segundo Roq., "**admitir** indica um ato de urbanidade pelo qual se franqueia a porta da casa ao que de um modo decoroso a ela se apresenta. A recepção é mais cerimoniosa: supõe certa igualdade, consideração e correspondência. Um fidalgo *admite* à sua mesa e em sua sociedade um homem limpo a quem nunca visita. As corporações, as sociedades literárias e científicas *recebem* em seu grêmio os homens notáveis e doutos. Os príncipes *admitem* à sua audiência os ministros estrangeiros[16] e *recebem* em suas cortes os grandes senhores das outras".

152

ADMITIR, **permitir**, **consentir**, **tolerar**. – Quem *admite* alguma coisa deixa apenas que essa coisa seja ou se realize, como se a aprovasse mais pelo desejo de condescender com outrem do que por impulso de consciência ou por sentimento de dever. – Quem *permite* alguma coisa *admite-a* com autoridade. – Quem *consente* que alguma coisa se faça é porque se põe de harmonia com o sentir da pessoa que a quer fazer. – Quem *tolera* alguma coisa é que a permite pelo silêncio, tacitamente, deixa que ela passe sem oposição, sem castigo ou censura. "Pedro *admitiu* que o negócio fosse discutido lá mesmo no escritório". – "Antonio não *permitirá* que a escolta lhe penetre na oficina". "Ele há de afinal *consentir* que a filha case..." "O pobre marido ainda lhe *tolera* todos os caprichos e extravagâncias."

153

ADMOESTAR, **advertir**, **repreender**, **censurar**, **arguir**, **avisar**, **aconselhar**, **verberar**, **estigmatizar**. – **Admoestar** (*admonere*, no qual figura a raiz *men* ou *man*, que sugere a ideia de "pensar", "sentir") é, "em termos brandos e amistosos, chamar atenção para alguma falta, fazer sentir uma inconveniência". – **Advertir** é "admoestar mais formalmente e com certa autoridade". – **Repreender** é advertir, "não só com autoridade, mas com energia e mesmo com certa arrogância e aspereza, ameaçando de castigo." – **Censurar** é "repreender como por direito de função, e discutindo e mostrando a falta". Em Roma, censor era o magistrado que exercia a *censura*, isto é, que vigiava sobre os costumes, etc. – **Arguir**, aqui, é "repreender acusando de vício, defeito ou falta, e como que invetivando". – **Avisar** e **aconselhar** confrontam-se. Mas quem *avisa* dá à pessoa avisada conhecimento de coisas (faltas, circunstâncias, etc.) que ela ignorava, concorrendo assim para que essa pessoa se dirija melhor em alguma conjuntura; quem *aconselha* dá à pessoa que é aconselhada – ou porque espontaneamente se interesse por ela, ou porque se lhe pediu – uma noção clara do modo como essa pessoa se

16 Aliás, hoje não dizemos que o chefe de Estado *admite* o ministro ou embaixador, mas que *recebe*.

deve conduzir em certo caso. Segue-se que para *aconselhar* é preciso, ou se supõe, ter o conselheiro autoridade moral em relação ao aconselhado; e que para *avisar* basta que a pessoa que *avisa* tenha motivos especiais de cuidado (interesse a zelar, ou dever a cumprir) com a pessoa que é avisada. – **Verberar** (*verberare*, de *verber*, "açoite") é "arguir fortemente, reprovar com acrimônia, repreender violentamente". – **Estigmatizar** (formação vernácula de *stigma* "ferrete", "marca") é "verberar como indigna" (a coisa ou pessoa estigmatizada). *Admoesta-se* o filho ou o aluno, para que não repita a falta. *Adverte* o chefe da repartição a um empregado que não cumpre o seu dever; *censura-lhe* a desídia; e *repreende-o* se ele reincide na culpa. É de lamentar que o *arguisse* de males que não fez, ou de faltas que não cometeu. *Avisa-se* a um amigo de que alguma coisa se trama contra ele. *Aconselha-se* a um parente mais moço, ou com quem temos familiaridade, a que evite a companhia de um colega desmoralizado. *Verbera-se* uma injustiça do tribunal; um ato iníquo do mau governo. *Estigmatiza-se* a calúnia, ou o caluniador.

154

ADOECER, **enfermar**. – Confundem-se ordinariamente estes dois verbos. Mas *adoece* uma pessoa quando deixa de estar sã; e *enferma* quando a moléstia é de tal natureza que a debilite. Também o que *adoece* naturalmente sente *dor:* o que *enferma* sente a fraqueza que provém do mal ou da doença. Costuma-se dizer, na linguagem comum, de uma senhora que vai para o leito, no momento do parto – que *adoeceu*; e não – que *enfermou*. E depois do parto – que *enfermou*, e não – que *adoeceu*. Dizemos: – longa enfermidade: e não – enfermidade rápida. Não diríamos, portanto – que F. *enfermou* momentaneamente, ou de momento. Quem está sofrendo dor de dentes, ou dor de cabeça, ou de ouvidos, nem por isso está *enfermo*, está *doente*. Dizemos – *doença* do peito, do coração, do fígado; e não – *enfermidade*. Não seria próprio dizer, portanto, que alguém *enfermou* ou do coração, ou do peito.

155

ADOLESCÊNCIA, **juventude**, **mocidade**, **puberdade**, **mancebia**; **adolescente**, **jovem**, **moço**, **púbere**, **mancebo**. – **Adolescência** – diz Bruns. – vem-nos do latim *adolescentia*, voz derivada do verbo *adolescere*, "crescer". Este vocábulo está, por conseguinte, atendendo à sua etimologia, perfeitamente definido por Faria: "período da vida em que o organismo chega a desenvolver-se plenamente; juventude, mocidade, idade subsequente à puerícia, dos quatorze aos vinte e cinco anos". A latitude dada assim ao período da *adolescência* é corroborada pela Academia espanhola que a define: "la edad desde los catorce hasta los veinticinco años". – **Juventude** é a quadra da vida em que se é *jovem*, isto é, em que se tem força, vigor, e impetuosidade nas paixões; principia com a *puberdade*, e dura mais ou menos, segundo a constituição, temperamento, ou posição social do indivíduo, se esta o obriga a refrear os ardores da natureza, como se vê nos moços ambiciosos que procuram guindar-se pela política, ou parecer dignos da carreira que abraçam. Todos conhecemos *jovens* de quarenta anos, assim como *velhos* de vinte e cinco. Sabemos, pois, quando a *juventude* principia: não se sabe, porém, quanto pode durar. – **Mocidade** vem-nos do castelhano *mocedad* (idade de *mozo*). Principia quando a *juventude*, e com ela se confunde ao princípio; mas é suscetível de durar mais que ela. De um médico, de um ministro se diz que é bom *moço*, não – que é bom *jovem*, parecendo esta última expressão excluir a gravidade que o médico e o ministro devem ter. A **mocidade** será, portanto, a época da vida que prin-

cipia com a **puberdade**, e acaba ao entrar na idade madura. Pode-se mesmo, atribuindo à palavra moço a sua primitiva significação de *solteiro*, dizer que "a **mocidade** é o espaço da vida compreendido entre a **puberdade** e a idade em que compete ao homem tomar estado, isto é, sobre os trinta a trinta e cinco anos". Por sua vez diz Roq.: "A voz **jovem** (do latim *juvenis*) explica a ideia absolutamente; a voz **moço**, do espanhol *mozo*, a explica comparativamente: porque a **juventude** é a idade do homem entre a **adolescência** e a idade varonil, como dos quatorze até os vinte e um anos; e a **mocidade** é o tempo em que o homem conserva aquele vigor, parecer, ou disposição que são próprios da **juventude**, e podem durar mais ou menos tempo. Um homem de trinta anos já não é *jovem*, segundo a rigorosa propriedade da palavra, porém ainda é moço. – **Mancebo**, do árabe *mansubon*[17], significa rigorosamente o *moço* de poucos anos; mas em geral se usa por **jovem**, que não é muito frequente nos clássicos". – **Mancebia** significa propriamente a qualidade, a condição de **mancebo**; mas é pouco usado nesta acepção, e tende a perdê-la de todo. – **Puberdade** é a idade em que o indivíduo se torna **púbere**, isto é, "apto para procriar".

156

ADORAÇÃO, reverência, veneração, acatamento, respeito, honra, homenagem; adorar, honrar, venerar, reverenciar, acatar, respeitar; adorável, venerável, venerando, acatável, respeitável. – **Adoração** é ato de **adorar**. No sentido próprio, só Deus é que se *adora*. No sentido figurado, **adorar** é "amar com o mesmo extremo, fervor, abnegação, renunciamento com que se ama a Deus". – **Adorável** é "o que é digno de ser adorado". – **Reverência** é a manifestação (por atitude, gesto, palavra, etc.) de grande respeito por alguma coisa sagrada. – *Reverencia-se* aquilo que merece o nosso culto, ou esta espécie de culto que rendemos às coisas em presença das quais nos sentimos humildes e de alma confusa e abalada. – **Veneração** é respeito profundo. – **Veneram-se** os santos e as coisas santas; e por extensão aquelas que pela sua grandeza moral assumem a nossos olhos um aspeto de santidade, como a velhice, a sabedoria, as grandes virtudes, etc. – **Venerável** e **venerando** são definidos como sinônimos perfeitos; pode-se, no entanto, considerar **venerável** como significando "o que é digno de ser venerado", e **venerando** "o que se impõe à nossa veneração". – Fora da acepção que esta, como algumas outras palavras deste grupo, tem no XC, **acatamento** confunde-se com **reverência** e mesmo com **adoração**. A pessoa que a outra *acata*, ou que a algum santo ou divindade *acata* – procura, por meio de grandes demonstrações de respeito e submissão, chamar a si o ente *acatado* ou insinuar-se-lhe no ânimo. – **Acatável** é a pessoa que merece o nosso acatamento. – **Respeito** (*respectus*, de *respicere* – *re spicere* – "olhar para trás", "não dar as costas") é todo sinal de atenção com que vemos ou tratamos uma pessoa ou coisa. Quem *respeita* fica, diante da pessoa que julga *respeitável*, em atitude de vivo apercebimento e vigilância, em compostura de perfeita discrição e gravidade. – **Honra** é, aqui, "o grande apreço, a profunda estima, a consideração que se tem pelas pessoas a quem se devem tais sentimentos". *Honramos* os nossos pais, a nossa família, os grandes homens, as grandes virtudes. – **Homenagem**, no sentido próprio, era o juramento de fidelidade que o vassalo fazia ao senhor feudal, e depois a autoridade subalterna à autoridade superior que representava diretamente o soberano.

---

17 Segundo outros, do latim *mancipium* (de *manceps*, formado de *manus* e *capere* "mão" e "reter, conservar, ter debaixo de") e significando, portanto, "o filho que ainda está sob a autoridade do pai".

No sentido que tem aqui, **homenagem** é "o sinal de respeito, obediência, submissão e acatamento que se tributam a uma pessoa que consideramos como nosso superior".

157

ADUANA, **alfândega**; **aduaneiro**, **alfandegário**. – Segundo Bruns., "a primeira destas palavras já quase desapareceu da língua: só a registramos aqui a título de curiosidade, e para explicação do seu derivado *aduaneiro*. **Aduana** e **alfândega** são palavras de origem árabe, mas de etimologia diferente: na **aduana** (de *dana*, 'escrever') registravam-se as mercadorias sujeitas a direitos; daí vem o dizer-se ainda 'tarifas *aduaneiras*'; na **alfândega** (de *fundag* 'depósito', 'armazém') depositavam-se as mercadorias sujeitas a direitos. Estabelecida esta diferença, compreende-se que – 'movimento *aduaneiro*' se refira aos ingressos de direitos; e – 'movimento *alfandegário*' à quantidade de mercancias que passam pela alfândega".

158

ADUBAR, **temperar**, **condimentar**; **adubo**, **tempero**, **condimento**. – **Adubar**, aqui, é "juntar à comida que se prepara os **adubos** (como tomate, alho, pimenta, etc.), que a tornem agradável". *Aduba-se* um prato especial para F. Também se emprega no sentido figurado: *aduba-se* a narrativa, o discurso, de coisas curiosas. – **Temperar** a comida é "dar-lhe o sabor próprio, juntando-lhe sal, vinagre, *cheiros*. – **Tempero** é a quantidade dessas coisas que se juntam à comida, e o grau de perfeição com que é ela temperada. – **Condimento** é a porção mais substancial dos **adubos** e que serve não só para tornar a comida de cheiro e de sabor mais delicado, como para fazê-la mais nutritiva. Um manjar que se *condimentou* com perícia é apetitoso e restaurador. – Tanto **condimentar** como **temperar** se usam também no sentido figurado. *Condimenta-se* o estilo; *tempera-se* a frase...

159

ADULAR, **lisonjear**, **louvaminhar**, **bajular**, **engrossar**; **adulador**, **lisonjeiro** (ou **lisonjeador**), **louvaminheiro**, **bajulador**, **engrossador**. – **Lisonjeiro** (ou **lisonjeador**), de todos os vocábulos do grupo, é o que enuncia ação que nem sempre é vil. Quem *lisonjeia* pode querer apenas tornar-se agradável ao lisonjeado; e quando o não faz por uma requintada delicadeza será talvez com o pensamento de ganhar-lhe o coração, de fazer-se-lhe simpático. **O lisonjeiro** não é, portanto, nem sempre pelo menos, um sujeito indigno; pode ser exagerado, ou não ser sincero no louvar: não será baixo. Só quando a lisonja é calculada, excessiva, soez, repugnante, é que passa o lisonjeiro a ser **adulador**. E **adular** não se reduz a simples louvores ou ao intento de ser agradável só por palavras; mas estende-se aos atos, a todo o esforço que faz o **adulador** por insinuar-se no ânimo do adulado. – **Bajular** exprime ação ainda mais abjeta que a do verbo **adular**. O **bajulador** humilha-se; como diz Bruns. – "serve de capacho ou de sabujo", e não se satisfaz "só com palavras, mas vai até os serviços mais asquerosos" que dele exija o bajulado. – O **louvaminheiro** não é tão sórdido como o bajulador; nem mesmo se envilece como o que adula: será talvez mais próximo do lisonjeador, pois **louvaminhar** não é senão lisonjear demais e continuamente, fazer *louvaminhas*, isto é, gabos, louvores afetados e fúteis, e portanto que mais enojam do que louvam. – **Engrossar**, aqui, é termo de gíria, empregado em linguagem popular para dizer o mesmo que lisonjear com certa intenção de insinuar-se no ânimo do lisonjeado. É quase adular. Quem *engrossa*, no entanto, nem por isso se tem na conta de indigno como quem bajula. É mais termo criado pelo instinto de crítica do nosso povo para zurzir o vício de, em política principalmente, abrir caminho adulando os chefes de quem dependem as posições.

160

ADULTERAR, contrafazer, falsificar, imitar. – **Adulterar** e **falsificar** confundem-se facilmente: exprimem ambos "a ação de tirar a uma coisa as qualidades que lhe são próprias". Mas **falsificar** é fazer isso, estragando, corrompendo, diminuindo o valor à coisa falsificada; e **adulterar** é alterar a pureza própria de uma coisa dando-lhe outro aspeto, aumentando-lhe ou diminuindo-lhe o peso, o volume, etc. *Falsifica-se* um produto de indústria introduzindo no mercado (e com o mesmo nome e com todas as aparências de que seja o mesmo) um outro produto que não tem as mesmas qualidades daquele. Por isso, **falsificar** é também convizinho de **contrafazer**. Quem *contrafaz*, no entanto, pode muito bem ser que não estrague o produto, nem lhe tire o valor próprio: é possível até que a coisa *contrafeita* seja superior à coisa legítima. Este verbo **contrafazer** sugere, portanto, mais a ideia de infringir direitos alheios, de aproveitar alguém, em seu favor, do esforço que outro fez – do que propriamente a ideia de **falsificar**. Quem *contrafaz* pode imitar com tanta perfeição que se torne difícil distinguir a coisa legítima da coisa contrafeita. Quem *falsifica* estraga sempre, deixa pior a coisa falsificada que pretende fazer passar por legítima. **Adulterar** distingue-se ainda de **falsificar** em poder empregar-se no sentido translato; enquanto que **falsificar** só se aplica propriamente a coisas materiais. *Adulteram-se* vinhos, como se *adulteram* ideias, opiniões, etc. Não se poderia dizer, com perfeita lidimidade, que opiniões ou ideias se *falsificam*. – **Imitar** é menos ainda que **contrafazer**, pois a coisa imitada nem sequer incide sob a sanção dos códigos. Apenas as imitações nunca têm ou só excepcionalmente chegam a ter o mesmo valor da coisa imitada. **Imitar** é, pois (quer se trate de coisas, quer de atos), "fingir com tal perfeição que aquilo que se *imitou* não se distinga facilmente da imitação". *Imita-se* a conduta de alguém, como se *imita* uma obra de arte, como se *imitam* gêneros de comércio.

161

ADUNAR, aunar, coadunar; unir, reunir, unificar; ligar, aliar, coligar; incorporar, agregar, congregar, ajuntar, agrupar. – **Adunar**, **aunar** e **coadunar**, tendo radical comum, exprimem, por meio dos respetivos prefixos, nuanças da mesma ideia fundamental. **Aunar** e **adunar**, segundo Bruns., "são, é inegável, o mesmo vocábulo, pois ambos são formados do latim *unus*, "um". O prefixo, porém, *a* em **aunar**, e *ad* em **adunar**, estabelece uma nuança diferente, que muito convém ter em conta: *ad* envolvendo ideia de impelimento, de força; e *a*, a de evolução natural. **Aunar** é, portanto, converter num todo, coisas diferentes, procedendo natural e brandamente. **Adunar** é trazer com esforço, e como que impelindo, coisas diferentes que se pretende unificar. "Os governos prudentes *aunam* os partidos. Carlos Magno pretendeu *adunar* à fé católica povos de mui diferentes crenças". – **Coadunar** acrescenta à ação de adunar a ideia acessória de concurso, dizendo, portanto – "adunar muitas coisas". "Aquela desgraça *adunou* os dois chefes". "*Adunaram-se* as hostes, batidas da catástrofe". "*Coadunam-se* os vários grupos políticos para conjurar a crise". – **Unir**, **reunir**, **unificar** têm ainda o mesmo radical, e apresentam, no entanto, mais sensível diferença de ação que a notada entre os três precedentes. **Unir** é "juntar (coisas semelhantes, ou mesmo coisas diferentes) de tal modo que pareçam uma só coisa". "Vamos *unir* os nossos esforços... é preciso que nos *unamos* contra o inimigo comum". *Unem-se* os esposos, os membros da mes-

ma família, do mesmo partido, etc. **Reunir** é "dar unidade a coisas que se achavam dispersas"; e também "tornar a *unir* coisas que se tinham desunido". **Reunir** é mais congregar, ajuntar, incorporar do que **unir**". "*Reúnem-se* as forças para a batalha" (não – *unem-se*). "*Reuniram-se* os deputados para a eleição prévia" (e não – *uniram-se*). "*Uniram-se* os chefes contra o ditador" (e não – *reuniram-se*). Nestas frases: "a desgraça encontrou os irmãos *unidos*"; e "o emissário foi encontrar os irmãos *reunidos* na casa do tio" – percebe-se bem claro como são distintos fundamentalmente os dois verbos. **Unificar** é "fazer de várias coisas, em regra da mesma ordem, se não da mesma natureza, um só todo". *Unificam-se* dois ou mais Estados (reúnem-se sob o mesmo governo supremo, aliam-se formando um só). – **Ligar**, **aliar** e **coligar** enunciam a mesma ideia de "fazer acordo moral" (sem, portanto, sugerir necessariamente a ideia de ficarem *reunidas* ou *juntas*, uma à outra, as pessoas que se *ligam* ou *aliam*). *Ligam-se* indivíduos, facções, etc., se se põem de concerto quanto a uma certa questão, ou para defesa de uma mesma causa. **Aliar** (*ad+ligare*) sugere ideia de esforço mais ponderado e formal que fizeram os que se *aliaram*. Este verbo reserva-se para exprimir a ação de celebrar acordo de mais importância, de fazer pacto mais solene, e mais particularmente entre nações. *Ligam-se* partidos, indivíduos (não – *aliam-se*). "*Aliaram-se* o Brasil, a República Argentina e o Uruguai"... (não *ligaram-se*). **Coligar** está, em relação a **ligar**, como **coadunar** em relação a **adunar**: aplica-se mais propriamente quando são muitas as pessoas, os grupos, etc. que se ligam. – **Incorporar** assemelha-se a **reunir**: é "juntar uma coisa a outra ou muitas coisas entre si, de modo que formem um só corpo". *Incorpora-se* um exército, uma companhia, etc. – **Agregar** e **congregar** apresentam diferença análoga à que se nota entre a**dunar** e **coadunar**. Têm ambos o mesmo radical (*grex*, *gregis*, "rebanho") e dizem, pois, propriamente: **agregar** "fazer vir ao aprisco, incorporar no rebanho"; e **congregar** "reunir todo o rebanho, chamar ao aprisco todas as ovelhas". Numa acepção mais ampla, conservam o mesmo valor e a mesma distinção que têm no sentido natural. – **Ajuntar** é "reunir com mais cuidado e trabalho". – **Agrupar** é "reunir em um só grupo, ou em grupos diferentes".

162

ADUNCO, curvo; **recurvado**, **arcado**, **arqueado**. – **Adunco** (*ad* + *uncus*, "gancho") diz propriamente "em forma de gancho, ou de anzol", isto é, *curvo* e terminado em ponta. – **Curvo** indica a forma da figura que não é reta nem quebrada, mas que representa, com pouca diferença ou irregularidade, uma secção de circunferência (arco). – **Recurvado** é "meio curvo, mais ou menos curvo". – **Arcado** é um tanto diferente de **arqueado**. Este diz propriamente "em forma de arco"; aquele significa "inclinado como se quisesse, ou se fosse tomar a forma de arco". Dizemos: "O pobre velho já está ou já anda muito *arcado* (e não – *arqueado*)." *Arqueados* são os supercílios de uma menina (e não arcados).

163

ADUZIR, alegar. – **Aduzir** (*adducere* é "juntar a razões já expostas, a argumentos já formulados, outras razões e argumentos que deem força aos primeiros". O advogado do autor *aduz* provas mais positivas e cabais contra o réu, de modo a fazer-lhe mais difícil a defesa; o advogado do réu defende-o, *alegando* atenuantes ou justificativas em seu favor e procurando destruir a acusação. – **Alegar** é, pois, "juntar argumentos,

circunstâncias, demonstrações de defesa, de convicção contra o intento com que se nos persegue, contra o erro em que alguém está, contra aquilo que se afirma em oposição à justiça, à verdade, à inocência" etc.

164

ADVENTÍCIO, **ádvena**, **alienígena**, **forasteiro**, **estrangeiro**. – Todas estas palavras designam pessoas que não nasceram no, ou não são originárias, do país onde se acham. – **Adventício** e **ádvena** têm a mesma etimologia (do latim *advenire* = *ad* + *venire*) e significam "indivíduo vindo de fora, indivíduo ou raça que não é a própria do país em que está". Mas **ádvena** diz propriamente "indivíduo que chega, que está de passagem". **Adventício** diz igualmente "indivíduo ou raça vinda de outro país, mas podendo ter-se fixado no país novo onde se encontra". Os povos de origem latina são *adventícios* na América, porque não era a raça latina que ocupava o continente quando este foi conhecido. Não se poderia dizer, no entanto, que os referidos povos aqui são *ádvenas*, pois este vocábulo deixa supor que o que chega há de sair logo. Por isso, **ádvena** aproxima-se mais talvez de **estrangeiro** que de **adventício**. O **ádvena**, entretanto, pode não ser de fora do país, mas apenas da cidade, ou do lugar onde chega. "A gente *ádvena* associou-se compungida à imensa consternação de toda a vila naquele instante". Essa gente *ádvena* aí diz "a gente que estava ali de pouso, chegada por dias". **Estrangeiro** é propriamente "o que é estranho ao país; que nele está, ou mesmo que nele vive sem certos direitos (os políticos) e sem certos deveres (o do serviço militar). – **Forasteiro** confunde-se frequentemente com **estrangeiro**; de uma pessoa, porém, que não é do país, mas que nele vive longos anos, ou que nele se fixou, não se pode dizer que seja um *forasteiro*, pois esta palavra designa melhor o indivíduo que é hóspede na terra onde se encontra, o peregrino, etc. *Estrangeiros* podem ser até indivíduos que tenham nascido no país em que vivem (desde que os pais lhes conservem a nacionalidade de origem, ou desde que tenham aqueles indivíduos perdido a sua própria): o mesmo não se dá em relação a *forasteiro*. Segue-se disto que **forasteiro** ainda é mais próximo de **ádvena** que **estrangeiro**. – **Alienígena** (*alienus* "alheio", e *gignere* "gerar") emprega-se como antônimo de indígena (*indu* ou *endo* = *in* "no" (país) e *gignere*) e significa, pois, o que não é originário do país onde vive. – Resta notar que todos estes vocábulos só se empregam em relação, mesmo implícita, com outros, ou com os respetivos antônimos. Dizemos: *adventício*, quando consideramos o que veio de fora em relação ao que estava no país; *ádvena*, quando nos referimos ao que chega em relação ao que vive na terra; *forasteiro*, quando queremos exprimir que o indivíduo estranho aí não tem intuito de fixar-se no país como os que nele se acham; *estrangeiro*, quando fazemos alusão à nacionalidade do indivíduo, diferente da dos filhos do país onde o *estrangeiro* está; e dizemos *alienígena*, em confronto (expresso ou tácito) com os que são nascidos (indígenas) no país onde está o *alienígena*.

165

ADVERSÁRIO, **rival**, **êmulo**, **antagonista**, **inimigo**, **competidor**, **concorrente**. – Segundo Roq., "a palavra **adversário** compõe-se da preposição latina *ad* "junto", e *versus*, particípio de *verto* "voltado", "mudado", pois o **adversário** é com efeito aquele que se voltou contra nós outros, ou seguindo diferente opinião ou partido, ou pugnando por interesses que nos prejudicam. – Ainda que o interesse e o amor-próprio sejam de ordinário as causas por que muitos se fizeram nossos *adversários*, todavia podem estes

ser amigos debaixo de outros respeitos, ou indiferentes, e ainda generosos e delicados: não assim o **inimigo**. Aquele pode favorecer-nos em tudo aquilo que não pertence à disputa, nem à contradição; este procura sempre fazer mal, que para isso é ele *inimigo*. *Adversário* não supõe ódio; *inimigo*, sim. – Por analogia chamamos sorte *adversa* a que nos é contrária, e sucesso *adverso* o que nos causa dano e conduz ao infortúnio; e daqui vêm as palavras *adversidade*, *adversamente*, e as antigas *adversar* e *adversia*. – **Rival** é palavra latina, *rivalis*, e indica uma oposição mais forte que a precedente. Não há propriamente *rivalidade* nas opiniões e ideias, mas sim nas doutrinas e partidos, nos interesses e inclinações, no talento, no mérito, nas riquezas, no luxo, no esplendor, e sobretudo nos empregos, honras, e graças; há muitos rivais em amor, e também se rivaliza em ações virtuosas, como na generosidade, no valor, no heroísmo; até nos animais se dá certa *rivalidade*. – **Êmulo** é também palavra latina, *æmulus*, e designa a pessoa que compete com outra em arte, ciência, em ações louváveis, ou que se propõe imitá-la e até excedê-la, valendo-se de meios honestos. Diferença-se, pois, muito de **rival**, sem se confundir com **adversário**. **Êmulo** denota competição honesta, nobre, generosa, e não admite ódio nem inveja. O *êmulo* reconhece, e até proclama, o mérito dos competidores. Os *êmulos* correm a mesma carreira. Os *rivais* têm interesses opostos que se combatem. Dois *êmulos* caminham, vivem em harmonia; dois *rivais* acometem-se. Pompeu e Cesar foram *rivais*; Cícero e Hortênsio foram *êmulos*. – Entre os antigos, a palavra grega **antagonistes** (*antagonista* em latim e nas línguas que deste se derivam) significava um inimigo armado e em ato de batalha; pois **antagonistes** compõe-se da proposição *anti*, "contra", e *agonixomai*, "eu combato"; mas posteriormente foi limitando-se a combates mais nobres e menos sangrentos, como os literários, os de jogos e exercícios, e os partidos que não saem da linha da nobreza, galhardia, generosidade, e até heroísmo: é uma *rivalidade* mais distinta e elevada. Dizemos, v. g., que os Newtonianos são *antagonistas* dos Cartesianos em seus sistemas; os ingleses e os franceses em seus adiantamentos científicos e industriais; os soberanos em sua grandeza e esplendor; os amantes em obséquios a uma dama. Temos, pois, que todas as palavras anteriores, longe de excluírem as ideias de nobreza e urbanidade, as supõem. Só os homens de mérito têm *adversários* e *êmulos*: e as almas grandes, *rivais* e *antagonistas*. O vulgo não conhece mais que *inimigos*. A **inimizade** é de ordinário uma paixão, se nem sempre baixa, ao menos rancorosa, tenaz, repreensível sobretudo em seus excessos; supõe graves injúrias recebidas, se é bem fundada; faz com que receiemos o *inimigo* ainda depois de reconciliados com ele, porque costuma ser traidor. Tantos são os bens que da amizade resultam, quantos são os males que a *inimizade* produz; não há ação baixa, nem procedimento vil, a que ela não conduza. Esta palavra tem muita extensão em seus significados, pois abraça as pessoas, as ações e todas as coisas que nos podem desagradar, contrariar, ou fazer dano: somos *inimigos* de certos manjares, de certos prazeres, de certos costumes; somo-lo, umas vezes por nossa natural inclinação, por bons motivos e com razão, e também por prejuízos e caprichos. Estende-se a *inimizade*, em sua significação metafórica, "a todos os seres organizados e sensíveis, aos animais e às plantas". – **Competidor** é "o que está contra nós na conquista de alguma coisa". É mais do que simples **concorrente**, pois este apenas concorre conosco, isto é, "propõe-se a fazer ou conseguir aquilo que nós também nos julgamos capazes de alcançar".

166

ADVERSO, oposto, contrário, desfavorável. – "Relativamente – diz Bruns. – às ideias, às tendências, aos fins, consiste a sinonímia destes vocábulos em que: – **Adverso** se diz do que tende a prevalecer por meio da luta; – **oposto**, do que tende a fins diferentes; **contrário**, do que quer impedir o triunfo alheio; – **desfavorável**, do que, em lugar de favorecer, tende a impedir o que outrem pretende. As partes *adversas* procuram mutuamente suplantar-se. As partes *opostas*, tendendo a fins diferentes, procuram, para conseguir o seu intento, cada uma hostilizar a outra; e então fazem-se *adversas.* As partes *contrárias* não tratam precisamente de fazer vingar o seu intento: o que pretendem é impedir que o *contrário* triunfe. *Desfavorável* não se diz propriamente das pessoas, senão das suas opiniões, pareceres e decisões. É *desfavorável* aquilo que, sendo necessário para a realização do fato, se declara contra isso. A república é *adversa* à monarquia. Frequentemente os pais têm ideias *opostas* a respeito do futuro dos filhos. As minorias declaram-se *contrárias* às propostas da maioria. O parecer do relator foi *desfavorável* à pretensão."

167

ADVERSIDADE, sorte adversa (ou **adversa fortuna**), **desgraça**, **desdita**, **infelicidade**, **infortúnio**, **desfortuna**, **desventura**, **caiporismo**, **calamidade**; **desgraçado**, **desditoso**, **infeliz**, **infortunado**, **desfortunado**, **desafortunado**, **mal-afortunado**, **desventurado**, **desaventurado**, **mal-aventurado**, **caipora**. – **Adversidade** e **sorte adversa** (ou **fortuna adversa**) dizem quase a mesma coisa: exprimem o fato de ser uma criatura "perseguida de males, de insucessos e coisas contrárias". Mas a **sorte adversa** só assume o caráter de **adversidade** quando persegue o indivíduo continuadamente, sem deixar-lhe alívio ou descanso. "Afinal teve no pleito ou na campanha *fortuna* ou *sorte adversa*". "Caiu aquela nobre figura vencida pela *adversidade*" (isto é – pela constância da má sorte). – **Desgraça** é termo genérico, e significa todo sucesso lamentável que cai imprevisto sobre alguém. No plural, vale por sofrimentos, misérias, tristezas. – "**Desgraça**", diz Roq., "explica o mal em si mesmo". – **Desdita** acrescenta à ideia do mal o efeito da *desgraça*, com relação à triste situação em que se acha o *desgraçado*. O que perde no jogo, sem que o incomode nem o aflija a perda, é *desgraçado* no jogo, e só por pura ponderação se chamará *desdita* à sua *desgraça*. O que perdeu, porém, toda a sua fazenda, e se acha reduzido à maior miséria e aflição, sem consolo nem esperança de alívio, não só é *desgraçado* porque padece um verdadeiro mal, como é também *desditoso*, pela triste situação a que o reduziu sua *desgraça*. Por isso dizemos: Aconteceu ontem uma *desgraça* no mar, no rio, etc.; e não – aconteceu uma *desdita*, porque só fazemos relação ao fato, ao malsucedido. – **Infelicidade** é o contrário de felicidade, a privação do que constitui o homem feliz; mas vulgarmente se toma por *desgraça*, e é mais usada esta palavra que *desdita*, que vem da castelhana *desdicha*. – **Infortúnio** vem a ser uma série ou cadeia de *desgraças*, que não provêm do homem, porque não deu motivo a elas por seu procedimento ou falta de prudência; não por isto, senão por sua má sorte, cai em *infortúnio*. – **Desventura** é má sorte, fortuna adversa. Aquele que não sai bem nas suas empresas, antes encontra adversidades, pode queixar-se de sua *desventura*, mas não é *desgraçado* nem *desditoso*. – Quando a *desgraça* é grande e se estende a infinito número de pessoas e a países inteiros, chama-se-lhe **calamidade**, que é propriamente um infortúnio público e geral, tal como a fome, a peste, a guerra, as inundações, as erupções vulcânicas, os terremotos, e outras muitas grandes *desgraças* que afligem as nações, e

às vezes quase o mundo inteiro. – **Caipora** e **caiporismo** são vocábulos adotados dos nossos indígenas, significando: – o último, "a falta de boa fortuna em tudo quanto se tenta na vida"; falta que se atribui, ou "a predestinação, ou a trama de algum espírito mau"; e o primeiro, **caipora**, é "o sujeito que se julga assim perseguido da má sorte". – É preciso comparar alguns dos vocábulos deste grupo que têm o mesmo radical. – **Infortúnio** e **desfortuna**. Como se viu, **infortúnio** é grande desgraça que se prolonga (e quase sempre se usa no plural): **desfortuna** diz apenas "fortuna contrária, falta de boa fortuna, impedindo o êxito que se calculava". "Um capitão tem a *desfortuna* de ver fugir e escapar-se o inimigo quando ia certo de esmagá-lo" (não – o *infortúnio*). "Tive a *desfortuna* de lhe não merecer simpatia". "Tem padecido os seus *infortúnios* com serenidade e resignação" (não – as suas *desfortunas*). – Entre **infortunado** e **desfortunado** há diferença análoga à que notamos entre **infortúnio** e **desfortuna**. – "Foi ele tão *desfortunado* (tão sem boa fortuna) que não conseguiu sequer uma vez bater no alvo". "É preciso consolar uma criatura *infortunada* (perseguida de infortúnios)". – Entre **desfortunado** e **desafortunado** há a diferença expressa pela partícula de intensidade *a* que figura no segundo antes da negativa *des*. O homem **desafortunado** é o que não teve no momento, ou num certo caso, a boa fortuna que sempre tivera; ou que não se saiu tão bem como costuma sair-se. – **Mal-afortunado** será um antônimo mais perfeito de *bem-afortunado*; enquanto que **desafortunado** é antônimo de *afortunado*: marca-se assim uma distinção muito clara entre **mal-afortunado** e **desafortunado**: este, como já se disse, significa "sem fortuna, ou sem êxito no caso"; e aquele, **mal-afortunado** – "com má fortuna, ou com mau sucesso em certas circunstâncias". "Se eu for *mal-afortunado* agora no meu intento, voltarei logo de Paris". "Não acredito que ele consiga o que quer, pois é muito *desafortunado* sempre que pede alguma coisa à política". Em qualquer dos dois exemplos, a substituição de um adjetivo pelo outro mudaria o sentido da frase. – Notemos ainda que **mal-afortunado** é muito próximo do nosso **caipora**. – Entre **desventurado** e **desaventurado** não é perceptível diferença alguma. Os lexicógrafos estão de acordo em considerá-los sinônimos perfeitos. E isto pela razão de ter a palavra *aventura*, que dá o segundo desses compostos, uma significação que nele desaparece. Mas entre os dois e **mal-aventurado** já se nota alguma distinção. – **Desventurado**, ou **desaventurado**, é o sujeito "sem ventura"; isto é, "o que não consegue chegar ao seu dia, o que é perseguido de *desventuras*"; **mal-aventurado** é antônimo de **bem-aventurado**; e este significa propriamente "que alcançou ou alcançará felicidade" (boa ventura, ou bem-aventurança). Aquele, portanto, que se empenhou numa causa de alta grandeza moral e saiu batido de infortúnio; o amigo que se perdeu num lance de honra; o menino que foi vítima de uma imprudência – são todos *mal-aventurados*. – *Desventurados* são os pais que têm uma velhice de desilusões e amarguras com os filhos; o sacerdote que se deixou imolar pela sua fé; o rei magnânimo que foi deposto e banido. – É conveniente notar ainda o que distingue estes compostos de *ventura* dos compostos de *fortuna*. A *ventura* não parece tão cega como a *fortuna*; tanto que dizemos: "ele vai à *ventura*" (e não – à *fortuna*); "ele deixa tudo à *fortuna*" (e não – à *ventura*). O *desventurado* lutou contra a sorte; o *mal-aventurado* errou nos esforços que fez, transviou-se no caminho, foi malsucedido no empenho. O *desafortunado*, o *mal-afortunado*, o *infortunado* mesmo, deve a *desfortuna*, ou mesmo o *infortúnio*, a causas misteriosas e inevitáveis.

168

ADVOCACIA, advocatura. – Distinguem-se perfeitamente estas duas palavras, conquanto nos léxicos se definam como significando a mesma coisa. **Advocacia** é "a profissão do advogado"; **advocatura** é "o exercício, o prazo de tempo que se levou advogando". "Durante a minha *advocatura* no sul fiz menos fortuna do que inimizades." "A *advocacia* na campanha não dá o pão e tira o couro".

169

ADVOGADO, legista, letrado, jurisconsulto, jurista, causídico, rábula, defensor, patrono. – Segundo Bruns.: – "Advogado é, aqui, o que defende causas de direito com autorização legal". – **Legista** é o que conhece as leis a fundo e as interpreta. – **Letrado**, termo que hoje se tornou popular, designa principalmente o advogado que dá consultas. – **Jurisconsulto** é o legista profundo, que debela os casos intrincados, e disserta ou escreve sobre leis. – **Jurista** é termo mais relativo à teoria que à prática; o estudante de direito é *jurista*[18], e *jurista* é também aquele que conhece a história do direito, os antigos usos, os costumes passados". – **Causídico** e **rábula** são termos depreciativos, que designam: **causídico** é aquele que trata de causas mais talvez com astúcias, manobras, artimanhas do que com lisura. O mesmo se pode dizer quanto a **rábula** (do latim *rabere*, "estar furioso, raivoso, violento"). Assim define S. Saraiva este nome: "advogado que fala muito e sabe pouco, gritador, tagarela". – **Rábula** é, portanto, mais depreciativo do que **causídico**: aplica-se ao advogado sem pergaminho, e que se vale mais de chicana que de razões. (Nada disto impede sem dúvida que haja *rábulas* de muito mais valor do que muitos bacharéis; e também que haja muitos bacharéis muito mais alicantineiros e chicanistas do que tantos *rábulas*.) – **Defensor** é termo genérico que se aplica a toda pessoa que defende a outra; e particularmente ao advogado que faz perante o júri a defesa de um réu. – **Patrono** confunde-se com **advogado** e **defensor**. Designava antigamente o que defendia os interesses da plebe, os direitos das gentes, isto é, dos estrangeiros em geral. Passou depois a significar o chefe da casa (*pater*) em relação aos agregados e protegidos[19], ou o senhor em relação aos seus libertos. – **Patrono** é pois o que não só defende os direitos do seu cliente como cuida solicitamente de salvaguardar-lhe os interesses.

170

ADVOGADO, patrono, patrocinador, padroeiro, defensor, protetor, intercessor, mediador, medianeiro, intermediário, interventor. – É nosso *advogado* quem toma a nossa defesa perante algum superior nosso, ou perante alguma pessoa ou mesmo perante algum poder com cuja benignidade precisamos de contar para que nos absolva de culpas, ou nos livre de males. – **Patrono**, **patrocinador** e **padroeiro** assemelham-se muito (têm o mesmo radical). O **patrono** defende-nos e protege-nos como se fosse nosso chefe ou nosso pai (*patrão*); o **patrocinador** nos toma à sua conta, fala e age por nós, *patrocina* a nossa causa: pode ter para isso motivos que não sejam os mais legítimos; e também com isso pode estimular em nós instintos, tendências, coragens e ousadias que não sejam as mais recomendáveis, instigando-nos, portanto, a praticar males que talvez não praticássemos sem o seu *pa-*

18 Hoje está-se introduzindo o neologismo direitista, aplicado aos que conhecem direito ou seguem a carreira do direito.

19 Patrono deu o nosso vernáculo *patrão* – o dono da fábrica, ou do estabelecimento em relação aos seus subordinados.

trocínio. Dizemos – "*patrocinador* de crimes ou de criminosos" (*patrono* de criminosos seria já coisa muito diferente: o *patrono* de criminosos toma, de acordo com as leis, a defesa de criminosos; o *patrocinador* de criminosos acolhe, protege criminosos; anima, induz os celerados a praticar crimes). – **Padroeiro** é propriamente "o que exerce o direito de padroado"; e por extensão é "o que nos ampara perante alguém de cuja munificência temos necessidade". S. Sebastião é o *padroeiro* da cidade (isto é – protege no céu a cidade do Rio de Janeiro). – **Defensor**, como já vimos no parágrafo precedente, é toda pessoa que defende a outra. – **Protetor** (de *protegere* = *pro* + *tegere*, "cobrir, ocultar, esconder") é "o que nos toma sob sua guarda, sua solicitude e valimento, e não só nos ampara, como nos habilita a vencer na vida, ou a triunfar numa certa conjuntura". A ação de *proteger* (de *protetor*) naturalmente marca, muito claro, melhor do que todos os outros do grupo, a superioridade de condições da pessoa que protege sobre as da pessoa protegida. – **Intercessor** é a pessoa que se põe entre nós e aquele perante o qual precisamos de defesa. Poderia confundir-se com **mediador**; mas este é o que se interpõe entre duas pessoas "para servir apenas de veículo, por assim dizer, entre elas": enquanto que **intercessor** sugere a ideia de que a pessoa pela qual se intercede precisa de defesa e proteção perante aquela junto da qual tem de agir o **intercessor**. – **Mediador**, portanto, mais se parece com **intermediário**: este, porém, é apenas o que se põe ou fica entre duas pessoas fazendo sentir a uma o que a outra quer, e vice-versa; ao passo que o **mediador** tem sempre algum interesse ou empenho em conciliar aqueles entre os quais se põe. – **Medianeiro** diz muito mais do que mediador: é "o que interpõe a sua autoridade, prestígio e valimento em favor de alguém e perante um poder a cuja presença esse alguém não pode ir diretamente para alcançar o que deseja". – **Interventor** é "aquele que, em nome de um terceiro, se mete entre duas ou mais pessoas ou facções, para restabelecer acordo ou ordem entre elas, e não sendo mais por uma que por outra".

171

AFABILIDADE, **agrado**, **amabilidade**, **civilidade**, **urbanidade**, **polidez**, **cortesia**, **cortesania**, **delicadeza**, **benignidade**, **benevolência**, **carinho**, **afeição**, **complacência**, **bondade**, **fineza**, **ternura**, **meiguice**, **indulgência**; **afável**, **agradável**, **amável**, **civil**, **urbano**, **polido**, **cortês**, **cortesão**, **delicado**, **benigno**, **benévolo**, **benevolente**, **carinhoso**, **afetuoso**, **complacente**, **bom**, **fino**, **bondoso**, **obsequioso**, **terno**, **meigo**, **indulgente**, **amistoso**. – Segundo Bruns., "a **afabilidade** (do latim *ad* "a", e *fari* ou *afari* "falar") dá-se de superior para inferior, e não ao contrário". Consiste na maneira cativante com que as pessoas de posição prendem a vontade dos que lhes falam, mostrando-se assim **afáveis**. O **agrado** é o testemunho da alegria que sentimos ao receber em nossa casa, ou ao falar em qualquer parte com uma pessoa, de qualquer condição que ela seja; dá-se de superiores para inferiores, e vice-versa. Tanto o **agrado** como a **afabilidade** são geralmente provas de um caráter bem formado. A **amabilidade** consiste em empregar todos os meios possíveis para nos tornarmos **agradáveis** à pessoa a quem a testemunhamos. Não é, a maior parte das vezes, uma qualidade inerente ao caráter da pessoa que se mostra **amável**: ou tem fins interesseiros, ou faz simplesmente parte da bagagem das convenções sociais com que os homens pretendem enganar-se reciprocamente. Tal que é *amável* com os estranhos é ríspido e intratável com os seus. A **civilidade** é a convenção estabelecida na sociedade para que os seus membros se avenham

mutuamente, de modo a não se ofenderem nem se desagradarem. Varia segundo os meios, os tempos, os lugares e a condição das pessoas. A **civilidade** exagerada – a que o vulgo chama *política* – é ridícula e presta-se ao escárnio. Contudo, a **civilidade** bem entendida deve reinar em toda parte, mesmo em família, pois sem ela nos tornaríamos desagradáveis até aos nossos mais próximos. A **urbanidade** é a civilidade de bom tom, a que se usa nos grandes centros urbanos. – **Polidez** e **urbanidade** confundem-se no fundo. – **Polidez** é a civilidade das pessoas de fino trato, que obram e se exprimem nobremente, com facilidade, finura e delicadeza. Basta conhecer certas regras e observar certas práticas para ser tido como homem **civil**; é, porém, necessário ter grande trato do mundo, e saber amoldar-se às situações, para ser um homem **polido**, pois a **polidez** exige que não só nos tornemos agradáveis, senão que penhoremos as pessoas com quem tratamos. – **Cortesia** é a demonstração do respeito que nos devemos mutuamente; tem-se não só para com as pessoas que conhecemos como também para com as desconhecidas, sempre que estas pareçam merecer-no-la. – **Cortesania** é o requinte da polidez: é "a polidez da corte, como indica a palavra..." – **Cortesão**, no entanto, perdeu hoje esse sentido: é mais "palaciano, áulico e até adulador" do que **cortês**. – **Delicadeza** é a qualidade do homem muito polido, fino, suave no trato. O homem **delicado** é-o mais por temperamento, por índole talvez do que por educação. – **Benigno** é "o homem de natureza moral muito singela, que se contenta de ter para com seus semelhantes sentimentos propícios". A **benignidade** é, pois, a virtude das grandes almas; e sugere sempre, tratando-se de pessoas, uma ideia da excelência da pessoa **benigna** em relação àquela a respeito da qual assim se mostra. – **Benevolência** poderia confundir-se com **benignidade**. Mas **benevolência** é apenas "uma disposição de alma, um movimento propício de coração em favor de alguém". Uma pessoa é **benévola**, isto é, mostra-se de boa vontade com alguém no momento, ou pode ter *benevolência* com esta ou aquela outra pessoa. Dizemos: "os reis *benignos* são amados do seu povo"; "os homens *benignos* fazem-se queridos" (e não – os reis *benévolos*, ou – os homens *benevolentes*). Entre **benévolo** e **benevolente** não estabelecem os dicionários diferença alguma. Nesta frase, entretanto, supomos que seria imprópria a mudança dos dois vocábulos: "Ele se mostrou *benevolente* comigo; e isso tanto mais me cativa quanto é certo que ele não é *benévolo* com todo mundo". Parece, portanto, que isto quer significar que **benévolo** expressa melhor uma como qualidade pessoal; e **benevolente** ("que está sendo benévolo") uma disposição atual de sentimentos. – **Carinhosa** é a pessoa que nos recebe, não só com mostras de bondade, como com sentimentos ternos, afagando-nos, fazendo-se meiga, sincera, como se nos abrisse a alma. – **Carinho** não é uma qualidade, senão sinal de qualidades, indício de bom ânimo, de simpatia, de intimidade da pessoa que faz, para com a pessoa que recebe o carinho. – **Afeição** é a "conformidade moral que leva uma pessoa a chegar-se muito a outra, a acolhê-la, a atraí-la enchendo-a de meiguices e provas de amizade". O amigo *afetuoso* é o que nos trata com *afeição*, revelando sempre por nós os seus afetos. – **Complacência** é também menos uma qualidade do que uma disposição moral: é a "boa vontade, a diligência que se mostra em fazer o gosto de alguém, em estar de acordo com os desejos de alguém". *Complacente* é o amigo que se compraz conosco; que, pela amizade, ou pela benignidade, leva a sua mansuetude e tolerância a uma quase renúncia de si mesmo para ser-nos agradável. – *Complacente*

é o nosso superior hierárquico, ou aquele de quem dependemos, quando se mostra conosco tolerante, sereno e afável. – **Bondade** é a qualidade de ser bom, a virtude de ser contrário a tudo quanto é mau. – **Bom** é aquele que tem essa virtude, julgada tão excelsa que o próprio Jesus a atribuía só a Deus. – Entre **bom** e **bondoso** há muita diferença; pois, **bondoso** é apenas "o que tem bondades quase que aparentes; o que é cheio de deferências conosco". – **Fineza** poderia considerar-se como sinônimo quase perfeito de **delicadeza**; mas um *fino* cavalheiro é aquele que sabe requintar a sua *delicadeza* e fazer-se "muito *delicado*". – **Ternura** é, conforme já ficou em outra parte definido, uma delicadeza de sentimentos levada a extremos de meiguice, e a provas de afeto que nos comovem, pois que só os pais sabem ter com os filhos, e os esposos entre si, ou então de que são capazes só as excelentes naturezas morais encontrando-se com as misérias da vida. *Ternos* são os corações que ficam como que em êxtase de piedade, ou de amor na presença de uma criança que sofre, ou diante de um infeliz, ou da pessoa amada. – São **meigos** os propensos ao amor, os que se mostram mais do que amáveis, pois que parecem deslumbrados mais de amar que de sentir o nosso amor. A **meiguice** é a qualidade das crianças e das virgens, porque deixa supor sempre a inocência, a candura dos simples edificada de instintivo sentimento de renúncia e de simpatia. – A criatura **indulgente** conosco é a que tem para os nossos defeitos mais perdão do que rigor, mais misericórdia do que justiça. A **indulgência** supõe sempre uma autoridade ou poder mais alto que o da pessoa com quem se é *indulgente*. Poder-se-ia dizer que é um predicamento divino, que só por extensão se pode atribuir a homens. – O homem **amistoso** é o que nos trata como costumam tratar-nos os nossos legítimos amigos.

172

AFASIA, **afonia**, **mudez**; **afásico**, **afônico**, **mudo**. – O **afásico** titubeia, claudica, ou de todo não pode falar; pois a **afasia** provém de alguma "lesão na substância nervosa frontocerebral; pode ser completa (o que é raro) ou parcial, sendo a esta que é devida a gaguez". (Bruns.) – **Afonia** é a falta de voz: mal ou defeito "que provém da laringe". O **afônico** sente dificuldade ou mesmo impossibilidade na emissão da voz. – **Mudez** é propriamente a incapacidade orgânica de articular a voz. O **mudo** não fala porque ignora o som da palavra, pois a surdez lhe impede ouvi-la, e portanto fica ele incapaz de imitá-la.

173

AFÃ, **azáfama**, **faina**, **lida**, **fadiga**, **afadigamento**, **aforçuramento**, **luta**; **trabalho**, **labor** (**lavor**), **laboração**, **labuta**, **labutação**, **lucubração**. – **Afã** é "toda atividade penosa, todo esforço difícil". É mais usado no plural. "Os meus *afãs* não me deixam sentir estes pequenos incômodos". – **Azáfama** significa mais "o apressuramento com que se cuida da tarefa, ou de um trabalho urgente". "Na *azáfama* em que vive, aquele homem não tem tempo de atender-nos". – **Faina** é uma outra forma de **afã**: é "todo serviço feito sem muita ordem e com pressa; trabalho aturado e debaixo de barulho". A *faina* de bordo; a *faina* dos campos; e mesmo a *faina* das ruas, para exprimir o movimento geral das grandes cidades. – **Lida** é "trabalho afanoso, azáfama incessante". Tanta *lida* para tão pouca vida. – **Fadiga**, aqui, é "trabalho penoso, que nos cansa, e nos vence as forças"; e **afadigamento** é uma extensão de **fadiga**, e sugere ideia de afãs contínuos, de longas *fadigas*; e é próximo de **aforçuramento**. Este, no entanto, envolve mais a ideia de pressa que de trabalho. Um sujeito *aforçurado* gasta inutilmente as próprias forças; um sujeito

afadigado despende forças, cansa também, mas nem sempre sem fruto. – **Luta** é "trabalho doloroso, como se fora mesmo um combate, e que só não acabrunha as grandes naturezas morais". "As *lutas* da vida o venceram". "Naquela contínua *luta* do seu viver foi morrendo". – A palavra **trabalho** foi primitivamente aplicada à função do construtor, do que lidava com madeiras (*trabs.* "viga, trave, árvore grande"; *trabalis* "próprio das árvores, relativo a traves"); depois generalizou-se, nas línguas neolatinas, passando a significar "toda aplicação de aptidões no sentido de fazer algum objeto, ou conseguir alguma coisa". No plural, sugere a ideia das penas e fadigas que produz todo exercício aturado. "Os *trabalhos* da vida" – é quase como se se dissesse – "as *lutas* da vida". – **Labor** é "todo esforço exercido com aptidão e gosto; que nos fatiga, mas que também nos agrada e satisfaz". Quanto a **labor** confrontado com **lavor**, escreve Bruns.: "**Labor** é palavra que tomamos diretamente do latim *labor*; **lavor** tem a mesma origem, mas indiretamente, pois se formou de *lavrar* (*laborare*). – **Labor** e **lavor** são, portanto, palavras mui distintas, que não devem ser tomadas indiferentemente, ainda quando os dicionários as confundam e as expliquem uma pela outra. – **Labor** é sinônimo de **trabalho**; **lavor**, não. Só a ignorância, confundindo a pronúncia dos dois vocábulos, originou que *lavor* seja abusivamente empregado por *trabalho* ou *faina*, isto é, por *labor.* – **Labor** é trabalho longo e difícil, que cansa o espírito ou o corpo... – **Lavor** dizemos do trabalho "de agulha, feito por desenho, e de qualquer ornato em relevo..." Resta acrescentar que **lavor** significa também "a perfeição da mão de obra, o modo como um trabalho foi acabado". – **Laboração** é uma forma extensa de **labor**: é a ação de exercer o *labor* (*laborar*). No plural acrescenta a *labor* uma ideia de faina, de lida ou fadiga, ou mesmo de afadigamento". "As nossas *laborações* naquele transe nos inutilizaram por muitos dias"... – Entre **labuta** e **labutação** (que com os dois precedentes têm origem comum) deve notar-se análoga diferença. **Labuta** é esforço afanoso, lida penosa, ocupação árdua de que se vive. **Labutação** é o mesmo que "labuta afadigada"; e no plural – "trabalho pesado e afanoso". – **Lucubração** é todo trabalho que nos absorve dia e noite, e a que aplicamos toda a intensidade do nosso espírito, ou das nossas aptidões. Lucubrar (de *lucubrare* (de *lux*) "trabalhar à noite") significa propriamente "fazer serão": e, portanto, *lucubração,* ou melhor, *lucubrações* aplica-se mais particularmente "ao trabalho feito à noite, à luz do gás, ou da lâmpada, ao esforço, à contensão mental com que é feita uma obra de arte ou de ciência".

174

AFASTAR, retirar, arredar, desviar, deslocar, descaminhar (desencaminhar), apartar, separar. – **Afastar** (do latim *abstare,* de *ab* + *stare* "estar ou ficar longe") significa propriamente "tirar uma coisa ou pessoa de junto da outra". *Afastam-se* de nós alguns amigos; *afasta-se* da parede o sofá; *afasta-se* do espírito uma ideia sinistra. – **Retirar** (formado de *re,* equivalente aqui a *retro* (*re* que marca "retração", "retrocesso", e *ter* "três vezes") + *tirar,* do gótico *tairan* segundo alguns, e segundo outros do latim *trahere*[20] – **retirar**, dizemos, tem o sentido próprio de "afastar para trás, chamar a si, pôr para aquém"; e por extensão significa – "tirar uma coisa do lugar em que estava, chamando-a a nós, ou pondo-a de lado." *Retira-se* um exército, voltando por onde tinha ido; *retira-se* o chapéu de cima da mesa; *retira-se* o filho do colégio; *retira-se* uma ofensa; etc. –

20 Parece que estes têm mais razão do que aqueles. O próprio latim tem *retrahere* "tirar para traz".

Arredar é "desviar bruscamente, dar espaço ou caminho". *Arreda* a multidão à passagem do cortejo; *arredam-se* as cadeiras do meio da sala. – **Desviar** – diz Bruns. – "é tirar uma coisa ou uma pessoa do ponto ou da linha em que alguma outra coisa ou pessoa vai passar, ou algum fato suceder. Noutro sentido, **desviar** indica a ação de tirar de uma direção para fazer tomar outra diferente; neste caso, é-lhe inerente a ideia de fim, propósito ou conveniência... *Desviamos* o corpo para evitar um golpe; *desviamos* uma criança que vai ser pisada..."; *desviamos* do sentido uma lembrança funesta. – **Deslocar** é "mover alguma coisa do lugar próprio, retirá-la do ponto em que se acha". "Com perícia admirável *desloca* o dente e saca-o num instante". "A pulso *desloca* o rochedo, e lá do alto deixa-o tombar sobre a cidade". *Deslocam-se* figuras da política em todas as grandes crises. – **Descaminhar**, melhor ainda que **desviar**, exprime a ideia de "tirar ou de sair do caminho próprio, ou da direção que se seguia". *Descaminha-se* a gente, tomando uma azinhaga"; *descaminha-se* o menino da escola. "Aquele sucesso imprevisto vem *descaminhar-nos* da vereda em que íamos" (isto é, vem fazer que tomemos outra rota). (Por mais que digam os lexicógrafos, *desencaminhar* não se confunde com **descaminhar**. *Desencaminhar* tem significação diferente, e nem carece, como **descaminhar**, de completivo de predicação: é "tirar do bom caminho, do caminho certo; e por, extensão – perverter, prostituir".) – **Apartar** é "pôr de parte". Quando dentre muitas coisas se *apartam* algumas, põem-se estas em lugar onde fiquem separadas das primeiras. Quando alguém se *aparta* de outra pessoa toma um lugar para longe dessa pessoa. Em sentido mais restrito, este verbo sugere ideia da atitude contrária em que fica a pessoa que se *aparta* em relação àquela de quem se *apartou*. Se alguém se *aparta* do seu partido é que toma posição contra este, ainda que se não aliste em outras fileiras. – **Separar** é "pôr duas ou mais coisas ou pessoas longe uma das outras". Só no sentido moral é que as coisas ou pessoas *separadas* nem sempre se julgam a distância umas das outras, ou nem sempre estarão necessariamente desligadas. "*Separa-se* – diz Roq. – o que estava unido, ligado, misturado: sempre com referência a mais de um objeto. *Separa* o lavrador a palha do grão, o trigo do joio, a fruta podre da sã; *separam-se* os casados quando não podem viver juntos, ou quando se desquitam; no juízo final hão de *separar-se* os bons dos maus. **Separar** diz muito mais que **apartar**. Segundo Vieira, parece que *separação* indica principalmente a ação de *separar*, e *apartamento* os resultados morais da *separação*; pois, falando do juízo final, diz ele: "Feita a *separação* dos maus e bons, e sossegados os prantos daquele último *apartamento...*" (III, 163).

175

AFERRO, apego. – Diz muito bem Bruns.: "O **apego** é a constância que provém mais do hábito que da reflexão. O **aferro** provém da convicção, e é, portanto, um forte **apego**. Temos *apego* à casa, quando somos sedentários por gosto; temos *aferro* às ideias que defendemos com tenacidade".

176

AFERROLHAR, fechar, trancar; ferrolho, fecho, tranca. – **Fechar** aqui exprime a ação geral de "cerrar, unir com firmeza" (do latim *fixare*); **fecho** é a "peça com que se *fecha*, o processo mediante o qual se cerra, liga, prende alguma coisa". – Os dois outros do grupo, no sentido próprio e originário, designam formas ou modos particulares de **fechar**, diferençando-se segundo a peça com que se fecha: se se emprega o **ferrolho**, *aferrolha-se;* se se emprega a **tranca**, *tranca-se.* **Ferrolho** é – diz Aul. – "tranqueta de ferro

(ou qualquer peça de ferro que se empregue em **fechar**) que, correndo horizontalmente pelos anéis, por que está abraçada, vai embeber-se na ombreira ou noutra peça, impedindo assim que se abra a porta ou janela em que está pregada". **Tranca** é uma barra semelhante ao **ferrolho**, podendo ser, porém, de madeira. Figuradamente, no entanto, **aferrolhar** e **trancar** dizem "prender com segurança". *Fecha-se* uma porta, uma gaveta, um livro, uma carta. *Fecha-se* a boca, deixando de falar. Também se *fecha* a alma, não dizendo o que se sente, ou não se expandindo. *Aferrolha-se* ou *tranca-se* igualmente uma porta, um portão, um cofre, fechando-os fortemente. Também se diz – "*aferrolhar* a fortuna", significando que se a retém com usura ou somiticaria.

177

AFETO (**afeição**), **paixão**, **amor**, **inclinação**, **amizade**, **ternura**, **apego**, **dedicação**. – **Afeto** e **afeição** – diz Bruns. – diferençam-se apenas em ser a **afeição** extensiva a pessoas e a coisas, e o **afeto** só a pessoas. **Afeição** é a tendência, propensão, ou inclinação comedida que se tem para alguém ou para alguma coisa. É por *afeto* ou por *afeição* que se sente prazer em encontrar a pessoa a quem se estima, e que se procura a ocasião de a ver, de gozar da sua companhia, de lhe ser útil. A *afeição* que temos às coisas nos induz a ter cuidados com elas... – **Paixão** é o desejo veemente de obter e possuir a pessoa ou a coisa que desperta em nós esse sentimento. No *afeto* há moderação; na paixão há arrebatamento. Uma diferença essencial entre a *afeição* e a *paixão* é que a afeição se sente por aquilo que se possui, e a *paixão* sente-se geralmente por aquilo que se deseja possuir... Muitas vezes a *paixão* desaparece com o logro da coisa desejada; não assim o *afeto* ou a *afeição,* pois esta é constante. – O **amor** é um sentimento que se pode considerar intermédio entre o *afeto* e a *paixão*. Se no *amor* não há os arrebatos da *paixão*, há nele algo mais da tibieza do *afeto.* Adolphe Garnier, no seu *Traité des facultés de l'âme*, diz do *amor*: "O caráter distintivo do *amor* é o de preocupar exclusivamente o nosso pensamento com a existência de uma pessoa do outro sexo, a qual nos causa um como deslumbramento contínuo pelas qualidades e perfeições que a nossa imaginação lhe atribui. Tudo nela tem encanto à nossa vista. Deliciamo-nos em ouvir falar dela, e ambicionamos encontrar-nos sempre e exclusivamente na sua presença. E assim como é ela que unicamente nos interessa, quiséramos que só nós fôssemos o único que lhe interessasse. Só o pensar que a ternura da pessoa amada pode ou poderia repartir-se com outrem faz-nos estremecer. O *amor*, não obstante, sobrevive à infidelidade: sofre-se e ama-se; está-se humilhado e adora-se; a amargura sustém-nos. O *amor* recusa crer nos defeitos que vê na pessoa amada; e é tal o seu fundo de benevolência que estende por sobre os vícios o véu das perfeições. Não são os defeitos da alma apenas que recusamos ver no objeto que nos apraz: são também os do corpo; e não só os negamos, senão que os tomamos por perfeições, e acabamos por amá-los. O austero Descartes simpatizava com os olhos vesgos: procurando a origem de tal gosto, recordou-se que esse defeito existia numa menina a quem amara desde a infância. É certo que o *amor* aumenta com os méritos do objeto amado: não vem, no entanto, de tais méritos. De que provém? Nasce, por assim dizer, sem causa; e às vezes cessa sem ela". Antes de Garnier já Diderot definira admiravelmente o *amor* pela boca de Gardeil, quando este se dirige à sua amante La Chaux: "Ignoro a razão de já a não amar; tudo o que sei é que principiei a amá-la sem saber por quê; e que cessei de a amar sem saber a causa". Num sentido mais geral, o

amor é o sentimento pelo qual se ama ou se quer bem a alguma pessoa: *amor* paternal; *amor* filial; *amor* ao próximo; *amor* à ciência, etc. – **Inclinação**, no sentido lato da palavra, é a disposição e tendência natural do espírito para alguma coisa. Há pessoas que têm *inclinação* para o bem, como as há que têm *inclinação* para o mal. Se a razão não pode dominar, geralmente, a *paixão*, nem o *amor*, pode facilmente triunfar da *inclinação*, pois aquele que se sente levado por ela para o jogo, por exemplo, ou para qualquer vício, foge desse mal sem grande esforço. Vemos assim que esta palavra é menos expressiva que qualquer das três precedentes. Se a *inclinação*, porém, não for combatida, degenerará facilmente em *paixão*, ou em *amor*. Num sentido mais restrito, a *inclinação* é a disposição e tendência natural do espírito para amar alguém em razão do que nessa pessoa nos agrada; esta disposição, fortalecendo-se, pode tornar-se *amor*, ou *amizade*; mas em si, propriamente, não é mais do que o embrião desses sentimentos. – A **amizade** – diz d. José de Lacerda – é "o apego particular de uma a outra pessoa, ou que duas pessoas têm entre si". O abuso que se faz desta palavra não exclui que a **amizade** exista: se ela é vã na boca da quase totalidade dos humanos; se, no sentido que geralmente se lhe atribui, só quer dizer que as relações do trato não são desagradáveis entre aqueles que se dizem *amigos* – a *amizade* verdadeira tem, não obstante, caracteres especiais pelos quais se pode determinar; tais são: a necessidade de expansão e de confiança recíprocas, o apreço do caráter, da índole e do espírito do amigo, e o desejo de ser-lhe agradável e útil até a preço do próprio sacrifício. Não se pode dizer que há *amizade* sem que o tempo e as vicissitudes da vida a tenham cimentado e posto à prova. – A **ternura** não é sentimento: é a manifestação de um sentimento, seja *amor*, seja *amizade*. A *ternura* paternal, por exemplo, não é um sentimento distinto do *amor* paternal: é a sua manifestação, é esse próprio *amor*, que se revela em tudo o que ao filho diz respeito. – O **apego** é um sentimento que pode ter maior ou menor intensidade, mas ao qual o coração fica alheio. O hábito, a reflexão, a recordação originam o *apego*; também o origina a *inclinação* quando é fomentada. Tem-se *apego* a um objeto, a um partido, a um hábito, a uma pessoa, a um animal; assim como o animal tem *apego* ao homem. – **Dedicação** é o desprendimento de si próprio em favor de outrem, ou de alguma ideia; não é o sentimento, mas o efeito de uma firme resolução, de um como voto feito, e pelo qual nos consideramos ligados. Um criado é *dedicado* a seu amo; um homem é *dedicado* ao seu partido; a *dedicação* leva às vezes ao sacrifício.

178

AFETAÇÃO, **fingimento**, **disfarce**, **simulação**, **dissimulação**, **contrafação**, **aparência**, **fantasia**; **afetar**, **fingir** (**fazer de**, **representar de**), **disfarçar**, **simular**, **dissimular**, **contrafazer**, **aparentar**, **fantasiar**; **afetado**, **fingido**, **disfarçado**, **simulado**, **dissimulado**, **contrafeito**, **aparente**, **fantasiado**. – **Afetação** é "o modo contrafeito de mostrar sentimentos, aptidões, intuitos, etc., que realmente não se têm". O indivíduo **afetado** é o que anda, fala, traja e se apresenta fora do natural. Quem **afeta** alguma coisa inculca sentir o que de fato não sente. Usa-se também este verbo como pronominal: o indivíduo que *se afeta* no dizer é o que procura apurar tanto a elocução que se torna ridículo. – **Fingido** é aquele que faz por parecer o que não é: é mais hábil, astuto, que o *afetado*; pois, enquanto este exagera porque aspira passar por mais do que realmente é, o sujeito que *se finge* quer ser diferente daquilo que é; encobre com artifícios (**fingimentos**) o que sente, e procura, portanto, iludir os

outros. Usa-se o verbo **fingir** como transitivo e como pronominal. – Os verbos **fazer** e **representar** em certas formas valem por **fingir**; como, por exemplo, nestas frases: "O pobre homem está *fazendo de* Judas"; "ele *se faz de* tolo" (o homem está *fingindo* ou *representando* de Judas; ele *finge* ou *finge-se* de tolo, ou *representa* de tolo). – **Disfarçar** é tomar aspeto, ou aparências, que aos olhos de outrem encubram a verdade que não se deseja, reconhecida. **Disfarce** é muito semelhante a **dissimulação**; como **simular** é próximo de **fingir**. O sujeito que **se disfarça**, ou que **disfarça** suas intenções, reveste-se de artifícios (*disfarces*) que o desfigurem; ou procura, no que diz, nos gestos, nas atitudes, ocultar o que pensa ou quer. O sujeito que **dissimula** faz por parecer estranho ao que se passa em volta de si. O **dissimulado** mostra-se alheio exatamente àquilo que de fato lhe interessa. A **dissimulação** pode não ser um defeito: o **disfarce** nem sempre. Um homem prudente pode, muitas vezes, *dissimular*, por discrição. O homem que *disfarça* procura sempre arredar do pensamento dos outros a noção exata do que lhe convém: o que *dissimula* cala mais o que sabe ou o que sente do que *disfarça* o que deseja, quer ou pensa. Parece, portanto, que o *disfarçado* tem intuito de enganar; e que nem sempre se poderá dizer o mesmo do *dissimulado*. – **Simular** e **fingir** têm de comum a significação de "ocultar, por um falso exterior, a verdade, inculcando outra coisa que por ela se quer fazer passar". Mas quem *simula* faz que uma coisa pareça em vez de outra; que uma coisa seja semelhante a outra (as palavras latinas *simulare* e *similis* deram-nos **simular**, **assimilar** e **assemelhar**, etc.), ou que tenha aparências de outra pela qual se quer que essa coisa passe. "F. *simulou* um ataque pela retaguarda"... "Ela está *fingindo* que não nos vê"... – **Contrafação** é, aqui, "o ato de fazer alguma coisa de modo contrário ao que é legítimo, ou ao que se devia esperar". Quem se **contrafaz** obra, portanto, como não obraria se fosse sincero, se não se mostrasse **contrafeito**, isto é, "contrário ao que é natural que se esperasse dele". – **Aparentar** é "mostrar **aparências** de que uma coisa é assim mesmo como se faz crer, ou de que é tal como parece" (**aparente**). – **Fantasiar** é "iludir pelo aspeto; é fazer crer pela aparência simulada". O que se *fantasia* impõe-se pelo efeito produzido sobre a imaginação dos outros; e "nada mais falso do que a **fantasia** de que se valem os espertos contra a ingenuidade dos tolos ou das crianças".

179

AFETIVO, **afetuoso**. – Ainda que os dicionários deem como significando a mesma coisa e tendo o mesmo valor, convém distinguir estes dois adjetivos. Pelo menos diferençam-se eles em poder **afetivo** aplicar-se tanto a pessoas como a fenômenos morais; e **afetuoso** só a pessoas. Dizemos – "criaturas *afetivas*", ou – "criaturas *afetuosas*"; não dizemos, no entanto, "qualidades *afetuosas*", "demonstrações *afetuosas*"; mas – "demonstrações, qualidades *afetivas*". **Afetivo** significa, portanto, "de afeto, próprio de afeto, que tem relação com *afeto*"; e **afetuoso** = "cheio de afeto, benigno, afável".

180

AFETOS, **paixões**. – Segundo S. Luiz, "o bem, ou o mal; isto é, o prazer, ou a dor, sentido, ou apreendido nos objetos pela nossa alma, excita nela comoções, ou movimentos – de *atração* para aqueles que se lhe representam como bons, ou – de *aversão* para aqueles que se lhe representam como maus: e estas comoções comunicam-se ao corpo, e produzem nele efeitos proporcionados, que se manifestam nos olhos, na cor do rosto, no movimento do sangue, e às vezes em toda a pessoa do homem. Quando

estas comoções, consideradas em si e nos seus efeitos, são brandas, doces, temperadas, chamam-se simplesmente **afetos**. Quando fortes, violentas, impetuosas, chamam-se mais propriamente **paixões**... A amizade, a compaixão, o amor filial, o reconhecimento são *afetos.* O amor sensual, a ambição, a cólera, a vingança são paixões..." As **paixões**, como diz Roq., "são **afetos** levados ao último grau e assenhoreando-se da vontade. Os simples *afetos* são comoções brandas e suaves que se podem ajustar com a razão; não assim as **paixões**, que violentas e impetuosas fazem muitas vezes emudecer a razão, e arrastam o homem ao quebrantamento da lei e do dever. – Na linguagem da retórica, **afetos** e **paixões** são uma mesma coisa".

181

AFETUOSO, **apaixonado**. – Escrevendo depois de S. Luiz, começa Alves Passos observando que se sabe "o sentido em que estes dois vocábulos são sinônimos"... e que, para verificar-lhes a significação precisa, pode o leitor consultar o artigo – **Paixões, afetos** – que citamos acima, no precedente parágrafo. "Nos *Sermões* de Fr. Antonio de Sant'Anna, lemos, no parecer que sobre o mérito deles deu Fr. José de Jesus Maria, a seguinte passagem: ... "antes sem temor de que a minha aprovação possa, por **afetuosa**, padecer a nota de *apaixonada,* digo que neste Sermonário se admira um livro que tem mais frutos que folhas..." Daqui nos veio a ideia do presente artigo. O autor da passagem citada amava o escritor dos *Sermões,* e sua alma inclinava-se *suave* e *gostosamente* para as doutrinas expendidas neles; mas apesar disso, o seu voto era imparcial – a amizade ao orador não o *arrastava* ao elogio dos seus sermões: eis aqui, a nosso ver, estabelecida a sinonímia e a diferença dos dois vocábulos – **afetuoso** e **apaixonado** – e também desenvolvido o pensamento de Fr. José de Jesus Maria. **Afetuoso** é o *plenus amoris* dos latinos. "Assim por conseguinte cada um dos afetuosos suspiros tiram alguma coisa da ferrugem do pecado". Fr. Br. de Barr. **Apaixonado** é o que obra como involuntariamente, e arrebatado pela paixão. "Aqueles a quem Deus cometeu o juízo, e os fez julgadores, devem com madura consideração examinar as causas dos acusados e a intenção dos acusadores, e não se devem render a clamores dos que *apaixonadamente* insistem em perseguir a inocência". P. L. Brandão. "Eram caluniadores e *apaixonados,* e apostados a rasgar cortesia". Souza. O *afetuoso* inclina-se para um objeto: o *apaixonado* é arrastado por ele. O parecer *afetuoso* é cheio de carinhos, suave, e favorável: o parecer *apaixonado* não é imparcial. "Ao coração *apaixonado* nada se deve crer". Eufros.

182

AFERVENTAR, **ferver**, **cozer**, **aquentar**, **aquecer**, **requentar**. – **Ferver** é "submeter um líquido a estado de ebulição por certo tempo". – **Aferventar** é "submeter um líquido a um grau de calor em que ele comece a ferver; é ferver mal e mal". – **Cozer** (do latim *coquere*) é "preparar ao fogo; isto é, submeter alguma coisa sólida, no meio de um líquido, a um certo grau de calor, até que pela fervura do líquido chegue essa coisa ao estado que convém". *Ferve-se* a água; *aferventa-se* a sopa ou o café; *coze-se* o feijão ou a carne. – Há entre **aquentar** e **aquecer** uma diferença análoga à que se nota entre **ferver** e **aferventar**. **Aquentar** (radical **quente**, do latim *calens,* de *calere* "estar quente") designa a ação de "tornar quente"; **aquecer** (do latim *calescere,* incoativo de *calere*) significa "fazer meio quente, dar a alguma coisa começo de quentura". – **Requentar** é "tornar a fazer quente, aquentar pela segunda vez".

183

AFINIDADE, **relação**, **analogia**, **conexão**, **parentesco**, **semelhança**, **similaridade**. – **Afinidade** (*affinitas*, de *affinis* = *ad* + *finis*) sugere ideia de junção, contiguidade, vizinhança: é a "relação de proximidade, de propriedade ou conveniência entre duas coisas, a semelhança de natureza, a conexão ou conformidade existente entre as coisas sob um certo ponto de vista". – **Relação**, aqui, "é o grau de afinidade, a forma, a natureza das propriedades ou do modo de ser entre duas ou mais coisas ou fenômenos". "Isto não tem *relação* com aquilo" – quer dizer: não há entre isto e aquilo coisa alguma que os aproxime, que os ponha num certo grau de conveniência, ou que seja comum aos dois. – **Analogia** é o ponto, o aspeto, ou "o modo de ser semelhante entre duas ou mais coisas diferentes". – **Conexão** é, entre duas ou mais coisas, "algum lado ou aspeto pelo qual se liguem ou associem". – **Parentesco**, propriamente, é a relação de sangue ou de aliança doméstica entre pessoas; e no sentido lato, é "a relação de proximidade, semelhança, ou analogia entre pessoas, fenômenos ou coisas". – **Semelhança** é "a qualidade de ser uma coisa parecida, conforme, quase igual a outra, muito aproximada de outra pela espécie, pela forma, pelo modo de ser". – **Similaridade** diz propriamente "igualdade de natureza, semelhança essencial".

184

AFINIDADE, **aderência**, **coerência**, **inerência**, **adesão**, **coesão**; **atração**, **gravidade**, **gravitação**. – "A **aderência**, escrevem Bourg. e Berg., é o estado de duas coisas que se prendem uma a outra e que são mais ou menos difíceis de separar. – A **coerência** é o estado das partes unidas entre si para formar um todo. – A **inerência** é a relação que une a qualidade à substância. – A **adesão** é a força que produz a **aderência**. – A **coesão** é a força que produz a **coerência**, a força que une entre si as partes constitutivas de um corpo. Quando o corpo é formado de substâncias de natureza diferente (isto é, quando se trata de um corpo composto) dão os químicos mais particularmente o nome de **afinidade** à força que une as partes constitutivas do corpo, reservando o nome de **coesão** para designar a força que liga as partes que formam uma substância única ou homogênea (de um corpo simples)"... – "Há" – diz fr. S. Luiz – "uma força universal na natureza que solicita todas as moléculas da matéria e todos os agregados dela, a aproximarem-se uns dos outros debaixo de certas leis. Chama-se esta força **atração**. Quando consideramos a **atração** solicitando os corpos terrestres, e cada uma das suas partículas, a aproximarem-se do centro da Terra, chamamos-lhe mais ordinariamente **gravidade**: e o mesmo nome damos a essa força considerada nos corpos de que se compõe cada astro, a respeito desse astro. A mesma **atração** considerada nos grandes corpos, ou astros, de que se compõe o sistema do mundo, e solicitando-os uns para os outros, e todos para um centro comum, toma o nome de **gravitação**". – Quanto a **atração**, **gravitação**, **adesão**, ou **coesão**, **afinidade**, escreve também Roq.: "Palavras científicas com que se exprimem as diferentes maneiras por que se manifesta essa força invisível que há na natureza, chamada **atração**; e a relação que os corpos ou suas partes têm entre si. Quando ela exprime a tendência que têm os graves para seus respetivos centros de gravidade, chama-se **gravitação**: tal é a dos planetas para o centro de suas órbitas – o qual, por isso, também se chama *atração* planetária. A **atração** que se dá quando os corpos se tocam, e que só tende a mantê-los adunados, denomina-se **adesão** ou **coesão**. A que se exercita sobre as últimas moléculas dos corpos recebe o nome de **afinidade**, **atração química**, ou também **atração** de composição".

185

AFINIDADE, agnação, cognação, consanguinidade; afim, ágnato, cognato. – Afinidade é "o parentesco resultante de uniões conjugais entre membros de famílias diferentes". É diverso da **consanguinidade**, que significa "parentesco pelo sangue; isto é, parentesco existente entre pessoas do mesmo casal". – **Agnação** e **cognação** marcam parentescos também "opostos": o primeiro, "o parentesco pelo lado masculino, por parte do varão"; o segundo, "o parentesco pelo lado da mulher." Na jurisprudência antiga, segundo Aul., **cognação** era "o laço de parentesco natural sem direitos civis". – *Cognatos* são os filhos da mesma mãe e de pais diferentes; *agnatos*, os filhos do mesmo pai e de mães diferentes. *Afins* são, por exemplo, os concunhados, ou mesmo os cunhados, se não pertenciam pelo sangue à mesma família. *Consanguíneos* são os irmãos, quer cognatos, quer agnatos.

186

AFIRMAR, dizer, confirmar, ratificar, corroborar, comprovar, demonstrar, assegurar, asseverar, garantir, atestar, certificar. – Afirmar é "**dizer** formalmente aquilo de que se está convencido". **Confirmar** é "afirmar uma segunda vez e dar testemunho solene do que se viu, do que se sabe". "*Afirmei* ontem que o rei fora deposto: *confirmo* hoje este despacho". – **Ratificar** é "repetir categoricamente o que se afirmou, declarar definitivamente aquilo que se tinha dito". – **Corroborar** é "dar força ao que se disse, aumentar o valor da afirmação que se fez, não dando mais energia ao modo de afirmar, como trazendo em favor da afirmação testemunhos ou documentos valiosos". – **Comprovar** é "fazer prova mais forte de alguma coisa que se afirmou". – **Demonstrar** é "pôr em clareza e evidência aquilo que se disse, argumentando, explicando, deduzindo, etc." – **Assegurar** é "afirmar com segurança, isto é, convictamente, com serenidade de quem não receia desmentido". – **Garantir** é empregado frequentemente por **assegurar**, e vice-versa. Mas aquele que *garante* (na acepção que tem aqui este verbo) *assegura* a veracidade, dá fiança, dá certeza daquilo que disse ele próprio, ou que outro disse, fez, pensa, etc. "*Asseguro-lhe*, ou *garanto-lhe* o que digo; *garanto-lhe* que é exato o que ele disse". – **Atestar** é propriamente "dar testemunho de que uma coisa é como se diz". – **Certificar** é próximo de **atestar**: significa "dar por certo aquilo que se sabe, convencer da certeza de que uma coisa é como se afirma".

187

AFIXAR, colar, pregar, segurar, grudar, fixar, aplicar, apor, sobrepor, pegar, chumbar, soldar, ligar, atar, prender. – Afixar é propriamente "fazer fixo"; ligar uma coisa a outra, de qualquer modo. – **Colar** é "afixar por meio de cola". – **Pregar** é "prender por meio de prego"; mas num sentido geral é "prender fortemente". – **Segurar** é "fazer firme, estável, *seguro*." – **Grudar** é "prender com grude", ou fazer aderir, como se fosse colada, uma coisa a outra. – **Fixar** e **afixar** só se distinguem pelo que o prefixo *ad* acrescenta ao segundo. Duas coisas *fixam-se* (e não – *afixam-se*). Só se *afixa* uma coisa *a* outra coisa. – **Aplicar**, aqui, é "fazer alguma coisa pegar *a* outra, aderir *a* outra". – **Apor** e **sobrepor** também se distinguem pelos respetivos prefixos: – **apor** é "juntar uma coisa a outra, ou pôr uma coisa em cima de outra"; – **sobrepor** é "pôr alguma coisa *sobre*, ou superior, ou por cima de outra". – **Pegar** (do latim *picare*, de *pix* "pez") é, aqui, o mesmo que **grudar** e **colar**: é "aplicar, fazer aderir por meio de alguma substância glutinosa". – **Chumbar** e **soldar**, aqui, só têm sentido figurado; e diferençam-se

claramente pelos respetivos radicais, indicando ambos a ação de prender uma coisa a outra: – **chumbar**, "prender como se ficasse seguro por chumbo, ou mesmo pelo peso do chumbo"; – **soldar**, "unir, prender como por meio de solda". – **Ligar** = juntar e prender com liga ou ligadura, laço, fita, corda, etc.". – **Atar** = "prender por meio de atadura, de fios, laços, etc.". – **Prender** = "Fazer sujeito, reter, segurar, de qualquer modo".

188

AFLIÇÃO, **pesar**, **desgosto**, **mágoa**, **tristeza**, **pesadume** (**pesadumbre**, **espanhol**), **pesadelo**, **inquietação**, **agonia**, **consternação**, **opressão**, **angústia**, **amargura**, **ansiedade**, **transe**, **tormento**, **suplício**, **tortura**, **dor**, **sofrimento**, **padecimento**, **pena**, **tribulação**, **trabalhos**, **incômodos**; **aflito**, **pesaroso**, **desgostoso**, **magoado**, **triste**, **inquieto**, **agoniado**, **consternado**, **angustiado**, **amargurado**, **ansioso** (**ansiado**), **supliciado**, **atormentado**, **torturado**, **doloroso**, **dorido**, **dolorido**, **penalizado**, **atribulado**, **incomodado**. – **Aflição** (de *afligere* (*ad* + *fligere*) "deitar por terra" é "grande incômodo moral, angústia que abate o espírito (diz Bruns.), que perturba a razão, e leva o **aflito** a obrar sem tino"... – **Pesar** é a "dor moral, o sentimento de tristeza (condolência) que nos causa uma notícia, um sucesso que não se esperava". Também ficamos **pesarosos** (cheios de **pesar**) de não ter podido evitar um mal ou de não haver involuntariamente cumprido um dever. – **Desgosto** é o "mau grado que nos causa algum sucesso, ou, em geral, coisa que nos fere o coração". **Desgostoso** é, no entanto, menos que **pesaroso**, pois indica apenas a falta de prazer, de boa vontade com que se faz, se recebe, se vê, etc. alguma coisa. – **Mágoa** é quase como **desgosto**; mas designa um desgosto ou pesar menos fundo, porém mais fino e talvez mais sincero. A criatura *magoada*, não só não sente prazer, mas está como revelando no semblante a tristeza, o desgosto, a saudade que sente. – **Tristeza** é o "estado de compunção em que se fica, muitas vezes por algum motivo que não é grande, ou mesmo sem motivo real e preciso". Uma pessoa **triste** dá indício de que tem na alma preocupações que lhe toldam vida, ou que lhe alteram o humor normal. – **Pesadume** (ou **pesadumbre**, do espanhol) = "tristeza lamentosa, ligeira amargura". "Nada viu que lhe aliviasse a saudade e *pesadume*". (Fil. Elys., cit. Aul.). – **Inquietação** é menos que **aflição**: designa o "estado de espírito em que o medo, ou a desconfiança, ou a dúvida, etc., nos põe, tirando-nos a calma e o sossego. A pessoa **inquieta** sente-se preocupada com alguma coisa que lhe desagrada, e mostra-se um tanto ansiosa dessa preocupação. – **Agonia** (do grego *agon* "combate") é propriamente a luta que o moribundo trava com a morte na hora extrema; e por extensão, é "toda ânsia que se pareça com essa aflição de morrer". – **Agoniado** está quem sente ou parece sentir essa aflição de hora da morte. – **Consternação** é "a grande tristeza e desalento produzidos por alguma espantosa desgraça". Quem está **consternado** mostra-se abatido de dor e de espanto, profundamente penalizado e inconsolável, ou pelo mal que aconteceu, ou pelo que receia venha a dar-se. – **Opressão** e **angústia** podem confundir-se; mas o segundo é mais forte. **Opressão** é, como definem os léxicos, a sensação desagradável que se experimenta respirando mal, ou por falta de ar, ou ar viciado, ou devido à moléstia que afete a função respiratória. **Angústia** é uma opressão tão forte e dolorosa, como se a pessoa **angustiada** tivesse impedida a respiração, numa aflição e ansiedade de quem se sentisse estrangular. – **Amargura** é dor mo-

ral acerbíssima, que aflige e angustia abalando e pungindo os mais nobres e santos afetos da pessoa **amargurada**. – **Ansiedade**, aqui, é o estado de quase opressão, de sofreguidão, de desejo inquieto e aflitivo em que fica a pessoa **ansiosa**, quer pelo receio de alguma desgraça, quer pela impaciência com que espera o que deseja. Entre **ansioso** e **ansiado** convém não esquecer que há esta diferença: o primeiro emprega-se no sentido moral: o segundo, no físico. "O doente está *ansiado*". "A menina está *ansiosa* pelo noivo". – **Transe** é como a crise, o momento mais duro dos trabalhos, das amarguras: momento que se deseja "passe logo" (de *transeo... ire*). – **Tormento** é a "dor e a inquietação ansiosa, causadas por sofrimento físico ou moral". As dores do **atormentado** são dores que afligem e mortificam. – **Suplício** (do latim *supplicium*, no qual figura a raiz grega *plek*, sugestiva de "enleiar, transar") era o tormento a que se submetia a vítima nos holocaustos, ou o incumbido de pedir aos deuses nas preces públicas. Hoje, é o sofrimento do que vai ser justiçado; e por extensão empregamos esta palavra **suplício** para designar padecimentos que se podem comparar aos de um condenado à morte. – **Tortura** (de *torquere* "dobrar, torcer, contrair") significa "os tormentos a que se sujeitava o acusado quando não queria revelar alguma coisa que interessava à justiça". Em sentido lato, **torturado** se sente aquele a quem se infligem duros constrangimentos, ou provações comparáveis à tortura. – **Dor** é "toda sensação que nos molesta, causada por alguma alteração traumática dos tecidos, ou por alguma pancada violenta; ou então devida a alguma anormalidade de funções de qualquer dos órgãos. **Dor** moral é a "comoção amarga, o sentimento de funda tristeza que nos vence a alma no meio dos contrastes da vida, ou causada pela consciência de algum mal que se fez, de algum bem que se perdeu, de alguma esperança que se extinguiu". "Oh vós que passais pelo caminho – clamava o patriarca bíblico – atendei, e vede se há *dor* igual à minha dor!"... Os três adjetivos **dolorido**, **dorido** e **doloroso** confundem-se, e não seria fácil assinalar-lhes clara diferença. Quando muito, pode notar-se que **doloroso** quase que se emprega de preferência no sentido moral. (Não costumamos dizer, por exemplo: "tenho as mãos, a cabeça, ou os pés *dolorosos*, mas *doloridos*). – **Dolorido** emprega-se num e noutro sentido. (Almas *doloridas*, vozes *doloridas*; partes do corpo *doloridas*, juntas *doloridas*.) – **Dorido** diz mais "triste, magoado, sensibilizado". (*Doridos* cantos; súplicas, preces, orações *doridas*). – **Sofrimento** é o mais genérico deste grupo, e exprime "todo gênero de provações, quer morais, quer físicas, ligeiras e vagas, ou longas e intensas". – **Padecimento** é empregado na mesma acepção; deve notar-se, no entanto, o seguinte: quem *padece* sofre os males com certa resignação, e talvez até com uma quase ufania de os padecer. Longe, pois, de significar, como querem alguns autores, apenas o sofrimento físico – o **padecimento** é uma forma estoica de sofrer as coisas que nos amarguram, os males, as dores, tanto morais como físicas, mas principalmente morais. É assim que na oração simbólica (o *Credo*) se diz que "... Jesus *padeceu* sob Pôncio Pilatos"... (e não – *sofreu*...). – **Pena** é "o sentimento de desgosto, de dó, que nos causa a desgraça, o sofrimento alheio". É mais propriamente a manifestação da dor que a mesma dor; pois o **penalizado** mostra que avalia a dor do seu semelhante. – **Tribulação** é "trabalho aflitivo, tormento como castigo; flagelo, tortura". O **atribulado** sente-se como que perseguido de aflições. – **Trabalhos** toma-se aqui como significando "as contrariedades, as lidas e penas que se sofrem na vida,

ou que se experimentam nalguma empresa". – **Incômodo** (ou **incômodos**) é "a sensação de fadiga, de pesar, de cuidado ou de dor, com que a pessoa **incomodada** se sente inquieta, ou indisposta, triste e abatida".

189

AFLUÊNCIA, concurso, concorrência, multidão, turba, ajuntamento, reunião, assembleia, aglomeração, agrupamento, turbamulta, tropel. – Segundo Bruns., "conjunto de muitas pessoas" é a ideia geral que encerram os seis primeiros vocábulos do grupo, de que trata o referido autor: e o mesmo se diz dos demais, de que nós trataremos. – **Afluência** – escreve ele – "considera as pessoas dirigindo-se para um ponto, seguindo todas a mesma direção: é o que se depreende da etimologia da palavra (em latim *fluere*, significando "correr para um sítio). Na linguagem corrente, porém, **afluência** não se limita a designar a muita gente que se dirige a um ponto seguindo a mesma via, senão toda a que vai convergindo para o mesmo sítio por diversas vias. Empregar este vocábulo para designar a gente já reunida no ponto a que já convergiu, é erro. – **Concurso** representa a mesma ideia que **afluência**; mas entre os dois vocábulos há uma diferença essencial: **afluência** considera o movimento como contínuo e regular; isto é, as pessoas ou os grupos seguindo-se uns aos outros sem interrupção; enquanto que **concurso** indica o movimento simultâneo de muitas pessoas que convergem por diferentes vias a um ponto dado; mas neste movimento nada revela a ideia de continuidade. – **Concorrência** diz-se das pessoas com relação a um ponto dado, quer se considerem em movimento, quer paradas. Assim, nos dias de parada, há grande *afluência* ao local onde ela se efetua. Cintra atrai no verão um grande *concurso* de gente. A hora em que há maior *concorrência* nas ruas da Baixa é à saída das repartições; no inverno é enorme a *concorrência* aos teatros. As outras três palavras que se seguem representam afluência de pessoas reunidas num ponto determinado sem ideia de estarem em movimento. – **Multidão** é uma grande reunião de gente sem nenhuma ideia acessória. – **Turba** é a multidão indisciplinada e turbulenta, que obra em confusão, e traz consigo a desordem. – **Ajuntamento** designa a reunião de pessoas que pararam num ponto para um fim determinado". – **Reunião** é, aqui, o grupo de pessoas que se juntaram para algum fim: é muito próximo de **ajuntamento** e de **assembleia**; devendo notar-se, no entanto, que este último é particularmente empregado para designar uma reunião mais importante e solene, como, por exemplo, são as de corporações políticas; que **ajuntamento** é quase sempre tomado à má parte; isto é, indica que a reunião pode não ser legítima, ou não ter funções ou fins legítimos. – **Aglomeração** (cujo radical *glomus* significa "novelo, rolo") diz "ajuntamento feito como que em atropelo; multidão, chusma, turba que se forma desordenadamente, como em turbilhões". – Aproxima-se de **tropel** e de **turbamulta**. Este é uma formação pleonástica de duas palavras do mesmo valor, e é como se dissesse *turba-multidão*; e vale por grande ajuntamento desgovernado, anárquico, tumultuoso. O mesmo diz **tropel**; mas este acrescenta à *multidão*, à *turba* e à *turbamulta* – a ideia necessária de movimento, e comumente de assanho, de alarde hostil. "O vasto *tropel* de beduínos fazia estremecer a planura"... – **Agrupamento** é reunião por grupos, formando conjunto que facilmente se destaca. Tem formação análoga à de **aglomeração** (o italiano *gróppo*, ou *gruppo* significa, entre outras coisas, "núcleo revolto, turbilhão"; como em "gróppo di vento").

190

AFORA, **exceto**. – É ainda de Bruns: **Exceto** e **afora** empregam-se indistintamente; não obstante, *exceto* se diz melhor do que se exclui; e *afora*, do que não se inclui. Nos dois exemplos seguintes nota-se essa particularidade: "*Afora* o mais novo, todos os irmãos são uns vadios". "Todos os irmãos são vadios, *exceto* o João que é trabalhador".

191

AFIADO, **amolado**, **aguçado**, **agudo**; **cortante**, **talhante**, **incisivo**. – Um instrumento *afiado* tem o *fio* muito fino, tornando-se por isso muito *cortante*. Nem a todo gênero de instrumentos se aplica, no entanto, este adjetivo *afiado*. Diremos – um bisturi, um canivete, uma navalha *afiada*; mas decerto que não diremos – uma foice *afiada*. – **Amolado** se diz do instrumento que se aguçou a rebolo (*mola* "mó", "pedra de *amolar*"). – **Aguçado** significa – "de gume ou de ponta muito fina ou adelgaçada. O verbo *aguçar* (do latim *acutare*) significa mesmo "fazer agudo". – **Agudo** diz – "muito vivo, fino, penetrante; pode ser o gume de uma faca, a ponta de um punção, ou um espinho". – **Cortante** e **talhante** exprimem a qualidade, a propriedade do instrumento que foi afiado. – **Cortante** diz apenas – "que corta"; e **talhante** sugere a ideia de separar de todo (*talhar*) a coisa que se corta". – **Incisivo** – "próprio para cortar, que corta" – define Aul. Em sentido translato – "que opera, atua com força e decisão, como coisa que corta".

192

AFOITO, **desafrontado**, **temerário**, **confiado**, **arrojado**, **atrevido**, **inconsiderado**, **arriscado**, **imponderado**, **decidido**, **determinado**, **ousado**, **audaz**, **audacioso**, **destemido**, **intemente**, **impávido**, **corajoso**, **animoso**, **valoroso**, **valente**, **impertérrito**, **intrépido**, **heroico**, **resoluto**, **bravo**, **arrebatado**, **impetuoso**, **denodado**, **ardido**, **veemente**, **precipitado**, **violento**, **intrêmulo**, **imperturbável**, **impassível**; **afoiteza**, **temeridade**, **confiança**, **arrojo**, **atrevimento**, **inconsideração**, **decisão**, **resolução**, **determinação**, **ousadia**, **audácia**, **destemor**, **impavidez**, **coragem**, **ânimo**, **valor**, **valentia**, **intrepidez**, **heroísmo**, **heroicidade**, **bravura**, **arrebatamento**, **ímpeto**, **impetuosidade**, **denodo**, **ardimento**, **veemência**, **precipitação**, **violência**, **imperturbabilidade**, **impassibilidade**. – Todas estas palavras designam qualidades ou estados de alma que se revelam ante os grandes perigos, nos campos de batalha, ou à vista de embaraços ou obstáculos opostos ao que intentamos. – O homem *afoito*, ou não o conhece, ou *faz* uma ideia muito imperfeita do perigo. Na **afoiteza**, há sempre, ou ignorância ou falta de prudência. – O **desafrontado** mostra que se não deixa impressionar ante um obstáculo ou perigo: antes fica altivo, desafogado, erecto à vista dele. – **Temerário** já é mais próximo de afoito; mas na **temeridade** (que é às vezes uma como exageração do heroísmo) sempre há mais alguma consciência do perigo do que na **afoiteza**. O *temerário* leva a sua audácia e resolução até uma quase loucura. – **Confiado** é aquele que mostra em si mesmo uma demasiada **confiança**; quer dizer – um ânimo seguro, uma fé perfeita no próprio valor. – **Arrojado** é o que, não só afronta, mas investe o embaraço, ou que se lança a encontro do perigo. **Arrojo** é mais que **denodo**, que **intrepidez** e que **bravura**: o capitão *arrojado* não mede bem as consequências da investida, não toma com calma as proporções do perigo: arremessa-se à luta com o *desassombro* e *afoiteza* de quem não sabe poupar a vida. – **Desassombrado** é semelhante a **desafrontado**: significa – "que não se assusta, que se mostra impávido e sereno, sem preocupações que o levem a vacilar". –

Atrevido sugere a ideia de que o arrojado é inferior em forças àquele contra o qual investe, e que para investi-lo tem de juntar ao *arrojo* a *afoiteza*. Quer isto dizer que **atrevimento** é a decisão pouco refletida, leviana e confiante, com que alguém se arrisca a um perigo. – **Inconsiderado** significa o mesmo quase que *afoito*, denotando apenas a **inconsideração** mais leviandade que propriamente coragem. O general *inconsiderado* meterá o seu exército em risco de desastres, sem probabilidades de vencer: o *afoito* ainda pode, com um golpe de audácia, salvar-se pela vitória. – **Arriscado** quer dizer – "que se expõe a perigos mais do que se permitiria a uma coragem regulada pela prudência". – **Imponderado** é convizinho dos dois precedentes; notando-se que **imponderado** e **inconsiderado** não envolvem necessariamente a ideia de coragem afoita que se encontra em **arriscado**. – **Decidido** é "que não vacila ante obstáculos ou perigos". A **decisão** (*decisio*, de *decidere* [= *de* + *cædo... ere*] "cortar") revela-se no ânimo seguro e pronto com que alguém se dirige em dada conjuntura. (**Resoluto** parece dizer alguma coisa mais calmo e ponderado que **decidido**; sendo a **resolução** um ato que resulta de reflexão.) – **Determinado** diz melhor a firmeza com que o resoluto executa o que resolveu. A **determinação** parece, pois, consequência da *resolução* que se tomou. – **Ousado** é menos que **atrevido**; pois a **ousadia** não é mais do que uma coragem que se funda na confiança que o *ousado* logrou de sucessos anteriores. Não seria de estranhar que muito sujeito *ousado* viesse a mostrar-se covarde. – **Audaz** (conquanto oriundo da mesma raiz de que proveio *ousado*) envolve as ideias de intrépido, arrojado, quase temerário. **Audácia** é, pois, "coragem resoluta, desafrontada, que zomba dos perigos, que despreza os tropeços". – **Audacioso** (formação vernácula de *audácia*) não diz senão – "que revela alguma audácia (ou uma audácia menos nobre e legítima), que mostra ousadia extrema, talvez mais petulância que audácia, propriamente". – **Destemido**, **intemente**, **impávido** poderiam confundir-se; mas o sujeito *intemente* é o que não teme aquilo que é natural se tema, e parece dar mais prova de irreverência que de **destemor**. Neste exemplo: "F., que teme tanto castigos do Céu, é tão desgraçado: vejo, no entanto, criaturas *intementes*, e até ímpias, que vivem sempre felizes" – parece que fica muito clara a significação do vocábulo **intemente** (apenas – "não temente"). **Destemido** é "o que nada teme, que é corajoso e intrépido"; sendo o **destemor** uma das grandes qualidades do herói. **Impávido** é "o que se não amedronta; que se mostra calmo e tranquilo ante o que pode sobrevir; que não se abala de pavor". **Impavidez** é a "serenidade com que se encara, sem temer, sem comover-se, sem agitar-se, algum perigo". – **Coragem** (do baixo latim *coragium* "força do coração) designa propriamente a energia moral, a constância, a firmeza com que se afrontam os perigos e se trata de os vencer. O homem fisicamente fraco e até enfermo pode bem ser **corajoso**, isto é, pode conservar espírito forte, valor moral, grandeza de alma no meio dos perigos. – **Ânimo** não tem a força de **coragem**: é mais "a posse de si mesmo, a índole, o temperamento normal que se não perde no meio dos embaraços, do que propriamente valor". O sujeito *animoso* é o que se conserva como é, igual, inquebrantável em situações difíceis. – **Valente** e **valoroso** andam de ordinário confundidos; mas o primeiro se aplica de preferência ao indivíduo que é forte no físico, robusto, alentado e animoso. A **valentia** é qualidade de que se ufanam os campeões. Nem se diz, por isso mesmo, "*valentia* moral". O **valoroso** tem mais de coragem, de alma forte que de força muscular. O **valor** consiste mais na grande-

za de ânimo, no esforço e altivez com que se afronta a desgraça ou o inimigo, do que propriamente no vigor de um físico sadio e robusto. – **Impertérrito** é antônimo de *pertérrito*; e significa, portanto, "que não se assusta diante do inimigo; que é animoso, e conserva a coragem e a calma nos combates". – **Intrépido** é aquele que não vacila na investida; que não volta as costas ao inimigo. A **intrepidez** é a qualidade daqueles que, além de impávidos, têm valor para arrostar o mal, o ataque, a desgraça; para não *trepidar* ante a própria morte. – **Heroico** é o que se mostra digno de triunfar galhardamente pelo valor moral, pela constância, por esforço hercúleo; pois **heroísmo** é tudo isto junto: grandeza de alma, coragem desassombrada, excelência de intuitos, esplendor das ações (sendo **heroicidade** a "qualidade de ser herói"). Não se teria por *heroísmo* a *valentia* de um sujeito que vencesse a um enfermo, ou que matasse uma criança; nem mesmo ao que viesse a triunfar da fé. – **Resoluto** é quase o mesmo que **decidido**: apenas no **resoluto** se supõe uma reflexão mais funda do que no **decidido**; pois, como já se disse, **resolução** é o "intento ou o propósito que se tomou depois de haver muito refletido na coisa que se trata de resolver". – A **bravura** pode-se dizer que é a virtude dos homens de guerra, e só figuradamente se aplicaria à grandeza moral dos que triunfam pela excelência de virtudes mais excelsas: dizemos, assim, que é um **bravo** o homem que num dado momento da vida se portou com a majestade de alma própria dos heróis. – **Arrebatado** é "o que se incende de sentimentos heroicos diante das desgraças, dos perigos, dos escarmentos". O homem que salva de um incêndio uma criança, ou um inválido, dá provas mais que de coragem comum, mas de uma bravura que vai até o delírio, de uma abnegação que excede a tudo que tem de augusto o heroísmo: e é a isto que se deve chamar **arrebatamento** moral. – **Impetuoso** é o que cede a impulsos instantâneos da sua coragem e pratica atos heroicos que parecem mais inconsiderados do que atos voluntários de valor; pois **ímpeto** quer dizer mesmo "decisão súbita e veemente" (e **impetuosidade** é a qualidade de ser *impetuoso*). – **Denodado** significa "desprendido, desafrontado, livre de receios". O **denodo** é a qualidade dos que, ante só perigos, se mostram isentos de preocupações que não sejam as de se mostrarem desembaraçados de tudo para alcançar o que almejam. – **Ardido** é galicismo pouco usado (*hardi*) significando propriamente "atrevido; que se aventura, ou que se abalança a atos de audácia pouco refletidos (**ardimentos**)". – **Veemente** quer dizer "impetuoso e forte, rápido e violento". **Veemência** é "a viva intensidade de uma apóstrofe, de um ato de coragem, de afronta, de censura ou de exprobração". Ninguém diria, por exemplo: – "um pedido", senão – "uma súplica *veemente*". – **Precipitado** confunde-se com *inconsiderado* e *imponderado*; mas a **precipitação** enuncia mais claro um ato fora de toda consciência. Um homem *precipitado* atira-se a um abismo sem o ver, sem pensar nele, sem se aperceber do perigo. **Precipitação** é, pois, alguma coisa mais que *afoiteza*; pois o sujeito *afoito* pode ainda ter ideia do perigo, e apenas não pensar nas exatas proporções dele: o *precipitado* não cogita do perigo. – **Violento** é muito distinto de **precipitado**; o *violento* só não dá ao que vai fazer uma atenção perfeita; sendo a **violência** "uma perpetração, ou um impulso mais devido ao temperamento que à decisão de quem obra". – **Intrêmulo**, **imperturbável**, **impassível** são convizinhos muito íntimos. A própria formação destas palavras está, no entanto, explicando-lhes a diferença. **Intrêmulo** diz – "que não treme diante do perigo"; – **imper-**

turbável –, "que se não perturba, não se altera ante o perigo, ou a afronta, ou o mal que o assalta"; – **impassível**, "que nada sofre; que se mostra indiferente, insensível diante do que vê, ou do que ouve". A **impassibilidade** pode, portanto, ser uma virtude de estoico, ou um vício, ou estado de ânimo, de atonia moral, que deprima.

193

AFRONTA, **agravo**, **ofensa**, **injúria**, **ultraje**, **insulto**, **avania**, **vexame**, **zombaria**, **mofa**, **irrisão**, **chacota**, **sátira**, **apodo**, **gracejo**, **remoque**, **troça**, **chasco**, **escárnio**. – "Entre o **agravo** e a **afronta**" – diz Roq. – "há esta diferença, como já notou d. Quixote: que a **afronta** vem da parte de quem a pode fazer, e faz e sustenta; o **agravo** pode vir de qualquer parte sem que *afronte*. Seja exemplo: Está um homem na rua descuidado; chegam dez indivíduos armados, e dão-lhe pancadas; mete o homem mão à espada, e faz o que lhe cumpre como homem de brio; mas a multidão dos contrários se lhe opõem, e não o deixam levar avante o que intenta, que é vingar-se: este homem fica decerto *agravado*; não, porém, *afrontado*. O mesmo confirmará outro exemplo: Está um homem com as costas voltadas; chega outro por detrás, e dá-lhe duas bengaladas, e foge; segue-o o homem, e não o alcança para castigá-lo. O que levou as pauladas recebeu *agravo*, mas não *afronta*, pois que a **afronta** há de ser sustentada: circunstância que não é necessária para constituir o **agravo**. Se o que deu as pauladas ficara de pé firme fazendo rosto a seu inimigo, ficaria o que levou as pauladas *agravado* e *afrontado* juntamente: *agravado*, porque lhe deram à traição; *afrontado*, porque o agressor lhe fez rosto, sustentou o seu feito sem voltar as costas, e a pé firme. E assim, segundo as leis do maldito duelo, eu posso estar *agravado*, mas não *afrontado*. – O **agravo** atropela nosso direito; a **ofensa** junta ao **agravo** o desprezo ou o insulto. O que tem direito a um acesso, e o não conseguiu, crê-se *agravado*; se a este *agravo* acresceu um desprezo do seu mérito, ou uma declaração de sua insuficiência, crê-se *ofendido*. Para o *agravo* é preciso que haja injustiça; para a *ofensa* basta que haja insulto, ainda que não haja injustiça. Aquele prejudica-nos talvez sem nos afrontar; esta afronta-nos sempre, ou nos humilha. Não *agrava* o que diz de outrem que é torto, quando realmente o é, porque em dizer aquela verdade não se dá a injustiça que exige o *agravo* para o ser; porém *ofende* aquele a quem se diz, porque insulta seu amor-próprio e o humilha. Por isso, dissimula-se o *agravo* mais facilmente que a *ofensa*, não obstante que aquele nos causa um prejuízo efetivo, privando-nos realmente do que nos pertence; esta, a *ofensa*, só nos incomoda com um prejuízo fundado, comumente, na opinião, ou no capricho; porque a *ofensa* nos choca diretamente com o amor-próprio, e este não perdoa com facilidade, nem olha como leves os insultos. De um homem que dança bem, sem ter nisto vaidade, nem pretender elogios, não se pode dizer que dança mal sem fazer-lhe um *agravo*, de que decerto se não dará por *ofendido*; fica, porém, *ofendida* uma mulher a quem se disputa a boa figura, ainda que ela mesma conheça que a não tem; porque aquele, o homem, não vê nisto mais que uma injustiça; porém esta, a mulher, toma-o como desprezo ou insulto, porque nas mulheres pode mais, em regra, a vaidade que a modéstia". – Quanto a **injúria** e **ultraje**, diz Roq. em outro §: **injúria** apresenta a ideia de agravo violento, feito às qualidades pessoais de alguém; – **ultraje** apresenta a ideia de vilipêndio público em detrimento de alguém. Desconfiar da probidade de um homem de bem é uma *injúria*; tratá-lo publicamente de ladrão é um *ultraje*. Tratar de feia a uma mulher formosa é um *agravo* que, quando

muito, não devera passar de *injúria*; poucas haverá, porém, que o não tenham por *ultraje*". – **Insulto** dá ideia de ofensa feita de propósito, com ostentação, violência, escândalo. – **Avanias** são propriamente as "vexações, insultos, e extorsões que os muçulmanos faziam aos cristãos", e passou para a língua significando vexames, por atos ou palavras, que expõem a vítima a irrisão pública. – **Vexame** é "tudo o que constrange, que melindra o pudor". – **Zombaria** é o dito, o gesto, a atitude com que se falta ao devido respeito com alguém, expondo-o a ridículo. – **Mofa** é também o sinal – palavras ou gestos – "com que se mostra desprezo por alguém, com intuito de ofendê-lo". – **Irrisão** é a "zombaria que consiste em rir, escarnecer da vítima". – **Chacota** é "**zombaria** por ditérios ou termos burlescos". – **Sátira**, aqui, é a palavra picante, o ataque, o insulto disfarçado, dirigido a algum defeito ou a alguma falta da pessoa a quem se ofende. – **Apodo** (mais usado no plural) é "o remoque ligeiro, por palavras engraçadas ou escarninhas". – **Gracejo** é de todos os do grupo o menos forte; e tanto que reclama um adjunto quase sempre para que se torne ofensivo: *gracejo* de mau gosto, *gracejo* pesado. Diz neste caso – "ofensa por meio de graçolas, isto é, de ditos pouco delicados, maliciosos, irritantes". – **Remoque** é "dito picante que disfarça uma censura ou repreensão". – **Troça**, aqui, é termo popular significando "a zombaria aparatosa que se faz com alguém, às vezes mais brincando que ofendendo". – **Chasco** é muito semelhante a **remoque**, acrescentando a este a ideia de desprezo. – **Escárnio** (do italiano *schérno*) é mais forte do que muitos deste grupo: ajunta à intenção de ofensa a ideia de nojo e repulsa, e sugere o intento de insultar e expor à vergonha.

194

AFRONTAR, **arrostar**, **encarar**. – Ao modo de entender de Lacerda e de Roquete, preferimos o de Bruns.: "No sentido figurado destes verbos – escreve ele – o menos expressivo é **encarar**. *Encara-se* com terror a morte; *encara-se* a sangue-frio o perigo... **Encarar** necessita, portanto, um complemento que lhe determine a significação. – **Afrontar** e **arrostar**, excluindo a ideia de medo, encerram a de denodo; com esta diferença, porém: que **afrontar** não implica a ideia de luta que existe em **arrostar**. *Afrontar* a morte não é combatê-la: é *encará-la* impávido; pode ser mesmo oferecer-se até certo ponto a ela. Os exploradores do polo *afrontam* a morte por amor à ciência. – **Arrostar** (vocábulo derivado do latim *rostrum* "esporão de navio") é o mais expressivo deste grupo. **Arrostar** peleja frente a frente, intentando obrigar o inimigo a que recue".

195

ÁGAPE, **comezaina**, **patuscada**, **brequefeste**, **bródio**, **pândega**, **rega-bofe**, **janta**, **jantar**, **banquete**. – **Ágape**, como é sabido, era a refeição com ares de cerimônia cultual, que os primitivos cristãos faziam em comum e às ocultas; e que depois foi proibida pela Igreja porque quase sempre degenerava em orgia. A palavra com que se designou aquilo, porém, ficou (do grego *ágape* "amor, torpeza") significando hoje "grande e farta refeição alegre, festiva". – **Comezaina** é ágape menos nobre, onde há mais fartura de comidas que delícias. – **Patuscada** é comezaina que desanda para a troça. – **Brequefeste** (do inglês *breakfast* "almoço, alimento") é "refeição abundante e alegre". – **Bródio** é quase o mesmo que **patuscada**; apenas o **bródio** é menos charro; e, conquanto animado, é mais modesto. – **Rega-bofe** é grande folia de comes e bebes. – **Pândega** é "rega-bofe estrondoso, patuscada de vagabundos." –

Jantar é uma das duas refeições normais feitas diariamente; e **janta** é o "jantar mais simples, feito em família". – **Banquete** é "jantar solene, dado em honra de alguém, ou por algum motivo excepcional".

196

AGONIZAR, **estertorar**. – **Agonizar** é hoje usado só como intransitivo, para exprimir o ato de morrer, sugerindo ideia da luta que o moribundo trava com a morte. É assim que há pessoas que morrem sem agonia, que não agonizam no momento de morrer; isto é, que não sofrem as ânsias da morte. – **Estertorar** acrescenta a **agonizar** a ideia do trabalho, do esforço e aflição de estertor em que se vê o moribundo.

197

AGRADECIDO, **grato**, **reconhecido**, **obrigado**, **penhorado**, **cativo**. – **Agradecido** é o que não se esquece do benefício que recebeu, e dá provas disso. – **Grato** é igualmente o que é sensível ao benefício, sem fazer, no entanto, manifestações disso, mas guardando intimamente a lembrança do bem que se lhe fez. – **Reconhecido** dá, melhor que os dois precedentes, a ideia de como o que recebeu benefícios quer dar provas da sua gratidão, do seu apreço por aquele que lhe fez bem. Por um obséquio fica-se *agradecido.* Por uma gentileza fica-se *grato.* Por alguém que nos proteje ou socorre ficamos *reconhecidos.* – **Obrigado** = "que se julga em obrigação moral com alguém que lhe fez alguma fineza". – **Penhorado** = "obrigado, reconhecido por favores". – **Cativo** – tão reconhecido por serviços, gentilezas, etc., que se julga como preso moralmente àquele a quem as deve".

198

AGRESTE, **campestre**, **campesino**, **rústico**, **silvestre**, **selvático**, **selvagem**. – **Agreste**, diz Bruns. (do latim *agrestis,* de *ager* "campo"), aplicado a pessoas ou ao que lhes é particular, refere-se à grosseria, à rudeza, à baixeza; e nunca se toma em bom sentido. O homem *agreste* é grosseiro a ponto de ser intratável; as maneiras *agrestes,* os costumes *agrestes,* não podem ser suportados por quem se habituou às delicadezas, ao trato da boa sociedade. Falando de sítios, **agreste** exclui toda ideia de cultura, de beleza natural. "Um lugar *agreste* só tem rochedos escalvados, plantas raquíticas, terrenos ingratos..." – **Campestre**, segundo o mesmo autor, refere-se a tudo que pertence ao campo cultivado... – E **campesino**, epíteto menos frequente que **campestre**, tem a mesma origem deste, e geralmente só encerra a ideia de viver ou habitar no campo, tanto falando de homens como de animais. – **Rústico** (em latim *rusticus,* de *rus* "campo", como antônimo de *urbs* "cidade") diz-se do que tem o caráter próprio da simplicidade aldeã ou camponesa; isto é, do que carece da polidez das cidades. Diz-se de pessoas e de coisas. O homem *rústico* carece de urbanidade; não conhece os usos da gente fina, e pode faltar às leis da conveniência, fundadas por mútua convenção social; podendo ser, no entanto, apreciáveis os seus sentimentos. Não é polido, nem trabalhado com arte o objeto *rústico*; pode, porém, ser agradável, devido mesmo à sua própria simplicidade. São propriedades *rústicas* as que constam de terras de lavoura, etc. – Em sentido desfavorável, **rústico** implica falta de tato, inépcia, rudez intelectual; mas, ainda assim, difere de **agreste**, que implica a ideia de rudez moral. – **Silvestre** é o que é próprio da selva, o que nasce e vive nos matos, e, portanto, sem cultura, ou sem a beleza da arte. Confunde-se frequentemente com **agreste**, dizendo-se indiferentemente – flor *agreste* ou flor *silvestre,* para indicar a flor que não é cultivada. – Entre **silvestre** e **selvático** há diferença bem fácil de assinalar: flor *sel-*

vática decerto que não é simplesmente a flor que não foi colhida nos jardins, mas a flor sem beleza, disforme, grosseira como a selva bruta; enquanto que a flor *silvestre* pode ser tão delicada como as que se cultivam. Tratando-se de pessoas não se diz *silvestre* (e sim, *selvagem*); mas poder-se-á dizer *selvático*, se o homem de quem se trata é rude, inculto, brutal como os que vivem nos matos.

199

AGRÍCOLA, **agrário**, **rural**, **rústico**. – **Agrícola** e **agrário** não poderiam confundir-se: **agrário** (de *ager* "campo") diz apenas "próprio do campo ou das terras utilizáveis, relativo às terras ocupadas, às propriedades territoriais"; **agrícola** (de *ager* e *colere* "cultivar") já significa "relativo ao trabalho, próprio da cultura dos campos". Dizemos: medidas *agrárias* (e não – *agrícolas*); lei *agrária* (não – *agrícola*); trabalho *agrícola* (não – *agrário*). Diríamos: crédito *agrário*; ou crédito *agrícola*; conforme fosse o crédito fundado na propriedade rural em si, no seu valor próprio; ou fundado na produção agrícola. – Entre **rural** e **rústico** (ambos oriundos de *rus* "campo") há uma diferença análoga à que se acaba de ver entre os dois precedentes. Ambos se empregam para designar o que não é da cidade, o que não está situado dentro da área urbana; mas **rústico** se aplica ao que não está cultivado, à propriedade territorial em si; e corresponde a **agrário**; **rural** se aplica à propriedade, ao campo onde se trabalha, à vida dos que se dedicam à exploração das terras; e corresponde a **agrícola**.

200

AGRICULTURA, **agronomia**; **agricultor**, **agrônomo**, **cultivador**, **lavrador**, **colono**. – **Agricultura** – escreve Bruns. – "é a arte de cultivar a terra; a **agronomia** é a teoria dessa arte. A cultura dos campos efetuada constitui a **agricultura**, a qual varia de processos à medida que a **agronomia** se aperfeiçoa. A **agricultura** é prática; a **agronomia** é teórica. – Os substantivos **agricultor** e **lavrador** confundem-se frequentemente na linguagem comum, e com eles designa-se indistintamente o indivíduo, proprietário ou rendeiro, que explora terras e as cultiva. No sentido rigoroso, porém, estes vocábulos divergem entre si. **Agricultor** é o proprietário que, por si próprio (ou de sua conta) e em ponto grande, se dedica à agricultura, que ele considera como uma arte pela qual sente gosto. O **agricultor** é, pois, o proprietário das terras que explora. **Lavrador** é o homem que *lavra* a terra, seja de conta própria, seja de conta alheia, ou mediante jornal. Há *lavradores* ricos, *lavradores* pobres; grandes *lavradores*, e pequenos *lavradores*. Não há, porém, pequenos *agricultores*, sendo a ideia de propriedade e de riqueza inerente a este vocábulo. – **Agricultor** e **agrônomo** também se confundem frequentemente; e não obstante, não é indiferente empregar um em vez de outro. O **agricultor**, não só conhece a agricultura como arte, senão que a exerce como ocupação. O **agrônomo** é o indivíduo versado na teoria da agricultura: pode ser *agricultor* ou não, visto que para ser *agrônomo* não é necessário possuir terras, nem lavrá-las: basta ser entendido em agricultura. – **Cultivador** é um termo genérico que se pode dizer tanto do agricultor como do lavrador, porque se refere à profissão do indivíduo, e não à arte que ele exerce. O **cultivador** vive de cultivar: é a única ideia que o vocábulo sugere. Numa ordem de ideias mais restrita, este vocábulo, quando seguido de um complemento, indica uma especialidade: há *cultivadores* de cereais, de determinadas plantas, de artes, de letras, etc. **Colono** só remotamente encerra a ideia de agricultura. O **colono** habita terra que não é sua própria, seja para que a cultive, seja para simplesmente povoá-la"...

201

AGUARDAR, esperar. – Segundo d. José de Lacerda, "**aguardar** é estar à espera, dando atenção, olhando se sucede, ou se vem alguma coisa ou pessoa, que deve suceder ou vir, ou que se presume sucederá ou virá. **Esperar** é ter esperança, aguardar algum bem que se deseja e se julga que há de vir. *Espera-se* o que é feliz ou agradável; o que se *aguarda* pode sê-lo ou não".

202

AGUAR, banhar, molhar, irrigar, regar, alagar, inundar. – **Aguar** diz apenas – "derramar água sobre alguma coisa, juntar água a..., encher de água, banhar de água..." – **Banhar** é "meter n'água alguma coisa, ou *aguar* tão bem como se a coisa *banhada* tivesse imergido n'água, ou noutro líquido". – **Molhar** é propriamente "umedecer ao ponto em que a coisa *molhada* perca o estado de secura, a solidez, a densidade, a dureza própria ou normal." – **Irrigar** e **regar** confundem-se. **Irrigar**, no entanto, não é mais do que uma extensão de **regar**. Dizemos – *regar* ou *irrigar* as plantas, os campos, os jardins; mas não dizemos – *regar* as ruas (sim *irrigar*). Mesmo tratando-se de campos, se o trabalho de umedecer as terras é feito por meio de canais, represas etc., dizemos – que se *irrigam*, e não – que se *regam*. – **Alagar** e **inundar** também se confundem. Mas **alagar** sugere a ideia de que a porção de espaço *alagada* ficou por algum tempo debaixo d'água (como formando *lago*); e **inundar** envolve ideia de extravasamento, de invasão de água por excesso dela em outro ponto, ou por transbordamento. – *Água-se* uma flor, num vaso, para que não murche tão depressa. – *Banha-se* o rosto, as mãos, imergindo-os, ou pondo-os debaixo de uma corrente de água; e também fica-se com as faces *banhadas* de suor, ou de lágrimas, se o suor é tanto, ou se tão abundantes são as lágrimas que as faces fiquem tão molhadas como se tivessem saído d'água. – *Molha-se* o dedo na salmoura; *molha-se* a cabeça apanhando chuva sem estar coberto; *molha-se* os pés na sarjeta, ou na grama orvalhada. *Rega-se* o canteiro; *regam-se* as hortas; *rega-se* a goles de água ou de vinho a garganta ressequida. *Irrigam-se* as plantações, as lavouras, os campos, as ruas. A enxurrada *inundou* as ruas; e estas durante muitos dias ficaram *alagadas.* As grandes chuvas *alagaram* os campos. A ruptura do açude *inundou* o caminho.

203

AGUDEZA (**agudo**), **perspicácia** (**perspicaz**), **penetração** (**penetrante**), **sagacidade** (**sagaz**), **finura** (**fino**); **atilamento** (**atilado**), **tino** (**atinado**), **argúcia** (**arguto** e **arguciooso**), **astúcia** (**astuto** e **astucioso**), **subtileza** (**subtil**). – Os três primeiros substantivos do grupo, segundo S. Luiz, "exprimem diferentes qualidades da vista corporal, e por translação se aplicam ao entendimento ou à vista intelectual. – A **perspicácia** da vista vê claro por entre, e através da nuvem, do véu, do obstáculo. A **agudeza** vê os objetos mais subtis, mais finos, mais delicados, e os que, por sua posição, se representam como tais. A **penetração** vê no interior, no fundo dos objetos." O homem **perspicaz** vê claramente através dos disfarces. A vista **aguda** apanha diferenças, particularidades, minúcias que escapam à visão comum. A vista **penetrante** alcança o íntimo das coisas, dos fatos. – **Sagacidade** – diz Bruns. – "vem do latim *sagax*, que se dizia dos cães que tinham delicadeza de olfato para achar a caça pelo rasto. A palavra, ressentindo-se da etimologia, designa a qualidade especial de descobrir sem esforço o que é confuso, obscuro, emaranhado. É pela *sagacidade* que se apreciam, no seu justo valor, as qualidades das pessoas e das coisas, e que se descobre o mérito que se oculta, ou o pensamento

que se disfarça. **Finura** é um termo genérico pelo qual se designa a habilidade de ver, a facilidade de compreender, a oportunidade de obrar, a escolha do falar. **Finura** é frequentemente sinônimo de velhacaria e de diplomacia." – **Atilamento** é "a habilidade, a perspicácia, o cuidado meticuloso com que se faz alguma coisa sem nada esquecer do que lhe pertence." – **Tino** é "a finura instintiva, a agudeza natural, um como faro, ou tato muito subtil para apanhar o que nos interessa, para sentir o que convém, o que é razoável". Exemplo: "É uma criatura de *tino* admirável: e faz tudo com tanta habilidade e *atilamento* que maravilha os mesmos que a educaram". – **Argúcia** será então a "subtileza no argumentar ou no discutir". O espírito **arguto** agencia razões para envolver o adversário na disputa. **Argucioso** é o que usa de argúcias, de sofismas, na discussão. – **Astúcia** é a habilidade no emprego de ardis, artifícios para enganar. **Astuto** = "sagaz no enredo, dissimulado e malicioso". **Astucioso** – "que usa de astúcias para enganar". – **Subtil** = "agudo, apurado, penetrante". – **Subtileza** é a qualidade de **subtil**.

204

AGUENTAR, **suster**, **suspender**, **sustentar**, **amparar**, **apoiar**, **escorar**, **especar**, **estear**. – **Aguentar** é propriamente, como define Aul., – "conservar em equilíbrio sobre a corrente da água"; e por extensão – "manter alguma coisa no estado ou na posição em que se acha, para que daí não saia ou não se desvie". – **Suster** (de *sustinere*, de *susum* "para cima, acima", e *tenere* "conservar, segurar") significa também "manter (alguma coisa) no lugar em que está"; e é mais expressivo que o primeiro, pois em aguentar, como observa Bruns., se inclui ideia de ação momentânea, ou pelo menos de menor duração, e também de menor emprego de força que em **suster**". – **Sustentar** é uma extensão de **suster**: dá ideia do maior esforço com que se apoia ou se mantém alguma coisa no lugar próprio. – **Suspender**, segundo a formação do vocábulo (*susum pendere*) diz precisamente "deixar pendente em cima ou no ar". – **Amparar** é "impedir, sustendo-a, que alguma coisa caia". – **Apoiar** é também "impedir a queda, o abaixamento de alguma coisa"; mas não sugere, tão bem como **amparar**, ideia de esforço. Uma trave que serve de apoio a outra nem por isso se deve dizer que a *ampara*. Se alguém impede que uma senhora dê uma queda não se diz que a *apoia*, mas que a *ampara*. – **Escorar**, **especar** e **estear** confundem-se com **apoiar**, que exprime a ação ou o efeito geral que os três primeiros particularizam: **escorar** é dar apoio por meio de *escora*; **especar** é fazer o mesmo com *espeque*; e **estear** é pôr em segurança, fazer firme, *estável*, empregando *esteio*. A diferença consiste, portanto, na distinção notada entre os respetivos radicais: o *espeque* (do inglês *spike* "espigão, haste, ponta, cavilha") é uma peça com que se prende, segura, escora alguma coisa para que não vire, não penda, ou não caia de uma vez; **esteio** é uma peça muito maior e mais forte, comumente uma trave mais ou menos grossa, de madeira, de ferro, ou de pedra, em que assenta algum grande peso e fica firme. Não se há de dizer, portanto, *especar* um telhado, ou o vigamento de um edifício; nem *estear* um galho de árvore para que não se quebre. **Escora** é um espeque mais forte, de madeira ou de metal, com que se impede alguma coisa de virar de uma vez, ou de inclinar-se demais, ou de cair. **Escorar** e **especar** distinguem-se ainda de **estear** por isto: o que se *especa* ou se *escora* não descansa propriamente sobre a *escora* ou o *espeque*; pois o *espeque*, ou a *escora* impede apenas que a coisa amparada se desloque de todo; enquanto que a coisa que se *esteia* assenta, repousa, se apoia e fica firme sobre o *esteio*. Além disso, só se *especa* ou só se escora

como provisoriamente, pois sempre se subentende que a coisa a *escorar* ou a *especar* já não está em segurança. O mesmo não se dá em relação a **estear**; pois o *esteio* (do inglês *stay*, que dá o verbo *to stay* "ficar, ou estar no mesmo lugar") sugere a ideia de permanecer em posição vertical, e resistir, suportar. O *esteio* apoia, aguenta em cima, tornando segura, firme a coisa esteada. Segue-se, portanto, que se *especa* ou se *escora* como um recurso de momento, para evitar uma queda, ou ruína iminente; e que se *esteia* para fixar, para fazer que permaneça seguro, inabalável na posição que se quer.

205

AIO, **preceptor**, **mestre**, **amo**, **instrutor**, **institutor**, **educador**; **professor**, **lente**, **catedrático**, **pedagogo** (e **pedagogista**). – Segundo Roq.: – **Mestre** dizemos do que ensina alguma ciência ou arte; por isso se diz: *mestre* de gramática, de música, de dança, etc. – **Preceptor** dizemos do que está encarregado de instruir, de educar um menino, cujos pais o confiaram à sua direção. O **mestre** dá lições a certas e determinadas horas, e tem um certo número de discípulos. O **preceptor** dá preceitos e conselhos continuamente a seu aluno, e não o perde um instante de vista, para o formar moralmente e facilitar-lhe todos os conhecimentos possíveis: dirige-lhe a educação e a instrução em geral. – **Aio** é a palavra que antigamente se usava em lugar de **preceptor**, que é moderna na língua. Egas Moniz foi *aio* de d. Afonso Henriques. Também lhe chamavam naquele tempo **amo**, como ainda se lê em Camões, falando do mesmo Egas Moniz:

> Mas, com se oferecer a dura morte
> O fiel Egas *amo*, foi livrado
> (*Lus.*, III, 35)

Amo é hoje desusado neste sentido; aio refere-se particularmente ao que educa filho de príncipes ou de grandes senhores; preceptor, ao encarregado da educação de qualquer menino; **mestre** é todo homem que dá lições. – **Instrutor** é propriamente o que dá alguma instrução prática, e pode-se dizer superficial e ligeira. *Instrutor* militar; *instrutor* de ginástica, de esgrima, de equitação. – **Institutor** é o que ensina meninos em estabelecimento público. Sugere este vocábulo a ideia de criar, formar (*instituir*) o espírito do educando. Talvez que seja, entre todos os do grupo, o mais expressivo da função de educar crianças; pois o próprio termo **educador** pode não ter a extensão que se atribui ao **institutor**; e tanto que com perfeita propriedade se deve dizer: *educador* da mocidade (não *institutor*); *institutor* da infância (não *educador*). **Institutor**, portanto, diz com muito mais precisão "o que se encarrega de preparar na alma da criança os fundamentos sobre que há de assentar a educação futura". *Educar* é dirigir o educando, guiá-lo pelo bom caminho (e até pelo mau caminho não deixaria de ser *educar*). – Quem *educa* não dá só instrução: nutre, orienta, prepara num certo sentido o espírito do discípulo; toma conta de toda a sua conduta, de tudo quanto lhe interessa, para que venha a ser na vida o homem que se deseja. Mas o **educador** faz tudo isso, tendo recebido já o menino ou o moço que lhe veio do **institutor**. – Quanto aos três últimos vocábulos do grupo, diz Roq.: "Todos estes ensinam em público uma ciência ou faculdade; mas em cada um deles concorrem circunstâncias particulares que os distinguem entre si. – **Professor** é o que professa, ensina em público uma ciência ou faculdade, expondo suas doutrinas como próprias, e quase sempre ostentando seu saber oralmente, como orador. – **Lente** ou *leitor* é o que, segundo o método escolástico, lia ou explicava as doutrinas aprovadas pela escola ou universidade, contidas num

compêndio, do qual se não afastava. – **Catedrático** é o proprietário de uma cadeira (*cátedra*) de universidade (ou de uma escola superior) em que ensina a faculdade de que está encarregado. O **professor** pode não ser *catedrático*; pois há muitos homens sábios e instruídos que, sem pertencerem ao corpo universitário, professam em academias, ateneus, reuniões literárias etc. O **lente** ou *leitor* pode pertencer, ou a uma universidade, ou a uma corporação religiosa; mas é sempre condecorado com o título de *mestre.* O **catedrático** pertence sempre a uma universidade (ou a uma escola): se ensina à antiga, tem também o nome de *lente*; se professa à moderna, pertence-lhe o nome de *professor*". – **Pedagogo** e **pedagogista**, que têm hoje acepção muito diferente da antiga, são sinônimos de professor. Tomam-se, porém, quase sempre a má parte; pois aludem, principalmente o primeiro, à presunção com que o **pedagogo** alardeia a sua capacidade. Deve notar-se que **pedagogo** é o professor que ensina segundo a *pedagogia*; e **pedagogista** é o versado em *pedagogia*, podendo até não ter a profissão de **pedagogo**.

206

AIROSO (**airosidade**), **nobre** (**nobreza**), **gracioso**, **engraçado** (**graciosidade**, **graça**), **donairoso** (**donaire**), **elegante** (**elegância**), **gentil** (**gentileza**), **formoso** (**formosura**), **belo** (**beleza**), **bonito** (**boniteza**), **lindo** (**lindeza**), **galante** (**galantice**, **galanteria**), **taful** (**tafulice**, **tafularia**), **garboso** (**garbo**, **garbosidade**), **gazil**, **grácil** (**gracilidade**), **galhardo** (**galhardia**), **bizarro** (**bizarria**), **vistoso**, **esbelto** (**esbelteza**), **distinto** (**distinção**), **cavalheiro**, **cavalheiroso**, **cavalheiresco** (**cavalheirismo**), **fidalgo** (**fidalguia**), **loução** (**louçania**), **garrido** (**garridice**), **guapo** (**guapice**). – **Airoso** se diz de quem apresenta um aspeto agradável. A pessoa *airosa* pode não ser bela, nem mesmo elegante: basta que tenha nos modos, no porte, no andar uma certa graça (**airosidade**); que tenha uns *ares* que nos agradem. – **Nobre**, aqui, acrescenta às qualidades de airoso, elegante, galhardo, a de distinto. A **nobreza** confunde-se com a **fidalguia**; mas esta é menos distinta e brilhante. – **Fidalgo** é o que se mostra fino, delicado nas maneiras; **nobre** é o que, além disso, é austero na moral, digno, generoso. – **Graça**, neste grupo, é "o dom subtil, delicado, suave, que consiste num modo de ser que atrai, encanta, seduz". – **Engraçado** é o que mostra alguma graça nas maneiras, no falar, etc. – **Gracioso** é aquele ou aquilo cujo aspeto tem graça. **Graciosidade** é a qualidade de ser *gracioso.* – A **graça** é mais que o simples **donaire**. É *donairosa* a pessoa que é mais *engraçada* que *graciosa*; pois a **graça** é uma prenda mais espiritual, e que, portanto, impressiona mais o coração que os olhos; enquanto que o **donaire** é apenas uma aparência airosa. – **Elegante** é "o que é bem modelado, tem nobre aspeto, e é distinto e gracioso". A **elegância** consiste no modo de ser discretamente belo, de ser aprimorado sem afetação. – **Gentil** é "o que tem delicadeza, garbo próprios de fidalgo". **Gentileza** é "a galhardia e bom ar" – diz Roq. – "acompanhado de nobre presença; é mais varonil que a formosura; e sendo esta privativa do sexo feminino, deve aquela usar-se particularmente quando se fala do masculino". Disto nos deixaram exemplos dois mestres da língua. Vieira, falando de Absalão, a quem chama *galhardo* e *belo*, diz: "Esta foi a pensão que pagou Absalão à sua *gentileza*". (V, 441). E o padre Bernardes, falando de Fortunato de Chiaromonte, diz: "Era de tão rara *gentileza*, ornada com os retoques da modéstia..." (V, 116) – Consiste a **beleza** e a **formosura** na boa proporção e harmonia das partes que compõem um todo; a palavra **formosura**, porém, limita-se a representar aquela ideia com relação

ao agradável; a palavra **beleza** representa a ideia da perfeição possível. Neste sentido admira-se a *beleza* do Apolo do Belvedere, do Hércules Farnésio, dos quais não pode, com igual propriedade, dizer-se que são *formosos*; a Vênus de Médicis, porém, e o Apolo Pitio, são *belíssimos* para os inteligentes, e *formosos* para todos. São os olhos os juízes da **formosura**; e por isso acontece muitas vezes que o gosto, viciado por algum capricho ou costume, põe a **formosura** no que está mais distante da **beleza**. Se a Vênus de Médicis, em cujo corpo se não encontra defeito, se pudesse vestir à francesa, que mofas não fariam as nossas damas de quem lhe louvasse a *beleza* do talhe? A **formosura** só se aplica ao físico, ao que obra sobre os sentidos; a **beleza** aplica-se também ao moral, ao que obra diretamente sobre o espírito. É assim que não chamamos *formoso* a um poema, à expressão de um sentimento, à ternura de um afeto: a tudo isso assenta propriamente *beleza*"... – **Bonito** é um diminutivo de *bom*, que tomou na linguagem vulgar um sentido especial. **Boniteza** é "a qualidade do que é *bonito*" – diz o mesmo Roq. –, "mas que não chega a ser *formoso*". **Bonito** é palavra familiar que indica coisa agradável à vista; e toma-se ordinariamente pelo oposto de feio, como diz o prolóquio: "Quem o feio ama *bonito* lhe parece..." Quando se diz das pessoas, entende-se particularmente das feições, da expressão do rosto. – "**Lindeza** é palavra mais culta que **boniteza**, e também indica maior perfeição no objeto **lindo**, pois este adjetivo junta à qualidade de *bonito* um certo ar e graça que muito o aproximam de *belo* e *formoso*. Também se entende especialmente das boas proporções do rosto acompanhadas de graça e donaire." – **Galante**, segundo S. Luiz, "refere-se ao gosto, concerto, graça, e ornato dos trajos, do asseio etc. Coisa *galante* quer dizer – bem ornada, ataviada com gosto, engraçada; de onde vem *galante,* isto é, namorado, que pretende agradar às damas, com asseios esquisitos, talvez com ditos engraçados, etc." **Galanteria** é a arte de ser *galante*, os modos, as graças, os ditos de que se serve o galante para agradar. **Galantice** é a qualidade de ser galante. – Coisas análogas devem dizer-se em relação a **taful**, **tafulice** e **tafularia**. **Taful** significa – "loução, faceiro, alegre, festivo". **Tafularia** é a facécia do taful, os modos como ele se apresenta. **Tafulice** é a qualidade de taful. – **Garbo** é "um quase orgulho de ostentar figura e galhardia". **Garboso** é o que, além de elegante, se mostra altivo, brioso, varonil. **Garbosidade** é a qualidade de ser garboso. – **Gazil** e **grácil** são adaptações do mesmo vocábulo latino *gracilis.* **Grácil** significa "delicado, fino, mimoso, vivo, lépido, interessante". **Gazil** é corrupção de grácil. **Gracilidade** só deve aplicar-se ao que é pequeno, franzino. – **Galhardo** (do italiano *gagliardo*) diz – "robusto, forte, possante, bravo; que se sai garbosamente, isto é, com destreza e elegância (**galhardia**), da tarefa, do embaraço, da ação". – **Bizarro** exprime "esbelto e gentil, sacudido, cavalheiresco". **Bizarria** é tudo isto junto: elegância, desembaraço, aprumo e coragem. – **Vistoso** é apenas "o que parece bem à vista, o que tem aparências de saúde, de boa disposição". – **Esbelto** (ou **esvelto**) designa "o que é de formas corretas, bem proporcionado, elegante e gracioso"; sendo **esbelteza** a qualidade de ser esbelto. – Tratando-se do homem, dizemos de preferência, por ser mais expressivo, "homem de **distinção**, pessoa de **distinção**", quando queremos designar o que tem maneiras de alto bom-tom, o que é afeito ao trato de gente culta e fina; pois **distinto** significa apenas – "que não se confunde com o comum, que se destaca do vulgo". – **Cavalheiroso** e **cavalheiresco** são definidos como significando a mesma coisa; pode notar-se, no entanto, que o primeiro

designa propriamente – "que tem ou revela qualidades e maneiras que eram de rigor entre os antigos *cavaleiros* (nos tempos da Cavalaria)"; e **cavalheiresco** enuncia – "próprio do *cavaleiro*, segundo ostentava o antigo fidalgo". Pretende-se que esta subtil distinção se sente nestas frases: "Recebeu-me muito afável e *cavalheiroso*". "Teve comigo um gesto *cavalheiresco*". É o **cavalheirismo**, tanto o ato como a qualidade do que é **cavalheiro** (se bem que para exprimir a qualidade poderia usar-se de *cavalheirice*), isto é, "delicado no trato, correspondendo a gentileza com gentileza, sem discrepar das boas normas". – **Fidalgo** (é ainda de Roq.) "é termo corruto de *filho d'algo* (do castelhano *hidalgo*, *hijodalgo*). *Algo* significava haveres, bens, educação e qualidades nobres. Com todas estas partes servia-se a pátria e adquiria-se a **fidalguia**". **Fidalgo**, no sentido que lhe damos aqui, é "o que é no trato parecido com os antigos fidalgos; o que tem maneiras gentis e sentimentos cavalheirescos". – **Loução** diz – "de aspeto gentil, alegre, festivo". **Louçania** é, tanto a qualidade de ser loução, como os próprios modos (trajo, enfeites, garbo) de parecer loução. – **Garrido** exprime – "vivo, alegre, sécio, fino, esquisito e engalanado". A **garridice** é, portanto, uma qualidade que assenta nas crianças e nas meninas. – **Guapo** é "o que se mostra lépido, bravo, bizarro e gentil". Bem se vê: a **guapice** só se encontra em moços, conquanto haja talvez muitos velhos que se jactem de *guapos.*

207

ÁGIL, **destro**, **ligeiro**, **lesto**, **lépido**, **expedito**; **agilidade**, **destreza**, **ligeireza**, **expediência**. – **Agilidade** é "facilidade, rapidez, desembaraço natural no mover-se"; **ágil** tanto pode ser o homem como o simples animal. – **Destro** só se aplica ao homem; pois a **destreza** é "uma agilidade acompanhada ou servida de astúcia e arte". – **Ligeiro** diz mais – "vivo, leve, muito veloz" – do que propriamente ágil. **Ligeireza**, além de significar qualidade do que é **ligeiro**, toma-se também à má parte, para designar "leviandade, volubilidade" e principalmente "habilidade em escamotear". – **Lesto** é "o que, além de ágil, é discreto e gracioso". – **Lépido**, aqui, significa também "ligeiro, ufano, pronto e gracioso". – **Expedito** é o que se não embaraça no agir, no falar, etc.; sendo **expediência** a "qualidade de ser expedito".

208

AGIOTA, **usurário**, **onzeneiro** (ou **onzenário**). – Segundo Bruns., "**agiota**, na verdadeira acepção da palavra, designa aquele que trafica em fundos públicos, papéis de crédito, etc., valendo-se da alta, ou da baixa de preço que estes sofrem, para auferir ganhos. Na linguagem corrente, **agiota** se diz, como **usurário**, do prestamista que empresta dinheiro com usura abusiva". – **Onzeneiro** (ou **onzenário**) é o usurário que exige usura requintada e faz questão de lucros descomunais.

209

AGITAÇÃO, **insurreição**, **revolta**, **rebelião**, **levantamento**, **motim**, **arruaça**, **sedição**, **revolução**, **pronunciamento**, **convulsão**, **comoção**, **choque**, **abalo**, **sublevação**, **conflagração**, **cataclismo**. – **Agitação**, diz Bruns., "é o movimento anormal do povo quando os espíritos sobressaltados planeiam ou tramam contra os dirigentes; a **agitação** é geralmente a precursora de qualquer das comoções designadas pelas outras palavras deste grupo". – Segundo Alves Passos: – "**Rebelião** é a desobediência, a resistência à autoridade opressora: exprime tanto como *levantar contra*. – **Revolta** (*to turn against* em inglês) exprime tanto como *voltar contra*; é a perturbação da ordem estabelecida, por meio de atos tendentes a subvertê-la. – **Re-**

volução é a mudança da ordem estabelecida. Da *rebelião* passa-se à *revolta*; e a *revolta* produz a *revolução.* Às vezes a simples *rebelião* de uma alta personagem motiva a *revolta* de um reino; e se esta não for sufocada, virá a mudança da sua política – outra ordem de coisas – a *revolução.* – **Rebelião** designa a ação das pessoas; **revolta**, o estado das coisas; e **revolução** indica o triunfo da revolta. A **rebelião** é ato de arremessar a luva; a **revolta** é o duelo; e a **revolução** é a vitória, que se decidiu em favor do revoltoso. **Rebelião** é a declaração de guerra; **revolta** é a guerra formal; e **revolução** é a coroa de loiros para o vencedor. A **rebelião** não é algumas vezes senão uma simples desobediência, uma oposição ou resistência à autoridade; a **revolta** tem sempre alguma coisa de violento e terrível. Assim, um particular está em *rebelião* "quando se opõe aos decretos do poder público; e quando um povo, indignado contra seus opressores, perturba a ordem estabelecida, por uma série de atentados, está em *revolta* ou *revoltado*". – Na linguagem comum, no entanto, **revolução** é apenas uma **revolta** mais extensa, generalizada por todo um país, ou por uma vasta província. Não diremos, por exemplo, que está em *revolução* a força que guarda um posto, ou a guarnição de um presídio que se levanta contra o respetivo comandante (e sim – que está em *revolta*): como não diremos que está em *revolta* toda a população de um dos Estados da República, tendo chegado a depor autoridades, e a subverter toda a ordem política, mesmo sem certeza de que se consumem as mudanças operadas (e sim diremos – que está em *revolução*). – A **insurreição**, diz Roq., "é o estado em que se acha um povo depois que se levantou e se armou para combater a autoridade a que estava sujeito, e que publicamente declara não reconhecer por legítima, e antes achar-se de ânimo firme e resoluto em combatê-la. – A **sedição** é um espírito geral de perturbação, de oposição, que, inspirada por alguns, se comunica rapidamente a todos os membros de um corpo, de uma assembleia, ou do mesmo povo. – O **motim** é o menor dos movimentos contra a ordem normal, ou contra a autoridade constituída; ou pelo menos é aquele cujas consequências são de menor importância. É de ordinário uma fermentação momentânea de algum bando do povo, causada por descontentamento, e muitas vezes por pertinácia e falta de reflexão". – O **levantamento** é, segundo Bruns., "o resultado imediato da agitação: degenera em *revolta*, em *revolução*, ou em *insurreição*, segundo for a sua importância, e a gravidade do que o origina. O **motim** é um *levantamento* de pouca importância, uma *agitação* tumultuosa e de curta duração. O **motim** tende mais a perturbar a ordem que a combater a autoridade... A **arruaça** é o motim da mais ínfima ralé; e é geralmente promovida pelo próprio governo quando lhe convém fazer alardes de força, ou tomar disposições que não soubera justificar de outro modo... **Pronunciamento** (ou melhor, **pronunciamiento**) "é termo puramente espanhol com que se designam as frequentes insubordinações dos chefes militares de Espanha..." – **Convulsão** é, tratando-se de política, uma revolução talvez menos formal e extensa, porém mais violenta, rápida e tremenda. – **Comoção** é quase o mesmo que **convulsão**: apenas não sugere tão necessariamente a ideia de violência e transtorno que se envolve em **convulsão**. – **Choque** diz "comoção instantânea, passageira". – **Abalo** é "o movimento contra a ordem, semelhante ao tremor, à crispação produzida por uma impressão forte". – **Sublevação** é mais extenso que *levantamento*: designa "o fato de insurgir-se em massa uma população inteira". A consequência da *sublevação* é a guerra civil, a luta contra a autoridade; é a revolução em suma. – **Conflagração** é "convulsão

tão violenta, vasta, geral como se fosse um incêndio". – **Cataclismo**, na acepção que tem aqui, "é uma conflagração que transtorna toda a ordem política de um país".

210

AGITAR, **ventilar**, **aventar**, **discutir**, **debater**, **disputar**, **tratar**, **controverter**. – Quem *agita* uma questão, um problema, nem por isso o *discute* propriamente: apenas o faz lembrado e o põe à vista de outros ou do público, chama sobre ele a atenção geral, e mostra interesse em que se trate de discuti-lo e resolvê-lo. – **Ventilar** e **aventar** exprimem um pouco mais do que simplesmente **agitar**: quem *ventila* ou *aventa* um caso, uma opinião, decerto que a não *discute* propriamente, nem a *debate* tampouco, mas procura desembaraçá-la, fazê-la simples e líquida, clara e nítida, pondo-lhe os termos muito precisos. Entre **aventar** e **ventilar** não se notaria grande diferença fundamental. Pode dizer-se, no entanto, que em **ventilar** se sente já alguma coisa de intuito dialético: *ventila-se* um assunto estudando-lhe ligeiramente as proporções, oferecendo opinião sobre ele, tomando-lhe em suma os termos gerais. **Aventar** tem mais de expor, indicar, lembrar, quase propor – do que propriamente de discutir, ou mesmo de estudar. Quem *aventa* uma hipótese, uma ideia, quase que não faz mais do que apresentá-la à atenção de outros, muitas vezes até sem dela fazer mesmo a apologia. – **Discutir** é "examinar todos os termos de uma questão, analisar todos os aspetos de um caso". Quem *discute* sustenta sempre um modo de ver, defende uma opinião, e procura impô-la a outrem. – **Debater** é ventilar e discutir esforçadamente, com vivo empenho, encontrando-se com adversário, e procurando vencê-lo. Em regra, só se *debatem* questões de grande importância, nas quais têm muito interesse os que as *debatem*: tais como os casos políticos e os judiciários de alta monta. **Disputar** é "uma forma de *discutir* e *debater*: o que *disputa*, porém, exalta-se mais, ou graceja e zomba do que argumenta ou discute". – **Controverte-se** um assunto, uma questão, um princípio, dando-o por ainda não liquidado, pondo-o em dúvida, e sujeitando-o a disputa ou a debate. – **Tratar** é o mais genérico do grupo, e significa – "dar atenção, cuidar de alguma coisa para resolvê-la". Quem *trata* de um assunto, de uma questão, faz isso – ou apresentando-a apenas em seus termos gerais, ou agitando-a, ou discutindo-a formalmente e debatendo-a.

211

AJUIZADO, **sensato**, **sisudo**, **assisado**, **sábio**, **prudente**, **judicioso**, **cordato**, **grave**, **sério**, **circunspeto**, **ponderado**, **discreto**, **avisado**. – **Ajuizado** diz propriamente – "que tem juízo"; isto é, "que sabe julgar direito, que tem uma justa medida das coisas". – **Sensato**, **assisado** e **sisudo** são vocábulos que coincidem no mesmo radical *sensus*. **Sensato** confunde-se com **ajuizado**; mas este refere-se mais particularmente ao estado, à conduta da pessoa a quem se o aplica; ou sugere a ideia da compostura que mantém essa pessoa num dado momento, ou a respeito de alguma coisa. Nesta frase: "F. tem sido muito *ajuizado* em toda esta questão" – decerto que não caberia com lídima propriedade o adjetivo *sensato*; pois este designa qualidade, e o outro designa mais estado que qualidade. **Assisado** e **sisudo** também se confundem. **Assisado** quer dizer – "que tem siso"; isto é, que tem juízo, bom senso, tino, prudência. **Sisudo** acrescenta a **assisado** a ideia de "discreto, grave na compostura". – **Prudente** é a pessoa que, além da sisudez, tem a calma, a serenidade e moderação do que é **sábio**, isto é, do "que tem uma compreensão exata das coisas, uma perfeita inteligência da

vida, um tino seguro para precaver-se dos males e perigos". – **Judicioso** exprime – "que julga com bom juízo, que raciocina com acerto". – **Cordato** (de *cor... cordis*, "coração") é o homem "prudente, que chega sempre à boa razão, que se satisfaz ou se concilia com o que é razoável". – **Grave** é "o que tem aspeto nobre, fechado e sereno, altivo e severo, revelando ou afetando grande segurança de reflexão, de equilíbrio moral". A **gravidade** é própria dos homens velhos, que parecem sentir o peso dos anos. – Não assim, nem sempre assim, pelo menos, quanto à **seriedade**, que na acepção que tem aqui, não é a mesma seriedade de que trata Roq. no seu grupo 493. **Seriedade** é uma virtude que consiste mais na lisura de consciência, na retidão de conduta, na inteireza de caráter do que na simples compostura que se mostra ou afeta às vezes calculadamente. Quando se diz que F. é um homem *sério* afirma-se que F. é um homem em cuja probidade se pode ter plena confiança, porque se sabe que tem sido sempre correto, liso, sincero e direito nos seus tratos, no cumprimento dos seus deveres. A **seriedade** é, portanto, aqui, mais uma qualidade moral do que modo de ser exterior; enquanto que **gravidade** é mais modo de ser exterior do que propriamente virtude. Ainda podemos deixar, nos seguintes exemplos, bem clara a distinção entre **grave** e **sério**, entre **seriedade** e **gravidade**: "Ele falou *sério*" (isto é – "disse o que sente"); Ele falou *grave* (isto é – "pesadamente, medindo, acentuando muito as palavras"); "Ele foi sempre um homem *sério*" (isto é – "sempre foi probo e digno"); "Ele foi sempre um homem *grave*" (quer dizer – "de maneiras lentas que o fazem parecer severo"). Dizemos: "Ele marchou com *gravidade* para a forca"; "Ela tem o porte *grave* das matronas" (e não – "marchou com *seriedade*"; nem – "ostenta porte *sério*). Aplicado a coisas ou fatos é que o vocábulo **grave** é mais forte que **sério**; como nestas frases: "Trata-se de negócio *sério*"; "Trata-se de negócio *grave*". "O caso é muito *sério*"; "O caso é muito *grave*": nas quais se sente como **grave** diz muito mais do que **sério.** – **Circunspeto** significa propriamente – "comedido, cauteloso, aprumado no agir e no falar, como se nunca estivesse desapercebido do seu posto, das suas condições, de tudo que se lhe passa em torno". – **Ponderado** é "o que nada faz sem refletir muito, sem apreciar maduramente as coisas, e sem pesar os atos". – **Discreto** é "o que se mostra atento nas palavras, conveniente nas ações, modesto, reservado, sabendo bem discernir as coisas, não saindo nunca da linha normal no modo de portar-se". – **Avisado** é "o que procede com acerto; que se mostra sagaz, apercebido do que convém, dando provas de juízo e atilamento".

212

ALA, **fila**, **fileira**, **renque**, **linha**, **série**. – **Fila**, segundo Bruns., "é a série de pessoas ou de coisas postas uma ao lado da outra com a frente voltada para o mesmo lado". – **Fileira** é propriamente uma série de *filas.* Conforme a definição de Bruns., "é a série de pessoas ou de coisas postas umas atrás das outras, tendo a frente voltada para o mesmo lado". – Cada uma das duas longas *filas* que, voltadas de frente uma para outra, estão separadas por um espaço, é uma **ala.** – **Renque** é "uma série de coisas ou de pessoas postas em linha". – **Linha** e **série** não se confundem, conquanto exprimam ambos a continuidade ou sequência de coisas ou pessoas numa certa direção; pois na linha as coisas podem estar sem regra de sucessividade, enquanto que na série as coisas, não só se sucedem numa certa ordem, como até ordinariamente obedecem a critério de classificação.

213

ALARDEAR (**alarde**), **ostentar** (**ostentação**), **jactar-se** (**jactância**), **vangloriar-se** (**vanglória**), **bazofiar** (**bazófia**), **blasonar**, **desvanecer-se** (**desvanecimento**), **ufanar-se** (**ufania**), **fanfarrear** (**fanfarrice**, **fanfarronice**, **fanfarronada**, **fanfúrria**), **intimar** (**intimação**), **gabar-se**, **orgulhar-se** ou **orgulhecer-se**. – **Alardear** e **ostentar** distinguem-se, tanto de todos os do grupo, como entre si, por mais que signifiquem ambos "proclamar com aparato e desvanecimento (**alarde**, **ostentação**) aquilo que se tem ou se supõe ter. Só se *ostenta* o que realmente se mostra, ou que é material, ou que pode ser visto por todos. Ninguém *ostentará* méritos que nunca teve, posições que nunca ocupou, vitórias com que apenas tem sonhado. Qualquer pode fazer *ostentação* de riqueza, de valentia, ou de honras; mas decerto que ninguém se lembrará de fazer *ostentação* de gênio, de tino, ou de magnanimidade. **Alardear**, tanto se pode dizer daquilo que se possui, ou que é material, como do que se não possui, ou é invisível. Pode-se fazer *alarde* de rico (*alardear* fortuna ou cabedais) e fazer *alarde* de honradez, de piedade, etc. – **Jactar-se** é dizer publicamente, com ênfase, os próprios méritos, os feitos, as qualidades. A **jactância** não é propriamente *ostentação*, nem *alarde*: é mais "um quase desvanecimento e alegria em que se fica de haver alcançado alguma coisa cujo valor se exagera". – **Vangloriar-se** aproxima-se do precedente. A **vanglória** é "uma ideia falsa ou exagerada que faz alguém de si próprio". Quem se *vangloria* de alguma coisa presume demais do que essa coisa vale, e dá-lhe por isso uma importância que ela não tem. – **Bazofiar** é "fazer ostentação ridícula ou escandalosa de grandeza, de força, de prosápia, etc. A **bazófia** é coisa semelhante ao que vulgarmente se chama *prosa* ou *intimação*. – **Blasonar** é quase o mesmo que **bazofiar**: apenas **blasonar**, mais de rigor do que o outro, é usado com um completivo: *blasona-se* de nobre, de valente, etc. – **Desvanecer-se** é "sentir vaidade por algum mérito, por alguma honra, fortuna ou triunfo". O **desvanecimento**, aqui, é "uma exaltação do amor-próprio que nos leva a ter um orgulho exagerado daquilo que se nos diz ou faz, ou que se nos atribui". Conforme o complemento da sua predicação, porém, é que este verbo **desvanecer-se** envolve ideia que o aproxima dos demais deste grupo. *Blasonar* (de qualquer coisa que seja) é sempre, pelo menos, impróprio de um homem sério. Assim de **alardear**, **ostentar**, **jactar-se**, **vangloriar-se**, **bazofiar**, **fanfarrear**. Mas só *desvanecer-se* de ser belo, ou de coisas fúteis e vãs é que é ridículo. *Desvanecer-se* da amizade de um homem digno é perfeitamente legítimo. Mesmo *desvanecer-nos* da benevolência que se tem conosco, ou da honra que se nos faz – é coisa que se diz sem descaída moral. – Sob este aspeto, outro tanto se deve dizer de **ufanar-se**. Quem é que se não *ufana* da justiça que se lhe fez, num caso em que dessa justiça lhe pendia o crédito? Só quem pode não *ufanar-se* nunca de coisa alguma. A **ufania** é um como contentamento desvanecido, uma alegria orgulhosa que se sente por haver alcançado alguma vitória. *Ufana-se* o artista da sua obra quando sente que ela lhe deu uma grande expressão da própria alma. Agora, *ufanar-se* de haver ganho uma partida de bilhar... ou de ter dançado uma valsa com mestria e elegância... – isso é outra coisa. – **Fanfarrear** é, entre todos os do grupo, o que melhor acentua a ideia de todos alardes, ostentações charras e ridículas que só se admitem naquele tipo de Th. Gautier – o capitão Fracasso. Só *fanfarreia* o boborio que berra e bufa de valente e corre de uma criança; que *blasona* de façanhas que nunca praticou; que *alardeia* méritos que não possui. **Fanfarrice** é a qualidade de fanfarrão. **Fanfarronada** (ou **fanfúrria**) é "a prosa do

fanfarrão; as palavras, os gestos, os atos do fanfarrão". **Fanfarronice** é "o modo de ser fanfarrão, de fazer fanfarronadas. – **Intimar** exprime, aqui, a ideia de "blasonar de poderoso, de importante". *Intima...* o sujeito que trata os outros com arrogância, com ares de quem sempre está mandando (**intimação**). – **Gabar-se** não é mais do que "elogiar-se a si mesmo, ser o primeiro a falar nos próprios méritos". – **Orgulhar-se** é mais que **desvanecer-se**. Só se *orgulha* de alguma coisa quem sente uma importância exagerada que dessa coisa lhe vem. Neste sentido, parece que é mais expressiva e até mais própria, conquanto menos usada, a forma **orgulhecer-se**.

214

ALARGAR, **ampliar**, **dilatar**. – **Alargar** diz propriamente "fazer mais largo"; e só figuradamente é que se emprega por **ampliar**, quando se diz, por exemplo: "Vamos *alargar* o nosso campo de ação". *Alarga-se* um caminho, uma rua: em geral, tudo que tem comprimento e largura. – **Ampliar** é "tornar maior alguma coisa em todas as suas partes, em todas as dimensões; fazer crescer proporcionalmente". *Amplia-se* um jardim, uma praça, uma bola de borracha que se enche de ar, etc. – **Dilatar** é também "fazer maior, mais extenso, em qualquer dimensão; abrir, tornar mais largo, ou mais longo". *Dilatam-se* as pupilas à medida que a luz ambiente diminui; *dilata-se* um orifício; *dilatam-se* as narinas para aspirar o perfume; *dilatam-se* alguns corpos sob a ação do calor.

215

ALARIDO, **gritaria**, **celeuma**, **berreiro**, **vozeria**, **clamor**, **bramido**, **algazarra**, **tumulto**, **turba**, **alvoroço**, **barulho**, **bulha**, **arruído**, **rumor**, **borborinho**, **sussurro**, **murmúrio**, **murmurinho**. – **Alarido** – diz d. José de Lacerda – "conforme a origem árabe, significa o clamor que se levanta ao travar-se a peleja. Por extensão, designa a vozeria dos que se travam de razões, contendem ou bulham, e também as vozes lastimosas dos que pranteiam, ou se amesquinham. – **Gritaria** designa multidão de gritos, ou vozes em confusão e descompassadas. – **Celeuma**, segundo a origem grega, designa certo canto ou cantilena cadenciosa que os marujos e outros operários entoam quando trabalham para se animarem mutuamente, e compassarem com as vozes, as forças que empregam na manobra, ou no trabalho, etc. Por extensão, dá-se o nome de *celeuma* à vozeria, grito ou alarido". – **Berreiro** é "grito ou gritaria monótona, como o berro de alguns animais". – **Vozeria** diz propriamente "multidão confusa de vozes". – **Clamor** é "como gritaria grave e aflita, pedindo, protestando, ameaçando". – **Bramido** é "clamor de cólera, de ameaça, e até de dores violentas, que fazem mais bramar que gemer". – **Algazarra** é adaptação do árabe: era "vozeria, gritaria, que os moiros levantavam em qualquer acometimento ou conflito de guerra." (Aul.). Incorporamo-lo para designar a desordem e confusão de vozes no meio das quais nada se discerne. – **Tumulto** é "grande comoção e alarido, desordem estrondosa". – **Turba**, na acepção com que figura neste grupo, é "conjunto de vozes desordenadas formando 'coro de arruídos'". – **Alvoroço** é "manifestação estrondosa de alegria, de entusiasmo, ou de ódio". – **Barulho** é termo vulgar que corresponde a **tumulto**: é apenas um tumulto menos grave, de menores proporções. – **Bulha** será um **barulho** insignificante, mais arrelia, rusga que barulho. – **Arruído** é quase tumulto, é "a confusão, a desordem, os motins destacados de uma comoção ou revolta". – **Rumor** é mais "eco de vozeria, repercussão de desordem, de arruído que propriamente essas coisas". – **Sussurro** é palavra onomatopaica desig-

nando "rumor menos perceptível e mais confuso". – **Murmúrio** é "leve sussurro como de água corrente, ou de viração em arvoredo". – **Murmurinho** é como "vozeria abafada, sussurro de multidão falando a um tempo e mal contido". – **Borborinho** é também voz onomatopaica, ou talvez desfiguração de murmurinho, tendo a mesma significação.

216

ALARME, **rebate**, **chamada**, **chamamento**, **apelo**, **clamor**, **reclamo**. – **Alarme** – escreve Bruns. – diz-se do grito ou gritos que se soltam para anunciar um perigo. – **Rebate** é o toque de sinos, de tambores com que se convoca o povo (ou uma guarnição militar) para defender-se quando sobrevém um perigo. O *rebate* sempre encerra a ideia de defensa; o *alarme*, a de defensa, ou a de instigar à fuga. – **Chamada** é propriamente "a voz ou sinal com que se avisa ou com que se chama atenção e se convoca; e como termo de técnica militar, é o toque de clarim ou de tambor com que se reúnem os soldados." – **Chamamento** designa a "ação de chamar com esforço, clamando." – **Apelo** é "pedido de socorro; é o ato de dirigir-se alguém a outrem, como um recurso de aflição, ou de desejo ansioso em causa dependente de amparo, de testemunho ou de juízo da pessoa para quem se apela". – **Clamor**, aqui, é "chamamento com desespero, ou com indignação". – **Reclamo** é "apelo instante e formal, como se o objeto do reclamo fosse fundado sempre em direito".

217

ALARME, **temor**, **medo**, **susto**, **terror**, **espanto**, **pânico**, **pavor**, **receio**, **assombro**, **assombramento**, **sobressalto**. – Segundo Bruns., "a ideia comum aos sete primeiros vocábulos deste grupo é a do sentimento ou sensação penosa que nos assalta quando um perigo sobrevém". – **Alarme**, no sentido próprio da palavra, é a confusão e gritaria que se manifesta num acampamento ou praça de guerra à aproximação, real ou suposta, do inimigo. Figuradamente, emprega-se este vocábulo para designar a perturbação que causa a ameaça, a suspeita de algum perigo. Emprega-se esta palavra com muita propriedade quando nos referimos à previsão de acontecimentos muito desagradáveis, cuja ocorrência temos por certa e próxima, ignorando, porém, quanto tempo nos separa ainda deles. O **temor** é o estado do espírito que se perturba pela apreensão de um perigo, ou de um mal que certos indícios nos levam a julgar não só possível mas até provável. – **Medo** é termo genérico, e mais pelo extenso uso que se faz desta palavra, do que pela propriedade de resumir a ideia dos outros seis do grupo. Particularmente, porém, o **medo** é um sobressalto violento e repentino que nos leva ao *temor*, e que nos induz a evitar aquilo que julgamos nos há de ser nocivo. O **medo** distingue-se do **temor** em ser este um produto da razão e até certo ponto da vontade; enquanto que aquele é um sentimento irresistível e espontâneo que nos assalta sem querermos, e que conservamos contra nossa vontade. Por isso se diz que temos o *temor* de Deus, e não *medo* de Deus; que temos *medo* dos cães danados, e não *temor*. – **Susto** é uma espécie de medo que nos deixa como suspenso durante os primeiros instantes. A causa do *medo* é determinada; a do *susto* não o é geralmente. O *medo* é mais ou menos prolongado; o *susto* dura pouco. Causa *medo* aquilo que vemos; *assusta-nos* o que não podemos definir. O *susto* diferença-se ainda do *medo* em levar-nos este a fugir da coisa que nos amedronta; enquanto que o *susto* nos deixa como suspenso: quando o *susto* assalta o homem, este para repentina e inconscientemente. – **Terror** é um termo que mais se refere à causa do sentimento

que ao próprio sentimento; por isso se diz que os bandidos espalham o *terror* por onde andam. Foi o *terror* dos franceses que ocasionou a grande hecatombe da ponte de barcas do Porto. **Terror** (do latim *terrere*, "fazer tremer") aplica-se aos perigos ou males que julgamos irresistíveis, e contra os quais é inútil qualquer luta. – **Espanto** é uma forte impressão causada por alguma coisa que sobrevém inesperada e repentinamente. O *espanto* pode deixar-nos paralisados como o *susto*, ou impelir-nos a uma fuga insensata como o medo. – **Pânico** é propriamente um adjetivo que qualifica o substantivo *terror*; é, porém, frequente dizer-se indiferentemente – o *pânico*, ou – o *terror*; *pânico*, para exprimir, ou o grande terror que se apodera de alguém à vista de um caso espantoso; ou o *terror* infundado que assalta a muitas pessoas. Propriamente só se diz neste último sentido. Na cidade em cujos contornos a peste faz muitas vítimas, reina o *alarme*; o *temor* de sermos assaltados dessa peste nos leva a evitar a comunicação com as pessoas provenientes das localidades empestadas. O *medo* da peste leva-nos a fugir da cidade; e se qualquer incômodo sobrevém que pareça sintoma dessa peste, colhe-nos o *susto*. Essa peste espalha o *terror* por toda parte; e se ela sobrevém inesperadamente, é o *espanto* que nos domina. A suposta existência de uma terrível peste espalha um *pânico* geral". – **Pavor** é "um medo incoercível, um grande terror que faz desvairar, ou que vence todas as energias morais". – **Receio** é menos que *medo* ou que *temor*: é mais – um estado de dúvida, uma obediência a escrúpulos de qualquer ordem, que nos impede de agir ou de fazer alguma coisa – do que propriamente temor. – **Assombro** é grande espanto, que imobiliza e como que maravilha; e **assombramento**, aqui, tem uma acepção especial para designar o estado de terror em que fica uma pessoa surpreendida de alguma coisa ou de algum fenômeno misterioso. Significa também a própria coisa ou fenômeno misterioso que assombra. – **Sobressalto** é "a comoção que se sente sob a iminência de algum perigo, ou mal que se suspeita". Confunde-se com **susto**; mas **sobressalto** sugere ideia da inquietação em que se fica, do cuidado e preocupação que nos causa o mal que nos sobressalta.

218

ALBERGARIA, **albergue**, **guarida**, **estalagem**, **pousada**, **hospedaria**, **hotel**, **pensão**. – **Albergaria** – escreve Bruns. – "era o nome da dependência dos mosteiros destinada a hospedar os transeuntes, particularmente os pobres que iam de viagem". Certos estabelecimentos de caridade ainda hoje têm *albergarias* destinadas ao mesmo fim. – **Albergue** é propriamente a casa onde se hospeda aquele que está fora da sua terra, quer seja pagando, quer devido à mera hospitalidade. – **Guarida** é o local onde se encontra abrigo contra a intempérie ou contra a perseguição. – **Estalagem** é casa onde se recebem passageiros que não pretendem grandes comodidades, e na qual são principalmente admitidos aqueles que trazem cavalgaduras ou veículos. – **Pousada** é termo castelhano que se diz por *estalagem*, principalmente no Alentejo e no Algarves. – **Hospedaria** é casa onde se recebem hóspedes de cama e mesa; se a *hospedaria* reúne certas condições de comodidade, e algum ou muito luxo, é denominada **hotel**. – **Pensão** tem aqui um sentido particular, designando a casa, em regra casa de família, onde se recebem hóspedes, mediante um pagamento convencionado que também se chama *pensão*. Difere da *casa de cômodos* em dar esta ordinariamente só a dormida; e aquela, tanto a cama como a mesa; e até em só fornecer as refeições, morando fora o pensionista.

219

ALBESCENTE, **alvacento**, **alvadio**, **esbranquiçado**. – Quanto aos três primeiros, lê-se em Bruns.: "**Albescente** diz-se daquilo que se está tornando branco. Qualquer superfície que parece ter tido originariamente outra cor, e tende, enfim, a ser branca, é *albescente*. – **Alvacento** é a cor fixa que tira para branco. – **Alvadio** diz-se da cor intermédia, entre branco e cinzento". – **Esbranquiçado** significa "um tanto branco, meio branco".

220

ALCÁCER (ou ALCÁÇAR), **palácio**, **paço**, **castelo**. – **Alcáçar** (ou **alcácer**), segundo Bruns., "era propriamente o palácio afortalezado onde os reis ou governadores faziam residência. Em poesia diz-se dos atuais paços dos monarcas. – **Palácio** diz-se de qualquer edifício grandioso, disposto para habitação ou para outro fim. – **Paço**, contração de *palácio*, só se diz das residências das pessoas reais, das dos bispos, e dos governadores ou vice-reis das colônias". – **Castelo** (de *castellum*, diminutivo de *castrum*, "fortaleza") corresponde com exatidão a **alcáçar** (do árabe): era "a antiga habitação do rei, ou do grande senhor, defendida de fortificações".

221

ALCANÇAR, **conseguir**, **obter**, **lograr**, **gozar**, **impetrar**. – "**Lograr** é propriamente o termo de nosso desejo – diz Roq. – sem relação aos meios empregados para isso. – **Conseguir** é o termo de nossa solicitude, o fim a que se dirigem os meios com relação a eles. – **Alcançar** é o termo de nossos rogos. – **Lograr** e **conseguir** podem supor justiça; **alcançar** supõe sempre graça. – **Gozar** é ter, possuir alguma coisa que nos dá gosto ou prazer sem indicar que a buscamos, que fizemos diligência por ela, ou que a ela tínhamos direito. *Logra* uma grande fortuna o que pode viver sem demandas nem pretensões. *Consegue* um bom emprego o que solicita com mérito, ou tem protetor de valimento. *Alcança* o perdão o que interpõe rogos humildes e pede misericórdia. Os homens sóbrios e de bom temperamento *gozam* ordinariamente de boa saúde. – **Obter** é alcançar uma coisa que se pretende ou deseja, ou que nos é grata. – **Impetrar** é alcançar do superior a graça que se havia solicitado. *Obtêm-se* cargos, dignidades, favores, atenções, etc., tudo o que nos é honroso, útil, agradável; e *obtêm-se* de iguais, de superiores, de inferiores. *Consegue-se* o que com diligência e perseverança se busca, ou se pretende. Vê-se, pois, que este vocábulo tem significação menos genérica que o precedente (**obter**); e mais restrita a tem ainda **impetrar**, pois só *impetramos* graças de um superior, pretendendo-as e solicitando-as com rogos e súplicas".

222

ALCANÇAR, **chegar**, **atingir**, **tocar**. – **Alcançar** "denota esforço"; **chegar** designa o fato. Os náufragos *alcançaram* a praia depois de mil perigos; mas quando lá *chegaram* tiveram quem os agasalhasse. Noutra ordem de ideias, porém, **alcançar** diz-se da possibilidade, da capacidade, da força de efetuar; **chegar** diz-se do próprio fato. A artilheria moderna *alcança* a grandes distâncias; isto é, tem força para fazer *chegar* balas a grande distância. As balas não *chegavam* à fortaleza. Por não poder *alcançar* um ramo, temos de subir a um banco para lhe *chegar* com a mão. Um homem *chega* à idade avançada; não *alcança*, porém, a de seu pai, se este viveu mais anos do que ele". (Bruns.) – **Atingir** (que também colocam alguns no grupo CCXXI) diz "alcançar ligeiramente, como se chegasse apenas a tocar de leve a coisa alcançada (*ad* + *tangere*, "tocar, sentir pelo tato")". – **Tocar** (da mesma origem de **atingir**) ex-

prime a mesma ideia; diferençando-se, no entanto, deste em não sugerir com a mesma força a ideia de atividade. Quase que destes dois se pode dizer o que se diz de **alcançar** e **chegar**.

223

ALCANCE, **desfalque**, **irregularidade**. – **Alcance** é, nas contas que alguém é obrigado a prestar, a diferença entre a quantia que entrega e a que devia entregar. Se o *alcance* acusa, além de inépcia ou desmazelo, improbidade e dolo, passa a ser **desfalque**. – Bruns. acrescenta **irregularidade** e escreve: "Quando o *desfalque* é cometido nos dinheiros do Estado, de alguma corporação, ou mesmo de algum particular, *batiza-se* atualmente sob o nome de **irregularidade**, a fim de não ofender a *honra* do *ladrão,* se este é da categoria das chamadas *pessoas decentes*".

224

ALCANTIL, **despenhadeiro**, **ribanceira**, **grota**, **itaimbé**, **precipício**, **escarpa**, **fraga**, **riba**, **ribança**. – Segundo Bruns.: – "**Alcantil** é a vertente talhada a pique, ou quase a pique, vista de frente, ou desde baixo; a base do alcantil mergulha no mar, ou é banhada por alguma corrente impetuosa. – **Despenhadeiro** é a vertente ou precipício considerado, não com relação ao pendor, mas relativamente à profundidade a que está a base, e ao perigo a que se expõem os que transitam próximo da sua beira. – **Ribanceira** considera a vertente como tendo pendor considerável, não tanto como o do *alcantil,* e tendo a base regada ou não de corrente". – **Grota** é aberta, mais ou menos larga e profunda, em montanha, e por onde quase sempre corre água. – **Itaimbé** é palavra do tupi designando rochedo a prumo, escarpa, despenhadeiro. – **Precipício** é termo geral que indica "todo acidente perigoso onde se pode cair". – **Escarpa** é "rochedo alcantilado, encosta muito íngreme". – **Fraga** é mais aspereza de serra, pedra escarpada que propriamente escarpa. As *fragas* tornam a ascensão difícil; a *escarpa* é quase sempre de acesso impossível sem ajuda de arte. – **Riba** e **ribança** confundem-se com *ribanceira*: este é apenas uma extensão daqueles.

225

ALÇAR, **erguer**, **elevar**, **levantar**. – "O último destes vocábulos – diz Roq. – é o gênero em que entram os outros como espécies". Exprime ele a ideia de "pôr em alto, ou ao alto, tirar para cima, fazer subir", etc. – **Alçar** é levantar o que está caído, ou uma coisa acima da sua posição ordinária, como os olhos, as mãos, a voz, etc. – **Erguer** é levantar pondo em pé, talvez endireitando, fazendo crescer para cima, como um edifício, etc. – **Elevar** é "pôr em lugar alto, em ordem eminente, exaltar a dignidades, etc."

226

ALCATEIA, **bando**, **multidão**, **enxame**, **turba**, **turma**, **grupo**, **magote**, **rancho**, **quadrilha**, **legião**, **malta**, **súcia**, **corja**, **matula**, **caterva**, **matilha**, **horda**, **troço**, **troça**, **chusma**. – **Alcateia** é um coletivo que se emprega para designar "multidão de animais ferozes"; *alcateia* de lobos, de panteras. Figuradamente aplica-se a indivíduos da espécie humana aos quais se ligue alguma ideia que os ponha em relação com aqueles animais: *alcateia* de bandidos, de ladrões, de assassinos. – **Bando**, que na linguagem vulgar só se aplica a aves, designa multidão, e sugere ideia de vida errante, aventurosa. Não seria, por isso, de lídima propriedade dizer que se viu – "um *bando* parado", ou "um *bando* de estudantes na aula", ou "na escola". Um *bando* de estudantes só se vê na rua, ou a caminho do colégio. – **Multidão** quer dizer "grande número", sem mais ideia alguma acessória: *multidão* de pessoas, de livros, de

ideias, de estrelas, de sapos, etc. – **Enxame** aplica-se mais particularmente tratando-se de abelhas; e no sentido figurado emprega-se para designar multidão laboriosa, em atividade mais ou menos ordenada. Não se diria: um *enxame* de lobos, ou de aves; nem um *enxame* de vagabundos ou de vadios, ou malandros; pois neste coletivo figura o radical *agmen* = *agimen*, de *ago...ere*, "obrar, agir". – **Turba** significa "multidão desordenada, em tumulto". Uma *turba* de sábios, ou mesmo de velhos – seria, pelo menos, uma coisa fantástica. – **Turma** era "uma divisão tática na milícia romana": diz, portanto, coisa semelhante a batalhão, companhia; isto é, designa multidão certa, e deixando supor que é multidão fazendo parte de uma série de multidões. – **Grupo** é "conjunto de coisas ou pessoas reunidas, mas em pequeno número"; e sugere também a ideia de que essas pessoas ou essas coisas fazem parte de multidão maior. – **Magote** é semelhante a **grupo** e a **turma**: significa "porção de pessoas, ou mesmo de coisas", e parece que encerra ideia de atividade, e também de divisão, de parcelamento: um *magote* parece que deixa supor sempre outro ou outros *magotes*. – **Rancho** é o mesmo que **bando**: apenas não sugere, como este, ideia de aventura, de intuito escuso. Dizemos: um *rancho* de fiéis, de peregrinos, de missionários (não – um *bando*). – **Quadrilha** está nas mesmas condições de **turma**: designa "um certo número de indivíduos aprestados para a guerra"; e fora deste caso, toma-se sempre a má parte. Dizemos: *quadrilha* de salteadores, de gatunos; nunca se diria, no entanto: *quadrilha* de colegiais, de crianças. – **Legião** era entre os romanos um corpo de tropas. Neste sentido continuou a usar-se para exprimir o motivo que impele, ou a causa especial que põe em movimento a **legião**: "*legião* patriótica, *legião* acadêmica"; ou "*legião* da morte, *legião* negra". Quando Jesus perguntou pelo nome do espírito mau que atormentava o possesso: – "O meu nome é *legião*" – respondeu o espírito. E também, ao ser preso, quando reprimiu a ira de Pedro, disse a este: – "Cuidas que não posso rogar a meu Pai, e que não porá logo aqui mais de doze *legiões* de Anjos?" Este coletivo **legião**, portanto, sugere sempre ideia de que se trata de defender uma causa, ou de realizar algum intento, bom ou mau. – **Malta** designa também multidão, mas sugerindo ideia de vagabundagem, de depravamento e banditismo. **Súcia**, **corja**, **matula**, **caterva** estão nas mesmas condições do precedente: juntam à noção de muitos indivíduos reunidos a ideia de indisciplina, destempero, perversidade, e até de fereza (sobretudo os três últimos): *súcia* de malandros; *corja* de vadios; *matula* de desordeiros, de malfeitores; *caterva* de lobos, de bandidos. – **Matilha** é também coletivo de cláusula restrita: *matilha* de cães, de lobos. E até sem cláusula é usado para designar "multidão de cães de caça". – **Horda** sugere ideia de selvageria, banditismo, desregramento: *horda* de bárbaros, de facínoras, de salteadores. – **Troço** significa "multidão ou porção, de guerrilheiros por exemplo, de gente sem ordem". – **Troça** também diz "multidão", mas sugere ideia de festa, pândega, orgia. – **Chusma** significa "multidão em alvoroço".

227

ALCATIFA, **alfombra**, **tapete**, **tapeçaria**. – "Dos três primeiros vocábulos – diz Bruns. – é **alcatifa** que tem significação mais nobre; **alfombra**, a mais exata; **tapete**, a mais extensa". – **Alcatifa** é o tecido rico, de cores variegadas, mas agradáveis, espesso, confortável, que cobre todo o pavimento de uma habitação, e está fixo nele. – **Alfombra** é o tapete de maiores ou menores dimensões, feito de uma só peça, que cobre o pavimento ou parte dele, podendo estar ou não fixo

no chão. – **Tapete** é termo genérico, que tanto designa o estofo da alfombra ou da alcatifa como esses próprios objetos. Há *tapetes* de escada, de corredor, de mesa, de sala, etc. – **Tapeçaria**, além de ser um termo coletivo, com que se designa um conjunto de tapetes, alcatifas etc., tem a significação especial de pano de armação, que serve para cobrir as paredes. "Os panos de Arrás são *tapeçarias* de muito valor artístico".

228

ALCOICE, **lupanar**, **prostíbulo**, **bordel**, **sentina**. – Estes quatro vocábulos empregam-se indistintamente para designar as casas públicas de prostituição; cada um deles tem, no entanto, a sua significação particular. – **Alcoice** é a casa onde se dão cômodos às parelhas que procuram ter comércio. A maior parte das casas que nas cidades se intitulam *hotéis para pernoitar* são *alcoices*. – **Lupanar** (do latim *lupa* "meretriz") é a casa onde residem meretrizes. Emprega-se esta palavra de preferência às outras quando se alude à moralidade dos que frequentam essas casas: frequentador de *lupanares*. – **Prostíbulo** (do latim *prostibula* "meretriz das ruas") é o lupanar considerado como sentina onde as infelizes se degradam. – **Bordel** é termo francês introduzido na língua, e o menos usado dos deste grupo: designa a casa de prostituição considerando-a sob o ponto de vista das orgias que nela se fazem". (Bruns.) – **Sentina** é o "prostíbulo imundo, onde impura a depravação moral, onde o vício ostenta as suas torpezas".

229

ALCUNHA, **apelido**, **nome**, **sobrenome**, **agnome**, **cognome**, **prenome**, **antonomásia**, **apodo**. – Segundo Roq., "a primeira, palavra árabe (*alconia*); e a segunda, portuguesa, muito usada no tempos gloriosos de nossas guerras, eram sinônimas em significarem o sobrenome das pessoas segundo a diferença das famílias. Os reis davam, por honra e mercê, a suas vilas e cidades, *alcunhas* de leais, nobres, notáveis, etc.; assim como os nomes de animais, peixes, aves, como *perdigão, pega, coelho, sardinha,* etc., foram apelidos nobres da descendência das famílias. Hoje, porém, e já há muito, não se dá tal sinonímia, porque **alcunha** só significa apelido injurioso, e quase sempre alusivo a algum defeito da pessoa, e que acaba com ela, sendo que o **apelido** se transmite e distingue as famílias". – **Nome** é a palavra com que se designa ou distingue uma pessoa ou coisa. – **Sobrenome** é o nome que se interpõe entre o nome de batismo e o de família. – **Cognome** é o designativo de alguma qualidade notável ou característica, e que se junta ao nome de alguém para torná-lo mais preciso. – **Agnome** é o epíteto que se adiciona ao cognome para fazer que ressalte alguma virtude ou qualidade própria do indivíduo. – **Prenome** é propriamente o nome que precede ao nome de família e que é, portanto, exclusivo do indivíduo. Em João da Costa, por exemplo, João é o *prenome*; Costa é o *apelido*; e João da Costa é o nome do indivíduo. – **Antonomásia** confunde-se com **cognome** e com *alcunha*; mas diferença-se destes em não ser próprio e expresso, mas apenas alusivo do indivíduo a quem se aplica: vale mais por um epíteto que designa o indivíduo sem nomeá-lo, do que propriamente por um nome. – **Apodo** é quase o mesmo que **alcunha**; mas não é muito usado em português com esta significação.

230

ALEGAR, **citar**. – Segundo Roq., "**alegar** é referir a seu favor algum dito, exemplo, ou autoridade que prova o intento proposto; e em termos forenses, é trazer o advogado leis e razões em defensa do direito de sua causa". – **Citar** é referir textos e autoridades

em prova do que se diz; e em estilo forense é noticiar, fazer saber o chamamento do juiz. *Citam-se* os autores, as pessoas, ou o que eles dizem; *alegam-se* fatos e razões. Para dar autoridade ao que dizemos, e peso ao nosso dito, *citamos*; porém, para sustentá-lo, e defender-nos, *alegamos*. Para defender o réu, *citado* perante o juiz, *alegou* o advogado leis e razões tão importantes que por suas *alegações* conseguiu que ficasse de nenhum efeito a *citação*.

231

ALEGRIA, **ledice**, **júbilo**, **exultação**, **regozijo**, **contentamento**, **jovialidade**, **alacridade**, **satisfação**; **alegre**, **ledo**, **jubiloso**, **exultante**, **contente**, **jovial**, **álacre**, **satisfeito**. – Diz Roq. que "o **contentamento** é uma situação agradável do ânimo, causada, ou pelo bem que se possui, ou pelo gosto que se logra, ou pela satisfação de que se goza. Quando o contentamento se manifesta exteriormente nas ações ou nas palavras, é **alegria**. Pode, pois, uma pessoa estar *contente*, sem parecer *alegre*. Pode fingir-se a *alegria*, porque é demonstração exterior, e pertence à imaginação; não assim o contentamento, que é afeto interior, e pertence principalmente ao juízo e à reflexão. Diríamos que o **contentamento** é filosófico; a **alegria**, poética; aquele supõe igualdade e sossego de ânimo, tranquilidade de consciência; conduz à felicidade, e sempre a acompanha. Ao contrário, a **alegria** é desigual, buliçosa, e até imoderada, quiçá louca em seus transportes; muitas vezes prescinde da consciência, ou é surda a seus gritos, porque na embriaguez do espírito se deixa arrastar da força do prazer; não é a felicidade, nem a ela conduz, nem a acompanha. O homem *alegre* nem sempre é feliz; muitos há que sem mostrarem *alegria* gozam de felicidade. Um fausto sucesso, que interessa a toda uma nação, celebra-se com festas e regozijos, *alegra* ao público, e produz *contentamento* no ânimo dos que foram causa dele. Antes que o ardente licor, que dá *alegria*, fizesse seu efeito no moiro de Moçambique, já ele estava mui *contente* pelo acolhimento que lhe fazia o Gama, e muito mais pelo regalo com que o tratava, como diz o nosso poeta... – Fixada a diferença entre **alegria** e **contentamento**, não será difícil fixá-la entre outros dos vocábulos deste grupo; pois representando todos um estado agradável no espírito do homem, exprime cada um deles seu diferente grau ou circunstâncias". – **Ledice**, ou **ledica** como diziam os antigos, é corrupção da palavra latina *lœtitia*, e eles a usavam em lugar de *alegria*: em Camões ainda é frequente o adjetivo *ledo* em lugar de *alegre.* Hoje, a palavra *ledo* é desusada, e só em poesia terá cabimento. Seria para desejar que o uso lhe desse a significação modificada que lhe atribui D. Fr. de S. Luiz, dizendo que é menos viva, mais suave, tranquila e serena que a *alegria*; mas não lhe achamos autoridade suficiente para a estimar como tal. – O **júbilo** é mais animado que a alegria, e mostra-se por sons, vozes, gritos de aclamação. A pessoa *jubilosa* mostra-se alvoroçada de alegria. – **Exultação** é o último grau da *alegria*, que, não cabendo no coração, rompe em saltos, danças, etc., segundo a força do verbo exultar, que é saltar de gozo, de alegria. Está **exultante** a criatura que parece ufana da sua felicidade ou da satisfação que tem. – **Regozijo**, como está dizendo a palavra, formada da partícula reduplicativa *re* e *gozo*, é alegria, ou gozo repetido ou prolongado; e quase sempre se aplica às demonstrações públicas de gosto e alegria, celebradas com festas, bailes, etc., em memória de faustos acontecimentos. – **Jovialidade** significa "disposição natural para a alegria ruidosa mais inocente, temperamento irrequieto, festivo, quase ufano da vida". Há velhos *joviais*; mas a *jovialidade* só assenta nos moços. – **Alacridade** é a

"alegria aberta e serena, discreta e segura". – **Satisfação** é "o estado de alma em que ficamos quando alguma coisa vem corresponder aos nossos desejos, aos nossos sentimentos", etc.

232

ALEIVE, **aleivosia** (**aleivoso**), **calúnia** (**calunioso**, **caluniador**), **traição**, (**traiçoeiro**, **traidor**), **perfídia** (**pérfido**), **deslealdade** (**desleal**), **infidelidade** (**infiel**), **falsidade** (**falso**, **falsário**). – **Aleive** é a própria calúnia que se disfarça, praticada com má-fé, à traição; **aleivosia** é a qualidade de ser **aleivoso**. Emprega-se frequentemente *aleivosia* por *aleive*. – **Calúnia** é "a falsa imputação que se faz a alguém de atos que lhe prejudiquem a honra". – **Calunioso** é aquilo que envolve *calúnia*; e **caluniador**, o que perpetra *calúnia*. – **Traição** é, propriamente, o "ato de faltar à fé que se devia"; e confunde-se, portanto, com **perfídia** e **infidelidade**. Mas o *traidor* é sempre *infiel*, e pode não ser *pérfido*; pois a **perfídia** consiste em "faltar à fé parecendo *fiel*". Calabar foi *traidor*; e não se poderia dizer que foi *pérfido*, pois que traiu abertamente, passou para os inimigos sem astúcias com os seus próprios. Entre os dois vocábulos **traiçoeiro** e **traidor** há diferença análoga à que notamos entre *calunioso* e *caluniador*. – A **deslealdade** consiste em faltar com alguém, que é nosso igual ou superior, a deveres ou compromissos que temos contraído. O homem **desleal** é o que sai das normas, dos bons princípios morais, ferindo ou prejudicando aquele a quem devia *lealdade*. – A **falsidade** consiste no modo traiçoeiro, nas maneiras dissimuladas com que procura alguém enganar a outrem para lograr do enganado alguma coisa. **Falso** é o que nos diz aquilo que não sente; que nos promete o que não tem tenção de cumprir; que dissimula com ares de inocência o golpe que vai descarregar... Entre **falso** e **falsário**, além da distinção sob o ponto de vista das funções gramaticais, deve notar-se que o segundo tem uma significação especial e precisa que seria bastante para excluí-lo deste grupo se não fosse a ideia fundamental comum que o põe em relação com os demais, e particularmente com **falso**; pois **falsário** é "o que faltou ao que prometeu solenemente; é o que iludiu ou procurou iludir a boa-fé dos outros".

233

ALÉM, **adiante**, **depois**, **após**. – **Além**, aqui, designa situação do que se encontra "depois de alguma outra coisa e em relação ao lugar que ocupamos nós: é antônimo de *aquém*. – **Adiante** é também aplicado para designar ordem de situação; mas é um pouco mais preciso que **além**, e sugere ideia de "posto à frente de alguma coisa", também relativamente a nós. É antônimo de *atrás*, ou *para trás*. – **Depois** quer dizer – "em seguida, posterior a alguma coisa"; e é antônimo de **antes**. – **Após** é de todos os do grupo o mais preciso: diz – "logo depois, imediatamente depois".

234

ALENTADO, **vigoroso**, **forte**, **robusto**, **valente**, **esforçado**, **reforçado**, **possante**, **pujante**, **potente**; **alento**, **vigor**, **força**, **fortaleza** (**fortidão**), **robustez**, **valentia**, **esforço**, **reforço**, **possança**, **pujança**, **potência**. – **Alentado**, segundo Bruns., "é aquele cuja arca do peito apresenta uma ampla superfície"; isto é, aquele que exteriormente revela ter uma respiração fácil e poderosa (**alento**) que lhe permite fazer grandes esforços. Um homem *alentado* pode suportar grandes fadigas. – **Vigoroso** refere-se à manifestação de força, ao movimento, à vivacidade que indicam aptidões para praticar atos que necessitam de esforço. Quem é *vigoroso* é capaz de empregar grandes forças; e essa capacidade

manifesta-se exteriormente, mesmo quando não as emprega: o movimento dos membros, o seu jogo enérgico mostram o **vigor** latente. – **Robusto** (do latim *robur* "força") diz-se da pessoa que no vigor muscular, na forma opulenta dos membros, revela força e saúde. O homem *robusto* tem membros atléticos, tórax amplo, movimentos pausados: nisto se distingue sobremaneira daquele que é *vigoroso*, pois o *vigor* manifesta-se na energia dos movimentos. – **Forte** é um termo genérico que exprime o poder de obrar ou de resistir, sem nenhuma ideia acessória. Há pessoas magras que são *fortes*; assim como as há muito corpulentas que não são *robustas*." – **Força** é "capacidade de ação ou de resistência física". – **Fortaleza** é "a energia moral; é a qualidade de ser forte". Este vocábulo, portanto, só se aplica à força exercida pelo homem. Quando essa capacidade é atribuída aos animais, preferimos dizer *força*. E se se trata da propriedade correspondente nos inorgânicos, dizemos **fortidão**. Exemplos: "A fé aumenta a *fortaleza* das almas". "O leão tem mais *força* que o burro". "Matéria explosiva, ou álcool de *fortidão* maravilhosa". Afinal essas distinções não são essenciais; pois dizemos também: a *força* da dinamite; a *fortaleza* daqueles muros, ou do antigo castelo; a *fortidão* do seu gênio, etc. – **Valente** é aquele que não teme o perigo e é capaz de enfrentá-lo. "É à **valentia** dos soldados, tanto pelo menos quanto à bravura do general, que se deveu a vitória". – **Esforço** é a ação moral ou física de que alguém é capaz. O indivíduo **esforçado** é o que tem qualidades para vencer pelo trabalho. – **Reforço** é "acréscimo de força, aumento de vigor". É **reforçado** o homem que tem mais desenvolvidos os órgãos de ação física próprios para uma certa função ou esforço: *reforçado* do peito, das pernas, dos braços. – **Possante** quer dizer – "que tem grande força, que se impõe pelo enorme poder dos músculos" (**possança**). Confunde-se com **pujante** e **potente**. É preciso notar, no entanto, que **pujante** se diz daquele que é capaz de vencer em pugna; que **potente** adita à noção de "poderoso, a ideia de ativo, energético, eficaz"; e que **possante** sugere ideia de "opulência de força" e "majestade de aspeto." "O gladiador estava ainda em toda a sua *pujança*". "Quando operou aquela *possante* máquina de guerra...", "A alma *potente* do justo a nada cede". "A *potência* daquele espírito, daquelas grandes virtudes ou daquelas construções maravilhosas".

235

ALFANJE, cimitarra, espada, gládio, terçado, durindana, montante, chanfalho, sabre. – **Espada** – diz Roq. – é palavra italiana e castelhana, que vem do latim bárbaro *spatha*, do grego *spathe*, que significa "espátula", e *espada* de folha larga na ponta; e designa a arma que se julga corresponder ao *gladius* dos latinos. – **Gládio** é a palavra latina *gladius*, que, segundo Varrão, vem de *cladis* "matança na guerra" (*quasi cladius, quod ad cladem sit inventus*). Não se sabe ao certo qual era a forma desta arma ofensiva entre os romanos, mas deve ter-se como provado que se metia em bainha, que se punha à cinta, e que era longa, porque Cícero diz na oração *pro Marcello*: *Gladium vaginâ vacuum in urbe non vidimus* – "não vimos na cidade *espada* desembainhada". E zombando de seu genro Lentulo, que sendo de pequena estatura, trazia uma grande *espada* à cinta, disse: *Quis generum meum ad gladium alligavit?* – "Quem foi que atou meu genro àquela *espada*?" O primeiro talvez que usou esta palavra em sentido reto, como em latim, foi Filinto Elysio, na tradução dos *Mártires*, I. 6., onde diz:

> Detrás dos Vexillarios vão Hastatos.
> Com *gladios* na segunda forma, etc...

Foi, contudo, usada em sentido figurado por escritores de boa nota para designar o poder supremo, e também um castigo de

Deus, como disse Camões, falando da peste: "O *gladio* que feriu o povo". – Quer o autor dos *Sinônimos* da língua portuguesa (D. Fr. F. de S. Luiz) que se use esta palavra em sentido reto quando aludirmos aos usos bélicos dos romanos; e nomeadamente se houvéramos de traduzir aquele lugar de Vegecio, *De Re Milit.*, II, 15: *Habent... gladios majores, quos spathas vocant, et alios minores, quos semispathas nominant* – em que não poderíamos deixar de empregar os dois vocábulos *gladio* e *espada*, senão usando de um circunlóquio extenso e escusado. Mui sensato é este parecer; resta que se adote e se observe: do que duvidamos em tempos em que se vêm postergadas outras mais importantes observações acerca de nossa tão maltratada língua. – **Terçado** do castelhano *terciado*, é espada curta e larga. É palavra muito usada nos clássicos, e poética, pois Camões, falando dos habitantes de Moçambique, disse:

> Por armas têm adargas e *terçados*.
> (*Lus.*, I., 47).

– **Durindana** é termo cômico e burlesco, e por ele se designa uma espada grande, pesada e terrível, de que usam os valentes e denodados cavaleiros em suas lides; e assim nos servimos desta palavra, como os franceses da sua *flamberge*, e os espanhóis da sua *tizona*, para zombarmos da valentia dos fanfarrões que se gabam de façanhas inauditas. – **Alfanje** é espada mouresca e turca, larga, curta e curva, que tem só um gume. – **Cimitarra** é "espada pérsica, de aço fino, de figura curva, e de três dedos de largo". – **Montante** – define Aul. – "grande espada antiga, que se brandia com ambas as mãos para acutilar por alto, pelo que também se lhe dava o nome de *espada de ambalas mãos*. Miguel de Asnide era tão agigantado que trazia na cinta um *montante* por espada ordinária (D. do Couto)" – **Chanfalho** é termo vulgar, ainda mais burlesco do que durindana: é "grande espada, velha, enferrujada, que não corta". – **Sabre** é "espada pequena, ou pelo menos mais curta que o terçado. É hoje usada na gendarmeria".

236

ALFIM, enfim, finalmente, afinal, por fim. – Diz Roq., que "**alfim** é expressão castelhana mas admitida em nossa língua, e usada por Fr. L. de Souza e por Vieira". Confundem-na muitos com **enfim** e com **finalmente**; mas é mister distingui-las. Chama-se *fim* ao termo material de uma coisa, e também ao conseguimento do objeto que nos propusemos, ou que desejávamos. Segundo a preposição que se lhe ajunta, é mais ou menos extensa, decisiva ou positiva sua significação. **Alfim** denota que, depois de se haverem vencido todos os obstáculos, logramos nosso intento; e assim dizemos: "Depois de havermos gasto tanto, ao cabo de tantas fadigas, tivemos *alfim* a ventura de sair bem em nossa empresa". – **Enfim** é um modo translatício, que designa a conclusão, pelo comum desejada, de um discurso, de uma conversação, de uma arenga, ou de uma enumeração: "*Enfim* acabou de falar, terminou seu discurso". – Mais positivo e terminante que as duas expressões anteriores é o advérbio **finalmente**, que significa, por última conclusão, definitiva, irrevogavelmente. As duas primeiras não resolvem absolutamente, deixam alguma coisa que esperar: a terceira, não; pelo que nos atreveríamos a dizer que é a conclusão das conclusões, ou o *fim* dos *fins*. Os seguintes lugares de Vieira talvez possam servir de modelo neste caso. Falando ele dos apóstolos, que depois de não poucos esforços de seu Mestre foram elevados a tão alta dignidade, diz: "Como homens *alfim* levantados do pó da terra, ou das areias da praia..." (II, 24). Depois de enumerar os formosos dotes de Helena, diz: "Flor *enfim* da terra, e cada ano cortada

com o arado do tempo"... (XII, 5). E começando aquele famoso exórdio do sermão sobre o dia de juízo, diz: "Abrasado *finalmente* o mundo", etc. (III, 146). – Resta-nos dizer que o primeiro do grupo é hoje muito pouco usado: em vez de *alfim*, dizemos **afinal**. – A locução **por fim** equivale a "finalmente", "em conclusão". "*Afinal* chegou o nosso dia". "Depois de nos mostrar toda a casa, levou-nos *por fim* ao parque..."

237

ALGOZ, **carrasco**, **verdugo**, **carnífice**, **sacrificador**, **executor**. – Quanto aos três primeiros, diz Bruns. são: "denominações comuns ao executor da alta justiça nos países onde vigora a pena de morte". – **Algoz** é termo culto, próprio da poesia e do estilo elevado; **carrasco** é termo popular; **verdugo** é palavra castelhana que se introduziu na língua portuguesa. – **Carrasco** e **verdugo** designam o indivíduo que tem o ofício de executor; **algoz** é esse indivíduo, ou outro qualquer (que faça de algoz contra alguém; isto é, que o flagele e martirize como se quisesse tirar-lhe a vida). "Carlos I de Inglaterra foi executado por um *algoz* mascarado que se prontificou a substituir o *carrasco* que havia desaparecido". No sentido figurado, "*algoz* diz-se melhor de quem martiriza moralmente; *carrasco* e *verdugo*, dos que martirizam moral e fisicamente". – **Carnífice** diz – "homem sanguinário; que faz, ou que é capaz de fazer morticínios". – **Sacrificador** era o encarregado de sacrificar as vítimas entre quase todos os povos antigos; e aplica-se hoje com sentido análogo, para designar o indivíduo que imita contra alguém as funções do sacrifício, isto é, da execução religiosa, ou da tortura como cerimônia de culto, e que passou, por isso mesmo, a ser sacrílega. – **Executor** substitui a quase todos os outros do grupo; é simplesmente o que executa a sentença, subentendendo-se que é quase sempre a de morte.

238

ALGUNS, **certos**. – **Alguns** "refere-se limitadamente a pessoas ou coisas indeterminadas, que aquele que fala não conhece bem, ou que lhe não ocorrem, nem é preciso indicar. O segundo, posto que se refira igualmente a pessoas ou coisas indeterminadas, é menos vago, e dá a entender que são conhecidas e que se poderiam nomear se necessário fosse". (Roq.).

239

ALHEIO, **de outrem**, **estranho**. – "Entre **alheio** e **de outrem** – escreve Bruns. – há uma muito leve diferença, suficiente não obstante para que em muitos casos as duas expressões não possam empregar-se indistintamente. – **Alheio** indica apenas que o objeto não é nosso; **de outrem** não só indica que o objeto não é nosso, mas afirma que *outrem* é seu dono. Cobiçar o *alheio* é cobiçar o que não é nosso; cobiçar o que é *de outrem* é cobiçar o que pertence a determinado indivíduo. Entre **alheio** e **estranho** também se nota a seguinte diferença: o *alheio* não é nosso; o *estranho* não só não é nosso, senão que ignoramos se tem dono".

240

ALHURES, **algures**. – Segundo Bruns., estes dois advérbios "são atualmente pouco usados na linguagem culta; e o primeiro não só pouco usado, senão já quase desconhecido. Não obstante, são muito expressivos, e por certo merecedores de serem revividos". – **Alhures** (pronuncie-se *alures*) exclui o lugar em que estamos; – **algures**, sem determinar o lugar, não exclui nenhum; *alhures* = "noutra parte"; *algures* = "em algum sítio".

241

ALI, **lá**, **acolá**, **aí**, **além**. – **Ali** diz propriamente – "naquele lugar", tanto à vista como no sítio de que se acaba de tratar. –

Lá significa – "naquele outro lugar"; isto é – no lugar que não é o em que me encontro eu presentemente e que está distante de mim, na parte oposta àquela em que estou. – **Aí** quer dizer – "nesse lugar"; isto é – no lugar em que se encontra a pessoa a quem nos dirigimos. – **Acolá** diz – "ali, naquele lugar que está à vista, mas que não é o que eu ocupo, nem o que está ocupando a pessoa com quem falo". – **Além** significa – "mais para diante, do outro lado de um lugar ou um acidente à vista, ou mesmo não visível".

242

ALIANÇA, **liga**, **confederação**, **coalizão**. – "**Aliança** é a união de vontades e forças para fins determinados. A *aliança* entre soberanos (ou entre Estados) forma-se por via de tratados; e as condições, com que é estabelecida, convertem-se em regras de direito público, que obrigam as nações que se *aliaram*". – **Liga** é uma semelhante união, porém menos duradoira, e não requer as formalidades com que se estipulam as *alianças*, nem produz resultados iguais. *Aliança* diz-se com respeito às pessoas e às coisas; porém *liga*, comumente, refere-se às pessoas. A palavra *aliança* toma-se indiferentemente, podendo ser boa ou má; pelo contrário a palavra *liga* toma-se quase sempre em mau sentido. – **Confederação** é "uma união, que, para realizar-se, supõe maior formalidade; e tem lugar mediante convenções particulares, entre reis, povos, corporações, etc." (D. José de Lacerda). – **Coalizão** – diz Bruns., – "é uma espécie de *liga* momentânea, e dela difere em que a *liga* se celebra geralmente entre Estados, ou entre partidos que não têm interesses opostos; enquanto que a *coalizão* se faz entre Estados, ou entre partidos que, em circunstâncias normais, têm interesses ou sustentam princípios diametralmente contrários. A **coalizão** visa a um fim; conseguido este, cada Estado, ou cada partido volta ao seu anterior antagonismo, ou à anterior indiferença".

243

ALIANÇA, **união**, **casamento**, **consórcio**, **matrimônio**, **núpcias**, **bodas**, **noivado**. – Neste grupo, "a palavra **aliança** refere-se ao que da **união** é aparente e se relaciona com as convenções sociais. Assim dizemos que a diferença de religião, a desproporção das fortunas, etc., não impediram a *aliança* de duas famílias. Há homens que contraem *alianças* que não estão em relação com a nobreza da sua prosápia. – **União** é a palavra que mais se relaciona com as conveniências pessoais dos cônjuges. Duas pessoas de gostos diametralmente opostos formam uma *união* desgraçada. – **Casamento** é o vocábulo que exprime a associação do homem e da mulher, sem nenhuma outra ideia acessória". (Bruns.). – **Matrimônio**, segundo Roq., exprime o contrato, entre homem e mulher, pelo qual dá um ao outro poder sobre seu corpo. É termo genérico do direito das gentes, que se refere precisamente ao contrato, sem relação necessária às leis religiosas ou civis de cada nação. – **Núpcias** é palavra latina, *nuptiæ*, e refere-se propriamente às solenidades legais, ao rito e aparato com que costuma celebrar-se o *matrimônio*. – **Bodas**, do castelhano *boda*, significa o festim doméstico, o banquete nupcial, com que se soleniza esta festa de família. – **Noivado** é "expressão vulgar com que se designa a cerimônia religiosa do matrimônio católico, e também as *bodas* que a este se seguem".

244

ALICERCE, **base**, **fundamento**, **embasamento**; **peanha**, **pedestal**. – **Alicerce** (ou **alicerces**) é a "parte sólida, maciça de alvenaria, encravada no solo firme, e sobre a qual assentam os muros de uma constru-

ção". – **Base** é termo geral, significando "a parte inferior sobre a qual repousam os corpos"; e tratando-se de edifícios, poderia confundir-se com **alicerce** se este não sugerisse a ideia, que o caracteriza, de apoio firme; enquanto que **base** designa apenas "os pontos por onde começa o edifício a erguer-se do solo". – **Fundamento** (aqui, melhor no plural) é "toda a área de solo, compreendendo a estrutura subterrânea, sobre que assenta uma construção". Há uma palavra que parece mais técnica para designar o assento geral, o aparelho de solidez e segurança sobre que repousa um edifício: é o vocábulo **embasamento**. Entre este e **fundamento** há, no entanto, sensível diferença: **embasamento** não é mais do que tudo aquilo que acima do solo serve de suporte ao edifício: assenta, pois, o *embasamento* sobre os *alicerces*; como estes assentam sobre os *fundamentos*. – Sobre **fundamento** e **base** escreve Laf.: "**Fundamento** usa-se mais no plural, e tratando de um edifício, seus *fundamentos* são como suas raízes. **Base** emprega-se ordinariamente no singular e falando de um objeto pouco extenso, como um rochedo, ou uma coluna: sua *base* é seu pedestal, ou como seu pedestal". "O mago encerrou-me numa estátua colossal, cuja base assenta nos *fundamentos* do templo" (Volt.). O *fundamento* está oculto na terra; a *base* está acima da terra e se vê: cavam-se, lançam-se *fundamentos*; assenta-se uma *base*; a máquina de guerra dos antigos, chamada em francês *tortue* e que era móvel, tinha uma *base* (Roll.), mas não um *fundamento* ou *fundamentos*. Uma montanha é abalada até nos seus *fundamentos*; e sua *base* tem tanto de circunferência, é coberta de habitações ou de verdura. O *fundamento* é aquilo sobre que assenta a *base*. "Não basta que a virtude seja a *base* de vossa conduta, se não estabelecerdes essa *base* mesma sobre *fundamentos* inabaláveis". (J. J.)... Mas o que é decisivo na escolha entre estas duas palavras, de uso tão frequente no sentido figurado, é que "**fundamento** encerra a ideia de solidez, a qual não se inclui, pelo menos nem sempre, na palavra *base*". – "**Peanha** é palavra portuguesa formada de *pé* e *anha*, que alguns querem seja corrução de *lignea*, "de pau", e designa a peça de pedra ou de madeira, às vezes movediça, sobre que se põe estátua ou busto... – **Pedestal** (do francês *piédestal*, de *pied*, "pé", e do teutônico *stall*, "base, apoio", é termo de arquitetura, e indica um corpo sólido, ordinariamente de mármore, que sustém as colunas, as estátuas monumentais, etc.; consta de *base*, soco e cornija, e varia segundo as ordens de arquitetura".

245

ALICIAR, engodar, seduzir, subornar, peitar, corromper. – **Aliciar** é "trazer alguém para o nosso partido, fazendo-lhe promessas, falando-lhe às ambições". – **Engodar** é "atrair com presentes e mimos, boas palavras e artes". – **Seduzir** é "desviar do reto caminho, enganando com artifícios, iludindo a boa-fé, corrompendo com habilidades e finuras". – **Subornar** é "induzir de qualquer modo, com ofertas e pagas, a que falte alguém com o seu dever". – **Peitar** é "por meio de paga, "pôr alguém a nosso favor e levá-lo a fazer o que é do nosso interesse". – **Corromper** é, aqui, "por todos os meios ilícitos e desonestos, apoderar-se da vontade e da ação de alguém para fins criminosos ou indignos". O ato de *corromper* envilece tanto o *corrompido* como o que *corrompe*, na maioria dos casos, no entanto, muito mais o *corrompido*.

246

ALIENAR, vender, trocar, permutar, traficar, cambiar, escambiar. – **Alienar** exprime a ideia geral que os outros verbos deste grupo especializam: a ideia de desfazer-se

alguém de alguma coisa, de cedê-la, passá-la a outrem. Se a cessão é feita mediante dinheiro, dizemos que se *vendeu*; se damos uma coisa por outra, dizemos que foi *trocada*, ou que se a *permutou*. Há, no entanto, alguma diferença entre **permutar** e **trocar**; o primeiro verbo sugere melhor a ideia de mutualidade entre os que fazem a transação. Quando os mercadores de um país vão a outro (ou vão entre bárbaros, por exemplo) levar artigos de comércio, e os *trocam* por outros desse país, não se pode dizer, só por isso, que os dois países *permutam*, ou que há *permuta* entre os dois países. Haverá *troca*, *tráfico*, não propriamente *permuta*. Para haver *permuta* seria preciso que do país onde se *vendeu* ou *trocou* fossem também mercadores ao outro país, e que se estabelecessem assim entre os dois mútuas relações de comércio. Fora do comércio, **permutar** significa – "trocar de posto, de emprego, de lugar". – **Cambiar** e **escambiar** (do mesmo tema *cambio*, "troca") distinguem-se assim: **escambar**, que é pouco usado, indica a operação de *trocar*, mas mediante dinheiro (*vender*); e **cambiar** é mais propriamente "*trocar* moeda de um por moeda de outro país".

247

ALIMENTAR, nutrir, sustentar, manter. – **Alimentar**, diz Roq., que "se refere à ideia da necessidade que de comer têm os seres viventes. – **Nutrir** explica esta mesma necessidade satisfeita em proveito do indivíduo pelos bons resultados da digestão. – **Sustentar** significa prover do necessário para a vida, dar o sustento, a comida diária. *Alimenta-se* o pobre com umas sopas. *Nutre-se* o rico de bons manjares. As pessoas caritativas *sustentam* muitas famílias necessitadas. No sentido figurado, dizemos que a lenha *alimenta* o fogo, a água as plantas. O literato *alimenta-se* lendo Horácio, e *nutre-se* com as verdades da filosofia. Os poderosos do século *sustentaram* com sua influência e conselhos muitos erros e heresias". – **Manter** diz propriamente – "conservar alguma coisa como está, no seu lugar, nas condições em que se encontra. *Mantém-se* a família; *mantém-se* a promessa, a atitude, a opinião...

248

ALIMPA, monda, poda. – A **alimpa** – diz Bruns. – é o ato de cortar os ramos desnecessários ou nocivos à existência da árvore, limpando ao mesmo tempo, os que ficam, da ferrugem e outros parasitas que os cobrem. – **Monda** se diz do ato de arrancar à mão, ou com sacho, as más ervas que crescem entre os cereais. – **Poda** é "o ato de cortar a rama supérflua que de ano para ano fica nos vegetais, principalmente na vinha."

249

ALISTAR, relacionar, arrolar, catalogar, inventariar. – **Alistar** distingue-se dos outros deste grupo em sugerir a ideia de inscrever com certa solenidade a pessoa que se *alista*. Tanto assim que se diz: *alistou-se* eleitor; *alistou-se* no partido (e não – *relacionou-se*; nem – *arrolou-se*). – **Relacionar** é "dar em relação com as informações precisas": ideia que se não encerra em **arrolar**, que diz apenas – "pôr em rol", sem mais ideia alguma acessória. *Relacionam-se* os objetos que vão para o depósito; *relacionam-se* fatos. *Arrola-se* a roupa; *arrolam-se* os instrumentos e armas indispensáveis para a viagem, etc. – **Catalogar** é "arrolar em certa ordem, e com explicações que facilitem a respeito das coisas catalogadas o que se deseja saber de cada uma. *Catalogam-se* livros, papéis, etc." – **Inventariar**, na acepção jurídica, é arrolar e descrever minuciosamente os bens de um espólio ou de uma execução; e, em geral, diz o mesmo que **relacionar**, mas sugerindo ideia da indagação e pesquisa que faz o que inventaria.

250

ALJAVA, alforje, carcás, mochila, bolsa, estojo, mala, saco, cesta, bruaca, picoá, peçuelo, guaiaca, alcofa, açafate, seira, seirão, balaio, cabaz, cesta, jacá. – Diz Bruns. que a primeira e a terceira palavras deste grupo – **aljava** e **carcás** – são sinônimos perfeitos e com qualquer delas se designa o estojo onde se metem as setas e que se traz pendente do ombro. Diferem apenas, acrescenta o mesmo autor, quanto à origem: *aljava* nos vem do árabe; *carcás*, do grego. – **Alforje** (usado comumente no plural) é, segundo definição de Aul., "um saco fechado em ambas as extremidades, e com a abertura no centro, de modo a formar como dois sacos ou compartimentos. Usa-se para trazer ao ombro, ou sobre as cavalgaduras, a fim de igualar o peso dos dois lados". – **Mochila** é "uma espécie de saco de sola para trazer roupa e outros artigos de uso que os soldados de infanteria e de caçadores em marcha põem às costas, seguro por meio de correias". – **Bolsa** é "um saco de qualquer estofo, ou mesmo de cabedal, e mais ou menos semelhante a uma bolsa para dinheiro". – **Estojo** é "uma caixa, de madeira, de coiro ou de pano, com divisões e escaninhos, para guardar coisas de uso, aparelhos de profissão, etc. *Estojo* de desenho; *estojo* de costura, etc." – **Mala** é "saco de coiro, lona, madeira, oleado ou pano, fechado ou não com cadeado ou chave, e em que se leva fato de jornada, papéis, e outros quaisquer objetos". – **Saco** é "peça de pano ou de coiro, dobrada, e ordinariamente de forma retangular, fechada por todos os lados menos por um (a boca) destinada a conter provisoriamente diversos objetos miúdos, a fim de resguardar ou de os transportar)". – **Cesta** é "vaso grande, descoberto (ou mesmo com tampa móvel), feito de varas entrançadas, e que serve para conter ou transportar roupa, etc." (Aul.). – **Cesto** é uma cesta mais grosseira. No Brasil dizemos – *cesta* de costura, *cesta* de roupa suja (e não – *cesto*); – *cesto* de bananas, *cesto* de feijão (e não – *cesta*). – **Bruaca** (ou **broaca**) é termo nosso, usado entre os tropeiros e homens do campo. Assim o define o prof. Pereira Coruja: "espécie de saco de coiro, grande, que se conduz sobre cangalhas em viagem". Usa-se mais no plural, pois são sempre duas as *bruacas*, para que se equilibrem sobre o animal. Diferem, pois, de *alforjes* apenas em serem de coiro. – **Peçuelo** (ou melhor, **peçuelos**) é uma *bruaca* menor, que o próprio cavaleiro leva consigo à garupa. – **Picoá**, segundo o prof. Coruja, é "mala de algodão ou linho com abertura no meio: serve para conduzir roupa ou mantimentos em viagem. Também se costuma chamar *sapicoá*". É, pois, como se vê, um nome indígena mais equivalente a *alforje*. – **Guaiaca** é outro; e este poderia comparar-se a *bolsa* ou *estojo* se não fosse a particularidade de ser a *guaiaca* presa sempre à cintura. Diz o prof. Coruja que o dr. José Antonio do Valle, no seu romance *Divina Pastora*, em uma nota, assim define esta palavra: "Cinta de coiro lavrado, com bolsa para guardar dinheiro e mais misteres de um viajor". – **Alcofa** é, segundo Aul., cesto flexível de vime, esparto, ou folhas de palma, geralmente com asas. Dom. Vieir. acrescenta que é ordinariamente redondo, e serve para guardar ou conduzir pão, farinha, etc. – **Açafate** (ou **çafate**) = "pequeno cesto tecido de vimes delgados e descascados, de três ou quatro dedos de altura, sem arco ou asas, largo e leve, servindo para guardar objetos de costura, bordados, rendas e também flores, frutas, etc. (D. V.) – **Balaio** é "cesto grande, de palha, de taquara partida, de cascas de embira, de junco, etc." – **Seira** = cesto de palha, de junco ou de esparto, que serve para conter frutas, e diferentes objetos". **Seirão** = "seira grande, em forma de alforje, que se põe sobre as bestas de carga". – **Cabaz** = "cesto fundo, quase

sempre com asas; para condução de coisas miúdas". – **Jacá** = "cesto grande e grosseiro, feito de esparto ou de taquara".

251

ÁLGIDO, **glacial**, **frio**, **frígido**, **gelado**, **regelado**, **gélido**. – "**Álgido** é termo científico e poético; glacial é científico, poético e da linguagem vulgar. Além disso distinguem-se estes adjetivos por sua diferente significação. **Álgido** se diz do que comunica a sensação do gelo; **glacial**, do que está frequentemente gelado. Noutra acepção, qualifica-se de **álgido** ao que vive no que é **glacial**: as plantas e os animais *álgidos* vivem nas regiões *glaciais*". (Bruns.) – **Frio** significa propriamente "sem calor", "privado de calor", ou "que não é quente". **Frígido** (do mesmo latim que deu **frio**, *frigidus*) diz também "frio, onde há muito frio". É provavelmente esta última definição que caracteriza a diferença entre os dois. Dizemos: clima *frio*; zona *frígida* (zona *fria*, e clima *frígido* significariam outra coisa). – **Gelado** quer dizer propriamente – "reduzido à temperatura do gelo". – **Regelado** é redobramento do precedente e diz – "muito frio, ou mais frio do que o gelo." – **Gélido** é termo poético, empregado mais no sentido moral, e significando o mesmo que *gelado*; devendo notar-se que, melhor do que este (que designa apenas estado quase sempre), exprime qualidade ou modo de ser. Dizemos: o *gélido* cadáver (e não – *gelado*); a *gélida* indiferença (não – *gelada*); água *gelada* (e não – *gélida*).

252

ALMA, **espírito**, **ânimo**, **eu**, **coração**. – Segundo Roq., "**alma**, no entender de alguns etimologistas, vem de *anima*, termo latino que vem do grego *anemos*, "ar, sopro, alento"; outros, e talvez com mais razão, derivam a palavra *alma* do verbo latino *alo... alere*, "vivificar, nutrir". Seja qual for sua etimologia, representa esta palavra, em sua significação mais lata, o princípio, a causa oculta da vida, do sentimento, do movimento de todos os seres viventes". – **Espírito** é a palavra latina *spiritus*, de *spiro... are*, "respirar", e vale o mesmo que sopro ou hálito, ar que se respira. **Espírito** difere de **alma**, primeiro em encerrar a ideia de princípio subtil, invisível que não é essencial ao outro vocábulo; segundo, em denotar inteligência, faculdades intelectuais ativas que àquele só são acessórias. Os filósofos materialistas têm querido negar à *alma* humana a qualidade de *espiritual*, mas nenhum se lembrou ainda de dizer que o *espírito* era matéria. **Alma** desperta ideia de substância simples, que anima ou animou o corpo, sendo que **espírito** só indica substância imaterial, inteligente e livre, sem relação nenhuma com o corpo. Deus, os anjos, os demônios são *espíritos*, mas não são *almas*; as substâncias *espirituais* que animaram os corpos humanos, ainda depois de separadas deles, chamam-se *almas*; e assim dizemos: as *almas* do Purgatório; *almas* do outro mundo, a que os franceses chamam *revenants*. Vieira disse, falando do demônio: "É *espírito*: vê as *almas*". Os gregos designavam a **alma** pela palavra *psyche*, "que quer dizer respiração", "sopro"; e davam-lhe a mesma extensão que nós damos à palavra **alma**... Daí vem chamar-se *psicologia* à parte da filosofia que trata da **alma**. No sentido figurado, **alma** refere-se aos atos, aos sentimentos, aos afetos; **espírito**, ao pensamento, à inteligência. Diz-se que um homem tem a *alma* grande, nobre, briosa; e que tem o *espírito* penetrante, profundo, vasto. Falando do homem, **alma** e **espírito** nem sempre são sinônimos perfeitos; isto é, nem em todos os casos se podem empregar indiferentemente, senão em alguns; tal é aquele de Vieira em que, querendo encarecer o valor da alma sobre o corpo, diz: "Tudo isto que vemos (no

homem) com os próprios olhos é aquele *espírito* sublime, ardente, grande, imenso – a *alma* (II, 71). – **Ânimo** é a mesma palavra latina *animus*, de *anemos*, grego, do mesmo modo que *anima*. Na sua significação primitiva vale o mesmo que *alma, espírito*; porém o uso tem preferido este vocábulo para designar a faculdade sensitiva e seus atos: representa, pois, quase sempre valor, esforço, ou intenção, vontade; e nisto se distingue de *alma* e *espírito* (se bem que nem sempre essencialmente). Segundo os afetos que o *ânimo* experimenta, pode ele ser baixo, abatido, humilde, vil, ou altivo, elevado, soberbo, nobre, esforçado: o que com propriedade (em muitos casos) não se poderia dizer de *alma*, e ainda menos de *espírito*". Como notamos entre parênteses, nem sempre é de rigor a distinção que faz Roq. Também dizemos: *espírito* baixo ou altivo; *alma* esforçada ou abatida, vil ou soberba. – Em linguagem filosófica, **eu** é a *alma*, é o conjunto das faculdades que formam a individualidade psicológica. Particularmente, quando se considera a *alma* como ser pensante, ou quando nela se vê apenas a faculdade intelectual, chamamo-la *espírito*. – **Coração** só pode ser tido como sinônimo de *alma* e de *espírito*: de *alma*, quando exprime, como esta, "órgão dos afetos"; de *espírito*, quando é tomado como sede da fortaleza moral, da coragem etc.

253

ALMANAQUE, **calendário**, **folhinha**, **repertório**, **anuário**, **guia**, **indicador**, **vademeco**, **roteiro**, **manual**, **prontuário**. – Diz Bruns. "que de todos estes vocábulos, só **folhinha** e **repertório** são genuinamente portugueses. – **Almanaque**, palavra árabe introduzida na língua espanhola, e que passou desta para todas as línguas europeias, designa um folheto ou livro (e às vezes livro bem alentado) em que, além do *calendário* do ano, se indicam os eclipses, número áureo, epacta, ciclo solar, indicação romana, letra dominical, entrada e saída do sol em cada um dos signos do Zodíaco; e, segundo a índole das pessoas a que é destinado, é provido de vária leitura e indicações interessantes, ou de mero passatempo. – O **calendário** indica a ordem e série de todos os dias do ano, dispostos por meses; o princípio das estações; as fases da lua e as variações dos dias; designa também o santo ou a festa própria de cada dia do ano. Além do **calendário** folheto, há o *calendário* parietal, que se compõe de folhas sobrepostas que se vão retirando uma a uma cada dia. – **Folhinha** é o *calendário* adequado ao uso do povo; há também *folhinhas* eclesiásticas, para uso do clero. – **Repertório** é uma espécie de *almanaque* acomodado às necessidades da gente do campo. – A palavra **anuário**, moderna na nossa língua com esta acepção, é uma espécie de *almanaque* cuja utilidade é particular às casas de comércio, às repartições oficiais, e à burocracia em geral". – **Guia**, aqui, é folheto ou pequeno livro em que se encontram todas as indicações indispensáveis aos que se ocupam de algum serviço: *guia* dos viajantes, *guia* dos lavradores, etc. – **Indicador** será um guia mais particular: *indicador* das ruas, dos caminhos de ferro. – **Vademeco** (latim *vade mecum*) = "folheto com indicações ligeiras, fórmulas ou noções de uso frequente em algum ofício ou profissão". – **Roteiro**, no sentido restrito que tem neste grupo, é o indicador dos pontos por onde se tem de passar, ou do rumo que se há de seguir nalguma viagem. (Usa-se neste caso mais propriamente de *itinerário*.) – **Manual** é vademeco mais extenso; "livro pequeno, que contém em resumo aquilo que é indispensável em algum ofício, ciência ou arte". – **Prontuário** é o "manual onde se acha *prontamente* o que se quer sobre algum ofício ou profissão".

254

ALMEJAR, **aspirar**, **desejar**, **ambicionar**, **apetecer**, **cobiçar**, **pretender**. – **Desejar** é "ter vontade de conseguir ou de gozar alguma coisa: é querer com mais gosto". – **Aspirar** é "desejar com esforço e veemência". – **Almejar** é "desejar ardentemente, querer do fundo da alma, e com serenidade e confiança nos votos com que se espera pela coisa almejada". – **Ambicionar** é "desejar demais, imoderadamente". – **Apetecer** é "desejar alguma coisa como por necessidade de ceder a exigências da própria natureza". Não seria, por isso, próprio dizer que F. *apetece* riquezas, honras, poder. – **Cobiçar** é "desejar o que não nos pertence, ou o que está acima dos nossos méritos". – **Pretender** é "desejar coisas muito altas e de grande monta, e que excedem muito a nossa capacidade". – *Deseja-se* recobrar a saúde, vencer um embaraço, ou possuir alguma coisa que nos agrada. – *Aspira-se* um bom lugar na administração, ou um alto posto na política. – *Almeja-se* voltar à casa dos pais, ou fazer as pazes com o amigo. *Ambiciona-se* uma grande fortuna. – *Apetece-se* quanta fruta se vê nas mercearias. – *Cobiça-se* a bengala, o cavalo do Pedro. – *Pretende-se* um cargo de importância ou chegar a almirante quando se é simples marinheiro.

255

ALMO, **nutriente**, **nutritivo**, **criador**. – **Almo** (do latim *alimus*, de *alo...ere*) diz "fecundo, criador, que alimenta, que nutre, que faz crescer". – Entre **nutriente** e **nutritivo** há esta diferença: **nutritivo** (de formação vernácula) significa "de nutrição: que tem a propriedade de ser *nutriente*". **Nutriente** (do latim *nutriens*) quer dizer "que nutre". Dizemos: as qualidades, ou propriedades *nutritivas* de um produto vegetal (e não – *nutrientes*); o leite é muito *nutriente* (e não – *nutritivo*). É certo, no entanto, que andam quase sempre os dois aplicados indistintamente. – **Criador** é aquilo que é capaz de gerar, de produzir forças, de nutrir, etc.

256

ALOCUÇÃO, **proclamação**, **arenga**, **discurso**, **fala**, **prática**, **arrazoamento**, **oração**, **sermão**, **homilia**, **panegírico**, **prédica**, **preleção**, **conferência**, **elogio**. – A palavra **arrazoamento**, de todas as deste grupo, é a mais extensa. Como diz Roq. – "é o gênero a que pertencem como espécies todas as composições oratórias, que, segundo a contextura, os fins e as circunstâncias, tomam diferentes nomes, e têm entre si algumas diferenças. Tudo o que se diz de viva voz a um auditório mais ou menos numeroso, com o fim de o convencer e persuadir, ou de o excitar a alguma ação ou empresa, é um *arrazoamento*, por isso que se *razoa* e se empregam *razões* para conseguir o fim que se deseja". – **Arenga** é uma espécie de *arrazoamento* oratório, animado e vivo, que se dirige a um grande concurso para comovê-lo, e mui comumente para animar os soldados a empreender com denodo a batalha ou qualquer ação perigosa. *Arenga-se* também a corporações respeitáveis, a pessoas eminentes, em notáveis circunstâncias. A *arenga* dirige-se, pois, ao coração, como tendo por fim persuadir e mover. *Arengas* são as que os antigos generais faziam a suas tropas em vésperas de combate, as quais devem atribuir-se antes ao artifício retórico dos historiadores e poetas que à eloquência dos seus heróis. Em contrário sentido fazem os grandes conspiradores *arengas* ao povo, para excitá-lo à rebelião, como as que Salustio põe na boca de Catilina para animar e enfurecer a seus cúmplices. Os sábios e valorosos generais a acalmaram muitas vezes, em perigosas e decisivas circunstâncias, as sublevações de seus exércitos com eloquentes e veementes *arengas*. São *arengas* também os estudados e cerimo-

niosos *discursos* que, ao entrar um príncipe, um general, um conquistador numa cidade, lhe dirigem as câmaras, os governadores e demais autoridades, como devida homenagem que se lhes rende e jura. – **Prática** é exortação menos solene e menos veemente que *arenga*; e só se dá de superior para inferior. Às vezes corresponde às *arengas* dos antigos generais; tais são as que Jacinto Freire põe na boca de Coge Cofar e de d. João de Castro, onde diz, falando do primeiro: "Fez aos turcos uma breve *prática...*": e do segundo: "Acabada a *prática...*" – **Fala** é termo vulgar que vale o mesmo que *prática* no sentido em que aqui a tomamos; diz-se com muita frequência que o coronel fez uma *fala* a seus soldados, o general à sua tropa, o superior a seus súbditos. Esta palavra é mais bem recebida entre o vulgo do que *arenga*, que ele quase sempre toma no mau sentido de razões longas ou ininteligíveis, *práticas* impertinentes, etc. – Do substantivo *os...oris*, "boca", tiraram os latinos o verbo *orare*, que significa "falar, pedir, suplicar, rogar"; e daqui *oratio*, "oração", que em seu sentido reto é um *arrazoamento* ou alocução disposta com inteligência e arte, para persuadir, mover e interessar a uma pessoa, ou a um ser superior, a que nos ampare, favoreça, socorra, ou nos perdoe as faltas que havemos cometido. Usa-se mais comum e geralmente em sentido religioso; como as *orações* que fazemos a Deus e aos Santos; as da Igreja segundo o ritual. Dizemos *oração* dominical, mental, vocal, jaculatória, fúnebre. Chamaram os latinos *orações* aos discursos que compunham com o maior esmero, para importantes sucessos ou negócios públicos; como a paz ou a guerra, a formação e aprovação de leis; a defensa, perante o povo, de causas particulares em que ele devia decidir; assim chamavam, e chamamos ainda hoje, a estes *arrazoamentos* públicos *orações*; como as de Isócrates, de Eschines, de Demóstenes, de Cícero. Porém, aos que fazem os oradores modernos se lhes dá geralmente o nome de *discursos*; tais são os de Pitt, de Fox, de Mirabeau, etc. De modo que àquilo que os antigos chamavam *oratio*, e que nós traduzimos pela palavra *oração*, agora lhe chamamos *discursos* no sentido oratório, entendendo por ele uma composição literária feita por qualquer de nossos oradores acerca de algum importante assunto, para chegar aos fins que nisso propôs: o que verifica por uma dedução de ideias, pensamentos, raciocínios coordenados entre si, animados e engrandecidos por quantos meios subministra a arte da eloquência. – **Alocução** é discurso breve, ou fala dirigida a alguém sem aparato oratório. Diz-se ordinariamente do que o Papa dirige aos cardeais em consistório, por ocasião de algum notável acontecimento que interessa a Igreja. – **Proclamação** é "uma *fala* ou *arenga* mais solene, escrita, dirigida a um povo ou a um exército por um príncipe, ou por um general, em grandes momentos, sobre questões de alta monta, e sempre destinada a nutrir esperança ou coragem na alma daqueles a quem se dirige". – **Sermão** é "uma prática religiosa, ou sacropolítica, e feita com certa solenidade, do alto do púlpito". – **Homilia** é "um sermão menos formal e solene; ou melhor, uma prática destinada a esclarecer algum ponto de doutrina ou alguma passagem das Escrituras". – **Panegírico** é a "oração em que se faz a apologia, o louvor de alguma grande vida". – **Prédica** é o mesmo que *prática* religiosa. Há, no entanto, uma diferença muito subtil entre estes dois vocábulos: "**prática** sugere intenção de instruir, de **explanar**"; enquanto que "**prédica** sugere mais a ideia de anunciar, proclamar, dizer muito alto", se bem que não exclua a noção de instruir. – **Preleção** é o mesmo que "discurso didático, ou prática em que se explica uma lição". – **Conferência** tem aqui a significação particular que lhe damos

hoje comumente: designa a "composição literária ou científica, em regra sem grande extensão, lida perante um auditório". – **Elogio** é quase panegírico; mas distingue-se deste em ser mais justo, mais legítimo como testemunho. Dizemos; *elogio* fúnebre, *elogio* histórico (e decerto ninguém diria *panegírico* histórico ou fúnebre, pois que *panegírico* diz propriamente "discurso festivo e laudatório".)

257

ALPENDRE, alpendrada, telheiro, pórtico, adro, átrio, vestíbulo. – Segundo Bruns.: "**alpendre** e **alpendrada** (ou *alpendrado*) têm por fundo o próprio edifício; o **telheiro** está contra o edifício ou isolado... Denominamos **alpendre** o adro coberto que há diante da porta de algumas ermidas e conventos; **alpendrada** o *alpendre* sobre que abrem as janelas de alguns *chalets.* Hoje **alpendre** diz-se quase exclusivamente daquela parte de um pátio que está coberta por telhado. Ao *alpendre*, como o entende Roquete[21], dá-se o nome de *anteportaria*; e à *alpendrada*, inda que impropriamente, chama-se *galeria*". – **Pórtico** é "portal de grande edifício, como templo, palácio, e que compreende certo espaço coberto, cuja abóbada é quase sempre sustentada de colunas e que serve de entrada". – **Adro** (do latim *atrium*, que também nos dá **átrio**) é "o espaço que fica à frente do pórtico, e pode ser aberto, ou não": diz-se mais particularmente do que se vê à entrada dos templos de alta construção. – Aplica-se o vocábulo **átrio** ao "pátio que nos grandes edifícios leva da entrada até à escadaria." – **Vestíbulo** é "o espaço que vai da rua até à porta que dá no interior, em casas nobres, ou em geral, nos grandes edifícios".

21 Alpendre, diz Roq.: "é um pórtico sustido em pilares diante da porta de algum edifício".

258

ALTANERIA, altivez, sobranceria, orgulho, soberba, empáfia, impostura, fatuidade. – **Altaneria** é uma afetação de altivez, e consiste em parecer que se é altivo, forte, valente, rico, etc. – **Sobranceria**, pode dizer-se, é a *altaneria* exagerada até a presunção, que mostra o sobranceiro, de estar acima de outros, de ter preeminência sobre outros. – Nas suas manifestações, a **altaneria** e a **sobranceria** podem facilmente confundir-se com **orgulho**, e sobretudo com **soberba** e **empáfia. Orgulho** difere de **soberba** em ser um sentimento que não é incompatível com a discrição, a magnanimidade, a nobreza de alma e outras grandes qualidades morais. Sendo o **orgulho** o alto conceito que temos de nós próprios, do nosso valor, da nossa família, é possível que se torne para o orgulhoso em forte estímulo na sociedade e na vida. A **soberba** não é só a manifestação do **orgulho**: é mais um falso *orgulho*, um *orgulho* afetado e estulto, um ridículo entono, arrogância e altaneria – do que propriamente **orgulho**. O **orgulho** pode ainda justificar-se, portanto, fazer-se legítimo: a **soberba**, nunca. O **orgulho** pode ser nobre, ou mesmo ser indício de virtudes excelentes: a **soberba** é sempre fútil, e raramente deixará de revelar pequenez de espírito. Ninguém se vexaria de dizer que tem *orgulho* de algum bem magnífico, de alguma honra excepcional, ou de não ter vícios torpes. Quem dissesse que é *soberbo*, ou quem se mostrasse *soberbo* de alguma coisa – estaria julgado só por isso. – A **empáfia** é a soberba arrogante, que se mostra pelos gestos, pelos ares insolentes, pelo desprezo com que encara o resto dos homens. **Empáfia** tem ainda alguma coisa de ostentação e fanfarrice. – **Altivez** é antônimo de humildade. O sujeito *altivo* é aquele que está no mundo como quem está no que é seu; que vive entre os homens como entre iguais, não se tendo como inferior a

ninguém. A **altivez** é, na maioria dos casos, manifestação de legítimo *orgulho*. Não é *altivo* o indivíduo que afronta um velho, ou que se mostra arrogante com uma criança. Deixa de ser *altivez* todo movimento de alma que não se funda numa perfeita consciência do direito, do honesto, do sagrado. – **Impostura**, mais do que *soberba* talvez, é uma afetação de grandeza, de superioridade, de orgulho – que se confunde com bazófia. *Impostor* é o sujeito cheio de si, ostentoso, a fazer alarde de si mesmo, com muita *empáfia*. – **Fatuidade** é a soberba do imbecil... se é que alguma soberba exista que não seja tal...

259

ALTERNATIVA, **disjuntiva**, **dilema**. – "**Alternativa** é a opção entre duas coisas ou ações, ambas possíveis, e sem que se contradigam. – **Disjuntiva** é a opção entre duas coisas opostas, das quais uma há de ficar precisamente prejudicada. Posso ir ao Porto por mar ou por terra: é uma *alternativa*. Ou casar, ou fazer-se freira: é uma *disjuntiva*. – **Dilema** é a alternativa ou disjuntiva em que não há opção satisfatória". (Bruns.)

260

ALTITUDE, **altura**. – Pode-se dizer – *altitude* de uma montanha, de uma torre; *altura* de uma torre, ou de uma montanha. No primeiro caso, consideramos a elevação da torre ou da montanha sobre o nível do mar; no segundo caso, calculamos a dimensão da montanha ou da torre desde a base até o cimo.

261

ALTEZA, **altura**. – **Altura**, como já se viu no § precedente, é a elevação de um corpo, contada da sua parte inferior até à parte superior: só se aplica a coisas físicas. – **Alteza** só se emprega tratando-se de elevação moral ou social. De resto, não é uma distinção absoluta. Nesta frase: "Os reis, quando tombam das suas *alturas*, sofrem mais que nós outros, os que não temos de onde cair" – a palavra *alturas* está aplicada também a elevação moral. **Alteza**, no entanto, em caso algum teria sentido físico.

262

ALTERAR, **mudar**, **variar**, **modificar**, **reformar**, **transformar**, **renovar**, **remodelar**, **reorganizar**, **reconstruir**, **reconstituir**, **refazer**, **retificar**, **corrigir**, **emendar**. – **Alterar** enuncia a ação geral que os outros verbos deste grupo particularizam: é dar – às partes, à forma, ao peso, à estrutura, à cor de um corpo ou de um todo e também às suas condições ou ao seu modo de ser ou de funcionar – uma nova disposição. – Se a *alteração* é total ou completa, usamos do verbo **mudar**, que significa alguma coisa como *substituir*. – Se se vai *alterando* pouco a pouco, chamamos a essa operação **variar**. – Se se muda de forma, ou se se fazem alterações num certo sentido – dizemos que isso é **modificar**. – **Reformar** é quase mudar, substituir, **renovar**; mas distingue-se de todos; e principalmente do último, diferença-se deste modo: a coisa que se *reforma* conserva ainda os seus fundamentos: mudará apenas o que nela não pode ou não convém ficar; a coisa que se *renova* toma um novo aspeto. – **Transformar** também se confunde com **reformar** aqui. A coisa que se *transformou*, porém, sofreu alterações maiores do que se tivesse sido apenas *reformada*. – **Remodelar** é "refazer alguma coisa sobre novos moldes ou modelos". – **Reorganizar** seria propriamente "dar organização nova àquilo que havia deixado de existir", mas é usado este verbo para designar o ato de "dar organização diferente mesmo àquilo que já existia ou que ainda existe". – **Reconstruir**, conforme indica o prefixo *re*, é "construir outra vez ou de novo". – **Reconstituir** é "dar a alguma

coisa uma nova estrutura, uma disposição íntima, essencial que pode ser ou não diferente da antiga, renovando-lhe apenas os elementos". – **Refazer** é um pouco menos que **reconstituir** em certos casos, e noutros poderia confundir-se muito com este; como, por exemplo, na frase: "Preciso de *refazer* (ou de *reconstituir*) as minhas forças". Mas aqui mesmo pode notar-se alguma diferença entre estes dois verbos. A ação de *refazer* não é tão essencial, profunda, completa como a de *reconstituir*. Um doente de anemia vai *reconstituir-se* na ilha da Madeira. Um sujeito que trabalhou o dia inteiro deve *refazer-se* das fadigas para a nova tarefa. – **Retificar**, **corrigir** e **emendar** confundem-se: todos enunciam a ação de pôr uma coisa nas condições em que se quer que fique. Mas, *emenda-se* o que está errado; *corrige-se* o que não está bem direito, ou bem expurgado de erros; *retifica-se* o que está torto, ou curvo, e também o que não está ainda bem puro.

263

ALUCINAR, **ofuscar**, **confundir**, **cegar**, **deslumbrar**, **fascinar**. – Sobre os três primeiros verbos deste grupo, lê-se em Bruns.: "Traduzimos da *Coleção de sinônimos da língua espanhola*, de que é autor d. José Joaquim de Mora, e que foi editada pela Real Academia da língua, o artigo correspondente a estes vocábulos: "As esperanças quiméricas, as ilusões do amor-próprio, as promessas enganadoras, *alucinam*. As razões sofísticas, as impressões veementes, tudo o que é indefinido, *ofusca*. As narrações complicadas, os raciocínios excessivamente subtis, as questões espinhosas, *confundem*. Aquele que funda as suas esperanças de acenso no sorriso ou no aperto de mãos do ministro – *alucina-se*. Aquele que sustenta uma causa injusta, por simpatia, ou por antipatia com as pessoas interessadas – *ofusca-se*. Quem pode ler, sem *confundir-se*, as obras dos filósofos alemães? A imaginação é a faculdade que *se alucina*; a razão, a que *se ofusca*; o entendimento, a que *se confunde*". – **Cegar** é "perturbar a vista de qualquer modo; fazer que desvaire por falta de uma visão perfeita das coisas". – **Deslumbrar** é "turvar a vista por meio de luz muito forte"; e no sentido figurado é "alucinar, confundir o entendimento ou a razão, ofuscá-la por alguma coisa brilhante, magnífica". – **Fascinar**, do latim *fascinare*, significa propriamente "enfeitiçar, encantar, dar quebranto"; e no sentido figurado quer dizer – "enganar por meio de prestígios, falsas aparências, etc." (Roq.)

264

ALUCINADO, **louco**, **perdido**, **cego**, **demente**, **doido**, **desvairado**, **delirante**, **insano**, **insensato**, **aturdido**, **atordoado**, **estonteado**. – **Alucinado** é o que subitamente desvaira e se arrebata como louco por efeito de alucinação. Aqui, fica muito próximo de **perdido**; mas devendo notar-se que este é mais extenso e de significação menos precisa. Pode dizer-se que **perdido** encerra o valor dos dois vocábulos franceses (ou a eles, ou a um ou outro deles é capaz de corresponder) *éperdu* e *égaré*: tanto diz – "agitado, perturbado por uma emoção violenta" (*éperdu*) como – "fora de si, espantado como doido, alucinado" (*égaré*). – **Louco** é propriamente "o que perdeu a razão"; e no sentido figurado equivale a "perdido, alucinado, desvairado como se tivesse subitamente enlouquecido". – **Cego** só tem aqui sentido figurado e diz – "que perdeu ou tem perdida a visão da alma ou do entendimento, como o cego tem perdido a vista". – **Demente** é "o que está privado das faculdades de raciocinar, de entender, e que fica em estado como de estupidez ou imbecilidade". Nesta palavra **demente** figura a raiz grega *man* ou *men*, que sugere a ideia de "pensar", "sentir". Mente é, pois, "o

espírito, a faculdade, ou o conjunto das faculdades superiores do homem": **demente** exprime, portanto –, "privado do espírito, da inteligência". – **Doido** é quase o mesmo que **louco**: se se pode notar alguma diferença entre os dois vocábulos, é, segundo os lexicógrafos, a que consiste em ser talvez a *doidice* uma forma de *loucura* mais completa e permanente, e caracterizada pelos desvarios, os gestos ridículos e estabanamentos do **doido**. – **Desvairado** é "o que ficou em súbita exaltação que o põe agitado, aflito, sem tino". – **Delirante** é "o que está como perturbado momentaneamente das faculdades intelectuais, e assim privado de senso normal, incapaz de fazer juízo". – **Insano** diz propriamente – "o que está enfermo da razão": a *insânia* sugere também a ideia de loucura instantânea. – **Insensato** é "o que não tem senso comum, e por isso não pensa normalmente". – **Aturdido** = "subitamente perturbado, de surpresa ou de susto". **Atordoado** = "menos que *aturdido*, sentindo-se apenas em estado que não é de perfeita lucidez". – **Estonteado** = "perturbado como quem acorda repentinamente, sem tento no que faz".

265

ALUDIR, **referir**, **indicar**, **expor**, **enunciar**, **mencionar**. – Entre **aludir** e **referir** há uma diferença notável, não só de significação, mas ainda de função gramatical. **Referir** quer dizer – "indicar de modo claro e preciso a coisa sobre que se quer chamar a atenção de alguém". **Aludir** é "referir indiretamente, isto é –, sugerindo apenas, por figura, uma ideia da coisa, sem a declarar pelo nome. Quando alguém nos diz intencionalmente que – "certos tipos execrandos escandalizam a moral pública" – subentende-se que nós sabemos a que tipos se dirige a apóstrofe, ou a que indivíduos se endereça o ataque: e neste caso se diz que ele *aludiu* a esses tipos. Neste exemplo vê-se melhor a distinção: "O homem *aludiu* aos bandidos, às suas tropelias e infâmias, mas nem sequer um fato teve a coragem de *referir*, nem *declinou* os nomes dos quadrilheiros". Sente-se que *referir* seria indicar expressa e claramente fatos, e que *declinar* seria dar os próprios nomes dos criminosos. **Declinar** é, pois, muito próximo de **referir**; e confunde-se ainda com **articular**, que é "*referir* por palavras adequadas e precisas que esclareçam o articulado". Sob o ponto de vista gramatical, há entre **referir** e **aludir** uma diferença que é frequentemente esquecida, mais por inadvertência talvez do que por ignorância. *Refere-se* **uma** coisa; *alude-se* **a uma** coisa. Dizemos, portanto – "a coisa *referida*"; e não podemos dizer – "a coisa *aludida*"; pois que o verbo **aludir**, não sendo transitivo, não pode dar particípio passivo. Dizer – "a coisa *aludida*" seria o mesmo que dizer – "a coisa, ou o ato procedido", ou – "o caso *assistido*"[22]. Em vez de "circunstância *aludida*", diremos corretamente: "circunstância a que se *alude*". – **Indicar** é "apontar precisamente alguma coisa, dizer onde se encontra, marcá-la ou mostrá-la". – **Expor** é "fazer uma relação minuciosa do que se quer tornar conhecido de outrem, ou por dever de ofício, ou com intuito de queixa, ou ainda por desejo de instruir alguém sobre a coisa que se expõe". – **Enunciar** é apenas "declarar por palavras, expressas pela voz, formular por termos próprios". – **Mencionar** é indicar claramente, pelo próprio nome, declinar, consignar positivamente".

22 ~ Note-se que assistir tem diferentes acepções. "O enfermo foi assistido" – está direito (porque se quis dizer que o enfermo foi socorrido); mas – "a cerimônia foi *assistida*" é construção viciosa (porque, neste caso, **assistir** é verbo intransitivo e significa "estar presente a...") Não se *assiste* a cerimônia, mas à cerimônia.

266

ALUSIVO, **referente**, **relativo**, **concernente**, **respetivo**. – A mesma diferença, que se nota entre os verbos **aludir** e **referir**, há entre os dois primeiros adjetivos deste grupo: dizemos que uma coisa é *referente* a outra quando a ela se *refere*, isto é, quando a indica direta e claramente; e dizemos que é *alusiva* quando apenas sugere ideia dessa coisa, sem a nomear. – **Relativo** exprime – "que tem relação com...; que diz respeito a...; que se prende à coisa a que se refere". – **Concernente** exprime, de modo ainda mais preciso, a ideia contida em *referente* e *relativo*: diz – "que é próprio, que pertence, que se atribui à coisa a que se refere". – **Respetivo** diz – "que compete, que respeita ao próprio a que se refere, ou a cada um em particular ou em separado". – Exemplos: Discurso *alusivo* a uma questão, a um ato; palavras *alusivas* à má conduta de alguém, aos defeitos da criança, etc. Os termos *referentes* àquele fato são ásperos; e parece que todo o trabalho do ministro consistiu em dar toda amplitude à parte *relativa* a desfalques... Procuramos naquele livro das Escrituras tudo que é *concernente* ao adultério. Apresentaram-se os diversos clubes tendo envolto em crepe os *respetivos* estandartes.

267

ALUGAR, **arrendar**, **alquilar**, **locar**, **sublocar**. – **Alugar** e **arrendar** diferençam-se entre si – diz Bruns. – como *aluguel* e *renda*; isto é: *aluga-se* para um fim determinado, por curto tempo, e pelo preço que se combina pagar, ordinariamente de uma vez; *arrenda-se* por tempo mais longo e às vezes sem prazo certo, e por preço que constitui *renda* ou *rendimento* para o proprietário. Nas praias de banhos *alugam-se* casas aos banhistas, por dias, ou por meses; nas cidades *arrendam-se* ou *alugam-se* casas por semestre, e também se *arrendam* mediante contrato, e por alguns anos. *Aluga-se* um trem: *alugam-se* móveis (não – *arrendam-se*). Uma companhia de cômicos *aluga* o teatro da povoação por onde passa; um empresário *arrenda* o teatro que quer explorar. – **Alquilar**, termo que já foi genérico, só se diz atualmente falando de cavalgaduras e carruagens; o uso vai mesmo postergando este vocábulo, e substituindo-o por *alugar*. – **Locar** = "alugar, dar de aluguel mediante contrato". Tanto podem locar os proprietários como os que estão no usufruto da coisa locada. – **Sublocar** = "alugar a outrem uma coisa que se tem tomado a alguém por aluguel".

268

ALUNO, **discípulo**, **educando**. – **Aluno** é o menino que frequenta alguma escola, quer como externo, quer como interno. – **Discípulo** é o menino que é entregue aos cuidados e esforços de um mestre ou professor, que o instrui e guia. Dizemos também que é *discípulo* de F. qualquer pessoa que recebeu lições de F. quer de ciência, quer de arte ou de moral. **Aluno**, portanto, é uma designação que se refere ao estabelecimento onde o menino aprende; e **discípulo** só se diz com relação ao mestre. "Entre os *alunos* do colégio tal, ou da aula de música, F. não tem nenhum *discípulo*". "Os meus *discípulos* são os melhores *alunos* do ginásio tal". – **Educando** é sinônimo bem próximo dos dois precedentes: e em muitos casos poderia substituir a um ou outro. Tanto posso dizer: os meus *educandos* (os meus *discípulos*, meninos cuja educação me está confiada); como: os *educandos* do instituto, ou do internato tal (os meninos que estão sendo educados nesse internato). Em outros muitos casos, no entanto, não seria possível a substituição; como, por exemplo, nestes: "Respeito muito os *discípulos* de Loyola ou de Comte" (não *educandos* por certo); "Os *alunos* da minha turma foram aprovados" (decerto que não ficaria bem aqui dizer – *educandos*).

269

ALVA, **aurora**, **alvorada**, **madrugada**, **dilúculo**, **alvor** (ou **albor**), **crepúsculo.** – "A luz que aparece no horizonte, e vai crescendo e matizando-se de luminosas cores até que o sol o doire com seus brilhantes raios, pode dividir-se pelo pensamento em dois tempos que formam o que vulgarmente chamamos **madrugada.** Começa o horizonte a fazer-se *alvo* com a aproximação do sol: eleva-se pouco a pouco esta *alvura*, espalha-se nas regiões etéreas, afugenta as trevas da noite, e com ela se patenteia de novo a formosura do universo. Esta luz suave, ainda não tinta de vivas cores, é a **alva**, que não cansa nossos olhos, antes lhes dá motivo para se recrearem vendo *alvorecer* o dia. Matiza-se insensivelmente no horizonte a *alvura* com a cor cerúlea, rósea, purpurina; entremeia-se o oiro vivo dos apolíneos raios, e em ondas de progressiva luz derrama-se no firmamento, até que o astro do dia mostre seu afogueado limbo: eis a **aurora.** A **aurora**, mais brilhante que a **alva**, e mais benigna que o sol, é – como disse Vieira – o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo". (Roq.) – **Alvor** (ou **albor**, como é muito usado também) é o primeiro sinal da **alva**; e **alvorada** – dir-se-ia – é uma extensão de *alvor*; e parece dar mais ideia de festa do que exprimir propriamente fase do alvorecer. – **Dilúculo** é termo poético designando o romper do dia, o crepúsculo da manhã. – **Crepúsculo** (de *crepusculum*, de *creperus* "duvidoso, incerto, contingente") (Sar.) é a meia-luz indecisa que precede ao nascer, e que continua alguns minutos depois do pôr do sol.

270

ALVO, **fito**, **fim**, **escopo**, **mira**, **objeto**, **intento**, **intenção**, **propósito.** – **Alvo** é "o ponto que se quer atingir ou onde se quer acertar". – **Fito** é "o alvo sobre o qual temos toda a nossa atenção e esforço". – **Fim** é "o ponto a que se quer chegar, a que levamos o nosso intento, a que se destina o nosso trabalho". – **Escopo** é muito próximo de **alvo** e de **fim**, e também de **mira.** No grego *skopós*, que significa "ponto ou fim que se colima", figura a raiz *skeh*, que sugere ideia de observar, examinar: é portanto **escopo** "aquilo que se visa, que se tem por fim atingir". – **Mira** é mais propriamente "o ato de fitar o *alvo*". Ter em *mira* quer dizer "desejar, pretender, ter os olhos sobre..." – **Objeto** é "tudo que está fora de nós, que é estranho ao *eu*, e que no momento prende a nossa atenção". Pode ser físico ou moral. – **Intenção** e **intento** significam "o desígnio que nos leva a agir, o propósito que temos formado, a determinação em que estamos de fazer alguma coisa". **Intento** é propósito mais firme e seguro, resoluto, decisivo do que **intenção**, que é apenas o estado de espírito em que estamos, ou a disposição de alma em que nos deixa aquilo que temos desejo ou vontade de fazer. – **Propósito** é "resolução tomada, firme determinação".

271

ÂMAGO, **imo**, **profundeza**, **recesso**, **interior**, **íntimo**, **centro**, **meio**, **seio**, **cerne**, **coração**, **medula**, **miolo.** – **Âmago** é propriamente a medula, a parte que fica no centro dos vegetais; e no sentido figurado, é o íntimo das coisas, o mais profundo nos seres, quer morais quer físicos. Dizemos: *âmago* da alma, *âmago* da vida. – **Imo** é também o mais profundo das coisas; mas só se emprega no sentido moral. – **Profundeza** e **recesso**, aqui, distinguem-se assim: *recesso*, além de *profundeza*, sugere ideia de mistério, de recato, de intenção de ocultar. Aquela dor chegou às *profundezas* do meu coração; mas dos *recessos* desta alma não sairão jamais os meus gemidos. – **Interior** designa sim-

plesmente a parte interna, central de alguma coisa. *Interior* do coração; *interior* do país, da floresta, do edifício, da cidade. – **Íntimo** quer dizer "profundo, recôndito, afastado dos olhos como um mistério". – **Centro** e **meio**, em certos casos poderiam ser usados indistintamente; mas convém nunca esquecer que há entre eles uma diferença tal que se não poderiam substituir em grande número de casos com propriedade. **Centro** é termo de geometria para designar, num círculo, o ponto que fica a igual distância de todos os pontos da circunferência; ou, numa esfera, o ponto que é equidistante de todas as partes da periferia. **Meio**, no entanto, aplica-se a tudo que não é lado, extremidade, beira etc. Dizemos: *centro* da mesa; *centro* da arena – desde que sejam circulares. Dizemos: *meio* do caminho; *meio* da floresta. Poderíamos dizer mesmo: *meio* da mesa, ainda que fosse redonda; mas neste caso não lhe indicaríamos precisamente o *centro*, senão ponto afastado da circunferência dela. Uma pessoa mete-se no *meio* da turba (e não no *centro*). O diâmetro passa pelo *centro* da circunferência (não – pelo *meio*). O *centro* da terra – é uma coisa: o *meio* da terra – é outra; ou pelo menos esta não é forma tão precisa como aquela. Em grande número de outros casos não seria possível usar um pelo outro. – Na linguagem vulgar, no entanto, não se reconhece, nem sempre, tão rigorosa distinção. – Em muitos casos poderia também confundir-se **meio** com **seio**. Mas este último sugere ideia de conchego, carinho, conforto; e além disso *meio* é mais extenso e genérico. Estou afinal no *meio* dos meus amigos (como poderia estar no *meio* de bandidos). Até que enfim restituiu-me a sorte ao *seio* de minha família. Em nenhuma dessas frases seria próprio substituir nenhum dos dois vocábulos. – **Cerne** é "a parte mais dura de muitos vegetais, porque os há que não chegam a ter *cerne*". – **Medula** é "o âmago, a substância mole que se encontra no centro das árvores, dos ossos" etc. – **Miolo** (corrução de *medula*) é "frequentemente empregada pela própria latina: pode definir-se, no entanto, esta palavra **miolo** como designando toda a parte do pão contida dentro da côdea, ou tratando-se de certas frutas, o que fica por dentro da casca". – **Coração** só figuradamente é que entra neste grupo, para exprimir o núcleo, a parte onde está a força, a vida, o sentimento característico das coisas, quer abstratas quer concretas. Feriram a França no *coração*. Naquela terra está o *coração* da pátria. Também dizemos – o *coração* da noite – para exprimir a plenitude dela; – o *coração* da África indicando o meio dela, a parte central.

272

AMAINAR, **afrouxar**, **enfraquecer**, **abater**, **abrandar**, **diminuir**, **sossegar**, **acalmar**, **serenar**, **suavizar**, **tranquilizar**, **atenuar**. – Estes verbos têm de comum a ideia de "diminuir de intensidade". – **Amainar** emprega-se quando a coisa se caracteriza pela agitação, pelo furor, pelo estrondo, pelos estragos que causa. *Amaina* o temporal, a cólera divina, a discórdia. – **Afrouxar** aplica-se ao que está apertado, teso; **enfraquecer** ao que é ou está forte; **abater** ao que está elevado, altivo, crescido; **abrandar** ao que é duro, áspero, furente; **sossegar** ao que está inquieto, ou, por analogia, ao que parece irritado, em delírio; **acalmar** aplica-se ao que está em alto grau de intensidade. – **Diminuir** é o mais genérico do grupo: diz "reduzir a força, fazer baixar, descer, etc.". *Afrouxam-se* os grilhões, os laços que prendem alguma coisa, as cordas de um instrumento. *Enfraquece* o exército pelas deserções; *enfraquece* a mocidade vencida pelo vício. *Abatem* as desgraças aquele orgulho; *abateu* com as chuvas o rochedo. *Abrandam-se* dores, cóleras, castigos, selvagerias. *Sossega* o

enfermo, o desordeiro, o revoltado. *Acalma-se* a turba que bramava; o pranto, a dor, as aflições. *Diminuem* as águas da enxurrada; *diminui* o furor; *diminui* a tristeza; *diminuem* as forças; *diminui-se* o prazo, o comprimento, a extensão, o volume, o peso, o rigor, etc. – **Serenar**, como diz o próprio radical, é "fazer sereno", diminuindo a agitação, a força, a intensidade, tanto no sentido moral como no físico. – **Suavizar** = "tornar mais suave", isto é, menos forte, menos ríspido, menos violento. – **Tranquilizar** = "fazer mais tranquilo, menos impaciente, agitado e aflito." – **Atenuar** = "fazer menos forte".

273

AMANSAR, **domar**, **domesticar**. – Segundo Lacerda – "podem-se **domesticar** os animais bravios; isto é, podem-se reduzir a viver na mesma habitação com o homem, e como que a ser seus servos ou seus companheiros. Podem-se **amansar** os animais ferozes; isto é, podem-se tornar submissos e obedientes. Podem-se **domar** animais bravios, mas sem ficarem contudo tão obedientes que se possa dizer que os "*amansamos*", e menos ainda que os *domesticamos*.

274

AMANTE, **concubina**, **barregã**, **amásia**, **amiga**, **manceba**, **comborça**. – Sobre os primeiros cinco vocábulos deste grupo escreve Bruns.: – "**Concubina** é vocábulo que hoje apenas se emprega na linguagem da Igreja, ou ao falar de mulheres ou da antiguidade ou da Idade Média. – **Amante** é o termo que se considera mais decente na nossa época, e o único que pode, sem ofender demais (a não ser a ouvidos muito delicados) ser admitido em qualquer linguagem. Salomão tinha *concubinas*; Napoleão III teve muitas *amantes*. Há, no entanto, além da suplantação de um dos termos pelo outro, uma distinção social muito importante que convém considerar entre eles. **Concubina** (do latim *cum* "com" e *cubare* "estar deitado") encerra a ideia de coabitação. A **concubina** é, por assim dizer, uma esposa ilegítima que vive na dependência e na sujeição: tendo estas ideias vindo até nós pela consideração dos usos e costumes dos países e das épocas em que o *concubinato* era legalmente tolerado, e admitido até pela esposa legítima, da qual a *concubina* era frequentemente uma como escrava. **Amante**, pelo contrário, é vocábulo que, se não enaltece a mulher, a torna pelo menos igual ao homem, sendo, como é comum para os designar a ambos com relação de reciprocidade, de sentimentos e de convívio. Por isso, nos países do Oriente, onde a mulher é considerada como inferior ao homem, estes têm *concubinas*; ao passo que no Ocidente, onde a mulher é geralmente considerada como igual ao homem, este tem *amantes*. Uma outra diferença importante entre os dois termos, é que a palavra **amante** não encerra a ideia de coabitação, podendo a *amante* viver ou não na casa do homem solteiro, ou do viúvo, mas não sendo frequente encontrá-la na casa do homem casado. Muito frequente é também que a *amante* de um homem seja casada ou viva com outro homem. – **Barregã** (do castelhano *barragana*) é termo insultuoso e depreciativo, que melhor que outro qualquer designa a mulher que só pelo interesse é *concubina* de algum homem asqueroso, ou que pelo seu caráter não devera ter amorios; assim dizemos – *barregã* de frade, ou cônego, melhor que – *amante* de frade, ou de cônego: – **Amásia** é termo vulgar, que, assim como *amiga* – termo mais escolhido – qualifica a mulher que vive das liberalidades do seu amante". – **Manceba** está hoje sendo inteiramente desusado como sinônimo perfeito de *amásia*. – **Comborça**, segundo define Aul., é qualificativo humilhante da concubina de homem casado.

275

AMARROTAR, **marlotar**, **amarfanhar**, **machucar** (ou **amachucar**), **amassar**, **enrugar**, **arrugar**, **franzir**, **frisar**, **riçar** (**eriçar**, **erriçar**), **ratinar**, **encrespar**, **embrulhar**, **crispar**, **arrepiar**, **encaracolar**, **encarapinhar**, **encarquilhar**. – **Marlota**, que é o radical de **amarrotar** (e que deu também o verbo português **marlotar**), é palavra árabe (*mallôta*) que designa "capote curto com capuz, justo ao corpo muito deselegante e só usado pelos pobres". – **Amarrotar** é, pois, "deformar, quebrar as linhas, reduzir ao aspeto rude da marlota". – **Amarfanhar** é "encrespar, eriçar, fazer hirto como a marrafa" (cabelos do topete lançados para a testa). *Amarfanha-se* o papel, a seda, quando se a embrulha e amassa entre os dedos; *amarfanha-se* uma roupa tirando-lhe o aspeto de lisura que lhe é próprio. – **Machucar** (ou **amachucar**) é amolgar, amassar, esmagar alguma coisa debaixo de outra, ou de encontro a outra. – **Amassar** é, aqui, tirar a forma própria de alguma coisa, achatando-a, reduzindo-a a massa informe. – **Enrugar**, **arrugar**, e **franzir** poderiam facilmente confundir-se; e quando muito deve notar-se entre eles esta diferença: **enrugar** enuncia ação lenta e mais completa que a de **arrugar**; sendo a de **franzir** momentânea. "*Enruga* a pele o tempo"; "de um dia para outro uma grande dor lhe *arruga* as faces"; "agitado de cólera, *franziu* a testa afrontando-nos"... – **Encrespar** é "fazer crespo", isto é, "não liso e correntio; áspero, rugoso, ondulado, anelado". – O mesmo radical deu-nos **crispar**, entre o qual e **encrespar** pode notar-se a distinção que consiste em ser o verbo **crispar** aplicável a fenômenos morais melhor do que o outro. Diremos: a alma lhe *crispou* de dor; sentiu o coração a *crispar-lhe* de angústia (e não – "*encrespar*"). – **Frisar**, neste grupo, significa "fazer felpudo, levantar o pelo" (*frisa*). – O mesmo quase diz **riçar**, que é "fazer em riço, encrespar, encaracolar em forma de riço". Entre **riçar** e **eriçar** (ou **erriçar**) nota-se esta diferença: **eriçar** quer dizer "**riçar** momentaneamente, arrepiar, ouriçar". "Os cabelos se lhe *erriçam* de horror" (não – *riçam*). Aliás, esta distinção não é essencial. – **Ratinar** é, segundo Aul., "dar a aparência ou o feitio de *ratina* (aos panos)"; e por analogia, "frisar, tornar felpudo". – **Arrepiar** (de *arre* "para trás" e *pio* = *pilus* + *ar*) significa "ouriçar (os cabelos), levantá-los e deitá-los para trás, pô-los em sentido contrário ao em que estava ou que é o normal". – **Encaracolar** é "dar a forma de caracol, enrolar em espiral" (Aul.) – **Encarapinhar** é "fazer muito crespo, enovelado demais, emaranhado, cerrado como carapinha. – **Embrulhar** é "apertar, contrafazer, enrolar e comprimir como se faz com embrulhos". – **Encarquilhar** é "encolher formando rugas, vincos, pregas" (*carquilhas*). Velhice *encarquilhada* (cheia de rugas e mofina, quebrantada).

276

AMBIÇÃO, **cobiça**, **avareza**, **avidez**, **cupidez**, **ganância**, **gana**. – Dos dois primeiros vocábulos, só **ambição** – diz Bruns., pode ser tomado a boa parte; **cobiça** designa um sentimento vil. **Ambição** significa principalmente o desejo de alcançar poder, honras, dignidades; **cobiça** refere-se apenas à riqueza, ao dinheiro. Há *ambiciosos* que, longe de serem *cobiçosos*, gastam a mãos largas para obterem o que ambicionam". – **Avareza** é vício de alma que torna sórdido o avarento; e que consiste no amor desordenado aos bens materiais, na paixão pelo dinheiro, na ânsia e sofreguidão de acumular. – **Avidez** (conquanto da mesma origem latina *avere*) não se confunde com **avareza**, começando por ser um termo genérico para indicar todo desejo imoderado, toda ansiedade com que se quer alguma coisa ou se executa alguma função. – **Cupidez** é bem fácil de confundir

com o precedente; mas de ordinário aplica-se **cupidez** mais particularmente para designar desejo imoderado em questões de amor. – **Ganância** tem, pela força do uso, a significação de "desespero pelo ganho, sem escrúpulos e sem medida". – **Gana** é termo do espanhol que significa "apetite desregrado, vontade irreprimível, fome, voracidade, até raiva incontinente".

277

AMBÍGUO, **anfibológico**, **impreciso**, **confuso**, **equívoco**, **duvidoso**, **dúbio**, **incerto**, **vário**; **ambiguidade**, **anfibologia**, **confusão**, **equívoco**, **dúvida**, **incerteza**. – **Ambiguidade**, segundo Roq., "é palavra latina (*ambiguitas*, de *ambigo*, "rodear, andar à roda, duvidar") e consiste em apresentar a frase um sentido geral, que admite diferentes interpretações, de modo que custa descobrir ou adivinhar o pensamento do autor, sendo às vezes impossível consegui-lo. É, pois, a **ambiguidade** dúvida, confusão, incerteza na linguagem e nas ideias. – **Anfibologia** vem do grego *amphibólia*, composto da preposição *amphi*, que significa "ao pé, em roda, de dois lados", etc., e *bollo*, "lançar"; e ao qual se ajuntou depois *logos* "palavra, discurso". Ou vem então de *amphibolos*, que também é formado de *amphi* e *bollo*, e significa "ferido", ou "que fere de dois lados", e figuradamente "ambíguo, equívoco". Comete-se esta falta quando se constrói uma frase de modo que possa admitir duas diferentes interpretações. Refere-se antes ao giro da frase ou colocação das palavras que aos termos *equívocos* dela; ao contrário da **ambiguidade**, que se acha só nos termos. E assim se diz – uma palavra *ambígua* e – uma frase *anfibológica*. Deste gênero é a seguinte: "Heitor Aquiles chama a desafio". Aí nenhuma das palavras é *ambígua* nem *equívoca*, mas é *anfibológico* o sentido, porque, ainda que regularmente se ponha o sujeito antes do verbo, os poetas invertem muitas vezes esta ordem; e daquela frase pode-se entender que Heitor provoca a Aquiles, ou este àquele. – **Equívoco** é palavra latina, *aequivocos* (de *aequus*, "igual", e *vox*, "voz"), e significa em geral multiplicidade de significações; mas regularmente tem dois sentidos – um natural e imediato, que é o que parece querer-se dar a entender; e outro, artificial, ou fingido, desviado ou apartado, que só compreende a pessoa que fala, e às vezes tão disfarçado que só o entendem os que penetram a alusão. Chamam-se *equívocas* as palavras que se podem entender em dois ou mais sentidos, ou porque elas mesmas têm várias significações distintas, ou porque se confundem com outras da língua que se pronunciam e escrevem do mesmo modo, posto que tenham um significado mui diverso. O mau gosto dos nossos seiscentistas introduziu o uso dos *equívocos* como um ornato oratório, jogando de vocábulos para divertir o auditório ou os leitores, ou para mostrar agudeza de engenho. Vieira, tão bom orador como era, pagou largo tributo a este depravado uso; e apesar de o ter como um defeito, não se emendava de cair nele, como ele mesmo confessa num sermão da Ressurreição (VI, 470), dizendo: "Quem tirou o véu ao amor, esse lhe descobriu a cara, porque o mostrou *desvelado*. Não me estranheis o *equívoco*, que em manhã tão alegre e tão festiva até os Evangelistas o usaram". "Este *equívoco* do padre Vieira precisa explicação. Sabem todos que a partícula *des* é um prefixo que corresponde ao latino *dis*, privativo ou disjuntivo, e se antepõe a muitos vocábulos para exprimir "separação, ação feita em contrário ou em sentido oposto a outra; v. g. *desfazer*, "desmanchar o que está feito"; *desprezar* "não prezar" etc. Mas o que nem todos sabem é que esta mesma partícula em alguns poucos vocábulos tem um valor mui diferente, pois indica "prolongação de ato, intensidade na ação, ou maior

perfeição"; v. g. *descantar*, e *descante*, que não significam "deixar de cantar" – o que seria "ficar calado" – mas sim "cantar muito e em harmonia ou concerto de instrumentos", e também o mesmo concerto. A esta espécie pertence o verbo *desvelar*, que é composto de *des* e *velar*, e não significa "deixar de velar" – o que seria "dormir", e no figurado "não cuidar" – mas sim "velar muito, ter muito cuidado, andar muito, solícito". Ora, é neste sentido que o padre Vieira tinha usado este verbo e o seu substantivo *desvelo*; mas de repente, emprega a palavra *desvelado*, não com a significação do verbo *desvelar-se*, mas com a de "privado de véu", fazendo a partícula *des* privativa, referindo-se ao verbo *velar* (*velare*) que significa "cobrir com véu", o qual, precedido da partícula *des*, *desvelar*, significaria "privar de véu, descobrir", como em francês o verbo *dévoiler*; *desvelado*, pelo contexto da sentença, significaria "sem véu", porque *véu* é contração de *velo* (de *velum* latino) – o que forma *equívoco* com a significação geralmente aceita de *desvelado*. A isto chamam com razão os franceses *jouer sur les mots*; e nós, com o mesmo Vieira, lhe chamamos *jogar de vocábulos*. A **ambiguidade** é parto de limitado talento, ou dos que se querem esconder na obscuridade, como sucede com os charlatães e impostores. A **anfibologia** provém da ignorância das regras gramaticais ou da intenção dobre de quem fala. O **equívoco** é "indigno de um homem franco e honrado, porque delata engano, e deve ser evitado pelo literato, pois este nunca deve jogar de vocábulos senão em obras jocosas". – **Imprecisa** será a linguagem que não for "clara, a forma que não for exata, fixa, perfeitamente determinada". – **Confusa** será a construção que "possa dar ensejo a enganos, que não for desembaraçada de termos ambíguos, e escorreita de relações maldistintas". – **Linguagem** duvidosa é aquela que não exprime pensamento certo, ou que pode deixar margem a alternativas de interpretação, ou aquela que se não pode interpretar com segurança; pois a **dúvida** é o estado de vacilação em que a frase nos deixa o espírito à vista dos termos em que está concebida; sendo **confusão** quando a obscuridade é tal que nada nos deixe entender precisamente. – **Dúbio** é o que é incerto, vago, maldefinido; e **dubiedade** é o estado de hesitação e perplexidade em que ficamos quando não temos um fundamento seguro para o modo como se há de agir, ou para a resolução que se tem de tomar. Entre **dúbio** e **duvidoso** pode notar-se uma diferença muito subtil que consiste em sugerir *duvidoso*, melhor do que *dúbio*, a ideia de esperteza calculada, ou de fim ilícito com que se fez ou deixou *duvidosa* a forma, ou a coisa de que se trata. Linguagem *duvidosa* é "a que se usa de propósito para enganar; é a linguagem anfibológica destinada a induzir em erro, a ocultar o verdadeiro sentido". Linguagem *dúbia*, ou atitude *dúbia* é apenas "a que dá lugar a mais de uma interpretação, ou é a forma a que se pode atribuir mais de um sentido". Desconfia-se da forma *duvidosa*: procura-se fixar a linguagem *dúbia*. – **Incerto** é propriamente aquilo que não é determinado, que pode variar ou que varia constantemente. É mais próximo de *dúbio* que de *duvidoso*, se bem que em muitos casos se confunda com ambos. Dizemos: a *dúbia*, a *duvidosa*, a *incerta* fortuna. – **Vário** diz inconstante; que muda facilmente; que é indeciso, volúvel, caprichoso. A *vária* sorte; o *vário* modo de entender as coisas da fé...

278

ÂMBITO, área, recinto. – **Âmbito** sugere ideia de superfície, ou espaço de extensão determinada, ou limitada. – **Área** é a extensão de uma certa superfície, que se designa precisamente, ou dando da mesma uma ideia. – **Recinto** é mais próximo de **âmbito**,

pois designa "o espaço compreendido entre dados limites. É assim que se diz indiferentemente: a *área*, ou o *âmbito* da praça, do circo, da explanada"; não se dirá, porém: "a voz ressoou por toda a *área* da sala", mas: "ressoou a voz por todo o *âmbito* da sala" ou "por todo o recinto".

279

AMBOS, os dois, um e outro. – Escreve sobre estas formas o provecto Bruns.: – "**Ambos** e **um e outro** distinguem-se em referir-se o primeiro ao conjunto dos dois; e **um e outro** a cada um distintamente. – **Ambos** também se diferença de **dois** (ou **os dois**) em referir-se este ao número, e aquele, como já se disse, ao conjunto. Esta noção se ilustra pelo seguinte trecho de Vieira: "O querer e o poder fazer bem são *duas* coisas totalmente diferentes, e que nem sempre existem unidas no mesmo sujeito; mas *ambas* se requerem essencialmente para o exercício da nobre virtude da beneficência". Temos ainda este exemplo: Aqueles *dois* moços, ou *ambos* aqueles moços foram heróis na campanha; e *um e outro* deixaram no país legítimo renome..."

280

AMBULANTE, errante, vagabundo, teatino, peregrino, nômade, perdido, vagante, passeante, vadio, tunante, airado, vaganau. – Segundo Bruns., **ambulante** diz-se de quem exerce um mister de terra em terra: músico *ambulante*; dentista, professor *ambulante*. – **Errante**, sem compreender a ideia de mister, aplica-se a quem anda de terra em terra, sem rumo fixo, e sem mais objeto que o de não estar parado: de todos é conhecida a lenda do Judeu *errante*. – **Vagabundo** acrescenta à ideia de **errante** a de ociosidade, vadiagem". – **Teatino** propriamente era o monge pertencente a uma Ordem religiosa, fundada nas primeiras décadas do século XVI na Itália, e que tomou esse nome da circunstância de ser o seu fundador (Caraffa), arcebispo de Chieti, outrora *Teate*. Esses monges de Teate viviam a pregar de terra em terra, como se não tivessem destino e se se não deixassem dirigir de nenhuma autoridade. Daí a significação com que ficou esta palavra **teatino** na linguagem comum: designa o (homem ou animal) que anda vagando, que não se submete a autoridades, ou que não tem dono conhecido. – **Peregrino** também apresenta aqui uma significação especial, apenas análoga à própria (de romeiro): designa "o que viaja por terras estranhas, longe do próprio país". – **Nômade** (ou **nômada**) se aplica para designar o homem primitivo que não tinha morada, ou habitação fixa. – **Perdido**, aqui, quer dizer "que errou o caminho, desorientado" (equivalente ao *égaré* do francês). – **Vagante** é o mesmo que **vagabundo**, mas sem a ideia, que neste é necessária, de vadiagem: antes aproxima-se mais de **passeante**, que significa – "andar vagaroso, despreocupado, só por distração". – **Vadio** "é o que *vaga* por ociosidade; que não se ocupa de nada; que não tem domicílio certo." – **Tunante** é "o vadio de baixa classe, vagabundo, trocista e malandro". – **Airado** será "o vadio elegante; o que leva vida solta e alegre". – **Vaganau** = "que vive a vagar, à ventura, sem eira nem beira".

281

AMEAÇAR, intimidar, amedrontar, atemorizar, assustar. – **Ameaçar** é "dizer ou protestar que se fará algum mal, ou que se imporá algum castigo (se se trata, neste último caso, de superior para inferior). – **Intimidar** diz propriamente "causar temor"; e o mesmo significa **atemorizar**. Há entre os dois a diferença que consiste em sugerir o verbo **intimidar** a ideia de que a pessoa que *intimida* conta com a fraqueza de ânimo da

pessoa que é *intimidada*: o que não se dá com **atemorizar**. Não seria próprio, portanto, dizer que um herói se *intimida*; enquanto que sem desar para ele, bem se poderia admitir que um herói se *atemorizasse* do castigo divino. Também não se *atemoriza* a uma criança, nem um idiota, nem a criatura alguma incapaz de sentir o verdadeiro temor, que é um escrúpulo ou um forte movimento de consciência, um medo sagrado. – **Amedrontar** é que convizinha muito de perto com **intimidar**: quer dizer "impressionar algum ânimo fraco"; isto é, "tolhê-lo, ou induzi-lo a ceder a motivos imaginários". Deve notar-se uma certa diferença entre estes dois verbos: *intimida-se* a um menino *ameaçando-o* de cortar-lhe a mão se tocar no doce; *amedronta-se* o ladrão (que vai penetrar na casa) disparando para o ar o revólver. A trovoada *amedronta* até espíritos fortes (e ninguém diria – aqui *intimida*). – **Assustar**, aqui, é "produzir medo súbito e quase pavor com que se ameaça alguém".

282

AMENO, **agradável**, **aprazível**, **delicioso**, **deleitoso**, **deleitável**, **grato**. – O que é **ameno** – diz Bruns. – é **agradável**; nem tudo, porém, que é *agradável* é *ameno*. Tudo o que causa prazer é *agradável*; mas, para que aquilo que causa prazer seja *ameno*, é necessário que o gozo seja puro, suave, inocentemente deleitável. Entre **agradável** e **grato** nota-se esta distinção: o que é *agradável* dá prazer aos sentidos; o que é *grato* é relativo aos sentimentos. *Agradáveis* são as belas paisagens, a boa música, os perfumes; *gratas* são as provas de amizade, as demonstrações do reconhecimento, as recompensas ao mérito, etc. O *agradável* apraz; o *grato* sensibiliza". – **Aprazível** é aquilo "(tanto no mundo das coisas como na esfera moral) que nos encanta a vista, ou que nos excita na alma um sereno prazer – e cândida alegria." É *aprazível* um panorama; e nada mais *aprazível* no mundo do que ser útil ao nosso semelhante; ou a função mais *aprazível* é a do juiz que salva a inocência, a do artista que nobilita a sua arte. – **Delicioso** é mais do que **aprazível**. Só no uso comum é que se pode entender de **delicioso** como entende Lacerda; isto é – que propriamente deve aplicar-se só em relação às sensações. Muito longe disso – é no sentido moral que **delicioso** exprime o mais alto grau do prazer[23]. Entre **delicioso** e **deleitável** – não é possível ver as diferenças que notaram Roquete e Lacerda entre **delícia** e **deleite**. Entendem esses autores (seguidos por muitos outros) que *deleite* indica o maior grau de *delícia*. Neste ponto ainda preferimos Bruns., segundo o qual – "*delícia*, não só exprime o prazer sentido, mas também, e sobretudo, encarece o mérito, valor ou qualidades do que lhe dá origem. A *delícia* consola os sentidos e o espírito. *Deleite* é o gozo dos sentidos". E tanto é assim que dizemos: *delícias* do Paraíso (não – *deleites*); *deleite* carnal (não – *delícia* carnal). – Sobre **delicioso**, **deleitável**, **deleitoso** escreve o mesmo seguro Bruns.: "O que é *deleitável* causa-nos *deleite*; o que é *delicioso* causa abundância de *delícias*. É *deleitável* o que nos dá prazer; é *delicioso* o que nos arrebata. Portanto, *delicioso* diz muito mais que *deleitável*. Querem os dicionaristas que *deleitável* e *deleitoso* designem a mesma ideia, e o mais recente de todos eles chega a preferir a forma *deleitoso* a *deleitável*. Ora, se atendermos a que a desinência *oso* designa "abundância", e *avel*, "qualidade", obteremos a verdadeira diferença que há entre os dois adjetivos". (E não completa infelizmente o autor a exposição do seu modo de ver.) Pode-se, no entanto, atendendo aos fundamentos que ele oferece, entender assim: que é *deleitável* o que

23 Já o poeta dissera, falando da saudade: – o *delicioso* pungir de acerbo espinho.

produz deleite; e é *deleitoso* o que está cheio de deleites. Dizemos: o *deleitoso* vale, ou campo, ou paragem (e não – *deleitável*). Dizemos: uma prosa *deleitável*, e não – *deleitosa*).

283

AMOLGAR, **abolar**, **amossar**, **amassar**, **deformar**, **embotar**, **esmagar**. – **Amolgar** significa "tirar a um objeto ou a alguma porção desse objeto a forma própria deprimindo, dobrando, ou esmagando". Usa-se também no sentido figurado para designar o ato ou o efeito de causar funda impressão no ânimo de alguém. – **Abolar** é reduzir a *bolo*, tirar a forma de... *amassando*. Aul. registra este exemplo do Dic. da Ac.: "Com tamanha pancada, que lhe *abolou* o elmo..." – **Amassar** diz propriamente "deformar reduzindo à massa, achatar, quebrar as arestas a..." *Amassou* o chapéu, a carteira, o livro. – **Amossar** é produzir *mossa* (marca de pressão violenta sobre corpo compressível). Usa-se também no sentido translato para exprimir o efeito de causar impressão forte (fazer *mossa*). – **Deformar** é "tirar a forma própria, seja como for". É o mais genérico do grupo. – **Embotar** é "fazer boto, rombo; tirar a acuidade ou agudeza", tanto no sentido figurado como no natural. – **Esmagar** é "espremer, comprimir violentamente, achatar, triturar". É usado igualmente no sentido moral.

284

AMONTOAR, **acumular**, **ajuntar**, **reunir**, **arrumar**, **emaçar**. – Todos estes verbos enunciam a ideia de reunir, de formar conjunto, de associar coisas em quantidade. – **Amontoar** é "reunir aos montes, formar montão, juntar sem ordem". – **Acumular** é sinônimo quase perfeito de **amontoar**: apenas acrescenta à significação deste uma ideia de continuidade e de reflexão: o que se *acumula* já sobra, já excede à medida normal. Por isso dizemos – *acumular* empregos ou cargos; *acumular* fortuna ou riquezas; mas não dizemos – *acumular* o trigo no campo; *acumular* as pedras que vêm da montanha; nem – *acumular* as frutas que se estão colhendo, ou – os peixes que se estão pescando: porque em todos estes casos não se subentende medida a encher. Aí deve usar-se o verbo **amontoar**, **ajuntar**, ou **reunir**. – **Ajuntar** e **reunir** são muito difíceis de distinguir-se: **ajuntar** é "pôr um ao lado, unido ao outro, ou uns a outros"; **reunir** é "tornar a unir"; portanto – é "unir outra vez o que já fora unido": e aí está no que consiste a diferença entre os dois. É por isso que dizemos: "aquele homem, com toda aquela atividade e economia, depressa *ajuntará* dinheiro ou fortuna"; e não diremos: "aquele homem *reunirá*..." Pode-se dizer indiferentemente: "*reunir* ou *ajuntar* as forças debandadas ou dispersas"; mas ninguém diria: *ajuntei* meus irmãos para combinarmos a resolução mais acertada"... (e sim – *reuni* meus irmãos...) – **Arrumar** é "propriamente pôr em rumas, arranjar um sobre outro". – **Emaçar** é "reunir, ou ajuntar em *maço*, isto é, formar de algumas ou muitas coisas um só volume". "*Emaçamos* os papéis, e *arrumamos* os maços no armário ou na estante".

285

AMOSTRA, **mostra**, **prova**, **sinal**, **indício**, **demonstração**. – **Amostra** é "o resumo, o pedaço, o fragmento de uma coisa, e com que se dá uma ideia, ou mesmo uma noção perfeita dessa coisa". Entre **amostra** e **mostra** parece que não há mais diferença que a de ser o segundo mais aplicável no sentido moral. Dizemos – *amostra* do pano (e não – *mostra*); deu *mostra* ou *mostras* de indiferença (e não – *amostras*). – **Prova**, neste grupo, é "de uma certa coisa uma parte ou porção com que experimentamos a qualidade dessa coisa". – **Sinal** é, segundo Lacerda, "o que dá

notícia de outra coisa com que tem relação, e talvez exprime ou representa. – **Indício** é o que indica, aponta, denota, denuncia, leva ao conhecimento de algum objeto. As palavras são *sinais* das ideias. As nuvens grossas são *indícios* de chuva". – **Demonstração**, aqui, é "uma *prova* mais completa, um sinal mais claro, manifestação mais decisiva".

286

AMPLIDÃO, **amplitude**, **vastidão**, **grandeza**, **extensão**, **imensidade**, **imensidão**, **âmbito**. – **Amplidão** e **amplitude** são duas formas vernáculas da mesma palavra latina *amplitudo*. **Amplidão** significa extensão sem ideia de quantidade precisa ou determinável; **amplitude** significa extensão maior ou menor. Esta é mais próxima de **grandeza**, de **vastidão**; aquela é mais vizinha de **imensidade**, de *infinito*. Dizemos: a *amplitude* de um campo; a *amplidão* do espaço. Dizemos ainda: tratar do assunto em toda a sua *amplitude* (e não – *amplidão*); *amplidão* infinita (e nunca *amplitude* infinita, a não ser por figura muito forçada). – **Vastidão** é a qualidade do que é vasto. – **Grandeza** é propriamente a qualidade de ser grande. É dos mais extensos entre os do grupo. – **Extensão**, fora da acepção própria que tem na tecnologia científica, é muito semelhante a **amplitude** e a **grandeza**: designa as proporções de uma superfície, de uma linha, de um certo espaço mesmo. – Entre **imensidade** e **imensidão** mal se poderia marcar uma diferença muito subtil, devendo logo notar-se que ambos têm aqui sentido figurado, ou melhor o sentido que por extensão se lhes dá comumente. Na maioria dos casos, **imensidão** sugere ideia de grande número, de quantidade extraordinária; enquanto que **imensidade** sugere ideia de ilimitado, de infinito. Dizemos: aqui estamos a enfrentar com a *imensidade* (e não – com a *imensidão*, salvo se a esta déssemos um completivo, dizendo – *imensidão* do céu, do espaço, das estrelas). **Imensidade** é mais do que sinônimo perfeito, pois é equivalente de **infinito**; o mesmo não se dá com **imensidão**, que é mais – grande extensão, amplitude fora do comum. – **Âmbito** é o espaço compreendido dentro de certos limites. O vasto *âmbito* da sala, da praça, etc.

287

ANACORETA, **eremita**, **solitário**, **cenobita**, **monge**, **asceta**, **religioso**, **fanático**, **frade**. – **Anacoreta**, segundo Bruns., "aplica-se aos que se retiram do vaivém do mundo para sítio isolado, e aí vivem entregues à meditação religiosa. Figuradamente se diz de qualquer pessoa que vive retirada do trato social. – **Eremita** (**ermitã** ou **ermitão**) é o religioso que, em lugar isolado, cuida de uma ermida ou capela. – **Solitário** é termo genérico: diz-se indistintamente de quantos vivem em sítios apartados, longe do convívio do mundo. – Há mais austeridade na ideia sugerida pela palavra **monge** que na do vocábulo **cenobita**. O **monge** é como o desenganado que foge ao mundo e aos homens, para viver na contemplação e no estudo. O **cenobita** (do grego *koinos*, "comum", e *bios*, "vida") é o monge que não procura precisamente a solidão, mas sim a companhia de alguns homens da sua feição, para com eles viver em comum, e gozar a seu modo de um isolamento que não é absoluto. – É **asceta** qualquer pessoa que despreza o bulício do mundo e se entrega inteiramente a exercícios espirituais (sendo o ascetismo independente de qualquer ordem religiosa). Em todas as religiões há *ascetas*; mas, quando esta palavra se refere aos católicos romanos, é-lhe inerente a ideia de mortificação do corpo, de privações voluntárias, de vida retraída. Este vocábulo toma-se sempre à boa parte; pois, quando o *asceta* o é só na aparência e nas exterioridades, chama-se-lhe *tartufo*, *hipócrita*, etc. O

asceta, porém, o legítimo *asceta* é geralmente egoísta, pois pretende a bem-aventurança para si, e fecha os olhos às desgraças da terra que não remedeia para não se distrair da contemplação em que vive. – **Religioso** diz-se daquele que, seja qual for a sua crença, observa os preceitos que ela lhe impõe. – **Fanático** diz-se de quem é ultrarreligioso. Esta palavra toma-se a má parte; pois o *fanático* julga-se superior ao resto da humanidade, pensa ser inspirado pela divindade, quer que tudo e que todos se amoldem às suas imposições. Noutro sentido, **religioso** é sinônimo ainda mais próximo de **monge** e **frade**. Mas **religioso** é palavra de mais lata extensão, porque se aplica a todos quantos se dedicam à vida religiosa, quer ligando-se a ela por votos, quer por simples resolução. Entre **monge** e **frade** há a mesma diferença que entre *mosteiro* e *convento*: o **monge** é do *mosteiro*; o **frade** é do *convento*.

288

ANÁLISE, **extrato**, **epítome**, **resumo**, **compêndio**, **sumário**, **argumento**, **súmula**, **suma**, **epílogo**, **resunta**. – "Na série de ideias em que os primeiros sete vocábulos deste grupo são sinônimos, **análise** diz-se de trabalho literário ou científico em que é examinado outro de igual natureza; pode ter por objeto a crítica, ou tão somente o fim de expor o objeto, o plano e a sequência das ideias explanadas na obra de que se trata. – **Extrato** é a cópia literal de um ou vários trechos de uma obra. Noutro sentido, porém, se diz da obra literária que extrai abreviadamente a doutrina de outra, consubstanciando-a e resumindo-a. Nesta acepção, no entanto, o termo mais apropriado é **epítome**. – **Resumo** é o livro que, sem pretensões a substituir outro, reduz a sua doutrina, de modo que, ao lê-lo, se recorde o texto da obra principal. – **Compêndio** é a exposição abreviada dos princípios de uma arte ou ciência. – **Sumário** é uma exposição das principais matérias contidas no texto. – **Argumento** é o mesmo que **sumário**; diz-se, porém, mais frequentemente do *sumário* que precede a cada uma das divisões de um poema". – **Suma** é "o resumo que nos dá em substância a matéria de um trabalho". – **Súmula** é "uma pequena suma, um sumário em que se indiquem apenas os capítulos de um livro, ou os artigos de uma revista". – **Epílogo** é o "resumo que se faz no fim de um trabalho literário (discurso, drama, poema, etc.), recapitulando a matéria de que no entrecho se tratou desenvolvidamente". – **Resunta**, como termo escolástico, é a repetição abreviada dos argumentos, pró ou contra, feita pelo que defende alguma tese. Em sentido lato, é o mesmo que **resumo**.

289

ANARQUIA, **desordem**, **desgoverno**, **desconcerto**, **desregramento**, **discórdia**, **cizânia**, **caos**, **confusão**, **balbúrdia**. – **Anarquia** e **desordem** são palavras que, no uso comum, se têm como sinônimos perfeitos. Num sentido menos vulgar, no entanto, são precisamente distintas. – **Desordem** é "falta de ordem normal"; **anarquia** é "ausência de governo, de poder público". Em acepção mais alta, como termo filosófico – **anarquia** será o vocábulo com que se há de designar "o regime social independente de autoridade política, ou a direção da sociedade humana só pelas leis morais". – **Desgoverno**, muito longe de ser "falta de governo", é desregramento de autoridade, mau governo, destempero na administração da coisa pública. Em política, propriamente só os que exercem o governo é que podem praticar *desgovernos*. – **Desconcerto** é ausência de acordo moral – e a desordem que revela esse desacordo. – **Desregramento** é "desvio das normas, infração dos princípios morais, dos costumes próprios de uma sociedade,

de uma instituição, de uma família". – **Discórdia** é "desconcerto profundo e violento, devido à irrupção de paixões, criando transtornos, hostilidades, veementes furores". Não se compreende *discórdia* sem agitação, sem desvarios e estrondos. – **Cizânia** é mais – "falta de harmonia, de concerto moral, de boa paz" do que propriamente **discórdia**: e distingue-se desta ainda em sugerir a ideia de que foi um terceiro que a lançou ou acendeu. – **Confusão** é "a desordem que chegou ao seu mais alto grau; o transtorno geral em que ninguém mais se entende, tornando-se difícil restabelecer-se a paz. – **Caos** é o estado que se compara ao da matéria amorfa, antes da criação da vida, da organização de seres animados: é o extremo da confusão, para o qual parece que não há mais corretivo. – **Balbúrdia** é grande desordem, como se tudo estivesse em turbilhões.

290

ANATEMATIZAR, **excomungar**, **amaldiçoar**, **anátema**, **excomunhão**, **maldição**. – **Anatematizar** e **excomungar** exprimem de comum a ação de excluir, expulsar, banir do grêmio da Igreja (e no sentido geral, de qualquer grêmio). Mas entre **anátema** e **excomunhão** nota Bruns. a seguinte diferença: "o **anátema** dimana, como a **excomunhão**, dos poderes eclesiásticos...; mas aquele é fulminado contra os que da Igreja se emanciparam: o seu fim imediato é o de incitar ao ódio e à perseguição, às injúrias e ao desprezo contra aquele que a Igreja *anatematizou.* A **excomunhão** é a sentença ou decisão da autoridade eclesiástica pela qual se exclui do grêmio da Igreja aquele que, pertencendo a ela, lhe não é obediente". – **Maldição** exprime ideia mais genérica do que **anátema**; pois este é a *maldição* formal imposta pela Igreja; enquanto que **maldição** é um como *anátema* lançado por alguma alta autoridade moral, por alguém que se sente abalado de grandes amarguras, de funda consternação, de sagrados ressentimentos. O monge partiu *amaldiçoando* a cidade... Aquele filho que os pais *amaldiçoaram...* O profeta que *amaldiçoou* os meninos perdidos...

291

ANATOMIA, **dissecção**, **autópsia**. – **Anatomia** é, neste grupo, a arte de *dissecar*; e a **dissecção** consiste em dividir, separar em partes um órgão, ou todo um organismo, para examinar-lhe a estrutura. – **Autópsia** significa propriamente "vista de si mesmo", e num sentido mais alto e abstruso, "visão da alma", ou "visão interior". Como termo de Medicina, é o "exame minucioso, o estudo de todas as partes de um órgão ou de todo um cadáver, feito diretamente pelo médico".

292

ANCIÃO, **velho**. – Destes dois vocábulos diz S. Luiz. – **Velho** exprime simplesmente "o homem que tem chegado à idade da velhice". – **Ancião** ajunta à ideia de **velho** a de autoridade: é o *velho* respeitável e digno de veneração pela sua sabedoria e probidade".

293

ANSIEDADE, **ânsia**. – Confundem-se ordinariamente estes dois vocábulos. Nestes termos a eles se refere Bruns.: "**Ansiedade** difere de **ânsia** como *incerteza* difere de *receio.* Há *ansiedade* quando o espírito está inquieto esperando que um sucesso feliz acabe de realizar-se, ou quando labuta na incerteza de se qualquer sucesso, bom ou mau, se realizará ou não. Há **ânsia** quando se receia que um mal suceda". E dá estes entre outros exemplos. "Um prisioneiro espera com *ansiedade* o dia em que se há de ver livre"; "Deve ser horrível a *ânsia* com que o réu espera a sentença do júri"... "Vive em *ânsias* (ou na *ansiedade*) aquele que receia a cada momento

que lhe descubram o desfalque..." – Parece que não se distingue bem a diferença, que é realmente muito subtil. Devemos acrescentar, no entanto, que **ansiedade** sugere mais ideia de impaciência aflitiva, incerteza dolorosa – do que **ânsia**, que é angústia, aperto do coração, mais talvez sofrimento físico do que moral. Não dizemos – a *ânsia*, mas – a *ansiedade* de quem espera; como não dizemos – a *ansiedade*, mas – a *ânsia*, ou as *ânsias* da morte.

294

ANDAÇO, **contágio**, **epidemia**, **endemia**, **peste**. – Segundo Roq., o **contágio** (de *cum* e *tago*, antiq., por *tango* "tocar") é uma enfermidade que se comunica pelo contato, ou seja imediato, ou pelas roupas, móveis, qualquer corpo infestado; ou enfim, por meio do ar, que pode levar consigo certos miasmas morbíficos, etc. Tais são a sarna, a lepra, os males venéreos, etc. – Chama-se **epidemia**, ou enfermidades *epidêmicas* (do grego *epi*, "em, sobre", e *demós*, "povo") as que provêm da infecção do ar, estendendo-se a províncias e reinos inteiros, correndo às vezes toda a extensão do globo. Tais são certos catarros, a peste de Levante, a febre amarela, o cólera-morbo, etc. – **Endemia** é "mal próprio de um país, ou de certos climas, e devido a causas puramente locais". – **Andaço** é palavra vulgar que indica *epidemia* menor, doença que grassa pela terra, por várias regiões, em certos tempos ou estações do ano". Acrescenta Bruns. a esta lista a palavra **peste**, "que se diz das graves *epidemias* que semeiam a morte em províncias e nações, comunicando-se de umas a outras".

295

ANDAR, **caminhar**, **ir**, **marchar**, **seguir**, **passar**, **transitar**. – **Andar** é mover-se dando passos para diante, sem relação a pontos determinados. – **Ir** é *andar*, ou mover-se de um lugar para outro, de qualquer modo que se faça este trânsito: e tem relação a um ponto determinado a que a pessoa ou coisa se dirige. – **Caminhar** é fazer caminho, ir de viagem de um lugar para outro. – **Marchar** é "*andar* ou *caminhar* compassadamente: diz-se especialmente da tropa de guerra quando vai com ordem de *marcha*". – **Seguir** é propriamente "continuar a viagem começada, marchando ou caminhando para diante". – **Passar** é "dirigir-se para algum ponto atravessando um caminho ou uma certa zona, distrito ou paragem". – **Transitar** exprime a ideia geral de "passar além, fazer caminho, viajar".

296

ANDRAJOS, **trapos**, **farrapos**, **molambos**. – São palavras que quase sempre se empregam indiferentemente para designar as roupas velhas, sujas ou rotas de que se cobrem os mendigos. A primeira distingue-se, no entanto, das outras pela ideia que sugere de grande miséria dolorosa e como que sagrada. Por excesso de modéstia, ou então por orgulho gracioso, poderia uma pessoa elegante, vestida com certo apuro, referir-se, ou fazer alusão aos seus *farrapos*, aos seus *trapos*: não seria próprio, entretanto, que usasse *andrajos*. "Aqueles *farrapos* da antiga opulência..." – diríamos referindo-nos à pobreza, ou mesmo à mediania a que tivesse descido um homem rico; e nunca decerto se empregaria no caso o vocábulo **andrajos**. – **Molambos** é brasileirismo significando – trapos, roupas muito rotas e sujas.

297

ANEXAR, **anexação**, **anexado**, **anexo**; **incorporar**, **incorporação**, **incorporado**. – Estas palavras têm de comum a ideia, que sugerem, de associação de uma a outra coisa. A coisa *anexa*, ou que foi *anexada* a outra, fica fazendo parte desta conquanto

conserve o seu modo de ser ou o seu caráter individual. Uma repartição que se *anexou* a outra fica apenas sob a mesma direção sob que esta se acha; um Estado, ou um país qualquer que se *anexa* a outro continua a ser o que era anteriormente, apenas adstrito à soberania do país a que foi *anexado*. O Texas foi *anexado* à União norte-americana; isto é, destacando-se do México, ficou sob o pacto federal daquela outra república sem perder o predicamento de Estado. – **Incorporar** designa uma ação ou efeito mais completo que o da simples anexação. Um Estado que se *incorpora* a outro passa a fazer com este como um só corpo, perdendo o seu caráter individual. Neste exemplo marca-se bem a distinção entre os dois verbos: "A Alsácia-Lorena foi *anexada* à Alemanha em 1871; e desde essa época, o pensamento constante da política alemã tem consistido em fazer tudo por *incorporar* definitivamente aquelas províncias ao império". Uma força militar que se *incorpora* num exército perde inteiramente a sua forma ou condição antiga, e passa a formar com esse exército um só todo, sob o comando do mesmo chefe.

298

ANEXO, **dependente**, **unido**. – Sobre os dois primeiros, escreve Bruns.: "Estes dois adjetivos exprimem ideias diferentes (isto é, uma ideia comum fundamental diferenciada por ideias acessórias): o que está **anexo** forma, com aquilo a que foi *anexado*, um todo em que nenhuma das partes fica *dependente* nem nenhuma dominante. **Dependente** diz-se do que, formando corpo à parte, recebe domínio alheio. Quando duas freguesias se *anexam*, nenhuma delas fica imperando sobre a outra: eram duas, formam uma. Essas freguesias, porém, ficam *dependentes* da mesma diocese. – **Anexo** diz-se, pois, do que forma parte de um todo; **dependente**, daquilo que recebe domínio alheio ou lhe pertence, ainda que *per se* constitua um todo à parte". – **Unido**, melhor ainda que anexo, designa o que se associou a outro sem perder coisa alguma das suas condições próprias. Isto se entende principalmente em matéria política. Entre diversas províncias unidas não há nenhuma a que se atribua hegemonia ou preeminência.

299

ANGARIAR, **aliciar**, **recrutar**. – **Angaria-se** "fazendo acordo, tratando com boas maneiras a pessoa ou pessoas que se quer atrair ao nosso partido ou ao nosso serviço". – **Alicia-se** "enganando, desencaminhando, seduzindo com muitas promessas e vantagens". – **Recruta-se** com autoridade, quase sempre à força. *Angariamos* adeptos para a nossa causa, operários para as nossas oficinas; *angariamos* amizades que nos sejam úteis na desgraça. *Alicia-se* gente para a revolta; e há quem *alicie* inocências para a miséria dos bordéis. *Recrutam-se* praças para um batalhão; *recrutam-se* os conscritos refratários. Mesmo quando se diz que se *recrutam* partidários para uma causa, dá-se ideia do esforço e trabalho com que se angariam esses partidários.

300

ANGU, **pirão**, **mingau**, **mexido**, **revirado**, **papa**, **escaldado**. – A maior parte destas palavras são quaiseirismos comuns, entre os brasil nem sempre se nota diferença essencial e precisa. – **Angu** e **pirão**, por exemplo, aplicam-se indiferentemente à farinha de mandioca escaldada em água. Quando muito, admite-se que o *angu* é mais condimentado; sendo o *pirão* apenas a farinha fervida ou aferventada em água ou em caldo de peixe. – **Mexido** e **revirado** são massas de farinha com peixe ou carne, tudo muito misturado e revolvido. – **Escaldado** é o mesmo que **pirão**, **angu** ou **mingau**, sendo apenas mais

extenso do que estes. Tanto dizemos – *escaldado* de farinha (esta fervida em caldo de carne ou de peixe) como – *escaldado* de ovos, de frutas, etc. – **Mingau** é um angu especial, feito de farinha (de mandioca, de trigo, ou de arroz, de milho, de sagu, etc.) com ovos, leite, açúcar, etc. – **Papa** significa "massa em geral"; isto é, qualquer substância pouco consistente; e particularmente designa comida grosseira, malpreparada.

301

ANELO, **desejo**, **aspiração**, **anseio**, **vontade**. – De todos os vocábulos deste grupo, é **vontade**, vulgarmente, o menos expressivo e forte; pois apenas significa a disposição favorável de agir em qualquer circunstância. – **Desejo** é vontade mais viva. – **Anelo** é desejo mais intenso e solícito; como **anseio** é anelo mais ardente e fervoroso. – **Aspiração** é desejo mais grave, que se tem como fazendo votos e procurando vê-los realizados na vida. – Tem-se *vontade* de sair cedo de casa (sem fazer disso grande questão); tem-se desejo de possuir algum bem que nos agrada ou nos encanta; sente-se *anelo* (ou *anelos*) do Céu, ou de coisas excelentes, muito altas ou muito difíceis; tem-se *anseio* (ou *anseios*) por alguma coisa que nos apaixona; *alimentam-se* grandes *aspirações* que raramente se realizam.

302

ANOITECER, **enoitecer**. – Distingue Bruns. muito bem estes dois verbos. – "**Anoitecer** é o fenômeno que observamos cada dia entre o pôr do sol e o cerrar da noite. – **Enoitecer** é o fenômeno anormal que se pode observar a qualquer hora do dia quando o tempo se escurece por uma causa qualquer. O eclipse *enoiteceu* a face da Terra (não *anoiteceu*)". Para minha alma *enoiteceu* no dia em que vi morta minha filha. Quando chegávamos à fazenda, *anoitecia*.

303

ANÔMALO, **anomalia**; **anormal**, **anormalidade**; **excepcional**, **excepcionalidade**; **desordenado**; **irregular**, **irregularidade**; **disforme**, **deforme**, **disformidade**, **deformidade**; **monstruoso**, **monstruosidade**; **excêntrico**, **excentricidade**. – É **anômalo** o que se afasta do usual, da ordem estabelecida, da regra comum. É uma *anomalia* moral um sujeito malvado professando uma religião de paz. É *anômalo* "um mal desconhecido, ou um sintoma aberrante em certo morbo". É *anomalia* de linguagem toda forma admitida pelo uso, mas que se afasta da gramática pela construção viciosa ou absurda, mesmo que seja isso apenas aparentemente. – **Anormal** é "o que infringe a regra dominante, as normas aceitas, as leis conhecidas; que não se opera segundo as condições normais, ou que se não acha no estado ordinário". Aquela calma em F. é *anormal* (isto é, não está no seu temperamento, e só excepcionalmente é que ele se mostra calmo). A estação tem sido muito *anormal* (fora do que comumente se observa). – **Anormalidade** é ato anormal, qualidade do anormal. – **Excepcional** é o que não se conforma com a regra geral. Difere muito de **anormal**; pois este não se adstringe a regra nenhuma, fica fora das leis; enquanto que a **excepcionalidade** consiste apenas em "não entrar a coisa *excepcional* na regra instituída, numa certa regra que rege o maior número das coisas ou fenômenos de que se trata". – **Desordenado** é "o que sai da ordem vigente; que não se põe de acordo com a ordem conhecida e aceita". – **Irregularidade** é a qualidade do que é contrário à boa ordem, do que infringe a regra instituída. – **Irregular** distingue-se de **anormal** em sugerir mais claro a ideia de infração culposa: ideia que não é essencial no outro. As *irregularidades* de uma vida licenciosa nem sempre se poderá dizer que sejam anormais. As *anormalidades*

de gosto, de afeições, de tendências, etc., numa criatura nem sempre serão *irregulares* (isto é, nem sempre serão contrárias à moral, à justiça, etc.). – **Disforme** e **deforme** poderiam confundir-se se se disfarçasse o valor preciso dos respetivos prefixos. Mas **disforme** quer dizer "fora da forma usual; que excede, que exagera a forma própria comum"; **deforme** significa "defetivo, sem a forma própria do gênero; e envolve ideia de vício, de anomalia na conformação (**deformidade**)". – **Deforme** confundir-se-ia com **monstruoso** se este não sugerisse a ideia, que lhe é essencial, de irregularidade repugnante à moral, à justiça, à inteligência comum. – **Excêntrico** é propriamente o que sai do núcleo, da direção, do centro que lhe é próprio; e só figuradamente é que se emprega **excentricidade** para significar "o que tem um indivíduo, uma coisa, um fenômeno, de original, afastando-se do que se nota em todos ou no comum dos indivíduos, coisas ou fenômenos do mesmo gênero".

304

ANOSO, **velho**, **idoso**, **secular**, **antigo**. – **Anoso** dizemos melhor tratando de coisas ou de fenômenos. O *anoso* carvalho; *anosa* existência (carvalho, existência que conta grande número de anos). – **Velho** é "aquilo que está gasto, estragado pelo tempo". – **Idoso** equivale a "**anoso**, e aplica-se de preferência ao homem". – **Secular** é propriamente "o que conta séculos de existência, ou cuja vida ou duração é tão extensa como um século". – **Antigo** é "o que é tão velho ou tem tanta idade que já se acha fora de uso".

305

ANOTAR, **anotações**, **notas**; **comentar**, **comentário**, **comento**; **interpretar**, **interpretação**; **explicar**, **explicação**; **explanar**, **explanação**; **apostilar**, **apostilas**; **cotas**, **observações**, **glosas**. – Segundo Roq., "as **anotações** e as **notas** se empregam para aclarar e ilustrar (**anotar**) alguns lugares de uma obra; mas rigorosamente falando, as *notas* são curtas, e só dizem o que é precisamente necessário para aclarar e ilustrar a obra. Também se chamam **notas** os reparos e tachas que se põem a alguns escritos. Mais extensão admitem as **anotações**, que vêm a ser como breves **comentários** das obras, as quais, em linguagem exata, são extensas e eruditas explicações de um texto". (**Comento** vale mais por **nota** e fica em relação a **comentário** como **nota** em relação a **anotações**.) – Assim como o fim das *anotações* é explicar com clareza e exatidão as frases e palavras, fixando seu verdadeiro sentido, conhecido só de alguns eruditos, ou um sentido oculto ou obscuro que se aclara com autoridades e raciocínios; assim a interpretação, por sua parte, supõe ambiguidade, e procura achar o verdadeiro sentido do texto que se **interpreta**. É assim que a *anotação* instrui, e a *interpretação* limita-se a apresentar razões pró e contra. A *anotação*, bem-feita, derrama sobre o texto uma luz que a todos alumia; por engenhosa que seja a *interpretação*, sempre nos deixa em dúvida, porque cada leitor se julga com direito de ser intérprete. – Mais extensas que as *anotações* são as **explicações**, pois não se limitam, como aquelas, a aclarar o sentido da frase ou palavra, senão que se estendem a facilitar a inteligência das coisas ao vulgo dos leitores". (Quem *explica* não faz menos do que "desdobrar aquilo que é complicado".) – As **apostilas** são *notas* ou **glosas** (ou **observações** elucidativas) quase sempre pouco extensas, que se costuma pôr à margem do texto para explicá-lo, ou para completá-lo. – **Cota** é "a citação de autor posta à margem. Também se chama assim a nota marginal posta em autos, a referência à matéria deles, etc.". – **Explanar** é "explicar, tornando simples e fácil de entender um

texto, um princípio, uma frase". Quem se incumbe da **explanação** de um texto, de uma forma um tanto vaga ou abstrusa, de um problema, de uma questão – há de explicar-lhe os termos e esclarecê-los de modo que se torne mais facilmente inteligível.

306

ANUVIAR, nublar, escurecer, obscurecer, obcecar, ensombrar, carregar, toldar, fechar, entenebrecer. – Tanto no sentido natural como no figurado exprimem de comum estes verbos a ideia de eclipsar, de fazer sombrio, torvo, escuro. – **Anuviar** é "toldar de nuvens, ensombrar como se entre a coisa anuviada e a nossa vista passasse ou se interpusesse uma nuvem". – **Nublar** é quase o mesmo que **anuviar**: apenas este sugere, melhor do que aquele, a ideia de turbação e escureza. Dizemos: o tempo está meio *nublado*; a dor como que lhe *nublou* um tanto a razão naquele instante. Em nenhum destes casos seria de tão lídima propriedade o verbo **anuviar**, que envolve ideia de toldação e ensombramento. – **Escurecer** é o mais genérico e vago do grupo, exprimindo "a ação ou o efeito de fazer ou de fazer-se escuro..." *Escurece* o tempo, como se *escurece* a inteligência mais lúcida, ou a cor mais viva. – **Obscurecer** sugere ideia mais sensível de atividade subjetiva: significa "privar de luz, fazer menos claro e límpido". A paixão política *obscurece* os espíritos mais luminosos. – **Obcecar** (no sentido figurado) confunde-se com **obscurecer**; devendo notar-se que a predicação de **obcecar** é mais completa e direta; como se vê deste exemplo: "Esta miséria jamais nos há de *obcecar*, pelo menos não tanto quanto as divícias lhe *obscurecem* o senso moral para a justiça". – **Ensombrar** é "fazer sombrio, cobrir de sombras, deixar em meia-luz". A saudade *ensombra-lhe* o semblante; *ensombrou-se* aquela alma à vista de tal cena; aquele sacrilégio ficou para sempre a *ensombrar-lhe* as magnificências do sólio sagrado. – **Carregar** tem uma acepção especial, mesmo no sentido figurado: significa "fazer sombrio, grave, severo, lúgubre". Ele *carregou* o semblante ao ver aquela miséria. – **Fechar** equivale ao precedente, sendo apenas de menos intensidade que o outro. Quando se diz que F. *fechou* a alma, quer-se dizer que F. se pôs em guarda conosco, que se isolou moralmente da nossa intimidade; enquanto que **carregar** diz muito mais, pois que significa "fechar ou fechar-se como hostilmente". – **Toldar** é semelhante a **nublar**; fazendo o radical *tolda* em **toldar** função análoga à de *nuvem* em **nublar**. Muito raro será o caso em que, no sentido figurado, não se possa substituir um pelo outro. – **Entenebrecer** é mais forte que **escurecer**, sendo a treva (*tenebra*) a ausência completa da luz[24].

307

ANTÁRTICO, austral, meridional. – **Antártico** significa "que está abaixo do círculo polar do sul". Terras, mares *antárticos*. – **Austral** designa todo o hemisfério oposto ao boreal. É mais próprio, portanto, dizer – hemisfério *austral* – em vez de hemisfério *meridional*. – Dizemos também – terras ou mares *austrais* – para designar os que ficam no hemisfério do sul; e neste caso não seria aplicável *meridionais*. – **Meridional** quer dizer – "que fica ao sul de um outro ponto designado".

308

ANTECEDENTE, precedente, anterior, prévio. – **Antecedente** é, segundo Bruns., "termo especulativo que, à ideia de ante-

24 ❧ Poder-se-ia juntar a este grupo os verbos eclipsar e enoitar. Eclipsar significa "escurecer pela interposição de corpo opaco entre a luz e o órgão visual". No sentido fig. tem valor análogo. Enoitar diz propriamente "pôr ou deixar em noite".

rioridade, reúne frequentemente a de causa, de influência. As consequências provêm das causas *antecedentes*. – **Precedente** indica prioridade ou anterioridade, sem nenhuma ideia de causa nem de influência. Neste vocábulo o que predomina é a ideia de que, entre o fato atual ou a coisa presente e o fato ou a coisa *precedente*, não se intercala nenhum outro fato ou nenhuma outra coisa. O capítulo *precedente* ao capítulo IV é o capítulo III. – **Anterior**, como **precedente**, designa prioridade no espaço ou no tempo, mas de modo indeterminado, pois não especifica se outros fatos ou outras coisas se intercalam ou não entre o fato ou a coisa atual e o fato ou a coisa *anterior*. O capítulo de que se fala como *anterior* ao capítulo IV pode ser o III, o II ou o I. – **Anterior** e **prévio** devem distinguir-se. O que é *anterior* está antes ou precede; o que é *prévio* é, não só *anterior*, mas também necessário. Notando-se defeitos no contrato *anterior*, fez-se novo contrato baseado em condições *prévias*".

309

ANTECEDENTES, **precedentes**. – É preciso admitir uma certa distinção entre estas duas palavras como substantivos. – **Antecedentes** de um fato são todos os fatos de que esse fato decorre como uma consequência ou corolário. – **Precedentes** são os fatos que precedem imediatamente o fato de que se trata. Dizemos: os *antecedentes* históricos de um certo acontecimento, referindo-nos a todos os sucessos que são como determinantes desse acontecimento. Dizemos também: os *precedentes* de um criminoso, fazendo alusão à conduta que parece explicar de perto o delito de que se acusa esse criminoso.

310

ANTECESSOR, **predecessor**. – Confundem-se comumente estes dois vocábulos; mas é preciso notar que, segundo Lacerda, "**antecessor** é o que ocupou algum lugar em relação ao que nele lhe sucedeu imediatamente; e **predecessor** é o que o ocupou antes do **antecessor**". Acrescenta Roq. com muita razão: "**Predecessor** indica sujeito ou classe elevada, e corresponde mais ao cerimonial, aos privilégios, às dignidades; enquanto que **antecessor** corresponde à ordem material de sucederem-se as pessoas umas às outras. Os reis, os duques, os grandes, em geral, contam com desvanecimento grande número de *predecessores*, isto é, de figuras que os precederam na dignidade; os funcionários da administração, da justiça, etc., tiveram seus antecessores nos cargos; isto é, outros que antes deles ocuparam os mesmos cargos. O serventuário de um ofício, o dono de uma casa de comércio, o gerente de uma empresa, etc., dirá: o meu *antecessor*; mas não deverá dizer: os meus *predecessores*".

311

ANTECESSORES, **antepassados**, **ascendentes**, **pais**, **avós**, **antigos**, **maiores**, **avoengos**. – Observa Bruns. que **ascendentes** é "o termo mais genérico e o menos pretensioso entre os primeiros três deste grupo. O pobre como o rico, o plebeu como o nobre, tem *ascendentes*, *antepassados* ou *antecessores*; mas só a primeira dessas denominações quadra bem na boca de todas as classes. – **Ascendente** dizemos de qualquer dos parentes de que provimos: o nosso pai, o nosso avô, o nosso bisavô, etc., são nossos *ascendentes*. – **Antepassado** não se poderia dizer do pai nem do avô: só do bisavô para além se podem começar a contar os *antepassados*. Esta palavra encerra algo de nobre e de elevado, que nos impede empregá-la em circunstâncias triviais. – **Antecessores** dizemos dos *ascendentes*, considerando-os como tendo fruído do que nos legaram, ou daquilo em que lhes havemos sucedido". – **Pais**, como **avós**, aqui não designam parentesco de sangue

ou direto: referem-se em geral às gerações que nos precederam, aos homens, não só da nossa nação, como aos de todas as raças e que viveram antes de nós. – **Pais** indica os mais próximos do nosso tempo, se bem que isto não seja essencial à palavra; pois dizemos – nossos *pais*, referindo-nos até a Adão e Eva. – **Avós** designa antepassados mais remotos. – **Antigos** parece encerrar ideia de mais afastamento ainda que *avós*; e, segundo Alv. Passos, "reserva-se este nome para os homens célebres da antiguidade, e é assim que o emprega Camões na seguinte passagem do c. IV, dos *Lusíadas*:

> Oh tu, Sertorio, oh nobre Coriolano,
> Catilina, e vós outros dos *antigos*,
> Que contra vossas patrias, com profano
> Coração, vos fizestes inimigos."

– **Maiores** é "o termo genérico em que se compreendem todos os que viveram antes de nós, parentes ou não". – **Avoengos** designa mais propriamente "a série dos avós ou progenitores de quem descendemos em linha reta" (Aul.) e só por extensão é que se aplica este termo para designar os ascendentes em geral, ou mesmo os antepassados.

312

ANTECIPADAMENTE, **adiantadamente**, **prematuramente**. – **Antecipadamente** diz "antes do prazo estipulado". – **Adiantadamente** exprime "com antecedência, antes do tempo devido". – **Prematuramente** significa "antes da ocasião própria em que alguma coisa se deve fazer ou deve dar-se". F. preveniu-nos *antecipadamente* que não viria hoje, conforme havíamos combinado (preveniu antes do dia ou da hora em que devia vir). F. pagou *adiantadamente* três meses do aluguel da casa (pagou antes que começasse a correr o aluguel, ou que chegasse a época do pagamento). F. morreu *prematuramente* (isto é, antes de chegar à idade em que é mais comum que se morra).

313

ANTEMURAL, **muro**, **muralha**. – Sobre estes três vocábulos escreve Roq.: "Na frase da milícia antiga – diz Vieira – o **muro** significava a fortificação mais estreita, e do recinto da cidade; e o **antemural**, as que hoje se chamam fortificações ou obras exteriores, que a defendem no largo. A fortificação das cidades mais inexpugnáveis, segundo a arquitetura militar antiga, consistia em *muro* e *antemural*: o *muro* que cingia e defendia a cidade; e o *antemural* que cingia e defendia o *muro*". (VI, 104 e 372). – **Muralha** é o *muro* de praça fortificada, construído segundo as regras da nova arquitetura militar, a fim de cingir e defender uma praça ou cidade fortificada. Hoje fazem-se *muros* só para cercar uma quinta, etc.; edificam-se *muralhas* só para fortificar e defender praças. Paris tem *muros* e *muralhas*; *muros* para impedir a entrada de contrabandos e para que se recebam nas portas os direitos de *octroi*; *muralhas* para resistir aos inimigos que a quisessem atacar".

314

ANTIPATIA, **ódio**, **aversão**, **repugnância**, **quizila**, **asca**, **asco**, **zanga**, **rancor**, **gana**, **horror**. – "Das duas palavras gregas *anti*, "contra", e *pathos*, "paixão", compondo uma que poderíamos dizer literalmente *contrapaixão* (ou *contrassentimento*) formou-se a palavra latina **antipatia** (que se trasladou para as línguas derivadas) e que significa uma oposição ou inimizade natural ou irresistível dos seres uns contra outros. A causa de tal oposição é desconhecida inteiramente; e é assim que muito se há delirado sobre ela; seus efeitos são prodigiosos, frequentemente exagerados, e por vezes fabulosos. – **Aversão** é sentimento que tem igualmente alguma coisa de desconhecido em suas causas, muitas vezes morais. É mais forte que a *antipatia*; mas parece não ser tão invencível

nem tão profunda. – A **repugnância** é ainda mais forte que a **aversão**. Diz, no entanto, Roq. que a **repugnância** é menos invencível que a **aversão**, e que esta o é também menos que a **antipatia**; e que muitas vezes acontece que uma e outra (**aversão** e **repugnância**) chegam a converter-se em afeto, e até em amor, pois têm muito de caprichosos estes sentimentos que devemos chamar acidentais. Mas isto mesmo poderíamos dizer, e talvez com mais razão, de **antipatia**: quantas vezes se tem *antipatia* por uma pessoa só porque não a conhecemos de perto? – O **ódio** nasce quase sempre de poderosas e fundadas causas, por graves injúrias recebidas; algumas vezes, de mera vontade, de ligeiros motivos, e ainda de capricho. De qualquer modo que se manifeste, são cruéis e terríveis seus efeitos; parece com o tempo ganhar forças, e chega a inveterar-se na alma como um veneno mortal. A **aversão** e a **antipatia** exercem-se indistintamente nas pessoas e nas coisas; o **ódio**, mais naquelas que nestas; a **repugnância**, nas ações. – **Quizila** (ou **quizília**) é palavra da língua bunda, e significa a antipatia que os pretos têm a certos comeres ou ações. É mais "tédio, aborrecimento, arrelia do que *aversão* propriamente, em lugar da qual se usa em linguagem comum". – **Asca**, segundo o mesmo Roq., é palavra vulgar que indica "aversão, má vontade que se tem a alguém, talvez com desejo de vingança". Aproxima-se, portanto, de **gana** (em sentido figurado) que é "um forte desejo de mal, encarniçamento e quase furor impulsivo contra alguém, às vezes gratuitamente". – **Asco** é "aversão, repugnância que se tem a coisa torpe ou imunda". – **Zanga** é "a quase aversão que se tem a pessoa ou coisa que se julga de mau agoiro". – **Rancor** é "ódio profundo e oculto, produzido sempre por alguma causa muito grave". – **Horror** é "grande aversão e repugnância, muitas vezes sem ódio".

315

ANTIQUADO, **obsoleto**, **desusado**, **arcaico**. – Estas palavras "indicam coisa antiga que decaiu do uso". – **Obsoleto** acrescenta à significação das duas outras uma ideia de – "excluído ou proscrito", e até de "quase ridículo". As palavras e frases *antiquadas* ou *desusadas* "podem ainda usar-se em poesia e em estilo jocoso; não as *obsoletas*, que de ordinário foram substituídas por outras mais bem derivadas e mais sonoras". O uso pode fazer ainda reviver, segundo a sentença de Horácio, muitas expressões *desusadas* ou *antiquadas*, mas as *obsoletas* parecem condenadas a perpétuo esquecimento. O escritor que se serve de palavras e locuções *antiquadas* (ou *desusadas*), mas genuínas da língua, expressivas e com boa analogia, para fugir à invasão do neologismo, merece louvor; porém o que busca desenterrar velharias, e prefere os arcaísmos de nossos avós às boas expressões que o uso depois introduziu – este não se livrará da pecha de rançoso. Cada século tem seu cunho particular, e cada escritor o estilo que lhe é próprio. Sem nada mendigarem aos estranhos, Barros e Fernão Mendes Pinto não escreveram como Fernão Lopes e Castanheda; Luiz de Souza e Vieira diferem muito de Seita e Paiva; Camões e Bernardes não se parecem com Gil Vicente e Sá de Miranda, posto que todos escrevessem em bom português, e clássico para seus respetivos tempos". – Entre **desusado** e **arcaico** deve notar-se a seguinte diferença: **desusado** diz propriamente "fora do uso, já excluído pelo uso"; enquanto que **arcaico** significa apenas "que o vocábulo é muito antigo; que a forma não está em moda por ser muito velha".

316

ANTIQUÁRIO, **arqueólogo**. – "O domínio" – escreve Bruns. – "em que o **antiquário** e o **arqueólogo** exercitam a sua atividade

é o mesmo"; há, porém, entre as duas palavras diferença considerável. – **Arqueólogo** é "o que é muito versado em tudo quanto respeita a antiguidades, que as conhece, as explica, etc. – **Antiquário** é o que tem gosto pelas coisas antigas, que se dedica ao seu estudo, que as coleciona (e que até com elas negocia). Com estudo e paciência, um *antiquário* pode tornar-se *arqueólogo*".

317

ANTÍTESE, **contraste**, **antífrase**, **antinomia**, **antilogia**, **contradição**, **contrariedade**, **oposição**. – Segundo Bourg. e Berg., **antítese** "pertence exclusivamente à linguagem literária, e dizemos só da flagrante oposição que existe entre duas palavras ou duas ideias aproximadas: dizer que um homem é de uma 'orgulhosa' 'simplicidade' é fazer uma *antítese*. Esta palavra é, portanto, muito mais restrita que **contraste**, que se aplica a situações, a caracteres, e não somente às partes de um mesmo período. – O **contraste** (do latim *contra*, 'frente a frente' e *stare*, 'conservar-se') é a *oposição* que existe entre coisas contrárias; qualidades ou modos de ser diferentes, e que a aproximação faz ressaltar melhor". Esta palavra emprega-se nas artes, em literatura, em filosofia, e em geral sempre que se nota uma impressiva contrariedade entre duas coisas. – A **antífrase**, ainda segundo Bourg. e Berg., "é uma *palavra* ou uma locução que deve ser entendida num sentido contrário ao que exprime essa palavra ou essa locução. É por *antífrase* que os gregos designavam as Fúrias pelo nome de Eumênides (deusas benignas, ou benévolas). É por *antífrase* que eles designavam o mar Negro sob o nome de Ponto Euxino (mar hospitaleiro). É também por *antífrase* que, falando de um celerado, dizemos: este santo homem". Quando Boileau diz: "Asseguro: Quinault é um Virgílio" – a proposição: "Quinault é um Virgílio" "deve ser entendida em um sentido contrário ao que lhe é natural e próprio. Se não houvesse aí *antífrase*, essa afirmativa marcaria que Quinault é um poeta de primeira ordem; mas admitido, pela *antífrase*, o sentido real que está no pensamento do satírico, essa proposição marca que Quinault é um medíocre poeta", Bourg e Berg. distinguem a **antífrase** da **contraverdade**; mas sem fundamentar claramente a distinção. – **Antinomia** é "a oposição que se nota entre duas leis ou princípios". – **Antilogia** "é a contradição ou desconchavo entre as ideias sustentadas pelo mesmo autor, ou entre os capítulos de um mesmo livro". – **Contradição** é "desconcerto entre o que se disse e o que se está dizendo; contraste entre as ideias ou as afirmações de alguém e as nossas". – **Contrariedade** é "a relação que se nota entre duas coisas ou duas ideias opostas". – **Oposição** é aqui "o maior ou menor afastamento em que uma coisa fica da outra".

318

ANTRO, **caverna**, **furna**, **gruta**, **lapa**, **cova**, **buraco**, **toca**, **subterrâneo**. – Segundo Roq. – "a primeira destas palavras é o grego *antron*, que deu o latim *antrum*, o qual entrou no português como palavra culta e poética; e segundo a sua origem significa – cova profunda e escura. – A segunda do grupo é latina, *caverna*; e significa uma grande escavação aberta a modo de abóbada, e defendida pelos lados como um recinto. – **Furna** é cova profunda, escura e medonha; diz-se particularmente da fauce lôbrega de um vulcão, de que nos deixou exemplo Bernardes na *Floresta*: "Estando em cima, contemplando a horrenda *furna* e estômago do monte (Etna), cuja disforme boca mostra ter uma légua de âmbito... (II, 227)". Esta palavra não é poética, e diferença-se de todas as do grupo em acrescentar-lhes à significação comum a ideia de medo, de horror, que às

outras não é inerente. – **Gruta** é palavra castelhana e portuguesa (talvez do latim *crypta*, grego *krupta*) e significa concavidade da terra entre penhascos, às vezes suscetível de ornato rústico. – **Lapa** é palavra portuguesa, vinda talvez do grego *lápathos*; e quer dizer uma caverna na encosta de monte, e coberta por um penedo ou chapa de pedra: isto mesmo significa a palavra **lapa**. – Os *antros* servem de covil às feras; as *cavernas*, de asilo aos homens e de guarida aos ladrões; as *grutas* são habitadas pelos anacoretas; e as *lapas* dão abrigo aos pastores, como diz Luiz de Souza, na *Vida do Arcebispo*: "E viu juntamente que ao pé do penedo se abria uma *lapa* que podia ser bastante *abrigo* para o tempo". Em estilo poético, "as ninfas e os deuses campestres habitam as *grutas*; as feras, os *antros*; os facínoras, as *cavernas*; e os zagais acolhem-se às *lapas*". – **Cova** é "abertura feita na terra, mais ou menos ampla e profunda". – **Buraco** "será uma cova, ou mesmo uma caverna menos profunda e de menores proporções". – **Toca** = "buraco onde vivem ou se refugiam caças"; e por analogia, o lugar onde alguém se esconde... com alguma vergonha. – **Subterrâneo** designa "em geral todo espaço que se encontra no subsolo".

319

APARATO, **apresto**, **preparativo**, **aparelho**. – Segundo Roq. – "quando se reúnem, dispõem e arranjam diversos materiais ou coisas para a execução de qualquer obra, dizemos que se fazem **preparativos**; assim como à reunião deles se chama **aprestos** ou **aparelhos**. Dizemos, pois – os *preparativos* de uma função, ou de um banquete; os *preparativos* de uma guerra, de um assédio. Às disposições para qualquer faustosa cerimônia ou festividade se lhes dá o nome de **aparatos**, pois que a significação desta palavra se estende a tudo o que se executa com pompa e ostentação... A significação da palavra **aparelho** é muito mais extensa que a das anteriores, pois não só as compreende todas, mas abrange os instrumentos, operações, materiais, disposições para todo exercício, trabalho ou obra, desde o mais elevado até o mais ínfimo; estende-se desde a ciência e manobras náuticas, desde o exercício e arte da pintura até o mais baixo ofício mecânico. Chamam-se, portanto, **aparelhos** aos arreios necessários para montar, ou para carregar cavalgaduras; e dizia-se antigamente **aparelhos** para dizer missa..."

320

APARATO, **pompa**, **sumptuosidade**, **magnificência**, **grandeza**, **majestade**, **ostentação**, **esplendor**, **alardo**, **fausto**, **luxo**. – **Aparato** é o movimento pomposo, o modo solene, a grandiosa disposição com que se celebra algum ato extraordinário. Quando se diz: "o *aparato* daquela cena" – quer-se dar ideia, não só das proporções dela, como do brilho, da grandiosidade excepcional que ela vai ter ou que apresenta. – **Pompa** é o aparato ostentoso, é o esplendor exagerado de um ato solene, e que sugere ideia de deslumbrar, de fazer sucesso, de produzir sensação. Não há pompa sem grandeza exuberante, sem opulência de formas, sem majestade de encenação. – **Sumptuosidade**, como indica a própria origem latina, é a qualidade daquilo em que se faz ostentação de riqueza: *sumptuosidade* do templo, do palácio, do festim; e também, figuradamente – *sumptuosidade* do estilo, das cores que um artista empregou no seu quadro, etc. – **Magnificência** é o esplendor, a pompa que maravilham, que "engrandecem" (aos que a contemplam). Diz mais que **sumptuosidade**, porque acrescenta à noção de grandeza a ideia de excelência, brilho e formosura. – **Grandeza** (segundo Lacerda, que repete, quase pelas mesmas palavras, o que escrevera Roquete), no sentido em que se

toma aqui o vocábulo, significa extensão, tamanho de alguma coisa, e figuradamente, poder. – **Majestade** indica magnificência, ostentação (de grandeza e poder); e em sentido translato – seriedade, gravidade de alguma pessoa. – **Grandeza** indica luxo, poderio, soberania. – **Majestade** indica decoro, dignidade, seriedade. **Grandeza** refere-se "à parte material das coisas; e **majestade** ao ideal das mesmas coisas". – **Ostentação** é o brilho e aparato, o exagero calculado com que se exibe alguma coisa. Tanto se faz *ostentação* de riqueza ou de força muscular, como de talentos e virtudes. – **Esplendor**, aqui, é brilho, excelência, lustre, de alguma coisa ou ação. O *esplendor* da natureza, da corte, de um panorama; o *esplendor* da mocidade, do espírito, de uma civilização etc. – **Alardo** (ou **alarde**) é ostentação mais estrondosa, dando ideia da ufania de quem alardeia. Há criaturas que fazem *alardo* de fortuna, de beleza, de poder, etc. – **Fausto** é luxo custoso, grandeza, quase sumptuosidade. É de notar que se diria: "Ele vive com certo *fausto*" (isto é – com alguma pompa de quem deseja ser tido como rico); mas, impróprio seria, ou pelo menos não perfeitamente lídimo, dizer: "... com 'certa' *sumptuosidade*". – **Luxo** é toda manifestação exagerada do desejo de conforto, ou do desejo de agradar ou de fazer figura. *Luxo* no trajar, nos modos, no viver; *luxo* de sapiência, de erudição, de poderio, etc.

321

APARECIMENTO, aparição. – Distingue muito bem Bruns. estas duas palavras: – "**Aparecimento** é o ato de aparecer; **aparição** diz-se da coisa que aparece, e do próprio ato de aparecer, de manifestar-se, considerado esse ato como coisa inesperada, e o objeto aparecido como extraordinário. Dizemos: o *aparecimento* do cadáver que se andava procurando; o *aparecimento* (ou *aparição*, neste caso) da febre amarela; mas não se diz: o *aparecimento*, senão a *aparição* do anjo Gabriel; a *aparição* do cometa de Halley".

322

APARÊNCIA, ar (ares), exterior, exterioridade, visos, mostra, aspeto, semblante. – Segundo Roq. – "a **aparência** é o efeito que produz a vista de uma coisa, e a ideia que nos resulta dela, pelo que é às vezes enganosa. **Exterior** é o que cada corpo mostra pela parte de fora: aplicado às pessoas, é o aspeto, maneiras, porte ou conduta que ela mostra exteriormente, e então se lhe chama **exterioridade**". – O **ar** (ou os **ares**) com que uma pessoa se nos apresenta é o conjunto de tudo quanto da parte dessa pessoa nos impressiona à primeira vista: o semblante, os modos, os gestos, a voz, etc. – **Visos** quer dizer – aparência não clara, ou não definida: "o que ela diz tem *visos* de verdade" (tem aparências vagas, imprecisas de verdade): – **Mostra**, diz Lacerda, "é manifestação de uma coisa presente, da qual nos deixa ver apenas uma parte". – **Aspeto** é a exterioridade que nos impressiona ao primeiro relance de olhos. – **Semblante** é o modo de ser da fisionomia humana: é, por assim dizer, o que quer que seja de acento espiritual que distingue uma fronte humana.

323

APEDREJAR, lapidar. – Estes dois verbos, que à primeira vista parecem sinônimos perfeitos, distinguem-se, no entanto, deste modo: **apedrejar** é simplesmente jogar pedras a alguém ou a alguma coisa, correr a pedradas; e **lapidar** é matar a pedradas. Como hoje se lincha, antigamente se *lapidava*, isto é, dava-se a morte pelo apedrejamento. Quando se diz que alguém foi *apedrejado*, enuncia-se apenas a ideia de que sobre essa pessoa se atiraram

pedras. Quando dizemos que Estevão foi *lapidado* em Jerusalém, afirmamos que Estevão foi morto a pedradas.

324

APELAÇÃO, **agravo**, **recurso**. – Definindo, no seu *vocabulário jurídico*, os dois primeiros termos deste grupo, diz Teixeira de Freitas: – "**Agravo** é um dos recursos frequentes da nossa ordem judiciária..." – **Apelação** é "o recurso interposto da primeira instância para a segunda, quando as decisões são apeláveis." Parece, portanto, que o **agravo** é o recurso de que se vale a parte perante a própria autoridade que deu a decisão; e que a **apelação** é recurso para juízo de instância superior à do juiz contra cuja sentença se recorre. – **Recurso** é termo genérico exprimindo "não só o ato de recorrer, como a faculdade, o direito de reclamar, de agir contra uma decisão ou um julgamento que se considera injusto, ou contrário à lei".

325

APENAS, **só** (ou **somente**), **exclusivamente**. – Segundo Bruns., **só** (ou **somente**) enuncia quantidade sem relação determinada: F. não é rico: tem *só* (ou *somente*) quinhentas libras de rendimento. – **Apenas**, melhor do que **somente**, ou **só**, sugere ideia de insuficiência ou insignificância para determinado fim: Não o compro porque tenho *apenas* cinco mil-réis; Falta-me *apenas* o quinto volume para completar a obra. – **Exclusivamente** exprime exceção mais completa ainda, pois exclui todas as outras coisas do número daquelas que se salva ou a que se refere o enunciado. Falou *exclusivamente* do ponto que se controvertia (isto é, falou só desse ponto sem desviar-se para nenhum outro ponto).

326

APÊNDICE, **suplemento**. – "Tanto o **apêndice** como o **suplemento**" – escreve Bruns. – "são partes que se acrescentam a uma obra para completá-la; têm, no entanto, caracteres diferentes. O **apêndice** liga-se intimamente com o texto, ou com alguma parte dele, para explanar a doutrina, expor novas aplicações, dar maior extensão à matéria, ou restringir-lhe o alcance. O **suplemento** completa o texto com artigos que lhe faltam, e que, se bem sejam da mesma natureza da obra, são diferentes dela no fundo. A um código junta-se o *apêndice* que encerra as alterações que se fizeram a alguns dos seus artigos. A um dicionário junta-se o *suplemento*, que contém os vocábulos que no dicionário não estão incluídos".

327

APERTADO, **estreito**. – Com toda razão observa Bruns. que frequentemente se ouve: calçado ou vestido *apertado* para indicar que o pé ou o corpo não se encontram neles à vontade; e diz que esta expressão é imprópria; o calçado é *estreito*, e por isso está o pé *apertado*; e por ser *estreito* o vestido, anda o corpo *apertado*. Falando de superfícies, *estreita* dir-se-á da que é pouco larga ou pouco ampla; e *apertada* da que, sendo demasiado *estreita*, está como cingida de um e outro lado. Esta rua é *estreita*, e está *apertada* entre altas paredes.

328

ÁPICE, **cume** (**cumeeira**, **cumeada**), **cimo**, **pino**, **pináculo**, **píncaro**, **auge**, **apogeu**, **sumidade**, **culminância**, **tope**, **fastígio**, **alto**, **zênite**. – **Ápice** é a parte mais elevada de um corpo, a que fica superior a todas as outras. Não admite, por isso, gradação; ninguém diria com propriedade: – "*ápice* mais alto de um edifício ou de um monte". Podemos, no entanto, dizer: o mais alto *cume* da cordilheira ou da montanha; pois **cume** significa toda a porção superior das grandes elevações; não devendo, por isso, dizer-se:

o *cume* da ladeira ou da lomba, ou da colina. Em qualquer destes casos preferiríamos empregar *cimo, alto, tope*. Entre **cume** e **cimo** deve admitir-se, portanto, uma certa diferença. – **Cimo** (do latim *cyma*) é propriamente a parte que de um corpo se destaca ou se faz saliente. Tanto podemos dizer: o *cimo* do monte, como o *cimo* do edifício, o *cimo* da escarpa, ou do muro, ou da escada; o *cimo* do chapéu, o *cimo* da planta. – **Cume** (do latim *culmen*) é a parte que se eleva também acima das outras; mas esta palavra é de aplicação mais restrita. Rigorosamente falando, só devemos empregar *cume* tratando de montanhas, ou de grandes construções. Não seria próprio dizer: – o *cume* da ladeira; nem – o *cume* do telhado; nem mesmo – o *cume* da torre. – **Cumieira** (ou **cumeeira**) é "a parte mais alta, quase sempre melhor aplicada quando se trata de um edifício". – **Cumiada** (ou **cumeada**) é também "a parte mais alta, tratando-se de uma montanha; é também a série dos cumes de uma serra ou cordilheira". A *cumiada* dos Pireneus; a *cumeada* dos Andes. – **Alto** é igualmente qualquer das porções elevadas de um corpo, sem dar ideia necessária de grandeza ou de altura extraordinária. Tanto é de lídima propriedade dizer: *alto* do monte, *alto* do palácio, *alto* das ruínas; como: *alto* da árvore, *alto* da porta, *alto* da testa. – **Pino** é um correlativo de *base*: designa o ponto culminante de alguma coisa, pela analogia da posição desse ponto com a do sol quando se acha no zênite. – **Pináculo** é mais expressivo do que **pino**. Pode comparar-se a **culminância**, a **sumidade** e a outros do grupo. Mas *pináculo* envolve ideia de terminação da coisa elevada em ponta aguda. **Culminância** sugere ideia de imensa altura do *pináculo*. O mesmo se poderia dizer de **píncaro** se este designasse, em vez de todos os pontos elevados, o mais alto de todos, como exprime *culminância*. **Sumidade** acrescenta à noção de *cimo, cume, cumeada*, a ideia de grandeza, de volume e de extensão. – **Fastígio**, por analogia com a significação desta palavra como termo de arquitetura, é a parte mais elevada, mais à vista e mais brilhante de algum edifício, de algum corpo em geral; e é aplicável no sentido translato. "Ficamos até em pasmo, a contemplar o *fastígio* maravilhoso do templo." "A linha desdobra-se pelo *fastígio* da cordilheira". "Ele ascendeu então ao *fastígio* da glória." – **Auge** só se aplica a fenômenos morais; e indica "o alto grau de intensidade a que é capaz de chegar um sentimento ou a que um fato pode atingir". "Ele estava no *auge* da raiva...". "No *auge* da fortuna, ou da fama..." – **Apogeu**, também por analogia (com o fenômeno astronômico a que se dá esse nome), é "o *auge* supremo, o ponto acima do qual não é possível ir." – **Tope** (ou **topo**) é a parte superior de qualquer coisa, sem mais ideia alguma acessória. Tanto dizemos: o *tope* do monte, da colina, ou da ladeira; como: o *tope* do mastro, da escada, etc. – **Zênite** é termo técnico de astronomia, correlativo de *nadir*: em linguagem comum designa também "a culminância a que alguma pessoa atinge na esfera em que exerce o seu esforço."

329

APÓCRIFO, suposto, **pretenso**, **fictício**, **fabuloso**, **falso**. – **Suposto** – diz Roq. – "é palavra latina (*suppositus*) e significa o que se põe falsamente em lugar do verdadeiro; particularmente se diz do livro ou da obra que falsamente se atribui a quem não é seu autor. – **Apócrifo** é palavra grega (*apókruphos*) que significa coisa secreta, não conhecida antes, cujo autor não é conhecido. Em linguagem eclesiástica, dá-se este nome a todo livro duvidoso, de autor incerto, e de pouca ou nenhuma fé, e que a Igreja Católica não incluiu no cânon das Escrituras autênticas e divinamente inspiradas. Ainda que a au-

toridade do livro *suposto* se repute suspeita, pode, contudo, ele conter doutrina boa e verdadeira, pois por erro tem-se atribuído a autores clássicos obras que não escreveram; dos livros *apócrifos*, porém, não permite a Igreja que se tirem argumentos para provar as verdades teológicas". – **Pretensa** é a coisa que se quer fazer passar por ser a verdadeira. – **Fictícia** é a coisa criada pela imaginação e que só nesta existe. – **Falso** é propriamente o contrário à verdade ou como tal admitido. – **Fabuloso** distingue-se de *fictício* em sugerir ideia de prodígio. Decerto que ninguém diria: "a promessa de que F. quer tirar proveito é *fabulosa*"; empregaria certamente de preferência – *fictícia*, *suposta* ou *falsa*. **Fabuloso** nem sempre exclui a ideia de verdadeiro, como se dá em relação a *fictício*, a *suposto*, etc. Aquele homem nos disse coisas *fabulosas* do que se passa no sertão (coisas que se têm ou podem ter como verdadeiras, mas que se tornam estranhas pela enormidade, isto é – *fabulosas*).

330

APOLOGIA, **defesa**, **justificação**, **elogio**, **panegírico**. – **Apologia**, "segundo o valor da palavra grega, significa defensa; e é qualquer discurso ou escrito no qual se defende um sistema, um partido, uma opinião, uma nação ou pessoa. Fazem-se as *apologias* para desvanecer as acusações com que se agravam as classes mencionadas, não as acusações jurídicas, porque essas correm nos tribunais, e contra elas advogam os letrados perante os juízes; mas as acusações vagas, espalhadas entre o público e que vão tomando corpo com grave dano das pessoas acusadas até que acabam em perseguição formal pela justiça. Este é o verdadeiro caso da *apologia*. Deste modo perseguidos e caluniados os primeiros Cristãos, foi-lhes forçoso apresentar aos imperadores, ao senado e aos magistrados, *apologias* em defesa da religião cristã, para rechaçar as falsidades com que os pagãos procuravam fazê-los odiosos como inimigos dos deuses e de todas as potestades, e perturbadores da ordem pública. A **justificação** consiste só nas provas que se deduzem do exame das testemunhas, dos documentos autênticos; e serve para manifestar a inocência do acusado". (Roq.) – **Defesa** é todo esforço feito para demonstrar a não culpabilidade de algum acusado. É mais ato ou dever de ofício, do que de esforço puramente moral: e nisto distingue-se de *apologia*. Um advogado, na tribuna do júri, faz a *defesa* de um réu (não a *apologia*). – **Elogio** é "o discurso, ou o escrito em que se demonstra ou procura demonstrar como a pessoa elogiada é digna dos louvores que se lhe fazem". – O **panegírico** é um elogio mais incondicional, sistemático, e sempre com intuito de só fazer que ressaltem as altas virtudes, etc. da pessoa de quem se trata. Nas associações científicas e literárias é uso fazer-se o *elogio* dos sócios falecidos (não *panegírico*). Conhecemos orações fúnebres que são verdadeiros *panegíricos*.

331

APOSENTAR, **reformar**, **jubilar**. – Exprimem de comum estes verbos a ideia de cessar alguém de exercer as funções do seu cargo, ou porque fez jus a tal vantagem, prestando serviços durante um certo prazo; ou porque se ache ou seja julgado inválido para continuar a servir. – *Jubilam-se* os professores, os lentes, concedendo-se-lhes, como um prêmio, direito a todos os honorários do cargo, como se estivessem nas respetivas funções. – **Aposentar** diz propriamente – "dispensar do serviço, ou do exercício do cargo, conservando uma parte dos vencimentos, ou mesmo todos os vencimentos", de modo a que fique livre de penúria o aposentado. – **Reformar** é dispensar do serviço o militar que se fez inválido, e assegurando-lhe o soldo da patente.

332

APOSSAR-SE, **apropriar-se**, **usurpar**, **invadir**, **conquistar**. – **Apossar-se** alguém de alguma coisa – escreve Roq. – é "simplesmente meter-se de posse dela, fazer-se senhor dela, tomá-la para si. – **Usurpar** é tirar a outrem o que é seu, usando de prepotência; e também arrogar-se uma autoridade, uma dignidade, etc., que lhe não cabe. – **Invadir** é acometer e entrar por força em alguma parte. – **Conquistar** é ganhar à força de armas um estado, uma cidade, etc. Napoleão *apossou-se* primeiramente do comando geral, depois *usurpou* o império; não tardou a *invadir* a Europa quase toda, e *conquistou* parte dela; mas suas conquistas e invasões ficaram sem efeito quando os aliados o desapossaram de sua autoridade *usurpada*". Entre **apossar-se** e **apropriar-se** há uma diferença de ordem jurídica. Nem sempre se *apropria* de alguma coisa aquele que dessa coisa se *apossa*. O que se *apossa* chama a coisa a si, retém-na em seu poder ou sob seu domínio. Só se *apropria* de alguma coisa, porém, aquele que se arroga a propriedade, o direito de ser o dono dessa coisa.

333

APÓSTOLO, **missionário**, **evangelizador**; **propagandista**; **anunciador**, **pregoeiro**, **precursor**; **núncio**, **mensageiro**, **emissário**, **enviado**. – **Apóstolo** (do grego *apostolos*, "enviado, mensageiro de algum príncipe") designa propriamente cada um dos doze discípulos de Jesus, por ele enviados a pregar a boa-nova a todas as nações. Por extensão, damos o nome de apóstolo àquele que exerce na terra funções, ou desempenha missão equivalente à daqueles discípulos. – **Missionário** é o que toma a si a propaganda de alguma causa sagrada. Aplica-se particularmente esta palavra para designar o sacerdote ou o clérigo que se incumbe de ir a terras de pagãos ensinar o Evangelho e instruir nas coisas cristãs. Por isso mesmo tem o vocábulo um valor peculiar, e não deve ser empregado senão em casos que recordem a grandeza moral dos antigos missionários. Não seria próprio dizer, por exemplo: *missionário* da revolta, da desordem, etc. No mesmo caso está **evangelizador**. Não se evangelizam senão grandes verdades, doutrinas de redenção, ideias excelentes, causas augustas. Quem seria capaz de dizer: *evangelizar* o erro, a perfídia, a ignorância? **Evangelizador**, **apóstolo** e **missionário** têm, portanto, lugar à parte no grupo. Se se deve admitir entre eles alguma distinção, é só esta, muito subtil, que resulta: de sugerir o vocábulo **apóstolo** o intento de fazer prosélitos, de chamar ao grêmio do Cristianismo; de encerrar a palavra **missionário** a ideia de que aquele que *missiona* toma uma tarefa como sacrifício, em obediência a algum voto; de exprimir **evangelizador** a ideia de que aquele que *evangeliza* não faz menos do que proclamar alguma coisa de que ele próprio está ufano e espantado. – **Propagandista** é termo comum e geral que designa "todo e qualquer indivíduo que se encarrega de inculcar ao maior número alguma coisa, naturalmente fazendo-lhe a apologia. Tanto se diz: *propagandista* da república, do socialismo, de um sistema filosófico, de uma escola literária, etc., como se diz: *propagandista* do casamento, *propagandista* de pílulas. – **Anunciador** significa apenas "aquele que anuncia". Tanto pode ser *anunciador* de desgraças, como de felicidades. O **pregoeiro** faz mais que o simples anunciador: fala muito alto, grita em favor da coisa apregoada, e não cessa de chamar a atenção de todos para ela. – **Precursor** diz propriamente – "o que vai adiante de alguém anunciando-lhe a chegada". Aplica-se também a coisas e a fenômenos. S. João Batista foi "o *precursor* de Jesus Cristo". As refregas *precur-*

soras do arrasamento... Aquele ar sereno *precursor* da saúde moral... Um gesto *precursor* de tormenta... – **Núncio** e **mensageiro**, aqui, seriam sinônimos perfeitos se **mensageiro** não encerrasse a ideia muito clara de que a mensagem não é própria de *mensageiro*, mas daquele que a enviou, em nome do qual ele vem. Esta ideia não se encerra necessariamente em **núncio**. – **Emissário** e **enviado** só se poderiam diferençar pela nobreza do vocábulo **emissário**. Ambos significam – "o que é mandado"; mas o **emissário** supõe-se que leva incumbência mais alta, e cujo sucesso se lhe confia. O **enviado** (esta palavra, aqui, diz simplesmente – "posto a caminho") não faz mais do que cumprir estrictamente a ordem que leva.

334

APOTEOSE, **deificação** – Sobre estas duas palavras escreve Lacerda: "**Apoteose** era a cerimônia mediante a qual era alguém posto no número dos deuses. Os romanos usavam assim a respeito dos imperadores, logo que estes morriam. **Deificação** é um ato pelo qual se supõe a divindade onde não está senão a criatura, rendendo a esta, em consideração das suas preeminentes virtudes, culto religioso, ou quase religioso".

335

APREÇO, **estima**, **consideração**, **conta**. – **Apreço** é a "consideração particular que se tem pelo mérito, pelos talentos, ou em geral, pelo valor de alguém". – **Estima** é a "consideração em que se têm as qualidades de uma pessoa". A pessoa ou coisa estimada pode mesmo não ter valor, ou ter valor só para nós. – **Consideração** é a "atenção respeitosa que se tem por alguma pessoa que, pelos seus atributos morais, pela sua posição, pelo seu valimento, tanto nos merece". – **Conta**, aqui, é "o ato ou disposição de pôr em cálculo, de admitir a cômputo, o valor, o préstimo de alguém ou de alguma coisa". Não teve o rei em *conta* o meu serviço. A alta *conta* em que é preciso ter aquela propriedade...

336

APRESAR, **prender**, **arrestar**, **apreender**, **capturar**, **apanhar**, **segurar**, **deter**. – Diz Bruns., que "**capturar** é prender, arrestar a alguém pela força do direito, ou pelo direito da força"; e que "**apresar** é tomar como presa, navios, gêneros embarcados, ou subtraídos aos direitos a que estão sujeitos. A polícia *captura* os criminosos; a guarda fiscal *apresa* as mercadorias que os contrabandistas querem subtrair aos direitos, e *captura* os contrabandistas". – **Prender** enuncia a ideia geral de "impedir alguém, ou algum animal, ou alguma coisa de locomover-se, ou de mover-se livremente". *Prende-se* o celerado em flagrante de homicídio. *Prende-se* a ave no viveiro, ou atando-lhe as asas. *Prende-se* o cão à corrente. *Prende-se* o monóculo na órbita ocular. – **Apreender** é "prender, chamar a si de direito alguma coisa". – **Deter** é "prender e conservar preso". – **Segurar** é "prender e conservar em segurança". – **Arrestar** é termo jurídico e significa "apreender, embargando que siga ou que continue a estar onde estava, alguma coisa, e mediante ordem ou mandado de autoridade pública".

337

APRESENTAR-SE, **aparecer**, **comparecer**. – **Apresentar-se** é "fazer-se presente em alguma parte ou perante alguém". Supõe-se que aquele que se *apresenta* o faz por algum dever com a pessoa perante a qual *comparece*. – E **comparecer** ainda sugere melhor a ideia da obrigatoriedade do ato de *apresentar-se*. Dizemos: F. *compareceu* à sessão, à audiência, etc. (e não *apresentou-se*); F. *apresentou-se* pronto para o serviço (e não – *compareceu*).

– **Aparecer** dá ideia geral do fato de "se deixar ver" alguém ou alguma coisa. *Aparece* um grande sinal no céu. *Apareceu* a peste em Bombaim.

338

APRISCO, **redil**, **curral**, **mangueira**. – Os dois primeiros são termos literários. – **Redil** é "um curral para rebanho miúdo, feito de tela de arame, podendo ser ou não coberto". – **Aprisco** dá ideia do abrigo em que ficam as ovelhas. Usa-se, por isso, dizer no sentido figurado – o *aprisco* da Igreja; ou da casa paterna (e não *redil*, pois este não sugere a mesma ideia de amparo, proteção, segurança, que encerra *aprisco*). – **Curral** é "um cercado, de madeira ou de muro, onde se recolhe o rebanho". Tanto se diz – *curral* de porcos, ou de cabras; como *curral* de bois. – **Mangueira** é brasileirismo comum, que significa "um vasto curral de bois".

339

APROFUNDAR, **profundar**. – Segundo Bruns., "estes dois verbos empregam-se geralmente sem outra distinção que não seja a da exigência da eufonia; há, porém, entre eles uma diferença muito notável. **Profundar** é cavar muito fundo, fazer *profundo*. **Aprofundar** é tornar ainda mais fundo o que se *profundou*. No sentido figurado subsiste a mesma gradação".

340

APTIDÃO, **disposição**, **inclinação**, **propensão**, **vocação**, **talento**, **capacidade**, **idoneidade**, **habilidade**, **jeito**, **gosto**. – **Aptidão** (Bensabat) "é a capacidade natural para fazer uma certa coisa. Esta capacidade refere-se mais ao que requer estudo, aplicação de inteligência; por isso **aptidão** não se aplica senão relativamente às artes liberais, às letras ou às ciências. (Dizemos, aliás, que F. tem *aptidão* para o negócio, para a tarefa, para o trabalho, etc.). – **Disposição** também se diz da faculdade de ser próprio para uma dada coisa, de ter certa vocação para ela; mas essa faculdade é menor que **aptidão**. As *disposições* carecem de ser cultivadas; a *aptidão* opera, desenvolve-se, exercita-se por si mesma. Além disso, como **disposição** diz menos que **aptidão**, pode-se empregar essa palavra falando de estudos ligeiros ou recreativos, como a dança, a esgrima, a ginástica, etc., enquanto que **aptidão** não se emprega bem senão falando de estudos sérios; e assim diremos que certa pessoa tem, não *aptidão*, mas *disposição* para a dança e para a ginástica. A **propensão**, diz um hábil sinonimista, denota um poderoso atrativo, e a **inclinação** uma espécie de **gosto**, ou uma disposição favorável. A **propensão**, mais ou menos grande ou violenta, arrebata a alma seduzida pela promessa do repouso, da felicidade, ou de um vivo prazer; entregamo-nos a ela sem reservas, e não a combatemos senão com grande pesar e com poderosos recursos. A **inclinação**, mais ou menos agradável ou lisonjeira, inspira o desejo que solicita a aquisição de um objeto; seguimo-la, ou contrariamo-la: e eis o motivo por que se toma esta palavra como sinônima de amor ou afeição." – **Vocação**, aqui, significa "uma tendência própria, uma disposição natural do espírito para alguma arte ou mister". – **Talento**, além de designar dom natural (diz Bruns.), como **aptidão**, presume exercício e prática, e por isso pode dizer-se que o **talento** é a **aptidão** no terreno da prática. Ter *talento* para a pintura é mais do que ter *aptidão* para a pintura, pois a *aptidão* pode ficar inativa, e o *talento* só se revela no exercício, na cultura. – **Capacidade** é o conjunto de qualidades e conhecimentos necessários para levar a bem-determinada ordem de coisas; a **capacidade**, como o **talento**, só pode manifestar-se na prática; diferem, porém, as duas palavras quanto à sua aplicação: **talento** dizendo-se particularmente com relação aos estudos pu-

ramente científicos, literários ou artísticos; e **capacidade** relativamente às coisas práticas da vida, empresas, negócios, direção de assuntos, etc. Assim é que ninguém dirá – um poeta, ou um escultor de *capacidade*, mas sim, de *talento*; e também não é comum dizer-se – um banqueiro, ou um general que carece de *talento*, mas sim, de *capacidade*. Convém ter presente que tanto a **capacidade** como o **talento** não podem existir onde não há **aptidão**. – **Idoneidade**, palavra não muito usada, é independente da ideia de **aptidão**; a **idoneidade** adquire-se pela prática, e conseguintemente este vocábulo encerra a ideia de faculdades adquiridas. F. não tinha nenhuma *aptidão* para a magistratura; não obstante, à força de boa vontade e de estudo, adquiriu nela bastante *idoneidade*. Um recruta pode ter *aptidão* para aprender o exercício; um tenente tem bastante *capacidade* para comandar a companhia, se o capitão vier a faltar; mas nem todos os chefes de corpo têm a *idoneidade* precisa para comandar uma divisão. – **Habilidade** é vocábulo mais significativo que **capacidade** e **idoneidade**. A **habilidade** não só revela a ideia de se possuir o conjunto de qualidades e de conhecimentos necessários para levar a bom resultado uma determinada ordem de coisas, senão que sugere a ideia de que por várias vezes já se praticaram tais coisas, e sempre com bom resultado". – **Jeito** é muito próximo de **disposição**: é "o desembaraço, a habilidade, ou pelo menos a facilidade, a expediência, a discreta perícia com que nos sentimos para alguma coisa". – **Gosto** é mais do que **jeito**: designa este "como senso íntimo que nos faz preferir uma coisa a outra". Pedro parece ter *jeito* para as letras; mas creio que nunca terá *gosto* para a cultura antiga.

341

AQUI, **cá**. – Escreve Roq., que estes dois advérbios" valem o mesmo que 'este lugar', ou 'neste lugar' onde se acha a pessoa que fala. A diferença entre os dois consiste em que **aqui** designa o lugar de um modo absoluto, e sem referência alguma a outro lugar; v. g.: *Aqui* vivo, *aqui* estou, etc. **Cá** tem maior extensão, pois além de designar o lugar onde se está, acrescenta por si só a exclusão de outro lugar determinado (*lá*) que direta ou indiretamente se contrapõe àquele em que nos achamos. Vivo *aqui*; janto *aqui* – supõe, só e absolutamente, o lugar onde vivo e onde janto, sem excluir determinadamente outro lugar, e sem sugerir a menor ideia de dúvida, preferência, ou relação alguma respetivamente a outro. Mas – janto hoje *cá*; esta noite durmo *cá* – exclui determinadamente o lugar onde costumo jantar ou dormir. No estilo familiar entende-se – *aqui* por 'nesta casa'; pois quando alguém diz – F. jantou *aqui* ontem; ou – passou ontem *aqui* a noite – é como se dissesse – jantou, passou a noite 'nesta casa'. Quando **cá** se contrapõe a *lá* indica a terra ou o lugar em que estamos comparando com outro de que já falamos, e a que nos referimos como se vê no ditado vulgar – *Cá* e *lá* más fadas há".

342

ARDIL, **estratagema**, **logro**, **arteirice**, **astúcia**, **cilada**, **emboscada**, **armadilha**. – Dos cinco primeiros do grupo, diz Bruns.: **Ardil**, **estratagema** e **logro** designam fatos; **arteirice**, não só fato, mas também o que o sugere; **astúcia** designa só o que sugere fatos característicos dos outros vocábulos do grupo. – O **ardil** é o meio que se emprega para obter o fim desejado, obrando de modo que o lesado não conheça as intenções, senão quando já não possa opor-lhes obstáculo. "O ardiloso" – diz d. José de Lacerda – "oculta os meios de que se serve, e procede com disfarce". – **Estratagema** (do francês *stratagème*, vocábulo formado do grego *stratos*, "exército", e *agó*, "conduzo") designa, no sentido reto, os *ardis* de guerra

para surpreender ou vencer o inimigo. Extensivamente, diz-se dos meios extraordinários que se combinam com arte e manha para surpreender de improviso a pessoa que visamos, e obter dela o que queremos, sem que ela no-lo possa negar. O **estratagema** difere do **ardil** em contar este com a impossibilidade de defesa, e o **estratagema** em levar o lesado a não poder negar-nos o que pretendemos. – **Logro** é o ardil caviloso, que leva o lesado a ser o próprio a oferecer o que pretendemos, julgando que obra em seu proveito. – **Arteirice**, como fato, é a realização de um engano habilmente preparado. Noutra acepção, designa a arte ou manha de quem tem inventiva para fraudes, ou para conseguir os seus fins empregando vias tortuosas mas habilmente combinadas. – **Astúcia** é um dom natural, misto de finura e de falta de escrúpulos, quase idêntico à **arteirice**, mas diferençando-se desta em que o arteiro planeia com arte, com habilidade; e o astucioso, com perseverança, malícia e ruindade. A *arteirice* maquina; a **astúcia** obra simplesmente, aproveitando os descuidos e as ocasiões. "A raposa tem *astúcia*; quem pretende insinuar-se no espírito alheio necessita ter *arteirice*". – **Cilada** e **emboscada** designam "a surpresa que se prepara contra alguém para vencê-lo à traição". A **emboscada** sugere a ideia de que o autor se esconde ou se disfarça para o assalto; a **cilada** é feita com **astúcia**, procurando-se enganar a vítima. – **Armadilha** é "a cilada que se arranja contra alguém para que se deixe cair como no laço a veação".

343

ÁRDUO, **difícil**, **dificultoso**, **penoso**, **ímprobo**, **trabalhoso**, **custoso**, **doloroso**, **espinhoso**, **fatigante**, **intrincado**. – "O que é **árduo** (escreve Bruns.), é muito *difícil*. – **Difícil** diz-se do grosso do trabalho ou da empresa, da sua essência; **dificultoso** convém às particularidades, pormenores, obstáculos. O que é *difícil* necessita pulso, força, resolução, coragem, talento; o que é *dificultoso* supera-se com paciência, tato, perseverança. É *difícil* resolver certos problemas; é *dificultoso* reunir uma coleção completa de selos; é *árduo* escrever para o teatro. – Note-se também que **difícil** e **dificultoso** ponderam a dificuldade, mas não incluem a ideia de impossibilidade; enquanto que **árduo** pode frequentemente encerrar essa ideia: *árdua* empresa é a de pretender corrigir defeitos morais". – **Penosa** é "a tarefa que, além de *difícil* ou mesmo *árdua*, não se desempenha senão à custa de esforço doloroso". – **Ímprobo** é "o trabalho excessivo, rude, fatigante". – **Trabalhoso** é o que custa muito trabalho, ou que é cheio de trabalhos. – **Custoso** é "aquilo que se não faz com facilidade". – **Doloroso** = "que se faz com esforço que mais punge e amarga que fatiga". Tarefa, missão dolorosa. Pode não ser mesmo difícil a missão, mas há de ser muito penosa, e quase sempre mais à alma que ao nosso valor físico. – **Espinhoso** = "que é de difícil execução porque exige grande habilidade e fortuna", podendo dar ensejo a coisas desagradáveis a quem executa. – **Intrincado** é o que parece difícil, mais porque está embaraçado e difícil de entender que pelo trabalho que poderia dar. – **Fatigante** não é o mesmo que **trabalhoso**, pois este sugere ideia do grande esforço que exige a coisa trabalhosa. **Fatigante** é aquilo que só se faz com muita fadiga.

344

ÁREA, **superfície**. – **Superfície**, conforme a definição dos lexicógrafos em geral, é "a parte exterior do corpo", sem mais noção alguma acessória. Tanto dizemos – *superfície* do mar, da terra; como – *superfície* de um poliedro, etc. Mas esta palavra, até pela sua formação, pareceria só aplicável à face su-

perior dos corpos. Não tem, pelo menos, visos de perfeitamente lógica uma expressão como esta, por exemplo: a *superfície* inferior da caixa[25]. E tanto parece assim que ninguém se arriscaria a dizer – *superfície* do céu – por exemplo. E por quê? Simplesmente porque a palavra **superfície** sugere que o corpo ao qual se aplica tem outra face que não é superior. Não obstante, o uso autoriza o emprego deste vocábulo mesmo nos casos em que não se trata de face superior. Tanto dizemos – *superfície* horizontal, como – *superfície* vertical, inclinada, etc. – **Área** é "superfície limitada de qualquer modo. *Área* de um polígono, de um campo, de uma sala," etc.

345

ÁRIDO, **aridez**; **seco**, **sequidade**; **estéril**, **esterilidade**; **improdutivo**, **improdutividade**; **infrutífero**, **infrutuoso**, **infrutuosidade**; **infecundo**, **infecundidade**; **maninho**, **maninhez**; **ingrato**, **sáfaro**, **improlífico**. – Terra ou terreno **seco** é aquele a que falta umidade suficiente para que se torne produtivo. A **sequidade** pode, portanto, ser um acidente, e até ser um defeito remediável pela rega artificial. – Terreno **árido** é o que nada produz, ou porque seja seco, ou porque lhe faltem outras qualidades de terra fecunda. Deve notar-se, em todo caso, que a **aridez** é mais propriamente devida à natureza do terreno. – **Estéril** é termo de mais extensividade do que **árido**. Dizemos, tanto zona *estéril*, ou terreno *estéril*, como planta *estéril*, cabra *estéril*; e até homem *estéril* (e ainda esforço, trabalho, sacrifício *estéril*); pois *esterilidade* exprime a ideia geral de incapacidade para produzir, para gerar, para ter efeito. – **Improdutivo** também enuncia ideia geral de **estéril**; mas sugere mais claro a ideia do esforço que se fez para que produzisse. Trabalhei quanto pude, mas tudo que fiz foi completamente *improdutivo* (não sem dúvida – *estéril*, nem *árido*...). Supõe-se, portanto, que a **improdutividade** está, tanto na coisa explorada, quanto, pelo menos, no agente que a explora. – **Infrutífero** é propriamente "o que não produz os frutos que devia produzir". **Infrutuoso** é "o que não é tão abundante em frutos como se esperava". Os meus esforços não foram tão *infrutuosos* como eu receava (aqui não seria tão próprio usar *infrutíferos*). A *infrutuosidade* de uma planta, como a de uma tarefa ou um trabalho supõe-se que é devida mais, ou a circunstâncias estranhas, ou à imperícia de quem trabalha ou de quem cuida da planta. – **Infecundo** é "o que não tem qualidades de natureza próprias para produzir amplamente". A **infecundidade** diferença-se da **esterilidade** pelo seguinte: dá o primeiro uma ideia muito nítida de que a coisa *infecunda* não tem qualidades criadoras, ou não as exerce se as tem; não produz com a abundância que se esperava; **esterilidade** sugere, além da noção que exprime, de incapacidade para produzir, a ideia de aridez absoluta, contra a qual não há ação corretiva possível. Dizemos – a *esterilidade* das regiões polares (não, *infecundidade*...). A *infecundidade* daquela fazenda é devida à má administração, ou à falta de custeio próprio (não – *esterilidade*). – **Maninho** (do latim *malignus*) quer dizer, "além de infecundo, ou improdutivo por falta de cultura – bravio, ou onde só nascem plantas inúteis ou daninhas". A **maninhez** supõe-se que é mais devida a abandono do que às qualidades da terra. – **Ingrato**, tanto se diz do terreno, como do trabalho que não compensa o esforço feito. É um pouco menos que **ímprobo**. – **Sáfaro** é também "exausto (terreno), cansado, improdutivo por falta de cultura". – **Improlífico** = "incapaz de procriar". No sentido natural, só se aplica aos animais. No sentido translato, "poder-se-ia confundir com **infecundo** se

25 E isso por mais que se nos objete neste caso que o *super* que figura no termo enuncia uma ideia de relação entre a *face* e o centro do corpo, e nada tendo com a posição em que se encontre a face.

não marcasse, melhor do que este, a noção de incapacidade própria e talvez ingênita para a procriação". "As tiranias sacrílegas não voltam: os monstros são *improlíficos* (e não – *infecundos*) para a história".

346

ARMADA, **esquadra**, **esquadrilha**, **frota**. – **Frota** (escreve Roq.) "é a reunião de navios mercantes dados à vela com o objeto de exportar e importar mercadorias de um para outro porto marítimo mais ou menos distante; tais eram as que os fenícios e cartagineses enviavam à Espanha na infância da navegação; e em tempos modernos, as comboiadas por nau ou naus de guerra; como as que vinham todos os anos do Brasil para Portugal, enquanto durou a guerra com os holandeses. – **Esquadra** é uma reunião de navios de guerra com o objeto de proteger o comércio, ou de hostilizar o inimigo, no mar, ou em terra; tal foi a de d. João de Áustria, que venceu os turcos nas águas de Lepanto. – **Armada** é o conjunto total dos vasos de guerra de uma nação. Toma-se às vezes por **esquadra**, mas talvez esquadra mui numerosa, bem provida de armas, ou *frota armada*; tais foram as que ajudaram D. Afonso Henriques a tomar Lisboa, e D. Sancho I a tomar Silves, como diz o nosso poeta:

Tu[26] a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste à força portuguesa,
Ajudada também da forte *armada*
Que das boreais partes foi mandada.
(*Lus. III, 57*)

E ainda:

Foi das valentes gentes ajudada.
Da germânica *armada*, que passava,
De armas fortes e gente apercebida
A recobrar Judéa já perdida.
(*Lus. III, 86*)

Camões, umas vezes chama *frota*; outras, *armada*, à que comandava Vasco da Gama; em rigor, porém, nenhum destes nomes lhe é próprio, porque só constava de três embarcações; nem ainda o de *esquadra*, senão o de **esquadrilha**. A de Pedro Álvares Cabral, sim, podia chamar-se *armada*, porque constava de treze navios".

347

ARMISTÍCIO, **suspensão de armas**, **tréguas**. – Segundo Bruns., "**armistício** é termo diplomático e técnico; **suspensão de armas** é locução vulgar; mas o **armistício** é absolutamente a mesma coisa que a **suspensão de armas** – frase que designa a interrupção momentânea da luta, combinada entre dois exércitos em campanha, ou entre duas nações que estão em guerra. – **Tréguas** distingue-se de **armistício** pela sua generalidade, e pela duração que é inerente ao sentido do vocábulo. Pode-se dizer que as **tréguas** são um tratado de paz que, em vez de ser definitivo, se limita a um espaço determinado de tempo, geralmente a anos. O *armistício* tem ordinariamente por fim recolher os feridos, enterrar os mortos, dar tempo a discutir uma proposta, planear a paz, etc. As **tréguas** são geralmente motivadas pela nenhuma eficácia das operações entre os beligerantes; pela sua comum falta de recursos, ou pelo desejo de se combinar a paz. Em todo caso, o que bem distingue **armistício** de **tréguas** é o fato de serem sempre estas de muito maior duração que aquele, e não terem o objeto determinado que tem o **armistício**; e ainda a circunstância de deixar entender que os exércitos beligerantes se recolhem a quartel".

348

AROMA (**aromas**), **fragrância**, **perfume**, **cheiro** (**cheiros**), **hálito**, **olor**, **odor**. – No seu grupo 457, diz Roq.: "**Fragrância** per-

26 ~ Lisboa.

tence exclusivamente às flores, em seu sentido próprio[27]. Tem *fragrância* uma rosa, um cravo, um jasmim, uma açucena, um lírio. O **aroma** é próprio das drogas e das árvores que o produzem. É aromática a árvore da canela, do cravo, do alcanfor, da pimenta. O *aroma* supõe, além disto, uma causa permanente de *fragrância*. Esta supõe um efeito passageiro em seu estado natural; e por meio da arte algumas vezes se faz durável. **Fragrância** explica a ideia de um cheiro grato, porém de pouco tempo, como é a vida das flores; e **aroma** exprime ideia de mais larga duração". – E no grupo 215: "Apesar de que o **cheiro** pode ser bom ou mau, agradável ou desagradável, **cheiros**, no plural, diz-se comumente das substâncias que produzem bom e agradável *cheiro*. – **Aroma** é palavra grega, *aroma*, que se aplica a – toda droga cheirosa, ou sejam – resinas, óleos, bálsamos, lenhos (raízes), unguentos de grande fragrância. – **Perfumes**, posto que em francês *parfums* corresponda a **aromas**, em português aplica-se particularmente às matérias odoríferas, que se exalam em fumo cheiroso, e ao fumo ou vapor odorífero que elas despedem". – **Hálito** só figuradamente é que entra neste grupo, significando "suave emanação de algumas substâncias". "Os *hálitos* que vêm da recendente alfombra..." – **Olor** é "o cheiro particular de cada flor, o perfume das plantas". "O *olor* da rosa lhe é gratíssimo..." – **Odor** pode aproximar-se de **fragrância** e de **cheiro**; e também distingue-se de **perfume** por "sugerir sempre ideia da substância de que mana, sem restrição da qualidade do cheiro". *Odor* de floresta virgem; de jardim; de pomares; ou *odor* acre de carniça, de azinhavre, de lenteiro.

27 E, no entanto, o uso autoriza o emprego desta palavra tratando-se de qualquer substância que dá perfume.

349

ARRANCAR, **tirar**, **sacar**, **extrair**, **arrebatar**. – Diz muito bem Bruns., que **arrancar** e **tirar** exprimem um ato de força; mas **arrancar** indica força, não só por parte de quem arranca, como resistência do que é arrancado, ou da parte de onde se arranca; ideia, esta última, que não sugere, pelo menos nem sempre, o verbo **tirar**. Daí se refere a impropriedade de frases como estas (que aliás se encontram até em autores de nota): "*arrancou* da espada"; "*arrancara* da casa a pobre criatura que nem mais se movia..." – **Arrebatar** acrescenta à noção de **arrancar** a ideia de violência e rapidez. "*Arrebatou-lhe* o livro sem que ela tivesse tempo de gritar sequer por socorro". – **Sacar** enuncia a mesma ação de **arrancar**, mas sem a ideia de resistência por parte da coisa ou pessoa de que se *saca*, nem da coisa *sacada*. Melhor do que tirar, encerra ideia de esforço, mesmo de força por parte de quem *saca*. – **Extrair** diz propriamente "tirar para fora, tirar do lugar em que estava". *Extrai-se* oiro da mina; *extrai-se* de um livro o que ele tem de substancial; *extrai-se* (como se *tira*, se *saca*, ou se *arranca*) um dente.

350

ARREPENDIMENTO, **remorso**, **pesar**, **contrição**, **atrição**, **compunção**, **penitência**. – Segundo Lacerda, **arrependimento** "é o sentido *pesar*, a pena pungente de haver cometido erro ou culpa, acompanhado do desejo veemente de emenda e reparação. – Indica a palavra **remorso**, no sentido translato, o remordimento, a angústia que nos atormenta a consciência quando delinquimos, ou perpetramos algum grave delito. – **Pesar** é a recordação molesta e penosa causada pela falta que se cometeu. – **Contrição** é palavra religiosa, e significa a dor profunda e sincera de ter ofendido a Deus por ser quem é, e porque o devemos amar

de todo o coração sobre todas as coisas. A *contrição* alcança-nos o perdão de Deus; o tempo diminui o *pesar*; a reparação aquieta o *arrependimento*; os *remorsos*, porém, perseguem o malvado impenitente até à sepultura". – **Atrição** é quase o mesmo que **contrição**: é também termo de teologia, e exprime a ideia de que o atrito se impressiona mais com o castigo do que com a dor da consciência. – A **compunção** (define Bruns.) "é uma contrição levada ao mais alto grau, pois é a dor profunda (e amargurada) de ter ofendido a Deus, dor que não provém do receio do castigo, senão do verdadeiro amor divino..." – **Penitência** é ao mesmo tempo "a compunção, o arrependimento do contrito, com o desejo de sofrer penas que lhe resgatem a culpa cometida".

351

ARROIO, **regueiro**, **regato**, **ribeiro**, **ribeira**, **rio**, **riacho**, **ribeirão**, **córrego**, **torrente**. – Faz Bruns. algumas considerações a propósito da escassez de vocábulos de que, para designação de *rio*, se ressente a língua portuguesa, enquanto que são numerosos os diminutivos dessa palavra, ou as formas com que se designam as pequenas correntes de água. Temos, portanto, que socorrer-nos da adjetivação quando é preciso marcar a grandeza dos *rios*. Não nos parece, porém, que o francês seja no caso mais rico, pois frequentemente nessa língua se emprega *fleuve* e *rivière*, no mesmo caso; e é raro encontrar *ruisseau* também sem atributivo. Como é que há de o francês enunciar a noção de *riacho*, por exemplo, ou *regato* sem dizer *petit ruisseau*? – **Rio** é a corrente de água mais ou menos considerável que vai ter ao mar, ou a outro rio. O uso, no entanto, não conseguiu fixar o valor próprio que o termo deve ter no português, por menos que o latim *rivus* no-lo autorizasse. Tanto aplicamos o vocábulo **rio** ao Amazonas, como ao Scamandro; ao Danúbio como ao Alfeu. Aqui, no Distrito Federal, temos *rios* que nem são *ribeirões*. Consolemo-nos da penúria, mesmo porque todas as línguas conhecidas, pode-se dizer talvez, padecem do mesmo mal. – Depois de **rio**, o designativo imediato pelo que exprime quanto às proporções da corrente de água é **ribeira**, que significa "abundante curso de água, navegável ou não", apenas menos amplo, profundo e vasto do que são de ordinário os **rios**. – **Ribeirão** é propriamente "ribeiro grande". – **Ribeiro** é "pequena corrente de água que brota de nascente, e que quase sempre seca no estio". – **Riacho** é diminutivo de **rio**, e diz menos que **ribeiro**. – **Arroio** será de menores proporções que **riacho**. – **Regato** é "o mais diminuto dos cursos de água perene". – **Regueiro** (ou **regueira**) é propriamente o sulco por onde se escoa a água do rego; e por extensão é toda porção insignificante de água corrente. – **Córrego** é "regueiro mais rápido, embora mais estreito, apertado entre margens altas". – **Torrente** é "volume de água que se despenha, que corre impetuosa e desordenada".

352

ARTE, **artifício**; **artístico**, **artificial**. – Sobre **arte** e **artifício** escreve Bruns. (e é mais por isso que também damos aqui este grupo): "Coisa feita com *arte*; coisa feita com *artifício* – são expressões vulgares que exprimem que o objeto de que se trata está feito com primor. Vejamos até que ponto há justeza nestes dois modos de exprimir-se. O **artifício** é a **arte** manifestada no trabalho que analisamos; mas o que é inegável é que a **arte** existe por si própria, independentemente de qualquer manifestação; ela subsiste pelo simples fato de haver métodos, regras e preceitos que a constituem – métodos, regras e preceitos que o artista há de observar para produzir, mas que, a não

serem empregados, não impedem que a *arte* seja. O **artifício** é que não pode existir sem manifestação: não há *artifício* onde nada há que o revele. Conseguintemente dizemos – que uma coisa está feita com *artifício* – para exprimir que nela há primor de execução; dizer – que ela está feita com *arte* – é como um pleonasmo, pois se não houvesse a *arte* de a fazer ela não existiria". – A isso convém acrescentar: sob um ponto de vista mais elevado, a **arte** consiste no talento com que é feita uma obra, cuja execução depende principalmente do espírito do artista; o **artifício** é a habilidade com que a obra foi executada. Tanto que dizemos: – uma coisa foi feita com *arte*; – como dizemos: – uma coisa foi feita sem *arte*. Dizemos também (e aqui se marca muito claramente a distinção que é preciso notar entre os dois vocábulos): – neste trabalho, ou nesta obra há algum *artifício*, mas não há *arte*: – querendo-se exprimir que o autor da obra empregou na execução dela alguma habilidade, mas não revelou talento; que é um *artífice*, mas não é um *artista*; que a obra é *artificial*, mas não se pode dizer que seja *artística*. Há, além disso, entre **artificial** e *natural* uma antonímia que se não nota entre *natural* e **artístico**.

353

ARTE, **ofício**, **mister**, **profissão** – "Posto que a palavra latina *ars*, de que nós fizemos **arte**, venha por síncope da grega *areté*, 'virtude', todavia ela equivale a esta outra, *téchne*, que entre os gregos tinha mui lata significação, pois abrangia toda disciplina em que se davam regras e preceitos. A gramática, a retórica, a poética, a lógica, a dialética, assim como a pintura, a arquitetura, a estatuária, etc., eram *artes*; de tal modo que todas estas palavras, que hoje temos como substantivos, são adjetivos substantivados, pois representam a variação feminina de *grammatikós*, *rhetorikós*, *poietikós*, *logikós*, *dialektikós*, *zographikós*, *architektonikós*, *ermoglyphikós*, concordando com o substantivo feminino subentendido *téchne* 'arte'. – **Artes** liberais chamavam os antigos as que ornavam o espírito, e eram cultivadas por homens livres, em oposição às que só exerciam os escravos; mas hoje se entendem principalmente aquelas em que predomina o espírito; como a pintura, a escultura, a arquitetura, a música, etc. – **Artes** mecânicas, antigamente só exercidas por escravos, são as que dependem do trabalho das mãos; tais são todos os ofícios fabris, a que os gregos chamavam *cheironaxia*, ou *banaysos téchne*. – **Belas-artes** são as que nos suscitam ao mesmo tempo sensações, sentimentos e ideias agradáveis, que se propõem imitar a natureza na sua maior perfeição; tais como a poesia, a eloquência, a pintura, a estatuária, etc. – **Mister**, do latim *ministerium*, palavra mais usada antigamente do que hoje (*mester*), é o mesmo que ofício mecânico ou fabril; tal é o de ferreiro, de carpinteiro, etc. – **Profissão** é aquele modo de vida que cada um exerce publicamente; e pode ser mecânica ou de outro gênero. A *arte* faz o artífice, o artista, o homem hábil; o *ofício* faz o operário, o jornaleiro; a *profissão*, o homem de uma ordem, ou de certa classe: tais são os médicos, os cirurgiões, os boticários, os advogados, etc., os quais não se chamam artistas (pelo menos nem sempre...) nem são homens de *ofício* propriamente. O *ofício* requer um trabalho material, mecânico ou de mãos; a *profissão*, um trabalho ou ocupação qualquer; a *arte*, um trabalho de engenho, sem excluir nem exigir um trabalho material". (Roq.)

354

ARTE, **ciência**. – Sobre estes dois vocábulos, guiado por Bourg. e Berg., escreve Bruns.: "**Arte** diz-se de qualquer conjunto de regras que têm por fim guiar na prática. **Ciência** diz-se de um conjunto de conhecimentos que dependem intrinsecamente de certos

princípios gerais; conhecimentos que, mesmo que possam guiar na prática, tendem principalmente a dotar a inteligência com a verdade. A agrimensura é a *arte* de medir os campos; encerra ela as regras necessárias para proceder-se à exata avaliação de qualquer terreno, qualquer que seja a forma que apresente. Mas essas regras são consideradas apenas quanto à sua utilidade no trabalho de determinar a área do campo, não como expressão da verdade. A *arte* do agrimensor não tem por missão demonstrar a evidência das regras que a formam; essa demonstração foi feita alhures, e isso é quanto basta para se dar por exato o resultado da aplicação das regras demonstradas. – A geometria é a **ciência** que se ocupa de medir as linhas, as superfícies, os volumes. Ela funda as suas regras em princípios evidentes, que demonstra, que grava no espírito de modo tal que a dúvida não pode subsistir ante a evidência das suas verdades. Esses princípios podem guiar na prática; e efetivamente as regras da agrimensura fundam-se nos princípios da geometria; mas essa utilidade nada importa para a *ciência* do geômetra, pois este o que pretende é demonstrar a verdade dos seus princípios, não inculcar-lhes o valor prático. Partindo, pois, do princípio de que é a **arte** que aplica, e a **ciência** que instrui, resulta que entre estes dois vocábulos existe a seguinte sinonímia: **Arte** dir-se-á do conjunto de regras que, aplicadas, conduzem a um resultado previsto: **ciência**, do conjunto de conhecimentos que formam um sistema. A gramática, por exemplo, tendo por fim subministrar umas tantas regras para a correta expressão do pensamento, é *arte*. A filologia, sendo o conjunto de vários conhecimentos, é *ciência*".

355

ARTESÃO (ou artesano), **artífice**, **artista**, **operário**, **obreiro**, **proletário**, **trabalhador**, **oficial**, **mestre**, **profissional**. – **Artesão** é "o que tem por ofício alguma arte mecânica". – **Artífice** é "o oficial mecânico que fez uma certa obra". – **Artista** é "o que exerce uma arte liberal". – **Operário** e **obreiro**, formas portuguesas oriundas do mesmo original (do latim *opera*), confundem-se aplicados aos que vivem de algum trabalho manual. – **Obreiro**, no entanto, pode ter uma significação mais alta e mais extensiva. Dizemos, por exemplo: os *obreiros* da fé; os *obreiros* da civilização, da grande causa (e não *operários*). – **Operário** confunde-se hoje ordinariamente com **proletário**. Há entre os dois termos, porém, uma distinção que se não deve esquecer. – **Proletário** sugere ideia da condição social a que se sente reduzido ainda o *operário*. – **Proletário** é tanto o *operário*, como qualquer outro profissional que se julga oprimido e angustiado na vida, atribuindo os seus males à má organização da sociedade. Tanto que dizemos já – *proletariado* intelectual, *proletariado* dos titulares... Mas ninguém se lembrou ainda de dizer – *operariado* intelectual, ou – *operariado* profissional... O *proletário* é, portanto, o homem do trabalho que protesta e reclama, o *operário* que reivindica. – Entre **operário** e **trabalhador** nota-se uma certa diferença. O **operário** entende-se que tem aptidões especiais para o trabalho de que se ocupa; o **trabalhador** supõe-se que entende de todo e qualquer serviço para o qual não se exija um préstimo especial. – **Oficial** e **mestre** também se confundem. Mas a palavra **mestre**, comumente, dá-se, como um título ou tratamento, ao *oficial* que se tem por senhor do seu ofício. – **Profissional** é todo aquele que exerce uma profissão.

356

ÁRTICO, **boreal**, **setentrional**, **norte**. – **Ártico** é adjetivo menos extensivo que **setentrional**, pois só se diz do que está para além do círculo polar do norte; enquanto que

setentrional quer apenas dizer – "que está para o lado do norte". – **Boreal** se aplica a tudo que fica para o norte do equador. – **Norte** emprega-se para designar, em vez de setentrional, o hemisfério onde se conta a latitude. América *setentrional* (a que fica a norte da meridional). Hemisfério *boreal* (o que fica para cima do equador). Zona ártica (oposta à antártica). Latitude *norte* (ou *setentrional*).

357

ARTICULAR, **pronunciar**, **dizer**, **proferir**, **falar**. – **Articular** é "dizer a palavra destacando-lhe bem as sílabas". – **Pronunciar** é "enunciar a palavra com clareza e precisão". – **Dizer** é "expressar por meio de palavras". – **Proferir** é pronunciar em voz alta e com certa solenidade. – **Falar** é "comunicar-se com alguém por meio de palavra viva". – F. *articulou* com receio algumas palavras. Ele *pronunciou* aquela palavra com certa intencionalidade. *Disse-me* ela que virá hoje à tarde. F. *proferiu* na Câmara um belo discurso. Se ele me *falar* sobre isto...

358

ARTIFICIAL, **factício**, **ficto**, **fictício**, **fingido**, **simulado**, **falso**. – **Artificial** é "todo trabalho feito com arte": opõe-se a *natural*. – **Factício** significa também "feito ou criado pelo homem, ou devido a circunstâncias de momento". Este, porém, só se aplica tratando-se de coisas não propriamente materiais ou concretas. – **Ficto**, **fictício** e **fingido** são formas oriundas do mesmo original (*fingo... ere*). – **Ficto** quer dizer "fingido, suposto, aceito como tal". Chama-se a um navio de guerra, ao palácio de uma embaixada, por exemplo, "território *ficto*" da respetiva nação (querendo significar que se consideram a embaixada e o navio de guerra como se fossem prolongamentos do território nacional). – **Fictício** é "o que só existe na imaginação, o que é inventado, fingido, mas talvez com intento de que passe por natural e verdadeiro". – **Fingido** é "o que imita calculadamente a coisa verdadeira pela qual quer passar..." – **Simulado** exprime o mesmo que **fingido**, e dá, melhor ainda do que este, ideia do intento de "fazer acreditar que a coisa *fingida* é a coisa real". – **Falso** é "o que não é exato, verdadeiro, legítimo, puro".

359

ARTIFICIAL, **artificioso**. – **Artificial** já vimos que significa "feito pela arte ou pela indústria do homem". – **Artificioso** é também o que se fez com *artifício*, mas em regra com o intuito de iludir, de enganar. A tudo que é *artificial* nem sempre caberá o epíteto *artificioso*; nada se concebe, no entanto, como *artificioso*, em que não tenha entrado algum artifício – e que não seja, portanto, *artificial*.

360

ARTIFÍCIO, **artefacto**. – Não se poderiam confundir estes dois vocábulos, por mais clara que lhes seja a comunidade de estrutura. – **Artifício**, conforme já se viu, é o meio, o processo, ou o conjunto de meios que se emprega para alcançar um resultado, para fazer alguma coisa (e, pois, para conseguir um *artefacto*). – **Artefacto** é qualquer produto de trabalho mecânico. Mas **artifício** aproxima-se mais de **artefacto** quando se aplica também a coisas que se fizeram com certa arte. Do mesmo modo que dizemos – *artefactos* de cerâmica, ou de marcenaria – também dizemos – *artifícios* de caça, ou de pesca. Aí mesmo, no entanto, é evidente a distinção que se nota entre os dois vocábulos; pois só aplicamos o nome de *artifícios* a certa ordem de *artefactos*; isto é, àqueles que sugerem a ideia de que foram feitos "para enganar". Resta observar que **artifício** se emprega ainda no sentido translato: o que não se dá com o outro. Dizemos. "Vou desfazer os *artifícios* de que usou contra mim";

"É fácil de ver de que rude, ou de que grosseiro *artifício* se valeu para obter aquilo..." (Em nenhum destes casos caberia *artefacto*.)

361

ÁSCUA, **brasa**. – De que entre estas duas palavras não existe sinonímia perfeita – diz Bruns. – é uma prova o podermos dizer: "as *brasas* estão quase apagadas", e não – "as *áscuas* estão quase apagadas". – **Áscua** implica, portanto, a ideia de ser completa a incandescência: ideia que não é inerente à palavra **brasa**, pois se o fosse, seria pleonasmo o dizer-se – "*brasa* viva", expressão que é muito trivial. Também se diz – "brilhar como uma *áscua* de oiro"; "ferro em *brasa*": expressões que parecem autorizar-nos a empregar o termo **brasa** para exprimir calor; e **áscua**, para exprimir "brilho ou fulgor".

362

ASSASSINAR, **matar**, **trucidar**, **massacrar**, **degolar**. – **Matar** enuncia a ideia geral de "tirar a vida a um ser vivo". Só figuradamente se emprega este verbo para significar – "exaurir, fazer cessar, tirar o vigor". – **Assassinar** é "matar a homem que se não pode defender, e matar com perfídia e violência, ou à traição, com injustiça e crueldade". – **Trucidar** é "matar com excessos de barbaridade, e abusando o matador da sua força, ou das vantagens que tem sobre a vítima". – **Massacrar** (do francês *massacrer*, adaptado do alemão *matsken* "degolar") é "matar em massa gente sem defesa" (Besch.). – **Degolar** é "matar cortando o pescoço". Na guerra, **degolar** equivale quase, ou melhor, é o termo próprio para exprimir – *trucidar, massacrar*.

363

ASSASSINO, **assassínio**, **assassinato**; **matador**, **morte**, **matança**, **morticínio**; **homicida**, **homicídio**. – **Assassino** é o que, à traição, ou abusando da sua força, mata o seu semelhante. Entre **assassínio** e **assassinato** não fazem os léxicos distinção alguma. E, no entanto, em direito seria preciso marcar talvez uma certa diferença entre os dois. Neste exemplo: "Os bandidos foram cometendo, em toda aquela região desolada, *assassínios* em massa..." – seria possível empregar, com a mesma propriedade, *assassinatos* em vez de *assassínios?* Bourg. e Berg., no seu artigo sobre *assassinat, meurtre, homicide,* dizem que "o **homicídio** é o fato de dar a morte a outrem, voluntária ou involuntariamente. O **homicídio** involuntário é uma desgraça e não um crime". Só é crime, portanto, o **homicídio** voluntário; isto é, a morte de criatura humana feita com a responsabilidade do que matou. Dizem-nos agora os citados autores: "L'*homicide,* commis volontairement, est un *meurtre*." Parece que não poderemos traduzir este vocábulo francês *meurtre* só por *morte,* como vemos algures. O **homicídio**, cometido voluntariamente, decerto que é *morte,* no sentido que esta palavra tem aqui. Nem sempre, no entanto, a **morte**, isto é, o "ato de matar", será **homicídio**. São os mesmos autores indicados que definem: "Le *meurtre,* commis avec préméditation ou guet-apens, se nomme *assassinat*". Logo, o *meurtre,* cometido sem premeditação, não é *assassinato*. Nem será *morte* se o que o fez não usou de violência. Diremos, por exemplo, que F. praticou *morte* envenenando alguém? E não seria o caso de dizermos então que F. cometeu *assassínio*? Sob um ponto de vista filológico, seria preciso notar que a desinência *...io* de *assassínio* marca simplesmente forma substantival; enquanto a terminação *...ato* em *assassinato* sugere a ideia de crime ou delito, infração de lei. Conclui-se ao menos de tudo que **assassínio** designa o ato em si mesmo, a ação de matar com premeditação e abuso de força; e que **assassinato** designa o próprio crime, capitulado nos códigos. Num país onde fosse permitido assassinar,

o *assassínio* não figuraria nas leis penais: não seria propriamente *assassinato*. – É *matador* "aquele que mata, seja homem, seja irracional". – **Morte** é o que praticou o **matador**. – **Matança** é "morte de muita gente, ou de grande número de animais", sem mais ideia alguma acessória. – **Morticínio** é "matança de criaturas humanas em grande número, e incapazes de defender-se". Podemos dizer – *matança* de bois ou de ratos, e – *matança* de mulheres, ou de inocentes. Não devemos dizer, porém, *morticínio* de bois.

364

ASSAZ, **bastante**, **suficiente**. – "Estes três vocábulos" – diz Bruns. – "assim dispostos apresentam a sua gradação descendente": **assaz** é mais que **bastante**; **bastante** é mais que **suficiente**. "Livro *assaz* despretensioso", dir-se-á do livro que não tem pretensões, "F. é *assaz* incrédulo para..." diz claramente que o indivíduo do que se trata não é crédulo. Este vocábulo, sendo puramente adverbial, pode frequentemente confundir-se com **bastante**; menos vezes, porém, com **suficiente**. – **Bastante** indica maior quantidade que **suficiente**. – Quando se diz: "Tenho o *bastante* para fazer esta viagem" – entende-se que não há necessidade de esquivar-se a gastos supérfluos. Não se entende a mesma coisa ao dizer: "Tenho o *suficiente* para a viagem" – revelando, esta maneira de se exprimir, que não se tem dinheiro de sobra.

365

ASSÉDIO, **cerco**, **sítio**, **bloqueio**. – A julgar só pela respetiva estrutura, **assédio** e **sítio** não se diferençariam senão pela forma. **Assédio** (de *ad* + *sedes*; ou de *assideo* = *ad* + *sedeo*) é a operação de acampar um exército hostilmente junto ou diante de uma cidade, ou de uma fortaleza. – **Sítio** (de *obsidium* formado de *obsideo* = *ob* + *sedeo*) deveria ter o mesmo valor de **assédio**, desde que se lhes encontra no fundo o mesmo radical, e tendo muito de comum as duas preposições *ad* e *ob*. E, no entanto, não seria possível, quando menos em grande número de casos, confundir os dois vocábulos. Bastaria notar que se diz: "fechar o *sítio*", "apertar o *sítio*"; e não – "fechar o *assédio*", nem "apertar o *assédio*". – **Sítio**, portanto, não é simplesmente **assédio**: é mais próximo de **cerco**, pois não só dá ideia da duração que podem ter as operações de guerra, como ainda a ideia do aperto em que se põe a praça sitiada, cercando-a por vários, ou mesmo por todos os lados. O **assédio** poderia consistir apenas em manobras a certa distância, ou à vista mesmo de uma praça, ameaçando-a, pondo-a em perigo crescente; sem sugerir, no entanto, ideia necessária de **cerco** propriamente. – **Cerco** é termo genérico e designa aqui a operação de "instalar forças militares em torno de uma praça, no propósito de rendê-la". O **cerco** pode ser de curta duração; e o **sítio** supõe-se que será longo. Além disso, não dá o **cerco** ideia alguma da coisa cercada: pode ser uma grande cidade, uma aldeia, um forte, um posto militar, ou mesmo uma casa, um bosque, onde se tenha metido o inimigo. – **Sítio** sugere ideia da importância da praça sitiada. – **Bloqueio** (do alemão *blockhaus* "pequeno forte de madeira". Besch.) aplica-se mais propriamente a operações militares destinadas a trancar um porto, impedindo que nele entre ou dele saia embarcação alguma.

366

ASSÍDUO, **frequente**. – O que é **assíduo** é mais constante e mais repetido que o que é **frequente**. São *assíduas* as visitas que se repetem com insistência e com certa regularidade; são *frequentes* as que se fazem muitas vezes. O que é **assíduo** indica mais empenho, mais vivo intento que o que é **frequente**. Não se diz que um bom empregado é *frequente*, mas *assíduo* (Bruns.).

367

ASSINAR, firmar, subscrever. – **Subscrever** é simplesmente "pôr o nome por baixo de algum escrito". Mesmo um outro pode *subscrever* por nós. – **Assinar** designa o ato de "pôr a própria pessoa o seu nome por baixo de algum escrito, para que se saiba que é ela quem escreve". – **Firmar** é "assinar documento para que se torne autêntico". *Subscreve-se* uma lista..., uma felicitação coletiva. *Assina-se* uma carta, um artigo de imprensa, uma declaração. *Firma-se* uma letra, um contrato.

368

ASSONÂNCIA, assoante; consonância, consoante; rima, rimado. – **Assonância** significa "semelhança de sons, harmonia imperfeita"; em poética dizem-se **assoantes** os versos que em vez de **rima** têm apenas assonância; isto é – que terminam por palavras "cujas desinências têm da sílaba predominante para o fim as mesmas vogais, mas diferentes consoantes"; como, por exemplo: *fala* e *casa*, *medo* e *preto*. – **Consonância** diz propriamente "sons que se correspondem, ou igualdade de sons". Dizem-se **consoantes** os versos de rima com pouca propriedade chamada literal, isto é, feita das mesmas letras mas de sons ou acentos nem sempre iguais; como, por exemplo, versos que terminassem em *besta* e *lesta*, ou em *credo* e *enredo*. – **Rima** é a "perfeita igualdade de som e de acento no fim de dois ou mais versos". E como nem todos os versos carecem de *rima*, senão de ritmo, só se chamam *rimados* os que a têm.

369

ASSUNTO, matéria, objeto. – **Matéria** é palavra de maior extensão que **assunto**, e por isso mesmo mais vaga, menos precisa. A **matéria** abrange todo o gênero a que pertence a coisa de que se trata; e não só essa coisa, mas tudo quanto a ela é acessório, ainda que não faça propriamente parte dela. – **Assunto** é o ponto particular e determinado de que se trata no discurso ou no livro. A *matéria* de que o historiador se ocupa é a história. O *assunto* de história tratado por Arriaga é a revolução de 1820. – **Assunto** e **objeto** também se distinguem. O **assunto** é o ponto em si, aquilo de que nos ocupamos atualmente; o **objeto** é o alcance que pode ter o **assunto** (Bruns.).

370

ASTROLOGIA, astronomia. – Duas palavras gregas de origem – diz Roq. – formadas, a primeira de *astér* "astro", e *logo* "discurso"; e a segunda, de *astér* e *nómos* "lei, regra". Parecem significar ambas a ciência dos astros e das leis que lhes regem os movimentos. O uso, porém, pôs entre elas uma notável diferença. Entende-se por **astrologia** a suposta arte de predizer futuros acontecimentos, valendo-se o astrólogo, para isto, do aspeto, posição, influxo dos astros; e chamava-se comumente *astrologia judiciária*. – **Astronomia** é termo mais moderno, e designa a verdadeira ciência dos astros, que consiste no estudo e conhecimento do céu e dos fenômenos celestes, do curso e movimento dos astros, etc. O *astrólogo* conta o que imagina, ou julga sem fundamento científico; busca e acha aplauso entre o néscio vulgo; o *astrônomo* funda-se em cálculos que não falham; diz-nos o que sabe, e por isso merece a estima dos sábios.

371

ATA, auto, assento, registro, termo. – **Ata** é "a narração por escrito do que se passa em uma assembleia, ou numa reunião em que se tomaram deliberações". – **Auto** é "o registro solene de cerimônia que se celebrou, de resolução coletiva que foi tornada, para produzir efeitos jurídicos, ou para que se tenha mais tarde testemunho autêntico da verdade

sobre o que se fez ou resolveu". Mais restritamente – "é a narração circunstanciada de qualquer ato, ou diligência, judiciária ou administrativa, escrita e autenticada pelo respetivo escrivão e testemunhas"... (Aul.) – **Assento**, na acepção que tem aqui, é antiquado: equivale a **auto**, apenas, sem a solenidade deste. Significa mais – "contrato escrito, ou prova escrita de contrato do que propriamente – registro autêntico de resolução que se tomou". – **Registro** é o "ato de se lançar em livro próprio a cópia ou o extrato de um documento, ou a súmula de um sucesso, para que fique lembrança dele" (Aul.). – **Termo** é convizinho de **assento**: é o "auto conciso de um ajuste, de uma sessão do Congresso, ou de um clube; reduz-se a *auto* uma deliberação; faz-se *assento* de um acordo ou de um compromisso; ordena-se o *registro* de um fato, ou de um papel importante; toma-se por *termo* uma confissão ou um testamento".

372

ATAÚDE, **caixão**, **tumba**, **esquife**, **féretro**. – Segundo Bruns. – **ataúde** e **caixão** são sinônimos perfeitos. O primeiro, no entanto, não só é termo mais escolhido, mas ainda é certo que se não aplica geralmente a *caixão* pobre e desguarnecido. – **Tumba**, na acepção em que aqui consideramos este vocábulo, designa a maca em que o cadáver é transportado até a beira da sepultura, e da qual é tirado para se enterrar. – **Esquife** diferença-se de **tumba** em não ter tampa, como esta. – **Féretro** é termo genérico que pode substituir qualquer dos outros deste grupo. Tanto dizemos – "*féretro* sumptuoso", como – "*féretro* humilde", "*féretro* pobre".

373

ATEU, **incrédulo** (**incréu**), **descrente**, **descrido**, **cético**, **ímpio**, **sacrílego**, **irreligioso**, **infiel**, **gentio** (**gentil**), **pagão**, **idólatra**, **heterodoxo**, **herege** (**herético**); **leigo**, **profano**. – **Ateu** (do grego *a* privativo, e *theos* "deus") é o homem que não crê na existência de Deus. – **Incrédulo** é vocábulo de significação mais extensa: designa "o que não crê facilmente"; e no sentido restrito em que é tomado neste grupo, designa "o que não crê nas verdades que a religião ensina ou que a Igreja manda crer". – **Incréu** é forma contrata de **incrédulo**. – **Descrente** é "o que não crê com firmeza, que duvida ou vacila em crer, em confiar". – **Descrido** enuncia de modo mais completo a noção de descrente: é como se se dissesse – um *descrente* definitivo; pois **descrido** significa – "que não crê decisivamente, que se desiludiu de crer". – **Cético** é o que não crê senão quando sente a verdade em plena evidência. Entre **cético** e **incrédulo** é preciso notar a seguinte distinção: o **incrédulo** não crê porque não cogita de saber a verdade; o **cético**, porque a procurou inutilmente. – **Ímpio** é – diz Lacerda – "o que não tem piedade, e por isso despreza o culto público e o objeto desse mesmo culto". O *incrédulo* zomba da religião, e quase sempre é um leviano e fútil, que afeta uma falsa independência moral, ou superioridade de espírito. O *cético* argumenta contra as grandes verdades da religião, e muitas vezes mostra-se amargurado de não aceitá-las porque lhe parecem contrárias à razão humana. O *ímpio* é quase um celerado, que detesta Deus e a humanidade; que não sente pelo semelhante senão ódio e desprezo, e que se rebela contra Deus. – **Sacrílego** é o que atenta contra coisa sagrada; e, por extensão, contra tudo que merece grande respeito, amor, veneração. O *ímpio*, em regra, é *sacrílego*: nem sempre, porém, será verdadeira a inversa, desde que *impiedade* encerra a ideia de ufania contra Deus e os homens. – **Irreligioso** diz apenas "que não tem religião alguma". – **Infiel** é palavra de significação muito restrita, con-

siderada neste grupo: é o qualificativo com que na Idade Média os Cristãos designavam os maometanos. – **Gentio** era "toda a gente que ficava fora da nossa grei"; como também foram *bárbaros* para os romanos todos os povos que se encontravam fora de Roma. Sobre esta e a palavra **pagão** escreve Roq.: "Assim como os gregos e os romanos chamavam *bárbaros* a todos os povos que não fossem eles próprios; assim também os judeus chamavam *goim*, nações, gentes, ou *gentios* todos os povos que não eram da sua religião; e este mesmo nome deram depois aos Cristãos". Observa Fleury que entre estes *gentios* incircuncisos alguns havia que adoravam o verdadeiro Deus, e aos quais se concedia a permissão de habitar a Terra Santa, contanto que observassem a lei natural e se abstivessem de sangue. Pretendem alguns sábios que os *gentios* foram assim chamados porque não têm outra lei mais que a natural e as que a si mesmos se impõem, por oposição aos judeus e aos Cristãos, que têm uma lei positiva e uma religião revelada que são obrigados a seguir. A Igreja nascente não falava senão de *gentios*. S. Paulo foi o **apóstolo das gentes**, isto é, dos *gentios*, como se lê nos Atos dos Apóstolos. *Ut portet nomen meum coram gentibus* (IX, 15). Depois do estabelecimento do Cristianismo, chamaram-se **pagãos** (*pagani*) os povos que ficaram **infiéis**; ou fosse, como crê Barônio, porque os imperadores cristãos obrigaram por seus editos aos adoradores de falsos deuses a retirar-se para as aldeias ou lugares de pouca conta, que se chamavam *pagus*, onde exerciam sua religião; ou porque, depois de convertidas ao Cristianismo as vilas e cidades, ainda se conservou a idolatria nas aldeias (*pagi*); ou, como diz S. Jerônimo, porque os *infiéis* se recusaram a alistar-se na milícia de Jesus Cristo; ou porque preferiram deixar o serviço a receber o batismo, como foi ordenado no ano 310, segundo observa Fleury; porque, entre os latinos, *paganus* era oposto a *miles*, como entre nós o é *paisano* a *soldado* ou *militar*. Cita Ainsworth a favor desta opinião a passagem seguinte: *Miles, si dum paganus erat, fecerit testamentum*, etc. "o *soldado*, se quando era ainda *paisano*, tivesse feito testamento", etc. E acrescenta: *Hinc et fortasse christiani gentes dixere paganos, quod Christi vexillis non militarent* = "daqui veio talvez chamarem os Cristãos *pagãos* aos *gentios*, porque não queriam militar debaixo das bandeiras de Cristo". Seja como for, o nome de *pagãos* foi dado aos *infiéis* que, retirados das cidades, continuaram a adorar os falsos deuses. Os **gentios** foram chamados à fé, e obedeceram à sua vocação; os **pagãos** persistiram em sua idolatria. A palavra **gentios** não designa senão as pessoas que não creem na religião revelada; e a de **pagãos** distingue aqueles que observam cegamente, e com fanatismo, uma religião mitológica, ou um culto de falsos deuses. Pelo que, os *pagãos* são *gentios*; mas nem todos os *gentios* são *pagãos*. Confúcio e Sócrates, que refutavam a pluralidade dos deuses, eram *gentios*, mas não eram *pagãos*. Os adoradores de Júpiter, de Fo, de Brama, de Xaca, e de outras falsas divindades, são *pagãos*; os sectários de Mafoma, adoradores de um só Deus, são, propriamente falando, *gentios*, ou *infiéis*, como lhes chamou d. Afonso Henriques, na visão do campo de Ourique

> Aos *infiéis*, Senhor, aos *infiéis*,
> E não a mim que creio o que podeis.
> (*Lus*., III, 45)

– **Idólatra** designa propriamente "o que adora ídolos". É termo que se pode aplicar a todos os que desconhecem a religião cristã e celebram cultos bárbaros. – Heterodoxo se diz do membro de uma igreja, de uma religião, de uma doutrina – que não se submete à autoridade que a regula; – que tem opinião diferente dos demais sectários (*heteros* "outro" + *doxa* "opinião"). É antôni-

mo de *ortodoxo*. – **Herege** (ou **herético**) é o que levou a *heterodoxia* ao extremo de discutir com certa paixão e sustentar graves erros em ponto de fé. – **Leigo** e **profano** distinguem apenas o que nada tem com a religião; que não pertence ao clero; ou que não diz respeito a crença nenhuma. – **Profano**, porém, junta à noção de *leigo* a de *ímpio* e *sacrílego*, em muitos casos.

374

ATENÇÃO, **aplicação**, **reflexão**, **ponderação**, **meditação**, **contensão**, **apercepção**, **cogitação**; **cuidado**, **vigilância**, **solicitude**, **desvelo**, **dedicação**. – **Atenção** é o ato pelo qual o nosso espírito fixa o seu poder sobre algum objeto externo. Se, em vez de num objeto externo, as nossas faculdades se fixam sobre objetos internos, esse ato chama-se **reflexão**. Se a **reflexão**, ou a atenção é demorada e persistente, chama-se **aplicação**. – **Ponderação** sugere ideia de atenção mais profunda, de extremo cuidado e grave aplicação com que se estuda e trata de resolver alguma alta questão, ou de efetuar negócio de grande importância. – **Meditação**, como bem define Bruns., é "uma espécie de *reflexão* prolongada e persistente". Não obstante, há entre os dois vocábulos uma diferença notável, e que consiste em que a **reflexão** deduz consequências, enquanto que a **meditação** se exerce sobre fatos cujas consequências se conhecem antecipadamente. Antes de empreender um negócio importante, necessitamos *refletir*, não *meditar*. A paixão do Redentor é um assunto de *meditação*, para os crentes, não de *reflexão*. – **Contensão** significa "profundo esforço espiritual; grande, intensa *aplicação*". – **Apercepção** é a "capacidade própria da inteligência para conceber ideia das coisas reais". – **Cogitação** enuncia "o ato ou a operação de pensar sobre alguma coisa". – **Cuidado** é a "*atenção* zelosa, indefectível com que se faz alguma coisa". – **Vigilância** é um *cuidado* contínuo, uma *atenção* que se não deixa iludir, uma atividade que está sempre alerta (*vígil* "que vela"). – **Desvelo** é o "cuidado e vigilância contínua de quem se empenha com afinco em realizar alguma coisa; que não cessa de agir enquanto não consegue o seu fim". – **Solicitude** é a "atenção, o cuidado, a diligência levados quase a um verdadeira inquietação por aquilo que nos interessa ou de que devemos dar contas". – **Dedicação** é quase solicitude e desvelo: é "a boa vontade e empenho com que se cuida de cumprir um dever, ou de executar alguma tarefa".

375

ATENTADO, **crime**, **delito**, **culpa**, **falta**, **pecado**, **transgressão**, **infração**, **violação**, **quebra**, **quebrantamento**, **tentativa**. – Segundo Bruns. – **atentado** tem duas acepções muito distintas. – Na primeira, exprime-se que o ato criminoso foi planeado e começado a perpetrar, não chegando, porém, a consumar-se por circunstâncias independentes da vontade do autor. Na segunda acepção, indica-se com esta palavra um desses crimes que causam indignação, seja porque revelem instintos depravados no criminoso, seja por ser o ato praticado contra quem ou contra aquilo que é geralmente respeitado. Como exemplo da primeira acepção, apontaremos – o *atentado* que alguns nobres, instigados pelos Jesuítas, praticaram nas terras da Boa-Hora para assassinarem el-rei D. José. Como exemplos da segunda, citaremos – o *atentado* contra Carnot; – os frequentes *atentados* dos governos contra as liberdades públicas. – **Crime** é o ato pelo qual a vida, a propriedade, a honra, os direitos ou os interesses alheios são atacados ou aniquilados. Há *crimes* graves, e *crimes* leves. – **Delito** é uma infração à lei; não se lhe pode atribuir a gravidade do **crime**. Muitas vezes comete-se **delito** sem infringir as leis

morais; e frequentemente, também, infringem-se as leis morais sem cometer **delito**. O **crime** quase sempre imprime baldão em quem o comete; o **delito**, não. – **Culpa** = "ato ou omissão menos grave do que crime". – **Falta** = "omissão menos grave do que culpa". – **Pecado** é infração da lei religiosa, e por extensão, das leis morais. Há o *pecado* mortal, isto é, aquele que pela sua gravidade como que mata as almas; e o *pecado* venial – o que não importa em perda da graça; que pode ser facilmente perdoado. – **Transgressão** é propriamente "o ato de fazer alguma coisa passando por cima das leis"; e geralmente aplica-se este termo só a casos de pouca importância. – **Infração** é o ato de "infringir, de quebrar a lei, ou o preceito moral". Quem deseja mal ao próximo comete *pecado*. A autoridade que dá uma ordem absurda comete *transgressão*, mais ou menos grave, da lei. O negociante que não pagou os impostos devidos cometeu *infração* das leis fiscais; como comete *infração* das leis penais quem furta uma carteira, quem fere, mata ou tenta ferir ou matar o seu semelhante. – **Violação** distingue-se dos dois precedentes em encerrar a ideia da força, do propósito com que a lei é infringida. Não é possível *violar* (de *violo*, verbo latino oriundo de *vis* "força") sem cometer violência. Quem comete uma *infração* pode não ter culpa, pois esta resulta da consciência com que a *infração* foi cometida; mas quem comete *violação* tem sempre culpa. Dizemos – *infração* involuntária; e nunca – *violação* involuntária. – **Tentativa** é propriamente um atentado, ou a prática de um crime ou de um delito que se começou, mas que não chegou a consumar-se por alguma circunstância alheia à vontade do autor. Quem erra um golpe ou um tiro de bala contra uma pessoa comete uma *tentativa* de morte. Se a pessoa alvejada tem uma alta representação social, ou se as circunstâncias da *tentativa* são excepcionalmente notáveis, passa esta a ser um *atentado*. O celerado que lança uma bomba explosiva sobre uma multidão, mesmo que não mate ninguém, comete um *atentado*, não uma *tentativa*. – **Quebra**, **quebrantamento** = "ato de infringir lei ou preceito"; parecendo que o segundo é muito mais forte.

376

ATITUDE, **postura**, **posição**, **gesto**. – **Atitude**, neste grupo, é "o que, na pessoa, nos revela as disposições, os sentimentos, que na atualidade a dominam". Assim dizemos – *atitude* serena ou ameaçadora; *atitude* benigna, ou indiferente, ou suplicante. – **Postura** difere de **atitude** em revelar este o sentimento próprio; e aquele, **postura**, aludir à apreciação alheia. A *postura* de uma pessoa é decente conforme os olhos que a veem. É preciso não esquecer que **atitude** e **postura** se dizem do conjunto do corpo, não de cada uma das suas partes. Devemos, portanto, evitar frases como estas: a *postura* da cabeça; a *postura* das mãos, etc.: frases nas quais **posição** ou **gesto** seriam o termo adequado. – **Posição** – referindo-nos somente ao que desta palavra é relativo às pessoas, – dizemos da direção que se dá aos membros, à cabeça, ao busto. Um braço estendido horizontalmente não pode permanecer muito tempo nessa *posição*. – **Gesto** é um movimento do corpo todo, ou só da cabeça ou dos membros, e que exprime um sentimento, uma paixão. O **gesto** é rápido; e nisso difere também da **atitude**.

377

ATIVO, **diligente**, **experto**, **solerte**, **solícito**, **cuidadoso**, **desvelado**, **zeloso**, **pressuroso**, **apressurado**, **afanoso**, **afadigado**, **moirejante**, **ansioso**. – **Atividade** é antônimo de **inércia**. Tudo que exerce a ação que lhe é própria, que opera os efeitos que lhe são naturais, é **ativo**. Particularmente aplicado a

faculdades do homem, dizemos que é *ativo* aquele que se move na vida com desembaraço, que é expedito em adiantar os seus negócios, que é pronto nos misteres de que se ocupa, que exerce, em suma, com atividade as suas aptidões. – **Diligente** será o homem que, além de ativo, é cuidadoso, mostra zelo, perícia, vivo interesse nos encargos que lhe são confiados. Nem sempre o homem *ativo* pode ser tido como *diligente*, portanto, pois a atividade pode não ser ponderada e sair da justa medida, perdendo-se ou dispersando-se inutilmente. Por isso o homem *ativo* nem sempre conseguirá fazer o que deseja. O mesmo não se deve entender quanto ao **diligente**, pois este se supõe sempre que exerce a sua atividade com muito bom senso, e que os seus esforços são regulados cuidadosamente pelo esmero com que procura dar conta da sua tarefa. – **Experto** é tomado frequentemente a má parte. Nem sempre a esperteza é uma virtude de que nos possamos desvanecer: antes pelo contrário. E neste sentido depreciativo aproxima-se mais de ladino, sagaz, astuto, que de **ativo** e **diligente**. Na acepção figurada que lhe dá lugar neste grupo dir-se-ia, porém, convizinho desses dois: **experto** é o "homem que, além de ativo e diligente, tem uma pronta e clara inteligência das coisas, que é de vivo engenho e de fácil penetração". – **Solerte** é, como define Aul., "prudente com astúcia". Caixeiro *solerte*. *Solerte* diplomata. – **Solícito** diz "cuidadoso e diligente, esmerado, vigilante, assíduo em dar conta de seu mister ou de algum encargo". – **Cuidadoso** se diz daquele "que desempenha com cuidado o seu cargo, ou trata bem da sua tarefa ou de um negócio que lhe compete." – **Desvelado** é mais que cuidadoso: é "aquele que não descansa antes de haver cumprido a sua tarefa", ou "enquanto", segundo Lac., "não consegue o que pretende". – **Zeloso** é o que, além de ser ativo, "mostra escrúpulo em cuidar da sua tarefa, em defender os interesses que lhe estão confiados". – **Pressuroso** = ativo, solícito, impaciente de cumprir o seu dever ou de executar algum serviço. – **Apressurado** = "que tem pressa em fazer... impaciente por acabar... quase precipitado". – **Afanoso** = "ativo, esforçado na sua lida". – **Afadigado** = "ansioso no trabalho, empenhado com grande esforço, cansado mais do que talvez exigiria a tarefa". – **Moirejante** = "esforçado, afanoso, afadigado como um moiro". – **Ansioso** é o que se não satisfaz com ser apenas solícito e desvelado, mas chega a inquietar-se, a afligir-se por ver cumprida a sua tarefa. Observa com razão Bruns. que "*ansioso* não se diz de uma qualidade da pessoa, mas de um estado anormal em que ela se encontra. Está *ansioso* aquele que procura chegar ao termo de uma coisa, ou quem se impacienta por ver que ela tarda a chegar".

378

ATIVO, **eficaz**, **enérgico**, **violento**, **forte**. – Quanto aos dois primeiros, diz Alv. Pas.: "A diligência, e a viveza com que se empregam os meios para obter um fim, ou com que obram as causas, constituem a *atividade*, e o caráter do que é **ativo**. A natureza poderosa dos meios, ou das causas, a sua força e virtude constituem a *eficácia*, e o caráter do que é **eficaz**. Um medicamento *ativo* produz prontamente o seu efeito, e obra com energia em toda a economia animal; e se a sua ação sobre ela é de natureza que afugenta a doença; se por sua virtude combate com segurança os efeitos do mal, esse medicamento *ativo* é um remédio *eficaz*. Um discurso *ativo* surpreende e não deixa tempo para a dúvida; mas um discurso *eficaz* previne-a e combate-a, convencendo e persuadindo". – **Enérgico** diz propriamente "que opera com grande atividade, que se exerce com muita força". – **Violento** é o que se exerce

com atividade anormal e brusca, que opera com energia demasiada, rápida, impetuosa. Dizemos que um remédio é *enérgico* se ele é mais do que *ativo*, se age prontamente; e que é *violento* se abate o organismo e pode até pôr em risco o doente. Um discurso *enérgico* é feito em termos fortes, claros, incisivos; um discurso *violento* ataca sempre alguém, alguma instituição, alguma coisa, e de modo áspero e sem atenção a conveniências que normalmente se guardariam. – **Forte** = "que atua com muita força, com força mais que normal". Remédio *forte*. *Fortes* razões, argumentos, provas.

379

ATOR, **cômico**, **comediante**, **artista**. – Sobre estes quatro vocábulos escreve Bruns.: "Quem representa no teatro uma personagem qualquer, faça-o por profissão, ou por mero passatempo, é **ator** enquanto está no palco; cessa de o ser logo que se retira para entre bastidores. **Cômico** ou **comediante** é aquele que tem a profissão de ser ator no teatro: *cômico*, se é considerado como pago para fazer rir o público; *comediante*, se o é como representante das personagens que entram na comédia. **Artista** é um termo muito extensivo, não porque a língua o autorize, mas porque o uso assim o tem estabelecido: Rafael foi *artista*, e *artista* se intitula o meu sapateiro..."

380

ATRIBUIR, **imputar**. – Sobre estes dois verbos escreveu Lacerda, repetindo Roquete: "Exprimem ambos a ação de referir a alguém uma coisa, dando-o como autor dela; diferençam-se, no entanto, em que – **atribuir** é dar alguém por autor de alguma coisa vagamente, por simples asserção; e – **imputar** é atribuir-lha aplicando-lhe logo o mérito ou o demérito da ação. *Atribui-se* uma obra ao que se crê ser autor dela; *imputa-se* um fato à pessoa que julgamos ser causa mais ou menos remota, direta ou indireta dele. *Atribui-se* a ruína dos impérios aos conquistadores; e deveria *imputar-se* isso aos maus governos, que facilitaram a conquista. **Atribuir** toma-se indiferentemente em boa ou má parte, **imputar** toma-se quase sempre em mau sentido".

381

ATRIBUTO, **predicado**, **propriedade**, **qualidade**. – **Atributo** "se diz daquilo que, estando na essência da pessoa ou da coisa, lhe pertence tão indiscutivelmente que a pessoa ou coisa deixaria de ser o que é se lhe faltasse tal **atributo**. A eternidade é um dos *atributos* de Deus. – **Predicado** é o que se exige na pessoa ou coisa para ser tida como válida ou verdadeira. A tolerância é um dos *predicados* do espírito livre. **Predicado** e **atributo**, que em lógica são sinônimos perfeitos, diferençam-se na linguagem vulgar: 1.º) em considerar-se o **atributo** como existente, próprio, essencial, e o **predicado** como exigido, contingente, acidental; 2.º) em o **atributo** constituir estado, modo de ser, e o **predicado**, ação. – **Propriedade** é aquilo que, pertencendo exclusivamente à pessoa ou coisa, a torna distinta e inconfundível, constituindo uma das suas virtudes. A *propriedade* do ímã é atrair o ferro. – **Qualidade** é o que faz com que uma coisa seja tal como se diz. Papel de boa *qualidade*. As excelentes *qualidades* de uma pessoa". (Bruns.)

382

ATUALMENTE, **presentemente**, **hoje**, **agora**; **presente**, **atual**. – Nota Laf. que parece muito estreita a sinonímia que existe entre os dois primeiros advérbios deste grupo. "A diferença" – diz ele – "deve ser a mesma que se nota entre **presente** e **atual**. O que é ou está **presente** acha-se aqui mesmo, diante de nós, em presença (*præ*). **Atual** significa

'que está em ato (*actu*) e não em potência (*potentiâ*)', segundo a linguagem da antiga metafísica; de sorte que o que é **atual** não está nem em potência, nem em ideia, nem em expectativa, nem por vir em geral". – **Presente** refere-se sem dúvida tanto ao futuro como ao passado; parece, no entanto, ser ainda mais próprio para o passado. Seja como for, **atual** caracteriza-se unicamente por sugerir uma ideia de realidade em oposição ao que poderá ou poderia ser. "Opõe-se o *presente* aos séculos passados" (Volt.). "Opõe-se o estado *presente* de uma pessoa a suas calamidades passadas" (Vauv.). Mas disse d'Alembert com perfeita justeza: "Os acadêmicos, tanto *atuais* como futuros". Emprega-se, portanto, **presentemente** de maneira absoluta; e querendo marcar uma certa relação com o passado; **atualmente** é relativo, e marca alguma coisa em oposição com o que é ideal, hipotético, possível ou futuro. "Nossa natureza está *presentemente* corrompida" (Mol.). "Nós nos preparamos *atualmente* para reinar um dia com os santos no céu" (Bourd.). "O rei que reina *presentemente*" – dir-se-á de maneira absoluta, ou em referência aos reis seus predecessores; "o rei que reina *atualmente*" – empregar-se-á de preferência quando se quiser sugerir alguma relação com os reis que hão de vir depois dele. Ilustra o autor essas definições com profusão de exemplos extraídos de clássicos. – **Hoje**, segundo o mesmo Laf., "emprega-se sobretudo para opor uma certa época da vida de um homem, de um povo, ou da humanidade, às épocas precedentes, sob diversos aspetos – costumes, espírito, modas, etc." É preciso notar que **hoje**, como os dois advérbios precedentes, marca relação com outro tempo; e não é difícil apanhar a natureza e extensão dessa relação em todos os do grupo. Quem diz *presentemente* não faz decerto referência em oposição a fato que tivesse sucedido ontem, ou há poucos dias, mas a fato passado há muito tempo. Quem diz **hoje** refere-se a fato em oposição a fato ocorrido ontem. Só mesmo dando-lhe muita latitude é que admitimos, no entanto, que **hoje** marque também ideia muito semelhante a **presentemente**. Dizemos: "Felizmente *hoje* não me deixo afrontar daquelas abusões..." – referindo-nos não a abusões que tivéssemos precisamente *ontem*, nem limitando o que afirmamos ao próprio dia atual – *hoje*, – mas à fase da vida em que nos achamos, em oposição a outra fase passada. Em suma: **hoje** é tanto o dia atual propriamente, como a época atual, o tempo em que se está vivendo. – **Agora** (do latim *hac hora*) é também advérbio que à noção precisa de "neste ou a este momento, nesta ou a esta hora" associa a noção mais vaga de "nos ou os dias que correm, no ou o tempo que não é o passado de que se falava". O francês, com o seu *maintenant* (main + tenant), dá com precisão admirável o nosso **agora**; e nem por isso fica livre da extensão que é admissível, exatamente como em português. "Il était riche autrefois; *maintenant* il est pauvre". "Ele foi rico em outros tempos; *agora* está pobre." É evidente que tanto numa como noutra língua esses advérbios estão postos – *maintenant* em lugar de *aujourd'hui*; e *agora* em vez de *hoje*.

383

ATUAR, **operar** (**obrar**), **agir**, **influir**. – Quando uma coisa (ou mesmo uma pessoa) exerce ativamente a sua força (física ou moral) sobre outra, dizemos que **atua**. Quando produz sobre alguma coisa o efeito que lhe é próprio, dizemos que **opera** (ou **obra**, que é a forma vernácula do mesmo verbo latino *operare*). E quando exerce influxo (ou influência) sobre alguma coisa, dizemos que *influi*. Não se confundem, portanto, estes três verbos. Um sucesso pode *influir* sobre coisas futuras (não *operar*, nem *atuar*, porque estes

enunciam ação que depende de atividade e quase de esforço consciente). "Aquele discurso *atuou* fortemente no espírito da Câmara, e é possível que se destine a *operar* uma verdadeira revolução no seio do ministério"; ou: "é possível que tenha de *operar* ainda alguma transformação política imprevista". – Também **agir**, conquanto pouco tolerado pelos vernaculistas escrupulosos, pode ser incluído neste grupo, com a mesma significação de **obrar**, se bem que mais genérica.

384

ATURAR, **sofrer**, **suportar**, **aguentar**, **tolerar**, **padecer**. – Segundo Roq.: – **Sofrer** "exprime a ideia geral e absoluta de levar o mal que nos acontece, ou que nos fazem. – **Padecer** exprime particularmente o sofrimento físico do indivíduo. – **Aturar** é sofrer com repugnância e de mau grado. – **Suportar** é sofrer com paciência e conformidade. – **Tolerar** é também sofrer por efeito de prudência ou de boa educação; porém é sofrer em silêncio. O que tem desgostos domésticos, enfermidades, ou que se vê na pobreza, ou injuriado, *sofre*. O que tem dores *padece*. O filho submisso *atura* a rabugice do velho pai. O homem caritativo *suporta* com bom semblante os defeitos e fraquezas do próximo. O rei prudente *tolera* alguns abusos contra sua autoridade para evitar maiores males". – **Aguentar** é vocábulo de uso comum (com a significação que tem neste grupo) e enuncia a ideia de sofrer com esforço, contrariando-se muito, ou contrafazendo-se. *Aguentam-se* grosserias de um biltre, por não dar escândalo. *Aguenta-se* a estupidez de um funcionário imbecil, ou de uma autoridade ignorante...

385

ATURDIR, **atordoar**, **perturbar**, **conturbar**. – **Aturdir** e **atordoar** têm de comum a ideia de perturbar os sentidos; e só se distinguem pela causa que produz a perturbação. – **Atordoar** aplica-se mais particularmente à ação de perturbar por efeito físico: um cheiro muito forte, uma bebida alcoólica, uma queda, uma pancada na cabeça – *atordoam*. **Aturdir** significa "perturbar o senso confundindo-o". Uma tormenta, um grande rumor ou vozeria – *aturdem-nos*. – **Perturbar** é interverter, ou mudar a ordem, alterar as condições, a situação ou estado normal de alguma coisa. – **Conturbar** exprime a mesma noção geral de pôr em desordem e confusão; mas sugere mais particularmente a ideia de perturbação do senso interior. A luz forte *perturba* a vista (não – *conturba*). A alma se lhe *conturba* ao saber daquela desgraça.

386

AUGUSTO, **majestoso**, **imponente**, **soberano**, **solene**, **pontifical**, **grandioso**, **glorioso**, **magnífico**, **pomposo**, **esplêndido**, **ostentoso**. – **Augusto** é o que é tão grande, solene, sumptuoso e magnífico ao ponto de sugerir a ideia de coisa sagrada e divina, e em cuja presença se sente um como religioso temor. A *augusta* fronte do pontífice; a figura *augusta* do patriarca. – **Majestoso** é o que esplende pela sua aparência grandiosa e sublime. O ar *majestoso* da rainha; a majestosa cerimônia da sagração do bispo. Porte, andar, semblante *majestoso*. – **Imponente** é o que, pela sua grandeza, poder, ou majestade, se impõe ao respeito ou à admiração de todos. Préstito *imponente*; gesto, postura *imponente*. – **Soberano** é o que está no mais alto grau de poder, e portanto acima de todos os do seu gênero, ou da sua classe. O *soberano* olhar da princesa; o gesto *soberano* de desdém. – **Solene** = "que tem caráter de formal e brilhante autenticidade". – **Pontifical** = "que tem aparência de pompa religiosa; que é augusto e venerando como as coisas sagradas". – **Grandioso** = "aquilo cuja pompa e mag-

nificência excedem à grandeza comum". – **Glorioso** = "que ascendeu à elevação do que se fez ilustre e excelente, digno de honras sobre-humanas. – **Magnífico** sugere ideia do que chegou ao máximo esplendor e grandeza. – **Pomposo** = "que tem mais que o aparato de solenidades usuais; que tem o brilho ostentoso da riqueza". – **Esplêndido** = "sereno e brilhante, excelente e augusto". – **Ostentoso** = "que, além de esplêndido e aparatoso, ainda mostra ostentação, isto é, orgulho e ufania".

387

AUMENTAR, **crescer**, **avolumar-se**, **avultar**, **engrandecer**, **ampliar-se**, **amplificar-se**, **dilatar-se**, **inchar**, **engrossar**, **intumescer**, **empolar**, **empolamar**, **exagerar**, **encorpar**. – Observa Bruns. que "o antônimo de **aumentar** é *diminuir*, e o de crescer é *minguar*; e que, portanto, **aumentar** é relativo à quantidade; **crescer** é relativo ao volume. – Há casos, no entanto, em que não se atende nem à quantidade, nem ao volume, mas sim ao incremento, ao desenvolvimento; então, consideraremos o modo como esse incremento ou desenvolvimento se opera para empregar um dos verbos **aumentar** ou **crescer**. Se o incremento ou desenvolvimento for devido à afluência do que vem do exterior, o verbo adequado será **aumentar**; se for devido a forças interiores, usaremos de **crescer**; e isso porque **aumentar** considera concurso alheio, e **crescer**, impulso próprio". *Cresce* a planta, o menino, o rio. *Aumenta* a fortuna, a biblioteca, etc. – **Avolumar-se** é muito próximo de **aumentar**; e entre os dois deve notar-se a diferença que consiste unicamente em aplicar-se o primeiro só a coisas concretas. Não se diz: *avoluma-se* a minha dor, ou a minha febre, ou a minha felicidade (e sim *aumenta-se*). – **Avultar** pode dizer-se que é muito mais extenso e compreensivo que **avolumar-se**, e pode ser empregado tanto no sentido abstrato como no concreto. *Avulta* o prestígio do general; *avulta* aquela grande figura no meio da turba; os meus males *avultam* com os meus receios. – **Engrandecer** = "fazer-se grande, ou maior do que era". – **Ampliar-se** = "tornar-se de proporções maiores, fazer-se mais largo ou extenso". – **Amplificar-se** ajunta à significação de ampliar-se a ideia do esforço com que se faz maior o que já era grande. – **Dilatar-se** = "ampliar-se, fazer-se mais extenso, ou mais largo". – **Inchar** = crescer com esforço, ou por efeito de gás que se dilata, ou de matéria que se acumula". – **Engrossar** = "fazer-se mais grosso". – **Intumescer** = "inchar demais, fazer-se túmido, crescer como um tumor". – **Empolar** = "crescer, avolumar-se como empola". – **Empolamar** (outra forma de empolar) = "fazer empolado demais". – **Exagerar** = "dar proporções fora do normal". – **Encorpar** = "tomar maior corpo; fazer mais compacto, mais sólido e de maior vulto".

388

AURA, **brisa**, **zéfiro**, **aragem**, **viração**, **favônio**. – **Aura** é "brisa fagueira, brando vento aprazível, propício como o **favônio**". – **Brisa** é também muito próximo dos precedentes: é "vento suave e fresco". – **Zéfiro** é "brisa matutina, a que sopra alegrando os prados". – **Viração** "é vento fresco, propício, que vem a certa hora, ou que não é contínuo por muito tempo". – **Aragem** é um brando movimento do ar, que se sente apenas pela agitação das folhas, ou por uma impressão muito vaga, quase imperceptível, que nos cause mais pela quentura ou pela frieza do que pela força.

389

AUSPÍCIOS, **proteção**, **patrocínio**, **salvaguarda**. – No entender de Bruns., "cada um dos vocábulos deste grupo sugere a ideia

de uma influência eficaz para o logro do que outrem deseja". – **Auspícios** (do latim *auspex*, de *avis* e *spicere* "ver, contemplar") é o termo que designa menor influência benéfica; pois, assim como os romanos costumavam consultar os *auspícios* – isto é, os presságios tirados do voo ou do canto das aves – antes de se aventurarem em alguma empresa, na qual, quando eram favoráveis os *auspícios*, se arriscavam confiados apenas na proteção que os deuses lhes haviam de confiar; assim também, por analogia, este vocábulo designa a influência favorável, mas vaga e um tanto ou quanto incerta, que se manifesta pela benevolência, por um apoio indeterminado, ou por alguns conselhos ou recomendações, sem contudo ir até auxílio imediato ou intervenção ativa. Assim se diz que "uma empresa principiou sob bons *auspícios*", quando desde princípio tem o favor do público; esse favor, porém, pode ser-lhe retirado por várias circunstâncias: e eis aí a versatilidade e inconstância dos **auspícios**. Em **proteção** (do latim *pro* "adiante", e *tegere* "cobrir") predomina a ideia dos meios que se adotam para pôr o protegido ao abrigo de algum mal. Os fracos procuram a *proteção* dos poderosos. Há, porém, neste vocábulo uma grande vaguidade de significação, pois a *proteção* defende, cobre; mas nem sempre ajuda, ou auxilia ou socorre, nem ampara; o que a *proteção* pode fazer é impedir que se chegue à situação de necessitar de ajuda, auxílio, socorro ou amparo. – **Patrocínio** denota proteção eficaz, ativa, que pugna em favor daquele que é protegido ou melhor patrocinado; entendendo-se que o **patrocínio** provém sempre do forte para o fraco, do superior para o inferior: ideia que não é inerente à **proteção**. – **Salvaguarda** não é vocábulo muito usado; não obstante, é o mais expressivo de todos os deste grupo, e o que designa maior eficácia: literalmente "guarda que salva", que põe ao abrigo de grandes perigos. Este termo sugere sempre a ideia de autoridade revestida do poder de defender, de salvar. "As leis são a *salvaguarda* dos cidadãos".

390

AUSPICIOSO, **esperançoso**, **prometedor**. – Se **auspícios** tem a significação um tanto vaga, como se vê no grupo precedente, o mesmo não se dá quanto a **auspicioso**. *Auspícios* podem ser bons ou maus; **auspicioso** significa sempre – "que começa sob a influência de bons augúrios; que se pode prever terá esplêndido sucesso". – **Esperançoso** é "o que inspira esperanças de grande sucesso; o que, por si mesmo, pelas suas qualidades e dotes próprios, deixa prever que alcançará o êxito que aspira". – **Prometedor** é o que, à vista do que apresenta, autoriza a esperar-se que venha a dar o que *promete.* Pode ser *auspiciosa* uma estreia, um natalício, um casamento, etc. Pode ser *esperançoso* um estudante, um poeta, etc. É *prometedor* o menino que fez alguma coisa extraordinária para a sua idade.

391

AUSTERO, **severo**, **rigoroso**, **rígido**, **ríspido**, **duro**, **inflexível**, **inexorável**, **inabalável**, **inalterável**. – Segundo Roq. – "a **austeridade** consiste em sujeitarmo-nos a regras rígidas da maneira de viver, observando-as estrictamente e sem delas nos separarmos. Ainda que geralmente se tome a **austeridade** em sentido de aspereza e rigorosa virtude, como também de mortificação e penitência, sem embargo, como depende muitas vezes do temperamento e do gênero de vida que muitos são obrigados a levar, acontece que homens que não fazem profissão de virtude, e que até são malvados, têm costumes mui *rígidos* e *austeros*. A **austeridade**, portanto, refere-se antes à nossa conduta conosco mesmo que com os demais; sem embargo

disto, um gênio *austero* e *rígido* também costuma sê-lo com todos, e mais ainda com os que dele dependem. Diz La Bruyère que um filósofo *austero*, e de gênio áspero, espanta a todos, e faz como aborrecível a virtude. – A **severidade** exerce-se de ordinário antes com os demais que conosco; bem que os homens *severos* costumem ser pontuais e exatos no cumprimento de suas obrigações. O **severo** não manifesta condescendência alguma. Se aplicarmos esta palavra aos princípios ou causas, indicará ela certo caráter virtuoso; e se a aplicarmos às ações, indicará extremada *rigidez*, pouco conforme às vezes com a equidade. Muitos homens, sem serem *severos* com os outros, são *austeros* consigo mesmos; em outros sucede o contrário. Não podemos deixar de ter certa admiração pelo homem *austero*, nem de temer o *severo*. A **austeridade** chega a converter-se em hábito; e a **severidade** o é pelo caráter e os princípios. – O homem **rigoroso** tudo exagera, e nada lhe contenta o excessivo rigor. O homem *severo* não se aparta nunca de seus princípios; ao mesmo tempo que o *rigoroso* os leva a um extremo que é mais prejudicial do que útil. A *austeridade* consigo mesmo não é incômoda a ninguém; a *severidade* com os outros pode ser obra de virtude ou de vício, e por essa razão sempre é temida; contra o *rigor*, porém, todos se viram pelos excessos a que de ordinário arrasta". – **Ríspido** aplica-se ao que se excede nas manifestações da severidade, e vem a parecer mais áspero e grosseiro que severo. A rispidez quase que depende mais do temperamento e da educação que propriamente das qualidades fundamentais da criatura; e por isso não são raros os casos em que a rispidez não exclui a magnanimidade e outras virtudes de coração. – **Duro** dizemos, em sentido moral, do que é mais que *rígido*: dureza de alma é quase crueldade; podendo, no entanto, admitir-se algum coração *duro* que não seja propriamente cruel. – **Inflexível** exprime, segundo a própria formação do vocábulo, "que não se dobra, que não muda da resolução tomada". – **Inexorável** é "o que não cede nem a súplicas e lágrimas". – **Inabalável** é "o que não muda de opinião, de propósito, mostrando-se firme e seguro no seu modo de ver ou de obrar". – **Inalterável** é "o que se não move exteriormente, que parece o mesmo sempre". – **Inabalável** é mais forte que **inalterável**, pois encerra muito claro a ideia de que a coisa ou pessoa *inabalável* não cede a esforço.

392

AUTÊNTICO, **formal**, **solene**. – **Autêntico** designa "o caráter de legitimidade que toma o ato ou a coisa que se fez com todos os requisitos que lhe são próprios, e como tal capaz de produzir todos os efeitos jurídicos". – **Formal** é "o que se fez na devida forma, e que por isso é claro, positivo, genuíno". Não inclui necessariamente a ideia de autenticidade: um ato, ou um documento *formal* pode não ser *autêntico*, pois só se torna *autêntico* o ato *formal* depois de legalizado juridicamente. – **Solene** é "o que, além de *formal* e *autêntico*, se fez com grande aparato e plena publicidade". Dizemos: carta, contrato, relação *autêntica*; declaração *formal*; juramento *solene*.

393

AUTONOMIA, **independência**, **soberania**. – Tomamos aqui estas palavras na acepção política. Dizemos que um Estado, ou uma província, ou mesmo um distrito ou um município goza de **autonomia** quando ele se governa, ou melhor, se administra pelas suas leis próprias, subentendendo-se que essas leis ficam sempre dentro de alguma lei geral, ou limitadas por alguma autoridade superior. – **Independência** pode-se dizer que se confunde com **soberania**, pois não se concebe um Estado *independente* sem que seja por isso mes-

mo *soberano.* – A **soberania** política consiste na qualidade de poder um Estado existir por si mesmo, sem reconhecer acima de si nenhuma outra autoridade. Os Estados do Brasil são *autônomos;* a *soberania,* aqui, é exercida pela União, que é a entidade representativa de todo o país, do conjunto dos Estados.

394

AUTOR, **escritor**, **publicista**. – "Estes três vocábulos aplicam-se aos homens de letras que publicam obras de sua composição. Chama-se **autor** o que dá à luz qualquer escrito, porque esta palavra se refere somente a este gênero de produção. Também se chama **escritor** qualquer autor literário; porém, só se diz *escritor* fazendo-se referência ao estilo; de modo que o mesmo homem pode ser bom *autor*, porque pensa e discorre bem; e mau *escritor* porque escreve incorretamente o que pensou com profundidade. A significação da palavra **publicista** é restrita; porque se refere exclusivamente ao que escreve sobre direito público". – Damos, aliás, hoje o nome de **publicista** a todo aquele que, com autoridade, escreve para o público.

395

AUTORIDADE, **poder**, **potestade**, **força**. – Segundo Lacerda, "**autoridade** é a superioridade legal, quer a lei seja divina, quer natural, humana, ou de opinião". – **Poder** é a autoridade que se acompanha da força necessária para fazer-se obedecer. **Potestade** supõe o poder que a sustenta. Os nossos clássicos davam a esta palavra a significação geral de poder. "Pobre está já (Roma) tão decaída da antiga *potestade*". – **Força**, aqui, é "a resultante dos elementos materiais em que funda o poderoso o seu poder".

396

AVALIAR, **apreçar** (**apreçar** e **apreciar**). – **Avaliar** é "calcular o valor de uma coisa"; e tanto se aplica no sentido moral ou abstrato, como no sentido físico. *Avalia-se* uma propriedade, um serviço; como se *avalia* um esforço mental, um sofrimento. – **Apreçar** é "dar o preço, calcular o valor venal de alguma coisa, de algum trabalho ou produção". – Entre **apreçar** e **apreciar** há, portanto, a diferença que consiste em não ser inerente ao segundo a ideia de cálculo. Deve dizer-se mesmo que a distinção entre os dois verbos se regula pela que existe entre os respetivos radicais: **apreçar** é estipular *preço;* **apreciar** é ver com *apreço,* olhar, examinar com interesse e cuidado.

397

AVARENTO (**avaro**), **ávido**, **sovina**, **fona**, **mesquinho**, **cainho**, **tacanho**, **agarrado**, **somítico**, **interesseiro**, **cobiçoso**. – **Avarento** é "o homem que tem a paixão da riqueza, e vive ansioso por entesourar tudo o que adquire, gastando o menos que é possível, ainda que se prive a si mesmo dos bens mais comuns da vida". A avareza é um vício que mata a alma, e converte a criatura humana em simples animal. Entre **avarento** e **avaro**, que os léxicos dão como sendo a mesma coisa, é preciso notar uma diferença essencial. Dizemos: a sorte *avara* (e não – *avarenta*); o *avarento* é um enfermo de consciência (não – o *avaro*). Isto quer dizer (por mais que digam, ainda quanto a isto, o contrário os lexicógrafos) que **avarento** pode ser empregado como substantivo (significando – "homem *avaro*"), e muito excepcionalmente como adjetivo; e que o inverso se dá em relação a **avaro**; isto é, só é empregado como adjetivo, e que nos conste, não há caso algum na língua em que ele se nos apresente como substantivo, salvo figuradamente, já se vê, pois isso é comum a toda aquela categoria gramatical. – **Ávido** é também adjetivo, e em relação a **avarento** está no mesmo caso de **avaro**. Mas **ávido** distingue-se de um e outro, não só pela ex-

tensividade, como pela significação própria. **Ávido** é "o que deseja ardentemente alguma coisa pela qual anseia, e que procura alcançar com solicitude e esforço"; e só particularmente é que significa – "ansioso de riquezas". – **Sovina** é "a pessoa mesquinha, que prefere sofrer vexames a gastar o seu vintém". – **Fona** é "a criatura miúda" que faz questão das coisas mais insignificantes; que vive a apanhar os restos, as coisas inúteis". – **Mesquinho**, aqui, é "o que exagera a sua pobreza, fazendo-se em tudo mais indigente do que é, poupando em excesso". – **Cainho** (fig.) é "o que esconde, guarda o seu dinheiro, ou melhor, o seu bocado como o cão o seu osso". – **Agarrado** aproxima-se de **cainho**: é "o que prende quanto tem, como o animal *agarra* a sua presa". – **Tacanho** aproxima-se de **mesquinho**: é "o estreito, apertado no despender, medindo tudo com muita escassez, e até procurando lograr os outros se for possível sem parecer propriamente gatuno". – **Somítico** deve comparar-se muito de perto com **tacanho** e **mesquinho**; acrescenta, no entanto, a estes uma certa ideia de torpeza: o *somítico* é mesquinho com os outros para só gastar com aquilo que lhe dá prazer. – **Interesseiro** é, como está dizendo claramente a palavra, "o que cede muito aos seus lucros; o que, em regra, nada faz que lhe não redunde em proveitos pessoais". – **Cobiçoso** não diz propriamente o mesmo que **avarento**. Este quer "para guardar"; o **cobiçoso** deseja muito adquirir, e quase sempre o que vê em poder de outros; mas **cobiçoso** não inclui necessariamente a ideia de avareza, nem mesmo a de mesquinhez. Como diz Roq. – "pode o *cobiçoso* ser liberal, magnífico, e até pródigo"; o que não se dá em relação a **avarento**.

398

AVARIA, **estrago**, **perda**, **prejuízo**, **lesão**, **dano**. – **Avaria**, além da acepção especial em que mais particularmente se emprega para designar estrago de mercadorias a bordo de navios, dizemos dos danos causados principalmente pelas grandes chuvas e inundações, danos puramente materiais, e considerados como reparáveis por meio de gastos pecuniários. – **Estrago** é o dano que prejudica parte do que se possui; que diminui a quantidade, que danifica a qualidade. As **avarias** são suscetíveis de reparação, como dissemos; os **estragos** podem sê-lo, ou não. – **Perda** é o dano total, ou pelo menos considerável do que se possui. Um temporal causa *avarias* nos muros da quinta, *estragos* nas árvores, e *perda* de colheitas. – **Prejuízo** é "desfalque resultante de perda, estrago ou avaria". – **Dano** é "o mal que provém de nos haverem diminuído o valor de alguma coisa que nos pertence." – **Lesão** é termo bem mais extensivo do que **dano**: designa "toda sorte de prejuízos que de qualquer modo se cause a pessoas ou coisas".

399

AVE, **pássaro**, **volátil**. – **Ave** é "o nome genérico que se aplica a todo animal ovíparo provido de asas". – **Pássaro** é "a *ave* pequena, de voo curto". O condor, o avestruz, a galinha, o pato são *aves*; o sabiá, a andorinha, o tucano são *pássaros*. – **Volátil** aplica-se a todas as aves, a todo animal que voa mesmo sem ser ave. O pardal, a águia, o morcego são *voláteis*; e, no entanto, o pardal é *pássaro*; a águia é *ave*; o morcego não é *pássaro* nem *ave* (porque não é ovíparo).

400

AVERIGUAR, **verificar**, **reconhecer**, **constatar**. – Segundo Lacerda: **averiguar** é procurar, diligenciar, achar a verdade. Também significa, entre os nossos clássicos, provar que uma coisa é certa, verdadeira. – **Verificar** é "empregar os meios convenientes para cada um a si mesmo convencer-se de que alguma coisa sucedeu como se conta,

e que é exata etc." – Em suma: **averiguar** é "reconhecer a verdade"; **verificar** é "ver clara, deixar clara a verdade". – **Reconhecer** é "chegar ao resultado de ver que uma coisa é realmente como se dizia; e dar disso testemunho". – **Constatar** (que muitos se dão o luxo de condenar como galicismo escusado) é "estabelecer, depois de exame, a verdade sobre alguma coisa."

401

AVESSO, **reverso**, **anverso**; **verso**, **inverso**. – "O **avesso**" – diz Bruns. – "é o lado pelo qual uma coisa não deve ser vista. O **reverso** é a parte oposta ao lado principal. **Anverso** é o lado principal, a face, ou a parte oposta ao **reverso**. O pano tem *avesso*; as medalhas têm *anverso* e *reverso*". – **Verso** é "a parte de uma superfície, ou mais particularmente de uma folha de papel, ou de livro, oposta à da frente, regulada esta pelo lado em que a folha se liga a outras". Referindo-nos a um caderno ou a um livro sem numeração por páginas e sim só por folhas; dizemos: "à folha ou à página tal *verso*" (isto é – "à página oposta à página numerada"). – **Inverso** significa "de modo contrário ao que é natural; voltado da direita para a esquerda, de diante para trás, de cima para baixo; ou posto em ordem, direção, ou sentido que não é o próprio".

402

AVISTAR, **enxergar**, **lobrigar**, **ver**, **distinguir**, **discernir**, **descobrir**, **devisar**, **bispar**. – **Avistar** é "alcançar com a vista alguma coisa". "Logo que saímos da floresta, *avistamos* muito ao fundo do campo a casa da fazenda". – **Enxergar** é "avistar mal, através de algum obstáculo". "*Enxergamos* muito confusamente a caravana, perdendo-se entre as lombas da campanha." – **Lobrigar** é "ver indistintamente, mal devisar alguma coisa estando-se no escuro". – **Ver** designa a ação de "receber pela vista uma impressão direta do mundo exterior". – **Distinguir**, aqui, é "enxergar ou mesmo lobrigar com esforços". – **Discernir** é "ver claramente, separando ou discriminando a coisa vista de outras coisas, ou na própria coisa vista, os vários aspetos". – **Descobrir** é aqui "ver ao longe, ou avistar mal e mal; como se se houvesse eliminado algum obstáculo entre a nossa visão e a coisa descoberta". – **Devisar** é "perceber pela vista, descobrir, distinguir". – **Bispar** é vocábulo popular, muito usado com a significação de "enxergar ou avistar com dificuldade e rapidamente".

403

AVIVAR, **aviventar**. – Entre estes dois vocábulos há a diferença marcada pela partícula verbal incoativa *entar* que figura no segundo. – **Avivar** é "dar mais vida, mais atividade, mais rapidez, mais intensidade etc." – **Aviventar** é "dar um pouco de vida, etc. sem a ideia de que a vida seja completa". Aquela desgraça vem *avivar-me* a dor antiga (e não – *aviventar-me*, porque o que se quis exprimir é que a nova desgraça tornou a antiga dor tão viva como tinha sido). As frases: "*avivente* um bocadinho o fogo da lareira"; "*aviventemos* alguma coisa a nossa marcha, e iremos ter ainda hoje à fazenda"; "dê-nos qualquer ideia que nos *avivente* ao menos a memória" – não admitiriam, sem quebra de rigorosa lidimidade lógica, o verbo **avivar**, que significa "tornar vivo", ou "mais vivo" em absoluto.

404

AZADO, **oportuno**, **próprio**, **conveniente**, **adequado**, **propício**. – **Azado** e **oportuno** poderiam, à primeira vista, ser empregados indistintamente. Há, no entanto, entre eles a seguinte diferença: **azado** dizemos do que, sem que o esperemos, se nos apresenta como favorável; e **oportuno** dizemos do que vem a

encontro dos nossos desejos, ou do cálculo que fizemos. "Chegou o momento *oportuno* de jogar a partida"... (e não – o "momento *azado*"). "O momento parece *azado* para uma tentativa" (e não – *oportuno*) – desde que veio inesperadamente. – **Próprio**, aqui, significa – "que se adota, ou que convém ao fim que se colima". – **Conveniente** diz também – "que é favorável, vantajoso ao fim que se deseja". – **Adequado** exprime – "que se ajusta ao que pretendemos, como se viesse a propósito, ou fosse feito para tal fim". – **Propício** é "o que se apresenta oportuno, favorável, e prometendo sucesso".

405

AZIAGO, **funesto**, **nefasto**, **infausto**, **agoirento**. – **Aziago** se diz, ainda hoje, daquilo "que anuncia desgraças", como acreditava o espírito supersticioso dos antigos. – **Funesto**, além da de **aziago**, sugere "a ideia de sinistro, fatal". – **Nefasto** significa "cheio de desgraças e calamidades". – **Infausto** diz menos que **aziago**, pois exprime apenas – "não propício, não feliz". – **Agoirento** é "o que, além de **aziago**, é lúgubre e sinistro".

406

BAILE, **bailado**, **dança**, **folia**, **folgança**, **fandango**, **samba**, **jongo**. – Sobre **baile**, **dança** e **folia** escreve Roq.: "Não defendemos a etimologia do verbo *bailar*, de *ballizô*, 'saltar'; mas é certo que ao que nós chamamos **bailar** chamavam os latinos *saltare*, 'saltar, dar saltos'. E, na verdade, quem *baila* dá saltos, e faz movimentos de corpo mais ou menos compassados, com mais ou menos ligeireza. A língua francesa, mais pobre que a nossa, tem só um termo para significar estes movimentos – é o substantivo *danse*, e seu verbo *danser*; a nossa, porém, tem três que determinam as ideias acessórias destes saltos e movimentos. – **Baile** é nome genérico e vulgar, e só exprime a ação física de *bailar*. – **Dança** é palavra mais nobre, e designa particularmente o movimento regular do corpo e seus membros ao compasso e tom de música. – **Folia**, como a palavra de origem francesa (*folie* 'loucura') o está dizendo, é uma *dança* rápida ao som de pandeiro ou adufe, entre várias pessoas, cantando; e que se assemelha à dança das bacantes. *Bailam* os moços e moças do povo em suas festas e reuniões; *bailam* os próprios selvagens à sombra de frondosas árvores, e ao som de rústicos instrumentos; *dançam* os cavalheiros e senhoras nobres em suas salas; faziam-se antigamente *folias* por ocasiões de alegria pública. O *bailar* é uma espécie de instinto nas criaturas racionais; e assim como os animais retouçam de contentes e alegres, *bailam* os homens por alegria e diversão. A **dança** é uma arte semelhante à que entre os gregos se chamava *orchestike*, que não só dá regras para mover o corpo e os membros a compasso, senão para a maneira de pisar, ter o corpo em elegante postura, e fazer as cortesias e mesuras que a boa educação prescreve; e, por isso, a **dança** é própria de gente nobre e cavalheira. A **folia** indicava noutro tempo (que hoje é palavra antiquada) certo modo particular de *bailar*, talvez semelhante ao que chamam hoje *contradança*, muito alegre e festivo, em que os próprios reis não duvidavam tomar parte, pois El-Rei D. Pedro I sabemos que tinha gosto particular de bailar a *folia*, em que era muito eminente, executando concertadamente todos os movimentos, ora mais rápidos, ora mais graves, ao som de flautas. No dia em que armou cavaleiro a D. João Afonso Teles, *dançou* em público com seus cortesãos, e dizia a todos: 'Eu assento que nada fica mal à Majestade, quando se trata de honrar a virtude' (*Anecd. Port.*, II)". Diz Bruns. que "**baile**, no sentido em que esta palavra se pode confundir com **dança**, designa o conjunto ou série de movimentos com que se executa uma *dança*; isto

é, uma polca, uma mazurca, uma valsa são *danças*, e os movimentos com que essas *danças* se executam constituem o **baile**. Assim, há mestres de *dança,* mas não há mestres de *baile* (senão noutro sentido); nos teatros há corpo de *baile,* mas não há corpo de *dança*. De uma pessoa se diz que *baila* bem quando se atende à maneira como faz cada um dos movimentos que entram na *dança*, e dizemos que *dança* bem quando se atende ao modo como executa as diferentes *danças* em que toma parte. Nos teatros há bailarinas que executam os *bailados,* ou danças mímicas, e dançarinas que executam jotas, fandangos etc.; quer dizer: na bailarina considera-se o *baile,* o *bailado,* os movimentos do corpo; na dançarina considera-se a *dança*. – **Bailado**, como acabamos de dizer, é a *dança* mímica espetaculosa". – Noutro sentido, **baile** é propriamente a festa, mais ou menos ruidosa, ou solene, e que consiste em *danças*; **bailados** são as próprias *danças.* – **Folgança** ou **folguedo** é termo popular que designa toda espécie de diversão com que se descansa do trabalho; mas indica particularmente baile popular. No sul do Brasil, é o mesmo que *fandango*. – **Fandango** é "festa de danças ruidosas, feitas mais de barulho que de bailados; da Espanha passou para toda a América colonial. Hoje está quase inteiramente extinto no Brasil". – **Samba** é também bailado popular; mas aplica-se comumente esta palavra a toda festa livre e reles. – **Jongo** é "dança ou bailado em público e ao ar livre", usado pelos africanos, antes da abolição. As danças ou bailados executavam-se ao som de grandes tambores, tangidos à mão.

407

BALA, **projetil**. – **Projetil** é "qualquer corpo, de qualquer forma, que pode ser arremessado com força". – **Bala** é "o projetil de forma cônica ou esférica que pode ser lançado por armas de fogo, espingardas ou canhões".

408

BALANCEAR (**balançar, embalançar**), **hesitar**, **vacilar**, **duvidar**. – **Balancear** "é pôr ou ficar como suspenso, indeciso, oscilante". – **Balançar** é outra forma de **balancear**. O mesmo se deve dizer de **embalançar**. Mas tanto este como **balançar** sugerem melhor a ideia de ficar em dúvida entre duas ou mais coisas, comparando-as, como medindo os motivos de escolha e decisão. Note-se que estes três verbos entram aqui no seu sentido figurado. – **Hesitar** enuncia o estado de espírito "em que, apesar do nosso desejo e até do nosso esforço, não sentimos razões suficientemente fortes que nos levem a tomar uma resolução". – Distingue-se este dos dois últimos verbos do grupo em dar, muito clara, a ideia de que a pessoa que *hesita* tem desejo de não *hesitar.* Quem *vacila* quer agora uma coisa, depois outra, logo mais uma outra. *Vacilamos* entre coisas que nos repugnam e que nos impõem (não – *hesitamos*). *Hesitamos* em preferir um de dois ou três bons empregos que se nos oferecem (não – *vacilamos*). – **Duvidar** é "hesitar por não ter certeza, ou um conhecimento exato do que se deve fazer". "F. *duvida* tomar, ou em tomar a tarefa que se lhe propõe".

409

BALBUCIAR, **gaguejar**, **tartamudear**. – **Balbuciar** é "não pronunciar claramente certas articulações. É defeito comum à infância e à extrema velhice. – **Gaguejar** (ser *gago*, ou ter *gagueira*) é falar com dificuldade, cortando as palavras e repetindo várias vezes a mesma sílaba antes de pronunciar a seguinte. É a *gagueira* um defeito dos órgãos vocais. – **Tartamudear** é precipitar as palavras de modo confuso, misturá-las, confundi-las num ruído surdo que não as deixa claramente entendidas. Pode ser isto um efeito acidental da comoção ou da emoção, ou um defeito natural que provém dos órgãos da voz. Colhidos de improviso, *balbuciamos*, como as

crianças. Por imperfeição natural, *gaguejamos*. As pessoas nervosas *tartamudeiam* quando vivamente emocionadas". (Bruns.)

410

BANAL, **trivial**, **vulgar**, **comum**, **ordinário**, **corriqueiro**, **familiar**. – Segundo Bruns. – **banal** se diz do termo ou expressão que é usado por todas as classes sociais, mas particularmente mais pelas baixas que pelas altas. – **Trivial** (do latim *trivialis*, de *trivium* "encruzilhada") dizemos do termo ou expressão própria dos que andam pelas encruzilhadas ou pelas esquinas, ou que nelas estão parados à espera que alguém os ocupe. O que é *trivial* é baixo, grosseiro, e impróprio de pessoas decentes. – **Vulgar** se diz do que é próprio do *vulgo*. Como, porém, o *vulgo* não se compõe só do que é ínfimo, resulta daí que **vulgar** se diz dos termos e expressões que, sem ficarem mal na boca de ninguém, não ficam contudo bem em todas as ocasiões. O que é *vulgar* carece de uma certa nobreza que não é comum entre o vulgo. – **Comum** significa propriamente "de todos", ou quando menos "de muitos"; e também "que não é raro", "que é frequente"; e como o que não é raro tem pouco valor, daí resulta que **comum** se diz do termo ou expressão que não é elevada, ou não merece apreço. – **Ordinário** se diz do que não se destaca do comum, ou não sobressai acima da ordem habitual das coisas; e, conseguintemente, na ordem de ideias em que consideramos a sinonímia destes vocábulos, dir-se-á **ordinário** do termo, expressão ou linguagem que não se salienta de nenhum modo. Este vocábulo pode considerar-se só neste sentido; é muito usual, porém, aplicá-lo àqueles termos que têm algo de indecente ou de baixo. – **Corriqueiro** se diz do que *corre* na boca de todos, isto é, que é comum, vulgar, sem certa nobreza. – **Familiar** se diz "da linguagem ou dos termos usados em família".

411

BANCARROTA, **falência**, **quebra**. – Sobre estes três termos de jurisprudência escreve Teixeira de Freitas: – "**Bancarrota** denota geralmente entre nós o estado de *falência* ou *quebra* de qualquer comerciante, ainda que não seja fraudulenta. Isto ainda mais se confirma pela redação do art. 263 do Cod. Pen., dizendo – 'a bancarrota que foi qualificada de fraudulenta...': logo, a **bancarrota** pode não ser fraudulenta. E demais, o art. 798 do Cod. do Com. aplica os epítetos *casual*, *culposa*, *fraudulenta*, à **falência**, e não à bancarrota. – **Falência**, ou **quebra**, é o estado dos comercintes *falidos* ou *quebrados* – isto é, que cessam seus pagamentos... – **Quebra** entende-se de comerciante, e significa o mesmo que **falência** ou *falimento...*". – Bourg. e Berg. resumem assim: "A **quebra** é o estado de um devedor, comerciante ou não, cujo passivo é superior ao ativo. A **falência** é o estado de um comerciante que cessou seus pagamentos. Daí se vê que há entre **falência** e **quebra** diferenças essenciais: 1.º) a **falência** é um estado exclusivamente próprio aos negociantes; 2.º) um comerciante pode estar em estado de **quebra** (isto é, ter mais dívidas que bens) e, entretanto, se goza de um crédito suficiente, pode continuar seus pagamentos e escapar assim, portanto, à declaração de **falência**; 3.º) ao contrário, pode dar-se que um comerciante cujo ativo exceda de muito ao passivo, seja declarado em **falência** se, por falta de recursos presentes, não puder solver compromissos, e for obrigado a cessar pagamentos. **A falência** não é, de si mesma, punível quando não é acompanhada de fraude, nem de falta grave. Acompanhada de fraude ou de falta grave, a **falência** passa a ser uma **bancarrota**. A **bancarrota** *simples* é a **falência** que é acompanhada de falta grave, sem que haja todavia fraude da parte do falido: é um delito da competência dos tribunais correcionais. A **bancarrota** *fraudulenta* é

a **falência** acompanhada de fraude: é crime, e como tal da competência dos tribunais ou câmaras criminais".

412

BANDA, **charanga**, **fanfarra**, **filarmônica**, **orquestra**, **música**. – **Música** é, aqui, "o termo genérico aplicável a todo grupo de músicos que executam alguma composição musical". – **Banda** é uma corporação de músicos pertencente a algum batalhão, ou mesmo a algum estabelecimento público: a *banda* da polícia; a *banda* do regimento, ou do batalhão naval. – **Charanga** é a banda formada só com instrumentos metálicos. **Fanfarra** é o mesmo que charanga. – **Filarmônica** é a banda de música particular, ou feita e mantida por alguma associação. – **Orquestra** é o conjunto de professores que executam altas peças de música em concerto, ou em teatros. Não se poderia dizer – *orquestra* militar, ou *orquestra* do batalhão, nem mesmo – *orquestra* popular; como não seria a ninguém permitido arriscar esta monstruosidade: a *banda* do teatro lírico.

413

BANDEIRA, **estandarte**, **pavilhão**, **insígnia**, **vexilo**. – **Bandeira** é qualquer pedaço de pano preso a uma haste e arvorado de modo a que se o aviste de longe, como sinal ou como distintivo. – **Estandarte** é a bandeira de forma e cor fixas, simbolizando uma nação. – **Pavilhão** pode-se dizer que é o nome que toma o **estandarte** nas tendas de campanha, ou a bordo de navios. – **Insígnia** é qualquer emblema que distinga, ou que seja próprio para representar alguma instituição. – **Vexilo** é termo antiquado correspondente a **estandarte**: era a bandeira militar, desfraldada à frente dos exércitos.

414

BANDIDO, **salteador**, **malfeitor**, **bandoleiro**, **celerado**, **facínora**. – Segundo Bruns. – "**malfeitor** é, do grupo, a palavra menos enérgica; o **malfeitor** pode viver do roubo sem nunca assassinar, assim como pode ser ladrão e assassino. No Alentejo dizem que os ciganos e os malteses são *malfeitores*. – **Salteador** é o ladrão que ataca os viajantes nos caminhos, ou que assalta de noite as habitações isoladas. O **salteador** vive do roubo, e não é raro que seja também assassino. Quando o **salteador** opera com outros, e entre todos obedecem a um chefe, é **bandoleiro**. – **Bandido** é o malfeitor perseguido pela justiça. Os vocábulos **bandido** e **malfeitor** são frequentemente empregados como qualificativos das pessoas de má índole". – **Celerado** "é o bandido monstruoso que praticou, ou que é capaz de praticar, grandes crimes" (*scelus*, "crime", que deu *scelero*, de que *sceleratus* é particípio). – **Facínora** (e *facinoroso*) é também o sujeito perverso, "cheio de crimes". Pode-se distinguir estes dois últimos vocábulos pela particularidade que apresenta **celerado** de sugerir a ideia de bandido ou malfeitor impulsivo, doido, vesânico.

415

BANIR, **exilar**, **desterrar**, **deportar**, **expatriar**, **proscrever**, **degredar**. – Todos estes verbos têm de comum a ideia de expulsar da terra, ou de privar da pátria ou do país onde se vive ou mesmo se está de passagem ou de pouco. – **Banir** é o mais forte de todos, sendo a pena de banimento muito mais grave que a de deportação ou mesmo desterro, pois o banimento importa a perda, *para sempre*, dos direitos de pátria, não podendo o **banido** voltar jamais ao território de que foi expulso. Segundo alguns autores, esta palavra encerra a ideia de pena infamante, "pelo menos na mente de quem ordena o ato". O **banido** é expulso, mas sem se lhe determinar o ponto para onde deve retirar-se. – **Exilar** exprime simplesmente o ato de

enviar para fora da pátria, ou da terra em que se tem domicílio. Não se liga a este vocábulo nenhuma ideia de pena infamante, posto que nele predomine a ideia de prepotência por parte de quem decreta a pena, e não a da gravidade da culpa da vítima. Muitas vezes até o exílio é voluntário, e neste caso quase sempre indica atitude infensa, ou protesto implícito contra a política existente ou contra as ideias dominantes na terra de onde se retirou o êxul. – **Proscrever** é, de todo o grupo, o mais próximo de **banir**: era antigamente (em Roma e na Grécia) o ato de expulsar da pátria e proibir que o proscrito a ela regressasse sob pena de morte. Mais comumente *proscreviam-se* aqueles que procuravam escapar à ação da justiça, e, por esse ato, não só se lhes confiscavam os bens, mas até se fixava um prêmio para aquele que tirasse a vida ao *proscrito* se encontrado na pátria. – **Desterrar** diz propriamente "fazer sair da terra onde se habita", fixando a residência em que o *desterrado* deve cumprir a pena, ou limitando-lhe a menor distância em que pode ficar do seu domicílio. – **Deportar** é desterrar perpetuamente para uma colônia distante, ou para longe do país onde se acha o *deportado*[28]. – **Degredar** é enviar para o degredo, seja só como pena infamante (*degradação*), seja como infamante e aflitiva. – **Expatriar** não é pena que se imponha. Este vocábulo designa o ato de sair da pátria, sem outra ideia acessória além da de inculcar que a ausência será longa.

416

BARBARIDADE, **crueldade** (**crueza**), **ferocidade** (**fereza**), **desumanidade**. – Segundo Lacerda – **barbaridade** é a disposição do homem rude, sem polícia, falto de humanidade. (Será, portanto, ação, ou mesmo sentimento próprio de *bárbaro*, ou só explicável no selvagem.) – **Crueldade** é a inclinação à prática de atos sanguinários; é a manifestação de um certo prazer à vista de sucessos fortuitos ou provocados que trazem consigo derramamento de sangue. (**Crueza** é a própria ação cruel, o modo, o trato que denuncia a índole sanguinária.) – **Ferocidade**, com referência ao homem, e portanto figuradamente, é o prazer que mostram certas naturezas experimentar à vista de espetáculos que tanto têm de bárbaros como de cruéis. (**Fereza** é o ato mesmo de ferocidade; e também a ferocidade própria da fera.) – **Desumanidade** é a ausência de sentimentos humanos; é a indiferença com que, por egoísmo, por orgulho, ou por dureza de alma, vemos sofrer o nosso semelhante sem socorrê-lo.

417

BARBARISMO, **solecismo**. – "Significam estas duas palavras" – diz Roq. – "em geral erros de linguagem, com a diferença que o **barbarismo** é uma locução viciosa, corrompida, própria do vulgo que tudo adultera; o **solecismo** é um defeito da construção da oração e que pode provir de ignorância ou de descuido. Por isso que os gregos e romanos chamavam *bárbaros* a todos os povos que não eram eles, deram com muita razão o nome de **barbarismo** às palavras e expressões que, por sua viciosa pronúncia, se pareciam com as dos *bárbaros*, ou da língua deles eram tiradas. Poderíamos, pois, nós outros, que temos uma linguagem culta e polida desde Camões, quando ainda os franceses tinham a sua semibárbara de Ronsard, chamar *barbarismos* galicanos ao que mui francesmente se chamou *galicismos*. – De Soles, colônia ateniense na Silícia, que, com o andar dos tempos, esqueceu a pureza da língua grega, vem a palavra **solecismo**. Cometem-se estes de muitos modos na língua", mas ordinariamente infringindo as leis da sintaxe.

28 Segundo Teixeira de Freitas (*Vocabulário jurídico*, 48), a **deportação** é semelhante ao **banimento** (?).

418

BÁRBARO, **selvagem**. – Resume Lacerda assim, sobre estes dois vocábulos, os autores que o precederam: "Os antigos egípcios, depois os gregos, à imitação destes os romanos, e hoje os chineses, deram o nome de **bárbaros** a todos os estrangeiros, por considerarem todos, sem exceção, inferiores nas ciências, nas letras, nas artes, na polícia, etc. – **Selvagens** são os habitantes das selvas, que não cultivam as artes, nem gozam dos benefícios da civilização. Uma nação *selvagem* não conhece, nem respeita lei alguma, nem convenções sociais. A nação *bárbara* conhece e respeita em geral essas leis; mas carece de aperfeiçoamento em tudo quanto constitui o que se chama um povo civilizado".

419

BARCO, **embarcação**, **navio**; **nau**, **fragata**, **caravela**, **galera**, **galé**, **iate**, **batel**, **batelão**, **alvarenga**, **lancha**, **barca**, **chata**, **catraia**, **bote**, **xaveco**, **tartana**, **manchua**, **gôndola**, **galeota**, **canoa**, **junco**, **piroga**, **igara**, **barcaça**, **galeão**, **bergantim**, **brigue**, **escuna**. – **Barco** é "termo genérico, menos porém que **embarcação**, pois é restrito à ideia de construção; enquanto que **embarcação** designa qualquer corpo flutuante que pode conter pessoas ou coisas. A jangada é uma *embarcação*, mas não é um *barco*. – **Navio** é a embarcação destinada a navegar no mar alto, mas só se diz dos **barcos** cobertos, para os quais é termo genérico. – **Embarcação** não se diz hoje dos navios de guerra; **barco**, sim". – Como os precedentes, todos os vocábulos que se seguem apresentam de comum a ideia de "próprios para transporte por água (rio, ou mar)". – **Nau** era o maior navio outrora empregado principalmente na guerra. – A **fragata**, como força agressiva, era inferior à nau. – A **caravela** era menor que a fragata, e servia tanto para a guerra como para o tráfego marítimo. – **Galera** = "antiga embarcação, estreita e comprida, de vela e remos, com dois ou três mastros". – **Galé** é embarcação de baixo bordo, de vela e remos, usada outrora. – **Galeota** (diminutivo de **galé**) é pequeno barco, elegante e luxuoso; e, como o **iate**, serve mais para recreio. O **iate**, no entanto, é maior, e pode até prestar-se para longas viagens. – **Batel** e **escaler** são pequenas embarcações que conduzem para bordo dos navios não atracados ao cais. O **escaler** distingue-se do outro em ser movido ou poder mover-se tanto a remos como a vela, sendo o **batel** movido só a esforço do remeiro. Talvez por isso é que se diz – "*batel* da vida" (e nunca – *escaler...*) fazendo alusão ao esforço e trabalho com que é levado. – **Batelão** (aumentativo de **batel**) é "barca rasa e grande, larga e aberta como a **alvarenga**". Servem ambas para o trasbordo de cargas, rebocadas dos navios para os trapiches ou vice-versa. – **Lancha** é "embarcação pequena e sem tilha (coberta) que anda tanto à vela como a remos", e que serve também para o serviço de carga e descarga de navios, e transporte de passageiros de terra para os vapores, e vice-versa. – **Barca** = "embarcação larga e pouco funda" (C. de Fig.). – **Barcaça** é barca maior. – **Chata** é "barcaça larga e de pouco fundo, empregada, como o batelão e a alvarenga, no serviço de transporte de cargas dentro da baía". – **Catraia** é bote pequeno. – **Bote** é batel de rio, pequeno escaler, movido a remos. – **Xaveco** – espécie de fragata usada outrora pelos mouros no corso do Mediterrâneo. – **Tartana** era um xaveco menor, de um só mastro. – **Manchua** – "pequeno barco usado nas costas da Ásia". – **Gôndola** – "pequena embarcação (como a **galeota**) movida a remos, usada principalmente para recreio". – **Galeão** (aum. de **galé**) – "antigo navio

de alto bordo; nau de guerra". (C. de Fig.) – **Bergantim** – "pequena fragata, de dois mastros, e também movida a remos". – **Brigue** – "bergantim maior". – **Escuna** – "brigue tendo vergas no mastro da proa e sem mastaréu de joanete". – **Canoa** – "pequena embarcação, feita quase sempre de um só tronco de árvore escavado", e de uso nas enseadas e nos rios. – **Junco** – "pequena canoa ou batel, fino e leve, usado pelos chineses". – **Piroga** e **igara** – "canoas de índios".

420

BARDO, **trovador**, **vate**, **rapsoda**. – **Bardo** era, entre os celtas, o nome que se dava aos poetas e cantores populares. – **Trovador** é a designação equivalente a *troubadour*, poeta ambulante da língua d'*oc*, que andava pelo sul da França cantando sonetos e trovas, de castelo em castelo; e é ainda correspondente aos *trouvères*, poetas da língua d'*oïl*, que no norte da França, do XI ao XV século, se dedicavam à poesia épica, e aos quais se devem os primeiros romances de cavalaria. – **Vate** era o profeta que fazia os seus vaticínios em estilo elevado, quando não em verso (Bruns.).

421

BASTARDO, **natural**, **espúrio**, **ilegítimo**. – "Todos estes vocábulos" – escreve S. Luiz – "exprimem a qualidade do filho que é **ilegítimo**, ou que não é havido de matrimônio celebrado com as solenidades da lei; mas há entre eles diferenças mui notáveis". – **Bastardo** é denominação genérica, que compete a qualquer filho **ilegítimo**; e parece referir-se, não tanto à ilegitimidade do matrimônio, ou da união dos sexos, quanto à degeneração, que daí se presume provir aos filhos, ou pela imoralidade que acompanha o ato em que são gerados, ou pela ordinária desigualdade da condição dos pais, ou pelo descuido, também ordinário, que eles têm na educação da prole. Bastardo significa, em algumas línguas, coisa degenerada[29]; e nós mesmos chamamos, por exemplo, letra *bastarda* a que é degenerada da romana, por ser uma alteração dela; peça *bastarda* a que não tem as medidas próprias da sua espécie; trombeta *bastarda* a que dá um som misto, temperado do agudo e grave da legítima. O filho *bastardo* pode ser **natural**, ou **espúrio**: são duas espécies de bastardia. Chamamos **natural** o que nasce de concubinato, de barreguice, de matrimônio clandestino, etc.; em geral o que nasce de pessoas entre as quais não há impedimento algum legal que lhes vede o contraírem matrimônio. E chamamos **espúrio** o que nasce de pessoas entre as quais há esse impedimento, v. gr. – de casado e solteira ou vice-versa; de pai eclesiástico; de mãe religiosa, etc.; e também o que não tem pai certo. Desta última acepção da palavra **espúrio** nasceu o sentido figurado, que lhe damos na *Arte Crítica,* quando dizemos que uma produção, uma obra, um livro é *espúrio,* isto é – que lhe não conhecemos o autor, ou que não temos como tal o que vulgarmente se lhe atribui. – Segundo Roq. – **espúrio** é termo desonroso, porque não só denota *bastardia,* senão que dá a entender que o pai é incógnito porque a mãe se facilitava a vários quando o concebeu.

422

BATOLOGIA, **tautologia**, **redundância**, **perissologia**. – **Redundância** é o termo genérico de que os outros do grupo especializam a significação; e quer dizer – "exces-

29 Segundo Roq. – bastardo, do francês *bâtard,* antigamente *bastard,* vem do alemão *boest* "degenerado", e *art* "raça, espécie"; ou de *bas* "vil, baixo", e *stard* "nascido", que vale o mesmo que – "baixamentenacido".

so de palavras para ornar o estilo, ou para fazer mais explícito o enunciado”. – Das três outras diz Roq. – “que indicam três defeitos do estilo que, dado serem todos contra a elegância e concisão da frase, são entre si distintos, como a origem e composição de cada uma delas o dá a conhecer. A toda inútil repetição de palavras chama-se **batologia**, palavra grega *battología* (de *báthos* e *logos*) sobre cuja origem não estão de acordo os autores. Dizem uns que se deve ao nome do fundador de Cirene, chamado Batto, o qual supõem que era gago, e tinha o costume de repetir cada coisa duas e mais vezes; outros a atribuem a um mau poeta do mesmo nome, que repetia um pensamento com as mesmas expressões que havia empregado a primeira vez; e ainda outros a atribuem a um pastor que fazia o mesmo que o mau poeta. E com efeito, falou deste Ovídio naquela passagem do liv. II das *Metamorfoses*, no qual refere como Mercúrio furtou a Apolo o gado que andava guardando; e não havendo ninguém visto fazer o roubo senão um pastor velho chamado Batto, rogou a este que não o descobrisse, oferecendo-lhe em prêmio uma novilha. O velho prometeu-lhe que sim; porém, duvidando Mercúrio que ele cumprisse a palavra, ausentou-se, mudou de forma, voltou, e perguntou-lhe se tinha visto para que parte fora o gado que pouco antes andava apascentando; e para tentar sua cobiça ofereceu-lhe uma vaca e um touro se lhe dissesse a verdade. O velho então respondeu-lhe: ‘Agora há pouco ao pé daqueles montes estavam, e estavam ao pé daqueles montes’.

> .... Sub illis
> Montibus, inquit, erant, et erant sub
> [montibus illis.

Pelo que, indignado, Mercúrio o transformou, diz Ovídio, na pedra chamada *index*, isto é – ‘descobridora’ ou ‘denunciadora’. A verdade é que a palavra grega *Báthos* significa ‘tartamudo’ ou ‘gago’; e como os que o são repetem duas, três ou mais vezes as sílabas iniciais das palavras até que rompem a falar, daqui se chamaram *battos* a todos os que repetiam sem necessidade uma mesma palavra. – **Tautologia**, do grego *tautologia* (de *tautó* ‘o mesmo’ + *logós*), é a repetição inútil da mesma ideia ou pensamento por termos diferentes. – **Perissologia** (de *perissos* ‘que é demais’ + *logós*), é superfluidade de palavras, redundância nímia, verbosidade aparatosa, e também exageração, encarecimento. Consiste principalmente este defeito em amplificar demasiadamente um pensamento, variando-o de muitos modos diferentes. O primeiro defeito (**batologia**) opõe-se à elegância, e é demasiado grosseiro para que nele caiam ainda escritores medíocres. O segundo (**tautologia**) e o terceiro (**perissologia**) opõem-se à concisão, e não são fáceis de evitar como o precedente. As frases de Ovídio são bastante concisas, e seu estilo é, sem embargo, *redundante*, porque gosta de variar um mesmo pensamento. Sêneca afeta mais concisão na frase, e, não obstante, é nímio e prolixo muitas vezes, porque, em colhendo entre mãos uma ideia, não a larga até haver apurado quanto sua rica imaginação lhe podia sugerir para ilustrá-la, amplificá-la, e variá-la de cem maneiras diferentes. Vieira também cai algumas vezes neste defeito: o que não admira, porque Sêneca era um dos seus autores favoritos. – Esta afetação, de mostrar que se sabe dizer uma mesma coisa de muitas e diferentes maneiras, é justamente o que Boileau chama com graça – ‘estéril abundância’. – O que não sabe omitir, entre o muito que sempre ocorre quando se escreve sobre matérias bem-estudadas, o que não é absolutamente necessário naquela passagem, é

um declamador, não um escritor judicioso; e incorre na censura do citado Boileau, que com tanta razão dizia:

> Quem não sabe calar, nem escrever
> [sabe."

423

BEATO, carola, hipócrita, tartufo. – Beato, neste grupo, tem uma acepção que só o uso autoriza. Propriamente, esta palavra designa a pessoa que é muito solícita nas suas devoções e práticas religiosas. No sentido que tem aqui, aplica-se à pessoa que parece mais obsedada, na sua boa-fé e simpleza, de uma religião mal-compreendida, do que convicta e segura de uma crença racional e verdadeira. Supõe-se sempre no **beato** um espírito fraco, ingênuo, que faz dessa pessoa mais um monomaníaco do que um religioso. Neste sentido, **beato** "aproxima-se muito de **hipócrita**, mas de **hipócrita** que afeta grande devoção, mais por tolice que por cálculo, mais por simplicidade de espírito que por interesse" (Bruns.). – **Carola** é o que faz consistir toda a sua religiosidade nas superfetações do culto, isto é – nas festas de igreja, nas procissões, etc. – **Hipócrita** é o que finge sentimentos, virtudes que não tem. – **Tartufo** é o nome do protagonista de uma comédia de Molière, e incorporou-se na língua para designar o refinado *hipócrita* em matéria de religião. – **Tartufo** é aquele – diz Bruns. – que às práticas afetadas de piedade alia a mais refinada velhacaria; que se insinua habilmente na simpatia alheia, e explora os incautos; que não só afeta ser virtuoso, como reveste todos os seus atos e discursos de melíflua unção: aconselha a virtude, induz a observância das práticas religiosas, inculca o bem, inspira o temor de Deus, e engana e arruína sem fé nem consciência.

424

BEIÇO, lábio. – Segundo Roq., as "duas membranas carnosas e sem osso que formam a parte exterior da boca, e cobrem os dentes quando se fecham, chamam-se **beiços**, tanto no homem como nos animais. A parte mais macia e delicada dos **beiços**, que são as bordas em que muitas vezes brilha a cor do rubim, e quando abrem o sorriso deixam ver alvos dentes, são os **lábios**. A primeira é palavra vulgar; a segunda é científica e poética. Ajudam os *beiços* a fala e a mastigação: só os lábios osculam e beijam".

425

BÉLICO, belicoso, guerreiro, militar, marcial. – Dizemos **bélico** daquilo "que concerne à guerra, que lhe é próprio ou que serve para ela, ou que a ela é relativo. É termo concreto, e como tal só deve aplicar-se ao que é material. Elementos *bélicos*; aprestos *bélicos*; material *bélico*. – **Belicoso** é termo abstrato; e como tal só pode qualificar o que é moral: furor *belicoso*; caráter *belicoso*; intuitos *belicosos*; atitude *belicosa*. Quando **belicoso** se diz do homem, não lhe qualifica a entidade física, mas a moral: os povos bárbaros são *belicosos* (isto é – dados à guerra, dominados de instinto militar). – **Guerreiro** é o que é afeito à guerra, hábil em coisas de guerra. Pode um povo, ou um indivíduo ser *belicoso*, e não ser *guerreiro*; e também um grande *guerreiro* pode acontecer que não tenha instintos *belicosos*. – **Militar** (do latim *miles* 'soldado') dizemos de tudo o que é relativo à carreira das armas, à profissão do soldado. Comparando **militar** com **guerreiro**, podemos estabelecer que **militar** qualifica o que é teórico, e **guerreiro** o que é prático. – **Marcial** (de Mars, o deus da guerra, Marte) significa propriamente o que é relativo a Marte. É vocábulo mais extenso que **belicoso**, pois este, como dissemos, só qualifica o abstrato, enquanto que **marcial** se diz tanto do que é abstrato como do que é concreto. Porte *marcial*; incendimento *marcial*. Em suma: é *militar* mais próximo de *bélico*; e *marcial* mais de *belicoso*".

426

BENEFICÊNCIA, **caridade**, **filantropia**, **humanidade**, **amor ao próximo**, **altruísmo**. – Todos estes vocábulos têm de comum a propriedade de sugerir a ideia de abnegação que leva um homem a interessar-se pelo seu semelhante. – **Beneficência** é "a virtude de fazer o bem espontaneamente, como que obedecendo aos impulsos da própria natureza moral, e sem ideia alguma de dever". – **Caridade** é propriamente "o amor do nosso próximo, como sendo nosso irmão". Pode-se dizer que é mais uma virtude interior, uma qualidade da alma do que virtude social. Um homem que não dá esmolas pode ter em alto grau a virtude da *caridade*. Por outro lado, nem sempre aquele que mais esmolas dá será o mais caritativo. – **Filantropia** é a mesma **caridade**, talvez sem sugestão de ideia religiosa: é mais, no entanto, por isso mesmo, uma virtude social. – **Humanidade** é apenas o conjunto de qualidades que levam a criatura a ter sentimentos simpáticos, tanto com os outros homens todos como com os próprios animais. – **Amor ao próximo** (ou **do próximo**) é também uma virtude evangélica: é a que mais se aproxima de **caridade**; devendo notar-se que, por isso mesmo que é mais do que a própria caridade exterior ou praticante, o **amor ao próximo** é uma locução que vale muito pouco porque não fixa sentimento nenhum... – **Altruísmo** está quase nas mesmas condições: é o "amor dos outros"; é o nome positivista do **amor ao próximo**.

427

BENEFÍCIO, **favor**, **graça**, **mercê**, **obséquio**. – Segundo Bruns. – a ideia comum aos termos deste grupo é que os atos por eles expressos se aplicam em favor de alguém. – **Benefício** é um dom gratuito que inculca ideia de ação sagrada, e de superioridade de fortuna, posição ou valimento por parte de quem o faz sobre quem o recebe. – **Favor** – diz muito bem Roq. – é termo genérico que significa todo ato de benevolência afetuosa que distingue e prefere a pessoa favorecida. – **Graça** é um benefício ou distinção que se concede sem merecimento particular de quem o recebe e sim só por afeto, consideração ou piedade de quem a outorga. – **Mercê** é prêmio, dádiva, galardão que se dá em agradecimento ou recompensa de bons serviços. – **Obséquio** é simplesmente "ato de delicadeza com que se procura agradar ao obsequiado".

428

BIBLIOTECA, **livraria**. – Não é possível confundir estes dois vocábulos. Ninguém diria: – "Vou à *biblioteca* do Sr. F. Alves"; como ninguém se animaria a perpetrar: "Vim da *livraria* pública, ou da *livraria* municipal". – **Biblioteca** é, portanto, "o conjunto de livros destinados à leitura". Acrescentei de alguns volumes a minha pequena *biblioteca* (e não – *livraria*). Mudou-se a *biblioteca* nacional para a Avenida (não – *livraria*). – **Livraria** é multidão de livros destinados à venda.

429

BISPADO, **episcopado**, **diocese**, **mitra**. – **Bispado** é a jurisdição do bispo, a divisão eclesiástica que fica sob a administração de um bispo, e também a autoridade deste. – **Episcopado** é a função, ou o prazo durante o qual exerce o bispo a sua função. Emprega-se também para designar o conjunto dos bispos de uma província eclesiástica ou de uma nação. – **Diocese** é o território dentro do qual exerce um bispo a sua autoridade e jurisdição. – **Mitra** é o mesmo bispado ou dignidade de bispo, considerada como pessoa jurídica e na sua capacidade de possuir bens temporais. – O *bispado* de Mariana. Vamos recorrer da vigaria para o *bispado*.

O *bispado* só pode condenar, ou impor penas no espiritual. – O meu *episcopado* tem sido tormentoso. Teve ele sessenta anos de *episcopado*. O *episcopado* brasileiro. O *episcopado* americano. – A imensa *diocese* de Mato Grosso. Dividiu-se em três a *diocese* do Amazonas. – A *mitra* vai reclamar contra a extorsão que contra ela cometeu a municipalidade. *Mitra* rendosa. *Mitra* muito rica.

430

BOIAR, **flutuar**, **sobrenadar**, **nadar**. – **Boiar** é "não ir para o fundo da água". O corpo que *boia* pode nem ser visto à tona ou à superfície da água; quando muito poderá ter uma parte fora da água. – **Flutuar** é "ficar em cima da água ou de qualquer outro líquido". – **Sobrenadar** é mais que **flutuar**, pois o corpo que *sobrenada* quase que fica todo fora da água. – **Nadar** é, por esforço, não ir ao fundo, e tomar alguma direção. – *Boiam* as urtigas marinhas. *Flutua* a cortiça; *flutua* a jangada, ou "*sobrenada* se tem altura". *Nadam* os animais.

431

BOLA, **globo**, **esfera**; **pelouro**, **bala**. – Segundo Roq., – "Todas estas palavras designam um corpo esférico, redondo por todas as partes; mas cada uma delas exprime uma espécie de redondeza, e não se podem usar indistintamente umas por outras". – A **bola** é redonda por todos os lados, ou esférica (oca ou sólida). É palavra vulgar, que alguns querem venha do inglês *ball* (que se pronuncia *bol*) e designa especialmente os corpos esféricos maciços com que se joga. – **Globo** é palavra trasladada do latim, *globus*, não vulgar, mas elevada e científica; e designa um corpo esférico, de cujo centro todas as linhas que se tiram até à superfície são iguais. Por este nome é conhecida entre os doutos a terra que habitamos; e para mais clareza, ajunta-se-lhe o qualificativo – terrestre, ou terráqueo. – **Esfera** é também voz grega; e significa um corpo sólido perfeitamente redondo: no que concorda com **globo**, com a diferença que **esfera** é termo de geometria, de geografia e de astronomia, e tem mais lata significação que **globo**. Designa particularmente toda máquina redonda e móvel, em cuja superfície se figuram os diversos acidentes da superfície da terra, ou os signos ou constelações celestes e a que estão adaptados círculos astronômicos que representam o curso do sol na eclítica. A primeira chama-se *globo* terrestre, ou *esfera* terráquea; a segunda, *esfera* celeste. – **Pelouro**, palavra muito usada dos nossos antigos antes que tomássemos dos franceses a que hoje se usa, **bala**; vem provavelmente de *pela*, com a terminação exagerativa *ouro*; ou então de *pello*, "lançar", e designa toda sorte de projetil que saia das bombardas, arcabuzes, etc. Na nossa antiga forma de eleições, chamavam-se *pelouros* a umas *bolas* de cera dentro das quais se metiam os papelinhos contendo os nomes das pessoas de que se fazia escolha para juiz ordinário etc.; e daí a locução – "sair nos *pelouros*", isto é –, "ser nomeado ou eleito". Por ser palavra hoje pouco vulgar, e de bom soído, é mais poética do que **bala**; e de seu uso nos deixou Camões bom exemplo na estância LXVII, do canto I dos *Lusíadas*:

> Isto dizendo, manda os dilijentes
> Ministros amostrar as armaduras;
> Vêm arnezes, e peitos reluzentes,
> Malhas finas, e laminas seguras,
> Escudos de pinturas diferentes,
> *Pelouros*, espingardas de aço puras...

432

BOLHA, **empola**, **borbulha**, **vesícula**. – São tomados aqui todos estes vocábulos como significando particularmente as pequenas elevações que se formam na pele. – **Bolha**

é a pequena saliência que encerra matéria serosa. O cáustico forma *bolhas.* – A **empola** ocupa maior superfície que a *bolha* e pode estar ou não cheia de aquosidade. Uma pancada pode produzir *empola.* – **Borbulha** é uma saliência ainda menor que a *bolha,* contendo ou não serosidade. – **Vesícula** é termo científico, genérico dos demais deste grupo.

433

BORBOTÃO, **jorro**, **jacto**, **golfada**, **torrente**, **gorgolhão**, **cachão.** – **Borbotão** (ordinariamente usado no plural) é "o fluxo desordenado ou jacto impetuoso que faz a água ou qualquer líquido ao sair de um lugar para outro". – **Jorro** é "uma porção de borbotões impelidos com força". – **Jacto** é "uma porção de líquido ou fluido arremessada com ímpeto". – **Golfada** é o "jacto que sai por um canal ou aberta". – **Torrente** é "uma quantidade de água que se despenha em cachões e impetuosamente". – **Gorgolhão** (ou **gorgolão**) é "golfada, jacto cheio, ou borbotão que sai com ímpeto e ruído". – **Cachão** é "a bolha ou borbotão que forma um líquido ao correr com força".

434

BORDA, **margem**, **ribeira**, **riba**, **ribança**, **ribanceira**, **beira**, **praia**, **costa.** – "Todas estas palavras" – diz Roq. referindo-se a **borda**, **margem**, **ribeira**, **praia** e **costa** – "indicam coisas que têm relação imediata com as águas do mar ou dos rios, mas cada uma delas a seu modo. – Sendo **borda** a extremidade prolongada de qualquer superfície, quase que não tem largura, e é por assim dizer a orla da **margem**, da **ribeira**, da **praia**, ou **costa.** – **Margem** é toda a extensão de terra chã, ao longo dos rios, coberta de verdura, e por isso aprazível à vista. – **Ribeira** é a margem mais ou menos em declive, de ordinário coberta de água no inverno e descoberta no verão. Estes dois termos dizem-se mais ordinariamente dos rios que do mar. – **Praia** é toda a extensão de terra plana que as águas do mar cobrem e banham com suas enchentes; e quase sempre de areia. – **Ribeira**, quando é do mar, supõe-se ser de areia; e quando é de rios, é de terra vegetal, mui fresca e produtiva, devido aos nateiros. – **Costa** é a porção de terra ao longo do mar, mais ou menos elevada, e como que lhe serve de barreira". – **Riba** designa "margem de rio onde a terra é levantada". – **Ribança** é "continuidade, ou certa extensão de ribas". – **Ribanceira** é "como ribança mais áspera"; e tanto se aplica relativamente a rios como relativamente ao mar. – **Beira** é quase sinônimo perfeito de **borda**; distinguindo-se deste apenas em sugerir a ideia de maior porção da margem que a **beira** pode compreender. Dizemos – "pernoitar à *beira* do rio ou do mar"; mas ninguém diria sem absurdo ou pelo menos impropriedade clamante: "pernoitar à *borda* do rio"...

435

BORDÃO, **pau**, **varapau**, **cajado**, **bastão**, **cacete**, **bengala.** – Segundo Bruns. –, "**bordão** é o pau grosso a que alguém se arrima, segurando-o por baixo da extremidade superior. – **Pau** é o bordão considerado mais como arma que como amparo; e é frequentemente chamado também **varapau.** – **Cajado** é o bordão que tem a parte superior em forma de arco. O *bordão* é usado pelo viandante; o *pau* pelo camponês; o *cajado* pelo pastor; o *varapau* pelo desordeiro. – **Bastão** é uma grossa bengala de castão; e é o símbolo de certas autoridades". – **Cacete** (do francês *casse-tête*) é o bastão grosseiro de que usam os garotos e valentões de praça ou de estrada. – **Bengala** é o bastão de cana, de junco, de qualquer madeira; e de uso geral nas cidades modernas.

436

BORRASCA, **tempestade**, **tormenta**, **refrega**, **temporal**, **aguaceiro**, **procela**, **vendaval**. – "O vocábulo **borrasca**" – diz Bruns. – "pertence melhor à linguagem marítima que à terrestre; não obstante, também se emprega para designar a chuva de neve que cai nas altas montanhas quando é impelida por um forte e frio vento do norte. Só quem foi colhido por uma *borrasca* nos Pireneus é que se pode fazer uma ideia da fúria dos elementos na terra. – **Tempestade** é o mau tempo em que há violenta agitação do ar, acompanhada o mais das vezes de chuva, saraiva e trovoada. Na linguagem dos marítimos, **tempestade** refere-se mais à agitação do mar, e **borrasca** à impetuosidade e fúria dos ventos". – **Tormenta** muito se aproxima de **tempestade**, distinguindo-se desta em sugerir a ideia de ser o fenômeno mais rápido, menos violento e talvez mais imprevisto. – **Refrega** é "rajada de vento que não chega a ser tormenta, porque é súbita, mesmo que seja muito forte". – **Temporal** é "borrasca que se prolonga por dias". – **Aguaceiro** é "uma carga de água súbita e violenta". – **Procela**, segundo Lacerda, é "a tormenta furiosa do mar, em estilo poético, e muito usada em significação translata. Aquiles... *procela* horrenda do cruel Mavorte (Diniz, *Pind.*)". – **Vendaval** é "o temporal mais forte e tempestuoso". Usa-se muito igualmente no sentido figurado. Os *vendavais* da vida, ou da sorte, ou da má fortuna.

437

BOSQUE, **luco**, **arvoredo**, **selva**, **mata**, **floresta**, **sertão**, **capão**, **capoeira**, **restinga**, **tapera**. – **Bosque** é o "nome que se dá a uma porção de árvores reunidas". – **Luco** é termo poético significando "o bosque cheio de flores, cuidado com esmero, como os que, entre os gregos, se consagravam a divindades bucólicas". – **Arvoredo** é também, como bosque, multidão de árvores, mas sem a ideia de ser basto ou espesso. – **Selva** é "o bosque espesso, emaranhado". – **Mata** é "a selva rude, opulenta, formada quase sempre de grandes árvores, é apenas menos extensa que a **floresta**". – **Sertão** é "a grande floresta desolada e sem habitantes". É termo nosso que os primeiros povoadores da terra fizeram da palavra *desertão* (grande deserto), suprimindo-lhe a sílaba inicial. – **Capão**, como as três últimas, é também brasileirismo, significando "bosque nas vizinhanças quase sempre de habitação". – **Capoeira** é "mata que já foi *capão*, e que se encontra agora mais distante da casa, e onde se abriga a criação miúda". – **Restinga** é o *capão* que fica no meio do campo ou junto a algum rio. Parece provir da semelhança que apresenta com a restinga no meio do mar. – **Tapera** é o *capão* ou bosque pouco espesso onde ainda se encontram vestígios de habitação antiga. É palavra indígena que incorporamos à língua (formada de *taba* "habitação" + *oera* "que foi").

438

BOSSA, **giba**, **gibosidade**, **corcova**, **corcunda**, **marreca**. – **Bossa** aqui, diz Bruns., é a protuberância natural que têm no dorso certos animais. Por extensão designa o defeito físico das costas ou do peito daquele que é algo corcunda. – **Giba** (em latim *gibba*) é o nome científico de qualquer protuberância que existe no que devera ser plano; a **giba** pouco aparente é mesmo, cientificamente, chamada **bossa**. – **Gibosidade** (além de designar a qualidade de giboso, de ter *giba*) é o defeito, o vulto que faz a *giba*. As montanhas são as *gibosidades* da terra. – **Corcova** é a giba considerada como aleijão. – **Corcunda** e **marreca** designam tanto o defeito como a própria pessoa que o tem: a **corcunda** é uma *corcova* considerável, ideia que é igualmente expressa por **marreca**. **Bossa**, **giba** e **corcova** dizem-se de pessoas e de animais; **corcunda** e **marreca**, só de pessoas.

439

BOTÃO, **gema**, **gomo**, **olho**, **rebento**, **renovo**, **broto**. – "**Olho** é a parte que na ramagem das árvores e arbustos indica o lugar onde se hão de formar os **botões** e as **gemas** na época do desabrolhar dos vegetais. O primeiro sinal de vida que dá o **olho** constitui o **botão**; este, tomando consistência, forma a **gema**. – **Gomo** é corrução deste último vocábulo, mas muito usual entre a nossa gente do campo. – **Rebento**, ou **renovo**, só se diz com propriedade das novas hastes que saem da raiz da planta; **rebento**, porém, designa também a *gema* quando está prestes a dar a folha ou a flor". (Bruns.) – **Broto** é o mesmo rebento ao apontar, tanto da raiz como dos galhos da planta.

440

BOTICA, **farmácia**. – Só o uso autoriza-nos designar pelo vocábulo **farmácia** a loja ou estabelecimento onde se vendem drogas e remédios; pois o vocábulo **farmácia** (do grego *phár makon* "remédio, veneno" etc.) designa propriamente "a arte de preparar medicamentos". A loja onde se vendem remédios e drogas chama-se **botica** (do grego *apotheke* "lugar oculto ou reservado"). – Mas, como dissemos, o uso baniu esta última: nos grandes centros urbanos ninguém mais diz *botica*,[30] e sim *farmácia*.

441

BOTIM, **bota**, **botina**, **sapato**, **calçado**. – **Botim** e **botina** (ou **botinha**) são diminutivos de **bota**, havendo, no entanto, entre os dois alguma diferença. **Botim** é a *bota* de cano baixo, quase sempre guarnecido de elásticos, ou então aberto na frente, para que não se torne difícil o ato de calçar. **Botina** (ou **botinha**) é o botim de senhora ou de criança, tendo o cano mais ou menos alto. – **Bota** é o calçado de cano alto, e que, portanto, cobre o pé e a perna até um pouco acima do joelho ordinariamente. – **Sapato** é o calçado de couro grosso quase sempre, e que só cobre o pé. – **Calçado** é o nome genérico de todos os deste grupo.

442

BREVE, **curto**, **conciso**, **lacônico**, **sucinto**, **preciso**. – Segundo Bruns. – **Breve** é o que se faz em pouco tempo: discurso *breve* (*breve* demora no campo, na cidade, na estação...). Falando-se do tempo, dizemos indiferentemente **breve** ou **curto**: é *breve* a vida do homem; na sua *curta* vida sofre o homem bastante. O que não tem tanto comprimento como devia ter ou se supunha que tivesse, é **curto**, não **breve**: uma obra que nos empolga sempre nos parece *curta*, e não *breve*. – **Conciso**, **lacônico** e **sucinto** só se dizem do que é relativo ao estilo. A qualidade de **conciso** consiste em enunciar o pensamento em poucas palavras, sem ampliações nem ornatos. O que não é *conciso* é prolixo. – **Lacônico** também dizemos do que é enunciado no menor número possível de palavras. O que é *conciso* exprime brevemente o pensamento; o que é *lacônico* emprega só as palavras absolutamente indispensáveis. O que é *conciso* pode ser perfeito (e é enérgico e simples); o que é *lacônico* pode correr o risco de ser afetado. – **Sucinto**, que melhor se diz do discurso ou da obra, que do estilo, qualifica aquele escrito ou fala em que o escritor ou orador se atém exclusivamente ao essencial, ao que é característico próprio do assunto, desprezando tudo quanto seja circunstância acessória ou pormenores. – **Preciso** é antônimo de *difuso*, consistindo a precisão no emprego dos termos mais adequados, e em excluir quanto seja alheio ao assunto. Todos os estilos podem ser *precisos*, pois a quantidade que este adjetivo enuncia não exclui a riqueza nem o adorno.

30 ❧ De botica temos o diminutivo *botequim*, com a significação que todos conhecem: loja reservada onde se vendem bebidas.

443

BRILHANTE, diamante. – Conquanto designem a mesma pedra preciosa, não seria possível confundir as duas palavras nem empregá-las indiferentemente. Ninguém dirá: "mina de *brilhantes*", ou "extrair *brilhantes*"; como ninguém se lembraria de perpetrar: "um adereço de *diamante*", "um anel de *diamante*". – **Diamante** é, pois, "o mineral no estado nativo, não lapidado". – **Brilhante** é o nome que toma o **diamante** depois de lapidado. Dizemos, portanto, "*diamante* em bruto", "*diamante* lapidado"; e nunca "*brilhante* lapidado"; ou "*brilhante* em bruto".

444

BRILHAR, rebrilhar, luzir, reluzir, transluzir, tremeluzir, cintilar, resplandecer (resplendecer), esplender, resplender, fulgurar, refulgurar, fulgir, refulgir, rutilar, relampear (relampejar, relampaguear, relampadejar), relumbrar, faiscar, chispar, coriscar (coruscar), fuzilar, flamear (flamejar), irradiar. – Todos estes verbos têm de comum a propriedade de sugerir a ideia fundamental de emissão de luz. – **Brilhar** é "emitir de si próprio, ou refletir, luz muito forte, intensa, clara como a do sol". É, de todo o grupo, o mais expressivo. – **Rebrilhar** é "brilhar de novo, com luz mais viva". – **Luzir** é simplesmente "emitir luz", sem ideia de gradação de intensidade. – **Reluzir** diz melhor – "refletir luz". – **Transluzir** é "emitir luz através de alguma coisa". – **Tremeluzir** é "dar luz indecisa, vacilante, vaga". – **Cintilar** é "brilhar com rápidas intermitências, como trepidando, como despedindo jactos de luz". – **Resplandecer** é "reluzir, esplender com majestade, brilhar solenemente, mas sem intensidade que chegue a deslumbrar". – **Resplendecer** é o mesmo verbo mais fiel à forma latina (*resplendescere*). – **Esplender** dizem muitos autores que é o mesmo que **resplandecer**. E, no entanto, a partícula incoativa *ecer*, que neste figura, marca uma diferença bem sensível entre os dois verbos. *Resplandece* o sol quando vem nascendo; *esplende* majestoso na amplidão do céu. "Aquela doce e gloriosa luz vem *resplandecendo* dalém dos montes". (Aqui não seria, pelo menos tão próprio, o verbo *esplendendo.*) – **Resplender** é "luzir amplamente, refletir esplendor, luz muito viva e radiosa". – **Fulgurar** é "brilhar de luz muito forte e instantânea". – **Refulgurar** é fulgurar outra vez, refletir fulgurações. Estes dois verbos parecem envolver a ideia de que a luz que *fulgura* ou *refulgura* mais deslumbra e cega do que ilumina propriamente. – **Fulgir**[31] é "luzir vivamente"; e **refulgir** é "emitir ou refletir luz quase com a mesma intensidade da que brilha". – **Rutilar** é "luzir com luz viva e fugaz". – **Relampejar** e os três verbos que se seguem (**relampejar, relampaguear** e **relampadejar**) enunciam a ideia de luzir instantaneamente, como relâmpago, e sem diferença alguma sensível entre nenhum deles. – **Relumbrar** é luzir como chama ou como lume, cintilar vagamente. – **Faiscar** é propriamente "despedir faíscas"; como **chispar** é "desprender chispas", isto é, – fragmentos em ignição que saem de um corpo ferido por outro, ou que está em combustão ou em estado candente. – **Coriscar** é "luzir como corisco, ou pequeno raio ou faísca elétrica". A forma **coruscar** é mais fiel ao latim *coruscare.* – **Fuzilar** é "despedir lumes, faiscar à maneira de raios". – **Flamear** (ou **flamejar**) é "emitir brilho como de chama, luzir, dar claridade como corpo inflamado". – **Irradiar** é "lançar, espargir luz, ou raios luminosos".

445

BRINDE, presente, dádiva, donativo, dom, oferta, mimo. – Este último vocábulo, **mimo**, designa o objeto esquisito, fino, encantador,

31 Como fulgurar, tem **fulgir** na sua estrutura a raiz grega *fleg* (*phleg*) que sugere ideia de "queimar".

que por gentileza se oferece a alguém. – "O **brinde**" – diz Bruns. – "é um obséquio, uma prova de boa vontade; e só pode consistir em algo de delicado". – O **presente** é uma prova de amizade; e este vocábulo não inculca que o objeto que constitui o **presente** reúna qualidades determinadas. – **Dádiva** é uma prova de generosidade. Quando a dádiva tem um fim benéfico, recebe o nome de **donativo**. – **Dom** é uma prova de munificência. – A **oferta** considera-se como feita de inferior a superior".

446

BRUMA, **caligem**, **nevoeiro**, **névoa**, **nuvem**, **bulcão**, **neblina**, **negror**, **negrume**, **cerração**, **nimbo**. – **Bruma** é "cerração espessa, nevoeiro principalmente no mar, muito fechado, impedindo que se veja claro a pouca distância". – **Caligem** é "nevoeiro muito denso e escuro, cerração profunda". – **Nevoeiro** é "grande névoa, densa e baixa". – **Névoa** é "vapor aquoso que pela sua densidade não sobe muito nem se desfaz em chuva, pairando ordinariamente na encosta ou no cume dos montes". – **Nuvem** é "acumulação de vapores, mais ou menos densos, em suspensão na atmosfera". – **Bulcão** é "nuvem muito densa e negra, que é quase sempre seguida de tempestade". – **Neblina** é "nevoeiro menos denso e muito chegado à terra". – **Negror** e **negrume** só por figura é que se tomam por "bruma muito espessa, ou bulcão ou caligem, que escurece o ar e ameaça de tormenta". – **Cerração** é "forte nevoeiro que cobre os campos ou o mar, principalmente nas manhãs de inverno". – **Nimbo** é "a nuvem grossa, ampla, escura e que quase sempre se desfaz em chuva".

447

BURLESCO, **grotesco**, **cômico**, **bufo**, **bufão**, **caricato**, **faceto**, **ridículo**, **truanesco**, **extravagante**. – **Burlesco** diz propriamente "por *burla*, como de *burla*, por gracejo, por brincadeira; dito para que outros riam". – **Grotesco** sugere ideia de "caprichoso, excêntrico, esquisito ao ponto de cair no ridículo". – **Cômico** é "o que é próprio da comédia, o burlesco, o que desperta riso, hilaridade". – **Bufo** (transplantação do italiano) indica também o que é burlesco, feito para causar alegria e riso. Ópera-*bufa*, por exemplo, seria o mesmo que ópera-*cômica*. Gênero *bufo*, o mesmo que gênero *burlesco*. – **Bufão** é o mesmo que **bufo**; mas emprega-se, com mais propriedade do que este, como substantivo. – **Caricato** é o que tem a aparência de caricatura; e esta palavra (que tomamos do italiano) designa a representação caprichosa, faceta, grotesca de fatos, ou de homens e coisas. Para exprimir *caricatura* tem o francês a palavra *charge* (= representação exagerada, literal ou gráfica, de alguma coisa). **Caricato** equivaleria, portanto, ao nosso *carregado* ou *exagerado*... – **Faceto** quer dizer – "engraçado, chistoso, esquisito; mas de esquisitice, chiste e graça que se não confundem com a zombaria, ou o motejo. – **Ridículo** é termo genérico aplicável a "tudo que provoca o riso ou que merece escárnio". – **Truanesco** é "o que faz coisas ou diz tolices de truão, que é bobo de praça". – **Extravagante** é "o que saiu do normal; que é demasiado até o ridículo; que não guarda a devida compostura".

448

BUSCAR, **procurar**. – Destes dois verbos diz muito judiciosamente Bruns.: "Pretendem alguns que em **buscar** há mais diligência ou empenho que em **procurar**: não nos parece que tenha fundamento essa distinção. **Buscar** inclui sempre a ideia de movimento por parte de quem *busca*; **procurar** não inclui nem exclui essa ideia. *Busca-se* ou *procura-se* por toda parte aquilo de que se necessita. *Procura-se* (mas não se *busca*) uma palavra no dicionário. O que nos parece

acertado estabelecer é que quem *procura* sabe que existe o que anda procurando; enquanto que aquele que *busca* ignora se há o que anda buscando. Um inquilino *procura* casa para onde mudar-se; um necessitado *busca* ou *procura* um emprego".

449

CABELEIRA, **cabelo**, **melena**, **grenha**, **guedelha**, **coma**, **madeixa**, **marrafa**. – **Cabelo** é do grupo o termo genérico, e designa "o conjunto dos pelos que vestem a cabeça do homem". – **Cabeleira**, segundo Lacerda, "diz-se de todo o cabelo, principalmente quando é em profusão, que uma pessoa tem na cabeça; e igualmente se diz dos cabelos postiços compostos de modo que cubram os naturais ou a calva". – **Melena** significa certa porção de cabelo, composta e ordenada, caindo pelas faces, ou sobre os ombros. – **Grenha** designa cabelo embaraçado, não penteado, revolto, em desordem. – **Guedelha** é "uma pequena porção, uma madeixa de cabelo da cabeça ou da barba". – **Coma** é "cabeleira farta, longa, imponente"; e tanto se diz do homem como de certos animais. – **Madeixa** é "um negalho, uma porção de cabelo enovelado ou em trança". – **Marrafa** é uma porção de cabelo riçado, caindo sobre a testa ou para os lados. Também se diz de cada uma das duas porções em que se divide a cabeleira ao penteá-la.

450

CABO, **promontório**, **pontal**, **cabedelo**. – **Cabo** é "a grande porção de terra que se mete pelo mar, sem notáveis acidentes, ou sem elevação que se destaque muito do continente". – **Promontório** é o cabo que termina em rocha escarpada ou em monte, como diz o latim *promontorium* (*mons in mare prominens*). – **Pontal** é "uma ponta de terra para o mar", e vale por um pequeno cabo, ou um cabo de pequenas proporções. – **Cabedelo** é "um diminutivo de **cabo**; e aplica-se particularmente a uma praia que avança para o mar, desnudada e cheia de montículos de areia".

451

CACHOEIRA, **corredeira**, **rápido**; **catadupa**, **cascata**, **catarata**, **salto**. – **Cachoeira**, segundo Bruns., é "o ponto onde um rio, mudando bruscamente de nível, forma cachões. A **cachoeira** pode ser formada por um salto vertical (e então chama-se mesmo **salto**) ou por um plano muito inclinado". – **Catadupa** e **catarata** dizem-se da queda de um grande volume de águas e de grande altura. – **Cascata** é a queda, ou descida de águas por entre rochedos, quando o volume delas não é muito considerável. – **Rápido** é "a parte de um rio onde a água muda um tanto de nível sem formar queda". – **Corredeira** é brasileirismo equivalente a *cachoeira*, sugerindo, no entanto, a ideia de que o fluxo das águas é menos vivo que na cachoeira. – **Salto**, aqui, designa *catadupa*, se bem que encerre a ideia de menor volume de águas, por mais que o uso geral não dê por semelhante distinção.

452

CADAFALSO, **patíbulo**, **forca**, **guilhotina**. – Entre **cadafalso** e **patíbulo**, que se julga serem sinônimos perfeitos, é preciso admitir uma certa diferença. Ambos designam o instrumento de suplício nos países onde subsiste a pena de morte; mas o **patíbulo** sugere ideia do castigo merecido pelo paciente; ideia que se não encerra em **cadafalso**. Lesurques morreu no *cadafalso*; ao *patíbulo* sobem os monstros. – **Forca** é, de todos, o instrumento mais ignominioso: é "o aparelho onde se estrangulam os condenados à pena última". – **Guilhotina** é "o aparelho moderno, usado principalmente em França e durante a Revolução, para decapitar de modo instantâneo os condenados".

453

CADUCO (**caducidade e caduquice**), **decrépito** (**decrepitude**), **velho** (**velhice**), **inválido** (**invalidez**), **senectude**, **senilidade**. – **Caduco**, aplicado às pessoas, designa o que tem perdido as forças do espírito, que não está mais na lucidez da sua razão e que caiu em quase idiotia. Entre **caducidade** e **caduquice** há muita distinção: **caducidade** é "a idade ou a qualidade de caduco"; **caduquice** é "manifestação de caducidade, é obra, gesto, palavra etc., de caduco". – **Decrépito** designa "o que não tem mais forças para viver; que está de todo gasto, desordenado, desfeito, e que chega ao seu fim". **Decrepitude** (ou **decrepidez**) é a qualidade de decrépito. – **Velho** é o homem avançado em idade e sem mais o vigor de moço. – **Velhice** é o estado de exaustão a que chega o velho. – **Inválido** é o que, ou pela idade, ou por moléstia, ou por deformação orgânica, se tornou incapaz das funções que lhe eram próprias. – **Invalidez** é a qualidade ou condição de inválido. – **Senectude** é a idade avançada; e **senilidade**, que contém o mesmo radical latino que o primeiro (*senex* "velho, ancião"), também designa a qualidade do que chegou à extrema velhice. Deve notar-se entre os dois vocábulos a seguinte diferença: **senectude** refere-se mais particularmente ao físico, ao alquebramento das forças; e **senilidade** à diminuição da energia moral e física ao mesmo tempo.

454

CALADO, **mudo**, **silencioso**, **taciturno**, **quieto**, **reservado**, **sombrio**. – **Calado** é "o que está sem falar, guarda silêncio, ou não revela o que sabe ou o que sente". Há entre **calado** e **mudo**, no entanto, uma diferença que se não deve esquecer. O que **está** *mudo* não pronuncia palavra alguma, ou por defeito orgânico (e então é *mudo*), ou por algum motivo; o que **está** *calado* também não articula palavra alguma por um motivo qualquer; mas o que é *calado* nem por isso se entende que esteja ou seja *mudo*: basta que fale pouco e com muita prudência, reserva e cautela. – **Silencioso** é termo genérico e muito extenso, aplicável tanto a pessoas como a coisas: o que **é** ou **está** *silencioso* exclui a ideia de rumor; de sorte que um sujeito que esteja *calado* ou mesmo que seja mudo pode não estar *silencioso*. – **Taciturno** é aquele que, além de calado, se mostra esquivo, sombrio, de ar severo, carregado, quase sinistro, evitando o convívio e tudo vendo com maus olhos. – **Quieto** é propriamente o que não se agita, nem se move demais; por isso é que este vocábulo sugere ideia de estar em silêncio. – **Quieto**, aqui, diz o mesmo que "sereno, calado, discreto, calmo, prudente". – **Reservado** é um tanto mais expressivo que o termo **calado**, e mesmo que **silencioso**; pois à ideia de falar pouco reúne a de muito cuidado em não dizer o que é inconveniente, de ser discreto, de guardar em segredo o que não deve ser divulgado. – **Sombrio** é quase o mesmo que **taciturno**: apenas sugere melhor a ideia de tristeza que em **taciturno** como que desaparece ou se disfarça sob o ar de esquivança ou mesmo de repugnância que este encerra.

455

CALCULAR, **computar**, **contar**; **cálculo**, **cômputo**, **conta**; **orçar**, **esmar**, **suputar**, **estimar**, **avaliar**. – Tratando dos seis primeiros vocábulos deste grupo, diz Roq.: – "A palavra **contar** é a mais genérica de todas estas; pois, nas escolas de primeiras letras, ensina-se a ler, escrever e *contar*; mas este ensino, mais de rotina que de ciência, consiste em fazer numerações e algumas operações aritméticas para conhecer uma quantidade: é, por assim dizer, o romance da sábia língua do cálculo. – **Calcular** é executar operações aritméticas, ou fazer operações

particulares da ciência dos números, para chegar a um conhecimento, a uma prova, a uma demonstração. – **Computar** é reunir, combinar, adicionar os números dados, para conhecer o total ou o resultado que se procura. *Contamos* quando numeramos, isto é, quando queremos saber o número de certas coisas, começando por um, dois, etc. Um menino *conta* primeiramente pelos dedos – um, dois, três, etc.; e rigorosamente falando não *computa* enquanto não pode dizer – um e dois fazem três, dois e três fazem cinco, etc.; e com muito mais razão está longe de poder *calcular* por divisões, multiplicações e diminuições. – O **cálculo** é uma verdadeira ciência formada de muitos métodos mui sábios. O astrônomo *calcula* a volta dos cometas; o geômetra, o infinito. – Dizemos – *cálculos* astronômicos, algébricos, etc.; *cálculo* diferencial, integral, infinitesimal. – O **contar** olha-se como negócio que poderemos chamar econômico, isto é, relativo a assuntos de interesse material, de administração, de comércio, etc. O amo toma *contas* a seu feitor; e este deve ter suas *contas* claras e em dia. O comerciante tem seu livro de *contas* em que assenta tudo quanto se refere a seu débito e a seu crédito. – O **cômputo** compreende-se no *cálculo* e na *conta*, pois é uma operação determinada e limitada a *cálculo*. Assim é que o cronologista *computa* os tempos, partindo de termos conhecidos para chegar a um desconhecido; e o astrônomo *computa* sobre tábuas de sua ciência para fixar o tempo e o instante mesmo da repetição de um fenômeno. Todo homem deve saber *contar*; e até certo ponto tem necessidade de saber *calcular*. O *computar* é próprio dos doutos. A palavra **computar** não é conhecida do vulgo, em vez da qual usa de **contar**; e apenas se aplica no sentido próprio. – **Calcular** usa-se no sentido figurado, em lugar de combinar, raciocinar, etc. – **Contar** entra em mui variadas locuções, como se pode ver nos dicionários". – **Orçar** é "calcular aproximadamente, fazer o cálculo de um gasto, de uma despesa, de uma receita provável por ser baseada em dados que não devem variar muito". – **Esmar** é "orçar ligeiramente, calcular a *esmo*, sem os fundamentos com que se orça". – **Suputar** (que é desusado) é, segundo Bruns., "computar com dados cuja exatidão se julga a mais perfeita possível, mas não rigorosa. Para estabelecer o orçamento de um ano econômico *suputam-se* (hoje só se usa – *orçam-se*) as receitas e os gastos prováveis. Há, pois, em **suputar** uma ideia de *cômputo* falível". – **Estimar** é determinar o valor de uma coisa, ou fazer um cálculo, sem base segura: é pouco menos vago apenas do que **esmar** (não sendo este mais que uma contração daquele, e como que ressentindo-se disso no significado, pois **esmar** é "estimar a olho, sem calcular, quase sem refletir"). – **Avaliar** é "estabelecer o valor de uma coisa, com mais fundamento do que quando se *estima*".

456

CAMINHO, **estrada**, **via**, **trilha**, **raia**, **vicina**, **carreiro**, **azinhaga**, **picada**, **senda**, **vereda**, **atalho**. – Todas estas palavras têm de comum a propriedade de designar "espaço aberto conduzindo de um lugar a outro". – **Caminho** não sugere mais que a ideia de "espaço ou trilho livre entre dois pontos". – **Estrada** é "caminho largo, construído com mais ou menos arte, e de modo que se preste ao tráfego de veículos". Há *estradas* de rodagem, *estradas* de ferro, etc. Por influência do francês, já se diz também – *caminho* de ferro. – **Via** só dá ideia do meio de comunicação entre um e outro ponto. É assim que tanto dizemos – *via* terrestre, como – *via* marítima, ou fluvial (e não – *estrada*, nem mesmo *caminho*). – **Trilha** (ou **trilho**) é *caminho* estreito, aberto por entre obstácu-

lo. Nesta acepção, **trilha** é vocábulo mais próprio e mais usado do que **trilho**, pois este designa melhor o sulco, a passagem rápida para transpor um embaraço. – **Raia** é, aqui, "uma curta **trilha** destinada a jogos de corrida". – **Vicina** é termo pouco usado, empregando-se, em vez dele, a locução – *caminho vicinal* – para indicar os "pequenos caminhos, que levam de um caminho geral ou de uma estrada, para os lugares vizinhos". – **Carreiro** é "caminho estreito, aberto pelo tráfego de carros". – **Azinhaga** é também "caminho estreito", mas sugere a ideia de "complicado e escuso". – **Picada** é "trilha mal aberta em floresta, cortando-se apenas as árvores, numa certa direção". – **Senda**, se se atende à respetiva origem (do latim *semita* de *semis* + *iter*) deve significar "meio caminho", ou caminho muito estreito por onde mal pode passar-se. Não se compreende como é tão usada esta palavra na frase – a *senda*..., e até – "a larga" *senda* do progresso... Talvez só se explique isso pela beleza fônica do vocábulo. – **Vereda** é "trilha tão maldistinta que apenas parece marcar o rumo seguido". – **Atalho** é "caminho estreito, trilha, azinhaga por onde se evitam as longas curvas do caminho geral".

457

CANSAÇO, **canseira**, **fadiga**, **lassidão**. – **Cansaço** é "a depressão de ânimo e de forças físicas que se seguem a esforço longo ou violento". – **Canseira** é "o abatimento geral que impede de agir. São só para nós as *canseiras* da vida... (não – os *cansaços*). Ficou a morrer de *cansaço* quando deixou a forja... (não – de *canseira*). – **Fadiga** é o "cansaço que resulta de longos trabalhos, a indisposição, o desgosto em que se fica, devidos à faina muito agitada e aflitiva". – **Lassidão** é a "completa exaustão, o esgotamento, desânimo e prostração em que põem a *fadiga* e o *cansaço*".

458

CÂNTICO, **canto**, **canção**, **hino**. – O **cântico** é um "hino religioso, solene, e mesmo heroico". – **Canto** é "toda composição poética que pode ser cantada". – **Canção** é termo muito mais próprio do que **canto** para significar "a poesia que é própria para ser cantada". Designa particularmente o poema lírico sobre tema popular. – O **hino** é "um cântico que pode ser patriótico, religioso, panegírico", etc.

459

CAPCIOSO, **insidioso**, **sofístico**, **arguto**, **argucioso**, **ardiloso**, **traiçoeiro**, **velhaco**, **falaz**, **falacioso**, **subtil**, **astuto**, **astucioso**, **ob-reptício**, **sub-reptício**, **caviloso**. – Segundo Bruns. – **capcioso** (do latim *captare* "tratar de apanhar, fazer esforços para apoderar-se de"...) enuncia a ideia de meios hábeis, destinados a apanhar a alguém como se apanha um animal a que se armam laços disfarçados. Aplica-se particularmente este vocábulo ao discurso ou argumento com que se enreda alguém de modo tal que toda escapatória se lhe torna impossível. Empregam-se meios *capciosos* para levar alguma pessoa a confessar aquilo mesmo que nega obstinadamente. – **Insidioso** (do latim *insidiæ* "ciladas") revela ideia de laço preparado para nele fazer cair alguém. Diz-se das palavras, dos modos, do tom, etc. O que é *capcioso* dirige-se ao entendimento; o que é *insidioso*, à vontade. Um argumento *capcioso* leva ao erro; uma promessa *insidiosa* conduz a imprudências. No *capcioso* há engano; no *insidioso* há má intenção. – **Sofístico** só se diz dos argumentos, e só daqueles com que se pretende enganar o entendimento sem nenhum outro fim imediato. O que é *capcioso*, ou *insidioso* não é fácil de descobrir; o *sofístico* descobre-se facilmente. – **Arguto** diz-se do que é subtil e engenhoso; e mais frequentemente se toma à boa que à má parte; não obstante, no que é *arguto* há muitas vezes algo de *capcioso*. – **Argucioso** é "o que usa de

argúcias, isto é, de argumentos capciosos, de subtilezas e disfarces". – **Ardiloso** é "o que emprega meios enganosos e traiçoeiros, como quem prepara emboscadas". – **Traiçoeiro** é "o que age com perfídia, armando traição". – **Velhaco** é "o que usa de fraude para enganar, para fugir a um compromisso". – **Falaz** é também "enganador; que mente, que inventa e dissimula para fazer cair em erro". Aplica-se, portanto, só à linguagem. – **Falacioso** é "o que usa de falácia; quer dizer – de enredos, de falsidades"; e pode aplicar-se tanto à linguagem como à própria pessoa. Dizemos – gestos *falazes* ou *falaciosos*; mas não seria próprio dizer – tipo *falaz*, e sim – tipo falacioso. – **Subtil** é "o que induz a erro sem que a vítima se aperceba; é o que se insinua habilmente no ânimo de outrem, como a serpe na relva". Também só se deve referir ao discurso. – **Astuto** é "o que com arte, finura, sagacidade consegue o que deseja". – **Astucioso** é "o que, além de *astuto*, sabe usar de disfarce para encobrir o seu intento enganoso; é o que emprega astúcias contra outrem". – **Astuto** só se pode referir às pessoas; **astucioso**, tanto às pessoas como aos discursos, gestos, etc. – **Ob-reptício** = "que se obteve por meio de ardil, de surpresa ou dolo". – **Sub-reptício** = "que se conseguiu iludindo, enganando, mentindo, ou ocultando a verdade ou qualquer circunstância que conhecida seria motivo para que se não nos concedesse". – **Caviloso** é "aquilo em que há sofisma ou má-fé, fraude ou mentira para enganar".

460

CAPITULAÇÃO, rendição. – São bem distintos estes dois sinônimos. Ambos significam o ato de entregar-se ou de se considerar vencida uma praça de guerra. A **rendição** supõe que a entrega é feita "sem ajuste prévio nem condições, passando a guarnição da praça *rendida* a ser prisioneira do vencedor"; a **capitulação** é "a entrega da praça feita e regulada por uma convenção prévia, ou ato de *capitulação*."

461

CAPÍTULO, cabido. – Conquanto provenham do mesmo original latino (*capitulum*, de *caput* "cabeça") distinguem-se assim estes dois vocábulos: **cabido** é "a corporação de cônegos de uma sé"; **capítulo** é "a assembleia em que o **cabido** toma as deliberações para que tem autoridade".

462

CARA, rosto, face, frente, fronte, semblante, vulto. – "Por estas palavras" – diz Roq. – "designa-se a parte mais nobre do homem, parte que ao corpo, qual soberana, preside e manda. Mas, cada uma delas ajunta à ideia fundamental alguma acessória que a modifica, e que importa conhecer para não as confundir". – **Cara** é da palavra grega *kára*, ou *karé*, e significava cabeça, cume ou cimo; mas entre nós só significa a parte anterior da cabeça do homem, e de alguns animais brutos. É expressão vulgar, e às vezes incivil e grosseira. Não é admitida em estilo elevado; em lugar dela usam os poetas a palavra **frente**, ou **fronte** (que vêm ambas de *frons*). José Agostinho de Macedo diz na *Meditação*:

> Mas que pasmosa arquitetura é esta
> Deste corpo, que eu palpo, eu sinto? [A *frente*
> Qual soberana, lhe preside e manda!

E Camões, nos *Lusíadas*, I, 51:

> Que não no largo mar, com leda *fronte*,
> Mas no lago entraremos de Aqueronte.

E no c. V, 56:

> Estando c'um penedo *fronte* a *fronte*,
> Que eu pelo *rosto* angélico apertava,
> Não fiquei homem, não, mas mudo e [quedo,
> E junto do penedo outro penedo.

– Chamavam os latinos *rostrum* ao bico das aves, ao esporão da proa das embarcações, e ao que com ele se parecia; os nossos antigos chamavam, e ainda hoje os castelhanos chamam *rostro* à *cara* dos racionais, por ser a parte saliente do corpo, sobretudo visto de perfil, em que o nariz forma uma espécie de bico. Por suavidade de pronúncia se diz **rosto.** É expressão mais elevada que a palavra **cara**, pois só se diz dos racionais; e é poética, como se vê da precedente citação de Camões, e da seguinte:

> E com o seu apertando o *rosto* amado,
> Que os soluços e lágrimas aumenta.
> (*Lus.* II, 41)

– **Semblante** (talvez do francês *semblant*) é o rosto considerado como expressão dos afetos ou paixões, e muitas vezes equivale à representação exterior, que no rosto se mostra, do que na alma se passa. – Da palavra latina *facies* vem o nosso vocábulo **face**, que, significando rigorosamente a maçã do **rosto**, ou a parte da **cara** desde os olhos até à barba, significa por extensão toda ela; usa-se, muito a propósito, quando a consideramos voltada para nós. – À palavra latina *vultus* muitas vezes corresponde a nossa **semblante**, como se vê deste lugar de Cícero. *Vultus animi sensus plerumque idicant* (*De Orat*, II, 35), "O *semblante* (o **vulto**) muitas vezes indica os sentimentos da alma". O mais comum, porém, é significar esta palavra **vulto** o relevo do corpo humano; e como é no **rosto** que mais avultam as feições humanas, usam-na os poetas para indicar o mesmo **rosto**, e talvez "*rosto* formoso", como se infere destes versos de Camões:

> Quem[32] de uma peregrina formosura,
> De um *vulto* de Medusa propriamente,
> Que o coração converte, que tem preso
> Em pedra não, mas em desejo aceso?
> (*Lus*. III, 142)

32 ~ Subentende-se: pode livrar-se.

463

CARÁTER, humor, índole, gênio, temperamento, natural, compleição, constituição, feição, feitio, ânimo, instinto, idiossincrasia. – Segundo Bourg. e Berg., – "o **caráter** e o **humor** resultam de disposições do espírito que são particulares a uma pessoa. Toda disposição de espírito própria para estabelecer uma séria distinção entre um homem e um outro homem é um elemento do **caráter**; especialmente as disposições do espírito que têm relação com a moralidade são elementos essenciais do **caráter**. O **humor** resulta de um certo número de disposições do espírito que têm relação com a melancolia, ou com o seu contrário, com a sociabilidade ou a falta de sociabilidade: tais são as disposições para ser alegre, dócil, complacente, ou para ser triste, esquisito, rabugento, etc. Pode dizer-se igualmente, ou com a mesma propriedade de um *caráter* ou – um *humor*, alegre, sombrio... Não há, no entanto, uma perfeita equivalência entre *caráter* alegre, sombrio, e *humor* alegre, sombrio; pois **humor**, marcando simplesmente uma certa disposição do espírito, pode entender-se que essa disposição é permanente, ou quase permanente, ou que é passageira[33]. – **Caráter**, marcando, não somente uma simples disposição do espírito, mas uma disposição tal que possa estabelecer uma notável distinção entre um homem e um outro homem, entende-se sempre como sendo uma disposição permanente do espírito, ou pouco mais ou menos permanente. Dizemos – um *caráter* leal (não – um *humor* leal). Um *caráter* leal é a disposição permanente para a lealdade, para a probidade, para a franqueza: uma disposição,

33 ~ E aqui está a verdadeira distinção entre caráter e humor: no caráter há fixidez de disposições, de tendências; as disposições que formam o **humor** podem ser e são quase sempre momentâneas. Dizemos – F. está de bom *humor*; e não – está de bom *caráter.* F. *é* de um *caráter* austero; e não – de *humor* austero.

portanto, que se refere à moralidade, e que é eminentemente própria para distinguir um de outro homem. O **humor** não resulta de disposições que tenham relação com a moralidade; *humor* leal, por isso, não tem sentido. – Entre **índole**, **gênio** e **temperamento** há tanta semelhança que poderiam facilmente confundir-se os três vocábulos". – **Índole** é "o modo de ser, a natureza moral, a inclinação de cada um". – **Gênio** é a disposição natural com que cada um revela a sua vontade, as suas emoções. – **Temperamento** é a sensibilidade, mais ou menos viva de cada um. A união da **índole**, o **gênio** e o **temperamento** forma o **caráter** de cada indivíduo. Mas o homem – diz Roq. – que é naturalmente inclinado à verdade, ao bem, à virtude, tem boa *índole* (e não se dirá – tem bom *gênio*)[34]. O homem que não se irrita facilmente, que sabe moderar os transportes de ira, e não se enoja arrebatadamente, tem bom *gênio* (e nem por isso terá sempre boa *índole*). – Segundo Lafaye –, **natural** exprime as qualidades do **caráter**, as disposições naturais para o bem ou para o mal – ou melhor, é o modo de ser do espírito, formado pela **índole** e o **gênio**. – **Complexão** (ou melhor – **compleição** que é mais vernáculo, a despeito do que diz Bruns.) e **temperamento** não significam mais que o **humor**, que os movimentos da sensibilidade, considerados no seu grau de força ou de vivacidade, e não sob o ponto de vista do bem ou do mal. Quando se é de um **natural** brando, não se cometem crueldades; quando se é brando por **temperamento** ou **compleição**, não se é arrebatado, nem sujeito a fortes movimentos de paixões. – Há **naturais** (ou naturezas morais) benfazejos, viciosos, bruscos (e não – **compleições**, nem **temperamentos**). Comparando **compleição** e **temperamento**, escreve o mesmo autor: "**Complexão** (do latim *complexio*, de *cum* + *plexus* 'dobrado com..., complicado') exprime uma certa união de todos os sistemas e aparelhos orgânicos. – **Temperamento** (de *temperare* 'misturar, adoçar') anuncia um amálgama de coisas violentas que têm necessidade de corrigir-se e que se corrigem uma pela outra. Estas duas palavras fazem conceber uma proporção entre os elementos do corpo, sobretudo entre as partes líquidas, isto é, os humores. Mas, **temperamento** dá, melhor, a ideia de uma certa força ou violência atribuída aos elementos, e essa ideia torna-se como que característica da própria mistura ou amálgama. Dir-se-á, pois, de preferência – um *temperamento* ardente, e – uma *compleição* biliosa; um – *temperamento* forte, e – uma *compleição* delicada"... A **constituição** representa (é ainda de Laf.) antes o bom estado exterior e visível do corpo; a conformação dos membros, sólida e capaz de resistir às fadigas; uma saúde robusta; enquanto que **compleição** e **temperamento** designam o estado de saúde interior... – **Feição** e **feitio** bem que se podem confundir. – **Feição** é, como **feitio**, a índole de cada um, revelada na maneira de ser, no modo de encarar as pessoas e as coisas. – **Feitio**, no entanto, sugere melhor a **compleição**, a **índole**, a natureza de cada indivíduo; **feição** parece enunciar melhor a ideia de modos exteriores, de costumes e hábitos. – **Ânimo** é, aqui, o estado de espírito em que se está em certa situação, e segundo o qual julgamos as coisas. Poderia aproximar-se muito de **humor**. – **Instinto** é o modo de ser ou de agir quase inconsciente, é o impulso natural a que obedece o homem, e os animais principalmente, no exercício de alguma função ou na prática de certos atos, bons ou maus. Também significa o tino, a perspicácia com que se faz alguma coisa espontaneamente, como por inspiração, sem refletir nem cogitar do que se vai fazer. – **Idiossincrasia** é termo erudito e moderno, importado diretamente do gre-

34 Pode mesmo ter mau *gênio* e ter boa *índole*.

go, significando "disposição particular do temperamento e constituição, em virtude da qual cada indivíduo sente de modo diverso os efeitos da mesma causa". (Aul.)

464

CARCAÇA, **esqueleto**, **arcaboiço**. – Segundo Bruns. – os ossos do corpo completo do homem, ou do animal, formam o **esqueleto.** A **carcaça** é a porção de ossos que formam o tronco do homem ou o bojo dos animais. – **Esqueleto** é palavra científica; e **carcaça** é termo que só em linguagem familiar se pode dizer por **esqueleto.** – **Arcaboiço** (de que não cogita o autor citado) é a "armação de ossos que formam, por assim dizer, a base ou o fundamento do organismo humano".

465

CARECER, **precisar**, **necessitar**. – **Carecer** (do latim *carescere*, ou *carere*, em que figura a raiz grega *ker*, sugerindo ideia de "cortar, encurtar") significa propriamente "ter falta daquilo que se deseja ou de que se precisa". Quem *carece* de alguma coisa é que não tem essa coisa que lhe seria útil. Ninguém *carece* daquilo que lhe não seria de proveito. Em bom português não se poderia dizer que – "um homem *carece* de honra ou de vergonha". Para isso seria necessário admitir que esse homem sabe que não tem vergonha e quer ou deseja tê-la. Também não se diria que "F. *carece* de cem contos para realizar um negócio que planeou". Neste caso empregaríamos, sem dúvida, o verbo **precisar.** Em regra, não se pode *carecer* de cem contos... para coisa alguma. Como não se *carece* de meia dúzia de chapéus para não andar descoberto (sim – de um chapéu); nem de um banquete para matar a fome (sim – de um pouco de pão). O sujeito que *carece* de emprego, ou de proteção, não tem nenhum emprego, nem protetor. O argumento que *carece* de lógica é que não é senão absurdo. É conveniente notar ainda que não *carece* daquilo que nunca se teve, como entendem Roq. e Lac. – Entre **precisar** e **necessitar** poderia ser mais difícil estabelecer diferença do que entre estes e aquele primeiro verbo. **Necessitar** aproxima-se, no entanto, mais de **carecer** do que **precisar**. Quem *necessita* de alguma coisa dá ideia de que essa coisa lhe é necessária. Quem *precisa* de alguma coisa, expressa que lhe conviria muito alcançar ou possuir essa coisa. Por isso, dizemos que – um negociante *precisa* de cem contos para ampliar as operações da sua casa (e não – que *carece*, nem – que *necessita* de cem contos...). Observemos, por último, que estes verbos **precisar**[35] e **necessitar**, como intransitivos, significam evidentemente "ter falta do que é indispensável". "Ele sacrifica-se a trabalhar dia e noite porque *precisa* ou porque *necessita*".

466

CARESTIA, **careza**, **carência**, **escassez**, **inópia**, **pobreza**, **penúria**, **indigência**, **necessidade**, **miséria**; **sede**, **fome**. – **Carestia** é "o preço elevado das coisas determinado pela falta ou pela grande escassez dessas coisas". – **Careza** é a qualidade de *caro*, isto é, de ser, um artigo, de preço mais alto que o comum. Há, portanto, uma grande diferença entre **careza** e **carestia**: esta sugere ideia de carência, de escassez que obriga à privação muita gente; e até mesmo de quase penúria: ideia que se não inclui na palavra **careza.** – **Carência** é "a falta de alguma coisa, mas falta que se sente e que passa, portanto, a ser necessidade quase". Quando se diz que,

35 ~ O verbo precisar também pode ter significação diferente quando rege algum outro, e conforme se emprega ou não entre os dois a preposição *de*. "*Preciso* falar-lhe" (isto é – tenho obrigação de, ou conveniência em *falar-lhe*). "*Preciso* de falar-lhe" (isto é – tenho necessidade, ou precisão de falar-lhe).

por exemplo, "temos *carência* de notícias a respeito de alguém ou de algum sucesso", é que não temos as notícias que esperávamos. – **Escassez** é "a qualidade de *escasso*, isto é – de ser curto, parco, mesquinho; de ser, a coisa escassa, insuficiente para o fim a que é destinada". – **Inópia** é a palavra *inopia* que importamos do latim (de *inops* = *in* neg. + *ops*, "meios, recursos, força", etc.) e que significa "falta, carência absoluta de alguma coisa". Dizemos *inópia* tanto em referência à falta de dinheiro, como à falta de talento, de moralidade, etc. – **Pobreza** é "a qualidade de ser *pobre*; isto é, de não possuir meios de viver folgado, em abastança". – **Penúria** [latim *penuria*, do grego *peina* "fome, necessidade violenta" (Chass.)] é "pobreza extrema e dolorosa, falta absoluta, clamante do indispensável". – **Indigência** é "a qualidade ou estado de *indigente*, isto é – de achar-se alguém em tal penúria que precisa de recorrer à caridade de seus semelhantes". Um homem que luta heroicamente para viver pode estar até em penúria sem ser indigente. – **Necessidade**, em toda a sua extensão, pode definir-se como significando "contingência fatal, imposta pelo destino". Mais restritamente é "a falta do necessário"; e sugere a ideia de que "o necessitado solicita auxílio, pede socorro". – **Miséria** é "o estado de penúria, de indigência que comove, que inspira piedade; é pobreza horrível e desventurada; e tanto se pode (como, aliás, muitos outros entre os vocábulos deste grupo) empregar no sentido moral como no físico". Um sujeito rico pode achar-se em verdadeira *miséria* de vida se é um perdido. – **Sede** e **fome** entram aqui numa acepção muito particular: exprimem "necessidade ansiosa, aflitiva de algum bem; pode ser bem físico ou moral". Lavra a *miséria* num país, e ali a *fome* já espreita as vidas. Tem-se *fome* ou *sede* de justiça (isto é – clama-se por uma justiça sem a qual teremos de perecer).

467

CARGO (**encargo**), **emprego**, **ministério**, **ofício**; **colocação**, **lugar**, **função**, **papel**. – Segundo Roq. – a ideia própria da palavra **ofício** é a de obrigar (ao que exerce o ofício) a fazer uma certa coisa útil à sociedade; corresponde, portanto, a **cargo** pela necessidade, que sugere, de fazer ou cumprir um certo dever aquele que toma o **cargo** ou o **ofício**. Confundem-se às vezes estas palavras; pois, com efeito, todo **ofício** vem a ser **cargo**; mas esquecendo-se que nem todo **cargo** é **ofício**. Certos **cargos** no governo e na administração do Estado são verdadeiros **ofícios** que de direito se exercem; mas os **cargos** de prefeito ou de intendente municipal, que dependem de nomeação ou de eleição, não se pode dizer que sejam propriamente **ofícios**, senão **cargos**; porque os que os desempenham só o fazem ou devem fazer por um certo tempo, sem que tenham mais título que sua eleição ou nomeação; enquanto que os **ofícios** constituem, por assim dizer, uma qualidade permanente, às vezes até adquirida por herança, ou como direito anexo a uma dignidade. A ideia própria de **ministério** é a de que a pessoa que o exerce desempenha um certo cargo por outra pessoa, em nome de outrem, ou da autoridade que a nomeia. – **Emprego** encerra a ideia de estar o empregado sujeito a um trabalho permanente e obrigatório. É, pois, o **emprego** muito diferente do **cargo**. Há *cargos* da magistratura, da diplomacia, do alto funcionalismo (não – *empregos*). Há *empregos* vagos na repartição tal (não – *cargos*). Entre **cargo** e **encargo** não é muito raro notar uma certa confusão, por mais distintas que sejam estas duas palavras. **Encargo** não é mais que a obrigação que decorre de um **cargo** ou de um compromisso que se tomou. Dizemos: "cumpro os meus *encargos*"; "os meus *encargos* estão satisfeitos"; "tomo o *encargo* de avisá-lo a tempo..." (e em nenhum

destes casos — *cargo* ou *cargos*). — **Colocação** é quase o mesmo que **emprego**: ajunta apenas à significação deste a ideia de que o *emprego* é permanente e quase sempre de certa importância. — **Lugar** é "qualquer **emprego**, mais ordinariamente — *emprego* por pouco tempo ou de pequena monta". — **Função** (ou, como quase sempre é usada, **funções**) é "o conjunto das obrigações, dos serviços próprios de um cargo, de um ministério, emprego ou ofício". — **Papel** figura neste grupo com o sentido translato que se lhe dá em frases como estas: "fiz do melhor modo que pude o meu *papel*"; "F. está no seu *papel*". Significa, portanto, a função própria que se toma num dado momento, a obrigação que se aceita num certo caso.

468

CARIDOSO, **caritativo**. — Diz Bruns. que "**caridoso** indica maior e mais frequente caridade que **caritativo**", e que isso é "devido à índole da terminação *oso*". É possível; mas essa distinção não basta. Parece, a nosso ver, que se confundem, e sem razão, estes dois adjetivos. — **Caritativo** é propriamente "o de natureza moral dada a atos de caridade, capaz de sentimentos de caridade". "F. é muito *caritativo*". — **Caridoso** diz apenas — "de caridade, próprio de caridade, indício de caridade, cheio de caridade". Ato *caridoso*, sentimentos *caridosos* (e não — ato *caritativo*, nem — sentimentos *caritativos*). Deveres *caridosos* (e não — deveres *caritativos*). Criatura *caritativa*; e não — *caridosa*... por mais que muita autoridade de nota o queira, e o uso geral o admita.

469

CARNICEIRO, **carnívoro**. Estes dois adjetivos designam em geral os animais que se sustentam de carne; mas as respetivas terminações marcam entre eles uma diferença bem sensível. — **Carniceiro** é o animal que se ceva de carne crua, que se ceva de carniça; **carnívoro** é o que come carne. O primeiro indica o apetite natural, o hábito constante, o instinto; o segundo anuncia simplesmente o fato, o costume, o gosto. Os naturalistas, quando comparam estas duas espécies de animais, dizem que o nome de **carniceiro** pertence àquele que, por uma necessidade de natureza, se nutre de carne, e não pode viver de outra coisa; e **carnívoro** pertence ao que come carne, mas não é reduzido a este só alimento, e pode nutrir-se de frutos da terra. O tigre, o leão, o lobo são animais *carniceiros*; o homem, o cão, o gato são *carnívoros*. **Carnívoro** é termo mais próprio de ciências naturais, e é antônimo de frugívoro; **carniceiro** é termo vulgar da língua, por isso mais usado é, às vezes, com a significação de cruel e sanguinário, como fez Camões naquela apóstrofe aos assassinos de Inez de Castro:

> Contra uma dama, ó peitos *carniceiros*,
> Feros vos amostrais, e cavaleiros?
>
> (*Lus.*, III, 130)

470

CARTA, **epístola**, **missiva**, **bilhete**. — Segundo Bruns. — **carta** é o termo usual com que se designam os escritos que se dirigem a alguém dando-lhe notícias, ou tratando de assuntos que lhe interessam mais ou menos diretamente. — **Epístolas** dizemos das cartas dos antigos, tratando de graves assuntos, em forma literária e em tom solene, principalmente quando o conteúdo delas interessava a muitos; como, por exemplo, as *epístolas* de S. Paulo. Familiarmente dá-se hoje o nome de **epístola** a uma carta muito longa e em estilo pretensioso. — **Missiva** é a carta considerada com relação à pessoa que a manda; é termo pouco usado. — O **bilhete** difere da **carta**: em se ocupar só de um assunto, ou de assunto ligeiro, de pequena importância; em conter poucas palavras e excluir as formas cerimoniosas que encabeçam e concluem as cartas ordinárias.

471

CASA, **morada**, **vivenda**, **palácio**, **palacete**, **tugúrio**, **teto**, **chalé**, **lar**, **fogo**, **canto**, **palheiro**, **palhoça**, **choupana**, **casebre**, **cabana**, **tenda**, **barraca**, **arribana**, **choça**, **colmo**, **habitação**, **mansarda**, **pardieiro**, **biombo**, **cômodo**, **prédio**, **solar**, **castelo**. – **Habitação** é, de todos os vocábulos deste grupo, o mais genérico. De "ato de habitar", que é o que significa propriamente esta palavra **habitação**, passou a designar também a própria **casa**, que se habita: **casa**, ou **palácio**, ou **choupana**, ou **biombo** – tudo será **habitação**. – **Casa** é "o edifício de certas proporções destinado à habitação do homem"; e por extensão, designa, em linguagem vulgar, toda parte onde se abrigam alguns animais: a *casa* do escaravelho; a *casa* dos coelhos, etc. – **Morada** é "à habitação onde se mora, ou onde se fica por algum tempo, onde alguém se aloja provisoriamente". – **Vivenda** é a "habitação onde se vive", e sugere a ideia da maior ou menor comodidade com que a gente aí se abriga e vive. Por isso, usa-se quase sempre com um adjetivo: bela *vivenda*; *vivenda* detestável. – **Palácio** é "o edifício de proporções acima do normal, grandioso e magnífico". **Palacete** é diminutivo de **palácio**, designando, portanto, "prédio rico e elegante". – **Tugúrio** (latim *tugurium*, de *tegere* "cobrir") é "o abrigo onde qualquer vivente se recolhe, ou habitualmente ou por algum tempo". Este nome dá-se também, por modéstia ou por falsa humildade, à própria habitação magnífica. – **Teto** (latim *tectum*, também de *tegere*) é quase o mesmo que **tugúrio**: apenas **teto** não se aplica a um abrigo de animais, e sugere melhor a ideia de conchego, de proteção, de convívio amoroso: "*teto* paterno"; "era-lhe o céu um *teto* misericordioso". – **Chalé** é palavra da língua francesa, hoje muito em voga, significando "casa de escada exterior, no estilo suíço, ordinariamente revestida de madeira, cujo teto de pouca inclinação é coberto de feltro, asfalto ou ardósia, e forma grande saliência sobre as paredes". (Aul.). – **Lar** é a "habitação considerada como abrigo tranquilo e seguro da família". – **Fogos** é o nome que se dá, nas estatísticas, às casas habitadas de um distrito, de uma cidade, ou de uma povoação: "a aldeia vizinha não chega a ter cem *fogos*". – **Canto**, aqui, é "o lugar, o sítio, a morada humilde e desolada, onde alguém como que se refugia afastando-se do mundo". – **Palheiro** é propriamente o lugar onde se guarda palha: designa, portanto, neste grupo, "abrigo ou habitação muito rústica e grosseira". – **Palhoça** é "pequena casa coberta de palha". – **Choupana** é – diz Aul. – "casa rústica de madeira, ou de ramos de árvores para habitação de pastores". – **Cabana** (do italiano *capánna*) é "casinha coberta de colmo ou de palha, onde se abrigam à noite os camponeses, junto ou no meio das roças ou lavouras". – **Casebre** é "pequena casa velha e arruinada, onde mora gente muito pobre". – **Tenda** é "armação coberta para abrigo provisório ou de passagem em caminho ou em campanha". – **Barraca** é "tenda ligeira, coberta de tela de lona ordinariamente". – **Arribana** é "palheiro que serve mais para guarda de animais e trem de viagem propriamente que para habitação, prestando-se quando muito para pernoite ao abrigo de intempéries". – **Choça** é "habitação ainda mais rústica e grosseira que a choupana". Dizemos que o selvagem procura a sua *choça* (e não, pelo menos com a mesma propriedade –, a sua *choupana*). – **Colmo**, aqui, é "o colmo tomado pela cabana que é dele coberta". – **Mansarda** afasta-se um pouco do francês de que a tomamos (*mansarde* é propriamente água-furtada ou trapeira, isto é – o último andar de uma casa tendo a janela ou janelas já abertas no telhado): tem, no português usual, mais a significação de "habitação

humilde, incômoda e difícil, onde há pobreza". – **Pardieiro** é – diz Aul. – "edifício velho e em ruínas": "Já me cansam estas perpétuas ruínas, estes *pardieiros* intermináveis" (Garrett). – **Biombo** é "um pequeno recinto separado de uma sala por meio de tabique móvel, e que serve de dormitório, de gabinete", etc. Costuma-se dizer: "vou para o meu *biombo*" para significar que se vai para casa. – **Cômodo**, aqui, é "uma parte de prédio que se aluga por baixo preço e por pouco tempo ordinariamente". – **Prédio** (latim *prædium, do præs* "garante, penhor, fiador") é propriamente "bem de raiz, propriedade real"; mas, aqui, designa "a casa que é nossa própria, a propriedade que consta da casa e do terreno onde está construída". – **Solar** é "a propriedade (terras e casa) considerada como representando uma tradição de família, tendo passado por herança de pais a filhos desde alguns séculos". – **Castelo** era antiga habitação fortificada, fora das cidades, e onde residiam os grandes senhores feudais. Hoje é "habitação nobre, luxuosa, onde se vive com opulência".

472

CASO, **conjuntura**, **circunstância**, **situação**, **suposição**, **hipótese**. – Bruns. distingue assim as três primeiras palavras deste grupo: "**Caso** se diz do que se considera possível: em *caso* de desgraça; se se der o *caso* de não ter ele filhos. Particularmente se diz de todas as hipóteses que se podem considerar nas ciências abstratas. Também se diz de um fato que apresenta tal ou tal caráter, sempre que este fato se possa relacionar com princípio geral: aos *casos* particulares não têm os magistrados senão leis gerais para aplicar. – **Circunstância** (do latim *circumstantia*, de *circumstare* 'estar à roda de') diz-se das particularidades de um fato, ou das coisas que, separadas do fato, têm com ele alguma relação imediata: os crimes perdem muito da sua gravidade quando neles ocorrem *circunstâncias* atenuantes. – **Conjuntura** é o vocábulo com que se indica o conjunto de circunstâncias que nem estão no fato, nem com ele se relacionam imediatamente, mas que, contudo, têm com ele alguma relação. Um sinonimista francês, Roubaud, compara a **conjuntura** com a **circunstância** dizendo: A **conjuntura** e a **circunstância** estão para o fato como dois círculos concêntricos estão para um ponto dado: a **circunstância** é o círculo circunscrito na **conjuntura**, porque esta só de longe se relaciona com o ponto de que aquela está próxima. A **conjuntura**, assim como a **circunstância**, pode ser favorável ou desfavorável." – **Situação** é, aqui, "o conjunto de circunstâncias que determinam o estado ou a condição de uma coisa, pessoa, sucesso, etc., num dado momento." A *situação* em que me encontro agora; a *situação* atual do país; a *situação* da França em 93. – De **suposição** e **hipótese** escreve Roq.: "Além da primeira diferença que há entre estas palavras (e que consiste em ser um, **suposição**, termo vulgar, e outro, termo científico, distinguem-se mais em que: a **hipótese** é uma suposição puramente ideal, e a **suposição** toma-se por uma proposição ou verdadeira ou aprovada. A **hipótese** é mais certa, menos precária; funda-se numa verdade filosófica; a **suposição** é gratuita, só tem por base a verossimilhança. – A **hipótese** toma-se muitas vezes por um conjunto de proposições unidas e ordenadas, de modo que formam um corpo ou sistema. Os sistemas de Descartes, de Newton, de Leibnitz chamam-se *hipóteses* e não *suposições*. A **hipótese** refere-se às ciências: à instrução, à inteligência, à explicação das coisas; a **suposição** é mais familiar, entra na conversação ordinária, e muitas vezes se toma em mau sentido, como alegação, gratuita ou falsa, que não tem outro fundamento que a má vontade da pessoa que *supõe*."

473

CASTO, **castidade**; **puro**, **pureza**; **continente**, **continência**; **virgem**, **virgindade**; **intemerato**, **impoluto**, **ilibado**, **incorrupto**, **imaculado** (**imáculo**); **pudico**, **pudicícia**; **inocente**, **inocência**. – "É a **castidade**" – diz fr. S. Luiz – "uma virtude, que regula, e sujeita à autoridade sagrada da lei, os apetites e prazeres sensuais, ainda quando permitidos. (A pessoa **casta** nem pensa em semelhantes prazeres; e aí estará talvez o que torna a virtude da **castidade** diferente de muitas das que figuram neste grupo.). – **Pudicícia** é a castidade acompanhada de pudor, ou de honesta vergonha. A pessoa **pudica** teme, de algum modo, o próprio prazer honesto; e quando cede ao dever, sabe coartá-lo dentro dos mais estritos limites, e cora de os ver ainda levemente transgredidos. Esta virtude é mais ordinária no sexo feminino. – **Continência** exprime a abstinência atual dos prazeres da carne. O celibato cristão demanda *continência* perpétua. A viuvez, que não passe a segundas núpcias, deve ser *continente*. – **Virgindade** exprime uma continência universal, absoluta, e perfeita, tanto do corpo, como do espírito que se estende a todos os tempos e momentos da vida. É uma flor delicadíssima, que qualquer sopro impuro a embaça e murcha: um só instante de fraqueza, um só pensamento voluntário faz perder o merecimento desta angélica virtude. – **Pureza** não é propriamente uma virtude particular; é a excelência, a perseverança, a honra, e o lustre da virgindade: Ela supõe uma alma inocente, cândida, intacta, que nem experimentou, nem sentiu, e nem ainda conhece o que pode alterar a perfeita integridade da alma e do corpo". – **Intemerato** e **imaculado** podem dizer-se sinônimos perfeitos. Mesmo referindo-nos à própria Virgem, dizemos indistintamente – *imaculada* ou *intemerata*. Parece, no entanto, que **intemerato** sugere uma ideia que nem, pelo menos em todos os casos, será essencial em **imaculado**: a ideia de – não violado. Pode haver criaturas que, mesmo de uma brutal violência, venham a sair moralmente *imaculadas*. Em poesia não é muito raro empregar-se **imáculo** por **imaculado**. – **Impoluto** é "o que não foi poluído, que não ficou alterado na sua pureza". – **Ilibado** (latim *illibatus* = *in* + *libatus*) quer dizer – "intacto, virgem; que está na sua plena integridade". – **Incorrupto** é "o que não foi corrompido, que é são e puro de espírito, de alma fiel, inalterada". – **Inocência** tem aqui a acepção de candura: é a qualidade do **inocente**, isto é – do que não tem malícia, nem sabe pensar no mal. Por isso mesmo é que não se pode considerar a **inocência** como propriamente uma virtude, mas como um estado de alma, um modo de ser, pois o **inocente** não conhece o mal, nem mesmo sabe que é inocente.

474

CASTIGAR, **punir**; **castigo**, **pena**, **punição**. – **Punir** supõe autoridade de uma parte, e culpa da outra. **Castigar** supõe autoridade de uma parte, mas da outra não supõe necessariamente culpa, mas sim erro, descuido, omissão. *Punem-se* crimes, delitos, ações voluntárias, quando contrárias à lei: e *castigam-se*, não só as ações voluntárias quando contrárias à lei, mas também os erros, as faltas, e até os defeitos. – **Punir** implica a ideia de imposição de pena; mas **castigar** indica principalmente a ideia de corrigir, aperfeiçoar por meio da repreensão, censura, etc. Neste sentido dizemos até – "*castigar* o estilo, *castigar* a frase". (Lac.). – **Pena** (latim *pœna*, do grego *poiné* "vingança, expiação") sugere ideia do "sofrimento que se impõe como **punição** do crime, ou delito, ou grande falta que deve ser *punida*". – **Castigo** é "tanto o ato de castigar, como o próprio sofrimento com que se castiga". – **Punição** é "o ato de punir".

475

CATÁLOGO, **lista**, **rol**, **nomenclatura**, **nômina**, **enumeração**, **relação**. – Segundo Bruns. – **Catálogo** (do grego *katalogos* "exposição desenvolvida, minuciosa") dizemos das relações ou enumerações de muitas coisas da mesma espécie, mas diferentes entre si. É condição essencial do **catálogo**: 1.°) que a enumeração seja metódica, ou obedeça a uma certa ordem; 2.°) que cada objeto catalogado se faça acompanhar de algum esclarecimento que melhor o caracterize e distinga dos outros. Sempre que a enumeração careça dessas condições, só se lhe pode dar o nome de **lista** ou **relação**. O *catálogo* de uma livraria ou de uma biblioteca compreende o título das obras que a formam, o nome dos respetivos autores, etc. Fazemos a *lista* dos livros que desejamos comprar. Fazemos ou organizamos o *catálogo* de uma biblioteca. – **Rol** é a lista que contém, ao lado do nome das coisas ou pessoas arroladas, certas indicações numéricas. Não diremos, por exemplo – *rol* dos convidados, mas – *lista* dos convidados, atendendo a que nessa lista a única indicação numérica é a dos números de ordem. – **Nomenclatura** é uma lista de nomes, de expressões que formam grupo separado, principalmente tratando-se de ciências. *Nomenclatura* geográfica, por exemplo, ou da botânica, etc. Quando a nomenclatura inscreve ou classifica nomes de pessoas, denomina-se **nômina**. Fazer uma *nômina* dos empregados por ordem de antiguidade. – **Enumeração** é a lista que se faz com o fim de atender ao total que apresenta, ou ao conjunto das coisas enumeradas. Recapitulando, vemos que: o *catálogo* inscreve e circunstancia; a *lista* apenas inscreve; o *rol* inscreve e conta; a *nomenclatura* inscreve denominando; a *nômina* inscreve, nomeia por ordem; e a *enumeração* inscreve ou expõe sucessivamente para que cada unidade contribua para o conjunto. – **Relação** é quase o mesmo que lista: apenas deixa supor que as coisas ou pessoas relacionadas estão inscritas numa certa ordem, ou não tanto a esmo como numa simples **lista**.

476

CATIVO, **cativeiro**; **escravo**, **escravidão**; **servo**, **servidão**; **prisioneiro**, **prisão**. – **Cativo** é propriamente "o que foi capturado, o que se deixou prender na guerra, e que, portanto, perdeu a sua liberdade, ficando sob a dependência de outrem". O **cativo** pode conservar ainda a sua dignidade, a sua condição pessoal. O judeu em Babilônia foi *cativo*, e não **escravo**, nem mesmo **servo**. O **cativeiro** não humilha, pelo menos nem sempre. – **Escravo** é "o que passou a ser propriedade de outrem; pode ser vendido, passar por herança ou legado". A **escravidão** não só humilha, como despoja a criatura de quase todas as suas qualidades humanas. – **Servo** é "o que está sujeito a outrem". A **servidão** é muito diferente da **escravidão**. O **servo** é considerado como pessoa, pode possuir bens, auferir lucros do serviço que presta a seu amo, etc. De tudo isto é privado o **escravo**. – **Prisioneiro** aproxima-se de cativo: é "o que fica em poder do seu vencedor". Hoje, na guerra não se fazem *cativos*, mas *prisioneiros*, supondo-se que estes esperam sempre o seu resgate. Do mesmo modo difere **prisão** de **cativeiro**; pois o primeiro designa apenas o fato de "achar-se alguém privado por algum tempo de agir livremente, de usar da sua liberdade".

477

CAUSA, **motivo**, **razão**, **móvel**, **pretexto**. – Todas estas palavras designam aquilo que se tem como determinante das nossas ações; mas não poderiam ser aplicadas indistintamente, mesmo aquelas que parecem mais semelhantes. – **Causa** é o que produz uma ação; em certos casos, é o fato em virtude

do qual se dá um outro fato. F. deixou de vir devido ao mau tempo (o mau tempo foi *causa* da ausência). A *causa* da intervenção da força pública foi o tumulto que ali se levantou. – **Motivo** e **móvel** são os nomes que damos ao fato, à consideração, ao intento, etc., que nos leva a fazer alguma coisa ou a agir de certo modo em dadas circunstâncias. – **Motivo** é simplesmente o que opera em nós excitando-nos, impelindo a nossa vontade de praticar uma ação, ou de conduzir-nos deste ou daquele modo em dadas circunstâncias. – **Móvel** é "um motivo mais ponderoso, que opera tanto sobre o espírito como sobre o coração". – **Razão** é "o motivo que se invoca para justificar algum ato, o móvel que se dá como causa da ação". – **Pretexto** é "uma razão falsa ou fictícia que se dá para não dar a verdadeira".

478

CÁUSTICO, **causticante**, **mordaz** (**mordente**), **satírico**, **irônico**, **pungente**, **pungitivo**, **picante**, **acre**, **lancinante**, **ferino**, **sarcástico**, **escarninho**, **cruciante**, **terebrante**. – **Cáustico** (segundo resume Bens.) "denota certa malignidade irritante; **mordaz**, um caráter mais ou menos maligno; **satírico**, um gênio acerbo, picante. Um espírito *cáustico* emprega a ironia, ditos e expressões picantes, chufas, motejos para fazer sobressair o ridículo e os defeitos dos outros. Um espírito *mordaz* ataca tudo e todos, não poupa ninguém; abocanha a honra, ofende a boa reputação, atraindo por isso o ódio ou o desprezo de todos. Um espírito *satírico* ataca, sobretudo, os vícios e os defeitos mais censuráveis; as suas armas são um gracejo vivo e picante, e algumas vezes a indignação e a veemência: é um moralista ou um juiz de mau humor, que condena, pune e instrui". – Entre **mordaz** e **mordente** há diferença bem sensível: **mordente** significa mais "espicaçante, pungente, provocador" do que só **mordaz**. Poderia ainda alguém dizer – sátira *mordente* (e talvez não – sátira *mordaz*). – Entre **cáustico** e **causticante** parece haver apenas a distinção marcada pela ideia de atualidade, de flagrância, que se inclui em **causticante**. Parece também que este tem mais força que o primeiro, devida ao sufixo de atividade *ante*. Aquela palavra ou aquela frase saiu *causticante* como ferro em brasa (e não – *cáustica*). Diremos com mais propriedade – estilo *cáustico* (em vez de – *causticante*); – palavra *causticante* (em vez de – *cáustica*). – **Irônico** é o que contém, ou o que diz ironia, isto é – que usa de uma palavra ou frase (ou mesmo gesto, atitude, postura) para exprimir exatamente o contrário do que diz ou afeta. Dizemos tanto – termos *irônicos*, como – olhar *irônico*; saudação, discurso, elogio, até carinhos *irônicos*. – **Pungente** é um tanto mais forte e subtil que **mordente**: o que *punge* "penetra como espinho". – **Pungitivo** é "o que tem qualidades para pungir, picar, penetrar afligindo". Há palavras, frases *pungitivas*, mas que só *pungem* a certas almas. Dizer – "bandido" a um santo será usar de uma palavra *pungitiva*, isto é – capaz de pungir (mas não – *pungente*). Dizer – "santo" a um bandido seria dizer-lhe uma palavra *pungente*. – **Picante** é "o que é acre, e pica, irrita, como ao paladar a pimenta". – **Acre**, como já vimos em outro grupo (o XCVIII) é "o que tem sabor picante e corrosivo"; e, no sentido figurado, designa "o que é rude e violento, áspero e desabrido". É usado mais frequentemente no superlativo: *acérrima* ironia, invetiva, etc. – **Lancinante** é "o que penetra causando grande dor; o que corta, rasga como estilete". Gritos *lancinantes* = os que entram na alma de quem os ouve como lancetas. – **Ferino** é "o que é selvagem, feroz, próprio de fera": e no sentido figurado – "o que é rude, brutal, cruel". Talvez porque se julgue esta palavra como originada do verbo *ferir*, é frequente vê-la empregada como signifi-

cando – "o que *fere* sem piedade, amargamente". – **Sarcástico** é "o que envolve mais do que ironia pungentíssima: é o que revela desprezo, intuito de humilhar, de ofender mostrando repugnância". Aproxima-se-lhe muito **escarninho**, equivalente a – "o que envolve ou manifesta escárnio, que é como nojo pela pessoa ou coisa escarnecida". – **Cruciante** vale por "aflitivo como o sacrifício da cruz; doloroso em excesso, cruel e pungente em extremo". – **Terebrante**, no sentido em que aqui o tomamos, é "o que punge como acúleo (como verruma...) até o mais fundo da vida".

479

CEGAMENTE, **às cegas**. – "Fazer alguma coisa **às cegas**" – escreve muito bem Lac. – "é fazê-la sem razão suficiente, para o fazer ou deixar de fazer. Fazer alguma coisa **cegamente** é fazê-la porque se põe confiança na pessoa que manda, persuade, ou aconselha que se faça".

480

CELEBRAR, **solenizar**, **festejar**, **comemorar**, **rememorar**. – Consideram-se aqui estes vocábulos na acepção que lhes é comum, de indicar o modo de render homenagem a qualquer pessoa ou acontecimento. – **Festejar** (do latim *festus* "alegre") é, dos três primeiros verbos deste grupo, o único que claramente encerra a ideia de *festa*, de alegria. É com hinos de louvor e de alegria que a Igreja católica *festeja* um santo; é com danças e divertimentos que o povo *festeja* S. João, S. Pedro e S. Antônio. – **Celebrar** e **solenizar** dizem-se tanto dos acontecimentos alegres como dos tristes, como dos grandiosos. – **Celebrar** encerra duas ideias principais: a de ser grande o número de pessoas que concorrem e a do aparato da festa ou da cerimônia *celebrada*. O padre *celebra* a missa; *celebram-se* exéquias; *celebra-se* um aniversário com grandes festejos. – **Solenizar** é celebrar com pompa extraordinária, e a fim de bem gravar no espírito a lembrança do acontecimento que se *soleniza*, quer seja atual, quer passado. (Bruns.). – **Comemorar** é "celebrar festa solene que recorde algum sucesso, acontecimento, época extraordinária na vida de uma nação ou uma família". – **Rememorar** é "repetir uma comemoração, recordar outra vez uma data ou acontecimento".

481

CELESTE, **celestial**; **divino**, **divinal**; **célico**, **celígeno**, **deífico**. – Entre **celeste** e **celestial** há uma diferença, que em certos casos é fundamental, marcada pela partícula de extensividade que figura no segundo. – **Celeste** significa – "próprio do céu (e também de Deus) que está ou que aparece no céu, que vem do céu". – **Celestial**, tendo a mesma significação, designa, em certos casos, "o que é como se fosse *celeste*". Dizemos: cólera *celeste* (cólera divina) e não – cólera *celestial*; o semblante *celestial* de uma menina (e não – *celeste*). – Entre **divino** e **divinal** há uma distinção análoga. Ninguém diria – misericórdia *divinal* – em referência à misericórdia de Deus (e sim – misericórdia *divina*). Como ninguém diria – a ternura *divina* daquela mãe (mas – a ternura *divinal*). Na maioria dos casos, entretanto, empregam-se indistintamente **celeste** e **celestial**, **divino** e **divinal**. – **Célico** e **celígeno** são termos usados na poesia, significando: o primeiro, *celestial*, do céu" [nem sempre – *celeste*, pois este pode valer ainda como um restritivo de firmamento, conforme se vê em – corpo *celeste* (referindo-nos a um astro, e não – corpo *celestial*)]. – **Celígeno** quer dizer – "nascido no céu, vindo do céu, que tem origem no céu". – **Deífico** é também termo poético, significando mais – divinizante – que propriamente – divino.

482

CELIBATÁRIO, solteiro. – Concordam estes vocábulos em designar a pessoa que não casou; e na maior parte dos casos podem ser empregados indistintamente. – **Solteiro**, porém, a não ser no último exemplo deste artigo, indica essa ideia sem nenhuma outra acessória; enquanto que **celibatário** encerra frequentemente a ideia de não poder ou não querer contrair matrimônio. Dos sacerdotes católicos dizemos que são *celibatários*, e não – *solteiros*. De um ancião se diz que é *celibatário* quando se quer designar o seu estado social; e *solteiro* – às vezes até *solteirão* – quando queremos pôr em relevo o seu estado de independência, de não sujeição aos laços da união conjugal (Bruns.).

483

CENOTÁFIO, sarcófago, túmulo, mausoléu; jazigo, monumento, sepulcro, sepultura, carneiro, hipogeu, campa, catacumbas, cova. – Das quatro primeiras palavras deste grupo escreve Roq.: "Designam estes vocábulos o monumento elevado à memória de algum defunto ilustre, mas cada um deles recorda particular circunstância pela qual se diferençam". – **Cenotáfio**, da palavra grega *kenotaphion* (de *kenos* "vazio", e *taphos* "sepulcro"), tem no português a mesma significação de monumento sepulcral, erigido à memória de defunto enterrado em outro lugar. – **Sarcófago**, igualmente do grego *sarkophágos* [de *sarx* (genit *sarkós*), "carne", e *phagein* "comer"] é adjetivo substantivado concordando com *lithos* "pedra", que designava uma espécie de pedra calcária que consumia as carnes; e por extensão – o sepulcro feito desta pedra, e em geral – sepulcro em que o cadáver se consumiu. Da palavra latina *tumulus* (a *tumore terræ*), que em sentido reto significava "montículo", fizemos nós **túmulo**, só com a significação figurada de sepulcro, que entre os latinos também tinha; mas – sepulcro levantado da terra, como diz a etimologia, e a que os nossos antigos chamavam *moimento*. – **Mausoléu** (do latim *mausoleum*) foi primitivamente nome próprio, que designava o magnífico e sumptuoso monumento sepulcral que a rainha Artemísia mandou erigir a seu marido Mausolo; passou depois a ser nome apelativo, designando os sepulcros grandiosos dos reis, como se vê da seguinte passagem de Floro: *In mausoleum se* (Cleópatra), *sepulcra regum sic vocant, recipit* (4, 11). Mais tarde, estendeu-se a todo sepulcro magnífico e sumptuoso, como se vê em Ferreira: "*Mausoléus* aos mortos não dão vida". (*Eleg.* 6). – **Jazigo** é "o pequeno edifício, ordinariamente em forma de templo, e numa necrópole, onde se depositam os cadáveres ou os ossos dos membros de uma família". É um mausoléu menos sumptuoso. – **Monumento** (ou **moimento**, que é forma antiquada) é "toda construção grandiosa levantada à memória de um morto, contenha-lhe ou não os restos". – **Sepulcro** e **sepultura** (do mesmo latim *sepelire*) sugerem a ideia de "ocultar, esconder": designam, portanto, o lugar onde se sepultam os mortos. **Sepulcro** é mais nobre, supõe alguma coisa mais que simples *sepultura*, que é apenas o espaço que se abre na terra para guardar o cadáver. Dizemos, por exemplo – *sepultura* rasa, e não – *sepulcro* raso. O próprio animal pode ter *sepultura* (não – *sepulcro*). – **Sepultura** é, pois, quase o mesmo que **cova**: apenas a **cova** é uma sepultura ainda mais tosca e mais ligeira. Nenhuma das duas têm saliência, ou qualquer construção acima do solo. – **Carneiro** é o lugar subterrâneo, guarnecido de muros, onde se depositam cadáveres. O **carneiro** pode ser levantado do solo. É este o nome que mais comumente se dá aos depósitos de cadáveres que não são propriamente simples sepulturas. – **Hipogeu** só será usado hoje em linguagem poética: designa,

como insinua a própria etimologia, subterrâneo, cova. – **Campa** é, propriamente, "a lápide que cobre o sepulcro ou mesmo a sepultura rasa": toma-se frequentemente pela própria sepultura. – **Catacumbas** eram as vastas construções subterrâneas destinadas a guardar cadáveres. Por extensão, dá-se ainda hoje o nome de **catacumba** ao grande túmulo comum.

484

CENSURA, **crítica**, **sátira**; **admoestação**, **observação**, **advertência**, **ponderação**, **comentário**, **repreensão**, **arguição**, **recriminação**, **objurgatória** (**objurgação**), **remoque**, **reproche**, **exprobração**, **reprimenda**. – Das três primeiras do grupo, diz Roq.: "**Censura** vem da palavra latina *census* 'censo', que era entre os romanos a declaração autêntica que os cidadãos faziam de seus nomes, residência, família e bens, ante os censores ou censitores, magistrados da primeira plana, cujos mui importantes cargos eram guardar o padrão ou registro do povo, repartir as quotas dos impostos, cuidar da polícia, e, sobretudo, dos costumes públicos, adotando os meios de reformá-los, castigando aos que os pervertiam com seu desordenado procedimento. Este nome, no uso comum, veio a ficar reduzido à *censura* dos costumes públicos, e, em especial, ao exame, julgamento e correção dos livros, aprovando-os ou desaprovando-os, como coisa a mais conducente para a boa moral pública; com o que o cargo de censor vem a ser o de uma espécie de magistrado na república literária, como era o dos antigos na política. – **Crítica** é palavra grega *kritiké* (de *krino* 'julgar, distinguir') e significava a arte de julgar as obras de engenho. Tem muita relação com a **censura**, porque é o juízo fundado que se faz das obras, segundo as regras da arte e do bom gosto; e esta é uma das circunstâncias que a diferençam daquela – a **censura** – cuja significação, como vimos, é mais extensa. Distinguem-se também em que o objeto da **crítica** não é precisamente o de *censurar*, repreender e corrigir as obras; senão o de examiná-las, julgá-las literariamente, dar a conhecer suas belezas, e notar-lhes os defeitos, mas sempre com fundamento e equidade; sendo que a **censura** leva consigo a repreensão, a correção e o castigo do que aparece contrário à lei, à razão, à verdade, aos bons costumes, sem se importar com o estilo, nem com o desempenho das regras de bem escrever. Muitas obras há que pela solidez dos princípios, e pela utilidade das verdades que defendem ou anunciam, são irrepreensíveis aos olhos da **censura**; mas que pela má disposição das matérias, impureza da linguagem, confusão e obscuridade do estilo, são defeituosíssimas aos olhos da **crítica**. Aprova a **censura** o que muitas vezes condena a **crítica**; assim como pode acontecer que a **crítica** literária nada tenha a dizer onde a **censura** moral muito tenha que repreender e condenar. A **crítica** supõe a **censura**, pois não se pode julgar de uma obra sem notar defeitos maiores ou menores, que são inseparáveis de tudo que é humano; nem sempre, no entanto, a **censura** supõe a **crítica**, pois muitas pessoas pouco instruídas e muito audazes atrevem-se a *censurar* sem serem capazes de fazer a devida **crítica**. – A **sátira** é um juízo, raramente imparcial, em que, pondo de parte o que pode merecer elogio, se ridiculizam os defeitos. Não há coisa mais difícil que fazer uma boa **crítica**. Não há coisa mais fácil que agradar ao público com uma **sátira**. Assim que a **crítica**, como a **sátira**, podem talvez ter por objeto a correção e o desengano; porém os meios de que se valem são muito diferentes; porque a **crítica**, mais moderada, faz ver o erro como tal, para que se emende ou evite; a **sátira**, rara vez imparcial, e sempre violenta, representa o ridículo, para que se despreze.

Aquela instrui mais que recreia; esta recreia mais que instrui. Daqui vem que a eficácia da **sátira** é maior e sem efeitos mais perigosos. Uma **crítica** necessita ser mui bem fundada para corrigir, ou para estabelecer uma opinião. Uma **sátira** ligeira pode fazer esquecer o mérito mais sólido". – **Admoestação** é "o ato de fazer sentir o erro ou falta cometida, para que o admoestado não reincida nela". A **admoestação** é sempre feita em termos brandos. – **Observação** é "o ato de advertir fazendo considerações sobre a falta cometida ou sobre o dever que se deixou de cumprir". – **Advertência** é "o ato de chamar atenção para o mal que se fez, ou para a falta em que se caiu mais por descuido que por desídia". – **Ponderação** será "uma advertência ou observação mais disfarçada, ou em termos menos positivos, e mais reflexionando, sobre a coisa a respeito da qual se *pondera*, do que propriamente advertindo". – **Comentário** é "o exame ou mesmo a crítica, ilustrada de exemplos e largas considerações, sobre a conduta de alguém". – **Repreensão** "é o ato de condenar o erro ou a falta cometida: o que é sempre feito com certa acrimônia, ou em termos mais ou menos ásperos". – **Arguição** é "o ato de acusar alguém de falta ou erro, mostrando-lhe, com razões e argumentos, como cometeu tal erro ou falta". – **Recriminação** é "a censura mais forte, a acusação mais grave e violenta com que se rebate a outra censura ou acusação". – **Objurgatória** é "a repreensão áspera, a censura ou acusação desabrida que se lança à face de alguém, mais como invetivando-o do que simplesmente fazendo-lhe acusações e censuras". – **Objurgação** é "o ato, ou melhor – a ação de objurgar, ou de acusar desabridamente". – **Remoque** é "dito ou frase picante que mal dissimula a intenção de repreender, de criticar malevolamente". – **Reproche** é palavra francesa de que muito se abusa. Significa – "ato de lançar em rosto a alguém a falta cometida, ou defeitos e vícios, com o intuito de envergonhá-lo". – **Exprobração** enuncia a ideia de "lançar em rosto as culpas, ou faltas, ou vícios de alguém". – **Reprimenda** = "admoestação formal e severa, de superior a inferior".

485

CERIMÔNIA, **rito**, **ritual**, **liturgia**. – Segundo Roq. – "o **rito** é a reunião de todas as **cerimônias** de um culto religioso, não precisamente postas em prática, senão compiladas por escrito para sua execução, e autorizadas pelo Sumo Pontífice, ou pelo patriarca de alguma seita; por isso se diz – o *rito* romano, o *rito* grego. As **cerimônias** são o modo por que o **rito** se executa. **Rito** exprime mais que **cerimônia**. O **ritual** romano, entre nós, prescreve as **cerimônias** com que se devem celebrar os ofícios divinos; a maneira de executá-lo são as **cerimônias**". – **Ritual** e **rito** confundem-se aqui. Mas nesta frase, por exemplo: "Vamos celebrar o ato com todo o rigor do *ritual*" – não seria admissível a palavra *rito*. – **Ritual** é, pois, o conjunto de cerimônias que, para os diferentes atos de um culto, estão prescritas por quem tinha autoridade para estabelecer o **rito**. – Entre **liturgia** e **rito** há diferenças essenciais. Dizemos, por exemplo, que F. é católico do *rito* grego, e não – católico da *liturgia* grega. E, no entanto, **liturgia** é também "o modo como se regula a execução das cerimônias de um culto público". É evidente que aplicamos **rito** quando queremos assinalar diferenças de **liturgia** ou de cerimônias entre cultos da mesma religião. Não dizemos – o *rito* romano – senão quando queremos diferençar as cerimônias do culto católico romano das de outro culto também católico mas não romano. Quando se diz – *ritual* romano – já não se marca tão bem, ou com tanta evidência, essa diferença: o que

parece que aproxima este termo **ritual** mais de **liturgia** que mesmo de **rito**. Dizemos – *liturgia* católica (e não – *rito* católico – salvo se quisermos distinguir entre **rito** católico e **rito** protestante).

486

CHAMA, **flama**, **labareda**, **fogueira**, **incêndio**, **lume**, **fogo**; **faísca**, **fagulha**, **chispa**, **centelha**. – **Chama** é, segundo Lacerda, "a parte mais luminosa do **fogo**, e que se levanta em forma piramidal acima do corpo que arde. – **Flama** tem a mesma significação (é a forma erudita do latim *flamma*, de que **chama** é a forma popular), porém é palavra preferível para o estilo culto, porque a palavra **chama** se tornou vulgar. – **Labareda** designa grande chama, que se eleva e ondeia em línguas de fogo. – **Lume** exprime propriamente o que dá luz e claridade; e **fogo**, o que causa calor, queima e abrasa. No uso vulgar confundem-se estas palavras; mas, no sentido translato, deve notar-se com cuidado a diferença que há entre uma e outra. Dizemos – o *lume* da razão, mas não se pode dizer – o *fogo* da razão. Dizemos – o *fogo* da mocidade, mas não se dirá – o *lume* da mocidade. É certo que se diz – o *lume*, ou – o *fogo* dos olhos; mas é porque nos olhos há estas duas propriedades, pois que, ou cintilam e dão luz, como o **lume**; ou queimam, e comunicam o calor e ardor da paixão, como o **fogo**. Todavia, é mais correto dizer – o *fogo*, do que – o *lume* dos olhos. – **Fogueira** é, por assim dizer, o resultado do **fogo**: é o **fogo** aplicado à matéria combustível (e a esta circunscrito – como diz muito bem Bruns.); é essa matéria acesa, em ala, e grande labareda ou brasido". – **Incêndio** é "grande **fogo** ou **fogueira** que se alastra e devora". – **Faísca**, **fagulha**, **chispa** e **centelha** designam todas "pequenas porções de fogo ou de matéria inflamada que se desprendem de fogo maior". – **Chispa** dá ideia da rapidez com que a partícula ardente se desprende; e **centelha** dá ideia da luz produzida pela fagulha (e é como se se dissesse – partícula de chama).

487

CHAMARIZ, **engodo**, **reclamo**, **isca**, **negaça**, **atrativo**. – Dos três primeiros vocábulos deste grupo diz Bruns.: – "O **chamariz** é o que atrai o público a alguma parte; o **engodo** é a astúcia que o engana; o **reclamo** é o que desperta a atenção para o **chamariz**". Isso, entende-se, tomadas essas palavras em sentido restrito; pois, num sentido mais extenso, o **chamariz** tanto atrai o público a alguma parte, como pode atrair, para um ponto, ou para algures, uma porção de crianças, uma récula de garotos, um bando de aves, um cardume de peixes etc. De **engodo** quase que se pode dizer outro tanto. Só de **reclamo** é que se não poderia fazer, pelo menos nem sempre, mais que o uso indicado. – **Isca** é "tudo que se prende ao anzol para atrair e enganar o peixe", e figuradamente, é "tudo que serve para engodar alguém". – **Negaça**, particularmente, é "o nome que se dá ao pássaro que se deixa na gaiola de alçapão para chamar os outros"; e num sentido geral, é "o que serve para provocar, seduzir, enganar". – **Atrativo** é termo genérico, designando "tudo que atrai, que chama atenção, que faz convergir".

488

CHAPADA, **planura**, **planalto**, **esplanada**, **planície**. – **Chapada** é "extensão de terras mais ou menos planas no alto de montanhas, ou a certa altura delas". – **Planura** é quase o mesmo que **planície**: apenas sugere ideia de beleza de panoramas, de situação aprazível; enquanto que **planície** é "toda extensão de terras chãs e baixas, isto é – não no alto nem na encosta de montanhas". – **Planalto** é "grande planura elevada, ou vasta planície

muito alta, que se eleva gradualmente". Hoje usa-se muito, e sem necessidade, do francês *plateau*. – **Esplanada** é "uma arca muito plana em volta ou à frente de algum edifício"; e por extensão – toda superfície de terreno plano que não chega a ser planura.

489

CHEIA, **inundação**, **enchente**, **dilúvio**. – De **cheia** e **inundação** diz Roq.: "Posto que no uso comum da língua se confundam estes dois vocábulos, são eles contudo distintos quanto à etimologia, e designam duas coisas que se não devem confundir. Quando as águas alteiam nos rios, e transbordam nalguns sítios que alagam, chama-se a isto com propriedade **cheia**. Quando os rios saem da madre, não conhecem limites, estendem suas águas pelas veigas, e *inundam* os campos e prados vizinhos, diz-se que há **inundação**. Às grandes *cheias* do Tejo deveria chamar-se *inundações*, porque muito se parecem com as do Nilo. Distingue-se ainda **cheia** de **inundação** em que aquela só se diz de rios ou ribeiras; e esta, **inundação** pode dizer-se também do mar, de depósitos de água, etc. **Cheia** tem só a significação reta; e esta, além da natural, a figurada de – multidão excessiva. Diz-se – *inundação* de bárbaros, e não se pode dizer – *cheia* de bárbaros". – **Enchente** diz no sentido próprio – abundância, crescimento, fase em que alguma coisa se avoluma: daí a acepção particular de – **cheia**, em que pode ser tomada. É também o contrário de vazante; e, por isso, nem sempre a **enchente** é **cheia**. Há rios que enchem e vazam em época certa; e então quando a respeito desses se diz – *enchente* – não se quer dizer – *cheia*. É muito comum, no entanto, o emprego de **enchente** por **cheia**. – **Dilúvio** é "grande inundação, que parece alagar todo um continente". Usa-se, também, como **inundação**, no sentido translato: *dilúvio* de gente, *dilúvio* de misérias, *dilúvio* de alegrias.

490

CHISTOSO, **gracioso**, **espirituoso**, **faceto**, **engraçado**, **pilhérico**, **folgazão**, **trocista**. – **Chistoso** dizemos do "que nos distrai e faz rir com ditos picantes mas sem malignidade". Tanto se diz – pessoa *chistosa*, como – palavras *chistosas*, e até gestos, modos *chistosos*. – **Gracioso** é "o que mostra mais graça nos modos, nos gestos, na gentileza da figura, do que mesmo nas palavras, ou nos ditos". – **Espirituoso** é "o que tem *espírito* quando conversa (ou quando escreve); isto é, o que sabe dar uma nota fina e original sobre as coisas, os fatos, os homens". – **Faceto** é "o que encerra, ou o que emprega chiste ou graça leve, subtil e galante. Dizemos tanto – criatura *faceta*, como estilo *faceto*, conto *faceto*. – **Engraçado** é simplesmente "o que tem graça, o que provoca riso por meio de gracejos". – **Pilhérico** é "o que faz rir pelas *pilhérias*, isto é, pelos contos ou façanhas imaginárias que inventa e que inculca, com mais ou menos espírito". – **Folgazão** é o que se diverte, e diverte os outros, mais brincando ruidosamente que falando. Todos estes vocábulos se aplicam tanto às pessoas como às coisas. Moço *folgazão*; moço *pilhérico*; moço *engraçado*; e também: gênio, espírito *folgazão*; frase *pilhérica*; dito *engraçado*. – Entre **engraçado** e **gracioso** há grande diferença: este último é o que tem graça fina e delicada de si mesmo; aquele é o que mostra certa graça, que quer parecer espirituoso. Nesta frase, por exemplo: "Não se faça *engraçado*"; ou – "não faça de *engraçado*" – não caberia certamente o vocábulo **gracioso**. O moço *engraçado* pode fazer-se ridículo: o *gracioso*, não; pois, antes de tudo, este é gentil fazendo graças. O *engraçado* pode não ter graça nenhuma, pois ordinariamente é o imbecil que procura ser *engraçado*: o mesmo não se pode dizer – é até justo que o contrário se diga do *gracioso*, pois *graciosas* só podem ser as pessoas de apurada

educação, muito amáveis, e finamente galantes, que nos agradam até pelos gestos, pelo ar simpático; e mesmo pela discrição dos gracejos. – **Trocista** é "o sujeito que *faz* pilhérias, graçolas, brincadeiras com os outros, para rir à custa destes". Também se diz – gênio *trocista*, ares *trocistas*.

491

CHOCALHEIRO (**chocarreiro**), **linguareiro** (**linguarudo**), **garabulho**, **pernóstico**, **parlador**, **parlante**, **falador**, **falante**, **gárrulo**. – **Chocalheiro** é "o que fala muito e indiscretamente, fazendo barulho, estardalhaço como um *chocalho*; não guarda reserva em coisa alguma, e torna-se importuno falando a torto e a direito". Confunde-se mui comumente **chocalheiro** com **chocarreiro**, que é termo bem diferente, pois só se diz *chocarreiro* daquele que diz chocarrices, isto é, graçolas, chalaças grosseiras e próprias de gente baixa. O *chocalheiro* é leviano e indispõe porque importuna: o *chocarreiro* é petulante, e indispõe porque irrita. – O **linguareiro** é o que diz tudo que sabe; que divulga quanta coisa lhe disseram; é – como se diz em linguagem popular – o que "dá de língua" a propósito de tudo. Mas o **linguareiro** não tem malícia propriamente: fala por ser leviano, por ter o vício de não guardar nenhum segredo, por ser amigo de dizer novidades. Não assim o **linguarudo**, que é mais **falador** que **linguareiro**. O **linguarudo** fala mais ainda porque tem o vício de intrigar e maldizer que pelo desejo de falar. – Com o **linguarudo** pode confundir-se **falador**, pois este vocábulo não se emprega hoje para designar simplesmente o indivíduo que fala muito; mas sim – "o indivíduo que fala da vida alheia". Naquela acepção, isto é, significando indivíduo que simplesmente fala muito, emprega-se a forma **falante** que não encerra de modo algum a ideia de falar por maldade, ou falar maldizendo. – **Parlador** já não é também o indivíduo que só fala muito, nem o indivíduo que fala da vida alheia: designa mais propriamente o sujeito que mais fanfarreia do que fala, que é mais parlapatão do que linguareiro e do que linguarudo. – **Parlante** dirá um pouco menos que **parlador**; mas há de sugerir sempre a ideia de que pelo menos é pouco substancioso o que diz o **parlante**. **Garabulho** (ou **garabulha**) é palavra importada do italiano *garbuglio*, que significa "embrulhada, confusão, desordem"; e empregamo-la para designar "o sujeito que fala muito embrulhando tudo". – **Pernóstico** é "o sujeito pretensioso no falar; que fala muito, com muitos gestos e acionados, presumindo de tudo entender e falar muito bem". É termo popular (o mesmo que **pronóstico**, e formado de *prognóstico*). – **Gárrulo** é "o que fala como se falasse sem pensar, e sempre sobre coisas fúteis, e agitando-se, movendo-se, como fazem os passarinhos e as crianças".

492

CHOCAR, **incubar**. – Sobre estes dois verbos escreve Bruns.: "Ainda que estes verbos sejam sinônimos perfeitos[36], designando tanto um como o outro uma mesma operação, deve notar-se que **chocar** é não só relativo à transformação que se vai operando no ovo, mas também à causa dessa transformação, e que é o calor que ao ovo comunica a ave que sobre ele se mantém. – **Incubar** refere-se apenas à operação ou transformação, sem atender à causa... Deve dizer-se – *incubadora* artificial, não – *chocadeira* artificial, como às vezes se ouve. Falando das doenças que se desenvolvem pouco a pouco antes de se declararem abertamente, devemos empregar exclusivamente o verbo **incubar**..."

---

36 ~ Ou melhor – quase perfeitos, como se vê do próprio artigo transcrito.

493

CHOCAR, **melindrar**, **ofender**. – O verbo **chocar** sugere a ideia, que lhe é característica, da "impressão rude que produz uma ofensa, do abalo que pode causar uma frase nossa, ou mesmo um ato que se ponha em contraste com os sentimentos da pessoa a quem nos dirigimos, ou diante da qual falamos ou agimos". – **Ofender** é aqui tomado na acepção especial de "fazer a alguém coisa que o moleste, que o magoe, que o prejudique moralmente; ou em geral – coisa de que essa pessoa se ressinta". – **Melindrar** é "ofender os *melindres* de alguém, quer dizer o que esse alguém possui de mais delicado e sensível na sua natureza moral". Aquele que *melindra* nem sempre *ofende* propriamente, pois que **melindrar** supõe, na maioria dos casos, que é excessiva a suscetibilidade de quem se julga *melindrado*.

494

CHOQUE, **embate**, **conflito**, **encontro**, **contraste**. – São os dois primeiros vocábulos deste grupo os substantivos com que se designa o encontro mais ou menos violento de dois corpos que se embatem, um levando o outro de impelida, ou um deles recuando ao encontrar-se com o outro, ou mesmo recuando ambos depois de se encontrarem. O **embate** é violento; o **choque** pode ser ou não violento. Na palavra **embate** predomina a ideia de violência e de impetuosidade; na palavra **choque** apenas a de encontro (que não é senão o fato ou o ato de chegar uma coisa diante de outra)[37]. O navio que *embate* (ou *bate*) contra um rochedo abre-se e afunda: o mal não seria tão grande se tivesse havido somente *choque*. Duas locomotivas lançadas a todo vapor em uma mesma via, e caminhando uma para outra, têm um *embate* terrível; se, ao avistar-se, fazem contravapor os respetivos maquinistas, dá-se entre as máquinas um *choque* mais ou menos violento, mas não de terríveis efeitos. As ondas alterosas, que o vento impele, vêm *embater* contra a costa, elevam-se a grande altura, desfazem-se em espuma. De duas pessoas que caminhem apressadamente e que esbarrem uma com a outra ao dobrar de uma esquina, dizemos que tiveram *choque*; se caminhavam devagar não terão mais que *encontro*. (Segundo Bruns.) – **Conflito** é mais embate, luta propriamente do que simples encontro, ou mesmo do que choque. Ideias em *conflito*, por exemplo, não se entende que sejam ideias apenas contrárias ou opostas, mas ideias que se embatem. – **Contraste** é a oposição que existe entre duas coisas: não inclui ideia de choque, nem de luta, nem mesmo de encontro, senão de simples oposição.

37 Por isso mesmo é que é preciso admitir que choque não é simplesmente encontro, como se diz no artigo. Pode haver **encontro** sem haver **choque**, pois esta palavra dá ideia do abalo que o **encontro** produz.

495

CHORAR, **prantear**, **carpir**, **lamentar**, **gemer**, **lagrimar**, **soluçar**. – "Ao derramar, ou verter lágrimas chama-se **chorar**" – diz Roq. – do castelhano *llorar*, do latim *fleo*. É termo genérico, pois não só indica as lágrimas que provêm de dor e aflição, como as que por alguma circunstância se destilam das glândulas lacrimais. O fumo, os ácidos, etc. fazem *chorar* os olhos. *Chora-se* de alegria não menos que de tristeza. *Choram* também as videiras e os ramos quando se cortam. – Quando às lágrimas se juntam vozes queixosas, com lamentos – e talvez soluços, **pranteia-se**. O pranto é mais forte e intenso que o choro, porque neste derramam-se lágrimas com lamentos e soluços. – **Lamentar** é queixar-se com pranto e mostras de dor; e também exprime canto lúgubre em que se chora alguma grande calamidade. Jeremias *lamentou* poeticamente

as desgraças da ingrata Jerusalém, e a esta espécie de poema elegíaco se deu com razão o nome de *lamentações*. – Costumavam os antigos arrancar, ou pelo menos desgrenhar os cabelos, e desfigurar as faces, na ocasião de luto, e para exprimir esta ação de profunda dor, usavam do verbo **carpir**, e **carpir-se**, o qual, por extensão, veio a significar quase o mesmo que **lamentar**. Do uso de *carpir-se* sobre os defuntos se faz menção na *Crônica de d. João I*. Havia antigamente mulheres a quem se pagava para *carpir-se* sobre defuntos, e acompanhar os enterros, fazendo mostras de dor e aflição, e a que se chamava *carpideiras*. Refere-se, pois, este vocábulo especialmente às ações que demonstram dor e mágoa. De todas estas palavras, a mais poética, e que em lugar das outras muitas vezes se emprega, é o verbo **chorar**, de que o nosso poeta fez mui frequente uso, como estão dizendo os seguintes lugares:

> Os altos promontorios o *choraram*;
> E dos rios as aguas saudosas,
> Os semeados campos alagaram
> Com lagrimas correndo piedosas.
> (*Lus*. III, 84)

> As filhas do Mondego a morte escura
> Longo tempo *chorando* memoraram;
> E por memoria eterna, em fonte pura
> As lagrimas *choradas* transformaram.
> (*Ibid*. III, 135)

> *Choraram-te*, Thomé, o Gange e o Indo;
> *Chorou-te* toda a terra que pisaste;
> Mais te *choram* as almas que vestindo
> Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.
> (*Ib*. X, 118)

– **Gemer** é "dar sinal de grande dor, exprimir aflição, por meio de voz inarticulada e lamentosa". Os grandes prantos são sempre acompanhados de gemidos. – **Lagrimar** é "verter lágrimas". Julgam muitos que não passe este verbo de simples variante de lagrimejar (ou lacrimejar); mas, na acepção em que é preciso tomá-lo neste grupo, é de uma força e intensidade que o tornam indispensável na língua, para significar "verter lágrimas como por efeito de imensa dor, gemendo e pranteando". É com este sentido que empregou Dante o seu *lagrimare* num daqueles versos que pôs na boca de Ugolino:

> Ma se le mie parole esser, den seme,
> Che frutti infamia al traditor, ch'io [rodo,
> Parlare e *lagrimar'* vedrai insieme.
> (*Inf*. XXXIII, 3)

Ora, traduzir este *lagrimare* pelo nosso *chorar* não seria menos do que diminuir deploravelmente aquela grande figura. – **Soluçar** é "prantear e gemer com aflição, como se a alma abalada clamasse em desespero para fora". Por isso dizemos figuradamente que – o mar *soluça* e não – *pranteia*, nem – *chora*; pois há como que aflição monstruosa no embate das ondas contra a praia.

496

CIDADELA, **fortaleza**, **forte** (**fortim**), **castelo**, **praça**, **cidade fortificada**. – Segundo Bruns. – **cidadela** é a fortaleza que domina a cidade dentro da qual ela está edificada. Se o inimigo se apoderar da cidade, os seus habitantes podem continuar a defender-se na *cidadela*. É condição da *cidadela*, não só o estar dentro do recinto da povoação, mas também oferecer grandes meios de defesa. – **Fortaleza** é a construção que se eleva em qualquer ponto para defender uma cidade ou um passo. Na *fortaleza* há sempre guarnição fixa. – **Forte** e **fortaleza** confundem-se muito frequentemente; mas **fortaleza** nunca se deve dizer de uma fortificação pequena, podendo **forte** designar indiferentemente a que é grande, como a que é mediana. O *forte* pequeno é um **fortim**. – **Castelo** designa a

residência ou o recinto fortificado e geralmente construído em ponto elevado. Este termo tem hoje tão pouca aplicação quanto foi usado antigamente, principalmente na época que precedeu à invenção da pólvora. – **Praça** é a povoação fortificada em que há guarnição permanente. – Comparando **cidade fortificada** e **fortaleza**, diz Roq.: "são termos da arte militar, que é mister não confundir. As **fortalezas** diferençam-se das **cidades fortificadas**, não somente porque ocupam um espaço mais pequeno, senão também porque estão geralmente ocupadas e habitadas por militares. As **fortalezas** são como umas cidadelas destinadas a conservar trânsitos importantes, ou a ocupar alturas sobre que o inimigo poderia estabelecer-se vantajosamente, ou com outros fins de mais ou menos importância. Entende-se por **cidade fortificada**, a que também se chama **praça**, uma povoação cercada de muros e baluartes, que a defendem contra o inimigo, e que, além da guarnição, contém população mais ou menos numerosa. A praça de Elvas é uma *cidade fortificada*; o forte da Graça é uma *fortaleza*".

497

CIFRA, **zero**, **nada**. – Diz Bruns., que **cifra** e **zero** são sinônimos perfeitos, sendo o primeiro o nome vulgar do algarismo que em matemática se denomina **zero**. E, no entanto, à vista do próprio exemplo que deu o autor, é preciso admitir alguma diferença entre as duas palavras. O exemplo é este: dizemos – tantos graus abaixo de *zero*, e não – abaixo de *cifra*. Isso quer dizer que **zero**, melhor do que **cifra**, dá ideia de simples sinal (com que nos números se marcarão as casas onde não houver algarismos representativos). E a prova disto temos em que **cifra**, além de sinônimo de **zero**, significa também – "número ou quantidade que resume outras quantidades". Dizemos: – a receita atingiu ou excedeu a enorme *cifra* de tanto (e não – ao enorme *zero*...). – **Nada** aqui, é o nome que se dá ainda mais vulgarmente ao **zero**. Nunca ouvimos nas nossas escolas, de qualquer grau, dizer-se: "três vezes nove – vinte e sete, noves fora – *zero*"; e sim – "noves fora – *nada*".

498

CIGANO, **boêmio**, **vagabundo**, **valdevino**, **ambulante**, **nômade**, **zíngaro**. – **Cigano** (de **zíngaro**, ou *zingano*) é "o indivíduo que vive errante, como os ciganos ou boêmios, a vender bugigangas, a enganar a quantos pode, especulando de todos os modos". – **Boêmio** é propriamente o nome que os franceses dão ao **cigano**; mas tem hoje nas rodas cultas um sentido muito particular, designando "o artista, ou o literato que *só vive pelo espírito* e pouco se importa de prover as próprias necessidades materiais da vida, vivendo por isso quase sempre em grande penúria, e culpando disso os outros homens e a sociedade, contra os quais deblatera ferozmente". – **Vagabundo** (que já ficou em outro grupo) entende-se que é "o indivíduo que *vaga* e erra, sem serviço; em regra de maus costumes, provocador, desordeiro, e vivendo de astúcias e furtos". – **Valdevino** (ou **valdevinos**) é "o sujeito desocupado, mas sem os vícios ou as maldades do vagabundo". – **Ambulante** não encerra ideia alguma depreciativa: é apenas "o indivíduo que anda de lugar em lugar; que não se fixa, ou que não exerce as suas funções ou misteres num só ponto certo". – **Nômade** é "o designativo de povo ou de tribo que vive mudando continuamente de terra". – **Zíngaro** (ou **zingano**) é quase o mesmo que cigano, mas designa apenas a raça ou povo que vagueia por muitos países da Europa, da Ásia Menor, da África e da América; e não tem o sentido pejorativo que se dá hoje comumente à palavra **cigano**, que só sugere os vícios característicos daquela gente vagabunda.

499

CIMENTAR, consolidar; firmar, prender, fixar, fortalecer. – **Cimentar**, no sentido figurado, é "fazer mais firme e seguro aquilo que já está firme". *Cimenta-se* a paz entre dois povos, estreitando as relações que entre eles já existia. *Cimenta-se* pelos laços de família uma velha amizade. – **Consolidar** é "firmar o que carece de firmeza; tornar efetivo e permanente o que ainda não tem esse caráter; dar unidade e força a alguma coisa, fazê-la fixa e inabalável". *Consolida-se* uma paz que fora celebrada sobre bases muito frágeis. *Consolidam-se* relações que tinham sido feitas ligeiramente. – **Firmar** é "tornar firme, sólido, durável" – sem sugerir ideia da situação anterior da coisa que se *firma*. Nisto parece consistir a diferença entre este e o precedente verbo. Quando dois exércitos, ao cabo de longas negociações, acordam em celebrar a paz, dizemos: – "afinal *firmou-se* a paz" (e não – *consolidou-se*, pois só se *consolida* aquilo que já existe e que apenas não está sólido). E, no entanto, em quase todos os casos (nem sabemos se há exceções) em que se emprega **consolidar** poder-se-á suprir este verbo por **firmar**. – **Prender** é "tornar fixo, seguro". Deste verbo distingue-se **fixar** pela ideia, que este sugere, do estado de imobilidade em que se põe aquilo que se *fixa*: ideia que não é essencial em **prender**. – **Fortalecer** é "fazer mais forte aquilo que não era ainda tão forte, ou mesmo que era fraco".

500

CÍNICO, impudente, descarado, desvergonhado (desavergonhado), despudorado, impudico, safado, patife, canalha, reles, deslavado, safardana, asqueroso, hediondo, sujo, sórdido, imundo, repugnante, repulsivo, repelente, desfaçado. – Todos estes adjetivos enunciam a ideia geral de desvergonha ostentosa, e baixeza e abjeção que repugnam. – **Cínico** é o que se vangloria de não ter vergonha, e pratica os atos mais indignos sem que a alma lhes sinta um gesto de repulsa. – O **impudente** é também, como o **cínico**, desafrontado, mas propriamente não timbra de sua desvergonha: é antes frio, impassível na torpeza, e não se impressiona com o testemunho dos outros, nem com as censuras que lhe façam. – **Descarado** é o sujeito "que até no semblante, ou no gesto se mostra *impudente*, mas que não tem deste o despudor imperturbável, e antes parece que é mais leviano do que *cínico*". – **Desvergonhado** diz por si mesmo – "espúrio de *vergonha*; que carece de brio". Entre **desvergonhado** e **desavergonhado** mal se poderia notar a distinção que consiste em ser o último talvez mais próprio para exprimir o estado atual do que perdeu a *vergonha*; pois **desvergonhado** equivale a – de todo privado de *vergonha*; e **desavergonhado** = sem mais a *vergonha* que tivera, ou que se devia esperar que tivesse. – **Despudorado** é o que se mostra destituído de *pudor*. Distingue-se este vocábulo entre os do grupo, e sobretudo entre os precedentes, desde que se não perca de vista que o *pudor* é um sentimento muito fino e melindroso do próprio crédito, do conceito moral de si mesmo. **Despudorado** fala-nos, portanto, mais de um estado atual, de um como deslize daquele que esqueceu o seu pudor – do que propriamente de uma condição ou de uma qualidade do caráter. E é por isso talvez que se usa mais na forma adverbial – despudoradamente (isto é – sem aquele pudor que se esperava, ou que era conhecido, e cuja ausência agora nos revolta por ser estranho). – **Impudico** diz apenas – "não pudico" (isto é – sem o pudor que lhe é, ou que lhe era ou seria próprio e natural). Dizemos, por isso – a Vênus *impudica* (e não – a Vênus *despudorada*, porque se não concebe uma Vênus *pudica*). Há, em suma, entre **despudorado** e

impudico uma diferença correspondente à que se deve notar entre **despudor** e *impudicícia*, sendo o **despudor** (quase equivalente de **impudência**) a falta, a ausência momentânea de *pudor*; e sendo a **impudicícia** uma qualidade do caráter **impudico**. Dizemos, por exemplo: "a *impudicícia* daquelas míseras criaturas é horrível, elas afrontam a luz do dia com *despudor* que nos confrange a alma"; e, portanto, dizemos também: "*impudicas* criaturas; quando as enfrentamos apareceram, ou mostraram-se tão *despudoradas* que eu cheguei a horrorizar-me..." – **Safado** é termo vulgar que designa "o que está moralmente estragado, gasto nos costumes". – **Patife** é "o que, além de safado, é audacioso e faz garbo de afrontar os dignos". – **Canalha** diz apenas – "baixo no proceder, sem a nobreza que se julga própria dos homens que se prezam". – **Reles** é "o que se conduz como o comum dos tipos malcotados". – **Deslavado** é um pouco menos que descarado: é o que pratica uma ação ilícita ou pouco digna sem pestanejar, mas muitas vezes sem parecer que tem uma perfeita consciência dela. – **Safardana** (pode ser empregado tanto como adjetivo como com a função de substantivo) é "o safado no ínfimo grau de abjeção, não tendo mais escrúpulo no que faz, nem mais nada a perder". – **Asqueroso** é "o que causa asco e produz náuseas". – **Hediondo** é "o que fede, que infeciona, corrompe, empesta o ambiente, como se fosse coisa podre". – **Sujo** é "o que no moral tem um como aspeto de farroupilha; que tem alma desasseada como um sujeito que não se trata". – **Sórdido** é "o que, além de sujo, é torpe, nojento, repugnante". – Entre **imundo** e **sujo** mal se poderia notar a distinção subtilíssima que consiste em que **imundo** se adapta melhor a ser aplicado no sentido translato. Poderemos dizer, por exemplo, que – F. tem desejos *imundos* (e não – *sujos*). – **Imundo** diz mais propriamente – "não puro"; e **sujo** – "não limpo". – **Repugnante** é "o que se recusa porque nos causa aversão ou nojo". – **Repulsivo** é "o que se afasta com horror; e também o que indica repulsa violenta: aspeto, figura *repulsiva*; gesto *repulsivo*". – **Repelente** é "o que inspira aversão, e que se nega e rejeita porque nos repugna". – **Desfaçado** é "o descarado audacioso, o cínico atrevido, que pratica indecências ou indignidades sem temor nem vergonha".

501

CINGIR, **rodear**, **cercar**, **apertar**, **circular**, **abraçar**, **circundar**, **abarcar**. – Sobre os três primeiros escreve Bruns.: – **Cingir** (do latim *cingere*) significa propriamente pôr alguma coisa à roda de uma parte do corpo, principalmente da cintura ou da cabeça, sobrepondo o cinto em voltas sucessivas para melhor defender ou abrigar a parte que se *cinge*. Por extensão se diz que os aros *cingem* as aduelas, para evitar que o líquido na vasilha se derrame. Em sentido metafórico se diz que – as muralhas *cingem* as povoações fortificadas para as proteger e defender; e, sempre sugerindo essa ideia de proteção e de defesa, dizemos que – o rei *cinge* o diadema ou a coroa; e que – o papa *cinge* a tiara; pois tais emblemas tornavam antigamente sagradas as pessoas do rei e do papa. – **Rodear** diferença-se de **cingir** principalmente em este último verbo expressar que o objeto que *cinge* fica em contato com a parte que é *cingida*: ideia que não apresenta **rodear**, pois pode-se *rodear* a certa distância. Uma povoação *rodeada* de montes é raro que não tenha grandes tratos de planície entre si e a base desses montes. – **Cercar** diferença-se de **cingir** também pelo fato de não indicar que o que *cerca* esteja unido ao que é *cercado*; diferença-se de **rodear** em sugerir este apenas a ideia de não haver solução de continuidade no que *rodeia*; incluindo **cercar**, não

só essa mesma ideia, mas ainda a de que o *cerco* (ou *cerca*) pretende impedir que se entre ou que se saia do recinto *cercado*. O que *cinge* rodeia e protege de perto; o que *rodeia* ou *cerca* protege ou envolve de mais ou menos longe. O que *rodeia* está posto mediata ou imediatamente em roda do objeto *rodeado* com um fim qualquer. O que *cerca* rodeia exclusivamente para defender, ou para impedir a entrada ou a saída. – **Apertar** é "cingir de perto, muito unido, com esforço mesmo". Distingue-se de **cingir** em não dar necessariamente a ideia de que se *aperta* em volta ou por todos os lados. – **Circular** é "fazer correr ou estender alguma coisa em torno de outra coisa"; e como verbo intransitivo é "dirigir-se, mover-se circularmente de modo que volte ao ponto de partida". (Aul.). – **Abraçar**, como já vimos em outro grupo, é "cingir com os braços", ou figuradamente "rodear, compreender, cingir como com os braços". – **Circundar** é "pôr, estender à roda ou em torno; ficar em volta de..." – **Abarcar** é quase o mesmo que **abraçar**, diferençando-se deste apenas em sugerir a ideia de que "se quer abranger tudo ou o mais que é possível abarcando".

502

CINZELAR, **burilar**, **esculpir**, **gravar**, **entalhar**, **lavrar**, **lavorar**, **lavorear**, **imprimir**. – Os dois primeiros verbos só se distinguem pela diferença dos instrumentos com que se *cinzela* e se *burila* respetivamente. – **Cinzelar** é "lavrar com o cinzel, ou a cinzel"; e, no sentido figurado, dá ideia da correção, capricho e delicadeza, do fino esmero e apuro com que se executa uma obra, principalmente literária. – **Burilar** é "lavrar a buril"; e no sentido figurado sugere ideia do cuidado minucioso, do esforço ponderado e tenaz com que se dá à obra que se *burila* uma perfeita nitidez e uma impecável correção de forma, fixa, indelével. Pode-se dizer indistintamente – o poeta *cinzela* ou *burila* versos de oiro. Apenas o verbo **cinzelar** é mais sugestivo de delicadeza meticulosa de forma; e o **burilar** – de majestade de estilo, de forma fixa, nítida, brilhante. – **Esculpir** é "lavrar a cinzel ou a buril". O escultor usa do cinzel quando *esculpe* em pedra, madeira, etc.; usa do buril quando *esculpe* ou grava em metal. – **Gravar** enuncia o mesmo que **esculpir**. É, no entanto, de sentido menos alto e nobre que **esculpir**: basta ver a diferença que há entre escultor e gravador. – **Entalhar** é "abrir, mais comumente em pedra ou madeira, gravar figuras, ornamentos, quase sempre combinando uma com outra madeira, e para isso abrindo corte ou incisão (*entalho*) numa delas, e embutindo aí porções da outra". – **Lavrar** tem significação muito lata; e "aplica-se em todos os casos em que se quer enunciar a ação de exercer algum esforço, algum trabalho de amainar, preparar, aproveitar, etc.; mas neste grupo tem a acepção especial de "cinzelar, dar forma, brilho"; e conserva, portanto, muito da generalidade que apresenta no sentido comum. – **Lavorar** = "fazer lavores: o mesmo que lavrar." – **Lavorear** – diz C. de Fig. que é provincianismo trasmontano, significando "adornar muito, tornar primoroso". – **Imprimir** é "desenhar, fixar alguma figura ou sinal sobre uma superfície, e por meio de pressão". – **Imprimir** é termo que na linguagem usual se aplica particularmente em referência ao trabalho tipográfico; e é mais próximo sinônimo de estampar.

503

CIRCUNLOCUÇÃO, **circunlóquio**, **perífrase**. – De acordo com Bourg. e Berg., escreve Bruns., sobre estes vocábulos: "Designam eles o rodeio de palavras de que se faz uso quando não se quer ou não se pode exprimir uma coisa em termos precisos. A **circunlocução** (ou **circunlóquio**) encerra

em si um caráter familiar que torna o seu emprego impróprio do estilo elevado. Ela não é senão um rodeio de palavras e de expressões desenvolvidas que se emprega em vez da expressão simples e natural, quer por ignorância ou olvido momentâneo do termo adequado, quer para facilitar a compreensão do que se diz. Quem, no decurso da conversação, não se recorda imediatamente da expressão mais breve e adequada, do termo próprio para exprimir a sua ideia, faz uso de um *circunlóquio*, ou – o que é o mesmo – de uma *circunlocução*. Também para não ferir certas suscetibilidades, para não ofender com certos termos menos decentes, ou mesmo para não nos exprimirmos em termos triviais, fazemos frequente uso de *circunlocuções*. A **perífrase** (do grego *peri* "em torno", e *phrasein* "falar")[38] é essencialmente oratória e poética, e por isso mesmo não convém ao estilo familiar. É uma figura de retórica com que se substitui a expressão simples de uma ideia por uma descrição ou expressão mais desenvolvida, porém só com o fim de dar ao discurso mais energia, mais nobreza, ou mais amenidade. Resulta do diferente caráter dos dois vocábulos uma diferença puramente convencional; porque, como vimos, a etimologia de ambos é a mesma (*loqui* sendo o equivalente latino, do grego *phrasein*, e *circum* o equivalente de *peri*) – resulta que a **circunlocução** pertence à linguagem comum, e tem mais relação com o fundo, ou com as ideias, que com a forma ou com as palavras; e que a **perífrase**, própria da linguagem seleta, é termo de retórica, e tem por isso mesmo mais relação com a forma ou expressão do que com o fundo ou com as ideias". – De **circunlocução** e **circunlóquio** diz o referido autor: "Muito frequentemente ouvimos dizer: – Não ande com *circunlóquios* (ou – Deixe-se de *circunlóquios*...); mas nunca se ouve: – Não ande com *circunlocuções*. Depende isto de **circunlocução** designar particularmente o modo de dizer, e **circunlóquio** o próprio dito. Assim, dir-se-á muito bem: – "À força de *circunlocuções* enredou-me o sr. com os seus *circunlóquios*".

38 Circunlocução é formada do latim *circum*, "em roda", e *loqui*, "falar".

504

CIÚME, zelo, inveja; ciumento, cioso, zeloso, invejoso. – De **ciúme** e **inveja** escreve S. Luiz com muita eloquência: "**Inveja** é um sentimento penoso, causado pelo bem, que outrem possui. – **Ciúme** é um sentimento penoso causado pela pretensão que outrem tem, ou receamos que tenha, de possuir um bem, que julgamos nosso ou que aspiramos venha a ser nosso exclusivamente. A **inveja** é mais geral que o **ciúme**. Aflige-se do bem alheio, ainda que não possa pretendê-lo, nem aspirar a ele, nem daí lhe venha mal algum. O **ciúme** é mais limitado na sua extensão, e somente domina aqueles que pretendem, ou podem pretender, a posse do mesmo objeto. A **inveja** é um sentimento baixo, abjecto; é o tormento das almas vis: tudo o que pode servir de alguma utilidade ou vantagem aos outros a irrita, como se o bem alheio fosse mal seu. O **ciúme** tem uma origem mais nobre: nasce do orgulho, isto é, da ideia vantajosa, que cada um tem da superioridade do seu merecimento; e olha como inimigo o competidor, que lhe disputa essa superioridade. A **inveja** rói e consome em segredo o coração que a nutre: envergonha-se (às vezes) da sua própria baixeza, e não ousa aparecer em público a cara descoberta. O **ciúme**, como é menos vil, não teme manifestar-se de um modo sensível e público: rompe muitas vezes com ímpeto, e os seus efeitos são mais estrondosos, e talvez mais funestos". – **Zelo** é "o fino e minucioso cuidado, o vivo interesse, a desvelada afeição que se tem pelo objeto que nos é caro, do qual não nos esquecemos

um instante". No plural é que esta palavra se confunde com **ciúme**, e até diz mais do que simples ciúme, pois que designa particularmente ciúmes amorosos. O **ciúme** supõe o amor; os **zelos** só sugerem a ideia de desejo sensual. O bruto tem *zelos*; não – *ciúme* propriamente. O **ciúme** pode conciliar-se com a mais alta nobreza de sentimentos, e coexistir com uma legítima afeição. Os **zelos** revelam sempre que é o ardor voluptuoso o seu único móvel. Em regra, só entre amantes há *zelos*; o zelo é perfeitamente legítimo entre casados. O **zelo** não exclui a ideia da confiança que se tem na pessoa pela qual se *zela*; enquanto que só se tem **zelos** quando se vê em perigo a posse, ou em dúvida a fidelidade da pessoa amada. – Entre **zeloso** e **cioso** não há mais que a diferença notada entre **zelo** e **ciúme**. Um homem digno é *zeloso* da sua família, ou pelo nome dos seus; e é *cioso* da sua honra, dos seus créditos. – **Zeloso**, porque sugere ideia de cuidado, atenção, interesse, como vimos, difere em muitos casos de **cioso** mais que simplesmente pela maior intensidade com que este último designa a qualidade de zelar ou de ter um nobre ciúme. Dizemos: – F. é *zeloso* do seu cargo, ou da sua tarefa (e não – *cioso*); – O rei, pouco zeloso do seu ofício (não – pouco *cioso*), mas muito *cioso* do seu poder (não – *zeloso*). – Entre **cioso** e **ciumento** há, antes de tudo, uma distinção de ordem gramatical: **ciumento** é um vocábulo de predicação implícita ou própria; **cioso** parece que não diz coisa alguma lógica senão quando completado. Ninguém dirá: "F. é um homem *cioso*". E se houver quem diga isso, é claro que só ficaremos sabendo, quando muito, metade do que F. é. Mas ficará sabendo tudo de F. a pessoa a quem dissermos: "F. é um homem *ciumento*". Conclui-se, pois, que **cioso** quer dizer – "que tem *zelo* ou *ciúme* de..."; e que **ciumento** significa – "que é cheio de ciúme, capaz de enciumar-se facilmente; que tem um como vício de dar-se a ciúmes".

505

CÍVEL, **civil**. – Em jurisprudência, **cível** dizemos em oposição a *crime* (criminal); e **civil** ao que é contrário a *militar* ou *eclesiástico*. Em causas *cíveis* debatem-se interesses, não se investigam crimes. Nos tribunais *civis* não são julgados os que têm foro militar ou eclesiástico (Bruns.).

506

CIVIL, **cívico**. – Muito judiciosamente, destes dois vocábulos, diz Jacob Bensabat: "– **Civil** diz respeito ao cidadão considerado como membro da família ou da sociedade humana. – **Cívico** diz respeito ao cidadão considerado sob o ponto de vista da organização política ou administrativa do Estado. Os direitos *civis* são os que se exercem como homem, tais como os direitos de adquirir a propriedade, de aliená-la, cedê-la, testar, herdar, casar, etc. Os direitos *cívicos* são os que se exercem como cidadão ativo, tais como os direitos de servir o Estado, de exercer empregos públicos, de ser jurado, etc. Certas penas trazem consigo a privação dos direitos *cívicos* sem excluir, no entanto, os direitos *civis*. Chamam-se virtudes *civis* as virtudes do homem em relação com os outros homens; por exemplo: as virtudes de um bom pai de família, a probidade nos negócios, etc. Entende-se por virtudes *cívicas*, as virtudes do cidadão nas suas relações com a pátria, com o governo do Estado, com a lei, órgão do poder político. A coragem do militar é uma virtude *cívica*; o magistrado que expõe a sua vida pelo respeito da lei dá prova de coragem *cívica*. As leis *civis* são as que regulam as relações dos cidadãos entre si, e não com o Estado". Leis políticas são as que regulam as relações do cidadão com o Estado; e mesmo entre os cidadãos o exercício dos direitos inerentes à sua qualidade de cidadãos ativos.

507

CIVILIZAÇÃO, **cultura**, **polícia**; **instrução**, **ilustração**. – "Onde há leis, governo correto, administração de justiça, e quanto pode constituir a ordem civil de um povo, há **civilização**. Ali onde se ama o saber; onde se desenvolve cada vez mais a educação literária e científica; onde há propensão para as letras e artes, e se protege e se premia aos que sobressaem no cultivo da inteligência, há **cultura**. A **civilização** depende mormente do regímen político e da autoridade; a **cultura** reside na índole do povo, e nos seus costumes. Há nações que têm muita *civilização* e pouca ou nenhuma *cultura*. O que não pode haver é *cultura* sem *civilização*". (Bruns.) – **Polícia** é propriamente o modo como, nos costumes, na regularidade da ordem, nas relações da vida ordinária, se manifesta uma civilização. – Os dois vocábulos últimos aqui se incluem porque figuram no grupo em que Roq. trata de **civilização**. Deles diz o sinonimista que a diferença que se lhes nota "consiste em que **instrução** se refere a uma ideia motriz; a **ilustração** é seu efeito imediato; e a **civilização** é o resultado das duas. O homem é naturalmente ignorante; necessita *instruir-se* para sair desse estado. Uma vez *instruído* adquiriu *ilustração*; e uma vez *ilustrado* contribui para a *civilização*, que não é outra coisa mais que a soma de *instrução* e de *ilustração* aplicada às necessidades sociais".

508

CIVISMO, **patriotismo**; **cívico**, **patriótico**. – **Civismo** (do latim *civis* "cidadão") é "o entusiasmo com que o cidadão cumpre devotadamente os seus deveres e exerce os seus direitos de membro de uma sociedade política". Ardor **cívico**, sentimentos **cívicos** são aqueles de que se dá provas nas funções de cidadão. – **Patriotismo** é o ardente amor que se consagra à pátria. Todo indivíduo pode ter sentimentos *patrióticos*, isto é, pode amar o país onde nasceu ou onde vive; mas só o cidadão (isto é – o que tem as qualidades de membro ativo de uma sociedade política) pode ter *civismo*.

509

CLARÃO, **claridade**, **luz**, **lume**, **luar**, **brilho**, **fulgor**, **esplendor**, **lampejo**. – **Clarão** é "uma forte e ampla, mas, em regra, súbita claridade". – **Claridade** é "o efeito de uma luz viva que permite ver bem distintamente um certo espaço, ou os corpos pelo seu volume, a sua forma, ou a sua cor". Segundo Lafaye, entre **luz** e **luar**, **claridade**, **brilho**, **esplendor** há uma diferença considerável. A **luz** é uma coisa, não sabemos que substância interposta entre o nosso órgão visual e aquilo que se lhe apresenta; enquanto que **luar**, **claridade**, **brilho** e **esplendor** designam o efeito ou a qualidade desse agente ou desse princípio natural. É assim que dizemos bem, por exemplo – andar, descobrir isto ou aquilo ao *clarão* ou à *claridade* de uma **luz**; e, de todas as palavras deste artigo, **luz** é o único que se emprega bem para significar um objeto material que espalha *luz*; como, por exemplo, uma vela, uma lâmpada... A **luz** é, como a treva, alguma coisa de concreto; **claridade**, **clarão**, **brilho** e **esplendor** indicam, ao contrário, como obscuridade, alguma coisa de abstrato. "Nós esperávamos a luz e não achamos senão trevas; esperávamos a *claridade* e marchamos na obscuridade (ou no escuro)" (Pasc.). Deus separou a *luz* das trevas; desde então vê-se suceder à obscuridade da noite o *luar* do crepúsculo, a *claridade* do dia, o *brilho* do sol no zênite, e os homens podem admirar o *esplendor* do firmamento. Todavia, toma-se também **luz** no sentido abstrato de seus sinônimos: e neste caso distingue-se esse sentido por sua generalidade. – **Luz** tem isto de próprio: exprime a ideia comum

sem nenhum acessório particular; e é, por isso, a palavra que melhor convém para definir os outros sinônimos do grupo. O **luar** é uma luz fraca; a **claridade**, uma luz moderada; o **clarão**, uma luz vasta e instantânea, ou pouco duradoura; o **brilho** é uma luz viva; o **esplendor**, uma luz muito grande. O **luar** é uma luz fraca, sombria, um começo de **claridade**, um raio. "Começa-se a ver um vago luar do lado do oriente". **Acad.** "Há falsos *luares*, vãos *luares*, *luares* enganosos, que se tomam por verdadeira *luz*". **Id**... A **claridade** é uma luz moderada[39], doce, pura, suficiente, com auxílio da qual se vê *claro*, de maneira nítida e distinta, e não imperfeitamente e confusamente como quando se não tem mais que um simples luar. "É este véu que lhes não deixa ver a lua que os cerca de todos os lados e se lhes mostra em toda sua *claridade*". – **Bourd.** – O **brilho** é uma luz forte, viva, brilhante, algumas vezes capaz de deslumbrar e quase insuportável. "Os olhos ofuscados de um *brilho* tão vivo". **Boss.** "Na Lapônia não se pode suportar o *brilho* da neve". **Regn.** – O **esplendor** é a maior luz de todas, tanto pelo que respeita à plenitude e à extensão (circunstância estranha à ideia de brilho) como pelo que se refere à intensidade: o que faz com que o **esplendor** sobreleve ao mesmo **brilho**. A expressão – *brilho* do sol – faz conceber este astro como lançando dardos de luz; mas, dizemos – o *esplendor* do sol – quando queremos dar uma grande ideia do espaço imenso que ele enche da sua luz. – Os vocábulos **luz** e **lume**, se fôssemos atender apenas à etimologia[40], afigurar-se-nos-iam sinônimos perfeitos. Dizemos com a mesma força: – a *luz*, ou o *lume* da razão. – Seria, no entanto, necessário admitir alguma diferença entre eles. – **Lume** é o nome que em português cabe a uma luz fraca, suave, doce; a um fogo pouco vivo, a uma chama serena. De uma pessoa que espira diremos que perde o derradeiro *lume* dos olhos. De uma lareira que se extingue subsiste sempre, por certo tempo, algum *lume*. – **Fulgor** é luz vivíssima; é brilho que alucina e quase que se diria fulminante. – Dizemos – o *fulgor* do raio, – e também – o *fulgor* de uma lâmpada – para dar ideia da intensidade da sua luz. – **Lampejo** será ligeiro fulgor, fulguração instantânea. Dizemos – ainda lhe pude sentir os últimos *lampejos* da razão divina – referindo-nos a uma criatura que enlouqueceu.

510

CLAREZA, **claridade**; **perspicuidade**. – Dos dois primeiros diz S. Luiz: "**Clareza** emprega-se no sentido figurado e moral; **claridade**, mais ordinariamente no sentido físico e próprio. Assim dizemos v. g. – a *claridade* do sol, da luz, do dia, etc.; e – a *clareza* do entendimento, do discurso, das expressões; a *clareza* do sangue, da família, etc." – Comparando **clareza** e **perspicuidade**, escreve o mesmo autor: "Ambos estes vocábulos exprimem uma qualidade essencial do bom discurso, ou seja escrito, ou pronunciado; mas **clareza** parece que se refere mais particularmente às ideias, e **perspicuidade** às expressões. A **clareza** requer precisão, exata dedução, e boa ordem nas ideias. A **perspicuidade** requer termos próprios e de significação bem determinada, construção regular, ligação conveniente. Tem *clareza* o discurso, quando mostra a verdade em toda a sua luz. Tem *perspicuidade* o estilo, quando através (digamos assim) dos vocábulos se vê perfeitamente o pensamento de quem fala ou escreve".

39 ~ Ou mais ou menos viva. Dizemos – "intensa *claridade*", e não – *luar* intenso, nem – vivo *luar*.

40 ~ O latim *lux* deu-nos o nosso luz; o latim *lumen*, segundo Sar., derivado de *lux*, deu ao francês o seu *lumière*. Encontram-se, portanto, as duas formas na mesma raiz grega *luk*, sugestiva de claridade, brilho, visão.

511

CLARO, **diáfano**, **transparente**, **translúcido**, **perspícuo**. – **Claro** é, no sentido próprio, o que deixa ver os objetos como eles são. Dizemos – manhã *clara*; e até – luar muito *claro* (para sugerir a ideia de que a luz da lua está excepcionalmente viva). – **Diáfano** é mais vizinho de **translúcido** que de **transparente**. Segundo a origem grega (*diá* "através", e *phaino* "deixo ver") diz – que deixa passar alguma luz; que não é opaco. Uma folha de papel comum, uma tela fina são corpos *diáfanos* ou *translúcidos,* mas não – *transparentes*; pois este vocábulo indica que a translucidez ou diafaneidade é tão completa que através do corpo *transparente* podem ver-se os objetos. "Um vidro despolido" – exemplifica muito bem Roq. – "é *diáfano* (ou *translúcido*) e não *transparente.* A diafaneidade dos corpos, diz Newton, resulta, não da quantidade e reta direção dos poros, senão da igual densidade de todas as suas partes. Sua transparência é efeito, ou da mesma causa, ou da falta de aderência e de conexidade de suas entreabertas partes". – **Perspícuo** só se aplica no sentido moral, equivalendo ao que, em sentido físico, é diáfano e muito claro. Um estilo é *perspícuo* se deixa entender facilmente o que se nos diz.

512

CLASSE, **categoria**, **jerarquia** (ou **hierarquia**), **camada**, **grupo**. – **Classe** é "a divisão em que se acomodam diversos grupos ou categorias". – **Grupo** é "o conjunto de indivíduos ou de coisas que entram numa classe". – **Categoria** é "a gradação existente entre coisas ou pessoas da mesma classe". – **Jerarquia** é "o grau de posição ou de autoridade entre pessoas de uma classe". – **Camada** é o nome que se dá comumente à **classe** quando se trata de **categorias** sociais. A última *camada* da população; as *camadas* populares. Entraram na igreja sacerdotes de várias *jerarquias.* Vimos ali representadas todas as *classes* sociais. Cada *categoria* de funcionários entrava por *grupos.*

513

CLASSE, **ordem**, **família**, **gênero**, **espécie**, **sorte**, **grupo**, **variedade**, **secção**, **ramo**, **série**, **divisão**, **tipo**. – De acordo com Bourg. e Berg., trata Bruns. dos cinco primeiros vocábulos deste grupo assim: "Todos estes vocábulos designam um conjunto de coisas, que, conquanto diferentes, têm entre si caracteres comuns. Na linguagem técnica das ciências naturais representam, na ordem em que estão dispostos, o agrupamento em ordem descendente, pois a classificação natural ou artificial dos animais como das plantas considera a **classe** dividida em ordens; a **ordem** em famílias; a **família** em gêneros; e o **gênero** em espécies, estando cada **espécie** formada de indivíduos iguais. Na linguagem corrente representam estas palavras ideias análogas às que a tecnologia lhes atribui. – **Espécie** (do latim *species* "aparência, forma") diz-se da categoria de indivíduos que têm a mesma aparência ou forma, o mesmo aspeto, e que se distinguem dos restantes por um caráter específico que só a eles é comum. O que é da mesma *espécie,* quer ente quer objeto, assemelha-se pela forma, e pela disposição geral dos caracteres constitutivos, com tudo quanto compreende essa *espécie,* se bem cada indivíduo ou cada objeto difira dos congêneres nas particularidades individuais e variáveis que o constituem, sem que essa diferença, no entanto, altere a constituição comum, que até se pode dizer íntima na *espécie.* A *espécie* humana compreende todos os seres que possuem os caracteres naturais que formam o indivíduo – homem. Do mesmo modo, distinguimos imediatamente entre muitas árvores, mui-

tos frutos, muitas flores, muitos animais, etc., aqueles ou aquelas que, pela sua organização natural e pelo próprio aspeto, se assemelham de modo a constituírem uma mesma *espécie*. – **Gênero** (do latim *genus* 'raça') é, como **espécie**, uma divisão natural que compreende todos os seres ou objetos da mesma raça e da mesma origem, mas que têm entre si relações que não são tão íntimas, tão singulares, como as que se notam entre os indivíduos da mesma *espécie*. Devemos notar, e este ponto é essencialíssimo, que os vocábulos **espécie** e **gênero** se confundem frequentemente, porque um *gênero* pode tornar-se *espécie* relativamente a um *gênero* superior; e vice-versa, uma *espécie* pode tornar-se *gênero* com relação a uma *espécie* inferior. Na aplicação destes vocábulos, porém, deve conservar-se a cada um o seu sentido particular; por exemplo: à humanidade chamaremos – *espécie* humana – quando nela se considerem as qualidades que são comuns a todos os homens; e – *gênero* humano, quando se considere o conjunto dos homens como constituindo uma mesma raça e possuindo uma mesma essência. À *espécie* humana pertence cada homem, cada indivíduo; ao *gênero* humano pertencem todos os grupos de homens que, pela cor da pele, pela configuração do crânio, por outra qualquer particularidade, se assemelham entre si o bastante para constituírem grupo distinto. Dizer que estes ou aqueles seres ou objetos são do mesmo *gênero* é muito mais extenso, mas muito menos pormenorizado (e preciso) do que dizê-los da mesma *espécie*. – **Família**, apenas na classificação teórica das ciências, tem sinonímia com os outros vocábulos deste grupo: é o vocábulo com que se designa um agrupamento de gêneros que têm um caráter comum. Assim, na *família* europeia, distinta, entre outros carateres, pelo caráter da cor, cabem os *gêneros* neolatino, germânico, eslavo, etc., do primeiro dos quais os portugueses formam uma das *espécies*[41]. – Resta-nos comparar os vocábulos **ordem** e **classe**, que designam agrupamentos convencionais, não naturais. Diferençam-se estes dois termos em ser a **ordem** complexa, e a **classe** não. Na **ordem** entram gradações; na **classe** tudo é igual, ou reputa-se como igual. Assim, na *ordem* social cabem a *classe* alta, a *classe* média e a *classe* baixa; entre uma e outra destas classes existem as diferenças chamadas sociais; em cada *classe*, porém, os indivíduos representam-se iguais. Nas *ordens* de cavalaria há diferentes *classes*: cavaleiros, oficiais, cruzes, grã-cruzes; nas *ordens* eclesiásticas há as *classes* de presbítero, diácono, subdiácono, hostiário, leitor, exorcista e acólito. Muitas vezes vemos confundir os vocábulos **ordem** e **classe**; a clareza exige, porém, que não se denomine *classe* o agrupamento complexo, nem se dê o nome de *ordem* ao incomplexo". – **Sorte**, que Bourg. e Berg. incluem no grupo (e que vem do latim *sors* "acaso") "difere profundamente dos vocábulos acima: nada tem de preciso e de científico, e apenas marca uma reunião de objetos ou

41 ~ Aqui parece que não há uma satisfatória precisão de termos. Dizer – *gênero* humano, e – *gênero* latino ou neolatino denota pelo menos uma confusão de palavras cujo valor anda esquecido, ou está por fixar. Não há, aliás, quem não prefira dizer – *família*, ou – *grupo* latino (e mesmo – *raça* latina) a dizer – *gênero* latino. É certo que se não sabe se com mais propriedade que a da forma – *gênero* latino; pois também dizemos – *família* indo-europeia, para designar uma das grandes divisões da *espécie* humana; e dizemos ainda – *família* humana, quando o nosso intuito é acrescentar à noção de *gênero* a sugestão dos laços morais que prendem todas as raças, ou todos os homens. – Segundo Privat-Deschanel et Focillon (*Dictionnaire général des sciences*), classificação, na tecnologia da história natural, é "a ordenação regular na qual as **espécies** mais semelhantes estão reunidas em *gêneros*; os **gêneros** em *famílias*; as **famílias** em *ordens*; as **ordens** em *classes*; as **classes** em *ramos* e em *tipos*".

de pessoas, formada segundo relações vagas e indeterminadas, e como por acaso. Quando se diz – *espécies* de flores, – *gêneros* de árvores – sugere-se a ideia dos carateres particulares que distinguem essas flores, essas árvores; mas essa ideia torna-se vaga e indecisa, quando se diz – estas *sortes* de flores, – estas *sortes* de árvores. – Animais de toda *espécie* – são animais pertencentes a todas as categorias que formam *espécies*, e a expressão é inteiramente precisa; – animais de toda *sorte* – não apresenta ao espírito nada de exato, de determinado, e significa – muitos animais, sem exprimir uma distinção categórica". – **Grupo** é termo ainda muito mais vago do que **sorte**, e nem mesmo encerra muitas vezes ideia alguma de classificação, mas apenas de distribuição ou disposição; pois pode dar-se que um grande número de *grupos* se formem de coisas ou de pessoas iguais ou da mesma classe. – **Variedade** é "uma subdivisão da mesma família ou da mesma espécie". O francês, o italiano, o espanhol são *variedades* da família latina. – **Secção** é "subdivisão do mesmo gênero ou da mesma classe"; e – como a variedade – é fundada em diferenças muito ligeiras. – **Ramo** é só aplicável tratando-se de história natural: designa "a família em relação ao tronco de que provém". A família latina é um *ramo* da raça indo-europeia. – **Série** é "grupo de coisas fazendo parte de um conjunto ou sucessão de grupos semelhantes ou tendo entre si uma certa relação ou analogia". Significa também esse conjunto ou sucessão de coisas semelhantes ou pelo menos não fundamentalmente distintas. "A vida daquele homem tem sido uma *série* contínua de sofrimentos". "Vimos na *secção* dos ofídios uma *série* curiosíssima". **Série**, portanto, dá mais ideia de ordem, disposição propriamente que de classificação. "Figuram naquele quadro babélico todas as *séries* do reino animal". – **Divisão** muito se aproxima de **secção**: é apenas mais extenso ou complexo, pois designa "cada uma das grandes porções distintas que formam um todo". – **Tipo** é propriamente "o indivíduo ou a coisa que possui as qualidades ou os carateres próprios e distintivos de uma classe". É por isso esta palavra empregada comumente como significando a própria classe, ou sorte.

514

CLASSIFICAR, **ordenar**, **coordenar**, **arranjar**; **dispor**, **distribuir**, **separar**. – Há de comum entre estes verbos a ideia de dispor segundo um certo critério. – **Classificar** é "*dispor* algumas coisas ou pessoas por classes, ou indicar a classe a que pertence uma certa pessoa ou coisa". – **Ordenar** é "dispor algumas ou muitas coisas por grupos de classes, ou por ordens." Se estas ordens, na disposição que se faz, obedecem a uma certa relação de dependência, dizemos que as coisas se *coordenam*. – **Arranjar** é "dar uma disposição conveniente a coisas que estavam em desordem ou confusão." – **Dispor**, **distribuir**, **separar** sugerem de comum a ideia de pôr *em* seu lugar ou no lugar próprio cada coisa de muitas que se tem de *separar*, *distribuir* ou *dispor*. Quem *separa* desliga coisas que estavam unidas ou juntas, e as agrupa em porções. Quem *distribui* põe cada coisa ou pessoa, entre muitas pessoas ou coisas, no lugar próprio, e agrupando-as segundo uns dados carateres, ou sob um certo critério. Por isso pode este verbo muitas vezes confundir-se com o verbo *classificar*. – Aquele que *dispõe* não faz mais do que arranjar de um certo modo.

515

CLÁUSULA, **frase**, **sentença**, **oração**, **proposição**, **período**, **trecho**. – Segundo Roq. – "pela palavra **cláusula** (derivada do verbo

latino *claudere* 'cerrar') entende-se uma reunião de palavras que apresenta um pensamento completo, ou que forma, como costuma dizer-se, sentido perfeito... – **Sentença** é a cláusula que contém um pensamento *sentencioso*, isto é, uma reflexão ou observação profunda, filosófica ou moral. – **Frase** não designa precisamente a cláusula inteira, senão as expressões particulares de que ela consta, e assinaladamente aquelas em que se encontra algum idiotismo da língua, ou então o que chamam estilo da língua; e é neste sentido que disse Vieira, falando da História de S. Domingos: 'A linguagem, tanto nas palavras, como na *frase*, é puramente da língua em que professou e escreveu'. – **Período**, em termos de arte, não significa indistintamente cláusula, senão a cláusula que está composta de certo modo particular, e consta de diferentes membros, e se chama *cláusula periódica*". – **Oração** poderia confundir-se com **cláusula**; pois designa também a expressão completa de um pensamento. Em linguagem gramatical, no entanto, **oração** é mais do que simples **cláusula**; pois esta pode ser apenas um completivo de **oração**. – É muito subtil a diferença que se pode notar entre **oração** e **proposição**, sendo certo que o comum dos gramáticos não fazem entre essas duas palavras distinção alguma. Em **oração** parece que se sugere melhor a ideia das diversas partes que compõem o enunciado; em **proposição**, a ideia do modo como estão dispostas essas partes. É mais comum dizer-se: o verbo, o sujeito da *oração*; uma *proposição* intrincada, uma *proposição* absurda. – **Trecho** é "um conjunto de *períodos*, completando uma certa ordem de ideias".

516

CLEMÊNCIA, misericórdia, piedade, compaixão, caridade, dó, pena, miseração, comiseração, indulgência, inocência, benignidade, bondade, tolerância, humanidade. – Todas estas palavras designam virtudes, ou sentimentos, ou emoções que se manifestam por uma caridosa simpatia, mesmo por uma solicitude carinhosa com os que sofrem, com os que erraram ou cometeram faltas. – **Clemência** é a piedade que se tem com os que merecem castigo e pedem perdão: é a virtude dos soberanos, dos que podem perdoar em razão da autoridade, ou das funções que exercem. Não se diz que um indivíduo qualquer foi clemente, ou deu provas de *clemência* perdoando uma ofensa. A própria autoridade que anistia não se pode dizer que usa de *clemência*. Exerce, sim, esta virtude, não só o príncipe em cujo coração achou graça o condenado, mas também o general vencedor que poupa os inimigos quando podia sacrificá-los. Menos rigorosamente considerada, no entanto, a **clemência** é o sentimento de moderação, de benignidade que se tem com o culpado: é o dó que se sente por aquele que deve ser punido, e que nos leva a deixar de puni-lo esquecendo muitas vezes a justiça. – **Misericórdia** poderia definir-se como sendo uma virtude divina; pois verdadeiramente só Deus é que é misericordioso. É a virtude que consiste numa compaixão infinita pela desgraça, num grande dó pelo sofrimento, e que leva a alma misericordiosa, não só a perdoar, mas a socorrer o desgraçado livrando-o da desgraça. Por isso dizemos: real, imperial *clemência*; e – *misericórdia* divina. Mas, ainda, como **clemência**, vulgarmente **misericórdia** designa o profundo sentimento de piedade que nos induz a ser caritativos com os que precisam do nosso socorro. Tem-se *misericórdia* com os que sofrem e procura-se minorar-lhe os sofrimentos. – **Piedade** é "nome que melhor assenta ao sentimento que no coração humano corresponde ao que em Deus é **misericórdia**". Não há *piedade* sem desejo, sem vontade eficaz de livrar o nosso semelhante do mal que está sofren-

do. – **Compaixão** é "o sentimento que nos leva a compadecer-nos dos infelizes como se os seus males fossem nossos próprios". Pode ser um sentimento apenas, que se não manifeste por atos (que então passará a ser **piedade**). – **Caridade** é "o amor do semelhante, dir-se-ia mesmo – o amor com que se trata a todos os viventes". É um sentimento ativo, e que se funda, por assim dizer, na compaixão. – **Dó** é a "dor moral que nos inspira o que é frágil, o que sofre, o que é infeliz". – **Pena**, aqui, é "o sofrimento que se sente vendo alguém sofrer". Só se distingue de **dó** em sugerir este um sentimento muito delicado de carinho, mais do que de simples compaixão. De uma criança que se magoou caindo tem-se *dó*; de um celerado que chora ao caminhar para o cadafalso pode-se ter *pena*. – Entre **miseração** e **comiseração** parece haver uma diferença análoga à que se nota entre **compaixão** e **piedade**, ou mesmo entre **piedade** e **caridade**. – **Miseração** é "a profunda dor moral da criatura que se compunge por todo infortúnio". – **Comiseração** será um sentimento semelhante por uma desgraça atual, que se dá diante de nós, que nos comove no momento mesmo em que está sendo padecida. Uma grande tragédia de infortúnio, mesmo passada há longos séculos, pode produzir numa alma delicada um vivo sentimento de *miseração*; mas só nos *comiseramos* do infeliz ou pelo infeliz que sofre diante de nós; e ninguém decerto sentiria, hoje, *comiseração* por um Lesurques ou por um Luiz XVI. "Jesus passou por este mundo numa contínua *miseração*". "Não há quem não sinta *comiseração* por este desgraçado." – **Indulgência** é "o sentimento daqueles que são propensos a não usar de rigor e severidade com os que erraram ou cometeram faltas". Aproxima-se muito de **tolerância**. Esta deixa passar a falta, fecha os olhos ao erro; aquela, a **indulgência**, se não perdoa sempre, é fácil em perdoar, e minora, o mais que pode, o castigo. A **tolerância** pode vir da prudência, ou da desídia; a **indulgência** nasce da bondade, e não dissimula o desejo de que a culpa não se repita. – **Inocência** (diretamente do latim *ignoscentia*) = "remissão de culpa; perdão que se concede; indulgência, mais talvez por segnícia que por misericórdia". – **Bondade** é uma palavra que perdeu, no uso comum, toda a sua nobreza. Quando Jesus dizia que "só Deus é bom", dava à **bondade** o valor de um atributo divino. Verdadeiramente, esta palavra designa o mais alto grau de perfeição moral a que é possível atingir no mundo. "Bom" é aquele que ama o bem, e o bem consiste na exclusão de tudo quanto repugnaria àquele que é o próprio bem infinito. A **bondade** não será, portanto, menos que o conjunto de todas as grandes virtudes que aproximam do Criador a criatura. Numa acepção mais restrita e vulgar, porém, a **bondade** consiste na "inclinação para o bem". – **Benignidade** é também uma "virtude" dos grandes, dos poderosos. Distingue-se de **clemência** em não sugerir, como esta, a ideia de que tem culpa a ser perdoada aquele que inspira ou que pede brandura e tolerância. Por isso é que disse o poeta:

> Os olhos da real *benignidade*
> Ponde no chão...
>
> (*Lus.*, I, IX)

Aí não caberia clemência, pois não é de perdão que precisa quem pede, mas de generosidade, de coração afável. É claro que não se concebe **clemência** sem **benignidade**; e o próprio Camões nos dá exemplo no verso:

> Queria perdoar-lhe o rei *benigno,*
>
> (*Lus.*, III, CXXX)

Mas a manifestação de benignidade com aquele que vai ser castigado ou punido pas-

sa a ser clemência. – **Humanidade** é "a qualidade de ser *humano*, isto é, de ser brando de coração, delicado de sentimentos ao ponto de ter benignidade com todos os que sofrem, que precisam de alívio, de socorro, de justiça; e de não ver tranquilo o sofrimento nem dos animais".

517

CLÉRIGO, eclesiástico, sacerdote, presbítero, padre, religioso. – Segundo Bruns. –, **clérigo** é todo aquele que tem alguma ordem sacra, maior ou menor. – **Padre** é termo genérico e designa qualquer clérigo secular que diga missa. O termo em si é nobre porque faz considerar o caráter sagrado que torna o homem representante de Deus e pai espiritual dos crentes. – **Sacerdote** é também expressão geral designando o eclesiástico em suas funções, ou como autorizado a presidir às cerimônias do culto. Não só se diz do padre católico, mas também de qualquer ministro de qualquer culto ou religião que admita sacrifícios: *sacerdote* egípcio; *sacerdote* de Júpiter; os *sacerdotes* israelitas. Não se diz, porém, dos ministros das religiões que não admitem sacrifícios; assim pode dizer-se – *padre* protestante, mas não – *sacerdote* protestante. (Emprega-se também a palavra **sacerdote** para designar todo aquele que exerce função, tendo alguma coisa de sagrada: *sacerdote* da lei, do bem, da verdade). – **Presbítero** (do grego *presbuteros*, comparativo de *presbus* "ancião") designa o eclesiástico revestido da autoridade que lhe dá o seu caráter sagrado, o seu desengano das pompas do mundo, a sua ciência do que é divino: é o ancião, o guia, o pastor. – **Eclesiástico** designa a condição social do sacerdote, a classe a que ele pertence. Seja qual for a jerarquia do indivíduo consagrado ao sacerdócio, é sempre **eclesiástico**, isto é –, homem de Igreja: prelados, abades, presbíteros, simples seminaristas, são *eclesiásticos*. Não obstante, não vemos empregar frequentemente este vocábulo para designar os membros das ordens religiosas; nesse sentido é muito mais frequente o termo **religioso**: *religioso* regrante.

518

CLIENTE, constituinte, comitente. – **Cliente** era outrora aquele que se punha sob a proteção de um poderoso. Hoje designa "a pessoa que confia a outrem a defesa de seus interesses". – **Constituinte** é também "o que entrega a defesa de seus direitos ou interesses a um procurador". É termo mais nobre e sugere a ideia da plena confiança que o cliente deposita no seu advogado ou defensor. Da cadeira do júri não diz nunca o advogado do réu: – "o meu *cliente*"; mas – "o meu *constituinte*". Segue-se que **cliente** encerra a ideia de proteção, e a da dependência em que fica o cliente, que é como um protegido do seu procurador. Sugere ainda ideia do ganho, que leva o patrono a cuidar dos interesses do seu *cliente*. – **Comitente** é termo próprio de direito comercial, e designa "aquele que confere mandato a um comissário; que encarrega alguém de fazer alguma coisa que não quer ou não pode por si mesmo fazer".

519

CLÍNICA, clientela. – Estes dois vocábulos usam-se indiferentemente na linguagem comum. Não é raro ouvir da boca de muitos médicos: – "a minha *clínica* é muito reduzida"; "tenho muito pouca *clínica* no meu bairro". Mas, propriamente –, **clínica** é "o estudo direto do doente, a prática da medicina, o exercício da profissão do médico". – **Clientela** é o "conjunto dos doentes que frequentam o consultório de um médico". "Tenho sido feliz na minha *clínica* – disse-me o doutor – e por isso é natural que a minha *clientela* aumente".

520

COAGIR, constranger, forçar, obrigar, violentar. – **Coagir** e **constranger** sugerem a ideia de obrigar alguém a fazer ou a não fazer alguma coisa, empregando para isso a força ou a violência física, ou exercendo pressão moral. – **Coagir**, porém, revela que a relutância ou a oposição subsiste no coagido até o fim da ação; **constranger** supõe, pelo contrário, que o constrangido delibera, a partir de certo momento, executar o que as circunstâncias lhe impõem. A necessidade de obter dinheiro para pagar aos credores *constrangeu* aquele negociante a valer-se dos usureiros. A devassidão dos filhos *constrange* os pais a serem severos. Os tormentos da Inquisição *coagiam* as vítimas a dizer quanto delas exigiam os algozes. – **Forçar** é também atentar contra a liberdade alheia pela força física, ou pela pressão moral; mas neste verbo sobressai a ideia do poder irresistível que leva o *forçado* a obrar, ou não obrar segundo a vontade daquele a que não pode deixar de obedecer. Um tirano pode *forçar* os seus vassalos a obedecerem-lhe exteriormente; não pode *coagi-los* à submissão interior. Assim, **forçar** diferença-se de **coagir** em chamar este verbo a atenção para a relutância do constrangido; e aquele, para a força de quem obriga. – **Obrigar** é constranger em virtude de uma obrigação; ou, pelo menos, em virtude de uma força moral que se considera como uma obrigação. As conveniências sociais *obrigam-nos* muitas vezes a tratar com pessoas que quiséramos evitar. A lei *obriga-nos* a respeitar a propriedade alheia. – **Violentar** é forçar pela violência, isto é – exercendo uma pressão brutal. (Bruns.)

521

CÔDEA, crusta, crosta, casca, cortiça, cutícula. – Todos estes vocábulos designam "parte exterior; porção, camada que cobre a porção interna"; e distinguem-se apenas pelo gênero da coisa a que se aplicam. De fato, ninguém dirá – a *cortiça* do pão; nem – a *côdea* da árvore; nem – a *casca* da terra; nem – a *cutícula* da laranja. Todos dizem: – *a côdea* do pão; – a *crusta*, ou – a *crosta* da terra; – a *casca* da laranja; – *a cortiça* de certas árvores (como o sobro por exemplo); – a *cutícula* do craveiro.

522

COETÂNEO, coevo, contemporâneo. – Segundo Bruns. – **coetâneo** e **coevo**, "vocábulos em que entram respetivamente os termos latinos *ætas* e *ævum*[42], diferem apenas em **coevo** ser termo mais nobre, e quase poético; sendo **coetâneo** o que melhor se pode empregar na linguagem despretensiosa. Não obstante, quando aquilo (ou aquela pessoa) de que se fala teve toda a existência compreendida na duração da coisa que lhe foi contemporânea, diz-se melhor *coevo* que *coetâneo*; no caso contrário, diz-se indiferentemente *coetâneo* ou *coevo*. – **Contemporâneo**, como os vocábulos precedentes, designa o que é do mesmo tempo; mas **contemporâneo** dizemos do que existiu, e também do que ainda existe; ao passo que **coevo** e **coetâneo** só se diz do que existiu e já não existe."

---

42 "*Ævum* e *ætas* – dissemos no nosso *Dicionário dos sinônimos latinos* – significam o tempo em relação com a vida humana; mas com esta diferença: **ævum** designa: 1.º) a vida de toda a humanidade, isto é, um tempo infinito, a eternidade; 2.º) a vida considerada em relação a um homem só, mas na sua totalidade, desde o berço até o sepulcro; e rara vez, uma das idades particulares da vida humana; 3.º) tomando o abstrato pelo concreto, os homens que vivem numa mesma idade, numa mesma época. Mas **ætas**, por **ævitas**, refere-se mais particularmente às qualidades, isto é, aos diversos estados da vida humana – juventude, virilidade, velhice; – e assim é que se diz *ætas tenera, provecta, florens*, etc. Sem embargo, também significa, exatamente como **ævum**, os homens que vivem numa mesma idade, os contemporâneos. Mas neste último caso, **ætas** é o termo vulgar; e **ævum**, a expressão seleta, solene e quase poética."

523

COLEGA, **confrade**, **coirmão**, **companheiro**, **camarada**, **consócio**. – **Colega** (do latim *cum* + *legere*) é, em geral, aquele "que exerce o mesmo cargo ou as mesmas funções, ou funções e cargo da mesma ordem." Particularmente é "o aluno do mesmo colégio, ou o estudante da mesma escola". – **Confrade** designa que há entre uma e outra pessoa relações muito mais íntimas que as existentes entre simples colegas. – **Confrade** diz melhor – "o que trabalha pelo mesmo fim; que serve a mesma causa; que defende o mesmo ideal". Ajunta à noção de **colega** uma ideia do afeto pelo qual se sentem aliados e solidários os **confrades**. – **Coirmão** é ainda mais afetuoso que **confrade**: "sugere ideia de uma igualdade de sentimentos tão perfeita como a que ordinariamente existe entre irmãos pelo sangue". Somos *confrade* de alguém pelo espírito, pela dedicação igual com que nos esforçamos pelo mesmo fim; somos *coirmão* pela amizade. Dois poetas que apenas se conhecem tratam-se de *confrades*; dois amigos que se estimam profundamente dizem-se *coirmãos*. – **Companheiro** exprime apenas – "que se anda na mesma companhia". *Companheiros* de infortúnio; *companheiros* de prisão; *companheiros* de viagem. – **Camarada** (fora da acepção particular que tem entre soldados, designando aquele que vive na mesma caserna) acrescenta à noção de **companheiro** a ideia de "familiaridade, de intimidade de relações, de solidariedade na mesma causa". – **Consócio** é "o que faz parte da mesma sociedade mercantil ou industrial".

524

COLOSSAL, **gigantesco**, **enorme**, **desabalado**, **monstruoso**. – **Colossal** é "o que, pelas suas dimensões, ultrapassa àquilo mesmo que já é extraordinário". Diz muito mais que **gigantesco**; pois este vocábulo designa "o que é grande como *gigante*". Além disso, é preciso notar que **gigantesco** só se aplica no sentido físico enquanto que **colossal** se aplica tanto no sentido moral como no físico. Dizemos: asneira *colossal*; erro, despropósito; ou sorte, fortuna *colossal* (e não – *gigantesca*). – **Enorme** é "o que excede as proporções normais". – **Desabalado** é termo popular que ajunta à significação de *enorme* a ideia de disformidade. – **Monstruoso** nem sempre enuncia a ideia de enorme: é "o que não está conforme ao natural, que infringe as leis conhecidas."

525

COLUNA, **pilar**, **pilastra**, **esteio**, **pedestal**, **fulcro**, **base**, **soco**, **supedâneo**, **peanha**, **sustentáculo**; **estaca**, **escora**, **suporte**. – Entre **coluna**, **suporte**, **pilar**, **pilastra**, **esteio** e **fulcro** há sinonímia que só se distingue pela forma das coisas por esses vocábulos representadas: todos eles designam peças de arquitetura ou de mecânica que servem de apoio a outras peças; e por isso têm de comum a ideia, que lhes é própria, da posição vertical. – A **coluna** distingue-se das demais em dar ideia, não só de grande altura, como de beleza de lavor. Pode ser feita de pedra, de metal, ou de madeira, etc. – O **pilar** não tem as proporções, nem a importância da coluna sob o ponto de vista artístico, e supõe-se ordinariamente feito de pedras. – A **pilastra** é – diz Aul. – "pilar de quatro faces, ao qual se dão geralmente as mesmas proporções e os mesmos ornatos que às colunas, e que está fixo ou aderente à parede por uma das faces". É, portanto, o que mais se aproxima de coluna, da qual se distingue pela forma quadrangular que lhe é própria. – **Esteio** é "a peça que sustém alguma coisa, e que se supõe feita ordinariamente de madeira ou de ferro". – **Suporte** é termo ainda mais genérico do que **esteio**: é tudo o que serve de apoio a alguma coisa. – **Ful-**

cro diz a mesma coisa: apenas, além de ser termo mais nobre, sugere ideia de mais solidez e segurança. – **Pedestal** é "o que serve de assento a alguma coisa; particularmente, a construção sólida em que repousa uma estátua, uma coluna". – **Base**, como se diz em outro grupo, é "tudo aquilo sobre que assenta alguma coisa que se fixa". – **Soco** é a parte que serve como de base ao pedestal das colunas, estátuas, etc. – **Supedâneo** é tudo sobre que assentam pés; e figuradamente poderia confundir-se com **sustentáculo** se este não sugerisse ideia do esforço com que a coisa é sustentada. – **Peanha** é o supedâneo ou pedestal em que assenta uma imagem. Ninguém dizia – *peanha* do monumento; nem *base* ou *pedestal* da imagem. – As duas palavras **estaca** e **escora**, propriamente não deviam ser consideradas sinônimas; pois diferençam-se essencialmente das outras deste grupo em excluírem a ideia de verticalidade que é essencial a estas. Ambas – **estaca** e **escora** – designam "peças, de madeira ou de ferro, que não deixam cair para um lado aquilo que estão contendo ou apoiando". Supõe-se (e esta circunstância distingue-as dos demais vocábulos do grupo) que está para tombar aquilo que se aguenta com *estaca* ou *escora*.

526

COMA, **modorra**, **sopor**, **letargia**, **torpor**, **sonolência**. – **Coma** é "o estado de sono mórbido que precede ordinariamente à morte". – **Modorra** é "o estado de quase sono, mais de dormência que de sono propriamente". Pode ser devido à vigília, a cansaço, a bebidas alcoólicas, etc. – **Sopor** é sono profundo, e não natural, mas devido a narcóticos. De todos os do grupo é o mais vizinho de **letargia**, que é "sono tão profundo que se assemelha à morte". – **Torpor** é "uma letargia menos profunda talvez, mas que deixa sobretudo inerte e insensível". – **Sonolência** é "uma disposição irresistível para adormecer um estado intermediário entre o sono e a vigília".

527

COMANDO, **mando**, **direção**, **ordem**, **autoridade**, **governo**. – **Comando** só se aplica no sentido militar: é "o governo de soldados, exercido com império, e exigindo sempre obediência passiva". – **Mando** é "o direito, a autoridade, ou mesmo a ação de dar ordens como superior". – **Direção** é "a faculdade ou o poder de conduzir, de guiar, de governar, ou mesmo de exercer comando". Só se diferença deste em poder aplicar-se em qualquer sentido. – **Ordem** poderia confundir-se com os dois primeiros, se não sugerisse a ideia de um fim atual e imediato. Uma escolta que procura capturar um criminoso vai sob a *ordem* ou sob as *ordens* de um sargento (é o sargento quem dirige a diligência, e há de dispor os meios de fazer a captura). – **Autoridade** é "o poder especial que decorre de um princípio, de uma convenção, ou de uma qualidade; poder que se exerce dentro de certos limites, e que se impõe de modo imperativo a quantos incidem sob ele". – **Governo** é "o exercício da autoridade, a direção superior que se exerce, numa esfera determinada, e em virtude de investidura de autoridade". *Governo* do bispado; *governo* da nação; *governo* do município. – Só se aplica a palavra **governo** tratando-se de autoridade pública. Tratando-se de autoridade particular o termo próprio é **direção**. *Direção* de uma empresa, de um serviço, de um colégio.

528

COMEÇAR, **principiar**. – Para sentir-se a diferença, aliás subtilíssima, que existe entre estes dois verbos, bastaria notar que dizemos: – *começar* pelo princípio; mas não dizemos: – *principiar* pelo começo. Isto quer

dizer que **principiar** significa "ter princípio"; e que **começar** enuncia a ação de "dar princípio", "iniciar, encetar". Desde que se *principiou* a obra, todas as manhãs *começa-se* a trabalhar às 6 horas. – **Principiar** aplica-se melhor ao fato, à coisa; **começar**, de preferência, à ação. A rua, o rio, a fazenda *principia* em tal parte; a viagem, o trabalho, a vida *começa-se* com muito afã.

529

COMÉDIA, farsa, entremez, pantomima; drama, tragédia. – Comparando as duas primeiras palavras do grupo, diz Roq.: "A primeira, **comédia**, é a espécie; a segunda, **farsa**, é o gênero. A palavra *comédia* é latina, *comœdia,* e vem do grego *kômôdia,* sobre cuja origem não estão de acordo os etimologistas[43]. Querem uns que a palavra grega *kômôdia* se forme de *kôme* 'lugar, aldeia', e *ôde* 'canto'; e neste caso diz o mesmo que "canção de aldeia". Querem outros, entre o quais Hermosilla, que ela se derive de *kômos*. Significa esta palavra: 1°.) o que nós poderíamos chamar ronda ou quadrilha de mancebos de um lugar que vão de noite dar descantes a suas namoradas, e que muitas vezes, prevalecendo-se do escuro, e disfarçando a voz, dizem canções satíricas contra algumas pessoas; 2.°) estas mesmas canções ou sátiras demasiadamente livres e mordazes. Segundo esta etimologia, que parece a verdadeira, vê-se claramente por que é que os gregos deram às composições em verso, em que se censuravam malignamente, e satirizavam, primeiramente pessoas determinadas, e depois os vícios em geral, o nome de *kômôdia,* que os latinos escreveram *comœdia,* e nós **comédia**. – Não longe desta origem vai a significação que damos à palavra **comédia**, que é a de fábula dramática, em que se representam ações da vida, e pessoas ordinárias, para corrigir-se o vício por meio do ridículo. – **Farsa** (do francês *farce,* ou do italiano *farsa*) é pequena comédia burlesca, menos artificiosa que a comédia, e em que se entremeiam cenas ridículas e triviais. Muito bem fez sentir o atilado Vieira a diferença que há entre **comédia** e **farsa**, quando disse, falando dos pregadores do seu tempo: 'Não é *comédia,* é *farsa*': como se dissera que não só faziam rir, senão que provocavam a zombaria e a mofa." – **Entremez**, como está indicando a própria etimologia (do italiano *interméźzo* "intercalado, posto no meio"), é "a pequena farsa que se intercala na representação de um drama ou de uma tragédia". – **Pantomima** é "a comédia ou a farsa, em que os atores só se exprimem por meio de gestos e atitudes". – **Drama** (do latim *drama,* que vem do grego *drâma,* onde figura a raiz *dra* que enuncia ideia de "agir") é, em geral, "toda composição, em verso ou em prosa, destinada a representar-se no teatro". Distingue-se de **comédia**, num sentido mais restrito, em ser feito em estilo grave, e com o intuito de defender ou inculcar um princípio moral. – **Tragédia** é "o drama em que se representam grandes sucessos, e em que os personagens são sempre figuras históricas, ou homens ilustres". A **tragédia** tem quase sempre um desfecho imprevisto e comovente.

43 ❧ Segundo Bruns., *kômôdia* é formada de *kômas* "gala", e *ôde* "canto".

530

COMERCIANTE, negociante, mercador, marchante, traficante, tratante, chatim. – Destes vocábulos, exceto **marchante**, escreve Roq.: "Estas palavras indicam as diferentes circunstâncias e classes dos que se ocupam em comprar e vender, em trocar e cambiar mercadorias. A palavra *comércio* é latina (*commercium*) e significa literalmente 'câmbio de mercadorias' (*commutatio mercium,* e forma-se de *cum* + *merx* 'mercadoria'). No

princípio só se fez o que impropriamente chamaríamos 'comércio por trocas e permutas', pois que não se conheciam as moedas, nem o cálculo, nem o câmbio, e muito menos ainda o giro, até que se descobriu fazer estas operações por valores equivalentes. De qualquer modo que seja, a palavra *comércio* significa 'câmbio, recíproca comutação e tráfico'. Posto que a palavra *comércio* se possa estender a toda sorte de compra e venda, como acontece na língua francesa, contudo aplica-se mais particularmente ao trato feito com ciência, em grande e por atacado; por isso se diz – junta, tribunal, aula de *comércio*. *Negócio* é também palavra latina (*negotium*, que os etimologistas dizem se deriva de *nec* e *otium* 'falta, carência de ócio'; e, por consequência, 'trabalho, fadiga' [(ou afadigamento), como parece confirmá-lo aquele dito de Terêncio: *Ut in otio esset potius quam in negotio*]. Designa, pois, um gênero particular de ocupação e trabalho, que compreende a ideia de *comércio* lucrativo; e assim dizemos que se fez bom *negócio* quando o trato foi favorável. Diferença-se *negócio* de *comércio* em que este compreende a ciência de todos seus diferentes ramos, e a prática desta ciência; e aquele só se refere à parte laboriosa e lucrativa. Aos que estudam a ciência do *comércio* e a praticam chamam-se **comerciantes**; e **negociantes** aos que se dão ao *negócio*, ou a algum ramo de *comércio*; aos **mercadores** de grosso, sem que muitas vezes tenham a ciência que é própria de **comerciante**. Por isso se diz – *negociante* de vinhos, de azeites, de trigos, etc., aquele que compra estes gêneros, os guarda em armazéns, os beneficia, etc., para os vender com lucro, sem cálculo nenhum prévio, nem especulação engenhosa. Ao contrário, o sábio *comerciante* calcula a abundância e a escassez de umas paragens com outras, os gastos de compra, transporte e armazenagem, os benefícios ou ganâncias de comprar num ponto e vender noutro, verificando para sábias e complicadas operações, pondo em tudo a melhor ordem, e executando tudo com o arranjo e a economia possíveis. Tal é a ideia do sábio **comerciante**. – **Mercador** é o homem que se emprega em mercancia, ou trato de mercadejar. Houve tempo em que este vocábulo foi entre nós sinônimo perfeito de **comerciante**, porque este termo é novo na língua. A nossa antiga palavra genérica era *homem de negócio*, e **mercador**. Hoje, propriamente, **mercador** é o negociante que comercia dentro do país, por grosso ou a retalho. O **mercador** por grosso ombreia com o **negociante**. Acautelemo-nos de confundir o *mercador* português com o *marchand* francês, posto que as palavras muito se pareçam. Um *mercador de vinhos*, por exemplo, é um homem limpo, e o *marchand de vin* é um taverneiro. *Tráfico* ou *tráfego*[44] é o comércio, ou antes o transporte de um para outro lugar, sobretudo mui distante; porém, comumente, toma-se na ideia de 'entreposição, mediação'; bastante análoga à palavra, e mui adequada para designar a ação do último vendedor, que se põe, por assim dizer, entre o primeiro vendedor e o consumidor, para trasladar de um a outro uma mercadoria. Ao que se ocupa no *tráfico* chama-se **traficante**; mas este vocábulo, inocente na sua origem, toma-se hoje em mau sentido para designar o que no seu trato usa de indústrias e não negocia lisa e honradamente. – **Tratante** significa propriamente o que trata (no sentido de comércio, negócio, tráfico de mercadorias). Hoje, porém, toma-se à má parte, e é quase sinônimo perfeito de **traficante**: diz-se dos que fazem negócios com dolo e fraude. – **Chatim** é voz asiática; e designa o negociante astuto, talvez de pouca conta, que confia mais na

44 "Parece-me – diz o autor em nota – que esta palavra se formou, assim como o verbo *trafegar*, de *transfero* "trasladar, levar de um lugar para outro".

sua esperteza que na lisura do trato, e na valia de seus cabedais". – **Marchante** é um traficante especial: é "o que vende carnes em açougue".

531

COMETER, praticar, perpetrar, fazer. – Todos estes verbos enunciam a ação de levar a efeito, realizar alguma coisa; não podendo, porém, aplicar-se, nem todos, indistintamente a todos os casos: é o gênero da ação que lhes regula a propriedade. Ninguém dirá, por exemplo, que F. *cometeu* atos de abnegação, ou de caridade; nem que *perpetrou* ações valorosas. Podemos, portanto, distinguir os quatro verbos em dois subgrupos: 1º.) **cometer** e **perpetrar**; e 2º.) **praticar** e **fazer**. – Entre **cometer** e **perpetrar** há esta diferença: **cometer** enuncia a espécie de ação; **perpetrar**, o gênero. Tudo que se *perpetra* também se *comete*; mas nem tudo que se *comete* poder-se-ia dizer que se *perpetra*. Meu filho *cometeu* no colégio uma falta (não *perpetrou*). *Perpetram-se* crimes, violências, barbaridades, sacrilégios, horrores, etc. – e também pode dizer-se que se *cometem*. Quer isto dizer que **perpetrar** só se aplica nos casos em que a ação é anormal porque infringe grandes princípios de direito, de moral, de justiça, etc., e sempre indicando que a ação subjetiva se converteu em ato. Por isso não seria próprio dizer – que se *perpetram* pecados – salvo figuradamente, quando se quer aludir à enormidade dos pecados. O que se *comete* pode ficar conosco; o que se *perpetra* supõe-se que é sempre contra alguém e que se manifesta por fato. – **Perpetrar**, no sentido próprio e natural, só se aplica no sentido físico, portanto, concreto; **cometer**, quer no sentido físico, quer no moral ou translato. – Entre **fazer** e **praticar**, o primeiro designa a espécie de ação; o segundo, o gênero. – **Fazer** tem predicação mais vaga, menos precisa, e, portanto, mais geral e complexa. Muita coisa se *faz* que não se *pratica*. *Fazem-se* casas, muros, estradas, etc.; mas, não se *praticam*. Pouco haverá que se *pratique*, e que se não possa também dizer que se *faz*. *Praticam-se* crimes, erros, desatinos, injustiças, crueldades, etc.; e tudo isso também se pode dizer que se *faz*. Há casos, no entanto, em que o objeto da ação excluiria a propriedade do verbo **fazer**. Dizemos: *praticar* belas ações, ou ações condenáveis; *praticar* grandes virtudes, atos de bravura (e não seria muito próprio empregar nestes casos o verbo **fazer**, pois uma ação, uma virtude não se *fazem* – *praticam-se*). Por outro lado, como se viu já, dizemos: *fazer* uma casa, *fazer* um nome (e não – *praticar*). – **Fazer** enuncia, pois, uma ação que se aplica tanto no sentido moral como no físico: a ação de "criar, de dar existência". – **Praticar** é "pôr em prática, em atividade, reduzir a ato"; e não se aplica a coisas concretas, senão a ações. Ambos podem ser empregados tanto no bom como no mau sentido; enquanto que **cometer** e **perpetrar**, só no mau sentido. – Entre **cometer** e **praticar** há esta diferença essencial: o primeiro só se usa no mau sentido; e **praticar**, tanto num como noutro. Mesmo no mau sentido, porém, há casos em que só é admissível o verbo **cometer**. *Cometem-se*, ou *praticam-se* indiscrições; mas – *cometer* indiscrições – é uma coisa, e – *praticar* indiscrições – é outra. Quem toma, diante de uma pessoa de respeito, ou num lugar de cerimônia, uma postura indiscreta ou faz um gesto pouco delicado – *pratica*, ou *comete* uma indiscrição (mais propriamente – *pratica*); mas aquele que faz uma pergunta indiscreta, não – *pratica*, mas – *comete* uma indiscrição. Propriamente – *cometem-se* pecados, e não – *praticam-se*; pois pecado é "falta cometida de consciência, infração de lei moral"; e estas coisas não se *praticam*: – *cometem-se*. Entre estes dois verbos há esta diferença ainda: **praticar** denota sempre in-

tencionalidade; **cometer**, não; pelo menos nem sempre. Uma falta que se *cometeu* por inadvertência não se diz que se *praticou*. Indica isto que **cometer** sugere uma ideia da responsabilidade do agente: noção que nem sempre se inclui em **praticar**. Uma criança *pratica* desatinos; um homem alcoolizado *pratica* despropósitos. Em nenhum desses dois exemplos caberia – *comete*.

532

COMETIMENTO, **empresa**, **empreendimento**. – **Empresa** e **empreendimento** aproximam-se pelo que de comum subsiste na sua estrutura; mas há entre os dois a diferença que consiste em ser **empreendimento** só aplicável a **empresas** de vulto; e melhor ainda, no fato de excluir a ideia de operação mercantil, que é ordinariamente sugerida pelo vocábulo empresa. É um vasto *empreendimento* uma ascensão ao Himalaia, a travessia do Mediterrâneo em balão, uma viagem do Rio aos Andes pelo interior; e até se diz que é alto *empreendimento* uma grande reforma política, a propaganda de um vasto ideal de justiça, a composição de uma obra literária, etc. A nenhuma dessas coisas poderia aplicar-se com a mesma propriedade a palavra **empresa.** – **Cometimento** ajunta ao vocábulo **empreendimento** a sugestão de perigo. Só a ações muito árduas, a intentos audaciosos, a planos arrojados é que se dá o nome de **cometimentos**.

533

COMILÃO, **glutão**, **guloso**, **faminto**, **voraz**. – **Comilão** é "o que come demais". Entre **comilão** e **guloso** há esta diferença: o primeiro come muito sem fazer questão de manjares, e parece que come para encher-se; o **guloso** escolhe os melhores acepipes, come com certa luxúria. – **Glutão** é "o que come depressa, com avidez, como se devorasse o mais que pode sem atenção com o outros". – **Faminto**, vulgarmente (e é nesta acepção que figura neste grupo), aproxima-se de **glutão**: é "o que parece andar sempre com fome, devorando o que encontra". – **Voraz** é propriamente "o que devora, que come em excesso e com rapidez espantosa".

534

COMO, **assim como**, **do mesmo modo que...**, **tal qual**, **de que modo**, **segundo**, **conforme**. – A maior parte destas palavras podem entrar em mais de uma categoria gramatical. – **Como** significa – "de que modo, deste modo, desta forma"; e também – "à vista disso", ou – "do modo que". Em regra, **como** exprime relação comparativa; isto é – emprega-se quando se compara o que se vai afirmar com aquilo que já se afirmou; ou aquilo que se quer, que se propõe ou se deseja, com aquilo que em mente se tem. Exemplos valem mais que definições: – *Como* cumprires o teu dever, assim terás o teu destino. – O verdadeiro Deus tanto se vê de dia, *como* de noite (Vieira). – Falou *como* um grande orador. – Irei pela vida *como* ele foi. – **Assim como** equivale a – "do mesmo modo, de igual maneira que"... *Assim como* se vai, voltar-se-á. *Assim como* o sr. pede não é fácil. Digo-lhe que *assim como* se perde também se ganha. Destas frases se vê que entre **como** e **assim como** não há diferença perceptível, a não ser a maior força com que **assim como** explica melhor e acentua a comparação. – Nas mesmas condições está a locução – **do mesmo modo que...** Entre estas duas formas: "*Como* te portares comigo, assim me portarei eu contigo"; "*Do mesmo modo que* te portares comigo, assim (ou assim mesmo) me portarei contigo" – só se poderia notar a diferença que consiste na intensidade com que aquele *mesmo modo* enuncia e frisa, por assim dizer, a comparação. E tanto é assim que em muitos casos

não se usaria da locução; nestes, por exemplo: "Aqueles olhos brilham *como* estrelas"; "A menina tem no semblante uma serenidade *como* a dos anjos". "Vejo aquela claridade *como* de um sol que vem". – **Tal qual** significa – "de igual modo, exatamente da mesma forma ou maneira": "Ele procedeu *tal qual* nós procederíamos" (isto é – procedeu *como* nós rigorosamente procederíamos). Esta locução pode ser também empregada como adjetiva: "Restituiu-me os livros *tais quais* os levara". "Os termos em que me falas são *tais quais* tenho ouvido a outros". – **De que modo** é locução que equivale perfeitamente a **como**: "*De que modo* quer o sr. que eu arranje o gabinete?" (ou: *Como* quer o sr. que eu arranje...). – **Segundo** e **conforme**, em muitos casos equivalem também a **como**: "Farei *conforme* o sr. mandar" (ou: *como* o sr. mandar). "Procederei *segundo* me convier" (ou: *como* me convier).

535

COMPACTO, espesso, denso. – Segundo Bruns. – "destes termos, o primeiro é o que considera maior aproximação ou aderência entre as partes que compõem o todo". É **compacto** aquilo que não consente que sem esforço se passe através da sua massa. – **Espesso** diz-se do todo cujas partes estão muito próximas umas das outras, ainda que cada uma esteja separada das que lhe ficam mais perto: bosque *espesso*. Frequentemente se diz *espesso* por *grosso*: uma *espessa* camada de gesso. – **Denso** qualifica o todo cujas partes estão de tal modo juntas que não deixam entre si intervalo algum. Cientificamente se diz do corpo cujas moléculas estão apenas separadas pelos poros. Assim, "o oiro é mais *denso* que o ferro. A água é mais *densa* que o ar".

536

COMPADECER-SE, condoer-se, enternecer-se, amiserar-se, apiedar-se. – Quem se *enternece* fica brando de coração, disposto a ter sentimentos bons, a comover-se. – Quem se *compadece* de alguém é como se lhe tomasse como próprias as dores, as desgraças, os sofrimentos. – Quem se *condói* faz a mesma coisa. Mas entre **condoer-se** e **compadecer-se** há esta distinção: **condo-er-se** é de significação mais restrita. Uma pessoa pode estar sinceramente *condoída* sem que se *compadeça* propriamente do semelhante que lhe inspira condoimento ou condolência. Em **compadecer-se** encerra-se a ideia de "sofrer com o desgraçado, e à vista do seu sofrimento". Em **condoer-se** só há a ideia de avaliar e sentir a mesma dor. *Condoemo-nos* de um amigo que perdeu um filho; mas decerto que, só por isso, não nos *compadecemos* dele. – **Amiserar-se** (e também **comiserar-se**) é sentir misericórdia por alguém. – Como também **apiadar-se** (ou na forma arcaica **apiedar-se**) é "sentir piedade, mostrar-se brando, caritativo com alguém".

537

COMPANHIA, sociedade; sindicato, associação. – Deste grupo, são os dois primeiros vocábulos os que têm significação mais vaga e que podem ser tomados em acepções mais várias. – Dizemos, por exemplo: "A nossa *companhia* (a turma em que viajávamos) chegou primeiro a Jerusalém"; "Venho fazer *companhia* ao meu amigo" (estar com ele e confortá-lo); "As más *companhias* quase sempre nos comprometem" (a convivência com pessoas de má fama); "Agradeço-lhe a boa *companhia*" (o ajuntamento e camaradagem), etc. Em nenhum desses casos caberia decerto a palavra **sociedade**. Por outro lado dizemos: "A *sociedade* antiga tinha suas coisas veneráveis" (a existência, o modo de viver dos homens antigos); "A *sociedade* selvagem fundava-se no instinto da força" (o modo de viver, a ordem entre os selvagens); "*Sociedades* de beneficência; de socorro mútuo; de

seguros", etc. (reuniões de indivíduos que se associam para se protegerem ou ampararem). Em nenhum destes casos caberia sem dúvida a palavra **companhia**. Outros muitos casos há ainda em que **companhia** e **sociedade** marcam ideias bem distintas; por exemplo: "*sociedade* de agricultura" e "*companhia* de agricultura" designariam agrupamentos de homens com intuitos mui diferentes: "*sociedade* de agricultura" determinaria um certo número de homens que se dedicam a promover o desenvolvimento do trabalho agrícola; e "*companhia* de agricultura" só se aplicaria a um grupo de indivíduos que explorassem o trabalho agrícola. Mas há casos em que se confundiriam os dois vocábulos; por exemplo: *sociedade* manufatureira, e *companhia* manufatureira; *companhia* pastoril, e *sociedade* pastoril; ou mesmo: *sociedade* agrícola, e *companhia* agrícola. Ainda aqui, porém, não é difícil apanhar a distinção que existe entre os dois vocábulos: uma *sociedade* agrícola de que só fizessem parte duas pessoas não se chamaria nunca – uma *companhia*; enquanto que uma vastíssima *companhia* organizada, por exemplo, para explorar todo o comércio da Ásia oriental, bem que se poderia chamar – "*sociedade* asiática de comércio", ou – "*sociedade* de comércio da Ásia". De tudo isto resulta: I – que **sociedade** é vocábulo de significação mais ampla; II – que **companhia** só é aplicável a grupos de indivíduos, mais ou menos numerosos; III – que **companhia** sugere sempre ideia de exploração mercantil (ou fora deste caso – a ideia de ajuntamento, de emparelhamento, para algum fim, lícito ou mesmo ilícito). Parece mesmo que a distinção mais clara, por assim dizer a única fundamental entre os dois vocábulos, é esta última, da sugestão de intuito mercantil que se atribui a **companhia** na maior parte dos casos, e que não é essencial à **sociedade**. Dizemos: *sociedades* secretas (e não – *companhias* secretas); *companhia* lírica; *companhia* dramática (e não – *sociedade* lírica, etc.). E *sociedade* lírica ou dramática seria já coisa muito diferente de *companhia* dramática ou lírica. – **Associação** confunde-se ordinariamente com **sociedade**. Dizemos indistintamente: *sociedades* literárias, e *associações* literárias. Mas **associação** dá ideia de união mais íntima entre os que se associam, de maior esforço e cooperação dos que se unem e ligam para um fim comum. Diz Lafaye que Voltaire faz entre **sociedade** (a sociedade humana) e **associação** uma diferença análoga à que se nota entre *corpo* e *corporação*. Cita ele primeiro este exemplo de Roubaud: "Os povos são unidos, e a nação é uma: a nação é o *corpo*, e os povos são espécies de *corporações* nacionais". E conclui assim o seu §: "Voltaire, falando do estabelecimento dos templários e dos hospitalários, distingue do mesmo modo **sociedade** e **associação**: "Quando a *sociedade* geral é bem governada, diz ele, quase que se não fazem *associações* particulares". (Laf.) – **Sindicato** é vocábulo introduzido modernamente na língua e designa, segundo Cândido de Figueiredo, "*companhia* ou *associação* de capitalistas, interessados na mesma empresa, e pondo em comum os seus títulos, para que na venda destes não haja alteração de preços". Daí a ideia, que sugere esta palavra, de manobra de especuladores poderosos contra os mercados onde se consomem os produtos com que especulam. Por isso, ainda segundo o referido autor – **sindicato** tem ordinariamente o valor de "especulação financeira pouco lícita".

538

COMPARAR, **confrontar**, **conferir**, **colacionar**, **cotejar**. – Segundo Bruns. – **Comparar** (do latim. *comparare*, de *cum*, "com", e *par*, "igual, semelhante") é o modo geral de examinar como, ou em que se parecem, ou em que se diferençam pessoas ou coisas. Este verbo não sugere ideia determinada sobre o fim

que tem a operação. *Compara-se* notando-se a semelhança ou a diferença. **Cotejar** é comparar para descobrir a conformidade ou a diferença. Os poetas *comparam* os sentimentos da alma com os objetos naturais que com eles têm alguma analogia, para pintá-los com mais viveza e naturalidade. Os eruditos *cotejam* documentos e autores, para notar em que ponto estão ou não de acordo. O símile retórico é uma *comparação*, mas não é um *cotejo*. Quando se examina se a cópia difere do original, *coteja-se*, mas não se *compara*. "As *comparações* – diz um autor – são odiosas, mas os *cotejos* ainda o são mais". – **Confrontar** (do latim *cum* e *frons* "frente") é pôr frente a frente pessoas, e particularmente testemunhas e réus, para comparar os seus ditos, e ver se entre eles há contradição. Já nisto difere, portanto, de **comparar**, pois declaradamente diz que a operação tem um fim determinado. Falando-se de coisas, **confrontar** tem um sentido análogo; pois no *confronto* o que se pretende é obter uma certeza, sair de uma dúvida. *Confronta-se* a assinatura que se sabe ser de determinada pessoa com outra que a imita e que se julga ser feita por um falsificador. – **Conferir** (do latim *conferre* "comparar") é comparar textos entre si para esclarecer um fato. Diz-se também da comparação que se faz entre as nossas contas e as que nos apresentam para verificar se umas concordam com as outras. – **Colacionar** (do latim *collatum*, supino de *conferre*) é "comparar entre si textos diferentes, a fim de constituir um texto autêntico".

539

COMPARTIR, **compartilhar**, **partilhar**, **participar**. – **Partilhar** é propriamente "dividir em partes, distribuir em porções"; e num sentido particular é "repartir em quinhões um espólio, fazer partilha de uma herança pelos herdeiros". – **Compartilhar** é "concorrer à partilha com outros herdeiros"; e numa acepção mais genérica é "tomar parte em alguma coisa com alguém". Aproxima-se, principalmente neste sentido, de **participar**: do qual se distingue pela ideia, que sugere, da atividade com que se *compartilha*: ideia que não é essencial de **participar**, pois este verbo enuncia apenas a ideia de "ter parte em alguma coisa". – Também **compartir** confunde-se com os dois precedentes, sobretudo com o verbo **compartilhar**, pois, como este, significa "tomar parte em alguma coisa com alguém". A única diferença que se pode sentir entre estes dois verbos é a que consiste na ideia de divisão e distribuição que **compartir** sugere melhor que **compartilhar**.

540

COMPASSADO, **lento**, **vagaroso**, **tardio**, **tardígrado**, **tardo**, **pesado**, **moroso**, **demorado**, **ronceiro**, **pachorrento**, **zorreiro**, **fleumático**. – Dos três primeiros do grupo, diz Bruns.: "Concordam estes vocábulos na ideia geral de 'demorado', 'não apressado'; cada um apresenta, porém, essa ideia de modo diferente. – **Compassado** exprime cuidado, meticulosidade, esforço para não ir mais depressa. O passo *compassado* não é o passo ordinário da pessoa que momentaneamente o leva, mas sim aquele que uma circunstância qualquer a obriga a tomar, talvez com sacrifício seu. – **Lento** diz-se das pessoas e das coisas consideradas como agentes. No primeiro caso, lento qualifica melhor o caráter da pessoa que o modo de ser de uma das suas ações; quem tem o falar **lento**, tem-no assim habitualmente. O homem que perde a sua atividade torna-se *lento*. O passo *lento* tarda em levar ao ponto de chegada. No segundo caso, **lento** é relativo ao efeito, e não ao sujeito: um veneno *lento* tarda a manifestar-se, deixa ainda muito tempo de vida. – **Vagaroso** diz-se do que não é tão ativo como pudera, ou como devera ser. O que é *vagaroso* tarda, por culpa do sujeito, em chegar ao termo a que se desti-

na". – Os três vocábulos que se seguem têm o mesmo radical, e exprimem de comum a ideia de vagaroso e retardado. – **Tardo** é "o que tem o passo lento, pesado, frouxo; que anda muito devagar". "A ruminar caminha o *tardo* boi". – **Tardio**, além de tardo, significa "retardatário; que chega sempre tarde, ou depois da hora precisa". – **Tardígrado** é de significação mais restrita: só é aplicável ao movimento, e quer dizer "de andar lento e compassado, de passos vagarosos, que custa a mover-se". – **Pesado** só figuradamente é que entra neste grupo, e devido à ideia, que lhe é inerente, de que uma coisa ou pessoa pesada "não se move senão, em regra, lentamente e com esforço". – **Moroso** é o que demora muito a chegar, ou a fazer alguma coisa. Sugere a ideia de enfado, de tédio no agir. – **Demorado** é "o que tarda demais; é aquilo em que há delonga, e que se não faz no devido tempo". – **Ronceiro** é "o que é pesado, rude, e que se move com preguiça e desajeitadamente". Moinho *ronceiro*; boi *ronceiro*; e até – estilo *ronceiro*. – **Pachorrento** é "o que tem fleuma para se não apressar, para fazer tudo lentamente, sem cuidados e preocupações". – **Zorreiro** vem de zorra, que é carroça pesada (ou espécie de trenó) que se arrasta a muito custo; e significa, portanto, "muito ronceiro; que só se move ou só faz alguma coisa à força de estímulos". A própria palavra *zorra* é empregada neste sentido. – **Fleumático** = "de bom humor; pachorrento; que é, de natureza, calmo, paciente, impassível". É mais uma qualidade de temperamento que estado. Não seria próprio dizer, portanto, que F. "ficou" *fleumático* diante do ultraje ou do perigo.

541

COMPATRIOTA, **compatrício**, **patrício**, **concidadão**; **conterrâneo**. – **Compatriotas** chamamos aos que são da mesma pátria, e mais particularmente quando nos achamos fora dela. – **Patrício** tem uma significação mais restrita: aplica-se mais ordinariamente ao que nasceu na mesma província ou estado em que nascemos nós. E uns em relação aos outros são *compatrícios*. – **Concidadão** é "todo aquele que pelos laços da nacionalidade se nos liga". Num sentido mais particular, é "o que habita a mesma cidade que nós habitamos". – **Conterrâneo** só se aplica aos que nasceram no mesmo lugar (na mesma *terra*) em que nós nascemos.

542

COMPENSAR, **indenizar**, **reparar**, **ressarcir**. – **Compensar** é suprir por um proveito, ou uma vantagem, outra vantagem ou proveito que se não tem ou que se perdeu. Exclui, ou pelo menos não determina rigorosamente que seja igual ou que equivalha a coisa com que se compensa à coisa de que se é compensado. Se eu perdi um certo bem, poderei julgar-me *compensado* da perda mesmo que seja inferior ao perdido o bem que me vier em compensação. – **Compensar**, em suma, é "atenuar o mais que é possível uma falta, um prejuízo; dar ou garantir proveitos que correspondam ao esforço que se fez, ao trabalho que se executou". – **Indenizar** é "compensar um prejuízo por meio de um valor equivalente". Só se pode este verbo referir a coisas materiais. Não se dirá, por exemplo, que se *indenizou* alguém de um sacrifício ou de um dano moral que se lhe tenha causado. – **Reparar** tanto se emprega no sentido moral como no físico. *Reparam-se* injúrias; *reparam-se* males, prejuízos, danos de qualquer ordem. É mais **compensar** que **indenizar**. Inclui também a ideia de apagar, de fazer que desapareça, ou que fique esquecido o mal que se causou. É neste sentido que se diz que se *reparou* uma falta, uma ofensa, etc. – **Ressarcir** é também "compensar (um prejuízo), corrigir uma perda, um mal, um dano".

543

COMPENSAR, **contrabalançar**; **igualar**, **equiparar**, **equilibrar**, **contrapesar**. – **Compensar** é "fazer que uma coisa valha a outra, mesmo que não sejam iguais". *Compensam-se* reciprocamente duas coisas a cada uma das quais falta alguma parte ou porção que é suprida pela outra. – **Contrabalançar** é "pôr em igualdade duas coisas; é fazer que uma tenha a mesma força, o mesmo valor da outra". – *Contrabalançam-se* duas forças acrescentando a uma o que tem de mais a outra, ou tirando desta o excesso, para que ambas tenham o mesmo valor. – **Igualar** é o mais genérico do grupo; e significa – "dar a duas ou mais coisas as mesmas proporções, o mesmo volume, o mesmo peso, a mesma cor, etc." *Igualam-se* dois ou mais objetos fazendo, sob qualquer aspeto que se os encare, que um não seja diferente dos outros, ou que sejam todos iguais. – **Equiparar** ajunta ao verbo **igualar** a ideia de comparação, de confronto. *Equipara*-se uma coisa a outra quando se toma esta por modelo e se lhe põe aquela em pé de igualdade. – **Equilibrar** é "igualar no peso propriamente, na força, no valor". Não se *equilibram* formas, nem cores, nem sons: *igualam-se*. *Equilibra-se* também um corpo quando permanece numa posição em que o mantêm forças que se anulam ou se equivalem. – **Contrapesar** é propriamente "igualar o peso de duas coisas, acrescentando a uma o que lhe falta para que pese tanto como a outra".

544

COMPETÊNCIA, **competição**. – Só os respetivos sufixos é que marcam a diferença existente entre este dois vocábulos. – **Competição** é de sentido mais restrito que o primeiro, e designa exclusivamente a ação de "competir, de entrar em concorrência com outro, de pôr-se em rivalidade ou mesmo em conflito com alguém". – **Competência**, além de aplicar-se igualmente no sentido de **competição**, designa ainda "a qualidade especial que se atribui a alguém para alguma coisa"; e ainda mais particularmente, como termo de jurisprudência, designa "a jurisdição própria de um tribunal ou de um juiz, o seu direito de conhecer de uma causa".

545

COMPETÊNCIA, **capacidade**. – O primeiro destes vocábulos já vimos, no precedente grupo, que é mais um termo jurídico; isto é, melhor do que em outra qualquer, é empregado na acepção de "qualidade, direito, poder, atribuição própria para exercer alguma função, ou para entender em certas questões". – **Capacidade** (de *capax*, de *capere* "apanhar, entender", etc.), é "a aptidão própria para alguma coisa, o preparo especial para algum ofício ou função". É evidente, pois, que nem sempre se poderá atribuir **capacidade** àquele que tem **competência**. Um juiz inepto não tem *capacidade*, mas tem *competência* para julgar dentro da sua jurisdição. Dizemos, em certos casos, que, por exemplo: um menor não tem *capacidade* jurídica (isto é – não tem qualidades para exercer certos direitos); um indivíduo não tem *capacidade* profissional para certo cargo (isto é – não tem as aptidões próprias que se requerem para o exercício desse cargo). No primeiro caso, não caberia **competência** (salvo hipóteses especialíssimas). No segundo caso, mudaríamos o valor do asserto se disséssemos que – um indivíduo não tem *competência* profissional; pois poderia o referido indivíduo ter *capacidade* sem ter *competência*: o que reduz a **competência** à condição de uma *capacidade* de direito, ou *capacidade* reconhecida por lei.

546

COMPETENTE, **respetivo**, **próprio**, **adequado**. – "Qualifica-se de **competente** –

diz Bruns. – o que exclusivamente se destina a determinado fim". Os párocos devem exarar o registro dos batizados no livro *competente*. – **Respetivo** dizemos daquilo que não só é competente, mas também destinado a uma particularidade que sobressai do geral. Os párocos registram em livros *competentes* os batizados, os casamentos e os óbitos; cada registro, porém, no seu livro *respetivo*. – **Próprio** difere de **competente**: 1.° em designar este o que é indispensável; e **próprio** o que pode servir para o fim que se pretende; 2.° em **competente** determinar a validez do fato; ao passo que o que é próprio só se pode considerar como tal devido a não se opor à natureza do fato. Assim: Um recibo não é válido quando não tem o selo *competente* (além do selo *próprio*). O livro que é *competente* para os párocos registrarem os casamentos, etc., pode dar-se, ou pelo formato, ou pela qualidade do papel, ou por outra qualquer circunstância, que não seja *próprio* para isso. – **Adequado** diz-se do que foi feito de propósito para um fim determinado, ou do que se modificou de modo a servir para certo fim".

547

COMPETIR, **rivalizar**, **concorrer**, **emular**. – Todos estes verbos exprimem de comum a ideia de "ter sentimentos ou exercer ação contra alguém que procura ou quer aquilo mesmo que nós queremos". Quem *compete* com outro ou com outros põe-se em conflito e em luta para alcançar alguma coisa. Também dizemos que fulano não pode *competir* com sicrano quando com este o primeiro não tem qualidades para concorrer ou para pôr-se em confronto ou disputa. – **Rivalizar** é "fazer por adiantar-se alguém na posse de alguma coisa, ou por excedê-lo em alguma qualidade ou esforço". – **Concorrer** é "disputar contra alguém a conquista de alguma coisa". *Concorrem* os candidatos que procuram dar provas de que têm mais direitos a um mesmo cargo, ou mais aptidões para o ofício posto em concurso; ou de que oferecem mais vantagens para executar um serviço posto em concorrência. – **Emulam** dois colegiais quando um procura exceder o outro nos estudos. – **Emular** é, de todos os verbos do grupo, o que enuncia ação mais nobre; e não se confunde com os outros. Pode-se *competir*, *rivalizar*, *concorrer* por paixão, por egoísmo, por interesse: **emular** sugere particularmente, na acepção mais própria e natural, a ideia de que as pessoas que *emulam* se esforçam por imitar-se ou por exceder uma a outra no que tem cada uma de melhor. (É exato, no entanto, que, tratando-se de monstros, poderia dizer-se que *emulam* no seu furor sacrílego contra a inocência; ou na paixão do sangue; ou no horror do crime...).

548

COMPLEMENTO, **suplemento**; **implemento**, **completação**; **acabamento**, **conclusão**. – **Complemento** é "aquilo que completa um todo; é a parte sem a qual o todo não seria perfeito". – **Suplemento** é o que se acrescenta a um todo; não faz parte essencial desse todo: apenas aumenta-lhe a utilidade com o acréscimo de alguma coisa. – **Implemento** é "o que serve de encher, de atestar"; e por extensão – de perfazer, de efetuar, de executar completamente alguma coisa. O *implemento* da nossa tarefa, do nosso contrato, das nossas funções. – **Completação** é "o ato ou a ação de completar"; e toma-se frequentemente como a própria coisa (complemento) com que se completa. Anchieta fez naquele dia (no dia em que plantou a cruz no planalto de Piratininga) a *completação* da sua obra na América. – **Acabamento** é a ação de acabar; e, portanto, é sinônimo quase perfeito de **completação**, do qual difere apenas em não sugerir sempre, como este, a ideia de atividade, de esforço de

quem *acaba*. Não sabia o mísero que estava tão perto o *acabamento* (o fim) da sua desgraça. Neste exemplo não caberia **completação**. F. chegou afinal à *completação* do seu projeto, ou do seu empreendimento, do seu desejo ou do seu ideal (e aqui não caberia **acabamento**). – **Conclusão** é "a ação de concluir, de chegar ao fim, de rematar". *Conclusão* da obra, da tarefa, do discurso. Não se dirá, porém –, *conclusão* do seu infortúnio; pois a palavra **conclusão** sugere também a ideia da atividade de quem conclui.

549

COMPLEXO, **complicado**; **implexo**, **implicado**. – **Complexo** é "o que compreende ou abrange muitas coisas, ou grande número de partes de uma coisa"; e é por isso que se toma este vocábulo como sinônimo quase perfeito, em muitos casos, de **complicado**. Esta questão é muito *complexa* (isto é – apresenta muitas faces, ou compõe-se de muitos elementos, sob o ponto de vista dos quais pode ou deve ser considerada, e por isso parece difícil de entender ou de estudar). – **Complicado** é "o que se compõe de coisas diferentes e enredadas de modo que se torna difícil de ser entendido". Nem sempre, portanto, o que é *complexo* é propriamente *complicado*: e a inversa é também verdadeira. Há livros ou autores *complicados*, mesmo tratando de questões muito simples. Há também obras bem *complexas* que são muito claras, que nada têm de *complicadas*. – Entre **complexo** e **implexo** há a diferença marcada pelos respetivos prefixos. – **Complexo** enuncia a ideia de "dobradas, entrelaçadas, umas com as outras, as partes ou elementos que entram no que é *complexo*". – **Implexo** encerra a ideia de coisa "intrincada, metida na outra ou dentro de outra, fazendo que esta deixe de ser simples, clara, fácil de entender". Um conto *implexo*, por exemplo, será aquele em que o autor intercalar coisas (digressões, enredos, etc.), que lhe dificultem a inteligência. – Entre **complicado** e **implicado** há uma distinção análoga. Dizemos que uma coisa é *complicada* quando as diferentes porções que a formam estão de tal modo travadas e confusas que a nossa inteligência não pode penetrá-las facilmente; e dizemos que uma coisa é *implicada* quando é de si mesma embaraçada, por não ser simples, ou não estar desdobrada, aberta, clara.

550

COMPREENDER, **entender**, **conceber**, **perceber**, **sentir**. – Diz Roq. que o verbo **entender** "explica uma percepção do ânimo e em que os sentidos e a memória têm mais parte do que na percepção que explica o verbo **compreender**, na qual tem mais parte o entendimento. *Entende-se* uma língua, um sinal dado: esta percepção a devemos à prática material, ao uso, à ação dos sentidos. *Compreende-se* a força de um discurso, a causa oculta de um efeito: devemos esta percepção à perspicácia, à subtileza do entendimento. – Do verbo latino *concipio* fizemos nós **conceber**, que em significação translata quer dizer – formar no ânimo, meditar e abraçar um propósito, um plano, etc. De outro verbo latino *percipio* fizemos **perceber**, a que demos principalmente a significação de compreender, entender, que também se dá às vezes ao verbo **conceber**. Mas a diferença entre **conceber** e **perceber** consiste em que, quando eu *concebo* sou eu o agente, e quando *percebo* não faço senão entrar no espírito daquilo que outro diz ou faz. *Concebe* o general um plano de batalha ou de ataque de uma praça, faz os seus preparativos, e começa a executá-lo; *percebe-o* o inimigo, e procura malográ-lo, empregando todos os meios que a arte da guerra lhe ministra". – **Sentir**, aqui, é "apanhar bem o sentido, penetrar o íntimo, compreender perspicuamente". É o mais genérico do grupo. *Sentem-se* as grandes verdades; *sente-se* um belo discurso, um tre-

cho de música; *sente-se* o intento do inimigo; *sente-se* a causa de um fenômeno; *sente-se* um aviso posto no alto de um monte.

551

COMUM, **público**, **geral**. – **Comum**, neste grupo, designa "aquilo que não é próprio de ninguém, mas a que todos têm direito". Num prédio, a porta de entrada pode ser *comum* para os vários lanços do edifício; os mesmos lanços têm um corredor *comum* para as diferentes habitações; os rios, as fontes, os logradoiros, mesmo que não sejam públicos, podem ser de serventia *comum* a um grande número de pessoas. – **Público** designa "o que não é privado ou particular". As ruas, os jardins das praças são públicos (de uso comum a todos os que vivem na cidade). – **Público** sugere ideia da coletividade, só dentro da qual há relações de ordem *pública*. Tudo quanto se refere à nação – isto é – ao conjunto dos homens que formam um agrupamento social – é *público* de sua mesma natureza: quer dizer – "*comum*, de direito, a todos". – **Geral** é "o oposto a particular, o que diz respeito à totalidade, o que é comum a todos, o que abrange todas ou pelo menos o maior número de particularidades". É preciso, portanto, distinguir entre **público** e **geral**: **público** só é aplicável às coisas que se referem à sociedade, ao Estado; **geral** aplica-se a todos os casos em que, dentro do gênero, se quer designar o total ou a maior parte dos indivíduos. Entre dois correios (serviços postais) *públicos*, pode um ser *geral*, e outro não (desde que este último se circunscreva a uma certa zona). O serviço *geral* entende-se a todo o país; e aquele que um dos Estados da União fizesse para si, dentro dos respetivos limites, não seria *geral*, portanto. Mesmo que muitos Estados combinassem um serviço para si, não seria este *geral*, pois com este caráter só a União é que pode instituir e manter um semelhante serviço.

552

COMUMENTE, **ordinariamente**; **de ordinário**; **geralmente**, **de regra** (ou **em regra**). – **Comumente**, segundo Lacerda, "refere-se ao grande número de pessoas que fazem a mesma coisa". **Ordinariamente** refere-se ao grande número de vezes que tem lugar a mesma coisa. Em tal paragem cursam *ordinariamente* bons ventos. A velhice é *comumente* sábia, ou cautelosa. O vulgo erra *ordinariamente* – quer dizer: erra quase sempre. O vulgo erra *comumente* – quer dizer: "erram quase todos os que se incluem na denominação de vulgo". – **De ordinário** é uma locução que se pode dizer – equivale ao advérbio **ordinariamente**, sem que se possa apanhar entre os dois uma distinção sensível. – **Geralmente** aplica-se tratando-se de coisas que são tais na grande maioria dos casos. Quando se diz, por exemplo, que os homens são *geralmente* bons – afirma-se que a maior parte dos homens são bons. – **De regra** (ou **em regra**) quer dizer – "segundo o que se dá quase sempre, segundo o que quase invariavelmente se observa".

553

COMUNA, **município**, **concelho**. – Sobre estes três vocábulos escreve Bruns., convindo não esquecer que ele escreve em Portugal: "O vocábulo **comuna**, como sinônimo dos outros dois deste grupo, tem duas acepções, que, por uma já estar sepulta no passado, e a outra ainda em embrião para o porvir, não têm aplicação na atualidade, pelo menos falando de coisas nossas. No passado, **comuna** foi o nome das povoações que, libertadas do jugo feudal, do soberano, recebiam dele uma como carta de alforria que lhes concedia certos privilégios para se administrarem, até certo ponto, por si mesmas. No futuro, **comuna** será o governo absolutamente independente de cada município. – **Município** e **concelho** designam atualmente a mesma

circunscrição territorial; mas cada vocábulo representa uma ideia diferente: o **município** é administrado, até onde o governo central lho consente, pelo povo, isto é, por vereadores de eleição popular; o **concelho** é o município sujeito às imposições e à fiscalização do governo central". – No Brasil, só é usado o termo **município**, significando "a entidade administrativa que está para o Estado (província administrativa) como este para a União".

554

CONCEDER, **outorgar**. – **Conceder** é "dar por mercê, ou reconhecendo, quando muito, um direito a que não é de absoluto rigor atender": supõe sempre uma certa autoridade, ou pelo menos superioridade, ou alguma vantagem de condição na pessoa que concede. Também **outorgar**, e talvez com melhores razões, supõe autoridade na pessoa que *outorga*. Mas quem *concede* é de presumir que esteja livre de *conceder* ou não: quem *outorga*, no entanto, cumpre um dever *outorgando*, atende a um reclamo, exerce uma função. O imperador d. Pedro I dissolveu a primeira constituinte e *outorgou* a Constituição de 25 de março (não – *concedeu*). O juiz *concedeu* o prazo da lei (não – *outorgou*).

555

CONCEITO, **opinião**, **juízo**. – **Conceito** é "o modo de julgar, ou a conta em que se tem uma pessoa, pelo estudo que se fez dela; ou por um conhecimento direto e seguro que se tem da mesma". Faço o melhor *conceito* de F.; tenho meu primo em bom *conceito* – significam que o juízo que faço de F., e de meu primo, é fundado em observações minhas, e assenta na minha convicção própria. – **Opinião** é "o juízo livre e pessoal, e quase sempre sem grandes fundamentos, que fazemos a respeito de alguém, ou acerca de algum fato". Muda-se de **opinião**, às vezes, até por influência de outrem; de **conceito** só muito excepcionalmente é que se mudaria. – **Juízo** é "o ato de julgar uma pessoa ou um caso, pondo em confronto os elementos, as circunstâncias, as particularidades que entraram no objeto que se julga". O **juízo**, portanto, como o **conceito**, supõe-se que é filho do raciocínio, fundado em motivos ou razões que nos convencem.

556

CONCEPÇÃO, **inteligência**, **entendimento**, **mente**, **compreensão**, **intelecto**, **razão**, **juízo**, **senso**, **bom senso**, **apercepção**, **espírito**, **gênio**. – Segundo Lafaye, no sentido absoluto e filosófico, estas palavras (quase todas as do grupo) exprimem as faculdades da alma a que se referem nossas operações mentais. No sentido relativo e comum, designam qualidades que, em maior ou menor grau, possui cada homem. Deve notar-se logo que há uma grande diferença entre **concepção**, **inteligência** e **entendimento**, de uma parte; e de outra parte, entre **razão**, **juízo**, **senso** e **bom senso**. As primeiras são faculdades puramente intelectuais: é mediante o seu exercício que nós nos instruímos. As outras são faculdades, não propriamente aperceptivas, ou compreensivas, mas que entendem apenas com a função de refletir, de raciocinar e julgar. Sem **entendimento**, sem **inteligência** e sem **concepção** tem-se pouca aptidão para apreender, e precisa-se de muitas explicações e esclarecimentos. Quando se carece de **razão**, de **juízo**, de **senso** ou de **bom senso** é que se tem um defeito muito mais grave pelas suas consequências na vida prática. Com muito *entendimento*, *inteligência* e *concepção* chega-se a saber muito, a sair-se bem, por exemplo, no estudo das ciências. Com muita *razão*, *juízo*, *senso* e *bom senso* tem-se a vantagem da firmeza e da sabedoria; pensa-se retamente, e obra-se como é preciso. As crianças dão,

desde cedo, provas de *entendimento*, de *inteligência*, de *concepção*; mas a *razão*, o *juízo*, o *senso*, e o *bom senso* só mais tarde é que lhes vêm, pois que são mais o apanágio da idade, da experiência, da reflexão que propriamente dons intelectivos. **Inteligência** e **entendimento** assemelham-se muito e diferem notavelmente de **concepção**. Pela **inteligência** conhecemos de uma maneira ativa; pelo **entendimento**, de maneira passiva. A **inteligência** apanha, percebe: esta palavra vem do latim *intelligentia*, que, como *intelligens*, marca o *ativo* – uma faculdade. O **entendimento** corresponde a *intellectus* (**intelecto**) que marca o *passivo* – uma capacidade. E para nos servirmos de termos escolásticos – a **inteligência** é o **intelecto** agente; e o **entendimento** é o **intelecto** paciente. A **inteligência** é como a vista (ou a visão); e na vista, alguma coisa há que parte de nós, que exprime nossa atividade. Somos nós que vemos o objeto; e poderíamos não vê-lo, deixando de abrir os olhos, ou tendo mesmo os olhos abertos, não olhando para ele. O **entendimento** é como o ouvido, que para ouvir é bastante estar aberto, e não precisa de ir ao encontro das coisas a conhecer. De acordo com a diferença assinalada, dizemos: os olhos da *inteligência*; a apreensão, a ação, a operação, o desenvolvimento, a subtileza, o esforço, o alcance, as descobertas da *inteligência*. Ao contrário, não nos podemos servir de **entendimento** senão em frases como estas: as ideias se introduzem, entram, são recebidas no *entendimento*; os objetos, as verdades apresentam-se ao *entendimento*, enchem o *entendimento* (Boss.); as ideias, segundo Platão, residem no *entendimento* divino (Fén.); enriquecer de conhecimentos seu *entendimento*; as luzes com que a fé nos aclara o *entendimento*; a ciência é a luz do *entendimento* (Boss.). A **inteligência** é verdadeiramente uma faculdade, e como um operário, que tem instrumentos. "Para aprender a pensar é preciso exercitar nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa *inteligência*." (J.-J. Rous.). O **entendimento** é uma capacidade, um continente, um receptáculo, onde as coisas chegam por várias portas: "Os sentidos são as portas do *entendimento*" (Volt.). A **inteligência** é viva, rápida, penetrante. Do **entendimento** só se pode dizer que é aberto ou fechado, largo ou estreito. – A **concepção** tem mais relação com a **inteligência** que com o **entendimento**. Ela é ativa: não consiste em receber apenas. Mas a **inteligência** é propriamente penetrante: é a *acies mentis* dos latinos, a ponta, a finura, a subtileza do espírito: a **concepção** é pronta. "O orador deve ter um espírito justo, extenso, penetrante, uma *concepção* pronta". A **inteligência** traspassa os mistérios, penetra as coisas mais difíceis, mais secretas; mas não exclui a lentidão, nem o esforço: a **concepção** compreende instantaneamente, por uma meia palavra, e não tem necessidade de que se acabe a demonstração ou a explicação: basta, por assim dizer, que tenha sido como fecundada por alguns dados para suprir por si mesma o resto. Demais, **inteligência** dizemos melhor quando nos referimos a coisas abstratas; e **concepção** empregamos falando de planos, de combinações, de formas, em suma de tudo de que se faz imagem; pois bem se sabe que em um outro sentido **concepção** é sinônimo de *imaginação*. É preciso ter *inteligência* para seguir uma demonstração de álgebra; e *concepção* para fazer-se, em geometria, uma ideia das figuras, de sua posição, e de suas diversas relações. – A **concepção**, a **inteligência**, o **entendimento** fazem considerar o homem como aprendendo, como procurando saber, isto é – apanhar, adquirir o que lhe oferece o mundo objetivo. A **razão** e o **juízo** o representam como um juiz que, com a lei nas mãos, decide que tais ou tais coisas são a ela conformes ou contrárias. A lei é a

razão; a ação, ou a faculdade de determinar a conveniência, ou a desconveniência com a lei, é o **juízo**. A **razão** é a lei não escrita, como a lei é a **razão** escrita. – *Racional*[45] exprime uma qualidade absoluta, comum a todos os homens, e por isso mesmo que são homens; *judicioso*, ao contrário, designa uma qualidade relativa, uma certa habilidade que se encontra em diversos graus nos diferentes homens, e que até parece faltar inteiramente em alguns. Dizemos raramente – perder a *razão* – porque raramente acontece ficar-se louco; mas dizemos frequentemente – perder o *juízo* – porque há mil coisas que podem impedir ou perturbar o exercício desta faculdade, companheira, e serva, por assim dizer, da **razão**, pelo qual apreciamos as relações das coisas com os princípios racionais. Não teríamos dúvida ou dificuldade em dizer que Deus é um ente *racional*; mas dizer que ele é *judicioso* seria manifestamente impróprio, pois esta palavra sugere ideia de uma operação na qual o nosso espírito delibera, hesita e se esclarece pouco a pouco antes de sair da incerteza: e Deus vê imediatamente e intuitivamente todas as coisas. – Uma segunda diferença consiste em que a **razão** tem mais relação com a conduta. Assim, dizemos muito bem, no sentido relativo, que F. não tem *razão* quando queremos significar que F. não segue a luz natural, não lhe obedece. Não ter *juízo*, porém, significa sempre – não perceber, por falta de *juízo*, o que é preciso crer ou fazer. Aquele que não tem *razão*, neste sentido, é *desarrazoado*, e não *irracional*; pois esse comporta-se de maneira contrária à **razão**, sabendo muito bem o que a **razão** prescreve. Aquele que não tem *juízo*, ou não se dá o trabalho, ou não é capaz de distinguir o verdadeiro do falso, o bem do mal, etc. – A palavra **senso**, no sentido próprio, exprime uma de nossas faculdades intelectuais, bem entendido – a menos distinta e a menos nobre. Conserva ela o mesmo caráter quando tomada como sinônimo de **razão** e de **juízo**. Designa alguma coisa de comum e de vulgar, que expõe menos luzes do que prática e superiência. É assim que não é raro encontrar *senso*, e até muito *senso*, em homens de pouco *espírito*. "A mais idosa era a única que tendo *espírito*, tinha também *senso*; as outras, com *espírito*, eram verdadeiras malucas" (S. S.). Em geral, o **senso**, seja pela pouca cultura que sugere, seja pela pouca importância das coisas, dos negócios a que é aplicável, indica uma *razão*, um *juízo* inferior; é como um primeiro degrau para chegar à *razão* e ao *juízo*; é, de algum modo, o instinto da *razão* e do *juízo*. "Escuta-se o homem *sensato*; consulta-se o homem *judicioso*" (Roub.). Preferir-se-á, portanto, a palavra **senso** para marcar uma **razão**, ou um **juízo** ordinário; ou bem pouco, ou um pouco de **razão** e de **juízo**; ou ainda a **razão** e o **juízo** com relação a coisas as mais simples, as mais comuns da vida. "Por felicidade, a grande arte de reinar exige mais *senso* do que gênio, mais desejo de adquirir luzes do que grandes luzes, mais conhecimentos práticos do que conhecimentos abstratos" (Montesq.). "Seu *senso* é o mais limitado do mundo" (Mol.). – Entre o **senso** e o **bom senso**, a diferença parece muito pequena. O **senso**, no entanto, tem mais relação com o **juízo**; ele diz respeito à pessoa, é uma faculdade: o **bom senso**, ao contrário, parece-se mais com a **razão**; e, quanto à pessoa, alguma coisa como que recebida de fora, um como fundo de princípios, ou de crenças comuns, às quais a pessoa não faz mais que se conformar. Dir-se-á melhor, falando de alguém que se determine, e em uma acepção particular, que essa pessoa tem um grande *senso*, um reto *senso*, ou um *senso* limitado; que essa

45 ~ Põe aqui Laf. o vocábulo *raisonnable*. Em português, mudaria muito a argumentação se em vez de *racional* empregássemos *razoável*.

pessoa perdeu o *senso*. Mas não se diz, de maneira geral – o *senso*, como se diz – o *bom senso*. "Isso é contrário ao *bom senso*" (Pasc.). "Isso choca o *bom senso*". "Consultar o *bom senso*" (Bourd.). Em nenhum desses casos caberia **senso**. Um homem de *senso* tem uma qualidade pessoal, que timbra cada um em possuir, por mais que ela suponha pouca instrução, e que se refira às coisas ordinárias da vida. Um homem de *bom senso* está muito abaixo: não tem, para conduzir-se, nenhum recurso que lhe seja próprio, mas apenas algumas luzes comuns – um grande *bom senso*; ou, como se diz ainda – um grande *bom senso* de natureza. Filinto, no *Misantropo*, e Cleanto, no *Tartufo*, são homens de *senso*; Sancho Pança, no *Dom Quixote*, mostra-se muitas vezes um homem de *bom senso*. "O *senso* comum não significa entre nós mais que o *bom senso*, *razão* grosseira, *razão* começada, primeira noção das coisas ordinárias, estado intermediário entre a estupidez e o espírito" (Volt.). Desta frase e da distinção que estabelecemos poderia concluir-se que o **bom senso** equivale perfeitamente ao *senso comum*. Não é assim, no entanto. Eles se assemelham no fato de não serem, como o **senso**, uma faculdade ou um talento, mas, como a **razão**, um conjunto de princípios, de máximas, que servem de regras para a função de julgar. A diferença é fácil de sentir. O **bom senso** é essencialmente bom, exemplar; e ainda que seja uma **razão** de qualidade medíocre, aplicável somente às coisas pequenas, vulgares e práticas, não se pode dizer que seja tão comum como poderia imaginar-se: o **senso comum** (o modo de ver, de sentir de todo mundo, o que se sente ou se pensa comumente), ao contrário, é essencialmente comum, mas nem sempre bom. O próprio Voltaire escreveu: "Deve-se estar muitas vezes bem incerto quando se está certo, e pode-se não dar provas de *bom senso* quando se julga segundo o que se chama – o *senso comum*". – Tanto **espírito** como **gênio** enunciam – "faculdade, ou melhor – qualidade relativa à imaginação; mas à imaginação criadora, e não à imaginação representativa como a **concepção**". O homem de *espírito* e o homem de *gênio* tiram de si mesmos alguma coisa, produzem ou combinam. – **Espírito**, no entanto (de *spiritus* "sopro, vida"), termo genérico, que compreende, em sua extensa significação, todas as nossas faculdades e operações interiores, por oposição às do corpo, nada tem que marque particularmente a invenção; enquanto que **gênio** (do latim *genius*, *ingenium*, de *generare*, "engendrar, gerar") indica precisamente uma faculdade inventiva e fecunda. "A invenção é a única prova do *gênio*" (Vauv.). O **gênio** descobre, cria, dá nascimento: o **espírito** dá a forma, embeleza, aperfeiçoa. O homem de *gênio* é mais original, e deve menos aos preceitos; "sai muitas vezes da arte para enobrecê-la, e afasta-se das regras, se estas não o conduzem ao grandioso e ao sublime; vai só, mas vai muito alto, e penetra muito longe" (Labr.). É como inspirado, como impelido por um deus, por seu *gênio*, e parece seguir um instinto. Duclos define o **gênio** – "uma espécie de instinto superior ao espírito"; e Marmontel – "o instinto dos grandes homens". "O *gênio* das ideias – diz Rivarol – é a culminância (comble) do *espírito*; e o *gênio* das expressões é a culminância do talento". Há no homem de *gênio* um como raio de espírito divino, *mens divinior*, um fogo sagrado que o anima. O homem de *espírito* tem mais cultura, é mais metódico; a natureza, nele, foi mais desenvolvida e polida pelo estudo; ele tem modelos que não desdenha imitar; suas reflexões o previnem contra as faltas; e, se suas obras são menos admiráveis, em compensação notam-se nelas menos desigualdades. Em suma, o **gênio** é menos geral ou complexo que o **espírito**; acha-se como que limitado, preso a uma só

coisa, mas a explora, penetra, profunda. O **espírito**, ao contrário, abraça muito mais, aplica-se a tudo; mas de tudo trata apenas pela rama. Um homem de *gênio* é sempre um homem superior; um homem de *espírito* é, na linguagem comum, um homem galante, que brilha na conversação pelo chiste, pelas finas alusões; que sabe dar graça e um tom delicado a tudo que diz e a tudo que escreve (segundo Laf.). – **Mente** é "o próprio espírito em potência; é o que tem de mais profundo, essencial, poderoso à inteligência humana; é a faculdade em que reside a força do entendimento, o poder de pensar, a atividade da alma". É fácil, portanto, confundir **mente** com **inteligência**, e principalmente com **entendimento**. Segundo Roq., porém, "rigorosamente falando, diferençam-se em que **entendimento** é a faculdade de compreender, de comparar, de analisar; e **mente** é este mesmo **entendimento** depois de haver compreendido, comparado, analisado. O **entendimento** cria, a **mente** conserva". Isto seria, no entanto, reduzir a **mente** a um quase simples sinônimo de memória. E o próprio exemplo de Camões, citado pelo autor, não autoriza semelhante definição:

> Para servir-vos, braço às armas feito;
> Para cantar-vos, *mente às* musas dada.
> (*Lus.* X, 148)

Ora, a simples memória não é faculdade a que se socorram as musas. É exato que, em alguns casos, o vocábulo **mente** parece confundir-se com *memória*; quando dizemos, por exemplo: Tinha em *mente* dizer-te alguma coisa..." Mas, ainda aqui, a confusão é apenas aparente; pois o que se quis, com essa frase, exprimir é que se tinha na alma, no espírito, e como resultado de uma operação que lhe é própria, alguma coisa a dizer. E tanto assim que, geralmente falando, em frases onde cabe *memória* só muito excepcionalmente caberia também o vocábulo **mente**: "Guardo *memória* de tudo aquilo"; "Não tenho *memória* para conservar aquelas palavras"; "Apagaram-se-me da *memória* tais fatos"; etc. Por outro lado, nestas frases: "A minha *mente* não alcança estas coisas"; "Não tenho *mente* para entender sentenças tão abstrusas"; "A *mente* poderosa, clara, aberta do poeta, do sábio..." – nessas frases não poderia substituir-se **mente** por *memória*[46]. Afinal, o que é preciso não esquecer é que esta palavra **mente** é uma das mais extensas da língua, e que só mesmo em cada caso é que se lhe poderá fixar o valor exato. Saraiva consigna toda esta variedade de acepções e sentidos: espírito, alma; razão, sabedoria; juízo, discernimento; inteligência, talento, gênio; pensamento, plano, projeto, intento; memória; caráter, índole, sentimentos, valor, ânimo, coragem; sentido, significação. – **Compreensão** é faculdade mental que se confunde com **entendimento**: é propriamente a faculdade de "apanhar inteiramente um objeto, um assunto, em todas as suas particularidades". Pode-se marcar alguma diferença entre **compreensão** e **entendimento**. Este designa operação subjetiva, ou pelo menos mais independente do exterior; **compreensão** designa uma capacidade do espírito, exercendo-se sobre coisas exteriores. Poderíamos dizer sem chocar o senso lógico: "*mente, entendimento* divino"; pois neste caso quereríamos exprimir a grandeza, o poder do entendimento de Deus, segundo as medidas que temos do entendimento humano. Mas decerto que não diríamos com igual propriedade: "*compreensão* divina"; porque, neste caso, pareceria que, pelo menos, reconhecíamos a possibilidade de limitar-se a compreensão de Deus. – **Intelecto** é "o

46 ᔓ Resta assinalar que no vocábulo mente (latim *mens, tis*) figura a raiz grega *men* ou *man*, que sugere ideia de "pensar", "sentir".

próprio entendimento, o espírito, o conjunto das faculdades intelectuais"; e por ser um termo genérico, é mais vago, e não tem nem a precisão nem a força dos que, dentre o grupo, lhe ficam mais próximos. Comparado com **inteligência**, deve logo notar-se que ele designa uma capacidade concreta, própria, pessoal. Não se diz, por exemplo: "F. não tem *intelecto*" (seria o mesmo que dizer – "não tem *entendimento*"); porque **intelecto** é coisa que todo homem possui. Dizemos, no entanto: "F. é de *intelecto* muito limitado"; ou mesmo "F. é homem de vasto *intelecto*". Não dizemos também: "o *intelecto* humano"; nem: "o *intelecto* divino". E dizemos, no entanto, a "*inteligência* divina"; a "*inteligência* humana". – **Apercepção** é "a faculdade de sentir, por um alto poder do próprio espírito, alguma grande verdade, ou alguma noção muito abstrusa, fundando esse sentimento numa íntima certeza de consciência". "Ele tem uma nítida *apercepção* das coisas divinas" (tem um secreto, recôndito, intrínseco e luminoso sentimento das coisas divinas). "F. tem uma *apercepção* maravilhosa da finalidade do universo" (tem uma clara e profunda consciência do destino de todo o criado). Parece, portanto, que **apercepção** é mais um dom, uma capacidade, uma força da alma do que propriamente uma faculdade.

557

CONCITAR, instigar, açular, insuflar, induzir, provocar. – Todos estes verbos têm de comum a propriedade de exprimir a ideia de fazer agir. – **Concitar** é "levar alguém a agir falando-lhe com boas razões, atuando-lhe no ânimo, insistindo muito para que se levante, se agite e faça o que se deseja". "*Concita-se* um povo a revoltar-se contra um tirano". – **Instigar** é "concitar com argumentos, ou mesmo com atos que falem ao brio, aos sentimentos, aos preconceitos – em suma às paixões – daquele que se *instiga*". Pode-se ainda *instigar* alguém a um belo movimento de alma; **concitar**, porém, geralmente se aplica ao que é ilícito, ou pelo menos ao que não é bom. – **Açular** é "mover por sinais, gestos e gritos; é instigar espicaçando, irritando". Em regra, só se diz dos animais; e por extensão emprega-se nos casos em que, tratando-se de homens, queremos marcar a baixeza da ação a que se os *açula*. *Açular* a turba furiosa a investir o palácio. *Açular* bandidos contra a inocência. – **Insuflar** é "instigar alguém a que faça alguma coisa, mas com certa perfídia ou tática, falando-lhe como ao ouvido, sugerindo-lhe habilmente o que se deseja". "*Insuflou-lhe* aquele ódio feroz ao rei". "*Insuflou* contra nós as paixões mais torpes". – **Induzir** é "levar alguém a fazer alguma coisa como abrindo-lhe o caminho e fazendo-o seguir, aconselhando-o, animando-o". "*Induziram* os perversos a pobre criatura a dar aquele passo". "Os maus companheiros *induzem* sempre aquele menino a fugir do colégio". "Os aduladores *induziram* o príncipe aos mais deploráveis excessos". – **Provocar** é propriamente "chamar alguém para alguma coisa, excitando-o, atraindo-o". "*Provoca-se* o inimigo a combater". "*Provoca-se* um movimento sedicioso". "*Provoca-se* alguém a agir para rebatê-lo".

558

CONCLUIR, inferir, induzir, deduzir, coligir. – Dos quatro primeiros verbos deste grupo, diz Roq.: – "Indicam estas palavras a ação de tirar consequências de proposições assentadas antes, mas por diferente maneira e método: donde resulta que se não podem logicamente confundir. – **Concluir** é terminar um arrazoamento, uma argumentação, uma discussão, uma prova, em virtude de relações necessárias ou demonstradas com as proposições anteriores. A conclusão é, pois, um fim, uma terminação de qualquer coisa, correspondendo ao reto significado de **con-**

cluir, que é finalizar ou terminar uma coisa; e assim chamamos **conclusão** à proposição que se deduz de outras; e chama-se também **conclusão** à resolução tomada depois de uma larga discussão ou controvérsia. – A palavra **induzir**, em seu sentido reto, é instigar, mover alguém a fazer alguma coisa, de ordinário má; e no sentido figurado, como termo de lógica (acepção em que aqui a consideramos), é discorrer, ou tirar consequências segundo o método de indução. Este método, que também se chama analítico, consiste em observar atentamente os fatos por partes, e da observação de muitos fatos *concluir* que existe um princípio ou lei geral da qual, como fonte comum, eles emanam. – **Deduzir** é tirar consequência ou raciocinar segundo o método de dedução, que também se chama sintético; o qual consiste em tirar uma consequência particular de um princípio geral. – **Inferir** é tirar consequência sem seguir rigorosamente nenhum dos métodos anteriores, nem atender ao enlace das ideias, desprezando os intermédios e só olhando aos extremos, fundando-se em relações às vezes imaginárias, e, se verdadeiras, sem se haverem submetido a um rigoroso exame. Não se pode pedir provas ao que faz uma exata *indução*, ou uma rigorosa *dedução*; porque, em si mesma, as leva; será preciso, porém, pedi-las ao que se contenta com *inferir*, para que deste modo se obrigue a fazer uma *indução*, ou uma *dedução*. O que *conclui* apoia-se em princípios demonstrados, ou tidos como tais, e cujo enlace é ou parece necessário". – **Coligir** é "inferir ligeiramente e sem grandes fundamentos, à vista do que parece". "Do que disse o ministro *colige-se* que não há perfeita harmonia no gabinete" (isto é – percebe-se, é-se levado a crer).

559

CONCLUSÃO, consequência, indução, dedução, ilação, inferência. – "A proposição – diz Bruns., referindo-se aos quatro primeiros vocábulos do grupo – tirada de outras proposições, que se chamam premissas, toma umas vezes o nome de **conclusão**, outras o de **consequência**. Tal proposição denomina-se **conclusão** quando a consideramos em si própria, apenas sob o aspeto da verdade ou da não verdade do arrazoamento produzido, e abstraindo dela toda ideia de ligação com as premissas. A mesma proposição denomina-se **consequência** quando a consideramos inversamente; isto é, não quanto à verdade ou falsidade do juízo que ela exprime, e sim como dimanada das premissas. Este nosso modo de considerar é que frequentemente pode ser forçado. A **conclusão** pode ser verdadeira apesar de ser má a **consequência**; e vice-versa – a **conclusão** pode ser falsa, apesar de ser boa a **consequência**. A **conclusão** será verdadeira conquanto seja má a **consequência**, se a proposição que se segue às premissas, mesmo sem derivar-se precisamente destas, enuncia uma verdade incontestável. Pelo contrário: a **conclusão** será falsa, ainda que seja boa a consequência, quando a proposição que se segue às premissas, conquanto destas derive precisamente, enuncia um juízo falso: o que implica que as premissas, ou pelo menos uma é falsa. Quando a **conclusão** é verdadeira e a **consequência** má, deve negar-se a **consequência** – o que se pode fazer sem negar em nada a verdade da **conclusão**, posto que em tal caso a negação não recaia senão sobre a ligação lógica das premissas com a proposição que se tira delas. Quando, no sentido inverso, a **conclusão** é falsa e a **consequência** boa, pode conciliar-se a **consequência** rechaçando a **conclusão**, posto que aquilo que se concilia não tenha que ver senão com a ligação das premissas com a proposição que se tira delas, e nada com o valor da proposição em si. Para um raciocínio ser perfeito, é preciso que todas as suas proposições sejam verdadeiras, e que aquela

que segue as premissas saia destas com toda naturalidade, sem o menor esforço. O pior dos raciocínios é aquele em que a **conclusão** é falsa e a **consequência** má: o que se dá quando a proposição que segue às premissas enuncia um juízo falso (caso em que a **conclusão** é falsa), e quando, ao mesmo tempo, proposição não vem das premissas (o que torna a **consequência** má). Infere-se do que acabamos de dizer que **consequência** (termo objetivo) designa o juízo que deriva naturalmente de um princípio, mas que, podendo derivar dele em acordo ou desacordo com as regras do raciocínio, será bom ou mau (de preferência a verdadeiro ou falso) segundo o modo como for feito; e que **conclusão** (termo subjetivo), indicando o resultado do ato ou juízo pelo qual fazemos derivar certas **consequências** de determinadas premissas, é em si verdadeira ou falsa, segundo enuncie uma verdade ou um erro, ou haja nela ou não conformidade da **consequência** com as premissas, e regularidade no raciocínio. **Conclusão**, além disso, sendo o vocábulo com que se designa o juízo definitivo que se faz, indica o fim do discurso, e encerra em si o conjunto ou a súmula das **consequências** que se contêm em todas as suas diversas partes. – **Indução** é o processo pelo qual o espírito, indo além dos fatos que lhe servem de ponto de partida ou de base, vai do particular ao geral, passando de umas consequências a outras consequências, e chegando assim a formular um princípio ou conclusão que tem muito mais de provável que de verdadeiro, muito mais de hipotético que de real. – **Dedução** é o processo pelo qual o espírito descobre o que está rigorosamente encerrado numa verdade ou numa suposição, mas empregando um meio diametralmente oposto ao que se emprega na **indução**; isto é, partindo da conclusão já estabelecida, para ir da causa ao efeito, do geral ao particular, do princípio às consequências que ele contém; e isso por uma série de proposições dependentes umas das outras, mas que se encadeiam mutuamente e reciprocamente se sustêm. As ciências naturais, tendo por principal instrumento a observação guiada pelo raciocínio, fundam-se na *indução*. A matemática, procedendo só por meio do raciocínio, funda-se na *dedução*. – **Ilação** e **inferência** podem ser considerados como sinônimos perfeitos (derivam-se ambos do mesmo radical latino); diferentes, porém, de **consequência**, por esta se deduzir exclusivamente do raciocínio, podendo aquelas ser produto da analogia, da observação, ou de qualquer outra operação análoga. Em filosofia, a **consequência** é inevitável e forçosa; a **inferência** e a **ilação** são eventuais e variáveis, segundo o modo de ver do agente. Se as premissas são verdadeiras, a **consequência** não pode ser falsa; podem, porém, tirar-se **ilações** e **inferências** falsas de fatos verdadeiros e de observações corretas e exatas. O movimento do sol em roda da terra é uma *ilação* errônea de fenômenos reais e incontrovertíveis. De premissas verdadeiras não pode deduzir-se mais de uma **consequência**; mas, de um fato ou de uma observação podem tirar-se muitas **ilações**, não só diversas entre si, mas inteiramente contrárias umas às outras, como sucede frequentemente na prática da medicina".

560

CONCUPISCÊNCIA, **luxúria**, **lascívia**, **lubricidade**, **libidinagem**, **volúpia**, **sensualidade**, **moleza** (**molícia**), **voluptuosidade**. – **Concupiscência** é, na sua significação própria e geral, "o desejo imoderado de gozos materiais; e num sentido mais restrito (e no qual é mais comumente tomado) é o excesso de apetite carnal". – A isto cabe com mais propriedade o nome de **luxúria**, de **lascívia** ou de **lubricidade**, ou mesmo de

libidinagem. – A **luxúria**, no entanto, sugere a ideia de requinte em tudo aquilo que dá prazeres torpes. A **lascívia** deixa supor que o vicioso se entrega ao seu vício, cedendo a exigências da própria natureza, mas sem impetuosidade, sem violência ou ardor: ideias estas que se incluem mais claro na **lubricidade**, que é o apetite do bruto, o furor do sátiro. – **Libidinagem** acrescenta a todas as que precedem a ideia de paixão violenta, a que o libidinoso se abandona como se o domínio completo do gozo lhe cancelasse toda a consciência moral. – **Volúpia** é mais propriamente o desejo, ou melhor, o intenso desejo do prazer; e nem mesmo limita a qualidade do prazer, parecendo indicar em geral todo desejo imoderado de deleites, de coisas agradáveis. Tanto assim que se diz: a *volúpia* do mal; a *volúpia* do oiro; e até dizem os poetas – a *volúpia* do sonho. Só em sentido restrito é que **volúpia** significa – "desejo carnal excessivo". – **Voluptuosidade** distingue-se claramente de **volúpia**: é a qualidade de voluptuoso, isto é, do que se sente cheio de **volúpia**, ou do que se entrega à **volúpia**. – **Volúpia** é o próprio desejo: **voluptuosidade** é o estado ou a qualidade do voluptuoso. – **Sensualidade** e **moleza** aproximam-se muito de **luxúria** e **lascívia**. **Sensualidade** é, no entanto, de mais latitude que **luxúria**, pois abrange todos os sentidos: designa a qualidade de sensual, isto é, inclinado a prazeres materiais. Dizemos, por exemplo: "ama o dinheiro com a *sensualidade* de um argentário"; "adora a beleza com a *sensualidade* de um grego"; ou – "aprecia a música, a pintura com a *sensualidade* de um sibarita" (querendo significar que tanto aquele que ama o dinheiro, como os outros, o que aprecia a música e o que adora a beleza com *sensualidade*, não fazem mais do que experimentar o que nessas coisas há de grato aos sentidos). Em nenhum desses casos caberia **luxúria**, pelo menos com a mesma propriedade. – **Moleza** (ou **molícia**, e ainda **molície**) nem sempre se aplica no sentido de **lascívia**, **sensualidade**, **luxúria**, etc.: é mais – o enervamento moral, e mesmo físico, produzido por qualquer causa. É comum dizer-se: "sinto esta *moleza* que não me é natural"... (= este quebrantamento, este desânimo, esta indisposição). No sentido com que entra neste grupo, **moleza** emprega-se para significar – "indolência deliciosa, vida efeminada, entregue a prazeres voluptuosos."

561

CONFERÊNCIA, **entrevista**. – "Querem alguns – escreve Bruns. – que a palavra **entrevista** seja galicismo desnecessário. Não apoiamos essa opinião[47]. A Academia espanhola, tão nimiamente meticulosa em anatematizar quanto cheira a estrangeirismo, não teve dúvida em reconhecer a necessidade do vocábulo e em dar-lhe foro pátrio. Condenaremos, certamente, que de **conferência** e **entrevista** se façam sinônimos perfeitos; mas insistiremos em recomendar este último termo como útil, sempre que se queira designar uma particularidade que pode dar-se na **conferência**. Esta é a conversação entre duas ou mais pessoas sobre negócios de interesse comum, público ou internacional: conversação que se realiza no local onde uma dessas pessoas costuma tratar dos seus negócios. Quando a **conferência** se efetuar num sítio determinado a que concorram todos os conferentes, e particularmente se esse sítio for uma localidade não habitada por nenhum deles, denomina-se **entrevista**".

562

CONFIANÇA, **fé**, **certeza**. – **Confiança** é "uma certeza de consciência que nos leva

47 ∾ Tanto mais que muitos dos que implicam com entrevista usam tanto de *interview*!

a esperar que uma coisa seja ou se realize como esperamos". – **Fé**, aqui, é "confiança fundada em pressentimento, em desejo muito veemente, em opinião muito forte". – **Certeza** é "a confiança que se funda num fato material, a convicção que resulta de um cálculo seguro". "Temos *confiança* no dia de amanhã..." "Tenho *fé* em que passaremos o perigo incólumes". "Temos *certeza* de que o homem chega hoje..." ou – "de que o negócio se realizará dentro de alguns dias".

563

CONFIANÇA, **segurança**, **seguridade**. – **Confiança**, neste grupo, é "a certeza de que uma coisa será ou se há de fazer segundo o nosso desejo e o nosso esforço". – **Segurança** é "a situação do que está seguro, isto é, livre de perigo; o estado do que não tem a temer aquilo de que se trata". – **Seguridade** (que só se aplica em relação a pessoas) é "a falta de temor – diz Roq. – a tranquilidade de ânimo, nascida da confiança que se tem, ou da opinião em que se está, de que não há perigo". Apesar de que esta distinção é muito lógica, não dizemos que seja autorizada por Vieira, o qual usou **segurança** com a significação de **seguridade**, dizendo: "O bispo, que se portou com grande valor e *segurança*". "O general está em *segurança* porque tem confiança nos seus soldados; mas não tem *seguridade* porque ignora a tática de inimigo". "O governo tem grande *confiança* nos recursos de que dispõe para sufocar a revolta".

564

CONFIGURAÇÃO, **conformação**; **figura**, **forma**. – Destes dois últimos termos escreve Roq.: – **Figura** é "a feição externa de qualquer coisa, o aspeto (geral) que ela nos apresenta. – **Forma**, em linguagem filosófica, é o que determina a matéria a ser tal ou tal coisa; e, geralmente falando, entende-se pela construção, arranjamento das partes. Dizemos que um homem tem boa *figura* quando é bem-apessoado; e em sentido figurado, dizemos que faz boa *figura*, quando desempenha bem as funções de que está encarregado, ou se sai bem em coisa que empreendeu e em que figura. Em nenhum destes casos poderia usar-se a palavra **forma**, pela relação que ela tem com a matéria; e no homem e em seus atos dá-se maior importância ao espírito. Uma alfaia, um móvel tem necessariamente uma *forma*, porque são a matéria modificada deste ou daquele modo; e não se pode dizer que tenha uma *figura*, porque esta palavra se refere particularmente aos animais. Contudo, algumas vezes toma-se **forma** por **figura**, porque na verdade a **figura** depende da **forma** externa; mas não se pode dizer **figura** por **forma**. F. tem boa *forma* de letra – dizemos de quem escreve bem, tem bonita letra; mas ninguém dirá que F. tem boa *figura*, de letra. No sentido translato e moral ainda é mais sensível a diferença entre estes dois vocábulos. Um negócio, uma empresa, etc., está em boa ou má *figura* segundo apresenta bom ou mau aspeto, boas ou más aparências. A *forma* de um governo é monárquica, aristocrática, ou democrática, segundo entra, em sua constituição ou arranjamento de partes constitutivas e legislativas, a autoridade do soberano, o poder do soberano, o poder dos fidalgos, ou a influência do povo. Nem dos negócios e empresas se dirá que estão em boa ou má *forma*; nem dos governos se pode dizer que têm boa ou má *figura*. Contudo, personificando os governos, podemos dizer: Os governos que têm uma *forma* viciosa fazem sempre má *figura* no concelho das nações". Bruns. dá um exemplo em que se acentua mais claro, se é possível, a distinção entre as duas palavras: "Um triângulo – diz ele – é uma *figura*; a *forma* dessa *figura* é que determina se ele é retângulo, agudo, ou

obtuso". – **Conformação** é "o modo como estão particularmente arranjadas as partes de um corpo – modo que se revela pela **forma**, que é o aspeto exterior da **conformação**". – **Configuração** é "o modo como se relacionam entre si as partes de um todo, de maneira a tomarem, no seu conjunto, uma certa figura ou aparência". **Configuração** diz mais – aspeto geral, feitio, feição de conjunto; enquanto que **conformação** indica – constituição íntima, estrutura.

565

CONFISCAR, **apreender**, **arrestar**, **embargar**, **sequestrar**, **penhorar**, **apenar**. – Todos estes verbos enunciam de comum a ideia de retirar alguma coisa do poder de alguém; cada um deles, porém, marca uma forma particular da ação geral indicada. – *Confisca* um agente (ou uma autoridade pública que tenha jurisdição para isso) alguma coisa para o fisco. A *confiscação* ou o confisco é, portanto, uma pena de lei. De um homem sem funções públicas, ou sem caráter de ofício público, decerto que se não poderia dizer, em caso algum – que *confisca*. – *Apreende-se* aquilo de que *alguém* está de posse legitimamente; ou cuja posse legítima depende de alguma condição ou formalidade que não foi cumprida. – *Arresta-se* uma propriedade legítima para pagamento ou segurança de uma dívida: e isto por efeito de uma sentença judicial. Segundo Teix. de Freitas, *arresto* e *embargo* são a mesma coisa: significam – "a apreensão judicial da coisa sobre que se litiga"; e num sentido mais restrito – "a apreensão judicial de bens suficientes para segurança de dívida, até decidir-se a questão dela, ou já pendente, ou a propor-se". Mas entre **arrestar** e **embargar** nem sempre haverá uma perfeita sinonímia. *Embarga-se* uma construção, um serviço, uma sentença, uma fábrica (impedindo-lhes a continuação, a execução, ou o funcionamento); e não – *arresta-se* propriamente, pois **arrestar** é "tirar do poder de alguém a coisa que se *arresta*", enquanto que **embargar** é apenas "suspender a posse, a ação, ou o pleno domínio" sobre a coisa que se *embarga*. Esta distinção, no entanto, não é essencial, pois mesmo o *arresto* não é despojamento, mas apenas suspensão de posse sobre a coisa que se *arresta*, até que se liquide o litígio ou responsabilidade de que essa coisa é garantia. Reb. da Silva empregou **arrestar** com a significação de **confiscar** quando escreveu: "As armas e os cavalos não paravam nas mãos de quem os possuía, senão até serem *arrestados*, como propriedade pública". Se as armas e os cavalos não estavam já em poder de quem os possuía – é que tinham sido já *arrestados* (apresados) e não esperavam mais por isso, senão pelo *confisco*. Nem é pelo *arresto* que passariam a ser propriedade pública, mas pela *confiscação*. – **Sequestrar** é pôr em sequestro, isto é, segundo T. de Freitas, "fazer depósito judicial da coisa, sobre a qual se litiga, equivalendo o sequestro muitas vezes a embargo ou arresto". – **Penhorar** é "apreender judicialmente alguma coisa que sirva de garantia a uma obrigação". A ação de **penhorar** (ou penhora) define T. de Freitas como sendo "o ato escrito, pelo qual, em cumprimento de mandado do juiz, se tiram bens do poder do executado, e se põem sob a guarda da justiça, para segurança da execução da sentença." – **Apenar** (segundo o *Dic. da Ac.*, citado por Aul.) é "intimar, embargar, cominando pena, para comparecer, para prestar qualquer serviço: Mandou *apenar* quantos carpinteiros e calafates havia na terra".

566

CONFORME, **segundo**. – "Estas duas palavras – diz Roq. – não são frases adverbiais como quer o autor dos sinônimos (refere-se a fr. F. de S. Luiz): são, sim, advérbios, ou

antes preposições, que correspondem à latina *secundum*; e com elas explica-se a conformidade de uma coisa com outra. **Conforme**, no entanto, supõe a coisa mais exata e indispensável; e **segundo** supõe-na menos absoluta, ou mais voluntária. – Dou-o *conforme* o recebi; fica *conforme* estava (isto é: exatamente como estava, ou como me tinham dado). João vive *segundo* lhe dita seu capricho; fala *segundo* lhe dá na cabeça. – Nos dois primeiros exemplos não se pode usar da voz **segundo**, porque não explicaria uma conformidade tão absoluta e exata, como exige aquela ideia; nem nos segundos se pode usar com propriedade da voz **conforme**, porque daria à ideia uma conformidade demasiado exata, e menos livre e voluntária, do que se quer dar a entender. – Esta diferença se faz mais perceptível quando a conformidade, que se quer explicar com a proposição, se apoia só numa probabilidade ou numa opinião; pois em tal caso se vê claramente a impropriedade do uso da preposição **conforme**, que nunca pode explicar uma conformidade duvidosa, sem uma notável impropriedade. – É verdade, *segundo* dizem; chove, *segundo* creio (e não: é verdade, *conforme* dizem; chove, *conforme* creio)." – Dos mesmos vocábulos havia dito fr. F. de S. Luiz: "São frases adverbiais, que exprimem uma relação de conformidade, conveniência, congruência, etc.; mas **conforme** é mais próprio para exprimir a rigorosa *conformidade*; **segundo**, para exprimir a conveniência, congruência, etc. O escultor deve fazer a estátua *conforme* o modelo que se lhe dá; e ampliar ou estreitar as dimensões, *segundo* o local em que há de ser colocada (as formas devem ser idênticas às do modelo; as dimensões devem ser convenientes ao local). O homem de juízo obra *segundo* as circunstâncias, e a conjunção das coisas; mas sempre *conforme* as máximas da razão e da sã moral (quer dizer: as ações do homem de juízo devem ter uma relação de perfeita *conformidade* com as regras da moral, e uma relação de justa congruência com as circunstâncias dos tempos e das coisas). Deus há de julgar os homens *conforme* os invariáveis princípios da sua eterna justiça, e *segundo* as boas, ou más ações, que eles tiverem praticado durante a sua vida, etc."

567

CONFORTAR, **consolar**. – Enunciam de comum estes verbos a ideia de assistir ou socorrer alguém nalgum transe, não só com palavras, mas ainda com atos, gestos e carinhos. – *Consola-se* a pessoa aflita ou amargurada dizendo-lhe palavras que lhe mitiguem a dor, acariciando-a, dando-lhe provas de condoimento, fazendo-lhe manifestações que a comovam, etc. – *Conforta-se* alguém nalgum transe ou nalgum grande embaraço ou grave conjuntura, inspirando-lhe coragem para que vença o mal ou a pena. Jesus precisava de ser *confortado* no momento supremo da paixão... A Mãe santíssima e dolorosa precisava de ser *consolada*. *Consola-se* um pai da perda do filho; *conforta-se* o mísero que vai subir ao patíbulo.

568

CONFRARIA, **ordem**, **irmandade**, **congregação**. – **Irmandade** é a associação laical que não tem mais objeto que a devoção a um santo, à Virgem, ou a uma imagem determinada: a *irmandade* do Santíssimo; a *irmandade* da Conceição. – **Confraria** é a irmandade de certa importância que se rege por estatutos ou compromissos. – **Ordem** é a confraria importante, que tem bens próprios, e que, além de se dedicar ao culto e a promovê-lo, se ocupa de certas obras pias e beneméritas. No Porto, a *ordem* do Carmo é uma instituição benéfica. – **Congregação** é a sociedade formada por membros do clero, que, em virtude da sua disseminação, não se podem dizer regulares, e que, pela

regra que se impõem, não se podem dizer propriamente seculares. As **congregações** ocupam, portanto, um lugar intermédio entre as antigas *ordens* religiosas regulares e o clero secular (segundo Bruns.). Daí mesmo se infere, pois, que o vocábulo **ordem**, ainda hoje, se aplica também a associações exclusivamente religiosas: a *ordem* de S. Bento, de S. Francisco, etc. E ainda, segundo define Aul.: "espécie de classe de honra instituída por um soberano ou autoridade suprema para recompensar o mérito pessoal: as *ordens* de Cristo, de S. Tiago, etc."

569

CONFUTAR, **refutar**, **impugnar**, **rebater**. – Enunciam de comum a ideia de repelir, tirando-lhes o valor ou mostrando-lhes o absurdo, aquelas coisas que outros afirmam ou que nos dizem. – **Impugnar** é "combater as opiniões de alguém, e lutar contra elas, procurando destruir os argumentos em que se lhes funde a defesa". – **Confutar** é "destruir, eliminar como errôneas as opiniões de outrem, ou as noções por outrem sustentadas". – **Rebater** é "revidar com argumentos as objeções que se nos apresentam, retrucar aos argumentos com que o contrário quer destruir os nossos". – **Refutar** é "mostrar como as objeções são inanes, ou como aquilo que se nos diz, ou que se afirma de nós ou de alguém, é falso". – *Impugna-se* na Câmara um projeto de lei; *confutam-se* as ideias de um representante sobre o estado de sítio; *rebate-se* um aparte, ou uma invetiva; *refuta-se* uma afirmação.

570

CONJUGAL, **nupcial**, **matrimonial**. – Têm de comum estes vocábulos a ideia de indicar o que se refere ao ato ou à condição dos que contraem matrimônio. – **Conjugal** refere-se à condição ou à vida dos esposos, ou diz respeito às relações que subsistem entre eles. – **Nupcial** refere-se ao ato, às cerimônias que se celebram no dia em que se contrai o matrimônio. – **Matrimonial** refere-se ao contrato, ao vínculo que prende os cônjuges de acordo com a lei. Nestes exemplos fica bem clara a distinção entre estes três adjetivos: A felicidade *conjugal*; a festa *nupcial*; os direitos *matrimoniais*.

571

CÔNJUGE, **consorte**, **esposo**; **marido**, **mulher**, **senhora**. – Segundo Bruns. – **cônjuge** é a palavra com que se designa cada um dos esposos com relação ao outro; e é usada quase que só na linguagem jurídica ou forense. Os **cônjuges** estão unidos pelo matrimônio, sem que entre um e outro estabeleça a lei nenhuma diferença de supremacia nem de inferioridade. – **Consortes** são os cônjuges considerados como companheiros que compartilham a mesma sorte ou fortuna. – **Esposo** e **marido** designam o homem ligado à mulher pelo casamento. **Marido** (do latim *maritus*, de *mas... maris* "macho", talvez derivado do caldaico *mar* "forte") parece estabelecer certa superioridade do homem sobre a mulher; e, particularmente, o fato de competir ao homem o ser como que o esteio da casa, o seu sustentáculo, o que deve, dos dois cônjuges, prover ao de que a família necessita. – **Esposo** (do latim *sponsus* "prometido, noivo") é vocábulo comum aos dois cônjuges; e – com a diferença de terminação – estabelece entre eles uma perfeita igualdade de condições e de deveres: a reciprocidade do amor, a harmonia dos carateres, dos gostos, dos desejos, etc. O uso vulgarizou o termo **marido**; e só isso faz com que o vocábulo **esposo** seja mais próprio do estilo elevado, e se tenha, até certo ponto, como pretensioso na boca do vulgo. – **Mulher** e **esposa** são respetivamente os equivalentes femininos de **marido** e **esposo**. – **Mulher** é o termo que, sem

afetação, o **marido** emprega para designar a sua companheira. Chamando-a **esposa**, tal denominação tem, na sua boca, uma certa afetação ridícula que o bom gosto exclui. Falando, porém, da **mulher** de outrem sempre se emprega o termo **esposa**. – **Também**, neste último caso, cabe o vocábulo **senhora**, que muita gente aplica igualmente à própria **mulher**...

572

CONIVÊNCIA (**conivente**), **cumplicidade** (**cúmplice**). – **Conivência** designa a indiferença ou dissimulação com que se viu praticar um ato culposo, ou se soube que ia ser praticado, e podendo tê-lo impedido, não se fez isso. A **conivência** importa, portanto, a responsabilidade moral do **conivente**, pois este é, de fato, um como coautor passivo do delinquente. – **Cúmplice** é aquele que auxilia o autor na prática do crime ou da falta, mas que não tomou parte direta no ato criminoso; pois neste caso passaria a ser coautor. A **cumplicidade** resulta de um concurso ou cooperação, moral ou material na culpa; enquanto que a **conivência** é apenas uma cooperação moral.

573

CONSAGRAR, **dedicar**, **oferecer** (**ofertar**), **votar**. – "Concordam estes verbos em exprimir a ideia de apresentar ou oferecer algo que se reputa de valor à divindade, à pátria, ou a alguém. – **Votar** encerra ideia acessória da privação que resulta do objeto votado para quem faz voto dele. A pessoa que *se vota* à salvação da pátria deixa de pertencer-se a si mesma: as suas forças, os seus pensamentos, a própria vida, entrega-as ao fim que se propôs. As freiras que *se votavam* ao Senhor renunciavam para sempre a família, o mundo e as suas galas. – **Dedicar** não se diz com relação aos sentimentos do sujeito, como o sugere o verbo precedente. **Dedicar** é relativo à modificação que se produz no objeto com relação a quem ele é *dedicado.* Diz-se que uma pessoa *se dedica* a aliviar os que sofrem, não tanto para ponderar a abnegação dessa pessoa, como para encarar os benefícios que redundam em proveito dos desgraçados. As virgens que *se dedicavam* ao Senhor – é uma expressão que tem sentido diferente do daquela outra – as virgens que *se votavam* ao Senhor. Com a primeira atende-se à quantidade de virgens que o Senhor possuía, à magnificência que elas prestavam ao culto; com a segunda revelam-se os sentimentos de piedade que animavam essas virgens. – **Consagrar** é um ato mais solene que **dedicar**; e por isso só se diz, ou do que tem muito valor, ou com respeito à grande ideia que formamos daquilo ou de quem recebe a homenagem. *Dedicam-se* altares aos santos (não – a Deus). – *Consagram-se* templos ao Senhor, à virgem (não – aos santos)". (Bruns.) – **Oferecer** é "apresentar a dádiva, a oração, os votos, etc., para que sejam aceites por aquele a quem se *oferece*". – **Ofertar** é "dedicar, apresentar como oferenda". É, portanto, de predicação mais precisa que **oferecer**. *Oferecemos* um sacrifício à pátria (não – *ofertamos*). *Ofertou-lhe* toda a alma, o que possuía de sagrado...

574

CONJURAÇÃO, **conspiração**; **intriga**, **cabala**, **enredo**, **trama**, **conluio**, **mexerico**. – **Conspiração** – resume Bensabat com muita precisão – "é o desígnio formado secretamente entre muitos para se desfazerem ou livrarem, por um grande golpe, de certos personagens, ou corpos importantes, acreditados no Estado, e mudar a face das coisas. Esta palavra, derivada de *spir* 'sopro, respiração', designa um concurso de pessoas que *respiram* (que *se inspiram* mutuamente) ou tramam em segredo a mesma coisa. A sua ideia natural e dominante é, pois, a de um

desígnio formado nas trevas por algumas pessoas que, animadas da mesma paixão, tendem juntas ao mesmo fim. A **conjuração** é a associação, ou antes, a confederação feita entre cidadãos ou súbditos poderosos para operarem, por meio de empresas brilhantes e violentas, uma revolução memorável no Estado. Esta palavra deriva de *juro* "jurar ou empenhar-se por uma liga sagrada". A ideia natural e dominante de **conjuração** é a de uma sociedade ligada por muito fortes compromissos, a fim de levar por diante uma empresa de grande importância. A **conspiração** diz respeito às vezes a pessoas particulares: o que a distingue – essencialmente da **conjuração**. A **conspiração** não tem ordinariamente em vista senão as pessoas e uma certa mudança na face das coisas: Alberoni formou uma *conspiração* contra o regente de França, para que a autoridade passasse a outro; os cortesãos, os príncipes, a rainha, o próprio rei formaram muitas contra Richelieu, para se subtraírem a um império duro e absoluto. A **conjuração** tem por fim operar uma grande mudança, uma revolução d'Estado ou no Estado, ou seja, a respeito da pessoa do soberano legítimo, dos direitos invioláveis da autoridade, nas formas próprias e características do governo, ou nas leis fundamentais e constitutivas. Catilina propunha-se, na sua *conjuração,* destruir os últimos dos romanos e a sua pátria, se não conseguisse escravizá-la. – **Intriga** é um enredo oculto que se emprega para conseguir alguma vantagem, ou para prejudicar alguém. – **Cabala** é um conluio ou maquinação secreta de indivíduos associados para conseguir um certo fim. – **Enredo** é um artifício ou maquinação oculta, para conseguir algum intento. A **intriga** tem alguma relação com o **enredo**, porém opera sempre surda e obliquamente; enquanto que o **enredo** não passa de um mexerico visando causar inimizades e distúrbios nas famílias. A **intriga**, cujo campo é muito mais vasto, tem ordinariamente por fim prejudicar alguém, tirar-lhe a sua posição, malograr os seus desígnios, etc". – **Trama** (diz outro autor) "é um desígnio perverso e criminoso, secretamente formado entre duas ou mais pessoas contra alguma ou algumas outras pessoas, ou contra a segurança do Estado. Entre este vocábulo e **conjuração** e **conspiração** há a notar uma particularidade que está na própria essência de cada um deles; e é, que tanto a **conjuração** como a **conspiração** não podem considerar-se como existentes antes de entrarem no terreno da prática; ao passo que a **trama** existe desde que o acordo das vontades se estabeleceu, ainda que nunca se chegue a realizar o que nele se projetou. – **Conluio** é "o acordo entre duas ou mais pessoas contra alguém, ou para fazer mal ou prejudicar a outra pessoa ou pessoas". – Formaram *conluio* contra nós; puseram-se de *conluio* contra mim. – **Mexerico** é termo vulgar com que se designa o baixo "enredozinho" feito a meia-voz, quase sempre visando algum proveito que se não alcançaria de outro modo. O **mexerico** tem por fim prevenir uma pessoa contra outra, ou mesmo pô-las em dissensão e conflito.

575

CONSTRUIR, edificar, **fabricar**, **fazer**. – Segundo Roq. – da palavra latina *ædes* "casa, templo", vem *ædificare,* **edificar**, que indica construir, levantar, fabricar o edifício. – **Construir** vem de *construere,* que significa materialmente reunir materiais para qualquer gênero de construção. É, portanto, a palavra que mais extensa significação tem entre as do grupo (exceto fazer). De *faber*, nome genérico, que significa fabricante, operário, artífice que lavra, principalmente golpeando em coisa dura, como pedra ou metal, vem *fabricare,* **fabricar**, que é executar ou fazer obra. – **Edificar** refere-se ao *edifício* considerado

em geral, elevado à sua conclusão, segundo a planta e as proporções que se haviam adotado; e **construir**, à operação material da obra, aos trabalhos e operações mecânicas com que é executada. – **Fabricar** não só se refere a edifícios, como também a toda obra fabril, a tudo que se *constrói* com arte. Deus *fabricou* o mundo; Baco *fabricava,* em Mombaça, um altar sumptuoso que adorava. *Fabricam-se* relógios, moedas, panos, sedas, vidros, chapéus, papel, etc.; e, em sentido figurado, *fabricam-se* mentiras, enganos, etc., (– isto é – inventam-se, urdem-se, etc.) – **Fazer** é o mais genérico de todos os do grupo, e de predicação mais vaga e menos completa ou precisa. Poderia substituir, em todos os exemplos, a qualquer dos outros verbos do grupo, com alguma restrição apenas quanto ao verbo **fabricar** no sentido figurado.

576

CONSTANTE, firme, forte, inabalável, inflexível; tenaz, persistente, obstinado, teimoso, inalterável, fiel, perseverante, leal; constância, firmeza, fortaleza, fidelidade, perseverança, lealdade, persistência, tenacidade, obstinação, teimosia. – **Constante** é "o que, tanto no sentido moral como no físico, se conserva tal como é próprio do seu dever ou da sua natureza ou condição". Mas entre a **constância** e a **firmeza** é preciso notar uma certa diferença. O que é *constante* não é versátil, não é instável, não muda; o que é *firme* não é abalável, não é destrutível, não se desfaz ou abate facilmente. O amor é *constante* – dizemos; a amizade é *firme.* O tempo está *firme* (isto é – não há perigo de que varie); tem sido *constante* o bom tempo (isto é – o bom tempo tem-se conservado por muitos dias). – Estamos *firmes* no nosso propósito; seremos *constantes* em nosso clamor contra a tirania. – Entre **constância** e **perseverança** há também distinção facilmente perceptível. É *constante* o que se conserva como é; é *perseverante* o que se esforça por alcançar o que quer. Este vocábulo só se aplica no sentido moral. Não há **perseverança** onde não se supõe necessariamente algum intento: ideia que não é essencial a **constância**. – **Tenaz** exprime alguma coisa mais do que **perseverante**. A **tenacidade** é uma **perseverança** que procura vencer os obstáculos. É *perseverante* quem trabalha confiando no trabalho; é *tenaz* quem luta por uma aspiração até vê-la realizada. – A persistência fica entre a constância e a perseverança. É *persistente* aquele que persevera mais por um dever do que por efeito da própria vontade. – Obstinado acrescenta à noção de tenaz a ideia de que a tenacidade vem mais da índole ou de uma convicção viciosa que da consciência. A obstinação não é propriamente firmeza moral: é mais propósito fundado na paixão ou na ignorância. E tanto que se pode aplicar este termo aos próprios irracionais. – Mas, se a **obstinação** vem de um defeito de convicção ou de índole, a **teimosia** é mais fruto de vontade caprichosa. O **teimoso** obra no intuito, não propriamente de agir, mas de mostrar que está agindo. A **teimosia** supõe, como a **obstinação** (conquanto seja mais ligeira ou leviana do que esta), uma vontade sem consciência. Também se pode dizer de muitos animais que são *teimosos.* – A **constância** e a **fidelidade** sempre se põem juntas; mas uma pessoa é *constante* quando se conserva "como é", ou "como tem sido"; e é **fiel** quando se conserva "como prometeu ser". – E aqui está a diferença entre **fidelidade** e **lealdade**: aquela, a **fidelidade**, sugere a ideia de que só se é **fiel** quando se tem de revelar esta qualidade por um dever, contrato, ou compromisso de que resulte semelhante imposição moral. Esta ideia não está intrínseca no outro vocábulo, **lealdade**.

O homem leal é aquele que tem a alma como que aberta com aqueles que o fre-

quentam, ou com quem trata; o homem **fiel** é aquele que tem pura, inalterável a fé jurada; que não falta às promessas que fez, aos compromissos que tomou. – **Forte**, no sentido moral, significa – "de ânimo seguro; que não arrefece, antes conserva todo o seu valor no meio dos perigos e das tormentas da vida". A **fortaleza** é mais virtude dos santos que dos heróis. – **Inabalável** confunde-se com firme: dir-se-ia mesmo que com o vocábulo inabalável não se faz mais do que acentuar a ideia de firme. Nem mesmo se poderia dizer – *inabalável* e *firme* (e sim – *firme* e *inabalável*; ou melhor – *firme, inabalável*). – **Inflexível** é "o que não dobra, o ânimo que não cede, que não quebra". – **Inalterável** diz propriamente – "que se não altera, que não muda de ser, de forma, de condição, etc." Também dizemos – *constante, inalterável* (e não *inalterável, constante*).

577

CONTESTÁVEL, **duvidoso**, **incerto**, **problemático**, **hipotético**. – **Contestável** é "o que tem algumas aparências de certo ou verdadeiro, mas que pode ser incerto ou falso, ou cuja verdade ou veracidade pode ser combatida". – Duvidoso é "aquilo que nos deixa indeciso, que nos põe o espírito entre uma e outra coisa, ou entre umas coisas e outras, sem motivos suficientes para afirmar ou para negar". – **Incerto** é "o que nos deixa indeciso por ser desconhecido, ou por ser vago, indeterminado". – **Problemático** dizemos "daquilo de que se não pode fazer um juízo seguro, ou mais ou menos bem fundado, por depender isso de solução como um problema". – **Hipotético** é "aquilo cujo conhecimento se funda em mera suposição ou cujo valor depende de demonstrações que ainda vão ser feitas (ou então cujo valor se aceita convencionalmente)".

578

CONTRIBUIÇÃO, **imposto**, **tributo**, **derrama**, **páreas**, **subsídios**, **direitos**, **taxa**, **finta**. – **Contribuição** – escreve Roq. – é um nome genérico, que abraça tudo aquilo com que, de qualquer modo que seja, se acode à defensa e sustentação do Estado; pois, além da **contribuição** pecuniária, há também a chamada de sangue, pela qual o cidadão tem que acudir à defensa da pátria. Define-se geralmente a **contribuição** dizendo que é a quota que cada um dos contribuintes paga, segundo as regras estabelecidas, para acudir aos gastos que a comunidade tem que fazer para conseguir o fim que se há proposto. Querem alguns que seja uma imposição extraordinária para acudir a um gasto público, principalmente em tempo de guerra; mas este não pode ser seu primitivo e genérico sentido, pois toda **contribuição** deve ser geral, ordinária e permanente entre os associados. Com a palavra **contribuição** coincide a de **imposto**, que vem do latim *impositum*, e significa "posto em cima, ou sobre alguma coisa". – **Imposição** é o ato de *impor*; e o **imposto**, considerado com relação a este ato, vem a ser também termo genérico, que exprime a totalidade dos encargos que formam as rendas do Estado; e assim se diz que estamos carregados de *impostos*, compreendendo deste modo todas as **contribuições**. – **Tributo** vem de *tributum*; e esta palavra, segundo Covarrubias, deriva-se do **imposto** que pagavam em Roma as diferentes tribos que formavam a reunião dos cidadãos romanos. Define-se geralmente o **tributo** dizendo que é aquilo que paga o vassalo ao senhor em reconhecimento do domínio deste; e chama-se *tributário* ao que paga *tributo*. Considera-se igualmente o **tributo** como um direito concedido ao soberano sobre todos os que estão sujeitos à sua obediência segundo as leis, convênios, etc. – **Derrama**, palavra mui conhecida an-

tigamente, é hoje em dia pouco usada, e significa um **imposto** ou **finta** eventual, pelo comum arbitrária e ainda violenta, regularmente exigida por inimigo ou conquistador; e às vezes pelas Câmaras para perfazer a quebra, ou falha que teve certa renda ou **tributo** que se deve à Coroa. – **Páreas** são o tributo que um príncipe ou um Estado paga a outro, em reconhecimento de obediência ou vassalagem. – **Subsídio**, do latim *subsidium*, que significa "reforço", "ajuda", "socorro", "auxílio", vem a ser o nome de um **imposto** temporário e extraordinário; o qual, ainda que pareça voluntário, é forçoso, pois que se exige em virtude de uma lei em casos extraordinários, e às vezes fica para sempre, como o *subsídio* literário em Portugal. – Dá-se o nome de **direitos** particularmente ao "que se paga nas alfândegas, mesas de renda, ou pagadorias, quer sobre os gêneros importados, quer sobre aqueles que são expedidos para fora do distrito". – **Taxa** é "o *quantum* devido por algum serviço especial que o Estado nos presta": a *taxa* postal, por exemplo. – **Finta** era, nos tempos da colônia, uma contribuição extraordinária como a **derrama**, podia, no entanto, ser arrecadada em artigos da terra. Quando uma Câmara tinha de acudir a casos de carestia, ou quando o comandante de uma expedição precisava de víveres, e não tinha meios de adquiri-los normalmente, lançava uma *finta* (obrigando, por exemplo, cada lavrador a fornecer-lhe uma parte da respetiva safra ou colheita).

579

CONTUBÉRNIO, **convivência** (**convívio**), **intimidade**, **familiaridade**, **camaradagem**, **mancomunação**, **conluio**, **conúbio**. – **Contubérnio**, **mancomunação** e **conluio** distinguem-se dos outros pela ideia, que lhes é comum, de que os que se aliam têm o propósito de auxiliar-se para conseguir alguma coisa, ordinariamente ilícita. O primeiro (do latim *contubernium* = *cum* + *taberna* "armazém", "taberna", etc.), designa "acordo, convivência condenada de pessoas de condição desigual". "Vimos então toda aquela formosura e todo aquele orgulho em *contubérnio* com o crime". Dizemos que F. está em *mancomunação* com S. quando queremos exprimir que os dois estão ligados secretamente para fraudar alguém, ou para obter algum proveito ilegítimo. O **conluio** acentua a ideia de **mancomunação**, e é sugestivo de trama, de "inteligência secreta contra alguém". Estes três vocábulos sempre se aplicam em mau sentido. – **Convivência** designa apenas o fato "de viverem duas ou mais pessoas em relações freqüentes". – **Convívio** é uma **convivência** "mais cerimoniosa e social". – Dizemos o *convívio* da corte, das altas-rodas, das pessoas distintas (e não – *convivência*). Ao contrário, dizemos – a *convivência*, e não – o *convívio* dos irmãos, dos parentes. – A **familiaridade** "consiste no modo habitual" – diz Bruns. – de falar despretensiosamente a alguém, e de obrar para com essa pessoa como se obra ou se fala em família, com toda liberdade, e sem mais peias que as que exige a educação ou o estado das pessoas" em relações dessa ordem. Emprega-se também muitas vezes este vocábulo para exprimir uma "certa intimidade suspeita" entre pessoas de condição diferente. – A **intimidade** "consiste numa familiaridade discreta, mas confiante em que predomina a amizade, e em que não há cerimônias de espécie alguma. Quando as pessoas que têm **familiaridade** entre si são de condições diferentes, pode dar-se algumas vezes que uma se valha da sua superioridade para impor-se, e que a outra esqueça a sua inferioridade para empavonar-se; ao passo que a **intimidade**, igualando as condições, faz reinar entre os íntimos um mútuo respeito que ajuda a manter as boas

relações". – **Camaradagem** é o nome que se dá à "convivência habitual de amigos que trabalham juntos, de pessoas do mesmo ofício ou profissão". – **Conúbio** (fora da acepção restrita de aliança nupcial) é toda ligação tão perfeita como a que resulta daquela aliança. Pode empregar-se tanto no bom como no mau sentido.

580

CONVENIENTE, decente, decoroso, honesto, discreto. – Comparando estes adjetivos, tomados na acepção em que se referem ao modo de parecer, aos costumes, etc., escreve Bruns., quanto aos três primeiros: – **Conveniente** é termo genérico que se aplica a tudo quanto está em conformidade com o bem, seja qual for o aspeto sob o qual se encare a coisa que de *conveniente* é qualificada. – **Decente** dizemos do que é *conveniente* com relação às regras da moral exterior, das convenções sociais, do respeito que todos nós devemos a nós próprios e aos outros. – **Decoroso** dizemos com relação às regras do uso, da civilidade, da sociedade. O que é *decoroso* fica-nos bem, e contribui para que façam de nós boa opinião. – **Honesto**, aqui, confunde-se com **decente** e **decoroso**: é o que parece não só correto (ainda que com simplicidade) como grave, comedido, fiel à moral vigente. Conquanto em si mesma a honestidade não seja uma virtude exterior, emprega-se muito frequentemente o termo **honesto** como referindo-se apenas à boa aparência. – **Discreto** é propriamente aquele que, do que sabe, nada diz que possa comprometer alguém ou a si mesmo; e neste grupo figura para designar a pessoa que é, nos seus modos, no seu falar, muito cuidadosa em não sair nunca da justa medida.

581

CONVERSAÇÃO, conversa, conferência, colóquio, palestra, prosa, cavaco, cavaqueira, diálogo, confabulação. – **Conversação** e **conversa** designam propriamente o ato de trocarem ideias duas ou mais pessoas. Estão, no entanto, muito longe de ser perfeitos sinônimos. Há guias de *conversação*, por exemplo; e nunca se diz – guia de *conversa*. Dizemos vulgarmente – *conversa* fiada; e nunca se ouve dizer – *conversação* fiada. A **conversa** supõe, portanto, um objeto que nos interessa imediatamente; e diz qualquer coisa como trato, princípio de convênio, ensaio de acordo, etc. A **conversação** é mais um entretenimento mais ou menos agradável, e versa geralmente sobre assuntos que nos interessam mais pelo que valem para o nosso espírito do que por outra coisa. Dizemos – a *conversação* com pessoas discretas e sábias muito nos aproveita (não – a *conversa*). Tive uma *conversa* com F. sobre aquele negócio (troquei com F. algumas ideias sobre o negócio de que se trata). – **Conferência**, aqui, é "a *conversa* entre duas ou mais pessoas, e na qual cada uma das pessoas apresenta as suas e estuda as ideias das demais, no intuito de chegarem todas a um acordo". – **Colóquio** hoje é nome que se dá a uma *conferência* entre duas pessoas, em reserva, e sobre assunto de pequena monta. Ninguém dirá que o deputado F. teve um *colóquio* com o ministro tal. – **Palestra** e **prosa** podem dizer-se sinônimos perfeitos: tanto um como outro aplicam-se à conversação descuidosa e ligeira, mais passatempo do que entretenimento que encante ou estimule o espírito. – **Cavaco**, que diz Bruns. ser palavra essencialmente portuguesa, é "a conversação agradável, simples, e despretensiosa que se dá, comumente, entre pessoas da mesma esfera". – **Cavaqueira** será "o cavaco prolongado e enfadonho". – **Diálogo** é "a conversação sustentada por duas pessoas que se sucedem uma a outra com a palavra". Em regra, o **diálogo** é uma forma de discussão, mais que propriamente de simples conversação. – **Confabulação**

(do latim *confabulatio*) é um pouco mais que simples entretenimento, pois ordinariamente supõe um motivo, ou um objeto, a respeito do qual, conquanto nada se adiante, pelo menos sugerem ideias os que confabulam.

582

CONVICÇÃO, **persuasão**. – Destes dois vocábulos escreve S. Luiz magistralmente: "A **convicção** dirige-se diretamente ao entendimento. A **persuasão**, à vontade. Convencer é reduzir alguém por provas evidentes a reconhecer uma verdade, a não poder negá-la. Persuadir é determinar alguém a querer, ou a praticar alguma coisa. Pela **convicção** ficamos conhecendo claramente a verdade, ou o bem, que se nos propõe. Pela **persuasão** ficamos movidos e determinados a amar, ou a praticar o que se nos insinua. A **convicção** é filha só da razão, a **persuasão** depende mais da sensibilidade. Para produzir a **convicção**, basta conhecer bem as relações de uma ideia, de um fato, ou de uma ação com a verdade, isto é, com os princípios, e expor essas relações com precisão e clareza. Para produzir a **persuasão** basta conhecer as relações, que tem o objeto, de que se trata, com as propensões, interesses, e paixões da pessoa a quem se fala, e expor essas relações com força, vivacidade e calor. A primeira requer o completo conhecimento da matéria, e um juízo sólido e profundo. A segunda demanda um cabal conhecimento do coração humano, e a arte de excitar a sua sensibilidade. Da união destes dois modos de considerar os objetos é que resulta a divina eloquência. Se falta o primeiro, o discurso não terá solidez, e *persuadirá* (talvez) sem *convencer*. Se falta o segundo, o discurso será desanimado e frio, e *convencerá* sem *persuadir*".

583

CONVINCENTE, **evidente**, **certo**, **indubitável**, **incontestável**, **persuasivo**, **persuasório**, **suasório**. – **Convincente** dizemos do que "convence, do que leva ao ânimo a convicção". – **Evidente** é aquilo que, à primeira vista, se reconhece, se sente; que não carece de demonstração, ou de explicação. – **Certo** exprime, como **evidente**, que o fato é tal como se diz; mas a convicção, pela qual somos levados a declarar como **certo**, produziu-se em nós de modo diferente daquela pela qual dizemos que é **evidente**. Efetivamente, a convicção com que dizemos que é **evidente** veio-nos de uma como luz instantânea que fixou a convicção no nosso espírito; aquela, porém, que nos leva a declarar **certo** vem de um estudo, ou trabalho mental que nos permitiu ver a verdade por meio de outras verdades já conhecidas, ou seja, por meio de uma série de ideias e de raciocínios que nos levaram a formular um juízo que tem por base provas reais. Uma coisa é *evidente* porque aparece tal; uma coisa é *certa* porque está provada. Infere-se do precedente que a convicção que nos leva a dizer *certo* é pelo menos tão forte, e está tão bem estabelecida como aquela que nos faz dizer *evidente*. – **Indubitável** dizemos do que é de tal modo **evidente** e **certo** que não permite a menor dúvida. Este vocábulo melhor exprime o estado do espírito do que a realidade do fato, pois um fato só é *indubitável* porque o espírito se recusa absolutamente a duvidar dele. – **Incontestável** é o que apresenta um tal caráter de certeza, e tais provas de verdade que se nos não permite contestá-lo. É vocábulo relativo ao próprio fato, e não ao estado do espírito, pois o fato não é *incontestável* por não poder o espírito contestá-lo, mas sim por ser de tal natureza que não admite contestação ou que contra ele se levantem objeções. – **Persuasivo** e **persuasório** dizemos do que persuade, do que tem força para persuadir; mas a **persuasório** atribui-se-lhe a ideia acessória de intenção e vontade de persuadir. – **Suasório**

melhor se diz do que dissuade que do que persuade; ou antes, nota-se nesta palavra um misto das duas ideias: dissuadir do que se intenta, e persuadir do contrário. "Os meios *suasórios* empregam-se para persuadir antes de se obrigar pela força a obedecer". (Segundo Bruns.)

584

CONVIR, **importar**, **relevar**, **cumprir**. – Com muita concisão, e de modo muito preciso, diz Lacerda destes verbos: "O que traz vantagem a alguém, ou a alguma coisa, *convém*. O que é útil, ou de proveito, *importa*. O que muito importa, porque é de grande utilidade, *releva*. *Cumpre* o em que interessa a obrigação ou dever". E S. Luiz oferece os seguintes exemplos: "*Convém* ao homem público mostrar sisudez e gravidade em todas as suas ações: trajar com simplicidade e modéstia; não entrar nos jogos e divertimentos da mocidade, posto que lícitos sejam e honestos, etc. *Importa* ao homem de negócio ter em bom arranjo as suas contas; ao mercador, e ao traficante não gastar mais do que permitem os seus lucros. *Releva* ao pai de família trazer bem administrados os seus bens, bem governada a sua casa, etc. *Cumpre* a todo homem ser justo, honesto, humano, virtuoso; *cumpre* ao prelado, ao pastor, ao mestre dar bom exemplo às pessoas que lhe estão sujeitas; *cumpre* ao cidadão respeitar e observar as leis, etc."

585

CONVIVA, **convidado**, **comensal**. – Nosso **conviva** é aquele que conosco se acha na mesma festa, ou na mesma mesa em que estamos. A diferença que existe entre esta e a palavra **convidado** é marcada mesmo unicamente pela exclusão, que **conviva** sugere, de qualquer ideia de causa a que se atribua a circunstância de se acharem juntos os **convivas**. Por um simples acaso podemos ser *conviva* de um desconhecido. – O mesmo não se dá em relação a **convidado**, pois este necessariamente se supõe que toma parte num banquete ou numa festa qualquer porque foi para isso solicitado. Como se pode ser *conviva* de alguém sem ser *convidado*, também pode dar-se o caso de sermos *convidado* sem chegarmos a ser *conviva*. Nesta frase fica perfeitamente assinalada a distinção a notar entre os dois vocábulos: "A festa não foi o que se esperava: eram muitos os *convidados*, mas foram poucos os *convivas*". – **Comensal** é aquele que come na mesma mesa em que nós comemos, sem que, no entanto, haja relação nenhuma entre nós e o nosso *comensal*, a não ser essa de comermos habitualmente na mesma mesa.

586

COONESTAR, **justificar**. – **Coonestar** é "mostrar como, ao menos aparentemente, é digna, é boa, está conforme aos bons princípios morais, uma ação que parece má ou que é realmente condenável". *Coonesta* o tratante as suas velhacarias (procura fazê-las passar como legítimas). Há autoridades que tentam *coonestar* as suas violências mentindo e caluniando. – **Justificar** é "demonstrar que não se tem a culpa que nos imputam; que se está inocente da falta de que se nos acusa". *Justifica-se* um funcionário público das acusações que lhe fazem. *Justifica-se* perante a opinião pública um estadista caluniado.

587

COOPERAR, **colaborar**. – À primeira vista pareceria que não se enganam demais os que empregam, com pouca ou nenhuma propriedade, um pelo outro estes verbos. De fato, se houver quem escreva, ou diga num discurso, ou numa conversação, que um intelectual da América, mesmo desconhecido, *colabora* com os intelectuais de França no levantamento da arte francesa; ou então, que um certo ar-

tista *cooperou* conosco, ou com outro artista, na pintura de um quadro, ou na composição de uma ópera, ou de um drama – de fato muita gente haverá que tenha como impertinência discutir a precisão dos verbos que se empregaram aí; e, no entanto, é preciso reconhecer que nada há que com mais razão deva ser discutido. Nas duas frases, os verbos estão trocados. Na primeira, só o verbo **cooperar** é que caberia; assim como na segunda só o verbo **colaborar** é que seria o próprio; pois este diz rigorosamente "trabalhar junto, no mesmo trabalho"; enquanto que o verbo **cooperar** significa "esforçar-se, agir pelo mesmo fim por que outro age ou se esforça". Quando nos empenhamos por alguma grande causa, pedimos a outros que venham *cooperar* conosco, isto é – que venham servir a mesma causa, e como lhes parecer que a servirão melhor. Quando temos de dar conta de um serviço, de um relatório, por exemplo, numa repartição, e precisamos de auxílio, convidamos alguém a *colaborar* conosco, isto é – a trabalhar conosco juntamente no dito serviço. Um ministro pode dever muito à *colaboração* de seus subalternos; a polícia, para exercer proficuamente as suas funções, precisa da *cooperação* que a imprensa lhe pode prestar. Dois poetas *colaboram* num poema; muitas associações *cooperaram* na obra da abolição.

588

COPIAR, **trasladar**, **transcrever**; **colar**, **decalcar** (**calcar**), **plagiar**. – **Copiar** é reproduzir um escrito, um quadro, um desenho, etc., mais ou menos fielmente. – **Trasladar** é passar com toda exatidão um escrito para outro papel; fazer cópia perfeita, de modo que sirva como se fora o próprio original. – **Transcrever** é passar para outro papel, ou para outro livro, em melhor ordem, ou noutra ordem, o que estava escrito em outro livro ou papel. – Os outros verbos que figuram no grupo têm de comum com os precedentes a ideia de reproduzir (escrito, quadro, qualquer trabalho gráfico). – **Decalcar** é reproduzir apertando sobre o original o papel em que deve sair a cópia. Emprega-se também o verbo **calcar** com a significação de **decalcar**; e ainda com a de "fazer alguma coisa tomando por modelo ou fôrma uma outra coisa do mesmo gênero já feita". "O menino *decalcou* sobre a parede a figurinha grotesca". "Tasso *calcou* sobre a *Ilíada* a sua *Jerusalém*". – **Colar** é verbo muito nosso, da gíria das escolas, significando "passar clandestinamente para a prova que se faz, escrita ou mesmo oral, o que nos convém do compêndio". "Hoje não há mais estudante que se valha do recurso da cola..." – **Plagiar** é "apresentar alguém como sua a produção que é conhecida como de outrem".

589

COPIOSO, **abundante**, **muito**, **numeroso**. – **Numeroso** – diz Bruns. – é "adjetivo coletivo que só por erro, ou por ignorância, se emprega com substantivos não coletivos. Dizer que F. foi acompanhado pelos seus *numerosos* amigos – é um erro que, nem por ser muito vulgar, deixa de ser menos grosseiro. Dizemos – um exército *numeroso*, um *numeroso* rebanho, uma *numerosa* família. Dizer – famílias *numerosas* – não é o mesmo que dizer – *muitas* famílias: com esta expressão indicamos grande quantidade de famílias; com aquela indicamos famílias compostas de muitos membros. **Muito** diz-se da grande quantidade de unidades, ou da grande quantidade de matéria: *muitos* amigos; *muito* arroz; *muita* pedra. – **Abundante** dizemos daquilo que é em quantidade tal que se prevê ser, não só suficiente, mas até há de sobrar. Este vocábulo é quase sempre relativo à produção, ou à proveniência: ano *abundante*; as *abundantes* riquezas do solo. – **Copioso** refere-se à útil abundância de unidades".

590

CORROA, **diadema**. – **Coroa**, "segundo a origem latina, significa geralmente adorno de flores, etc. com que se enfeita a cabeça; e particularmente o ornato circular de oiro, prata, etc., com que os reis cingem a cabeça, como emblema da sua dignidade. – **Diadema**, conforme a origem grega, significa propriamente a faixa branca com que antigamente os reis cingiam a cabeça. – **Coroa** emprega-se às vezes no sentido de reino, e para designar as prerrogativas reais, o Estado, etc.; porém **diadema** nunca designa senão a insígnia real com que se cinge a cabeça". (Lac.)

591

CORRETO, **exato**, **perfeito**, **castiço**, **vernáculo**, **puro**, **clássico**, **lídimo**; **correção**, **exatidão**, **perfeição**, **casticidade**, **vernaculidade**, **pureza** (**purismo**), **classicismo**, **lidimidade**. – Todos estes vocábulos têm aqui uma acepção restrita, relativa à maior ou menor perfeição com que se fala ou escreve uma língua. – **Correto** dizemos daquilo "que está de acordo com as regras da gramática". A **correção** tanto se refere à grafia, ou à pronúncia das palavras, como à estrutura da frase, à linguagem, ao estilo. – **Exato** é "o que diz o que deve dizer, segundo a boa razão, ou conforme com os princípios da ciência, ou com a verdade consagrada". A **exatidão** é, portanto, relativa ao espírito do discurso, ao que ele exprime, ao seu valor lógico. Uma frase pode estar *correta* e não ser *exata*: isto é, pode estar construída com todo o rigor gramatical, e exprimir, no entanto, um contrassenso. Se dissermos – "a água é dura, ou sólida", rebater-nos-ão logo que isso não é *exato*; e, no entanto, ninguém nos dirá que a proposição, ou melhor, que a oração não é *correta*. – **Perfeito** é "o que apresenta o sumo grau da correção", e tanto se pode aplicar ao sentido como à forma do discurso, mas principalmente à forma. Escrever com *perfeição* – é escrever com a maior correção possível, mesmo que nem sempre se exponham ideias ou sentimentos que mereçam plena sanção. – **Castiça** é "a linguagem que está de acordo com a índole da língua", mesmo que muitas vezes não pareça muito ajustada às regras comuns da gramática. A **casticidade** é, portanto, mais relativa ao que é próprio, particular da língua do que aos princípios que regem a linguagem. – **Vernáculo** é "o idioma próprio do país". Não se confunde, portanto, **vernaculidade** com **casticidade**. Um papel, uma carta escrita em *vernáculo* pode muito bem dar-se que o não seja em *castiço* ou em linguagem *castiça*, isto é, pode estar escrita segundo o modo comum de escrever-se ou falar-se no país (e ser em *vernáculo*) e, ou por ignorância de quem escreve, ou por desídia, ou por outra razão qualquer, não apresentar a fisionomia característica da língua como a escrevem e falam os cultos (e não ser, portanto, em *castiço*). – **Pura** é a linguagem sem vício de elementos estranhos, esmerada principalmente quanto ao emprego exclusivo de palavras próprias da língua. A **pureza** consiste, pois, em não estar a língua deturpada de formas de outras línguas. Pode pecar-se contra a **pureza** da língua tanto empregando abusivamente vocábulos exóticos escusados como admitindo construção, aparências, meneios de frase que lhe não são próprios. – **Clássico** é "o que está consagrado como melhor para servir de modelo". Também se refere tanto à frase como à palavra. Há escritores que têm a preocupação de evitar o emprego de um termo que não tenha sido usado por algum clássico de grande autoridade. Seria necessário, no entanto, mostrar a esses como um **classicismo** exagerado, em vez de bem, faz grande mal à língua que se supõe defender. A semelhante **classicismo** cabe com mais propriedade o

nome de **purismo**. – **Lídimo** é "o que não infringe as leis ou as regras da gramática, nem está fora do uso próprio da língua". A **lidimidade** poderia, portanto, confundir-se com outros vocábulos deste grupo, principalmente com **pureza**. Mas **lídimo** se aplica de preferência à palavra, e **puro** à forma, à expressão. Diremos, portanto – a *lidimidade* do termo – a *pureza* da linguagem.

592

CORSÁRIO, **pirata**, **flibusteiro**, **corso**, **pirataria**. – Entre **corsário** e **pirata** sempre houve uma distinção que se pode dizer meramente convencional: designando o último – o ladrão do mar, que assalta e rouba quantas embarcações encontra; e o primeiro, designando o que tem carta de corso, isto é, que está autorizado pelo próprio governo a que serve a perseguir os navios mercantes do inimigo em tempo de guerra. O corso era, portanto, a pirataria exercida dentro do direito. Mesmo abolido o corso entre os povos modernos, subsiste a distinção entre os dois termos fora da acepção própria. Dizemos de um indivíduo sem escrúpulos no adquirir, sem reserva de meios no seu instinto de ganho – dizemos que é um *pirata* desafrontado (e não – um *corsário*, que é, afinal, vocábulo que desaparece das línguas muito naturalmente à medida que vai não tendo mais aplicação). – É preciso notar, no entanto, que nos tempos coloniais se dava o nome de *índios de corso* aos que viviam em bandos errantes, assaltando inimigos e fazendo excursões predatórias pelos povoados. – Também se dizia – *piratas* do sertão – designando, assim, não os selvagens que faziam o corso, mas as quadrilhas de indivíduos que fugiam à ação da justiça e se tornavam salteadores de profissão. – **Flibusteiros** é o nome que se dava, no século XVII, aos indivíduos que viviam em aventuras pelos mares da América, numa espécie de pirataria heroica, principalmente contra navios e praças marítimas dos espanhóis, a cuja fortuna tanto mal fizeram. Hoje, aplica-se ainda este nome ao aventureiro que invade um país, ou uma província com o intento de fazer fortuna ou de conseguir algum resultado político, valendo-se da força, ou de qualquer modo contra o direito.

593

CORTE, **fio**, **gume**. – Melhor do que Roquete e do que Lacerda, distingue Bruns. estes três vocábulos, com os quais – diz ele – "designa-se a parte com que, nos instrumentos cortantes, se opera a solução de continuidade, ou se separa do todo a parte. – **Fio** e **gume** não são sinônimos tão perfeitos como o pretendem os sinonimistas. – **Gume** é a parte destinada a cortar; chama-se-lhe sempre **gume**, sem atender ao estado em que ela se encontra. Quando a faca não corta, afia-se-lhe o *gume*. – **Fio** é a linha extrema do **gume** cortante: uma parte do gume, portanto, não todo ele. O *gume* perde o *fio* à força de cortar. **Corte** é mais o modo como o fio opera. Esta navalha tem bom *corte*".

594

COSMOGONIA, **cosmografia**, **cosmologia**. – Segundo Lac. – "todas estas palavras significam a ciência que tem por objeto o estudo do universo; mas segundo a raiz comum, e a composição particular de cada uma, classificam esse estudo de diferente modo. – **Cosmogonia** é a ciência (teoria ou hipótese)[48] da formação do universo. – A **cosmografia** é a ciência da disposição, figura e relações das partes de que o universo é composto. A **cosmologia** é propriamente

48 Dizemos – a *cosmogonia* mosaica; ou – *a cosmogonia* de Kant ou de Laplace; e não – a *cosmografia*, nem a *cosmologia*, senão em outra acepção.

a física geral, que, sem entrar no exame dos fatos particulares, considera somente os seus resultados e analogias, etc., subindo assim ao conhecimento das leis gerais do universo. A **cosmogonia** tem por objeto o estudo variável do mundo com respeito à sua formação. A **cosmografia** descreve as partes componentes, e expõe as relações do estado atual do universo; e a **cosmologia** raciocina acerca deste mesmo estado".

595

COSTUME, **hábito**, **uso**, **rotina**. – Consiste o **hábito** em fazer ordinariamente, ou frequentemente uma mesma coisa, ou uma coisa do mesmo modo, como se isso nos fosse natural, em consequência de, à força de atos reiterados, nos havermos amoldado ou afeito a ela; ou em virtude de se haver o nosso espírito constituído na necessidade de a procurar, proporcionando-se, cada vez que a repete, um gosto ou prazer mais ou menos vivo. É termo subjetivo, pois exprime um fato pessoal e peculiar ao sujeito. Com o termo **hábito** tem grande analogia a palavra **rotina**, que significa propriamente o trilho que inconscientemente se segue em virtude de uma prática habitual, ou que se segue apenas porque vemos que outros o seguem. Diferem, porém, as duas palavras em ser o **hábito**, como dissemos, subjetivo; enquanto que a **rotina** é objetiva, pois este vocábulo sugere a ideia de que se quer obter o resultado por um meio quase irrefletido. – **Hábito** pode tomar-se à boa ou à má parte, segundo o sentido que tem na frase, ou segundo o sentido que lhe dá o qualificativo que o acompanha. – **Rotina** toma-se quase sempre a má parte, por indicar que se opera maquinalmente, por desídia ou por ignorância, preferindo-se adotar e seguir um método ou processo mau ou sediço a aperfeiçoar os meios de ação. Fazer uma coisa por **hábito** será louvável quando o **hábito** for bom, e censurável se ele for mau. Fazer uma coisa seguindo a **rotina** é sempre censurável, porque é obrar como sempre se tem visto obrar, sem esforço por fazer melhor o que se faz. – **Costume**, propriamente, encerra ideia de coletividade, porque designa um modo de obrar, ou de usar segundo o que é geralmente adotado por todos ou por muitos. É também vocábulo objetivo, predominando nele, não a ideia do sujeito, mas sim a da coisa, ou do objeto a que a vontade do agente se submete, ou ao qual o seu espírito obedece para conformar-se ao modo geral de obrar ou de usar. Seguimos um **costume**, não em virtude de uma especial modificação que nos distinga dos outros, mas precisamente por não nos diferençarmos deles. Cada um de nós tem os seus *hábitos*, uns contraídos por gosto, outros por fraqueza, outros por negligência; a força da vontade pode fazer-nos perder os *hábitos* de que nos queremos livrar. Cada terra tem os seus **costumes**, mais ou menos geralmente seguidos; podemos resistir, e até opor-nos a esses costumes, mas não podemos fazer que outros os percam por um esforço da nossa vontade. O **hábito** está em nós, e por isso o dominamos; o **costume** está fora de nós: podemos adotá-lo, mas não podemos destruí-lo. Mesmo em sentido mais pessoal, **costume** indicará sempre um fato exterior. "Tenho o *hábito* de tomar café depois de jantar" – é uma expressão de alcance muito diferente ao da – "tenho o *costume* de tomar café depois de jantar": aquela indica um ato que nos é agradável e de que faremos questão, porque se nos tornou por assim dizer necessário, e cuja privação nos seria penosa; esta indica apenas a ação que fazemos todos os dias. – **Uso** é vocábulo menos extensivo que **costume**; não deixa, no entanto, por isso de encerrar ideia de coletividade. Se o **costume** é de todos, ou quando menos de muitos, o

uso é apenas peculiar a determinado grupo da totalidade. Se numa terra é *costume* ir aos ofícios da igreja, nem por isso fazem todos *uso* do livro de missa: esse *uso* é quase exclusivo às senhoras. (Segundo Bruns.)

596

COVARDE, **pusilânime**, **fraco**, **poltrão**, **medroso**, **tímido**. – **Covarde** (ou **cobarde**) é "o que não tem energia moral para ser digno nas conjunturas difíceis". A covardia é um vício de alma, incompatível com todas as virtudes generosas. Um indivíduo pode ser fraco, medroso, poltrão mesmo, sem ser indigno: o *covarde* é sempre indigno. Aquele que, provocado, não aceita um repto pode ser fraco ou poltrão (sim: se, por exemplo, não deu motivos para que se lhe lançasse o repto); mas o provocador, se recua, ou se fere à traição e foge, é *covarde*. – **Pusilânime** significa simplesmente – "de ânimo pequeno" (*pusillus* "pequeno" + *animus*). O indivíduo *pusilânime* não se atreve a investir ou mesmo a reagir quando devia fazê-lo. – **Fraco** é o "que teme e não age". Entre **fraco** e **poltrão** a diferença consiste em ser o **poltrão**, além de pusilânime, covarde. Por prudência, por escrúpulos morais, pode um indivíduo parecer *fraco*; *poltrão* será sempre aquele "que não obra", mais por uma espécie de preguiça moral que lhe derranca a alma, do que pela consciência do perigo. – **Medroso** é "o que tem medo e recua, ou não avança; o que teme coisas fantásticas". Entre **medroso** e **tímido** há uma grande diferença. A *timidez* é mais um defeito de educação do que propriamente uma falha de caráter, ou um estigma de temperamento. É fundada na consciência da própria fraqueza, ou da própria inferioridade: enquanto que o *medo* é uma depressão de alma que leva o *medroso* a ver perigo onde perigo não há, e a temer, mais por fraqueza, que por prudência.

597

CRÁPULA, **deboche**, **orgia**, **libertinagem**, **devassidão**. – De pleno acordo com os melhores sinonimistas, escreve Bruns.: "A **crápula** é o excesso de devassidão no que ela tem de mais vil e grosseiro, de mais abjeto e repelente. Se quisermos referir-nos com este vocábulo aos gozos carnais[49], exprimimos a ideia do vício mais asqueroso, e dos meios mais imundos. – **Deboche**, vocábulo que alguns pretendem ser galicismo inútil, é, pelo contrário, um vocábulo de grande utilidade na língua por exprimir, em determinadas circunstâncias, uma nuança particular em que se atenua a ideia geral que ocorre ao espírito com qualquer dos outros vocábulos deste grupo. O **deboche** é sempre um excesso no gozo dos prazeres sensuais; mas, se a **crápula** não pode deixar de ser vil e grosseira, pode ter o **deboche** requintes de elegância e de distinção que não são dados à **libertinagem**, nem à **devassidão**. Concorre também em pró deste vocábulo a circunstância de poder indicar, não um vício, ou um hábito inveterado, nem sequer uma série de atos de libertinagem, mas sim um deslize, um ato isolado, que se faz uma vez, um dia, alguns dias a seguir, mas sem reincidência nesses atos. Fazem-se *deboches*; mas não se fazem *libertinagens* nem *devassidões*. Nem mesmo a palavra **orgia** pode com exatidão substituir sempre o termo **deboche**; sendo aquela um excesso de gula em que predomina a embriaguez, circunstância que nem sempre se dá no **deboche**. A ideia que predomina nesta palavra é a de fugir aos deveres profissionais para fazer um gasto excessivo em gozos sensuais; pode isso fazer-se uma vez; pode repetir-se várias vezes; mas só se o deboche se converter em hábito merecerá então, segundo as circunstâncias,

49 É de notar que, mais particularmente, *crápula* se refere a incontinências no beber.

o nome de **libertinagem**, ou de **devassidão**. Consiste a **libertinagem** em desprezar as regras da moral dando-se ao desregramento dos costumes. A **devassidão** consiste mais no insólito dos atos que se praticam que na frequência com que eles se repetem. Nisso distingue-se bem da **libertinagem**, a qual indica um estado permanente, ou quase permanente".

598

CRASSO, **grosseiro**, **palmar**. – Empregados para qualificar *erro*, *absurdo*, *ignorância* etc. distinguem-se assim estes adjetivos: **crasso** se diz com relação à pessoa que perpetra o erro; **palmar** com relação à enormidade do erro e ao castigo que ele merece; e **grosseiro** com relação à baixeza do erro cometido. Um erro *crasso* na boca de um douto, não o será na boca do vulgo. Um erro só é *palmar* quando cometido por pessoa que tinha obrigação de saber e não errar. Um erro *grosseiro* nem merece o cuidado ou o trabalho de combatê-lo ou refutá-lo.

599

CRIAR, **produzir**, **gerar**. – "Por todos estes modos se dá existência ao que não era, mas cada um destes verbos indica diferente meio na causa que *cria*, *produz*, ou *gera*. – **Criar** é tirar do nada uma coisa, e metaforicamente é erigir, instituir. – **Produzir** é tirar de si, com atividade ou ação vital, alguma coisa. – **Gerar** é propagar a espécie pela geração. – Deus *criou* o universo e todos os seres que o compõem. Os reis *criam* novos cargos e dignidades. Os sábios *criam* novas ciências. As sementes, que se lançam à terra, germinam, crescem, e *produzem* o fruto, segundo suas espécies. Os literatos *produzem* suas obras, quando as concebem em sua mente, e com os auxílios que lhe ministram as letras ou as ciências, dão à luz suas *produções*[50]. *Geram* ou engendram todos os animais sua prole, segundo sua espécie; e, moralmente falando, erros *geram* erros, e vícios *geram* vícios". (Segundo Roq.)

600

CREBRO, **frequente**, **repetido**, **reiterado**. – Das duas primeiras palavras deste grupo diz Roq. que vêm ambas do latim (*creber* e *frequens*) e indicam o que se reitera, se faz ou sucede amiúdo; mas a primeira acrescenta à segunda a ideia de bastidão e espessura; isto é, exprime uma ação (ou fenômeno) que se repete muitas vezes amiudadas, e por muitas pessoas ao mesmo tempo (ou manifestando-se quase simultaneamente em vários pontos). – **Frequente** é expressão vulgar; **crebro** é talvez só usada em poesia. Querendo Camões exprimir não só a *frequência* dos suspiros, senão também a multidão simultânea dos amantes que na ilha encantada os exalavam, disse:

Crebros suspiros pelo ar soavam,
Dos que feridos vão da seta aguda
(*Lus*. IX, 32)

– Repetido é aquilo que se diz, que se dá, que se faz muitas vezes. Tem-se dado na Itália meridional *repetidos* terremotos. Os acessos agora estão sendo menos *repetidos*. – **Reiterado** acrescenta à noção de **repetido** a ideia de insistência, esforço, empenho com que se *repete* a coisa *reiterada*. Têm vindo lá do norte *reiteradas* solicitações ao governo... O ministro tem sofrido *reiterados* ataques.

601

CRENÇA, **fé**, **opinião**. – De pleno acordo com Bourg. e Berg. diz Bruns.: **Fé** (do la-

50 ~ Note-se que, em relação aos literatos, também se emprega o verbo **criar**, quando se trata de grandes obras de arte.

tim *fides* "confiança") é a perfeita e absoluta adesão do espírito àquilo que se considera verdadeiro. A fé tem por base a confiança que temos na pessoa que no-la inspira, por a julgarmos não só incapaz de nos enganar, mas também de se enganar a si própria. A pessoa que tem **fé** em alguma coisa submete o seu espírito sem hesitação e sem exame à autoridade ante a qual se curva, reconhecendo não ter direito para a contestar, ou pô-la em dúvida. Por isso se qualifica de cega, e de inabalável a fé... Este vocábulo é particularmente relativo às religiões, e muito especialmente à religião cristã; pois esta, fundada exclusivamente na revelação, não poderia subsistir se se pusesse em dúvida a veracidade de Moisés e a dos outros profetas. Note-se também que este vocábulo se emprega frequentemente em sentido absoluto, como quando se diz que a *fé* remove montanhas; que a *fé* se entibia; que a Idade Média foi o período da *fé*, etc. – A **crença** é muito diferente da **fé**, tanto quando a consideramos nas suas relações com a religião, como quando a encaramos sob outro qualquer ponto de vista. A **crença** é a aquiescência que se funda no exame e na reflexão; pois só a razão, pesando, comparando e deduzindo, é que nos determina a ter **crença**... – **Opinião** é uma adesão pessoal ao que se crê bom ou verdadeiro; mas nela cabe sempre maior ou menor grau de dúvida – a bondade ou verdade do que se crê sendo mais uma presunção que uma convicção. Na **fé** e na **crença**, e principalmente na **crença** há estabilidade; a **opinião** só se adota condicionalmente: por isso é frequente mudarmos de **opinião**. Demais, este vocábulo não é relativo a matéria religiosa, com a qual a dúvida ou a hesitação são incompatíveis... É em política e nas ciências que a **opinião** representa o seu papel principal: os partidos, como as hipóteses, não são mais que *opiniões*.

602

CRER, **pensar**, **julgar**, **presumir**, **supor**, **cuidar**. – Quem *crê* aceita como verdade aquilo em que tem fé; ou então, em outro sentido (que é propriamente o que tem de comum com os outros verbos do grupo), está propenso a admitir que a coisa é como se lhe diz, ou como tem na mente. *Creio* na divindade de Jesus. *Creio* que F. é meu amigo. *Creio* que aquele moço há de brilhar nas letras. – **Pensar** é, aqui, "ter no pensamento, ter como opinião, ou modo de ver pessoal, sem ter, no entanto, base para uma sólida convicção, ou para afirmar decisivamente". *Penso* que as coisas irão melhor do que tu *pensas*. – **Julgar** é "*pensar* com mais algum fundamento; ter opinião baseada em dados ou razões que se pesaram, conquanto não nos autorizem a afirmar ou a negar categoricamente". *Julgo* que erras, porque sei de muita coisa que tu ignoras. – Quem *presume* não tem certeza, mas apenas inclina-se a crer levado por indícios, pressentimentos, ou mesmo por ilações muito vagas. Pelo que ouvi numa roda, *presumo* que o Bento não será candidato (pretendo, suspeito, desconfio que não será candidato). – **Supor** é admitir por hipótese, ou condicionalmente, segundo um princípio da razão que se tem para crer. *Suponho*, à vista do que ontem me disseram, que está tudo perdido... Ele *supôs* que nós queríamos destruir-lhe a igrejinha... – **Cuidar**, aqui, é ter na atenção, e por isso apenas esperar ou temer que uma coisa seja ou se dê, deste ou daquele modo. *Cuido* que me não deixarás mal... *Cuidaste* então que eu não vinha?

603

CRESTOMATIA, **seleta**, **antologia**, **florilégio**, **coleção**, **coletânea**, **polianteia**, **silva**, **miscelânea**, **catalecto**, **analecto** (*folclore*). – Coleção de trechos escolhidos – tal é a significação comum a todos os vocábulos

deste grupo; convencionalmente, porém, atribui-se a cada um deles determinada particularidade. – **Crestomatia** (do grego *khrestôs* "útil", e *mathein* "aprender") diz-se de uma coleção de trechos seletos de bons autores, coordenados metodicamente em dificuldade crescente para seu estudo. – **Seleta**, o termo mais usual de todos os deste grupo, designa coleção de trechos seletos de autores de nota, sem nenhuma ideia acessória a respeito da natureza desses trechos, nem da sua disposição. O estudo das *crestomatias* é mais profícuo que o das *seletas*. – **Antologia** (do grego *anthos* "flor", e *legein*, "colher") designa particularmente a coleção de poesias primorosas. Não quer isto dizer que na **antologia** não tenham cabida certos trechos de prosa; mas para que nela figurem devem ser primores de linguagem e de pensamento. – **Florilégio** distingue-se de **seleta** em terem neste cabida, não só trechos literários, mas também trechos de obras científicas; ao passo que ao **florilégio** só pertencem os que são puramente literários. – **Polianteia** (do grego *poly* "muitas", e *anthos* "flor") é reunião de trabalhos literários, quase sempre em homenagem a alguém ou em rememoração de algum fato. É termo análogo a **antologia**; distinguindo-se, porém, deste em sugerir que a escolha se fez de momento e segundo o critério ou gesto de quem escolheu; enquanto que a **antologia** designa – escolha feita pelos mais competentes ou mesmo pelo consenso de várias gerações. O que figura na **antologia** é como se já fosse clássico, pelo menos no país, ou mesmo na província onde se faz a publicação. O que figura na **polianteia** será apenas o melhor que se encontrou, na opinião do colecionador. Publicam-se *polianteias* comemorativas mais ou menos detestáveis (e não – *antologias*). Conviria publicar uma *antologia* de autores paranaenses, ou de poetas do Maranhão (e nunca decerto – *polianteia*). – **Coleção** = reunião, ajuntamento de muitas coisas da mesma espécie e até de espécies e qualidades diferentes. *Coleção* de histórias; *coleção* de anedotas; *coleção* de amostras. – **Coletânea** (ou *coletâneas*) = escolha de diversos autores, ou de vários pedaços do mesmo autor. – **Silva** confunde-se com **miscelânea**: ambos designam reunião de trechos de um ou de alguns autores, feita sem método. O primeiro dá ainda, melhor que o segundo, ideia de coleção tosca, desordenada como floresta; **miscelânea** sugere ideia de variedade, profusão e desordem. – **Catalecto** (do grego *katalegô* "eu escolho") é a coleção de trechos escolhidos nos autores antigos, particularmente nos gregos e latinos. – **Analecto** (do grego *analektos* "recolhido") é a coleção de trechos escolhidos de um só autor. Dão alguns, porém, a este vocábulo a extensão que tem **florilégio**. (Bruns.) – **Folclore** está tão introduzido na língua que não é possível negar-lhe aqui lugar: é "a coleção de lendas, tradições, etc. em que, por assim dizer, se condensa a sabedoria anônima de um povo". Dá-se particularmente este designativo à coleção de trovas populares ou xácaras correntes, como eram as sagas dos escandinavos ou como as rapsódias dos gregos.

604

CULTIVO, **cultura**. – Tanto no sentido moral, como no físico distinguem-se estes dois nomes. **Cultivo** – diz Bruns. – é "vocábulo menos extensivo que **cultura**; pois ao passo que este se diz do conjunto das operações necessárias para obter os produtos da terra, **cultivo** se diz do modo como se faz uma **cultura** especial, os cuidados e meios que se empregam para obter determinado produto." Dizemos, portanto: na fazenda daquele homem o *cultivo* das batatas é feito com muito cuidado. Entre todas as *culturas* foi a que mais apreciamos. – É preciso

acrescentar que, no sentido moral, **cultivo** é propriamente "a ação de cultivar"; e **cultura** é o estado ou a qualidade de *culto*. A França é um país de alta *cultura*, e onde o *cultivo* da mocidade se faz com muito carinho.

605

CUMPRIR, **observar**, **guardar**. — Segundo Bensabat, estes verbos são sinônimos no sentido de fazer ou executar o que está prescrito por uma ordem ou por uma lei ou mesmo por um dever moral. O sentido próprio de **observar** é ter à vista, prestar atenção a, impor a si mesmo como regra ou como norma. "Se houvéssemos de *observar* aquela sentença do rei egípcio..." (d. Franc. de Melo). O sentido próprio de **guardar** é ter sob sua guarda, velar sobre, ter sempre à vista com muito cuidado o objeto para o conservar e defender: "Pouco se poderá acrescentar como novidade *guardando-se*, como se deve *guardar*, o preceito crítico que manda julgar os livros pelos princípios." (Reb. da Silva) O sentido próprio de **cumprir** é tornar efetivas as prescrições de desempenhar, executar com toda exação e rigor: "*Cumprir* uma ordem; *cumprir* a lei".

606

DAMA, **mulher**, **dona**, **matrona**, **senhora**. — Segundo Roq. — **mulher** é palavra genérica, que corresponde a homem, e significa a criatura racional do sexo feminino; e por excelência — a que está casada. — **Dona** é corrupção de *domina* "senhora", e significa "senhora de respeito, casada, viúva, religiosa, de certa idade, etc., e por isso serve de distintivo que se dá a uma senhora de qualidade junto a seu nome". Em significação secundária, designa a mulher que já conheceu varão, como diz positivamente o autor do *Palmeirim*: — "Quando o escudeiro chegou, a que ficara virgem, e houvera no entretanto ajuntamento com o cavaleiro seu amo, era feita *dona*, e bem contente" (II, c. 106). E no mesmo sentido parece ter dito Camões:

> Estavam pelos telhados e janelas
> Velhos e moços, *donas* e donzelas.
> (*Lus*. VII, 49.)

Dama é originariamente a mesma palavra dona, vinda de *domina* pela francesa *dame*; mas tem sempre a significação certa de mulher nobre e de qualidade conhecida, talvez como hoje dizemos *fidalga*; teve, porém, depois uma significação secundária diferente da de **dona**, isto é, a significação de — "mulher galanteada de algum cavalheiro"; e degenerou até significar "manceba, concubina", com o mesmo valor que *maîtresse* entre os franceses; como se vê na *Carta de Guia*, p. 90, em que d. Francisco Manuel diz: — "Aquele amor cego fique para as *damas*, e para as *mulheres* o amor com vista". **Matrona** é palavra puramente latina, e significa "a mulher, mãe de família, nobre e virtuosa". — **Senhora** é "a sócia, ou companheira do senhor; portanto — a mulher casada em relação a seu marido, a mulher distinta pela rigorosa compostura".

607

DANOSO, **prejudicial**, **nocivo**, **pernicioso**, **lesivo**, **perigoso**, **maléfico**, **ruinoso**. — **Danoso** é propriamente "o que produz ou traz mal ou dano", tanto moralmente como no físico. — **Prejudicial** é "o que importa perda ou prejuízo"; e como a perda ou o prejuízo é sempre um dano, segue-se que facilmente se confundem estes dois adjetivos. Há casos, no entanto, em que não seria lícito substituir um pelo outro conservando-lhes uma rigorosa propriedade; por exemplo: "O incêndio foi mais *danoso* ao prédio do que se supunha". "O mau tempo tem sido muito *prejudicial* aos meus negócios". Ainda no primeiro destes casos poder-se-ia, sem grande pecado, dizer que o incêndio "foi

mais *prejudicial*"; mas, no segundo, provavelmente ninguém diria que pudesse caber **danoso**, mesmo porque negócio não é coisa que se danifique. O prejuízo, no negócio, resulta de não se lucrar dele quanto se calculava: o dano, no prédio, é o mal que ele sofreu. – **Nocivo** é também "o que produz ou pode produzir mal, que é próprio para causar dano". Confunde-se com **pernicioso**. Este, no entanto, é mais forte, e aplica-se melhor para designar "o que produz males irremediáveis, ou que pelo menos são de gravidade alarmante". Há alimentos *nocivos* à saúde (isto é – que arruínam, ou que alteram a saúde); e os venenos são *perniciosos* (isto é – são tão nocivos que podem causar a morte). Daí o dar-se o nome de *perniciosas* às febres de mau caráter, sendo certo que toda febre é *nociva*. – **Perigoso** distingue-se de todos os precedentes pela particularidade, que marca muito claro, de deixar dúvidas quanto ao mal que possa causar: o que é *perigoso* pode ser, ou não, prejudicial, ou danoso; pode ter, ou não, más consequências. É *perigoso* saltar de um carro em movimento. É *perigoso* expor-se ao mau tempo. – **Maléfico** diz propriamente – "que produz mal"; e confunde-se, portanto, com **danoso**, **prejudicial**, **nocivo**, e mesmo com **pernicioso**. É fácil de ver, entretanto, que nem sempre poderia ser usado em vez de qualquer destes. Foi o incêndio muito *danoso* (e não – *maléfico*). O mau tempo foi *prejudicial* às festas (e não – *maléfico*). Há frutas *nocivas* às crianças (e não – *maléficas*). De todos o que mais se poderia confundir com **maléfico** é **pernicioso**: raro será o caso em que se não pudessem trocar. – **Ruinoso** é "o que causa ou pode causar estrago, ruína". Aproxima-se de **nocivo**, conquanto não seja possível confundi-los em muitos casos, mesmo porque **nocivo**, em regra, exige um complemento, enquanto que **ruinoso** é de significação mais geral e absoluta. "A administração daquele homem foi *ruinosa*" (deixou estragos gerais); "a administração dele foi *nociva* ao ensino público" (fez particularmente mal ao ensino).

608

DAR, **doar** (**dádiva**, **dote**, **dom**; **donativo**, **doação**, **dotação**); **oferecer**, **apresentar**, **entregar**. – Conquanto na sua estrutura coincidam na mesma raiz (gr. *do*, que sugere ideia de "dom") distinguem-se estes dois primeiros verbos do grupo essencialmente, como já eram distintos no latim, na acepção em que são considerados como sinônimos (*dare* e *donare*). – **Dar** é "passar a outrem a propriedade de alguma coisa, mas sem nenhuma formalidade, apenas entregando-lhe ou transmitindo-lhe a coisa que se *dá*". – **Doar** é "dar com certas formalidades, mediante ato solene ou documento escrito, e ordinariamente para um fim determinado". O que se *dá* é **dádiva**, **dom**, ou **dote**, ou **dotação**. Entre estas três palavras há, no entanto, distinção essencial, em certos casos pelo menos. O **dom** e a **dádiva** são graças que se fazem por munificência, pelo desejo de agradar, ou com o intuito de comover, ou de tornar feliz. – **Dom** é vocábulo mais extenso, e é com mais propriedade aplicado quando se quer designar "bens ou qualidades morais"; conquanto se empregue também para indicar **dádiva**, que se refere mais propriamente a coisas materiais. A inteligência, ou melhor, a fé, as grandes virtudes são *dons* celestes (não – *dádivas*). O lavrador tinha a boa colheita como *dádiva* de Ceres (não – *dom*). – **Dote** (do latim *dos... tis*, de *dare*), "além de significar **dom**, isto é, virtude, qualidade de espírito, ou mesmo predicado físico, é termo jurídico, significando "tudo que a mulher leva para a sociedade conjugal". Entre **dote** e **dotação**, além da diferença que consiste em designar, a primeira a própria coisa com que se dota, e a segunda,

a ação de dotar – há ainda uma distinção essencial, marcada pela propriedade que tem **dotação** de exprimir a "renda ou os fundos com que se beneficia uma instituição, um estabelecimento, ou mesmo um serviço público". A *dotação* de uma igreja, de um hospital, do ensino primário (e não – o *dote*). – O que se *doa* é **donativo** ou **doação**. O **donativo** é uma dádiva, um presente feito por filantropia, por piedade, ou por outro qualquer nobre sentimento. A **doação** (além de ato ou ação de **doar**) é "um donativo feito solenemente, mediante escritura pública"; é o "contrato – define Aul. – por que alguém transfere a outrem gratuitamente uma parte ou a totalidade de seus bens presentes". F. fez à Santa Casa a *doação* do seu palácio tal (não – *donativo*). "O rei, de visita à gloriosa província, distribuiu valiosos *donativos* pelas instituições de caridade" (não – *doações*). – **Oferecer** diz propriamente "apresentar alguma coisa a alguém com a intenção de *dar-lhe*". Significa também "dedicar"; isto é, "apresentar como brinde, como oferta, ou oferenda". *Oferecer* o braço a uma senhora; *oferecer* um livro a um amigo; *oferecer* a Deus um sacrifício. – **Apresentar** é "pôr alguma coisa na presença de alguém, oferecendo-lha, ou mesmo pedindo-lhe apenas atenção para ela". – **Entregar** é "passar a alguém a própria coisa que se lhe dá, ou que lhe pertence". Entre **dar** e **entregar** há uma diferença que se marca deste modo: **dar** é uma ação livre; **entregar** é uma ação de dever.

609

DÉBIL (**debilitado**), **fraco** (**enfraquecido**), **frágil**. – **Fraco** e **frágil** originam-se do mesmo radical (*frango fragilis, fractus*) e significam, portanto, falta de forças, de consistência, de firmeza. Mas **frágil**, além de aplicar-se no sentido moral, exprime uma qualidade própria de certos corpos, e neste sentido não se confunde com **fraco**. O vidro, por exemplo, é, de sua própria natureza, *frágil* (e não *fraco*). – **Débil** (*de* + *habilis* não hábil, falto de habilidade, de destreza, de forças, ou das forças que tinha ou que lhe eram próprias) é "o que tem diminuídas as forças, que se acha exausto, esgotado de energia, sem vigor, sem robustez". – Entre **débil** e **debilitado** há a diferença que se marca pela circunstância de que **debilitado** supõe sempre uma causa atual da debilidade: ideia que se não encerra em **débil**. Está *debilitado* pela doença, pelas privações, pelos sofrimentos (e não – *débil*). – **Débil**, portanto, indica uma qualidade própria, uma condição mais permanente; e **debilitado** indica estado; e por isso mesmo não diríamos em caso algum – "está *débil*", em vez de – "está *debilitado*". Diferença igual se nota entre **fraco** e **enfraquecido**, se bem que menos rigorosa ou menos sensível. Dizemos perfeitamente – "sinto-me ainda muito *fraco*; estou ainda muito *fraco*", em vez de – *enfraquecido*. Não seria próprio, no entanto, dizer; "**sou** *enfraquecido* de coração, ou de saúde"; nem: "**está** *fraco* da, ou pela moléstia".

610

DEBUXO, **esboço** (**esboceto**), **bosquejo**, **risco** (**risca**), **delineação**, **delineamento**, **figura**, **plano**, **planta**, **traçado**, **projeto**, **desenho**, **modelo**, **molde**, **ideia**, **escorço**. – Todas estas palavras relacionam-se pela ideia comum, que encerram, de sugerir por algum modo uma coisa que se fará segundo o modelo que a traços gerais dela se dá. – O **debuxo** representa o objeto vagamente, apenas pelos seus contornos gerais. – O **esboço** é a figura que nos dá as grandes linhas de um desenho; é como que um princípio de execução da obra que se vai realizar, e da qual se dá assim uma ideia em miniatura. Tanto se pode dizer tratando-se de uma obra de pintura ou desenho, como de uma estátua, ou mesmo de uma obra literária. – **Esboce-**

to é um diminutivo de **esboço**. – **Bosquejo** é como que uma concepção do artista projetada imperfeitamente, ou sem ter ainda a perfeição de que é suscetível, mas dando já uma ideia do que será a obra definitiva. Distingue-se de **esboço** em ser este apenas um desenho a traços gerais; enquanto que no **bosquejo**, por menos preciso que seja o relevo, já há cores. – **Risco** ou **risca** é a figura pela qual se dá, da obra planeada, uma ideia ainda mais vaga ou menos precisa que pelo **debuxo**. Diz-se mais particularmente tratando-se de construções. – **Delineação** é propriamente a ação de delinear, isto é, de figurar alguma coisa por simples linhas. Nem sempre é o mesmo que **delineamento**; pois este se aplica de preferência para designar a própria figura que se delineou. Dá-se um *delineamento* geral do edifício; fez ou lançou os primeiros *delineamentos* da povoação (e não – as primeiras *delineações*; nem – a *delineação* geral). – **Figura** é a representação de uma coisa ou pessoa; ou – dizem Bourg. e Berg. – "a cópia de um original considerada sob o ponto de vista da forma, dos contornos, do desenho". Não é, portanto, uma cópia exata, fiel, perfeita do original, ou uma imagem nítida, precisa do que se concebeu ou planeou: na **figura** não se consideram mais que certas relações de forma, de cor, etc., com a pessoa ou coisa que se representa. A **figura** é, no entanto, mais que o simples **delineamento** e que o **esboço**; tanto que se diz – o *esboço* ou o *delineamento* de uma *figura*. – **Plano**, **planta**, **traçado** e **projeto** aproximam-se pela ideia, que lhes é própria, de representação, por meio de linhas de alguma obra que se planeia. De todas, neste sentido, a mais usual é **planta**, que é o desenho em que se dá uma ideia exata da posição e das relações que entre si guardam as diferentes partes da coisa planeada; podendo ser o **plano** uma **planta** menos precisa e menos detalhada. O **projeto** é, como o **plano**, uma ideia geral daquilo que ainda se vai fixar. O termo **traçado** sugere ideia de rumo, de orientação, e aplica-se particularmente a plantas de caminhos. – O **desenho** representa o objeto na sua forma própria e com a possível fidelidade e perfeição; apenas nele não se empregam cores. – **Modelo** e **molde**, que coincidem na mesma origem latina (*modulus*, "medida, tipo"), significam a figura ou a imagem da coisa que se vai reproduzir. Nem sempre, no entanto, poderá aplicar-se um pelo outro. Não diríamos, por exemplo: "F. é um *molde* de virtudes patrióticas" (e sim – "um *modelo* de virtudes"). Quer isto dizer, portanto, que **molde** é a "forma a que se devem adaptar as coisas do mesmo gênero"; e **modelo** é "a norma, o tipo que, no gênero, deve ser imitado ou reproduzido". – **Ideia** é "o meio ou modo, qualquer que seja, pelo qual se sugira aquilo que pretendemos realizar". – **Escorço** é o "desenho de uma coisa em miniatura"; ou, se se trata de trabalho literário, é "a ideia ligeira, ou o plano conciso de uma composição que se vai fazer, ou de um pensamento que se poderia, ou poderá ampliar".

611

DECAIR, **descair**. – Não se podem confundir estes dois verbos. – **Decair** é baixar, declinar, enfraquecer-se, deixar de ser o que era. *Decaiu* da confiança, do conceito, da estima de alguém. – **Descair** é sair da posição ou da linha, desviar-se da direção que levava. Ninguém *descai* sem desdoiro: a descaída é sempre uma depressão ou um deslize. *Descaiu* para o vício. *Descaiu* para a esquerda, para o sertão.

612

DECAPITAR, **degolar**, **guilhotinar**, **descabeçar**. – A ideia de "separar a cabeça, cortando o pescoço" é comum a estes verbos. Mas tem cada um a sua propriedade espe-

cífica segundo os casos em que são aplicados. Dizemos, por exemplo: "Os bandidos entraram, e foram *degolando* a torto e a direito" (e não – *decapitando*, pois este verbo sugere, em regra, solenidade de execução; o que – deve notar-se – não impede que possa empregar-se o mesmo, em sentido figurado, sem esta restrição; como quando se diz: "a criança foi ao jardim, e *decapitou* todas as flores"). Não se condena um criminoso a ser *degolado*, mas a ser *decapitado*. O bandido foi *decapitado* na praça pública (e não – *degolado*, pois **degolar** sugere ideia de execução fora de toda ordem legal). – **Guilhotinar** é decapitar na guilhotina; enquanto que **decapitar** é decepar a cabeça por golpe de cutelo. – **Descabeçar** é "tirar a cabeça, de qualquer modo"; e aplica-se mais no sentido material de cortar a cabeça, a extremidade superior de coisas, de pessoas ou mesmo de animais.

613

DECORO, **dignidade**, **honra** (**honor**), **decência**, **reserva**, **recato**, **gravidade**, **pudor**, **vergonha**, **compostura**. – Diz Roq. que – "Cícero distingue duas espécies de **decoro**: um, geral, que se estende a tudo que é honesto; e outro, particular, que pertence a cada uma das partes da honestidade. Define o primeiro: o que é consentâneo à excelência do homem, naquilo em que sua natureza o diferença dos outros animais; e o segundo, como espécie do primeiro: o que é consentâneo à natureza do homem, de modo que nisso se manifeste moderação e temperança com certo ar nobre (*De Off.* I, 28). – **Dignidade** é a qualidade que constitui um homem digno da consideração e honra que se lhe tributa; e também a maneira grave como procede em harmonia com os empregos que exerce, ou a graduação que ocupa na ordem social. – **Honra** é a boa opinião e fama adquirida pelo mérito e virtude; e considerada no indivíduo, o que se devia chamar **honor**, é aquele sentimento habitual que leva o homem a procurar esta boa opinião e fama pelo cumprimento de seus deveres e pela prática de nobres ações – é o segundo anjo de guarda da virtude, como disse Vieira. O sentimento da **honra** nasce do desejo inato, que todos temos, de merecer a estima de nossos semelhantes. O sentimento do **decoro** nasce da ideia de superioridade aos irracionais que em nós sentimos, e da tendência a mostrar esta mesma superioridade aos que são de uma condição inferior. O sentimento da **dignidade** resulta de nossa posição social, e da justa ideia de fazer ações consentâneas aos cargos que ocupamos, ou à jerarquia a que pertencemos. O primeiro leva o homem à virtude, e às ações generosas; o segundo sustenta-o para que se não degrade; o terceiro avisa-o que nada faça que lhe deslustre o bom nome, ou lhe diminua a reputação. No que o mundo chama **honra** há muitas vezes mais vaidade que virtude; no que se chama **decoro** tem não poucas vezes mais parte a opinião pública do que a razão; e no que se chama **dignidade** domina de ordinário mais a hipocrisia que a sinceridade. – O que dissemos – continua Roq. – a respeito de *erro* e *error* pode aplicar-se a **honor** e **honra**. Usavam os nossos antigos mui acertadamente dos dois vocábulos com distinta significação; mas os modernos, talvez porque o primeiro cheirava a castelhano, ou porque entenderam que ambos significavam a mesma ideia, condenaram ao esquecimento o primeiro, e só usam do segundo. Respeitamos os direitos de uso; mas, como neste caso é arbitrário e despótico, dir-lhe-emos que não tem razão; e os homens de bom senso e inteligentes deveriam reabilitar a palavra **honor**, para evitar a homonímia, diferençando-a de **honra** pela maneira seguinte. O **honor** é independente da opinião

pública, é qualidade inerente à pessoa. Assim dizia o autor da *Eufrosina*: 'Perdi meu *honor*, maldizendo e ouvindo pior'. A **honra** deve ser o fruto do **honor**; isto é, a estimação com que a opinião pública recompensa aquela virtude. Um homem de *honor* é a *honra* de sua família. Herda-se o *honor*, e não a *honra*: esta funda-se depois nas ações próprias e no conceito alheio. *Honra-se* alguém, mas não se lhe dá *honor*. Um soberano *honra* com sua presença a casa de um súbdito; mas, se este não tiver *honor*, não ficará por isso mais *honrado*". – Segundo Bruns. – "a **gravidade** é ostentosa e aparente, e consiste particularmente em evitar tudo aquilo que é frívolo, ou em que há ligeireza. Presta-se este termo a ser tomado em sentido irônico por designar uma certa dignidade fictícia que o amor próprio impõe às pessoas que têm a convicção de que passariam despercebidas se não se apresentassem gravemente – dignidade que também é comum àquelas que fazem uma ideia exagerada do lugar que ocupam na sociedade, e do que exige realmente a sua verdadeira situação". – A **decência** (do latim *decet* "é conveniente") consiste no conjunto das exterioridades que, segundo as exigências da época em que se vive, harmonizam entre si a aparência da pessoa e a sua compostura, sua linguagem, seu trajar, seu modo de receber os que a procuram, etc. Este termo é, portanto, exclusivamente relativo ao que na pessoa é puramente exterior, e não se diz tanto com relação a ela própria como em relação aos que com ela convivem ou têm de tratar. Assim é que o trajo que reputamos como *decente* num lavrador não o será num magistrado, pois a **decência**, como acabamos de dizer, não é uma qualidade intrínseca, mas um conjunto de circunstâncias que os outros querem ver em nós. Sob o ponto de vista moral, a **decência** é uma certa reserva que guardamos nas nossas relações sociais e que consiste na estrita observância das leis que as prescrevem. Em sentido mais restrito, e mais próximo de **pudor** e **vergonha**, a **decência** implica também a ideia do meio em que se vive, e consiste no respeito da moral que induz a não ofender a castidade. Há senhoras que vestem sem a *decência* que a moral impõe. – Consiste a **reserva** no cuidado de não sair da conveniência e discrição que se calculou, de não ultrapassar uns certos limites – o que constitui uma qualidade negativa, e não propriamente uma virtude. – O **recato**, sendo igualmente uma qualidade negativa, que induz a evitar as ocasiões de perigo ou de tentação, não pode em absoluto ser considerado como virtude; este termo não significa "cuidado em não ofender", mas sim "cuidado em evitar que se nos ofenda". – O **pudor** é sinal exterior de inocência e de pureza de costumes. – A **vergonha** é, aqui, um pudor muito delicado que nos impede de fazer alguma coisa que se contrapõe aos nossos escrúpulos morais, à nossa **compostura**; sendo esta "a correção com que nos *compomos* (no moral e no físico) para guardar com os outros a conveniente decência".

614

DECEPÇÃO, **desilusão**, **desengano**. – **Decepção** é "surpresa por não encontrar o que se esperava, ou por não ter saído como se tinha calculado". – **Desilusão** é "surpresa de verificar que não é ou não saiu como se estava certo que era ou que havia de sair". – **Desengano** é o desapontamento, a tristeza, ou a desconsolação que traz a decepção ou a desilusão.

615

DECEPÇÃO, **surpresa**, **engano**, **logro**, **ilusão**, **codilho**. – **Decepção** é o termo geral que exprime "o modo como o nosso espírito se surpreende com aquilo que não esperava". – **Surpresa** é "o susto que experi-

mentamos ao dar com aquilo que para nós é imprevisto". – **Engano** é "a ilusão ou erro em que se cai, devido ou ao nosso desapercebimento, ou à astúcia de outrem". Neste último caso, **logro** é o termo próprio; pois este vocábulo sugere a ideia dos meios que se puseram em prática para induzir-nos em **engano**. – **Ilusão** é "o engano que devemos em regra mais ao nosso espírito do que ao intento ou esforço alheio". – **Codilho** é "o logro que se nos prepara com dissimulação e astúcia".

616

DECLARAR, **descobrir**, **manifestar**, **revelar**, **divulgar**, **publicar**, **promulgar**, **anunciar**, **noticiar**, **desvendar**, **expor**, **patentear**, **explicar**, **enunciar**, **expressar**, **referir**, **relatar**, **narrar**, **contar**, **mostrar**, **proclamar**, **espalhar**, **assoalhar**, **apregoar**, **propagar**, **propalar**. – Tratando dos seis primeiros verbos deste grupo, diz Roq. que "todos significam, em geral, dar a conhecer o que estava ignorado; podendo isso verificar-se por vários modos, segundo cada um particularmente indica. – **Declarar** é pôr em claro, aclarar, explicar, interpretar o que está escuro, ou não se entende bem. – **Descobrir** é, como já se viu em outro grupo, tirar o que cobre, oculta uma coisa; destapar, abrir, alcançar a ver. – **Manifestar** é pôr as coisas como à mão, mostrá-las, presentá-las, fazê-las patentes. – **Revelar** é tirar, levantar o véu; supõe uma violação de juramento ou de estreita obrigação, ou penoso esforço para publicar o mui reservadamente sabido ou secretamente guardado ou oculto, resultando desta **revelação** ou grandes benefícios ou graves danos; como quando se *revela* uma extensa e infernal conspiração, um segredo de Estado, ou o sigilo da confissão, que é o mais sacrílego crime. – **Divulgar** é patentear, dar a conhecer a todos uma coisa, propagando-a tanto que chegue a ser geralmente sabida, até do mesmo vulgo. – **Publicar** é fazer patente ou notória uma coisa por quantos meios houver. Aplica-se mais geralmente este verbo tratando-se de matérias que a todos interessa saber, como são leis, ordens, decretos, regulamentos; e para isto vale-se o governo de pregões, proclamas, bandos, circulares e anúncios nos papéis públicos. – *Declaram-se* as intenções, os desejos, as ações que não eram conhecidas, ou quando muito que eram conhecidas incompletamente, ou de um modo incerto. *Descobre-se* a alguns o que lhes era oculto, dando-lhes disso notícia. *Manifesta-se* o que estava escondido, pondo-o patente, ou aclarando com expressões positivas e terminantes o que era simulado. *Revela-se* um segredo por se não poder guardar, e muito mais quando disto resulta interesse ou glória. *Divulga-se* o que não era sabido de todos, estendendo-se a notícia por toda parte. *Publica-se* o que não era notório, fazendo-o de um modo autêntico e formal, para que chegue à notícia de todos, e ninguém alegue ignorância". – No sentido deste último verbo, **promulgar** é o mais próprio. Além disso, **promulgar** designa particularmente a ação de fazer autêntico o texto de uma lei, mediante uma fórmula própria e solene. O ato de **promulgar** é independente do ato de **publicar**, sendo a *publicação* apenas uma formalidade da *promulgação*. – **Anunciar** é fazer público por meio de *anúncio*, isto é, por declaração mais ou menos minuciosa do que se quer que seja conhecido. E num sentido mais restrito – **anunciar** "é fazer público, por algum sinal, o que há de vir". – **Noticiar** é "publicar como coisa nova, como fato não sabido". *Noticia-se* um escândalo que se dera (não – *anuncia-se*). *Anuncia-se* um espetáculo, uma sessão para amanhã (não – *noticia-se*). – **Desvendar** é quase o mesmo que **revelar**, apenas com esta diferença: *desvenda-se* o alheio – um negócio, um segredo que interessa mais diretamente,

ou mais propriamente a outra pessoa; *revela-se* o que nos diz respeito a nós próprios – uma suspeita, um intento, uma ideia, etc. – **Expor** é propriamente "apresentar às vistas de alguém", e no sentido em que este verbo se faz sinônimo dos outros deste grupo – é fazer, explicando por palavras, – uma comunicação ou publicação tão clara como se se "pusesse o que se quer comunicar ante os olhos da pessoa a quem se comunica". – **Patentear** é "expor com grande publicidade, em termos claros e precisos, de modo que fique evidente o que se expõe". – **Explicar** é "fazer claro, inteligível o que é obscuro ou confuso". – **Enunciar** é "dizer por palavras, como se do nosso espírito puséssemos para fora o que pensamos". – **Expressar** é "enunciar com clareza, pelos termos próprios, que não deixem lugar a dúvidas, nem a sentido ambíguo". – **Referir** é "contar, comunicar, passar a outrem aquilo que se ouviu; publicar segundo o que nos disseram". – **Relatar** é "referir minuciosamente depois de haver estudado a matéria que se refere". – **Narrar** é apenas "expor (o que se ouviu, o que se leu, ou o que se sabe) com toda minuciosidade". – **Contar** é dar conta, passar (alguma coisa que se ouviu ou soube) a outrem. Sugere este verbo a ideia de que a pessoa que ouve tem interesse em saber o que se lhe *conta*. – **Mostrar** é "pôr diante dos olhos"; e só figuradamente é que se emprega este verbo como significando – "fazer entendido tão bem, tão perspicuamente como a coisa que se vê". – **Proclamar** é "anunciar, publicar em alta voz e com solenidade". – **Espalhar**, como os quatro últimos que se lhe seguem, enuncia a ideia de "fazer passar, sem reserva e sem ordem, a notícia de alguma coisa, ou o anúncio do que se espera, ou aquilo que não se sabia". Mas: – **espalhar** não sugere mais que o intuito de fazer conhecido o fato de que se trata; – **assoalhar** é "espalhar com desabrimento, publicar com ostentação"; – **apregoar** é "assoalhar espalhafatosamente, anunciar gritando"; – **propagar** sugere o interesse com que se espalha e divulga; e – **propalar** é "pôr, ou fazer entrar, com cautela e habilmente, no domínio do vulgo". Quem *propala* não *assoalha*, não *apregoa*, nem mesmo *publica* propriamente, mas vai passando o que sabe, ou o que intenta, como a meia-voz, clandestinamente.

617

DECOMPOR, **analisar**, **anatomizar**, **examinar**, **dissecar**, **destrinçar**, **esmiuçar**, **escalpelar**. – **Decompõe-se** um todo separando-lhe as diferentes partes, discriminando os elementos que o compõem. – **Analisar** é "fazer exame detalhado, minucioso, e sob um dado ponto de vista". – **Anatomizar** é, aqui (em sentido translato), "fazer estudo cientificamente, estudar a fundo, examinar com muito cuidado todos os detalhes". – **Dissecar** só difere do precedente em conservar no sentido translato alguma coisa do que a diferença do mesmo no sentido próprio: só se *dissecam* cadáveres, animais mortos; podem *anatomizar-se* tanto os mortos como os vivos, e mais particularmente estes. – **Examinar**, como já vimos em outro grupo, é "considerar com muita atenção o que temos a alcance dos olhos, discriminando particularidades, pormenores". – **Destrinçar**, no sentido figurado que tem aqui, é "explicar, expor, esmiuçar, como desfazendo a confusão que existia no que se *destrinça*". – **Esmiuçar** é "examinar, estudar muito por miúdo, nos mais insignificantes detalhes". – **Escalpelar** é propriamente cortar com o escalpelo; e no sentido figurado diz – "analisar com todo rigor, como fazendo uma verdadeira dissecção da coisa que se analisa".

618

DECRETO, **lei**; **aviso**, **resolução**. – **Decreto** é "o que se determina" (num caso

particular); **lei** é "o que se estatui ou se prescreve para casos gerais, como fixando princípios que os devem reger". No entender de Lacerda, "**decreto**, segundo a origem, exprime a ação de discutir e julgar, é o resultado das opiniões dos que discerniram, isto é, debateram e tomaram resolução acerca de alguma coisa. – **Lei** é a expressão da vontade soberana, e é nela que repousa a ordem pública. As cortes *decretam*, e os seus decretos só têm força de *lei* pela aceitação do soberano". Bruns., que diz haver Lacerda compreendido mal estes dois vocábulos, nem por isso foi mais feliz, explicando-nos que "no regímen atual, só os corpos legislativos podem fazer **leis** propriamente ditas. Qualquer **lei** que tenha outra origem – se tal origem for elevada – é apenas um **decreto**. A **lei** é a expressão da vontade de todos; o **decreto** é a medida que um ministro julga útil". – Quanto a **decreto**, pelo menos, é Lacerda quem está com a verdadeira noção. É ele que se concilia com outros sinonimistas, mesmo quanto à **lei**. – "**Decreto**", diz Alves Passos, "vem do latim *discernere*, e exprime a ação de discutir e julgar – é o resultado das opiniões dos que *discerniram*. – **Lei** é a expressão da vontade soberana, e é sobre ela que repousa a ordem pública. (Lacerda, como se viu, repete esta definição.) Os parlamentos *decretam*, e os seus *decretos* só adquirem força de **lei** pela aceitação do soberano. 'As Cortes... *decretaram*, e nós sancionamos a *lei* seguinte...' – assim se verifica entre nós a promulgação das **leis**". – Em outra parte, tratando de **decisões de concílio**, **cânones** e **decretos**, escreve o mesmo autor: "**Decisões** de Concílio são todas as suas determinações a respeito das matérias da sua competência: é o termo genérico, que abrange **cânones** e **decretos**. – **Cânones** são as *decisões* relativas ao dogma e à fé, e são obrigatórios para todos os fiéis sem exceção de pessoa, porque são sancionados pela autoridade do Espírito Santo, cuja assistência perpétua foi prometida à Igreja[51]. – **Decretos** são as decisões que regulam a disciplina eclesiástica: os *decretos* dos Concílios não são obrigatórios num Estado senão depois de obterem a sanção e assentimento do Rei e dos Prelados nacionais". – Lafaye trata largamente dos dois vocábulos, ilustrando, como sempre faz, de grande número de exemplos clássicos as suas definições. Mas Bourg. e Berg. resumem perfeitamente o melhor nestes termos: "A **lei** (do latim *lex*) é uma determinação emanada de uma autoridade, e ordenando ou proibindo certas coisas: é um termo geral que exprime a vontade de todos e se aplica a todos. O **decreto** (do latim *decretum*, supino do verbo *decernere*[52] 'decidir') é, ao contrário, particular no seu objeto e em sua origem: um *decreto* pode não aplicar-se senão a uma pessoa, ou a um pequeno número de pessoas, e pode não tratar senão de um só ponto (ou de uma só questão). Em suma, o **decreto** exprime apenas a vontade de um só homem, ou de um pequeno número de homens: não é, pois, essencialmente obrigatório, como a **lei**, para todos, e em todas as circunstâncias. É uma *lei* que, nos países livres, fixa o orçamento e a taxa do imposto; é por **decretos** que são nomeados os altos funcionários. Além de tudo, **decreto** serve muitas vezes para designar as mesmas prescrições da **lei**: devemos todos obedecer aos *decretos* desta *lei*. Enfim, os **decretos** podem adquirir força de **lei**, tornar-se **leis** verdadei-

51 ~ Cânones corresponde a leis na ordem temporal.

52 ~ Viu-se que Alv. Pas. dá como do latim *discernere*. É evidente que se engana; pois *discernere* não só não dá no supino *decretum*, e sim *discretum*, como é *decernere* que significa "julgar", "decidir", "pôr termo"; enquanto que *discernere* quer dizer "separar", "diferençar", "distinguir", "discernir".

ras, mediante certas sanções: é assim que as decisões do conselho dos Quinhentos traziam o nome de **decretos**, até que fossem transformadas em **leis** pela sanção do conselho dos Anciãos". – Os dois últimos vocábulos do grupo distinguem-se deste modo: **aviso** é uma decisão, dentro da lei, é claro (ou interpretando, explanando pontos ambíguos ou confusos da lei), e em caso concreto, de administração, ou mesmo de direito; **resolução**, aqui[53], é decreto ou aviso (mais propriamente decreto) estatuindo o que convém sobre uma dada questão ou matéria, ou em caso ocorrente. **Aviso** aplica-se particularmente a atos de ministros; os corpos legislativos tomam também **resoluções**.

619

DEFEITO, deformidade, imperfeição, vício, falha, balda, pecha, sestro, manha, mania, tacha, falta, eiva, senão, fraco. – Segundo Lacerda, **defeito** "exprime o que há de mau em alguma coisa relativamente ao fim a que ela se destina. – **Deformidade** é a fealdade física, herdada ou adquirida. – **Imperfeição**, rigorosamente, é a falta de perfeição; mas geralmente designa *defeito* leve, de pouco momento. – **Vício** é a predisposição maléfica de qualquer coisa que lhe corrompe a bondade, que, a não existir aquela, lhe seria própria. No sentido figurado, vale o mesmo que falta, defeito, maldade". Alv. Pas. completa as suas definições, seguidas quase à risca por Lac., com os seguintes exemplos: "A indigestão causada por excessos no comer é menos perigosa que a devida a *vício* do estômago. A falta de dentes é um *defeito* grande para a beleza, e muito notável na pronunciação. O estrabismo é uma *deformidade* considerável, e quase sempre os que são afetados dele são tortos em todos os sentidos. As pessoas muito escrupulosas reputam as *imperfeições* como pecados e erros graves". – **Falha**, **falta**, **eiva** e **senão** muito se aproximam, e em todos os casos não seria muito sensível a substituição de uns pelos outros. É, no entanto, preciso distinguir **falta** e **senão** dos dois outros, **falha** e **eiva**. **Falha** e **eiva** designam ausência de alguma coisa sem a qual não se julga perfeito ou em estado ou condições normais o objeto de que se trata; e no sentido translato significam – "ausência de alguma qualidade ou aptidão que se julga própria, normal no comum dos indivíduos". Enquanto que **falta** e **senão** marcam propriamente – "ligeiro defeito moral". Cometem-se *faltas* ou *senões* (não se cometem *falhas* ou *eivas*). Ter *falta* de caráter é o mesmo que não ter caráter: ter alguma *falha* ou *eiva* de ou no caráter é – ressentir-se da insuficiência ou mesmo da falta de uma determinada qualidade que se supõe própria da pessoa de caráter. Um homem piedoso, gentil, estimável em suma por muitas qualidades, pode ser de uma lamentável fraqueza moral, ou mesmo não ser de probidade muito escrupulosa, ou até pouco exigente em questões de honra: tal homem pode ser censurado dessas *falhas* ou *eivas* de caráter (não, rigorosamente, de *falta* de caráter, pois as qualidades que o caracterizam são aquelas outras). – **Senão** é um defeito ainda mais ligeiro do que **falta**. – **Balda**, **sestro**, **mania**, **fraco** também se aproximam, e têm de comum a significação de pequeno ou leve defeito habitual, que leva a pessoa a portar-se ou a agir em certos casos como inconscientemente, e só por apego a seu próprio modo de ser ou de julgar. Dos quatro, **sestro** é o que mais se avizinha de **defeito**, e tanto no sentido moral como no físico. Os outros só se aplicam no sentido moral. **Balda** e **fraco** são como vagas tendências ou caprichos que induzem a preferir uma coisa a

53 ❧ Como termo jurídico, **resolução** é coisa muito diferente.

outra sem motivos de razão. Damos na *balda* ou no *fraco* a uma pessoa quando acertamos de agitar-lhe no ânimo ou no gosto alguma coisa que a estimule. – **Mania** é mais do que **balda** ou **fraco**, pois é quase vesânia em muitos casos. Em um sentido mais vulgar – **mania** diz "uma como balda mais funda, como se acusasse na pessoa, que a tem, uma ideia fixa a preocupá-la". – **Pecha** é defeito ou falta grave, que poderia comprometer o crédito da pessoa em cujo caráter fosse notada. Significa também – mácula, estigma, labéu; e por isso mesmo só pode ser empregada para deprimir. – **Tacha** está nas mesmas condições da precedente: é "mancha ou senão moral, que desdoira". – **Manha** é "habilidade para enganar, astúcia dolosa; balda que é mais calculada que natural ou inconsciente; sestro de sujeito velhaco".

620

DEFENDER, **justificar**. – **Defender** é impedir que se ataque, proteger alguém rebatendo ou destruindo as acusações que se lhe fazem. – **Justificar** é mostrar como a ação ou a conduta de uma pessoa não discrepou do justo, do moral. Pode-se, portanto, *defender* sem conseguir *justificar*. Sempre que se *justifica* também se *defende*, pois não há necessidade de *justificar* senão quando há acusação. *Defende-se* um réu provando como ele está inocente de quanto contra ele se articula. *Justifica-se* alguém de uma falta mostrando como não a cometeu.

621

DEFENDER, **proibir**, **vedar**, **impedir**, **inibir**, **obstar**, **interdizer**, **interditar**, **estorvar**, **embaraçar**, **dificultar**, **tolher**, **impossibilitar**. – "Concordam estes verbos", diz Bruns., referindo-se aos cinco primeiros do grupo – "em exprimir que se quer que outrem não faça uma ação, ou simplesmente que se ordena uma certa abstenção. **Defender** sugere a ideia de autoridade superior e cordata, que tem em vista evitar um mal, que ou redundaria em prejuízo de quem o praticasse, ou ofenderia a quem o recebesse. A disciplina militar *defende* o sono às sentinelas. – **Proibir** manifesta, como defender, ordem de autoridade que não quer que se faça alguma coisa, ou que se use dela. Este verbo não diz se a ordem é justa ou injusta. Quem *proíbe* não justifica o seu mandado, mas exige obediência. A Igreja Católica *proíbe* a leitura dos livros que podem fazer duvidar da sua autoridade. **Proibir** é mais usual que **defender**. – **Vedar** significa propriamente tolher, impedir o passo, e, extensivamente, opor-se a alguma coisa por arbitrariedade. A entrada nos templos católicos é *vedada*, em determinadas solenidades, aos fiéis que não podem apresentar-se senão com andrajos. – **Impedir** é opor-se a que um ato se realize. A autoridade deve adotar medidas para *impedir* a alteração da ordem pública. – **Inibir** só deve dizer-se quando o ato, sendo ilegal, ou reputado como pouco legítimo, deve ser reprimido, ou pelo menos circunscrito a determinados limites. O único casamento válido ante a lei devera ser o civil, sem que, porém, se *inibisse* o religioso". – **Obstar** é "impedir materialmente (opondo obstáculo) que se faça alguma coisa". *Obstaram* à passagem da ponte. É preciso *obstar* a que se invada a praça. – **Interdizer** é proibir por ato público, suspender funções, uso de algum direito. Hoje é mais frequentemente empregado **interditar** – pôr interdito, isto é, proibição formal. – **Estorvar**, **embaraçar**, **dificultar** avizinham-se pela significação comum de "não deixar livre a passagem, a ação de alguma coisa". Mas *estorva-se*, não só concorrendo, ou disputando o passo, como opondo *estorvo*, entrave material; *embaraça-se* tornando, de qualquer modo, penoso conseguir o que outrem quer, ou perturbando a ação ou o livre funcionamento de algu-

ma coisa. – *Dificulta-se* fazendo-se *difícil*, trabalhoso. *Estorva-se* a entrada de alguém por uma porta que se encheu de barricas. *Embaraça-se* essa entrada com porção de móveis que é preciso ir desviando ou arredando para que se possa entrar. *Dificulta-nos* essa entrada a compacta multidão que ali se aperta. – **Tolher** é "impedir de passar, de mover-se, de agir – quer proibindo ou inibindo pela autoridade, quer constrangendo pela força". *Tolhe-se* o movimento dos braços prendendo-os; *tolhe-se* a voz tapando a boca; e também um grande susto ou uma forte emoção pode bem *tolher-nos* a palavra. Na ação de tolher há sempre violência. – **Impossibilitar** é propriamente "fazer impossível", isto é, "impedir que se realize, reduzir à impossibilidade de..."

622

DELIBERAR, **decidir**, **resolver**, **opinar**, **votar**. – **Deliberar** é – diz Roq. – "examinar por todos os lados e de todos os modos, qualquer negócio ou questão que se haja proposto, ou sobre a qual se há consultado, pesando as razões pró e contra. – **Opinar** é emitir a sua opinião sobre algum assunto, discorrer sobre ele com maior ou menor probabilidade. – **Votar** é dar seu voto sobre matéria controversa, ou para eleição de pessoas. Na ordem de toda discussão, começa-se por *opinar*; segue-se o *deliberar*, e acaba-se por *votar*. *Delibera-se* para examinar uma questão; *opina-se* para dar conta do modo como se considera, e expor as razões em que se funda o ditame de cada um; *vota-se* para decidir à pluralidade". Acrescentemos que mais ordinariamente se aplica o verbo **deliberar** no sentido de – "decidir depois de, ou mediante exame e funda reflexão". "O governo *deliberou* adiar a solenidade" (= depois de estudar, de refletir maduramente resolveu...). – Entre **decidir** e **resolver** (que enunciam, de comum, a ação de proferir sentença, dar despacho, concluir por um resultado) deve notar-se uma diferença, que, aliás, não é essencial, nem sempre sensível: **decidir** supõe que a questão se debate entre duas ou mais pessoas, ou que a deliberação de quem *decidiu* estava obrigada a atender diferentes razões que solicitavam sanção; **resolver** não sugere essa ideia: sem embargo do que é frequentemente empregado no mesmo sentido de **decidir**. Propriamente, Salomão tinha de *decidir* entre as duas mulheres. *Resolve-se* um problema, um caso complicado, uma questão, etc.

623

DELICADO, **fino**, **tênue**, **subtil**, **leve**; **delicadeza**, **finura**, **fineza**, **subtileza**. – Chama-se delicada, segundo Roq., uma obra cujas partes foram trabalhadas com habilidade, esmero e primor. Estende-se a significação de **delicado** ao delgado, ao frágil, ao débil, ao fraco, e a quanto supõe falta de força e vigor. Entendemos por **fino** o que não é grosso, o miúdo, pequeno, o que é bem trabalhado e concluído. Por analogia, dizemos que é *fino* o que não é grosseiro nem trivial, como pensamentos, expressões, maneiras, etc.; e à má parte, corresponde **fino** a sagaz, astuto. Chama-se **subtil** ao mui **tênue**, delgado, agudo; e por translação, às pessoas engenhosas e perspicazes. Dizemos *subtileza* de engenho por agudeza. Aos pensamentos mais brilhantes que sólidos, chamamos também *subtis*; e aos artificiosos argumentos da escola, *subtilezas* escolásticas. Em sentido moral, a **delicadeza** é mais rara que a **finura**[54], e de maior mérito, e não se acompanha com a maldade, como a esta muitas vezes

54 ~ Propriamente, no sentido moral, como sinônimo de **delicadeza**, não se usa **finura**, e sim **fineza**. Emprega-se **finura** no sentido concreto: a *finura* do vidro, do lápis, do papel (não – a *fineza*). Dizemos – **finezas** de cavalheiro, de fidalgo, de namorado (não – *finuras*).

acontece. – O **delicado** é gracioso: compraz e lisonjeia; o **fino** é arguto; e às vezes pica e molesta. Dizemos – elogio *delicado*, sátira *fina*. O homem *delicado* esquece-se de si para comprazer aos outros; o *fino* sabe insinuar-se para conseguir o que deseja. A **subtileza** é a arte de achar verdades que nem todos conhecem, nem suspeitam; toma-se muitas vezes à má parte, e significa a habilidade em enganar, em roubar, etc., quase a olhos vistos. A **delicadeza** é o pronto e habitual sentimento das relações agradáveis, que nem todos conhecem. O engenho *subtil* dirige-se a descobrir a verdade; o *delicado*, a descobrir o que é decente e adequado. A **subtileza** pertence ao que se propõe o engenho; a **delicadeza**, ao sentimento da alma; a **finura** é qualidade intelectual, e se exerce principalmente no tato, no gosto, e no olfato. A **subtileza** e a **finura**, tanto nas obras de imaginação como na conversação, consistem na arte de não expressar diretamente o pensamento, senão em apresentá-lo em termos que facilmente se adivinhem: é um enigma com que logo acertam as pessoas entendidas. – **Tênue** dizemos do que é "muito pequeno, muito pouco espesso, fino, delgado, frágil". O *tênue* regato; neblina muito *tênue*; o *tênue* fio da vida. – **Leve** é muito próximo de **tênue**, e em muitos casos poderiam substituir-se: é "o que é sem consistência, pouco pesado, pouco espesso; o que é ligeiro, subtil, mesmo insubstancial ou pouco substancial".

624

DELINQUENTE, criminoso, réu, acusado, indiciado, culpado, infractor, transgressor, violador, pecador; crime, delito, infração, transgressão, violação, culpa. – Todos estes vocábulos designam indivíduo, ou que cometeu falta contra a lei penal, ou a quem se atribui a responsabilidade de uma falta dessa natureza. – Entre **delinquente** e **criminoso**, como entre **delito** e **crime**, há uma diferença que se deve ter como essencial, por mais que na tecnologia jurídica se entenda como significando a mesma coisa[55]. Como se vê em outro lugar – "**crime**", segundo Bruns., "é o ato pelo qual ataca alguém (que seja responsável) a vida, a propriedade, a honra, os direitos ou interesses alheios"; e **delito** é "uma infração à lei; e não se lhe pode atribuir a gravidade do *crime*". **Crime**, segundo a definição de Moraes, é todo "malefício contra as leis divinas e humanas"; portanto, "ato, que não só vai de encontro à lei penal, mas que ofende também a nossa consciência do direito, o nosso sentimento da justiça, a nossa razão das coisas". – **Delito** é "infração das leis positivas". A mesma distinção apresentam **delinquente** e **criminoso**. **Delinquente** é o que infringiu a lei, a ordem, o mandamento: será **criminoso** se o delito é de tal ordem que afronte a nossa consciência moral. O vocábulo **crime** sugere, pois, uma ideia de colisão com o justo e o humano: o que nem sempre se dará em relação a **delito**. Dizemos: *criminoso* de lesa-pátria (e não *delinquente*). Não proteger a inocência é um *crime* (não um – *delito*). Dizemos ainda: **culpa** *criminosa* (e não – *delituosa*); – corpo de *delito* (não – de *crime*); – *crime* horrível, monstruoso (não – *delito*); – *criminoso* nato (não – *delinquente* nato). – **Réu**, como simples termo forense, é – define T. de Freitas – "a pessoa do Juízo, que nele figura como demandada". Entre **réu** e **acusado** há diferenças curiosas. Tratando-se de processo criminal, **acusado** e **réu** são sinônimos perfeitos. No cível, entretanto, não se diz do demandado senão *réu*. O sujeito que vai a juízo para pagar uma dívida não é *acusado*. Mas o termo **réu**, fora da linguagem forense, é equivalente de **criminoso**.

55 "*Crimes* e *delitos* reputam-se entre nós palavras sinônimas ". (T. de Freitas – *Voc. Jurid.*)

Os Neros, os Herodes – os grandes *réus* da história... Chegou aquele homem, trazendo cara de *réu*. É *réu* de morte... – **Indiciado** é "aquele a quem se atribui algum crime apenas pelas circunstâncias, pelos indícios que o comprometem". – O **indiciado** passa a ser **acusado** só depois da pronúncia decretada pelo juiz. – **Culpado** é "aquele que foi convencido de **culpa**"; e, como termo de processualística, é o mesmo que **réu** e **acusado**. – **Infractor**, **transgressor** e **violador** poderiam, pelo menos em certos casos, confundir-se, pois todos designam – aquele que infringiu, quebrantou a ordem, a regra, o preceito, a praxe, etc. Mas **infração** é o ato de "faltar ao preceito"; **transgressão** é o ato de ir "além do que estava preceituado"; **violação** é o ato de "ir contra o preceito atentando, cometendo violência". Diremos, portanto: – *infractor* da praxe, da postura; – *transgressor* das ordens; – *violador* do cofre, da carta alheia. Não se diz *infractor*, nem *transgressor* da inocência, mas *violador*. – Já vimos em outro grupo a diferença que há entre *pecado* e *crime*: a mesma diferença existe entre **pecador** e **criminoso**. Todo **crime** é, por sua mesma natureza, **pecado**; nem todo **pecado**, porém, será **crime**, pois o **pecado** só passará a ser **crime** quando a infração da lei moral se converter em infração da lei penal, isto é – quando o ato pecaminoso prejudicar alguém (passando, portanto, a ser ato criminoso).

625

DEMÔNIO, **demo**, **diabo** (**diacho**), **Satã**, **Satanás**, **Lúcifer**, **Lusbel**, **canhoto**, **Belzebu**, **mafarrico**, **capeta**, **dianho**, **tinhoso**, **cão-tinhoso**. – "Por todos estes nomes" – diz Roq., referindo-se aos vocábulos deste grupo (salvo **diacho**, **demo**, **Satã** e **canhoto**, e os que se seguem a **Belzebu**) "é conhecido o anjo mau, tentador das almas; cada um deles, porém, recorda circunstâncias particulares que importa conhecer. **Diabo** é palavra latina, *diabolus*, antes grega *diabolos*, que diz o mesmo que acusador, caluniador (de *diaballô*, "eu acuso, eu calunio, eu desacredito"). Com razão, pois, toma-se sempre esta palavra em mau sentido, como nome geral dos anjos maus arrojados do céu aos profundos abismos; os quais se ocupam continuamente em atormentar e perseguir a virtude, acusando-a, caluniando-a, e desacreditando-a quanto podem, e em incitar os homens ao vício, usando para isto de sua maligna astúcia e pérfida sagacidade. – **Demônio** é também palavra grega, *daimon*, que, antes do Cristianismo, significava divindade, gênio. Designa-se por ela o **diabo**, mas é mais decente, e algumas vezes se toma à boa parte, no estilo familiar. Os oradores cristãos se servem sempre dela ainda que seja traduzindo a palavra latina *diabolus*, como se pode ver em Vieira, nos "Sermões da primeira Dominga de Quaresma". – **Lúcifer**, que diz o mesmo que *ferens lucem*, significa propriamente a estrela Vênus, quando aparece pela manhã; e translatamente, o primeiro dos anjos rebeldes, brilhante como a estrela-d'alva, e, pelo seu pecado, descido como ela no ocaso e escurecido. Designa, pois, esta palavra particularmente o estado primitivo do príncipe dos *demônios*, e a circunstância que dele o fez decair. – **Lusbel**-(ou **Luzbel**) é corrupção vulgar da mesma palavra latina **Lúcifer**, mas só tem a significação translata desta. – **Satanás** ou **Satã** é termo bíblico que do hebraico passou ao grego, pois em S. Mateus se lê, cap. IV, v. 10: *upage opeso mou, satana* – 'vade retro, satã'. Significa adversário, inimigo, e por antonomásia – o *diabo*. – **Belzebu**, antes *Beelzebub*, palavra que o nosso vulgo converteu em *Brazabu*, é igualmente termo bíblico que do hebraico passou ao grego, pois em S. Lucas, cap. XI, v. 15, se lê: *En beelzeboul, archonti ton daimonion ekballeita daimona*; – *in Beelzebub, principe dæmonio-*

rum ejicit dœmonia. Na língua santa, **Beelzebub** significa *idolum muscœ*, 'ídolo da mosca, deus-mosca', ou 'deus da mosca'; e assim se chamava o ídolo que adoravam os Acaronitos, porque o invocavam contra a praga das moscas; e supõe-se que tinha cabeça de mosca, ou de escaravelho. Os judeus chamavam, por escárnio e abominação, a Lúcifer *Beel-zebub*". – **Diacho** é corrupção de **diabo**, na qual, por assim dizer, se atenuou a significação do original. – **Canhoto** é termo popular designativo do **demônio**; e sugere ideia dos intentos sinistros que tem sempre contra as almas o espírito mau. – **Demo** é forma familiar de **demônio**. – **Mafarrico**, **capeta**, **dianho**, **tinhoso**, **cão-tinhoso** – são outras tantas formas populares com que se designa o demônio.

626

DEPLORÁVEL, **lamentável**, **lastimável**; **deploração**, **lamentação**, **lastimação**. – Dos dois primeiros escreve Lacerda: – "**Lamentável** é o que excita lamentações, isto é, gritos queixosos e prolongados. – **Deplorável** é o que nos move a chorar, isto é, a derramar lágrimas acompanhadas de manifestações da mágoa que as provoca. – A **lamentação** é a efusão de um coração oprimido e amargurado, que não pode reprimir-se: é triste, grande e lastimosa. A **deploração** é mais viva e mais patética do que a **lamentação**. O que *deplora* a sua sorte comove-nos; o que se *lamenta* aflige-nos". – **Lastimável** é "o que nos inspira dó, o que é digno de compaixão". "Viram, compungidos, o *lastimável* espetáculo de toda aquela miséria". – **Lastimação** é o ato de manifestar profunda mágoa e viva pena ante aquilo que move a piedade. É mais próximo de **lamentação**, e consiste mais em palavras do que em lágrimas, pois que se há pranto no lastimar, é mais **deploração** o que se faz do que **lastimação**. Diremos – *lamentações* ou *lastimações* de Jeremias; e – *deplorações* de Jesus, referindo-nos ao momento em que Ele "chorou sobre a cidade de Jerusalém".

627

DEPOIS, **logo**. – Segundo Lac. – "ambos estes advérbios indicam tempo que se segue ao atual; porém **logo** designa termo mais próximo, e *depois* termo mais remoto. *Logo* ao sair da missa montaremos a cavalo; e *depois* de darmos um bom passeio, iremos jantar com teu tio".

628

DEPOR, **destituir**; **demitir**, **dispensar**, **exonerar**; **despedir**. – **Depor** e **destituir** significam – "tirar alguém, pela força, ou por um ato ou medida excepcional, do lugar em que está". Mas **depor** sugere ideia de ser elevado o cargo de que se faz baixar alguém. Só se *depõe* o que está muito alto. *Destituem-se* funcionários subalternos; e, em regra, deve empregar-se este verbo tratando-se dos que exercem cargos de profissão, ou funções próprias de uma classe. – **Demitir**, **dispensar** e **exonerar** designam o ato de retirar alguém das funções em que estava; cada um destes verbos, porém, enuncia uma circunstância particular desse ato. *Demite-se* pondo fora do lugar; *dispensa-se* não reclamando mais a presença e as aptidões do dispensado; *exonera-se* aliviando o exonerado do trabalho que tinha. *Demite-se* um oficial porque não cumpriu os deveres do seu ofício; *dispensa-se* porque não são mais necessários os seus serviços; *exonera-se* porque lhe convém, ou porque ele pediu isso. – **Despedir** só se aplica a serventuários de ínfima categoria. Nem mesmo é usado este verbo, tratando-se de funções públicas.

629

DE REPENTE (**repentinamente**), **de súbito** (**subitamente**). – "Os clássicos usaram

indiferentemente – diz Roq. – destas duas expressões, pois assim como diziam – orar, glosar, poetar *de repente*, também se lê na *Eneida*: 'vem-lhe *de súbito* ao pensamento'; e dizia-se – glosar *de súbito*: 'Glosai-me este vilancete *de súbito*'. E Camões disse – *súbito* temor, *súbita* procela. É, todavia, muito acertado que se distingam estas duas expressões como os franceses distinguem o *sur-le-champ* do *subitement*. – **De repente** (ou **repentinamente**) indica que a coisa se faz ou acontece sem demora, logo logo, incontinenti. – **De súbito** (ou **subitamente**) exprime o que acontece ou se faz inopinadamente, num abrir e fechar de olhos. O pregador, o poeta que improvisa, fala *de repente*, isto é, sem preparação prévia; o raio fere *de súbito*, o salteador acomete *de súbito*, isto é, inopinadamente, quando menos se pensa".

630

DERIVAR, **provir**, **proceder**, **vir**, **decorrer**. – Dos quatro primeiros diz Bruns.: "**Derivar** exprime que a origem do fato, ou da circunstância de que se trata, não é direta; isto é, que entre a origem e a sua consequência há outro fato ou circunstância que medeia entre ambas. Pela ideia que fazemos do direito é que as leis *derivam* da justiça". – **Provir** e **proceder**, que não afirmam nem excluem circunstância intermediária, diferençam-se particularmente em **provir** se aplicar às coisas materiais, e **proceder**, às abstratas e metafísicas. A minha fortuna *provém* de uma herança. O fanatismo *procede* da ignorância. – **Vir** é termo genérico para exprimir a ideia de origem. A luz *vem* do sol. Do descuido *vêm* muitas desgraças. – **Decorrer** enuncia a ideia de "derivar naturalmente, como um líquido que desce em plano inclinado, como consequência que sai de uma premissa". "De cada direito *decorre* um dever..." "De quanto nos disse *decorria* claramente que tudo estava perdido".

631

DERRAMAR, **entornar**. – Por mais que se confundam na linguagem vulgar estes dois verbos, é preciso não esquecer que há entre eles uma distinção que se pode ter como essencial. – **Derramar** é deixar sair pelos bordos, ou "verter-se o líquido que excede à capacidade" do vaso, ou que sai deste "por alguma fenda ou orifício." – **Entornar** é "*derramar* virando ou agitando o vaso; verter todo ou parte do líquido que o recipiente contém. Uma vasilha, mesmo estando de pé, pode *derramar*; só *entorna* quando voltada". – Acrescentemos que **entornar** se aplica tanto à coisa que se contém no vaso como ao próprio vaso. *Entorna-se* o copo; e *entorna-se* o vinho. *Derrama-se* o vinho (agitando o copo ou enchendo-o demais); mas não se *derrama* o copo. – Se alguém dissesse a um rei: – "*Entornai*, senhor, sobre mim a vossa munificiência, ou as vossas graças" – esse rei responderia naturalmente: – "Sim, *derramarei* sobre ti das minhas graças"... (se as *entornasse*... decerto não teria o rei mais graças que dar a outros).

632

DERRETER, **fundir**, **liquefazer**, **dissolver**, **diluir**, **desfazer**; **derretimento**, **fundição** (**fusão**), **liquefação**, **dissolução** (**solução**), **diluição**. – **Derreter** – define Lac. – é "desatar, soltar, por meio do calórico, as partículas de um corpo sólido. – **Fundir** é *derreter* e lançar no molde. A mudança operada nos corpos *derretidos* chama-se **derretimento**; a que se opera nos corpos *fundidos* chama-se **fundição**." Notemos, no entanto, que **fundir** exprime não só "derreter e modelar" como "derreter só, ou apenas derreter sem lançar em forma a coisa derretida". Neste caso, o ato de **fundir** será **fusão**; pois **fundição** é o ato de fundir no primeiro caso, isto é, de derreter e moldar[56]. – **Liquefazer** é simplesmente "tornar líquido",

---

56 ~ A *fusão* das geleiras nos Andes (não – a *fundição*). A *fundição* de moedas (não – a *fusão*).

sem nenhuma ideia acessória. – **Dissolver**, na acepção em que o tomamos aqui, é "desunir as moléculas de um sólido, pondo-o sob a ação de um líquido". – **Dissolução** é o ato de dissolver; mas quando se trata da própria mistura, ou da própria coisa já dissolvida, dizemos melhor – **solução.** "Imergiu as bactérias numa *solução* de açúcar" – (não – numa *dissolução*). – **Diluir** é "tornar mais fluido, ou menos espesso; isto é – misturar com líquido para diminuir a densidade". Tanto se *dilui* um líquido como um sólido: a substância sólida, desfazendo-a no líquido, dissolvendo-a; a substância líquida, tornando-a menos espessa ou menos densa. Em qualquer caso, o ato de diluir é **diluição.** – **Desfazer** é "mudar as condições, o estado de uma substância". Tanto se *desfaz* o gelo que se funde, como o metal que se derrete, como o açúcar que se dissolve, etc.

633

DERROTAR, **desbaratar**, **destroçar**, **desfazer**, **bater**, **destruir**, **exterminar**, **aniquilar**. – **Derrotar** é vencer pondo em debandada, desviando do caminho, fazendo fugir em atropelo. – **Desbaratar** é "vencer destroçando, desfazendo as hostes vencidas, de modo a não poderem mais combater". – **Destroçar** é "dispersar violentamente, como pôr em esfacelo, destruir, estragar o inimigo". – **Desfazer** é "pôr em desordem, desorganizar as hostes contrárias". – **Bater** é verbo que exprime em geral a "ação de hostilizar e vencer". – **Destruir** é "desmantelar o inimigo, desfazendo-lhe os batalhões". – **Exterminar** é "destruir a ferro e fogo, massacrando, extinguindo". – **Aniquilar** é "reduzir a nada" propriamente. – Os patriotas pernambucanos *derrotaram* os flamengos nas duas batalhas dos Guararapes. Já os haviam *destroçado* no monte das Tabocas. Vingavam-se assim de haverem sido *desbaratados* no momento da invasão, havia uns vinte anos quase. "O fogo da praça, mortífero e tremendo, *desfez* por um instante os nossos batalhões; mas dentro em pouco, refeitos, *batemos* as avançadas, *destruímo-las*, e só não as *exterminamos* porque foram socorridas. Alguns dias depois, eram os bárbaros completamente *aniquilados*".

634

DESABRIDO, **violento**, **hostil**, **agressivo**, **ríspido**, **áspero**, **rude**, **duro**, **brutal**, **ferino**. – **Desabrido** significa "desenvolto, despeado das conveniências, de toda consideração". Gestos, palavras, modos, frases *desabridas*. – **Violento** é "o que além de desabrido (ou mais que desabrido) é arrebatado, impetuoso, que se exerce pela força". Ataque *violento*; gritos, remoques, modos *violentos*. – **Hostil** é o que é próprio de inimigo, que denota desejo, propósito, disposição de travar luta. Intuitos *hostis*; frases, atitudes *hostis*. – **Agressivo** diz mais do que **hostil**, pois a *hostilidade* nem sempre supõe necessariamente *agressão*. Encontramo-lo *hostil*, e com pouco tornou-se mesmo *agressivo* (isto é, provocante, insultuoso, investindo e agitando-se). – **Ríspido** é "o que mostra exagerada severidade; o que é duro, intratável, insolente". Olhar, palavra, homem *ríspido*. – **Áspero** é antônimo de macio, delicado, amável; assim como **rude** o é de culto, civil, fino. Gênio, frases, modos *ásperos*; franqueza, costumes *rudes*. – **Duro** é "o que, além de ríspido, é brutal e cruel". *Duras* ironias; exprobrações, insultos *duros*. – **Brutal** é "o que é próprio só dos brutos". Maneiras, vícios *brutais*; *brutal* ostentação de força. – **Ferino** é "o que é excessivamente cruel, maligno, insolente, desumano como as feras". Frase, olhar, insulto *ferino*.

635

DESACONSELHAR, **dissuadir**, **despersuadir**, **desiludir**, **desenganar**, **desconvencer**. – Todos estes verbos enunciam de comum a ideia de mudar a resolução, o modo de ver,

o intento de alguém. – **Desaconselhar** é dar um conselho contrário ao que se havia dado ou aplaudido. – **Dissuadir** é "fazer mudar de opinião, de propósito, de parecer". – **Despersuadir** é "tirar alguém da persuasão em que estava"; assim como – **desconvencer** é "fazê-lo renunciar a convicção que tinha". – **Desiludir** e **desenganar** significam propriamente – "tirar alguém da ilusão, do engano, da esperança, do intento em que está". – *Desaconselha-se* uma menina de casar-se depois que se viu que o noivo gosta de outra... *Dissuade-se* um amigo de uma ideia nefasta, de um mau passo que vai dar. *Despersuade-se* um rapaz de muita coisa que lhe disseram os colegas na escola. *Desilude-se* a criança de que volte a irmãzinha que espera. *Desenganou-se* o rei de tudo quando viu as tropas com o povo. Ele está certo de que os fatos se deram assim: não há esforço que o *desconvença* disto. Ele está convencido de que tem talento: e vão lá *desconvencê-lo*...

636

DESAFIO, **duelo**, **repto**, **provocação**. – Segundo Lac. –, **desafio** é o ato em que se provoca outro para combate singular. – **Duelo** é o combate entre duas pessoas desafiadas, por desagravo, ou para provar inocência. O **desafio** verifica-se de palavra; o **duelo** verifica-se por meio de qualquer arma convencionada. O **duelo** pode seguir-se imediatamente ao **desafio**; mas comumente os desafiados escolhem a hora, o lugar e a arma com que o **duelo** há de verificar-se. – **Repto** distingue-se de **desafio** em significar este particularmente que é um motivo de honra que o inspira; quando o **repto** tem lugar nos casos em que o reptador quer confundir o reptado, quer provar que tem razão, que está com a verdade, etc. – **Provocação** enuncia a ideia geral de "chamar alguém com instância e com intuito hostil quase sempre".

637

DESANDAR, **voltar**, **retroceder**, **recuar**, **retrogradar**, **tornar**, **retornar**, **regressar**, **volver**. – Todos estes verbos têm de comum a significação de "mover-se para trás". – **Desanda** quem, ou o que ia andando ou movendo-se para diante. – **Volta** quem, ou o que volve do lugar em que está para o lugar onde estava. – **Retrocede** aquele que vem para trás (sem mais circunstância alguma acessória). – **Recua** quem se afasta para trás como fugindo a um perigo, ou cedendo a uma conveniência. – **Retrograda** quem marcha em sentido contrário àquele em que devia, ou se supõe que devia marchar. – **Torna**, ou **retorna** quem, ou o que *volta*, isto é – que volve ao lugar onde estava, ou ponto de partida. – **Regressa** também aquele que *volta*, mas ao cabo de ausência mais ou menos longa, ou de paragem distante daquela de onde partira e para a qual *retorna*. – **Volver** não tem predicação tão completa como os demais do grupo; e conquanto possa empregar-se com a significação de **voltar**, **tornar**, **retroceder**, exprime em geral a ação de mover-se, marchar para um ou outro lado.

638

DESAPEGAR, **despegar**. Distingue Bruns. muito bem estes dois verbos. – **Despegar** – diz ele – "é separar o que está pegado. – **Desapegar** é fazer perder o apego. *Despeguei* o selo da sobrecarta. Não consegui *desapegá-lo* da sua louca paixão. – **Desapegar** por **despegar** pertence à linguagem popular".

639

DESAPERCEBIDO, **despercebido**. – Não se podem confundir estas duas palavras. Quando se diz que uma pessoa está *desapercebida*, enuncia-se a ideia de que essa pessoa não se apercebe, não dá pelo que aparece, pelo que se diz, ou pelo que se passa em torno. Significa ainda, além de desatento, como abstrato

ou inconsciente – desprevenido, desacautelado. – **Despercebido** quer dizer – "que não é visto, que não chama atenção, que passa como ignorado, como não pressentido".

640

DESARRANJAR, **desordenar**, **transtornar**, **desorganizar**, **desmanchar**, **desfazer**, **baralhar**, **confundir**, **desconcertar**, **desconchavar**, **barafundar**. – **Desarranjar** é "desfazer o arranjo em que estava alguma coisa". *Desarranjou-me* o gabinete de trabalho. Não me venha isto *desarranjar* a vida. Receio que a intriga me *desarranje* o plano. – **Desordenar** é "tirar da ordem, mudar a disposição em que estava..." – **Transtorna-se** desordenando completamente. – **Desorganizar** é propriamente "tirar as partes de um todo da disposição em que estavam e à qual devia ele a sua existência ou a sua função integral". – **Desmanchar** é "desfazer separando as partes, desarmando o todo". – **Desfazer** é "fazer voltar (as partes de um todo) ao que era antes de ser feito". – **Baralhar** é "transtornar misturando muito, como se faz às cartas do baralho". – **Confundir** é "misturar ao ponto de tornar como indistintas as coisas que se misturam". *Confundem-se* objetos materiais como se *confundem* ideias, palavras, etc.: o que, aliás, se dá igualmente em relação aos outros verbos do grupo, que todos se aplicam tanto no sentido natural como no translato. — **Desconcertar** é "infringir a disposição íntima em que estavam as partes de um todo, de modo que fique impedido de ter a serventia ou a função própria". – **Desconchavar** é "desmanchar de todo, fazendo perder a harmonia ou a forma que tinha". – **Barafundar** é "reduzir muitas coisas a grande desordem".

641

DESARRUGAR, **desenrugar**. – "Da palavra *ruga*" – diz Bruns. – "derivam-se estes dois verbos"; assim como os seus antônimos *arrugar* e *enrugar* (dos quais já em outra parte nos ocupamos). A diferença marcada pelos prefixos *a* e *en* que figuram nestes antônimos e que determina a distinção a notar entre **desarrugar** e **desenrugar**. – O primeiro quer dizer "extinguir os vincos, as dobras, as rugas que de qualquer modo se fizeram nalguma coisa. *Desarruga-se* o papel estendendo-o, amaciando-o, polindo-o; *desarruga-se* o lenço, a roupa, etc.; e até, por artifícios, consegue-se *desarrugar* a pele, fazendo desaparecer, ou disfarçando os vestígios que nela deixou o tempo ou a doença". – O verbo **desenrugar** é, como o seu antônimo, sugestivo de esforço; pois enuncia a ação de fazer que desapareçam os vincos, as rugas que de momento são devidas a algum esforço ou alguma causa estranha. *Desenruga-se* a fronte. O vento *desenruga* as velas.

642

DESAVENÇA, **dissensão**, **dissentimento**, **dissidência**, **dissídio**, **divergência**, **desinteligência**, **discordância**, **discórdia**, **discrepância**, **desacordo**, **cisão**, **cisma**, **cizânia**, **desconcerto**, **desarmonia**. – **Desavença**, **desacordo** e **desconcerto** enunciam particularmente, ou sugerem de modo mais claro que os outros vocábulos do grupo, que havia igualdade de ânimo, identidade de vistas, ou concordância de intuitos quando se deu a **desavença**, o **desacordo**, ou o **desconcerto**. Há **desavença** quando duas ou mais pessoas deixam de estar, umas em relação a outras, fiéis ao contrato, à combinação que tinham feito. Há **desacordo** quando apenas tem cessado entre essas pessoas a harmonia em que andavam. Há **desconcerto** quando se põem fora, abertamente, do que fora concertado. Entre dois sócios, por exemplo, começa a haver *desacordo*; daí podem passar à *desavença* formal, e por fim a inevitável *desconcerto*. – **Dissensão**, **dissentimento**, **dissi-**

dência e **dissídio** sugerem principalmente a ideia de que a falta ou cessação de harmonia se manifesta pela disputa. – **Dissensão** é mais forte que **dissentimento**, e sugere que a desarmonia é menos funda ou efetiva que no caso de **dissidência**. Esta significa que o desacordo ocorrente levou à separação: o que não se dá com o vocábulo **dissídio**, que diz melhor – "dissensão, desacordo momentâneo". – De **dissidência** aproximam-se mesmo **cisma** e **cisão**. – **Cisma** é de preferência empregado no sentido religioso, para designar o fato de se haver alguém (em regra – um grande número de crentes) posto fora da comunhão em que vivia, passando a viver separadamente. – **Cisão**, que enuncia o ato de separar-se alguém do grêmio onde militava, aplica-se em qualquer sentido, desde que se trate de opiniões, crenças, etc. – Há **divergência** entre duas pessoas, entre dois princípios, entre dois acertos, quando estes parecem, partindo do mesmo ponto, seguir em direção contrária. Entre um Cristão e um materialista há *divergência*. – Entre um Cristão puro e um católico haverá *desinteligência*: não propriamente – *divergência*. – **Desinteligência** é apenas o fato de "não se entenderem direito duas ou mais pessoas". – **Discrepância** é mais "o ato de não ser alguém do mesmo aviso, das mesmas opiniões de outrem: é a diversidade, a diferença, a disparidade em que se fica em tal caso". – **Discordância** é muito semelhante ao precedente: e ambos aproximam-se de **desarmonia**. Há *discordância* entre duas pessoas (ou entre duas notas de música), desde que uma não tem o mesmo sentir da outra (ou, tratando-se de música, se há dissonância entre duas notas). Há *desarmonia* entre certas pessoas, se entre elas se quebrou a paz em que viviam. Diremos que há *desarmonia* no lar, ou entre o casal (não – *discordância*, mesmo porque **discordância** sugere ideia de ser momentânea a diferença de parecer ou de sentir); diremos ainda: Neste ponto estamos em *discordância* (não – em *desarmonia*). Há *discordância* de opiniões (não propriamente – *desarmonia*). Lavra *desarmonia* numa associação, numa empresa, numa família (não *discordância*, que não é coisa que lavre...). – **Desarmonia** aproxima-se, portanto, de **cizânia** e **discórdia**. Há **discórdia** quando a **desarmonia** chegou ao seu último grau, manifestando-se violentamente. – **Sizânia** ou **cizânia** (como outros escrevem) é a dissensão, mesmo a discórdia, entre duas ou mais pessoas, suscitada por alguém; e sugere ideia de que essas pessoas eram íntimas, ou tinham relações de amizade.

643

DESCANSO, **repouso**, **quietação** (**quietude**), **tranquilidade**, **sossego**, **paz**, **serenidade**, **calma**, **placidez**, **bonança**. – Segundo fr. S. Luiz – "**descanso** é a cessação de movimento, ou de trabalho, que causou fadiga ou moléstia. – **Repouso** é simplesmente cessação de movimento. – **Quietação** exprime carência de movimento[57]. – **Tranquilidade** exprime um estado isento de toda perturbação ou agitação. – **Sossego** exprime a tranquilidade subsequente ao estado de perturbação ou agitação. – **Paz** é o estado de tranquilidade a respeito de inimigos que poderiam perturbar-nos ou inquietar-nos. – **Serenidade** é a tranquilidade que reluz no exterior, que se mostra nas aparências. Falando do homem, **quietação**, **repouso** e **descanso** dizem respeito mais imediato ao corpo; **tranquilidade**, **sossego** e **paz**

57 ~ Há sensível diferença entre quietação e quietude. Dizemos: *quietude* do lar doméstico e não – *quietação*, pelo menos, não com a mesma propriedade, salvo exprimindo ação. – **Quietação** é o "estado, ou a ação de pôr em estado de repouso, silêncio, imobilidade"; **quietude** é a "qualidade de ser ou estar *quieto*, é o sossego moral, a tranquilidade de espírito, a doce paz do coração".

referem-se mais propriamente ao espírito; e **serenidade** exprime o estado do espírito manifestado no semblante e nas mais aparências. Assim: um homem está em *quietação* quando se não move; está, ou fica em repouso, quando cessou de fazer movimento; e está, ou fica em descanso, quando cessou de fazer algum movimento ou trabalho que lhe causou fadiga e cansaço. Um homem está tranquilo (ou em estado de *tranquilidade*) quando nada perturba ou agita o seu espírito; está, ou fica em *sossego*, quando, depois de perturbado e agitado, recobra a sua *tranquilidade*; está em *paz*, quando nenhum inimigo o inquieta; está em *serenidade*, quando o seu semblante, e toda a sua continência mostra a *tranquilidade* do seu espírito e a *paz* do seu coração: quase da mesma sorte que dizemos – estar o céu *sereno*, quando nas suas aparências indica não haver perturbação, ou agitação dos elementos. Pode finalmente o homem estar em *quietação, repouso*, ou *descanso*, sem gozar *tranquilidade*; e pode viver *tranquilo* no meio dos trabalhos e fadigas. Mas todos estes vocábulos aplicam-se também às coisas, e não só ao homem. Assim, dizemos que um corpo está em *quietação, repouso*, ou *descanso*; e dizemos que o mar está *tranquilo*, que o vento *sossegou*, que a república está em *paz*, que o céu está *sereno*, etc." – **Calma** é a quietação como alívio; revela pelo exterior, muitas vezes, o que não está, ou mesmo o contrário do que está oculto, ou – aplicada em sentido moral – no espírito. E tanto que não é de rigorosa propriedade dizer – a "*calma* do meu espírito". O doente está em *calma* (isto é – cessou de agitar-se, de gemer, de afligir-se porque abrandou ou cessou a dor que o afligia.) – **Placidez** é o estado de quietação, descanso e serenidade que revelam ou indicam sossego, brandura de coração. – **Bonança** é a paz de espírito, a tranquilidade que sugere ausência de males e aflições da vida.

644

DESCONHECIDO, **incógnito**. – "O **incógnito** disfarça-se – diz Roq. – o **desconhecido** ignora-se. Eis aqui a diferença destas duas palavras. – **Incógnito** é a pessoa que se conhece mais tarde, porque vem com um traje diferente do que usa, ou porque se desfigurou com algum fim. – **Desconhecido** é o que nunca vimos, de que não temos conhecimento, ou cujas propriedades estão de todo mudadas. Um militar que cortou os bigodes, e vem à paisana, chega *incógnito*; o amante que, para melhor ver sua dama, se disfarça em peregrino, vem *incógnito*. O que por engano foi introduzido numa sala é *desconhecido*; o que esteve na Índia ou na América trinta anos, quando volta ao seio de sua família está *desconhecido*. Os príncipes costumam de ordinário viajar *incógnitos* nos países estrangeiros. Quem guiou os soldados da cruz à Palestina foi um ermitão *desconhecido*. O *incógnito* descobre-se; o *desconhecido* dá-se a conhecer".

645

DESCORADO, **pálido**, **lívido**, **macilento**, **lúrido**. – Dos quatro primeiros diz Bruns. – "**Descorado** dizemos de quem perdeu parte das boas cores do rosto. – **Pálido**, de quem, habitual, ou acidentalmente, não tem cor no rosto, ou a tem muito enfraquecida. Também se diz das coisas. A palidez pode ser natural, ou resultar de doença, ou de comoção; é compatível com a beleza e com a fealdade. – **Macilento** designa, não só a falta de cor, mas também a daquela força ou seiva que se nota "na pessoa que tem saúde" ou "que não está definhada". – **Lívido**, que só se aplica a pessoas, designa "uma cor intermédia entre o negro e o branco, cor própria dos cadáveres". – **Lúrido** significa "pálido e amarelo, baço, terroso, de uma cor que se imagina como a dos espetros". *Lúridos* fantasmas.

646

DESCORTÊS, incivil, grosseiro, desatencioso, tosco, impolido, impolítico, indelicado, inurbano, rústico. – **Descortês** é "aquele que falta com a consideração devida a outrem". – **Incivil** é "o que se não porta com a correção de maneiras própria do lugar em que está ou da pessoa com quem trata". Tanto **incivil** como **descortês** indicam falta de trato social. – **Grosseiro, tosco** e **rústico** designam a pessoa sem cultura, rude, não afeita ao convívio de pessoas educadas. – **Tosco** é "o que não foi polido, limado, o que ficou como o deu a natureza"; **rústico** é "o que tem costumes e hábitos próprios da vida do campo"; **grosseiro** é "o que não tem educação e falta por isso com alguém a atenções que lhe são devidas". – **Desatencioso** diz mais – incivil – que grosseiro propriamente. Um cavalheiro, no entanto, que não tem muito cuidado em ceder o passo, o lugar a uma senhora, será *desatencioso*, mas pelo menos nem sempre será *incivil*. Quer dizer – que **incivil** é o que não tem o modo de tratar próprio de homem civilizado; e **desatencioso** é o que não está muito atento e solícito por não faltar às atenções que merecem as pessoas com quem trata. – **Inurbano** é "o que não tem a compostura, as maneiras próprias de gente da cidade". – **Impolido** significa propriamente "não polido, rude, descortês, quase grosseiro". – **Impolítico** é "aquele que, no trato com as pessoas, não sabe distingui-las, ou não tem discernimento e habilidade para lhes não ser desagradável de qualquer modo". – **Indelicado** é "o que não tem ou não mostra a delicadeza própria de pessoa de fina educação".

647

DESCULPA, escusa, recusa; perdão. – Diz Roq. que "muitos confundem **desculpa** com **escusa**, e até **escusa** com **recusa**; mas a verdade é que são todas muito diferentes, como vamos ver. Às razões que damos para nos descarregarmos de culpa, e com que nos pretendemos justificar da repreensão que nos fazem, é que se chama **desculpa**. Às razões com que nos escusamos de não fazer o que se nos pede, ou de não aceitar o que se nos propõe, chama-se **escusa**. O ato e razões com que nos recusamos a um convite que ofende nosso pundonor – eis o que é **recusa**. Quem se *desculpa* supõe-se culpado; quem se *escusa* supõe-se incapaz, ou menos oficioso; quem *recusa* mostra altiveza e dá de rosto com despeito ao que lhe ofenderia a honra. Vieira *desculpou-se* por uma carta a d. Teodósio por se ter embarcado para o Maranhão sem se despedir dele. Zeno *escusou-se* com ou perante Antígono, que o convidara para viver com ele em palácio; e Hipócrates *recusou* o dinheiro que lhe prometera o rei da Pérsia..." – **Perdão**, aqui, é "o ato de dar como não cometida, ou de pedir que assim se considere, a falta em que se caiu". É uma *desculpa* completa, absoluta e formal.

648

DESDIZER-SE, retratar-se. – **Desdizer-se** é "desistir de uma coisa, de uma asseveração, dizer o contrário do que se tinha dito antes, e por conseguinte declarar por falso o que se havia dado como verdadeiro. – **Retratar-se** é desaprovar expressamente o que se tinha feito, dito, sustentado e defendido, já de palavra, já por escrito. – **Desdizer-se** corresponde a coisas de pouco valor, e cujos efeitos não podem causar muito dano; **retratar-se** indica maior formalidade, importância e publicidade. Não se obriga o herege somente a que se *desdiga*, senão a que se *retrate* pública e solenemente. – **Desdizer-se** refere-se mais ao interior sentimento da consciência do que se *desdiz*; e **retratar-se**, ao efeito da *retratação*. O

homem que se *desdiz* passa por inconstante, volúvel, pouco delicado, e às vezes malévolo; o que se *retrata* destrói todo o efeito do que havia sustentado e defendido. *Desdizem-se* as testemunhas, porque a isto as obriga sua consciência; *retrata-se* um delator, e deste modo destrói a delação. A *retratação* nem sempre nasce de convencimento do erro, do reconhecimento de falta ou delito; senão também da força da lei, ou da sentença que a isso obriga como ressarcimento do dano causado. Muitos *retratam-se* movidos de remorsos; outros, por mera formalidade, e para satisfazer a pena legal. Quando Galileu se viu obrigado a *retratar-se*, de joelhos, de suas ideias sobre o sistema do mundo, fez o que podia para destruir o efeito que havia produzido; porém, quando, ao levantar-se, deu uma patada dizendo: – *E pure si muove* ('E com efeito se move') –, manifestou que, apesar de sua forçada *retratação*, não se desdizia de modo algum do sistema que tinha adotado, e do qual estava firmemente persuadido". (Roq.)

649

DESERTO, **solitário**, **despovoado**, **ermo**, **desabitado.** – Dizemos – paragens *desertas* – para exprimir que estão como abandonadas; e dizemos – paragens *ermas* – para significar que, além de abandonadas, são paragens sombrias, onde a quietude e o desolamento nos apertam a alma. – Estância *solitária* é aquela que não é procurada, ou frequentada pelos homens. Pode admitir-se até no meio da cidade uma habitação *solitária* ou *deserta*; não – *erma*, pois que esta palavra sugere ideia de afastamento, desolação. – **Despovoado** e **desabitado** dizem propriamente "sem moradores", sem mais ideia acessória. Quando muito, dizemos que é ou está *despovoado* o lugar "onde não há povoação"; e *desabitado* o lugar "que não é habitualmente frequentado".

650

DESERTO, **ermo**, **solidão** (**soidão**, **soledade**), **retiro**, **isolamento** (**desolamento**), **recanto**, **descampado.** – **Deserto** é "o lugar despovoado, sem cultura, como abandonado da ação ou do bulício humano". – **Ermo** acrescenta à noção de deserto a ideia de silêncio, tristeza e desolamento. Uma família, uma multidão pode ir viver no *deserto*; o anacoreta fica no seu *ermo*. – **Solidão** é "o lugar afastado do mundo, e onde se pode ficar *só*, como separado dos outros homens". – **Soidão** é forma sincopada de **solidão**; mas parece acrescentar a esta a ideia de desamparo, do horror que causa o abismo, a solidão temerosa. Entre **solidão** e **soledade** há diferença que se não pode esquecer. Antes de tudo, **soledade** é mais propriamente a qualidade do que está *só*, do *solitário*, do que lugar ermo. Tomando-a, no entanto, como lugar ermo, a **soledade** sugere ideia da tristeza, da pena, da saudade com que se está na **solidão**. Dizemos, por exemplo – "a *soledade* da jovem viúva" – (caso em que não se aplicaria *solidão*, pelo menos nem sempre). – **Retiro** é "o lugar afastado onde alguém se recolhe e como se refugia do ruído e agitação do mundo". – **Isolamento** é o lugar onde se fica separado da coletividade, fora de relações com os outros homens. A mesma diferença que notamos entre **solidão** e **soledade** pode assinalar-se entre **isolamento** e **desolamento.** No seu *isolamento* nem sempre se há de alguém sentir *desolado* (isto é – só, abandonado em sua mágoa); assim como nem sempre no seu *desolamento* há de estar de todo *isolado* (isto é – afastado dos outros homens). – **Recanto** é "o sítio retirado, fora das vistas de todos, longe do movimento geral da estância de que o *recanto* é uma parte quase oculta e escusa". – **Descampado** significa "paragem, mais ou menos extensa, ampla, aberta, despovoada e inculta". Propriamente só de **deserto**, **solidão** e **ermo** é que pode ser considerado como sinônimo.

651

DESERTOR, trânsfuga. – Distingue Roq., com muita clareza e precisão, estes dois vocábulos. Designam – diz ele – igualmente o soldado (ou o membro de um partido) que abandona as suas fileiras; mas **trânsfuga** ajunta à significação de **desertor** a ideia acessória de fugir para o inimigo. O **desertor** é fraco, é cobarde, não tem o nobre sentimento de amor da pátria (ou não tem caráter, não tem coragem para sustentar o que jurou, ou para ser fiel aos compromissos tomados). O **trânsfuga** é traidor, merece o desprezo dos próprios inimigos. Aos **trânsfugas** bem se pode aplicar o dito de Camões:

> "Negam o rei, a patria; e si convem,
> Negarão, como Pedro, o Deus que têm.
> (*Lus.*, IV, 13)

652

DESERDAR, exerdar. – Perfeitamente define Bruns. estes verbos: – "**Deserdar** é não nomear para herdeiro a quem espera receber a herança. – **Exerdar** é excluir alguém dentre os herdeiros. Assim: **deserdar**, termo da linguagem usual, significa simplesmente que não se deixa a herança a quem espera obtê-la; **exerdar**, termo jurídico, é relativo à disposição testamentária, que reveste forma legal, e pela qual se exclui da sucessão a determinado herdeiro".

653

DESIGNAR, indicar, sinalar (assinalar), marcar. – Segundo Roq. – "referem-se todos estes vocábulos à ideia comum de dar a conhecer (ou apontar, distinguir entre muitos) algum objeto; e distinguem-se pelo diferente modo de conseguir este fim. – **Indicar**, em latim *indicare* (também *indicere*), *innuere*, vem de *index*, que é o dedo com que costumamos apontar o lado para onde se acha um objeto, ou o caminho e direção que se há de seguir, e, por esse modo, dar ao que o quer conhecer, ou achar, indícios ou indicações que para esse fim lhe podem ser úteis. – **Designar**, em latim *designare*, que vem de *signum*, "sinal", significa mostrar ou anunciar a coisa oculta por meio da relação que certas figuras têm com ela; de tal modo que, sem presentá-la à nossa vista, estejamos certos dela pelos sinais que se nos deram para que a não confundíssemos com outra. Em sentido figurado, significa *sinalar*, determinar uma pessoa ou coisa para um fim preciso, e então corresponde ao *destinare* latino; assim que ao pensamento ou ideia que temos de fazer uma coisa lhe chamamos *desígnio*, isto é – um plano determinado da vontade para execução do que se intentou. – **Sinalar** (ou **assinalar**) é pôr sinais em qualquer coisa, para que por si mesma se possa conhecer (ou por esses sinais se possa distingui-la); assim que **sinalar** é mostrar, presentar clara e positivamente a coisa, declarar determinadamente a pessoa, a ação, etc. Falando, pois, de um homem raro, que procura distinguir-se dos demais por seus egrégios feitos, dizemos que se *assinala*, ou que é *assinalado* entre todos:

As armas e os barões assinalados

que o nosso poeta cantou foram os que entre seus compatriotas se distinguiram e ilustraram por seus altos feitos. – Marcar é pôr marca; e confunde-se na ideia com sinalar, porque *marca* corresponde a *signum*; diferença-se, porém, no uso; pois *marca* é um *sinal* de gênero particular, posto na pessoa ou coisa que se *marca* para bem se conhecer; e assim se diz: *marcar* o gado com ferro em brasa, o ladrão na testa, a moeda com o cunho, etc. Diferença-se mais em não ter a significação reflexa que acima notamos em **sinalar**. As *marcas* usam-se principalmente no tráfico e comércio, e consistem em letras, cifras, fi-

guras, debuxos que se fazem sobre fardos, caixas, barricas, etc., para se conhecer imediatamente a quem pertencem, etc., e se distinguirem de outros com que se acham misturados. Os *indícios,* assim como as *indicações,* os *sinais,* que nos dão, inteiram-nos e dão luz sobre um objeto, uma intenção, um plano; e nos ajudam e dirigem para descobri-lo e conhecê-lo. *Indicamos* a um caminhante extraviado o caminho que deve seguir; *indicamos* a um moço inexperiente a maneira de proceder para obrar com acerto. *Indicam-se* a quem quer aprender os autores que deve estudar, e o método que deve seguir. Os *sinais* naturais servem para *designar* os objetos. O fumo *designa* o fogo. *Designa-se* um homem por seu talhe, feições, aspeto e maneiras. A *marca* apresenta maior certeza que os *sinais.* Podemos enganar-nos no caminho que nos *indicaram*; podemos não entender os *sinais* com que nos *designaram* um objeto. Porém a *marca* o dá a conhecer de um modo determinado, certo e seguro. O ponteiro de um relógio *marca* as horas; o barômetro, os graus de peso do ar; o termômetro, os graus de calor e de frio; a *marca* que com um ferro em brasa se põe aos cavalos nas nádegas, e aos ladrões na testa ou nas costas, são como nomes que levam impressos, que os distinguem dos demais e evitam toda equivocação. *Indica-se* para dirigir; *designa-se* para distinguir; *marca-se* para reconhecer. O *índice* de um livro *indica* onde se acham as diferentes matérias de que consta; o dedo *indica* o objeto para que apontamos e que queremos mostrar; os mapas *indicam* a posição dos lugares, o caminho e rumo para ir a eles. Os sinais *designam* as pessoas; as *marcas,* as mercadorias; as diferentes bandeiras *designam* as respetivas nações; o pulso *designa* o estado de saúde ou de enfermidade. Seguimos o caminho que nos *indicaram*; examinamos os *sinais* com que nos foi *designado* um objeto; reconhecemo-lo pela *marca* que se lhe pôs".

654

DESIMPEDIR, **desembaraçar**, **desobstruir**, **desempecer**, **desempeçar**, **desempachar**, **despejar**, **abrir**, **desatravancar**, **desencalhar**, **desentulhar**, **desentupir**, **desocupar**. – Todos estes verbos enunciam a ação de tornar livre, aberta uma passagem, um canal, um caminho, um espaço que estava ocupado. – **Desimpede-se** para que não fique impedida a entrada ou o trânsito. – **Desobstrui-se** para que fique livre o conduto. – **Desencalha-se** para que não fique parado o que tem de passar pela calha; e figuradamente – o que deve ter ou se quer que tenha andamento. – **Desempecer**, **desempeçar**, **desempachar** confundem-se com **desimpedir**. Mas **desempecer** sugere a ideia de remover alguma coisa que impede não só de passar, mas de agir. Dizemos que F. se *desempece* de relações funestas; ou que a superioridade moral lhe *desempece* de pequenas intrigas a função que veio exercer (e não – *desimpede*). – **Desempeçar**, que parece uma alteração de **desempachar**, tem como este a significação de "dar vazão, expediente, removendo o empacho que fazia parar, ou que obstava a que seguisse". "*Desempache-me* o caminho"; "*desempece-me* a passagem..." – **Desembaraçar** é talvez o mais genérico do grupo, e significa "livrar de embaraço" sem mais ideia alguma acessória. *Desembaraça-se* o caminho, o canal, a passagem, o movimento, a ação. *Desembaraça-se* alguém de apuros, de preconceitos, de relações, de compromissos, etc. – **Desatravancar** é "desembaraçar de grandes coisas em desordem, que impedem o livre movimento". Propriamente só se emprega este verbo no sentido concreto. – **Despejar** é "desembaraçar esvaziando do que a enche a coisa que se *despeja*". No momento do tumulto, chega a polícia e faz *despejar* a praça, ou o teatro. – **Abrir**, aqui, é "dar espaço, largueza, afastando obstáculo". – **Desentulhar** é "remover entulho, isto é, o que enche

algum espaço (fosso, cova, depressão, etc.) para que fique desembaraçado e desoprimido". – **Desentupir** é "desembaraçar (um tubo, um orifício) de alguma coisa que impede o curso, o escoamento, a saída". – **Desocupar** é "despejar um recinto, uma passagem, removendo o objeto que a toma ou enche". *Desocuparam* a praça. *Desocupou* a casa, o lugar, o beco.

655

DESNECESSÁRIO, **escusado**, **supérfluo**, **demasiado**, **inútil**, **dispensável**, **excessivo**, **sobejo**, **sobrado**, **nímio**, **superabundante**. – **Desnecessário** é propriamente "o que não mais é necessário". Só vem a ser, portanto, *desnecessário*, em rigor, aquilo que tinha sido necessário. – **Escusado** e **dispensável** confundem-se e bem poderiam ser tomados como sinônimos perfeitos se o sufixo *vel* não marcasse em **dispensável** uma propriedade que não é tão clara em **escusado**. O que é *escusado* não havia necessidade ou conveniência de ser feito; o que é *dispensável* podia dispensar-se, mas apenas podia dispensar-se, sem a ideia de que se dispense efetivamente. Era *dispensável* o documento que juntou à sua defesa: não é *escusado*, no entanto, pois dá mais força ainda às provas da sua inocência. Aí não se poderiam trocar os dois adjetivos. – Sente-se, portanto, que **escusado** se aproxima de **supérfluo** muito mais do que **dispensável**. O que é **supérfluo**, porém, é *escusado*, não porque seja *desnecessário*, mas porque é demais, porque excede à medida. – **Supérfluo** é convizinho, pois, de **demasiado**, **sobejo**, **sobrado**, **nímio**. Mas dizemos, por exemplo –, que o patrão usa *demasiado* rigor com os seus operários (e não – *supérfluo*, nem – *sobejo*, nem – *sobrado*; quando muito – *nímio*). Sente-se que **demasiado** e **nímio** marcam uma certa gradação de intensidade, melhor do que propriamente excesso. **Sobejo** e **sobrado** designam o que excede muito os limites, mas que não se pode dizer que seja *demasiado* ou *supérfluo*. F. tem *sobejas* razões. *Sobrados* motivos temos nós para clamar. (Ninguém diria que F. tem *supérfluas* razões; nem que *demasiados* motivos temos nós...). – **Sobrado** sugere ideia de superioridade: ideia que se não inclui em **sobejo**. Por que me trata com tão *sobrada* arrogância? Há de abater-se aquele *sobrado* orgulho. – É **excessivo** "o que excede a norma, o que vai além da medida". Aproxima-se tanto de *demasiado* que raro será o caso em que se não possam substituir. – **Superabundante** é "o que é mais do que *excessivo*, ou o que é *excessivo* com ostentação e alarde". – **Inútil** é, aqui, "o que é *escusado* por não ter a serventia ou a eficácia própria".

656

DESPOJAR, **espoliar**, **esbulhar**, **desapossar**, **extorquir**, **privar**. – Tirar a alguém o que lhe pertence – é a significação destes verbos. *Despoja-se*, no entanto, cometendo violência física. *Esbulha-se* privando o esbulhado ou de fazendas, ou de bens morais. – **Espoliar** emprega-se de preferência, e talvez com mais propriedade, no sentido moral. *Despojaram* o cadáver de quanto levava consigo; *despojaram* de galhos a árvore; de suas vestes a criança; de tudo os míseros vencidos. *Esbulhou* de todos os lucros o sócio; e quer ainda *esbulhá-lo* do próprio crédito. *Espoliar-nos* deste direito de protesto – não é poder que esteja em homens. – **Desapossar** = "privar da posse em que se estava, impedir que se continue a ser dono, ou a ter domínio de... – ou – sobre... – **Extorquir** = "arrebatar, tirar alguma coisa com grande e clamorosa violência". – **Privar** = "obstar a que se continue no gozo, ou na posse de alguma coisa". *Desapossaram-no* da casa; *extorquiram-lhe* dinheiro, fazenda, confissão, testemunho; *privaram-no* de relações com a família, de dizer a verdade, de ir à festa.

657

DESQUITE, divórcio, repúdio. – Segundo S. Luiz, **divórcio** "exprime separação; **repúdio** exprime rejeição, repulsa, ação de lançar de si, de despedir, ou antes – de repelir da sua companhia. Ambos são termos de jurisprudência. – **Divórcio** é a separação dos casados, a dissolução do vínculo matrimonial. – **Repúdio** é o ato do casado, ou esposado, que enjeita, ou rejeita a mulher ou esposa, e a lança de si, e de sua casa e família. O **divórcio** parece supor a mútua incompatibilidade dos casados, e mostra que a livre-vontade, que os uniu, se acha reciprocamente mudada. O **repúdio** supõe império de uma parte, e dependência da outra; estabelece uma grande desigualdade entre as pessoas, e sujeitaria uma delas ao arbítrio caprichoso da outra, se as leis dos povos, em que este mal foi, ou é tolerado, lhe não prescrevessem certos limites. Nos países católicos não é permitido nem o **divórcio**, nem o **repúdio**; mas usamos do primeiro vocábulo quando os casados se separam quanto à coabitação e à administração de bens, em virtude de uma sentença, dada por juiz competente; e podemos usar do segundo, quando o marido lança a mulher de sua casa, e recusa conviver com ela, talvez sem legítima causa, e sem esperar a decisão da autoridade pública, a quem isso compete". – Quando a separação legal não importa para os cônjuges separados a liberdade de contrair novas núpcias, tem o nome de **desquite**, que é a única forma de separação nos países onde não há o que se chama propriamente **divórcio**, isto é –, dissolução, para todos os efeitos, do vínculo conjugal. O **divórcio** dá o casamento como não existente; o **desquite** não extingue, pelo menos, o laço moral entre os esposos, mas apenas certas relações jurídicas que decorreriam da união e que cessam com o *desquite*. O **repúdio** não tem consequências legais contra os direitos do cônjuge repudiado.

658

DESSEPULTO, insepulto. – Bruns. distingue muito bem estes dois adjetivos. – **Insepulto** – escreve ele — dizemos do cadáver que está por sepultar; **dessepulto**, do cadáver que foi tirado da sepultura e abandonado.

659

DESVANECER, dissipar. – **Desvanecer** significa o mesmo que "reduzir a uma coisa vã, atenuar espalhando, dissolvendo, quase apagar"... – **Dissipar** é "expelir, dispersar, fazendo assim desaparecer". Na acepção em que é tomado aqui, este verbo **desvanecer** se aplica mais usualmente no sentido moral. Não dizemos que – o vento *desvaneceu* as nuvens (e sim – espalhou, *dissipou*...). Mas dizemos que – F. lhe *desvaneceu* da alma aquela névoa que a ensombrava; ou – do ânimo exaltado aquelas fumaças de heroísmo. Por outro lado o que se *desvanece* nem sempre se extingue de todo. "Os amigos, mal lhe *desvaneceram* naquele instante a ideia do suicídio: à noite, quando só, arrebentou os miolos..." O que se *dissipa* desaparece completamente. A luz *dissipa* as trevas (não – *desvanece*).

660

DETER, sobrestar, sustar, parar, cessar, interromper. – Todos estes verbos enunciam de comum a ação de impedir que continue o que estava em movimento, ou o que tinha sido começado. – **Deter** é "obstar com força". – **Sobrestar** é "ficar no ponto em que está, não prosseguir, não mover-se". – **Sustar** é "fazer que não continue, suspender a ação, o movimento". – **Parar** aproxima-se de **sobrestar**: quer dizer "cessar de agir, de mover-se, de funcionar"... – **Cessar** é "ter fim, fazer ponto". – **Interromper**, como se diz em outra parte, é "fazer cessar sem a ideia de que não venha a prosseguir... ou melhor – sugerindo a ideia de que prosse-

guirá". – *Detém-se* uma bola que desce por um declive; *detém-se* o braço homicida; *detém--se* o veículo descaminhado. *Sobresteve* o rei na sua cólera; *sobrestamos* no alto do monte desafiando o inimigo. – *Sustou-se* o serviço por falta de verba; *susta-se* a ação, a vingança. – *Parou* no meio da rua; dizem que *para* o trabalho. – *Cessou* de chover; *cessará* o flagelo; *cesse* de importuná-lo; o menino *cessou* de chorar; o pobre velho *cessou* de sofrer; quando *cessará* a triste vida? – *Interrompeu* a viagem para ver-nos; *interrompeu* o discurso...

661

DETRITOS, **resíduo**, **fezes**, **sedimento**, **lia**, **borra**, **escória**, **escorralho**, **restos**, **fécula**, **vasa**, **sarro**. – Coisa que resta de mistura, de solução – é a ideia comum expressa por estes vocábulos. – **Detrito**, mais usado no plural – **detritos**, são "restos de corpos que se corromperam, de substâncias estragadas, ou que perderam a sua qualidade essencial." *Detritos* orgânicos são as substâncias que restam de organismos que se desfizeram. – **Resíduo** diz propriamente – "o que assenta, o que fica no fundo, o que subsiste da coisa que foi". "O que no fundo do vaso ficou da solução que se pôs fora chama-se *resíduo* dessa solução". – **Fez**, também mais usado no plural – **fezes**, são "os resíduos grosseiros, inaproveitáveis, que não contêm mais substância útil". – **Sedimento** é, em geral, "o que assentou, o que estava em suspensão num líquido, e que se precipitou no fundo do vaso". – **Lia** é "o depósito que se forma de um líquido em fermentação". – **Borra** é a **lia** grossa e inútil; e por extensão – tudo o que de alguma coisa fica de imprestável: *borra* do vinho – o que fica no fundo do barril; *borra* da seda – a parte dos casulos que não se aproveita para a fiação. – **Escória** é propriamente a "matéria inútil, ou pelo menos grosseira e de pouco valor, que se separa dos metais durante a fusão". Figuradamente = "o que é a porção mais insignificante de uma coisa, a parte vil, sem valor, de ínfima qualidade de uma classe, de uma raça, de uma corporação", etc. – **Escorralho** é termo vulgar que designa "a massa inútil restante no fundo ou nas paredes de um vaso que se esvaziou". No sentido figurado = a última camada, a porção mais baixa e de menos valor. – **Resto**, ou **restos** é "tudo que ficou de inferior ou de inaproveitável de alguma coisa". *Restos* mortais = o que ficou da vida que se foi. – **Fécula**, do latim *faecula* (diminutivo de *faex*, "fez"), é "o que assenta de um líquido em que se agitou algum vegetal triturado, do qual se extrai assim a porção de substância que se depositou". – **Vasa** é propriamente "o lodo, ou o sedimento lodoso que se encontra no fundo do mar, de qualquer porção de água pouco agitada ou não corrente". No figurado = o que de pior, de mais impuro se encontra nos vícios ou na maldade de alguém. – **Sarro**, tanto é borra, fezes, restos, como a crosta, as partículas que uma substância deixa nos vasos onde esteve, ou por onde passa. – Diz-se particularmente – o *sarro* do fumo – designando assim a camada escura que a fumaça do tabaco deixa nos dentes, nos bigodes, nos dedos.

662

DEVER, **obrigação**. – Melhor do que muitos do grande número de sinonimistas que compulsamos, tanto vernáculos como espanhóis, franceses, etc., diz-nos destes dois vocábulos fr. S. Luiz, nos seguintes termos: "A lei liga o homem, impõe-lhe uma **obrigação** (*obligatio*). A **obrigação** constitui o homem numa *dívida*, gera um **dever**. A lei prende a liberdade do homem, e não a deixa seguir senão um caminho: esta é a **obrigação**. A liberdade, coartada pela **obrigação**, deve seguir o único caminho que a lei lhe indica: este é o **dever**. **Dever** é uma ação que

o homem faz conforme a **obrigação** legal. Como a **obrigação** nasce da autoridade da lei, não pode estender-se além dos limites dessa autoridade; e como o **dever** é uma dívida do homem, não pode estender-se além da esfera das suas faculdades, isto é, da sua possibilidade. Assim, cessa a **obrigação** quando a coisa não pode ser mandada, ou quando quem a manda não tem autoridade para isso: e cessa o **dever**, quando a coisa não pode, ou não deve ser executada".

663

DEVOLVER, restituir. – *Devolvemos* aquilo que estava em nosso poder, sem ideia alguma de que a coisa devolvida pertença à pessoa a quem a recambiamos. *Restituímos* alguma coisa que é propriedade de outra pessoa, de quem a recebemos com o compromisso de fazê-la voltar a seu dono. *Restituímos* ao legítimo proprietário o que não é nosso. *Devolvemos,* isto é, fazemos voltar ao lugar de onde veio, ou à pessoa de quem a recebemos, a coisa que estava conosco. – **Restituir** = fazer voltar à situação de direito, ao devido estado, ao lugar competente; **devolver** = fazer voltar ao lugar onde estava.

664

DIABÓLICO, satânico, infernal, demoníaco. – Resumindo o que dizem Bourg. e Berg. escreve um dos nossos autores quanto aos três primeiros vocábulos deste grupo: "Exprimem estas palavras três diferentes graus da maldade. – **Diabólico** dizemos do que à ideia de maldade reúne a de manha, finura, astúcia. – **Satânico** qualifica a maldade maliciosa ou astuta, levada a tão alto grau como a pode compreender o próprio Satanás. – **Diabólico** dizemos das pessoas e das suas obras e qualidades; **satânico**, só das qualidades. É um homem *diabólico*; tem uma imaginação *diabólica*; fez um plano, um ato *diabólico*. Há sujeitos, com cara de santos e que têm sorrisos *satânicos*. – **Infernal**, que se diz das pessoas, das suas qualidades e dos seus atos, encarece sobre **diabólico** por encerrar uma ideia de horror de que este carece. Um homem *diabólico* é travesso; um homem *infernal* é perverso". – **Demoníaco** se diz do que é astuto, inquieto, maligno como o demônio. Gênio *demoníaco* = possesso, caprichoso, incompreensível, malvado como o demônio.

665

DIALÉTICA, lógica. – "Esta parte da filosofia" – define Laf. – "que ensina a bem raciocinar, a bem usar da sua razão; e, numa acepção derivada – talento que consiste em raciocinar direito, a pensar como é preciso, de uma maneira sã, consequente, metódica". – **Lógica** vem do grego *logos* "discurso, pensamento, razão"; **dialética**, do grego *dialegesthai* "entreter-se, discorrer, conversar". Daí resulta esta diferença notável: que a **lógica** nos instrui sobre o bom uso da nossa razão no esforço de procurar a verdade; enquanto que a **dialética** ensina a bem dirigir a nossa razão na disputa, nas conversações, na transmissão da verdade. Um profundo pensador, como Descartes ou Malebranche, é um bom *lógico*; um hábil controversista, como Bayle, ou o grande Arnaldo, é um bom *dialético*. Aquele a quem falta **lógica** raciocina mal; o que não sabe manejar a arma da **dialética** não resiste aos argumentos do adversário. Há em todos os homens, ainda os mais grosseiros, uma **lógica** que se desenvolve com a idade, e lhes sugere até altas ideias, como a de Deus, por exemplo. "Aristóteles fez ver na sua *Retórica* que a *dialética* é o fundamento da arte de persuadir, e que ser eloquente é saber provar" (Volt.). "Há uma *lógica* natural de que ninguém se deve afastar qualquer que seja o assunto, mas principalmente em estâncias morais" (Lah.). "Uma das armas de Beaumarchais,

e que lhe serviu para tudo, é a sua *dialética*... é a *lógica* oratória, a de Demóstenes" (Lah.). Eis aí o termo próprio achado: a **dialética** é particularmente a **lógica** oratória. – A **dialética** é também a **lógica** das escolas da Idade Média, a **lógica** da escolástica; pois que todos os nossos meios de chegar à verdade aí se reduziam a um só – a disputa. Também os grandes reformadores modernos, que combateram esta filosofia de argumentadores, criticaram-na, sob o nome de **dialética**, como impotente para descobrir coisa alguma, e opuseram-lhe a **lógica**. A prova disso é Descartes. "É preciso também – diz ele – estudar a **lógica**, não a da escola, porque esta não é, falando propriamente, mais do que uma **dialética** que ensina os meios de fazer passar aos outros as coisas que se sabem; ou ainda de dizer sem juízo muitas palavras sobre coisas que se não sabem; e é assim que semelhante **lógica**, em vez de aumentar ou fortalecer – corrompe o bom senso; mas a **lógica** que é preciso estudar é aquela que ensina a bem conduzir a razão para descobrir as verdades que se ignoram". Mesmo na linguagem comum, a palavra **dialética** recorda os defeitos bem conhecidos da escolástica. "A *lógica* mais exata, conduzida e dirigida por um espírito de geômetra, é a alma de todas as obras de Arnaldo; mas decerto que anda longe essa *lógica* de ser uma *dialética* seca e descarnada, que não apresenta mais do que um como esqueleto de raciocínio" (D'Ag.). Por outro lado, como a **lógica** se ocupa da procura, e a **dialética** se ocupa da demonstração da verdade; como uma tende a guiar o pensamento individual independentemente de toda expressão, e a outra a fazer triunfar nas discussões, a fazer prevalecer pela palavra uma tese ou uma causa – por isso a **lógica** é mais relativa ao fundo, e a **dialética** à forma; a primeira às ideias, a segunda à maneira de as apresentar. Um bom *lógico* pensa e raciocina direito, com justeza; mas, se não tem arte e habilidade, pode muito bem ser um detestável *dialético*. E reciprocamente: sem *lógica*, sem retidão de espírito, raciocinando mal, ou obliquamente, pode-se, como outrora os sofistas, ser muito bom *dialético*, para dar ao falso as aparências do verdadeiro. Tomar e propor erros como premissas, como verdades fundamentais – eis o efeito da má *lógica*; saber tirar dessas premissas conclusões capciosas, próprias para vencer um adversário ou os contraditores – eis a obra de uma subtil *dialética*. É neste sentido que se tem dito de J. J. Rousseau: "Se não se tem o cuidado de o deter ao primeiro passo, logo a sua *dialética*, tão subtil quanto é má a sua *lógica*, vos arrasta com ele na torrente das consequências" (Lah.). No estado atual da filosofia, a **lógica** é uma ciência que compreende a **dialética**: a **dialética** é a parte da **lógica** que a escolástica cometeu o erro de cultivar exclusivamente; a única que é preciso ser conhecida do orador, porque é a única que trata da comunicação, ou da exposição da verdade; a que concerne ao raciocínio quanto a suas diferentes formas e que se designa por uma só palavra – a silogística, ou a argumentação".

666

DIALECTO, **língua** (**linguagem**), **idioma**, **jargão**, **geringonça**, **provincianismo**, **gíria**, **calão**, **patoá**. – De quase todos estes vocábulos, e de acordo com os mais autorizados sinonimistas, escreve Bruns.: – **Língua** é o modo de falar de uma nação, de um povo ou de uma raça – modo sujeito a regras fixas que determinam a individualidade dessa língua e a fazem inconfundível com outra qualquer. A *língua* portuguesa é falada em Portugal e no Brasil. A *língua* árabe predomina entre os povos maometanos. – **Idioma**, vocábulo que geralmente se confunde com **língua**, não deve dizer-se de um modo

absoluto da língua de uma nação, mas só dessa língua desligada de qualquer sujeição às regras gerais que a singularizam. Assim é que no *idioma* português cabem expressões particulares que a língua portuguesa não admite, expressões que, conquanto tenham o cunho nacional, carecem do quilate necessário para se considerarem como de lei. O *idioma* trasmontano tem particularidades que são realmente merecedoras de estudo. (Deste termo diz ainda um outro autor que "se aplica também, com um certo ar de desprezo, às *línguas* que não têm um domínio extenso, um grande círculo de ação; que se não tornaram *línguas* literárias, sobretudo ao compará-las com *línguas* mais perfeitas: os *idiomas* bárbaros introduziram certas palavras no grego e no latim. Emprega-se especialmente **idioma** falando das *línguas* de tribos pouco civilizadas e que quase não são usadas fora do território dessas tribos: os *idiomas* das hordas da Guiné, dos selvagens da Polinésia; de todos os *idiomas* da Itália central, o do Lácio é o único que se tornou uma *língua*". Bourg. e Berg.) – **Dialecto** é uma língua de pouca extensão, derivada de uma língua principal, mas diferente desta nas flexões e em várias outras particularidades... Um **dialecto** propriamente dito é uma derivação de uma língua principal, mas derivação que carece de estabilidade (e de fixidez) pois, entre os povos que falam um mesmo **dialecto**, encontram-se, não só variedades de pronúncia, como diferença de vocábulos: o que se pode ver, por exemplo, no *dialecto* galego, que não só varia de pronúncia de uma para outra província, senão de comarca, e até às vezes de povoação para povoação; sem contar que no galego de Lugo há vocábulos desconhecidos na Corunha, como nesta os há desconhecidos em Orense e em Pontevedra. O *dialecto* asturiano oferece muito maior uniformidade que o galego, e não obstante nota-se diferença sensível entre o que se ouve em Castropol, perto da Galiza, e o que se prolonga até à região chamada Montanha de Santander. (**Dialecto**, diz Roq. que "significa *linguagem* particular de uma província, colônia ou cidade, derivada e alterada da língua geral de que procede, tanto na pronúncia, na acentuação, como nos acidentes gramaticais, etc.". A *língua* grega tinha quatro principais *dialectos* – o ático, o dórico, o jônico, e o eólico, além de outros menos notáveis, a que se pode chamar *subdialectos*, como o beótico, o siracusano, o siríaco etc. Consiste o **dialecto**: 1.º no uso de palavras estranhas a outros *dialectos*; 2.º no uso de significações particulares a certos *dialectos*; 3.º na vária escritura das palavras, trocando, aumentando ou diminuindo as letras, ou invertendo a ordem das mesmas; 4.º na alteração das formas das palavras declináveis, já dando-lhes terminações diferentes do que se observa na *língua* comum, já classificando-as em diversa declinação ou conjugação; 5.º na sintaxe. O que aconteceu aos gregos, quanto aos *dialectos*, aconteceu a alguns povos da Alemanha, da Itália, das Espanhas, e também aos índios do Brasil, cuja *língua* geral, que se falava em quatrocentas léguas de costa, tinha diversos *dialectos*, como observou o padre Vieira, que nos principais deles compôs catecismos para doutrinar os mesmos índios".) – **Linguagem** é vocábulo muito mais extenso, mas por isso mesmo muito menos preciso que **língua**. Qualquer sistema de sinais que exprimem o pensamento é uma *linguagem*, quer obedeça esse sistema a regras determinadas, quer não: há *linguagem* falada, *linguagem* escrita, *linguagem* acionada (*linguagem* mímica). Aplica-se também esta palavra a seres alheios à humanidade; e até a objetos inanimados; e assim dizemos que os animais têm a sua *linguagem*; e também: a *linguagem* das flores, etc. Em sentido mais restrito, exprime esta palavra o modo como se serve

da sua língua quem exerce uma profissão, e também como nela se exprime quem está dominado por uma paixão; é nesta acepção que se diz: *linguagem* técnica, *linguagem* médica; a *linguagem* da cólera, etc. – **Jargão** é a palavra adotada para exprimir uma ideia de coisa que não existe entre nós: aquilo a que os franceses dão o nome de *patois*... (Aliás, os franceses distinguem *patois* de *jargon*. O *patois*, segundo Bourg. e Berg., é um *dialecto* degenerado, que cessou de ser língua literária, se é que o foi, e que não mais é falado senão pelo baixo povo, em uma província, ou mesmo em um cantão, e que foi substituído, na boa sociedade, por uma outra *língua*, a *língua* oficial; é assim que tendo a cruzada contra os albigenses destruído a civilização da França meridional, a **língua** *d'oc* cessou de ser literária, e subdividiu-se numa multidão de *patois* locais, enquanto que a **língua** *d'oil*, falada pelos franceses do norte, se fazia a *língua* oficial e literária; tendo esta por seu lado recebido sua forma completa, os vários *dialectos*, que a tinham formado, degeneraram em *patois* (picardo, normando, borgonhês, etc.). O **jargão** (*jargon*), de *jars*, "pato", é um modo de falar ininteligível, seja devido aos termos empregados, seja devido à maneira embrulhada, obscura, segundo a qual se dispõem expressões conhecidas, ou se apresentam ideias pouco claras. Por extensão, ou por desprezo, chama-se às vezes *jargão* uma *língua* estrangeira, o *patois* de uma província, para exprimir que dele nada se compreende; diz-se também da *linguagem* de uma pessoa, de uma sociedade, do estilo de um escritor: o *jargão* do Limousin; eu nada entendo do *jargão* da metafísica.") – **Geringonça** (ou **gerigonça**) é o termo que em português equivale ao francês *jargon* e diz-se de toda linguagem ininteligível, quer pela natureza dos termos nela empregados, quer pelo modo confuso e obscuro de nele se disporem expressões conhecidas para exprimir ideias que geralmente se designam de outro modo. Por desprezo, dá-se esse nome a uma língua estrangeira que nos parece rude. – **Calão** e **gíria** são sinônimos perfeitos com que se designa a *linguagem* dos fadistas e gatunos; diferençam-se apenas em **calão** provir do espanhol *caló*, e **gíria** ser vocábulo português. Da linguagem dos ciganos, melhor se diz *gíria* que *calão*". Notemos ainda que esta segunda tem sempre mau sentido: dizemos – *gíria* popular, *gíria* dos bastidores, *gíria* dos quiosques; e – baixo *calão*; *calão* dos alcouces, etc. – **Provincianismo** é termo, ou expressão usada na província, ou fora do grande centro de cultura onde se fala bem a **língua**. – **Patoá** (adaptação do francês *patois*) não é propriamente dialecto, mas "uma como simples e vaga nuança da língua principal; ou alteração ligeira que sofre a mesma língua conforme a província em que é falada". O *patoá* dos napolitanos, dos calabreses.

667

DIÁRIO, **quotidiano**, **diurno**. – **Diário** e **quotidiano** é o que se faz ou ocorre todos os dias. Mas o segundo exprime particularmente esta ideia de "todos os dias com perfeita regularidade"; enquanto que **diário** designa melhor prazo, espaço de tempo que se repete. Dizemos – vencimentos *diários*, renda *diária* (e não *quotidianos* vencimentos, nem renda *quotidiana*). **Diurno**, além de antônimo de noturno, designa também o que corresponde ao espaço de tempo de um dia astronômico. "O sol ou ilumina *diurnamente*, ou em seu aparente movimento *diurno*, todos os pontos da esfera terrestre". Aí marca-se apenas a ideia de tempo e de espaço percorrido durante esse tempo. "Costumamos fazer uma visita *diária* ao hospital" (uma visita *por dia*). "Costumamos fazer duas visitas *diárias* ao hospital". Em nenhum desses casos caberia *quotidiano*. Por outro lado, dizemos: "o pão *quotidiano*" (o pão de cada *dia*, de *todos*

os dias); "o meu ganho *diário*" (o meu ganho *por dia* de trabalho). "O meu serviço *diurno* é sempre mais pesado" (o serviço que faço *durante o dia*, para diferençá-lo do que faço durante a noite).

668

DICÇÃO, elocução, estilo; vocábulo, palavra, voz, termo, expressão, frase. – As três primeiras palavras deste grupo se referem ao modo de exprimir o pensamento; e ainda que de ordinário se confundam, há entre elas distinção que se não deve esquecer. **Dicção** é a voz, a locução que enuncia a ideia; **elocução** e **estilo** referem-se ao modo como se arranjam as palavras na frase. Mas **elocução** sugere ideia da escolha e disposição das palavras; e **estilo** sugere ideia do gosto, do espírito, do talento próprio, pessoal, com que um autor se exprime. Dizemos – *dicção* vernácula; *elocução* fácil; *estilo* brilhante: de onde se vê que **dicção** se refere à lidimidade e pureza da forma; **elocução**, à peculiaridade saliente, característica da **elocução**. O **estilo** depende da estrutura, da enervação, do travamento, de tudo isso que tem de particular a cada escritor o modo de escrever; a **elocução** pode-se dizer que é o *estilo* no falar, é o modo de dizer, com mais ou menos propriedade e clareza; a **dicção** é o termo, a voz considerada na sua pureza em relação à vernaculidade. Há *estilo* pesado, *estilo* leve, estilo brilhante, magnífico, admirável, conciso, subtil; há *elocução* fluente, serena, majestosa, *elocução* emperrada, difícil, tolhida; há *dicção* correta, castiça, *dicção* viciosa, imprópria. – Bruns. acrescenta os seguintes vocábulos a **dicção** num dos grupos onde estudou esta palavra: – "**Palavra** é termo genérico, correspondente ao *verbum* latino, e diz-se de todo sinal representativo da ideia pela linguagem, mas considerado apenas materialmente, isto é, nas suas relações gramaticais, linguísticas ou filológicas. *Palavra* simples, *palavra* composta, *palavra* comprida, *palavra* curta," etc. – **Vocábulo** é a palavra considerada quanto à sua pronúncia ou som. *Vocábulo* sonoro, *vocábulo* grato ao ouvido; *vocábulo* esdrúxulo, *vocábulo* grave, etc. – **Termo** é a palavra considerada em relação à ideia que exprime, ou ao uso que se faz dela. *Termo* consagrado, *termo* forense, *termo* técnico, etc. – **Expressão** tem maior sinonímia com **termo** que com os outros vocábulos do grupo. Diferençam-se estas duas palavras em **termo** ser objetivo, posto que se refira à ideia que exprime, e **expressão** ser subjetivo, por se referir à ação direta do sujeito que fala, ao seu modo de exprimir o pensamento. O valor de cada *termo* está indicado na língua pelo dicionário, pela gramática; o valor de *expressão* depende do orador ou do escritor, do modo como ele combina ou emprega as palavras para traduzir as suas ideias e pensamentos. – **Frase** tem mais sinonímia com **expressão** do que **termo**. Apenas **frase** pode ser tomada como parte de uma proposição, fora do conjunto da qual deixará de ser propriamente uma **expressão**.

669

DICIONÁRIO, léxico, vocabulário, glossário, elucidário. – Segundo Bruns. – "**dicionário** é a coleção de todas as palavras de uma língua, dispostas em ordem alfabética, e seguidas da respetiva definição, ou da sua tradução noutra língua. Dá-se também este nome a qualquer coleção de termos e nomes de determinados ramos do saber humano, como história, geografia, veterinária, etc., dispostos, como no anterior, em ordem alfabética, e seguidos de quantas indicações os podem tornar compreensíveis. – **Léxico** se diz apenas dos dicionários das línguas clássicas antigas, e particularmente do dicionário da língua grega (ou da latina). – **Vocabulário** é termo de significação pouco

precisa, pois enquanto uns dão esse nome à coleção de todos os vocábulos de uma língua, seguidos de breves definições, pretendem outros dá-lo à coleção de todos os termos simples da língua para guiarem na sua ortografia; e outros ainda à coleção de certos termos peculiares a uma arte ou ciência. – **Glossário** é um *vocabulário* que explica termos obscuros por meio de outros conhecidos. Seria útil que algum erudito fizesse um *glossário* completo dos termos arábicos e godos que correram em Portugal durante a primeira dinastia. – **Elucidário** é o nome que o padre Joaquim de Santa Rosa de Viterbo deu ao seu *glossário* de antigos termos portugueses. Posteriormente tem-se dado esta denominação a vários outros vocabulários".

670

DIFERENÇA, distinção, dissemelhança, disparidade, desproporção, desigualdade, diversidade, variedade, distância. – Diferença (do latim *dis*, prefixo de separação, e o verbo *ferre* "levar") é, segundo Bourg. e Berg., a qualidade característica das pessoas ou das coisas que são outras, que não são as mesmas que certas pessoas ou coisas às quais as comparamos. É termo genérico, tendo como significação própria estabelecer o caráter, a originalidade dos objetos comparados, e de cuja originalidade exprimem várias nuanças os sinônimos agrupados acima. – A **dissemelhança** (do prefixo *dis*, e do adjetivo *semelhante*) é a *diferença* que existe entre dois objetos que não são *semelhantes*. Tem, portanto, a **dissemelhança** relação apenas com a forma, e não com o fundo. Dois objetos *diferentes* podem não ser *dissemelhantes*; por exemplo: duas circunferências, dois quadrados, um retrato e seu original; mas uma circunferência e um quadrado são *dissemelhantes* porque não têm a mesma forma. Algumas vezes, **dissemelhante** serve para indicar simplesmente uma *diferença* ligeira, pouco apreciável; como a *dissemelhança* que existe entre dois carateres que se aproximam um do outro, mas estão, todavia, separados por certas particularidades pouco sensíveis. – A **distância** (do prefixo *dis*, e do verbo latino *stare* "estar, fixar-se") é, ao contrário, uma grande *diferença*: este termo se diz propriamente do intervalo que separa dois objetos afastados um do outro; e por extensão, da *diferença* bem sensível que existe entre duas pessoas, ou duas coisas que não têm a mesma natureza; ou que apresentam poucos pontos comuns: da indigência à riqueza há muitas vezes uma *distância* intransponível. – A **desproporção** (do prefixo *dis*, e de *proporção*) é uma *diferença* muito grande, grande demais; este termo marca sempre um excesso em uma das partes que se comparam – excesso que não permite mais a comparação e que destrói toda relação de proporção entre as partes: dir-se-á, por exemplo, que há uma grande *desproporção* entre as forças de um homem e as de seu adversário, entre as pretensões de um vaidoso e suas capacidades. – **Desigualdade** (do prefixo negativo *des* e de *igualdade*) marca uma *diferença* da mesma natureza, mas menor que a **desproporção**. Serve este termo **desigualdade** para designar o estado relativo de dois objetos que não são *iguais* em valor; a *diferença* de quantidade que existe entre duas coisas, ou entre duas pessoas, como quando se diz, por exemplo, que há uma grande *desigualdade* de população, de recursos, entre duas nações. Também algumas vezes **desigualdade** se diz da falta de equilíbrio, de continuidade dos mesmos atos, ou das mesmas qualidades em uma mesma pessoa: dizemos, por exemplo, de uma pessoa caprichosa – que tem uma certa *desigualdade* de humor, de caráter. – A **disparidade** (do prefixo *dis*, e do latim *par* "igual") supõe sempre uma comparação: é a *diferença* que existe entre duas coisas ou duas

pessoas que não têm, por assim dizer, nenhuma relação de analogia ou de semelhança; por este lado, este termo se aproxima muito de **distância**, mas exagerando, pois marca uma diferença maior, e, além disso, quase não se emprega senão para exprimir relações morais, como – a *disparidade* de dois caracteres, de duas opiniões. – **Variedade** (do latim *varius*, "vário, diverso") é um termo coletivo que serve para designar, não uma simples *diferença*, mas um conjunto de objetos *diferentes*, *dissemelhantes*, que se acham reunidos, e cuja reunião produz um efeito qualquer, mas geralmente agradável à vista ou ao espírito. É a ideia do efeito produzido que domina no sentido de **variedade**. – **Diversidade** (do prefixo separativo *dis*, e do latim *vertere*, "voltar") é, "como **variedade**, um termo coletivo, mas aquele distingue-se deste em marcar mais nitidamente oposição entre ideias, tendências contrárias e que se combatem ou se afastam o mais possível umas das outras, em uma palavra – uma *diferença* absoluta, radical, que está na essência mesma das coisas. Assim que a *variedade* dos sentimentos é compatível com a harmonia geral, enquanto que a *diversidade* das opiniões é necessariamente uma origem de conflitos". – **A distinção**, como bem explica S. Luiz, "exclui a perfeita identidade; como a **diferença** exclui a perfeita **semelhança**, e como ainda a **diversidade** exclui a conformidade. Dois objetos *distinguem-se* pela simples razão de serem dois, ainda que aliás sejam perfeitamente semelhantes. Basta o número para excluir a perfeita identidade".

671

DIFICULDADE, **obstáculo**, **embaraço**, **empecilho**, **estorvo**, **impedimento**. – O **obstáculo** – diz Roq. – "faz a coisa impraticável; a **dificuldade** fá-la difícil, árdua. Enquanto duram as **dificuldades**, adianta-se pouco; enquanto subsistem os **obstáculos**, não se adianta nada, porque o que chamamos vencer um **obstáculo** é evitá-lo ou destruí-lo; e em tal caso, o ser a operação praticável consiste em que o **obstáculo** não existe já; a **dificuldade**, porém, pode vencer-se sem que deixe de existir, empregando meios superiores a ela. Há *dificuldade* em andar por um mau caminho, no meio de precipícios, porém pouco a pouco se vai adiante. Um grosso tronco derribado através da estrada, uma cheia que cobre as pontes, podem ser *obstáculos* que nos não permitam continuar a viagem". – **Embaraço** aproxima-se de *dificuldade*: é "qualquer coisa que não deixa livre a passagem, a ação, o movimento". Sentimos *embaraço* em falar quando comovidos. – **Empecilho** acrescenta à noção de *embaraço* a ideia, que sugere, de "importunação, de intuito de embaraçar e fazer dano". "As intrigas lhe criaram *empecilhos* que aumentaram os *embaraços* naturais da delicada função". – **Estorvo** exprime a ideia geral de "o tudo quanto apresenta oposição a alguma coisa". Um *estorvo* pode apenas *embaraçar*, ou pode *impedir*. – **Impedimento** é propriamente a "impossibilidade que resulta de um *obstáculo*". O *impedimento* em que está alguém de fazer o que deseja, ou de cumprir o seu dever, por motivo de moléstia, ou porque há *obstáculos* que é preciso eliminar primeiro.

672

DIFUSO, **prolixo** (ou **proluxo**), **comprido**, **longo**, **extenso**. – **Difuso** é o que fatiga, desagrada, enfastia pela excessiva minuciosidade. – **Prolixo** (ou **proluxo**) é o extenso demais, o que contém coisas supérfluas, tornando-se por isso longo e fatigante. – "**Difuso** – diz Laf. – refere-se ao mesmo tempo à quantidade e à qualidade: o que é *difuso* é extenso demais por falta de propriedade ou de justeza. – **Prolixo** só diz respeito à quantidade: o que é *prolixo* é longo demais. É simplesmente uma falta de medi-

da. Por um outro lado, **difuso** tem mais relação com a dicção, com o estilo; e **prolixo**, com as coisas ditas, com os fatos expostos. – **Difuso** anuncia antes uma superfluidade de palavras; e **prolixo**, uma superfluidade de circunstâncias naquilo que se narra. A língua francesa, com seus auxiliares e seus artigos, é *difusa*. (Cond.); chamam-se expressões *difusas* aquelas que são opostas aos termos próprios (Id.). Mas dizemos – uma carta, uma narrativa, uma memória *prolixas*, referindo-nos às coisas que aí se contêm". De **difuso**, **longo** e **prolixo** diz o nosso Roq. que "indicam os defeitos que fazem pesado e fastidioso um discurso, uma obra, o estilo de qualquer autor; mas que entre si diferem. – **Longo** ou comprido recai sobre a duração; **difuso**, sobre o modo; **prolixo**, sobre a superfluidade minuciosa de coisas inúteis. *Longo*, ou comprido, é o sermão que dura muito tempo; é *difuso* quando o pregador trata com demasiada miudeza a matéria, o ponto ou pontos de que se compõe; será *prolixo* o pregador, se multiplicar inutilmente os epítetos ou adjetivos, se usar de perífrases em lugar de definições, se ajuntar explicações acessórias inúteis e fastidiosas, detendo-se em pequenas e ligeiras circunstâncias, etc. A carta que o padre Vieira escreveu a El-Rei d. Afonso VI acerca das missões na ilha dos Nheengaybas é *longa*, mas não é *difusa*, e nenhuma *prolixidade* nela se nota. Ao *longo* ou comprido opõe-se o curto; ao *difuso*, o lacônico; ao *prolixo*, o conciso". Por sua vez, diz Bruns., tratando de **comprido**, **longo** e **extenso**: "O primeiro, se atendermos à primitiva significação do vocábulo, deve dizer-se do que chega até onde deve chegar, do que não é curto, do que tem comprimento suficiente. É por exageração deste último sentido que **comprido** se diz do que vai além de onde devera chegar, do que tem muito *comprimento*; mas note-se que para determinar esta acepção do vocábulo é necessário modificá-lo com o advérbio *muito*. Uma manga *comprida* chega ao ponto onde deve chegar; nem é curta, nem exagerada. Uma manga muito *comprida* não se pode admitir, tem comprimento excessivo. – **Longo** é mais relativo à duração que à extensão. Um *longo* discurso cansa; um discurso *comprido* talvez seja interessante. Temos gosto em receber cartas *compridas* dos nossos amigos, mas enfastiam-nos as *longas* cartas de quem não estimamos. – **Extenso** é relativo ao desenvolvimento de cada uma das partes que compõem o todo. Uma carta *extensa* pormenoriza cada um dos pontos que nela são tratados. Em mil circunstâncias, o uso confunde estes vocábulos, com especialidade os dois primeiros".

673

DIGRESSÃO, **divagação**, **distração**, **diversão**. – **Digressão** é propriamente o fato de sair, de afastar-se do ponto em que se está, do assunto principal de que se trata. Um orador que faz muitas ou repetidas *digressões* pode comprometer o efeito do seu discurso para o fim que tem em vista (pois as *digressões* afastam do tema do discurso a atenção dos ouvintes). – **Divagação** é também o ato de sair do lugar em que se está para perambular em volta; e em referência ao orador ou ao escritor, é o vício de esquecer, de deixar em segundo plano a matéria principal, distraindo-se o escritor ou o orador com outras coisas mais ou menos fora daquilo que é propriamente o seu tema. – Tratando do primeiro e dos dois últimos vocábulos do grupo, diz Roq.: "Quando *divertimos* a atenção de um objeto, em que a tínhamos ocupada, fazemos uma **diversão**. Quando de propósito nos desviamos do caminho que levávamos, ou nos apartamos do fio natural do discurso ou do negócio, fazendo como rodeio e voltando depois a ele, fazemos uma **digressão**. – A **distração** pode ser,

e muitas vezes é, involuntária; a **diversão** e a **digressão** sempre são voluntárias. Aquela sucede de ordinário em objetos de estudo, aplicação e meditação; estas verificam-se em discursos, nos negócios da vida humana, nos trabalhos de todo gênero. A inconstância ou ligeireza de nosso espírito causa com frequência a *distração*; para aliviar o espírito ou o corpo fatigado, é muito útil e talvez necessária a *diversão*; na eloquência considera-se como um vício a *digressão*, posto que às vezes é conveniente".

674

DILACERAR, **lacerar**, **despedaçar**, **espedaçar**, **retalhar**, **golpear**, **cortar**, **rasgar**, **romper**, **estilhaçar**, **atassalhar**. – Todos estes verbos têm de comum a significação de romper, reduzir a pedaços; e no sentido figurado – a de pungir, de causar moralmente uma sensação tão dura como se nos rompesse a alma. – Entre **lacerar** e **dilacerar** há apenas a diferença marcada pelo prefixo que figura no segundo. – **Lacerar** é "cortar, rasgar"; e aplica-se tanto no sentido natural como no figurado. – **Dilacerar** é "rasgar com força, ímpeto, violência, separando os pedaços". "Os cães *dilaceraram* o cadáver" (reduziram-no a postas). "O cão *lacerou* toda a criança" (rasgou-a, cortou-a). O triste espetáculo *lacera-nos* a alma; a desgraça de um filho *dilacera* a alma dos pais. – Entre **espedaçar** e **despedaçar** nota-se uma diferença análoga; *espedaça-se* dividindo em pedaços; *despedaça-se* espedaçando com violência. No sentido físico sente-se melhor a distinção: *espedaçamos* uma folha de papel, uma porção de pano, *espedaçamos* o pão, etc. (reduzimos simplesmente a pedaços); *despedaça-se* um móvel, um vaso quebrando-o de encontro a um muro; o cão *despedaçou* o gato. – **Golpear** é apenas "ferir de golpe, dar golpe contra, ou nalguma coisa". Nem sempre o golpe *corta*; pois **cortar** é abrir, separar. – **Retalhar** é *golpear* e também *cortar* muitas vezes: ferir em várias partes, ou separar em muitas porções (*retalhos*). *Golpeia-se* a árvore para extrair-lhe a seiva. *Corta-se* a árvore separando-a do tronco. *Retalha-se-lhe* o tronco para lenha. Na primeira investida, *golpeou-lhe* o flanco; em novo assalto *cortou-lhe* a mão direita; afinal matou-o, *retalhando-lhe* cruelmente a face... – **Rasgar** e **romper** concordam na significação de "abrir fenda em..., lacerar, ferir desunindo, desligando tecidos": ambos sugerem ideia de violência, e em muitos casos são sinônimos perfeitos: a farpa *rasgou* ou *rompeu* a manga do casaco. Mas **romper** significa também "quebrar, despedaçar, destruir com violência": *rompem-se* cadeias, obstáculos (e não propriamente – *rasgam-se*). Há de ser muito raro o caso em que **rasgar** se não possa substituir pelo outro. – **Estilhaçar** é "reduzir a estilhas ou estilhaços": a explosão *estilhaçou* todo o aparelho, ou o rochedo, ou a vidraça. – **Atassalhar** é "cortar em pedaços (*tassalhos*), lacerar muito". Emprega-se mais frequentemente no sentido translato: *atassalhar* a reputação, a honra, o bom nome alheio.

675

DILAPIDAR, **dissipar**, **esbanjar**, **prodigalizar**, **gastar**, **consumir**, **desperdiçar** (**esperdiçar**), **malbaratar**, **desbaratar**, **estragar**. – Dos quatro primeiros trata Bruns. nestes termos: "**Dilapidar**, que propriamente significa arruinar e espalhar as pedras arrancadas, emprega-se no sentido de gastar como perdulário, comparando essa ação com a dos vândalos, que destroem os monumentos e dispersam seus materiais. Diz-se com relação às grandes fortunas, reunidas talvez à custa de sacrifícios, e que são gastas à toa e sem o menor proveito. Aplica-se muito apropositadamente este verbo aos governos que abusiva e estultamente arruínam as nações. D. João V, que em tudo quis macaque-

ar a Luiz XIV, *dilapidou* o erário. – **Dissipar**, que se aplica às grandes e às pequenas fortunas que se consomem no luxo, nos prazeres e nos vícios, compara-as ao fumo que desaparece nos ares. – **Esbanjar** (vocábulo derivado de *bojo*, ou volume que faz a bolsa repleta) não indica um resultado tão completo como os verbos precedentes. É termo familiar, que melhor se aplica ao modo de gastar à toa e rapidamente o dinheiro que se traz consigo. – **Prodigalizar** chama principalmente a atenção para a incúria do pródigo que *dissipa* ou *dilapida* os seus bens". – **Gastar**, aqui, é "despender em excesso, e sem muito critério, mais do que o necessário, ou pelo menos sem o proveito ou a utilidade com que razoavelmente se despende". – **Consumir** é "fazer desaparecer sem deixar fruto". – **Desperdiçar** (ou **esperdiçar**) é "gastar desatinadamente e sem proveito algum, por fora, lançar de si desordenadamente". – **Malbaratar** é propriamente "dar por pouco a fortuna, os bens que se possuem, não fazer caso do seu dinheiro ou, em geral, daquilo que lhe pertence". – **Desbaratar** distingue-se de **malbaratar** pela ideia, que sugere, do "esforço, da ansiedade com que põe fora e estraga" aquele que *desbarata*. Uma pessoa que não tenha amor ao dinheiro, nem certa discrição e medida nos seus gastos, pode *malbaratar* até uma fortuna. O pródigo e estroina *desbarata* o seu patrimônio. – **Estragar** é "destruir, pôr em ruínas, desmantelar". O que se *estraga* nem sempre se perde inteiramente; mas, com certeza, quem *estraga* os seus bens, a sua saúde, a sua reputação, é que lhes causa dano.

676

DIMANAR, **emanar**, **manar**; **fluir**, **efluir**, **defluir**; **correr**, **escorrer**; **estilar**, **gotejar**, **pingar**; **exsudar**, **ressudar**, **transudar**, **ressumar** (**ressumbrar**); **escoar-se**; **golfar**, **jorrar**. – Muitos dos vocábulos aqui agrupados não são propriamente sinônimos, pelo menos em certas acepções: apenas aproximam-se, no sentido natural, pela ideia comum de sair, derivar-se, deixar a fonte. – Dos três primeiros, diz Bruns.: "Entre **dimanar** e **emanar** nota-se a mesma diferença que existe entre, por exemplo, dilucidar e elucidar: **dimanar** sendo uma atenuação de **emanar**, como este o é de **manar**. **Manar** se diz do que brota perene e abundantemente; **emanar**, do que vem com força; e, figuradamente, do que sai ou se deriva direta ou imediatamente de alguma causa poderosa; e **dimanar** do que brota serenamente; e, no sentido figurado, do que deriva mediatamente de algo. *Manam* os rios das fontes; *emanam* dos pântanos os miasmas deletérios; *dimana* o sangue do coração. É da doutrina católica que o poder de ligar e desligar *dimana*, nos sacerdotes, e *emana*, no papa, do próprio Deus". – Quanto a alguns outros do grupo, eis o que escreve fr. S. Luiz: "Empregamos estes vocábulos (**manar**, **estilar**, **pingar**, **gotejar**) para exprimir a ação com que um líquido sai, ou é lançado de um vaso ou corpo que o contém, e nisto são sinônimos; mas têm entre si diferenças mui características. Dizemos que um líquido *mana* do vaso, quando sai dele em fio, ainda que seja lentamente; que o corpo *estila* o líquido, quando deita fora, às gotas, o mais fino, o mais apurado dele; que o líquido *pinga* de um corpo, ou que o corpo *pinga* o líquido, quando este cai de cima gota a gota; e, finalmente, que o corpo *goteja*, quando dele caem gotas amiudadas. *Mana* a água da penha; o rio da fonte; o sangue da ferida; *manam* as riquezas e bens do céu sobre a terra, etc. Os olhos *estilam* lágrimas; e também se diz que deles *manam* lágrimas, quando estas correm como em fio, em maior abundância; algumas árvores *estilam* o humor de que se formam as gomas; "os lábios da mulher *estilam* doçura" (diz Arraez), etc. *Pinga* do telhado a água da chuva; *pinga* o vinho

da cuba; *pinga* gordura das carnes assadas, etc. A espada *goteja* sangue; o telhado *goteja* água, que por tempo arruína as paredes; *gotejam* os vestidos do naufragante; "*gotejam* as tranças das ninfas do mar" (Camões) etc. – Os verbos **fluir**, **efluir** e **defluir** enunciam também a ideia de "manar, sair, correr, estilar"; e só existe entre eles a diferença marcada pela prefixação dos dois últimos. O que *flui* deriva-se, corre, mana, sem ideia alguma acessória, principalmente quanto à direção que toma aquilo que *flui*. O que *eflui* emana, destila, como se irradiasse para todos os lados. O que *deflui* dimana, decorre, de um lugar determinado para certo outro lugar, e como se viesse do alto. "*Flui-lhe* dos lábios aquele doce mel de voz divina; *eflui-lhe* da fronte serena uma luz maravilhosa; *deflui-lhe* dos olhos um fulgor que nos cega"... – Entre **correr** e **escorrer** só há a diferença que consiste em dar o segundo desses verbos a ideia de que há uma causa atual, positiva, que faz correr. *Corre* o rio (não – *escorre*); *escorre* o sangue da ferida que se espreme. – Os verbos **exsudar**, **ressudar**, **ressumar** (ou **ressumbrar**) e **transudar**, quase que se pode dizer, são aplicados indistintamente; e, de fato, não é sensível a diferença que se pode notar entre eles, pois todos significam "sair, verter, vir para fora". Mas o que *exsuda* sai como o suor, verte pelos poros; o que *ressuda* sai com mais força; o que *ressuma* (ou *ressumbra*) sai como por efeito de pressão, como aquilo que *escorre*; e o que *transuda* verte com esforço. – **Escoar-se** enuncia a ideia geral de passar (um líquido) lentamente de um lugar para outro; e no sentido translato, a de ir passando, desaparecendo, sumindo-se. *Escoa-se* a água de um vaso; *escoam-se* as horas, os dias, *escoa-se* o tempo, etc. – **Golfar** é sair, correr às golfadas; e **jorrar** é sair com ímpeto. Feriu-lhe o peito e *golfou* um sangue negro. Bateu com a lavanca, e do rochedo *jorrou* água.

677

DIREITO, **jurisprudência**. – Segundo Bourg. e Berg. – "estas duas palavras significam, guardando umas tantas diferenças, a ciência das leis. – **Direito** (do latim *directus* 'dirigido, direto') é absoluto e geral; é a ciência das leis consideradas em sua essência, em suas relações com a moral e o *direito* natural, e relativamente ao fundo: o *direito* das gentes é o conjunto das leis que regulam as relações dos povos entre si; o *direito* romano é o conjunto das leis romanas, a concepção que os romanos tiveram do *direito* natural aplicado às relações sociais; o *direito* privado, o *direito* público formam igualmente um conjunto que dá a esta expressão sua significação geral. – **Jurisprudência** (do latim *jus, juris* 'direito', e *prudentia* 'ciência') é um termo relativo e particular, tendo relação com a forma, com as regras do direito, com os detalhes, com os usos, e com a aplicação da lei em tal ou tal caso, em tal ou tal país: a *jurisprudência* romana não é somente o conhecimento das leis romanas, mas também o da interpretação que faziam delas os tribunais e os jurisconsultos romanos. É no mesmo sentido que se diz: a *jurisprudência* de tal autor, de tal comentador, de tal legista; a *jurisprudência* da Corte de Apelação; a *jurisprudência* do Supremo Tribunal – isto é – a tradição seguida por esses tribunais na interpretação e aplicação da lei. – A **jurisprudência** pode, pois, variar, pois que ela depende das opiniões humanas; o **direito**, que deriva da moral, tem regras absolutas e imutáveis".

678

DIREITO, **justiça**. – A ideia comum a estes dois vocábulos, na acepção em que neste grupo são tomados, é – diz Laf. – a de significar a maneira – *direita, justa* – de proceder para com outrem. – **Direito** (de *directum, rectum, regere* "reger", e daí *regra* "o que serve

para guiar, para fazer ir *direito*") significa uma coisa. – **Justiça** é um termo abstrato, usado só no singular, e que exprime propriamente uma qualidade. – O **direito** é, pois, uma coisa, e a **justiça** uma qualidade – a qualidade dessa coisa. "Haverá um *direito* que se funde verdadeiramente na natureza e do qual se possa demonstrar a *justiça* por princípios tirados do conhecimento do homem?" (D'Ag.). – Das mesmas palavras diz o nosso Roq.: "O **direito** é o objeto da **justiça**, isto é, o que pertence a cada um. A **justiça** é a conformidade das ações com o **direito**; isto é, dar e conservar a cada um sua propriedade. – O **direito** é ditado pela natureza, ou estabelecido pela autoridade divina ou humana; pode variar algumas vezes segundo as circunstâncias. A **justiça** é a regra (o princípio) que é necessário seguir: não varia nunca".

679

DIRIGIR, **guiar**, **conduzir**, **levar**. – Têm de comum estes verbos a ideia de "encaminhar, fazer seguir para algures, orientar, ou mesmo assistir, proteger na viagem". – **Guia-se**, no entanto, "mostrando, ensinando o caminho, indo diante; **dirige-se** encaminhando, instruindo, dando direção de qualquer modo que seja; **conduz-se** dirigindo, regulando a marcha como chefe; **leva-se** conduzindo pela mão, ou ajudando a andar, dando forças, metendo ânimo, e talvez arrastando por força. O postilhão inteligente *guia* bem ao correio que não sabe o caminho. O pai, o mestre, o aio, o mentor *dirigem* com proveito o filho obediente, o discípulo dócil, o aluno aplicado, na carreira da educação e dos estudos. Um bom piloto *conduz* bem o navio ao porto. *Leva* o coronel seu regimento ao combate. – **Guiar** faz relação diretamente aos meios; **conduzir**, ao fim. Um traidor *guia-nos* por um atalho, para *conduzir-nos* ao sítio onde está emboscado o inimigo. – **Dirigir** faz relação a um termo, a um fim determinado. Quem *guia* e *conduz* vai em pessoa; o que *dirige* pode dar os sinais, ou a direção, sem ir ele próprio. **Levar** indica dispor do objeto à sua vontade ou de sua marcha, e às vezes tomando-o nos ombros ou nos braços. A bússola *guia* ao navegante; o piloto *conduz* o navio; o leme o *dirige* na derrota; os ventos, enfunando as velas, o *levam* ao porto".

680

DISCERNIMENTO, **juízo**, **critério**, **tino**, **consciência**, **inteligência**, **sentido**, **senso**, **perspicácia**, **sagacidade**. – Todos estes vocábulos sugerem ideia de finura, capacidade, segurança, no entender, no julgar, no distinguir, no apreciar comparando. Dos dois primeiros dizem Bourg. e Berg.: "O **discernimento** (do prefixo *dis* e do verbo latino *cernere* "ver") é a qualidade do espírito pela qual se apercebem todos os detalhes de um objeto, todas as diferenças que distinguem uma coisa de outra; em uma palavra, é uma nítida visão das coisas em suas partes e seu conjunto, e que permite classificá-las segundo o respetivo valor. É sobretudo à teoria e à moral que se aplica este termo: o **discernimento** nos faz distinguir o bem do mal, o verdadeiro do falso; o **discernimento** é uma qualidade indispensável ao artista, ao crítico, para bem fazer a escolha das partes que constituem uma obra, e para bem apreciar. O **juízo** é uma qualidade do espírito que tem por base o **discernimento**, mas que leva mais longe, que ultrapassa a teoria para ir até à prática. É a faculdade pela qual, depois de haver *discernido*, se compara e se *julga* – isto é – se apreciam as condições relativas das diversas coisas, e se decide o que se há de fazer, segundo as luzes e os processos da razão. O **juízo** é necessário, não para distinguir o bem do mal, mas para decidir o que é preciso fazer; aplica-se, portanto, aos atos, à conduta: um homem de bom senso mostra sempre um grande *juízo* em todas as

suas ações; um estouvado obra sem *juízo*; não tem, em sua conduta, nenhum *juízo*". – **Critério** é uma faculdade semelhante ao **discernimento**: distinguindo-se este, no entanto, por ser uma qualidade própria do espírito, ou do espírito em si mesmo. **Critério** não designa mais do que o *juízo* suficiente para entender, deliberar, escolher, fundado em razões que se apuraram. Num sentido mais restrito, **critério** é qualquer coisa de semelhante a "medida, bitola, craveira do nosso espírito, ou pela qual se regula o nosso espírito em qualquer esfera de aplicação". – **Tino** é como "uma subtileza, um instinto, uma aptidão natural para sentir a, para dar com a verdade; é um como discernimento congênito para entender." – **Consciência**, aqui, não é mais que "apercebimento do que se quer, do que se diz, do que se faz." – **Inteligência**, neste grupo, é a "compreensão clara, e como que instintiva, do que convém". – **Sentido** é aqui, como **consciência**, a "atenção com que se está, com que se obra, com que se olha, etc. Meteu-se no perigo sem *sentido*, ou sem *consciência* do que fazia. – **Senso** é "o tino, a inteligência, a habilidade natural com que se entende". Tem-se ou não se tem o *senso* do justo, o *senso* estético, o *senso* religioso, etc. – **Perspicácia** é como que "a inteligência pronta, a visão rápida das coisas, o dom natural de entender como pelo simples olhar. – **Sagacidade** é a firmeza de senso, a aptidão natural do espírito para descobrir o que está oculto; aptidão que, por isso mesmo, se compara ao faro de muitos animais".

681

DISERTO, **elegante**, **eloquente**, **facundo**, **claro**, **expressivo**, **brilhante**. – Dos quatro primeiros, diz Roq.: – "Se **elegante** é o mesmo que composto, adornado, culto, sem afetação, seleto e esmerado; se **eloquente** é o bem e perfeitamente falado, com *elegância*, pureza e *facúndia*: é preciso olhar como rigorosamente sinônimas estas duas vozes, porque nestas duas aplicações só se descobre uma mesma ideia, isto é, a de graça e beleza na elocução. Porém isto parece convir peculiarmente à **elegância**, a qual consiste na formosura do estilo, na boa escolha das palavras, na perfeita construção das cláusulas, porque seu objeto é agradar; e não à **eloquência**, a qual consiste na energia do discurso, na escolha das razões, na eficácia dos argumentos, porque seu objeto é persuadir. Cícero é *elegante* em suas epístolas, *eloquente* em suas orações. Vieira é sempre *elegante* em suas cartas, e por vezes *eloquente* em seus sermões. Em *elegância* excedeu-se a si mesmo na censura à terceira parte da *História de S. Domingos* de fr. Luiz de Souza; em *eloquência* passou adiante a todos os oradores cristãos no sermão contra as armas de Holanda, pois quis converter a Deus. – **Facundo** é palavra latina (*facundus*, de *fari* 'falar') e designa propriamente o homem bem-falante, copioso no falar, que tem boa elocução. Distingue-se de **eloquente** em que esta palavra se refere quase sempre à eloquência considerada como arte, e aquela ao dom de bem-falar de que a natureza dotou a muitos homens, podendo citar-se com particularidade Ulisses, que por isso tem o epíteto de *facundo*. A diferença que fazemos entre **eloquente** e **facundo** parece autorizar-se com aquele lugar de Suetônio: *Eloquentiæ, attendit Caius, quantumvis facundus*, "Caio aplicou-se à *eloquência*, posto que fosse *facundo* (*In vitâ*, 53). Camões sentiu bem a diferença que vai de **elegante** a **facundo**, naqueles formosos versos em que fala de d. Nuno Álvares Pereira:

> A'quelas duvidosas gentes disse.
> Com palavras mais duras que *elegantes*,
> A mão na espada, irado, e não *facundo*,
> Ameaçando a terra, o mar e o mundo.
>
> (*Lus.*, IV, 14)

– Diserto é palavra latina *disertus*, mui apropriada para designar certo grau mais perfeito de *elegância*, que não é *facúndia* nem *eloquência*. O que é *elegância* do estilo junta a propriedade dos termos e a variedade das expressões, e sabe disseminar os ornatos com acerto e simetria – esse será *diserto*; tal é a ideia que dele nos dá Varrão, dizendo: *Ut ositor disserit in areas cujusque generis fructus, sic in oratione qui facit, disertus*; "Assim como o hortelão semeia hortaliças e legumes em seus canteiros segundo suas espécies, de igual modo faz na oração o *diserto*". O ser *diserto* é qualidade muito apreciável em quem escreve tratados didáticos e filosóficos. Cícero, *elegante* em suas epístolas, *eloquente* em suas orações, é *diserto* em seus tratados filosóficos; Vieira, sempre *elegante* em suas cartas, e por vezes *eloquente* em seus sermões, é *diserto* em seus Papéis pragmáticos". – É **claro** o "que se torna fácil de entender". É **expressivo** o "que está formulado pelos termos próprios". É **brilhante** o "que reúne as condições do expressivo, claro, radioso". Dicção *clara*, ideias *claras*. Forma *expressiva*. Estilo *brilhante*.

682

DISPENDIOSO, custoso, caro. – **Dispendioso** dizemos do que "importa em muito, em grande despesa". – **Custoso**, do que é "difícil pelo custo exagerado". – **Caro**, do "que tem preço acima do real valor". O que é *dispendioso* pode não ser *caro*; e nem sempre o *caro* será *dispendioso*. O mesmo se pode dizer de **custoso** e **caro**. Um livro do preço de dois mil-réis, e pelo qual nos pedem três – é *caro*; mas não é *custoso*. Um terno de casaca muito fino vale quatrocentos, quinhentos mil-réis: *custa* muito, é *custoso*; mas não será *caro* (desde que o preço ou o custo não está acima do valor). Uma longa viagem pela Europa será *dispendiosa*. Só será *custosa* conforme as condições do viajante.

683

DISPENSA, licença, escusa, isenção (exenção), imunidade, liberdade, direito, regalia, prerrogativa, privilégio, franquia. – De alguns destes vocábulos tratam Bourg. e Berg. nestes termos: – "A **liberdade** é o direito de se determinar e de agir segundo a própria vontade; esta palavra exprime um poder positivo, concernente à própria pessoa, e indicando que ela é senhora de fazer e de decidir o que quer. A *liberdade* de um povo consiste no direito que ele tem de fazer por si mesmo as suas leis, de governar-se como entende, segundo a constituição que a si mesmo se deu, e que à sua vontade poderá modificar. As **franquias** diferem das **liberdades** por exprimirem um direito negativo – o de ser dispensado, isento de certas obrigações, de certas imposições – direito reconhecido e apoiado no costume e na tradição. As *franquias* de uma cidade, de uma província, consistem no direito, reconhecido a essa cidade, a essa província, de não pagar certos impostos, de possuir certas *liberdades* determinadas, de se administrar por si mesma, de eleger seus magistrados, de não fornecer tal ou tal contribuição, etc. Esta palavra implica, pois, mais uma certa dose de autonomia administrativa do que propriamente de *liberdade* política. As comunas da Idade Média gozavam *franquias* estipuladas nos respetivos forais, mas não eram independentes do poder real. – **Imunidade** (do latim *immunis* 'que não está sujeito a um encargo) exprime um direito excepcional, mas fixo e determinado, concedido a uma coletividade, a uma corporação, a uma cidade, e que importa a dispensa de certas obrigações, de certos encargos impostos aos outros. A Igreja tem sempre gozado de *imunidades* recusadas às outras ordens do Estado. A **imunidade** é, pois, um privilégio coletivo, e cujo efeito é permanente e passa de geração a geração. – A **exenção** (ou **isen-**

ção) e a **dispensa** são privilégios particulares, direitos excepcionais, ou melhor – derrogações do direito comum feitas em favor de uma pessoa. Distinguem-se estas duas palavras uma da outra pelo caráter passivo de **exenção**, e o caráter ativo de **dispensa**. A **exenção** (do latim *eximere* 'libertar, desligar') consiste em fazer livre, desembaraçar daquilo que pode ser considerado como um fardo, uma coisa difícil de suportar: é motivada por uma razão – a fraqueza daquele que está *exento* (ou *isento*) dos serviços devidos, e dos quais tem *exenção* como recompensa. A *exenção* dos impostos era concedida a Atenas, aos cidadãos que tinham prestado à pátria grandes serviços. A **dispensa** (do latim *dispensare* 'distribuir') consiste em conceder um favor que permite não fazer aquilo que os outros são obrigados a fazer, ou de fazer aquilo que outros não podem ou não têm o direito de fazer. É uma permissão excepcional que tem origem no bom grado, e que se pode conceder sem motivos: a *dispensa* do serviço militar tem sido muitas vezes concedida a moços que não tinham nenhum direito a um privilégio. – A ideia comum a **prerrogativa** e **privilégio** é a de uma vantagem concedida pela lei ou pelo uso a um indivíduo, ou a uma classe de indivíduos, com exclusão dos outros indivíduos ou das outras classes. A **prerrogativa** (do latim *præ* 'antes', e *rogare* 'pedir') – por alusão ao direito da primeira centúria romana à qual se pedia antes o sufrágio – tem relação com a classe, e designa toda vantagem de honra, de distinção, de dignidades, que a uma pessoa dão o nascimento, a ordem ou a classe de que essa pessoa faz parte: as *prerrogativas* dos príncipes de sangue; as *prerrogativas* da nobreza; as *prerrogativas* da magistratura são as honras, as dignidades, as precedências de que gozavam os príncipes de sangue, os nobres, os magistrados; os grandes de Espanha têm a *prerrogativa* de se cobrir diante do rei. – O **privilégio** (do latim *privus* 'privado' e *lex* 'lei') é propriamente uma lei feita em favor de um particular, e que o põe fora ou acima da lei comum e lhe concede vantagens especiais, como isenção de certos encargos, do serviço militar, de impostos que pesam sobre os não privilegiados; ou que dá direito a certos favores que os outros não podem ter. O **privilégio** tem, pois, relação com o interesse, e resulta de decisões tomadas, de concessões feitas: os nobres tinham o *privilégio* de não pagar a finta; os membros do clero têm o *privilégio* de escapar às leis militares; a casta dos guerreiros tinha, entre os Egípcios, o *privilégio* de só ela usar armas; alguns dignitários tinham o *privilégio* de só poderem ser julgados por juízes especiais". – **Licença** e **escusa** em muitos casos aproximam-se de **dispensa** e de algum outros do grupo. Quem pede *licença* pede permissão para fazer ou para não fazer alguma coisa que era de sua obrigação. Quem pede **escusa** pede que o desobriguem, que o *dispensem* de algum serviço a que está obrigado. O menino tem *licença* para sair, ou de sair (é livre, tem *liberdade* de sair). O oficial conseguiu *escusa* do trabalho durante três dias (conseguiu que o *dispensassem*, conseguiu *dispensa*...). – **Direito** em certas acepções confunde-se com **liberdade**. Tem F. o *direito* (ou a *liberdade*) de andar na rua. F. vai ao comício exercer os seus *direitos* (ou as suas *liberdades*). *Direitos* do povo – equivale a – *liberdades* do povo. – **Regalia** é propriamente o "direito próprio, inerente à dignidade de rei". Por extensão, designa "liberdade, imunidade, prerrogativa, privilégio; direito, em suma, que não é comum a todo mundo". Já se foram as velhas *regalias* da nobreza de sangue. Ele tem, ele exerce desassombrado as *regalias* do talento.

684

DISSEMINAR, semear, espalhar, difundir, derramar, distribuir. – *Dissemina-se*

a instrução pelo povo; *disseminam-se* falsas ideias. Emprega-se também frequentemente este verbo com o sentido de *dispersar*. A autoridade mandou *disseminar* a multidão. – *Semeia-se* o trigo; também se *semeiam* ideias (no sentido figurado). – *Espalham-se* aquelas coisas que se não querem juntas ou reunidas. – *Difunde-se* aquilo que se deseja propagar, espalhar, fazer que se estenda a todos. – *Derrama-se* lançando de si, esparzindo-se o que se tem abundante. "O soberano *derramou* sobre nós as suas munificências"... – *Distribuem-se* as coisas que se repartem por todos. Mandou-se *distribuir* as munições. Fez *distribuir* pão pelos pobres.

685

DITAME, conselho, parecer, opinião, voto. – **Ditame** é "um conselho que se nos impõe, que tem a força da autoridade, o prestígio da razão". – **Conselho** é "a inspiração que nos vem da sabedoria, da experiência, do bom senso". – **Parecer** é "o modo de ver, a apreciação que vem daquele que se consulta, em regra, com a autoridade que resulta das funções que exerce". – **Opinião** é "um parecer individual, um modo de ver que resulta do direito que tem cada um de pensar como entende e que, portanto, só tem uma importância relativa à pessoa, ou ao critério e competência da pessoa que *opina*". – **Voto** é "a manifestação do que se quer, ou da opinião que se tem". – Ouvem-se os *ditames* da consciência, da moral; não se dispensa o *conselho* do sábio; pede-se o *parecer* de um amigo, ou funda-se uma resolução no *parecer* que nos deram; respeita-se a *opinião* alheia, mesmo que seja absurda; dá-se *voto* num caso que está sujeito a nosso juízo e deliberação.

686

DIVIDIR, repartir. – "Ambas estas palavras – diz Bensabat – significam partir em diversas partes, separar as diversas partes de um todo; porém **dividir** não indica precisamente senão a desunião do todo para formar partes mais simples; e **repartir**, além da desunião do todo, tem uma certa relação com a união própria de cada parte para delas formar novos grupos particulares. *Divide-se* o todo, ou o inteiro, em duas, em três, em muitas partes. "As companhias compunham-se de 250 homens *repartidos* por dez esquadras". (R. da Silva). – **Dividir** é simplesmente – partir em diversas partes; e **repartir** é dividir em partes, separar por partes, distribuir. Diz-se, portanto: *dividir* um círculo, uma linha; *repartir* uma herança, o lucro de um negócio. *Divide-se* o argumento de um sermão em três partes; *reparte-se* a riqueza entre os pobres".

687

DIVISA, emblema, símbolo, empresa, tenção; insígnia, distintivo, lema, signo, sinal, brasão. – Dos cinco primeiros escreve S. Luiz: – **Símbolo** é em geral qualquer imagem sensível, que representa, ou com que representamos um objeto espiritual. O **símbolo** deve ter alguma ligação com o objeto representado, ou esta seja natural ou convencional. A pomba é *símbolo* natural da simplicidade; o tigre, da ferocidade; a serpente, da prudência, etc. O caduceu é *símbolo* convencional da eloquência; a oliveira, da paz; o louro, da vitória, etc. – **Emblema** é propriamente um quadro composto de uma, ou mais figuras, que representam um pensamento moral ou político. O **emblema** é rigorosamente uma metáfora, ou alegoria, que fala aos olhos; e requer que as figuras tenham analogia, ou semelhança natural com o objeto representado. A imagem da pomba fazendo o seu ninho dentro de um capacete militar é o *emblema* da paz. Uma mulher esbelta e leviana, com um pé no ar, e tocando apenas com a ponta do outro uma roda, ou

globo, levando nas mãos um véu enfunado pelo vento, é o *emblema* da fortuna, etc. Um **emblema**, cujo sentido se não alcança facilmente, degenera em enigma. – **Divisa** é um símbolo adotado para discernir e distinguir uma pessoa, ou corporação, designando o seu caráter, o seu sentimento dominante, ou também alguma ação notável e característica, ou finalmente o principal emprego a que essa pessoa, ou pessoas se destinam. Ordinariamente é a **divisa** acompanhada de uma letra, ou mote, e algumas vezes só a letra ou mote constitui a **divisa**. O pelicano tirando o sangue do próprio peito para alimentar os seus filhinhos, com a letra – *pela lei, e pela grei* – era a *divisa* de D. João II. A esfera acompanhada do mote – *talent de bien faire* – era a *divisa* do ilustre Infante D. Henrique. O príncipe Eugenio tomou para *divisa* uma águia com esta letra – *natus ad sublumia*. – Empresa é a representação emblemática das façanhas, ou virtudes heroicas dos varões ilustres. Uma série de *empresas*, alusivas às ações grandes de um homem ilustre, compõem a sua história. – **Tenção** é uma divisa alusiva ao pensamento, ou desejo, que alguma pessoa tem, de empreender feitos altos e gloriosos". – **Insígnia** é o emblema, ou o sinal que representa a dignidade, a hierarquia, ou as funções; e que se supõe sempre alçada para ser vista, como sugere Camões nestes versos:

> No trajo a grega usança está perfeita,
> Um ramo por *insignia* na direita.
> (*Lus.*, VII, 75)

– Distintivo é o "sinal próprio que distingue alguma pessoa, seita ou corporação". Ele traz ao peito o distintivo do clube. – **Lema** é a letra ou a sentença que serve de divisa a um partido, a um sistema, a um povo. O *lema* dos Inconfidentes de Minas – *Libertas qua sera tamen*. O *lema* **Ordem e progresso** da nossa bandeira. – **Signo** e **sinal** só poderiam distinguir-se pela propriedade com que o primeiro marca ou exprime um caráter, ou uma qualidade permanente ou mais da natureza própria da coisa ou pessoa que se distingue. Ela tem na fronte aberta e majestosa um *signo* de excelência divina. Vejo nos ares uns *sinais* de tormenta. Vimos no alto do monte o *sinal* convencionado. – **Brasão** – define Aul. – "distintivo e insígnias de famílias nobres, ou de pessoas a quem é conferido por merecimentos distintos e altos feitos". Propriamente, o **brasão** representa as tradições das grandes famílias; como faz Bocage sentir nestes versos:

> Vêm de heróes, quais não viu Cartago [ou Roma,
> De seus avós, andantes cavaleiros,
> A chusma de *brazões* não cabe em soma.

688

DÓCIL, obediente, manso, pacífico, brando, submisso, flexível, doce, tratável, macio, meigo, suave; docilidade, obediência, mansidão, brandura, submissão, flexibilidade, doçura, macieza, meiguice, suavidade. – É **dócil** o ânimo que facilmente se afaz ao que é necessário. A **docilidade** é uma qualidade moral, que corresponde à **doçura** como qualidade física. Dizemos que o açúcar é *doce*; ou – a *doçura* do açúcar (e não – *dócil*; nem – *docilidade*). Por outro lado, dizemos: menino *dócil*; ou – a *docilidade* do menino (e não – *doce*; nem – *doçura*). Dizemos ainda: *doces* palavras (e não – *dóceis*); *doçura* de voz (e não – *docilidade*). Em suma: **doce** e **doçura** aplicam-se, tanto no sentido concreto como no abstrato; **dócil** e **docilidade**, só no abstrato, isto é, como indicando qualidade moral. – **Obediente** (latim *obediens*, *entis*, de *obedire* = *ob* + *audire*) é o que se faz dócil, solícito em atender ao que se lhe ordena. A **obediência** pode

comparar-se com a **submissão**, como faz Roq. nestes termos: "A **obediência** é a ação de obedecer; a **submissão** é a disposição habitual a obedecer. Neste último sentido é que são sinônimos a **obediência** e a **submissão**; com esta diferença: a **obediência** indica particularmente o costume de obedecer às ordens, aos mandados conforme se nos ditam; e **submissão** indica uma disposição geral e permanente, não só para executar as ordens e os mandados, senão também para conformar-nos com todas as vontades, desejos e inclinações dos outros de qualquer modo que se deem a conhecer. Pela **obediência** executam-se as ordens que se recebem; pela **submissão** estamos naturalmente dispostos a executá-las. A **obediência** recai sobre a ação mesma; a **submissão**, sobre a disposição interior do ânimo. Uma pessoa pode *obedecer* sem estar *submissa* (posta sob a autoridade de outrem), isto é, sem dobrar sua vontade à de outro; neste caso a **obediência** é involuntária e forçada; a **submissão**, ao contrário, supõe sempre disposição à obediência, e a promete. – **Manso**, no sentido físico, que é o próprio, pode comparar-se a **submisso**. A **mansidão** (latim *mansuetudo* de *mansuetus*, p. p. de *mansuesco*= *manus* + *suesco*, significando *suesco*, *escere* "afazer-se, acostumar-se") consiste na docilidade com que se obedece, na brandura natural com que se aceita o mando de outrem. No sentido figurado, **manso** é o "que tem índole pacífica, o que é humilde e suave de coração para receber as inspirações, os conselhos, as ordens de outros, para suportar com calma e resignação os males da vida". – **Pacífico** é "o que tem índole inclinada à paz; que se mostra de ânimo sereno". Homem *pacífico*; povos *pacíficos*; tendências, ideias, disposições *pacíficas*. – **Brando** e **flexível** podem aproximar-se pela significação comum de – fácil de dobrar. A **brandura**, no entanto, é uma qualidade mais nobre. O superior pode ser *brando* com o subalterno (não – *flexível*). A **flexibilidade** pode confundir-se com a dobrez, com a subserviência. Um ânimo *flexível* pode, em certos casos, entender-se por servil, obnóxio. A **brandura** é sempre uma qualidade excelente e confunde-se com **mansidão**. – **Brando** é comparável também a **suave**, tanto no sentido moral como no físico. *Brandura* ou *suavidade* de alma; voz *branda* ou *suave*; *suave* ou *branda* aragem. Deve notar-se, no entanto, que o **suave** tem alguma coisa de grato, delicioso. Perfume *suave* (não – perfume *brando*). – **Macio** designa particularmente – o que é suave, agradável ao tato. No sentido moral, aproxima-se de **tratável**, pois **macio** é aquele que é doce, brando, delicado no trato. Nem sempre será, no entanto, a **macieza** (ou **maciez**) uma qualidade excelente, própria das índoles nobres e sãs, pois muitas vezes se toma esta palavra para indicar a afetação com que se mostra alguém *macio* por astúcia. Nunca estará em semelhante caso o adjetivo **tratável**. – **Meigo** é "o que é simples, ingênuo, grato e bom". A **meiguice** é uma qualidade própria da inocência, como já ficou dito em outra parte. *Meigo* semblante de anciã; *meiguice* de anjo; *meigas* crianças.

689

DOMICÍLIO, morada (**moradia**), **residência**; **estada** (**estadia**), **detença**, **permanência**, **assistência**, **demora**, **parada**. – **Morada** é o lugar onde se *mora*, isto é, onde se vive habitualmente. – **Domicílio** é "o lar, a casa da família, a residência do cidadão"; " é – diz T. de Freitas (*Voc. jur.*, 59) – o lugar jurídico, onde o Direito supõe existir cada uma das pessoas para o fim de saber-se quais as leis a ela aplicáveis, quais os juízes da sua jurisdição"... – **Residência** é "a morada fixa, também para efeitos jurídicos": razão pela qual mui frequentemente se confunde com **domicílio**. Mas a **residência**, além de outras

distinções, sugere ideia de tempo, de prazo legal. Para exercer certos direitos políticos precisa-se de *residência*, ou de tantos anos de *residência* no lugar onde se devem exercer tais direitos. *Domicílio* tem-se onde se está. *Residimos*, ou temos *residência* no Rio; *moramos*, ou temos a nossa *morada* em Botafogo. Mudamos a nossa *morada* para S. Cristóvão. Não mudamos por isso de *residência*, nem mudaremos enquanto estivermos no Distrito Federal; não mudamos propriamente de *domicílio*, pois o *domicílio* está onde nós estamos. Uma família que chegou ontem ao Rio tem já *morada* e *domicílio*: tem *morada* porque parou, porque *mora* algures; tem *domicílio* porque o lugar onde se abrigou está, desde o momento em que aí se recolheu, amparado pelas leis. Mas essa família não tem *residência* propriamente, pelo menos para certos efeitos jurídicos. O chefe dessa família, antes de ter uma *residência* determinada, não poderá, por exemplo, ser eleito intendente municipal. – **Moradia**, fora da acepção própria que esta palavra tinha outrora, é mais o prazo da **morada**, e por isso não se confunde com esta. A nossa *moradia* foi curta em Belo Horizonte (isto é – o tempo de *morada* ali) e não – a nossa *morada* foi curta. – Os outros vocábulos do grupo têm de comum com **residência** e **moradia** (não com **domicílio** nem **morada**) apenas a particularidade de sugerir a ideia de estar, de fazer estação em alguma parte. – Estada é propriamente o ato de estar algures. Há entre estada e estadia uma diferença análoga à que se nota entre morada e moradia; sendo estadia o tempo que dura a estada. No dia da nossa *estada* em Petrópolis não choveu. Tivemos de levar, ou de fazer longa *estadia* no Pará, devido ao mau tempo. – Com **estadia** confundem-se **demora** e **parada**; mas estes acrescentam alguma coisa ao sentido do primeiro: **demora** indica retardamento, pausa feita na viagem em que se vai, interrupção talvez forçada da viagem; **parada** sugere ideia de cessação momentânea da marcha em que se ia. O tempo nos obrigou a repetidas *paradas*; felizmente não tivemos longa *demora* em parte alguma: o que nos permitiu uma *estadia* de três semanas no esplêndido arraial. – **Detença** é demora, estação, estadia forçada. – **Permanência** é o ato de permanecer, de ficar em alguma parte durante algum tempo: sugere a ideia de que, por mais longa que seja a estação, sempre se supõe que não é definitiva. – **Assistência** é a permanência junto de alguém, ou em alguma parte por algum motivo ou com algum fim que interessa à coisa ou pessoa a que se assiste.

690

DONO, **proprietário**, **senhor**; **detentor**, **possuidor** (**posseiro**), **retentor**; **domínio**, **propriedade**, **senhorio**; **detenção**, **posse**, **possessão**, **retenção**. – Dos três primeiros vocábulos deste grupo diz Roq.: "**Proprietário** faz relação a **propriedade**, e contrasta com usufrutuário, rendeiro, inquilino". – **Dono** exprime particularmente a ideia de elevação e superioridade, e tem significação mais extensa; pois *dono* da casa nem sempre é o *proprietário* do edifício material, mas indica sempre o pai ou o chefe de família, que é o primeiro, e governa em sua casa. Diz-se proverbialmente que – "onde não há *dono* não há dó"; – mas não se dirá no mesmo sentido – "onde não há *proprietário*..." – **Senhor** junta à ideia de elevação a de dominação, autoridade e poder; contrasta com servo, ou escravo, e tem significação ainda mais extensa que dono, pois um rei é *senhor* do seu reino, dos seus domínios, etc.; um morgado é *senhor* de terras, etc.; os príncipes foram noutro tempo *senhores* da vida e da morte de seus vassalos; cada um de nós é *senhor* da sua vontade. Acrescentemos que **domínio** é propriamente "o poder do dono"; e também, num sentido mais restrito, é a própria

coisa sobre que o *dono* exerce esse poder. O mesmo se dá com **propriedade**, que "é o direito – define Pereira e Sousa (*Dic.*) – que cada um dos indivíduos, de que se compõe uma sociedade civil, tem sobre os bens que adquiriu legitimamente"; e também a própria coisa sobre que o **proprietário** exerce esse direito. Pode-se ainda entender do mesmo modo o outro termo, **senhorio**, que é a "autoridade de **senhor**", e também pode ser a própria coisa sobre que se exerce essa autoridade. – **Detentor**, segundo T. de Freitas, é "quem possui, não em seu próprio nome, mas em nome de outrem; como o inquilino, o locatário, o arrendatário, o depositário, o comodatário, etc."; sendo, portanto, **detenção** "a posse de alguma coisa por quem é só **detentor**: isto é – sem ânimo de possuir", ou de fazer-se proprietário. Segundo o mesmo autor – **retenção** é "o direito do possuidor para conservar na sua posse coisa cuja restituição se demanda em juízo; e, de ordinário, por causa de benfeitorias, como acontece a favor de arrendatários em certos casos". – **Posse** (*Dic.* de Per. e Sousa) "é a detenção de alguma coisa com ânimo de a ter para si: consistindo, porém, a **posse** em fato, e o **domínio** em direito; adquirindo-se a **posse** pela ocupação, devendo acrescer no **domínio**, além disto, título hábil". Observa Ferreira Borges (*Dic.*) que "não sendo senão pela **posse** que cada um tem as coisas em seu poder, e delas usa e goza, daí vem empregar-se frequentemente a palavra **posse** no sentido de **propriedade**; e, todavia, são coisas muito diferentes, e que não se devem confundir. Quando eu tenho a simples **detenção** de uma coisa, estou na **posse** alheia, como o depositário, o arrendatário, etc. Como só pela **posse** é possível exercer o direito de **propriedade**: segue-se que a **posse** se acha naturalmente ligada à **propriedade**, e dela não pode separar-se". – Entre **posse** e **possessão** só se nota a diferença que consiste no fato de **possessão**, aqui, designar a própria coisa sobre que se tem o direito de **posse**. "Angola é uma das melhores *possessões* portuguesas" (dos melhores *domínios*...). Também se diz – *posse* – em casos semelhantes, como: "Ao descer pela costa, fomos ouvindo repetidamente que tudo aquilo era *posse* de El-Rei de Espanha" (era ocupação, ou era terra de que, se *apossara* El-Rei...). Mas dizemos: estar na *posse*, ter a *posse*, conquistar a *posse* de – (e não – a *possessão* de...). – Entre **possuidor** e **posseiro** não poderia haver confusão. – **Possuidor** designa em geral "o que está na posse efetiva de alguma coisa, sem enunciar que seja ou não legítima essa *posse* (isto é, que se trate de simples *detenção* ou de *propriedade*). Por isso, toma-se comumente o termo **possuidor** como sendo o mesmo que **dono**, **senhor**. F. é *possuidor* de grande fortuna. E, no entanto, a mesma distinção que se faz entre **posse** e **propriedade** é necessário admitir entre **possuidor** e **proprietário**. – **Posseiro** é propriamente o que se propõe fazer, ou que está fazendo, pela *posse*, o seu direito de *propriedade*: direito que neste caso resulta da conversão da *posse* natural em *posse* civil, ou da *posse* material em *posse* jurídica. No Brasil os antigos *posseiros* fizeram-se *proprietários* (legítimos *possuidores*) desde que registraram devidamente as terras ocupadas, e preencheram outras condições da lei.

691

DONZELA, **moça**, **rapariga**, **menina**. – **Moça**, segundo S. Luiz, "refere-se propriamente à idade, e significa em geral – mulher de pouca idade. – **Donzela** é diminutivo de dona (do baixo-latim *dominicella*, diminutivo de *domina*) e significa originariamente *moça nobre*. Neste sentido o tomou Camões, quando disse, falando da desditosa Ignez de Castro (*Lus.* C. III, est., 134):

Tal está morta a palida *donzela*,
Secas do rosto as rosas...

entendendo por donzela – moça nobre, linda e mimosa – ainda que já mãe de filhos; bem como os antigos entendiam por *donzel* – moço nobre –, e em particular aqueles que desde pequenos se criavam com os reis e infantes (*Monar. Lusita.* I. XVI, c. 15). – **Rapariga** "parece significar mais propriamente – moça não nobre, moça de baixa origem, talvez de serviço, etc." Acrescenta Roq. que "donzela é termo nobre e decente; não assim **rapariga**, e ainda menos **moça**, que muitas vezes se toma em mau sentido, como fez Camões falando de Aníbal:

Tu tambem Peno prospero o sentiste,
Depois que hu'a *moça* vil na Apulia [viste!
(*Luz.*, III, 141)

Nota ainda, e com razão, Bruns. que **donzela** "é hoje termo mui pouco usado", sendo preterido pelo vocábulo **menina**. – É realmente **menina** a palavra hoje mais usada, mesmo em linguagem cerimoniosa. Nem há em português outro vocábulo preferível para designar a mulher de muito pouca idade e solteira. **Moça**, que se está tornando de uso geral, sobretudo falando-se familiarmente, tem o defeito de ser muito vago e inexpressivo. Ninguém se animaria a dizer, por exemplo: a *moça* Esther; as *moças* Amaral. Nem dirigindo-se a um pai: – como vão as suas *moças*?[58] Está hoje muito introduzido o espanhol *senhorita*; e há também quem diga *pucela*... Chegarão estes a postergar o vocábulo **menina**, tão delicado, tão mimoso, e tão nosso?

58 Aliás, é hoje muito usual perguntar-se a uma senhora – como vão as *moças*? Mas aí, alude-se às pessoas mais jovens da família. Ainda assim, o vocábulo **menina** é preferível.

692

DOUTO, **erudito**, **sábio**, **instruído** (**instructo**), **ilustrado**, **versado**, **sabedor**, **sapiente**, **esclarecido**, **culto**, **perito**. – Dos três primeiros trataram muitos sinonimistas. Entre os autores da língua, é Alv. Pas. um dos que o fizeram melhor. "O **erudito** e o **douto** – diz ele – sabem fatos nos diferentes gêneros de literatura: o **douto** e o **sábio** conhecem com inteligência. O **erudito** sabe muito: o **douto** sabe bem: o **sábio** conhece princípios de que sabe tirar consequências. A boa memória e paciência no estudo bastarão para formar o **erudito**: o **douto** carece de reflexão e inteligência; e o **sábio**, de penetração. É *erudito* o que traz muitas citações para o ponto em questão; é *douto* o que as fizer a propósito e com tino; é *sábio* o que é versado em ciências rigorosas, e que sabe tirar consequências exatas dos princípios que estabelece. Pode-se ser *erudito* sem ser *douto* nem *sábio*: mas não se pode ser *sábio* sem ser *douto* e *erudito*". – **Instruído** se diz daquele que adquiriu muita instrução. Entre **instruído** e **ilustrado** há pelo menos a diferença marcada pela significação geral, absoluta do último. Dizemos com propriedade: F. é *instruído* em coisas de finanças (e não propriamente – *ilustrado*). – **Ilustrado** enuncia, portanto, uma qualidade geral; e **instruído**, tanto designa uma qualidade geral, como uma qualidade restrita. – **Instructo** não é mais que uma forma poética de **instruído**. – **Esclarecido**, aplicado ao espírito, à inteligência, equivale a **ilustrado** e confunde-se com **culto**. Este acrescenta, porém, aos outros a ideia de fino, esmerado e brilhante. – **Sabedor** não se poderia em caso algum confundir com **sapiente**. O primeiro designa o indivíduo que "sabe muito de uma certa ordem de conhecimentos"; e talvez restrinja o saber ao que se pode acumular com paciência e trabalho, com esforço e pertinácia. – **Sapiente** é muito mais que o

próprio **sábio** comum: é o **sábio** no sentido mais alto e espiritual. Sapiência, mesmo fora do sentido teológico[59], é a sabedoria a que se eleva a alma pela sua luz interior, pela capacidade de entender as coisas mais excelentes do universo moral. – **Versado** e **perito** só em certo sentido, e em casos especiais é que se podem considerar como sinônimos dos outros vocábulos deste grupo, e sempre modificados por alguma restritiva. – "**Versado** em alguma coisa" significa – hábil, tratando-se dessa coisa pelo conhecimento especial, pela experiência, pela prática que tem dela. – **Perito** distingue-se de **versado** em só poder-se aplicar em regra no sentido prático. Decerto que não diremos: um homem *perito* em gramática, ou em história (e sim – *versado*). Do mesmo modo não diremos: – um *versado* cirurgião, ou – um *versado* fotógrafo (e sim – *perito*).

693

DURAÇÃO, tempo, eternidade. – Os sinonimistas que podemos consultar tratam apenas dos dois primeiros; e quase todos tomam **duração** em acepções diferentes: daí a contradição em que se nos apresentam em alguns pontos. Também é para notar a confusão que todos fazem de **duração** com **eternidade**, dando aquela por esta às vezes; e dando ainda, em muitos casos **tempo** por **duração** e vice-versa. Vejamos entre os do vernáculo o autor que foi seguido por todos os que lhe sucederam: – "O **tempo** – escreve S. Luiz – é para a **duração** como o espaço é para a extensão. A **duração** mede-se pelo **tempo**, como a extensão pelo espaço. Suponhamos o **tempo** como uma linha reta, dividida em muitas partes iguais, a que chamamos instantes, horas, dias, meses, anos, ou séculos. O objeto que continua a existir, correndo maior porção desta linha, ou maior número de suas divisões, é o que tem maior *duração*; assim como, supondo o espaço dividido em muitas porções iguais, a que chamamos lugares, o objeto que ocupa maior número delas é o que tem maior extensão. Assim é que o **tempo** parece ser como uma fórmula geral, que, aplicada à existência continuada de qualquer indivíduo, nos dá o valor relativo da sua **duração**. **Tempo**, tomado em toda a sua generalidade, exprime uma ideia mais vaga, mais indefinida, mais abstrata; **duração** exprime o *tempo* determinado e preciso em que se verifica o começo, a continuação, e o fim da existência de cada ser. No uso vulgar da linguagem observamos muitas vezes esta mesma diferença. Quando queremos notar, avaliar, exprimir precisamente o intervalo de *tempo*, que decorreu desde o primeiro até o último instante da existência de um objeto, usamos do vocábulo **duração**, que exprime este intervalo. Assim dizemos, v. g., que um homem, uma árvore, um edifício, etc., durou tantos anos, teve tantos anos de *duração*. Nos mais casos empregamos ordinariamente o próprio vocábulo **tempo**, o qual, ou exprime toda a extensão da linha que supusemos, e abrange a *duração* de todos os seres criados, ou exprime diferentes porções dessa linha, segundo o objeto a que aplicamos a noção geral de **tempo**". – Bourg. e Berg., de acordo com Laf., dão o seguinte: – "**Duração** é um termo absoluto que designa uma coisa ilimitada, indefinida; é um dos aspectos sob os quais consideramos o infinito[60]. Em um sentido mais particular, **duração** tem um sentido passivo e objetivo, diz-se das coisas e não das pessoas, e exprime a extensão dos acontecimentos desde o começo até o fim: a *duração* desta missão foi de três anos; esta

59 ~ Em teologia, **sapiência** é, ou o conhecimento das coisas divinas, ou a própria sabedoria infinita, a omnisciência de Deus.

60 ~ Esta definição quadra perfeitamente a eternidade; e contrasta com a que vem em seguida.

viagem foi de pouca *duração*. – **Tempo** é um termo subjetivo e ativo: refere-se às pessoas, a seus atos, ao momento da duração que empregam em tal ou tal função: o *tempo* do sono; foi-vos preciso pouco *tempo* para fazer esta viagem. Além disso, é relativo, e exprime a parte, a extensão da **duração** durante a qual se deu um acontecimento ou se produziu um fenômeno, com relação a outras épocas, a outras partes da **duração**: foi no *tempo* do reinado de Ciro que os persas conquistaram a Ásia ocidental; as fábulas são a história do *tempo* em que os animais falavam; o *tempo* em que se levantaram os castelos feudais está já muito longe de nós". – Notemos que a de **tempo** é uma ideia absoluta; e a de **duração**, relativa. Mas **tempo** é um termo absoluto enquanto tem para nós uma acepção relativa; pois fora das relações em que estamos com o universo criado, não existe **tempo**. Esta ideia de **tempo** é com efeito absoluta quando o aplicamos na acepção restrita de "porção da eternidade", medida pela contingência das coisas que passam, pela *duração* dos fenômenos que se sucedem em redor de nós. "O *tempo* consome tudo" – é frase usual em todas as línguas; e, no entanto, é mais fácil conceber que é a *duração* que consome, e não o *tempo*. A de **duração** é ideia concreta; a de **tempo** é abstrata. Não dizemos: o *tempo* da vida humana; mas: a *duração* da vida humana. Bastaria notar a distinção que há entre estas frases: o *tempo* das flores (a época, a estação das flores); a *duração* das flores (o espaço de *tempo* que as flores *duram*). Não se concebe **duração** sem um sujeito, sem alguma coisa que existe, que subsiste, que *dura*. – O **tempo** bem se pode compreender separado da existência do universo: e então passa a ter mais propriamente o nome de **eternidade**, que é o *ser* absoluto, isto é, o *ser*, fora de todas as contingências, fora de toda relação; o *ser* sem princípio nem fim, sem condição, sem modalidade alguma (excluindo a própria ideia de **duração**). Como o que não tem princípio nem fim, tratando-se de espaço, é infinito: é **eternidade** o que não tem princípio nem fim, tratando-se de **tempo**. Como a **eternidade** para o **tempo** (e como o infinito para o espaço), o **tempo** está para a **duração**. Se, tratando-se de tempo, consideramos a **duração**; tratando-se de espaço, consideraremos a grandeza.

694

EBULIÇÃO, **fervura**, **efervescência**, **fervor**, **fermentação**. – **Efervescência** – diz S. Luiz – é a branda agitação de um líquido, nascida do calor não muito forte, ou da mistura de alguma substância que produz esse efeito. Vem este termo do latim *effervesco*, cuja forma incoativa designa o começo da ação, a primeira agitação do líquido que começa a ferver. – **Fervura** é a agitação mais forte e perturbada do líquido, nascida de calor também forte, e sustentado no mesmo grau: tal como se observa na água fervendo. – **Ebulição** diz o mesmo que **fervura**; mas é próprio da linguagem científica, e envolve (ao que parece) a expressa circunstância de se desprenderem e soltarem *bolhas* do corpo fervente. – **Fervor** diz também o mesmo que **fervura**; mas exprime com especialidade o elevado e intenso grau de calor, que a produz e acompanha; e emprega-se este termo às mais das vezes em sentido figurado, para significar o ardor das paixões, e a inquieta agitação que elas nos causam quando chegam a certo grau de veemência. Assim, dizemos – o *fervor* (isto é – o ardor) do sol, do estio, etc.; *fervor* da mocidade; *fervor* das paixões (isto é – o seu intenso ardor e agitação). Em frase devota, dizemos: o *fervor* do espírito, o *fervor* da devoção, etc. Quando empregamos **efervescência** em sentido translato, também lhe conservamos a significação característica. Assim, a *efervescência* das paixões é o seu primeiro desenvol-

vimento, e movimento agitado; a *efervescência* do povo é a inquieta agitação do povo por alguma causa que a isso o excita. – Comparando **efervescência** com **fermentação**, escreve Roq.: – Os químicos entendem por **efervescência** a agitação interior que se verifica num líquido a cuja superfície sobem, e às vezes se movem como em fervura, as moléculas de algum corpo. Diferença-se muito a **efervescência** da **fermentação**, sobretudo se se atende a seus resultados. A palavra **fermentação** explica a ação recíproca de muitos princípios preexistentes que formam um só corpo, e que se decompõem para formar outro, e a que pôs em movimento a **fermentação**. Ela é a causa motriz da **efervescência**, e esta é seu resultado. O mosto que se deita num tonel entra logo em estado de *fermentação*; as bolhas que levanta, e as partículas estranhas que se movem em sua superfície, e talvez transbordam, são a **efervescência**. Há só uma sorte de **efervescência**, sendo que se reconhecem três sortes de **fermentações**: vinosa ou espirituosa, de que resulta líquido inflamável; ácida, de que resultam os vinagres; e a podre ou pútrida, que é causa da podridão. No sentido figurado, **fermentação** significa a agitação que produzem nos ânimos novas opiniões, mormente políticas, novidades importantes, etc.; e **efervescência** significa esta mesma agitação, manifestando-se por falatórios, reuniões, talvez motins, e que ameaça romper em maiores excessos se não for reprimida.

695

ÉBRIO, **ebrioso**, **inebriado**, **bêbado**, **embebedado**, **embriagado**, **temulento**, **borracho**, **emborrachado**, **avinhado**, **aguardentado**, **encachaçado**, **alcoolizado**. – Todos estes vocábulos designam – perturbado por efeito de bebida alcoólica; fora de si, sem a lucidez normal, devido à causa momentânea. De todos, **ébrio** é o menos grosseiro e o que melhor se adapta ao sentido translato. No sentido natural, **ébrio** significa – transtornado por ter bebido; mas esta palavra se presta a um sem-número de modalidades que fazem esquecer-lhe a primitiva significação restrita, ou a significação própria, etimológica. Dizemos: *ébrio* de sangue; *ébrio* de natureza; *ébrio* de luz; *ébrio* de cólera, etc. Só quando empregado sem adjunto é que **ébrio** conserva inalterável o seu valor próprio e natural. Quando se diz que um homem está *ébrio*, enuncia-se que ele não está em seu juízo normal por ter bebido demais. **Ebrioso** pode dizer-se por **ébrio**; e também significa – "proveniente de embriaguez": delírio *ebrioso*; agitação, loucura *ebriosa*. – **Inebriado** também se emprega por **ébrio**. Convém, no entanto, não esquecer que **inebriado** exprime com mais propriedade um estado momentâneo de ebriedade. Além disso, **inebriado** não se pode substantivar como **ébrio**. – **Bêbado**, **embriagado**, **embebedado** são suscetíveis também de translação, por meio de adjuntos. – **Embriagado** é apenas uma forma popular de **inebriado**, podendo em qualquer caso ser um substituído pelo outro no sentido translato. **Bêbado**, ou **bêbedo**, como é preferível, significa "estonteado": por efeito de álcool, no sentido natural; ou por outra causa qualquer, no sentido figurado. *Bêbedo* de luz, de perfumes. **Bêbedo**, sem adjunto, só diz – "tomado de bebida alcoólica". **Embebedado** designa o estado atual, momentâneo, do que bebeu. – **Temulento** diz também – "que bebeu em excesso"; e ainda se aplica este vocábulo para designar a casa, a festa em que se passa bebendo: *temulentas* orgias; *temulentos* domínios de Baco. – Os demais vocábulos do grupo são todos grosseiros, e não se aplicam senão para designar "bêbado" no sentido natural. – **Borracho** e **emborrachado** parecem indicar o último grau do vício de

beber. Os outros designam a bebida que foi causa da embriaguez: – **avinhado** – o que se embriagou com vinho; **aguardentado**, com aguardente; – **encachaçado**, com cachaça. – **Alcoolizado** é genérico: designa – "que se embriagou com qualquer bebida alcoólica".

696

EÇA, **cenotáfio**, **catafalco**. – **Eça** e **catafalco** só se diferençam em ser o **catafalco** uma **eça** mais sumptuosa: e em designar também a **eça** a banqueta ou estrado onde se descansa a tumba, ou onde assenta o sarcófago nas grandes solenidades fúnebres. O **catafalco** é como um monumento levantado no meio do templo em honra do morto cujas exéquias se celebram. **Cenotáfio**, como diz a própria formação do vocábulo (do grego *kenos* "vazio", e *taphos* "túmulo"), é também o monumento que se levanta em honra do morto por ocasião de alguma grande cerimônia; e a distinção entre **cenotáfio** e **catafalco** só consiste em que no **catafalco** pode achar-se ou não o cadáver – o que nunca se dá quanto ao **cenotáfio**, que é apenas uma representação da eça e da própria urna funerária.

697

ÉCLOGA, **pastoral** (**poesia pastoril**), **idílio**, **bucólica**. – Lacerda resumiu assim o que escreveu Roq. sobre estas palavras: "Todos estes vocábulos designam poesias pastoris. Diferençam-se do seguinte modo. **Pastoral** (= **poesia pastoril**) é o gênero; **écloga** (ou **égloga**), **idílio** e **bucólica** são as espécies. **Pastoral** designa qualquer descrição ou imitação de algum passo ou quadro da vida campestre, representada debaixo do seu aspeto mais agradável. **Écloga**, ou **égloga** é uma espécie de poema pastoril em forma dramática, e dialogado, no qual pastores falam ordinariamente dos seus amores, e tiram as comparações e adornos com que enfeitam os seus discursos dos objetos que particularmente se referem aos trabalhos em que se ocupam, etc. **Idílio** é uma espécie de poema pastoril mais simples do que a **écloga**, porque não se requer nele tanto movimento; mas, por outra parte, exige-se no **idílio** mais sentimento, mais suavidade, e mais abundância de imagens e descrições. **Bucólica**, verdadeiramente, é a palavra grega de que **pastoral** é a tradução portuguesa: é toda sorte de poema em que as personagens são gente do campo, e o assunto a vida pastoril e os seus vários acidentes".

698

ECONÔMICO, **poupado**, **parco**, **parcimonioso**. – É **econômico** aquele "que emprega com moderação e proveito os seus bens, que administra com muito critério e segurança a sua fortuna". A economia não consiste em não gastar, ou em não despender, mas no despender bem. Pode uma pessoa despender muito sem deixar por isso de ser *econômica*; desde que despenda com utilidade relativa à despesa que faz. Também poderá despender pouco sem ser por isso *econômica*; isto é, se despender mesmo esse pouco sem um proveito correspondente. – **Poupado** é "o que só despende aquilo que lhe é estritamente indispensável". A poupança é a pequena economia do pobre. Não se compreenderia um ricaço *poupado*: a poupança no rico passa a ser avareza ou somiticaria. – **Parco** tem a significação ampliada de **poupado**: é "o que só despende o suficiente; que elimina do seu orçamento tudo quanto é supérfluo, todos os gastos propriamente voluptuários". – **Parcimonioso** é "o que leva a excesso a parcidade; que poupa migalhas; que só despende aquilo de que absolutamente se não poderia privar". Decerto pouco dista do avarento o *parcimonioso*.

699

EDITOR, **impressor**; **edição**, **impressão**, **publicação**. – **Impressor** é apenas o que imprime, o que faz **impressão** de alguma obra, de conta própria ou de conta de outrem. A do **impressor** é uma arte; mas não dizemos a arte do **editor**; pois **editor** é o que manda não só *imprimir*, mas fazer todos os outros serviços em que consiste a **edição**, e sem os quais a obra pode estar *impressa* sem estar propriamente *editada*. É certo, no entanto, que mui comumente se diz *impresso* por *editado*. Em regra o **editor** publica e vende obras de sua propriedade ou cuja **edição** contratou com o respetivo autor: o **impressor** limita-se a fazer a **impressão**. – **Publicação** é propriamente o ato de publicar, isto é, de expor à venda, aos olhos do público, e assim divulgar. Uma obra, depois mesmo de impressa ou de editada, pode não vir a ter publicidade, não chegar ao domínio do público: a **publicação**, portanto, é ato independente do ato de imprimir ou editar.

700

EDUCAÇÃO, **criação**, **instrução**, **ilustração**, **civilização**. – A **criação** – diz Roq. – é o primeiro cuidado que o homem deve a seus pais, ou a quem faz suas vezes: tanto no físico, para a conservação de sua vida, saúde e robustez; como no moral para a direção de sua conduta, e estudo de suas obrigações. A **educação** recai sobre a moral e a **instrução**: supõe já outros princípios mais elevados, ideias mais extensas, regras metódicas para ilustrar a razão, adornar o entendimento, aperfeiçoar o coração, e suavizar os costumes. Um lavrador honrado, uma boa mãe, *criam* bem a seus filhos. Um aio, um preceptor *educam*, não *criam* ao mancebo posto a seu cuidado. A boa **criação** e a boa **educação** dirigem-se essencialmente a um mesmo fim, que é a perfeição moral do homem; pode dizer-se, porém, que a primeira o desbasta, e a segunda o pule por meio da instrução. Assim é que, o principal defeito de quem não tem *criação* é a grosseria; de quem não tem *educação* é a ignorância. – As outras do grupo são palavras modernas muito usadas, que porventura se confundem, mas que são diferentes. Consiste a diferença, que se lhes nota, em que a **instrução** se refere a uma ideia motriz (a trabalho, processo, esforço); a **ilustração** é seu efeito imediato: e a **civilização** é o resultado das duas. O homem é naturalmente ignorante; necessita *instruir-se* para sair desse estado. Uma vez *instruído*, adquiriu **ilustração**; e uma vez *ilustrado*, contribui para a **civilização**, que não é outra coisa mais que a soma de **instrução** e de **ilustração** aplicada às necessidades sociais.

701

EFETUAR, **realizar**, **fazer**, **executar**. – Segundo Lac. – **fazer** é produzir qualquer ação, física ou moral. A significação desta palavra é genérica, e representa a ação não limitada por nenhuma relação direta ou indireta. **Realizar** é fazer que se torne real uma coisa que por qualquer motivo esperamos que venha a suceder. **Efetuar** (ou **efeituar**) é fazer, tornar em fato positivo, real, o que não era senão simples promessa ou esperança. **Executar** é fazer, tornar existente o que não era senão projeto ou plano; e por isso, **executar** designa uma ação relativa a outra ação anterior. *Fazemos* uma casa, um livro, uma obra de caridade, uma desfeita, etc., etc. (sendo este um dos verbos de predicação mais vaga da língua). *Realizamos* um ideal, um desejo; uma festa, uma viagem (qualquer coisa que aspirávamos ou que tínhamos planeado). *Efetuamos* um negócio, um acordo (qualquer coisa que tínhamos tratado ou combinado). *Executamos* uma ordem, um plano, etc. (isto é – pusemos em prática o que não era mais que projeto, ordem, disposição, etc.).

702

EFÍGIE, **retrato**, **cópia**, **fotografia**, **imagem**, **figura**. – Todas estas palavras designam a representação de pessoas ou de coisas, mas de maneira diferente. – A **efígie** – diz Roq. – ocupa o lugar da própria pessoa, pois a representa qual é, real e verdadeira; e assim se diz de um crucifixo – a sagrada *efígie* de Cristo. A **imagem** só representa a ideia de uma pessoa ou coisa. Tanto à **efígie** como à **imagem** não é essencial uma fidelidade absoluta, ou sequer mais ou menos perfeita ao original. Dizemos por isso – a *imagem* de um santo; a *efígie* de um condenado: tanto a *imagem* como a *efígie* podem não ser o **retrato** fiel do santo, ou do condenado. O **retrato** é a representação de uma pessoa, e enuncia principalmente a ideia da semelhança com o original. – De **imagem** e **retrato**, diz Laf. em uma nota à p. 677: "**Imagem** e **retrato**, em particular, tomam-se em uma acepção figurada por espécie de descrição oratória ou poética. Mas a **imagem** serve para descrever, ou melhor – é como a descrição de coisas ou fatos; e **retrato** é a pintura das pessoas, quer no sentido moral, quer no físico". "A descrição da tempestade no primeiro livro da *Eneida* não é uma amplificação: é uma *imagem* verdadeira do que acontece em uma tempestade". (Volt.). "Santo Agostinho fez o *retrato* e o caráter deste gênero de pecadores". (Bourd.). – **Cópia** é a reprodução exata de uma coisa ou de uma pessoa, ou mesmo de uma ação, de um gesto, de uma atitude, de um sinal, etc. – A **fotografia** é o retrato, a cópia de qualquer objeto feita por meio da arte fotográfica. *Fotografia* de uma pessoa, de uma paisagem, de uma cena, de um salão, etc. – A **figura** representa o original por traços que lhe recordam a feição, e até que lhe sugerem os intentos, as emoções dominantes, etc. "A **figura**, diz Laf., não consiste em mais do que a forma, a silhueta, o contorno, o desenho, a atitude, diferençando-se assim do **retrato**, que reproduz a pessoa traço por traço, e, sobretudo, as feições, a fisionomia".

703

ELEGER, **escolher**, **preferir**; **eleição**, **escolha**, **preferência**. – **Preferir** é escolher entre duas coisas; é, como diz Roq., "antepor uma pessoa ou coisa a outra, determinar-se por ela, ou a favor dela por qualquer motivo". **Escolher** é separar o bom do mau, o útil do inútil, o que convém do que não convém, examinando e consultando o gosto, a utilidade, e demais circunstâncias da coisa; a ação deste verbo supõe a dúvida ou a indecisão existente ainda. O ato de decidir-se a vontade, e destinar a coisa ao fim proposto, é **eleger**, ou fazer *eleição*. A **preferência** pode ser justa ou injusta, sincera ou apaixonada, por interesse, ou capricho. A **escolha** pode ser acertada ou desacertada, prudente ou inconsiderada. A **eleição** supõe liberdade e direito na pessoa que *elege*, e destino a cargo ou emprego na pessoa *eleita*, ou fim determinado na coisa de que se faz **eleição**. O homem honrado e virtuoso *prefere* a morte ao crime; mas o perverso *prefere* os prazeres turbulentos do mundo à doce paz da inocente virtude. *Escolhe* um general os soldados mais valentes e determinados para uma empresa dificultosa e arriscada. *Escolhe* o superior um súbdito para o ministério ou função. *Elegem* os súbditos um prelado; os eleitores, um deputado. Um pregador faz *eleição* do assunto que há de tratar, como disse Vieira: "Para glória sua e igual bem das nossas almas, fiz *eleição* deste assunto" (VI, 6). A mulher leviana *prefere* as cores claras e vistosas às escuras e modestas, quando quer fazer um vestido, vai à casa da modista, vê os diferentes estofos, examina-lhes a qualidade, consulta o gosto e a moda (e esta é a verdadeira operação de **escolher**); fixa sua *escolha* em tal ou tal estofo que mais lhe

convém, mais lhe agrada, ou que lhe parece melhor (e eis a ação de *eleger*, ou de fazer *eleição*). Vieira, tendo dito que o melhor meio de desarmar a fortuna era colocar-se no último lugar, ajuntou: "Só quem soube fazer esta *eleição* desarmou a fortuna" (V, 214). Notaremos, contudo, que, por isso, **eleger** só se aplica às pessoas, exprimindo a ideia de dar a *preferência* a uma ou algumas entre muitas. Sujeitemo-nos, pois, a este arbitro: conservemos à expressão *fazer eleição* a boa aplicação que lhe deu Vieira, e deixemos ao verbo **escolher** aquela que verdadeiramente lhe pertence, e acima fica indicada".

704

EMBAIXADOR, **ministro**, **enviado**, **encarregado de negócios**; **legado**, **núncio**, **internúncio**. – Segundo Clovis Bevilaqua (*Dir. pub. internac.* I, 404), o direito internacional distingue hoje quatro classes de agentes diplomáticos: – os **embaixadores** (compreendidos nesta classe os **legados** e os **núncios** apostólicos); – os **enviados** extraordinários e ministros plenipotenciários (aos quais se equiparam os **internúncios**); os **ministros** residentes; – os **encarregados de negócios**. Entre os ministros diplomáticos das três primeiras classes não há diferenças essenciais: todos eles são delegados e representantes de sua nação, revestidos de caráter público. O **embaixador** era, a princípio, considerado representante pessoal do soberano; mas esse modo de ver não se compadece com a organização política dos Estados modernos. O **enviado**, qualquer que seja a categoria, é delegado e representante da pessoa internacional. As diferenças reduzem-se ao título, à precedência, e a outras prerrogativas meramente honoríficas. O **legado** do Papa é embaixador extraordinário; o **núncio**, embaixador ordinário; o **internúncio**, ministro plenipotenciário. Entre os ministros das três primeiras classes e os encarregados de negócios, a diferença está em que aqueles são acreditados pelos chefes de Estado perante os governos de outros Estados; ao passo que estes (os **encarregados de negócios**) são acreditados junto aos ministros das relações exteriores.

705

EMBRIÃO, **feto**; **gérmen**, **semente** (**sêmen**)... – **Embrião** (grego *embruon*, correspondente ao latim *fœtus*) significa o que se forma e produz no seio da mãe. Confundiram-se talvez por algum tempo estes dois termos de fisiologia; mas hoje diferençam-se perfeitamente, e não devem ser usados indistintamente um pelo outro. Chama-se **embrião** ao corpo informe do animal, a seus primeiros rudimentos; ao produto imediato da concepção; ao que não tem ainda a figura correspondente à sua espécie. Quando, porém, se apresentam já clara e distintamente as partes que compõem o animal, o **embrião** toma o nome de **feto**. Muitos anatomistas têm observado que aos trinta dias da concepção está o animal assaz formado para poder chamar-se *feto*. Em botânica chama-se **embrião** ao corpo organizado que contém a amêndoa de todo grão fecundado. Também no sentido figurado se emprega, com a significação de – coisa ainda não desenvolvida. A palavra **feto** só se usa no sentido próprio, e com relação aos animais. (Roq.) – **Gérmen** (ou **germe**) é "o princípio – diz Bruns. – a causa, a origem de que vem ou pode vir alguma coisa". **Semente** é a causa de que devem resultar efeitos. O **gérmen** considera-se como existente na pessoa ou coisa em que se produzirá o efeito. A **semente** é "considerada como trazida do exterior para a pessoa ou coisa em que vai produzir efeito. Numa criança podem existir *germens* de vícios; mas a má-educação proporcionar-lhe-á *sementes* de vícios. Os resultados da **semente** são mais

certos e, sobretudo, mais próximos que os do **gérmen**; pois este pode não ser fecundado, e por consequência não produzir, ou só produzir mais tarde, quando o fecundarem; ao passo que a **semente** frutifica, e não tarda em dar os resultados próprios, maiores ou menores, segundo o terreno em que for semeada." – **Sêmen** é o original latino de que nos veio **semente**; mas **sêmen** se aplica exclusivamente no caso em que se quer designar, por assim dizer, a *semente* animal, o agente da fecundação.

706

EMBUSTE, **mentira**, **peta**, **patranha**; **ardil**, **estratagema**, **astúcia**, **artifício**, **manha**, **subterfúgio**, **logro**, **enredo**, **laço**, **lábia**, **ronha**, **solércia**. – O **embuste** é "uma mentira calculada" para enganar aqueles que nos ouvem. A **mentira**, sendo "aquilo que não tem existência, ou que existe de outro modo que não aquele como se apresenta", nem sempre é *inverdade* criada por aquele que a diz: e nisto distingue-se do **embuste**, que sempre indica má-fé e malícia. – **Peta** é "mentira inventada por gracejo ou troça". – **Patranha** é "conto inventado para impressionar os ânimos crédulos"; "histórias inverossímeis que se inculcam por naturais ou verdadeiras – são *patranhas*". – **Ardil** é "artifício armado para fazer cair em erro ou engano". – **Estratagema** é particularmente o ardil usado na guerra; e, em sentido figurado, é astúcia posta em prática contra o adversário ou a pessoa com quem se está em litígio. – **Astúcia**, **artifício**, **manha**, **subterfúgio**, **logro**, **enredo**, **laço**, **ronha**, **lábia**, **solércia** – entram neste grupo como significando de comum alguma coisa, algum modo com que se engana. A distinção entre todos é fácil; e, quando muito, conviria não esquecer que **artifício**, **logro**, **enredo**, **laço**, **subterfúgio** são mais recursos de que usa o que planeia enganar; e que **astúcia**, **manha**, **lábia**, **ronha**, **solércia** são mais qualidades que recursos ou processos.

707

EMPRÉSTIMO, **comodato**, **mútuo** (**mutuação**). – **Empréstimo** – no entender de Roq. – é tanto "ato de emprestar, como a coisa emprestada; é uma espécie de contrato pelo qual concedemos a outrem, de graça, alguma alfaia, dinheiro, etc., para que depois no-la restitua. Também se chama **empréstimo** a uma soma emprestada que recebe o governo, ou algum particular, e de que paga juros. É termo genérico e vulgar, que abrange as duas espécies de **empréstimo** mais conhecidas em direito pelos nomes de **comodato** e **mútuo**. Quando a coisa emprestada deve ser-nos restituída individualmente à mesma, chama-se **comodato**; quando pode ser restituída, não individualmente à mesma, senão na mesma espécie, em igual qualidade, chama-se **mútuo** (sendo **mutuação** o ato de contratar o empréstimo em tais condições). Otimamente mostrou Vieira a diferença entre estes vocábulos, e as ideias por eles representadas, no seguinte trecho: "E que diferença há entre o **empréstimo** que se chama **comodato**, e o **empréstimo** que se chama **mútuo**? A diferença é que, no **comodato**, hei de pagar, restituindo aquilo mesmo que me emprestaram; pedi-vos emprestada a vossa espada, hei de restituir-vos a mesma espada. No **mútuo**, porém, não sou obrigado a pagar com o mesmo, senão com outro tanto; pedi-vos emprestado um moio de trigo, não vos hei de pagar com o mesmo trigo, senão com outro". – Sobre estes três termos escreve T. de Freitas: – "**Empréstimo** é contrato gratuito quando tem a denominação de **comodato**; mas pode ser contrato oneroso quando é **mútuo**. A diferença entre estes dois contratos (entre as duas espécies de **empréstimo**) vem a ser que o **comodato** tem por objeto coisas não fun-

gíveis, que devem ser identicamente restituídas; sendo, porém, objeto do **mútuo** coisas fungíveis, isto é, que se consomem com o uso, e devem ser ao mutuante restituídas em outra igual quantidade da mesma espécie e qualidade".

708

ENCARECER, **exagerar**. – Segundo Roq., – "**exagerar** mais propriamente recai sobre as circunstâncias que fazem notável a coisa *exagerada*; e **encarecer**, sobre as que a fazem apreciável, conservando o verbo neste sentido figurado (em que é sinônimo de **exagerar**) a propriedade de seu sentido reto. *Exagera-se* o número dos inimigos; *encarece-se* o valor das nossas tropas, *encarece-se* o mérito de ter servido nela ao rei e à pátria. Um historiador *exagera* os fatos que refere; um mercador *encarece* o primor da alfaia que vende. Um casamenteiro *exagera* as riquezas, e *encarece* as boas prendas da dama que propõe".

709

ENSEJO, **ocasião**, **oportunidade**, **conjunção**, **azo**. – **Ensejo** é (segundo Bruns.) o tempo que se nos apresenta como a propósito para obrarmos, ou uma circunstância que nos convida a que a aproveitemos. – **Ocasião** é o tempo em que algo se realiza, ou uma circunstância, ou conjunto de circunstâncias que convidam a agir, ou que facilitam a ação. A **ocasião** é devida a acaso; isto é, não depende do agente. – **Oportunidade** é uma *ocasião* favorável. – **Conjunção** é a simultaneidade de circunstâncias que formam a *ocasião*. – **Azo** é a *ocasião* que se nos depara propícia para obrarmos como tínhamos premeditado.

710

ENTERRO, **enterramento**, **saimento**, **funeral**, **exéquias**. – Diz Roq. que todos estes vocábulos se referem às últimas honras fúnebres que tributamos àqueles que passaram à melhor vida; e também se referem à maior ou menor pompa com que se celebram as cerimônias desse gênero. – "**Enterro** significa, em geral, a ação religiosa de *enterrar* os mortos, e o acompanhamento que vai com o defunto; e deram também os clássicos este nome ao lugar onde se sepultam os mortos. Belém, digno *enterro* dos nossos reis – disse um deles". – **Saimento** é palavra hoje desusada, mas que significava antigamente, não só a pompa fúnebre de pessoas enlutadas que *saíam* a celebrar os funerais régios, como também as *exéquias* solenes que se faziam no aniversário da morte das pessoas reais; como se vê do *Leal Conselheiro*, p. 457. – **Enterramento** significa simplesmente o ato de *enterrar* ou levar a *enterrar*. Tem significação muito menos extensa que **enterro**, e não pode confundir-se com **saimento**. – **Funeral** é a pompa fúnebre com que se faz algum *enterro*. – **Exéquias** são as honras fúnebres que se fazem a um defunto, desde a casa até a igreja, ou da igreja até o túmulo; e também assim se chama o ofício fúnebre que com pompa se celebra em algum templo por um príncipe ou defunto ilustre, logo depois da morte, ou passado tempo não estando já o corpo presente. As *exéquias* dos papas duram ordinariamente oito dias. É para notar como os nossos antigos sabiam tirar do latim as palavras que lhes convinham, conformando-se com o gênio da língua portuguesa, talvez mais do que o fazem os modernos. – **Saimento** parece uma palavra que nenhuma relação tem com o latim, pois esta é a verdadeira tradução do vocábulo latino *exequiæ*, de que os modernos fizeram **exéquias**; porque *exequiæ* vem de *exequor*, o qual se compõe de *ex* e *sequor*, e significa "seguir, acompanhar", e segundo Ainsworth vale o mesmo que *sequor pompam funebrem ad sepulturam* "sigo a pompa fúnebre ou do *enterro* até à sepultura"; e

isto era o que nos **saimentos** se fazia. Tinha também **saimento** a significação extensiva que damos a **exéquias**, como acima vimos. O **enterro** dos pobres mais é **enterramento** que **funeral**. O **funeral** dos abastados e ricos não se pode comparar com as **exéquias** dos grandes. As **exéquias** dos príncipes e senhores mais se fazem por vaidade dos vivos que para utilidade dos mortos. O maior *saimento* de que talvez falam as histórias é o que El-Rei D. Pedro I fez aos ossos de D. Inez de Castro”...

711

ENTRETER, **divertir**, **espairecer**, **distrair**, **recrear**, **deleitar**. – **Entreter** é “prender a atenção de alguém, de modo que passe o tempo agradavelmente sem se aperceber de mais nada”. Ele nos *entreteve* longas horas com as suas galanterias. Vamos *entreter-nos* com o *dominó* até que eles voltem. – Aquele que se *diverte* com alguma coisa, ou de alguma coisa, “põe toda a sua atenção e seu gosto nessa coisa, afastando-se de outra, ou de outras”. – **Espairecer** é “vaguear sem preocupações, distrair o espírito em ligeiros passeios, por onde os ares e os panoramas, o bulício das praças, ou o silêncio das devesas, nos agradem e nos entretenham”. – **Distrair** enuncia propriamente a ação de “retirar ou fazer desviar a atenção de alguma coisa”. Não é rigorosamente o mesmo que **divertir**. Quem se *distrai* não pensa, não cogita, não se impressiona com aquilo de que está *distraído*; quem se *diverte* não pensa, nem faz outra coisa senão aquilo que o entretém. – **Recrear** é “dar prazer, comunicar ou sentir alegria”. Quem se *recreia* sente-se como reanimado, a renascer da fadiga, do tédio. – **Deleitar** é muito mais que **recrear**. Quem nos *deleita* causa-nos um prazer que nos faz feliz. Quem se *deleita* sente vivamente, goza com delícia aquilo que lhe agrada.

712

ENVIAR, **remeter**, **mandar**, **despachar**, **expedir**. – **Enviar** é “dirigir, pôr a caminho”. – **Remeter** é “fazer chegar às mãos, à posse daquele a quem se envia”. – **Mandar** é “enviar alguém para algum fim, ou expedir alguma coisa pelas próprias mãos”. – **Despachar** é “desimpedir, deixar sair”. – **Expedir** é “fazer seguir”. – *Enviam-se* encomendas; *enviam-se* representantes, ou empregados; *enviam-se* cumprimentos, ou felicitações, ou saudades, ou pêsames. *Remetemos* a um amigo o que ele nos pede; a um freguês, a fatura de gêneros de sua ordem. *Remetem-se* também os presos escoltados. *Manda-se* uma pessoa cumprimentar os noivos; *manda-se* um presente ao menino aniversariante. *Despachou* logo o “próprio” com a solução do negócio. *Expedem-se* ordens, principalmente; mas também se *expedem* mercadorias, cartas, veículos, etc.

713

EPÍLOGO, **peroração**; **desenlace**, **desfecho**; **fecho**, **remate**, **final**. – **Epílogo** e **peroração** só se distinguem pelo sentido restrito de **peroração**, que só se aplica à parte final do discurso: é só o orador que faz *peroração*, isto é, que, ao concluir a oração, recapitula o que tinha dito. – **Epílogo** tem significação mais extensa: tanto se diz do final de um discurso como do final de um poema, de um drama, de um romance, etc. No **epílogo** não se faz apenas o resumo do que se havia tratado desenvolvidamente; mas acrescenta-se alguma coisa que explique o destino ulterior dos personagens, ou do protagonista da ação. É por isso que **epílogo** se aproxima de **desenlace** e **desfecho**, designando estes a parte final da composição, o momento ou o passo em que o autor como que desenleia, desfaz o enredo. Tanto **desfecho** como **desenlace** só se empregam tratando-se de drama, ou, em geral, de composição em

que haja intriga. Diferença-se o **desfecho** de **desenlace** em ser aquele um desenlace dramático, imprevisto e emocionante; sendo o **desenlace** apenas a explicação final da trama. – **Fecho**, **remate** e **final** referem-se apenas à nota última da composição literária, qualquer que seja o gênero. Dos três, o mais vago e genérico é **final**, que não inclui ideia alguma acessória, e que encerra alguma coisa de todos os outros vocábulos do grupo. – **Fecho** sugere ideia de acabamento perfeito, de nota cabal com que se conclui o que se tinha dado de belo. – **Remate** dir-se-á melhor daquilo que se põe depois do fim ou da conclusão da peça.

714

ÉPOCA, **era**, **período**. – "**Época**, conforme a origem grega, designa um ponto fixo da história, a data de um sucesso memorável. Também se toma por certa série de anos, caracterizada por algum acontecimento notável, cujo influxo os abrangeu a todos mais ou menos; como a *época* dos descobrimentos dos portugueses. – **Era**, conforme a origem latina, significa o acontecimento, o sucesso memorável a que se refere o cômputo de certa série de anos; como a *era* de Julio Cesar, a de Cristo, etc. – **Era** diferença-se de **época** em que a primeira faz referência ao cômputo dos anos, e **época** ao sucesso que por sua importância nos prende a atenção. – **Período** histórico é a série de anos que medeia entre uma e outra *época*". (Lac.).

715

EQUIDADE, **retidão**, **justiça**. – Segundo Bruns. –, a **equidade** consiste em manter a balança em equilíbrio para dar a cada um o que lhe pertence de consciência, pesando exatamente os prós e os contras, e consultando imparcialmente a nossa razão, para avaliarmos, como é devido, os fatos e motivos que devem influir na nossa decisão. Ter *equidade* é não fazer exceção ou distinção de pessoas; é tratar a todos igualmente e como a si próprio. A **equidade** não corresponde, portanto, a nenhum direito humano, nem a nenhuma lei positiva, mas sim à lei natural, e ao direito tal como o sentimos e reconhecemos na nossa consciência. A **equidade** é a base da **justiça**; pois esta é uma instituição puramente humana, ou virtude convencional... É inegável que a **justiça** se aproxima mais ou menos do direito absoluto; mas é inegável também que ela depende essencialmente do grau de moralidade e de cultura do indivíduo e da sociedade... Outra grande diferença entre a **justiça** e a **equidade** está em que a **justiça** não considera senão o fato em si, não podendo penetrar nas intenções nem nas causas determinantes do fato, por não ter alçada na consciência; ao passo que a **equidade** sonda as consciências, aprecia as causas determinantes, tem em conta as circunstâncias, e atenua muitas vezes o rigor da **justiça**... A **retidão** consiste em seguir retamente o caminho traçado pela consciência, ou melhor – pelo sentimento da equidade. O seu caráter predominante é a firmeza inabalável e inflexível ante os rogos, as solicitações, as ameaças, e o próprio interesse. Quem é *reto*, ou tem *retidão*, sacrifica tudo ao sentimento de *justiça* e de *equidade* que o anima. Comparando a **retidão** com a **justiça**, pode-se dizer que esta consiste no respeito dos direitos alheios; e aquela, a **retidão**, na estrita e escrupulosa observância das leis. A **justiça** só intervém quando há oposição de pretensões ou de interesses; a **retidão** preside a todos os atos da vida em que a **equidade** tem de intervir. O juiz obra com *equidade* quando julga segundo os ditames da sua consciência, de acordo com os princípios absolutos do direito; obra com *justiça* quando sentencia conforme ao provado; e obra com *retidão* quando resiste a empenhos, a ameaças, a seduções etc.

716

ERÁRIO, tesouro, fisco. – Sob o domínio dos primeiros imperadores romanos, **fisco** significava propriamente o tesouro do soberano, o seu *tesouro* particular; e o *tesouro* público, designado pela palavra *ærarium*, "**erário**", era destinado aos gastos do Estado. Não tardou muito que se não confundissem estas duas palavras, como se confundiram suas significações, e se confundem ainda hoje nos Estados onde se não faz diferença alguma entre o **erário** privado do soberano e o da nação. – **Erário** é termo mais próprio, falando-se dos governos absolutos, como era o da antiga Roma; **tesouro** convém mais, e é mais usado em países modernos, de governo representativo. – **Fisco** designa hoje o direito que o **tesouro** tem de fazer cobrar o que lhe é devido... (Segundo Roq.).

717

ERIGIR, fundar, instituir, estabelecer, levantar, erguer, construir, constituir, organizar, formar. – **Erigir** – escreve Bruns. – "é construir um edifício ou um monumento cuja parte visível tem de recordar uma pessoa ou acontecimento, ou de ser destinada a um certo fim. Dizemos – cuja parte visível – porque o verbo **erigir** não desperta nenhuma ideia relativa à parte do edifício ou do monumento jazente sob o solo. A etimologia deste verbo (do latim *regere* "pôr em pé e direito") não consente que ele se aplique senão ao que se eleva do solo; e assim é que não se pode dizer, por exemplo, que – o governo *erigiu* uma quinta regional –, nem – um caminho de ferro –; e sim que – *estabeleceu* uma quinta regional –, que – *estabeleceu* ou *construiu* uma linha férrea –, etc. *Erigem-se* templos às divindades; estátuas aos grandes homens, etc. Note-se que **erigir** consiste num fato só e isolado; e por isso não se deve dizer que – o monarca *erigiu* um asilo –, a não ser que ele apenas se ocupasse da sua edificação, deixando a outrem o cuidado de o dotar com os fundos necessários para o seu funcionamento; se ele o edifica e o dota, diga-se então que ele o *fundou, instituiu* ou *estabeleceu* (ou criou). – **Fundar** é criar e dotar uma empresa ou estabelecimento que há de ser permanente. É conseguintemente termo relativo à origem, à solidez e à duração da obra para a qual se contribui com *fundos*. O infante D. Henrique *fundou* em Sagres os primeiros estabelecimentos marítimos de que a história portuguesa faz menção. Os antigos reis *fundavam* mosteiros... – **Instituir** acrescenta à noção de **fundar** a ideia de instituto, regra ou regulamento. Os reis *instituíam* ordens militares. A Igreja *institui* as cerimônias do culto. – **Estabelecer** é, propriamente dito, o mesmo que mandar (que se faça); e como não é possível **erigir**, **fundar** ou **instituir** sem mando, resulta daí que tudo o que se *erige*, se *funda*, ou se *institui*, pode também dizer-se que se *estabelece*. É, portanto, termo genérico que significa particularmente – dar existência a alguma coisa". – **Levantar**, como erigir, aplica-se no sentido de "construir alguma coisa de vulto, e que deve destacar-se pelas proporções, pela altura, pela posição vertical". Decerto que se não dirá – "*Levantamos* um clube", para significar que o fundamos. *Levantam-se* templos, palácios, estátuas. No sentido moral também dizemos que se *levanta* o ânimo, a coragem de alguém. – **Erguer** equivale a levantar. – **Construir**, no sentido genérico, é – "dar estrutura a"; e tanto se aplica no sentido moral como no físico. Tanto se *constrói* um prédio como um nome, uma reputação, um lar. – **Constituir** é "dar existência a, formar, organizar, estabelecer". *Constitui-se* uma sociedade mercantil; *constitui-se* família; como se *constitui* procurador, e até, se *constitui* fortuna. – **Organizar** é propriamente "dar existência *orgânica*, formar ou constituir em organismo". Ninguém diria, sem dúvida, – *organizar* uma ques-

tão, um negócio, uma casa, pois só se *organiza* coisa que tem estrutura, ou que é formada de *órgãos*. *Organiza-se* um ministério, uma nação ou um estado político, uma família, uma empresa. – **Formar** confunde-se até certo ponto com **organizar**. Não se diz, porém, *organizar* um caráter, senão *formar*. Enuncia, pois, **formar** a ideia de "fazer alguma coisa segundo um certo plano ou modelo".

718

ESCAPAR, **fugir**, **evadir**, **esquivar**, **evitar**. – Segundo S. Luiz, têm estes verbos uma significação comum, que os faz sinônimos, e consiste em que todos exprimem a ação com que nos pomos a salvo de algum incômodo, trabalho, perigo, dificuldade, etc. Diferençam-se, porém, entre si, porque cada um exprime diferente modo desta ação. – **Fugir** de alguma coisa é apartar-se dela, alongando-se, correndo para o lado oposto, não se deixando alcançar, etc. *Fugimos* do lugar contagiado; *fugimos* da terra, em que habitamos, antes que seja descoberto o nosso crime; *fugimos* à justiça, que nos procura; ao assassino que nos persegue; *fugimos* do tumulto do mundo para a solidão; etc. – **Evitar** alguma coisa é apartar-se dela desviando-se, declinando do caminho, fazendo por se não encontrar. *Evitamos* despesas, trabalhos, perigos, dificuldades, desviando-nos das ocasiões; *evitamos* o encontro desagradável, mudando de direção, etc. – **Escapar** de alguma coisa[61] é livrar-se dela, estando-lhe já nas mãos, ou próximo a isso; roubar-se ao mal que o tinha apanhado, ou que não tardaria a alcançá-lo. *Escapamos* da doença, da morte, do naufrágio, da prisão, das mãos do inimigo, etc. – **Evadir** alguma coisa é sair dela em salvo, destra e subtilmente, com arte, com astúcia, com subterfúgios, com manhas. *Evadimos* a questão, a força do argumento, a dificuldade do negócio, a proibição da lei, etc. (É mais usado pronominalmente.) – Finalmente **esquivar** alguma coisa é arredar-se dela, ou afastá-la de si com esquivança, isto é, com desapego, com isenção, com aspereza, com desdém. *Esquivamos* o homem mau, que busca a nossa amizade; os abraços do amigo infiel; o importuno que nos persegue, etc."

61 ~ Quanto a **escapar de**, e **escapar a**, escreve o mesmo autor: "**Escapamos de** um perigo, quando estivemos metidos nele, e saímos a salvamento. **Escapamos a** um perigo, quando nos antecipamos a evitá-lo. *Escapou da* prisão quem esteve nela e pôde salvar-se; do contágio, quem foi dele acometido e recobrou saúde; do naufrágio, quem saiu das ondas com vida. *Escapou à* prisão quem foi procurado para ser preso, e soube evitar as diligências da justiça; ao contágio, quem não foi tocado dele; ao naufrágio, quem esteve próximo a naufragar, e arribou a porto seguro, etc."

719

ESCARCHA (**geada**), **gelo**, **saraiva** (**granizo**, **pedrisco**, **chuva de pedra**), **neve**, **caramelo**, **carambina**, **sincelos**. – Todos estes vocábulos designam (segundo Roq.) as diferenças de forma e de consistência que se observam na água *congelada*, isto é, privada do calórico que conservava a mobilidade de suas partículas. Quando nas noites longas do inverno o ar e a terra se esfriam quanto baste para que o orvalho se *gele*, os **gelos** que se formam são tão subtis, e estão tão próximos uns dos outros que, pela transparência, parecem brancos e formam a **geada** a que os franceses chamam *gelée blanche*, e a que os castelhanos chamam, e os nossos antigos chamavam, **escarcha**: "as *escarchas* e *neves* que o inverno traz nas despedidas" – disse um clássico. Quando o frio aperta, mormente nos climas do norte (falando lá no outro hemisfério), converte-se a água em corpo sólido, começando por formar uma côdea semelhante a uma lâmina de cristal, até que toda ela se converte numa massa como vitrificada; e a este corpo sólido e frio dá-se o nome de **gelo**, a que os franceses chamam

glace, e os espanhóis *hielo*. Quando as gotas de chuva passam por frias regiões, *gelam-se* antes de cair, e formam o que chamamos **saraiva**, a que também se chama **granizo** porque tem a forma de grãozinhos ou confeitinhos; assim lhe chamam igualmente os espanhóis, dando-lhe os franceses o nome de *grêle*, que é o *grisil* céltico, e o *grando* dos latinos. Quando esta chuva *gelada* é mui grossa, e como pedrinhas, chama-se-lhe com razão *chuva de pedra*; e quando esta pedra é miúda, porém esquinada como as pedras de sal, chama-se-lhe *pedrisco*. A reunião de uns *gelos* extraordinariamente finos, formados pela frialdade da atmosfera no momento de sua condensação, e antes que as partículas aquosas tenham podido reunir-se em gotas, é a **neve**. Estes pequeninos *gelos*, deixando entre si algum espaço, formam flocos mui ligeiros que, pela sua transparência, apresentam uma brancura formosa que deslumbra os olhos. Finalmente, **caramelo** é a *neve* congelada, ou o *gelo* grosso na superfície das águas, dos rios, etc. – Dá-se o nome de **carambina** ao gelo pendente das árvores, dos muros, dos penhascos, etc.; e o de **sincelos** ao *gelo* pendente dos beirais dos telhados.

720

ESCORREGAR, **resvalar**, **deslizar**. – **Escorregar** é ser deslocado pelo próprio peso, ou mover-se mais ou menos rapidamente sobre uma superfície lisa. – **Resvalar** é "perder o equilíbrio e cair ou descer escorregando, ou rolando". Tanto **resvalar** como **escorregar** têm sido empregados por bons escritores como significando **deslizar**; mas este verbo não sugere como aqueles a ideia da rapidez da deslocação, nem propriamente a de desequilíbrio. – **Deslizar** é escorregar de leve, pouco a pouco, suavemente; mover-se em superfície lisa serenamente. Pisou numa casca de banana, *escorregou* e caiu; pisou em falso, *resvalou* e tombou no buraco; o veículo, mesmo travado, foi *deslizando* sobre o asfalto até encontrar o muro. A lágrima que *resvala* cai dos olhos; a que *escorrega* desce rapidamente pela face; a que *desliza* vem descendo lentamente.

721

ESCURO, **obscuro**, **sombrio**, **tenebroso**, **caliginoso**. – Diz Roq. muito bem destes vocábulos: Todos exprimem falta de luz em corpos ou lugares, mas com diferente grau, ou a diversos respeitos. No que é **escuro** falta a luz ordinária, mas resta ainda alguma claridade. Dia *escuro* é o em que se não vê o sol, que está coberto, anuviado, mas em que se vê o suficiente para se distinguir os objetos. No que é **obscuro** falta a claridade indispensável; é o escuro cerrado, ou carregado. Dia *obscuro* é o em que há névoa espessa, que impede ver os objetos, a não ser muito de perto. No **sombrio** falta a plenitude do dia. Um bosque é *sombrio* quando a espessura do arvoredo impede que nele penetre toda a luz do dia, e não dá passo senão a débeis reflexos. O que é **tenebroso** carece de toda luz. O inferno é *tenebroso* porque não penetra ali nenhuma luz. – **Caliginoso** é palavra poética e latina (*caliginosus*) e exprime não só o último grau de escuridade como a extrema cegueira no órgão visual; por isso se diz: olhos *caliginosos*, por escurecidos, cegos, física ou moralmente; e não se poderia dizer *escuros*[62], nem *sombrios*, nem *tenebrosos*. – No sentido figurado, **escuro** dizemos comumente do que se não entende ou ouve bem, do que é triste: pensamento, texto *escuro*; voz, palavras *escuras*. – **Obscuro** dizemos particularmente do que não tem lustre, nem nobreza: nascimento, lugar *obscuro*; nome *obscuro*. **Sombrio** não se diz senão do ar e feições do rosto do homem triste, e

62 Aliás, *escuros* ainda se diz. É muito usual – *escureceu* a vista.

do caráter e dos pensamentos das pessoas que vivem fora de alegria. – **Tenebroso** dizemos com propriedade das ações, dos projetos, das empresas odiosas e secretas, envoltas em véus impenetráveis. – **Caliginoso** dizemos acertadamente da grande cegueira de entendimento, da grande obscuridade do que escapa à nossa perspicácia e previsão. Em bons autores pode ler-se: "Olhos *caliginosos* dos sectários, da malevolência; o *caliginoso* polo do futuro".

722

ESCUTAR, **ouvir**, **atender**. – Não se pode confundir o verbo **ouvir** com os dois outros; pois **ouvir** designa uma função inconsciente do sentido da audição: é sentir as impressões causadas pelo som no órgão desse sentido. Entre **escutar** e **atender** há diferença muito mais subtil. Estes dois verbos, como diz Alv. Pas., "são sinônimos quando exprimem a ideia de prestar atenção ao que se diz, com a diferença seguinte: *Escuta-se* para se *ouvir* bem o que se diz; *atende-se* para compreender bem o que se *ouve*. O primeiro representa uma função do ouvido; o segundo, uma operação do espírito. O que *ouve* bem o pregador *atende* para não perder nada do sermão. O que está longe *escuta* para o poder *ouvir*. Para *escutar* evita-se o barulho; para *atender* evita-se a distração".

723

ESFAIMADO, **esfomeado**, **faminto**, **famélico**, **famulento**. – A palavra latina *fames*, e a portuguesa dela derivada, *fome*, são os radicais de todos estes adjetivos, que indicam o que tem fome. Alguma diferença, porém, é preciso notar entre eles. – **Famélico** é palavra alatinada, *famelicus*, que se traduz em **faminto** ou **esfomeado**, pela oposição que tem com *saturatus*, "farto". Se houvéramos de traduzir aquele dito de Plauto: *Dum ridebunt saturati, mordebunt famelici* (*Ps. prol.* 14) – diríamos muito bem: "Enquanto rirem os fartos, morderão os *famintos*". – **Faminto** indica o que tem fome e deseja comer; corresponde, como vemos, ao *famelicus* latino, e ao *hambriento* espanhol, mas não tem tanta força como o **esfomeado** ou **esfaimado** português, segundo parece dar a entender Vieira quando diz: "Por isso há tantos *famintos*, ou *esfaimados* da graça" (V. 423). O prefixo *es* aumenta a força, a intensidade do radical; pelo que estes dois adjetivos (**esfaimado** e **esfomeado**) exprimem uma fome violenta, devoradora nos indivíduos a quem se aplicam. – **Esfaimado** é menos vulgar que **esfomeado**; e **faminto** é poético, mormente no sentido figurado de mui desejoso; do que temos bom exemplo em Camões, que disse:

> Desta arte o sumo bem se me oferece
> Ao *faminto* desejo, por que sinta
> A perda de perdel-o mais penosa.
>
> (*Canc.*, II)
>
> ... *famintos* beijos na floresta!
>
> (*Lus.*, IX, 83)

Famulento é palavra muito expressiva e poética, que não exprime somente fome grande, ou grande desejo, senão uma fome, um desejo ardente, insaciável, a que nada satisfaz, nada farta; como muito bem disse Camões:

> Que nunca o pensamento
> Voando sempre de uma a outra parte,
> Destas entranhas tristes bem se farte;
> Imaginando como, e *famulento*,
> Quanto mais como, a fome vai crescendo.
>
> (*Canc.*, II)

E depois dele, disse Bocage:

> Com *famulentos* olhos a devora.
>
> (De Roq.)

724

ESFALFADO, **extenuado**, **cansado**, **fatigado**, **exausto**. – Todos estes adjetivos enunciam

de comum a ideia de falto de forças devido a excesso de exercício. – **Esfalfado** aplica-se particularmente nos casos em que a debilidade provém de "gasto de forças por abuso de funções orgânicas". – **Extenuado** dizemos melhor quando a debilidade é "profunda e principalmente quando a fadiga é mental". – **Cansado** é termo genérico para exprimir "de forças gastas por excesso de trabalho físico". – **Fatigado** é "o que cansou de momento", quer no sentido físico, quer no sentido moral. – **Exausto** aplica-se igualmente em qualquer sentido, e significa "esgotado de forças". O que saiu das orgias vem *esfalfado*. Quem estudou muito, quem escreveu demais, quem discutiu longamente numa assembleia, ou num tribunal, sente-se *extenuado*. Os que trabalharam todo o dia, à noite estão *cansados*. Os ricos sentem-se às vezes *cansados* de aturar os pobres; os pobres, *cansados* de sofrer. Quando o conselheiro chegou ao alto da escada, sentia-se *fatigado*. F. está *fatigado* da lida; do discurso, ou de falar; *fatigado* de correr, de ouvir, de estar de pé, ou de estar sentado. A doença deixa-nos *exausto*; o trabalho, as aflições puseram-no *exausto*. Alma *exausta* de crenças, de coragem, de esperanças.

725

ESMERO, **capricho**, **apuro**, **primor**, **requinte**; **cuidado**, **asseio**, **limpeza**, **correção**, **alinho**, **gosto**. – Todas estas palavras referem-se à diligência, zelo, carinho, esforço particular com que se executa algum trabalho. Executa-se com *esmero* quando se faz o melhor que se pode; com *capricho* quando se faz com cuidado tenaz e minucioso, brio e galhardia; com *apuro*, quando se faz com extremo, finíssimo capricho; com *primor* se executou, quando a coisa executada saiu perfeita, ou pelo menos com qualidades para ser tida como das melhores, das *primeiras* no seu gênero. – **Requinte** é "o excesso de apuro; o meticuloso rigor, o exagero da correção". – Consiste o **cuidado** na "atenção e solicitude com que se aplica alguém a fazer alguma coisa". – **Asseio**, neste grupo, é a "discreta correção com que se age, com que se executa algum serviço". – **Limpeza** é a "habilidade e capricho com que se faz alguma coisa". – **Correção** é "o cuidado e apuro com que se executa alguma coisa tão bem como deve ser executada". – **Alinho** é "o asseio no trajar, a discrição na conduta e no discurso". – **Gosto**, aqui, é "o senso do razoável e preferível, o critério, a presteza, a graça com que se age, se diz, se faz", etc.

726

ESPANTOSO, **terrível**, **terrífico**, **terrificante**, **horrível**, **horrendo**, **horroroso**, **horrente**, **hórrido**, **horrífero**, **horrífico**, **horripilante**, **medonho**, **pavoroso**, **temeroso**. – **Horrendo** – diz Roq. – "é o que por sua grandeza desconforme infunde medo e temor ao vê-lo ou ouvi-lo". – **Horrível** é tudo o que por sua fereza causa horror nos que o presenciam. Refere-se ordinariamente a objetos animados. – **Horroroso**, pelo contrário, diz-se mais frequentemente de objetos inanimados; e em particular do que depende da ordem da natureza, ou daquilo em que há atrocidade. – **Espantoso** designa uma ideia menos extensa (e mais vaga) que os anteriores adjetivos, e causa assombro, porém pode ser alguma coisa que por demasiada grandeza cause o que chamamos espanto. *Horrendos* são os trovões quando ribombam no fundo dos vales; *horrendas* são as bombardas que estoiram amiudadas; *horrendo* era o tom da voz com que falava o gigante Adamastor. *Horrível* é o leão quando nos desertos assalta o caminhante. *Horrorosa* é a noite em que se não vê nem uma estrela, passada em pequeno baixel que as ondas agitam e a enfurecida borrasca ameaça fazer em pedaços contra escarpados rochedos;

horroroso é um crime atroz e inumano. *São espantosos* os castigos, os espetros, os terremotos, os furacões, os bramidos, e tudo que causa espanto. Os três primeiros (**horrendo**, **horrível** e **horroroso**) tomam-se sempre em mal; o último (**espantoso**) toma-se algumas vezes em bem, como coisa maravilhosa; e, neste sentido, é *espantosa* a viajem do Gama à Índia; são *espantosos* os feitos de Duarte Pacheco. Podem, porventura, reunir-se num mesmo sujeito estas quatro qualidades, sob diversas relações. Polifemo, considerado em sua desmedida grandeza, era *espantoso*; considerado em seu aspeto desagradável à vista, e com um só olho na testa, representa-se-nos *horrível*; considerado como um gigante de desmesurada força, figura-se-nos *horrendo*; considerado como um monstro de crueldade, representa-se-nos *horroroso*. O gigante Adamastor, segundo o imaginou o nosso poeta, era *espantoso* por sua disforme e grandíssima estatura; os olhos encovados, a boca negra, os dentes amarelos, a barba esquálida, e os cabelos cheios de terra faziam-no *horrível*; os membros descompassados, e tom de voz medonho e temeroso com que falava faziam-no *horrendo*; e se, como Polifemo, se apresentasse despedaçando homens, e comendo-lhes as carnes, seria, como o ciclope, *horroroso* monstro". – **Horrente**, **hórrido**, **horrífero**, **horrífico** e **horripilante** são variantes dos três anteriores quase que só na forma, pois há de ser muito raro o caso em que não tenham sido empregados indistintamente. Quanto a **horrente** só se tem a observar que pode ser empregado em dois sentidos: significando o mesmo que **horrífico** e outros; e também significando horrorizado, que tem ou sente horror: ali, diante da sombra, ficou *horrente* a pobre menina. De **horrível** deve dizer-se ainda que se aplica tanto quando se quer exprimir o que impressiona os sentidos, como daquilo que repugna à alma ou a consciência: o que nem sempre se dará em relação aos outros, ou à maioria deles pelo menos. Dizemos, por exemplo: dor *horrível*, apreensões *horríveis*, amarguras, aflições *horríveis*. Poderíamos dizer ainda: aflição, dor *horrorosa*; mas decerto ninguém arriscaria: *horrenda* aflição; nem dor *horrente*, ou – amargura *horrífica*. Em suma: parece indispensável distinguir o *horror* que parece estar só na imaginação, ou que se passa no espírito (e então exprimi-lo-emos por **horrível**, e também por **horroroso**) do *terror* que se diria sempre resultado de impressão imediata, atual dos sentidos (e em tais casos usaremos dos demais adjetivos do mesmo radical). – Os restantes vocábulos do grupo – **terrível**, **medonho**, **pavoroso**, **temeroso** distinguem-se pelos respetivos radicais: é **terrível** o que causa *terror*, isto é, uma impressão de sobressalto que faz tremer e que abate a força moral; é **medonho** o que produz *medo* (susto, sobressalto violento e inconsciente); é **pavoroso** o que inspira *pavor* (grande espanto, terror que faz fugir); é **temeroso** aquilo que causa *temor* (sentimento mais de respeito, assombro e maravilha que de medo). – O que se disse de **horrível** e **horroroso**, em relação aos outros do mesmo radical, pode dizer-se de **terrível** em relação a **terrífico** e **terrificante**; devendo notar-se, no entanto, que todos estes se empregam ainda mais indiferentemente talvez do que aqueles.

727

ESPECIAL, **particular**, **singular**, **privativo**, **exclusivo**. – **Particular** é o que não é comum a todos ou a muitos, o que pertence a um ou a poucos, o que distingue um ou alguns de outro ou de muitos. – **Singular** é o que tem o caráter de excepcionalidade, que só se encontra num caso ou num indivíduo, ou que pelo menos é tão raro que se pode considerar como existente num indivíduo apenas, ou em muito poucos indiví-

duos. – **Especial** é o que é como próprio da espécie, como particular a um certo grupo de coisas, fatos ou pessoas. – **Privativo** é o que, por exceção, por direito especial, por alguma qualidade própria, pertence a uma certa pessoa em razão da sua dignidade ou do seu cargo. – **Exclusivo** é o que é próprio ou se atribui a alguém ou alguma coisa exclusivamente, isto é, arredando, excluindo outras pessoas ou coisas. Em casos *especiais* podem distinguir-se casos *particulares*; nestes pode haver algum caso *singular*. Faculdade, direito *privativo* é o que só uma certa pessoa pode exercer. Vantagens, proveitos *exclusivos* são os que nos competem e que outros não podem gozar.

728

ESPERANÇA, **confiança**, **fé**. – Roq. compara as duas primeiras palavras do grupo deste modo: – Muito extensa é a **esperança**: espera-se tudo que é bom, favorável, grato; a última coisa que o homem perde é a *esperança*. Mas quantas vezes não passam de puras ilusões as mais lisonjeiras esperanças? Quando, porém, a esperança é bem fundada, firme e quase segura da realidade, chama-se **confiança** que vem da palavra latina *fidutia*, *fidentia*, *confidentia*, a que os nossos antigos chamavam *fiuza*. A **esperança** refere-se a sucessos ou fatos que hão de acontecer, ou que podem acontecer; a **confiança**, aos meios por que se hão de conseguir ou executar. Confio, ou tenho *confiança* nas minhas riquezas, por meio das quais espero ou tenho *esperança* de lograr o que desejo. O homem que tem grande *confiança* em Deus, e se ajuda de boas obras, *espera* por elas ganhar a salvação eterna. – É preciso distinguir as frases estar *com* **esperanças**, e estar *de* **esperanças**. A primeira significa – ter *esperança* de obter alguma coisa boa, agradável. Só está *de esperanças* a mulher grávida, que espera ter o seu bom sucesso. – Quando a confiança se funda em crença, em convicção, chama-se **fé**. A própria **fé** religiosa não é senão a confiança profunda que se tem numa grande verdade que se nos revelou, ou que nos é inspirada pelo poder de Deus. Temos *fé* no futuro, num amigo, no trabalho, na virtude, etc.

729

ESPIA, **espião**, **vigia**, **sentinela**, **atalaia**. – Segundo S. Luiz, **vigia** "exprime genericamente o que está desperto, com os olhos abertos e atentos, para ver e notar o que se passa. – **Sentinela** quer dizer *vigia* militar: é o soldado que está de *vigia* em algum posto. – **Atalaia** é propriamente *vigia* ou *sentinela* posta em lugar alto, de onde possa ver ao longe e descobrir o campo. – **Espia** é o que segue esta ou aquela pessoa para observar de perto os seus passos, movimentos, palavras, etc.; ou também o que anda por aqui, e por ali, espreitando e observando com solapada cautela o que se faz ou o que se diz. O pai deve ser *vigia* cuidadoso de seus filhos; o superior, dos seus súbditos; o pastor, do seu rebanho. A *sentinela* e a *atalaia* cumprem um dever militar, e são responsáveis pelas consequências do seu descuido. O *espia* é, as mais das vezes, "um homem de baixos sentimentos, que ou por curiosidade criminosa, ou por sórdidos interesses, ou por algum outro semelhante motivo, anda observando as ações, palavras e gestos de outros, encobrindo, com disfarce, o seu verdadeiro intento, e talvez sob capa de amizade, para depois os entregar aos seus inimigos". – Entende Bruns., e com muita razão, que conviria reservar o vocábulo **espião** para designar "o indivíduo pago por outrem para ver e observar o que se passa e vir dar conta do que vê e observa; pois **espia**, e não **espião**, se diz do indivíduo que por sua própria conta, às escondidas ou disfarçadamente, observa o que se passa".

730

ESPIAR, espionar, espreitar. – Da diferença notada entre *espia* e *espião* provém a diferença que se deve notar entre **espiar** e **espionar**. Quem *espia* procura ver e observar disfarçadamente para proveito próprio, ou para algum fim, que lhe interesse. Quem *espiona* faz o papel de *espião*, procura ver e ouvir, *espia* por incumbência de outrem, por paga ou por ofício. – Entre **espiar** e **espreitar** nota-se a diferença que consiste em **espiar** dizer apenas que se procura seguir para observar, sem que o espiado saiba disso, ou de modo que só venha a sabê-lo depois de traído; e **espreitar** sugere ideia de emboscada, de bote armado às ocultas, de traição para prender, para apanhar, etc. O bandido *espreita* no caminho o viandante, para o matar ou roubar. A polícia *espia* um sujeito perigoso (segue-lhe os passos para saber o que anda fazendo).

731

ESPONTÂNEO, voluntário, livre. – **Livre** – diz Lacerda – é o ato "que se pratica por determinação da vontade, mas de modo que se pode deixar de praticá-lo. Sento-me porque quero, mas podia não sentar-me. – **Voluntário** é também o ato que se pratica porque a vontade o quer; mas que não podíamos deixar de praticar, porque não podíamos deixar de querer. Exponho a vida *voluntariamente* para salvar da morte um objeto a quem tanto quero como me quero a mim mesmo. – **Espontâneo** é o ato em que a vontade não tem nenhuma parte, e que se pratica sem se advertir em tal, e sem que se possa impedi-lo. Penso sem advertir que estou pensando; respiro, sem poder deixar de respirar. *Pensar* e *respirar* são conseguintemente atos *espontâneos*". – Notemos que à função de pensar, de respirar, de digerir, etc., caberia então melhor o adjetivo *inconsciente* e em muitos casos o adjetivo *reflexo*. **Espontâneo** dizemos, em linguagem comum, do que é "da nossa livre vontade, do que fazemos sem que nos fosse solicitado".

732

ESTADO, nação, povo. – "Estado é a nação considerada como entidade sujeita a governação e administração. Frequentemente considera-se o **estado** com relação aos outros **estados**. (**Estado** – define Clovis Bevilaqua – é um agrupamento humano, estabelecido em um território, e submetido a um poder público soberano, que lhe dá unidade orgânica. São elementos constitutivos do **estado**: o **povo**, o território e o poder público soberano. Quando se tem mais particularmente em vista o **povo** distribuído em classes sociais, o agrupamento denomina-se **nação**. Quando se considera esse agrupamento organizado pelo poder público, e representado pelos funcionários, que o exercem, tem-se o **estado**.) – **Nação** (do latim *natio*, derivado de *nasci* "nascer") é o conjunto de indivíduos de uma mesma raça, habituados aos mesmos usos, costumes e língua. – **Povo** (do latim *populus* "multidão") é o conjunto de homens que vivem sob a mesma lei e o mesmo governo. Assim dizemos: o *povo* português é de boa índole; o *povo* espanhol tem muito de godo e de árabe. Dos dois *povos* reunidos dizemos que – o fanatismo e a crendice têm dificultado o progresso da *nação* ibera. Do sentido primitivo de **nação** e **povo** procedem todas as distinções que convém estabelecer entre estes vocábulos. **Nação** indicou em primeiro lugar uma aglomeração natural de homens, fundada na origem comum a todos eles e nas suas comuns qualidades características. **Povo** indicou uma aglomeração, artificial ou natural, estabelecida em vista de interesses comuns, tais como leis, governo, *habitat*, etc. Assim é que a **nação** pode compreender vários *povos*; pois, formando a península

ibérica a *nação* ibera, existem nela os *povos* português e espanhol. Por outro lado, e como consequência da primitiva significação destas palavras, várias *nações* submetidas ao mesmo governo podem formar um único **povo**. Assim as *nações* mongólica, tártara, etc. formam o *povo* chinês. Extensivamente dizemos **nação** por **povo**, com uma diferença análoga. **Nação** dizemos com relação à índole, costumes, usos, culto, língua, etc. **Povo** diremos com relação ao estado político ou social, instituições, leis, governo etc.: *nação* civilizada, *nação* fanática; *povo* guerreiro, *povo* nômada, *povo* livre, *povo* escravizado, etc. Duas *nações* são rivais; dois *povos* aliam-se para se defenderem mutuamente de um terceiro. **Nação** tem um sentido geralmente mais extenso, e marca uma relação mais íntima que **povo**. Na península ibérica viu-se que vários *povos* (catalães, aragoneses, castelhanos, navarros, vasconsos, lusitanos, galegos, etc.) acabaram por constituir uma nação, porque, os laços que os uniram são tão íntimos que quase podem fazer considerá-los como descendentes de uma mesma origem. **Povo** tem ainda mais acepções, pois pode designar uma parte, ou uma das classes de uma **nação**. Assim se diz: "o *povo* das cidades; o *povo* das aldeias; o *povo* e a classe média, etc." (Bruns.) – "No sentido literal e primitivo" – diz Roq. – "a palavra **nação** indica uma relação comum de nascimento, de origem; e **povo**, uma relação de número e de reunião. A **nação** é uma dilatada família; o **povo** uma grande reunião ou agregado de seres da mesma espécie. A **nação** consiste nos descendentes de um mesmo pai; e o **povo**, na multidão de homens reunidos num mesmo sítio"...

733

ETERNO, **perpétuo**, **contínuo**, **imortal**, **sempiterno**, **eternal**, **eviterno**, **perene**, **perenal**. – De **eterno**, **perpétuo** e **perene** diz S. Luiz: – **Eterno** toma-se muitas vezes por **sempiterno**, significando o que não teve princípio, nem há de ter fim: neste sentido dizemos que Deus é *eterno*, que o mundo não é *eterno*. Toma-se outras vezes em sentido mais restrito, significando o que não há de ter fim, ainda que tenha tido princípio: neste sentido dizemos que o espírito do homem há de existir *eternamente*; que os prêmios e penas da vida futura hão de ser *eternos*. Nesta segunda acepção confunde-se talvez **eterno** com **perpétuo**, atendendo-se tão somente à ideia comum de durar sempre, em que ambos os vocábulos convêm, e são sinônimos. Há, contudo, entre eles uma notável diferença, que não permite empregá-los indiferentemente em todos os casos. **Eterno** é o que há de durar sempre; mas este sempre é absoluto, sem limite, sem-fim. – **Perpétuo** é também o que há de durar sempre; mas este sempre (é relativo) admite certos limites: sempre até o fim dos tempos; sempre até o fim do tempo, ou da duração própria do objeto de que se trata; sempre, em geral, até o fim do tempo determinado pela natureza; pelas leis, pelo costume dos homens, etc. Assim tal pessoa promete ao seu benfeitor gratidão *perpétua*; tal outra contrai uma obrigação *perpétua*, isto é, enquanto lhe durar a vida, até o fim dela. O matrimônio é um contrato *perpétuo*, isto é, até o fim da vida de qualquer dos contraentes. As pirâmides, os obeliscos, as estátuas, etc. são monumentos *perpétuos*, isto é, durarão até se gastar o mármore, ou o bronze, de que foram construídos. – **Perene** convém com **perpétuo** na ideia comum de durar sempre; mas ajunta a esta ideia a de uma ação continuada, ou continuamente renovada. Um monumento é *perpétuo* pela sua duração, e pode dizer-se *perene*, porque a cada instante está atestando o fato em memória do qual se erigiu. Os movimentos dos astros são *perpétuos* e *perenes* (*stellarum perennes, atque perpetui*

cursus – diz Cícero): *perpétuos*, porque hão de durar enquanto durar a ordem do mundo; *perenes*, porque hão de durar em ação contínua, incessantemente, sem interrupção. Também dizemos – "fonte *perene*, manancial *perene*, e não – *perpétuo*; porque neste caso atendemos mais particularmente ao fluxo contínuo da água, do que à *perpetuidade* da sua duração". – Dos cinco primeiros do grupo não é possível deixar de transcrever-se aqui o que escreve Laf. Começa ele estabelecendo que todos têm de comum a ideia de – "sem-fim" – que sugerem. "**Eterno** é o latim *æternus*, contração de *æviternus*, que se formou de *aevum* "a duração infinita" e da desinência de tempo *ternus* ou *rnus*. O ser ou o objeto *eterno*[63] é absolutamente sem-fim; subsiste, portanto, fora do tempo ou dos séculos. É antônimo de temporal. "... Saber sofrer suplícios temporais para evitar os *eternos*... Preferir as coisas visíveis e passageiras às invisíveis e às *eternas*". (Boss.) **Eterno**, *eternidade*, despertam só por si esta grande e medonha ideia de um sempre ou de um futuro inteiramente ilimitado... **Perpétuo** (*perpetuus, de perpeti* "durar até o fim") significa – sem-fim, mas relativamente, isto é, com relação a um fim, a uma época determinada; dentro de certo espaço de tempo. "Que vem a ser uma escravidão *perpétua*? Não é uma espécie de *eternidade*?" (Bourd.) Um ditador *perpétuo*, um secretário *perpétuo* – entende-se: ditador, secretário por toda a vida. – **Contínuo** (*continuus*, de *cum* e *tenere* "conservar") é o que conserva, ou se mantém conjuntamente, o que forma seguimento ou *continuidade*. Esta palavra indica, como **perpétuo**, uma sorte de eternidade relativa, uma duração sem-fim dentro de certos limites: "Depois de haverem sofrido neste mundo uma perseguição contínua, os justos acharão no céu uma *eterna* consolação". (Boss.) Trabalho, movimento, exercício *contínuo*; prece, ilusão, fadiga, inquietação *contínua*. Mas o que é *perpétuo* é um todo indivisível, que dura de uma maneira permanente ou perseverante: enquanto que aquilo que é *contínuo* é um todo, ou como um todo composto de partes que se sucedem sem cessar sem interrupção, sem lacuna. "O roble tem uma folhagem *perpétua*". (Volt.) "O espírito humano faz nas ciências um *contínuo* progresso". (Pasc.) Condena-se alguém a silêncio *perpétuo*, a exílio *perpétuo* (a galés *perpétuas*, a prisão *perpétua*); fazemos, porém, de alguma coisa uma ocupação, não *perpétua* mas *contínua*. Uma experiência *contínua* nos ensina isto ou aquilo. Todos os corpos estão sujeitos a uma *contínua* mutação. O que é *perpétuo* é ou dura sempre (isto é – até o fim da duração que lhe é própria); o que é *contínuo* vai ou se faz sempre (sem parar, ou sem cessar de ir ou de fazer-se). Um ditador *perpétuo* um ruído *contínuo*; um monumento *perpétuo*, uma lamentação *contínua*. A distinção é, pois, rigorosa; e, portanto, **contínuo** não se diz jamais das coisas que são, dos objetos. A recíproca, no entanto, não é verdadeira: **perpétuo** tem algumas vezes o sentido de *contínuo*; e tanto que se diz das coisas que se fazem, se passam ou acontecem. Mas então, representam-se essas coisas sinteticamente, abstração feita de toda ideia de sucessividade; e por isso mesmo é que se emprega esta palavra de preferência no singular. Uma guerra *perpétua* é como um todo sem partes, ou de partes indistintas, que dura longo tempo; enquanto que uma guerra *contínua* se compõe de combates *contínuos*, de ações que se sucedem, que repetidas vezes têm lugar. – **Imortal**, "não suscetível de morte, não sujeito a morrer", não oferece dificuldade alguma. É um epíteto reservado para os seres vivos ou personificados, para tudo que vive ou parece viver sem termo, perpetuamente,

63 ~ Temos também a forma **eternal**, quase só usada em linguagem literária, e que parece atenuação de **eterno**.

para sempre. "Naquela dor, Calipso se julgava infeliz de ser *imortal* (Fen.)..." – **Sempiterno** (latim *sempiternus*, de *semper* "sempre") é, no francês – diz Laf. – "uma palavra sem família, desnacionalizada, da qual não nos servimos senão familiarmente e gracejando"; no português, porém, não acontece o mesmo: **sempiterno** é uma acentuação, se é possível, de **eterno**; e particularmente se aplica ao que se refere a Deus, ou às coisas da divindade. A *sempiterna* justiça, o Senhor *sempiterno* (que não teve princípio, nem acabará nunca). – **Eviterno** é forma arcaica de **eterno**, só usada hoje em poesia, ou, em geral, em linguagjem literária. Significa mais propriamente *imortal* que *eterno*: é "o que não terá fim, mesmo que tenha tido princípio". – **Perenal** é atenuação de perene.

734

EUMÊNIDES, Fúrias. – "Os antigos romanos – diz Alv. Pas. – chamavam **Fúrias**, e os gregos **Eumênides** a certas divindades subalternas encarregadas de atormentar a consciência dos culpados. As **Eumênides** pertencem propriamente à mitologia e à história grega; e as **Fúrias**, à mitologia e à história romana. O nome de **Fúria** é tão usado e familiar em nossa língua que muitas vezes dizemos que uma mulher arrebatada e má é uma *Fúria*. O vocábulo **Eumênides** só é familiar dos sábios; e talvez o seu justo valor não seja bem-determinado. Tomada geralmente, a palavra **Eumênides** reúne as ideias de bom, de favorável, de força, cólera e ardor: as **Eumênides** castigam o culpado para o corrigir: – o castigo assim é salutar. As **Fúrias** são as feras ministras do tartáreo Jove:

As horridas irmãs do negro Averno.
Dos impios corações tormento eterno.

São as executoras das sentenças de condenação eterna = aspérrimos verdugos do delito. São as vingadoras da justiça.

Tisifone cruel e vingadora,
De um açoite cruel estando armada,
Executa insolente, a qualquer hora,
O castigo na gente condenada.

(*Eneida*)

As Eumênides castigam o culpado para o trazer ao caminho do bem; e nisto diferem das Fúrias".

735

EXECRAÇÃO, maldição, imprecação, praga; execrar, maldizer, amaldiçoar, imprecar, praguejar. – De acordo com S. Luiz, escreve Roq. o seguinte sobre estes vocábulos: "Em sentido literal, **imprecação** é a ação de rogar a um poder superior que fulmine males contra alguém" (**execrar**). – **Maldição** é a ação de **maldizer** alguém (ou **amaldiçoar**) ou de lhe anunciar, agoirar males com desejo de que eles sucedam. – **Execração** é a ação de **execrar**, isto é, de tirar a alguma pessoa ou coisa o que ela tem de sagrado, ou provocar contra ela a vingança celeste. – **Praga** é um dano grave corporal, ou um infortúnio que rogamos contra alguém, ou invocamos contra alguma coisa. É assim que a **imprecação** é propriamente uma oração ou súplica para que venham males: é o contrário de *deprecação*. A **maldição** é um desejo, uma como sentença dada: é o contrário de *benção*. A **execração** é uma espécie de anátema religioso: é o contrário de *sagração*. **Praga** é vocábulo genérico com que o vulgo designa não só as *imprecações, maldições* e *execrações*, como todos e quaisquer desejos de mal ao próximo, expressos por frases mais ou menos grosseiras, que todas se encerram em **praguejar** e rogar pragas. A **imprecação** provém da cólera e da fraqueza; a **maldição**, da justiça e do poder; a **execração** pode vir de um religioso horror; as **pragas** vêm sempre de má índole, péssima educação, e língua perversa; por isso se chama com razão ao malédico, boca de *pragas* ou *praguento*.

736

EXPERIÊNCIA, **observação**. – A **observação**, segundo Bourg. e Berg., é um "meio de conhecer as coisas" que consiste em notar como é que são feitas ou que se produzem. A **experiência** é um "meio de conhecer" que consiste em produzir, em provocar os fenômenos, para melhor observá-los, acompanhando-os em sua marcha. São dois processos científicos igualmente necessários; mas a **experiência** sobreleva à **observação**: é mais precisa, e permite-nos aprofundar o conhecimento, desde que somos nós que a dirigimos: os sábios recolhem *observações* sobre os fenômenos da natureza; os sábios verificam por *experiências* as teorias que formulam. Pela **observação** constatam-se fenômenos; pela **experiência** tiram-se as provas, fazem-se as demonstrações que se quer fazer para aperfeiçoar o conhecimento. A astronomia é toda fundada na *observação*, como diz Roq.; a química, na *experiência*.

737

FÁBRICA, **manufatura**, **oficina**, **tenda** (**usina**). – **Fábrica**, na significação que o torna sinônimo dos outros vocábulos deste grupo, designa em geral a oficina onde se produz alguma coisa, ou onde se prepara algum artefacto ou qualquer artigo de comércio. Sugere ideia de indústria, não propriamente de arte, ou quando muito em certos casos, de arte mecânica. – **Manufatura**, que adaptamos do francês, tem sentido muito menos extenso, e só se aplica a certos estabelecimentos, não só de grandes proporções, mas onde se trabalha com mais arte e onde se produzem artigos mais delicados ou em cujo preparo ou manipulação se emprega mais habilidade. Dizemos – *fábrica* de gás; *fábrica* de cerveja; *fábrica* de cal (e não *manufatura*). Dizemos com mais propriedade: – *manufatura* de rendas, de panos, de flores: – em vez de – *fábrica*. É este, no entanto, o termo entre nós mais usual, poucas vezes empregando-se **manufatura**. – **Oficina** é a sala, a casa, o lugar onde trabalham oficiais de algum ofício. É vocábulo ainda mais extenso talvez do que **fábrica**: sugere ideia de produção; e tanto se emprega tratando-se de trabalho mecânico ou material, como tratando-se de artes liberais: *oficina* de construções, de ourivesaria, de pintura, etc. – **Usina**, conquanto também francês, está sendo mais usado que **manufatura**, para designar "estabelecimento fabril onde o trabalho é feito mediante emprego de aparelhos e maquinismos". Em regra, aplica-se este termo nos mesmos casos em que se aplica **fábrica**: *usina* ou *fábrica* de louças, de vidros, de fundição, de pregos, de eletricidade, etc. – **Tenda** é o lugar onde trabalha um artífice ou artesão: *tenda* de ferreiro, etc. Sugere, no sentido particular que tem aqui, ideia de trabalho.

738

FACHADA, **frontaria**, **frente**, **frontispício**. – Segundo Bruns., e mais precisamente do que se vê em Roq.: – **Fachada** é a parte exterior de um edifício, toda essa parte exterior; e **frontispício** é a *fachada* em que está a porta principal, ou que dá para a **frente**. O palácio da Câmara municipal de Lisboa tem quatro *fachadas*: o *frontispício* é a *fachada* que olha para o largo do Pelourinho. – **Frontaria** é o frontispício de uma casa, ou de um edifício de modesta construção. (Se bem que muitos consideram **frontaria** como designando "*fachada* extensa do lado principal".) – **Frente** é a parte do solo que está ante a frontaria de um edifício.

739

FACULDADE, **poder**, **potência**. – Muito bem distingue Lac. estes três vocábulos: – **Faculdade** – diz ele – "é a disposição, dada pela natureza, às diferentes espécies, por via da qual os indivíduos são aptos para

praticar alguma ação, se não carecerem do **poder** para isso indispensável. – **Poder** é a liberdade, a não existência de obstáculo para executar uma ação. – **Potência** é a força necessária para a executar. Assim, sem que haja *faculdade, poder,* e *potência* ou força, não pode ter lugar nenhuma ação humana. Eu tenho a *faculdade* de ver; mas não vejo se me falta o *poder*; e este me faltará se me venderem os olhos. Tenho a *faculdade* e o *poder*; mas inutilmente se carecer de *potência* ou força; e carecerei se o sono se apoderar de mim".

740

FALECIMENTO, **morte**, **traspasse**, **trânsito**, **passamento**. – Todos estes vocábulos designam cessação da vida; mas distinguem-se conforme a ideia acessória que sugerem. – Empregamos **falecimento** quando aludimos à "falta que fez quem acabou". – **Traspasse**, como **trânsito**, designa o ato de "passar para além, de deixar esta passando para a outra vida". – **Traspasse** é mais solene e faz referência à "hora precisa em que o vivente deixou de viver"; **trânsito** sugere ideia da "suavidade com que morrem os justos, os que têm serena a consciência". – **Passamento**, como os dois precedentes, inclui a ideia (ou melhor – exprime-a exclusivamente) de "passar à outra existência"; é, no entanto, mais sugestivo da solenidade da hora da morte, das aflições da agonia; e só se aplica tratando de grandes homens. – **Morte** é termo genérico significando "cessação da vida", sem mais ideia alguma acessória. Tanto se aplica ao homem, como a todos os viventes, mesmo aos vegetais. Tanto se diz de uma pessoa que morreu de doença ou de desastre, como da que foi assassinada.

741

FANAL, **farol**. – Ambas exprimem a ideia de "luz que serve de guia". Mas **farol** não se presta a ser aplicado em sentido metafórico: designa propriamente "a torre ou construção elevada, ao pé do mar, e em cuja parte superior há um foco luminoso para ser avistado pelos navegantes" (Ramiz Galvão). – **Fanal**, tanto se emprega no sentido natural como no figurado; e acrescenta à noção de luz, que orienta e guia, a ideia de chama, que ilumina. Dizemos, por isso, que "a fé é o *fanal* da consciência humana" (e não o *farol*).

742

FASTIDIOSO, **enfadonho**, **tedioso**, **importuno**. – "Que desagrada, que aborrece, que faz perder a paciência" – é a significação de todos estes vocábulos. – **Fastidioso** é "o que enfastia, o que causa uma certa repugnância". – **Enfadonho** é "o que produz aborrecimento, o que molesta e *enfada*". – **Tedioso** é "o que inspira ou causa *tédio,* isto é – nojo e desgosto". – **Importuno** é "o que aborrece pela insistência com que nos desagrada". Não há nada mais *fastidioso* do que ouvir maus versos, ou "longos trechos de prosa safada"... É *enfadonho* esperar duas horas por um sujeito impontual. Nada mais *tedioso* do que um dia de chuva no verão; ou do que aguentar uma companhia hedionda toda uma noite. Há *importunos* que têm levado ao suicídio muita gente de juízo e de pouca misericórdia".

743

FAVORÁVEL, **propício; próspero**, **benigno**. – Segundo Laf. – "que é por alguém, que o auxilia na realização de seus desígnios ou de seus desejos." – **Favorável** vem do latim *favor* "interesse, inclinação para ajudar, para fazer direito". – **Propício**, do latim *propitius,* foi formado de *propè* "junto" e significa – "que está junto de alguém para o assistir, para o proteger, como um deus, ou um gênio tutelar. – **Favorável** diz menos que **propício**; exprime algumas vezes uma

simples disposição, benevolência, e não propriamente um socorro efetivo: sentimentos *favoráveis* (Acad., Bourd.). Não estou convencido de que tenham eles por mim *favoráveis* disposições. (Bourd.) E quando **favorável** marca igualmente beneficência, serviço atual e real (caso único em que é sinônimo de **propício**), anuncia alguma coisa de menos potente e menos decisivo. O que nos é *favorável* concorre para o sucesso de nossos desígnios; o que nos é *propício* faz com que nos saiamos perfeitamente bem por nós próprios. A ocasião nos é *favorável*; o destino, ou o céu nos é *propício.* Pede um cliente a um patrono que lhe seja *favorável*; o pecador pede a Deus que lhe seja *propício.* – **Favorável** dizemos propriamente das coisas, das circunstâncias, do que é simplesmente auxiliar; e **propício**, daquilo que só por si determina o sucesso, – de Deus, da fortuna, de um gênio, de um rei... – **Próspero**, do latim *prosperus,* que significa também "feliz", quase que é só usado em poesia e em alto estilo. Além disso, diversamente de **favorável** e de **propício**, não se refere **próspero** jamais a um mal a evitar, ou que se evita; mas indica sempre um acontecimento feliz. Quem conta sempre com coisas *favoráveis* ou *propícias* escapa aos inconvenientes, aos embaraços, aos perigos, às desgraças de todo gênero; quem conta com todas as coisas *prósperas* não experimenta senão felicidade. Além de tudo, **próspero** é raramente sinônimo das outras palavras deste artigo, porque de ordinário é relativo ao efeito e não à causa. Dizemos propriamente – uma ocasião *favorável* ou *propícia* (Acad.), e – um sucesso *próspero* (Corn., Mol.). O que nos é *favorável* ou *propício* ajuda-nos, secunda-nos... O que nos é *próspero* é alguma coisa para nós de bom, de vantajoso... – **Benigno** usa-se pouco ou raramente com a significação que tem neste grupo. Parece este termo recordar a astrologia judiciária, e serve para designar as influências do sol, dos astros, dos elementos. "Amável planta, árvore querida daquele que a fecunda com seus olhares *favoráveis,* como um sol benfazejo; crescei à sombra de sua bondade, e abri-vos a suas *benignas* influências (Boss.)".

744

FAVORITO, valido, privado, predileto, preferido, mimoso (mimo). – Dos três primeiros diz Roq.: "Estas três espécies de indivíduos têm grande entrada com os príncipes e senhores, e recebem facilmente suas graças e favores; mas cada um deles por diferente modo, e com diversas relações". **Favorito** é o **mimoso** a quem se favorece (especialmente) a quem se ama com preferência; recebe os favores do poderoso, talvez servindo-lhe as paixões, mas não lhe dá conselhos nem o domina, antes recebe seus mandados e lhe obedece. É um ente passivo, e em geral pouco estimado. – **Valido** é o que tem valimento junto do príncipe, e que, aparentando humildade para com ele, o domina com astúcia em proveito de sua ambição. – **Privado** é o que priva com o príncipe, vive com ele como em vida privada, goza de sua privança e conversação familiar; mas nem o serve baixamente como o *favorito,* nem busca dominá-lo em proveito próprio como o *valido*. Antigamente a palavra **privado** designava um cargo muito honroso junto de nossos reis, ou uma ocupação como de ministro do despacho, e não valimento; era o adjetivo latino *privatus* substantivado, referindo-se a conselheiro, *consiliarius privatus.* Fernão Lopes menciona vários *privados* de el-rei d. Pedro I; d. João Afonso Telo, conde de Barcelos, era o maior *privado* de el-rei d. Fernando; Diego Lopes Pacheco era também muito *privado.* O célebre João das Regras foi *privado* de el-rei d. João I, como tal se assinava, e assim o denomina o epitáfio gravado sobre sua sepultura em S. Domingos de Benfica. Este parece ser o último que teve o título de

privado, o qual não tornou mais a ser usado nos reinados seguintes. "Até o reinado de d. João I", diz o sábio acadêmico Trigoso (*Mems.* da Ac. das Ciências, XI, 174), "chamava-se **privado** aquele conselheiro que tinha maior trato e conversação secreta com o soberano nos negócios do Estado; e os que depois se chamaram **validos** eram os que com ele tinham merecimento, ou graça em virtude da qual conseguiam o que lhe pediam; porque *valer* propriamente significa "ser útil, servir, e prestar". Nota o mesmo sábio que depois que a dignidade ou ofício de **privado** deixou de existir, começou este nome a passar como sinônimo de **valido**; e cita Sá de Miranda, que diz:

Quem graça ante El-Rei alcança,
E hi fala o que não deve,
Mal grande de má *privança*.
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra beve.

O mesmo poeta:

Que Deus é fogo que abraza
Sei-o de um *privado* seu.

E noutro lugar:

Não falemos naquela infirmidade
De seus *validos*... etc.

Neste mesmo sentido disse Camões, falando de d. Sancho II:.

De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos *privados* foi privado.
(*Lus.*, III, 91).

E fazendo alusão a el-rei d. Sebastião:

Culpa dos reis, que às vezes a *privados*
Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham.
(*Lus.*, VIII, 41).

Ainda mesmo depois que a palavra privado perdeu a significação histórica de que acabamos de falar, e apesar de que alguns escritores usaram promiscuamente dos vocábulos **privado** e **valido**, entendemos que entre eles há não pequena diferença, como indicamos, e que não menos difere dos dois o vocábulo **favorito**. Os bons reis podem ter *privados* que não se desonram a si mesmos com baixezas como os *favoritos*, nem os dominam para proveito próprio como os *validos*; mas que os aconselham *privadamente* para bem, e os servem como leais e desinteressados súbditos. O conde de Castelo Melhor foi *privado*, e talvez *valido*, mas não *favorito* de d. Afonso VI; os *favoritos* deste eram os Contys. O príncipe da Paz foi *valido* de Carlos IV, rei de Espanha, mas não se pode dizer que foi seu *favorito*. O padre Vieira foi grande *privado* de el-rei d. João IV, mas não foi seu *valido*, e ainda menos seu *favorito*. Ouçamos a este grande homem falar dos **validos**, e fazer a diferença entre eles e os **privados**: "Se convém que os reis tenham **valido**, ou não, é problema que ainda não está decidido entre os políticos; mas dois **validos**, ninguém há que tal dissesse, nem imaginasse" (III, 80). "Os **validos** hão de estimar mais a graça do príncipe que todas as mercês que lhes pode este fazer, porque esta é a maior. Hão de encher a graça que têm dos príncipes com serviços, e não se hão de encher com ela de mercês. O maior crédito do **valido** é que a sua *privança* seja *privação*. Por isso os **validos**, com mais nobre e heroica etimologia, se chamam **privados**" (II, 98). Quer dizer que os **validos**, para tirarem o odioso deste nome, se dão a si mesmos o nome de **privados**; pelo que, na linguagem cortesã, **privado** vem a dizer o mesmo que **valido**, como diz o mesmo Vieira falando de Aman: "A tais soberbas e insolências chegam os *privados* de quem não sabe ser rei". (V, 525). **– Predileto** é "o mais querido entre os que se quer, o que mais se ama entre os amados, o que se prefe-

re entre os que nos agradam". O *predileto* dos amigos, dos filhos, dos parentes; passatempo, estudo, manjar *predileto*; música *predileta*; autor *predileto*. – **Preferido** não sugere, como **predileto**, a ideia do motivo, mas só a da escolha. A coisa ou pessoa *preferida* é "a que se escolhe por uma razão qualquer"; a pessoa ou coisa *predileta* é "a que se prefere por ser a mais querida, a que mais nos agrada". – **Mimoso** é termo familiar, e designa "o que tem os nossos carinhos especiais; o que em linguagem de intimidade se chama também **mimo** (e até *melindre*, *menina dos olhos*).

745

FECUNDO, **fértil**, **úbere**, **ubertoso**, **abundante**, **farto**; **fecundidade**, **fertilidade**, **uberdade**, **abundância**, **fartura**. – "**Fecundo** – diz o sempre seguro mestre – refere-se à potência natural de produzir abundantemente. – **Fértil** refere-se à atualidade da produção abundante. Dizemos que um terreno é *fecundo*, isto é, capaz de dar grande produção; e dizemos que o ano foi *fértil*, isto é, que as terras produziram bem, que houve abundância de frutos. A **fertilidade** ostenta as riquezas da fecundidade. Confundem-se muitas vezes estes dois vocábulos no uso vulgar, já porque a **fecundidade** e a **fertilidade** têm entre si estreitíssima e necessária relação, como causa e efeito; já porque o povo, considerando as terras, não como filósofo, mas sim como cultivador, somente atende aos resultados da **fecundidade**, que consistem na efetiva produção, e se manifestam pela **fertilidade**. Mas o filósofo, o físico jamais confundirá estes termos, porque sabe que um terreno, um animal, ou uma espécie de animais é *fecunda* quando tem todos os princípios necessários para dar uma abundante produção ou geração; e que o terreno ou o animal só é *fértil* quando esses princípios se desenvolvem, e produzem o seu efeito. A mesma diferença se observa no sentido figurado. O gênio é *fecundo*, isto é – capaz de criar, de produzir. O escritor é *fértil* pela abundância de suas produções. Uma grande verdade é *fecunda* em consequências. O homem de Estado, em tal situação de negócios, mostra-se *fértil* em recursos. Quem diz que uma nação, v, g., tem sido *fértil* em grandes acontecimentos, exprime simplesmente que nessa nação tem havido muitos desses acontecimentos. Quem diz que ela tem sido *fecunda* exprime que a nação tem em si, e na sua organização política, princípios próprios para produzirem tais acontecimentos. No primeiro caso, podem estes ser efeito de algum feliz concurso de circunstâncias casuais; no segundo, são sempre resultados da influência do governo, das leis, dos costumes, do espírito público, etc." (S. Luiz, 134). – **Úbere** é termo poético, e é mais usado na forma superlativa *ubérrimo*. A **uberdade** é mais propriamente "munificência do solo, abundância de messe, riqueza de produção"; e por isso aproxima-se mais de **fertilidade** que de **fecundidade**. – **Ubertoso** é outra forma de **úbere**; e faz referência particularmente aos proveitos que se tiram, pelo trabalho agrícola, de um solo *fecundo*. – **Abundante** é o que se produziu tão copiosamente quanto basta para compensar o esforço despendido. Há **abundância** de alguma coisa quando essa coisa existe largamente, amplamente satisfazendo a todos. – **Fartura** é mais que **abundância**: o que é farto excede às necessidades normais; sacia e sobra.

746

FELICITAÇÕES, **parabéns**, **congratulações**, **saudações**, **cumprimentos**, **emboras**. – **Felicitações** (também usado no singular) e **parabéns** confundem-se muito no uso comum. O primeiro, no entanto, não só tem sentido mais extenso, como é mais nobre. Pode-se apresentar a um ministro,

a um diplomata, *felicitações* por uma grande vitória alcançada no exercício do cargo (e não – *parabéns*). – **Parabéns**, como a própria formação do vocábulo está indicando, refere-se aos proveitos, às vantagens que se conquistaram. Damos *parabéns* a um amigo pela sua nomeação para um bom ofício; damos-lhe *felicitações* pelo seu aniversário, ou pelo bom sucesso de sua esposa. – **Saudações** designa apenas o ato de manifestar bons desejos, simpatia, respeito; e também o ato de "felicitar mais cerimoniosamente". – **Cumprimentos** enuncia o ato de "render homenagem, *cumprir* deveres de cortesia". – **Emboras** são ligeiras saudações, por motivos de pouca monta. Ninguém decerto iria dar simples *emboras* a um amigo que tirou a sorte grande... – **Congratulações** é termo que não tem nada de pretensioso, e que é indispensável na língua para exprimir o ato, não propriamente de felicitar alguém, mas "o de se alegrar com alguém". *Felicito* a vossa, ou a sua família; *congratulo-me* com a minha própria. O rei dirige *congratulações* ao seu povo, ou com este *congratula-se* por algum grande sucesso feliz para a nação.

747

FELIZ, ditoso, afortunado, venturoso, bem-aventurado. – Em dois grupos a estes vocábulos refere-se Roq.: "Por isso que a **fortuna** pode ser próspera ou adversa – diz ele no primeiro – formou o gênio da língua dois adjetivos, compostos deste vocábulo, que indicam seu diferente aspeto. Aquele que é por ela favorecido chama-se **afortunado**; e desafortunado ou infortunado o que ela abandona. Entre **ditoso** e **feliz** não há diferença nenhuma senão a que consiste em ser o primeiro vocábulo português; e o segundo, latino. – **Venturoso**, como aqui o entendemos, tem o mesmo valor que **afortunado**, com a diferença – que parece referir-se a coisas futuras que esperamos, como parece inculcar a palavra mesma (de *venturas*, "que há de vir"). – **Bem-aventurado** é aquele que alcançou boa *ventura*, *que* está no gozo de bem-aventurança; e como a verdadeira não se encontra neste mundo, chamam-se com especialidade *bem-aventurados* os que gozam da vista de Deus no Céu. A seguinte frase pode indicar as precedentes distinções: Se eu for tão *venturoso* no negócio da salvação como fui *afortunado* nas coisas do mundo, depois de ter vivido *ditoso* ou *feliz* neste mundo, serei *bem-aventurado* na eternidade. Em outro artigo, tratando de **feliz** e **afortunado**, escreve o mesmo autor: "Estas duas palavras têm relação com os bens e as vantagens que desfrutam os homens, e com a satisfação que experimentam no gozo destes bens. O homem que possua grandes cabedais, belas herdades e todos os cômodos da vida, é rico e abastado; mas só será **feliz** quando seu ânimo não estiver contristado, e o sossego da alma acompanhar as delícias da prosperidade". – **Afortunada** pode ser uma pessoa que, sendo pobre, tenha à medida de seus desejos tudo que empreende. – **Afortunado** significa "favorecido da fortuna"; **feliz** significa "que goza da felicidade, ou de uma felicidade". Uma pessoa é *afortunada* por seus muitos bens, por seus completos prazeres, pelos grandes favores que recebeu da fortuna; é *feliz* pela satisfação, contentamento e tranquilidade do ânimo. – **Afortunado** supõe uma felicidade extraordinária. Diz-se que um homem é *feliz* quando experimenta um prazer muito vivo; mas, como os prazeres duram pouco, cansam o espírito, e às vezes degradam o corpo, têm lidado em vão os filósofos por saber em que consiste a verdadeira felicidade. (S. Agostinho, na *Cidade de Deus*, contou 288 opiniões diferentes, acerca da felicidade, *cap.* 20). Um antigo dizia que "a felicidade consistia em ter o corpo são, e a alma livre"; e um moderno sustentou que a felicidade

possível ao homem consistia: "no trabalho, que é a vida do corpo; na luz, ou na cultura do espírito, que é a vida da inteligência; e na caridade, que é a vida do coração". O mais seguro é crer que a verdadeira felicidade não se encontra nos bens desta vida, senão na bem-aventurança eterna; pois, como disse Vieira, "tudo que é terra é desterro, e só o Céu, para que fomos criados, é a nossa verdadeira e bem-aventurada pátria" (VI, 289). – Quanto a **ditoso** e **feliz**, que Roq. não distingue, vale a pena ver o que escreveu S. Luiz: "**Ditoso** é, segundo a força etimológica do vocábulo, aquele que goza de muitos bens e riquezas. – **Feliz** é o que goza de felicidade; e nós dizemos que goza de felicidade (e é *feliz*, portanto) o homem que vive tranquilo e satisfeito na pacífica fruição dos bens que bastam aos seus desejos. Assim, tomando estes vocábulos em todo o rigor e propriedade das suas significações, pode o homem ser *afortunado* e *ditoso*, sem ser *feliz*: e pode ser *feliz* no meio da desdita e do infortúnio. O ambicioso, por exemplo, que chega a conseguir o objeto de seus vastos pensamentos e desejos; que pode suplantar os seus competidores na carreira das honras; que subindo, por favor da fortuna, até o cume da humana grandeza, avassala e subjuga reinos e impérios, vê ante si ajoelhados os outros homens; este ambicioso, digo, é sem dúvida afortunado; mas pode não ser *feliz*, e por certo que a felicidade raras vezes se encontra acompanhada de tanto aparato. Pelo contrário, o homem modesto, que ama a verdade e a virtude; que sabe dominar as suas paixões, e reger os seus desejos; que vive contente com a sua mediocridade; o que reúne a tranquilidade do espírito e a paz do coração com a saúde e vigor do corpo, pode certamente dizer-se *feliz*, e contudo não é *afortunado*, nem *ditoso*. O homem *afortunado* e *ditoso* logo tem parentes, amigos, lisonjeiros, adoradores; mas se a *fortuna* o desampara, tudo isto desaparece. Ele está sempre dependente dos objetos externos. O homem verdadeiramente *feliz* vive, as mais das vezes, desconhecido, e apenas estimado de poucos; mas ele não depende nem dos louvores do vil adulador, nem dos forçados obséquios do pretendente. A sua felicidade está dentro do seu próprio coração. O homem mau e malvado é, muitas vezes, *afortunado* no meio dos seus crimes; mas nunca pode ser *feliz*. Pelo contrário, o homem virtuoso e verdadeiramente sábio pode ser *feliz* até no meio das perseguições e suplícios. O rei mais poderoso, e o homem mais *afortunado* de toda a Ásia admirou-se de saber, pela voz do oráculo, que o mais pobre dos Árcades era o homem mais feliz de toda a terra".

748

FERRAMENTA, **instrumento**, **utensílios**. – "Entende-se em geral por **instrumento** aquilo que serve de causa para produzir um efeito. Nós somos os *instrumentos* do destino, da Providência. Num sentido mais limitado, **instrumento** dizemos de todas as coisas materiais que facilitam os meios de fazer alguma obra, alguma operação, ou de adquirir o conhecimento de algum objeto. Entre os **instrumentos** tomados neste sentido, chama-se **ferramenta** àqueles que são mais simples em seu feitio, e cuja ação depende unicamente de um movimento mecânico das mãos. Um martelo, uma enxó, um escopro são *ferramentas* que se chamam assim por serem geralmente de ferro ou aço. Os **instrumentos** são mais complicados, cuja invenção dá a conhecer mais inteligência, e que tem por objeto operações não puramente mecânicas, mas que são dirigidas pela inteligência. A **ferramenta** pertence propriamente às artes mecânicas; e o **instrumento** às artes superiores que supõem mais instrução e exigem mais inteligência. Um oculista, um oficial ótico faz, com as

suas *ferramentas*, microscópios e telescópios, que são *instrumentos* de ótica. Um cuteleiro prepara com as suas *ferramentas* as lancetas e bisturis, que são *instrumentos* de cirurgia. Um violeiro faz com suas *ferramentas* as violas, as guitarras, etc., que são *instrumentos* de música". (Roq.) – **Utensílio** abrange a significação das duas palavras precedentes: tanto dizemos *utensílios* de pesca, de carpintaria; como *utensílios* de música. Designa, além disso, tudo que, mesmo sem ser propriamente *ferramenta* nem *instrumento*, serve, no entanto, para algum uso, ou tem serventia para a execução de algum trabalho: *utensílios* de escritório, *utensílios* de mesa, de cozinha, etc.

749

FINADO, **defunto**, **morto**. "Empregam-se estes três vocábulos para significar o homem que cessou de viver: aí está a sua sinonímia. Mas cada um deles exprime por diferente modo a mesma ideia; e nisto consiste a sua diferença. – **Morto** é o termo próprio com que significamos precisamente o estado de um ser que deixou de ter vida; e por isso se diz genericamente, não só do homem, mas também dos animais brutos, e ainda de outros seres em que consideramos vida. Assim dizemos – homem *morto*, animal *morto*, planta *morta*, fogo *morto*, etc. – **Defunto** e **finado** são termos figurados que empregamos, por eufemismo, em lugar de **morto**, mas somente falando do homem, e como para disfarçar a ideia triste e desagradável que nos excitaria o termo próprio. Assim dizemos, à maneira dos latinos, *defunto*, isto é – o que passou o tempo da vida; *finado*, isto é – o que *fez fim*". (S. Luiz.).

750

FLUIDO, **líquido**. Consultamos, acerca destes dois vocábulos, grande número de autores, e quer parecer-nos que Bourg. e Berg. puderam, em poucas palavras, condensar e resumir quanto em todos vemos de melhor: – **Líquido** (do latim *liquidus*, que formou o verbo *liquecere* "fundir-se") dizemos dos corpos não sólidos, cujas moléculas têm pouca consistência, pouca coesão, e que, portanto, rolam facilmente umas sobre as outras. Emprega-se esta palavra sem atenção ao grau de tendência que tenham as moléculas para a separação, e mesmo falando dos corpos que mais se aproximam do estado ólido, como certas substâncias moles e viscosas: lama *líquida*; um xarope é *líquido*. – **Fluido** (do latim *fluere* "correr") acrescenta à ideia de **líquido** a de movimento; dizemos **fluido** um **líquido** que corre: assim a água de um rio é *líquida* considerada em si mesma; é *fluida* se a consideramos corrente. Além disso, as moléculas de uma substância *fluida* têm mais tendência para desagregar-se; o que torna esta palavra de significação mais extensa que **líquido**, pois tanto se diz da água e dos corpos análogos, como dos gases, das correntes imponderáveis, etc.: o ar é um *fluido*".

751

FRANCO, **sincero**, **leal**. – Segundo Bruns. – o homem **franco** diz o que pensa sem disfarce nem hesitação; o homem **sincero** não mente quando diz o seu pensamento; e **leal** é o homem que, mesmo com sacrifício próprio, não falta ao que a consciência lhe dita com relação às promessas que fez. Assim: o homem *franco* é aquele que não cala o que pensa desde que é necessário dizê-lo; o homem *sincero*, quando fala, nunca diz o contrário do que pensa; o homem *leal* é absolutamente fiel ao seu dever de consciência. O homem *sincero* pode calar-se para não ofender; o homem *franco* decerto que não se apercebe de que a sua sinceridade possa magoar; o homem *leal* é ao mesmo tempo *sincero* e *franco*, e por isso não cogita das consequências que possam ter a sua sinceridade e a sua franqueza.

752

FRAUDULENTO, doloso; fraude, dolo. – Note-se logo que dizemos: causar *dolo*, e não – causar *fraude*. – **Dolo** é, pois, o dano, o prejuízo; **fraude** é a astúcia de que se valeu aquele que produziu ou causou o dano. Daí a distinção entre **doloso** e **fraudulento**. Dizemos: quebra *fraudulenta*; e não *dolosa*, conquanto não haja quebra *fraudulenta* que não seja ao mesmo tempo *dolosa*. Como, porém, a ideia de **dolo** já se inclui no vocábulo "quebra", seria redundância dizer – quebra *dolosa*. – É muito comum, no entanto, empregar-se, mesmo no sentido jurídico, estas duas palavras **dolo** e **fraude** (e os dois adjetivos delas derivados) quase sempre indiferentemente.

753

FÚTIL, frívolo. – Se se atende ao valor primitivo destes vocábulos, "parece que **fútil** é o que facilmente se derrama, se dissipa, se evapora; e **frívolo**, o que facilmente se quebra e se faz em pedaços". Por onde **fútil** significa um pouco mais que **frívolo**. Dizemos que é *fútil* uma coisa vã, que não tem realidade, que se desvanece como um sopro, como o vapor fugitivo. E dizemos que é *frívola* uma coisa de pouca monta, de pouco valor, de pouca consistência, de pouca solidez. O homem *fútil* será aquele que fala e obra sem razão, e sem reflexão; em frase vulgar, – que não diz coisa com coisa, que tudo faz no ar, que não sabe o que diz, nem o que faz. E o homem *frívolo* será o que diz coisas de pouca importância; que se ocupa de objetos de mui pouco valor, etc. Um raciocínio *fútil* será aquele que é vazio de sentido e de razão; que só consta de palavras. E um raciocínio *frívolo* será aquele que tem pouca força e solidez; que facilmente se desfaz; que não tem fundamento algum seguro. Os bens da vida são *frívolos*: têm mui pouca consistência. As nossas esperanças são muitas vezes *fúteis*: só existem na nossa fantasia, e dissipam-se como o fumo.

754

FUGA, fugida. – Confundem-se muito estas duas palavras; e os próprios sinonimistas que consultamos não estabelecem entre elas distinção apreciável. Quase todos entendem que **fuga** exprime "uma ideia mais extensa, mais ampla e geral que **fugida**"; que o primeiro enuncia a ideia de "fugir em todo sentido, em todas suas acepções"; e que **fugida** só se refere "à guerra". E, no entanto, dizemos também: os inimigos em *fuga* desesperada; pôr em *fuga* os ladrões. Parece, pois, que **fuga** encerra, além da de **fugida**, a ideia de escapula; e que **fugida** sugere melhor a ideia de caminhada. É frase muito usual esta: "Daremos uma *fugida* até lá" (não – uma *fuga*). "Deu-se ontem a *fuga* dos presos". "Levaram uma longa *fugida* até a fronteira".

755

FUNDAMENTAL, básico, principal, capital. – **Fundamental** e **básico** dizem propriamente – que serve de *fundamento*, que serve de *base*. A diferença que há, pois, entre *base* e *fundamento* é a que se deve notar entre **básico** e **fundamental: básico** se diz daquilo que é "como que o princípio; que serve de apoio por ser onde começa e como se assenta a construção"; **fundamental** dizemos do que é "como que o alicerce", o sustentáculo de toda a construção. Argumento *básico*, por exemplo (em sentido translato), é o que deu princípio à defesa ou à discussão; argumento *fundamental* é aquele em que vai apoiar-se toda a defesa, toda a demonstração da tese. – **Principal** é o mais valioso, o mais notável, o que desperta mais interesse ou atenção entre muitos, ou numa coisa. – **Capital** é o mais alto, o que serve "como de cabeça". Leis, regras, noções *principais* são as

mais notáveis entre as que se apresentam ou consideram. Lei *capital*, ou noção *capital* será a mais importante entre as *principais*.

756

FÚNEBRE, funéreo, funeral, funerário, mortuário, exequial, feral, lúgubre, lutuoso. – Todos estes vocábulos sugerem ideia de tristeza causada pela morte, ou de coisas tão tristes como a ideia de morte. Os quatro primeiros do grupo (todos de palavras latinas formadas de *funus* "préstito fúnebre") distinguem-se apenas pelo sentido acessório dos respetivos sufixos. Dizemos, por exemplo: – urna *funerária* (e não – *fúnebre*, nem *funeral*, nem *funérea*); – pompa *fúnebre*; ou – pompa *funeral*; ou ainda – *funérea* pompa (e não – *funerária*). – **Fúnebre**, **funéreo** e **funeral** referem-se, portanto, propriamente à cerimônia do enterro, ao acompanhamento com que se honra o morto. **Funéreo** e **funeral** são sinônimos perfeitos: Mas entre estes dois e **fúnebre** é preciso notar alguma distinção. Dizemos – ideias *fúnebres*, e não – ideias *funéreas*, nem – *funerais*. **Fúnebre** significa, portanto, além de **funeral**, e de **funéreo**, o que tem de lúgubre aquilo que se refere à morte. – **Mortuário** se aplica ao que pertence ou diz respeito propriamente ao morto: câmara *mortuária*. – **Exequial** é o que se refere à pompa com que se honra ou se comemora o sucesso lutuoso. – **Feral** diz também "fúnebre, lúgubre", e é mais frequentemente usado na linguagem literária: palma *feral*, cruz *feral*, signo *feral*. – **Lutuoso** = que sugere ideia de morte; que inspira dor, tristeza de luto: sucesso *lutuoso*; dia, aspeto, cerimônia *lutuosa*. – **Lúgubre** pode não referir-se, ou não aplicar-se somente a coisas que têm relação com a morte. Dizemos – dia *lúgubre*, pensamentos *lúgubres*, cerimônias *lúgubres* – para exprimir – dia, pensamentos, cerimônias que nos inspiram tristeza por terem alguma coisa de fúnebres, por serem dolorosas e tétricas como se imagina que será o silêncio, e o negror dos túmulos.

757

FÚRIA, furor (furibundo, furioso, furente, enfurecido, furial); cólera, raiva, ira (colérico, encolerizado, raivoso, enraivecido, raivado, iroso, irado, iracundo); insânia, sanha (insano, sanhudo, assanhado). – Entre **fúria** e **furor** há uma diferença essencial: a **fúria** não é mais que o efeito, ou a manifestação do **furor**. É o **furor** um como súbito delírio, ou uma perda momentânea de consciência, produzida por algum grande choque moral, por alguma paixão violenta. Destes dois vocábulos derivam-se: – **furibundo** = cheio de *furor*; – **furioso** = atacado de *fúria*; – **furente** = posto em *fúria*; – **enfurecido** = tornado *furioso*; – **furial** = próprio da *fúria*, em acesso de *furor*. Ergueu-se o homem *furibundo* (e este adjetivo só se aplica ao homem). Homem, vento, mar, tempestade, cão *furioso*. Alma, olhar, palavras, gesto *furente*. Quando *enfurecido*, o bicho é temeroso, o homem é ridículo. Dança *furial*; festa, cena, balbúrdia *furial*. – **Cólera**, **raiva** e **ira** (principalmente **cólera** e **ira**) dão muitos como sendo sinônimos perfeitos. Dizemos, não há dúvida – *cólera* divina, ou – *ira* divina; *cólera* ou *ira* de Deus: não diremos, porém – *raiva* de Deus, conquanto se defina a **raiva** como manifestação de *cólera*. De **ira** diz Roq. que "é palavra puramente latina, que, segundo uns, vem de *uro* "queimar", "arder"; e segundo outros, vem de *ire* (*quod à se it qui irascitur: hinc qui iram deponit dicitur ad se redire*. Donat.) Segundo Cícero, a **ira** é uma paixão impetuosa que nos excita a tomar vingança daquele de quem nos julgamos ofendidos com injúria. A **ira** e a **loucura** só se distinguem em durar aquela menos tempo que esta, como disse Catão o velho: *Iratus ab insano non nisi tempore distat*. E o poeta lírico: *Ira furor brevis est*.

– **Cólera** (e melhor *cholera*) é palavra latina vinda do grego *cholê*, que significa "bílis", "fel"; e no sentido translato **ira**, agastamento. Diferença-se de **ira** em que se refere à "bílis", suposta causa da **ira**. Lê-se no *Palmeirim*: "Levantar a *cólera* a alguém" – que é a verdadeira tradução do dito de Aristófanes que os franceses traduzem: *Remuer la bile à quelqu'un*. Não nos parece que **cólera** seja mais violenta que **ira**, a não ser que demos a esta palavra o valor da francesa *colère*: o que seria cometer um grande galicismo; antes pensamos que às vezes é até menos forte que **ira**, quando só representa enojo, agastamento. (Como, por exemplo, quando nos referimos à *cólera* de Aquiles...) – **Raiva** (do latim *rabies*) significa, em sentido reto, uma doença, que melhor se chama hidrofobia; em sentido translato é a *ira* levada ao último grau; supõe, não só agitação violentíssima com *furor*, senão permanência deste furor, e mais ardente e insaciável desejo de vingar-se, sem consideração a nenhum respeito, como fazem os cães danados, que nem a seus próprios donos poupam: cão com *raiva* seu dono morde – diz um antigo provérbio. E nisto diferença-se particularmente de **cólera** e de **ira**, que, posto que impetuosas, são transitórias, e não cegas e implacáveis como a **raiva**". – Da diferença aí estabelecida entre **cólera**, **raiva** e **ira** provém a que se nota entre os respectivos derivados. – **Colérico** diz propriamente "atacado de cólera"; e também se emprega esta palavra para designar – o que é propenso à *cólera*, o que facilmente se encoleriza: gênio, temperamento *colérico*. – **Encolerizado** quer dizer – levado à *cólera*, posto em *cólera*, cheio de *cólera*. – Como diz S. Luiz, "a terminação em *oso*, nos adjetivos, exprime muitas vezes a propriedade, a força, a tendência, a propensão natural: assim chamamos rixoso, estudioso, amoroso, etc., o homem que é dado a rixas, que é inclinado aos estudos, que tem propensão para os sentimentos de amor, etc." A terminação em *undo* exprime abundância, profusão, excesso, talvez frequência, profundeza, etc.; assim dizemos – venerabundo "o que faz demonstrações de profundo respeito"; *furibundo* "o que mostra excesso de *furor*"; rubicundo "o que mostra grande vermelhidão, vermelhidão ardente", etc. A terminação em *ado*, nos particípios perfeitos dos verbos, exprime o estado atual passivo do sujeito; a existência do atributo do sujeito no tempo ou época de que se fala; assim em amado, enfeitado, estimado, etc. – **Iroso**, pois, é propriamente o homem inclinado à ira[64], que tem, da sua condição, e como por natureza, facilidade de deixar-se possuir desta paixão; que é propenso a irar-se, etc. – **Iracundo** é o homem excessivamente *iroso* (e também *irado* excessivamente); que abunda (por assim dizer) nesta paixão; que é violentamente dominado dela; cujas *iras* são frequentes, talvez arrebatadas, impetuosas, etc. – **Irado** é o homem que atualmente (ou no momento) está tomado de *ira*. – **Iroso** e **iracundo** "designam a paixão, o hábito da **ira**: **irado** designa o estado atual do sujeito: por onde, pode um homem estar *irado* sem ser *iroso*, nem *iracundo*; e pode ter esta paixão, estando atualmente de ânimo quieto e tranquilo". – Distinções análogas devem notar-se em relação a raivoso, **enraivecido** e **raivado**: – **raivoso** significa – "inclinado à *raiva*; suscetível, por natureza, de enraivecer-se facilmente"; **enraivecido** e **raivado** dizem – "atacados de raiva presentemente ou de momento". Estes últimos indicam estado [e só se usam mesmo com o verbo *estar*; e o primeiro, **raivoso**, indica modo de ser, condição (e só este se usa com o verbo *ser*)]. Entre **enraivecido** e **raivado** só há diferença de intensidade, sendo o primeiro mais

64 ~ Irascível é melhor ainda com esta significação.

forte, e indicando **raivado** aquele "que está ligeiramente movido de *raiva*". – **Insânia** entra aqui só em sentido translato, dizendo o estado de ânimo que se caracteriza por sinais de loucura aparente. O homem **insano** está como doido, demente, fora de si, como enfermo de paixão. – **Sanha**, "segundo d. fr. Francisco de S. Luiz no *Glossário oriental*, vem do hebraico *sanah*, do verbo *sana* "ter ódio"; e segundo a etimologia é o mesmo que **ira** inveterada. É também palavra castelhana (*saña*); e este era o nome português por que entre nossos antigos era conhecida a paixão a que os latinos chamavam **ira**, como diz positivamente El-Rei d. Duarte: "Da **ira** o seu próprio nome em nossa linguagem é **sanha**, que vem de um arrebatado fervor de coração por desprazer que sente com desejo de vingança" (*Leal Conc.*, 96). No tempo de El-Rei d. Manoel, e ainda depois, era muito usada a palavra **sanha** em lugar de **ira**. Daremos um exemplo, tirado das *Trovas* de Diego Brandão à morte de El-Rei d. João II; falando, daquele príncipe perfeito, diz:

> Era um mesmo no prazer e na *sanha*,
> Das coisas virtuosas havia cobiça;
> A todos igualmente fazia justiça,
> Sem se lembrarem as teias d'aranha.
> (*Canç. Ger.*, f. 91).

Tendo sido a palavra latina ira adotada no uso vulgar da língua, com razão daremos à de **sanha** o valor de *ira* furiosa, ou *assanhada*, como a do animal que mostra os dentes ameaçando". (Roq.) – Temos, por fim, que **sanhudo** designa o indivíduo de natureza propenso a *sanha*, de temperamento caracterizado por uma *ira* violenta e capaz de excessos de maldade e que **assanhado** diz apenas – "atacado de *sanha*". Emprega-se também esta última forma para indicar aquele que se mostra preso de grande alvoroço. É muito usual dizer-se: crianças *assanhadas* com a festa, etc.

758

FURTO, **roubo**, **rapina**, **latrocínio**, **ladroeira**, **ladroíce**, **rapto**; **furtar**, **roubar**, **rapinar**, **raptar**, **peculato**, **estelionato**, **plágio**. – Entre **furto** e **roubo** há distinção muito fácil de sentir e que é vulgarmente bem conhecida. Quem, ocultamente, com arte, com ardil ou astúcia, lança mão a um objeto que lhe não pertence, *furta*. **Furtar** é, portanto, tomar alguma coisa para si contra a vontade do dono dessa coisa. O **roubo** é o **furto** que se caracteriza pela violência feita ao dono ou à coisa *roubada*. Quem *furta* escamoteia, apodera-se da coisa com habilidade e fraude; quem *rouba* apropria-se da coisa pela força. Sendo tão clara a distinção, não se sabe explicar por que é que na língua não se tem admitido o termo *furtador*, empregando-se a palavra *ladrão* tanto para designar o que *rouba* como o que *furta*. – **Rapina** é o *roubo* de que vivem os bandidos e salteadores; e caracteriza-se por isso mesmo – pela violência, e pela rapidez do golpe de que se vale o rapinador. O que *rapina* vive do que *rouba*, do que arrebata aos outros. É por isso que se dá o nome de aves de *rapina* àquelas que de surpresa caem sobre outros animais de que se nutrem. – **Latrocínio** é o roubo cometido à mão armada; e num sentido mais restrito é o ato de *roubar* matando a vítima; conquanto diga a propósito um autor de nota: "**Latrocínio** é palavra latina, *latrocinium*, e significava primitivamente os roubos que faziam os soldados (porque antigamente *latro* significava soldado pago, *miles conductus*, cuja paga se chamava em grego *latron*, e daqui o nome *latro*, que depois significou *ladrão* de estrada, salteador, *viarum obsessor, quod plerumque tales sunt milites, id est latrones*) e depois significou os roubos feitos com mão armada e com violência, e às vezes com morte do roubado, mas nem sempre, como pretende o autor dos sinô-

nimos da língua portuguesa[65]. Não leu ele certamente o que a este respeito diz S. Tomás, cujas palavras são, falando dos príncipes: "Si vero aliquid principes indebite extorqueant, *rapina* est, sicut et *latrocinium*", etc., que o nosso Vieira traduziu assim: "Se os príncipes tomarem por violência o que se lhes não deve, é *rapina* e *latrocínio*". De onde se segue que estão obrigados à restituição como os ladrões; e que pecam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso, e mais comum o dano com que ofendem a justiça pública de que estão postos por defensores" (III, 324). Por mui violentos e tiranos que sejam os príncipes, não vão cometer mortes para roubar; é, portanto, claro que a diferença que há de **latrocínio** a **roubo**, ou a **rapina**, não consiste em se fazer matando ou roubando, senão no abuso da força e da autoridade, as quais, sendo estabelecidas para proteger a justiça, delas se servem os malvados para *roubarem* com insolência e muito a seu salvo. – **Ladroeira**, tanto exprime o próprio fato de roubo, a façanha do ladrão; como o valhacouto dos ladrões que se associam, o lugar onde dominam. – **Ladroíce** designa, também, não só a qualidade de ladrão, como o fato de roubar. – **Rapto** só se aplica ao roubo de pessoas. – Só se diz – **raptar** – tratando-se de uma mulher, de uma criança, etc.

65 ~ Refere-se a S. Luiz que escreveu a propósito o seguinte: "Furto é o ato de tomar o alheio, com ânimo de o reter e possuir contra a vontade de seu dono. – **Roubo** é o *furto* feito com violência e força; o *furto* do ladrão público. Leão, *Orig*. fol. 39, diz: "a ação do ladrão público chama-se *roubo*; a do ladrão secreto, *furto*". – **Rapina** é o *roubo* do salteador, gente (diz Barros) que vive de saltos e rapina: de onde vem chamarem-se aves de *rapina* as que caem de improviso e como de salto, sobre outras aves, ou animais de cujas carnes se alimentam. – **Latrocínio** é *roubo*, ou *rapina* com morte do roubado. – Há ainda outras espécies de **furto**, cujos nomes particulares se não podem confundir com os que aqui vão definidos. Tais são o *peculato* – furto de dinheiros públicos feito por quem tem a administração e manejo deles; o *estelionato*, furto fraudulento, furto do bulrão e iliçador, etc.; o *plágio*, furto pelo qual alguém apropria a si o que se acha nas obras literárias de outrem; o **rapto**, roubo de mulher, roubo de pessoas, etc."

759

FUTURO, vindoiro, porvindoiro, póstero, porvir. – Segundo observa S. Luiz, "parece que há entre o **porvir** (subst.) e o **futuro** (também subst.) alguma diferença, um pouco subtil, na verdade, mas não indigna de reflexão. O **porvir** é que não veio ainda, nem aconteceu, nem é certo que haja de acontecer. O **futuro** é o que de certo há de ser, ou acontecer, ainda que nós o ignoremos. O **porvir**, não só envolve escuridade relativamente ao nosso conhecimento, mas também supõe a real indeterminação do objeto. O **futuro** tem realidade objetiva (como se exprimem os metafísicos) ainda que nós a ignoremos. O **porvir** é expressão negativa, e por isso mais genérica, mais vaga, e mais indeterminada. O **futuro** é expressão positiva, e por isso mais determinada, e menos vaga e incerta. Só Deus sabe o **porvir**; mas os homens podem predizer com certeza alguns **futuros**. O receio do *porvir* deve fazer-nos precatados, a fim de evitarmos um *futuro* desgraçado". É por isso mesmo (isto é, porque o **futuro** tem uma validade objetiva que **porvir** não sugere) que dizemos, por exemplo – que uma certa coisa ou certo fato interessa ao nosso *futuro*, ou ao *futuro* da família, da pátria, das letras, etc. (e não – interessa ao *porvir*). Entre **porvir** e **futuro** como adjetivos, a diferença é a mesma. – **Vindoiro** e **porvindoiro** distinguem-se perfeitamente deste modo: **porvindoiro** refere-se ao **porvir**, e diz "o que está por acontecer, mas não se sabe quando nem mesmo se acontecerá"; e **vindoiro** é "o que vem ou deve vir proximamente, o que virá

logo depois do presente". Dizemos: a semana *vindoira*, para designar a semana que deve seguir-se à que está correndo. Gerações *porvindoiras* são todas as que hão de vir, mesmo daqui a milhares de anos. Gerações *vindoiras* = as que vão aparecer depois da nossa. **Vindoiro** é mesmo alguma coisa menos indeterminado, que **futuro**; tanto que sempre é necessário restringir a este a significação geral, pela adjunção de *próximo* para que se lhe atribua assim um valor correspondente a **vindoiro**. O mês próximo *futuro* – diz o mesmo que – o mês *vindoiro*. – **Póstero** (quer na função de subst. quer na de adj.) só se emprega tratando-se do homem; e diz propriamente "o que virá depois do que está vivendo": os nossos *pósteros*, as gerações *pósteras*.

760

GALARDÃO, **prêmio**, **recompensa**, **gratificação**. – **Galardão** e **prêmio** "exprimem (segundo o sábio autor do *Ensaio*) em geral a ideia de uma **recompensa**, que se dá a qualquer pessoa por seus serviços ou merecimentos, reais ou supostos. Mas **prêmio** parece mais próprio para exprimir essa **recompensa** quando ela é determinada por lei, ou por algum gênero de ajuste e convenção, quase como paga, ou preço do serviço; como coisa rigorosamente devida. Em consequência desta restrita significação, parece também que o **prêmio** supõe sempre alguma obrigação de o distribuir na pessoa que o distribui. – **Galardão** exprime uma ideia, em certo modo, mais nobre; e não supõe sempre aquela obrigação. Todos indistintamente podem concorrer para *galardoar* (conferir *galardão* a...) o homem de merecimento relevante, ou que tem feito importantes serviços: a aprovação, a estima, o louvor, o reconhecimento, que se tributa ao cidadão virtuoso e útil, é o melhor *galardão* que ele pode esperar, e receber por suas virtudes. O homem, que dedica todos os momentos da vida ao serviço da pátria, não pode receber dela um *prêmio* equivalente ao seu generoso sacrifício. O único *galardão* digno da sua virtude, o único a que ele deve aspirar, o único de que a vil inveja não pode jamais privá-lo, consiste na própria convicção que tem, e na íntima satisfação, que goza de haver cumprido o mais nobre de seus deveres, e de ter merecido a estima da posteridade". – **Recompensa** é uma como reparação do sacrifício feito, do serviço prestado, do tempo perdido. Em muitos casos é quase o mesmo que **prêmio**: oferece-se uma *recompensa* (ou um *prêmio*) a quem achar a coisa perdida, ou a quem descobrir alguma coisa. – Com esta significação, no entanto, é preferível empregar a palavra **gratificação**, que é a recompensa com a qual se mostra alguém satisfeito e grato pelo serviço que se lhe prestou.

761

GALRAR (**ou garlar**), **cochichar**, **charlar** (ou **chalrar**), **parlar** (**ou palrar**), **parolar**, **tagarelar**, **treler**, **taramelar**. – **Galrar** (ou **garlar**) é "falar muito e com pretensão de quem sabe o que diz". – **Cochichar** é "falar muito baixo, ao ouvido de uma pessoa, para evitar que outras ouçam". – **Charlar** (**ou chalrar** ou ainda **chalrear**) é "dizer coisas desconexas, absurdas, como doido, ou com leviandade de criança, e mais por matar o tempo". – **Parlar** (também **palrar**) é "falar à toa, a torto e a direito, sem grande atenção ao que se diz". – **Parolar** é outra forma de **parlar** (do latim *parabola*): e quando muito pode distinguir-se um do outro por dizer **parolar** mais propriamente "*parlar* com jactância, como o imbecil que intima"... – **Tagarelar** é "falar muito, muito alto e sem discrição". – **Treler** é termo também muito vulgar significando "falar pronunciando mal, como entre dentes, mas indiscretamente, revelando coisas que não devem ser sabidas". – **Taramelar** é "falar muito, dando por paus e por pedras, como por ânsia ou volúpia de falar".

762

GANÂNCIA, ganho, lucro, interesse. – As três primeiras palavras do grupo diferençam-se em que – **ganância** é "a utilidade ou interesse que se adquire pelo trato, pelo comércio, ou por outra coisa; e **lucro** significa o proveito ou utilidade que se tira da mesma coisa; e em linguagem mercantil, é o **ganho** que resulta de uma especulação, deduzidas as despesas. *Lucra* um homem dando a alugar um traste, uma cavalgadura, etc.: *ganha* pondo em giro um capital[66]. A **ganância** está nas probabilidades do comércio, e sujeita a leis; o **lucro** é próprio da mesma coisa, é uma consequência das utilidades que presta, e não está sujeito a nenhuma lei senão à do contrato que se fez. A **ganância** é sempre lícita e regulada pelas leis mercantis, como disse Vieira: "Quem dá a câmbio tem o seu capital seguro e as *ganâncias*; o **lucro** é sempre excessivo". Daqui vem que a **ganância** tem um caráter generoso, sendo que o **lucro** sinala especulações usurárias[67]. – **Ganho** usa-se hoje em dia em lugar de **ganância**; mas com pouca razão, porque tendo **ganância** a significação clássica limitada ao **interesse** lícito e legal que provém de comércios, devia deixar-se a **ganho** a significação lata de proveito ou interesse que vem de trabalho, de indústria, ou de qualquer produto da inteligência e atividade do homem. (Roq.). – **Interesse** é "todo proveito, utilidade, valor que resulta de um trabalho ou serviço, de um direito ou uma função".

66 ~ Não parece clara a distinção. Estamos acostumados a ouvir dizer: quem faz um serviço *ganha* (não – *lucra*); quem faz um negócio *lucra* (também – *ganha*; mas de preferência, e talvez mais propriamente – *lucra*). Quem aluga, isto é, quem dá mediante aluguel um prédio, não diz que – *lucra*; nem mesmo – *ganha*; mas que – aufere, percebe, tem renda ou rendimento.

67 ~ Também aqui é preciso observar que há pelo menos uma certa confusão. Mais do que lucro é ganância que designa fruto de especulações usurárias. Dizemos – *lucros* e perdas – tratando das operações de uma casa comercial (e não – *ganâncias* e perdas). – Convém ainda assinalar que o vocábulo ganância diz mais do que simples lucro, pois sugere ideia da avidez com que o sujeito se põe numa verdadeira competição com outros para assegurar os seus *lucros*. Em suma, de todos os do grupo é, pelo menos na acepção usual, o mais depreciativo: **ganância** diz alguma coisa como usura exagerada, cobiça, voracidade, ânsia de ganhar.

763

GENERALIZAÇÃO, abstração. – Diz Roq. que "alguns ideólogos confundiram estes dois termos, mas que são eles diferentes e representam duas operações do entendimento que os modernos chamam subsidiárias, e que são distintas e diversas. A **abstração** é aquela operação pela qual, desprezadas algumas partes ou propriedades de um objeto, dirigimos a atenção a uma ou algumas delas, e nelas a fixamos, e as consideramos como se estivessem desacompanhadas das outras. A **generalização** é aquela operação pela qual a mente se eleva às ideias gerais. Com a **abstração** tira-se alguma coisa ao conhecimento, diminui-se o objeto da atenção; com a **generalização** ajunta-se, engrandece-se, em uma palavra *generaliza-se*... Eis aqui a descrição sucinta da **generalização**: recebo a sensação de um objeto particular; ajunto-lhe a ideia de ser, e com isto a possibilidade de infinitos objetos iguais àquele por mim percebido: ei-lo *generalizado*. Se, ao contrário, em vez de subir do indivíduo à espécie, e desta ao gênero, separo mentalmente daquele objeto alguma de suas propriedades: eis a *abstração*. Quando vejo, por exemplo, uma ave, e sem me ocupar da cor de suas penas, da forma de seu bico, etc., suponho a possibilidade ou a existência de outras aves da mesma ou semelhante espécie, e a elas atribuo as propriedades que naquela descubro, *generalizo*".

764

GENEROSO (generosidade), liberal (liberalidade), munificente (munificência),

magnânimo (**magnanimidade**). – De acordo com Bourg. e Berg. dá-nos Bruns.: Consiste a **generosidade** no completo esquecimento de si próprio para só pensar no bem dos outros[68]; ela induz à clemência, à beneficência, e à dedicação. O homem verdadeiramente *generoso* sacrifica quanto tem, e até a própria vida, para que dos seus bens e do seu ser possa advir alguma felicidade ao próximo, mas ao próximo considerado em absoluto, sem distinção de amigos nem de inimigos. Raro exemplo de *generosidade* deu Codro oferecendo a própria vida para dar a vitória a Atenas. A **liberalidade** é uma espécie de **generosidade** que consiste em dar quanto se pode, sem, no entanto, nos privarmos do que nos é indispensável. A **liberalidade** difere, porém, muito da **generosidade**, principalmente por ser a manifestação de um impulso espontâneo: o que não se pode dizer da **generosidade**, a qual – nisso consiste a sua virtude – é refletida e ponderada. O **liberal** dá quase sem querer dar, e, portanto, dá sem sacrifício; o **generoso** dá porque quer dar, porque se decidiu ao sacrifício do que dá. A **magnanimidade** não é própria senão das grandes personagens; e apenas se diz com referência a ações que excedem em muito as ações ordinárias dos homens. "Sêneca elogiou a *magnanimidade* com que Cesar perdoou a Cina". **Magnânimo** é "aquele que tem alma verdadeiramente grande". – **Munificência** só se devia atribuir a Deus. Deste gênero é o único atributo que se pode supor na divindade. Por extensão, aplica-se à generosidade, ou talvez melhor, à liberalidade dos príncipes, ou àquela que com a deles se assemelha. **Munificente** será aquele que possa distribuir largamente graças e dons por todo o mundo...

68 Isto parece demais: generosidade assim excederia à própria caridade cristã. O que está no uso corrente é que generoso é antônimo de somítico ou mesquinho, avarento, sovina: **generosidade** é a nobre qualidade de ser franco em distribuir com os outros os bens que estão a nosso alcance. O homem *generoso* não faz questão de ninharias; remunera largamente os que lhe prestam algum serviço; atende aos que precisam de sua solicitude, fortuna ou valimento; põe-se ao lado dos pequenos, ampara os desvalidos.

765

GERAL, universal. – "O que é **geral** pode admitir exceções, o que é **universal** não tem nenhuma. O que é **geral** compreende o maior número dos particulares, ou a todos em grosso: o que é **universal** compreende todos os particulares um por um. É opinião *geral* que as mulheres são pouco aptas para o estudo das ciências profundas; mas esta opinião está longe de ser *universalmente* adotada, e muitas mulheres ilustres a têm desmentido. *Geralmente* falando, quem é infiel a Deus não é fiel aos homens. É máxima *universal* que o homem deve viver conforme as leis, etc." (S. Luiz.)

766

GLÓRIA, honra, celebridade, fama, renome, nomeada, reputação, crédito, conceito, lustre, distinção. – Destas duas palavras diz magistralmente Roq.: "A **glória** é, como disse Cícero, uma brilhante e mui extensa fama que o homem adquire por ter feito muitos e grandes serviços, ou aos particulares, ou à sua pátria, ou a todo o gênero humano. **Honra**, como aqui entendemos, é a demonstração exterior com que se venera a alguém por seu mérito e ações heroicas; no mesmo sentido em que disse Camões:

> O fraudulento gosto que se atiça.
> C' uma aura popular, que *honra* se chama.
> (*Lus.*, IV, 95)

Pela glória empreende o homem voluntariamente as coisas mais dificultosas; a esperança de alcançá-la o impele a arrostar os maiores perigos. Pela honra se empreendem

coisas não menos dificultosas, nem menos arriscadas; quão diferente é, no entanto, o objeto em cada uma destas paixões! A primeira é nobre e desinteressada, e obra para o bem público; a segunda é cobiçosa e egoísta, só por si e para si obra. Aquela é a **glória** verdadeira que faz os heróis; esta é a vã **glória**, ou **glória** falsa que instiga os ambiciosos; sua verdadeira pintura foi traçada por mão de mestre nesta estância dos *Lusíadas*:

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios;
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama e *gloria* soberana,
Nomes com que se o povo necio engana!
(*Lus.*, IV, 96)

A *honra* pomposa e triunfal, que recebeu em Goa d. João de Castro depois da heroica defesa de Diu, deixaria mui obscurecida sua *glória* se ele não nos legara, no momento tremendo de ir dar contas ao Criador, aquelas memoráveis palavras, que são a medida de seu desinteresse e o exemplo de verdadeira *glória* nunca depois imitado: "Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao Viso-Rei da Índia faltam nesta doença as comodidades, que acha nos hospitais o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a comerciar ao Oriente; a vós mesmos quis empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabelos da barba, porque para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias nem baixelas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse uma galinha; porque, nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salários do Governador que os soldos de seu Rei; e não é de espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos". (*Vida de d. João de Castro*, I. IV.) Considerada a palavra **honra** como representando a boa opinião e fama adquirida pelo mérito e virtude, diferença-se ainda da **glória** em que ela obriga ao homem a fazer sem repugnância e de bom grado tudo quanto pode exigir o mais imperioso dever. Podemos ser indiferentes à **glória**, porém de modo nenhum à **honra**. O desejo de adquirir **glória** arrasta muitas vezes o soldado até à temeridade; a **honra** o contém não poucas nos limites de sua obrigação. Pode a **glória** mal-entendida aconselhar empresas loucas e danosas; a **honra**, sempre refletida, não conhece outra estrada senão a do dever e da virtude. – **Celebridade** é "a fama que tem já a sanção do tempo; a fama ruidosa e universal"; podendo, como a simples fama, ser tomada a boa ou má parte: tanto se diz – a *celebridade* de um poeta, como – a *celebridade* de um bandido. – **Fama** é "a reputação em que alguém é tido geralmente". Inclui ideia de atualidade, e pode ser também boa ou má, mesmo quando empregada sem restritivo. Advogado de *fama* (= de nomeada, de bom nome). Não lhe invejo a *fama* (= má *fama*, *fama* equívoca). – **Renome** é "a boa fama, a grande reputação que se conquistou por ações ou virtudes"; é a qualidade de "ser notável, de ter o nome repetido geralmente e com acatamento". – **Nomeada** é "fama ligeira, que dura pouco, e nem sai de um pequeno círculo". Tanta *nomeada* para acabar tão triste... Fugaz *nomeada*... – **Reputação** é menos que fama, é mais que nomeada; é "a conta em que alguém é tido no meio em que vive. Pode ser boa ou má, falsa ou duvidosa". – **Crédito** é como se disséssemos "a qualidade que dá ideia do valor, do bom nome de alguém". Diminui-se o *crédito* de F.; mas decerto que não se macula, nem se nega propriamente o *crédito* de uma pessoa. – **Conceito** é "a opinião que se forma de alguém", podendo igualmente ser bom ou mau. – **Lustre** e **distinção** confundem-se: mas o primeiro dá melhor a ideia da evi-

dência brilhante em que fica a pessoa que se destacou do comum pela perícia, pela correção, pelo heroísmo.

767

GOZO, **gosto**; **sabor**, **paladar**, **ressaibo**, **ranço**. – Antes de tudo, notemos que os dois primeiros vocábulos do grupo são subjetivos, e os outros objetivos. Entre **gozo** e **gosto**, na acepção em que se tornam sinônimos, há uma notável diferença. – **Gosto** significa "prazer, satisfação, grata disposição de alma"; **gozo** indica prazer tão intenso que chega a ser delícia: é como "um *gosto* intensificado, uma profunda e suave alegria da alma". O primeiro, **gozo**, é ainda mais subjetivo que o segundo, **gosto**. Dizemos, por exemplo, que uma certa substância tem mau *gosto* (em vez de mau *sabor*): e neste, e em casos tais, **gosto** já não é sinônimo de **gozo**, e passa a ser sinônimo apenas dos outros do grupo. Ainda assim, é preciso notar que se atribui a **gosto** um sentido que tem apenas analogia com o sentido que lhe é próprio. Neste sentido, **gosto** é o sentido pelo qual percebemos o **sabor** de qualquer substância. É só por figura que tomamos **gosto** como significando a impressão que nos dá a substância: isto tem *gosto* de fel (equivalendo a – isto em nosso *gosto* produz a impressão do fel). No mesmo caso está o vocábulo **paladar**: agrada-nos ao *paladar*, tem um *paladar* agradável. O **paladar** é o mesmo **gosto**; apenas menos extenso, e mais preciso. O termo **gosto** pode ser aplicado figuradamente em referência a todas as artes, em geral a todas as coisas que dependam de escolha ou preferência, e **paladar** nem sempre. – **Sabor** é a propriedade que tem a substância de impressionar-nos o **paladar**. Propriamente, **sabor** é a propriedade de impressionar agradavelmente, tanto que não seria próprio dizer – mau *sabor*, nem – bom *sabor*; entendendo-se que o *sabor* é sempre bom. Só o uso tem autorizado aquelas formas na linguagem vulgar. E a prova de que **sabor** indica sensação agradável produzida no órgão do gosto, temo-la no adjetivo *saboroso*. – **Ressaibo** é como se disséssemos "*gosto* ligeiro, não bem definido ou acentuado, não intenso". – **Ranço** entra aqui figuradamente, com uma significação análoga à que lhe é própria; isto é; de "*sabor* acre, *gosto* desagradável de substância que começou a corromper-se". Esta linguagem tem uns *ranços* de arcaísmo...

768

GRADAÇÃO, **graduação**. – Destas duas palavras diz Roq. que "posto que se pareçam muito uma com outra, são, contudo, mui diferentes, e se usam em casos mui diversos". – **Gradação** é a palavra latina *gradatio*, aportuguesada; e significa progressão gradual; e em frase de retórica significa uma figura, que também se chama *clímax*, que consiste em presentar uma série de ideias numa progressão tão constante de menos para mais, ou mais para menos, que cada uma delas diga sempre alguma coisa mais ou alguma coisa menos que a precedente, segundo for a *gradação*. Tal é esta de Vieira: "Nuvens negras, obscuras, caliginosas..." E esta outra de Camões, em razão inversa:

> Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada.
> (*Lus.*, V, 57)

Graduação é palavra puramente portuguesa, formada do verbo *graduar*, em latim *grado*, que significa o ato e efeito de graduar, a disposição de alguma coisa em graus, como são barômetros, termômetros, lentes, etc., em sentido figurado, a condecoração de uma pessoa segundo os graus de dignidade, preeminência, etc."

769

GRANDEZA (**grandura**), **tamanho**, **volume**, **dimensões**, **proporções**, **magnitude**. – **Grandeza** (ou **grandura**, que, no sentido

em que a consideramos neste grupo, seria melhor forma e talvez mais própria) é "a qualidade de ser maior ou menor um corpo que outro". – **Tamanho** aplica-se também no mesmo sentido; convindo notar, no entanto, que **grandeza** exprime uma ideia mais absoluta; e **tamanho** sugere ideia de uma *grandeza* normal, ou já conhecida, com a qual se compara ou pela qual se julga a *grandeza* de que se trata. Dizemos, por exemplo, que este livro é de bom, ou de regular *tamanho*, quando lhe comparamos o volume com o volume que comumente apresentam os livros. Não se diria decerto – livro de boa ou regular *grandeza*. Por isso ainda, ninguém pergunta: de que *grandeza* é tal ou tal objeto? – desde que o objeto é conhecido e tem uma *grandeza* normal (que é **tamanho**). – **Volume** é "a grandeza do corpo maldestacada do conjunto ou da massa, como se ele estivesse em movimento, ou muito ao longe, de modo que se lhe não pudesse tomar nem a forma, nem as proporções". Não se aplicaria, portanto, esta palavra aos infinitamente pequenos, nem mesmo a corpos de *grandeza* insignificante. Poder-se-ia dizer – o *tamanho*, e até – a *grandeza* de um mosquito, ou mesmo de um infusório; nunca, porém – o *volume*. – **Magnitude**, tratando-se de *grandezas* excepcionais, pode tomar-se num sentido análogo ao de *tamanho*; pois **magnitude** só se aplica, no sentido físico, a certas *grandezas* extraordinárias, a corpos cujo *volume* é excessivamente grande. Esta palavra é, no entanto, muito pouco usada nesta acepção, é preferida para designar *grandeza* no sentido moral ou *grandeza* das coisas morais: *magnitude* de um empreendimento, de uma ideia, de uma causa, etc. – **Dimensão** é "qualquer face do corpo, ou qualquer lado da superfície, ou a extensão da linha": em geral – é "a medida da *grandeza* num certo sentido ou direção", e quando queremos com esta palavra referir-nos ao *tamanho*, ou dar ideia do *volume* do corpo ou da extensão da superfície, temos de empregá-la no plural, pois que só assim designa ela a medida da extensão ou do corpo no seu conjunto: um edifício de *dimensões* colossais; uma esplanada de amplas *dimensões*. – **Proporção** designa a relação existente entre as várias partes de um todo; e dá também, no plural, ideia de *grandeza* do todo. Do mesmo modo que não se pode dizer – a *dimensão* de um edifício (porque não há edifício de uma só *dimensão*), também não se diz – a *proporção* de um corpo. Dizemos, sim – a *proporção* desta com aquela ou com aquelas partes do corpo; a *dimensão* da largura, do comprimento, etc.

770

GRANDÍSSIMO, muito grande. – Parece que se trata aqui de uma simples questão que se resolve pela gramática; e não é assim, no entanto. – **Grandíssimo** é muito mais que simples superlativo sintético de grande. Escreve a propósito Roq.: Diz o autor dos *Sinônimos da língua portuguesa*[69], e já antes dele

69 ~ Alude a S. Luiz. "As formas – diz este – nos adjetivos portugueses em *íssimo*, adotadas pelos nossos escritores desde o século XV, não foram introduzidas para trazer à língua uma abundância estéril: eram necessárias para melhor se poderem exprimir diferentes graus das qualificações dos objetos, e para que desaparecesse do discurso polido a grosseira fórmula *mui muito*, que até então se usava no mesmo sentido. – **Grandíssimo**, pois, diz mais que simplesmente **muito grande**; exprime um grau mais elevado na escala; e as formas em *íssimo* correspondem ao *mui muito* dos antigos, e ao *muito muito* com que ainda hoje, na linguagem vulgar e familiar, exageramos as qualificações dos objetos, que são suscetíveis de diferentes graduações. Assim, quando dizemos, v. g., que tal sujeito é *muito rico*, mas que tal outro é *riquíssimo*, deve entender-se que nesta segunda expressão supomos a qualidade de rico em mais alto grau que na primeira, significando tanto como se disséramos *mais que muito*, ou *mui muito*, ou *muito muito* rico. Da mesma sorte se devem entender as expressões *muito douto, doutíssimo; muito hábil, habilíssimo; muito excelente, excelentíssimo*, e todas as outras semelhantes, de que abunda o nosso idioma".

havia dito o acadêmico Francisco Diaz, que só desde o século XV foram adotados pelos nossos escritores os superlativos de uma só forma em *íssimo*, imitando o latim. Não é inteiramente exata esta asserção, como já notamos em o *Leal Conselheiro*, p. 213, edição de Paris. El-Rei d. Duarte chama aos senhores, ou príncipes *ilustríssimos* e *sereníssimos*. Nas cortes de Évora, de 1481, encontram-se os superlativos *santíssimo*, *cristianíssimo*, *grandíssimo*, etc. É, contudo, certo que este uso não era regular, nem muito geral, e que se usava mui frequentemente da grosseira forma *mui muito*, ou *muito muito*, em vez do superlativo *muitíssimo*. Da introdução desta forma resultou, não uma estéril abundância de expressões perfeitamente sinônimas, senão uma gradação mais ampla, ou para melhor dizer, mais um grau na escala qualificativa dos objetos. Assim que, *muito grande* é mais que *grande*; porém *grandíssimo* é mais que *muito grande*. A mesma diferença se dá entre *muito rico* e *riquíssimo*, *muito douto* e *doutíssimo*, etc.

771

GRANJA, **quinta**, **chácara**, **casa de campo**, **sítio**, **fazenda**. – Quanto às duas primeiras: "Ainda que estas palavras se refiram a uma ideia comum, há entre elas grande diferença. – **Granja** significa herdade ou prédio rústico, que se cultiva para lucrar em seus frutos. – **Quinta** significa um prédio rústico, mas de recreio, e até de luxo, de que seu dono se contentava antigamente de tirar só a *quinta* parte do respetivo produto, como um conhecimento de propriedade e domínio, deixando tudo o mais para aumentar os ornatos que recreiam o ânimo. As grandes propriedades rurais do Alentejo são verdadeiras *granjas*; nos arredores de Lisboa, e em Cintra há muitas e belas *quintas*. De todas, a mais notável é aquela onde se retirava d. João de Castro depois de suas proezas militares, não para satisfazer interesses materiais, senão por desejar viver para si mesmo, havendo-se inutilizado no serviço da pátria de maneira que nem o desamparava como inútil, nem o buscava como ambicioso. É mais provável que d. João de Castro cortara as árvores frutíferas e plantara árvores silvestres e estéreis mais pela razão acima dada, de que a sua fazenda era, não uma *granja*, senão uma *quinta* do que o fizera – quiçá mostrando que servia tão desinteressado que nem da terra que agricultava esperava paga do benefício, como diz o autor de sua *Vida*". – No Brasil, são pouco usadas estas duas palavras; em vez das quais temos: **fazenda** ou **sítio** com a significação de **granja**; e **casa de campo** ou **chácara** em vez de **quinta**. Há notável diferença entre **fazenda** e **sítio**; designando o primeiro a "vasta propriedade territorial, com prédio mais ou menos confortável, e onde se fazem grandes lavouras e principalmente criação em larga escala"; e o segundo, **sítio**, designando propriamente "um pequeno prazo de terras com casinha humilde e tosca, habitada por pequeno lavrador". – **Casa de campo** não é também muito usual no Brasil: para indicar a **casa de campo** usa-se ainda do vocábulo **fazenda**, ou então de **chácara**. Entre **chácara** e **fazenda** há igualmente a grande diferença, que consiste em ser a **chácara**, não só de muito menor extensão de terras (e só se prestar para o cultivo de legumes e frutas), mas sempre situada nas imediações das cidades e vilas.

772

GRATIDÃO, **reconhecimento**. Segundo S. Luiz: – "**Reconhecimento** exprime o ato de tornar a conhecer, isto é – de conhecer bem o benefício, de repassá-lo na memória, de o confessar. – **Gratidão** exprime o sentimento habitual que nos inclina a dar graças pelo benefício. – **Reconhecimento** refere-se imediatamente ao benefício; **gra-**

tidão, ao benfeitor. *Reconhecemos* o benefício, e somos *gratos* a quem no-lo fez. – O **reconhecimento** parece que depende principalmente do juízo, e da memória: é um dever de justiça; basta ser justo, para ser reconhecido. A **gratidão** depende mais da sensibilidade: é um dever de sentimento; faz-nos caro o benfeitor, e inspira-nos o desejo de lho mostrarmos; é necessário ter o coração sensível para amarmos a quem nos faz bem. O **reconhecimento** lembra-se do benefício; confessa-o; e está pronto a pagá-lo por outro. A **gratidão** lembra-se do benefício com prazer e sensibilidade: tem gosto em confessá-lo; está também pronta a retribuí-lo; mas nunca chamará a isto paga, nem jamais se julgará desobrigada da sua dívida. O **reconhecimento**, enfim, é o princípio da **gratidão**: esta é o complemento do **reconhecimento**. Aquele que, *reconhecendo* o benefício, cuida em pagá-lo por outro, para se livrar do peso do *reconhecimento*, é um *ingrato*. A **gratidão** preza e ama o título de devedora, e quer sempre conservá-lo, ainda que muito faça em serviço do benfeitor".

773

GUANTE, **manopla**, **luva**. – "Antes que se tivesse – escreve Roq. – introduzido na língua a palavra **luva**, que vem do inglês *glove*, não se conheciam outras para designar o resguardo com que se cobre a mão, senão **guante** e **manopla**; mas havia entre elas esta grande diferença. O **guante** era resguardo ou ornato de camurça, pelica, etc., em que se metia a mão, a mesma coisa que hoje se conhece pelo nome de **luva**; e a **manopla** era a peça do arnês com que se guarnecia a mão, e toda de ferro. A **manopla** é muito mais antiga que o **guante**. Desde que se deixou de usar a armadura, não houve mais **manopla** e ficou o **guante**; depois veio a **luva**. Por isso que tem a nossa língua a palavra **luva**, que não existe entre os franceses que dizem *gant*, nem entre os italianos que dizem *guanto*, nem entre os espanhóis, que dizem *guante* – classificaremos deste modo as três palavras: falando dos tempos modernos diremos sempre *luvas*; falando dos tempos imediatos à cavalaria andante, diremos *guantes*; e falando dos cavaleiros vestidos de ferro, só deveremos dizer *manoplas*, que é o termo próprio. Contudo, alguns escritores usavam da palavra **guante** neste caso, a qual entre nós é menos equívoca por termos a moderna **luva**, que não têm as outras línguas neolatinas. Parece que no uso destas palavras seguimos os ingleses, os quais não têm outra palavra para designar **guantes** e **luvas** senão *gloves*, e designam as **manoplas** pela palavra *gauntlets*, que muito se parece com **guantes**."

774

GUARDA, **escolta**, **piquete**, **patrulha**, **ronda**. – Estas palavras – na opinião de Roq. – diferençam-se segundo o caráter que tem gente armada no desempenho de funções militares que pelas ditas palavras se designam. – **Guarda** é o corpo de soldados que assegura ou defende algum posto que se lhes confiou. – **Piquete** é certo número de soldados de uma companhia com os respetivos oficiais, e que estão prontos para qualquer operação. – **Escolta** é uma porção de soldados que acompanha e vai fazendo guarda a qualquer pessoa ou coisa. – **Patrulha** é uma esquadra de soldados que se põem em ação para rondar, ou como instrumento de força para reprimir qualquer desordem. – **Ronda** é a visita de gente armada que se faz de noite em roda (*à la ronde*) de uma praça, de um arraial ou campo militar, para observar se as sentinelas estão alerta, etc. Também há **rondas** de justiça que andam pela cidade, etc., para evitar distúrbios, e manter a segurança dos habitantes, etc. – Tinha S. Luiz escrito o seguinte a respeito dos dois últimos vocábulos: – "**Ronda**

é de gente de pé. – **Patrulha** é de gente de cavalo". D. Francisco Manoel, *Epanaph. Bellic.*, IV, 472: "A cavalaria do partido de Bargantinhos, pouca e mal armada, como lhe era possível, fazia a *patrulha* da campanha: com tal nome, que funda em alguma origem estrangeira, quiseram os militares notar a diferença da *ronda* de cavalaria à dos infantes." Também se chama **ronda**, e não **patrulha**, a das justiças (gente de pé) que anda pela cidade, vila ou lugar, para evitar distúrbios, e manter a segurança dos habitantes. Isto escreveu, como dissemos, S. Luiz; e a propósito, completou assim Roq. o seu artigo sobre este grupo de vocábulos: "Não tem fundamento nenhum a diferença que estabelece o autor dos *Sinônimos* entre **patrulha** e **ronda**, dizendo que esta é de gente de pé, e aquela de gente de cavalo, e alegando a autoridade de d. Fr. Manoel. Nem em castelhano, nem em italiano, nem em inglês, existe tal diferença; e a Academia Francesa diz no seu dicionário: *Patrouille à pied, à cheval*. É necessário não conhecer Lisboa depois do conde de Novion para não saber que a cidade era percorrida de noite por *patrulhas* de polícia a pé e a cavalo, e que igual serviço faz hoje a guarda municipal, *patrulhando* a pé e a cavalo. Fique, pois, assente que a **patrulha** é a gente de pé ou de cavalo, mas sempre gente de guerra, e para segurança dos habitantes, etc.; e a **ronda** é ordinariamente de gente de pé para vigiar as sentinelas *à roda*, e nisto se distingue da **patrulha**".

775

HARMÔNICO, **harmonioso**, **harmonia**; **melódico**, **melodioso**, **melodia**. – Laf. não trata de **melodia**, nem dos dois adjetivos desta derivados; mas quanto a **harmônico** e **harmonioso** escreve ele: "Ambos significam – em que há **harmonia**." **Harmônico**, usado principalmente em música, indica a qualidade de uma maneira abstrata, fria, sem ideia de gradação; indica o gênero do objeto marcando sua relação com a **harmonia**, mas sem nenhuma referência ao efeito agradável que daí resulta; é simplesmente designativo ou característico: o belo *harmônico* (Le P. André); as instituições *harmônicas* de Zarlin (Id.). **Harmonioso**, cheio de **harmonia**, é uma palavra da linguagem comum, que se refere sempre e sobretudo ao efeito produzido, e produzido com plenitude: "Vós me fareis ouvir os sons mais doces, os acordes mais *harmoniosos*: é um prazer para o ouvido". (L. P. André) "Resulta em suma para cada nação o mesmo grau de prazer *harmônico* da leitura de uma página de Cícero ou de Virgílio, conquanto este ou aquele verso de Virgílio deva parecer mais *harmonioso* a um francês, este ou aquele outro a um alemão." (D'Al.) – Analogamente: **melodioso** significa "em que há **melodia**, cheio de **melodia**"; e **melódico** = "que se refere à **melodia**, próprio da **melodia**"; podendo ser esta definida como "a linguagem do som", ou como – "uma sucessão ou uma série de *harmonias* ou sons *harmoniosos*". **Melodia** diz propriamente "a passagem, a mudança de um para outro som". Na música produzida por vários instrumentos há, ou deve haver, tanta **harmonia** como **melodia**. Muitos instrumentos, dando apenas um acorde, são *harmônicos*; e podem ser *harmoniosos* se os sons que formam o acorde forem suaves e gratos. Um só instrumento não faz concerto; não dá, portanto, **harmonia**; mas pode dar **melodia**; e ser **melódico**, se é capaz disso, e **melodioso**, se a **melodia** for agradável. Um sino, por exemplo, não dá **melodia**, porque não produz mais que um som. Muitos sinos de vários tamanhos podem combinar-se *harmonicamente*, dar *melodias* muito gratas; e ser, portanto, *harmoniosos* e *melodiosos*.

776

HERANÇA (**hereditariedade**), **sucessão**; **legado**, **deixa**. – Sobre estes vocábulos escreve Bruns.: "**Herança** é tudo quanto nos vem

dos nossos ascendentes por via de direito; e extensivamente – o que nos vem dos colaterais, ou mesmo dos estranhos, por testamento. Falando dos ascendentes, **herança** abrange não só o material, senão também o que é moral: antigamente, os filhos dos grandes homens não recebiam outra *herança* que não fosse um nome ilustre; hoje, os filhos dos pequenos homens recebem por *herança* pingues fortunas. – **Hereditariedade** é o direito de herdar; diz-se de tudo quanto se pode receber dos ascendentes, descendentes e colaterais: direito de *hereditariedade* no pariato. Não há aristocracia sem *hereditariedade* de nobreza. – **Sucessão** é a transmissão de bens ou de direitos, com os encargos inerentes. Conseguintemente pode dar-se o caso da **sucessão** ser prejudicial; isto é: que os encargos sejam superiores aos bens, o passivo ao ativo. Este vocábulo serve também para designar o conjunto dos bens em partilha. – **Legado** e **deixa** dizemos do que se lega por testamento a quem não é o principal herdeiro. **Deixa** é termo familiar".

777

HERÓI, **super-homem**, **representativo**, **grande homem**, **homem ilustre**; **grande**, **graúdo**. – **Herói** é uma palavra cujo valor vai mudando com a moral dos tempos: e ao ponto em que hoje – **herói** e **grande homem**, **super-homem** e **representativo** parecem bem difíceis de distinguir. Segundo Bourg. e Berg., dá-se o nome de **grande homem** àquele que se distingue por qualidades brilhantes, por sua superioridade sobre os outros homens, aos quais inspira admiração. Este termo é de significação genérica, e aplica-se a todos os que o merecem por seu mérito excepcional em qualquer gênero de ações, em qualquer esfera de atividade: um grande capitão, um grande político, um grande poeta, um grande sábio é um *grande homem*; diz-se – um *grande homem* de guerra, um *grande homem* de Estado; um *grande homem* pela coragem, pela sabedoria, pela virtude, pela ciência. **Herói** é termo de acepção mais restrita, e designa especialmente – o **grande homem** de guerra: a qualidade própria do **herói** é a bravura, a coragem. Tem, pois, esta palavra uma significação menos extensa que **grande homem**. Aplica-se, no entanto, algumas vezes esta palavra a *grandes homens* em todo gênero; e neste caso, **herói** marca um mérito excepcional, bem superior ao do simples *grande homem*, e caracterizado por alguma coisa de grande, de vigoroso, de enérgico: S. Vicente de Paula foi um *herói* da caridade. Quando, naquele sentido mais restrito, se fala dos homens de guerra, **herói** refere-se mais particularmente às qualidades exteriores e mais brilhantes, ao valor, à intrepidez; e **grande homem**, às qualidades interiores, mais sólidas e mais estimáveis, ao saber, à capacidade, à inteligência. "Medíocres generais são às vezes verdadeiros *heróis* no campo de batalha; um *grande homem* deve possuir todo o valor do soldado e toda a ciência da arte militar". – **Homem ilustre** não diz propriamente o mesmo que **grande homem**, e muito menos que **herói**. **Homem ilustre** tem um sentido muito restrito e um valor muito relativo. No país onde vivem, pode-se dizer que são *homens ilustres* todos os que se distinguiram na política, nas letras e ciências, etc. – **Grande** quase que se reduz a designar o que tem na sociedade uma posição de destaque, pela sua importância, devida quer à fortuna, quer ao prestígio político. – **Graúdo** é uma forma popular de **grande**, e quase sempre reveste alguma coisa de ironia. – De todos os vocábulos deste grupo, os de significação mais elevada são **representativo** e **super-homem**, palavras modernas com que se designam os homens que, pela grandeza extraordinária da sua vida, e pela importância da sua função social, passaram a ser grandes tipos

para toda a humanidade. **Representativo** é aquele que, por assim dizer, como que resume na sua a vida de uma geração, de um povo, de uma época, de toda uma raça; ou que se torna expressão de um grande ideal, de uma cultura, ou de uma civilização inteira. É o legítimo **herói**, como o concebe a mais alta consciência atual. São verdadeiros *representativos* os *heróis* de Carlyle, os de Emerson, os grandes iniciados de Schuré. – **Super-homem** é ainda de uma significação mais elevada e excelente; e como que inclui alguma coisa de místico e divino. **Super-homem** só se deve aplicar à criatura que, pela majestade moral como que se elevou acima da espécie, excedeu à grandeza humana, e assumiu proporções que o fizeram superior à humanidade. O *super-homem* de Nietzsche é um ente novo na escala da inteligência e da vida. *Super-homem* é João de Patmos, é o Batista, é Buda, é Moisés.

778

HISTÓRIA, **fastos**, **anais**, **legenda**; **lenda**, **epopeia**; **relação**, **narrativa**, **narração**, **crônica**, **notícia**, **exposição**, **histórico**, **descrição**, **conta**, **informação**, **apontamentos**, **memória**, **comentário**, **monografia**, **epanáforas**, **biografia**, **vida**, **anedota**; **conto**, **historieta**, **fábula**, **romance**, **novela**, **apólogo**, **alegoria**, **prosopopeia**, **parábola**. – Todos estes termos sugerem ideia de registro ou fixação (por meio da palavra escrita) de sucessos, ou de concepções mais ou menos verossímeis. – **História**, **fastos**, **anais**. **História**, na acepção em que tomamos aqui o vocábulo, é o mais vasto e compreensivo, e o mais nobre de todos os que se aproximam neste artigo. Mesmo sob o ponto de vista científico, a **história** tem a grandeza da obra de arte. "O seu objeto não é recolher tudo – escreve Condillac (cit. Laf.) – não é recolher tudo, mas escolher os fatos que melhor possam explicar a origem das leis, dos governos, das artes, das ciências; os usos, o caráter, os costumes dos povos, as causas da grandeza e da decadência dos impérios. Tudo nela deve ser ligado; tudo deve apresentar, quanto possível, um perfeito encadeamento dos sucessos: exige ela, portanto, muito método; e, além disso, reflexões curtas, vistas extensas, estilo claro, preciso, exposição rápida, quadros bem desenhados e bem coloridos". Assim entendida, a **história** não se confunde nem com os sinônimos do subgrupo. **Fastos** designa "registro de acontecimentos notáveis". Entre os romanos era uso marcar à margem dos calendários os grandes dias em que se haviam passado os fatos mais extraordinários, que se rememoravam com festas públicas. De sorte que nos **fastos** de um povo não figuram sucessos que podem ficar-lhe muito bem nos **anais**; pois estes são apenas o registro anual de fatos, segundo a ordem cronológica, e sem preocupação de nenhuma ordem. – **Legenda**, **lenda**, **epopeia**. **Legenda**, aqui, é "narrativa brilhante, maravilhosa, de fato ou fatos extraordinários". **Lenda** é forma oriunda (contracta) de **legenda**; e foi, no sentido, também desfigurada, pois **lenda** é mais "invenção, conto fantástico (sobre personagens ou fatos reais) do que propriamente narrativa de fatos memoráveis". Dizemos: a *legenda* de Hércules, de d. Henrique, a *legenda* do marechal; e – *lenda* da rainha santa, a *lenda* do Caramuru. **Epopeia** é a narração de façanhas heroicas, de empreendimentos grandiosos, feita quase sempre em versos: aproxima-se, portanto, mais de **legenda**, e mesmo de **história**, que de **lenda**. Dizemos: a "*epopeia* da conquista", aludindo a tudo que na história da conquista houve de excepcional como esforço e valor humano. Dizemos: a "*epopeia* dos Bárbaros"; a "*epopeia* da navegação". Não dizemos, porém –, a "*epopeia* do cativeiro" ou – a "*epopeia* dos grandes crimes". – **Relação**, **narrativa**,

narração, **crônica**, **notícia**, **exposição**, **histórico**, **memória**, **comentários**, **epanáforas**, **monografia**, **descrição**, **informação**, **conta**. **Relação** é "o ato de referir singelamente um sucesso, ou de dar conta de uma incumbência"; **narrativa** é a "relação feita com mais arte, com certa unidade"; **narração** é o "ato de narrar, o modo, o processo, o método de expor"; **crônica** e a "narração, minuciosa mas menos cuidada", de fatos verdadeiros, feita segundo a ordem dos tempos"; **notícia** é a "exposição resumida, sucinta de um fato, de um país, de uma coisa"; **exposição** é o "ato de expor, de explanar, sem outro intuito que não seja o de esclarecer elementos de juízo"; **histórico** é "simples narração de um fato que se julga digno de ser incorporado à história"; **memória** é o "arquivamento, de um fato ou vários fatos, já sob um ponto de vista, ou com intuito de dar testemunho deles perante os vindoiros"; **comentário**, ou **comentários**, como é mais usual, são "memórias em que se discutem, controvertem, e apuram fatos"; **monografia** é "tratado ou estudo sob ponto de vista histórico, científico, moral, etc., de um assunto, ou de um ponto de ciência, de história, etc., reunindo todos os dados possíveis sobre esse assunto"; **epanáfora** (ou também **epanáforas**) é o mesmo que "relação enfática de sucessos que, se não se consideram propriamente heroicos, pelo menos como fazendo honra a um povo, ou a uma época"; **descrição** é o "ato de dar conhecimento de um fato, ou o desenho literário de um sucesso, ou de um fato, em termos exatos e precisos"; **informação** é a "notícia que deve inspirar fé"; assim como **conta** é a "informação que se dá por dever de ofício ou de encargo"; e **apontamentos** são as notas pessoais que tomamos sobre um fato. Fazem-se, ou dão-se: – a *relação* de uma viagem; – a *narrativa* de uma aventura elegante, ou de uma bela façanha; – a *narração* de uma desgraça; – a *crônica* de uma cidade, ou de uma corte, ou de uma instituição; – a *notícia* de um acontecimento; – a *exposição* de um caso a elucidar; – o *histórico* de um feito de armas; – a *memória* de sucessos de que fomos testemunha; – o *comentário*, ou *comentários* de um fato, de uma campanha; – a *monografia* de um distrito, de uma planta, de um metal; – a *epanáfora*, ou as *epanáforas* de uma época; – a *descrição* de uma paisagem, ou de uma ocorrência; – a *informação* que se nos pediu ou ordenou; – a *conta* daquilo a que nos obrigamos; – o *apontamento*, ou os *apontamentos* acerca do que num sucesso mais nos interessa. – **Biografia**, **vida**, **anedota**. **Biografia** e **vida** não parecem que sejam, como pensam alguns, sinônimos perfeitos. **Biografia** é a "simples descrição da vida de alguém". Mesmo os homens menos ilustres têm a sua **biografia**; mas só se escreve a **vida** de um grande homem. **Vida**, nesta acepção, é muito mais nobre, e parece estar para o indicado sinônimo como está **história** para historiografia ou para crônica. Diríamos: *biografia* de Cabral, ou de Tomé de Souza; *vida* de Napoleão, ou do Dante, pois, tratando destes, não lhes faríamos a simples *biografia*, mas destacaríamos o que eles fizeram de grande e que os caracteriza como tipos históricos. **Anedota** é a "narração concisa de um fato ou de um incidente acerca de uma pessoa, e que lhe deixa em revelo uma qualidade, ou um defeito característico". **Conto**, **fábula**, **alegoria**, **apólogo**, **parábola**, **historieta**, **novela**, **romance**, **prosopopeia**. **Conto** é a "narração de um sucesso, fictício em parte, ou tendo um fundo de verdade, ou pelo menos quase sempre verossímil, e exprimindo, ou dando, como num traço firme, rápido e colorido, um nobre conceito"; **fábula**, segundo a definição clássica, é "uma curta narrativa de pura imaginação, sob cuja forma se inculca uma verdade"; – **alegoria** é a "forma de dizer uma coisa por alusão, coisa diferente do termo

que se enuncia"; – **apólogo** e **parábola** são "espécies de **alegorias**". O **apólogo**, mais extenso que a fábula, "faz falar os animais, os homens, as coisas inanimadas, e ainda os seres abstratos". O mérito do **apólogo** consiste em "ocultar o sentido moral até o instante mesmo da conclusão, que se chama moralidade", distinguindo-se por isto da **alegoria**, a qual "não necessita de explicar a verdade que encerra". É assim o **apólogo** muito semelhante à **fábula**; e segundo Roq., em linguagem comum, usam-se indiferentemente estas duas palavras, ainda que *apólogo* seja a mais erudita. **Parábola** é "uma espécie de alegoria mais elevada, profunda e dificilmente inteligível, por ter sempre um sentido espiritual, anagógico. Sabe-se como Jesus, que sempre ensinou por meio de *parábolas*, precisava de as explanar depois aos próprios discípulos". **Prosopopeia** é discurso pretensioso ou composição declamatória, que se aproxima do **apólogo**, ou que tem deste alguma coisa. Na **prosopopeia**, tanto falam pessoas como animais, plantas, ou mesmo coisas inanimadas. É mais uma figura de retórica que propriamente um gênero de composição: "O rochedo, ferido, clamou comovendo toda a montanha: – eia, divindade!..." **Historieta** só difere de anedota por não ter, como esta, pelo menos nem sempre, um fundo de verdade. **Novela** é um gênero literário mais extenso que o conto; o **romance** é ainda de mais vastas proporções que a novela. Qualquer destes gêneros pode tratar de fatos reais, ou puramente imaginários, contanto que verossímeis.

779

HISTORIADOR, **historiógrafo**. – Muito bem, e com perfeita concisão, distingue Lac. estes dois vocábulos: "O **historiógrafo** é um homem pago para escrever a história de uma nação, ou de um príncipe. – **Historiador** é o sábio, não pago, que compõe a história, quase sempre não contemporânea. O **historiógrafo** é um simples cronista, que aponta fatos e reúne materiais. O **historiador** examina os fatos, coordena-os, analisa-os, julga-os".

780

HUMILDADE, **humilhação**. – "A **humildade** – diz Roq. – é uma virtude cristã que nos inspira o conhecimento da nossa baixeza em comparação de Deus, ou daqueles que exercem sua autoridade. A **humilhação** (ou **humiliação**) é o ato de humilhar-se, e também toda demonstração externa de **humildade**. Aquela, a **humildade**, consiste nos sentimentos habituais da alma; esta, a **humilhação**, nos atos externos por que se manifesta, como disse Vieira: 'A *humildade* é o interior da *humilhação*; assim como a *humilhação* é o exterior da *humildade*.' (*Serm. do Roz.* I, 225). Mas, como o exterior nem sempre concorda com o interior do homem, pode muitas vezes a **humilhação** encobrir grande soberba e orgulho, e outras vezes degenerar em baixeza e abjeção; porém, será sincera e verdadeira quando for a legítima expressão da **humildade** do ânimo, que é sempre singela, e não conhece artifícios".

781

IDEAL, **imaginário**. – Segundo Lac. – **ideal** "é o que não tem existência fora de nós. – **Imaginário** é o que depende principalmente da nossa imaginação, que transforma a capricho o que apreendeu pelos sentidos. Com referência às belas-artes, principalmente a pintura e a escultura, chama-se *ideal* o resultado de várias concepções, mediante as quais o artista concebe um modelo perfeito e que não tem existência, tal como foi concebido, na natureza das coisas, posto que prestassem, as belezas que nela se acham espalhadas, os elementos da perfeição *idealizada*. No uso comum, toma-se muitas vezes

ideal por fictício, quimérico; assim como se dá o nome de **imaginário** ao que se tem por fabuloso, sem realidade; daí a expressão: espaços *imaginários*".

782

IGNOMÍNIA, **infâmia**, **opróbrio**, **desonra**, **vergonha**. – **Infâmia**, diz Alv. Pas., "vem de *in* e *fama*"; e significa "falta de fama" (privação da fama ou da boa fama). – **Ignomínia** é derivada de *in* e *nomen*; e significa "falta (ou privação) de bom nome". – **Opróbrio** deriva de *ob* e *probum*; e significa o oposto de probo. A **infâmia** tira a reputação e a honra; a **ignomínia** enxovalha o nome; o **opróbrio** expõe aos ultrajes e vitupérios. A **infâmia**, de fato, é a que resulta da opinião dos bons – pela prática das ações torpes; a **infâmia**, de direito, é aquela que vem do julgamento legal de um crime baixo. O resultado deste julgamento caindo sobre o nome produz a **ignomínia**. O **opróbrio** resulta da "**infâmia** e da **ignomínia**". – **Desonra** é a "privação da honra produzida pela prática de infâmia ou de ação infamante". – **Vergonha** é "o constrangimento, que sofre o pudor, produzido ou resultante da **desonra**".

783

IGUARIA, **acepipe**, **manjar**, **pitéu**, **guloseima**, **gulosina**, **gulodice**, **gulosice**, **guisado**, **petisco**. – **Manjar** e **iguaria** são termos genéricos, e designam "o que se come". A **iguaria** é, no entanto, só aplicável aos *manjares* finos e delicados. – **Pitéu** é o nome familiar que se dá aos bons pratos. – Mais comumente usado e mais popular, como designativo da *iguaria* muito apetitosa, é o vocábulo **petisco**. – **Guisado** só se aplica a certos manjares preparados de carne. – Os outros vocábulos do grupo, formados de *guloso*, designam doce, manjar delicado e leve, que só é saboroso e não nutriente – tudo o que se chama *lambiscaria*. – **Gulosice** e **gulodice** exprimem também o vício do guloso, ou da gula.

784

IMAGINAÇÃO (**imaginativa**, **inventiva**), **fantasia**. – **Imaginação** é propriamente a **imaginativa** em ação. – Esta – a **imaginativa** – é a nossa faculdade de imaginar, isto é, de criar, de compor ou combinar coisas, fenômenos, fatos reais, mas segundo o nosso modo de ver, ou na ordem ou disposição particular ou pessoal que lhes damos. Em regra, toda obra de arte alguma coisa tem de *imaginação*: a grande faculdade dos artistas sendo, portanto, a **imaginativa**. Confunde-se esta com a **inventiva**, e, em geral, seria muito difícil distingui-las por uma diferença apreciável. Deve notar-se apenas que **inventiva** é vocábulo muito mais extenso e complexo que o outro. Dizemos, por exemplo, com muito mais propriedade – "a *inventiva* grega" – do que – "*imaginativa* grega". – **Inventiva** designa, pois, toda a faculdade criadora do homem ou de uma raça em toda esfera de atividade ou de esforço. – Entre **imaginação** e **fantasia** só se deve notar a distinção (que é, aliás, bem pouco perceptível em muitos casos) que consiste em ser a **fantasia** uma faculdade mais livre ainda, e mais pessoal se é possível, que a **imaginação**. A **fantasia** não se limita a criar valendo-se de elementos hauridos na natureza: cria livremente, segundo os caprichos de quem a exercita. No *Inferno*, do Dante, ou no *Paraíso Perdido*, de Milton, ou no *Orlando Furioso*, de Ariosto, não seria fácil distinguir o que é *imaginação* do que é pura *fantasia*.

785

IMOLAR, **sacrificar**; **imolação**, **sacrifício**, **holocausto**. – **Sacrificar** "significa propriamente tornar sagrado; privar-se de uma coisa para a consagrar à Divindade; dá-la inteiramente, sem nenhuma reserva, de modo que fique perdida para quem a possuía, que fique transformada. – **Imolar** significa fazer um **sacrifício** sanguinolento, degolar uma

vítima, destruir o que se oferta. *Sacrifica-se* toda sorte de objetos; *imolam-se* vítimas, seres viventes, animados. O **sacrifício** tem por fim prestar veneração; a **imolação** tem por fim aplacar. A ideia de **sacrificar** é mais vaga e mais extensa; a de **imolar** é mais enérgica e mais limitada". – **Holocausto** era, entre os hebreus, o **sacrifício** em que a vítima não só se imolava, mas se consumia inteiramente pelo fogo. O **holocausto** é, portanto, um **sacrifício** completo, em que a vítima se destrói e desaparece, ou deixa de ser o que era.

786

IMPALPÁVEL, **intangível**, **intáctil**. – **Impalpável** é o que é tão subtil que se não pode palpar, isto é, sentir com as mãos. – **Intangível** é o que se não pode tocar por ser imaterial. Dir-se-á que **intáctil** diz a mesma coisa; mas entre **intáctil** e **intangível** há uma distinção essencial e absoluta. O primeiro, **intáctil**, exprime propriamente "inacessível ao tato", ou "que escapa ao sentido do tato"; e só se aplica no sentido físico. – **Intangível** significa "inteiramente fora do alcance dos nossos sentidos"; e aplica-se melhor no sentido moral. O ar é *impalpável*; a luz é *intáctil*; o espírito é *intangível*.

787

IMPARCIAL, **neutro**, **neutral**, **indiferente**; **reto**, **justo**, **justiceiro**, **justiçoso**. – Entre **neutro** e **neutral** há só a diferença marcada no segundo pelo sufixo *al*, de adaptação, conveniência, etc. – **Neutro** diz simplesmente "nem um nem outro" (*ne* + *uter*); **neutral** diz também "nem um nem outro", mas "em dada circunstância". Diz-se, portanto, mais corretamente – "ficará *neutral*" (e não – *neutro*); "este nome é do gênero *neutro*", ou simplesmente "*neutro*" (e não – *neutral*). – Como sinônimo de *imparcial* também se distingue **neutral** deste modo: **neutral** é "o que fica inativo, **indiferente**, impassível entre um e outro"; e **imparcial** é "o que não toma partido, ou não manifesta preferência por nenhum dos dois". – **Neutro** nem é sinônimo propriamente de **imparcial**. – Lacerda compara **imparcial** com **justo** e os demais congêneres do grupo: **imparcial** – diz ele, – "é o que não toma partido, que não favorece a um mais do que a outro". – **Justo** é o que procede e julga conforme à justiça, sem guardar consideração às pessoas. Para ser *imparcial* basta ter a força necessária para considerar as coisas e as pessoas sem afeição nem ódio; para ser *justo* é preciso ter conhecimento das regras de bem julgar. – **Justiceiro** é o que, sem deixar de aplicar as regras da justiça no julgar as coisas e os homens, propende, nos seus julgamentos, para o rigor, e talvez para a crueldade. "Entre o *justo* e o *justiceiro* há esta diferença: ambos castigam; mas o *justo* castiga, e pesa-lhe; o *justiceiro* castiga, e folga". (Vieira) – **Justiçoso** é o que tem prazer em administrar justiça e castigar. "O *justiçoso* alegra-se quando faz justiça e pune, mas não folga de ser cruel no castigar". – **Reto** é "o que leva o seu sentimento de justiça a julgar sem respeito algum pelas pessoas, sem atender a nenhum motivo estranho à justiça, sem ceder a interesses ou simpatias".

788

IMPRORROGÁVEL, **inadiável**, **intransferível**. – Só **inadiável** e **intransferível** é que se devem considerar propriamente sinônimos; pois **improrrogável** sugere ideia de prazo já decorrido. Uma festa é *inadiável* e *intransferível* quando não pode ficar para outro dia ou para outra época. Mas não se diz de uma festa que é *improrrogável*, pois que festa não é coisa que se *prorrogue*, isto é –, que se estenda, que se amplie, que se faça mais longa. Por outra parte: concede-se um prazo *improrrogável*, isto é –, um prazo que se não pode fazer maior (e não – *inadiável*,

nem – *intransferível*). Entre **intransferível** e **inadiável** só há esta diferença: **inadiável** é "o que se não pode deixar para outro dia"; **intransferível** é "o que se não pode deixar para outra época". Afinal esta distinção não se pode dizer que seja formal.

789

INAPTIDÃO, **incapacidade**, **insuficiência**. – Segundo Alv. Pas. – "estas palavras são sinônimas quando exprimem a falta de disposições necessárias para chegar ao fim a que nos propomos; mas com a diferença seguinte: a **insuficiência** nasce da falta da proporção entre os meios e o fim. A **incapacidade** nasce da privação dos meios. A **inaptidão** nasce da impossibilidade de adquirir meio algum. É grande erro de um pai seduzir, ou forçar um filho a dedicar-se a mister para que se lhe reconhece *insuficiência*. É erro obrigar um filho a estudar matemáticas puras, quando se lhe reconhece a sua *incapacidade* para esse gênero de estudos. É um desprezo sacrílego da religião forçar um indivíduo a ser padre quando se lhe reconhece *inaptidão* para isso".

790

INCÓLUME, **ileso**. – **Incólume** "suscita a ideia de um perigo mais imediato que **ileso**; mas este determina melhor a ideia do mal que se evitou. Fica *ileso* aquele que sai sem ferida, ou sem perda de nenhum membro, de onde outros saíram feridos ou mutilados. Fica *incólume*, ou sai *incólume* aquele que sai ou fica intacto de algum perigo".

791

INCONSTANTE, **volúvel**. – O **inconstante** "varia de objetos a cada momento; mas durante esses momentos fixa-se. Pelo contrário, não se fixa nunca o **volúvel**, que passa sem cessar de um a outro objeto, sem mostrar mais afeição a um do que a outro, ou antes mostrando igual afeição a todos. Um amante é *inconstante*; um menino é *volúvel*. O *inconstante* varia; e o *volúvel* não se fixa"... (Lac.)

792

INDECISO (**indecisão**), **irresoluto** (**irresolução**), **incerto** (**incerteza**), **perplexo** (**perplexidade**). – Segundo S. Luiz –, **incerteza** "exprime o estado da alma quando lhe falta a luz necessária para fazer com segurança os seus juízos. – **Indecisão** é o estado da alma quando não vê nos objetos motivos suficientes que a determinem a formar um juízo seguro, e a fixar a sua escolha. É a *incerteza* nos casos práticos, em que é necessário *decidir* para obrar. – **Irresolução** é o estado da alma quando não tem energia bastante para seguir a *decisão* do seu entendimento; para vencer a indiferença da sua vontade; para superar os obstáculos que se opõem ao seu proceder. – **Perplexidade** é indecisão, ou irresolução inquieta. A **incerteza** diz respeito somente ao estado intelectual. Os outros vocábulos referem-se à prática das ações morais. Da **incerteza** nasce a **indecisão**, que nos não permite julgar *decisivamente* o que convém, ou cumpre obrar. A **irresolução** é própria da vontade. Muitas vezes estamos *decididos* sobre o que devemos praticar, mas **irresolutos** por indolência, pusilanimidade, insensibilidade, timidez, etc. – **Perplexidade** supõe **indecisão** do entendimento, ou **irresolução** da vontade, com inquietação e agitação, nascida da necessidade em que nos vemos de *decidir* ou *resolver*, e do receio de tomarmos um partido errado, cujas consequências nos venham a ser nocivas. Remove-se a **incerteza** e a **indecisão**, instruindo, ilustrando, convencendo o homem **incerto** ou **indeciso**. Remove-se a **irresolução** excitando, estimulando, persuadindo, forçando, arrastando o homem **irresoluto**. Remove-se a **perplexidade** por um e

outro modo, mostrando ao mesmo tempo (ao **perplexo**) que o homem que procede, depois de justo exame e deliberação, com reta intenção, e segundo a prudência, não deve inquietar-se a respeito do bom ou mau sucesso das suas ações. A **indecisão**, bem como a **incerteza**, supõe poucas luzes, ou desconfiança delas. A **irresolução** supõe fraqueza, ou pouca energia de ânimo, falta de coragem. A **perplexidade** supõe de mais o receio do futuro".

793

INDELÉVEL, **inapagável**, **inalterável**, **fixo**, **inextinguível**. – O que é **indelével** (de *in* e *delebilis*, de *delere* "apagar", "destruir") não desaparece. O que se não apaga, ou não pode apagar, é **inapagável**. Como só se apaga, no sentido próprio, borrando ou cobrindo com outra cor, ou extinguindo a cor que a coisa tinha, segue-se que de um sinal ou mancha numa tela, ou de um vestígio de tinta numa roupa, não seria próprio dizer *inapagável*, mas *indelével*. Uma inscrição, por exemplo, que se não pudesse apagar com uma esponja, seria *inapagável*; e seria *indelével* se o tempo ou a ação das intempéries não pudesse fazê-la desaparecer. – Há ainda entre **inapagável** e os demais deste grupo uma diferença essencial – a que consiste em só poder **inapagável** aplicar-se à própria coisa que não é possível ou fácil apagar. Dizemos – tinta *indelével*, *inalterável*, *fixa*, *inextinguível* (e não – *inapagável*). – **Fixo** é o que permanece, que não muda, não varia. – **Inalterável** acrescenta à noção de **fixo** uma ideia de perfeita igualdade, no ponto de vista sob que se considera a coisa de que se trata. – **Inextinguível** é o que se não pode extinguir, isto é, fazer que desapareça, que deixe de existir, de qualquer modo. Por isso, **inextinguível** é o mais extenso de todos os vocábulos do grupo; e melhor do que todos, ou quase todos, pode ser aplicado no sentido moral.

794

INDIFERENÇA, **insensibilidade**, **indolência**, **apatia**, **impassibilidade**, **inexcitabilidade**. – Segundo Roq.: – **Apatia** é palavra grega formada de *a* privativo, e *pathos*, "paixão" (sentimento), vindo a significar, portanto, privação de toda paixão, carência de paixão. A **apatia** é geralmente o resultado natural do temperamento e da organização, e se estende às qualidades da alma. Por isso é que do *apático* se diz que não tem paixão por coisa alguma e nada o estimula. A palavra **insensibilidade** não supõe nem tanta extensão, nem tanta **indiferença**, nem depende tanto da natureza do ser como a **apatia**; pois podemos ser *insensíveis* a uma coisa e não a outra. Raro é que a **insensibilidade** seja geral e absoluta. Um homem pode ser *insensível* ao amor, por seu temperamento ou caráter, e não o ser à honra. Na **apatia** acha-se a alma inativa, carece de ação e de estímulo; na **insensibilidade** está *impassível*. O homem de boa vida e honrado pode ser *insensível* aos prazeres, e a tudo que conduz ao vício; mas é mui *sensível* à virtude e ao exercício de quanto pertence à beneficência com seus semelhantes. A **indiferença** nem sempre é inativa; porque, ainda que o estado da alma seja o sossego, nem por isso se nega a razão. Não tendo interesse nem inclinação a nenhuma coisa, segue o *indiferente* de ordinário o impulso que outros lhe dão, e por meio deste se ocupa em coisas cujo êxito lhe é em si muito *indiferente*. O homem que é *indiferente* ao interesse seu próprio, que vê com igual rosto a próspera e a adversa fortuna, mas que não é de modo algum *indiferente* às regras e ditames da razão, ao bem de seus semelhantes, merece louvores por sua *indiferença*, que é a de um sábio, e não a de um egoísta. – **Indolência** é o estado de desídia e inação em que fica a alma, sem estímulos para agir, sem motivos de tomar partido entre ideias ou questões

que se controvertem. – A **impassibilidade** caracteriza-se pela imobilidade que parece refletir o estado da alma "que não sofre do que se lhe passa em torno"; que é *indiferente* à vista do que se dá. – **Inexcitabilidade** é a qualidade de não ser *excitável*, de não ceder a estímulos. O *impassível* não se comove; o *inexcitável* não se deixa excitar, não se agita facilmente.

795

INDIVÍDUO, pessoa. – **Indivíduo** não é só todo animal, mas "todo ser íntegro que ocupa um lugar na natureza". – **Pessoa** é, como diz Roq., "um homem ou uma mulher que tem este ou aquele estado. A condição que acompanha um ser racional é o que o distingue como **pessoa**, e o que o faz credor de certos direitos, e o sujeita a estes ou àqueles encargos. Um **indivíduo** não representa nenhuma classe, só indica uma espécie; a **pessoa** está sujeita a uma classe, e tem unidos à sua existência atributos que a distinguem das demais. – **Indivíduo** é um ser que se considera isolado; uma **pessoa** é uma parte da sociedade". – É preciso acrescentar que, em ciência jurídica, **pessoa** é, em geral, "toda representação de direito", como definem os jurisconsultos. Uma associação, uma companhia, etc., podem ser *pessoas* jurídicas. T. de Freitas diz que **pessoas** são "todas as representações de direito que não se referirem a coisas, nem a efeitos".

796

INDIZÍVEL, inexprimível, inefável. – **Indizível** – diz Bruns. – aplica-se, tanto no bom como no mau sentido, "às coisas que são de tal modo extraordinárias que não achamos palavras ou frases com que expressá-las. – **Inexprimível** dizemos das coisas que de tal modo excedem toda concepção que não podemos descrevê-las, ou dar das mesmas, pela palavra, uma ideia exata. – **Inefável** se diz das coisas místicas que não se podem ou não se devem revelar; e extensivamente, daquelas alegrias, deleites ou prazeres que se elevam, além de quanto humanamente se pode esperar".

797

INFÂNCIA, puerícia, meninice; infantilidades, puerilidades, meninices; infante, menino, criança, pequeno; infantil, pueril. – É de S. Luiz o seguinte: – "**Infante** é o macho ou a fêmea da espécie humana, de tão tenra idade que ainda não fala direito, ou não pronuncia bem o que fala (do latim *infantia* 'carência da palavra'). O tempo da **infância** costuma contar-se desde o nascimento do homem até os sete anos de sua idade. – **Menino** ou **menina** é o macho ou a fêmea da espécie humana na sua **puerícia**, isto é, desde os sete anos até que aparecem os primeiros sinais da puberdade". – **Criança** é o macho ou a fêmea da espécie humana[70] enquanto se anda criando. – Basta o que aí fica para definir e diferençar bem os outros vocábulos do grupo. – **Meninice** ou **puerícia** é a idade ou o tempo ou o período de vida do menino. – **Meninice**, ou **meninices** no plural, diz "coisas (leviandades, costumes, gostos, etc.), de *menino* ou próprias de *menino*". – **Puerilidades** diz a mesma coisa, sendo **meninice** e **puerícia** sinônimos perfeitos. – **Infantilidade** é simpleza própria da *infância*. – **Pequeno** é termo familiar com que se designam meninos, rapazinhos, e também *crianças*. – **Infantil** equivale a – "próprio de infante, de *criança*". – **Pueril** = próprio de *menino*, ou – referente à *puerícia*.

798

INFLUÊNCIA (influxo), ascendência (ascendente), prestígio; ação, superioridade,

70 ❧ S. Luiz dá: "criança é o macho ou a fêmea *de qualquer espécie animal...*". Mas hoje, não se tratando de espécie humana, só se diz *cria*.

predomínio, **preponderância**, **preeminência**. – **Influência**, aqui, é a ação de uma pessoa sobre outra. Às coisas físicas aplica-se melhor e com mais propriedade o vocábulo **influxo** que designa o "efeito direto da influência". – **Influência** é o mais extenso dos dois. Tanto dizemos: *influência* dos astros, do tempo, do clima, como *influência* moral, *influência* das leis, da cultura, da civilização, etc. É de notar, no entanto, que não há uma diferença essencial entre estas duas formas. – **Ascendência** (ou **ascendente**; sendo mesmo este o mais usado) é "o prestígio, o predomínio que resulta do grau de superioridade moral de uma pessoa a respeito de outra". – **Prestígio** é "uma como influência misteriosa, uma grande força moral resultante de qualidades excelentes ou de algum dom que se diria maravilhoso". – **Ação** dizemos que uma pessoa exerce sobre outra quando é capaz de, só pelo seu ascendente, ou pelo seu poder, fazê-la agir. – **Superioridade** é "a autoridade moral que provém da hierarquia, ou da posição superior". – **Predomínio** é "a *influência* incontrastável, o mando absoluto que resulta da força ou da autoridade efetiva". – **Predomínio** é mais que *influência*, que *ascendente*, que *prestígio*, que *superioridade* mesmo. – **Preponderância** é "a ação, a grande autoridade exercida sobre o ânimo de outrem"; e resulta do valor, da excelência, da importância de quem a exerce. – **Preeminência** é a "qualidade de ser o mais alto e valioso, de estar em primeiro lugar na hierarquia". É, portanto, mais que *superioridade*. Entre muitas dignidades *superiores*, pode haver uma *preeminente*.

799

INFORMAÇÃO, **inquérito**, **perquisição**, **pesquisação** (**pesquisa**), **devassa**, **inquirição**, **indagação**, **investigação**, **sindicância** (**sindicação**). – **Pesquisas** (no sentido restrito sob que é aqui considerado o vocábulo) dizemos "dos meios que a justiça emprega – diz um dos nossos autores – para chegar ao conhecimento da verdade". – (**Pesquisação** é o ato de pesquisar, de fazer ***pesquisas***). As **pesquisas** revestem-se quase sempre de um caráter ilegal e vil, mas impõem-se pela força das circunstâncias. A **perquisição** tem caráter legal bem determinado, e exprime que a *pesquisa* é feita escrupulosamente para chegar a descobrir ou encontrar o que à justiça falta para estabelecer a sua opinião. O **inquérito** é ordenado para descobrir, não pessoas ou coisas, mas a verdade dos fatos, determinar-lhes exatamente a natureza, e apurar as responsabilidades. – (**Inquirição** é a ação de inquirir, de examinar, de averiguar. – **Inquérito** e **inquirição** nem sempre se devem confundir: *inquérito policial* é uma coisa; e *inquirição* policial é outra. *Inquérito* policial é o conjunto dos atos da polícia na investigação e descoberta dos fatos criminosos; *inquirição* é propriamente, como se disse, o ato de inquirir. Dizemos – ato da *inquirição*, e não – ato do *inquérito*). A **informação** "é geralmente levada a efeito para estabelecer opinião sobre os indivíduos apontados, quer pelo seu procedimento habitual, quer pelo seu caráter". **Devassa** era outrora o que é hoje *inquérito*. – **Indagação** é "o ato de indagar, isto é, de fazer esforço e diligência por descobrir", assim como **investigação** é o ato de investigar, isto é, de indagar com mais escrúpulo e cuidado. Quem só pergunta e inquire – *indaga*, faz *indagação*; mas quem *investiga*, não só indaga como examina, busca, pesquisa. – **Sindicância** é a inspeção e inquérito feitos no intuito de saber-se o que há de anormal na repartição sindicada. – **Sindicação** é propriamente o ato de sindicar. Viemos cá para *sindicação* da verdade (não – *sindicância*). A *sindicância* a que se procedeu na alfândega, etc. (e não – *sindicação*).

800

INSERIR, **encaixar**, **intercalar**, **interpor**, **introduzir**, **interpolar**. – **Inserir** significa

propriamente "meter entre uma e outra coisa, ou no meio de várias coisas". *Inseriu-se* na multidão. Poderá *inserir* o meu entre os artigos da revista. "Foi-se *inserindo* entre as duas aleias de jasmins". – **Encaixar** é também, aqui, "meter entre duas coisas, mas como à força". – **Intercalar** é "meter de permeio" sem mais ideia alguma acessória. *Intercala-se* um feriado entre os dias da semana. Figuradamente: "aquela coragem vai *intercalada* de sustos..." – **Interpor** é "pôr de permeio para separar ou para algum efeito atual ou imediato". No eclipse do sol, a lua *interpõe-se* entre este astro e a terra. – **Interpolar** é "meter de permeio mais de uma vez ou em mais de um ponto". O capítulo tal está todo *interpolado* de trechos inúteis... – **Introduzir** é "meter dentro, fazer entrar".

801

INSÍPIDO, **insosso**, **insulso**. – **Insípido** é o que não tem sabor, ou pelo menos o sabor que lhe é próprio; isto é – que não nos impressiona o paladar. – **Insosso** e **insulso** (a mesma palavra sob formas diferentes) dizem – "sem sal", ou "sem o sal suficiente". O primeiro, **insosso**, é mais usual na linguagem comum; e no sentido figurado é preferível **insulso**.

802

INSÓLITO, **desusado**, **desacostumado**, **estranho**. – **Insólito** é "o que é estranho e desabrido, e que não se espera por não estar nos costumes, ou não ser próprio da boa educação". – **Desusado** significa simplesmente – "fora de uso, estranho por não ser usual". – **Desacostumado** (talvez muito melhor – **descostumado**) é "o que não está nos costumes, e que se estranha porque não se dá comumente". – **Estranho** é "o que nos impressiona excepcionalmente por ser anormal, extraordinário".

803

INSTANTE, **momento**. – Segundo S. Luiz – "**momento** exprime um brevíssimo espaço de tempo". – **Instante** é um espaço de tempo ainda mais breve; ou antes (se assim podemos dizer) um ponto, um primeiro elemento da duração. "O **instante** (diz Heit. Pint. – *Dial. da Just.*, c. I) se há com o tempo da maneira que se há o ponto com a linha, porque tão indivisível é um como o outro; e pois o ponto não é linha, logo nem o **instante** é tempo". Além disso, **momento** parece que admite uma significação mais ampla, tomando-se às vezes pelo tempo em geral, ou pela conjunção das coisas: como quando dizemos que para o bom-sucesso de um negócio importa muito aproveitar o *momento* favorável. – **Instante**, porém, sempre se toma na sua significação restrita, pela mais pequena e indivisível duração do tempo. Finalmente, **momento** também se usa em sentido figurado pelo valor, peso, e importância de um negócio. – **Instante** somente se emprega no sentido literal.

804

INSURGENTE (**insurgido**), **rebelde** (**rebelado**), **insurrecto**, **insurrecionado**, **sublevado**, **levantado**, **revoltoso**, **revolucionário**. – De **insurgente** e **rebelde** escreve Lac.: O sentido comum a estas palavras é o levantar-se alguém contra alguma autoridade; mas diferençam-se da maneira seguinte: – **Insurgente** é o que se levanta contra a autoridade, mas com causa que se reputa de algum modo legítima. – **Rebelde** é o que se levanta contra a autoridade sem causa justificável, e portanto criminosamente. O **insurgente** tem por si a opinião de que obra com direito, usando da sua liberdade contra a injustiça. O **rebelde** tem contra si a opinião de que abusa dos meios de que pode dispor para opor-se à lei e autoridade legítima. – Entre **rebelde** e **rebelado** há diferença, em muitos casos pelo menos, essencial.

– **Rebelde** usa-se comumente com a mesma significação de **rebelado**; mas este vocábulo designa sempre um estado; enquanto que **rebelde** nem sempre, pois que propriamente designa uma qualidade. Dizemos – menino, empregado, e até povo *rebelde* para significar – menino, etc., pouco dócil, indisciplinado, não sujeito a autoridade. Um povo *rebelde* nem por isso será *rebelado*. Dizemos, portanto, que F. é *rebelde*; e que S. **está** *rebelado*. – Entre **insurgente** e **insurgido** há também diferença que se não pode esquecer. – **Insurgido** é "o que está já levantado, de armas em punho"; **insurgente** diz melhor – "o que se está levantando, o que se agita pela revolta". Podemos dizer de uma terra, de um distrito, de uma aldeia, etc. – que está *insurgida* (e não propriamente – que está *insurgente*). – **Insurrecto** e **insurrecionado** aproximam-se mais, e até se confundem com **insurgido** (tendo os três o mesmo radical). Tanto **insurrecto** como **insurrecionado** exprimem – "posto em armas, levantado contra o governo". Mas entre um e outro há uma diferença marcada pela ideia de passividade que se inclui em **insurrecionado**. Dizemos, por isso – país *insurrecionado* (e não – país *insurrecto*). – **Sublevado** propriamente só se aplica a multidão, a massa, a grande número. A *sublevação* é uma revolta, um levantamento em massa, das primeiras camadas até às de cima. Povo *sublevado* (não – indivíduo *sublevado*). – **Levantado** tanto se aplica a uma multidão, como a um só homem. Sugere ideia da altivez com que se insurge aquele de quem se diz *levantado*. – Entre **revoltoso** e **revolucionário** há diferença análoga à que se nota entre revolta e revolução. A revolta é, não só o estado de guerra aberta contra a autoridade, como é movimento de menos importância que a revolução. A revolução sugere ainda a ideia de revolta (além de geral, ou mais extensa) vitoriosa, ou em caminho da vitória. O **revoltoso** pode ser um simples *rebelde*, ou um *rebelado*: o **revolucionário** entende-se que exerce um direito: é aquele que se insurge legitimamente contra uma autoridade que saiu da ordem legal.

805

INTERIOR, **interno**, **íntimo**, **intrínseco**; **próprio**, **inerente**, **essencial**, **inseparável**. – Segundo Lac.: **Interior** é o que está debaixo da superfície, o que não aparece exteriormente. – **Interno** é o que está mais dentro de alguma coisa, que está profundamente encerrado dentro de alguma coisa, que opera dentro da coisa onde se acha. – **Intrínseco** designa o que forma parte de uma coisa, aquilo sem que uma coisa não pode ser porque com outras coisas a constitui internamente. – **Íntimo** é o que não só está oculto numa coisa, mas também está nela oculto ou encerrado muito profundamente. O que não é aparente e visível é *interior*. Com relação ao homem diz-se alegria ou tristeza *interior*. O que está tão concentrado que é preciso penetrar muito dentro da coisa para o descobrir, é *interno*; e com relação ao homem diz-se, com referência à parte corpórea: frio, calor *interno*. É *intrínseco* o que faz parte de um objeto não acessoriamente, ou não acidentalmente (mas essencialmente). É, ou diz-se *íntimo*, em sentido moral, o que queremos encarecer como estando no fundo da alma: dor *íntima*, afeição *íntima*. – **Próprio** é, aqui, "o que pertence de natureza ou de direito, o que é peculiar, inerente à pessoa ou coisa". – **Inerente** é "o que está ligado, o que se acha tão intimamente unido a uma coisa que parece fazer parte dela". – **Essencial** é "o que é da própria natureza da coisa; é aquilo sem o que a coisa não existiria". – **Inseparável** não é propriamente o mesmo que **essencial**. Este encerra uma ideia de "próprio por ser da mesma natureza"; enquanto que **inseparável** diz apenas – "que anda sempre unido; que acompanha de ordinário; que se não pode separar da coisa a que se acha unido".

806

INVÁLIDO, nulo, írrito. – "São termos de jurisprudência, que qualificam um ato ou título como incapaz de produzir direito ou obrigação alguma. Mas o ato ou título **nulo** é aquele que em si mesmo, e na sua substância foi viciado, por falta de alguma condição, ou solenidade ordenada pela lei. Assim, é *nulo*, v. g., o contrato em que não houve livre consentimento de uma das partes; é *nulo* o testamento feito pelo testador em estado de demência; é *nula* a ordem passada por autoridade incompetente, etc. O ato ou título **írrito** é aquele que tendo sido feito com as condições e solenidades da lei, contudo, por circunstâncias supervenientes, não é reconhecido, nem aprovado, nem ratificado, para por ele se poder fazer obra. Assim, na jurisprudência romana o testamento, aliás bem feito, tornava-se *írrito* no caso de sobrevirem certas mudanças à pessoa, e ao estado do testador. Entre nós, se o litigante transigiu com o procurador da parte, e este reservou o consenso e aprovação do seu constituinte, a transação se torna *írrita* por falta desta aprovação e consenso. O tratado entre dois soberanos, se não é ratificado por algum deles, fica por isso mesmo *írrito*, etc. Finalmente, o ato ou título **inválido** é aquele que não tem força de obrigar. – **Inválido** é termo genérico, que exprime precisamente a falta de validade, de força, de vigor; e por isso se aplica a muitos e diversos objetos. No nosso caso, dizemos tanto do ato ou título *nulo*, como do ato ou título *írrito*; porque ambos, posto que por diferente motivo, são *inválidos*, isto é – são incapazes, como dissemos, de produzir direito e obrigação".

807

JAMAIS, nunca. – Entende Roq. que os nossos clássicos confundiram estes dois advérbios e que S. Luiz não aclarou suficientemente a diferença que bem se pode notar entre eles[71]. **Jamais** (em relação a coisas futuras, isto é como advérbio de tempo) exprime propriamente a ideia do que se não quer que suceda manifestada por aquele que pode por si próprio fazer alguma coisa e está decidido a não fazê-la pela convicção que tem de que lhe seria prejudicial ou desonrosa. – **Nunca** exprime particularmente a ideia de que não sucederá uma coisa que se apetece, e não porque ela seja impossível, senão pela desconfiança que tem de sua própria fortuna o sujeito que a deseja. A ideia de **jamais** refere-se à fortaleza, ao despeito, à indignação. A ideia de **nunca** respira desconfiança, dúvida, desesperação. *Jamais* transigirei com meus inimigos – diz um general que espera a vitória à frente de seus contrários. *Jamais* consentirei que meus direitos sejam menoscabados – diz um rei a seus ministros. *Nunca* serei feliz – diz um filósofo no retiro de seu gabinete; *nunca* chegarei a conhecer as causas das coisas; *nunca* a

71 ~ E no entanto convém ler o que escreveu S. Luiz: Nunca é o latim *nunquam* "em nenhum tempo". Jamais é o latim *unquam* "em tempo algum, vez alguma." **Nunca** leva consigo mesmo a negação, faz a proposição negativa. Este homem *nunca* me tratou mal; *nunca* me desgostou; *nunca* me lisonjeou, etc. **Jamais** pede regularmente a negação expressa, para fazer a proposição negativa. *Não* farei *jamais* o que me pedis; *não* mudarei *jamais* de resolução; *não* vos ouvirei *jamais*. **Nunca** usa-se mais ordinariamente nas proposições que exprimem um juízo positivo: *nunca* tal crime cometi; *nunca* isso me passou pelo sentido. **Jamais** tem particularmente lugar nas proposições que exprimem interrogação, dúvida, incerteza, etc. Que homem de juízo se agastou *jamais* sem causa? Não sei que *jamais* me ofendesse; duvido que tal promessa *jamais* se realize, etc. Algumas vezes ajuntam-se ambos os vocábulos na mesma frase para dar mais energia à expressão; e dizemos, v. g.: *nunca jamais* vos deixarei; isto é – *em nenhum tempo, vez alguma* vos deixarei. Outras vezes usam-se, um em lugar do outro, como se fossem idênticas as suas significações. Assim dizemos, v. g. – prometo de *jamais* vos deixar – tomando *jamais* por *nunca*; e dizemos também: – é o melhor homem que *nunca* vi – tomando *nunca* por *jamais*, etc.

posteridade fará justiça às minhas investigações. *Jamais* me apartarei de meu propósito; *nunca* terei recompensa. Numa novela mourisca, diz um cavalheiro namorado: "*Jamais* de amor esta chama, que ardente vibra em meu peito, poderão apagar os homens, poderão extinguir os tempos." *Nunca* espero minha ventura, que esquiva de mim foge. *Jamais* deixarei de amar-te, porém *nunca* de amor receberei o prêmio. Quando **jamais** se refere ao passado, vale o mesmo que **nunca**; mas tem particular energia, e como que indica uma negação reiterada; como se pode colher dos seguintes exemplos, que se têm em Moraes: "*Jamais* pude co'o fado ter cautela. Que cítara *jamais* cantou vitória. Lugar de penas e tormento esquivo, onde *jamais* se viu contentamento".

808

JURA, **juramento**, **protesto**, **promessa**, **afirmação**. – Entre **jura** e **juramento** é preciso estabelecer uma distinção essencial. "Fazemos, ou damos, ou prestamos um **juramento**, quando invocamos a Deus, ou as coisas santas, para confirmação da verdade das nossas palavras, ou dos nossos testemunhos, ou da sinceridade das nossas promessas. Fazemos uma **jura**, ou fazemos **juras**, quando empregamos certas frases ou fórmulas de baixo estilo, de que a gente da plebe se serve para o mesmo fim. O **juramento** supõe reflexão: é um ato sério, e religioso, e às vezes judicial, público, solene. A **jura** emprega-se as mais das vezes por hábito, e sem reflexão, sem verdadeira intenção de *jurar* propriamente; e pertence aos modos usuais de falar da gente baixa, e mal-educada". – **Promessa**, aqui, é "o ato de dar segurança formal de que é verdade o que se afirma". Substitui hoje o **juramento** nas cerimônias ou atos civis. F. fez a *promessa* da lei, isto é – garantiu formal, expressamente e de consciência, que assume a responsabilidade do que vai dizer ou do que vai fazer. – **Protesto** é, aqui, "toda declaração pública ou solene, ou categórica da consciência, contra ou a favor do que se ouve ou do que se vê". Sugere ideia da energia e veemência com que é feita a afirmação. F. fez-nos o *protesto* de que nunca faltará ao seu dever de justiça. – **Afirmação** é o "ato de afirmar, isto é – de declarar com toda força e firmeza". F. fez a *afirmação* solene de que não transigirá.

809

JUSTA, **torneio**, **certame**. – "A **justa** era propriamente o combate de homem a homem, a cavalo e com lança. Com o correr dos tempos, estendeu-se a significação desta palavra a outros combates, pelo abuso que fizeram os antigos cronistas e romancistas de cavalaria, que desfigurando o verdadeiro sentido das palavras puseram frequentemente em confusão nossas ideias. Devem-se pois distinguir as **justas** dos **torneios**. Os **torneios** faziam-se entre muitos cavaleiros que combatiam em tropel, ou em quadrilhas, fazendo voltas em torno (daí a palavra **torneio**), ora a cavalo, ora a pé, com lança ou espada; a **justa** (do francês antigo *jouste*, hoje *joûte*) era um combate singular de homem a homem, e que se travava com encontros de lanças. Ainda que as **justas** se fizessem ordinariamente nos **torneios**, depois dos combates de todos os campeões, sucedia, sem embargo, que se faziam também sós, independentemente de nenhum **torneio**". – **Certame** é termo genérico, aplicando-se a todo ato em que se põem em cotejo forças, valores, etc. *Certame* literário, *certame* industrial, etc.

810

LARGUEZA, **largura**. – É muito clara a distinção existente entre estas duas palavras: **largueza** = amplitude; **largura** = uma das dimensões da superfície. – **Largura** somen-

te se usa mesmo "no sentido físico, e exprime precisamente uma das três dimensões dos corpos, isto é – a distância que há de um lado a outro de qualquer superfície, sem respeito ao seu comprimento. Assim dizemos, v. g. – a *largura* de um rio, de uma praça, de uma tábua, etc., quando somente queremos designar a distância que há de uma à outra margem, ou de um lado ao outro, etc. (lat. *latitudo*). – **Largueza**, no mesmo sentido físico, tem significação menos restrita, e exprime em geral a extensão de uma superfície, ou a capacidade e amplitude de um espaço. Assim dizemos, v. g. – a *largueza* dos campos vizinhos à cidade (isto é, a sua extensão); a *largueza* de uma praça, que tem capacidade de receber muitos mil homens; a *largueza* de uma casa, que aloja muitas famílias, etc. Mas, além disso, **largueza** também se usa no sentido moral (do lat. *largitas*) v. g.: *largueza* de ânimo, quando queremos exprimir um ânimo amplamente liberal, não acanhado; *largueza* de ideias, de opiniões (como hoje dizemos) isto é – opiniões ou ideias liberais, largas, despejadas, não estreitas, etc.".

811

LEGAL, **legítimo**; **lícito**, **permitido**. – **Legítimo** é vocábulo de significação muito mais extensa que **legal**. Este "tem mais particular uso na linguagem da jurisprudência positiva, e parece referir-se a tudo o que se faz ou obra segundo o que está determinado nas leis humanas; isto é – guardando as solenidades, formalidades, ou condições, que elas prescrevem. Um título é *legal* quando está autenticado na forma que a lei ordena; um testamento é *legal* quando foi feito com as solenidades da lei; uma prova é *legal* quando nela se acham verificadas todas as condições que a lei requer. – **Legítimo** é tudo aquilo que se conforma com a ordem da natureza, com a razão, e com as leis. É termo mui genérico, e tem lugar na linguagem da filosofia, da moral, da jurisprudência, etc. Em física, é *legítimo* oiro, *legítima* prata, *legítimo* diamante, o que tem a natureza própria destas substâncias, o que não é contrafeito, nem adulterado. Em lógica, é *legítimo* o raciocínio, quando os princípios são verdadeiros, e a consequência *legitimamente* deduzida, isto é – deduzida segundo as regras. Em moral, são *legítimas* as ações que conformam com a razão, a equidade, e a justiça universal; é *legítimo* o uso que fazemos das nossas faculdades quando esse uso é conforme aos intuitos da natureza, e regulado pela razão. Em jurisprudência, são "*legítimas* todas as ações, ou omissões, que as leis ordenam". – **Lícito** "supõe um direito que está mais na consciência que nas leis; que é superior, portanto, a toda autoridade; e tem uma extensão que só a moral pode limitar. Nem todos os negócios *legais* são *lícitos*. – **Permitido** dizemos de tudo aquilo que a lei e a moral não condenam".

812

LIMAR, **polir**, **brunir**. – Lac. resume perfeitamente os que o precederam: **Limar** é tirar com a *lima* as asperezas e desigualdades de uma superfície. – **Polir** é fazer desaparecer o trabalho da lima, tirando o resto das asperezas que ficaram, e tornando liso, luzidio e agradável à vista o corpo limado. – **Brunir** é dar o último grau de lustre aos objetos limados, principalmente metais, dando-lhes uma certa cor particular como a dos espelhos. No sentido translato, **limar** uma produção do engenho é corrigir o estilo, torná-lo igual, rejeitar vulgaridades, etc. – **Polir** essa mesma produção é, além de a *limar*, dar-lhe elegância, graça, brilho. O verbo **brunir** não se usa neste sentido".

813

LINGUISTA, **filólogo**, **gramático** (**linguística**, **filologia**, **gramática**). – Ordinaria-

mente confundem-se, não só **linguística** e **filologia**, mas estes dois termos com o próprio terceiro do grupo. Não é raro ouvir chamar-se *filólogo* ou *linguista* a um *gramático*, ou mesmo a um simples *gramaticógrafo*. Littré define assim a **filologia**: "espécie de saber geral que abrange as belas-letras, as línguas, a crítica, etc.; mais particularmente – estudo e conhecimento de uma língua, considerada como instrumento ou meio de uma literatura". E quanto à **linguística** diz o mesmo autor: "é o estudo das línguas consideradas em seus princípios, em suas relações, e apenas como sendo um produto involuntário do espírito humano". É, portanto, a **linguística** uma ciência natural; enquanto que a **filologia** é propriamente uma ciência histórica. Pode-se restringir ou particularizar a **filologia**; mas a **linguística**, que estuda em geral o fenômeno da linguagem em si mesmo, supõe-se que abrange todas as línguas que se possa ter a alcance. Poderíamos dizer: *filologia* grega, *filologia* das línguas semíticas, *filologia* americana; mas decerto que se não dirá: *linguística* americana, etc. – **Gramática** é propriamente o estudo de uma língua no estado em que se encontra, e portanto, nos princípios, leis ou regras clássicas que a regem. A **gramática** pode abranger também muitas línguas, e então se chamará *comparativa*; e neste caso, aproxima-se muito da **linguística**. – Entre **gramático** e *gramaticógrafo* há uma grande distinção. – **Gramático** é o letrado que conhece bem a sua língua, que a professa, que a fala e escreve com perfeição. *Gramaticógrafo* é o que escreveu algum tratado, ou algum compêndio de **gramática**.

814

LONGÍNQUO, remoto, distante. – Diz muito bem Bruns.: "O que está **distante** não está perto; notemos, porém, que o que está **distante** pode estar apenas um pouco mais além do alcance da nossa mão; ou estar a muitas léguas de nós. O que está **remoto**, não só está muito *distante*, mas está em lugares desconhecidos, ou onde é muito difícil ir. – **Longínquo** dizemos daquilo que apenas se vê ou se ouve por estar a grande distância. Trovões *longínquos*. Nações *remotas*".

815

MAQUINAR, urdir, tecer, tramar, forjar, forjicar, traçar. – Se estes verbos – diz. Roq. referindo-se a **urdir**, **tecer** e **tramar** – "conservassem rigorosa analogia no sentido figurado com as respetivas significações no sentido próprio – **urdir** seria lançar as primeiras linhas de um enredo; **tramar** exprimiria o enlaçamento do enredo, a ação de lhe dar força e consistência; e **tecer** exprimiria ambas as coisas, isto é, começar e prosseguir uma teia de enredos, etc. Não obstante: **tramar** é o termo que mais ordinariamente se usa como mais enérgico para exprimir a astúcia e ardil com que se preparam e concertam enredos e enganos, para lograr o fim que se intenta". – **Forjar**, no sentido figurado com que entra neste grupo, é "preparar, combinar planos contra alguém". – **Maquinar** é "tecer longos enredos, preparar elementos contra alguém, ou para conseguir alguma coisa". *Maquina-se* contra o governo; *forjam-se* enganos, motins, revoluções. – **Forjicar** é "*forjar* mal, com muito trabalho e pouco jeito". – **Traçar** (ou **trassar**, como seria melhor talvez) é "delinear, lançar as primeiras linhas de um plano, ou de um projeto".

816

MANANCIAL, fonte, nascente; manadeiro, nascença, origem. – **Manancial** e **manadeiro** designam o lugar de onde *mana* água; e por extensão, o lugar de onde nos vem algum dom, algum bem ou proveito. **Manadeiro** aplica-se de preferência ao pe-

queno *manancial*, e quase exclusivamente no sentido próprio. – **Fonte** é palavra mais vulgar que designa igualmente o lugar onde se encontra água; mas no sentido translato tanto se aplica às boas coisas como às más. *Fonte* de riquezas; *fonte* de misérias. *Fonte* de delícias; *fonte* de males. (E ninguém diria: *manancial* de desgraças.) – **Nascente** quase que só se emprega para designar a origem dos rios, em geral da água corrente. Também se usa no sentido translato, com a significação de **fonte**. – **Nascença** é a *nascente* em si mesma sem referência ao fato de ser corrente ou não a água que daí *mana* ou *nasce*. – **Origem** é a nascença, o começo, o ponto de partida; e tanto se aplica para designar *nascente* de rio, como com a significação de princípio, ou procedência de alguma coisa.

817

MAR, **oceano**. – Resumindo Bourg. e Berg. diz um autor: "Designa-se com estas palavras a vasta extensão de água salgada que cobre a maior parte da superfície do nosso planeta". – **Mar** é o termo que ordinariamente se aplica para designar alguma das partes dessa extensão; e também para designar o conjunto das águas que circulam o globo, mas só quando esse conjunto é considerado de modo vago e geral (em sentido absoluto) e mais quanto à natureza que à vastidão dessa extensão. Dizemos: o *mar* e o céu; o *mar* é imenso; as areias do *mar*. E dizemos também o *mar* Báltico; o *mar* do Norte; o *mar*, os *mares* da costa, etc. **Oceano** designa em geral a vasta extensão dos mares. Usa-se, porém, às vezes para designar somente uma das suas partes, mas só quando essa parte forma uma das grandes divisões em que o mar se considera: o *oceano* Atlântico e o *oceano* Pacífico são as duas grandes divisões do *oceano*. – Antigamente dizia-se também – o *mar* Atlântico.

818

MAS, **porém**. – Destas duas conjunções, que tão raramente se distinguem, trataram Roq. e Lac. "Confundem-se muitas vezes – escreve o primeiro – estas duas conjunções, sendo que se devem distinguir. – **Mas** é conjunção distintiva e adversativa, que acompanha a adição de alguma circunstância, que se opõe mais ou menos à proposição já enunciada; é muito a propósito nos incisos". Eis aqui alguns exemplos de seu uso: "Catarina, não só disputa, *mas* define; não só argumenta, *mas* conclui; não só impugna, *mas* vence... Duros como as pedras, *mas* não convencidos". (Vieira, III, 267, 282.) – **Porém** é conjunção restritiva, que se contrapõe de um membro da oração a outro, moderando-o, ou destruindo-o; é muito a propósito nos períodos. "Deus na lei da graça derrogou esta circunstância de rigor; *porém* na lei natural, tão fora esteve de variar que"... "Se deixamos de amar o amigo ausente, não é culpa sua, é injustiça nossa; *porém* se foi ingrato, não só ficou indigno do mais tíbio amor, *mas* merecedor de todo ódio". (Vieira, III, 321, 372.) Exemplos das duas conjunções numa mesma oração: "Que cada um se descesse das opiniões que tinha estudado, muito foi; *mas* não foi tanto; *porém* que todos, em um ato tão público, não duvidassem de confessar estes mesmos erros... aqui para a admiração... A algum que não lha acrescente, poderá ser, *mas* um só; *porém* a quem lhe recebe, ou a sua (fazenda) ou a dos seus vassalos, não é justo, nem rei, quem tal consente". (III, 281, 344.) – **Porém** usa-se também, como o *vero* e o *autem* dos latinos, depois de uma palavra. "Não se diz, *porém*, nem se sabe, quem fossem os autores. Haverá, *porém*, algum político tão especulativo..." (III, 338, 340.) – "**Mas** não se diz nunca em casos semelhantes, pois sempre começa o membro ou inciso da oração". Lac. resume perfeitamente o que disse Roq.

819

MASMORRA, **calabouço**, **enxovia**, **cadeia**, **prisão**, **cárcere**, **ergástulo**, **aljube**. – **Masmorra** deriva-se, segundo Bruns., do nome que os mouros dão às covas subterrâneas em que guardam os cereais. Diz-se de um aposento escuro, frio e silencioso, em que se guarda algum prisioneiro. – **Calabouço** é a casa-forte da **cadeia**, na qual se encerram os presos por delitos graves. – **Enxovia** é a parte mais segura e menos asseada da prisão, onde se metem os presos de nenhuma consideração social. – **Cadeia** é a prisão pública de uma localidade. – **Prisão** é termo genérico, designando o lugar onde alguém está preso. – **Cárcere** é o mesmo que **cadeia**; mas é vocábulo menos usado. (Deve acrescentar-se que é também mais nobre. Há *cárcere* privado, por deferência com o preso [não – **cadeia**]. Dá ainda **cárcere** a ideia de prisão por formalidade.) – **Ergástulo**, vocábulo que só se usa hoje em linguagem literária, é a *prisão* rigorosa. – **Aljube**, que hoje só se diz dos edifícios que noutro tempo tinham esse nome, é o mesmo que *cadeia*.

820

MATERNAL, **materno**; **paternal**, **paterno**; **fraternal**, **fraterno**. – De **paternal** e **paterno** escreveu S. Luiz, seguido depois pelos sinonimistas que lhe sucederam: **Paternal** exprime o que é próprio *de* pai, o que pertence à qualidade de pai. – **Paterno** exprime o que é próprio *do* pai, o que pertence ao pai determinado e individual da pessoa de quem se fala. Assim dizemos v. g. que Deus nos ama com amor *paternal*, isto é, com amor *de pai*. E dizem que o filho herdou os bens *paternos*, isto é, os bens *do pai*, ou de seu pai. Esta diferença, conquanto pareça subtil, e por mais que algumas vezes se desatenda na locução vulgar, nem por isso é menos verdadeira, ou menos digna de reflexão em muitos casos. Quando, por exemplo, dizemos que tal ou tal pessoa tem as feições *paternas*; que descende de tal casa pela parte, ou pelo lado *paterno*, ou *materno*; que escreve com pureza e elegância a língua *materna*, etc., não podemos substituir por *paternal*, ou *maternal* os adjetivos *paterno* ou *materno*: pelo menos não poderíamos fazer essa substituição sem muita impropriedade e até erro inadmissível. Do mesmo modo: quando dizemos, por exemplo, que El-Rei ama os portugueses com sentimentos *paternais*; que um irmão tem praticado a respeito de outro irmão todos os deveres, ou todos os ofícios *paternais*, etc., não podemos usar de *paternos* em vez de *paternais*. – Resta acrescentar que dizemos também – amor, carinho *materno* –, referindo-nos ao carinho, ou ao amor da mãe pelo próprio filho: não devendo entender-se, portanto, que **materno**, como **paterno** e **fraterno**, só se aplicam ao que é físico. – **Fraterno** e **fraternal** apresentam diferença análoga à que se nota entre os dois outros subgrupos do artigo.

821

MATINAL, **matutino**. – **Matutino** "dizemos daquilo que só é próprio da manhã, do que só pode suceder pela manhã, ou na alvorada. – **Matinal** se diz daquilo que, sem ser mais próprio da manhã que de qualquer outra hora do dia, sucede entretanto nas primeiras horas da manhã, ou logo ao amanhecer, em vez de se dar em qualquer outra hora". – De um passeio que se fizer às onze horas, ou ao meio-dia mesmo, dir-se-á *matinal* (e não – *matutino*, pois *matutino* só se dirá do passeio feito logo ao amanhecer.)

822

MEDICAMENTO, **remédio**. – **Remédio** é vocábulo de significação mais extensa que medicamento: aplica-se a "tudo o que se destina a *remediar*, e portanto tão bem a curar, a restabelecer, como a corrigir, sanar,

reparar, etc. – **Medicamento** designa as drogas símplices ou compostas preparadas para se administrarem ao doente com o intento de o curar. – **Remédio** é o que *remedeia*, cura; mas o **medicamento** é o que se aplica para curar. Muitas vezes aplicam-se *medicamentos* a males que não têm *remédio*. – **Remédio** é expressão genérica, e de significação muito mais lata do que **medicamento**. – **Remédio** usa-se no sentido próprio e no translato. – **Medicamento** refere-se precisamente à cura dos doentes".

823

MEMÓRIA, **lembrança**, **recordação**, **reminiscência**, **retentiva**. – **Memória** é a faculdade própria do nosso espírito de conservar impressões, ou "as ideias e noções dos objetos, e de as reproduzir na ausência deles". – **Lembrança** é um dos atos desta faculdade: o que se dá quando a **memória** nos faz presentes essas impressões. – **Recordação** é outro ato da **memória**: o que se passa quando nós lhe pedimos (por assim dizer) conta das ideias e noções que lhe entregamos como em depósito: ato que é como chamar e trazer à *lembrança* o que havíamos confiado à *memória*. Finalmente **reminiscência** é ainda outro ato da **memória**: é a *lembrança* de ideias e noções, que em tempos remotos nos foram presentes e que em nós deixaram mui fracas e ligeiras impressões, das quais, por isso mesmo, apenas podemos agora achar e reconhecer os vestígios; chegando às vezes quase a duvidar da existência anterior de tais ideias no nosso espírito. Tem *memória* quem conserva as espécies das coisas que foram objeto de seus pensamentos, e as pode reproduzir. A **memória** pode ser fácil, ampla, tenaz, pronta, etc. A **memória** talvez enfraquece com a idade, com a doença; e talvez se extingue de todo por indisposição do cérebro. Tem **lembrança** ou *lembra-se* quem atualmente suscita ou tem presentes as espécies dos objetos, que já o impressionaram. A **lembrança** pode ser mais ou menos remissa, mais ou menos viva; e às vezes é tal que parece fazer-nos realmente presentes os próprios objetos. A vista de um lugar excita-nos de ordinário a lembrança do objeto agradável ou desagradável, que ali avistamos a primeira vez. A *lembrança* de qualquer objeto traz quase sempre consigo a de outros que com ele são ligados ou associados, etc. Tem **recordação** ou *recorda-se* quem traz à *lembrança* ou suscita as espécies dos objetos que entregou à *memória*. O homem grato *recorda-se* muitas vezes, com gosto e sensibilidade, do benefício recebido. O bom português *recorda* com saudade a antiga glória da sua pátria. O orador faz *recordação* do discurso, ou *recorda* o discurso antes que se exponha a recitá-lo em público. O estudante *recorda* a lição antes de entrar na aula, etc. Tem finalmente **reminiscência** quem se lembra mui remissamente de algum objeto que em outro tempo viu ou conheceu; quem acha em sua *memória* alguns, quase apagados, vestígios desse objeto. Dizem que Pitágoras ostentava ter *reminiscência* de diferentes estados pelos quais a sua alma tinha passado em existências anteriores. Alguns filósofos foram de parecer que as ideias que temos das coisas puramente inteligíveis, bem como de alguns que chamam primeiros princípios, são meras *reminiscências*; e segundo Platão, tudo quanto parece que nós aprendemos de novo não é, na realidade, senão *reminiscência*". – **Retentiva** seria sinônimo perfeito de **memória**, se não acrescentasse à noção de *reter* na **memória** a ideia de *lembrança* ou *recordação* súbita e viva.

824

MENDIGO, **mendicidade**, **mendicância**; **indigente**, **indigência**; **pobre**, **pobreza**. – De **pobre** e **mendigo** diz Alv. Pas.: "São sinônimos estes dois termos quando se considera

o **mendigo** como um homem reduzido à última **pobreza**. Porém **mendigo** não supõe necessariamente a **pobreza**, e muitos *mendigos* há por ociosidade e calaçaria. – **Pobre** é o que tem falta do necessário para viver; **mendigo** é o que pede esmola. Não devas a rico, e a *pobre* não prometas. – **Mendigo** vem de *manu dicus*, segundo S. Izidoro, porque os pedintes noutro tempo não falavam e só abriam a mão, e com a ação manifestavam a sua necessidade. A **pobreza** supõe um estado sempre involuntário, e a **mendicidade** pode ser voluntária. Triste vida é a do *pobre*: se pede, envergonha-se; se não pede, morre de fome: a necessidade o obriga a *mendigar*, e o mendigar o torna aborrecido. Em verdade o dizemos: que não é das melhores coisas a **pobreza**; mas antes ser *pobre* de bens que de ideias; e quase sempre os que têm riqueza de espírito são os mais faltos de fortuna, porque as duas coisas raramente se agasalham debaixo do mesmo hospício. O corpo místico de Jesus Cristo tem por mãos os reis, e os prelados são os olhos; mas os *pobres* são as suas entranhas – estão chegados ao seu coração; e quando for tempo de vir ele castigar as injúrias que lhe fizeram, começará por aqueles que o desprezaram na pessoa dos seus *pobres*... Pelo contrário, o Senhor atenderá os amigos dos *pobres* naquele dia tremendo... O **mendigo** que pode trabalhar é um ladrão de profissão, que rouba aos verdadeiros *pobres*; e aquele que lhe dá esmola por mal-entendida caridade é cúmplice do seu roubo". – E é por aí que nos devemos guiar para distinguir **mendicidade** e **mendicância**. Ambos estes vocábulos designam o ato de mendigar; convindo não esquecer, porém, que a **mendicidade** é o ato de pedir por necessidade, a vida de mendigar por ser *pobre*; e como mendigar legitimamente. A **mendicância** é, por assim dizer, o vício de mendigar, de viver como *mendigo*, isto é, pedindo sem necessidade, por especulação e manha. – **Indigente** é vocábulo mais extenso que **mendigo**, e é tão extenso como **pobre**, pois tanto este como **indigente** podem ser aplicados fora dos casos em que têm o sentido restrito e comum de falto de bens, ou carecedor do necessário. Tanto se pode ser simplesmente *pobre* ou *indigente* de ideias, de moralidade, de recursos, etc., como *indigente* ou *pobre* de bens. – **Indigente** diz muito mais que *pobre*: a **indigência** é a falta do indispensável; enquanto que a **pobreza** é mais propriamente a escassez que a falta do necessário. Na linguagem vulgar, no entanto, dizemos **pobre** por **mendigo**, como já vimos em outro grupo.

825

MERCADORIA, **mercancia**. – **Mercancia** é propriamente "a arte ou o trato de mercar, ou a profissão de mercador: negócio, comércio". Rico trato de *mercancia* (Barros). No sentido translato tem significação análoga: "Dar, com esperança de recompensa, não é liberalidade, mas *mercancia*." "O que é liberal por estudo muitas vezes faz *mercancia* da liberalidade" (Lobo). – **Mercadoria** é o objeto do trato do mercador; as coisas que ele compra e vende. Levam o nosso trigo de *mercadoria* à Itália para trazerem em retorno sedas e brocados (Sever. Not.). *Mercadorias* feitas entre os naturais do reino (Ord. Man.).

826

MESSE, **seara**; **ceifa**, **colheita**. – **Seara** designa o trigo (geralmente o cereal) "já nascido nos campos, ou mesmo já crescido, mas ainda não maduro". Toma-se às vezes **seara** (ou, como escrevem outros, **ceara**) pelos próprios campos semeados, principalmente de grãos frumentáceos (latim *seges*). – **Messe** designa o trigo já maduro, o cereal a ponto de ser colhido; e também se aplica à própria **ceifa** (lat. *messis*). As **searas** estão boas, quando o trigo nasce bem, quando o tri-

gal cresce viçoso, exuberante. São fartas as **messes** quando o trigo está bem-criado e bem-maduro, só faltando ceifá-lo e recolhê-lo. **Seara** refere-se mais imediatamente à sementeira, e às suas próximas consequências: do latim *sero*. – **Messe** refere-se mais particularmente à **colheita**, e ao objeto dela: do latim *meto*. – **Seara** é termo mais usual, tanto no sentido próprio como no figurado. – **Messe** é menos vulgar, e por assim dizer, mais científico; e emprega-se com especialidade no sentido religioso, isto é, quando se fala da *messe* evangélica, aludindo ao lugar do Evang. de S. Mateus IX, 37. Assim Lucen. *Vid.* de *Xav.* I. 3, c. 9: "sendo pois... grande a cópia de *messe*, e igual a falta dos obreiros... etc."

827

MILAGRE, prodígio, maravilha. – "Damos o nome de **prodígio** a um fato que parece não pertencer ao curso ordinário das coisas, e por isso mesmo se toma talvez como prognóstico de acontecimentos felizes ou infelizes. Damos o nome de **milagre** a um fato, contrário à ordem natural das coisas e às leis conhecidas do universo; fato que somente pode ser produzido por um poder superior às mesmas leis. Damos o nome de **maravilha** a um fato não vulgar, que excede à nossa expectação, e talvez à nossa própria imaginação; e que por isso grandemente nos admira. A aparição de um cometa, ou de algum novo corpo celeste; o eclipse do sol ou da lua; a aurora boreal, etc., eram em outro tempo, e são ainda hoje *prodígios* para o homem ignorante, a quem tais fenômenos parecem fora do curso ordinário dos acontecimentos naturais. A ressurreição de um morto é para todo homem sensato um *milagre*; porque visivelmente se opõe às leis conhecidas da natureza, que só a Onipotência pode alterar, suspender ou dispensar. A subida de um homem aos ares, por meio de um balão aerostático, foi ao princípio uma *maravilha*, que excitou a admiração geral, até dos sábios, a quem não eram desconhecidas as leis físicas que dirigiram o inventor. Pelas explicações que damos destes vocábulos é fácil ver que eles são relativos; isto é, que um fenômeno pode parecer *prodigioso, maravilhoso* ou *milagroso* a um, sem merecer essas qualificações a outros. O vulgo ignorante tem como *prodígio* tudo o que não é frequente, tudo o que é raro, e que não sucede todos os dias; dá o nome de *milagre* a qualquer efeito extraordinário cuja causa lhe é desconhecida; e *maravilha-se* à vista de uma obra de arte, que ele não sabe apreciar, mas que lhe parece superior em perfeição a tudo o que tem visto no mesmo gênero. Houve tempo em que o abusivo emprego destes vocábulos parece que se estendeu até os homens doutos e instruídos, e principalmente aos poetas, posto que em diferente sentido. Tudo então eram *prodígios* e formosura, de beleza, de graça; *milagres* de valor, de generosidade, de liberalidade; *maravilhas* da natureza, da indústria, do saber, etc. O progresso das ciências, e das artes, tem corrigido o primeiro abuso em parte; e o conhecimento da verdadeira eloquência, e das regras de bem escrever, tem emendado o segundo. Hoje não duvidaremos qualificar de *prodigiosos* alguns fenômenos raros, sem contudo supormos que eles sejam prognósticos de sucessos faustos ou infaustos. Reconhecemos a possibilidade e existência de *milagres*; mas, excetuando aqueles, que são atestados nas escrituras canônicas, em todos os mais requeremos provas superiores a toda exceção, e que sejam capazes de fundamentar a nossa convicção em tal matéria. Finalmente, não duvidamos chamar *maravilhas* da natureza, ou da arte, aquelas que, pela sua raridade, perfeição, formosura, ou singular artifício, merecem esse nome, e justamente excitam a nossa admiração. Na linguagem dos escri-

tores sisudos também se devem empregar os mesmos vocábulos com igual temperança, postas de lado as ridículas e afetadas hipérboles do gongorismo, com que no século XVII se aviltaram estas e outras expressões, aliás destinadas para significarem objetos dignos da nossa admiração".

828

MÍSTICO, **espiritual**; **misticismo**, **misticidade**; **espiritualismo**, **espiritualidade**. – **Místico** é tudo aquilo que se refere à consciência religiosa; ao que há de mais profundo na vida interior; ao que pertence mais à natureza contemplativa da alma humana que propriamente ao senso moral; ao que tem um certo caráter de misterioso porque envolve razão oculta, incompreensível. Vida *mística*; sentido *místico*, etc. – **Espiritual** diz propriamente "da natureza do espírito; inerente à alma; que se refere à função da inteligência; que nada tem de submisso ou de adstrito à matéria." – De **misticismo** e **misticidade** diz Laf. que são "disposições interiores dos místicos; isto é, dos filósofos ou dos devotos, cujo espírito imerge nas profundezas da contemplação divina ou dos mistérios da imortalidade. O **misticismo** é uma doutrina; a **misticidade** é uma qualidade. Um refere-se às opiniões; outro ao caráter. Os filósofos que professam o *misticismo* têm como adversários os racionalistas; a *misticidade* torna sonhador, contemplativo, e pouco próprio para os negócios. O **misticismo** sugere ideia de atividade especulativa: é uma convicção. A **misticidade** é um sentimento de que se está dominado e que nos leva a agir de uma certa maneira. Encontra-se a *misticidade* na alma das pessoas simples e ingênuas, cujo espírito não conhece, nem conhecerá talvez jamais as ideias do *misticismo*. O **misticismo** inclui-nos na escola, ou na seita dos místicos (dos filósofos místicos); a **misticidade** constitui o místico. Dir-se-á antes *misticismo* falando dos filósofos e dos teólogos, pois estes ocupam-se de teoria, de discussões e controvérsias; e *misticidade* falando das almas e dos livros piedosos, que são efetivamente, e de sua mesma natureza, místicos. Convém notar ainda que a **misticismo** se liga mais necessariamente a ideia de excesso. No livro das *Maximes des Saints* estabelece Fénelon uma boa e sã *misticidade* (S. S.)". – Distinguem-se do mesmo modo **espiritualismo** e **espiritualidade** – **Espiritualidade** = qualidade de espiritual; **espiritualismo** = doutrina, sistema filosófico oposto ao materialismo.

829

MODA, **uso**, **voga**. – Segundo Lac. – **moda** é um uso recente, que começa de novo a praticar-se, e que não se tornou ainda geral; logo que se torna geral, e continua a admitir-se e praticar-se, deixa de ter o nome de **moda**, e toma o de **uso**. Todo **uso** começou por ser **moda**. A calça larga foi *moda*, mas hoje é *uso*. Foi *moda*, e agora é *uso*, o cabelo cortado. A **moda** caracteriza-se pela novidade. O **uso** não se singulariza, nem se faz de nenhuma sorte reparável... – **Voga** é a concorrência excitada pela preferência que, por qualquer motivo, se dá a certos objetos, e a certas pessoas que os fazem, ou a certas lojas que os vendem, etc. É *moda* trazerem as senhoras vestidos largos e compridos; e está em *voga* a modista tal por ser a que os talha com mais graça. – Acrescentemos que **voga** inclui ainda ideia de vigor, ação, preferência, etc. Está em *voga* o princípio, a doutrina, o sistema, etc.

830

MODISMO, **idiotismo**. – **Idiotismo** (do grego *idiotes* "particular, peculiar") é – diz Bruns. – um modo de falar próprio e peculiar a uma língua, e que, por ser contrário à gramática geral, não pode ser traduzido

literalmente em nenhuma outra língua; tais são as expressões: *ora diga lá*; *veja lá*, etc. O **modismo**, que muitos confundem com o **idiotismo**, difere deste pela particularidade de opor-se o **idiotismo** apenas à gramática; enquanto que o **modismo**, não só não se conforma com a gramática, mas altera o próprio sentido dos vocábulos; por exemplo nas expressões: *ele tem lá a sua aquela*; *fora com os chapéus!* – nas quais os vocábulos *aquela* e *fora* têm um sentido que não é o que geralmente se lhes atribui.

831

MONACAL, **monástico**. – Não seria possível confundir sempre, quer dizer – em todos os casos, estas duas palavras. Dizemos, por exemplo: – vida *monástica*, referindo-nos à vida que se leva no convento ou no mosteiro; e – vida *monacal*, referindo-nos à vida dos monges, à vida própria dos monges ou dos frades. – **Monástico** refere-se, portanto, ao mosteiro; **monacal** refere-se ao monge.

832

MONÓLOGO, **solilóquio**. – Um homem que reflexiona consigo mesmo, que fala só para si, está em, ou faz **solilóquio**. O **solilóquio** é, portanto, o discurso que ninguém ouve, a não ser o próprio que o diz. – O **monólogo** supõe-se que é ouvido por alguém; que é feito mesmo para que alguém o ouça. É, pois, uma espécie de **solilóquio**, porque é também um só que fala, mas ouvido por outrem.

833

MONTANHA, **monte**, **serra**; **serrania**, **cordilheira**; **colina**, **cerro** (**cerrote**), **outeiro**, **morro**, **lomba**, **lombada**. – Têm de comum estes vocábulos a significação de porção de terra mais ou menos elevada, sendo **monte** o gênero e os outros as diferenciações. – **Monte** é, pois, toda elevação de terra que se destaca do solo circunjacente, "com declive mais ou menos rápido, mas sempre bastante sensível". – **Montanha** é "o *monte* de grandeza considerável", e que se distingue tanto pela amplitude como pela elevação. – **Serra**, como define Lac., é "uma *montanha* prolongada, com vários cabeços e picos, que semelham de algum modo e fazem lembrar a serra do carpinteiro, circunstância da qual parece ter-lhe vindo o nome". Se a *serra* se ramifica muito, e tem extensão descomunal, toma o nome de **serrania**. – **Cordilheira** (ou **cadeia de montanhas**) é "uma vastíssima extensão de *serras* que parecem encadeadas umas nas outras". – **Morro** é "um *monte* não muito alto e de suave declive". – **Outeiro** (ou **oiteiro**) é um pequeno *monte*, ou um *monte* de elevação ainda menor que a do *morro*. – **Colina** distingue-se de **oiteiro** por sugerir a ideia de terra fecunda e lavrada. – **Cerro** é "um pequeno monte penhascoso e abruto". – **Lomba** é *colina* de menor elevação, porém de mais amplitude e mais suave. É também o dorso ondeado da *colina*. – **Lombada** é "uma série de *lombas*, ou uma *lomba* que se estende demais". – Exemplos: – as *montanhas* da Suíça; – o *monte* Atos, o Ararat; – a *serra* da Prata, a *serra* da Estrela; as *serranias* que formam a cordilheira dos Andes; – a *colina* de Sião; – o *oiteiro* da Glória; – o *morro* do Pinto; o *cerro*, ou o *cerrote* do Dedo de Deus, em Copacabana; – as *lombas* da savana.

834

MONTANHOSO, **montuoso**; **montanheiro**, **montanhês**, **montanhesco**, **montano**, **montaraz**, **montês**, **montesinho** ou **montesino**; **montígeno**, **montívago**. – De todos estes vocábulos, escreve Bruns.: "**Montanhoso** e **montuoso** dizem-se do solo. O solo *montanhoso* é aquele que está muito acima do nível do mar e que é quebrado; o solo *montuoso* é o que se compõe de montes, vales, colinas, etc. Quanto aos outros vocábulos

deste grupo diremos: – **Montanheiro** é termo a que se deve preferir **montanhês** = que vive nas montanhas (referindo-nos a pessoas), e **montês**, que tem igual significação, falando-se dos animais. – **Montanhesco** significa 'relativo a montanha' (com ares ou com proporções de montanha). – **Montano** usa-se apenas em composição: *trasmontano*, *cismontano*, etc. – **Montaraz** significa 'bravio ou silvestre'. – **Montesinho** ou **montesino** diz-se do que é próprio dos montes ou das montanhas. – **Montígeno** diz-se do que é produzido nos montes ou nas montanhas; e **montívago**, do que vagueia pelos montes".

835

MUNDO, **universo**, **orbe**. – Tratando de **mundo** e **universo** é Roq. mais completo que S. Luiz. "Chama-se **mundo** e **universo**" – diz ele – "o céu e a terra considerados como um todo. A palavra **universo** conserva sempre esta significação; porém a palavra **mundo** tem muitas acepções diferentes. – **Universo** é uma palavra necessária para indicar positivamente este conjunto de céu e terra, sem relação com as outras acepções de **mundo**. – **Mundo** toma-se particularmente pela terra com suas diferentes partes, pelo globo terrestre; e neste sentido se diz: 'dar volta ao *mundo*': o que não significa dar – volta ao *universo*. – **Mundo** toma-se também pela totalidade dos homens, por um número considerável deles, etc.; e em todas estas acepções não se compreende mais que uma parte do **universo**. – **Universo**, ao contrário, é uma palavra que encerra, debaixo da ideia de um só ser, todas as partes do **mundo**, e representa o agregado de todas as coisas criadas, com especial relação à natureza física. Diz-se que Jesus Cristo remiu o *mundo*; mas não – que remiu o *universo*; o velho e o novo *mundo*, e não – o velho e o novo *universo*; neste *mundo*, isto é, na terra, nesta vida, e não – neste *universo*, porque não há senão um e mesmo **universo**". – Só figuradamente pode aplicar-se a palavra **universo** fora dessa rigorosa significação, ou sem atenção a ela. – Dizemos, por exemplo: – o *universo* moral; em psicologia estamos em presença de um *universo* novo, para significar, no primeiro caso – a totalidade das leis morais; e no segundo – as novas noções a que ascende a consciência humana à medida que vai desvendando no universo coisas que nos têm parecido misteriosas. – **Orbe** toma-se pelo **mundo**, e refere-se mais particularmente à superfície do globo, dando ideia da sua amplitude. Em todo o *orbe* não se encontrou nunca uma alma em cujo fundo não estivesse a ideia de uma justiça eterna, isto é, superior às contingências do *mundo*. – **Mundo**, neste exemplo, significa portanto – a comunhão dos homens, a consciência humana – móvel no tempo e no espaço; enquanto que **orbe** diz toda a superfície do nosso globo.

836

MÚTUO, **recíproco**. – **Mútuo** – diz S. Luiz – "é precisamente o que se faz de uma parte e de outra. – **Recíproco** é o que se faz de uma parte e de outra, em recompensa. – **Mútuo** exprime a simples ideia de dar, e de receber de ambas as partes: esta troca de ações é voluntária e livre. – **Recíproco** exprime a ação de dar ou fazer de uma parte conforme se tem dado ou feito da outra: esta reação é devida e exigida. Se duas pessoas que se avistam a primeira vez sentem inclinações uma para a outra, esta amizade, ou amor, ou simpatia é *mútua*. Se uma pessoa faz à outra algum obséquio, favor, ou serviço, e a outra lhe torna em recompensa outro serviço, favor, ou obséquio, a relação que daqui resulta entre as duas é *recíproca*. Os amigos fazem uns aos outros obséquios voluntários, desinteressados, *mútuos*. Os amos e os criados satisfazem uns a respeito dos outros obrigações devidas, exigidas, *recíprocas*".

837

NÁIADE, ninfa, tágide, dríade, napeia, sereia, uiara. — **Náiades** eram, na mitologia grega, os gênios, as semideusas que guardavam as fontes, os lagos, os rios. — As **ninfas** guardavam os prados, os bosques, as montanhas. — Presidiam também aos lucos e às campinas as **napeias** e as **dríades**, mais esquivas que as ninfas. — **Tágides** eram as ninfas do Tejo das quais disse o grande vate:

> E vós *Tajides* minhas, pois creado
> Tendes em mim um novo enjenho ardente...

— Sereia era uma ninfa do mar... "metade de mulher metade peixe, cujo canto era tão suave e melodioso que atraía os navegantes para os escolhos do mar da Sicília, onde naufragavam e morriam". — **Uiara** é dos nossos mitos indígenas um dos que, lá para o norte, subsistiram e se fizeram "mais populares no Brasil histórico". Segundo Gonçalves Dias, "a **Uiara**, ou mãe d'água, ou espírito d'água, é uma bela mulher, de longos cabelos de oiro, cuja voz e cujo olhar fascinam e atraem para a água, principalmente as crianças. A **Uiara** habita palácios e cidades encantadas no fundo dos rios e dos lagos, para onde arrebata as criaturas que seduz".

838

NAVAL, náutico. — Dizemos — tática *naval*; — guerra, combate *naval*; — arte, ciência, instrumento *náutico*. Este adjetivo refere-se, portanto, à arte de navegar, à navegação; enquanto que **naval** se refere aos navios.

839

NECESSÁRIO, preciso, forçoso, conveniente, indispensável, útil, urgente. — "Necessitar indica maior urgência que precisar"; daí a diferença entre **necessário** e **preciso**. — **Necessário** exprime necessidade; e **preciso** exprime pouco mais que **conveniente**, pouco menos que **necessário**. **Conveniente** diz apenas — "que é de desejar, que será acertado, que está no interesse de..." — **Forçoso** sugere ideia da força, do império com que se impõe a coisa, de que se trata. — É *necessário* trabalhar para viver. É *preciso* que se não falte à repartição amanhã. — É *forçoso* dispensar um empregado tão pouco assíduo. — É *conveniente* não sair sem necessidade quando chove. — **Indispensável** = "que é absolutamente necessário; aquilo sem que não é possível passar". "Tenho menos que o necessário, pois conto apenas com o *indispensável* para não morrer de fome" — **Útil** = "que convém no momento; que serve para alguma coisa; que em certo caso é de proveito". — **Urgente** = "que convém, que é necessário e até indispensável no instante preciso".

840

NÓS, nós outros. — Há muitos escritores que julgam escusada esta forma **nós outros**, entendendo que isso é muito exclusivo do castelhano; mas bem se vê que sem resquício de razão, pois em grande número de casos não seria absolutamente possível prescindir do restritivo *outros* no pronome. Escreve, portanto, Lac. muito bem a propósito: — "**Nós** diz-se em sentido absoluto: *nós* escrevemos, *nós* trabalhamos. — **Nós outros** diz-se em sentido relativo; supõe classes diversas de pessoas, e refere-se àquela à qual pertence o que fala, com oposição ou exclusão das outras, podendo a exclusão ser clara, ou havendo de subentender-se: *Vós* ides passear; *nós outros* ficamos trabalhando. Nesta frase a oposição é clara, mas deve subentender-se a exclusão na seguinte: *Nós outros* que nos dedicamos ao estudo, nem por isso temos mais estimação". O mesmo havia dito Roq.

841

NOTÓRIO, público, manifesto. – Público, segundo Alv. Pas., "vem de *ple* multidão"; e daqui se formou *plebs* "plebe, vulgo". Tomado adjetivamente aplica-se a objetos conhecidos de muita gente. – **Manifesto** é o que está em modo de ser conhecido por todos; *manifestar* é tirar das trevas. – **Notório** é o que é bem conhecido, e com certeza: o *notus* dos latinos quer dizer tanto como isso. **Notório** tem uma significação bem definida em direito: a *notoriedade* faz prova. O que é *notório* conhece-se tão bem que é indubitável. – **Público** é o que todos sabem ou conhecem; mas este vocábulo só marca a extensão do conhecimento, e não estabelece a certeza da coisa conhecida, o que é próprio de **notório**. – **Manifesto** é o que, tendo saído das trevas que de algum modo o envolviam, está bem à mão (*manus*) para ser conhecido. A coisa *manifesta* não está oculta; a *notória* não é incerta; e a *pública* não é secreta – é sabida por todos.

842

NOVO, recente. – Novo é aquilo "que não tinha ainda acontecido, ou não tinha sido inventado, ou de que não havia notícia; e também o que não tem tido uso, ou que tem sido mui pouco usado. **Recente** exprime precisamente o que sucedeu há pouco tempo; o que ainda está flagrante, ou sucedeu de fresco. Uma lei é *nova*, quando se promulga pela primeira vez; um invento é *novo*, quando dantes não era conhecido, ou não havia notícia dele; um vestido é *novo*, quando ainda não teve uso, ou só muito pouco uso tem tido. A lei é *recente*, quando foi promulgada há pouco tempo. O invento é *recente*, quando há pouco tempo que começou a ter voga, ou a ser conhecido do público. O vestido é *recente*, quando está feito de fresco. **Novo** parece que se refere à substância (por assim dizer) da coisa, do fato, ou do sujeito; e **recente**, à sua data. A revolução francesa oferece-nos muitos exemplos *recentes*, dos terríveis efeitos das paixões humanas, quando são violentamente agitadas pelas comoções públicas; mas nenhum destes exemplos é *novo* na história das nações. A doutrina do magnetismo animal é *recente* na Europa; mas muitos dos fenômenos, em que ela se funda, nada têm de *novos*".

843

OBLAÇÃO, oferenda, oblata, oferta. – Segundo Roq. – todas estas palavras vêm do verbo latino *offero* "oferecer"; porém diferençam-se em que **oferenda** é aquilo que se oferece a Deus, a seus santos, a seus ministros; e **oblação** não se diz senão da *oferenda* que se faz com certas cerimônias estabelecidas pela Igreja. A *oferenda* do pão e do vinho no sacrifício da missa é uma *oblação*. Os presentes que os católicos fazem ao altar em proveito dos sacerdotes, ou das igrejas, são *oferendas* e não *oblações*. "Toda **oblação** é pois *oferenda*, mas nem toda **oferenda** é *oblação*". – **Oblata** é aquilo que se oferece a Deus, ou aos santos. Distingue-se de **oblação** em significar propriamente a coisa que se oferece; enquanto que **oblação** é mais o ato de oferecer. "No momento da *oblação*..." (no momento em que o celebrante oferece o pão e o vinho). "Aquela *oblata* da inocência há de comover ao Senhor". – **Oferta** distingue-se de **oblata** em ser coisa que tanto se pode oferecer a Deus como a outro ente. "Dou-lhe esta flor como *oferta* do meu coração". "A esmola é mais *oferta* feita a Deus que ao pobre".

844

OCO, vazio, côncavo, vão, vácuo. – Os três primeiros vocábulos deste grupo "são sinônimos quando exprimem a ideia de corpo escavado, ou em que se nota um espaço no qual falta matéria líquida ou sólida. **Côn-**

cavo designa uma qualidade, ou uma circunstância própria da figura determinada do corpo; é oposto a convexo. – **Oco** é puramente a negação da solidez do corpo, seja qual for sua figura. Assim, **côncavo** e **oco** diferem; pois que um corpo, cujas superfícies internas forem planas, é *oco*, e não é *côncavo*. – **Vazio** supõe uma negação acidental daquelas coisas que o corpo *oco* pode ou costuma conter, e não contém atualmente; e nisto bem difere de **oco**, vocábulo que, como vimos, supõe uma negação positiva, não do que pode conter distinto da sua matéria, mas da sua própria matéria, por cuja falta lhe não compete a propriedade da solidez. É *oco* um balão de vidro, porque está construído de modo que só tem a matéria suficiente para formar sua superfície esférica; e sempre será *oco* seja qual for a forma de sua superfície interna – quadrada ou *côncava*. **Vazio** só tem relação com o que costuma ou pode conter o corpo; **côncavo** tem relação com a forma, e **oco** tem relação com o espaço. Uma borracha de goma elástica é *oca*, *côncava*, e pode estar *vazia*: enchendo-a de água, deixa de estar *vazia*; apertando-a convenientemente para lhe dar uma figura angular, deixa de ser *côncava*; e comprimindo-a até que sua superfície interna se toque por todos os pontos, deixa de ser *oca*". – **Vácuo** é mais termo científico, e exprime precisamente a completa ausência do próprio ar. Por extensão aplica-se também por **vazio**, para significar o espaço desocupado, a ausência de outra matéria que não seja o ar. "Perdem-se na *vácua* imensidade..."

845

OMITIR, **suprimir**, **cortar**, **elidir**, **eliminar**, **cancelar**. – *Omite-se* alguma coisa quando se deixou de indicá-la, de incluí-la, de mencioná-la. *Suprime-se* alguma coisa quando se retira essa coisa do lugar em que estava com outras. – *Corta-se* quando se *suprime* separando, rescindindo, como destacando porção de alguma coisa por meio de instrumento de gume. *Elide-se* quando se suprime para abreviar. – *Elimina-se* quando se risca, se põe fora, se exclui ou se faz sair. – *Cancela-se* quando se risca, e se apaga, para que não tenha efeito, para que fique como se nunca tivesse existido. – Contou-me a história *omitindo* o nome do herói. – *Suprimiu* da relação o nome do mais digno. – *Cortou* do artigo muita coisa inútil. – *Elidiu* da frase aquela letra. – Foi *eliminado* do clube por indigno. – *Cancelou-se* a nota por injusta.

846

ONDA, **vaga**, **vagalhão**, **escarcéu**, **marouço**. – **Onda** dizemos da forma ondulada que a água toma ao mover-se, elevando-se e baixando-se sucessivamente. O vento forma *ondas* no mar, nos lagos, nos rios, e até nos tanques. Não inclui, portanto, esta palavra nenhuma ideia de violência. Não obstante, como a língua portuguesa carece de vocábulo que por si só designe os montes de mar que com violência se arrojam de encontro aos navios ou à costa, é com este termo **onda** modificado que se exprimem as ideias que dele derivam: as *ondas* vêm beijar a praia; *ondas* preguiçosas, impetuosas, alterosas, furiosas, etc. – **Vaga** é a *onda*, de mar ou de lago, que se considera quanto ao seu grande volume, não propriamente quanto à violência. – **Vagalhão** é a grande *vaga*, a *vaga* do mar irritado, a qual excede em volume às que a precederam. – **Escarcéu** é o cume espumoso das grandes *vagas* muito agitadas. – **Marouço**, termo pouco usado, é um coletivo que designa quantidade de montes de *ondas* que se notam numa paragem. (Bruns.)

847

ONZENA, **usura**. – **Usura**, segundo Lac., "designa em geral o lucro avantajado que se tira do uso de alguma coisa, e especial-

mente de negociação, ou de dinheiro que se empresta a outrem. Assim, pois, **usura** compreende a ideia de toda sorte de lucro, mesmo legítimo. – **Onzena**, porém, significou sempre lucro excessivo, imoderado, ilegal. O vocábulo **usura** acha-se muitas vezes empregado em bom sentido; porém **onzena** não se acha nunca empregado senão em mau sentido. Hoje a palavra tem a significação que se dava dantes à palavra **onzena**, tendo esta caído em desuso, e já não se empregando no estilo mercantil."

848

OPÇÃO (**optar**), **escolha** (**escolher**), **preferência** (**preferir**). – Exprimem de comum estes vocábulos a ideia de manifestar preferência por uma entre duas ou mais coisas. Mas a **opção** é ato que tem alguma coisa de jurídico; e quando entre dois ou vários empregos tem a mesma pessoa de declarar qual deles quer exercer, não se diz que *escolhe*, mas que *opta* por este ou por aquele. De **optar** decorrem, neste caso, consequências de direito: a **opção** feita é uma *escolha* definitiva. De uma variedade de frutas *escolho* (não – *opto*) as que mais aprecio. "Eu vos *escolhi* do mundo" – disse Jesus aos seus (e não – vos *optei*). F. *optou* pelo cargo menos rendoso, porém mais brilhante (não – *escolheu*). A lei reconhece o direito de *opção* quanto à nacionalidade aos estrangeiros que... etc. (e não – direito de *escolha*). – **Preferência** = "ato de **preferir**; isto é, de querer antes uma que outra coisa".

849

OUTREM, **outro**. – Há uma perfeita distinção entre estes dois vocábulos, por mais frequentemente que na prática vulgar se confundam. A diferença essencial que os separa consiste em que: **outro** se aplica, ou é aplicável, como determinativo, isto é, para determinar quer coisa, quer pessoa; e **outrem** só tem função pronominal, e só se aplica em relação a pessoas. "**Outro** tem as formas adjetivas, e deve por isso mesmo ter claro, ou subentendido, um nome substantivo, a que se refira a sua significação; v. g.: vi *outro* homem; plantei *outra* árvore; liguei um metal com *outro*. **Outrem** não precisa de nome algum que o determine, porque ele mesmo leva subentendido o substantivo homem, e até parece ser uma contração de *outro homem*. Assim dizemos, por exemplo: – qual de nós tem razão, *outrem* o julgará; – quando eu cheguei, já *outrem* tinha tomado o lugar; – vós direis isso, e *outrem* dirá o contrário (isto é, em todos estes casos, *outro homem*, ou *outra pessoa*). **Outro** usa-se em ambos os números, e gêneros; **outrem** só no singular, sem designar gênero, podendo aplicar-se a qualquer. A mesma diferença há respectivamente entre *alguém* e *algum*; *ninguém, nenhum*".

850

PAGA, **pagamento**, **salário**, **ordenado**, **mensalidade**, **soldo**, **soldada**, **vencimentos**, **honorários**, **estipêndio**, **remuneração**, **retribuição**. – Segundo Bruns.: **Paga** é o termo genérico de que os outros vocábulos do grupo são espécies. Tudo o que se recebe em troco de um serviço prestado, ou de um objeto cedido por venda, é **paga**. Esta palavra é relativa a quem recebe; e nisso diferença-se de **pagamento**, que é a **paga** considerada com relação a quem a dá. Assim é que se diz: a *paga* está certa; fazer os *pagamentos* em oiro. – **Salário** é a *paga* que se dá a quem trabalha manualmente, ou presta serviços familiares: não se deve reter o *salário* do trabalhador. – **Ordenado** é a quantia que mensal ou anualmente se paga a quem presta qualquer espécie de serviços, não completamente servis: cozinheiros, empregados, etc. recebem *ordenados*. – **Mensalidade** é o *ordenado* que se dá aos professores. – **Soldo** é a *paga* do militar. **Soldada** é o *ordenado* dos

serviçais. – **Vencimentos** quer dizer – o *ordenado* dos que prestam serviços liberais: ministros, empregados superiores, etc. recebem os seus *vencimentos*. – **Honorários** difere de **vencimentos** em serem estes pagos mensal ou anualmente; ao passo que os **honorários** são a remuneração de um serviço completo: os médicos, os advogados, etc. recebem os *honorários* que lhes são devidos pelo serviço prestado. – O **estipêndio** é uma quantia fixa, dada de superior a inferior, de quem manda a quem obedece, de quem protege a quem é protegido. – **Remuneração** e **retribuição** são termos de significação geral com que se designa o ato de recompensar algum serviço, e também a própria recompensa. **Remuneração** é propriamente a ação (ou o efeito) de dar o estipêndio devido, gratificar, fazer paga por algum serviço. **Retribuição** sugere ideia da justiça ou perfeita equidade com que é feito o pagamento, como se a pessoa que paga correspondesse, com a precisa exação, aos serviços que lhe foram prestados.

851

PÁGINA, **lauda**, **folha**. – **Folha** é a porção de tela, ou de lâmina considerada nos dois lados ou superfícies. Uma *folha* de papel apresenta duas *laudas*; uma *folha* de livro compreende duas *páginas*. Entre **página** e **lauda** a distinção é mais vaga. Ainda assim, em grande número de casos não seria possível confundi-los. Este livro tem *páginas* belíssimas. Neste exemplo, não seria permitido substituir *páginas* por *laudas*, nem por *folhas*. Dizemos: uma *lauda* de papel; escrevi até encher a *lauda* (e não – uma *página* de papel; nem – escrevi toda a *página*). Não se diz – *lauda* de um livro. – **Página** refere-se, portanto, ao que se encontra na *lauda*. Mesmo quando se diz – *página* em branco, o que se quer é marcar a estranheza com que entre as *páginas* há uma simples *lauda*. Entre **página** e **folha** poderia haver confusão em alguns casos; neste por exemplo: Procure a *folhas* tantas; ou – Procure à *página* tal. Em regra, para clareza, aumenta-se à **folha** o restritivo *verso* (ou *reverso* em alguns casos): *folha* tal *verso* (isto é – a *folha* vista ou entendida pela *lauda* oposta à da frente). Por último: **página** sugere ideia de número de ordem, tanto como a de quantidade: a *página* 50 deste livro; um livro de 800 *páginas*. Não se usa dizer – um livro de 200 *laudas*; como não se usa dizer – uma carta de 5 *páginas*.

852

PALPÁVEL, **visível**, **sensível**, **perceptível**, **táctil**. – **Palpável** é o que se sente pelo tacto; e, no sentido translato, é o que está tão claro, que é tão real que é como se pudesse ser palpado. – **Visível** é o que se percebe pelo sentido da vista, o que "entra pelos olhos", como se diz. – **Sensível** é o que se pode perceber imediatamente por algum dos sentidos. – **Perceptível** sugere ideia de que a faculdade que percebe é mais alta que o simples sentido. Não se diz, por exemplo, que as rugas ou asperezas de uma superfície são *perceptíveis* (mas – que são *sensíveis*). Ninguém diz que a verdade ou a profundeza de um conceito é *sensível* (mas – que é *perceptível*). *Percebe-se* propriamente com a inteligência; *sente-se* com os sentidos. – **Táctil** difere de **palpável** em só poder aplicar-se no sentido natural. Propriamente, **táctil** diz – que pode ser apalpado; ou então – relativo ao tacto.

853

PARALOGISMO, **sofisma**. – **Paralogismo** é – diz S. Luiz – "um raciocínio falso, ou uma argumentação viciosa, que se faz por erro do entendimento. – **Sofisma** é uma argumentação falsa, que se faz de propósito maliciosamente e com artifício, para enganar. É propriamente uma argumentação capciosa e insidiosa. O **paralogismo** emprega talvez

princípios falsos como verdadeiros, ou proposições incertas como demonstradas; e talvez erra no modo de deduzir as consequências; mas quem faz *paralogismo* engana-se a si, antes de enganar os outros; cuida, por erro, que discorre bem, que tem achado a verdade. O **sofisma** arranja com tal artifício os princípios, os termos das proposições, e a ordem do discurso, que vem a tirar consequências falsas. Mas quem usa do *sofisma* quer de propósito enganar os outros. O **paralogismo** nasce dos nossos erros: é um efeito da fraqueza do entendimento humano. O **sofisma** nasce da malícia, e da má intenção: é um efeito do interesse que temos de enganar e iludir aqueles a quem falamos."

854

PARELHA, **junta**, **par**, **casal**. – Ideia de dois indivíduos – é a que enunciam de comum estes vocábulos. – **Parelha** só se diz de animais de tração ou de corrida. – **Junta** só se emprega tratando-se de bois de tração ou de tiro. – **Par** é mais genérico que os precedentes; e tanto se aplica em referência a coisas como a indivíduos, e mesmo a pessoas. *Par* elegante (marido e mulher); *par* de sapatos, de luvas; *par* de vasos, etc. – **Casal** também se emprega tanto em referência a pessoas, como a certos animais: um *casal* que vive como Deus com os anjos; alguns *casais* de chins; *casal* de coelhos; *casal* de patos. E até se usa dizer – *casal* de xícaras.

855

PENA, **saudade**. – É Roq. quem se vai sair da grande responsabilidade de haver juntado como sinônimos estes dois vocábulos. "A palavra **saudade**" – diz ele – "que os antigos escreviam *soidade*, ou *suydade*, de *soledade*, é tão singular, e exprime uma ideia tão complexa e um sentimento tão mimoso que não tem, rigorosamente falando, sinonímia com nenhuma outra; há, contudo, entre ela e **pena** um ponto de contato que mui discretamente notou um ilustre escritor português". **Pena** é a impressão que faz o desgosto em nosso ânimo; é uma mortificação que nos penaliza, mas vagamente, e sem os afetos complicados que a **saudade** produz. "A palavra **saudade**" – diz Garrett numa erudita nota ao seu *Camões* – "é, porventura, o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa língua. A ideia, ou sentimento por ele representado, certo que em todos os países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa". Mal sabia o ilustre poeta contemporâneo, quando isto escrevia, que quatro séculos antes dele havia exprimido a mesma ideia um sábio rei português. Diz o senhor d. Duarte, no *Leal Conselheiro* (p. 151): "E porém me parece este nome de *suydade* tão próprio, que o latim, nem outra linguagem que eu saiba, não é pera tal sentido semelhante". E entrando a defini-la diz: "*Suydade* propriamente é sentido (sentimento) que o coração filha por se achar partido (apartado, separado) da presença de alguma pessoa ou pessoas que muito por afeiçom ama, ou o espera cedo de ser; e isso medes (assim mesmo) dos tempos e lugares em que por deleitação muito folgou; digo affeiçom e deleitaçom, porque som sentimentos que ao coraçom pertencem, donde verdadeiramente nace a *suydade*, mais que da razão nem do sizo". D. Francisco Manoel exprimiu a mesma ideia dizendo: "A quem somente nós sabemos o nome, chamando-lhe *saudade*." E não se contentou com isto, senão que deu a razão porque isto assim é, descrevendo a **saudade** nesta elegante e suave linguagem: "Floresce entre os portugueses a **saudade** por duas causas, mais certas em nós que em outra gente do mundo; porque d'ambas essas causas têm seu princípio. Amor e ausência são os pais da **saudade**; e como o nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nos-

sas dilatadas viagens ocasionam as maiores ausências, daí vem que onde se acha muito amor e ausência larga, as *saudades* sejam mais certas; e esta foi sem falta a razão por que entre nós habitassem como em seu natural centro... É a **saudade** uma mimosa paixão da alma, e por isso tão subtil que equivocamente se experimenta, deixando-nos indistinta a dor, da satisfação. É um mal de que se gosta, e um bem que se padece; quando fenece, troca-se a outro maior contentamento, mas não que formalmente se extinga; porque, se sem melhoria se acaba a **saudade**, é certo que o amor e o desejo se acabaram primeiro. Não é assim com a **pena**; porque, quanto é maior a *pena*, é maior *saudade*, e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males; conforme sucede aos rios impetuosos conservarem o sabor de suas águas muito espaço depois de misturar-se com as ondas do mar mais opulento. Pelo que dizemos que ela é um suave fumo do fogo do amor, e que do próprio modo que a lenha odorífera lança um vapor leve, alvo e cheiroso, assim a **saudade** modesta e regulada dá indícios de um amor fino, casto e puro. Não necessita de larga ausência; qualquer desvio basta para que se conheça" (*Epan*., p. 236). Nem o *desiderium* latino; nem o *souvenir* ou o *regret* francês podem comparar-se com a mimosa **saudade** portuguesa; há, contudo, uma expressão francesa que de algum modo arremeda este nosso vocábulo, que é *le souvenir du cœur*. Camões sentiu bem o que era a **saudade** quando disse:

> Agora a *saudade* do passado,
> Tormento puro, doce e magoado,
> Que converter fazia estes furores
> Em magoadas lágrimas de amores.
>
> (*Canc*. XI)

856

PERCEPÇÃO, sensação, sentimento. – Segundo Bourg. e Berg. "estas três palavras exprimem efeitos diferentes produzidos na alma pela impressão dos objetos. Antes de tudo, é preciso estabelecer uma profunda distinção entre a **sensação** e o **sentimento** de um lado, e a **percepção** do outro. As duas primeiras referem-se às faculdades da sensibilidade e da afetividade; a terceira, às faculdades intelectuais. A **percepção** é o ato pelo qual o espírito tem uma vista dos objetos exteriores (ou também das próprias *sensações*); pelo qual os recebe em si e os distingue; o seu efeito é o de instruir, e segundo essa vista for mais ou menos clara, ou mais ou menos confusa, fica-se tendo mais ou menos clara inteligência do objeto. Dizer que se tem a *percepção* de uma verdade, é dizer que a ideia dessa verdade entrou no espírito, e que este tem consciência dela. A **sensação** e o **sentimento** são modificações do espírito que sente uma mudança qualquer, seja boa ou seja má. Estes vocábulos diferem um do outro em várias circunstâncias. A **sensação** é propriamente a modificação, agradável ou desagradável, que os objetos nos causam ao ferir os sentidos, quando a impressão é levada ao cérebro pelos nervos; poder-se-ia dizer que é a *percepção* da impressão acompanhada de um efeito bom ou mau. A **sensação** tem, pois, sempre relação com uma ação exterior, posto que resulte de uma impressão dos sentidos; e, além disso, como cada **sensação** corresponde a uma impressão, a palavra **sensação** implica um efeito essencialmente momentâneo e passageiro: uma ameaça inesperada causa uma *sensação* de medo; uma pancada forte causa uma *sensação* de dor; o que é agradável ao gosto, ao olfato, produz *sensações* de prazer. O **sentimento** é, ao contrário, uma modificação duradoira, que provém indiretamente da impressão e da **sensação**, ou que tem a sua origem num trabalho interior do espírito afetado agradável ou desagradavelmente por uma causa, seja interna,

seja exterior: a vista de um belo quadro, a leitura de um belo poema causam um *sentimento* de prazer; a lembrança de uma boa ação, a consciência de um dever cumprido – causam um *sentimento* de satisfação. Do mesmo modo que as impressões contrárias produzem *sentimentos* opostos a esses. Esta distinção entre **sentimento** e **sensação** traz outra consigo; a saber: a que consiste em que **sentimento** é fenômeno de mais duração, ou antes, exprime a *sensação* considerada quanto à sua intensidade e mais longa duração: um *sentimento* de tristeza, etc." – Bruns., depois de haver traduzido o que precede, transcreve ainda um artigo da **Academia Espanhola**, do qual destacamos esta parte: "Por **sentimento** sempre se tem entendido, e sempre devera entender-se, toda modificação da parte afetiva da alma, e, por conseguinte, entram nesta categoria os apetites, os desejos, os afetos, as paixões. Em caso algum pode chamar-se **sentimento** à impressão dos objetos exteriores nos órgãos; esta impressão não pode ter outro nome senão o que sempre lhe deu a filosofia; a saber: **sensação**. O gozo, a ira, a ambição, *sentimentos*; o frio, o calor, o ruído são *sensações*."

857

PERPENDICULAR, vertical. – Uma linha pode ser *perpendicular* a outra, qualquer que seja a posição dessa outra; mas uma linha só está em posição *vertical* quando está a prumo, isto é, *perpendicular* ao eixo da terra, ou ao plano do horizonte astronômico. Uma linha *perpendicular* a uma inclinada, a uma horizontal, a uma vertical; uma *perpendicular* a outra *perpendicular*. A *perpendicularidade* indica, portanto, relação certa de uma com outra linha. A *verticalidade* indica posição certa de uma linha. À linha *perpendicular* só se pode opor uma inclinada ou oblíqua; à *vertical* opõe-se a horizontal.

858

POETA, vate. – A origem da poesia (diz Alv. Pas. melhor do que outros) remonta muito longe; e creem alguns que fora inventada para louvar a Deus; e que existia muito antes de Moisés. Os **poetas** daqueles remotos tempos costumavam recitar os seus versos, tendo na mão uma vara de loureiro; cerimônia esta usada também pelos que prediziam o futuro, ou adivinhos: e daí parece que veio a denominação comum de **vates**; porém há **poetas** que, bem longe de conhecerem o futuro, desconhecem as mesmas coisas presentes, e que se não podem por isso apelidar **vates**. **Poeta** é o que faz obra de poesia. Deriva a palavra de um nome grego que significa "fazer e fingir" – duas propriedades da poesia. – **Poeta** é o que celebra feitos em poesia; é o cantor facundo do apolíneo coro. – **Vate**, ainda que muitos pretendam que derive de *vi mentis*, é, contudo, próprio de quem sonda os arcanos do porvir: é o que, inspirado e cheio do furor de Apolo, prediz acontecimentos na linguagem sublime da poesia. É do **vate** que escreveu Ovídio este verso:

Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.

No mesmo sentido o tomou Camões na *Eclog*. VI, quando disse:

Verá que os moços pescadores eram,
Que o escuro enima ao *vate* deram.

O vate é o

Intérprete da voz onipotente
Que o distante futuro tem presente.

859

POESIA, poética. – São de tal modo distintas estas palavras que nem aqui as agruparíamos se já não figurassem entre os nossos sinonimistas. – **Poética** designa, segundo um dos mais recentes, a coleção

de regras, segundo as quais os poetas, isto é, os homens que nascem com propensão para a poesia, fazem as suas composições. Assim é que dizer **poética** vale tanto como dizer – arte do poeta. – **Poesia** é o produto de tais regras postas em execução pelo gênio do poeta. De propósito se diz – pelo gênio, e não – pelo talento do poeta, porque o poeta nasce, não se faz; pode aperfeiçoar-se observando as regras, mas não pode fazer-se poeta a si mesmo, se a natureza o não tiver feito.

860

PONTÍFICE, **prelado**, **bispo**, **sacerdote**. – **Pontífice** é hoje – diz Bruns. – como sempre foi, o **sacerdote** que dirige o culto, e exerce suprema inspeção sobre os outros sacerdotes. No catolicismo só se diz do Papa. – **Sacerdote** é qualquer padre – seja qual for a sua jerarquia – no exercício das suas funções, e só em relação a essas funções. Quando se diz: *sacerdote* indigno, tem-se apenas em vista a indignidade do padre em exercer as funções do seu ofício. – **Prelado** é título jerárquico que apenas se dá aos mais altos dignitários da igreja católica: cardeais, patriarcas, arcebispos, bispos, chefes de ordens religiosas regulares, núncios, legados, abades e priores de certos mosteiros, etc. Este vocábulo, repetimos, é relativo apenas à jerarquia do eclesiástico. – **Bispo** é o *prelado* que tem a seu cargo a direção espiritual de uma diocese.

861

PORQUE, **pois que**, **pois**, **que**. – Todas estas palavras servem para explicar a razão do que se diz. – **Porque** não só indica certeza, mas enuncia causa, razão, motivo mais direto que o enunciado pelos outros. Fico *porque* não posso ir. Não compro *porque* não tenho dinheiro. – **Pois que** explica como natural, provável, usual o que se afirmou ou negou. Não recitarei o soneto se me não animarem; *pois que* nem todos têm a coragem daquele rapaz... – **Pois** está no mesmo caso; e parece sugerir ainda uma explicação ou uma conclusão menos imediata, mais vaga, menos positiva. Não farei o que me pedes, *pois* para tanto não tenho autoridade. Nota-se que a relação conjuntiva enunciada pelo precedente **pois que** (sendo mais vaga ou mais frágil que a expressa pelo primeiro do grupo *porque*) é mais forte e mais direta que a enunciada pelo vocábulo **pois**. – **Que** também se emprega com a significação dos demais do grupo. Não irei; *que* em casos tais o melhor é não ser apressado. Não posso dizer-lhe; *que* nem sempre se deve ser franco. Farei o que me ordena; *que* para isso estou desde muito preparado.

862

POSSUIR, **ter**. – *Temos* aquilo que nos pertence; *possuímos* o que é nosso e de que estamos de posse. Para **ter**, segundo Alv. Pas., não é necessário poder dispor de uma coisa, nem mesmo que ela esteja atualmente entre nossas mãos ou sob a nossa guarda direta; basta que essa coisa seja nossa. Para **possuir** é necessário, se não rigorosamente que a coisa esteja em nossas mãos, pelo menos que tenhamos o poder atual de dispor dela. Um homem pode *ter* muito dinheiro, e não o *possuir* propriamente, se o tiver emprestado: este homem não é senhor do seu dinheiro, não pode dispor dele, porque o não *possui*, apesar de o *ter*. Em suma: **ter** é ser dono, proprietário, senhor; **possuir** é estar de posse ou na posse.

863

POSTERIOR, **ulterior**, **seguinte**, **subsequente**, **subsecutivo**. – **Posterior** dizemos do "que é, ou do que já foi com relação a outro fato ou circunstância anterior. – **Ulterior** dizemos do que há de vir, ou há de

ser com relação a outro fato ou circunstância que existe ou já existiu. – **Seguinte** é o termo que se emprega mais frequentemente que os outros deste grupo; e dizemos de tudo quanto vem depois de outra coisa da mesma espécie. – **Subsequente** é o que se segue imediatamente a outro e como decorrendo deste, ou como se fosse uma derivação ou mesmo uma consequência dele. – **Subsecutivo** é o mesmo que *subsequente*, com mais a ideia de não ter havido grande intervalo entre os dois atos ou circunstâncias".

864

POSTULADO, **axioma**. – Designam estas duas palavras "certas proposições que se enunciam como indubitáveis no princípio de alguma obra ou discurso, para delas nos servirmos a seu tempo em nossos raciocínios ou demonstrações; mas há entre elas uma diferença que se não pode esquecer. **Postulado** é uma proposição que pomos como certa, e pedimos que se nos conceda como tal, porque o adversário não tem meios de a negar. **Axioma** é uma proposição, que se dá como certa, por ser evidente de si mesma, e porque o adversário a não pode recusar. **Postulado** vem do latim *postulare*, que significa propriamente "pedir com direito a que se nos conceda o que pedimos". **Axioma** é vocábulo grego, que significa "dignidade, autoridade": enunciado, portanto, que tem autoridade em si mesmo; que é digno de fé; enunciado ou proposição por excelência. O **postulado** é uma proposição que talvez se demonstrou em outro lugar, ou que de tal modo é recebida e reconhecida por todos que ninguém a deve pôr em dúvida. O **axioma** é uma proposição que não precisa de demonstração, porque – entendidos os termos – não se pode duvidar da sua verdade. Quem impugna a primeira, ou há de duvidar de uma demonstração já feita, ou há de contrariar o consenso dos sábios. Quem impugna a segunda, ou não entende os termos, ou não reconhece verdade alguma nos conhecimentos humanos."

865

PRAVIDADE, **perversidade**, **perversão**, **maldade**, **malignidade**. – **Pravidade** (do latim *pravitas*, de *pravus* "torto") é propriamente "deformidade moral". Praticou, deu provas de enormes, incríveis *pravidades*. – **Perversidade** e **perversão** não se confundem: o primeiro enuncia uma qualidade, a de ser *perverso*; a segunda, **perversão**, significa o "ato de perverter", ou "o estado daquele que se vai pervertendo". A *perversidade* daquele bandido chegou a exceder a *perversão* geral em que está ou em que vai aquela terra. – **Maldade** designa a qualidade de ser mau, ou também a própria ação do mau. Pode-se dizer que este vocábulo abrange todas as qualidades e propensões cruéis, contrárias à natureza legitimamente humana. Substitui perfeitamente todos os do grupo. – **Malignidade** é uma certa maldade, mais propriamente maliciosa que cruel; que mostra intento, trabalho, esforço, e mesmo inteligência em ser malvado. Em coisas de espírito, por exemplo, uma *maldade* pode bem não ser verdadeira *malignidade*, desde que seja uma *maldade* estúpida ou grosseira.

866

PREÂMBULO, **prefácio** (**prefação**), **proêmio**, **prólogo**, **introdução**, **prelúdio**, **introito**, **preliminar**, **prolegômenos**, **exórdio**. – **Preâmbulo** diz em geral "o que precede, o que vem antes de começar-se propriamente o que se vai fazer". A explicação preliminar de um tratado ou de uma lei, ou de uma obra, são *preâmbulos*. – **Prefácio** é também o que se faz antes; mas tem sentido mais restrito, e quase que se não aplica senão tratando-se de livros. – **Prefação** é a mesma coisa. – **Proêmio** é palavra que vem do

grego, através do latim. O vocábulo grego é formado de *pró* + *oimos* "canto" (Ramiz Galvão – *Voc.*); e parece, portanto, que só devia aplicar-se como significando "exórdio de canto, de poema." Conquanto menos usado que a maior parte dos outros do grupo, emprega-se, porém, com o mesmo sentido de prefácio, ou "primeiras linhas". – **Prólogo**, em geral, isto é, aplicado a toda obra de espírito, é propriamente "discurso preliminar"; e em referência a obra dramática é o que precede ao primeiro ato da peça. – **Introdução** será um prefácio mais longo, dando o plano geral do texto, ou o histórico das ideias ou da matéria que vai ser tratada, mais propriamente quando a matéria é didática ou de natureza científica. – **Prelúdio** é, em geral, tudo que precede anunciando, tudo que prenuncia o que vai dar-se ou aparecer, e, tratando-se de produções do espírito, aplica-se como preâmbulo, prólogo, prolegômenos. – **Introito** diz propriamente "entrada, início, primeiras palavras sobre aquilo que se vai tratar ou fazer". – **Preliminar**, pela própria composição do vocábulo (*pre* + *liminaris*, de *limen* "soleira, porta, entrada"), significa "o que se diz, o que se faz antes de entrar no objeto principal". – **Prolegômenos** diz propriamente "primeiras noções, explanações gerais". – **Exórdio** é termo de retórica que designa "o princípio, ou a primeira parte do discurso".

867

PRECISAMENTE, **justamente**, **positivamente**, **expressamente**, **formalmente**. – Exprimem de comum estes advérbios "a ideia de acentuar bem o que se diz ou se faz". – **Precisamente** enuncia essa ideia com relação ao rigor ou cuidado com que se diz ou se faz alguma coisa sem nada de mais nem de menos; é, portanto, relativo ao sujeito que faz ou que diz de modo *preciso*, isto é – claro, exato, sem confusão. – **Justamente** diferença-se de **precisamente** apenas em ser mais relativo ao objeto que ao sujeito. Digo *precisamente* o que me encarregaram de dizer, para bem cumprir o mandado. Digo *justamente* o que se me ordenou que dissesse, para não alterar o que me foi dito. Quando digo que alguma coisa sucedeu *justamente* como eu tinha previsto, refiro-me ao fato em si; e quando digo que sucedeu *precisamente*, refiro-me à perspicácia com que previ. – **Positivamente** digo alguma coisa quando a enuncio por termos claros e sem disfarçar nada do que sinto, ou sem deixar de expor toda a verdade, com muita franqueza. – Declaro **expressamente** quando enuncio por termos formais e expressos; e **formalmente** quando imprimo ao enunciado a forma própria.

868

PRECOCE, **prematuro**, **temporão**, **antecipado**. – Todas estas palavras têm de comum a significação de – que vem, que aparece antes do tempo próprio. – **Precoce** é o que se manifesta antes da idade própria por excesso de força vital, por exuberância de natureza. – **Prematuro** é, como indica evidentemente a formação mesma do vocábulo, "o que se manifesta antes de estar maduro"; e, portanto, aplica-se ao que vem antes do tempo oportuno. Dizemos – talento, gênio *precoce* (não – *prematuro*); velhice, morte *prematura* (não – *precoce*). – **Temporão** é "o que vem antes da estação própria, da época em que naturalmente devia vir; e quase que se aplica de preferência tratando-se de frutos". – **Antecipado** diz apenas – "o que se faz antes do tempo em que se devia fazer".

869

PRIMEIRO, **primário**, **primitivo**, **primevo**, **primordial**. – Segundo Lac. – **primeiro** é, em geral, o ser que está ou se considera à frente de uma série deles; é o que precede a todos em alguma das diferentes circunstân-

cias de tempo, lugar, dignidade, etc. – **Primitivo** é o primeiro ser de uma série com relação aos seus diferentes estados, ou com relação a outros seres que daquele se derivaram. – **Primevo** (como se vê da própria formação do vocábulo) refere-se ao que é da primeira idade, ou das primeiras idades. D. Afonso Henriques foi o *primeiro* rei de Portugal. A disciplina que se observava nos *primeiros* séculos da Igreja chama-se disciplina *primitiva*. As leis por que se regia um povo nos *primeiros* tempos da sua organização social chamam-se ao depois lei *primevas*. – Entre **primeiro** e **primário** há uma distinção essencial que se pode marcar assim: o **primeiro** está em primeiro lugar, ou está antes de todos na série; marca, portanto, apenas lugar na ordem, e é por isso mesmo que quase normalmente reclama um completivo: F. é o *primeiro* na classe; os *primeiros* homens; o *primeiro* no seu tempo; o *primeiro* a falar. Enquanto que **primário** marca também o que vem antes de todos, o que está em primeiro lugar, mas com relação aos atributos, ou ao modo de ser dos vários indivíduos que formam a série ou que entram na ordem: diz, portanto, **primário** – "o mais simples, aquele pelo qual se começa". Ensino *primário*; noções *primárias*. – **Primordial** refere-se à época que precede a uma outra época e que se considera como origem desta. Período geológico *primordial* é o que precede ao *primitivo*. Neste já se encontram organismos: o *primordial* é azoico.

870

PROFANAÇÃO, sacrilégio. – "**Profanação** (do latim *pro* 'fora' e *fanum* 'templo') é propriamente um ato cometido contra a religião por um *profano*, isto é, por aquele que não tem o direito de entrar no templo, que está fora ou excluído do grêmio dos crentes. Consiste a **profanação** especialmente em não respeitar os lugares sagrados, e, por extensão, em atentar contra as coisas santas, quer por palavras, quer por ações. Pode, além disso, a **profanação** ser cometida tanto de propósito como inconscientemente: aquele que se porta sem a reverência usual numa igreja; o que aí profere uma blasfêmia, ou que pela sua compostura irregular escandaliza os crentes – comete uma *profanação*; os supersticiosos que aplicam objetos bentos a atos de feitiçaria – cometem *profanações*, ainda que obrem de boa-fé. O **sacrilégio** (do latim *sacra* 'coisas sagradas' e *legere* 'escolher, tomar') diz muito mais que **profanação**: constitui um ato de impiedade; é um crime que consiste em violar as coisas santas; e é principalmente sob o ponto de vista da grandeza do crime e da punição que é preciso considerar esta palavra. É *sacrilégio* pilhar um templo, quebrar imagens, destruir objetos do culto. Os cristãos consideram como um enorme *sacrilégio* calcar sob os pés a hóstia consagrada. As vestais que deixavam extinguir-se o fogo sagrado cometiam *sacrilégio*. O que furta objetos do culto comete *sacrilégio*". – Mesmo fora do sentido propriamente religioso conservam a sua significação estes dois vocábulos, e são frequentemente empregados para designar atos atentatórios da inocência, da moral, da justiça, da verdade, etc.

871

PROGÊNIE, progenitura, ascendência, linhagem, estirpe, raça, casta, família, sangue, casa, geração, genealogia, prosápia, prole, origem, posteridade. – Não sem proveito esforça-se Bruns. por estabelecer diferença entre as duas primeiras palavras deste grupo. O vocábulo latino *progenies* – diz ele – era uma expressão nobre com que se designavam os "descendentes". Deste vocábulo derivam-se duas palavras portuguesas – **progênie** e **progenitura**, esta última por intermédio de *progenitus*. Faria e Moraes

consideram estas duas palavras como sinônimos perfeitos, designando "os filhos, os descendentes", de acordo assim com a etimologia, *progenies*. Os escritores, porém, e entre eles Garrett, empregam-nas, ora para designar a descendência, ora para designar ascendência. Este oráculo da língua diz algures: "Nome e sangue ignoro de tão bela senhora; mas por certo de alta *progênie* a tenho" –, referindo-se, portanto, aqui à ascendência da dama; noutra parte, porém, diz: "Com honra ao menos acabará minha *progênie*?" – aplicando aqui evidentemente *progênie* para designar a descendência. Temos assim uma mesma palavra para designar duas ideias opostas... Nós, ao inscrevermos estas duas palavras no *Dicionário Ilustrado*, e fundando-nos no sentido do prefixo *pro*, comum a elas, e no sentido de *genus* de **progênie**, e de *genitus* de **progenitura**, intentamos discriminá-las deste modo: – "**Progênie**: Ascendência, origem, linhagem. Impropriamente: progenitura. – **Progenitura**: Descendência, filhos. Impropriamente: progênie. Estas definições estabelecem a nosso ver – mas só a nosso ver, repetimos – a sinonímia dos dois vocábulos: **progênie** designando a ascendência; e **progenitura**, a descendência". – Em outra parte, o mesmo autor: **Raça** é o termo mais usual para exprimir as qualidades morais da pessoa, comparadas com as dos seus ascendentes, e, sobretudo, quando as qualidades que se consideram são más. A **casta** é uma particularidade na **raça**; é a espécie considerada sob o aspeto da origem de que provém, dos caracteres que herdou. – **Sangue** tem muita analogia com **raça**; mas emprega-se de preferência para designar as boas ou as más qualidades que se destacam muito no caráter do indivíduo. Além disso, **raça** pertence neste sentido ao estilo familiar, e **sangue** ao elevado. Não obstante, também se diz: *raça* de heróis; vem de *sangue* plebeu. – **Família** diz-se da raça considerada quanto aos membros que a compõem, ao seu lugar na sociedade, e também às suas qualidades morais. – **Casa** considera-se como *família* em relação aos membros que a formam; mas geralmente só se diz das famílias ilustres. – **Linhagem** e **descendência** designam os descendentes: **linhagem**, com relação ao tronco; **descendência**, com relação ao progenitor ou ao número. A *linhagem* de Abraão foram Isaac e Jacob; este último teve numerosa *descendência*. – **Estirpe** é a linhagem considerada como muito antiga e bem distinta; mas tanto pode empregar-se no bom como no mau sentido. "Tem a marca daquela *estirpe* degenerada"... "Do claro Afonso *estirpe* nobre e digna" (Camões). – **Genealogia** é a série dos antepassados de alguma pessoa que se tem por nobre; estudo da estirpe de alguém. – **Geração** é o conjunto das famílias ou pessoas do mesmo sangue. Por extensão aplica-se também para designar todos os homens de uma época. – **Prosápia** é a ascendência de alguém que se jacta de nobreza. – **Prole** é o conjunto dos descendentes de um tronco; todos os filhos de um casal. – **Origem** é o tronco de que provém uma geração, uma família, ou mesmo um indivíduo. – **Posteridade** é toda a série dos indivíduos ou famílias que procederam ou hão de proceder da mesma origem.

872

PRÓPRIO, **mesmo**. – Como adjetivos, estes dois vocábulos são empregados quase sempre indistintamente; e, no entanto, parece que é clara a diferença que se nota entre eles, pelo menos em casos como estes, por exemplo: "Irei eu *próprio* à sua casa" (quer dizer: irei eu em pessoa); "irei eu *mesmo*" (isto é – não irá, ou não mandarei outra pessoa).

873

PULO, **salto**, **pinote**, **cabriola**, **pirueta**, **cambalhota**, **pincho**. – Dos dois primeiros

diz Lac. – **Salto** é o movimento, feito com esforço, com que o corpo do homem, ou de qualquer animal, se levanta do chão inteiramente, para vencer de golpe uma altura, quer de baixo, quer para algum dos lados. – **Pulo** é o *salto* para cima, tornando a cair no mesmo lugar, ou próximo dele. "*Salta* o homem da janela abaixo; *salta* o cavalo, salvando um valado; *salta* o tigre para prear o homem que se acolhe a uma árvore, etc. *Pula* a pela caindo no chão; *pula* o homem de contente". – **Pinote** é "salto súbito e violento, ou desordenado e repetido". Dá *pinotes* a besta. Anda aos *pinotes* (ou aos saltos) o coelho. – **Cabriola** é salto ligeiro, rápido, "como de cabra", em que o saltador gira no ar ou se dobra e revira saltando. – **Pirueta** é cabriola repetida, como se se saltasse girando. – **Cambalhota** é movimento como de pulo e trambolhão. – **Pincho** é pulo, pinote como em arremesso ou investida.

874

QUANTIA, **soma**; **quantidade**, **número**. – Entre **quantia** e **quantidade** a diferença é palpável. Dizemos: *quantidade* de gente, de livros, etc. (não – *quantia*); *quantia* em oiro, em papel; *quantia* enorme, *quantia* de 100$000 (não – *quantidade*). – **Quantidade** é, portanto, tudo o que pode aumentar ou diminuir; e num sentido mais particular, designa grande número, multidão, porção incalculável. – **Quantia**, na acepção usual, é porção de dinheiro, de valores. Já se faz obsoleta a locução – sem *quantia*, significando "sem conto, difícil de contar, inúmero". – Entre **quantia** e **soma** há uma diferença semelhante, tomando-se **soma** no sentido em que é sinônimo de **quantia**. **Soma** tanto se emprega neste sentido particular, como para designar **quantidade** formada de outras **quantidades**, sem atenção à espécie de coisas de que se trata. **Soma** significa, em geral, um como resumo de várias porções, valendo por estas mesmas. Tratando-se de dinheiro conserva esta significação restringida pela espécie. Conseguiu-se reunir a *soma* de tanto (isto é, várias *quantias* que se representam nesta *soma*). – Entre **número** e **quantidade** nota-se muito claro: o **número** é a designação, a fixação, ou a expressão da **quantidade**. Dizemos: *quantidade* de trigo (não – *número*); *número* de alqueires (não – *quantidade* de alqueires); *quantidade* de povo (não – *número* de povo). Há casos, no entanto, em que se poderia aplicar indistintamente **quantidade** ou **número**: grande *número* de meninos, ou grande *quantidade* de meninos; uma certa *quantidade* de livros, ou um certo *número* de livros. Conclui-se daí: – que, em regra, **quantidade** se aplica tanto ao que pode ser contado por indivíduo, por grupo, por objeto, etc., como ao que pode ser medido, pesado, discriminado, etc.: *Quantidade* de areia; *quantidade* de bois; – e que **número** só se aplica no primeiro caso, isto é, ao que é ou pode ser contado por indivíduo, etc.: número de bois.

875

QUIMERA, **ilusão**; **fantasia**, **utopia**, **visão**. – **Quimera**, como se sabe, é o nome, na mitologia grega, de um animal fabuloso, formado de partes e membros de diferentes animais; daí o emprego desta palavra para significar toda coisa absurda ou monstruosa que uma imaginação doentia é capaz de conceber. Nem sempre, porém, a **quimera** será coisa disparatada só pelo contraste em que se põe com o que é natural; muitas vezes pode acontecer que esse contraste seja apenas aparente. Tanto assim que dizemos – uma bela *quimera*, para significar que, através da monstruosidade, ou da incongruência aparente, se descobre alguma harmonia ou beleza naquilo mesmo que parece agora simples *quimera*. – Neste caso, diríamos com muito mais propriedade – **utopia**. Esta pa-

lavra (formada do grego *topos* "lugar", com o prefixo negativo *ou*, significando, portanto, "não lugar" ou "lugar não existente") é o nome que deu Thomas Morus a uma ilha imaginária, onde se ensaiam instituições excelentes em teoria, mas falhas na prática, ou de aplicação muito difícil. Daí o sentido que tem hoje em todas as línguas modernas esta palavra **utopia**. Aplicamo-la a toda ideia, projeto, aspiração, etc. que se considera como belo sonho irrealizável ou que só se poderá realizar em futuro impossível de prever. **Utopia** não é, portanto, coisa que se pareça com **quimera**; e tanto assim que se costuma dizer: quanta aspiração, que foi ontem *utopia*, é hoje realidade... querendo deste modo indicar que isto de ser uma coisa *utopia* pode muito bem estar mais na sua extemporaneidade do que propriamente no seu valor ou no seu modo de ser. – **Fantasia** não sugere o que de monstruoso, disparatado, absurdo tem a **quimera**: designa apenas aquilo que é falso; que não corresponde logicamente ao que é normal; que não existe na natureza, ou cuja ideação não decorre da natureza. – A **utopia** pode vir ainda a realizar-se; não a **fantasia**... se bem que, a dar-se isso, não seria decerto a primeira vez que se visse entre os homens coisas dessa ordem. – **Visão**, aqui é quase o mesmo que **fantasia**; pois enuncia a ideia de coisa que só tem existência no espírito alucinado. É preciso notar, no entanto, que na **fantasia** se supõe capricho, extravagância bizarra: ideia que se não inclui tão bem em **visão**. O visionário vê coisas que não existem; o fantasista cria, inventa coisas falsas; o utopista sonha com alguma coisa muito bonita, mas pouco ou mesmo nada pratica: – **Ilusão**, neste grupo, é "coisa falsa que se nos apresenta ao espírito como coisa real". É por isso que se lhe dá também o sentido de "esperança vã, ou confiança exagerada na sorte", quando se diz, por exemplo, que F. não tem mais *ilusão*, ou *ilusões* na vida; querendo significar que F. agora já vê as coisas como elas são; que já distingue as coisas reais das falsas coisas.

876

RADIANTE, radioso, irradiante, irradiador; faiscante, cintilante, chispante, coruscante, relampejante, flamante, reluzente, flamejante, fulgente, refulgente, fulgurante, brilhante, resplandecente, resplendente, fagulhante. – Havia dito S. Luiz que **radiante** é o que atualmente lança raios de luz; e **radioso**, o que em si mesmo, e como de sua natureza, tem a qualidade, a propriedade, a força de lançar luz, ou raios luminosos. O sol é *radioso*, ainda quando não está *radiante*. – E escreveu depois Roq.: A efusão abundante de luz caracteriza o corpo que se diz **radioso**; a emissão de muitos raios de luz, o corpo que se chama **radiante**. Distinguem-se os raios de um corpo que é **radiante**; no **radioso** estão os raios de luz confundidos... Falando com propriedade, os raios de luz emanam da substância *radiosa*, e como que rodeiam a substância *radiante*. A palavra **radioso** sinala a propriedade, a natureza da coisa; e a palavra **radiante**, uma circunstância, um estado da coisa. (Tanto que se diz mesmo – estado *radiante* da matéria, e não – estado *radioso*.) Um corpo luminoso é por si mesmo mais ou menos *radioso*: quando esparge sua luz é mais ou menos *radiante*. – **Irradiante** sugere ideia de esforço ou de causa excepcional. O sol *irradia* uma claridade sumptuosa (não *radia*). Matéria, substância *radiante* (não *irradiante*). Olhar *irradiante* de cólera (não *radiante*). – **Irradiador** só é aplicável no sentido físico: foco *irradiador*. – Os que se seguem diferençam-se pelos respectivos radicais: – **faiscante** = "que despede faíscas, que luz instantaneamente como faísca"; – **fagulhante** = "que luz como fagulha"; – **cintilante** = "que lança centelhas"; – **co-**

ruscante = "que corusca, isto é, que **lança** como coriscos"; – **chispante** = "que despede chispas"; – **relampejante** = "que brilha instantaneamente, como relâmpago"; – **reluzente** = "que reluz, que se fez ou está brilhante"; – **luzente** = "que por si mesmo luz"; – **flamejante** = "que brilha como a chama"; – **flamante** = "que lança chamas"; – **fulgente** = "que fulge"; – **refulgente** = "que refulge"; – **chamejante** é outra forma de **flamejante**; – **fulgurante** = "que fulgura, isto é, que brilha com luz muito viva e instantânea"; – **brilhante** = "que brilha, que emite luz muito intensa, ou reflexo muito vivo"; – **resplandecente** e **resplandente** só se distinguem pelo que marca no primeiro o sufixo incoativo: **resplandecente** é "o que está resplandecendo"; **resplendente** é "o que resplende".

877

RASTO, **vestígio**, **pegada**, **pisada**, **trilha**, **pista**, **rastilho**, **sinal**, **carreiro**. – **Vestígio** é o **sinal** ou mostra, que, em algum lugar, de si deixou a coisa que nele esteve ou por ele passou. É termo genérico, aplicável às diferentes espécies de **vestígio** designadas pelos outros vocábulos do grupo. – **Pegada** é o vestígio do pé do homem, ou do animal. – **Pisada** é a pegada impressa no lugar em que esteve o homem, ou o animal. Donde se vê que **pisada** é uma espécie de **pegada**, e ambas são espécies de **vestígio**. – **Rasto** é o vestígio que deixa por toda a extensão do seu caminho a coisa que por ele passou, ou vai passando, principalmente de *rasto*, ou de rojo. – **Trilha** é o rasto impresso no chão pela coisa pisada, que passa com frequência, carregando, ou calcando. – **Pista** finalmente é o rasto, que deixam os animais no caminho por onde passam. Nas ruínas de uma cidade descobrem-se, ou observam-se *vestígios* de sua passada grandeza e sumptuosidade. O homem, ou o animal, que passa sobre um pavimento de madeira, mármore, etc., com os pés molhados, faz *pegadas*. Os sacerdotes de Bel, de que fala o livro de Daniel, deixaram *pegadas* na cinza espargida sobre o pavimento do templo. O homem, ou o animal, que caminha sobre um terreno recentemente lavrado, faz ou deixa *pisadas*. As *pegadas* ou *pisadas*, continuadas por alguma extensão de caminho, bem como os *sinais* que por ele deixou a coisa levada de rojo, mostram o *rasto* que devemos seguir para achar essa coisa; indicam a direção que ela tomou no seu caminho. Os homens, os animais, os carros, as cavalgaduras, etc., passando com frequência por um caminho, por uma estrada, *trilham* o chão, fazem o que chamamos caminho *trilhado*, caminho geralmente seguido: mostram a *trilha* por onde podemos caminhar seguramente, e sem risco, etc. Finalmente, o animal caçador segue a caça pela *pista*, isto é, pelo *rasto*, que ela deixou na sua passagem. Todos estes vocábulos empregam-se oportunamente no sentido figurado, tendo-se atenção à significação específica de cada um deles, e à sua maior expressão, segundo o objeto do discurso. Assim Lucen. (*Vid. de Xav.*, I, 12): "E estas são todas as *pegadas* e *rasto* da fé e cristandade que por ali passou". Bernard (*Eclog.*, VI) falando com Sá de Miranda: "Ah! discreto pastor quem te seguisse tuas *pisadas* cá! O mesmo Sá de Miranda" (c. II): "Vi caminhos tão maus, tal *trilha*, e tamanho *rasto*", etc. (S. Luiz). – O **sinal** será apenas, ou poderá ser mais subtil que o **vestígio**. Decifro, percebo por ali *sinais* da passagem dela... (e não propriamente *vestígios*). O **vestígio** é visível, palpável, sensível: o **sinal** nem sempre; e quantas vezes para sentir ou perceber um *sinal* é necessário um senso bem apurado, uma visão penetrante, uma inteligência muito lúcida. – **Rastilho**, aqui, é apenas um diminutivo de **rasto**: *rastilho* das formigas, *rastilho* da lesma, etc. – **Carreiro** só figuradamente, ou num sentido mui-

to restrito é que entra neste grupo, com a significação de *pista, trilha, rastilho*... Também se diz: *carreiro* das formigas; como se diz: o *carreiro* que vai à roça.

878

REAL, **régio**, **reiuno**, **realengo**, **reguengo**. – **Real** é o que é propriamente do rei; **régio** é o que se refere ao rei; que é próprio da realeza; *Real* majestade – só se aplica a um rei; *régia* majestade – poder-se-á aplicar a quem não seja rei. A *régia* pompa com que o conde, ou o ricaço celebra as suas festas... (aqui não caberia *real*). – **Reiuno** é brasileirismo (Rio G. do Sul) que significa – "pertencente ao rei". Aplica-se quase com a significação de público. Campo, animal *reiuno*. – **Realengo** diz também – próprio de rei, ou que só se encontra entre os reis; confunde-se, portanto, com **régio**, e em muitos casos com **reiuno**. Presta-se, melhor que qualquer dos dois, a ser substantivado. Terra, terreno *realengo* = terreno pertencente à Coroa. Constância, grandeza, magnanimidade *realenga*. – **Reguengo** é também o que pertence ao patrimônio real, o que foi incorporado aos bens da Coroa. Terra, herdade *reguenga* (isto é – do trono, ou da coroa).

879

REALCE, **relevo**, **destaque**, **evidência**, **saliência**, **proeminência** (**preeminência**; **proeminente**, **preeminente**), **ressalto**. – **Relevo** é a evidência pelo maior vulto; – **realce** é a evidência pelo brilho, pela figura, pela majestade; – **destaque** é a evidência pela posição saliente, pela distinção com que do meio das outras sai a coisa ou pessoa em *destaque*. – **Evidência**, aqui, é toda manifestação clara, de que ninguém pode duvidar. "Contenta-se aquela pobre alma de anão mais do *relevo* da fortuna que do *realce* do gênio." "Basta-lhe aquele fugaz *destaque* de um dia...". "Com tais maluquices põe-se em *evidência*". – **Saliência**, na acepção natural, é o estado ou condição daquilo que sai do plano em que assenta; e no sentido translato é "a qualidade daquele que se levanta acima do comum, e que por isso chama atenção e é notado". Toma-se frequentemente à má parte, para significar a falta de modéstia, compostura ou discrição daquele que se quer fazer visto e apreciado. – **Proeminência** é "a grande elevação a que chegou alguém na sociedade em que vive". Não se confunde com **preeminência**. **Proeminente** = "muito alto e destacado"; **preeminente** = "o mais alto e destacado de todos". – **Ressalto** = "destaque súbito, como por um prodígio de esforço".

880

REALIDADE, **verdade**. – Segundo Roq. – a **realidade** diferença-se da **verdade** em que, pela palavra **realidade** se entende tudo o que existe relativamente a nós, limita-se unicamente ao mundo, às coisas mundanas, ao que fica a nosso alcance, isto é, a alcance da nossas faculdades. A **verdade**, porém, pertence às ideias reais e às ideias factícias; tem por objeto, não somente o mundo que existe, senão também tudo o que pode existir; combina as abstrações, as possibilidades, os infinitos. Pela mesma razão diferem entre si as expressões **na verdade**, e **na realidade**. – **Na verdade** refere-se ao que pensamos do objeto, segundo ideias claras e exatas; **na realidade** refere-se ao que o objeto é em si mesmo segundo a sua natureza. A primeira – **na verdade** – diz respeito ao mundo intelectual; a segunda – **na realidade** – ao mundo real.

881

RECIBO, **quitação**. – **Recibo** "é o termo geral com que se designa qualquer documento que se passa e dá a quem nos paga ou entrega uma quantia, ou alguma coisa, quer coisa

ou quantia que se nos empresta, que nos é devida, ou que nos é entregue para que a transmitamos a outrem, ou ainda para que a conservemos sob a nossa guarda. – **Quitação** é um *recibo* geral, um documento com que se desobriga alguém completamente do compromisso que tinha, seja este de que natureza for, mas principalmente tratando-se de dinheiro ou em geral de valores. Dá-se *recibo* a quem talvez ainda nos fique devendo; a *quitação* liberta completamente da dívida o devedor".

882

REAVER, **recobrar**, **recuperar**, **retomar**, **reconquistar**, **reocupar**, **reassumir**, **readquirir**, **reivindicar**. – Todos estes verbos enunciam de comum a ação de tomar de novo aquilo de que já estivéramos de posse, ou o lugar onde já havíamos tido assento. – **Reaver** é "entrar novamente na posse de que tínhamos sido privados". – **Recobrar** e **recuperar** são duas formas do mesmo verbo latino *recuperare*, que tem significação semelhante à do verbo **reaver**, sem sugerir, no entanto, como este rigorosamente a ideia de posse concreta. Dizemos que alguém *recobrou* ou *recuperou* a saúde, os seus créditos, o seu bom nome, etc. (e não – que *reouve*). – **Retomar** é "*tomar* (isto é, ocupar ou chamar a si por força ou por astúcia, etc.) novamente o que tinha sido já tomado." De uma praça que estivesse sob a nossa guarda ou comando e que o inimigo nos conquistasse, não deveríamos dizer que a *retomamos*, e sim – que a *recuperamos*. *Retomamos* seria próprio dizer se a praça inimiga que havíamos já conquistado, e da qual nos desalojaram, viesse a ser por nós de novo conquistada. Quer isto então dizer que se aproximam muito **retomar** e **reconquistar**; mas deve notar-se que o segundo – **reconquistar** – sugere sempre ideia de esforço, trabalho, luta. Eu *retomei* o meu lugar na bancada (não – *reconquistei*). *Reconquistemos* a fama perdida (não *retomemos*). Também **retomar** só se aplica, no sentido próprio, às coisas concretas; **reconquistar**, tanto às coisas concretas, como às abstratas. – **Reocupar** diz menos ainda que **retomar** quanto à intensidade da força que supõe a ação respetiva: **reocupar** é "apenas voltar ao posto antigo, por-se outra vez no lugar em que tinha estado". – **Reassumir** é "chamar a si de novo as atribuições que tinham já sido exercidas pelo que as *reassume*". *Reocupa-se* um lugar; *reassume-se* um cargo, uma função. – **Readquirir** é "fazer posse outra vez daquilo mesmo que se havia perdido". *Readquire-se* (obtém-se de qualquer modo) a fama, os bens, etc. – **Reivindicar** é "recuperar o que era nosso de direito e que se achava, no entanto, na posse de outrem".

883

REGER, **gerir**; **regente**, **regedor**; **gerente**, **gestor**; **regência**, **regedoria**, **gerência**, **gestão**. – **Reger** é "governar, guiar, conduzir segundo a lei, a *regra*" (*regula*, de *rego... ere*). – **Gerir** é "administrar, superintender". *Gerem-se* negócios; *gere-se* uma fábrica, uma empresa; *gere-se* o emprego de um capital, uma fortuna, a fazenda pública, etc. (não – *rege-se*); *rege-se* uma escola, uma instituição, o próprio Estado, etc. Tanto *gerimos* o que é nosso, como o que a outrem pertence, e cuja *gerência*, ou cuja *gestão* nos tenha sido confiada. Também *regemos* o que nos pertence, o que nos é próprio, como aquilo cuja *regência* exercemos ou fazemos em nome de outrem. *Regemos* a nossa família; *rege* o *regente* o Estado em nome do soberano menor. – Entre **regente** e **regedor** só há a diferença que consiste em aplicar-se o segundo ao que exerce uma função de ofício (*regedoria*); e o primeiro ao que exerce a função de *reger* acidentalmente. Em suma: **regente** = que está *regendo*; **regedor** = que tem o cargo, a autoridade de reger. A função do *regente* é

regência; a do *regedor* é **regedoria**. – Entre **gerente** e **gestor** há a mesma diferença que existe entre **gerência** e **gestão**, vocábulos que coincidem aliás no mesmo latim *gerere*. A **gerência** é propriamente a administração subalterna, uma como subadministração. O *gerente* de uma empresa tem acima de si uma autoridade superior, uma diretoria, um conselho. A **gestão** é a administração superior, a livre administração. Do que dispõe, superintende, ou administra os serviços de uma fábrica dizemos *gerente*, e não *gestor*. Dos meus negócios eu sou o *gestor*; e do que *gere* a fazenda, a coisa pública também se diz *gestor*, e não *gerente*.

884

REPRESÁLIA, **desforra**, **vingança**, **retaliação**, **desforço**, **despique**, **vindicta**. – Dos três primeiros vocábulos deste grupo diz Bruns. – "O vocábulo **vingança** distingue-se dos outros deste artigo por designar um ato premeditado em segredo, e que só se manifesta no momento de o realizar. É verdade que a pessoa sobre a qual a **vingança** se exerce pode supor (desconfiar) que algo se trama contra ela; ignora, porém, como e quando esse algo a assaltará... – **Desforra** é o ato pelo qual alguém retribui a outra pessoa a desvantagem que esta lhe infligiu anteriormente. A **desforra** deve precisamente ser da mesma espécie da desvantagem recebida; ou, a ser de outra espécie, deve considerar-se como sua equivalente. A **desforra** sempre é tida em conta de justa e leal, e é frequentemente oferecida pela pessoa que obteve a primeira vantagem. – **Represália** é "o dano que se faz em compensação (em revide, como retaliação) ou *vingança* de outro dano recebido". – **Retaliação** é "o ato de fazer a outrem um mal, ou causar-lhe um dano igual ou semelhante ao que nos causou". – **Desforço** é "a vingança mediante a qual alguém se ressarce de mal recebido, ou recobra a vantagem de que tinha sido despojado". – **Despique** é "vingança pequenina, desforço acintoso, desforra maligna". – **Vindicta** é a vingança imposta ou infligida como castigo. Dizemos – a *vindicta* da lei (não – a *vingança*); – a paixão da *vingança*; – *vingança* cruel, insana (e não *vindicta*).

885

RESIGNAÇÃO, **passividade**, **paciência**, **abdicação**, **renunciamento**. – Define-se quase sempre a **resignação** como "um completo abandono da vontade própria a outra vontade superior"; portanto, como uma submissão absoluta ao que tenha de ser fatalmente. Neste caso, porém, deixaria a **resignação** de ser uma virtude, como faz crer o instinto de quantos, à vista de grandes males irremediáveis, aconselham sempre que nos *resignemos*; e muito convencidos de que é sábio o conselho. Entendemos nós, no entanto, que a definição acima quadra a **passividade**, não a **resignação**. A **resignação** *ativa* é que é virtude, e grande virtude própria de grandes almas; não se confundirá nunca com a passividade do inorgânico. – **Resignação**, como virtude cristã, é o fundo e discreto compungimento da consciência que se consola de tudo haver feito por evitar o mal ou a desgraça. O sujeito que vê sacrificar a inocência e não morre por ela; o pai que abandona os filhos porque não tem com que os sustente; o homem que sofre injustamente uma vergonha e não geme, ou um ultraje e não protesta – não é um *resignado*, mas um ente *passivo*. – **Paciência** é "uma virtude muito semelhante à **resignação**: é a virtude que nos leva a sofrer, sem clamor de escândalo ou de ridículo, os males que não podemos evitar". O grande exemplo de *paciência*, que até hoje não foi excedida, é o de Job, que padeceu todas as misérias e desgraças e cada vez mais firme de consciência e mais fiel na dor. – **Abdicação** é "o ato

de *abdicar*, isto é, de desistir, de abrir mão daquilo que nos pertencia, ou pelo menos de que estávamos de posse". É ação, não é qualidade, nem estado. Poder-se-ia, em muitos casos, confundir mais com *abnegação* do que com qualquer outro do grupo, se *abnegação* não enunciasse como característica a ideia de grandeza de alma, desapego de interesse, etc.; enquanto que **abdicação** diz bem acentuadamente – o ato de lançar de si, de abandonar, de não ter mais como seu aquilo que se *abdica*. – **Renunciamento** aproxima-se um pouco mais de *abnegação*; se bem que seja desta muito distinto. *Renuncia-se* recusando, afastando-se ou afastando de si, abjurando, renegando, não querendo saber da coisa que se *renuncia*. "Em política decerto não se encontra nunca um homem capaz de *renunciamentos* como aquele".

886

RETINIR, **retumbar**, **ressoar**, **repercutir**, **ecoar**, **soar**, **ribombar**, **retroar**. – "Destes vocábulos, é **soar** o que tem significação menos complexa". – **Soar** é produzir um som natural, que nada tem de extraordinário: *soa* a voz; *soa* a hora; *soam* os passos. – **Ecoar** é repetir-se um som no *eco*, tal como se produziu ao *soar*, ou modificado pelo eco que o repercute. – **Ressoar** é *soar* repetidas vezes o que repetidas vezes se reproduz: *ressoavam* passos. Também significa esta palavra o prolongamento confuso de um som por efeito acústico: a sua voz *ressoava* no templo. – **Retumbar** é o mesmo que *ressoar*, mas *ressoar* com força e de modo a impressionar o ânimo. – **Retinir** diz-se dos sons agudos que se prolongam pela vibração: "o *retinir* das espadas" (Bruns.). – **Repercutir** exprime a ação ou o fato de repetir-se mais ou menos atenuado (um som ou um movimento) fora do lugar onde se produz ou onde começa. Sugere ideia da violência com que o som ou o movimento se refletem. Um terremoto nos Andes vem às vezes *repercutir* em Mato Grosso. – **Ribombar** (ou **rimbombar**) é retumbar, ecoar produzindo grande estrondo e abalo. *Ribombam* trovões; *ribomba* (fig.) o clamor do profeta, o grito de angústia. – **Retroar** é troar longamente, ressoar com estrépito. *Retroa* a gritaria, a fuzilaria, etc.

887

REDARGUIR, **replicar**, **retorquir**, **retrucar**, **rebater**, **responder**, **objetar**, **obtemperar**, **recriminar**, **contrapor**, **opor**, **contestar**, **revidar**, **reenvidar**, **contradizer**, **contraditar**, **respingar**. – **Redarguir** é "responder no mesmo tom, isto é, com uma arguição a outra arguição, com uma afirmativa oposta à outra afirmativa". "Quem é o senhor para falar-me assim? – perguntou-lhe o conde. E quem é o senhor para não ouvir-me? – *redarguiu* altivamente o digno moço". – **Replicar** é "responder procurando destruir a objeção". *Replica-se* quando se responde àquele que nega ou contesta o que já afirmamos. – **Retorquir** é "como fazer voltar contra o adversário as razões, os argumentos que ele próprio expôs contra nós". – **Retrucar** é "rebater vivamente ao que se nos propôs ou disse com certa acrimônia". – **Rebater**, que é o mais vago e extenso dos verbos deste grupo, é propriamente "bater contra aquilo que vinha sobre nós; fazer voltar o que se dirigiu contra nós". No sentido mais restrito com que entra neste grupo, é o mesmo que **retrucar**, com a diferença que se pode *rebater* com calma e sem segunda tenção. – **Responder** tem a significação genérica de "dizer alguma coisa em relação ao que se nos disse". – **Objetar** é "dizer alguma coisa em oposição ao que se nos disse". – **Obtemperar** = "responder com discrição e calma, como quem apenas observa ou faz sentir que não é justo ou exato o que se nos disse, ou a estranheza que se mostrou

à vista do que dissemos". – **Recriminar** = "responder acusando a quem nos acusou; rebater censura censurando". – **Contrapor** = "expor, apresentar contra". – **Opor** = "enunciar, apresentar em oposição". – **Contestar** = "responder, ou rebater procurando desfazer as alegações, negar as acusações". – **Revidar** = "rebater ataque com ataque mais violento". – **Reenvidar** = "rebater repetindo o desafio, ou a provocação que se tinha feito". – **Contradizer** = "dizer o contrário do que se nos disse, ou do que dissemos". – **Contraditar** = "rebater os argumentos, alegações, ou afirmações da parte contrária". – **Respingar** = "responder com mau humor; dar má resposta a quem se deve respeito".

888

REVELAÇÃO, **inspiração**. – Segundo Roq. – **Revelação** "significa em geral a manifestação de alguma verdade secreta ou oculta; e em linguagem teológica, a manifestação, que Deus faz ao homem, de verdades que se não podem conhecer pelas forças da razão, ou por meios puramente naturais. A **inspiração** é a ilustração ou movimento sobrenatural com que Deus inclina a vontade do homem a fazer alguma ação boa. A **revelação** ilustra o entendimento; a **inspiração** move e leva a vontade. *Revelam-se* fatos, verdades, doutrinas; *inspiram-se* sentimentos, desejos, afetos, resoluções. As doutrinas contidas nas sagradas Escrituras são *reveladas*, porque Deus manifestou a seus autores fatos e verdades que eles não podiam alcançar pelas luzes da razão. Os sagrados Escritores foram *inspirados* para escrevê-las, isto é, o Espírito Santo os ilustrou interiormente, moveu a escrever, e dirigiu sua pena em tudo que escreveram para ensino e santificação dos homens".

889

ROTEIRO, **itinerário**; **diário**, **portulânio**. – **Itinerário** e **roteiro** marcam os lugares, os pontos por onde se tem de passar viajando de uma para outra parte, com as indicações que possam convir ao viajor. A única diferença que se deve notar entre estes dois vocábulos é a que consiste em aplicar-se **roteiro** de preferência, ou mais ordinariamente a viagens marítimas, e **itinerário** a terrestres. – **Diário** é propriamente uma relação de viagem; é um *itinerário* mais minucioso, devendo não esquecer-se que este último vocábulo inclui a ideia de que a relação é destinada a guiar, e por isso determina os pontos por onde tem de ir o que viaja (a mesma noção é marcada pela palavra **roteiro**); enquanto que **diário** é mais propriamente notícia circunstanciada, feita dia por dia, da viagem que se realizou; e é, portanto, um resultado da viagem. Ninguém diria, pois, em vésperas de sair – que vai fazer ou determinar o *diário* da viagem ou excursão, mas – o *itinerário*, ou o *roteiro*; nem, de volta da viagem, diria que vai escrever, ou que escreveu o *roteiro* ou o *itinerário* seguido, mas – o *diário* da excursão feita. – **Portulânio** é hoje palavra desusada: designava (antes da época em que se introduziu o emprego da bússola) a notícia dos portos de uma carreira, e pela qual se regulavam os navegantes. Era muito usada entre os portugueses nos tempos em que começaram o périplo africano.

890

SABEDORIA, **ciência**. – **Sabedoria** "é o conhecimento intelectual das coisas humanas, e também das coisas divinas e humanas". – **Ciência** é a notícia, o conhecimento das coisas humanas. – **Sabedoria** tem significação mais extensa e complexa do que **ciência**. A **sabedoria**, que se considera qualidade inerente ao homem, compreende o saber e o praticar conforme a reta razão. A **ciência** refere-se somente à parte especulativa, e pode considerar-se independentemente do homem; e, neste caso, define-se a **ciência**

uma série de verdades, cujo conhecimento não pode alcançar por si o senso comum, mas precisa do raciocínio, do esforço, do discurso. "A matemática é *ciência*, mas não é *sabedoria*". Ser leal, sincero e humilde é *sabedoria* (é ser sábio), mas não se dirá que seja *ciência*.

891

SACRO, **sagrado**, **santo**. – **Sacro** "significa o mesmo que sagrado, mas só se aplica ao que pertence propriamente à religião. Dívida *sagrada* é a que tenho com o meu amigo; não – dívida *sacra*. – **Sagrado** tanto se emprega com o sentido restrito de **sacro** na generalidade dos casos, como àquilo que, fora das coisas propriamente religiosas, apresenta o caráter de venerável como essas coisas. – **Santo** é aquilo, que pelas suas qualidades excelentes, ou pela sua própria natureza, é de Deus ou lhe pertence, é do céu e digno de veneração".

892

SADIO, **são**, **salutar**, **salubre**, **higiênico**. – Destes vocábulos escreve um dos nossos autores: – **Higiênico** dizemos do que proporciona a conservação da saúde; **sadio**, do que a não altera, e também daquele que a não tem alterada. O ar puro é *sadio*; procurá-lo é *higiênico*. – **São** é aquilo que não encerra em si nenhum princípio mórbido; que é bom para a saúde; e em sentido negativo dizemos daquilo que a pode alterar. Figuradamente diz-se do que exerce ou pode exercer uma boa influência, e, sobretudo, do que é incapaz de a exercer má: os *sãos* princípios da moral. **São**, como **sadio**, designa uma qualidade intrínseca do sujeito; **higiênico** é referente ao efeito que o sujeito produz. – **Salubre** aproxima-se da significação do vocábulo **são** pelo caráter de permanência da qualidade no sujeito; mas difere dele em ter uma significação absolutamente ativa. O que é *salubre* proporciona saúde, contribui para conservá-la e desenvolvê-la; não se limita a não prejudicá-la. Convém que os convalescentes procurem um clima *salubre* (um clima propício ao restabelecimento da saúde, um clima que só por si dá saúde, ou contribui para recuperá-la). – **Salutar** tem, como **salubre**, uma significação essencialmente ativa, mas difere deste em que a influência designada pela palavra **salutar** se manifesta apenas em determinada circunstância, ou não se pode exercer senão em determinados casos. Um castigo *salutar* em determinada ocasião não o seria em todas as outras. – **Salutar** aplica-se melhor ao que é moral; e **salubre** exclusivamente ao físico.

893

SANGRENTO, **sanguinolento**, **sanguento**, **sanguinoso**, **sanguino**, **sanguíneo**, **cruento**, **sanguinário**, **sanguissedento**. – **Sangrento** = de que escorre sangue; – **sanguinolento** = em que há ou se faz grande derramamento de sangue; – **sanguento** = tinto de sangue; – **sanguinoso** = cheio de sangue, maculado de sangue; – **sanguino** = que causa morte, mortífero, de que sai muito sangue; – **sanguíneo**, aqui = cruento; – **cruento** = em que muito sangue se derrama, sedento de sangue, banhado em sangue; – **sanguinário** = que se compraz, que se ufana de derramar sangue: – **sanguissedento** = sequioso de sangue.

894

SECULAR, **leigo**, **laical**. – **Secular**, que se contrapõe a regular ou regrante, é "o clérigo que não pertence a nenhuma ordem religiosa". – **Leigo** é o que não tem caráter religioso (também se emprega **secular** no mesmo sentido). Figuradamente, usa-se **leigo** com a significação de "estranho, hóspede". – **Laical** (ou **leical**) é o que é próprio do leigo; o que não é clerical.

895

SEGE, carruagem, trem, coche, veículo, viatura, tílburi, cabriolé, carro, plaustro, faeton, caleça, caleche, cupê. – De todos estes vocábulos, veículo é o de significação mais geral, designando "toda espécie de carro que sirva para transportar por terra"; e num sentido mais extenso, é "qualquer meio de transmissão, tudo que serve de condutor". – **Sege** está hoje fora do uso comum; "era antigamente a carruagem de luxo". – **Carruagem** é "o carro grande, coberto, de quatro rodas, com assentos cômodos, sobre molas, e que serve para viagens mais ou menos longas". – **Trem** é, "tanto a sege ou carruagem luxuosa, como o conjunto de carruagens que formam a comitiva de grande personagem". – **Coche** era antigamente a grande carruagem, rica, e usada em cerimônias. Hoje quase que se diz exclusivamente do carro fúnebre. – **Viatura**, em geral, é "toda sorte de carros: é quase tão geral como veículo, mas designa só por si a totalidade dos veículos que se encontram num lugar, ou que pertencem a um dado serviço". – **Tílburi** é "palavra de origem inglesa (*tilbury*) que designa um pequeno carro de duas rodas, coberto ou não, trazido por um só animal". – **Cabriolé** é adaptação do nome francês *cabriolet* (de *cabrioler* "saltar como cabra") e que designa o mesmo que *tílburi*. – **Carro** é outro vocábulo genérico, designando toda sorte de viatura. *Carro* de palácio; *carro* para casamento; *carro* de praça; *carro* de luxo; *carro* de bois, etc. – **Plaustro** é palavra que, tendo caído em desuso na linguagem comum, só poderia ser usada em estilo literário: é "carro grande, pesado e descoberto". – **Faeton** é palavra de origem inglesa (*phaeton*) com que se designa a "carruagem leve, descoberta, de quatro rodas". – **Caleça** é formada da mesma palavra francesa *calèche*, de que fizemos também **caleche**; mas Aul. distingue assim as duas: "**caleça** é sege para jornada; **caleche** é carro de dois assentos e quatro rodas, descoberto na parte dianteira". – **Cupê** é palavra de origem francesa (*coupé*) muito usada hoje para designar o carro nobre ou de grande tom, fechado, de quatro rodas e ordinariamente de dois lugares.

896

SEGREGAÇÃO, segregar, secretar, secreção. – **Segregar** e **secretar** exprimem de comum a ideia de separar, afastar, destacar uma coisa da outra. Não devem, no entanto, confundir-se. – **Segregar** diz propriamente – "pôr de parte, desunir, apartar, expelir de si alguma coisa. *Segrega-se* uma alma do mundo saindo do convívio dos homens, e metendo-se numa solidão. E também: "*segregam* os organismos o que lhes não é útil à vida, ou o que não podem assimilar"... É mesmo só neste sentido que **segregar** se faz sinônimo de **secretar**. Este verbo diz em geral – "pôr para fora"; mas sugere a ideia de que faz isso como função própria e natural; função que se diria também integral porque se associa a outras funções orgânicas. Por sua vez a **segregação** não se confunde com a **secreção**, sendo esta, não só o ato de *secretar*, como o produto mesmo da *segregação* em certos casos e do ato de *secretar* em outros.– **Segregação** é apenas a ação de *segregar*. Não diríamos, portanto – *segregação* da saliva, mas – *secreção* (por ser uma função natural); nem – *secreção* de um doente, mas – *segregação*.

897

SEGUIDAMENTE, ato contínuo, imediatamente, de seguida, em seguida, logo após. – **Seguidamente** exprime de modo claro e indubitável o mesmo que – "sem interrupção", ou – "sem parada, sem tardança". – Fomos *seguidamente* da fazenda à aldeia e à cidade. – A locução **ato contínuo** (ou – **em ato contínuo** – como também se usa) diz o

mesmo que **seguidamente**, com a diferença que aquela locução sugere ideia de que não mediou tempo apreciável entre o que se deu e o que se seguiu. "Celebrada a missa, teve lugar *ato contínuo* a cerimônia da bênção"... – **Imediatamente** dá ideia da pressa, da rapidez com que se seguiu uma coisa, ou um ato a outro. "Chegamos e fomos *imediatamente* à casa do capitão"... – **De seguida** quer dizer – "sem parar, continuando o que se vinha fazendo ou dizendo". Equivale quase a *ato contínuo*, se bem que esta locução exprima melhor a rapidez com que um ato sucede a outro. – **Em seguida** diz apenas – "depois do que se fez"; e equivaleria perfeitamente a **logo após** se esta locução não desse melhor a ideia da instantaneidade com que um ato seguiu a outro.

898

SERVIR DE, **servir para**. – Quando uma coisa se adapta a um certo uso, dizemos que *serve para*... Quando acidentalmente pode prestar-se a um emprego ou uso que lhe não é próprio, dizemos que *serve de*... A língua *serve para* falar... O vinho lhe *serviu de* água...

899

SIGILO, **segredo**, **reserva**. – Para distinguir **segredo** dos dois outros vocábulos deste grupo, basta ver que dizemos, por exemplo: F. revelou o *segredo*, e não – revelou o *sigilo*, nem – revelou a *reserva*. – **Segredo** é, pois, a própria coisa que se nos confia, que está só conosco, que devemos guardar conosco. – **Sigilo** e **reserva** dizem exclusivamente à obrigação em que estamos de não revelar o *segredo*. O **sigilo** é muito mais rigoroso que a **reserva**. Quem guarda *reserva* a respeito de uma coisa tem apenas o cuidado de ver bem como e a que ordem de pessoas poderá comunicá-la; quem guarda *sigilo* deve conservá-lo em absoluta *reserva*, como *segredo* de importância.

900

SILVO, **sibilo**, **apito**, **assobio**. – Só a boca – diz Bruns. – pode produzir o **assobio**. – Quando o **assobio** é forte e agudo, é **silvo**. Mas o **silvo** pode ser também produzido por qualquer outra coisa que não seja a boca: por exemplo – pelo **apito** das caldeiras das máquinas. – **Sibilo** dizemos do som muito agudo, como o que é produzido pelos projéteis que atravessam o espaço, ou como o que o vento produz nas enxárcias. Também se diz dos *silvos* prolongados. – **Apito** é propriamente o aparelho ou peça que produz *silvo*; e por figura aplicamos esta palavra para designar o silvo, isto é, o efeito ou o produto do *apito*.

901

SIMPLEZA, **simplicidade**. – **Simplicidade** é "a qualidade de ser simples, tanto no sentido moral como no físico. – **Simpleza** só se emprega no sentido moral. – **Simplicidade** toma-se quase sempre, em boa parte, como negação de dobrez, refolho, complicação. – **Simpleza** parece referir-se ao adjetivo simples na acepção de néscio, bobo, de pouco engenho, parecendo ignorante, parvo. A *simpleza* de Sancho II, de que fala o cronista, era certamente desta espécie, e mui diferente da *simplicidade*, pois esta, excluindo a dobrez, o dolo, a astúcia, sabe conciliar-se com a discrição e o juízo. A **simpleza**, no nosso entender, é singela, mas tola; a **simplicidade** é singela, mas avisada".

902

SISTEMA, **teoria**. – **Sistema**, segundo S. Luiz, "exprime propriamente a ordem e arranjamento que se dá a um certo número de coisas, ou de fatos, para fazerem como um todo: é a unidade que se introduz na multiplicidade de coisas ou de fatos. – **Teoria** exprime propriamente o conhecimento real ou hipotético dos princípios pelos quais se

explicam esses fatos, as suas causas, razões e efeitos, e sua recíproca dependência; e segundo os quais se discorre sobre outros semelhantes. O arranjamento, que o célebre naturalista sueco (Lineu) deu aos diversos, e infinitamente variados produtos da natureza, reduzindo-os a certo número de classes, ordens, gêneros e espécies, é um *sistema*. A explicação, que deu Condillac, de todos os fenômenos do espírito humano, pretendendo achar na sensação a primeira razão ou princípio de todos eles, é uma *teoria*. Toda a ciência humana depende essencialmente dos fatos: é necessário arranjá-los para evitar a confusão, a isto chama-se *sistema*. É necessário depois explicá-los por princípios simples e luminosos: aí temos a *teoria*"...

903

SOCIAL, sociável. – Segundo S. Luiz, a partícula *avel* exprime quase sempre a ideia de potência, virtude, força, capacidade, e propriedade natural da pessoa ou coisa. É a terminação latina *abilis*, que significa literalmente "o que possui a virtude de..." Assim dizemos *amável*, *respeitável*, *estimável*, etc. "o que possui a potência, a virtude, a propriedade, a dignidade de se fazer amar, respeitar, estimar". A terminação *al* exprime ordinariamente a ideia do que é dependência, acessório, pertença, efeito, ou circunstância de alguma coisa. Assim dizemos *natural* "o que pertence à natureza", ou "diz relação à natureza", etc.; *moral* "o que diz respeito aos costumes", ou "deles depende"; *casual* "o que é, ou parece efeito do acaso", *substancial* "o que pertence ou diz respeito à substância", ou é "acessório dela". Segundo, pois, a diferença das respetivas terminações: **sociável** quer dizer "o que tem potência, força, capacidade, ou virtude natural de viver em sociedade; o que tem disposições naturais que o solicitam para o estado de sociedade". **Social** quer dizer "o que pertence, diz relação, ou respeito à sociedade; o que é dependência, acessório, efeito, ou circunstância do estado de sociedade. O homem é *sociável*; e, por isso, em nenhuma parte da terra se tem descoberto homens que não vivam no estado *social*, mais ou menos desenvolvido, mais ou menos aperfeiçoado. Todas as suas disposições físicas e morais mostram que a natureza o solicita para o estado de sociedade, e de tal maneira que ele não poderia viver, nem conservar-se, nem desenvolver as suas mais nobres faculdades, fora desse estado. O homem, pois, é essencialmente *sociável*. O pretenso estado *natural*, que alguns autores parece que têm querido pintar-nos como estado primitivo do homem, é uma quimera. O homem, porém, não pode conceber-se no estado de sociedade sem certas relações com os seus semelhantes, sem certos deveres para com eles. Essas relações e deveres são *sociais*. Nesse mesmo estado, e à proporção que ele se vai aperfeiçoando, desenvolvem-se no coração humano certos sentimentos; o homem adquire certas virtudes; governa-se por leis, usos, práticas e opiniões, etc. Estas opiniões, usos, leis, virtudes etc., são *sociais*. A amizade, a generosidade, o amor da glória, etc., são sentimentos *sociais*".

904

SOPORÍFERO, soporífico, **soporativo**, **soporoso**. – "Derivam-se estes adjetivos da palavra latina *sopor* 'sono', e com eles qualificam-se as coisas que têm a propriedade de fazer dormir ou adormecer". – **Soporífico** dizemos com relação ao estado de sono produzido pela coisa que assim se qualifica; dizer que uma substância é *soporífica*, é declarar que ela faz dormir, que ela causa realmente o sono, ou põe no estado de sono. – **Soporífero**, termo quase só usado na linguagem científica, exprime a propriedade das substâncias que trazem, que dão o sono. – **Soporativo**, que pertence, como **soporífi-**

co, à linguagem usual, distingue-se deste em exprimir, não o estado de sono, mas a virtude, que tem a substância, de produzir esse estado. Quando se administra uma poção *soporativa*, é para que ela faça adormecer. – **Soporoso** é termo pouco usado; mas devido à terminação abundanciosa *oso*, 'significa o que produz sono em grau excessivo, talvez até perigoso'. Uma substância *soporosa* mergulha em sono profundo. Qualquer narcótico tomado em grande dose é *soporoso*".

905

SÚBDITO, vassalo, cidadão. – Segundo Bruns.: – **Vassalo** indica uma dependência, não só mais direta e mais próxima que **súbdito**, senão também mais particular. Os antigos reis tinham por *vassalos* a grandes e ricos senhores. Hoje, **vassalo** é termo pouco usado, pois como sinônimo de *súbdito, cidadão* de uma nação, é palavra bem pretensiosa. Entre **súbdito** e **cidadão** nota-se a seguinte diferença: **súbdito** é vocábulo relativo à dependência do *cidadão* às leis do seu país; **cidadão** qualifica a nacionalidade, as prerrogativas que para o indivíduo decorrem do fato de ser *cidadão*. Além disso, *vassalos* só os há nas monarquias; *súbditos* em todas, e *cidadãos* na maior parte das nações modernas.

906

SUL, meio-dia. – A expressão **meio-dia** significando o **sul** – só poderia ter sido criada pelos povos que estivessem no hemisfério do norte, aos quais, à hora do meio-dia, o sol se apresenta precisamente ao sul, marcando o sul com rigorosa exatidão. Daí o podermos, em relação a pontos do hemisfério do norte, empregar indistintamente *sul* ou *meio-dia*; e tratando-se de situações no hemisfério oposto, só o termo *sul*. Não diríamos, portanto, que o Paraná se acha ao *meio-dia*, mas sim ao *sul* de S. Paulo.

907

SUMO, supremo, soberano. – Convêm estes três adjetivos em exprimir genericamente o que é altíssimo, elevadíssimo, excelentíssimo no seu gênero; o que não tem nada ou ninguém acima de si. Distinguem-se, no entanto, por diferenças que merecem ser notadas. – **Sumo** designa precisamente, e de modo absoluto, a maior altura e elevação física ou moral, acima da qual se não pode subir. Esta palavra nos vem do latim *summus*, cujo oposto extremo é *imus* "o que está no mais baixo, do qual não pode descer". – **Supremo** designa a maior graduação na escala: supõe inferiores, e está acima de todos. Veio-nos do latim *supremus* (sincopação de *superrirnus* = *super* + *imus*) superlativo de *supra*, cujo oposto extremo é *infimus* (de *infra* + *imus*?) "o último na escala descendente; o que está abaixo de todos". – **Soberano** designa propriamente "o que é *supremo* em autoridade e poder". Aplica-se também com a significação de "muito alto, preeminente, muito altivo". – Dizemos v. g. – *sumo* cuidado, *suma* atenção, isto é, a maior que se pode ter; – *suma* amizade, *suma* glória, *suma* autoridade (além da qual não se pode passar). Chamamos *supremos* certos tribunais, porque estão no mais alto da escala, isto é, porque na escala dos diferentes magistrados, ou das diferentes jurisdições da mesma repartição, ocupam o mais alto lugar, e decidem em última instância. E chamamos, por exemplo, governo ou príncipe *soberano* aquele que tem autoridade e poder *supremo*, com força de se fazer obedecer. (De acordo com S. Luiz.)

908

SUMO, suco, caldo. – **Sumo** é qualquer líquido que se pode extrair de vegetais, particularmente de frutas. *Sumo* de limão, de agrião, de laranja. – **Suco** supõe sempre que o líquido extraído é substancioso; que tem propriedades nutritivas; e tanto se pode di-

zer do *sumo* de plantas, como do que se possa extrair de outro qualquer gênero de substância. – **Caldo** só num sentido restrito é que se usa como sinônimo dos dois outros: *caldo* de cana, *caldo* de uvas (*suco* de uvas).

909

SUPLENTE, **substituto**. – **Substituto** é todo aquele que toma ou preenche o lugar ou posto que ficou vago. – **Suplente** é o que está designado expressamente para suprir a falta de alguém, para ocupar-lhe o lugar no caso em que ele não compareça. Um presidente de república tem seus *substitutos* legais, isto é, pessoas determinadas que devem tomar-lhe o cargo no caso de vaga ou impedimento temporário. Uma autoridade de polícia, um juiz têm seus *suplentes*, isto é, pessoas determinadas às quais compete o exercício do cargo nos casos de impedimento.

910

SURTO, **rapto**, **transporte**, **arroubo**, **voo**, **voadura**, **remígio**, **assomo**, **arrebatamento**. – **Surto** diz propriamente "arranco, avanço, impulso para as alturas". Tanto aplicamos ao primeiro ímpeto da ave para voar, como ao transporte audacioso do coração ou do espírito, no sentido figurado. O *surto* da águia; *surto* de eloquência, de entusiasmo. – **Rapto** é o exalçamento súbito, extraordinário, grandioso; e tanto se aplica também no sentido moral como no físico. No sentido moral, aproxima-se de exaltação, transporte místico. "O largo *rapto* do condor sobre as cordilheiras..." "Num *rapto* sublime daquela alma incendiada..." – **Transporte** é, no sentido translato, "toda emoção violenta, toda súbita exaltação, todo forte entusiasmo que domina a alma, qualquer que seja a paixão que a abale"; e no sentido natural, é a ação de mover-se, de elevar-se com força, impetuosamente. É mais frequentemente empregado no sentido moral. – **Arroubo** é o transporte que tem mais de admiração e êxtase que propriamente de força; é um como arrebatamento sereno e delicioso da alma, o entusiasmo do contemplativo ou do místico. Dizemos também: *arroubos* de águia (isto é – voos, transportes amplos e serenos de águia). – **Voo** é "o ato de mover-se ou librar-se no ar por meio de asas"; e tanto se emprega no sentido próprio, como no figurado para designar o ato de elevar-se o espírito às alturas, tratando-se de fenômenos da inteligência. Alma capaz de grandes *voos*. "Aquele espírito não tem envergadura para amplos *voos*". – **Voadura** é propriamente o tempo de um *voo*. Dir-se-ia melhor: ave de curta *voadura* (exprimindo – ave que voa pouco de cada vez, que percorre pequeno espaço em cada *voo*). – **Remígio** (latim *remigium*, de *remex*, de *remus*) tem a significação própria de "remo em movimento, asas"; e emprega-se na língua para designar também "o voo das grandes aves, o bater de asas por efeito do qual elas cortam o espaço". Também se usa no sentido moral. "O seu poderoso *remígio* para a glória"... – **Assomo** – "ação de elevar-se às alturas, de aparecer na eminência". Admiráveis os *assomos* daquele inspirado quando fala do Céu. – **Arrebatamento** = "surto grandioso, amplo, solene".

911

SUSPEITA, **desconfiança**, **cisma**, **receio**. – A **desconfiança** é o *receio* de que nos enganem, ou de que uma coisa possa vir a não ser, ou um fato a não dar-se como nós supomos ou esperamos; ou de que venha a realizar-se como não desejamos. Quase sempre a **desconfiança** é um hábito, um vício do caráter, ou devido a circunstâncias da vida que nos abalem o sentimento oposto. Tem-se *desconfiança* dos homens, do futuro, do sucesso do nosso esforço, e até do tempo, do acaso, etc.

– **Receio** e **suspeita** distinguem-se assim: a **suspeita** é uma ligeira cisma ou desconfiança de que algum dano se nos faça, ou venha contra nós, como de outras vezes, ou como em casos análogos se tem dado com outros; e **receio** é a dúvida incômoda, quase aflitiva, em que se está de que nos venha ou suceda algum dano, ou deixe de vir-nos alguma coisa que desejamos. Temos *suspeita* de que ele prometeu, mas não vem. Temos *receio* de que nos intrigue com o rei. – **Cisma**, que é vocábulo pouco usado em linguagem literária, será o mesmo que "um princípio, os primeiros sinais do estado ou condição de espírito que os três precedentes enunciam". Tem *desconfiança*? – Não: tenho apenas umas *cismas*... Desvaneceu-se-me a *suspeita*: nem a mais ligeira *cisma* tenho hoje a toldar-me esta serenidade de alma... Todos os seus *receios* estão desfeitos: aquela *cisma* que ainda mostra vai acabar logo.

912

TÁCITO, **implícito**, **subentendido**. – **Tácito** é o que se não diz expressamente por estar subentendido. Acordo, consentimento, permissão *tácita* é o que se fez ou deu pelo silêncio ou pela inação, sem falar nem agir contra. – **Implícito** é o que, de própria natureza, ou razão, uso ou estilo, se contém noutra coisa como ocultamente, isto é, sem estar nela claro ou expresso. A consequência está *implícita* na premissa (isto é – como metida dentro dela, implicada). – **Subentendido** é "o mais que deixa entender o que já foi dito"; propriamente "o que fica – dir-se-ia – por baixo do que se disse". Quando eu digo:... "foi morto" está *subentendido* que há um assassino ou matador...

913

TASCA, **taberna** (ou **taverna**), **venda**, **quiosque**, **baiuca**, **bodega**, **espelunca**, **locanda**. – **Taberna** é propriamente "a pequena casa onde se vendem bebidas a retalho". – **Tasca** é "a casa onde se come e bebe ligeiro e barato". – Está hoje muito em uso **quiosque**, que é uma tasca em meio de praça, ou em esquina de rua; feita de madeira, como um pequeno pavilhão com largas abas, dentro do qual só está o vendedor, ficando do lado de fora os fregueses. – **Venda** é "toda pequena casa onde se vendem gêneros comestíveis". É de todas, a palavra mais usada hoje no Brasil e em Portugal para designar a casa de negócio a varejo de toda espécie de produtos alimentícios. – **Baiuca** é "a tasca escusa, imunda, onde se reúnem desordeiros e malandros". – **Bodega** é outro nome da *baiuca*. = **Espelunca** – "lugar escuso e imundo, onde se reúnem viciados". – **Locanda** – "cubículo, sujo e em desordem, onde se vendem comidas ordinárias".

914

TÁTARO, **tatibitate**, **tartamudo**, **tartamelo**, **gago**. – **Tátaro** "é voz imitativa e familiar que indica uma certa tartamudez em que predominam as sílabas *tá, tá*. Os *tátaros* mudam comumente o *c* em *t*, e dizem – Tatarina, em vez de – Catarina; – taxa, em vez de – caixa, etc. – **Tatibitate** é também voz imitativa e chula com que se designam os tátaros que acrescentam ao defeito físico modos e gestos ridículos". – **Tartamudo** é o que mal pronuncia as palavras, atropelando-as, precipitando-as; confundindo-as assim de tal modo que se tornam difíceis de entender-se. A tartamudez tanto pode provir de defeito dos órgãos da fala, como ser efeito momentâneo de alguma comoção. *Tartamudo* dizem que era Moisés. – **Tartamelo** parece distinguir-se de **tartamudo** (de que é simples corrupção) em não sugerir a mesma ideia de precipitação e de ânsia que se inclui em *tartamudo*. O *tartamelo* pronuncia mal, não destaca as sílabas, nem mesmo as palavras, ou então as corta, trucida as frases,

etc., mas não é tão precipitado. – **Gago** é o que tem dificuldade em falar, em dizer sobretudo a primeira palavra, e a primeira sílaba de cada palavra; e por isso fala como quem se lança aos ímpetos, ou vai aos saltos; ou como se as palavras lhe viessem aos borbotões, ou lhe saíssem de jato em jato. O **gago** fica muito vizinho do **tartamudo**; e será muitas vezes difícil distingui-los.

915

TEMER, **recear**, **suspeitar**, **desconfiar**. – **Temer**, aqui, é "crer na probabilidade de um mal ou contratempo qualquer: *temo* que ele se desdiga; *temo* que me censurem". – **Recear** é temer o engano, a falsidade, o mal que outrem nos pode fazer, ou o prejuízo que nos pode causar, sem que, porém, tenhamos grandes fundamentos que justifiquem o nosso receio: *receamos* que não venha; os escarmentados *receiam* tudo de todos. – **Suspeitar** é formar um mau juízo em virtude de indícios ou antecedentes: "*suspeito* que ele me engana". (Bruns.) – Parece haver, do último para o primeiro, uma perfeita gradação na força expressiva destes verbos: *suspeitamos* desconfiando, isto é, inquietando-nos ligeiramente; *receamos* preocupando-nos; *tememos* pondo-nos em guarda, quase afligindo-nos. – **Desconfiar** é menos que **recear** e **temer**, mas é mais que **suspeitar**. *Desconfia* aquele que tem já algum motivo um tanto sério para, conquanto, esse motivo não atinja diretamente a pessoa ou coisa de que se *desconfia*. No meio de bandidos *desconfiaríamos* de um santo. *Desconfiaríamos* de um homem de bem que convivesse com velhacos. O marechal confiava *desconfiando*.

916

TEMPLO, **igreja** (**igrejório**, **igrejário**, **igrejinha**, **igrejola**), **basílica**, **ermida**, **capela**, **delubro**, **fano**, **edícula**, **santuário**. – Segundo S. Luiz, "convêm estes vocábulos (os três primeiros) em exprimir a ideia genérica de lugar destinado para o exercício público da religião; mas com suas diferenças". – **Templo** refere-se diretamente à divindade; **igreja**, aos fiéis; **basílica**, à magnificência, ou realeza do edifício. – **Templo** é propriamente o lugar em que a divindade habita e é adorada. – **Igreja** é o lugar em que se ajuntam os fiéis para adorar a divindade e render-lhe culto. Por esta só diferença de relações, ou de modos de considerar o mesmo objeto, vê-se que **templo** exprime uma ideia mais augusta; e **igreja**, uma ideia menos nobre. Vê-se ainda que **templo** é mais próprio do estilo elevado e pomposo; e **igreja**, do estilo ordinário e comum. Pela mesma razão se diz que o coração do homem justo é o *templo* de Deus; que os nossos corpos são *templos* do Espírito Santo, etc.; e em nenhum destes casos poderia usar-se o vocábulo **igreja**. – **Basílica**, que significa própria e literalmente "casa régia", e que na antiguidade eclesiástica se aplicou às **igrejas** por serem casas de Deus, Rei Supremo do Universo – hoje se diz de algumas igrejas principais, mormente quando os seus edifícios são vastos e magníficos, ou de fundação régia. Tais são as *basílicas* de S. Pedro e de S. João de Latrão em Roma; a *basílica* patriarcal em Lisboa, etc. Quando falamos das falsas religiões, damos às suas casas de oração, ou o nome geral de *templo*, ou os nomes particulares de *mesquita*, *mochamo*, *sinagoga*, *pagode*, etc., segundo a linguagem dos turcos e mouros, dos árabes, judeus, gentios, etc. – **Igreja** e **basílica** somente se diz dos *templos* cristãos, e especialmente dos católicos romanos". – Os vocábulos **igrejário**, **igrejório**, **igrejinha** e **igrejola** são diminutivos de **igreja**, sendo este último, **igrejola**, o que melhor exprime a ideia da insignificância do edifício. A primeira, **igrejário**, pode aplicar-se ainda com a significação de – "conjunto das igrejas de uma diocese ou de uma cidade". – **Ermida**

é propriamente *igrejinha* em paragem desolada; e também pequeno, mas belo e artístico templo em aldeia, ou povoado. – **Capela** é "propriamente a sala destinada ao culto, o lugar onde se faz oração nos conventos, nos palácios, nos colégios, etc. Em sentido mais restrito, é pequena igreja pobre de bairro, de fazenda, de sítio, ou de povoação que não tem ainda categoria eclesiástica na diocese". – **Delubro** = templo pagão; capela de um templo; e também o próprio ídolo. – **Fano** – pequeno templo pagão; lugar sagrado, onde talvez se ouviam os oráculos. – **Edícula** = pequena capela ou ermida dentro de um templo ou de uma casa; oratório, nicho. – **Santuário** = lugar sagrado, onde se guardam coisas santas, ou onde se exercem funções religiosas.

917

TERRA, **terreno**, **solo**, **campo**. – **Terra** sugere ideia das qualidades, das propriedades da massa natural e sólida que enche ou cobre uma parte qualquer da superfície da terra. – **Terreno** refere-se, não só à quantidade, ou à extensão da superfície, como ao destino que se lhe vai dar, ou ao uso a que se adapta. – **Solo** dá ideia geral de assento ou fundamento, e designa a superfície da terra, ou o terreno que se lavra, ou onde se levanta alguma construção. – **Campo** é solo onde trabalha, terreno de cultura, ou mesmo já lavrado. Naquela província há *terras* magníficas para o café; dispomos apenas de um estreito *terreno* onde mal há espaço para algumas leiras e um casebre; construiu o monumento em *solo* firme, ou lançou a semente em *solo* ingrato; os *campos* já florescem; temos aqui as alegrias da vida do *campo*.

918

TEZ, **cútis**, **pele**, **derme**, **epiderme**. – Segundo Bruns – a **tez** é a superfície da *pele*, o seu aspeto, a sua cor principalmente. A **cútis** é o que da pele se pode apalpar, ou sentir pelo tato. *Tez* morena; cetinosa *cútis*. – **Pele** é a porção de tecidos formada pela **derme** e a **epiderme**. – **Derme** é o tecido que forma quase toda a espessura da *pele*; **epiderme** é a membrana transparente que cobre a superfície da *derme*.

919

TÍBIO, **tépido**, **morno**. – **Tíbio** é o que não é ou não está quente nem frio, que não impressiona sensivelmente. No sentido figurado, é o que não tem coragem, ou não inspira coragem nem desânimo. Semblante, espírito, alma *tíbia*. – **Tépido** é o que está ligeiramente morno, o que apenas deixa sentir um pouco mais calor do que frio. Água *tépida* é o mesmo que se disséssemos – *quebrada da frieza*. – **Morno** é o que é já mais quente do que frio, ou cujo calor já se sente bem. Banho *morno* dizemos do que se toma em água cuja temperatura corresponde mais ou menos à do nosso organismo.

920

TIMBRE, **sinete**, **selo**, **carimbo**, **marca**. – Todos estes vocábulos designam "sinal que nos dá a reconhecer alguma coisa, ou que torna alguma coisa autêntica". – **Timbre** é propriamente o emblema, ou a figura heráldica de um escudo, pela qual se reconhece a nobreza do que o traz. Por extensão, é "todo sinal impresso ou gravado que distingue alguma coisa, ou algum fato". Figuradamente emprega-se com a significação de "prova ou divisa de honra; capricho ou ostentação; orgulho ou ufania". – **Sinete** é "o sinal gravado ou impresso, formado de iniciais, ou mesmo contendo ligeiras inscrições, ou ainda alguma simples figura tomada como emblema". – **Selo** é o vocábulo de significação mais genérica de todos os do grupo, e designa "o sinal, o distintivo, a marca pela qual se faz autêntica a

coisa *selada*". – **Carimbo** tomamos (como quase todos os do grupo) pelo sinal feito pelo *carimbo*; e diz quase o mesmo que **sinete**, com a diferença de ser às vezes o **carimbo** apenas marca, isto é, simples distintivo, sem ideia alguma acessória; e **sinete** indica sempre "sinal impresso ou gravado". – **Marca** é qualquer sinal (emblema, figura, letra, firma, ou palavra) com que se distingue uma coisa da outra, ou de outras. Aplica-se particularmente a produtos de comércio ou de indústria que se quer distinguir dos de outros estabelecimentos. Dizemos: *marca* da fábrica; *marca* do criador; a *marca* dos volumes. Em nenhum destes casos emprega-se outra palavra. Do grupo a que mais se aproxima de **marca** é a palavra **carimbo** em certos casos.

921

TOGA, **garnacha**, **beca**, **paludamento**, **trábea**. – **Toga** e **beca** poderiam confundir-se, e até considerar-se sinônimos perfeitos, se o primeiro não sugerisse uma ideia de função sagrada, dizendo alguma coisa da pureza imaculável do magistrado. Dizemos, por isso: manchou a *toga* (e não – a *beca*). **Beca**, dando apenas ideia da veste talar que usam os juízes, os advogados, etc., não se aplica no sentido de símbolo como **toga**. – **Garnacha** é palavra menos usual que designa "a vestidura talar, larga e com cabeção, de que usam os padres e magistrados". (Aul.) Fr. Dom. Vieira: "**Beca** (do italiano *becca* "faixa, espécie de estola comprida") – vestido talar dos colegiais: era túnica sem mangas e fraldas largas. Os magistrados usam de *beca*, que é túnica justa, apertada, com cinto, mangas curtas refolhadas; capa talar aberta adiante: aliás *garnacha*". – **Paludamento** = "manto branco ou de púrpura, usado pelos generais romanos, e depois pelos imperadores" (C. de Fig.). – **Trábea** = "toga branca ornada de bandas de púrpura".

922

TOMO, **volume**. – "A divisão que o autor de uma obra faz das matérias, que nela trata, distingue os tomos: **tomo** quer dizer, portanto, divisão, e aplica-se às divisões maiores das obras literárias. A encadernação separa os **volumes**. Pode um só **tomo** formar dois ou mais **volumes**, e pode um só **volume** compreender dois ou mais **tomos**. Não é nem pelo número dos *tomos*, nem pela grossura dos *volumes*, que se deve fazer juízo da ciência ou erudição do autor. Algumas obras há que constam de muitos *tomos*, e se acham encadernadas em muitos e grossos *volumes*, as quais poderiam, sem prejuízo para a literatura, reduzir-se a um só *tomo*, e encerrar-se em um só, e bem pequeno *volume*". (Segundo S. Luiz.) Sendo **tomo**, como diz S. Luiz, divisão, segue-se que não se pode empregar a palavra **tomo** senão nos casos em que a obra conste de dois ou mais *tomos*. Seria, portanto, de uma impropriedade deplorável dizer, por exemplo: "comprei aquela obra em um só *tomo*..."

923

TORPE, **impudico**, **desonesto**, **obsceno**, **indecente**, **impuro**, **imoral**, **indecoroso**, **impudente**, **desvergonhado** (**desavergonhado**), **descarado**; **desfaçado**. – É **torpe** o que é tão vil, imundo e asqueroso, baixo e hediondo que mata, por assim dizer, as próprias almas covardes. *Torpe* é o que abusa da inocência; o que perpetra a infâmia fugindo à luz; é o que mancha um templo, ou escandaliza um santuário. – **Impudico** é tudo o que aberra das leis do pudor e da decência; o que se não vexa de ser desonesto; o que não se envergonha de ser safado; o que faz ostentação do seu descaramento, e como que se ufana do escândalo que produz. – "**Desonesto** – escreve o mestre – é o que se opõe à castidade, à pudicícia, à pureza, etc." – **Obsceno** diz muito mais

que **desonesto** na mesma ordem de ideias; porque a sua particular energia é significar o que é sujo, imundo, sórdido, torpe, etc. (do latim *obscenus* = *ob*+ *coenum* "lama, lodo"). O *desonesto* ofende a castidade, a pudicícia, a pureza. O *obsceno* viola abertamente estas virtudes; ajunta à desonestidade a torpeza, a imunda grosseria, e talvez a impudência. *Desonesto* dizemos de tudo quanto ofende a castidade: pensamentos, lembranças, vistas, ações, etc. *Obsceno* é mais próprio das coisas externas, e que se oferecem à vista; e por isso se diz particularmente das palavras, dos livros, dos painéis, dos gestos, das posturas, etc.; e se alguma vez dizemos também – pensamentos *obscenos*, é porque nos referimos à fantasia, quando ela nos representa imagens, que merecem essa qualificação". – **Impuro** só se aplica ordinariamente no sentido moral para designar "o que é sujo, obsceno, sugerindo particularmente a ideia de estragado, corrompido". Prazeres, desejos *impuros*; coração *impuro*. – **Indecente** é "o que se tem por desonesto por ser contrário ao decoro, aos bons costumes, à sã moral". Palavras, gestos, atitude, atos *indecentes*. – **Imoral** – "contrário à moral, aos bons costumes". – **Indecoroso** = "contrário ao decoro; que escandaliza, ofende a decência". – **Impudente** = "que não tem pudor". – **Desvergonhado** (ou **desavergonhado**) = "que não tem vergonha". – **Descarado** = "cínico, sem compostura de homem digno". – **Desfaçado** "de uma desvergonha desafrontada e ufana".

924

TRADUÇÃO, versão. – Segundo Laf. – "designam estas palavras o modo de reproduzir numa língua o que foi escrito ou enunciado em outra". **Versão** (do latim *vertere* "mudar", (de sentido, de face, de aspeto) significa propriamente que um discurso é mudado de uma para outra língua; e **tradução** (de *traducere* "transportar") marca que o discurso é transportado de uma língua para outra. Ora, como é mais fácil mudar uma coisa de um para outro lado, ou fazê-la mudar de aspeto, do que fazê-la mudar de uma parte para outra, segue-se que a palavra **versão** indica que nesse trabalho entrou menos de espírito de quem o fez do que no trabalho de uma **tradução**. A **versão** é literal; quem a faz não altera em coisa alguma o sentido do discurso que *verte*, nem muda mesmo a ordem gramatical do texto, e a construção das frases; conforma-se de tal modo e tão fielmente com a índole do original que lhe reproduz os próprios idiotismos. "O latim das Escrituras é uma simples *versão* literal em que se conservaram... muitas frases hebraicas e gregas". (Fénel) "Redigir um compêndio da Bíblia em melhor latim que a *Vulgata*, cujos autores só cuidaram da literalidade da versão." (Lah.) A **tradução** deixa ao tradutor mais liberdade: daí o dizer-se – uma *tradução* livre, e jamais – uma *versão* livre. O tradutor acrescenta ao que fez a *versão* o que tem de próprio o gênio de sua língua; acomoda-se, quanto lhe permite o seu talento, às leis da correção e da elegância; procura, em suma, enunciar seus pensamentos tão bem como faria se ele próprio os tivesse concebido. Tem, portanto, o tradutor estilo seu, e ao ponto de poder uma boa *tradução* tornar-se, na língua do tradutor, uma bela obra literária; tal é a *tradução* francesa das *Geórgicas* de Virgílio por Delille. "Se o tradutor se afasta demais do original, é claro que não *traduz*, mas imita; se o copia servilmente, faz uma *versão*. Não haveria um meio-termo a preferir?" (Marm.) Se a *versão* (do Novo Testamento) de Mons tem alguma coisa de censurável, é principalmente o afetar um certo excesso de polidez e querer dar, na *tradução*, um deleite que o Espírito Santo, que a inspirou, não se apercebeu de pôr no original. (Boss.) Gueude-

ville, tradutor da *Utopia* de Th. Morus, diz, no seu prefácio, que fez uma *tradução* livre, e que se se preferem *versões* escrupulosas, o melhor é que lhe não leiam a obra. Para explicação do latim, quer Dumarsais que "se ponha por baixo do texto a *versão* interlinear, e por baixo desta *versão* a verdadeira tradução em língua francesa"... (D' Al.)

925

TRAGO, sorvo, gole, hausto. – "Concordam estes vocábulos" – diz Bruns. em relação aos três primeiros – "na ideia que lhes é comum, de indicar a quantidade de líquido que de uma vez se mete na boca; cada um representa, porém, diferente gradação de tal ideia. O **gole** é a quantidade de líquido que se toma na boca com um só movimento de lábios, e sempre supõe a ideia acessória de que esse líquido vai ser engolido: um *gole* de vinho, de leite, etc. Não se toma, porém, um *gole* de gargarejo... O **trago** é um gole abundante de líquido não quente. (Sugere ideia da viva sensação que produz, quer seja má, quer seja boa. Tanto se diz – *trago* de fel, como – um *trago* delicioso.) Toma-se um *trago* de vinho, mas não – um *trago* de caldo. **Sorvo** é o que de uma vez se aspira com os lábios, particularmente de líquido quente; um *sorvo* de café". – **Hausto** é o *sorvo* largo e cheio, que se toma com sofreguidão; o *trago* que se engole com esforço. Aspira-se a grandes *haustos* o ar da manhã. Toma-se aqui a largos *haustos* o elixir da vida.

926

TRAJO, vestimenta, vestidura, vestido, veste, roupa, fato, indumento. – **Fato** e **roupa** são termos genéricos que designam "vestidos, ou vestes de uso comum." **Roupa** é mais extenso, pois aplica-se a toda e qualquer peça de tecido do uso de alguém. Dizemos – a nossa *roupa* branca; a nossa *roupa* fina, ou de cerimônia; a *roupa* de banho; a *roupa* de cama, etc. **Fato** designa só a *roupa* de fora, a que se mostra: *fato* novo; *fato* de brim; *fato* completo. – **Indumento** é também veste, vestidura; mas é menos comum, e só se aplica em linguagem literária. "A púrpura é o *indumento* real" (Aul.). – Dos outros escreve S. Luiz: "**Veste** parece que é de todos estes vocábulos o mais genérico; e por isso dizemos: as *vestes* usuais, as *vestes* sagradas, as *vestes* reais, etc. **Vestido** tem significação menos extensa, e exprime tão-somente as *vestes* usuais e ordinárias, com que cobrimos o corpo por necessidade, ou comodidade. No *trajo* atual dos portugueses a casaca, a véstia, o calção, as meias, os sapatos, etc., pertencem ao *vestido*. **Vestidura** parece que exprime as *vestes* ordinariamente sobrepostas ao *vestido*, e pelas quais distinguimos na ordem civil, ou na eclesiástica, e nas funções solenes, os empregos e dignidades das pessoas. Assim, o manto ou opa real, a capa magna, a beca, etc., são *vestiduras* do rei, do bispo, do magistrado, etc. **Vestimenta** exprime especialmente as vestes sagradas, que se usam no exercício público do culto religioso. A casula, a dalmática, as estolas, a capa de asperges, etc., são *vestimentas*. **Trajo** exprime, não só o que é essencial do vestir, mas também a forma dele, a maneira de o usar, e certos ornatos que o acompanham, como fitas, pedraria, colares, toucado, espada etc. Assim dizemos: *trajo* nacional, *trajo* estrangeiro, *trajo* de cerimônia, de teatro, etc.; isto é, tudo o que pertence ao vestir, ao modo de vestir e ao asseio e ornato do corpo, etc. Parece que é propriamente o *habillement* dos franceses."

927

TRISTEZA, tristura. – A terminação *eza*, num grande número de vocábulos portugueses, exprime a noção abstrata da qualidade. Assim, por exemplo, *barateza* – exprime a qualidade do que é barato; *firmeza* – a

qualidade do que é firme; *careza* – do que é caro, etc. A terminação *ura*, em outro grande número de vocábulos portugueses, exprime o efeito, o resultado de alguma ação, operação, trabalho, etc. Assim, o efeito de escrever é a *escritura*; – do criar, a *criatura*; – do queimar, a *queimadura*; – do misturar, a *mistura*; – do pintar, a *pintura*, etc. À vista do que, **tristeza** exprime a qualidade que faz o homem triste; o afeto, a paixão, ou o estado de alma, a que damos este nome. **Tristura** parece que se refere mais propriamente aos efeitos desta paixão, e que envolve, com particular energia, os sinais externos, que a acompanham; significando uma *tristeza* pesada, íntima, profunda, que se manifesta fortemente no semblante, e em todo o hábito da pessoa. (Segundo S. Luiz.)

928

TRIUNFAL, triunfante. – Não é possível confundir estes dois adjetivos. Dizemos que o general, o rei, o herói entrou *triunfante* na cidade, ou saiu *triunfante* da luta; e que teve na cidade uma recepção *triunfal*; ou que fez uma viagem *triunfal* pelo país, ou uma entrada *triunfal* na cidade. Em nenhum desses casos poderíamos trocar, ou substituir um por outro os respetivos vocábulos. Não diríamos decerto que o herói entrou ou saiu *triunfal*; nem que teve uma recepção *triunfante*. Daí se vê que **triunfante** se refere propriamente ao triunfo, ao fato de haver triunfado; e que significa – que alcançou a vitória e goza do renome, do brilho que ela dá. E vê-se também que **triunfal** é o que é relativo ao triunfo, que lhe é próprio, que o indica e celebra; e quer dizer – "do triunfo, ou devido ao triunfador, próprio de quem triunfou".

929

TRUNCAR, mutilar. – **Truncar**, no sentido próprio, é "cortar, ou destacar de qualquer modo a parte superior, ou a mais importante de uma coisa, deformando-a, desfigurando-a mais ou menos". – **Mutilar** é cortar ou destacar pedaços que tornam o animal ou a coisa imperfeita. *Truncando*, desintegra-se; *mutilando*, desfeia-se. No sentido translato: *trunca-se* uma obra suprimindo-lhe trechos ou partes essenciais, ou das mais importantes; *mutila-se*, cortando-lhe certos trechos, que, conquanto não sejam essenciais, a prejudicam, tirando-lhe a perfeição que tinha quando inteira.

930

TÚNICA, tunicela, casula, dalmática. – Designam estes vocábulos "vestes ou paramentos sacerdotais usados em cerimônias do culto". A **túnica** é "vestidura dos diáconos e demais ministros que ajudam nas celebrações". A **tunicela** é "pequena *túnica* usada pelos bispos, que a vestem entre a alva e a casula". – **Casula** é paramento de que só usam os celebrantes: é "uma capa de damasco que o sacerdote põe sobre a alva (compõe-se – diz Aul. – de duas partes: uma anterior e outra posterior, que se reúnem por ombreiras)". – **Dalmática** é outro nome que tem a *túnica* e que corresponde a *casula*; pois, como esta no celebrante, a *dalmática* veste os ministros por cima da alva, no momento das celebrações.

931

TURNO, vez. – **Turno**, diz perfeitamente Bruns., supõe repetição do mesmo ato; **vez**, não (pelo menos nem sempre). Entramos por *turno* sempre que nos toca entrar; entramos por nossa *vez* depois de terem entrado os que estavam antes de nós. – É preciso notar que, na linguagem comum, só se usa de **vez**, em qualquer dos dois sentidos.

932

ÚLCERA, chaga, ferida. – Em alguns casos talvez que se possam confundir estes vocábulos, principalmente **úlcera** e **feri-**

da. O outro com estes dois é que é mais difícil confundir. Dizemos, por exemplo: *úlcera* cancerosa, *ferida* de mau caráter; mas não dizemos: – *chaga* de mau caráter, nem – *chaga* cancerosa. Este vocábulo **chaga** (do latim *plaga* "golpe, pancada") designa, tanto a ferida cruenta ou em supuração, como a cicatriz que ela deixou. Sugere ideia de padecimento, e amargura, causada pela violência que produziu a *chaga*. – A **úlcera** (do latim *ulcus*, que significa, entre outras coisas – "esfoladura, escoriação") é "uma ferida maligna, uma chaga antiga e profunda, que não fechou". – **Ferida** designa todo mal causado por ferimento ou contusão. Em linguagem familiar ou comum emprega-se por **úlcera**, ou **chaga**. Tem de fato mais estreita afinidade com esta última, sendo toda **ferida** uma *chaga* aberta.

933

UM, único, só, singular. – **Um** designa apenas a unidade; isto é, uma só coisa, a coisa que não é menos, nem mais de uma. "O que é *um* não é dois nem meio; – o que é *único*, é que não tem segundo; – o que é *só*, não tem companheiro; – o que é *singular*, é que se põe em destaque como *único*. **Único** refere-se à unidade perfeita: não se lhe pode ajuntar outra unidade. **Só** refere-se à solidão absoluta: não se lhe pode ajuntar companhia alguma (pois que do momento em que alguma coisa se lhe ajuntou, já não é mais *só*). Como, porém, o que é *único* pode considerar-se sem companheiro que o iguale ou se lhe assemelhe; e o que é *só* pode também considerar-se como sem segundo que o acompanhe; por isso facilmente se confundem as significações dos dois vocábulos, ainda que a noção metafísica de um seja diferente da do outro. O que é **singular** também é *único*, mas somente sob um dado ponto de vista, ou considerado debaixo de algum particular respeito: é o que se distingue dos outros, e entre eles, por alguma qualidade, que não é comum a todos. Dos três maiores filósofos da antiguidade grega, Sócrates, Platão e Aristóteles, nenhum se pode dizer propriamente *único*, ou *só*: o seu número basta para mostrar que lhes não compete nenhuma destas qualificações. Mas cada um deles pode dizer-se *singular*, porque todos o foram na tendência de suas doutrinas; nos métodos que seguiram e ensinaram; na influência que tiveram sobre o progresso das ciências, etc."

934

UNIÃO, junção. – **Junção** designa "o ato pelo qual duas coisas cessam de estar separadas; e também se diz do próprio ponto em que elas se reúnem. – **União** designa o estado de duas coisas que não se acham separadas, quer estejam unidas desde certo tempo, quer tenham estado sempre unidas. O vocábulo **união** sugere a ideia de uma relação mais íntima que o termo **junção**. Quando entre duas coisas subsiste a *união*, pode dizer-se que elas constituem uma unidade".

935

URGÊNCIA, pressa. – Distinguem-se perfeitamente estes dois vocábulos, que às vezes se empregam sem distinção na linguagem ordinária. Tenho muita *urgência*; tenho muita *pressa* – é comum ouvir-se, em casos idênticos, e com o mesmo sentido. Mesmo entre autores, vê-se a diferença entre estes dois termos assim definida: "o que requer *pressa* não consente perda de muito tempo; o que requer urgência exige que não se perca tempo nenhum". Mas passando a aplicar os dois vocábulos, sempre se logra perceber alguma coisa mais do que se aí apanha. Nestas frases, por exemplo: "Tenho *urgência* de dinheiro; temos *urgência* de realizar o negócio; preciso de falar-te com *urgência*; a *urgência* em que me sinto de procurá-lo, etc.

– nessas frases só a palavra *urgência* diz com perfeita propriedade o que se quer. Dá-se até que em alguns casos a mudança de **urgência** por **pressa** viria alterar logicamente a frase: – "falar-te com *urgência*" e – "falar-te com pressa" decerto que são coisas bem diferentes. – Por outro lado, nestas frases: vou com muita *pressa*; por que tanta *pressa* em sair?; deu-se ela *pressa* em falar-nos, etc. – aí, é evidente, não caberia **urgência** para exprimir o que desejamos. Vê-se desses exemplos que **urgência** é propriamente "necessidade imediata, instância, exigência"; e **pressa** é "açodamento, atividade exagerada, ânsia, alvoroço em fazer alguma coisa".

936

ÚTIL, **proveitoso**, **conveniente**, **vantajoso**, **profícuo**; **utilidade**, **proveito**, **conveniência**, **vantagem**, **proficuidade**. – **Útil** dizemos daquilo que presta para alguma coisa, que tem, na ocasião, nas circunstâncias, ou nas condições em que está, algum préstimo. – **Proveitoso** é o que oferece ou traz **proveito**. Entre **proveito** e **utilidade** há uma distinção que se deve considerar essencial. Basta ver que há *utilidades* que não são *proveitosas* (desde que não se tirem delas os *proveitos* que se calcula ou deseja); mas não se concebe *proveito* algum que não seja *útil*. O que é *útil* provém da qualidade, ou da simples propriedade boa ou favorável (*utilidade*) de alguma coisa; o que é *proveitoso* provém da vantagem, do fruto, do benefício que se tirou (*proveito*) de alguma coisa. – **Proveito** encerra, pois, ideia de lucro; **utilidade**, ideia de serventia. – **Conveniente** significa "que convém; que combina com o que queremos; que importa não deixar de fazer, porque pode induzir a um bem, ou dar uma vantagem, interesse, etc." – **Conveniência** é a qualidade do que é *conveniente*. Pode, portanto, haver **utilidade**, e até **proveito**, que não nos seja *conveniente* no momento (que não nos convenha na ocasião); mas as nossas **conveniências** (isto é – as coisas que nos são *convenientes*) sempre nos são *úteis*, mesmo que, afinal, verifiquemos que não nos trazem real *proveito*. – **Vantajoso** propriamente só devíamos dizer daquilo que nos promete ou oferece lucros ou proveitos maiores que os proveitos de uma outra coisa; pois a **vantagem** consiste na superioridade, na maior conveniência, serventia, importância, etc., da coisa *vantajosa*. – É **profícuo** aquilo que não se faz sem vantagem, sem proveito. – **Proficuidade** é só a qualidade de ser *profícuo*; isto é, não pode ser tomada (como acontece em relação aos outros substantivos do grupo) pela própria coisa *profícua*. Tenho, vejo nisto *utilidade*, ou *utilidades*, *proveitos*, *conveniências*, *vantagens* (não – vejo, ou tenho *proficuidades*).

937

VÃO, **baldado**, **inútil**, **improfícuo**. – Têm de comum estes adjetivos a ideia, que exprimem, de – "sem proveito, sem resultado, sem sucesso". – **Vão** significa muito expressivamente – "de todo impossível, de todo improfícuo"; e sugere uma ideia de desesperança ou desilusão. – *Vãs* tentativas; desejos, aspirações *vãs*; *vãos* esforços. – **Baldado** é de fato muito fácil, em grande número de casos, confundir-se com o precedente. Mas note-se que não seria próprio dizer, por exemplo –, *baldado* desejo; ou – *baldado* intuito; e que, no entanto, com toda propriedade diríamos – intento, trabalho, esforço *baldado*: isto nos põe claro que só é *baldado* o que não conseguimos apesar dos nossos esforços. Daí ainda: – sonhos *vãos*, e não – sonhos *baldados*; – *vãos* pensamentos, e não – *baldados* pensamentos. – **Inútil** é o que se fez sem utilidade, o que não tem préstimo para o que se quer. – **Improfícuo** dizemos do que se fez sem nada adiantar. Daí o poder a própria coisa *inútil* nem sempre ser **improfícua** sob um outro aspecto; e vice-versa.

938

VERACIDADE, veridicidade, verdade; veraz, verídico, verdadeiro. – Na acepção usual e comum em que são considerados aqui, devem distinguir-se assim estes vocábulos: **veracidade** é a qualidade de ser *veraz*; **veridicidade** é a qualidade de ser *verídico*; **verdade** é a qualidade de ser *verdadeiro*. **Veraz** é o que se conforma com a *verdade*, que corresponde perfeitamente à *verdade*; *verídico* é o que diz a *verdade*; **verdadeiro** é o que se ajusta perfeitamente à *verdade*, o que tem o caráter de *verdade*. – Num sentido menos comum, e propriamente filosófico, substantivando o vocábulo *verdadeiro*, distingui-lo-emos de maneira análoga à pela qual se distingue o *belo* da *beleza*, o *justo* da *justiça*, o *sublime* da *sublimidade*, etc. O capítulo de Laf. sobre esta espécie de sinônimos é excelente. Depois das indispensáveis generalidades, escreve ele quanto a o *verdadeiro* e a *verdade*: "Estas duas palavras são mais sinônimas que todas as outras (do grupo a que nos referimos), e o que dá lugar a que se hesite demais quanto ao emprego de uma ou de outra, é o fato de serem ambas muito abstratas, muito afastadas do mundo real e concreto. Não há, no entanto, como confundi-las. A **verdade** é o **verdadeiro** relativo, o **verdadeiro** que se demonstra e se adquire por este ou aquele meio. O **verdadeiro** é um tipo da **verdade**, um ideal, uma concepção, com a qual se conformam todas as **verdades**. Quando Boileau diz que nada é tão belo como o **verdadeiro**, exprime de uma maneira absoluta, nítida, precisa, incisiva – tudo o que foi, é, ou será *verdadeiro*, tudo o que é suscetível de possuir a qualidade marcada por este adjetivo; nada mais resta a desejar, não se espera mais que o autor determine de que **verdade** quis falar-nos". Pascal chama o homem – "julgador de todas as coisas, imbecil verme, depositário do **verdadeiro**". "Deus e o *verdadeiro* – diz ele ainda – são inseparáveis; e se um é ou não é, se é certo ou incerto, se-lo-á o outro assim necessariamente". Mas quando ele fala do **verdadeiro** relativo, isto é, daquele que se adquire, e deste ou daquele modo, serve-se da palavra **verdade**. "Nós conhecemos a *verdade*, dizem os dogmatistas, não somente pelo raciocínio, mas também pelo sentimento, e por uma inteligência viva e luminosa".

939

VIAL, avenida. – É de Bruns. este artigo: "**Avenida** dizemos de uma ampla via que se compõe de uma larga rua central, separada de duas outras ruas laterais por largos passeios arborizados: a *avenida* da Liberdade". – **Vial**, neologismo proposto para substituir o francês *boulevard*, diremos de uma rua ampla, orlada de largos passeios arborizados: "o *vial* dos Italianos é um dos pontos mais frequentados de Paris".

940

VIGA, trave, barrote. – **Viga** é "a peça grossa e comprida de madeira falquejada para construções". – **Trave** é também "viga, mas podendo ser ou não falquejada, de madeira ou de ferro; e sugere ideia da relação em que está com outras peças, e da segurança em que põe a armação do edifício". – **Barrote** só se diferença dos dois primeiros talvez pela circunstância de aplicar-se este nome ordinariamente à trave ou viga em que assenta o soalho; pois, **barrote** sugere ideia de apoio, sustentáculo, fundamento. A **viga** e a **trave** (mas principalmente a **viga**) são peças empregadas quase sempre na parte superior das construções.

941

VIRIL, varonil, homem, varão. – As duas primeiras e a última destas palavras, "que coincidem no mesmo radical *vir* do latim [da raiz grega *i* (*hi* ou *vi*) sugestiva de nervo,

de força], distinguem-se perfeitamente no português. – **Viril** é o que é próprio do homem considerado como fisicamente forte, capaz de gerar, o másculo da espécie. Dizemos – força, esbelteza, tipo *viril*; mas não diremos – inteligência *viril*. Ânimo *viril*, sim; mas espírito *viril*, nunca se diz. – **Varonil** é o que é próprio do varão, isto é, do homem que possui as mais nobres virtudes da espécie. Para sentir-se bem a diferença que existe entre *homem* e *varão*, seria bastante dar um grande número de frases em que não seria possível confundir as duas palavras, ou empregar uma pela outra; por exemplo: – o sábio, o justo, o glorioso, o santo *varão*: dicções nas quais não poderia entrar a palavra *homem* sem mudar-lhes o sentido; – *homem* cruel, *homem* bárbaro, *homem* sem caráter: casos em que não poderíamos meter o vocábulo *varão*. Desta diferença entre varão e homem, subsiste alguma coisa em **varonil** e **viril**.

942

VITAL, **viável**, **vivaz**. – Não se confundem estes três vocábulos. **Vital** é o que pertence à vida, o que é próprio para a vida. **Viável** (na acepção restrita com que é empregado na fisiologia, ou na medicina) é o que apresenta condições para viver por si; e diz-se do feto que nasce capaz de vida extrauterina. **Vivaz** é o que tem muita vida, ou vida para muito tempo; o que é esperto e vigoroso.

943

VITORIOSO, **vencedor**. – Segundo Bourg. e Berg. – "designam estas duas palavras aquele que se avantajou, que prevaleceu num combate. **Vencedor** é originariamente substantivo, daí resulta que, mesmo quando é empregado como adjetivo, se aplica a um só fato, a uma só vitória. Depois do combate, o *vencedor* mostrou-se generoso e compassivo; Cesar foi *vencedor* de Pompeu em Farsália. **Vitorioso**, que é ordinariamente adjetivo, marca, ao contrário, o estado, a qualidade habitual daquele que alcançou *vitórias*, mesmo quando esta palavra é empregada substantivamente – o que é bem raro. Em Roma, os generais *vitoriosos* obtinham as honras do triunfo; Alexandre, *vitorioso* e triunfante, veio morrer em Babilônia; este príncipe, *vitorioso* em toda parte, impôs a paz a seus inimigos; os *vitoriosos* são levados ao orgulho e à insolência".

944

VOLIÇÃO, **veleidade**, **vontade**. – **Volição** é o fenômeno da *vontade* enquanto está conosco, ou pelo menos até o momento em que começa a manifestar-se: é um como princípio da *vontade*; assim como a **vontade** pode considerar-se quase como um princípio de ação. Pois **vontade**, sendo o ato de querer, já enuncia um fenômeno psicológico mais completo que a simples **volição**, que é como que o primeiro sinal, o ato de conceber o que se quer. Na **vontade**, além de subentender-se a *volição*, já entra a decisão. – Note-se ainda que é por isso mesmo que **volição** não tem uso na linguagem comum, mas apenas na linguagem filosófica. – **Veleidade** será como *vontade* imperfeita, ou indecisa; *vontade* que hesita; ímpeto, ou assomo vago, que fica entre a *volição* e a *vontade*.

945

ZABUMBA, **bombo**. – É de Bruns: "O **bombo** é uma espécie de grande tambor, que se toca com uma só maçaneta, e que faz parte das bandas. O bombo (ou *bumbo*), isolado de uma banda de música, e que se toca só, ou que acompanha algum instrumento rústico, chama-se vulgarmente **zabumba**".

946

ZAGAL, **pastor**, **pegureiro**, **alganame**, **maioral**; **zagaleto**, **zagalejo**. – Os mais em

uso, e que propriamente designam a pessoa, a guarda da qual está um rebanho – são os vocábulos **pastor** e **zagal**, principalmente o primeiro, que é o mais genérico. Segundo Bruns. – o **maioral** é o chefe dos rebanhos; o **alganame** toma conta de um rebanho, tendo como subordinado o **zagal**, ou os **zagais** que forem necessários, conforme a importância do rebanho. **Zagaleto** e **zagalejo** são simples diminutivos de **zagal**. **Pegureiro** é o ínfimo entre os **pastores**.

947

ZAROLHO, **vesgo**, **estrábico**, **zanaga**, **peto**. – Designam a pessoa que tem defeito nos olhos, ou na disposição do globo ocular, de modo que para ver não olha direito, ou parece não fitar de frente a coisa que está vendo. **Estrábico** é o termo genérico indicativo do que vulgarmente dizemos **vesgo**, que é a pessoa que vê olhando como de soslaio, de esguelha, ao viés. **Zarolho** é mais propriamente o *vesgo* que tem, não só torto, mas confuso, instável o olhar. **Zanaga** é nome vulgar que se dá ao *zarolho*. – Todos estes vocábulos empregam-se no sentido figurado ou moral, e com significação análoga. *Zarolho, vesgo, estrábico* de alma. **Vesgo** é o mais próprio, ou o mais forte pelo menos para designar vesgo, esquerdo, sinistro no sentido moral. – **Peto** = que tem a vista um tanto atravessada; que é ligeiramente estrábico.

948

ZUMBAIA, **mesura**, **cortesia**, **rapapé**, **salamaleque**. – **Cortesia**, diz Lac. que "é termo genérico para designar todas as ações feitas, segundo o uso e estilo adotado, em testemunho de respeito e deferência. A **cortesia** pode fazer-se curvando o corpo, abaixando a cabeça, tirando o chapéu, etc. **Mesura**, conforme ao rigor da origem, é cortesia própria das senhoras; e se faz dobrando os joelhos sem inclinar a cabeça; mas diz-se geralmente de qualquer inclinação da cabeça em reverência de alguém. **Zumbaia** é palavra que nos veio da Índia, e significa a reverência que se faz abaixando a cabeça profundamente". – **Salamaleque** é adaptação de palavra árabe, e que quer dizer – saudação solene, como a que fazem os mouros aos grandes. **Rapapé** é a saudação espalhafatosa, que se faz com muitas *zumbaias*, e afastando para trás um pé, com mostras exageradas de respeito, mais afetado que sincero. – De todo o grupo, só **cortesia** e **mesura** é que podem fazer-se com dignidade, ou modéstia, e escapar ao ridículo.

949

ZUMBIDO, **zunido**, **zum-zum**. – **Zumbido** é (como as que se lhe seguem) palavra onomatopaica, que designa o som confuso, o ruído ou sussurro produzido pelas abelhas, pelas moscas, ou por outros quaisquer insetos alados. – **Zunido** é som mais fino, *zumbido* mais agudo, e menos confuso, produzido pelo vento quando encontra resistência, ou por algum corpo de pequeno volume quando fende ou desloca rapidamente o ar. *Zunido* da seta; *zunido* do vento no beiral das casas. – **Zum-zum** tanto se diz do *zumbido* como do *zunido*; e é mais usado no sentido translato para significar – vagos boatos, atoarda, rumores surdos.

Autores que foram consultados para a composição deste dicionário:

S. Luiz. – D. FRANCISCO DE S. LUIZ. – *Ensaio sobre alguns sinônimos da língua portuguesa.*

Alv. Pas. – MANOEL JOAQUIM ALVES PASSOS. – *Estudo sobre alguns sinônimos da língua portuguesa.*

Roq. – J. I. ROQUETE e JOSÉ DA FONSECA. – *Dicionário dos sinônimos da língua portuguesa.*

Lac. – D. JOSÉ DE LACERDA. – *Ensaio sobre sinônimos* (na ed. revista de Faria, 1860).

Bens. – JACOB BENSABAT. – *Novo livro de sinônimos portugueses*; para escolas.

Bruns. – HENRIQUE BRUNSWICK. – *Dicionário de sinônimos da língua portuguesa.*

Aul. – F. J. CALDAS AULETE. – *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.*
ANTONIO DE MORAES SILVA. – *Dicionário da língua portuguesa.*
Dr. FR. DOMINGOS VIEIRA. – *Grande dicionário português,* ou *Tesouro da língua portuguesa.*
CANDIDO DE FIGUEIREDO. – *Novo dicionário da língua portuguesa.*

T. de Freitas. – DR. AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS (sênior). – *Vocabulário jurídico.*
Dr. CLOVIS BEVILAQUA. – *Direito público internacional.*
Dr. BARÃO DE RAMIZ GALVÃO. – *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega.*
Dr. JOÃO RIBEIRO. – *Frases feitas.*
EDUARDO BENOT. – *Dicionário de ideias afins.*
P. BOISSIÈRE. – *Dictionnaire analogique de la langue française* (clef des dictionnaires).
BESCHERELLE AINÉ. – *Dictionnaire classique de la langue française.*
FERRARI et CACCIA. – *Dictionnaire français-italien et italien-français.*

Bourg. e Berg. – A. BOURGUIGNON et E. BERGEROL. – *Dictionnaire des synonymes de la langue française.*

Laf. – B. LAFAYE. – *Dictionnaire des synonymes de la langue française.*
L. GRIMBLOT. – *Vocabulaire synthétique de la langue française.*
A. CHASSANG. – *Nouveau dictionnaire grec-français.*
F. R. DOS SANTOS SARAIVA. – *Novíssimo dicionário latino-português.*
PRIVAT-DESCHANEL et FOCILLON. – *Dictionnaire général des sciences théoriques et appliquées.*
E. LITTRÉ. – *Dictionnaire de la langue française* (o grande).

Índice

D

E

F

H

I

N

Q

R

T

❧ Composto em Monotype Centaur 11/15 pt: notas, 9/12 pt.